

# EVANGELHO DE MARCOS

## COMENTÁRIO ESPERANÇA

autor

**Adolf Pohl**

**Editora Evangélica Esperança**

*Título do original em alemão: “Wuppertaler Studienbibel – Ergänzungsband”*

*Das Evangelium des Markus*

Copyright © 1986 R. Brockhaus Verlag, Wuppertal

*Coordenação editorial*

*Walter Feckingham*

*Tradução*

*Hans Udo Fuchs*

*Revisão de texto*

*Roland Körber*

*Capa*

*Luciana Marinho*

*Editoração eletrônica*

*Mánoel A. Feckingham*

*Impressão e acabamento*

*Imprensa da Fé*

ISBN 85-86249-13-0 Brochura

ISBN 85-86249-12-2 Capa dura

1ª edição em português: 1998

Copyright ©1998, Editora Evangélica Esperança

Publicado no Brasil com a devida autorização e com todos os direitos reservados pela:

Editora Evangélica Esperança  
Rua Aviador Vicente Wolski, 353  
82510-420 Curitiba-PR

O texto bíblico utilizado, com a devida autorização, é a versão Almeida Revista e Atualizada (RA) 2ª edição, da Sociedade Bíblica do Brasil, São Paulo, 1997.

É proibida a reprodução total ou parcial sem permissão escrita dos editores.

# Sumário

ORIENTAÇÕES PARA O USUÁRIO DA SÉRIE DE COMENTÁRIOS  
ÍNDICE DE ABREVIATURAS  
PREFÁCIO DO AUTOR

## QUESTÕES INTRODUTÓRIAS

1. O título do livro
2. O autor
3. As fontes de Marcos
4. A relação com os outros sinóticos
5. Lugar de escrita e primeiros leitores
6. Data de composição
7. A estrutura do livro
8. Traços característicos da mensagem do livro

## COMENTÁRIO

### **I. O COMEÇO DO LIVRO 1.1**

1. Princípio do evangelho de Jesus Cristo

### **II. JESUS INICIA SEU CAMINHO 1.2-13**

1. João Batista anuncia aquele que vem, 1.2-8
2. A autenticação de Jesus pela voz do céu depois do batismo, 1.9-11
3. A resistência de Jesus a Satanás, 1.12,13

### **III. JESUS PROCLAMA NA GALILÉIA O REINO DE DEUS 1.14-45**

1. A entrada em cena de Jesus como mensageiro da alegria, 1.14,15
2. O chamado dos primeiros discípulos, 1.16-20
3. A comprovação poderosa do ensino de Jesus pela cura do endemoninhado em Cafarnaum, 1.21-28
4. A cura da sogra de Pedro, 1.29-31
5. As ações poderosas de Jesus à noite, 1.32-34
6. Jesus se retira de Cafarnaum e atua em toda a Galiléia, 1.35-39
7. A purificação do leproso, 1.40-45

### **IV. DEBATES NA GALILÉIA 2.1-3.6**

1. Perdão dos pecados e cura do paralítico, 2.1-12
2. O banquete dos cobradores de impostos, 2.13-17
3. A questão do jejum e a natureza nova abrangente do reinado de Deus, 2.18-22
4. Colheita de grãos no sábado, 2.23-28
5. Cura da mão atrofiada no sábado e decisão de matar Jesus, 3.1-6

### **V. SEPARAÇÃO ENTRE POVO E DISCÍPULOS 3.7-6.29**

1. O recuo para o mar e o segredo perante a multidão, 3.7-12
2. A instituição dos doze, 3.13-19
3. A rejeição de Jesus por seus parentes, 3.20,21
4. A transformação em diabo pelos professores da lei e a advertência de Jesus, 3.22-30
5. A proclamação da verdadeira família de Deus, 3.31-35
6. Introdução às comparações, 4.1,2
7. A comparação do semeador, 4.3-9
8. A razão de ensinar por comparações, 4.10-12
9. Explicação da comparação do semeador, 4.13-20
10. As figuras da lâmpada e da medida, 4.21-25
11. A comparação da sementeira que cresce por si, 4.26-29
12. A comparação do grão de mostarda, 4.30-32
13. Retrospectiva do discurso de parábolas de Jesus, 4.33,34

14. Jesus acalma a tempestade, 4.35-41
15. A cura do endemoninhado de Gerasa, 5.1-20
16. O pedido de ajuda de Jairo, 5.21-24a
17. A cura da mulher com hemorragia, 5.24b-34
18. A ressurreição da filha de Jairo, 5.35-43
19. A rejeição de Jesus em seu povoado natal, 6.1-6a
20. O envio dos doze, 6.6b-13
21. O que o povo e seu rei dizem de Jesus, 6.14-16
22. A morte de João Batista como presságio da paixão de Jesus, 6.17-29

## **VI. O REBANHO MESSIÂNICO DE JUDEUS E GENTIOS 6.30–8.26**

1. O retorno dos doze e a alimentação dos cinco mil, 6.30-44
2. A revelação de Jesus no lago, 6.45-52
3. Curas em massa na região de Genesaré, 6.53-56
4. Condenação da religiosidade humana dos professores da lei, 7.1-13
5. Revelação do que é puro e impuro, 7.14-23
6. Jesus atende a mulher siro-fenícia, 7.24-30
7. A cura do surdo-mudo na Decápolis, 7.31-37
8. A alimentação dos quatro mil no deserto, 8.1-10
9. A negativa ao pedido dos fariseus por um sinal, 8.11-13
10. Os discípulos em perigo de incredulidade, 8.14-21
11. A cura do cego de Betsaida, 8.22-26

## **VII. A CAMINHO DE JERUSALÉM 8.27–10.52**

1. A confissão de Pedro, 8.27-30
2. Começo do ensino sobre o sofrimento e correção de Pedro, 8.31-33
3. Afirmações sobre seguir a Jesus, 8.34–9.1
4. A revelação de Jesus no monte, 9.2-10
5. O destino de sofrimento do Filho do Homem e de Elias, 9.11-13
6. A cura do menino epilético e a lição de fé para os discípulos, 9.14-29
7. Ensino sobre o sofrimento na passagem pela Galiléia, 9.30-32
8. A disputa dos discípulos por posição, 9.33-37
9. O exorcista desconhecido, 9.38-41
10. Declarações sobre motivos de tropeço e sobre a paz no grupo dos discípulos, 9.42-50
11. Partida para a Judéia e atuação na Peréia, 10.1
12. Ensino sobre o casamento, 10.2-12
13. Instrução sobre as crianças, 10.13-16
14. Ensino sobre os bens (o jovem rico), 10.17-31
15. Ensino sobre o sofrimento no caminho para Jerusalém, 10.32-34
16. O pedido dos filhos de Zebedeu, 10.35-40
17. Ensino dos discípulos sobre governar e servir, 10.41-45
18. A fé do cego Bartimeu, 10.46-52

## **VIII. A ATIVIDADE MESSIÂNICA NO SANTUÁRIO 11.1–12.44**

1. A entrada em Jerusalém, 11.1-11
2. A condenação da figueira e do templo, 11.12-21
3. Afirmações sobre crer e pedir, 11.22-25
4. A pergunta dos líderes judeus quanto à autoridade, 11.27-33
5. A parábola do julgamento dos vinhateiros maus, 12.1-12
6. A pergunta sobre o imposto do imperador, 12.13-17
7. A pergunta sobre a ressurreição, 12.18-27
8. A pergunta sobre o maior mandamento, 12.28-34
9. O ensino de Jesus sobre o Messias, 12.35-37a
10. Anúncio do julgamento dos professores da lei, 12.37b-40
11. Louvor para a viúva no templo, 12.41-44

## **IX. O DISCURSO DE DESPEDIDA DE JESUS 13.1-37**

1. O anúncio da execução da sentença na saída do templo, 13.1,2
2. A pergunta particular do discípulo sobre o fim, 13.3,4
3. Contra o conceito de salvação relacionado à expectativa de guerra, 13.5-8
4. Exortação para o testemunho firme também sob perseguições, 13.9-13
5. Chamado para o êxodo do judaísmo, 13.14-20
6. Última advertência contra o falso messianismo, 13.21-23
7. A vinda do Filho do Homem em poder e glória, 13.24-27
8. Exortação para prestar atenção nos presságios, e indicação da decisão imprevisível de Deus, 13.28-32
9. A parábola do porteiro e o chamado final à vigilância, 13.33-37

## **X. ENTREGA, REJEIÇÃO, MORTE E RESSURREIÇÃO DO FILHO DO HOMEM 14.1–16.8**

1. O embaraço dos líderes judeus com sua intenção de matar Jesus, 14.1,2
  2. A unção de Jesus em Betânia, 14.3-9
  3. A passagem de Judas para o lado dos inimigos de Jesus, 14.10,11
  4. Os preparativos para a Ceia da Páscoa, 14.12-16
  5. Predição da entrega de Jesus por um dos seus doze discípulos, 14.17-21
  6. A proclamação da sua morte por Jesus na Ceia da Páscoa, 14.22-26
  7. Anúncio da desagregação e renovação do grupo dos doze, 14.27-31
  8. A tentação de Jesus no Getsêmani, 14.32-42
  9. A entrega de Jesus por Judas e a fuga dos discípulos, 14.43-52
  10. A confissão messiânica de Jesus diante do Conselho Superior, 14.53-65
  11. A negação de Pedro, 14.66-72
  12. A entrega de Jesus a Pilatos e sua confissão diante do governador, 15.1-5
  13. A entrega de Jesus para ser crucificado em lugar de Barrabás, 15.6-15
  14. O escárnio de Jesus como rei dos judeus, 15.16-20a
  15. A execução de Jesus, 15.20b-41
  16. O sepultamento de Jesus, 15.42-47
  17. A mensagem de ressurreição do anjo na câmara mortuária vazia, 16.1-8
- Adendo: A formação e difusão da fé pelo Senhor exaltado, 16.9-20

## **LITERATURA**

### **ORIENTAÇÕES PARA O USUÁRIO DA SÉRIE DE COMENTÁRIOS**

#### **Com referência ao texto bíblico:**

O texto do Evangelho de Marcos está impresso em negrito. Repetições do trecho que está sendo tratado também estão impressas em negrito. O itálico só foi usado para esclarecer dando ênfase.

#### **Com referência aos textos paralelos:**

A citação abundante de textos bíblicos paralelos é intencional. Para o seu registro foi reservada uma coluna à margem.

#### **Com referência aos manuscritos:**

Para as variantes mais importantes do texto, geralmente identificadas nas notas, foram usados os sinais abaixo, que carecem de explicação:

**TM** O texto hebraico do Antigo Testamento (o assim-chamado “Texto Massorético”). A transmissão exata do texto do Antigo Testamento era muito importante para os estudiosos judaicos. A partir do século II ela tornou-se uma ciência específica nas assim-chamadas “escolas massoréticas” (massora = transmissão). Originalmente o texto hebraico consistia só de consoantes; a partir do século VI os massoretas acrescentaram sinais vocálicos na forma de pontos e traços debaixo da palavra.

Manuscritos importantes do texto massorético:

Manuscrito: redigido em: pela escola de:

*Códice do Cairo (C)* 895 Moisés ben Asher

*Códice da sinagoga de Aleppo* depois de 900 Moisés ben Asher

(provavelmente destruído por um incêndio)

*Códice de São Petersburgo* 1008 Moisés ben Asher

*Códice nº 3 de Erfurt* século XI Ben Naftali

*Códice de Reuchlin* 1105 Ben Naftali

**Qumran** Os textos de Qumran. Os manuscritos encontrados em Qumran, em sua maioria, datam de antes de Cristo, portanto, são mais ou menos 1.000 anos mais antigos que os mencionados acima. Não existem entre eles textos completos do **AT**. Manuscritos importantes são:

- O texto de Isaías
- O comentário de Habacuque

**Sam** O Pentateuco samaritano. Os samaritanos preservaram os cinco livros da lei, em hebraico antigo. Seus manuscritos remontam a um texto muito antigo.

**Targum** A tradução oral do texto hebraico da Bíblia para o aramaico, no culto na sinagoga (dado que muitos judeus já não entendiam mais hebraico), levou no século III ao registro escrito no assim-chamado Targum (= tradução). Estas traduções são, muitas vezes, bastante livres e precisam ser usadas com cuidado.

**LXX** A tradução mais antiga do **AT** para o grego é chamada de “Septuaginta” (**LXX** = setenta), por causa da história tradicional da sua origem. Diz a história que ela foi traduzida por 72 estudiosos judeus por ordem do rei Ptolomeu Filadelfo, em 200 a.C., em Alexandria. A **LXX** é uma coletânea de traduções. Os trechos mais antigos, que incluem o Pentateuco, datam do século III a.C., provavelmente do Egito. Como esta tradução remonta a um texto hebraico anterior ao dos massoretas, ela é um auxílio importante para todos os trabalhos no texto do **AT**.

**Outras** Ocasionalmente recorre-se a outras traduções do **AT**. Estas têm menos valor para a pesquisa de texto, por serem ou traduções do grego (provavelmente da **LXX**), ou pelo menos fortemente influenciadas por ela (o que é o caso da Vulgata):

- Latina antiga por volta do ano 150
- Vulgata (tradução latina de Jerônimo) a partir do ano 390
- Copta séculos III-IV
- Etíope século IV

## ÍNDICE DE ABREVIATURAS

### I. Abreviaturas gerais

AT	Antigo Testamento
NT	Novo Testamento
gr	Grego
hbr	Hebraico
km	Quilômetros
lat	Latim
opr	Observações preliminares
par	Texto paralelo
qi	Questões introdutórias
TM	Texto massorético
LXX	Septuaginta

### II. Abreviaturas de livros

GB	W. GESENIUS e F. BUHL, <i>Hebräisches und Aramäisches Handwörterbuch</i> , 17ª ed., 1921.
LzB	<i>Lexikon zur Bibel</i> , organizado por Fritz Rienecker, Wuppertal, 16ª ed., 1983.

### III. Abreviaturas das versões bíblicas usadas

O texto adotado neste comentário é a tradução de João Ferreira de Almeida, Revista e Atualizada no Brasil, 2ª ed. (RA), SBB, São Paulo, 1997. Quando se fez uso de outras versões, elas são assim identificadas:

RC Almeida, Revista e Corrigida, 1998.

NVI Nova Versão Internacional, 1994.  
BJ Bíblia de Jerusalém, 1987.  
BLH Bíblia na Linguagem de Hoje, 1998.  
BV Bíblia Viva, 1981.

#### **IV. Abreviaturas dos livros da Bíblia**

##### *ANTIGO TESTAMENTO*

Gn Gênesis  
Êx Êxodo  
Lv Levítico  
Nm Números  
Dt Deuteronômio  
Js Josué  
Jz Juízes  
Rt Rute  
1Sm 1Samuel  
2Sm 2Samuel  
1Rs 1Reis  
2Rs 2Reis  
1Cr 1Crônicas  
2Cr 2Crônicas  
Ed Esdras  
Ne Neemias  
Et Ester  
Jó Jó  
Sl Salmos  
Pv Provérbios  
Ec Eclesiastes  
Ct Cântico dos Cânticos  
Is Isaías  
Jr Jeremias  
Lm Lamentações de Jeremias  
Ez Ezequiel  
Dn Daniel  
Os Oséias  
Jl Joel  
Am Amós  
Ob Obadias  
Jn Jonas  
Mq Miquéias  
Na Naum  
Hc Habacuque  
Sf Sofonias  
Ag Ageu  
Zc Zacarias  
Ml Malaquias

##### *NOVO TESTAMENTO*

Mt Mateus  
Mc Marcos  
Lc Lucas  
Jo João  
At Atos  
Rm Romanos  
1Co 1Coríntios

2Co	2Coríntios
Gl	Gálatas
Ef	Efésios
Fp	Filipenses
Cl	Colossenses
1Te	1Tessalonicenses
2Te	2Tessalonicenses
1Tm	1Timóteo
2Tm	2Timóteo
Tt	Tito
Fm	Filemom
Hb	Hebreus
Tg	Tiago
1Pe	1Pedro
2Pe	2Pedro
1Jo	1João
2Jo	2João
3Jo	3João
Jd	Judas
Ap	Apocalipse

## PREFÁCIO DO AUTOR

“Fiz acurada investigação”, assegurou Lucas no início do seu livro, colocando assim a diretriz para todos os que zelam pela tradição de Jesus até hoje. Certamente nem todos dispõem dos mesmos meios, mas todos devem ser movidos pelo mesmo zelo, de não poupar esforços especialmente nesta obra. Para mim foi uma das maiores e mais belas alegrias poder figurar em algum lugar desta longa série. O Evangelho de Marcos foi, nos últimos doze anos, um instrumento de Deus para conservar minha fé e minha vida.

A primeira explanação deste evangelho dentro da série de comentários de Wuppertal foi feita há quase 30 anos por Fritz Rienecker, o admirável iniciador da série. Junto com sua abertura a tudo o que é útil na pesquisa teológica, ele colocara para si, acima de tudo, o alvo de trazer para o presente o acervo de ensino exegético dos Pais pietistas. Sua obra teve várias reimpressões e até hoje está no mercado.

O caminho que Deus tinha para a sua Igreja avançou novamente. As últimas décadas lhe proporcionaram tribulações, mas também progressos. Por isso a editora da série solicitou-me um novo comentário, e eu a tenho em elevada estima por jamais me pressionar com prazos. A propósito, este comentário igualmente não é apropriado para quem está com pressa e só quer dar uma olhadela.

Jesus segundo Marcos – isto é um verdadeiro oceano de prontidão de auxílio de Deus. Que este testemunho passasse os milênios e chegue até nós com sua fé incansável e cheia de esperança.

Buckow (Alemanha), março de 1986  
Adolf Pohl

# QUESTÕES INTRODUTÓRIAS

## 1. O título do livro

O manuscrito mais antigo que nos preservou trechos do evangelho de Marcos, o papiro *Chester Beatty I* (p<sup>45</sup>), do século III, não ajuda a elucidar a origem do título, pois infelizmente só começa em 4.36. Os próximos manuscritos mais antigos já são as famosas testemunhas principais da Bíblia toda, o *Códice do Vaticano* (B) e o *Códice Sinaitico* ( ), do século IV. Nestes, o livro tem o título curtíssimo: “Segundo Marcos”. Eles silenciam sobre o conteúdo e só respondem à pergunta: Quem é a testemunha? Isto os copistas não tardaram a compreender e acrescentaram “Evangelho segundo Marcos”, a partir do próximo século. Os Pais da Igreja já tinham encontrado antes este caminho, em seus escritos.

Será que o título mais antigo, “Segundo Marcos”, remonta ao próprio Marcos? Será que já constava do seu original?

Existem evidências de indicações de autoria semelhantes na antigüidade (WB 807), mas sempre com o complemento “livro, memórias, biografia, carta” ou semelhante. Uma referência autoral como título soava tão estranha naquela época como hoje em dia. Devemos levar em conta, porém, que *todos* os evangelhos têm o título nestes termos. Mesmo que Marcos tivesse dado um nome tão estranho à sua obra, será que quatro escritores fariam a mesma coisa? As probabilidades não favorecem esta alternativa.

Além disso, na Antigüidade não era costume que o autor desse o nome ao seu livro (L. Koep 674.685; Fouquet-Plümacher 275.282). Este resultava do uso que se fazia da sua obra. O apresentador de um teatro tinha de anunciar a peça de alguma forma, e principalmente os bibliotecários necessitavam de títulos nas obras para poder classificá-las. Muitas vezes eles os derivavam de termos importantes da introdução. Com livros bíblicos agia-se da mesma forma. O “Apocalipse de João”, *p. ex.*, tem seu título de *Ap 1.1*; as cartas de Paulo, da indicação de destinatário no início, *p. ex.* “Aos Romanos” de *Rm 1.7*.

Por último, mais uma circunstância favorece nossa proposição de que as indicações de autor não procedem dos próprios evangelistas. Em cartas, era regra que o autor mencionasse seu nome logo no começo; todavia, nos evangelhos, o contrário parece ser o caso. Em Mateus e Marcos não há o menor indício, em Lucas só o “eu” anônimo do autor em *1.3*, e em João só o “ele” do autor no fim, sem menção de nome, em *19.35*; cf *20.30s*, *21.25*. Parece que aqui há coerência. Somente os evangelhos apócrifos do século II acharam necessário atribuir-se o prestígio de terem sido escritos por autoridades dos primórdios do cristianismo. Assim, *p. ex.*, o Evangelho de Pedro, do século II, enche a boca para dizer: “Eu, porém, Simão Pedro”. Em oposição a isto, nossos evangelhos canônicos tinham prestígio desde o começo. Seus responsáveis não precisavam destacar-se, por serem conhecidos na cristandade ainda jovem e visível a todos, e nem podiam, porque quem fala realmente nestes livros era, em sentido específico, o Senhor (cf *Hb 2.3*).

Depois que os tempos do início ficaram para trás, e principalmente quando existiam quatro livros do mesmo tipo lado a lado no século II, a necessidade prática impôs de que se fizesse distinção entre estas quatro testemunhas. Foi então que surgiram as indicações de autoria: “Segundo Mateus”, “Segundo Marcos” etc. Esta informação era fixada com um bilhete na haste de madeira do rolo, o que era prático para quem procurava determinado rolo em uma caixa de madeira ou vaso de barro. Mais tarde, quando a Bíblia passou a ser transmitida em forma de códice, este título curto também pôde ser colocado na margem superior de cada folha, para facilitar a procura de passagens. Na página de capa, por outro lado, os títulos costumavam ser ampliados. De *Mc 1.1* foi tirado o termo “evangelho”. Do Evangelho de Mateus, *p. ex.*, existe a sonora descrição “O Santo Evangelho do Apóstolo Mateus”.

O título curto desobrigava, a princípio, que se desse um nome a este tipo de literatura, pois isto representava uma dificuldade, já que não havia ponto de referência. Somente a partir de meados do século II passou-se a dizer, como é costume até hoje: Estes são os quatro evangelhos! Desta forma, “evangelho”, além de referir-se ao *único* Evangelho do qual não podia haver imitações (*Gl 1.6s*), passou a ser o nome de quatro livros.

Sendo assim, o título breve “Segundo Marcos” e sua ampliação “Evangelho segundo Marcos” são oriundos do cuidado cristão da Igreja posterior.

## 2. O autor

### a. O testemunho interno do livro

Será que havia no livro algum ponto de referência quando foi escolhido o título “Segundo Marcos”, no século II? Em lugar algum há uma indicação de autor; o nome Marcos nem aparece.

Incorremos em mal-entendido se concluímos disto que o autor quis ou conseguiu ocultar-se dos seus leitores. Ele deve ter sido bem conhecido deles, ou não lhe teriam dado a tarefa de escrever sua obra, e esta não teria alcançado seu prestígio. Os primeiros cristãos viviam em comunidades que se podiam visualizar. Ninguém conseguiria realizar um trabalho como este em segredo, nem fazê-lo circular secretamente. Além disso não era costume, nem apropriado tendo em vista o conteúdo, inserir o próprio nome em um relato das palavras e ações do Senhor.

### b. Será que mesmo assim ficaram “impressões digitais”?

Alguns comentadores acham que o evangelho de Marcos contém “impressões digitais” do autor (Th. Zahn, Wohlenberg, Rienecker). Fazem também outra comparação: o famoso pintor Rembrandt gostava de pintar a si mesmo dissimulado em seus quadros. De modo igualmente singular, Marcos deu a entender aos conhecedores: aqui está quem escreveu.

Trata-se principalmente de quatro passagens que pertencem ao acervo específico de Marcos. Em *14.51s* aparece “um jovem” que, devido às suas vestes finas, está cercado de uma aura abastada e aristocrata. Rienecker escreve sobre isto: “Este acontecimento, em si insignificante, só interessa àquele que o protagonizou, que só pode ter sido o próprio Marcos”. Ele fora testemunha ocular e auricular, e aqui se dá a conhecer como fiador da tradição.

Em *14.13* lemos sobre “um homem trazendo um cântaro de água”, que aparentemente sabia de tudo. Ele já esperava pelos dois discípulos, sem mais perguntas os conduz pelo caminho e os leva à casa certa. Em seguida, no versículo *19*, alguns manuscritos acrescentam (cf *RC*): “E outro: Porventura sou eu, Senhor?” Já que a frase anterior fala dos discípulos, este “outro” poderia ser um morador da casa. Isto aponta de novo para o homem do cântaro.



Por fim, em 10.17 se registra que “correu um homem ao encontro” de Jesus, para quem Jesus depois olha com carinho. Pensa-se que este moço abastado bem poderia ter sido (o próprio) Marcos. Só ele poderia ter sabido deste olhar de Jesus.

O resumo fica assim: Em Jerusalém havia o filho de uma família conhecida e rica, que não fazia parte dos discípulos de Jesus mas acompanhava os acontecimentos mais íntimos e estava bem informado. Disto se conclui: Os membros da igreja de Jerusalém, que naturalmente conheciam este homem, nestas passagens o teriam reconhecido. Trata-se do João Marcos do livro de Atos, o filho da viúva Maria, que colocou seus bens à disposição primeiro de Jesus e depois da primeira igreja.

Estas colocações aparentemente se encaixam muito bem, mas o termo “um” nem sempre é tão significativo. Ele pode ser bem neutro (p. ex. 12.42, 14.3,47). E, mesmo que este jovem ou homem fosse cada vez a mesma pessoa, Marcos no caso, isto ainda não prova que este Marcos escreveu o evangelho. Isto só diz a próxima suposição. Assim, enfileiram-se suposições para atingir o alvo.

Em conclusão: o testemunho do livro não leva a uma informação clara. Continuamos com um autor anônimo, cercado de suposições.

### c. A tradição da igreja antiga

Já constatamos que o autor anônimo do evangelho de Marcos de forma alguma era desconhecido dos primeiros leitores. Será que esta informação que a primeira geração de leitores tinha foi preservada e transmitida pelas citações de escritores cristãos? Aqui estamos diante de um testemunho rico e convincente. Uma posição-chave é ocupada pela observação de Papias em Eusébio (HI III,39,15; texto transcrito em Aland, *Synopse*, p 531).

Eusébio, bispo de Cesaréia, escreveu a partir de 337 a primeira grande História da Igreja. Nela ele faz citações, entre outras, da obra do bispo de Hierápolis, Papias, que vivera dois séculos antes dele. Uma destas citações está em questão aqui. Nela, Papias cita por sua vez uma frase que ouvira na juventude de um ancião em Éfeso. Antes de tomarmos conhecimento desta frase, precisamos localizar-nos no tempo. Papias nasceu por volta do ano 70 (Michaelis, p 26) e, assim, sua juventude transcorreu antes do fim do século. Portanto, antes do ano 100 o ancião disse (tradução com explicações entre parênteses derivadas de Kürzinger):

“Marcos, na qualidade de hermeneuta (ver abaixo) de Pedro, anotou com cuidado, mesmo que não em forma (artística) tudo o que lembrava do que o Senhor tinha dito e feito.”

Em seguida o próprio Papias continua, explicando:

“Ele não conheceu o Senhor nem foi discípulo dele, mas de Pedro, mais tarde, como eu já disse, que costumava ensinar no estilo dos Chreiai (termo técnico para histórias curtas e sem recursos artísticos), não como alguém que quisesse dar uma forma (artística) aos relatos sobre o Senhor. Marcos, portanto, não cometeu nenhum erro quando anotou algumas coisas desta maneira. Com (só) uma coisa ele tomava muito cuidado (com muita fidelidade na transmissão), ou seja, que não esquecesse nada do que tinha ouvido e dissesse alguma coisa que não fosse verdade.”

Primeiro é preciso esclarecer o termo “hermeneuta” em nosso contexto. Ele pode ter sido o intérprete. Neste caso, o grego de Pedro seria tão fraco que ele se via forçado a recorrer a um intérprete quando estava em outro país. Esta opinião, porém, não combina com a origem de Pedro, da Palestina bilíngüe, especificamente da cidade fronteiriça de Betsaida, nem faz jus às suas capacidades. Os Pais da Igreja já entendiam esta frase sobre Marcos de outra maneira: ele era o intermediário de Pedro. Ao escrever seu livro, ele transmitiu a herança espiritual dele à geração seguinte. O próprio comentário de Papias sustenta bem esta maneira de ver. Ele não pensa na atividade de intérprete. Outras referências ao evangelho de Marcos, dos séculos II-IV, seguem esta observação de Papias, às vezes com acréscimos, outras vezes com pequenas variações.

Este é o cerne da tradição: sem questionamento de amigos e inimigos ficaram pelos séculos estes três fatos: a autoria de João Marcos, sua ligação com Pedro e a ligação do evangelho com Roma.

Só em tempos recentes a observação de Papias foi submetida à crítica. Alguns dizem que ela não tem “valor histórico” (Marxsen; no mesmo sentido Bultmann, Conzelmann, Vielhauer, Haenchen, Niederwimmer e outros), outros a banalizam: “As pesquisas provaram há muito” que a observação não tem valor histórico. Nada disto se aplica. Pesch e Kümmel se expressam com mais cuidado. Um bom número de pesquisadores conclui que, “em termos gerais, Papias relatou os fatos corretamente” (Michaelis, p 51; o mesmo pensam p. ex. H. J. Holtzmann, Hauck, Schniewind, Wikenhauser, Schmid e, por último, Kürzinger, Gnllka, Hengel e outros).

É claro que os Pais da Igreja podem estar errados, assim como concílios inteiros já erraram. Na igreja antiga floresceu tanta fantasia espiritual que de forma alguma se podem aceitar todas as afirmações como verdadeiras; é preciso provar tudo.

O principal problema dos críticos reside em que eles se encontram “sob a impressão da dificuldade de conciliar o quadro resultante da análise crítica do evangelho com a tradição de Papias” (Niederwimmer, p 173). Para os pesquisadores desta escola, o conteúdo dos evangelhos remonta quase que exclusivamente à criatividade da igreja posterior à Páscoa. Eles só aceitam um punhado de palavras de Jesus como autênticas. É claro que o que Papias nos coloca diante dos olhos não combina nem um pouco com isto. De acordo com Papias, Marcos transmitiu aquilo que tinha aprendido especialmente com Pedro, um dos doze apóstolos, o que fazia suas raízes descer até a vida terrena de Jesus. Aceitar isto significaria para esta escola passar um risco sobre o trabalho de toda a sua vida.

Em comparação com isso, outras objeções contra Papias são leves como uma pena, apesar de muitas vezes receberem destaque: o João Marcos de Jerusalém não poderia ter escrito o evangelho porque o texto supostamente apresenta um conhecimento pobre da geografia (5.1; 6.45; 7.26,31; 10.1) e dos costumes judaicos (6.1ss; 7.3). Seria óbvio que foi um cristão gentio estrangeiro quem pôs mãos à obra. Neste ponto, uma boa exegese ajuda:

Duas coisas, principalmente, pesam a favor da confiabilidade da observação de Papias (cf ainda Riesner, p 20ss):

Primeiro, deve-se considerar a idade antiga do testemunho. Já por volta do ano 100, Marcos é considerado incontestado como autor, uns 30 anos depois de escrever. Uma lenda não poderia surgir e se firmar em tão pouco tempo. O surgimento de um livro como este no seio da igreja ainda era um acontecimento vivo, mal passada metade da vida de uma pessoa. Não se pode tirar conclusões acríicas para o século I a partir de ficções romanceadas de séculos posteriores.

Segundo, pensemos como uma lenda assim é essencialmente ilógica. Digamos que desejos espirituais tenham feito de Marcos o autor, para conferir um destaque maior ao evangelho. Afinal de contas, a tendência de atribuir uma porção de coisas aos apóstolos é comprovada nos séculos II e III. Neste caso, atingiu-se o objetivo? Não teria sido melhor pendurar o evangelho no próprio Pedro – “O evangelho segundo Pedro”? Por que este desvio estranho por alguém que não era apóstolo, não era discípulo, de terceiro escalão e sem destaque entre os primeiros cristãos? Por que um “Evangelho segundo Marcos”? Parece que os fatos históricos se impuseram aos desejos e tendências. Por isso a consciência histórica não se livra tão facilmente da observação de Papias.

Para concluir, mencionamos dois posicionamentos em relação à observação de Papias. Kümmel, Schweizer e Lohse acham que é possível que o autor tenha se chamado Marcos, mas não o João Marcos conhecido do Novo Testamento. Pesch até admite uma identificação intencional do personagem bíblico com um judeu cristão desconhecido, de Roma, chamado Marcos. Para esta conclusão complicada, seria bom trazer apoio de alguma fonte. Só pensar assim não é suficiente.

#### *d. Verificação*

Não pudemos tirar do próprio livro a informação de que Marcos é o autor, mas a encontramos na tradição da igreja. Será que ela resiste à verificação no texto?

Como ficaria esta verificação? Será que Pedro, se ele é o fiador, precisa ter um papel mais destacado neste livro, mais do que nos outros evangelhos? Será que é preciso identificar uma “teologia petrina”? Aqui nós não lidamos com um documento estilo carta, que dá pleno espaço à individualidade. O que devemos esperar de uma documentação da tradição oficial de Jesus é, em primeiro lugar, fidelidade, talvez no sentido de **1Co 15.11**: “Foi isso que todos nós anunciamos” (**BLH**). Pelo primeiro padrão, o evangelho de João é mais evangelho de Pedro, pois é o que mais menciona este discípulo. Marcos, então, não destaca Pedro especialmente (já constataram Th. Zahn e Wohlenberg, Rienecker não). Para trechos importantes para Pedro, como **Mt 16.18** e **14.18-31**, até faltam os paralelos em Marcos. Também que Pedro seja o “primeiro” (**Mt 10.2**), é algo que não encontramos no trecho correspondente em Marcos (**3.16**). Por causa dessas omissões até já se falou de uma polêmica formal de Marcos contra Pedro (Bultmann, Schreiber, Schulz). Naturalmente isto é um exagero.

A favor da relação com Pedro, na minha opinião, devem-se contar os relatos de testemunhas oculares em Marcos. Ele descreve detalhes tão exatos e coloridos, mesmo em coisas secundárias, que dificilmente se pode escapar da impressão de estar diante de notícias de primeira mão.

Diferentemente de Mateus e Lucas, em Marcos ficamos sabendo que, em **4.38**, quando Jesus dormia, ele estava na popa, com a cabeça sobre uma das almofadas laterais do leme; que em **2.2** não havia mais lugar não só dentro da casa, mas também fora; que em **6.39** o povo se assentou sobre relva verde; que em **14.66** Pedro estava em um pátio mais embaixo (Wikenhauser tem muitos outros exemplos). A isto soma-se o conhecimento por nome de personagens secundários que só Marcos tem: Levi e Alfeu em **2.14**, Boanerges em **3.17**, Jairo em **5.22**, Bartimeu em **10.46**, Simão em **14.3**, Salomé em **15.40**; **16.1** e Alexandre e Rufo em **15.21**.

Desta forma, o leitor sente em muitas passagens um cheiro de proximidade, originalidade e frescor.

Todavia, quem faz questão de querer o contrário, isto é, que este livro seja invenção tardia de um desinformado, também alcança seu objetivo. O Dr. Fr. Strauss concluiu em 1864 que estes detalhes interessantes “pareciam forçados”, colocados artificialmente na matéria, “colados” para dar a impressão de se originarem de uma testemunha ocular. É sugestivo como ele acrescenta: “Todo leitor sem preconceitos confirmará esta constatação”. As conclusões semelhantes chegaram antes dele Schleiermacher, depois dele Wrede e uma nova escola recente (p. ex. Schulz). Quão pouco Marcos tinha realmente de “prazer em detalhar e descrever” (de Wette) prova o fato de que ele descreve com poucas palavras e ênfases eventos muito importantes em outros contextos (p. ex. **1.16-20**; **8.27-33**; **14.17-25**). Exatamente estas cenas cheias de emoção deveriam ter despertado sua suposta tendência para enfeitar. Nada disso acontece! Será por causa destes trechos que lhe negaremos qualquer imaginação? É evidente que em ambos os casos está-se seguindo a trilha errada. A explicação factual para esta constatação contraditória é que o escritor não se vê como um artista livre para criar. Ele quer ser um servo fiel de uma causa que o transcende e, às vezes, é este material que está à sua disposição e, outras vezes, aquele.

Outra característica que se encaixa bem na relação com Roma e, assim, confirma a tradição, são os latinismos, os estrangeirismos do latim que entraram no texto grego, e expressões do grego que deixam transparecer a influência do

latim. É claro que latinismos não precisam estar apontando para a Itália, mas são possíveis em todo lugar aonde os romanos chegaram. Só que no evangelho de Marcos eles são especialmente numerosos e de traços característicos.

De acordo com Morgenthaler (p 163), Marcos é quem tem percentualmente mais estrangeirismos do latim. Duas passagens se destacam. Em [15.16](#), em paralelo com [Mt 27.27](#), ele fala do “pretório” (termo latino para o palácio do governador). Só que, diferente de Mateus, ele usa primeiro a palavra grega correspondente (*aula*), para depois traduzir: “que é o pretório”. Aqui um autor atento está pensando em seus leitores. É como se ele dissesse: Agora estou traduzindo para vocês, romanos! Em [12.42](#) é parecido: “Duas pequenas moedas correspondentes a um quadrante”. O quadrante não circulava no Oriente, só especificamente no Oeste do Império. Por último, em [15.21](#) a menção dos filhos de Simão só tem sentido se estes eram conhecidos aos leitores romanos. Um deles também é mencionado na carta aos Romanos ([16.13](#)).

O fato de Marcos afirmar ao todo dez vezes explicitamente que está traduzindo, esclarecendo costumes judaicos ([7.3](#); [10.12](#)), reforça a impressão de que ele sabia que seus leitores estavam bem longe do palco da ação.

Finalmente, o estilo grego do livro confirma, na opinião praticamente unânime dos estudiosos, que seu autor não pode ter sido um gentio cristão. Ele deve ter sido um greco-palestino: falava e escrevia em grego, mas tinha suas raízes na Palestina e no idioma aramaico.

Portanto, é confiável a tradição de que João Marcos de Jerusalém, o auxiliar de Pedro, escreveu o segundo evangelho para a cristandade romana.

#### *e. Sobre a pessoa de João Marcos*

Em [Atos 12.12](#) nos deparamos com o caso raro de alguém que não é identificado pela relação com seus pais mas com seu filho: “Maria, mãe de João, cognominado Marcos”. Com certeza o filho era mais conhecido dos leitores do que a mãe e, em geral, era uma pessoa bastante conhecida entre os primeiros cristãos.

Ao mesmo tempo ficamos sabendo o nome verdadeiro, judaico, deste homem: João (do hebraico antigo Joanã). Como mais tarde seu campo de ação foi a missão aos gentios, ele ficou conhecido, e até hoje o é, por seu cognome latino Marcos (cf [At 15.39](#); [Cl 4.1](#); [Fm 24](#); [2Tm 4.11](#); [1Pe 5.13](#); em [At 13.5,13](#) ele é só João; os dois nomes juntos estão em [At 12.12,25](#); [15.37](#)).

Na opinião de Grundmann (p 20), do nome duplo conclui-se que Marcos ou um antepassado seu foi um *libertinus*, um liberto. [At 6.9](#) comprova a força numérica do grupo dos *libertini* em Jerusalém. Era costume que estes libertos, por ocasião da sua libertação da escravidão, eram adotados por uma família romana, passando a usar o nome dela. Saulo Paulo é um exemplo conhecido. Este contexto histórico poderia fazer com que Marcos fosse o homem certo especialmente para o trabalho missionário em Roma.

Sua família pode ter vindo de Chipre, pois, de acordo com [Cl 4.10](#), o cipriota Barnabé era seu primo. De acordo com [At 4.36](#), Barnabé era levita; pela tradição, Marcos também, de modo que seu parentesco pode ter sido por parte de pai. Em todos os casos, a mãe viúva de Marcos – seu pai não é mencionado no livro de Atos – possuía uma propriedade vistosa em Jerusalém. [At 12.12-14](#) pressupõe um pátio murado e uma sala onde cabiam “muitos”. Ali os crentes costumavam reunir-se e, de acordo com o [v 3](#), também estavam ali na noite da Páscoa. A partir disso podemos deduzir três coisas: 1) a mesma sala serviu para o jantar de Jesus na noite da Páscoa; trata-se do “espaçoso cenáculo” de [Mc 14.15](#); 2) a sala também é a mesma do cenáculo de [At 1.13](#), onde os 120 se reuniram com as mulheres. A casa de dois andares mostra novamente como seus donos eram abastados; 3) finalmente, o lugar é idêntico ao de [Jo 20.19,26](#), pois a descrição é semelhante (portas do pátio trancadas!). Se tudo isto se confirmar, então uma propriedade bem grande abriu suas portas aos discípulos antes e depois da Páscoa, servindo como alojamento de trabalho em Jerusalém para o Senhor terreno, como lugar de revelação na Páscoa, como sala de oração antes de Pentecostes e como berço da missão urbana em Jerusalém depois de Pentecostes. Isto também explica que Marcos fosse conhecido como filho desta casa, bem como a circunstância de que estava bem informado.

De acordo com [1Pe 5.13](#) e também Papias, Marcos não foi ganho pelo próprio Jesus, mas só depois da Páscoa, por Pedro (“meu filho”). Depois ele se mudou para Antioquia ([At 12.25](#)), levado por Barnabé e Paulo. Estes devem ter visto nele qualidades para o trabalho missionário. Conforme [At 13.5](#), eles o levam na primeira viagem missionária, como “auxiliar” (*hyperetes*, cf abaixo). Contudo, ele os abandona no meio do caminho e volta direto para Jerusalém ([13.13](#)). Em [15.37-39](#) Barnabé o indica novamente para uma viagem: Marcos deve ter tido alguma qualificação prática. Falar aqui de “nepotismo” seria um exagero. Mesmo assim, Paulo se recusa terminantemente. Barnabé, por sua vez, insiste em levar Marcos. Eles acabam se separando em discórdia, e Barnabé leva Marcos consigo.

Durante os próximos dez anos o NT silencia sobre Marcos. A tradição diz que durante este tempo ele fundou a igreja no Egito, tornando-se seu primeiro bispo. Esta versão, no entanto, não é unânime nem comprovável. Seja como for, Marcos reaparece uns dez anos depois, próximo de Paulo ([Cl 4.10](#); [Fm 24](#), em Éfeso ou Roma). O apóstolo o relaciona entre os poucos fiéis “que cooperam pessoalmente comigo pelo reino de Deus”. Claramente para Roma nos leva [2Tm 4.11](#): Paulo pede que Marcos venha para a capital, pois lhe “é útil para o ministério”.

Em [1Pe 5.13](#) Marcos está com Pedro em Roma (= “Babilônia”). Mais ou menos no ano 64, Pedro e Paulo foram martirizados em Roma (cf 5e abaixo). Conforme a tradição, pouco tempo depois, Marcos, atendendo a pedidos insistentes, escreveu a tradição de Jesus, que ele conhecia como poucos. A data mais antiga, portanto, é o ano 64. Dizem que ele mesmo foi martirizado mais tarde no Egito, mas toda a tradição do Egito é duvidosa.

#### f. O serviço especial de Marcos

Em [At 13.5](#) lemos: “Tinham também João como *hyperetes*”. Este vocábulo geralmente é traduzido como servo, mas no sentido de “ajudante”; para o sentido de “escravo” o termo *doulos* é mais comum (124 vezes no NT), e para o sentido de “empregado” temos *diakonos* (30 vezes). (Para o comentário abaixo veja Rengstorf, ThWNT VIII, p 530ss; Boman, p 44ss; Lane, p 20s.) Vejamos rapidamente as seis vezes que *hyperetes* aparece em Lucas.

Em [Lc 4.20](#) encontramos a palavra para descrever o homem que no culto servia como mão direita do dirigente da sinagoga. Como tal, ele tinha bastante poder e autoridade, mas sempre como executor de tarefas, em dependência do dirigente. Um papel semelhante tinham os *hyperetai* em [At 5.22,26](#), os guardas que assistiam o sumo sacerdote. Dois aspectos se destacam: a importância pela proximidade com uma autoridade, e a dependência de uma função auxiliar. O mesmo vale para o sentido espiritual. Em [At 26.16](#) Paulo é o *hyperetes* do Senhor. Isto significa um chamado honroso para junto do Senhor, mas também um chamado para a dependência total, razão pela qual Paulo afirma no v [19](#): “Não fui desobediente”. A referência neste caso é ao ministério da palavra. Jesus chama Paulo de sua testemunha.

Com isto voltamos a [At 13.5](#), onde Marcos é chamado de *hyperetes* de Paulo e Barnabé. Aqui como em [15.38](#) (“Paulo não achava justo levarem aquele que se afastara”) trata-se de uma escolha honrosa que recaiu sobre Marcos, mas também fica claro que ele não era equiparado aos dois missionários. Ele estava a serviço deles. Que serviço era este? Será que Marcos só tinha tarefas materiais, como cuidar de roupa, comida e alojamento? Será que era camareiro? Em [13.5](#) delinea-se claramente a relação com o ministério da pregação. Isto confirma a quinta passagem, [At 15.38](#): ele fazia parte do projeto missionário. Todavia, em que termos?

Isto a última passagem ajuda a esclarecer. No começo do seu evangelho ([2.1](#)) Lucas fala dos “*hyperetai* da palavra”, referindo-se à tradição de Jesus. Geralmente a tradução só traz “ministros da palavra”, e somos levados a pensar no ministério normal de pregação dos apóstolos, como em [At 6.4](#). Porém um *hyperetes* não é automaticamente um apóstolo. A situação deve ter sido a seguinte: Paulo e Barnabé proclamavam a mensagem central de cruz e ressurreição, conforme [1Co 15.3-5](#), e desafiavam os ouvintes a crer no Senhor presente, e Marcos, em seguida, expunha aos despertados e interessados a tradição de Jesus. Ele ampliava e aprofundava a evangelização. Conforme [Mt 28.20](#), ele ensinava aos que eram batizados tudo o que Jesus tinha ordenado aos seus discípulos.

Parece que mais tarde os *hyperetai* receberam um nome mais condizente com o que faziam. Faz sentido que [Ef 4.11](#) relaciona em terceiro lugar, depois dos pregadores, os “evangelistas”. Igualmente em [2Tm 4.5](#) o termo não é aplicado a empreendimentos missionários, como entendemos a evangelização hoje em dia, mas no sentido de edificação da igreja. Em [At 21.8](#) o termo “evangelista” serve mais para fazer distinção do apóstolo Filipe. O evangelista transmitia o conteúdo do evangelho; é como se ele fosse um evangelho ambulante.

Ao que parece, havia toda uma classe destes “evangelistas”, que Paulo sempre de novo elogia como seus “colaboradores” ou “conservos”, o que vale para Marcos, Timóteo, Epafras, Lucas, Tito, Crescente, Aristarco e Demas ([1Ts 3.2](#); [Cl 1.7](#); [2Tm 4.10](#); [Fm 24](#)).

Voltando ao *hyperetes* de [Mc 13.5](#). O trabalho dele era secundário, mas indispensável para a edificação de igrejas sólidas. Para este ministério, ele tinha duas qualificações: ele vinha do lugar onde o cristianismo se originara, e tinha uma memória confiável. Em termos objetivos, ele carregava consigo um tesouro, ele era um tesouro para o trabalho missionário. Peso tanto pior teve seu fracasso subjetivo, sua deserção na Panfília. Por isso Paulo também estava tão irado – pensando na causa que fora prejudicada de modo tão sensível. No restante da viagem ele teve de dar um jeito, e preocupou-se muito com a perseverança das igrejas novas ([At 15.36](#)). Com um novo *hyperetes*, Silas, ele viajou mais uma vez pela mesma rota, quando recrutou Timóteo para este serviço. De acordo com [2Tm 3.14-17](#), a tarefa incluía a instrução no [AT](#).

Como Marcos era um auxiliar tão bom, seu nome era mencionado sempre de novo e ele recebia convites, primeiro de Barnabé e Paulo, depois de Barnabé, mais tarde de Pedro e novamente de Paulo. Por isso ele também parecia estar destinado, depois da morte dos apóstolos, a registrar a tradição de Jesus e a documentá-la para a próxima geração.

### 3. As fontes de Marcos

A comparação dos primeiros três evangelhos comprova que naquela época as histórias sobre Jesus não eram contadas com palavras próprias, mas seguindo relatos mais antigos. A observação de Papias credita a Marcos só uma fonte: Pedro! Mas isto certamente é uma simplificação. Como filho da casa da qual os primeiros cristãos entravam e saíam, ele não deve seus conhecimentos a uma só testemunha. De acordo com tudo o que sabemos sobre o primeiro grupo de discípulos, Pedro tinha um papel de liderança antes e depois da Páscoa, mas ele não era a única testemunha. Lucas confirma em seu evangelho ([1.1,2](#)): desde o começo havia um número considerável de testemunhas oculares, de relatos por escrito e – podemos completar, em retrospecto – de evangelhos. Uma parte considerável do material de Marcos pode remontar a Pedro ou ter alguma relação com ele, mas não tudo.

De fato, o próprio evangelho de Marcos traz indícios de que dispunha de mais subsídios orais e documentos escritos. Veja estas indicações, que todo leitor da Bíblia pode conferir:

Marcos menciona 81 vezes o nome “Jesus”, o que dá em média uma referência a cada oito versículos. Bem no meio, porém, entre [6.30](#) e [8.27](#), temos 90 versículos em sequência sem uma só menção deste nome; ali só encontramos o pronome pessoal para identificar o Senhor. Isto parece indicar um outro texto-base.



O leitor da Bíblia também conhece a expressão típica de Marcos “logo”, “então”, “imediatamente”. Só no primeiro capítulo ela aparece onze vezes, ao todo 43 (em Mateus ela só é usada oito vezes, em Lucas e João só três cada). Olhando com atenção, porém, vê-se que a sua distribuição por capítulos é bem irregular. Na primeira metade do livro, até 8.26, temos 35 casos. Depois a palavra quase que desaparece, para reaparecer em duas histórias (9.15,20,24 e 14.43,45). “Logo”, portanto, não é típico de Marcos em si, mas de uma ou algumas de suas fontes.

No capítulo 1, o primeiro discípulo é cinco vezes “Simão”, mas depois ele é sempre, 20 vezes, mencionado por seu cognome “Pedro”. Exceções são 3.16 (os dois juntos) e 14.37 (quando Jesus se dirige a ele).

Jesus também não é chamado de maneira uniforme. Na primeira metade, ele só é chamado de “mestre” (oito vezes), depois só mais duas vezes, alternado com quatro usos do termo aramaico correspondente, “rabi”.

Dn 7.13 é citado duas vezes, mas de forma diferente. Em 13.26 é “nas nuvens”, em 14.62 “com as nuvens”.

Estes exemplos de terminologia não uniforme são fáceis de suplementar (cf Pesch I, p 15ss; II, p 3ss). Existe maneira melhor de explicar estas disparidades do que no evangelho de Lucas: que os evangelhos, inclusive o de Marcos, se baseavam em várias testemunhas!

Ao mesmo tempo, estes exemplos mostram como Marcos lidava com suas fontes. Ele poderia tê-las retrabalhado profundamente, dando ao seu livro uma consistência estilística. Lucas fez mais ou menos isto, mais tarde. Pode-se ver isto nos trechos que ele assumiu de Marcos. Ele não deixou quase nenhuma linha sem correção estilística. Marcos, por sua vez, sentia que suas mãos estavam amarradas. Só com muito receio ele interveio aqui e ali. Em razão disto, seu livro não poucas vezes parece tosco em termos lingüísticos (veja o ponto 4 a seguir).

Sua contribuição pessoal consistiu na seleção e disposição do material, na tradução de palavras aramaicas, no esclarecimento de costumes judaicos (7.3,4), em pequenas explicações e indicações (2.28; 7.11b,19b; 13.14; 14.18), em ampliações com efeito de atualização (10.12) e, principalmente, em condensações (p. ex. 3.7-12). Compare os detalhes dos comentários sobre estes trechos, bem como a nota prévia 1 a 2.18-22.

Se Marcos, portanto, entrelaçou várias fontes, será que é possível desfazer estes laços? Será que podemos verificar onde uma fonte termina e começa a outra? Suas fontes podem ser reconstruídas e separadas das contribuições dele? Especialmente em Marcos este empreendimento incorre em muitos fatores de insegurança. Há uma diferença com os evangelhos posteriores. Nestes, naquilo em que Marcos lhes serviu de base, podemos comparar a fonte com o resultado, verificar linha por linha as diferenças e deduzir métodos de trabalho. Esta possibilidade não temos em Marcos. Não é possível deduzir sem margem para dúvidas seu estilo redacional a partir da tradição. Apesar disso, alguns pesquisadores oferecem soluções “perfeitas”, classificam cada expressão, até cada “e” e “ou” neste ou naquele lado. Aham que podem fazer listas de vocábulos “marquínicos”, que usam com desenvoltura. Estes pesquisadores, porém, sabem tanto que temos de desconfiar deles, e é possível que suas conclusões tenham muito pouco a ver com o Marcos histórico. As tentativas de reconstrução das suas fontes com frequência resultam tão diferentes, que pensamos estar em um contorcionismo literário. Comentadores sensatos sentem que este tipo de pesquisa de Marcos de modo geral está pisando em solo pantanoso.

#### 4. A relação com os outros sinóticos

Estamos pressupondo que Marcos é nosso evangelho mais antigo, tendo servido como uma das bases de Mateus e Lucas. Esta afirmação de que Marcos é precedente é que queremos justificar rapidamente. Levantar todos os argumentos a favor e contra seria um trabalho para toda a vida.

Em primeiro lugar, a seqüência das histórias nos paralelos sinóticos favorece esta opção. No relato da infância de Jesus não há paralelos entre Mateus e Lucas, mas assim que eles começam com João Batista, eles passam a ter textos em comum, sempre em paralelo com Marcos. É verdade que às vezes um e às vezes o outro sai da seqüência de Marcos para recorrer a fontes suplementares próprias. Todavia, assim que eles de novo se encontram e relatam em paralelo, eles voltam à seqüência de Marcos e à dependência do seu texto. Assim que Marcos “não lhes serve mais”, isto é, depois de 16.8, seu último versículo (vv 9-20 são um acréscimo), acabam também as passagens que eles têm em comum. Do fato de que eles concordam entre si quando concordam com Marcos, e divergem quando se afastam de Marcos, conclui-se que Marcos serviu a ambos como linha-mestra.

O outro argumento forte a favor da precedência de Marcos vem da comparação textual dos trechos paralelos. Em muitos exemplos, Mateus e Lucas têm uma expressão mais elegante e uma linha de pensamento mais clara. Vejamos três destes exemplos.

Primeiro temos o popular “e” ( “e” *paratático*), que inicia frases ou expressões e as coloca lado a lado de modo uniforme, quando uma linguagem mais elevada usaria “Ou seja”, “enquanto”, “todavia” etc. Pode-se verificar este tipo de frases p. ex. em 7.31-37. Este estilo sem arte, de usar simplesmente o “e” para acrescentar outro elemento, típico de Marcos, é elevado pelos outros evangelistas em muitos casos a um patamar literário mais alto. Acontece que o “e” no começo da frase é característico da língua aramaica, mais rudimentar, na qual a tradição de Jesus começou, e as crianças até hoje falam assim.

O mesmo acontece com o presente com sentido de passado, tão popular (*presens historicum*). Em Marcos ele é encontrado umas 150 vezes, em Mateus só em metade das vezes, enquanto Lucas o eliminou, exceto em um caso.

Por último, Marcos tem expressões da linguagem popular, que Mateus e Lucas substituíram por termos literários. O “leito” (*krabbaton*, esteira) em [Mc 2.4,11,12](#) torna-se um objeto mais nobre em Lucas (*kline*, *klinidion*, cama, [5.18,19,25](#)). Nos evangelistas posteriores faltam [p. ex.](#) os diminutivos de Marcos, como os “peixinhos” em [8.7](#), “sandálinhas” em [6.9](#) ou “orelhinha” em [14.47](#). – Sobre o pensamento mais claro, veja as construções de frases, complementos e omissões em Mateus e Lucas.

É possível imaginar que alguém que tenha diante de si um texto fluente e de qualidade, o trabalhe de modo a torná-lo complicado e tosco? Dificilmente. Como isto não é provável, a maioria dos pesquisadores considera o evangelho de Marcos o mais antigo.

Contudo, sem algumas luxações esta posição não escapa. A tese não consegue ser mantida incólume em todos os casos. Por isso, a questão sinótica, apesar do esforço sem igual dos estudiosos, não chega a um fim. Em especial expositores ingleses, católicos, mais recentemente também protestantes, encontram motivos para considerar Mateus o mais antigo, aliás em sintonia com o testemunho unânime dos Pais da Igreja e com o apoio de observações textuais. Provavelmente a relação entre os sinóticos jamais poderá ser plenamente esclarecida. Muita coisa está oculta na escuridão do nosso desconhecimento. Por isso qualquer solução só pode ser apresentada com ressalvas.

A propósito, o aproveitamento de Marcos por Mateus e Lucas é tão completo que ele está repetido com a exceção de talvez 30 versículos nos evangelhos posteriores. Mesmo assim, ele não desapareceu como as outras fontes escritas. Isto confirma seu grande prestígio, que é exatamente o de Pedro, que está por trás dele. Marcos estabeleceu padrões que se espalharam rapidamente por Roma e pela Itália, a ponto de alcançar o Oriente, onde trabalharam Mateus e Lucas. No século II, no entanto, ele ficou para trás dos dois evangelhos mais completos e, de certo modo, melhores. Até hoje existem poucos comentários de Marcos. Mateus e Lucas foram copiados e expostos com muito mais frequência.

## 5. Lugar de escrita e primeiros leitores

### a. A tradição

O livro não menciona diretamente nenhum lugar de composição, mas já ouvimos que a tradição quanto a autor e destinatários aponta incontestemente para Roma. Só uma voz tardia e isolada propõe Alexandria no Egito. Supunha-se uma atuação de Marcos no Egito (cf 2e). Disto Crisóstomo, por volta de 390, parece ter concluído inadvertidamente que Marcos também compôs ali seu evangelho. Portanto, ficamos com Roma, já que vimos que o testemunho interno do livro não se opõe a isto (cf 2d).

### b. Suposições mais recentes

Na medida em que a pesquisa atual não segue a tradição, ela deixa esta questão em aberto (Bornkamm) ou tende a imaginar alguma cidade do Oriente do Império como lugar de escrita. (Kümmerl (p 55) acha que a composição em uma cidade “do Oriente é muito provável”. Schmithals (p 61): “... antes no Oriente”. Schreiber se decide pela Síria. Pontos de referência concretos para estas afirmações inexistem. Marxsen, um célebre pesquisador de Marcos, arriscou-se bastante nesta questão em 1959 e sugeriu a redação na Galiléia, sem, porém, angariar apoio. Que sentido, então, teriam esclarecimentos como o de [7.3s](#)? A redação no contexto aramaico já se opõe a tradução de termos para o grego ou até para o latim. De qualquer forma já é estranho que o registro da tradição de Jesus se mostrasse necessária primeiro na Palestina. Com certeza ali as lembranças pessoais de Jesus eram mais intensas, e a tradição oral bem mais desenvolvida do que na distante Roma pagã.

Portanto, tudo favorece a tradição antiga. “Não há nenhum argumento sólido contra a tradição que diz que o evangelho foi escrito em Roma”, dizia Harnack já no começo do século. Pesch descobre, duas gerações de pesquisadores depois: “Não há nada contra a origem romana do evangelho de Marcos”.

### c. A situação geral na Roma do século I

Quando o imperador Augusto morreu no começo do século (ano 14), ele tinha deixado Roma esplêndida. Ele “embelezou tanto a capital, que podia realmente gabar-se de ter encontrado uma cidade de barro e feito dela uma cidade de mármore”, relata um historiador romano.

A cidade, de um milhão de habitantes, hospedava um misto colorido de povos, línguas, culturas e religiões. O empurra-empurra nas ruas era tanto que só se permitia o tráfego de carroças à noite. O porto de Roma, Óstia, tornou-se o centro do comércio mundial. O panorama da cidade estava semeado de construções públicas de primeira. As casas particulares não ficavam para trás. Nas casas de banhos dos patrícios, a água corria de canos de prata para banheiras de mármore, espelhos de metal enfeitavam as paredes, instalações de ar quente aqueciam o ambiente. As paredes das residências estavam cobertas de tapeçarias caras, os assoalhos de mosaicos, os tetos de lambris. O desperdício nos banquetes praticamente não tinha limites. Não faz sentido nem mesmo começar a alistar o que havia de pratos exóticos. Providenciava-se música ao vivo para as refeições, e serenatas. Havia vezes em que flores choviam do teto, outras em que dançarinas se apresentavam.

É claro que tudo isto tinha seu lado escuro: as favelas dos pobres, sem os quais esta civilização não poderia existir, e os navios, impulsionados por escravos cheios de desespero e ódio, que diariamente reabasteciam os portos de

produtos. O retrato em cores berrantes da derrocada moral do século I temos graças ao escritor romano Tácito: crise econômica, corrupção, anarquia total, apodrecimento da sociedade e um clima geral de decadência. Todos conhecemos a expressão de perplexidade: “Isto aqui parece a Roma antiga!”

A ética do trabalho estava ausente quase de todo. Milhares viviam de subsídios do Estado. Durante o dia matavam o tempo. O ponto alto da sua existência triste era a vida noturna. Iam para orgias com a intenção de se embriagarem. O resultado geralmente era um carnaval absurdo pelas ruas noturnas, farras em bordéis, cenas de ciúmes, brigas e ressacas. Assim Roma se encaminhava inconscientemente para o dia do juízo de Deus. Contra este pano de fundo pode-se ler p. ex. [Rm 13.11-14](#): “Digo isto a vós outros que conheceis o tempo: já é hora de vos despertardes do sono; porque a nossa salvação está, agora, mais perto do quando no princípio cremos. Vai alta a noite, e vem chegando o dia. Deixemos, pois, as obras das trevas e revistamo-nos das armas da luz. Andemos dignamente, como em pleno dia, não em orgias e bebedices, não em impudicícias e dissoluções, não em contendas e ciúmes; mas revesti-vos do Senhor Jesus Cristo.” Com uma força de irradiação impressionante, como um sol de graça, verdade e justiça, Cristo tinha nascido no horizonte destas pessoas. Principalmente para esta igreja é que Marcos também escreve.

#### *d. A comunidade judaica em Roma*

Tratamos da comunidade judaica porque ela, como em todo o Império, faz parte do contexto histórico anterior à igreja.

Na Bíblia lemos já em [At 2.10](#) que havia judeus morando em Roma. A informação mais antiga sobre vida judaica na capital remonta ao ano 139 a.C. Calcula-se que o número de judeus no início do século I chegava a 40.000; mais tarde Roma chegou a ter mais judeus do que Jerusalém. Há menção de pelo menos treze sinagogas na Roma antiga. Todas cultivavam laços estreitos com a pátria. Quantias consideráveis fluíam para a manutenção do templo amado em Jerusalém.

Como foi que uma comunidade judaica tão grande se formou em Roma? Em primeiro lugar, muitos judeus tinham sido levados como escravos de guerra para lá. Com frequência eram libertos em pouco tempo, porque insistiam teimosamente em guardar o sábado. Ou sua liberdade era comprada pelos correligionários. Muitos permaneceram em Roma. Outros eram levados por sua competência empresarial para este centro comercial de primeira grandeza, e ainda outros por seu fervor missionário. Em [Mt 23.15](#) Jesus lhes concede: “Rodeais o mar e a terra para fazer um prosélito”. Por último pesava a favor dos judeus seu amor pelas crianças, promovido pela lei de Moisés. O abandono de crianças, a famosa chaga da Antiguidade, entre eles era mal-vista.

Quando Herodes o Grande provou ser um apoio confiável dos interesses romanos no Oriente do Império, a influência da comunidade judaica junto à corte cresceu. Disto resultaram alguns belos privilégios: os judeus podiam guardar seu sábado, eram isentos do serviço militar e gozavam de liberdades de reunião especiais. Sua relação com Roma em certas épocas eram tão boas que em [Jo 19.12](#) eles puderam ameaçar Pilatos: “Se soltas a este, não és amigo de César”.

O movimento nascente de cristãos tirou proveito desta generosidade para com os judeus, pois para os de fora eles não passavam de uma questão judaica interna. Por isso a igreja pôde instalar-se também em Roma, numa época em que as autoridades agiam com rigor contra a introdução de novas religiões.

#### *e. A igreja em Roma*

Nossa definição de que o evangelho de Marcos era dirigido aos cristãos romanos não deve ser muito estreita. Certamente também a Itália como província circundante estava em vista, talvez todos os cristãos gentios do Ocidente. Mesmo assim, o centro das atenções era a capital.

Hengel (*Geschichtsschreibung*, p 91) vê motivos para imaginar o início do evangelho em Roma entre os anos 37 e 41. Judeus convertidos em Jerusalém vieram para a capital e desenvolveram seu trabalho missionário entre seus conterrâneos. Uma informação um pouco mais segura temos do escritor romano Suetônio. Ele conta de tumultos frequentes entre os judeus na época do imperador Cláudio (41-54), incitados por um tal de “Chrestos”, o que pode ser uma distorção de “Cristo”. Os romanos podem ter confundido o nome “Cristo”, incomum para os seus ouvidos, com o nome próprio Chrestos, bastante frequente entre eles. Nos debates internos entre judeus e cristãos a discussão sobre Cristo deve ter sido tão acalorada e decisiva, que os de fora foram levados a crer que um homem com este nome estava entre eles. Estes acontecimentos levaram à expulsão dos judeus inquietos, parece que em especial dos judeus cristãos ([At 18.2](#)), no ano 49. Entretanto, como [At 28.15](#) pressupõe, eles logo puderam voltar, contudo desenvolvendo-se separados da sinagoga. Os cristãos ainda não eram suspeitos na corte, pois Paulo pôde apelar com otimismo para o imperador no ano 55, esperando dele um processo justo ([At 25.11](#); [28.30](#)). No ano 60 ele parece ter sido liberto.

Depois do martírio do irmão do Senhor, Tiago, no ano 62 em Jerusalém, a primeira igreja começa a abandonar a cidade passo a passo. Em consequência disto, Pedro chega a Roma, “Babilônia”, por volta do ano 63, onde Marcos é seu auxiliar ([1Pe 5.13](#)). O período seguinte o aproximou também mais uma vez bastante de Paulo. A 1ª carta de Clemente (escrita nos anos 90), registra o martírio conjunto dos dois apóstolos em Roma. Com bastante certeza, a morte deles está ligada aos acontecimentos que sucederam ao incêndio da capital no ano 64, pois de outra perseguição naqueles anos não se tem notícia. O imperador Nero foi acusado de ser o responsável pela catástrofe, e transferiu esta culpa para os cristãos. Ele conseguiu desviar a ira do povo para esta religião nova e ainda estranha. Tácito e

1 Clemente narra como mulheres cristãs eram jogadas na arena para serem pisoteadas por touros selvagens, como as vítimas eram mortas por cães raivosos e incendiadas em fogueiras para diversão do povo nos parques do monte Vaticano.

Como os judeus saíram ilesos, a separação dos dois grupos nesta ocasião já deve ter sido de domínio público. Para isto podem ter contribuído outros fatores. Antes de tudo, havia o interesse e esforço dos judeus de fazer com que estes cristãos não fossem mais considerados iguais a eles. Além disso, parece que entre os cristãos se manifestaram tendências radicais, senão Paulo não teria insistido tanto, em sua carta escrita mais ou menos no ano 57, na lealdade para com as autoridades e no pagamento dos impostos (Rm 13.1-7). Se a carta aos filipenses provém do cativeiro em Roma, então o evangelho já tinha penetrado há muito nos círculos imperiais (Fp 4.22), de modo que estes tinham informações de primeira mão de que os cristãos eram um movimento à parte.

Pressupondo que muitos detalhes de notícias posteriores já podiam ser delineados em anos anteriores, podemos caracterizar a igreja em Roma na época de Marcos com seis pontos:

1. Ela era uma das igrejas mais antigas e ricas em tradições do Império, onde o evangelho era antes algo costumeiro do que desconhecido;
2. Tácito confirma a força numérica da igreja. Além da imigração que uma capital sempre experimenta, fazia-se muito trabalho missionário e conseguiam-se adeptos em famílias influentes, tanto que mais tarde Inácio temia que os irmãos em Roma poderiam impedir o martírio que ele desejava;
3. Os cristãos em Roma tinham adquirido uma posição de preeminência entre as igrejas do Império. Paulo batera à porta, obsequioso (Rm 1.8; 16.16), Pedro tinha atuado ali (1Pe 5.13), cartas importantes eram dirigidas a eles: as de Paulo, aos Hebreus e de Inácio, mais tarde. Por volta de 96, o bispo Clemente de Roma procurou, com responsabilidade fraternal, apaziguar com uma carta o conflito em Corinto;
4. A característica da igreja era gentia. Paulo já teve de advertir a pretensa superioridade diante da minoria judaica (Rm 11.17-24; cap 14 e 15);
5. Em Roma vivia uma comunidade de mártires, experiente no sofrimento. A deportação sob Cláudio e especialmente as vítimas recentes do imperador Nero ainda estavam vivas na memória. A Guerra Judaica estava em pleno andamento. O ressentimento dos romanos com os judeus em todo o Império não poderia ficar sem efeitos para a causa cristã. Novas nuvens escuras surgiam no horizonte;
6. Com o desaparecimento das autoridades originais e das primeiras testemunhas, houve uma mudança de gerações. Em vista disto, Marcos interveio e garantiu à igreja a tradição de Jesus. Nós o incluímos entre os “homens da parte de Deus”, que “falaram”, “movidos pelo Espírito Santo” (2Pe 1.21).

## 6. Data de composição

### a. O testemunho do próprio livro

Não faltaram pesquisadores em tempos recentes que dataram o evangelho de Marcos até no século II, mas a grande maioria das indicações gravita em torno do ano 70, quando aconteceu a destruição de Jerusalém e seu templo na guerra judaico-romana. Esta guerra começou no ano 66 e na verdade só terminou em 73, com a queda da fortaleza de Massada. Nas tentativas de datação, geralmente a questão é o quanto o cap 13 nos indica. Ali Jesus prevê o fim do templo, como castigo divino iminente.

Quem declara a idéia da profecia genuína como carente de base, de qualquer forma precisa colocar o livro depois do ano 70. Neste caso a predição de Jesus é *vaticinium ex eventu*, isto é, só uma suposta profecia de Jesus, que foi colocada em sua boca depois de acontecida a catástrofe. Todavia, também contando com a profecia autêntica, pode-se chegar a uma data posterior a 70, caso se acredite que a profecia foi transmitida em uma forma na qual a recordação do cumprimento recém-acontecido reverbera. Qual o sentido p. ex. da intervenção “quem lê entenda” em 13.14? O sinal para a fuga, ou seja, o “abominável da desolação”, poderia já fazer parte do passado, e a menção é uma lembrança de todas as circunstâncias terríveis. A intenção é que o leitor tenha em mente, emocionado, a profecia com seu cumprimento exato.

A outra alternativa, porém, também é plausível: conforme as notícias mais recentes – era necessário contar com uma média de dois meses para a entrega de uma carta de Jerusalém em Roma, naquela época (Blinzler, p 272s) – a situação “abominável” prevista por Jesus estava tomando forma. Com isto estava dado o sinal da fuga para os irmãos em Jerusalém. A pedra começara a rolar, e o fim do judaísmo centrado no templo estava à mão. O leitor, que vivia neste período carregado de crises, deveria levar em conta que Jesus tinha anunciado tudo isto há 40 anos.

Na questão da data também entra em consideração a pergunta se a palavra sobre a destruição do templo em 13.2 podia ser transmitida de modo genérico e sem comentários, como se o cumprimento tivesse ocorrido recentemente, e o quadro resultante do fim estava diante dos olhos. A idéia é que o texto deveria sugerir isto. Pergunto: Isto é mandatório? Talvez tenhamos uma impressão errônea da ética de tradição de um Marcos que segue com disciplina a sua fonte? (cf 8a).



Pressentimos que as tentativas de ouvir o testemunho do próprio livro continuarão, e provavelmente jamais chegarão a conclusões indubitáveis. Uma visão panorâmica sobre as respostas mais recentes mostra que Wikenhauser, Schmid, G. Haufe, Schweizer, Grässer, Lohse e Riesner datam o livro antes de 70, Kümmel deixa a questão em aberto e Grundmann, Pesch, Gnilka e Schmithals se decidem por uma época depois de 70.

### *b. A voz da tradição*

De acordo com a observação de Papias, o livro não pode ter sido escrito antes do ano 64, porque – até onde se pode ver – a morte de Pedro é pressuposta. Marcos deve ter começado logo seu trabalho, pois exatamente a morte do apóstolo lhe serviu de motivação. Por outro lado, motivação, decisão, pesquisa e execução não devem ser concentrados em poucos meses. Pelo meu entendimento de 13.14 (cf comentário) eu dato a fase final por volta de 67-68.

## **7. A estrutura do livro**

### *a. A divisão geográfica em três partes*

Pelo visto havia um fio condutor para as histórias de Jesus, originário de Jerusalém, que p. ex. também Pedro levou para o trabalho missionário. Este esboço muito simples, que p. ex. não leva em consideração que Jesus esteve várias vezes em Jerusalém, foi seguido também por Marcos:

Batismo, pregação e curas na *Galiléia* e nas regiões adjacentes At 10.36-38; Mc 1–9

Pregação na *Judéia* e em Jerusalém At 10.39a; Mc 10–13

Paixão, morte e ressurreição At 10.39b,40; Mc 14–16

### *b. A divisão cristológica em duas partes*

Todos os expositores perceberam que este evangelho é dividido ao meio por um corte profundo. Estas duas partes se sobrepõem à divisão anterior em três partes. O corte em questão é a confissão de Pedro, que faz com que a 1ª parte vá até 8.26 e a 2ª comece em 8.27. A partir de algumas indicações do livro, queremos mostrar que se trata de um ponto de transição importante em vários sentidos.

Em primeiro lugar, percebe-se uma mudança geográfica. Os movimentos dispersivos do Senhor alcançaram seu ponto mais setentrional. Daqui em diante, seu caminho o conduz claramente para o sul, para Jerusalém. Ao mesmo tempo, a narrativa muda o enfoque dos milagres de Jesus para a instrução dos discípulos. A 1ª parte tinha quase a metade ocupada com milagre após milagre; a 2ª parte só registra três atos de poder, mas relatados do ponto de vista do ensino (9.14-29; 10.46-51 e 11.12-14,20-25). Em vez disto, a instrução dos discípulos passa para o primeiro plano (8.31–9.1; 9.9-13,28,29,30-32,33-50; 10.10-12,13-16, 23-31,35-45; 11.20-26; 13.1-37). Até ali, com exceção do cap 4, só se falou do ensino sem mencionar o conteúdo. Agora isto entra no lugar dos muitos milagres que Jesus fez: o grande milagre, superior a qualquer outro, que é ele mesmo.

O segredo messiânico é desvendado gradativamente. A mudança já se vê em que, exceto na introdução do livro em 1.1, só a partir de agora aparece o título “Cristo” (8.29; 9.41; 12.35; 13.21; 14.61; 15.32). A este se juntam outros títulos com o mesmo sentido. Na 1ª parte, o mistério da pessoa de Jesus já deixava todo mundo curioso (1.22,27; 3.21,22,30; 4.41; 6.2,14s; 8.11), mas Jesus retinha a resposta. A voz do céu o identificou, mas só dirigindo-se diretamente a ele (1.11: “Tu”, contra 9.7: “Este”). Os demônios o conhecem, mas recebem a ordem de guardar silêncio (1.25,34; 3.12; 5.6-8). Milagres poderosos deixam desconfiar quem ele é, mas os presentes recebem a ordem de silêncio como os demônios (5.43; 1.44a; 7.36; 8.26). É importante que se diga que eles não deviam silenciar sobre os milagres, pois estes eram realizados totalmente em público (1.33s; 2.10; 3.3; 5.30), mas sobre sua identidade, que certos milagres esboçavam. Sendo assim, o povo imaginava: ele é um blasfemador (2.7), um lunático (3.21), um possesso (3.22,30), um profeta (6.14,15), etc. Os discípulos também não entendiam (6.52, 8.17s). A 2ª parte, contudo, traz um quadro diferente. Em primeiro lugar, Jesus é confessado corretamente como Cristo pelo grupo dos discípulos (8.29; cf 9.7), depois pelos peregrinos (10.47-49), na entrada triunfal (11.9,10), diante do Sinédrio (14.61s), de Pilatos (15.2) e, finalmente, perante todo o Israel (15.9,12,26,32,39). Com a aproximação da cruz, a confissão se torna cada vez mais franca; depois da morte, bem aberta. A esta altura os mal-entendidos sobre a qualidade do seu messianismo estão fora de questão.

O esclarecimento do mistério messiânico, portanto, anda em paralelo com a formação do mistério da paixão. A 1ª parte já indicou veladamente o sofrimento de Cristo (2.7,20; 3.6 e as parábolas). A partir de 8.31 “ele expunha isto claramente” (v 32), como em 8.31; 9.12,31; 10.33s,45; 12.8; 14.21,22-24,41. O mistério da paixão está ligado principalmente ao título de Filho do Homem. Das catorze passagens com este título, doze se encontram na 2ª parte. O mistério messiânico é substituído pelo mistério do Filho do Homem. Por esta razão, apesar de o confessarem como Messias, os discípulos continuam sem entender. Eles se parecem com o cego curado parcialmente em 8.24s, que já pode ver, mas não com precisão. Pedro ameaça (8.32b) e nega (14.30) este Messias, Judas o entrega (14.18), todos fogem (14.27) e o abandonam (14.50), de modo que ele fica totalmente só no sofrimento.

Assim como o mistério messiânico da 1ª parte é desvendado na 2ª, o mistério do Filho do Homem é revelado na ressurreição. Isto o Senhor anunciou em 9.9. Em 16.7, a nova comunidade do ressurreto se forma. O comandante ao pé da cruz é testemunha (15.39).

## 8. Traços característicos da mensagem do livro

### a. Nota prévia: teologia marquínica?

Quase todos os comentadores mais recentes sentem-se obrigados a pesquisar a questão da teologia própria de Marcos. Todavia, é preciso tomar consciência da situação do evangelista. Ela é totalmente diferente da de Paulo ao redigir a carta a uma igreja. O missivista apostólico fora provocado a, de certo modo, pregar por carta, aconselhar por carta, mas o evangelista tinha tradição a transmitir. Certamente ele o fez com fé no coração e perfil teológico. Sua tarefa lhe permitia ter sua própria teologia, mas não apresentá-la livremente. Sua prioridade não era proclamar e admoestar, mas preparar as condições para que isto pudesse ser feito. Ele não podia ceder ao desejo de fazer acréscimos pessoais nem de atender às necessidades dos destinatários.

Um exemplo: A igreja em Roma naquela época vivia entre perseguições. Ela tinha martírios atrás de si e à sua frente. Mas não foi por isso que Marcos deu tanto destaque à paixão em seu livro. Ele não poderia ter trazido outra tradição de Jesus a alguma igreja que vivesse sem ser importunada.

A ligação com a situação do autor ou dos destinatários, portanto, não é tão estreita em um evangelho como em uma pregação ou carta. O evangelista tinha de passar ao largo de muitas coisas para confrontar a cristandade com suas bases – narrando-lhe a tradição oficial. É sabido que as narrativas, em princípio, não contam com a existência do ouvinte e o desafio do momento. Elas não são apelos diretos, mesmo que também tragam ao ouvinte um leque de possibilidades.

Temos de nos libertar da idéia de que Marcos se dirigiu aos seus leitores como um pastor ao pregar – e com liberdade de escolher o texto. O evangelho de Marcos não é exatamente um objeto adequado para estabelecer a teologia pessoal do seu autor. Nas pesquisas recentes sua participação é bastante superestimada e ampliada, numa ou noutra direção. A situação um pouco diferente de Mateus e Lucas é indicada no item 3.

Portanto, contentamo-nos e conformamo-nos com os “traços característicos” do livro, sem levantar afirmações sobre que relação cada um deles tem com a teologia pessoal do autor.

### b. As boas novas de libertação

Todos os evangelistas são unânimes em que os acontecimentos que eles relatam giram do começo até o fim em torno do “Reino de Deus”, que vem libertar a criação. Eles testemunham um movimento de libertação. A promessa de que Deus volta a ser rei permeia toda a Bíblia. Marcos, porém, ancora seu livro com firmeza em uma passagem específica da Bíblia. Ele dá a este evento do Reino de Deus o título “evangelho”. A relação desta expressão com o Livro da Consolação de Isaías (a partir do cap 40) será mostrada em 1.14,15. Logo no primeiro versículo ele coloca tudo sob a gloriosa palavra: “boas novas” (evangelho = boas novas).

No início da atividade pública de Jesus em 1.14,15, “evangelho” aparece logo duas vezes. Porém, ele também perpassa aquela metade do livro impregnada do tema da paixão (8.35; 10.29; 13.10; 14.9; cf 16.15). A estas oito passagens correspondem só quatro em Mateus; em Lucas falta o substantivo destacado, em João também o verbo relacionado.

### c. Um livro de Jesus

Logo no primeiro versículo, Marcos vincula estas boas notícias a um nome próprio, uma pessoa com a qual o evangelho se confunde completamente: “Evangelho de Jesus Cristo”. Isto se destaca novamente do estilo de Mateus. Este liga “evangelho” com uma realidade: “Evangelho do Reino” (4.23; 9.35; 24.14; 26.13 é exceção). Podemos simplificar a diferença entre Mateus e Marcos nestes termos: Mateus traz um “livro sobre Isto”, Marcos um “livro sobre Ele”. O evangelho de Marcos é permeado em toda a sua extensão pela questão da identidade de Jesus: Quem é Jesus (cf 8.29).

Surgem expressões que usam o verbo ser, uma após outra: “Tu és meu Filho amado!” diz a voz do céu, primeiro a ele e depois aos três confidentes (1.11; 9.7). “Quem é este que até o vento e o mar lhe obedecem?” perguntam seus discípulos (4.41). “Não é este o carpinteiro, filho de Maria?” acham seus conterrâneos (6.3). Herodes pensa: Este é o Batista, que ressuscitou. Outros: Ele é Elias, que voltou. Ainda outros: É um profeta (6.14s, 8.28). Os demônios confessam, rangendo os dentes: “Tu és o Santo de Deus” ou “Filho de Deus” (1.24; 3.11; 5.7). Seus parentes dizem: “Está fora de si” (3.21), os rabinos: “Ele está possesso” (3.22,30). Pedro confessa: “Tu és o [Messias] Cristo” (8.29). Para Bartimeu e os peregrinos que vão à festa ele é o “Filho de Davi” (10.47; 11.9s; cf 12.35). Até Judas o identifica, à sua maneira: “É esse!” (14.44), enquanto Pedro, para surpresa geral, cai fora e banca o desinformado: “Não conheço esse homem” (14.71). Caifás pergunta oficialmente: “És tu o Cristo?”, e Pilatos: “És tu o rei dos judeus?” (14.61 e 15.2), e recebem a resposta: “Eu o sou”, “Tu o dizes!” Pilatos repete a sua frase sempre de novo, verbalmente e por escrito: ele é “o rei dos judeus” (15.9,12,26), e seus soldados o imitam: “Salve, rei dos judeus” (15.18). Até os membros do conselho superior dizem: “Desça agora da cruz o Cristo, o rei de Israel!” (15.32). Contudo, ele fica lá e

morre. Então o comandante ao pé da cruz confessa: “Verdadeiramente, este homem era o Filho de Deus!” (15.39). Na manhã da Páscoa os mensageiros celestiais dizem: “Ele ressuscitou” (16.6).

O que é decisivo é que este livro sobre “Quem é Jesus?” foi escrito para uma igreja antiga (cf 5e). O fato é que não é evidente que Jesus continua sendo Jesus para cristãos comprovados. Como nos são familiares os Jesus fabricados, distorcidos ou nebulosos! Os discípulos precisam, sempre de novo, hoje como antigamente, uma refocalização da sua fé. É este serviço que a tradição de Jesus lhes presta, a começar com este “evangelho de Jesus Cristo” segundo Marcos.

Uma igreja que negligencia a recordação do Jesus terreno, em breve também não terá mais o Cristo verdadeiro de hoje, que é o mesmo ontem e para sempre. Um espírito que não recorda o Cristo de ontem não é um Espírito Santo. Também nisto reside o verdadeiro impulso para a transmissão da tradição de Jesus entre os primeiros cristãos, e para sua conservação definitiva e quádrupla no Novo Testamento.

#### *d. Riqueza de nomes*

A resposta à pergunta pela identidade de Jesus é uma relação considerável de títulos. Ele é o Filho do Homem, o Filho de Deus, o Messias ou Rei, o Filho de Davi, o Senhor, o Santo de Deus, o Profeta e Mestre. De certos textos também se pode concluir que ele é o Mensageiro das Boas Novas, o Servo de Deus, o Pastor, o Noivo e o Valente.

Não é plausível que Jesus tenha viajado por toda a região com as maiores aspirações, mas sem títulos apropriados, como quer uma escola de exegese. Todos os títulos teriam sido formados mais tarde pela igreja. Entretanto, se sua entrada em cena causou perturbação e reflexão – e isto certamente foi o caso – então seus contemporâneos devem ter adotado nomes que o identificassem. Ele mesmo, que até a morte tinha plena certeza da sua missão, não deixou esta missão sem sentido e conteúdo para si e as outras pessoas, mas a definiu. Para isso serviam os nomes da esperança de salvação judaica, especialmente do conjunto de esperança do Antigo Testamento. Como toda profecia é fragmentária (1Co 13.9), todos os nomes sofriam uma transformação profunda assim que eram aplicados a Jesus. Mas Jesus não veio para inventar novos vocábulos.

Entre os nomes de Jesus se destacam “Filho do Homem” e “Messias”, e “Filho de Deus” tem uma função diretiva para todo o livro. Todavia, seria errado isolar um destes títulos e inflar a partir dele uma teologia do Filho do Homem ou do Filho de Deus e, quem sabe, até encontrar diferenças entre eles. Pelo contrário, todos formam juntos um único tecido, que em conjunto testifica o mistério da pessoa de Jesus. Aqui transparece o pensamento de que o sentido do nome espelha o conteúdo da pessoa. Quanto mais títulos, maior a glória. Só os deuses de povos primitivos podiam ficar sem nome; o Deus verdadeiro tem muitos nomes.

O fato de os três nomes mais significativos de Jesus – Filho de Deus, Filho do Homem e Messias – receberem destaque em conjunto durante a paixão de Jesus mostra quão pouco eles concorrem entre si. Na cruz, Jesus finalmente é plenamente o Filho (15.39), mas também o Messias (15.26) e, não por último, o Filho do Homem (8.31). Com isto estamos diante da resposta que realmente importa quanto ao significado destes nomes e de quem é este Jesus. Na cruz tudo fica evidente.

#### *e. Um livro da paixão*

A partir do século II, surgiram na igreja antiga numerosos “processos de mártires”, que relatavam com reverência o fim dos que tinham morrido por sua fé: sua prisão, interrogatório, tortura e morte. Estas descrições eram usadas para a edificação dos crentes no culto e também eram chamadas de *passiones* (sofrimentos). Será que nosso evangelho é o “processo de mártir” de Jesus?

Para um leitor desavisado, a impressão poderia ser esta. Ele entra em cena de repente, sem que se diga uma só palavra sobre sua infância, juventude e vida adulta. Já no começo do cap 2 aparece a acusação de blasfêmia, cuja pena é a morte (2.7). No começo do cap 3 sua morte já está decidida (3.6). Na seqüência, um grupo após outro o condena: os parentes (3.21), os teólogos (3.22), o povo (4.12), os gentios (5.17), a cidade natal (6.3), o rei (6.14ss) e os religiosos (7.5). O anúncio da própria morte de Jesus ocupa neste livro a posição central como nenhum outro assunto (8.31; 9.31; 10.33s). Nisto chama a atenção que Jesus usa de três a seis verbos para definir seu sofrimento, enquanto que para a ressurreição ele só usa um. Por último, os dias finais em Jerusalém ocupam um espaço superdimensionado (a partir do cap 11), mais ou menos um terço do livro. A ressurreição é descrita em poucos versículos (16.1-8).

É evidente que Marcos não tinha a intenção de dar o mesmo peso aos diversos aspectos da vida de Jesus. Seu interesse primordial era sua morte, porque ali ficou demonstrado definitivamente – sem contestação por toda a eternidade – quem é Jesus e como é Deus. Ali o segredo da sua pessoa foi revelado, bem como a condição para todos os seus títulos. Em sentido profundo ele já era antes da sua cruz, e continua depois da cruz, “o crucificado” (cf 1Co 2.2) – o Filho de Deus crucificado, o Filho do Homem crucificado e o Messias crucificado. Por isso a famosa conclusão de Martin Kähler em 1892, de que os evangelhos são histórias da paixão com uma introdução mais detalhada, aplica-se especialmente ao evangelho de Marcos.

Mesmo assim, permanece uma diferença essencial com os processos de mártires da igreja antiga. Ela não consiste somente no tom messiânico do relato da crucificação, também não na história da ressurreição, mas exatamente nesta “introdução detalhada”. Introduções não são escritas à toa, antes têm uma tarefa essencial. Elas conduzem o leitor até o ponto de onde ele tem a visão pretendida pelo autor. Em nosso caso se trata de ver a morte do Senhor do ângulo

certo, com todo seu alcance e profundidade, com a diferença absoluta de todos os martírios do mundo. Na cruz morreu, para o leitor atento do evangelho de Marcos, não uma folha em branco, não um religioso anônimo, mas o portador das boas notícias de que fala o Livro da Consolação de Isaías, autenticado por palavras e ações. Ele morreu – como se pode ver nos milagres – para nos libertar em nossa existência de corpo, alma e espírito, de modo que sua morte se torna praticamente o cerne da mensagem de boas notícias. “Evangelho” é, a partir de agora, acima de tudo a morte, o sepultamento, a ressurreição e a aparição de Jesus (1Co 15.3-5). E para concluir: Jesus não morreu pela mão de romanos ou judeus, mas o próprio Deus o expôs para que fosse julgado em lugar do mundo todo.

#### *f. Um livro dos discípulos*

Uma segunda ênfase se nos apresenta, que, porém, nem por um momento suplanta o tema da paixão, antes o faz sobressair ainda mais. Marcos, em comparação com os outros evangelhos, mostra, com lente de aumento, a relação de Jesus com os discípulos.

Ele coloca a vocação dos discípulos logo no começo da atuação pública de Jesus (1.16-20), como primeiro ato. Dali em diante eles estão quase sempre presentes. Marcos, no entanto, não fala “dos discípulos”, como Mateus e Lucas o fazem geralmente, mas “dos seus discípulos”, e isto até o penúltimo versículo (16.7). Duas vezes ele também diz com destaque: ele “com os doze” (11.11, 14.17), cinco vezes “ele e seus discípulos”, “ele com os seus discípulos” (2.15; 3.7; 8.10,27; 14.14). Quando Jesus quer ficar sozinho, isto é registrado como algo que chamava a atenção. O fato de, no cap 15, ele ter de ficar sozinho, sem os seus discípulos, aparece como uma catástrofe. Portanto, “Jesus e seus discípulos”: este é o quadro que Marcos quer que seus leitores guardem na lembrança. Sem os discípulos dele, não se pode ter o Senhor. O que isto quer dizer?

Chegamos perto da resposta quando notamos que Marcos, no âmbito do grupo maior de discípulos, concentra a atenção nos “doze” (onze vezes, contra oito em Mateus e sete em Lucas). Os trechos em que aparecem os doze estão espalhados por sobre o livro como uma rede (Stock). Diferente do chamado para pregar (veja abaixo), durante o tempo em que Jesus estava com eles o outro motivo de vocação era mais importante para eles: “Para estarem com ele” (3.14, só em Marcos). Eles deviam viver de modo nunca antes visto com Jesus, com o único objetivo de compreender sua identidade. Para isso, Jesus dedicou uma parte considerável do seu tempo e esforço a estas poucas pessoas. Sempre de novo lemos em Marcos que ele os chamou de lado para o treinamento discipular, para que um dia pudessem entrar com força em um debate sobre a sua pessoa. A contraposição em 8.27-30 – os outros/mas vocês – é típica. Só estando com ele em intimidade é que poderiam compreender sua personalidade. Senão, ter-se-iam limitado a um entendimento verbal e intelectual de Jesus, que pode ser adquirido em livros.

É digno de nota que Jesus convocou os doze quando ele já era candidato à morte (3.6!). Estar com ele tinha relação especial, portanto, com seu caminho de sofrimento e a semana da paixão.

Por isso, a convivência com ele se torna tanto mais intensa quanto mais eles se aproximam de Jerusalém (10.32). Cada vez menos ele se ocupa das multidões, dos doentes, possesores ou adversários, cada vez mais só deles. No cap 14, finalmente, fala-se só deles (os doze: v 10,17,20,23; os discípulos no sentido dos doze: v 12,13,14,16,32). Em nenhuma fase ele quer deixá-los, nem por *uma* hora (14.37).

Entretanto, exatamente no momento para o qual seu relacionamento com Jesus fora planejado e preparado, acontece o rompimento terrível: Jesus morre sozinho. De acordo com 15.40,41, as mulheres representam os doze que estão ausentes. Porém não a ausência pesa contra os discípulos: para sempre a lembrança do grupo deles incluirá que um deles até traiu Jesus, “um dos doze”, como Judas geralmente é chamado. E “todos fugiram”. Uma empregada vincula Pedro mais uma vez com o estar-com-ele (14.67,70). Ele, no entanto, contesta, faz pouco caso. O cap 15, que conta o sofrimento, morte e sepultamento de Jesus, durante 47 versículos não menciona os discípulos nem uma vez. Um silêncio significativo. Ele documenta a ausência daqueles que deveriam estar presentes exatamente ali.

Nossa descrição, porém, ainda está incompleta em um aspecto. Todo o fracasso dos discípulos fora predito por Jesus (3.19; 14.18,27,30,72). Estes anúncios foram duros, mas manifestam uma fidelidade sem limites, que abrange até situações terríveis demais. Ainda que os seus discípulos o recusem totalmente, ele não os rejeita. Paciente ele sofre entre eles e por eles. É nesta hora que sua relação com eles adquire uma força e plenitude que supera tudo, da qual brota um novo estar-com-ele (14.28), na verdade ligado àquele que morreu por eles. De modo que foi a semana da paixão que lhes revelou a identidade dele – contrastando com o pano de fundo da vergonha e culpa deles. Não é de admirar que estes homens testemunhassem mais tarde de modo decisivo que o Senhor foi crucificado por nós.

Com isto chegamos ao segundo motivo do seu chamado: “para pregar” (3.14). O fato de estar com ele e de ele existir para eles não era uma demonstração particular de generosidade. O número doze já os colocava como os novos patriarcas de Israel, o alicerce do povo messiânico renovado e a base da raça humana redimida, que já fora mencionada nos “muitos” de 10.45 e 14.25. Fora para isto que ele os trouxera para si. Por meio deles ele queria estender sua atuação para além do seu contexto e tempo imediato. Eles são o instrumento da sua atuação universal de exaltado, até os confins do mundo habitado.

Por isso eles têm lugar tão destacado no “evangelho de Jesus Cristo”. Onde quer que ele seja anunciado hoje em dia, trata-se do evangelho *deles*. No Novo Testamento é que ele encontrou sua forma determinante. Este é o contexto de Jesus que o identifica, sua trilha visível, sua caixa de ressonância por excelência. Sempre de novo o poder de Jesus se manifesta a partir deles.



### *g. Um livro da igreja*

Vimos o comissionamento dos doze, que aconteceu uma só vez na história, e, decorrentes dele, muitas outras coisas que são irrepetíveis. Além deste aspecto incomparável, porém, há muitas coisas em que se pode seguir o exemplo deles, em que os doze servem de modelo. Todavia, modelo para quem?

No transcorrer da história da igreja, quem se apossou dos doze foi especialmente a hierarquia eclesiástica. Papas e cardeais se referiam a eles e se diziam sucessores diretos deles. Infelizmente, assim os doze discípulos foram distanciados dos cristãos comuns. Isto quando nenhum outro grupo de discípulos está tão próximo deles como estes doze.

Certamente esta afirmação pode parecer surpreendente. Ela pelo menos não parece óbvia quando nos conscientizamos de que o “cristão comum”, em sua vida exterior, tem pouco em comum com os doze. Diferente deles, ele leva uma vida familiar regular, ligado à casa e ao emprego. Não deveria ele buscar exemplos no círculo maior de seguidores de que Jesus dispunha naquela época nas aldeias e cidades da Palestina? Este círculo mais amplo, que não seguia a Jesus literalmente, pelo menos lhe era submisso e fiel, às vezes até mais do que os doze (p. ex. 15.42-46). Por isso é surpreendente que os primeiros cristãos, ao transmitirem a tradição, cultivaram muito pouco a lembrança destes amigos de Jesus, e deixou que eles em sua maior parte caíssem em esquecimento. Em comparação com seu grande número, são poucos de quem sabemos os nomes, menos ainda de quem se conta uma história completa. Em vez disto, o interesse principal residia no círculo íntimo dos que andavam separados com Jesus. Capítulo após capítulo são eles que ocupam o centro das atenções.

Isto tem um bom motivo. Em outro sentido, muito mais decisivo, são eles que estão mais próximos do crente simples do que aquele círculo mais amplo. Este só tinha contato esporádico com Jesus, enquanto os doze estavam com ele todos os dias e em todos os lugares. Esta é a questão-chave. Foi sobre os cristãos depois da Páscoa que se pronunciou a promessa: Eis que estou com vocês todos os dias, em todos os lugares estou no meio de vocês, tenho contato constante com vocês! Como a comunhão de Jesus conosco não toma a forma de visitas de médico e não está vinculada a certos lugares de romaria, os doze discípulos correspondem muito melhor conosco.

Parece que este é também o conteúdo dos trechos que falam dos doze em Marcos. São eles que fazem com que o livro seja o livro para a igreja, e devem ser interpretados de uma maneira que nos leve a dizer: “É assim comigo!”

# COMENTÁRIO

## I. O COMEÇO DO LIVRO

### 1.1

#### 1. Princípio do evangelho de Jesus Cristo

##### **Princípio do evangelho de Jesus Cristo, Filho de Deus.**

##### *Observações preliminares*

1. “*Princípio.*” Muitos comentadores relacionam “princípio do evangelho” com a atuação do Batista, ou seja, os próximos oito, no máximo, treze versículos. Para uma pessoa descomplicada, porém, esta frase inicial, devido à sua forma e posição, abre o livro todo. Os escritores judeus costumavam dar início às suas obras com uma frase curta e sem predicado. No NT podemos comparar o começo do evangelho de Marcos e o do Apocalipse, e no AT os dos livros de Provérbios, Eclesiastes e Cantares. Em nenhum destes casos a abertura é condicionada aos poucos versículos seguintes.

Outros comentadores entendem “princípio” no sentido de “motivação para escrever” ou “fundamentos”. Neste caso Marcos teria em mente o esquema de base e desenvolvimento. Seus leitores em Roma estavam experimentando o desenvolvimento do evangelho, isto é, a missão no mundo todo, que Lucas, mais tarde, teve como tema dos Atos dos Apóstolos. Diante disto, Marcos ter-se-ia proposto documentar as bases desta mensagem, ou seja, os testemunhos da atuação terrena de Jesus na Palestina. Quanto ao conteúdo, isto deve ser procedente. Certamente ele fora animado pela intenção, como Lucas mais tarde em seu primeiro livro, de escrever “para que verifiquemos a solidez dos ensinamentos que recebeste” (Lc 1.4, BJ). Contudo, será que foi isto que Marcos expressou? Será que tudo isto está contido nesta fórmula inicial tão curta do livro?

Nossa interpretação oferecerá, acompanhando G. Arnold, um entendimento muito mais simples, que Pesch (I, p 76) infelizmente rejeita sem motivo, evidentemente por ser tão simples.

2. *Separação de frases.* Às vezes nos defrontamos com dificuldades devido ao fato de os manuscritos gregos antigos não usarem sinais. Sem nenhuma indicação, uma palavra seguia à outra, e os leitores estavam

entregues a si mesmos para separar as frases, **p ex**. Parte dos comentadores, então, coloca só uma vírgula depois do nosso versículo, com base em que a fórmula de citação “conforme está escrito”, no versículo seguinte, nunca dá início a uma frase nas 25 vezes em que é usada no **NT**, bem como na **LXX**, mas serve de prova para a frase anterior. Isto, de fato, impressiona. De acordo com isto, o v. 2 esclarece o primeiro: o princípio do evangelho aconteceu como Isaías disse, ou seja, com a entrada em cena de João. Mais uma vez argumentamos que isto desfaz o caráter do primeiro versículo como abertura do livro. Certamente é verdade que a fórmula de citação nos paralelos nunca dá início a uma frase, se bem que a conjunção “como” aparece com frequência nesta função (cf. Bl-Debr 453.2). Por isso não podemos excluir aqui uma exceção à regra (cf. comentário). Mateus e Lucas perceberam o uso contrário à regra e o evitaram.

3. *O acréscimo “Filho de Deus”*. A maioria dos manuscritos, desde a época antiga até a Idade Média, terminam o primeiro versículo com as palavras “Filho de Deus”. Mesmo assim, dificilmente estas palavras faziam parte do texto original de Marcos. Esta é a conclusão dos pesquisadores Tischendorf, Nestle e Aland, dos comentadores Rienecker, Wohlenberg, Vielhauer, Schmithals, Haenchen, Schniewind, Schweizer, Pesch e J. Slomp. As versões mais recentes em português (**BJ**, **NVI**, **BLH**) colocam uma nota de rodapé, indicando a dúvida. Como se chegou a conclusão?

O ponto de partida é o fato de que, no *Códice Sinaitico* ( ), o título de Filho de Deus originalmente faltava neste lugar, tendo sido introduzido mais tarde. Ele também falta em alguns manuscritos medievais, bem como em traduções antigas (síriaca, armênia e geórgia). Principalmente o modo como alguns Pais da Igreja citam este versículo em seus artigos deixa entrever que tinham diante de si um texto sem “Filho de Deus” (**p ex** Orígenes, Irineu, Epifânio e Jerônimo). Estes Pais estão acima de qualquer suspeita de terem omitido o título por razões dogmáticas.

Como se explicam as duas variantes? Será que ocorreu um erro, em que um copista pulou o fim do versículo e deixou o texto incompleto, que depois foi reconstituído? Isto é pouco plausível, já que a frase é curta e forma a abertura do livro. É mais fácil concluir que Marcos escreveu a versão mais curta. Depois o costume conhecido dos copistas, de ampliar em zelo santo os títulos ou frases iniciais de livros bíblicos (cf. **qi** 1) levou ao acréscimo. Para isto serviu ao escrevente a forma confessional conhecida do culto cristão: “Cristo, Filho de Deus”. A idéia oposta, de que ele tenha cortado deste lugar visível a confissão solene, que é um tema principal em Marcos e um assunto central na igreja antiga, até agora não pôde ser consubstanciada.

- 1 Depois que um conferencista fez suas diversas observações preliminares, ele provavelmente ergue o tom de voz e diz: Agora, mãos à obra, entremos no assunto! Este costume dos oradores também adentrou a literatura. G. Arnold, em seu artigo de 1977, alistou numerosos exemplos da antigüidade, de como os escritores destacam suas notas introdutórias explicitamente do seu texto principal, falando a certa altura do “princípio” do seu assunto. Este princípio ocorre mais cedo se as notas iniciais forem mais breves, e poderia estar já na primeira linha, como é o caso de Marcos. Em Oséias, **p ex**, ele está no segundo versículo. Na **LXX** a frase está assim: “Princípio da palavra do Senhor para Oséias”. Da mesma maneira podemos ler em muitos textos da Antigüidade sobre o começo de uma “palavra”, de uma “narrativa”, um “livro” ou uma “história”.

Marcos também identifica com estilo literário seu **princípio**, que é o do “evangelho”, e deste modo transfere conscientemente a tradição de Jesus, que até então era principalmente oral, para a literatura. Ele lhe dá a forma de um livro. Um processo semelhante fora uns vinte anos antes o do início do aconselhamento de igrejas na forma de cartas, que serviu para substituir a visita pessoal do apóstolo (1Ts 2.17–3.6; 5.27).

**Evangelho** era, no século I, a expressão curta que a igreja usava para a mensagem missionária. Nós a encontramos no NT em especial com Paulo (60 vezes, contra 16 outras passagens). Paulo, porém, podia, como mostra a carta aos Romanos, pressupor que o termo era comum também na capital distante, em uma igreja que não fora fundada nem formada por ele. A expressão, portanto, era amplamente conhecida. O conteúdo do evangelho é **Jesus Cristo**. Em 1Co 15.3-5 Paulo o define de modo ainda mais exato: O conteúdo do evangelho é a proclamação do Messias, que foi crucificado, sepultado, ressuscitou e apareceu aos doze. Nisto Paulo pode evocar o consenso entre todos os missionários (v. 11).

Percebe-se muito pouco que a mensagem de um Messias crucificado não poderia estar isolada no início, pois nem judaísmo nem paganismo estavam preparados para um Messias assim. Não passavam quinze minutos sem que o pregador tivesse de responder a perguntas e mais perguntas: Quem era este que fora pendurado num tronco? De onde ele era? Por que morrera desse jeito? O que ele fizera? O que ensinava? A isto respondiam os narradores que acompanhavam os missionários cristãos (cf. **qi** 2f) com a tradição de Jesus. Davam informações tiradas do material de recordação

autorizado. A partir de 70, portanto depois de uma geração, o que havia de novo não era que a tradição de Jesus acompanhava a proclamação de Cristo, mas que assumiu forma de livro.

É desnecessário dizer que a tradição de Jesus não trazia outro evangelho que os missionários. Mesmo assim, não era automático que todo o material agora fosse chamado de “evangelho”. Lucas e João, pelo menos, deixaram o substantivo totalmente de lado. O uso que Marcos fez dele, porém, acabou se impondo (cf. q1 1, final).

Origem e história do termo “evangelho” são relatados em 1.14s. Aqui queremos chamar a atenção para a sonoridade deste estrangeirismo cristão em nosso vocabulário. O tom e o brilho destas cinco sílabas do grego são inimitáveis: *eu - ang - ge - li - on!* Um misto maravilhoso de tons cheios e profundos, alegres e vibrantes, um repicar tempestuoso de sinos! Hoje usam-se várias traduções ou paráfrases: boa nova, exclamação de júbilo, anúncio da vitória, mensagem de salvação, notícia de alegria. Tudo gira em torno do prefixo *eu-*. Também existem mensagens de ameaça (*dysangelion*). Em todo caso, aqui se trata do anúncio de uma explosão de júbilo, por trás da qual está um Deus de alegria contagiosa. Ele tem tanta alegria que ela transborda, se derrama em escala mundial, sobre toda a criação.

Vemos que Marcos, logo no primeiro versículo, disparou um tipo de foguete luminoso, que agora paira sobre toda a sua obra, também sobre os capítulos da paixão e o pavor pascal de 16.8, e espalha sobre tudo sua bela luz: evangelho!

## II. JESUS INICIA SEU CAMINHO

### 1.2-13

#### *Observações preliminares*

1. *Título e delimitação.* Não chamamos esta parte de introdução, prólogo ou preparação, pois tudo o que é introdutório já deveria estar antes do v. 1. Com este, o tema em si já é apresentado, de modo que agora segue o primeiro parágrafo: Jesus inicia sua caminhada, e isto no contexto do movimento de batismos liderado por João. As primeiras fontes cristãs são unânimes nesta descrição. Sem este ponto de partida, a narrativa de Jesus estaria mutilada. Este parágrafo está claramente separado do que segue a partir do v. 14, isto em termos geográficos (deserto – Galiléia), de tempo (fim da atuação do Batista e início da de Jesus) e de estilo (“depois de” em lugar da ligação costumeira “e”; nova apresentação de Jesus por nome).

2. *Importância programática.* Apesar de Marcos passar pelos eventos com muita pressa, ele reflete com atenção sobre cada um deles e lança as bases para todo o seu livro. O início dos livros era planejado com cuidado na Antiguidade, e também no NT muitas vezes tem importância programática. Os versículos, *p ex*, estão semeados de expressões de peso: Senhor, Filho, Espírito, céu, Satanás, anjo, batismo, arrependimento, confissão e perdão dos pecados, tentação. Com toda a concisão, fala-se aqui a partir de grande profundidade e seriedade, em que não entramos com facilidade. É exatamente aqui que não podemos nos permitir interpretações apressadas.

Dois termos básicos, que ligam tudo o mais entre si, ainda não foram mencionados: deserto e caminho. O deserto aparece nos v. 3,4,12,13. Tudo transcorre no deserto: a proclamação do Batista (v. 2-8), o batismo de Jesus (v. 9-11) e a tentação por Satanás (v. 12,13). Além disso, fala-se no deserto de um caminho (v. 2,3) e da “vinda” de Jesus por este caminho (v. 7,9).

Os temas citados reaparecem no livro. De “perdão de pecados”, *p ex*, fala-se quatro vezes em 2.1-11, e o tema “caminho” recebe muito destaque na segunda metade do livro (8.27; 9.33s; 10.17,32,52). A confissão do Filho ecoa em 9.7 e tem seu apogeu em 15.39. Exceção é o termo “deserto”. Ele pertence só a este primeiro parágrafo (em 1.35,45; 6.31s,35 e 8.4 o grego usa outras palavras).

3. *Interesse cristológico.* Apesar de o trecho apresentar dois personagens em sequência, João e Jesus, só Jesus recebe destaque. Por isso não se ouve nada sobre cidade de origem, família e história de João, o lugar de batismo, seus discípulos e adversários, seu papel como Elias e a pregação do julgamento. Tudo se encaminha para uma só coisa, a vinda de Jesus (v. 7s). O parágrafo tem um cunho cristológico como poucos.

4. *Relação com Qumran?* Desde que, entre 1951-57, a apenas duas ou três horas a pé do local de batismo, nas margens do mar Morto, a aldeia-mosteiro de Qumran foi descoberta e identificada como possível centro dos essênios, impõe-se a pergunta pela relação de João com eles. Até porque Lucas 1.80 também relata: “Viveu nos desertos até ao dia em que havia de manifestar-se a Israel”.

Os essênios eram um movimento paralelo ao dos fariseus, com a diferença de que, em vista do fracasso da liderança religiosa de Jerusalém, não acreditavam mais em reformas e emigraram para o “deserto” no século II a.C., assim como o antigo Israel tinha abandonado o Egito. Ali eles se consideravam como o único segmento de Israel pronto para a conversão, com o qual Deus poderia fazer um novo começo. No deserto eles esperavam

os tempos do fim, como um retorno aos primeiros tempos de Israel. Nos escritos deles, [Is 40.3](#) aparece várias vezes ([p ex](#) 1QS VIII.13-16). A menção exatamente deste texto, a exigência de conversão, o rigor ascético, banhos diários de purificação por imersão e, acima de tudo, sua estada no deserto, lembram-nos imediatamente o João do nosso texto. Será que ele era um deles? Entretanto, o abismo que os separa é muito evidente. Chama a atenção como João aplica [Is 40.3](#) a si mesmo. Com base em sua vocação por Deus, ele se considerava aquela “voz” ([Jo 1.23](#)). Além disso, ele convocou *todo* o povo, o que inclui os essênios, que se gloriavam da sua conversão e ablução diárias, à conversão e ao batismo verdadeiros, fundamentais e irrepetíveis. Acima de tudo se destaca sua ligação especial com Jesus. Ele transferiu seu movimento para o movimento de Jesus.

## 1. João Batista anuncia aquele que vem, 1.2-8

(Mt 3.1-12; Lc 3.1-18; Jo 1.19-28)

**Conforme<sup>a</sup> está escrito na profecia de Isaías:**

**Eis aí envio diante da tua face o meu mensageiro, o qual preparará o teu caminho; voz do que clama no deserto: Preparai o caminho do Senhor, endireitai as suas veredas<sup>b</sup>; apareceu<sup>c</sup> João Batista<sup>d</sup> no deserto<sup>e</sup>, pregando<sup>f</sup> batismo de arrependimento<sup>g</sup> para a remissão de pecados<sup>h</sup>.**

**Saíam a ter com ele toda a província da Judéia e todos os habitantes de Jerusalém; e, confessando<sup>i</sup> os seus pecados, eram batizados por ele no rio Jordão.**

**As vestes de João eram feitas de pêlos<sup>j</sup> de camelos; ele trazia um cinto de couro e se alimentava de gafanhotos e mel silvestre.**

**E pregava, dizendo: Após mim<sup>l</sup> vem aquele que é mais poderoso do que eu, do qual não sou digno de, curvando-me, desatar-lhe as correias das sandálias.**

**Eu<sup>m</sup> vos tenho batizado<sup>n</sup> com água; ele<sup>m</sup>, porém, vos batizará com o Espírito Santo.**

*Em relação à tradução*

<sup>a</sup> *kathos* é usado aqui para fundamentar: “como” (Bl-Debr 453.2)

<sup>b</sup> *tribos* indica um caminho muito usado, às vezes uma estrada militar; por isso não “trilha”.

<sup>c</sup> Como uma frase clara de comparação não está formulada, os v. 2-4 não devem ser traduzidos por “assim como”. O esquema é o de fundamento e consequência: como está escrito, aconteceu.

<sup>d</sup> Este particípio não pode ser desfeito, como também em [6.14,24](#), mas deve ser traduzido como título. Este título acabou se firmando como substantivo, “o Batista”, cf. [6.25](#); [8.28](#).

<sup>e</sup> *eremos* como no v. 12s, claramente derivado da citação no v. 3. Em outras passagens é *eremos topus* ([1.35](#); [1.45](#); [6.31,32,35](#)) ou *eremia* ([8.4](#)).

<sup>f</sup> *keryssein*, de *keryx*, arauto: gritar alto, anunciar, proclamar.

<sup>g</sup> *metanoein* era uma palavra bastante rara no grego para mudança de intenção ou de opinião, mas no NT substituiu vocábulos antigos como *epistrephein*, com o qual a LXX traduz o chamado profético à conversão (*schub*). Por isso *metanoein*, no NT, deve ser traduzido como *epistrephein*, “dar meia-volta”, tendo em mente o contexto comum do AT. A tradução “mudança de mente” é uma limitação intelectualizada do sentido. Trata-se de mais do que só uma mudança de opinião; é um voltar-se por inteiro para Deus.

<sup>h</sup> *eis aphasin* pode referir-se aos efeitos do batismo: por ele recebemos perdão. Todavia, a preposição *eis* pode estabelecer uma relação e apontar uma direção, como um longo dedo indicador. O batismo é “para perdão, em vista da morte de Cristo, em seu nome”. Uma analogia pode ser [Mc 14.8](#): unção “para (*eis*) a sepultura”, não como efeito do sepultamento.

<sup>i</sup> *homologeîn* tem aqui seu sentido original: dizer a mesma coisa, concordar com a afirmação, no caso confessar os pecados sob a força das provas apresentadas.

<sup>j</sup> Termo acrescentado corretamente. *Peles* de camelos teria ferido as prescrições judaicas de pureza.

<sup>l</sup> “Vir após mim” também pode ter um sentido mais pleno: ser meu seguidor, ter relação de discípulo comigo. Aqui, porém, temos simplesmente uma indicação de tempo, pois Jesus, como muitos outros que João batizou, em nenhum momento foi discípulo de João. [Jo 1.30](#) enfatiza isto.

<sup>m</sup> O pronome pessoal está enfatizado no grego.

<sup>n</sup> O tempo passado, ligado ao v. 9, não permite concluir que Jesus tenha sido a última pessoa que João batizou. A introdução “naqueles dias” no v. 9 deixa o tempo totalmente em aberto.

*Observações preliminares*



1. *A missão de João*. De acordo com 11.29-33, a autoridade de João tinha a mesma origem da de Jesus. Ambos estavam cumprindo o livro da Consolação de Isaías. Todos os evangelistas colocam a entrada em cena de João sob o prenúncio de Is 40.3: A notícia de alegria toma o lugar da notícia de ameaça. Isto é o que importa no chamado ao arrependimento. Em João, assim como em todo o AT, ele faz parte da proclamação da salvação, e até o batismo de João põe a pessoa na expectativa da salvação (v. 8). João preparou o caminho para o arauto das boas notícias, mesmo que também o caminho para a cruz. Ele fez isto pregando e batizando e, no fim, também com seu próprio sofrimento (1.14; 6.14-29; 9.12,13). Se esta conclusão é correta, então não podemos concordar com uma opinião adotada também por Rienecker (Mateus, p 41): “Lá (com João), a Lei – aqui (com Jesus), o evangelho; lá condenação, aqui graça”. Käsemann é ainda mais categórico (Haenchen, p 60): Com palavras e ações, Jesus estava em oposição a João! As diferenças reais entre os dois personagens serão estudadas no v. 8.

2. *O chamado ao arrependimento no judaísmo*. Ondas de arrependimento costumavam varrer o judaísmo. A comunidade de Damasco, p ex, um grupo essênio do século I a.C., usava o nome singelo e arrogante: “Comunidade do arrependimento”. Também na literatura rabínica ecoa a frase: “Grande é o arrependimento!” (Behm, ThWNT IV, 991s). O sentido era ter a intenção de seguir com exatidão os preceitos judaicos. Com isso, porém, o arrependimento corria sempre o perigo de ser empurrado para a margem da vida e vinculado à idéia do mérito. A pessoa faz uma lista dos seus atos de obediência e espera a misericórdia de Deus em resposta. “Se Israel se converter (à obediência rigorosa da Lei), ele será salvo”, isto é, virá o Messias (ibid 992). Israel pode produzir a vinda da salvação, convertendo-se. Esta conversão, porém, não era considerada completa e única, trazendo realmente a paz. No livro dos Jubileus, do século II a.C., está escrito (v. 18): “Ele terá misericórdia de todos que se arrependem dos seus pecados *uma vez por ano*”, ou seja, na festa anual da expiação. Até a conversão diária era ensinada. Desta maneira as pessoas levavam por toda a vida o “jugo da conversão”.

João Batista declarou esta atitude arrependida de inútil e inválida, ao convocar todos os portadores do “jugo da conversão” para o “batismo de arrependimento”. Salvação e conversão trocam de lugar. Seus ouvintes não devem mais arrepender-se *para que* a salvação venha, mas *porque* ela já estava às portas, assim como a gente não abre as venezianas para que o sol brilhe, mas porque ele já nasceu. A gente se converte de tanta graça, não para tornar Deus gracioso. A conversão é resultado da conquista pela graça radiante de Deus.

3. *O batismo de João*. Já no AT a água ocupava um papel religioso destacado, com múltiplos usos. Os fariseus ampliaram ainda mais a abrangência das abluções. As sinagogas eram construídas de preferência em terrenos com água (At 16.13), e logo na entrada os visitantes eram recebidos por jarros de água para a purificação ritual. Os essênios (cf. opr a 1.2-13), antes de cada almoço, tomavam um solene banho por imersão; em Qumran este era o costume na admissão. Mesmo assim João saiu tanto do esquema, que ele, e só ele, recebeu o epíteto “Batista”. De onde vinha seu uso tão incomum da água?

De início constatamos três elementos característicos. Primeiro, o batismo de João era limitado no tempo, que ia do seu chamado até a vinda do Prometido. Depois disto João parou de batizar: “Eu vos tenho batizado” (v. 8). Ele deveria somente preparar o caminho, não dar início a uma seita (cf. Jo 3.30). Em segundo lugar, este batismo estava ligado à sua pessoa. Não foi em vão que ele tinha o nome de “Batista”. Jesus, Paulo e Pedro tinham quem efetuasse os batismos por eles (Jo 4.2; 1Co 1.7; At 10.48), mas no caso de João o texto acentua que as pessoas eram batizadas *por ele* (v. 5,8,9). Por último, parece também que este batismo estava ligado ao Jordão. Apesar de ser tão breve, o relato menciona o rio duas vezes (v. 5,9). Talvez porque o Jordão servia de fronteira entre a terra cultivada e o deserto, assim como o Mar de Juncos separava o Egito do deserto. O batismo tinha relação com este rio fronteiriço, pois era ensinado que o antigo Israel fora “batizado” no Mar de Juncos, e que o Israel do tempo messiânico haveria de passar novamente por este batismo (J. Jeremias, Theologie, p 51; cf. 1Co 10.1,2). A pergunta dos judeus em Jo 1.25 pressupõe claramente esta expectativa: “Por que batizas, se não és o Cristo, nem Elias, nem o profeta?”

Neste contexto podemos compreender a situação única do Batista e sua atuação. João preparava o povo para a revelação escatológica de Deus em um novo “Sinaí”, chamando-o mais uma vez do “Egito” pelo “Mar de Juncos”, ou seja, o batismo. Em vista disto, este batismo não se enquadra no simbolismo de purificação, como os rituais judaicos, antes no simbolismo do sepultamento. Um sepultamento documenta um falecimento. Assim o povo, com seu batismo no Jordão, testemunhava ter morrido para o velho ser rebelde e estar-se abrindo para a salvação vindoura (perdão dos pecados e batismo do Espírito).

**2,3** Antes de Marcos relatar o primeiro acontecimento, ele o fundamenta na palavra profética. O evento de Cristo não equivale ao enigma de um bebê abandonado. Não corresponde a uma idéia esporádica de Deus, nem ao prazer no absurdo, mas exala sua fidelidade para com Israel. Para Marcos este embasamento na doutrina e na lógica da Escritura era imprescindível, assim como para os demais escritores do NT, mesmo quando os leitores não eram judeus, como neste caso. Desfazer-se do AT e deixá-lo fora por razões missionárias estava fora de cogitação. Aonde Jesus chegava, o AT vinha com

ele, pois quem não conhece o AT não pode conhecer a Jesus completamente. Somente no século II Márcion desenvolveu outro programa: um Jesus abstrato, de preferência sem AT e judaísmo. Ele se tornou um secreto Pai da Igreja para muitos teólogos, até hoje.

O trecho citado é da segunda parte do livro de Isaías, os cap 40–66, que despontam no AT como uma cadeia de montanhas. Este Livro da Consolação isaiano tem ocupado de modo incomum tanto judeus como cristãos. No presente parágrafo transparecem principalmente os seguintes trechos: Is 40.3 no v. 3; 44.3 no v. 8; 63.19b no v. 10 e 42.1 no v. 11, com vários pontos de contato com v. 14s. É evidente que, para Marcos, serve de moldura especialmente o trecho em que o evento do Batista e de Jesus se torna compreensível e recebe o devido destaque (cf. 10.45).

A citação da profecia de Isaías é apresentada por uma parte de Êx 23.20: **Eis aí envio diante da tua face o meu mensageiro**, e outra parte de Ml 3.1: **O qual preparará o teu caminho**. Estas combinações de palavras bíblicas são comuns no judaísmo (Bill. i, 96s; Steichele p 51, n 40). Desta maneira, a palavra de Is 40.3 que segue recebe direção: **Voz do que clama no deserto: Preparai o caminho do Senhor, endireitai as suas veredas**. A mensagem de Isaías é, pela citação de Moisés, dirigida ao Messias, e, pela ligação com Malaquias, uma indicação clara do tempo final. A mistura de citações acaba interpretando o texto de Isaías: O “Senhor” é o Messias e o “caminho” é o do Messias. Em vez de um caminho pelo deserto, como em Is 40.3, fala-se agora de alguém que chama no deserto, não divino, como lá, mas humano. A profecia que, isoladamente, é só “em parte” (1Co 13.9), aqui é engolfada pelo cumprimento.

O que uniu os três textos bíblicos foi o fato de falarem do “caminho”. Eles provinham de três épocas difíceis, mas comparáveis para Israel. Com força maior surge o pensamento comum: preparativos para a vinda de Deus para atender ao sofrimento do seu povo. O leitor da Antigüidade logo sabia do que se tratava, ele conhecia visitas dos reis. As cidades orientais não tinham coleta de lixo ordenada, de modo que geralmente grandes montes de detritos entulhavam os acessos aos portões. Quando da visita do rei, tomavam-se todas as providências para que os carros da sua comitiva pudessem entrar na cidade sem quebrar eixos em buracos ou tropeçar sobre imundícies. Disto dependia em boa parte a generosidade do hóspede de alta posição.

Em primeiro plano está, naturalmente, o cativo babilônico de Israel. Os deportados estavam no fundo do poço. Exasperados, tinham de submeter-se à sua sina. Mais de mil quilômetros de deserto os separavam de Jerusalém. Então há uma mudança radical no coração de Deus. Em meio à desesperança ouvem-se sons há muito não ouvidos, sussurros carinhosos como os de um apaixonado à sua amada. A ameaça se torna consolo. Iavé quer restabelecer seu relacionamento com Israel, quer ser novamente o seu Deus diante do mundo inteiro. Com mão poderosa, como no Egito de antanho, ele quer tirá-los de Babilônia e trazê-los para a terra prometida, em um novo Êxodo. Atos milagrosos abrem caminho pelo deserto. Os tempos antigos se repetem no tempo final.

Tudo isto é atualizado agora para a época dura, cruel e pobre de João. Ele mesmo é a “voz”, o “mestre de obras da construção de estradas” espirituais. Obviamente, se a construção da estrada real está em andamento, é porque a visita do rei é iminente. Por isso João, indiretamente, é mensageiro de boas novas.

- 4 Portanto, aconteceu aquilo que Isaías profetizara: **apareceu João Batista no deserto, pregando batismo de arrependimento para remissão de pecados**. Será que foi mesmo para batizar que João apareceu **no deserto**? Não seria melhor em uma região bem regada? Quando ouvimos a palavra “deserto” pensamos logo em areia e aridez até onde os olhos alcançam. Em Lucas 15.4, porém, uma pastagem também é chamada de “deserto”. Aqui também o v. 6 pressupõe plantas. Na Bíblia, deserto é “uma terra em que não se semeia” (Jr 2.2), em contraste, portanto, com a terra cultivada, e onde nômades levantam suas tendas e criam seus rebanhos. A parte sul do vale do Jordão e as regiões próximas fazem parte deste cinturão de estepes que forma a transição para o deserto sem água, chamado de “deserto” no AT e no NT e também pelo escritor judeu Josefo. Ele consiste em um terreno calcário rochoso muito acidentado, com uma camada fina de húmus e vegetação esparsa.

Neste trecho, na verdade, a expressão “deserto” (veja a nota) tem um sentido mais que geográfico. O deserto se diferencia da terra cultivada por ser pouco habitado, razão pela qual é considerado um lugar de encontro intenso com Satanás (v. 12), mas também com Deus (v. 10s). Foi no deserto que o povo de Deus nasceu. Foi ali que recebeu lei e aliança, presenciou os milagres de Deus e usufruiu da sua direção. Por isso, em retrospectiva, a temporada no deserto foi, para Israel, o tempo ideal e o lugar de todos os novos começos (Is 43.19; Jr 2.2; Os 2.16-25; Am 5.25), apesar de todos os terrores.

Por esta razão, os movimentos messiânicos de renovação começavam sempre de novo no deserto (Mt 24.26; At 21.38), para dali, como Josué outrora, penetrar vitoriosos na terra prometida. Não por último era o texto citado de Is 40.3 o que incentivava a experimentar ali a revelação de Deus e a conversão do povo.

João **pregava**, um termo que designa, diferente de “ensinar”, o revelar em público coisas até então desconhecidas, objetivando sempre uma tomada de posição, no nosso caso o arrependimento (cf. 1.15; 6.12). Chama a atenção o conteúdo da pregação, que sublinha mais uma vez o título de João. Ele pregava **batismo de arrependimento**; portanto, um batismo que desafiava à conversão total e estava recheado de arrependimento. Conversão a quê? Isto depende sempre da medida da revelação divina. No Jordão Deus se revelou a princípio pelo que preparava o caminho, chamando, mas ainda não pelo “Senhor” do v. 3. Jesus ainda não tinha chegado, e a mensagem de alegria ainda não fora anunciada (cf. v. 14s). Este “ainda não” também limitou a conversão daquela hora. Era uma conversão à espera daquele que viria e do seu reino. Só por isso somos advertidos, como por Pesch I,82, a não falar de um “papel mediador da salvação” do batismo de João.

O batismo acontece tendo em vista a **remissão de pecados**. Aqui temos de manter distância de qualquer superficialidade. Por “pecados” não se entende aqui transgressões esporádicas de mandamentos, nem se entende por “remissão” a purificação regular de pecados prevista pela lei mosaica (cf. 2.7). Por causa do v. 3, temos de procurar a expressão e o fato no livro da Consolação de Israel, p ex Is 40.2; 43.24,25; 44.22; 53.5s; 55.7, mas também nas outras profecias de salvação, p ex 33.24; Jr 31.34; Ez 16.63; 36.25ss; Os 14.25; Mq 7.18. O perdão neste sentido ainda não existia na época da aliança antiga, e era uma questão futura.

O ponto de partida da palavra de perdão, portanto, era a aliança antiga rompida por Israel. “Pecados” refere-se à seqüência de rompimentos da aliança e sua somatória, que conserva Israel sob julgamento. A isto se referia a profecia de uma nova iniciativa de Deus, de instituir uma nova aliança, melhor, no fim dos tempos (cf. Hb 8.6). Este novo alicerce que Deus queria colocar, por um ato judicial, para Israel ser o povo de Deus, tinha o nome de “remissão dos pecados”. Este ato, porém, não está na mesma linha de outros atos e dons de Deus, antes, é a ajuda central, sem a qual tudo o mais perde seu valor. Ele é o cerne de toda ação salvadora.

Este tesouro de salvação, portanto, não é um “serviço de consertos” da aliança antiga. Não fora em vão que João tinha tirado os judeus de Jerusalém e dos negócios do templo para o deserto, direcionando-os para o batismo do Espírito e a nova criação. Contudo, ele foi enérgico em atribuir a concretização disto àquele que viria depois dele. Seu batismo ainda não concedia o Espírito e, portanto, também não o perdão escatológico dos pecados. Senão, os professores da lei certamente já teriam levantado contra ele a acusação de blasfêmia de 2.7.

Depois deste esclarecimento, devemos voltar-nos expressamente para o sentido do batismo de João. Com ele os batizados estavam dando razão a Deus (Lc 7.49). Cheios de contrição, eles rompiam publicamente com a antiga maneira de ser, com todas as suas artimanhas. Cheios de esperança, eles aguardavam o Senhor vindouro e sua salvação. Candidatavam-se ao batismo do Espírito prometido e, dali em diante, mantinham-se à disposição deste outro mais forte. É claro que, se este anúncio do futuro iminente fosse falso, todos estes batismos na água também teriam sido um salto no vazio. Por isso, a única coisa que João queria saber em Mt 11.3 era: “És tu aquele que estava para vir?”

- 5 O v. 5 resume o impacto tremendo. **Saiam a ter com ele**, como a uma voz de comando e como na saída do Egito (o termo é o mesmo em Êx 13.4,8), **toda a província da Judéia e todos os habitantes de Jerusalém**. O autor não está vendo tanto muitas ações individuais, quanto um êxodo em massa operado por Deus. O judaísmo daquela época estava totalmente fragmentado. Havia, p ex, os cobradores de impostos, que se garantiam na colaboração com os opressores romanos e desfilavam pelas ruas alegres e atrevidos. Em contraste total com eles estavam os fariseus, fiéis à lei, que recusavam toda comunhão com os pagãos. Um grupo fechado de umas 300 famílias da antiga aristocracia sacerdotal, chamados de saduceus, tentavam, por meio de tramóias astutas com os romanos, tirar o melhor da sua situação. Contra isso, os zelotes, os defensores da pátria, entraram na clandestinidade, chamavam a atenção com assassinatos e sabotagens e aliciavam pessoas para a revolta. E ainda nos lembramos dos moradores do deserto, os essênios, que queriam efetuar a vinda da ajuda de Deus com rigor ascético. Este povo sofrido experimentou com João mais uma vez o milagre da unanimidade.

O reformador Zwinglio achou que, já que *todo* o povo do interior e *todos* os moradores de Jerusalém se deixaram batizar, isto incluiu as crianças pequenas. Assim ele tinha sua base no NT para o batismo de crianças. Este exemplo mostra como se pode ferir um texto tomando-o ao pé da letra e fechando os olhos para sua intenção. É óbvio que Marcos não quis dizer que não ficou viva alma no país sem ser batizada. Em 9.13; 11.31 ele mostra que os teólogos se recusavam a crer e ser batizados pelo Batista. O que importa aqui é a impressão geral. O poder persuasivo do Batista ainda ecoa em 11.17-33, e a agitação impressionante do povo foi testemunhada também pelo escritor judeu Josefo. De acordo com ele, Herodes Antipas até temia um levante popular, de modo que se viu forçado a intervir.

Com um segundo imperfeito ilustrativo nos é dito: **e [...] eram batizados por ele no rio Jordão**. Dá até para ver todas aquelas pessoas numa longa fila. Mas só era batizado quem o desejava. Em Lc 7.30 está registrado que os fariseus e intérpretes da lei “rejeitaram, quanto a si mesmos, o desígnio de Deus, não tendo sido batizados”.

O tempo imperfeito é completado com um gerúndio bem expressivo: **confessando os seus pecados**. É aqui que se concentra o peso de todo o versículo. Com a confissão caracterizando o batismo, como no versículo anterior o arrependimento, fica mais uma vez evidente que o batizando não recebia alguma coisa no batismo, mas fazia alguma coisa. Ele honrava a Deus com seu reconhecimento (cf. Js 7.19), dava razão a Deus (Lc 7.29).

Eles não confessavam seus “pecadinhos” mas, como todo o contexto já mostra, sua rejeição de Deus. Os cobradores de impostos entre eles o faziam sem sua indiferença habitual, os fariseus apesar da sua religiosidade incansável, os essênios apesar do seu ascetismo cheio de privações, os zelotes apesar do seu engajamento decidido por Deus, e os saduceus apesar da sua sensatez política. Sua simples ida “ao deserto” já dá a entender que eles suspeitavam que todo o judaísmo que tinham cultivado até então precisava ser perdoado para que pudessem ter parte na salvação, na lavagem completa pelo Espírito Santo (v. 8).

- 6 Inesperadamente se fala nesta altura de coisas exteriores. Mesmo assim, o versículo não é um acréscimo desajeitado, mas se encaixa bem no contexto.

Acabamos de ler da conversão do povo, que, conforme Mt 3.1 (cf. v. 2), Elias deveria efetuar quando voltasse (cf. 9.11-13). É isto que nosso versículo sublinha. João era Elias! Sua maneira de vestir e seu estilo de vida o comprovam: **As vestes de João eram feitas de pêlos de camelo; ele trazia um cinto de couro e se alimentava de gafanhotos e mel silvestre**. No Oriente o cinto é uma peça de roupa importante e especialmente característico. Ele serve para levantar e amarrar as roupas espaçosas, e também para prender armas e ferramentas, guardar dinheiro e até como sinal de posição social. Pode ser feito de lã, linho ou couro, eventualmente bordado, trabalhado ou ornamentado. Quando quiseram descrever Elias em 2Rs 1.7,8, falaram do seu “cinto de couro”. A lembrança do seu manto também estava arraigada na tradição (1Rs 19.13; 2Rs 2.8,13s). É claro que o cinto de couro, a roupa grosseira de pêlos de camelo e a alimentação com gafanhotos cozidos ou torrados e o mel tirado de fendas nas rochas ou árvores ocas, serviam para caracterizar qualquer morador comum do deserto (cf. Mt 11.8). Eram tudo coisas que se conseguia fora do mundo civilizado. O que chama a atenção é a abstinência de carne e vinho. Tudo isto é mencionado aqui com destaque e aponta para a simplicidade proverbial dos homens de Deus (Is 20.2; Zc 13.4; Mt 7.15; Hb 11.37). Naturalmente nem todas as pessoas simples são profetas, mas provavelmente os profetas são pessoas simples, na medida do possível independentes em sua vida exterior. Eles não precisam o que “a gente” precisa. Afinal, o que pessoas envolvidas com o mundo teriam a dizer ao mundo?!

João, portanto, era profeta. “Todos consideravam a João como profeta” (11.32). Isto também prepara sua próxima afirmação. Em comparação com o v. 4, agora se fala claramente do conteúdo do que ele pregava, dizendo:

- 7 **Após mim vem aquele que é mais poderoso do que eu**. Quando um arauto proclamava numa praça de mercado a visita de um rei, muitas vezes ele era recebido pela população com honrarias exageradas, para, através dele, se conseguirem as boas graças do rei. Este arauto está em situação semelhante. Com seu poder sobre o povo, ele constatou que era forte, um superprofeta venerado (cf. Mt 11.9). Podia ele entregar-se às efusões do favor popular? Ele diz, de modo a deixar bem claro, quem ele é e quem ele não é. Ele não é a luz, não é o Messias. Ele não prepara o caminho para si mesmo, mas para o mais forte.

Este mais forte ele apresenta de modo anônimo: Vem alguém (cf. Mt 11.3; Mc 11.9). O termo está carregado de reverência. Qualquer título messiânico tradicional é muito limitado para ele. Mesmo assim, este anúncio era bem claro para a expectativa judaica. “Vem um” diz em Dn 7.13 sobre o Filho do Homem. Este Filho do Homem também vem, de acordo com 9.11-13 (mais claramente ainda em Mt 11.18s), depois que Elias tiver feito seu trabalho. Porém sua majestade é tão grande que ninguém além dele mesmo pode defini-lo como Filho do Homem. Por isso nos evangelhos só o próprio Jesus fala do Filho do Homem (cf. Neugebauer, p 40s).

Usando uma figura do sistema escolar judaico, João se anula totalmente diante daquele que vem. Um aluno judeu era obrigado a prestar serviços diversos ao seu rabino, “exceto desatar-lhe as correias das sandálias” (Bill, I.121) quando este entrava na casa. Isto era algo que não se podia pedir nem a um escravo judeu. Agora João declara: Até este serviço mais baixo de um escravo, que só um escravo pagão faria, ainda é digno demais para mim quando o Senhor vier.

Em 3.27 a grande força daquele que vem aparece em outro contexto. “Um mais valente” (Lc 11.22) entra na casa do “valente” e a saqueia. Assim Jesus arranca de Satanás a humanidade levada para o cativeiro do pecado e da culpa. Sua obra será uma libertação poderosa de cativos (cf. Is 49.25).

- 8 A comparação continua. “Eu” e “ele” são diferenciados claramente. Porém agora João deixa de falar em figuras e diz objetivamente o que os une e o que os diferencia: **Eu vos tenho batizado com água; ele, porém, vos batizará com o Espírito Santo.** O que o une com Jesus é que ambos batizam, e que suas ações estão em sequência lógica. O batismo de João prepara o batismo daquele que vem, e o batismo deste confirma o batismo de João. Depois, porém, precisa ser mencionada uma diferença gigantesca, pela qual aquele que vem mostra ser incomparavelmente mais forte. Esta consiste no meio do batismo: um batiza na água do Jordão, o outro com “água pura”, ou seja, o Espírito Santo (Ez 36.25). A frase deixa bem claro que João em nenhuma hipótese se arroga ou permite que lhe atribuam que ele batize com o Espírito Santo. Sua negativa é explícita: Eu não! e está registrada seis vezes no NT: Mt 3.11; Mc 1.8, Lc 3.16; Jo 1.33; At 1.5; 11.16. Isto é um alerta para toda doutrina de batismo. Batismo na água e cessão do Espírito são mantidos cuidadosamente à parte.

Não nos deve surpreender que a promessa do Espírito é feita aqui, pois ela faz parte natural do tema do deserto. É da seca e da sede que os profetas recebem o Espírito do alto (Is 44.3, 32.15). Do Espírito é que o povo de Israel, ansiando por Deus nos tempos do fim, esperava nova direção, provisão, libertação e salvação (Is 63.10-17). Com este anseio o povo acampou agora no deserto, mas João só os batizou com água, os grandes milagres ficaram faltando (Jo 5.36; 10.41). Ele “tinha só a água para cozinhar”, poderíamos dizer, só que ele sabia disso e o dizia francamente. Ele declarou nula a obra de sua vida, se não tivesse a continuação pelo que batiza com o Espírito. Com certeza ele deve ter ficado chocado ao ouvir Jesus, quando finalmente chegou, pedir para ser batizado (Mt 3.14).

Quando a profecia do Batista se cumpriu? Os primeiros cristãos tinham certeza de que isto só aconteceu depois da exaltação do Senhor. Em Pentecostes é que nasceu o Israel do tempo do fim, no qual até hoje são enxertados membros novos. Em Jerusalém o Senhor começou a derramar o seu Espírito, e desde então ele continua a derramá-lo; em Samaria, Cesaréia, Éfeso e assim por diante. O Israel restaurado é rico em milagres e dons e é a verdadeira testemunha de Deus no mundo. Com isto, porém, ainda não mencionamos uma parte essencial do cumprimento, que para os evangelistas têm a mesma importância. É verdade que os discípulos foram encheidos com o Espírito só em Pentecostes, mas seu Senhor, durante sua vida terrena, já lhes foi um modelo de como é ser cheio do Espírito e de Deus. Tendo o Espírito sem medida (Mt 12.18; Jo 3.34), ele irradiava autoridade em palavras e ações, que apontavam para a presença do governo de Deus (Lc 11.20). “Espírito” é outra palavra para “Deus em ação”. Das ações de Deus, a maior foi a paixão de Jesus Cristo. Nas histórias da crucificação nos evangelhos o termo “Espírito Santo” é omitido como em nenhum outro lugar, mas devemos ver que Jesus é o verdadeiro portador do Espírito. É exatamente esta cruz que serve de modelo para uma vida de Deus e para Deus. Mais tarde é dito mais uma vez, de modo misterioso, que Espírito e sangue andam juntos (1Jo 5.7), e que Cristo se ofereceu em sacrifício a Deus “pelo Espírito eterno” (Hb 9.14).

Agora também é possível descrever o progresso de João para Jesus de modo concatenado. Com João, o reinado de Deus, de certo modo vindo do deserto, tinha chegado às margens das regiões habitadas da Judéia. Ali ele desceu sobre Jesus, quando ele estava no meio do Jordão, e com ele passou para a outra margem, para avançar com ele para dentro do país e penetrar assim na carne do

mundo. Com Jesus, o reino procurou as pessoas onde quer que estivessem. Não deixou de lado nenhum lugar, nenhum grupo e nenhuma hora, até a morte de Jesus e sua ressurreição.

A mensagem dos dois homens estava no contexto do livro da Consolação de Isaías (v. 4,8,14s). Por isso Jesus falou do reino de Deus, de fé, salvação e julgamento, fundamentalmente nos mesmos termos como seu precursor. Sua mensagem, no entanto, era mais rica, insistente e urgente. De um esboço pálido, mesmo que exato, resultou um quadro a óleo com cores brilhantes. Com João predominava o jejum, com Jesus a alegria do casamento (2.18-22). João trouxe água, Jesus deu vinho (Jo 2.1-12; 15.1-8) e revelou o “Pai” (Lc 11.2). Coerentemente, João converteu as pessoas de si para Jesus. Com um indicador bem longo, ele apontou para Jesus e mandou todos irem atrás dele. Jesus não os mandou adiante. Quem estava com Jesus, estava com o Pai. A conversão encontra descanso na ligação pessoal em Jesus.

Não queremos perder nada do que este parágrafo trouxe, dizendo, como se fôssemos vesgos: estas limitações podem ter-se aplicado a João e seu batismo, mas não para nós cristãos. Nós cristãos incluímos o batismo com o Espírito no batismo com água. Neste caso não entendemos o lugar que este texto nos atribui. Não nos cabe substituir o Senhor Jesus Cristo, mas preparar-lhe o caminho e depois sair da frente. Ele mesmo virá e batizará com o Espírito Santo.

## 2. A autenticação de Jesus pela voz do céu depois do batismo, 1.9-11

(Mt 3.13-17; Lc 3.21,22; Jo 1.29-34)

**Naqueles dias<sup>a</sup>, veio Jesus de Nazaré<sup>b</sup> da Galiléia e por João foi batizado no rio Jordão. Logo<sup>c</sup> ao sair da água, viu os céus<sup>d</sup> rasgarem-se e o Espírito<sup>e</sup> descendo como<sup>f</sup> pomba sobre ele<sup>g</sup>.**

**Então, foi ouvida uma voz dos céus: Tu és o meu Filho amado, em ti me comprazo<sup>h</sup>.**

### *Em relação à tradução*

<sup>a</sup> As expressões “aconteceu” (RC, BJ) e “naqueles dias” facilmente se identificam como tradução de um texto hebraico (Beyer, 31s,66) e são comuns no AT para iniciar parágrafos.

<sup>b</sup> Esta pequena aldeia não é mencionada no AT nem em escritos judaicos, e aparece aqui pela primeira vez na literatura.

<sup>c</sup> *euthys* é um advérbio de tempo comum, e é usado em todos os evangelhos com o sentido de um transcorrer rápido de acontecimentos. Em Marcos esta explicação geralmente não se aplica. Parece tratar-se de uma característica de estilo de certos textos que lhe serviram de base (cf. qj 3). Tabachowitz (p 29ss) mostrou ser possível que esta palavrinha seja uma imitação do “eis” que exige atenção, que conhecemos de numerosas passagens do AT (mais de mil vezes). Como recurso para chamar a atenção, ele indica mudanças na narrativa, o começo do que é essencial, possivelmente a interferência de Deus ou também de Satanás. De qualquer modo, ele sempre aumenta a expectativa. Com “pressa e agitação” o termo, neste caso, não tem nada a ver (Egger, p 40). Se o advérbio em Marcos tem o sentido comum ou este caráter de exclamação, deve ser verificado cada vez pelo contexto.

<sup>d</sup> O plural indica fundo lingüístico do AT; é uma maneira de se referir a Deus (Bl-Debr 141.4).

<sup>e</sup> Quando os judeus se referiam ao Espírito divino, geralmente falavam do “Espírito de Deus” ou do “Espírito Santo”. “Espírito” sem adjetivo os fazia pensar num fantasma (cf. Lc 24.37). No espaço cultural grego este perigo não existia, de modo que aqui o uso (diferente do v. 8) dá a entender que este relato já foi adaptado por igrejas gentias.

<sup>f</sup> *hos*, como, freqüente em descrições de visões na Bíblia. Expressa algo aproximadamente comparável, não algo igual. Ao mesmo tempo revela e encobre, deixando em aberto.

<sup>g</sup> *eis auton* poderia ser traduzido por “para dentro dele”, mas isto não combina aqui. Um pássaro não voa para dentro de uma pessoa, mas pode pousar sobre sua cabeça ou seu ombro. Assim, Jo 1.23 tem *ep auton*, sobre ele.

<sup>h</sup> Há duas alternativas para o aoristo *eudokesa*. Ou ele expressa uma ação, como aoristo histórico, que ocorreu depois do batismo: “Tu me deste (neste momento) alegria!”, ou deve ser entendido no sentido do presente perfeito hebr., que a LXX muitas vezes traduz com aoristo sentencioso (Steichele, p 150s; Bl-Debr 333). Neste caso, a voz por ocasião do batismo constata o que Jesus já possui: “Em ti me comprazo!”

### *Observações preliminares*

1. *Filhos de Deus no contexto da época.* Em cortes reais do Oriente antigo, “Filho de Deus” era um título do rei, em que se imaginava uma descendência física de uma divindade. Ao judaísmo, a simples idéia causava



tanta repugnância que ali ela não se propagou. Apesar de [Sl 2.7](#) e [2Sm 7.14](#), o título de Filho de Deus não se popularizou como nome messiânico honorífico. Os gregos, por sua vez, eram pródigos em chamar de “divina” qualquer pessoa que se destacasse em termos de talentos e realizações: poetas, estudiosos, políticos, esportistas, médicos ou milagreiros. A distância de Marcos é bastante evidente. Exatamente na metade do livro, que é cheia de milagres, em que Jesus provoca admiração com seus atos de poder, ninguém o chama de “Filho de Deus”. Em contraste, a metade sem milagres alcança seu ápice com o comandante confessando que Jesus é o Filho de Deus ([15.39](#)). Isto acontece, portanto, no próprio momento em que as mãos milagrosas estão pregadas, o operador de milagres não desce da cruz e sua debilidade é ridicularizada. O conceito de Filho de Deus é diametralmente oposto ao dos gregos. Seu ponto de apoio, pelo menos, está no [AT](#).

2. *O pano de fundo do [AT](#) para o v. 11*. Desde o século I, os leitores cristãos pesquisaram por textos de prova do [AT](#). Isto se percebe nas inúmeras variantes em que o versículo aparece nos evangelhos. [Sl 2.7](#) e [Is 42.1](#) são a fonte mais provável. Até hoje existe uma interpretação que se fixa quase só no Salmo ([p ex](#) Schweizer, ThWNT VIII, p 369; Steichele, p 121s), e outra que parte só de [Is 43](#) (Jeremias, ThWNT V, p 699; Cullmann, p 65s; C. R. Kazmierski enfatiza unilateralmente [Gn 22.2](#) [em: ThLZ 1981, p 337]). Para mim, o caminho mais natural parece ser pensar em uma citação mista, como em v. 2s.

- 9 **Naqueles dias...** Esta introdução solene no antigo grego bíblico por si já anuncia um acontecimento santo. O Senhor (v. 3), o superpoderoso (v. 7), “vem”, o que batiza com o Espírito (v. 8) se manifesta. E como!

...**veio Jesus de Nazaré da Galiléia**. Sua origem é o primeiro choque. Ele não veio nem da região central do judaísmo, a Judéia, menos ainda da cidade santa com seu templo, nem se cogita a proveniência de João no v. 4. Ele veio de um povoado afastado, Nazaré, que só podia ser encontrado com ajuda: **da Galiléia** (cf. v. 14). “Examina e verás que da Galiléia não se levanta profeta!” (Jo 7.52). Em segundo lugar, sem um indício sequer de título importante, fala-se simplesmente de “Jesus”. Naquela época este era um nome comum da moda. Nos povoados judeus havia “Jesuses” às dúzias. Faltam as indicações sobre família, profissão e antecedentes.

Será que Jesus era uma pessoa qualquer, que seguia em meio ao rio de peregrinos para o batismo, sem suspeitar de nada, e voltou para casa surpreendido pela escolha divina como Messias e Filho de Deus? Será que ele veio com seu espírito vazio, e retornou cheio do Espírito? Esta interpretação de forma alguma corresponde aos acontecimentos e à opinião de Marcos, já que seu relato do batismo é prefaciado por dois sinais. O primeiro Marcos dá já no v. 1, onde o nome comum “Jesus” foi moldado numa unidade tal com o título de honra “Cristo” (isto é, ungido com o Espírito), que este soa junto com cada menção de “Jesus”. Nenhuma história de Jesus teria sido transmitida sem este sentido. Não se pode imaginar nenhum momento na vida deste Jesus que ele não vivesse oculta ou abertamente no Espírito Santo. O segundo sinal é dado com a apresentação do que batiza com o Espírito, prometido nos v. 7s, como a introdução solene já deixou transparecer. Ele veio porque era este que batiza com o Espírito. Sua “vinda” já o expressou. Nossa história, portanto, não quer contar como Jesus se tornou portador do Espírito, mas que ele, vindo de Nazaré, o era. Ele não assumiu sua tarefa somente depois do batismo, mas já com o batismo.

É claro que em tudo isto há mistérios. O cumprimento se deu em meio à dissimulação – uma linha que perpassa todo o evangelho de Marcos. Aqui ela logo é levada ao extremo. Está tudo de cabeça para baixo: João precisava mais do batismo do Espírito de Jesus, mas Jesus solicitou o batismo de água de João. O portador do Espírito está na fila entre os candidatos ao batismo carentes de conversão. Em vez de “ele vos batizará” do v. 8, lemos: **por João foi batizado no rio Jordão**. Aqui já poderia ter sido feita a pergunta de Mt 11.3: “És tu aquele que estava para vir?”

Apesar de tudo isto, Marcos está relatando com toda a seriedade o cumprimento divino. Aconteceram coisas as mais significativas. Só que, com que lógica? Os dois próximos versículos irão esclarecê-las, de maneira que no fim voltaremos à pergunta pelo sentido do batismo de Jesus por João.

- 10 **Logo**, continua Marcos elevando a voz, para chegar ao principal. A frase sobre o batismo de Jesus foi só introdução. No fim da ação, **ao sair da água**, Jesus teve uma visão. Só em Marcos temos esta equiparação expressa do ato de Jesus “subir” da água e da voz “descer” do céu. Em Lucas a voz fala com Jesus quando ele ora (Lc 3.21). Nos dois relatos, portanto, a voz é uma resposta. Ela se segue à confissão batismal de Jesus, de modo que o batismo e a voz do céu fazem parte de um diálogo. A confissão do Filho ao Pai é ratificada pela confissão do Pai ao Filho.

O primeiro receptor desta autenticação divina é o próprio escolhido, mas ela se irradia sobre a comunidade dos salvos. Este é o crédito da descrição dos outros evangelistas, de acordo com os quais

o Batista e o povo em redor ouvem a voz. Em Marcos não se olha mais para João. O seu papel é totalmente secundário depois que Jesus chega, bem no sentido do v. 7.

O som da voz, porém, é introduzido por uma evento aterrorizante. Jesus **viu os céus rasgarem-se**. O verbo é o mesmo de 15.38, com certeza com o mesmo sentido, e nas duas vezes seguido de uma confissão de que Jesus é o Filho de Deus. Nesta passagem, porém, temos de remeter ao AT. O céu se abrindo vinculado à revelação do Espírito lembra muito o grito de angústia de Is 64.1 (cf. v. 11,14). Este brota da indizível aridez espiritual de Israel. O povo de Deus não tinha mais Deus com ele e estava entregue ao seu próprio legalismo. Céu e terra tinham se fechado um para o outro e os abismos estavam escancarados. Em meio a este desespero só restava um ponto de apoio firme: “Mas agora, ó Senhor, tu és o nosso Pai” (Is 64.8). Só disto o povo humilhado ainda tira esperança. Deus é quem precisa derrubar o bloqueio, rasgar os céus e derramar sua força e suas dádivas sobre a terra. Este evento cósmico é ligado aqui com o batismo terreno de Jesus. Sobre este Jesus Deus rompe seu silêncio e intervém com seu domínio salvador.

Do céu aberto, Jesus viu **o Espírito descendo como pomba sobre ele**. Precisamos ouvir isto com ouvidos judeus. Com poucas exceções, predominava no judaísmo a convicção de que em Israel, depois da história com o bezerro de ouro, só alguns escolhidos tinham o Espírito, e que este se apagara de todo depois de Malaquias (Jeremias, ThWNT VI, p 373-387; Theologie, p 81ss). Um tempo sem o Espírito, porém, é um tempo de julgamento. Este tempo está terminando agora. No momento em que ressoa a voz do céu aberto, irrompe a salvação. Uma pomba dá o sinal, como ao término do julgamento do dilúvio na época de Noé. É a pomba do Espírito Santo, como podemos entender aqui sem uma explicação especial.

Já se tiraram muitas conclusões desta menção rápida da pomba. No começo do século II, o gnóstico Cerinto ensinava que, com ela, o Jesus histórico recebera o “Cristo de cima”. Muitos comentários de hoje lembram esta afirmação quando explicam que aqui Jesus recebeu seu batismo do Espírito, como mais tarde seus discípulos em Pentecostes. Deste modo, o que batiza com o Espírito é transformado em alguém que carece do Espírito.

De acordo com a interpretação dada pela voz do céu, o Espírito não veio sobre Jesus para efetuar algo nele, mas para demonstrar algo, expressar algo oculto e autenticar. O Espírito não veio para trazer vida de Deus, não era a força para o serviço messiânico, mas mensageiro e testemunha (Ruckstuhl, p 200s, 213s).

- 11 A voz do próprio Deus agora se coloca ao lado da voz humana (v. 2): **Então, foi ouvida uma voz dos céus**. Que a voz é de Deus vemos pela primeira pessoa: **Tu és o meu Filho amado, em ti me comprazo**. Como a frase toda está impregnada do estilo do AT, podemos falar em terceiro lugar da voz da Escritura que testemunha de Jesus.

A primeira passagem bíblica que se destaca é o Sl 2, que se tornou uma das principais fontes da teologia dos primeiros cristãos, e dificilmente pode ter sua influência superestimada. Sete vezes o NT o cita, umas vinte vezes a menção é indireta, incontáveis podem ser as vezes em que ele está ao fundo. Não só “Filho”, mas também “Messias” tem aqui seu ponto de referência no AT.

“Tu és meu filho”, diz Deus ao rei de Jerusalém no Sl 2.7, talvez no dia da sua ascensão ao trono, fazendo uso de uma fórmula de adoção daquele tempo (Steichele, p 139). Com este ato de vontade, o rei entra numa relação de confiança com Deus. Ele recebe o privilégio de pedir livremente (v. 8a). É-lhe dada autoridade sobre o mundo dos povos (v. 9), sim, ele é herdeiro de tudo (v. 8b) e conduz a história de Deus rumo ao alvo. À parte de especulações físicas, ser filho de Deus tem aqui uma função de direito, a função de ponte entre Deus e sua criação. Em sentido semelhante, de alguma forma todo israelita religioso se entendia como “filho de Deus” (Dt 14.1) e, na verdade, todo o Israel (Êx 4.22, Os 11.1, Jr 31.9,20; Is 63.16).

Devemos projetar este conceito sem alterações para o nosso versículo? Será que Deus adotou o Senhor Jesus por ocasião do seu batismo (como afirma o evangelho ebionita do século II e hoje Schulz, p 73; Schreiber, p 220; Schweizer, ThWNT VIII, 370, n 243)? Se, todavia, Jesus era um simples filho no sentido em que todo o israelita o podia ser, não faz sentido os judeus o terem colocado na cruz.

Entenderemos o sentido da nossa passagem se prestarmos atenção ao pequeno acréscimo. Um qualificativo muitas vezes revela o que interessa. Aqui diz: **amado**. *Agapetos* é a palavra que a LXX usa para traduzir *jachied*. Este vocábulo significa mais do que “amado”, ou seja, “o mais amado,



privilegiado, escolhido” (cf. Gn 22.2,12,16; cf. Is 42.1 a seguir). Portanto, trata-se de um Filho em sentido exclusivo, privilegiado em sentido incomparável, um segredo entre Deus e Jesus.

O Filho amado em sentido especial aparece em Marcos mais uma vez em formato ampliado, e isto na parábola de 12.1-12. Ali o pai, de acordo com o v. 6, tinha “ainda *um*, seu filho amado”. Para este o conceito meramente funcional de filho não basta, pois esta não o destacava do grupo de servos leais e dispostos ao sofrimento (v. 5!). Mas seu papel é especial. O pai esperava, mesmo que em vão: “Terão respeito deste”, pois era o herdeiro (v. 6s). O herdeiro era para um pai judeu bem mais que um sucessor legal. Ele encarnava o senso de valor próprio e o sentido de vida do pai, toda a sua esperança. Ao enviar o filho, é como se ele mesmo fosse. À função aliou-se decisivamente a pessoa, e este é o gancho da parábola.

Para compreender como Jesus é Filho, portanto, não devemos nos orientar pelos filhinhos mimados de deuses no paganismo, que tornam as pessoas invejosas e submissas por meio das mais diversas artimanhas. Da mesma forma não podemos nos deixar levar de volta ao sentido meramente funcional do AT. Jesus era Filho de Deus de maneira diferente de qualquer israelita consagrado. “Quem quer falar de Jesus como Filho de Deus, antes de tudo precisa estar ciente de que está diante de um mistério. [...] Não pode querer tornar as coisas mais claras e simples do que foram, e em nenhuma hipótese adaptando a imagem de Jesus que a tradição preservou” (Büchsel, p 72). Como Filho de Deus, Jesus viveu em comunhão tão especial com Deus, que Deus se tornou plenamente visível nele. Nele o amor de Deus por todos tomou forma de uma vez por todas e de forma insuperável (Hengel, Sohn Gottes, p 142). Por esta razão ele também recebeu no NT um nome após outro dos que até então eram guardados apenas para Deus.

A voz do céu, porém, lança mais luz ainda sobre a relação de Filho de Jesus com Deus. Ela completa sua autenticação com a frase: **em ti me comprazo**.

Por menor que seja esta frase e por mais freqüentes que sejam frases semelhantes no AT, vários motivos favorecem uma relação com Is 42.1. Em primeiro lugar, as duas passagens apresentam a conjunção de três momentos: o tema do Espírito, a afirmação direta de escolha, e a expressão de satisfação. Em segundo lugar, no judaísmo já se ligavam às vezes Sl 2.7 e Is 42.1 (Schweizer, ThWNT VIII, p 369, n 231). Em terceiro lugar, o livro da Consolação de Isaías como um todo está muito próximo da história de Jesus nos evangelhos (Jeremias, Theologie, p 198 e 272; cf. v. 2s acima).

O ponto alto daqueles capítulos do AT são os cânticos do Servo de Deus em Is 42.1-4; 49.1-6; 50.4-9 e 52.13-53.12. A mensagem básica deles é: o Servo de Deus está a serviço de um único objetivo, que é o restabelecimento do domínio universal de Deus. Este governo se revela como favorável à raça humana de modo inimaginável. Iavé não quer ser Deus contra as pessoas, mas para elas. Isto leva a um ato de graça surpreendente. O Servo de Deus toma obedientemente a condenação sobre si e deixa que seja destruída não só sua existência física, mas também moral e espiritual – ele expia o pecado do mundo em seu lugar. Desde sacrifício, que é insondável mas deve ser louvado eternamente, nasce o *shalom* de Deus – até os confins da terra.

Se este conteúdo converge aqui na autenticação do Filho, então a voz do céu tem um sentido semelhante ao do comandante ao pé da cruz (15.39): apesar do seu sofrimento, na verdade exatamente por causa da sua morte proposital pelos muitos, nesta submissão a Deus e equiparação ao ser humano, ele é Filho de Deus. Ele o é como o Servo de Deus de Isaías. Sua messianidade é precisada pelo cumprimento daquela profecia. Esta relação com o sofrimento, a propósito, também se encontra na terceira grande confissão de que ele é Filho, no meio do evangelho de Marcos (9.7). A glória deste Filho não pode ser separada da sua vergonha, na verdade é na cruz que fica mesmo evidente que ele é o Filho.

Como a voz do céu, com esta confissão relacionada com a paixão, responde ao batismo de Jesus, ela também interpreta o batismo. Jesus não veio ao batismo para – como os peregrinos – dar razão a João. Acima disto ele queria dar início, de modo público e comprometido, à sua missão. Esta consistia, em sintonia com os cânticos do Servo de Deus, em deixar Deus fazer dele pecado pelos muitos (2Co 5.21; Rm 8.3). Deus respondeu ao todo com tudo. Sua voz do céu diz, em outras palavras: Assim você é e continua sendo meu Filho amado especial; estou com você para o que der e vier; sobre você desce o meu céu; você tem e é o meu agrado, pois eu não me agrado da morte do pecador, mas que ele se volte e viva (Ez 18.23)!

Martin Kähler pôs este título sobre o batismo de Jesus: “Seu primeiro passo por nós”. “Por nós” é a explicação dos primeiros cristãos para seu caminho de morte. É aqui que ele começa. Desde este batismo até seu último batismo, de que ele fala em 10.38, andar por ele. Neste caminho ele se tornou aquele que batiza com o Espírito, depois da sua ressurreição, em Pentecostes.

Resumindo, fica bem claro que Jesus recebeu a revelação de v. 10s porque já *era* Filho, já vivia no mistério do Espírito Santo, e o tinha documentado com sua obediência no batismo. Não foi a voz do céu que estabeleceu a ligação entre Deus e Jesus, aqui tampouco como em 9.7, ela só tornou visível e audível a realidade desta ligação (cf. Jo 1.51). Esta explicação combina com a primeira interpretação do nosso parágrafo por Mateus e Lucas. Sabemos que ambos testemunham a concepção virginal de Maria e, com isto, a existência de Jesus no Espírito Santo e sua condição de Filho de Deus desde a origem. Apesar disto, os dois evangelistas registram também a voz do céu. Nisto eles não têm a impressão de ter relacionado coisas contraditórias – e com razão. Jesus não se tornou Filho de Deus, mas é o Filho unigênito de Deus.

### 3. A resistência de Jesus a Satanás, 1.12,13

(Mt 4.1-11, Lc 4.1-13)

**E logo o Espírito o impeliu<sup>a</sup> para o deserto,  
onde permaneceu por quarenta dias, sendo tentado<sup>b</sup> por Satanás; estava com as feras<sup>c</sup>, mas  
os anjos o serviam.**

*Em relação à tradução*

<sup>a</sup> *ekballein* tem o sentido básico de arremessar ou empurrar com força, e é usado para expulsar demônios **p ex** em 1.34,43. Há, porém, também o uso mais brando, com **p ex** 2.22, onde violência não faria sentido. Aqui também não se pensa em força que tivesse que quebrar a má vontade de Jesus. Por isso a tradução branda é mais apropriada (em oposição a Rienecker, p 50 e EWNT I 986: “impeliu com força”). **Mt 4.1** e **Lc 4.2** também entenderam Marcos assim e dizem que o Espírito o “levou” ou “guiou” (*agein*).

<sup>b</sup> O particípio “sendo tentado” tem sentido final aqui (Bl-Debr 418.4). Coerente com isso, **Mt 4.1** também o abriu.

<sup>c</sup> *therion* é o animal selvagem que vive solto, a fera.

*Observações preliminares*

1. *Contexto.* A começar com o uso de outro tempo verbal (no original) – presente em vez de passado – estes dois versículos se destacam. O local também muda. Jesus deixa para trás o movimento de avivamento no Jordão e vai para o ermo, deserto de pessoas. A maior mudança é quanto ao convívio. No lugar da voz do céu entra a voz do tentador. Todavia, o que une este pequeno trecho com o anterior é a menção do Espírito Santo (cf. v. 8,10,12) e do deserto (cf. v. 3,4,12,13). A tentação segue sem interrupção à revelação do Filho de Deus depois do seu batismo, de modo que só se diz “o”, em vez de começar de novo com “Jesus”.

2. *Narrativas paralelas.* O leitor fica admirado de que Marcos não conte o transcurso dramático da tentação em si, só registra o evento com uma frase secundária. Por que não deixou tudo fora, como o fazem Bultmann e Dibelius em seus livros sobre Jesus? O que motivou Marcos a ser tão econômico com as palavras? Não podemos imaginar que a tentação lhe tivesse sido transmitida sem qualquer indício quanto ao seu conteúdo. A comparação com os textos paralelos, porém, mostra que a idéia de que Marcos reduziu o relato não abrange todos os fatos, já que ele contribui com traços pessoais. Os relatos são independentes e olham o mesmo evento de perspectivas diferentes. Em Marcos não vemos Jesus envolvido numa luta, como em Mateus e Lucas, mas como vitorioso. Esta mudança de ênfase é a razão por que não adotamos o título costumeiro para Marcos. Nele não se trata da história da tentação em si, mas do seu resultado positivo.

3. *Quanto à menção de Satanás.* Já em 1778 foi publicado um artigo teológico sobre “A não-existência do diabo”. Hoje em dia esta é uma das principais perdas em nosso discurso: quase não conseguimos falar a sério de Satanás. Ele se ocultou dos olhos espirituais e também da linguagem, de modo a causar dificuldades à pregação e à exposição. Neste espaço poderemos olhar só de relance para este problema.

Do antigo editor da *Wuppertaler Studienbibel*, Werner de Boor, é a frase: “O NT é tão próximo da realidade que acaba sendo totalmente assistemático”. Por isto, a Bíblia também não pinta um quadro completo do diabo, não oferece uma “satanologia” organizada. Como em outras instâncias, nisto ela também é adversa a imagens. A própria variedade de descrições para o “diabo” se defende contra construções simplistas: Satanás, Belzebu, Belial, Maligno, Destruidor, Sedutor, Mentiroso, Assassino, Acusador, Serpente, Dragão, etc.

A menção de Satanás nenhuma vez no NT é uma desculpa para o ser humano, a ponto de este poder negar sua responsabilidade pelo mal que faz. Marcos conta a história da paixão, **p ex**, com sua injustiça com Jesus

que clama aos céus, sem nenhum vestígio satanológico. Pedro, Judas, Caifás, Pilatos e o povo não são apresentados como pobres vítimas possessoras de Satanás. Sua culpa preenche todo o espaço. Igualmente sempre fez parte da pregação missionária dos primeiros cristãos o apelo às pessoas para que enfrentassem o mal com determinação. Para nós hoje em dia as circunstâncias servem de desculpa com muita facilidade. Todos clamam por melhores circunstâncias. Ninguém pede desculpas.

O fato de o NT falar claramente de Satanás é consequência do senso de realidade que mencionamos. É claro que as pessoas são culpadas por muitas coisas que sofrem. Esta afirmação, porém, não abrange todos os casos. Há trevas e um exagero de maldade entre as pessoas que não fazem parte da sua natureza. Quem afirma o contrário e faz das pessoas diabos, estaria juntamente ofendendo o criador delas, porque Deus não criou os seres humanos como diabos, mas à sua semelhança. As circunstâncias também não devemos atribuir ao diabo, pois não se pode separar as pessoas das circunstâncias. Desta forma, o que há de diabólico no mundo não é inerente à natureza humana, mas à de um invasor, de um corpo estranho. Alguém violentou a raça humana e a levou para o cativeiro, fora das suas fronteiras. Além disso, ele prendeu os cativos como que numa masmorra (cf. 3.21). Por isso a voz superior tem razão: “Aquele que pratica o pecado procede do diabo” (1Jo 3.8). A este poder, porém, só Deus pode se opor. Por isso a continuação: “Para isto se manifestou o Filho de Deus: para destruir as obras do diabo”.

**12 E logo,** é a continuação significativa (cf. v. 10n). O Filho de Deus, o que batiza com o Espírito, que acabou de ser manifesto, se revela cada vez mais, seu poder irrompe. **O Espírito o impeliu.** Também em 12.6 o Pai envia o Filho amado para fora do aconchego. Esta “expulsão” lembra a de Gn 3.24, ao mesmo tempo que se diferencia dela. Desta vez não é o rigor da condenação que expulsa, mas a vontade de salvar faz o próprio Deus sair do paraíso por meio do seu Filho, atrás das pessoas perdidas. Assim, o Filho vai **para o deserto**. Esta palavra é importante aqui e no próximo versículo, e merecerá ser explicada no fim. Aqui nos limitaremos a constatar como Marcos é parcimonioso e despreocupado com descrições exteriores. Pelo que já vimos, Jesus já esteve no deserto (v. 4). Agora ele deixa para trás o vale do Jordão, que ainda tinha alguns poucos habitantes, e vai para o ermo, onde não havia ninguém além dos animais selvagens (v. 13).

**13** O deserto, na Bíblia, pode ser o lugar ideal para um encontro com Deus (cf. v. 4). Será, então, que Jesus foi para o deserto procurar a comunhão com Deus, como no v. 35? O texto aponta em outra direção: **onde permaneceu quarenta dias, sendo tentado por Satanás**. Esta permanência no deserto está sob o número quarenta, o número da provação. Quarenta dias durou o dilúvio (Gn 7.12), o jejum de Moisés no Sinai (Êx 34.28), a caminhada de Elias até o Horebe (1Rs 19.8). Quarenta anos Israel permaneceu no deserto (Sl 95.10) e, mais tarde, sob o domínio dos filisteus (Jz 13.1). Importância especial parece ter aqui a relação com Moisés e Elias, que é expressa diretamente em 9.4. O Deus de Jesus é o Deus de Moisés e Elias, que une os três por meio de provas semelhantes. Desta vez ele coloca o Filho debaixo de um fardo muito pesado. Ele não o faz passar a uma distância segura do reino das trevas, mas bem para o meio dele: **sendo tentado por Satanás**. “Filho, se te dedicares a servir ao Senhor, prepara-te para a prova” (Eclesiástico 2.1, BJ).

Devemos observar que a iniciativa foi de Deus. Deus é quem não quer mais tolerar a miséria da criatura escravizada. Através do seu Filho ele ataca o dono da casa (cf. 3.27). O reino de Deus não pode vir a não ser com confronto, pois não penetra em espaço sem dono. Satanás é perturbado em seu covil, e ele não fica sem reagir. Ele exibe um poder sedutor, que aqui não é descrito em detalhes. Marcos pode pressupor que seus leitores, que são cristãos de longa data, o conheçam (cf. q1 5e).

**Estava com as feras.** As interpretações desta pequena frase exclusiva de Marcos são contraditórias. Será que sua intenção é só destacar a solidão humana de Jesus? Ou a menção das feras quer pintar o terror do lugar impuro com demônios? Uma terceira opção merece a preferência, por interpretar todas as três afirmações do nosso versículo, fazendo surgir um quadro completo. Este quadro é o do deserto transformado no paraíso restaurado. Faz parte do paraíso a existência de uma tentação real (v. 13a), bem como a paz com o mundo animal e a natureza (v. 13b) e com o céu (v. 13c). Este paraíso adiantado Deus dá de presente ao seu Filho em resposta à sua fidelidade, pois onde só Deus é adorado e servido, o cerne do novo mundo já está presente, mesmo que no meio do deserto.

De acordo com o ensino judaico, o domínio de Adão sobre o mundo animal terminou com a queda. Dali em diante há uma luta renhida, e o ser humano só consegue defender-se com dificuldade dos animais selvagens. Este mal causado à criação só será sarado pelo Messias (Bill., III 254; IV 892,964; Gnika, p 57). Também Is 11.6-9; 65.25; Os 2.20 prevêm uma harmonia escatológica entre o ser humano e os animais. Em Is 11.6 aparece o mesmo “com” ou “entre” da comunhão confiada do

nosso versículo. A preposição com este sentido é usada várias vezes por Marcos (2.19; 3.14; 5.18; 14.67).

Nisto, a relação do ser humano com os animais é um exemplo da sua relação com a natureza como um todo. “Quando o animal deixou de ser companheiro para se tornar objeto, nossa relação com o mundo criado que nos cerca deteriorou-se” (Berkhof, p 83). Esta deterioração pode ser vista na derrota do ser humano diante das forças da natureza, bem como na destruição miserável do meio ambiente pela tecnologia humana. A cura destas coisas tem a ver com Jesus. Ele veio para conduzir à paz toda a criação (Rm 8.19-25).

Por cima desta paz paradisíaca o céu está aberto (cf. v. 10): **mas** (NVI, BJ: **e**) **os anjos o serviam**. Os intérpretes que consideram os animais uma ameaça para Jesus encontram aqui a indicação de que Deus envia os anjos para ajudar Jesus em sua luta. “Servir”, porém, aqui indica trazer alimento (cf. v. 31), não ajuda na luta. É o mote para o fim do jejum. Ficamos, então, com o quadro do paraíso. Os anjos colocaram de lado as espadas desembainhadas de Gn 3.24 e trazem ao novo Adão as provisões do Pai celestial. Novamente temos uma relação com Moisés (o maná no deserto) e Elias (1Rs 19.5-7).

Assim Jesus ficou firme diante de Satanás. Como Filho, ele também é o mais forte. Por isso ele pode libertar o mundo e trazer-lhe paz. É neste sentido que agora seguirão um parágrafo após outro. Tudo está vinculado na realidade do Filho de Deus, autenticada e confirmada nos v. 10-13.

Esta vitória de Jesus sobre Satanás, será que ela já vale como evento decisivo da salvação, que depois só precisa ser demonstrado? Certamente não foi esta a opinião de Marcos, nem a dos seus primeiros leitores. Eles não devem ter deixado de ver a indicação duplamente reforçada “no deserto”. É verdade que o deserto é o lugar dos novos começos de Deus, mas não seu alvo; o êxodo ainda não é a salvação, mas o caminho para a salvação. O Deus da Bíblia não é um Deus do deserto. Seu alvo é morar entre os seus, na nova cidade, na terra florida (Ap 21.1-22.5). Nos v. 9-13 as pessoas nem foram mencionadas, exceto o Batista no v. 9. Jesus só encontra o céu e Satanás, o Espírito e os anjos. Só a partir do v. 14 ele entra no cenário humano. Mas ele desde o começo está definido como o mais forte. Por isso as pessoas ficam perplexas (v. 22), os demônios tremem (v. 24), a natureza obedece (4.29). A razão para isto é que ele não veio como um entre muitos, mas como aquele Um para muitos, o Filho eterno, autenticado pelo Pai, cheio do Espírito, confirmado diante de Satanás – como o novo Adão, que reabre o paraíso para nós seres humanos. Como o mais forte, ele invadiu a casa do valente e agora a saqueia item por item (3.27). Entretanto, como o vencido ainda resiste, o caminho de Jesus continuará cheio de tentações e sofrimentos.

### **III. JESUS PROCLAMA NA GALILÉIA O REINO DE DEUS 1.14-45**

#### *Observação preliminar*

Uma primeira rodada de relatos mostra Jesus dando início ao seu ministério público. Principalmente os versículos 14-39 formam uma unidade evidente, pois são emoldurados por dois relatos de resumo, quais sejam os versículos 14,15,39, dos quais o último soa como um eco aos primeiros. Eles colocam o material que está no meio sob três declarações-chave: Jesus “vem”, sua área de alcance é “toda a Galiléia” (cf. v. 28), e ele “prega” o reinado de Deus. Tudo o mais se encaixa nesta diretriz. Sem enfrentar resistência, apoiada por manifestações de poder e garantida por testemunhas convocadas, a mensagem se espalha por toda a circunvizinhança (v. 28), toda a cidade (v. 33), as povoações (v. 38) e toda a Galiléia (v. 39). A hostilidade no máximo aparece de forma velada (v. 22, 44), em comparação com o trecho principal seguinte, em que passa para o centro. Observemos que lá (2.1-3.6) faltam as três declarações-chave. Ali não lemos mais sobre a vinda fundamental de Jesus, a Galiléia não é mais mencionada diretamente (só novamente em 3.7) e também nada se diz do serviço público de proclamação de Jesus. É visível que nosso livro tem noção temática.

Entre estes dois blocos com temas próprios está a história da cura do leproso (1.40-45). A maneira mais fácil de entendê-la é como transição de um para outro: os obstáculos já se manifestam – “a ponto de não mais poder Jesus entrar publicamente em qualquer cidade” (v. 45). Sua corrida já é freada.

#### **1. A entrada em cena de Jesus como mensageiro da alegria, 1.14,15**

(Mt 4.12-17; Lc 4.14,15; cf. Jo 4.1-3)

**Depois de João ter sido preso, foi Jesus para a Galiléia, pregando o evangelho<sup>a</sup> de Deus, dizendo: O tempo está cumprido, e o reino<sup>b</sup> de Deus está próximo<sup>c</sup>; arrependei-vos<sup>d</sup> e crede<sup>e</sup> no<sup>f</sup> evangelho.**

### *Em relação à tradução*

<sup>a</sup> *euangelion* tem aqui um conteúdo diferente de 1.1, onde é um termo técnico para a pregação missionária cristã. Aqui pode ser traduzido por “boa notícia” (cf. comentário). É claro que os dois usos de *euangelion* estão relacionados, mas é útil diferenciá-los.

<sup>b</sup> *basileia* é derivado do adjetivo *basileios*, real. Trata-se, portanto, do que é próprio do rei. Se é um território, o chamamos de “reino” (p ex 6.23; 13.8), se é uma condição, a chamamos de “domínio, dignidade ou poder real”. O que está em questão é o poder do rei. Este é o sentido mais comum na Bíblia (hebr *malkut*).

<sup>c</sup> *engizein* tem na grande maioria das menções na LXX o sentido de “aproximar-se”, só poucas vezes de “chegar”. No NT fica bem claro: nas 36 vezes em que o termo não está relacionado com o reinado de Deus, tem sempre o sentido de “aproximar-se”, de modo que nas outras seis vezes, em que se refere ao reino de Deus, praticamente não pode ser entendido de outra forma.

<sup>d</sup> Cf 1.4.

<sup>e</sup> *pisteuein*, no mundo bíblico usado principalmente para acreditar e estar convencido da existência e atuação dos deuses, portanto, uma “convicção teórica” dentro da cosmovisão (Michel, TbBLNT I, p 566). Paulo e Tiago, por sua vez, e também o autor da carta aos Hebreus, tiravam seu conceito de fé unicamente da Escritura. Por isso é correto seguir o hebr *he’emin* (umas 40 ou 50 vezes no AT) para o sentido de *pisteuein* no NT. Seu sentido básico é: adquirir perseverança, prender-se, aquietar-se, em oposição a tremer, inquietar-se e temer. O contraste de 5.36 é clássico: “Não temas, crê somente!”

<sup>f</sup> Literalmente: “Crede dentro do evangelho”, sem paralelo no NT. De qualquer forma, “crer em” não é próprio do grego. Mesmo assim alguns comentadores pensam estar diante da maneira de falar da igreja, posterior (cf. “Terminologia de pregação missionária cristã”, Bultmann, *Geschichte*, p 124, 366). Geralmente os tradutores usam aqui uma outra preposição: “Crede no evangelho”. Mas também para isto faltam os paralelos cristãos primitivos. No NT a fé nunca é no evangelho, na palavra ou na pregação, mas unicamente em Deus, Cristo ou seu nome. Não pode ser desviado para grandezas menores. O termo deve ser entendido a partir do hebraico (*he’emin be*, traduzido na LXX por *pisteuein en*). Marcos tem diante de si uma fonte antiga, que remonta a um estágio anterior ao grego e não fora ainda transposto para a linguagem do seu contexto.

### *Observações preliminares*

1. “Relato de resumo”. Em mais ou menos dez ocasiões nosso livro interrompe a narrativa com relatos de resumo (“sumários”). Geralmente eles dão início ou encerram uma série de histórias. Com eles Marcos evita que a diversidade torne o livro difuso, e ajuda seus leitores a ter um quadro fechado. Ele destaca alguns traços como característicos. Ele ou sua fonte deixam entrever pontos de partida da sua cristologia. – Este primeiro relato de resumo excede todos os demais em peso, e não dá início somente a este trecho principal, mas lança luz sobre todo o livro. O conteúdo do v. 15 é único, a forma marcante e solene, as frases curtas e sem conectivos.

2. *Significado da introdução de 1.14*. Marcos vincula esta caracterização da pregação de Jesus a um evento histórico, que é a saída de cena do Batista. Todavia, veja quantas questões históricas ele deixa em aberto: Quanto tempo passou entre o batismo de Jesus e sua entrada em cena na Galiléia? João continuou batizando? Em que localidade da vasta Galiléia Jesus começou, e que caminho tomou? Quem “entregou” João (RC), e a quem? O que Marcos quer dizer com isto? Esta brevidade não é devida a desconhecimento. Isto pode ser provado, p ex, no que tange ao destino do Batista, diretamente por 6.14-29. O objetivo é que o leitor entenda as linhas teológicas da passagem.

3. “Evangelho” no NT e no seu mundo. Como dois pilares seguram as duas pontas de uma ponte pênsil, temos no começo e no fim a palavra “evangelho, boa notícia”, segurando a pregação em todas as suas partes. Jesus era essencialmente mensageiro de boas novas (cf. 1.1). Também de acordo com Mateus, Jesus não economizou bem-aventuranças.

É verdade que a estatística do termo grego *euangelion* nos proporciona alguns enigmas. Marcos usa oito vezes o substantivo, nenhuma vez o verbo *euangelizein*. Lucas não segue o substantivo em nenhuma destas oito passagens, mas em outras usa dez vezes o verbo. Mateus segue o substantivo uma vez, mas o introduz em outras três, e uma vez o verbo. João, em sua narrativa, não precisou nem do substantivo nem do verbo. Ao todo, portanto, encontramos nos evangelhos o substantivo 14 vezes, o verbo 11. Em contraste, aumenta muito o uso dos dois vocábulos nas cartas de Paulo, que espelham a linguagem dos cristãos gentios em muitos países à margem do Mediterrâneo. Paulo usa 60 vezes *euangelion*, 21 vezes o verbo e duas vezes “evangelista”. Portanto, parece que a palavra não tem um lugar fixo na tradição dos evangelhos, enquanto se tornou rotineira nas igrejas gentias. Sabendo-se que *euangelion* tinha um papel inflacionado na vida pública do Império



Romano, impõe-se a conclusão: o termo *euangelion* tornou-se familiar primeiro na missão entre os gentios, onde foi tirado e adaptado do contexto cultural. Marcos o trouxe de volta à tradição de Jesus, no que os outros evangelistas só o seguiram com hesitação.

Antes de tomar posição, aproximemo-nos do uso político do termo. Um exemplo eloquente do seu uso é uma inscrição da cidade de Priene, na Ásia Menor, do ano 9 a.C. Ela celebra o nascimento do imperador Augusto (o texto a seguir está simplificado; cf. ThBLNT I, p 296, e ThWNT II, p 438): “Este dia trouxe ao mundo um novo rosto. Ele estaria perdido, se com seu nascimento não brilhasse a salvação para todas as pessoas. Para o bem do mundo, este homem foi agraciado com tantos talentos, que foi enviado como salvador a nós e às gerações futuras. Toda inimizade chegou ao fim, ele tornará tudo glorioso. As esperanças dos pais se realizaram. É impossível que jamais venha alguém maior. O dia do seu nascimento presenteou o mundo com os *evangelhos* que se vinculam ao seu nome. Com seu nascimento começa uma nova contagem do tempo.”

O anúncio do nascimento de Augusto não foi o único “evangelho”. Muitos outros detalhes da vida e obra dos imperadores eram contados como “evangelhos”: declaração de maioridade, ascensão ao trono, proclamações de governo, decretos (até sentenças de morte!) e feitos na guerra. Não saía nada da corte que não fosse anunciado com otimismo descarado como “evangelho”. Já que o imperador era considerado mais que humano, a corporificação do divino na terra, tudo o que fizesse ou deixasse de fazer deveria provocar exclamações de júbilo na humanidade desanimada e sofridora. Com esta intenção, as províncias eram inundadas de “evangelhos” – com certeza muitas vezes para o fastio da população apática.

Neste contexto, o “evangelho de Jesus Cristo” (1.1) tinha de polemizar com os “evangelhos” romanos. Para os crentes, o único evangelho absoluto varria como pó a produção em série de evangelhos, que se desacreditava com sua constante repetição. Tanto menos podemos imaginar que o termo cristão derive do termo comum. O conteúdo nobre, que é a morte e a ressurreição de Jesus, e seu caráter rigidamente único (Gl 1.7!), na minha opinião excluem esta possibilidade. A oposição aos evangelhos do imperador pode ter favorecido a difusão exatamente entre as igrejas gentias, mas para a definição do conteúdo do “evangelho” cristão o vocábulo não deve ser isolado do AT. É exatamente nesta passagem tão programática que ele está cercado de um conjunto de termos, entre os quais se destaca a vinda do reinado de Deus. É este indício que o comentário quer seguir.

4. *A expectativa pelo reinado de Deus entre os judeus e em Jesus.* Jesus podia falar do “reinado de Deus” (ou “reino de Deus”) sem dar maiores explicações. A expressão e o objeto eram conhecidos. Na verdade, as menções da expressão na literatura judaica são escassas, às vezes de maneira floreada e poucas vezes com referência ao futuro. Geralmente se tratava do reinado atemporal de Deus sobre seu Israel obediente. Um exemplo da menção rara do domínio de Deus como expectativa futura é o *qaddix*, um pedido solene ou palavra de despedida no final da longa liturgia de oração no culto. A parte do meio é assim: “Que ele deixe reinar (= estabeleça) seu domínio real durante a época da vida de vocês e de toda a casa de Israel, logo e com rapidez” (em Jeremias, *Theologie*, p 192). O pedido é compreensível. Israel sabia que Deus reina, mas o governo estrangeiro dos romanos estava em contraste insuportável com este fato. Disto resultou a expectativa por um reinado de Deus que no momento não existia. Por isso Israel clamava sem cessar por uma solução para esta dissonância, em futuro próximo. Na comparação do *qaddix* com o Pai Nosso só uma diferença chama à atenção: os judeus clamavam pela vinda do reino só no fim da sua oração, como poslúdio, enquanto Jesus inicia com ele. Ele quer que cada petição seja entendida à luz deste primeiro pedido. O que para os judeus era a última coisa, para ele é a primeira e, em certo sentido, a única. O reinado de Deus aglutinava como um âmago magnético tudo o que ele pedia em oração, ensinava, desejava, fazia e sofria. Suas parábolas, seu chamado à conversão ao discipulado, suas exigências éticas, seus atos de poder, operações de sinais como sua morte e ressurreição, respiram dentro do horizonte do reino vindouro. “Reinado de Deus” em Jesus é praticamente a palavra de salvação, que sobrepujava as demais palavras salvíficas como graça, misericórdia, redenção, paz ou justiça. A estatística também mostra que esta expressão é um conceito central em sua proclamação: de 122 menções no NT, 90 são da boca de Jesus. Como o termo não teve nem antes nem depois um papel tão vivo e dominante, podemos falar de uma “expressão típica da linguagem de Jesus” (U. Luz, EWNT I, p 483).

- 14 **Depois de João ter sido preso...** Exatamente a imprecisão aqui é significativa. Nesta passagem, “foi entregue” (RC) não é a palavra conhecida dos meios policiais: foi entregue ao juiz, carcereiro ou carrasco, mas é grego bíblico respeitável. A LXX usa o termo 208 vezes para Deus, das quais em 122 Deus entrega “na mão” de alguém, portanto, para a autoridade plena deste. “Aquele que foi entregue é, no real sentido da palavra, desamparado por Deus; Deus o colocou para fora da sua proteção, à mercê das forças inimigas” (Popkes, p 25), para que façam com ele “o que quiserem” (Mc 9.13). O processo fica de uma escuridão impenetrável quando Deus mesmo “entrega” seus servidores fiéis. Assim aconteceu de modo clamoroso com Jesus (9.31; 10.33; 14.11). Esta teologia da entrega

também está em jogo quando pessoas atuam como instrumentos de Deus: Judas entregou Jesus aos judeus (3.19; 14.10s,18,21, 42,44), os judeus o entregaram a Pilatos (15.1,10,15). Também os seguidores de Jesus participam do destino do seu mestre e são “entregues” (13.9,11,12), como aqui seu precursor. Ainda na morte ele preparou o caminho para o seu senhor, anunciando com ela o sofrimento de servo de Deus de Jesus. A seqüência destes anúncios não será mais interrompida: 2.20; 3.6,19; 6.3,17-29; 8.31; 9.12s,31; 10.32-34,45; 11.18; 12.12; 14.1s,8,18-21,24,27,41. Tudo isto, então, está em sintonia com a “boa notícia”:

**...foi Jesus.** A prisão do Batista, pelo visto, é o sinal para que Jesus saia em busca do seu campo de trabalho e comece em grande estilo. Ele não considera que João foi refutado, pois prega a mesma mensagem, com ainda mais insistência e em âmbito ainda maior. Ele deixa para trás o vale do Jordão e vem **para a Galiléia**. Por que será que ele vai para o Norte e não para o Sul, para Jerusalém? “Quando vier o mensageiro das boas novas, ele as anunciará primeiro a Judá”, esperavam os judeus (em Friedrich, ThWNT II, p 713,3s). Aqui se percebe mais uma vez o tema da dissimulação (cf. v. 9). Com serenidade inacreditável, Jesus evita o lugar clássico do Messias e desaparece em um canto desprovido de promessas, gasta energias e tempo com interioranos (cf. Jo 7.3ss). Da perspectiva da cidade santa, esta Galiléia – ainda mais separada pela Samaria semipagã – devia parecer uma ilha judaica sem esperança em meio às trevas pagãs. “Galiléia” é a forma abreviada de *gelil ha-gojim*, região dos pagãos (cf. Mt 4.15). Sua população judaica, além do mais, ocupava na maior parte as aldeias e o interior da província, enquanto as cidades tinham uma forte penetração pagã. A língua materna aramaica dos judeus dali contava com uma forte coloração grega, de modo que em Jerusalém um galileu era reconhecido logo por sua maneira de falar (Mt 26.73). De qualquer forma era preciso contar com uma forte mistura de povos lá em cima, em vista da história do povoamento. Os habitantes de Jerusalém geralmente tinham dúvidas sobre o judaísmo genuíno de um galileu. Afinal de contas, a liderança religiosa na capital tinha dificuldades para controlar a população do interior, e era penoso obrigá-la ao cumprimento das prescrições.

Para a força de ocupação romana também não era um ponto a favor começar um movimento na Galiléia. Mais tarde foi registrada com cuidado a acusação de que Jesus procedia daquela província (Lc 23.5). Lá era o berço dos zelotes revoltosos. Seu grande organizador, Judas, tinha a alcunha de “galileu” (At 5.37). Quando Herodes ocupou o trono (39 a.C.) a região já era um foco de distúrbios há gerações (cf. Lc 13.1). Latifundiários pagãos tinham comprado boa parte das terras e mantinham a população em dependência, e por isso o clamor por liberdade se fazia ouvir ali com paixão extremada. O confronto constante com os pagãos instigava xenofobia e nacionalismo. Os galileus tinham sido esculpido da madeira do martírio. “Sua firmeza, sua loucura e sua grandeza de alma, como se queira dizer, despertavam admiração geral” (opinião da época, em Hengel, Zeloten, p 61).

Esta foi a região, portanto, que se tornou terra natal do evangelho (cf. 14.28; 16.7). Uma das construções exegéticas sem fundamento que existem por aí é a de Lohmeyer e Marxsen, segundo os quais também depois de Pentecostes e até a época da redação do evangelho de Marcos a Galiléia teria sido um centro cristão que fazia concorrência à igreja-mãe em Jerusalém, devendo continuar a sê-lo até a segunda vinda, na opinião de Marcos. Os outros textos do começo da igreja não fornecem base para isto. Neles a Galiléia também não é mencionada como região cristã ideal, antes como transtorno no caminho de Jesus. Sob o presságio do fim da vida do seu precursor, portanto, é que Jesus dá início, por sua vez, à trilha de sofrimento que Deus lhe destinou. Esta relação misteriosa entre boa notícia e caminho de sofrimento será mencionada mais uma vez no fim do v. 15.

**Pregando o evangelho de Deus.** É evidente que Jesus aqui ainda não anunciava o “evangelho de Jesus Cristo” do v. 1. O quadro total da sua vida ainda não estava disponível, a proclamação do crucificado e ressurreto ainda não podia acontecer, como 1Co 15.3-5 estabeleceu de modo tão marcante e obrigatório. A descrição do conteúdo no próximo versículo confirma isto. Nele Jesus ainda nem é mencionado, sem falar da sua exaltação como Senhor. Ele ainda não é o proclamado, mas o proclamador.

O acréscimo depois da Páscoa, porém, não consiste em que Deus seja substituído por Jesus, pois também Paulo continua escrevendo sobre o “evangelho de Deus” em Rm 1.1; 10.16; 2Co 11.7 e 1Ts 2.2,8. O evangelho, portanto, permanece teocêntrico. Este Deus, contudo, de certa forma “mostrou a cara” na Sexta-feira da Paixão e na Páscoa, definindo-se como “Pai do nosso Senhor Jesus Cristo”. Retroceder para antes disto, a pregação não pode mais. Depois que Deus se apresentou desta maneira, quem não fala também de Jesus Cristo não está falando genuinamente de Deus.

A “boa notícia de Deus” na Galiléia, portanto, ainda não correspondia totalmente ao “evangelho de Jesus Cristo” de depois da Páscoa, se bem que este em essência se referia àquele. O emissor da mensagem e o tom básico são os mesmos. Deus começou a espalhar alegria: naqueles dias sobre a Galiléia escura, hoje sobre o mundo inteiro.

Se o “evangelho” aqui ainda não fala da Páscoa, por outro lado está repleto de Antigo Testamento. Forçosamente é isto o que prova o v. 15. Todos os elementos ali contidos – o mensageiro que traz a boa notícia, Deus como emissor da mensagem, sua vinda para libertar, a apresentação do reinado de Deus ao mundo inteiro, o início da nova época, o estabelecimento de justiça e graça e o chamado à conversão – tudo isto está no AT e, acima de tudo, entrelaçado estreitamente no Livro da Consolação de Israel. É só ler Is 40.9; 41.27; 52.7-10 e 61.1,2. Na tradução da LXX, a estes juntam-se 49.8; 56.1; 60.6 e 61.10. No v. 2 já era o livro de Isaías que iluminava o caminho de Jesus (cf. 1.2s).

Em favor da derivação da boa notícia de alegria de Is 40ss consta “que no judaísmo palestinese ficara viva a idéia do mensageiro das boas notícias do Dêutero-Isaías”. As passagens mencionadas “ocorrem repetidamente nos rabinos” (Friedrich, ThWNT II, p 712ss). A esta expectativa é que Jesus se dirigiu. Paulo também ligou “evangelho” a Is 52.7, em Rm 10.15s. Desta forma ficou viva a lembrança da origem bíblica do termo padrão dos primeiros cristãos. Através de Jesus, ele remonta à Escritura. De lá para cá, com a difusão da literatura e da leitura, a figura do mensageiro perdeu em importância. Nós ainda o conhecemos quase só como carteiro, que não tem relação pessoal com o conteúdo das cartas que entrega. Na Antiguidade, o conteúdo da mensagem e o mensageiro se confundiam. O mensageiro não só se desincumbia da sua mensagem, mas era a mensagem em pessoa. Neste sentido, o próprio Jesus era o anunciado, mesmo que indiretamente. Mais tarde chegou-se praticamente à equivalência: evangelho = Jesus (8.35,38; 10.29; 13.9s).

Este versículo apresenta o conteúdo da boa notícia em quatro impulsos curtos, dos quais os dois primeiros são um comunicado, os outros dois um desafio.

- 15 O tempo está cumprido.** Antes do cumprimento, o tempo se parecia com um recipiente ao qual faltava o conteúdo. Todavia, ele não ficou vazio, nem caiu no vazio. Foi enchido. Não por si mesmo; diferente da concepção grega, o tempo não transcorria soberano, arrastando-se sem interferência possível, sendo que até os deuses tinham de submeter-se a ele. A voz passiva oculta a ação de Deus (*passivum divinum*, cf. 2.5). O próprio Deus põe um fim à espera. Sem ficar à espera de algum sinal de tempo fora dele, sem olhar para um calendário, sem aguardar um ponto crítico no desenvolvimento terreno que lhe permitisse a intervenção, ocorre uma mudança em seu coração. Ele não quer mais ficar olhando sua gente sendo violentada e aprisionada. Agradou-lhe fazer soar a hora do perdão. Foi somente a sua boa vontade que decidiu: A medida está cheia! Foi exatamente isto que ressoou em céu azul em Is 40: “Consolai, consolai o meu povo! Falai ao coração de Jerusalém, bradai-lhe que já é findo o tempo da sua milícia, que a sua iniquidade está perdoada”. O “tempo do meu favor” (BJ), o “dia da salvação” raiou (Is 49.8).

Este tom de cumprimento é muito mais claro em Jesus que em João. Este batia na porta, Jesus irrompe por ela. Esta porta aberta é a condição para todas as palavras e ações de Jesus.

Com a segunda frase, Jesus chega ao que interessa: **O reino de Deus está próximo.** Se quisermos recordar a quem lê a Bíblia uma passagem conhecida de Isaías, poderíamos traduzir (cf. 1.15n): “Chegou o tempo de Deus ser rei”. É assim que está em Is 52.7: “Que formosos são sobre os montes os pés do que anuncia as boas novas, que faz ouvir a paz, que anuncia cousas boas, que faz ouvir a salvação, que diz a Sião: *o teu Deus reina!*” No Livro da Consolação Deus usa várias vezes o título de rei (41.21; 43.15; 44.6). Sob este título ele irá executar a grande ação de libertação do seu povo, e toda a raça humana ficará livre na seqüência desta revelação. Até mesmo a natureza retorna para a paz de Deus (cf. 1.11). Lamentável é que em tempos recentes “reino (ou reinado) de Deus” ficou reduzido a um termo da eclesiologia.

Jesus não teria ensinado seus discípulos a pedir a vinda do reino, se este não lhe fosse uma grandeza futura considerável. Ele só anuncia que o reino **está próximo**, apesar de termos de levar o tempo perfeito de “aproximar-se” em consideração. Se estivesse no tempo presente, indicaria uma aproximação ainda bastante indefinida. O imperfeito teria indicado uma aproximação gradativa, e o aoristo também deixaria uma boa distância da meta. O perfeito, porém, reforça o sentido do verbo, enfatizando a duração e o efeito da aproximação, resultando em uma impressão de proximidade premente e inquietante (cf. Bl-Debr 340; Mussner em Grundmann 50 A12). Portanto, mesmo que ainda não se possa falar da presença plena, tanto menos se pode falar que o reinado de Deus é



remoto, como na profecia do AT. O tempo agora está cumprido, no sentido de que o cumprimento se estende formando um acontecimento. Realiza-se algo em suspensão: o reino já toca o presente, sem anular seu caráter futuro.

No espírito do Livro da Consolação isaiano, o mensageiro da boa notícia vem na frente. Ele lhe serve de sinal e realiza sinais do reinado de Deus. A partir daqui temos acesso à afirmação clara de Jesus de que o reino está presente, em especial Lc 11.20 e 21.21. Neste Jesus e em seus atos, a realeza de Deus se põe a caminho do futuro para adentrar no nosso mundo com uma ponta de lança (cf. Mc 3.27). Jesus é a forma presente de encontro com o reino, o *autobasileia* (Orígenes). Nele as forças do Espírito e da paz nos cercam (Mt 11.5). Nele e somente nele! O reino de Deus ainda não chegou em sua amplitude. Trata-se só da vanguarda que disparou à frente, nesta pessoa de ponta, “Jesus”. Por esta razão um mundo “cristão”, um Ocidente “cristão” ou um povo “cristão” é uma ilusão. Entretanto, desde a vinda de Cristo o mundo inteiro vive inapelavelmente ao som do gongo final, mesmo que ele ainda se estenda um tanto.

A pregação de Jesus desembocava em um desafio duplo. Em concordância com os profetas (p ex Is 59.20; 56.1s; 58.6,7) e com o Batista (cf. v. 4), ela se torna convocação à conversão: **Arrependei-vos!** Também, que salvação seria esta que fosse jogada em nós como o reboco na parede?! Da salvação de Deus faz parte, em primeiro lugar, que nos tornemos realmente humanos, isto é, que sejamos colocados de pé e tenhamos espaço para dar meia-volta. *Podemos* nos decidir a isto. A segunda parte é que *devemos* nos decidir, em nossa salvação, que concordamos com o reinado de Deus e “entrar” em seu reino (10.15,24s). Só a terceira parte não se aplica: Nós não *somos obrigados* a entrar, ninguém nos arrasta por pés e mãos. O reinado de Deus, de acordo com Lc 10.11, também pode passar e se tornar passado para nós.

O “e” subsequente tem sentido explicativo (*kai exegeticus*, BI-Debr 442.6), de modo que o segundo apelo não corresponde a uma ação à parte, a ser realizada em seguida à conversão, antes define a exigência de arrependimento: **(ou seja,) crede!** Não é sem razão que Jesus acrescenta um esclarecimento para o que ele entende por arrependimento, para distanciar-se das fórmulas judaicas de conversão (cf. opr 2 a 1.2-8). Ele explica dando ênfase à fé. Esta interpretação é confirmada por todo o evangelho de Marcos. Nos próximos capítulos, Jesus não fala mais de “arrepender-se”, mas com cada vez mais destaque de “crer” (4.40; 5.34,36; 9.23s,42; 10.52; 11.22-24; cf. 2.5 e 16.13-17 no apêndice).

Parte destes trechos usa “crer” em sentido absoluto, sem mencionar um objeto, ou melhor, uma pessoa em quem se deposita confiança. Quando se menciona, sempre é Deus (cf. 11.22). Este também é o sentido aqui: Creiam em Deus, que se aproxima de vocês, em sua boa notícia, com sua poderosa disposição para ajudar. Criam **(com base) no evangelho!**

Com isto, a fé está plenamente dentro do seu contexto bíblico. Isto porque em toda a Bíblia ninguém crê por si, simplesmente; só crê aquele com quem Deus falou. Assim foi com Abraão, o “pai de todos os crentes”, de acordo com a passagem básica de Gn 17.5. Paulo o resumiu assim: “A fé vem pelo ouvir” (Rm 10.17). Onde não há nada para ouvir, não há nada para crer. Mesmo que, por um tempo, a fé subsista sem sentir, jamais o poderá se Deus não falar a ela. Aqui Deus falou com os galileus, por meio da boa notícia. Agora eles são convocados a prender-se a ela (cf. v. 15n). É como quando um nômade monta sua tenda em certo lugar do deserto: aqui eu fico firme contra tempestades de areia, escuridão, frio e animais selvagens perigosos. Da mesma forma um navio se amarra ao cais contra correntezas, ondas e ventos. O carvalho se agarra com as raízes às rochas e desafia os séculos. Isto são figuras para quem crê na boa notícia. Não faltará oposição – em Marcos a fé é sempre “apesar de”! – porém uma calma firme como a rocha o domina. Ele deixa Deus ser Deus e lhe dá uma chance na sua vida (cf. 6.36).

Em pessoas assim, Deus tem um grande prazer. Sobre Abraão lemos: “Ele creu no Senhor, e isso lhe foi imputado para justiça” (Gn 15.6). Para Deus, o ser humano é perfeito quando deixa Deus ser Deus. Aí Deus pode abençoá-lo de modo nunca imaginado, e torná-lo uma bênção. Existe também a incredulidade, a greve contra a boa notícia de Deus. Recusa-se a alegria, até o sorriso ao saber-se amado por Deus. Incredulidade assim dá início ao sofrimento de Jesus: “Ó geração incrédula, até quando estarei convosco? Até quando vos sofrerei?” (9.19).

## 2. O chamado dos primeiros discípulos, 1.16-20

(Mt 4.18-22)

**Caminhando junto ao mar<sup>a</sup> da Galiléia, viu os irmãos Simão e André, que lançavam<sup>b</sup> a rede ao mar, porque eram pescadores.**

**Disse-lhes Jesus: Vinde após mim<sup>c</sup>, e eu vos farei pescadores de homens<sup>d</sup>.**

**Então, eles deixaram imediatamente as redes e o seguiram.**

<sup>19</sup> **Pouco mais adiante, viu Tiago, filho de Zebedeu, e João, seu irmão, que estavam no barco consertando as redes.**

<sup>20</sup> **E logo os chamou. Deixando eles no barco a seu pai Zebedeu com os empregados, seguiram após Jesus.**

#### *Em relação à tradução*

<sup>a</sup> No evangelho de Lucas, que é grego, o lago de Genesaré é realmente chamado de “lago”. Os três evangelhos judaicos, por sua vez, têm “mar”, seguindo a fonte aramaica, pois o termo aramaico e hebr *jam* denota tanto o mar aberto como um lago. Para evitar a confusão com o mar Mediterrâneo, geralmente acrescenta-se “da Galiléia” ou “de Tiberíades”.

<sup>b</sup> *amphiballein*, jogar em círculo, é o termo técnico do arremesso da tarrafa, uma rede circular (*amphiblestron*, Mt 4.18) de três a cinco metros de diâmetro, que era jogada a partir da margem. O pescador, parado dentro da água, perto da margem, a jogava com um impulso sobre a água quando via um cardume, fazendo-a cobri-lo de modo uniforme. A borda, que tinha pedras amarradas, afundava rapidamente, fechando-se sobre os peixes apanhados. Este tipo de rede não dava trabalho para limpar nem precisava ser primeiro arrastada para um barco, como as redes do v. 19. Estas, por sinal, formavam um conjunto de redes, com pedaços de até 15 metros de comprimento. Mateus menciona ainda, em 13.47, a rede de arrasto (*sagene*), de até 250 m de comprimento, que era lançada em alto mar e puxada para a terra por dois barcos.

<sup>c</sup> *opiso mou*, “após mim”, não é usado no grego secular, porém aparece na LXX (p ex 2Rs 6.19, como ordem militar para marchar).

<sup>d</sup> A disposição dos termos pressupõe, de acordo com Beyer I 1.252, uma forma aramaica original. O parágrafo está permeado de peculiaridades de linguagem que permitem concluir por uma fonte aramaica.

#### *Observações preliminares*

1. *Contexto.* Depois da apresentação de Jesus, evangelizando, poder-se-ia esperar que a atenção fosse chamada para a Galiléia que era evangelizada. Antes disto Marcos insere o chamado de discípulos, obviamente como algo que ainda faz parte das pressuposições. É que os v. 9-15 mostram um Jesus ainda solitário. O quadro carece de complementação. A fórmula de encontro da boa notícia do v. 15 foi “Jesus e seus discípulos” (cf. opr 8s). Esta relação estreita da vocação dos discípulos com a boa notícia e o mensageiro da alegria em 14s norteará nossa interpretação.

2. *Relação com a escolha dos apóstolos.* Em vista de 3.13-19, parece haver uma duplicata destes quatro discípulos. Será que eles foram chamados duas vezes? Há, porém, diferenças sutis. Lá eles foram “chamados para junto dele” de entre o grupo de seguidores (3.13), ao que parece para receberem uma tarefa determinada. Aqui Jesus os “chama” para o seguirem (v. 18,20), certamente já tendo em vista a tarefa futura (v. 17b). Em destaque está o chamado básico que alcança todo ouvinte, mesmo que não se torne um dos doze apóstolos. O presente trecho, portanto, sublinha o que vale para todos. Em consequência lemos no v. 20: “Seguiram após Jesus”, como atitude permanente, enquanto 3.13 expressa uma ação singular: “Vieram para junto dele”.

3. *Vestígios de testemunhas oculares.* A descrição é permeada por uma sensação de recordação pessoal. Para a identificação do lago como “mar” e os tipos de redes e modos de trabalhar, já chamamos a atenção nas notas. O uso de tarrafas poderia ser um indicador geográfico. De acordo com Kroll (p 251), numa baía perto de Cafarnaum ocorre a confluência de várias fontes mornas, que atraem os cardumes de peixes para perto da margem e tornam o lugar até hoje um dos preferidos para pescarias (*Sete-fontes et-Tabgha*). Neste caso não era preciso “fazer-se ao largo” (Lc 5.4) para pescar. Por último, note-se neste curto parágrafo a quantidade de nomes próprios e a primazia clara de Pedro.

4. *Constituição teológica.* Todavia, devemos prestar atenção também nas muitas lacunas. Falta toda definição de tempo. Uma vez, em alguma hora, “quando ele andava pela margem do mar da Galiléia”, aconteceu. A localização exata também não é determinada. A indicação “junto ao mar”, cuja costa ocidental tem 30 km, precisa bastar. Do ambiente também não se ouve nada, apesar de sua beleza ser louvada p ex por Josefo. Também falta a informação, p ex, se os quatro homens já conheciam a mensagem. Faltam os detalhes do encontro, tais como a reação dos discípulos quando viram Jesus, a saudação, as respostas, as reações do pai e dos companheiros. Apesar de os quatro vocacionados serem de carne e sangue, não ouvimos nada sobre reações emocionais como medo, inibição, surpresa ou felicidade. Quatro decisões para toda a vida são reduzidas a cinco versículos. Como detalhes adicionais teriam prendido nossa fantasia, mas também o historiador! Mesmo assim, estas omissões têm seu lado positivo. O olhar fica livre para aquilo que tem valor geral, que não depende de tempo, lugar, ambiente, mentalidade e circunstâncias, mas é válido para todo

encontro com Jesus, inclusive o nosso. É isto que a antiga tradição, com sua simplificação e concisão, destacou. Com efeito, neste curto trecho lemos algumas coisas duas vezes, quais sejam, “ir, ver, chamar, deixar, seguir, logo”. A retomada destes procedimentos básicos em 2.14,15 (cf. 10.17-22) prova o interesse espiritual neles. Uma vez que entendemos a peculiaridade do texto, evitaremos preencher suas lacunas de informações com nossas suposições e afirmações. Uma passagem que retocamos histórica e psicologicamente dificilmente poderá nos dizer alguma coisa.

5. “Seguir”, no judaísmo e com Jesus. Assim como o AT, o judaísmo raras vezes usou “seguir” para adesão intelectual e religiosa, como no caso dos adeptos de Deus ou dos ídolos. Nos casos em que se fala de seguir os ídolos, certamente a idéia é de andar literalmente atrás de imagens carregadas em uma procissão. Esta figura bonita, porém, de alguém que segue a certa distância uma pessoa que merece respeito, desta forma expressando uma relação de admiração, deve ser nosso ponto de partida. Esta forma de “seguir” era comum entre os judeus nas ruas: a esposa seguia seu marido, o filho seu pai, o soldado seu comandante e o escravo seu dono. Outras duas aplicações podem esclarecer muito bem este “seguir” a Jesus.

O aluno seguia seu “rabi” (saudação original: Meu senhor!), o professor da lei. Neste caso está em jogo mais do que a posição correta no trânsito. Fica evidente que o aluno faz parte da escola deste professor e, com isto, de íntima comunhão de vida com ele. O aluno estava à volta do seu professor no orar, comer, trabalhar, no dia-a-dia em casa e na rua. Desta forma recebia dele uma formação marcante. Em troca, estava à disposição dele como servo (cf. 1.7). O que dava início a este seguir era a inscrição do aluno, e o término ocorria quando aparecia outra celebridade que levava o aluno a mudar de professor, ou porque ele dominava a matéria transmitida. Ele festejava sua formatura e talvez se tornasse pessoalmente um professor requisitado, que agrupava alunos ao seu redor.

Não podemos deixar de ver as semelhanças formais com o discipulado com Jesus. As diferenças, todavia, também são grandes. Para ser aluno ou discípulo de Jesus não era possível inscrever-se, era preciso ser chamado. O ensino não se dava em lugar fixo, na sinagoga, antes, muitas vezes, em caminhos de fuga, ao relento ou no deserto. Não havia troca de professor, nem formatura. O vínculo não estava na matéria a ser aprendida, mas na pessoa do próprio Jesus. Entretanto, apesar da ligação muito mais próxima, Jesus não se deixava servir por seus discípulos. E causava sensação o fato de que ele até tinha mulheres a segui-lo (cf. 15.41).

Os adeptos dos zelotes igualmente servem de paralelo (cf. 1.5). No século I havia numerosos líderes carismático-religiosos que, com pretensões messiânicas, incitavam à luta radical contra Roma (Hengel, *Nachfolge*, p 23; cf. At 5.36s; Mt 24.23,26; Lc 21.8). Eles se retiravam com seus seguidores para o deserto ou para outro tipo de clandestinidade, para de lá atuar contra as forças de ocupação e seus colaboradores, de modo que o aprendizado e a atividade militar se confundiam. As condições prévias eram romper com família, posses e emprego, a fé no líder messiânico e a disposição para suportar a morte cruel por crucifixão, que era infligida aos rebeldes. Novamente podemos fazer comparações com Jesus. Contudo, ele encarava um inimigo totalmente diferente: não eram os romanos que escravizavam as pessoas, mas os demônios. Disto derivavam-se outros alvos e meios. Jesus também evitava com cuidado tudo o que pudesse incitar o povo à rebelião, preferindo chamar só alguns para o seguirem.

Em conclusão, o termo e a causa do “discipulado” eram bem conhecidos no judaísmo. Os vínculos importantes dos discípulos com Cristo, porém, eram outros, baseados no AT. Jesus chamava para segui-lo como Deus nas histórias do AT (Hengel, *Nachfolge*, p 80). No mais, pode-se depreender a essência desse discipulado das palavras do próprio Jesus. Aqui temos a primeira de uma série de passagens marcantes em Marcos (cf. ainda 2.14s; 3.7; 5.24; 6.1; 8.34; 9.38; 10.21,28,32,52; 11.9; 14.54; 15.41).

**16 Caminhando junto ao mar da Galiléia** tem um tom despretensioso. Não há uma iniciativa proposital, nenhum encontro marcado, mas uma estranha falta de pressupostos. O chamado se dá verticalmente. Jesus viu com um olhar de qualidade especial. Afinal, pode-se ver com olhos diferentes. Uma vaca, uma criança, um artista e um cientista olharão de modo bem diferente para uma flor no campo. Em Lc 10.31s o sacerdote e o levita “viram” o assaltado, porém no v. 33 o samaritano, “vendo-o, compadeceu-se dele”. Esta visão mais rica percebe-se também em Mc 10.21: “Fitando-o, o amou”. Jesus, portanto, abrangeu os dois não só com os olhos, mas também com o coração. E abrangeu-os com o coração para não mais perdê-los de vista.

A Bíblia conhece esta visão seletiva em várias passagens: Gn 16.13 (Agar); Gn 22.8 (o cordeiro); Êx 3.7; 4.31 (Israel); 1Sm 16.1,7 (Davi); 2Rs 20.5 (Ezequias); Lc 1.28 (Maria) e Mc 2.14 (Levi). A mesma experiência fundamental fazem agora os pescadores galileus. Eles foram detectados e pescados para fora do anonimato. Eles agora são alguém para ele. Ele os tem em vista, os quer, os afirma. Com toda a sua seriedade ele vai na direção deles. O acréscimo significativo **porque eram pescadores** parece aludir ao sentido da escolha deles, à luz de Jr 16.16. Este é explanado em seguida.

**17 Disse-lhes Jesus** ganha, depois de “ver”, uma qualidade como em Gn 1.3, ou seja, a qualidade da expressão criadora, que chama algo à existência. **Vinde após mim!** Nenhum rabino judeu falava desse jeito. Jesus cria e exige obediência irrestrita, como Deus. O reinado de Deus se aproximava e varria da mesa toda outra pretensão de reinado, até mesmo o direito sobre si mesmo (8.34). É claro que este procedimento não teria impressionado nem o imperador em Roma, nem Pilatos, nem o sumo sacerdote em Jerusalém. O reinado de Deus, porém, tinha penetrado com sua ponta.

**E eu vos farei pescadores de homens.** Veja o tempo futuro: ainda se trata de um anúncio. Seguir a Cristo ainda não é ser enviado; isto vem depois. Seja como for, o discipulado já foi direcionado com o envio anunciado. Ele não se esgota em uma relação dual exclusiva entre Jesus e o discípulo, quicá às custas de terceiros. Nós iríamos gostar disto. Por natureza somos voltados para nós mesmos e temos a tendência de usar até a Cristo em prol disto. Ele, porém, nos abre para o restante da criação. Nossa vida nova, como a vida de Jesus, pertence a todos os seus seres humanos. Chamados bíblicos estabelecem sempre freqüentemente uma relação triangular. Temos o Senhor, seu servo escolhido, e temos pessoas que deverão ter proveito desta escolha. Podemos conferir esta relação nas histórias de chamados do AT.

A nova vocação dos discípulos é esclarecida com auxílio da antiga. Assim como Davi, o pastor de ovelhas, de acordo com 2Sm 5.2 se tornou pastor de pessoas, estes pescadores de peixes se tornam pescadores de gente. Esta ilustração novamente nos leva ao AT. Em Hc 1.14-17, p ex, o Deus juiz é “pescador”. Os peixinhos podem esconder-se, fugir para cá e para lá, debater-se como quiserem – ele os descobre a todos. O que é mau recebe seu castigo. Em Jr 16.15-17 a situação é parecida. Israel precisa ser buscado em todos os cantos, para ouvir a sentença e também receber a salvação. Para isto Deus se utiliza de instrumentos humanos, chamados de “pescadores”. De acordo com 3.14, os doze discípulos são instrumentos de Deus para a renovação escatológica de Israel (cf. Mt 19.28; Lc 22.30).

Talvez possamos dar mais um passo à frente e aplicar esta “pescaria de pessoas” especificamente ao ministério da palavra, consignado aos discípulos. É verdade que os paralelos com o judaísmo que apontam nesta direção são tênues e distantes (Bill. I, 188; a comprovação helenista em Schmithals [p 105] é pálida). Neles, “pegar pessoas” equivalia a falar de modo ardiloso e ladino. Se conseguirmos nos desvencilhar do tom negativo para o nosso contexto, teremos a indicação de que o chamado dos discípulos incluía a promessa de sabedoria e força especial para o serviço de arauto do reino de Deus (At 1.8; 6.10; Lc 10.17; 21.15). Com seu testemunho autoritativo, estes homens simples realmente se tornaram a cepa de um Israel renovado e florescente. A passagem de 6.7-13 certamente é contada como amostra do cumprimento. A expressão “pegar” ou “pescar” pessoas, na verdade, era tão especial e também dúbia que não se tornou fluente entre os primeiros cristãos. Paulo fala de “ganhar” pessoas no sentido de “salvar” (1Co 9.19-22; cf. Mt 18.15s).

**18 Então, imediatamente** é uma expressão especial, como no v. 20 (cf. 1.10n). A intenção é que o leitor fique maravilhado. À dureza da convocação os chamados não respondem com gemidos e suspiros, não há uma luta ingente para se desligarem. Nada disso é digno de nota, falta todo tom trágico ou heróico. Uma naturalidade misteriosa os faz se voltarem e os leva até ele. Tudo está sob a luz de 1.15, a boa notícia de Deus. Algo totalmente novo teve início, o chamado de Jesus é acompanhado da força espiritual que os faz considerar imediatamente velho o que é velho e viver o que é novo. Foi um chamado para a graça total. De forma que os discípulos não agiram nem por obrigação nem por leviandade, simplesmente deixaram que o Deus que se aproximara deles fosse Deus, realizando com isto o que o v. 15 chama de “crer”.

**Eles deixaram as redes e o seguiram.** A nova vocação deles liberou-os da vocação que tinham até então e, com isso, naturalmente também da sua segurança econômica. Os discípulos tinham de perguntar literalmente, em vista do dia seguinte: “Que comeremos?” (Mt 6.31; cf. Mc 2.23; 6.8; 8.4). Jesus os ensinou a deixar esta questão à competência do seu Deus: “O pão nosso de cada dia dá-nos hoje” (Mt 6.11). Para eles, também fazia parte da troca de vocação ficar sem pátria (Mt 8.20) e proteção e, conforme o v. 20 a seguir, também a renúncia à vida de família (cf. 10.29s). Entre os rabinos, por outro lado, o ensino e a profissão terrena não eram excludentes, na verdade o estudo até significava ascensão social e incremento da importância de toda a família (sobre a renúncia veja também o v. 20).

**19 Pouco mais adiante, viu Tiago, filho de Zebedeu, e João, seu irmão, que estavam no barco consertando as redes.** Novamente o chamado se dá em dupla, como mais tarde o envio (6.7). Jesus chamou indivíduos, mas nunca os deixou solitários, antes tornou-os irmãos e irmãs (3.34s, 10.30).

Mesmo Pedro não era um homem que se destacava sozinho, antes projetava-se para dentro da comunidade. Dele é dito: “Simão e André, com Tiago e João” (1.29, BJ), “Simão e os que com ele estavam” (1.36). Quando ele falava, fazia-o expressamente em nome do grupo (8.29; 10.28). Quando uma vez se isolou, caiu (14.29,54). Em 16.7 a Boca da Graça diz novamente “discípulos com Pedro”.

**20 E logo os chamou.** Aqui “chamar” já é termo técnico para o chamado de Deus, de modo que adjetivos sobre conteúdo e sentido do chamado são desnecessários. **Deixando eles no barco a seu pai Zebedeu com os empregados, seguiram após Jesus.** “Zebedeu e os assalariados” é o coletivo antigo. Ele desvanece diante da nova comunidade, “Jesus e os seus discípulos”. É bem verdade que Pedro continua relacionado à sua família (v. 29), mas esta relação teve de passar pela morte e ressurreição.

Até o dia de hoje há pessoas que renunciam, por amor a Jesus, literalmente a segurança financeira, profissão e posição social ou ao aconchego familiar. Entretanto, hoje como naquela época, isto não pode ser generalizado. Pedro renunciou à sua profissão, mas de forma alguma às suas posses, pois no v. 29 lemos: “Foram para a casa de Simão”. Do jovem rico em 10.21, por outro lado, foi requerida uma renúncia completa aos bens materiais. Paulo permaneceu sem casar, mas respeitava Pedro e outros apóstolos que realizavam seu serviço em conjunto com a esposa (1Co 9.5). Não existe uma igualação dos seguidores, porque dons e tarefas são diferentes. A “renúncia” que vale para todos os que seguem a Jesus é que sua vida precisa ser evidente. Não querer levar várias vidas ao mesmo tempo, ou termos melancolia cristã, ou até tragédias cristãs! No fundo, o chamado de Jesus para que o sigam restabelece a obediência ao primeiro mandamento (cf. 4.19).

Levando o NT a sério, é verdade que depois da Páscoa não se fala mais em “seguir”; Ap 14.3 é a única exceção. Também não era muito comum no começo que os cristãos fossem chamados de “discípulos”; só uma fonte dos Atos dos Apóstolos constitui-se em exceção (a partir de 6.1, exceto os trechos em que Lucas usa “nós”). O NT, portanto, reserva o espectro deste termo via de regra para o pequeno grupo que andava com Jesus antes da Páscoa, ao qual já naquele tempo nem todos podiam se juntar (5.18s). Pontos de referência limitados foram, portanto, generalizados na época pós-bíblica. Pós-bíblico não é, contudo, necessariamente antibíblico. Para justificar esta generalização cf. opr 8g.

### **3. A comprovação poderosa do ensino de Jesus pela cura do endemoninhado em Cafarnaum, 1.21-28**

(Lc 4.31-37; cf. Mt 4.13; 7.28,29; Jo 2.12; 7.46)

**Depois, entraram em Cafarnaum<sup>a</sup>, e, logo no sábado<sup>b</sup>, foi ele ensinar na sinagoga.**

**Maravilharam-se<sup>c</sup> da sua doutrina, porque os ensinava como quem tem autoridade e não como os escribas.**

**Não tardou que aparecesse na sinagoga um homem possesso de espírito imundo<sup>d</sup>, o qual bradou:**

**Que temos nós contigo<sup>e</sup>, Jesus Nazareno<sup>f</sup>? Vieste para perder-nos? Bem sei quem és: o Santo de Deus<sup>g</sup>!**

**Mas Jesus o repreendeu, dizendo: Cala-te<sup>h</sup> e sai desse homem.**

**Então, o espírito imundo, agitando-o violentamente e bradando em alta voz<sup>i</sup>, saiu dele.**

**27 Todos se admiraram<sup>j</sup>, a ponto de perguntarem entre si: Que vem a ser isto? Uma nova doutrina! Com autoridade ele ordena aos espíritos imundos, e eles lhe obedecem!**

**28 Então, correu célere a fama de Jesus em todas as direções, por toda a circunvizinhança da Galiléia<sup>l</sup>.**

*Em relação à tradução*

<sup>a</sup> Cafarnaum (aldeia de Naum) ficava 4 km a oeste da foz do Jordão no lago de Genesaré, junto à antiga estrada comercial que ia do mar Mediterrâneo para Damasco. Na época de Jesus ela ficava na fronteira entre a Galiléia e o norte da Transjordânia, com alfândega e guarnição militar. Diferente das cidades vizinhas de Tiberíades e Tariqueia-Magdala, esta que foi a principal localidade da atuação de Jesus era habitada puramente por judeus.

<sup>b</sup> Apesar do plural “nos sábados”, por causa do “logo” é preciso pensar em um sábado específico. O plural estranho se explica a partir do aramaico.

<sup>c</sup> Marcos usa sete verbos diferentes e alguns substantivos para descrever o espanto diante do ensino de Jesus (ao todo 34 vezes; Pesch I, 151). A abundância de passagens contrasta com antigas histórias de



milagres não-cristãs. Aqui estamos diante de *ekplessesthai*, literalmente espantar, enxotar. Esta expressão forte se encontra ainda em 6.2; 7.37; 10.26; 11.18, e é intensificada aqui pelo imperfeito.

<sup>d</sup> Expressão semita para demônio. O trecho paralelo em Lc 4.33 explicita, de acordo com o pensamento grego, que o espírito imundo está na pessoa, portanto a possui.

<sup>e</sup> Esta expressão também é conhecida no grego, mas o contexto aqui aponta claramente para 1Rs 17.18.

<sup>f</sup> Como “Nazareno” em Marcos é claramente uma indicação de procedência, é dispensável deter-se na assonância com “nasireu” (Jz 13.5,7; 16.17).

<sup>g</sup> Antigo título judaico que, conforme 3.11 e 5.7, evidentemente tem o mesmo sentido de “Filho de Deus” e, mais tarde, refluíu para trás deste título. Sobre a relação estreita das duas expressões veja Lc 1.35; Jo 10.36.

<sup>h</sup> Pfister (RAC II, 174) chama a atenção para o fato de que *phimoun* não significa “fazer calar”. Mais próxima está a idéia de amarrar, estrangular, prender, amordaçar, e até exilar (p ex nos papiros de magia). Em nossa passagem o espírito não se cala, mas grita alto, e em 4.39 a ordem de calar é a mesma. O que importa, portanto, é a perda do poder, não da palavra, se bem que esta pode ser subsequente àquela. Cf outros exemplos do NT: o boi em 1Co 9.9 não é impedido de soltar sons, mas de comer quando o amordaçam. Também em Mt 22.12,34; 1Pe 2.15 a questão não é o silêncio em si, mas a incapacidade de opor resistência.

<sup>i</sup> A expressão trai o fundo idiomático semita: está em lugar de um advérbio.

<sup>j</sup> O sentido básico de *thambeisthai* é “ficar paralisado de medo”, muitas vezes diante de uma manifestação sobrenatural (em Mc também 10.24,32; 9.15; 14.33; 16.5,6).

<sup>l</sup> A relação do genitivo não está bem clara. Trata-se da região em volta da Galiléia, as províncias limítrofes como em 3.7ss, ou a região em volta de Cafarnaum, correspondendo à Galiléia (*genitivus epexigeticus*)? O círculo mais estreito, que ainda não ultrapassa a Galiléia, é favorecido aqui pelo v. 39.

### Observações preliminares

1. *Contexto*. Este trecho esboça, junto com os três seguintes, algo como um dia de trabalho de 24 horas de Jesus em Cafarnaum. Ele inicia com o culto de sábado, que ocorre no começo da manhã (v. 21b), segue na casa de Pedro (v. 29), à noite na rua (v. 32), continua antes do raiar do sol (v. 35) e termina durante a manhã com a partida da cidade (v. 38). Aos quatro períodos do dia correspondem quatro cenários (sinagoga, casa, rua, deserto) e quatro platéias (judeus piedosos, grupo dos discípulos, multidão e tentador). Diante do senso forte nos primeiros séculos para números e simbologia, este dia poderia bem ser colocado sob o número quatro. Derivado dos quatro pontos cardeais, quatro é o número do universo e da universalidade em si. O evento do reinado de Deus que se aproxima perpassa todas as horas e cenários e está à altura de qualquer opositor. A palavra “todos” e assemelhadas são bastante frequentes: v. 27,28,32,33,34,37,39.

2. *Temática*. Centrais são as afirmações sobre o ensino de Jesus nos v. 21,22,27, que se colocam como uma moldura em volta do todo. O que elas emolduram, porém, não é o conteúdo do ensino de Jesus – este Marcos não precisa repetir, depois do v. 14s – mas a expulsão de um demônio como prova da sua autoridade para ensinar. Diante deste interesse, outras coisas são ignoradas, como o problema da quebra do sábado (cf. 3.1-6). Falta igualmente toda referência à miséria pessoal do possesso (cf. 5.1ss; por esta razão falaremos da atualidade das histórias de exorcismo para nós só quando chegarmos a esta passagem).

3. *Jesus como mestre*. O peso de Jesus como mestre é evidente em termos como “ensinar, mestre, ensino, rabi”. Quando alguém ensina, é Jesus. Só em 6.30 são os discípulos que ensinam (só na forma aoristo), nas demais 36 passagens é sempre Jesus quem ensina, nenhuma vez os professores da lei, que era a classe professoral de Israel, tão cheia de si. Assim como as estrelas empalidecem quando nasce o sol, o negócio magisterial dos judeus, que fizera o povo se tornar uma nação única de aprendizes, se desfaz em nada diante do mestre Jesus. É digno de nota que os “sábios” (título costumeiro dos teólogos ordenados no século I) nos evangelhos se tornam *grammateis*, literalmente “gramáticos”, ou seja, copistas, secretários. Quem conhece a Bíblia se lembrará de 1Co 1.20: “Onde está o sábio? Porventura, não tornou Deus louca a sabedoria do mundo?” (cf. Rm 2.17-24). Como a instituição judaica de ensino expulsou o verdadeiro mestre, ela se tornou vazia e sujeita à condenação. Jesus é cumprimento e fim da sinagoga.

4. *Importância programática das expulsões de demônios*. O fato de Marcos decidir pela expulsão de demônios como prova da autoridade de Jesus para ensinar tem sua razão. Mateus usa o sermão da Montanha (7.28s). Para ele a libertação do legalismo judaico era o mais importante. Marcos está mais interessado na expulsão de demônios. Sua seleção de material o trai. Aqui temos uma expulsão que falta em Mateus, 5.1-20; 7.24-30; 9.14-29 são três outras para as quais Mateus só tem paralelos bem reduzidos, e em 1.32-34,39; 3.11s,15,22-27; 6.7,13; 9.38-40 menciona-se exorcismos dos quais a metade falta em Mateus. O motivo desta ênfase certamente era o público cristão gentio de Marcos em Roma. Estes leitores eram afetados bem mais pelos demônios do seu mundo do que o judaísmo abençoado pelo AT. E. Schweizer esboçou isto em um artigo sobre o medo do mundo e dos demônios (Neotestamentica, 15-27). Segundo ele, os astros no firmamento não

despertavam enlevo e devoção, nem ainda sentimentos românticos, mas voejavam em torno da terra como bolas de ferro ocupadas por demônios, cortando a humanidade dos poderes bons e protetores. Daí resultava a atitude de fraqueza e autocompaixão diante da vida. Viver era sofrer. O ser humano se via como campo de batalha das trevas, contradições e dúvidas.

Esta é a importância programática desta história de abertura. À sua maneira, ela expõe a boa notícia do v. 15. Assim Deus vem! Ele envia exorcismos à sua frente, seu mundo respirará livre de demônios depois que céu e terra tiverem sido transformados por seu poder (Ap 21.1: "... e o mar já não existe").

5. *Sinagoga e professores da lei*. Não era sem razão que os judeus tinham em grande conceito a "sua" sinagoga (v. 23,39). Gostavam de chamá-la de "santíssima". Na época de Jesus era personificava cada vez mais o judaísmo em si. Em toda aldeia judaica, no país ou no exterior, existia uma destas "casas de reuniões" (*synagoge*) ou "casas de oração" (*proseuche*). Nas cidades havia várias, em Jerusalém mais de uma centena, às vezes diversas na mesma rua. Se possível, ficava em um lugar elevado, pois ninguém "devia morar mais alto" (Daniel-Rops, p 360). Este centro judaico abrigava, além de salas de aula e alojamento para hóspedes, uma sala retangular, com a frente de preferência voltada para Jerusalém. A principal peça de mobília era um armário para os rolos das Escrituras, ladeado por dois castiçais de sete braços, diante deles um tablado com um púlpito para leituras. Três vezes por dia a sala era aberta para quem quisesse orar, segunda e quinta-feira havia uma reunião e no sábado o culto principal. Com isto a importância da sinagoga ainda não estava esgotada. Ela não servia só de lugar de culto, mas também como lugar de reuniões do conselho de anciãos da aldeia, tribunal e escola. Os judeus piedosos faziam o caminho até ela se possível uma vez por dia, pois "enquanto os israelitas estiverem nas sinagogas, Deus deixará sua *shekinah* ficar com eles". "Como a gazela salta pelos montes, de arbusto em arbusto, Deus salta de sinagoga em sinagoga." Se o piedoso faltasse um dia que fosse, Deus perguntaria por ele (Schrage, ThWNT VII, 822ss).

Por trás desta religiosidade da sinagoga, porém, estavam os professores da lei. Eles deixavam o templo para os sacerdotes e a influência política para os sumos sacerdotes, forjando a nação nas sinagogas. Ali tudo estava na mão deles: o ensino, a jurisprudência, a interpretação e tradição (sobre seu método de ensino veja v. 22). Seu alto conceito (veja 2.6) não se baseava em sua origem familiar nem em suas posses, mas somente em sua vida dedicada ao estudo da Torá e sua aplicação rigorosa ao dia-a-dia. Esta ocupação com a Torá era considerada mais meritória que a construção do templo. Ela era a verdadeira fonte da existência do judaísmo, de modo que, mais tarde, a destruição do templo não significou o fim do judaísmo (veja também 2.6).

Estes professores da lei o evangelho de Marcos menciona do começo até o fim (de 1.22 a 15.31), sendo que, de dezenove passagens, em quinze eles aparecem como inimigos consumados de Jesus (Steichle, p 218). A eles seguem a partir de 2.18 os fariseus, de 3.6 os herodianos, de 8.21 os principais sacerdotes e anciãos, de 14.47 o sumo sacerdote, de 15.1 Pilatos, de 15.11 o povo e de 15.16 os soldados romanos. A condenação dura dos professores da lei não deve ser mal-entendida como antijudaísmo. Estes homens, em sua reação à boa notícia de Deus, estavam guardando o nosso lugar, de modo que ninguém tem motivo para rir. Neles se revelou o mistério da maldade que dormita dentro de cada um de nós, sob a forma da justiça própria e do egoísmo mais refinado, nas ações "boas" e "cristãs" das pessoas, só que inextinguível até mesmo na crucificação do Filho de Deus. Nesta cruz acabou sendo revelado de modo radical que diante de Deus ninguém tem razão e todos carecem da graça (Rm 11.32).

- 21 Depois de Marcos apresentar a mensagem e os acompanhantes de Jesus, ele passa a usar, no original, o tempo presente – anúncio de uma situação importante: **Entraram em Cafarnaum**, a cidade onde moravam Pedro e André. **E, logo no sábado, foi ele ensinar na sinagoga**. Evidentemente os quatro foram juntos, como era natural para eles desde o v. 17, o que ocasionalmente é mencionado (aqui no início do versículo e no v. 29). Via de regra as frases de abertura falam somente dele, o Senhor. Ele está absoluto no centro (p ex 2.1,13,23; 3.1,7).

Exteriormente agora acontece algo bem comum: Jesus vai à reunião do sábado, como era costume, e toma a palavra depois da leitura da Escritura, como era facultado a qualquer participante masculino. Esta intenção era comunicada ao presidente da sinagoga ficando-se de pé. Também era freqüente que os visitantes fossem convidados para fazer a leitura e exposição do texto do dia, como aconteceu com Paulo em At 13.15. Foi só no século II que o ensino se tornou uma prerrogativa de teólogos estudados (Jeremias, Theol., p 82). Aqui, porém, antes de Jesus se levantar e ensinar, está colocado um significativo **e, logo** (cf. 1.10n). É como se alguém dissesse com o dedo erguido: Olhem, o mais forte está entrando na fortaleza, o castelo do valente (cf. 3.27), para assumir a luta. Pois o que Jesus **ensinava** na sinagoga? Marcos não deixou esta pergunta em aberto; seguindo sua linha de pensamento, naturalmente deve ser encaixada aqui a boa notícia de 1.14s, se não quisermos negar o sentido daquele relato de resumo. Que lá se fale de "pregar" e aqui de "ensinar" não nos incomoda,

pois Marcos usa os dois termos como sinônimos. No v. 39, p ex, o ensino de Jesus nas sinagogas é chamado de “pregação”, e em 6.30 a “pregação” dos discípulos em 6.12 é chamada de “ensino”.

- 22 A proclamação de arauto de Jesus transborda a moldura da exposição da Escritura costumeira dos judeus. **Maravilharam-se da sua doutrina, porque os ensinava como quem tem autoridade e não como os escribas.** A BJ diz que eles “ficaram espantados com os seus ensinamentos”. Rabinos sérios ou empolgantes também podiam impressionar seus ouvintes, mas aqui estamos diante de uma intervenção da esfera divina. Os ouvintes ficam totalmente desorientados e irrompem em um turbilhão de perguntas, no v. 27.

O que os professores da lei ensinavam? Seu prestígio resultava de eles seguirem a tradição a ponto tal que anulavam a si mesmos. Podiam provar que seu ensino vinha em linha direta do seu líder espiritual, e do líder deste até Moisés. Para eles, a retidão terminava quando alguém apresentava um ensino fora da relação professor-aluno. Decidir por si mesmos seria a última coisa que eles fariam. Em Jo 9.28 eles proclamam orgulhosos: “Somos discípulos de Moisés”. Eles ocupavam a “cadeira de Moisés” (Mt 23.2), sim, usavam até suas sandálias e seus óculos, estavam imersos nele quando expunham a Escritura para o povo.

O que estava por trás deste ideal? Por meio desta corrente de tradição eles criam estar ligados ao evento espiritual original de Israel, a revelação do Sinai, e transmitir esta à comunidade para que esta pudesse ser verdadeiro Israel. Por esta razão eles faziam questão de não ensinar “de próprio punho”. Eles estavam convictos que só assim a vida fluía em cada sábado em cada sinagoga.

Para horror de todos, Jesus quebrou esta corrente de tradição. Ele não invocava os pais, mas o Pai. Falava não como rabino, mas como Filho. Pronunciou um novo início da revelação. Isto era algo monstruoso: ele não trazia a revelação por meio de um duto do comprimento de séculos, mas era a revelação em pessoa. Antecipando 7.1ss, podemos dizer mais: ele não só considerava a tradição dos rabinos ultrapassada, mas até um corpo estranho. O judaísmo tinha deformado Moisés, violado a vontade original de Deus. No fundo, tinham apedrejado Moisés. Por isso ele varreu a sinagoga, como fez mais tarde com o templo. Nas duas ocasiões lhe perguntaram atônitos de onde vinha sua autoridade (aqui v. 27, lá v. 11.27ss). Com base em que ele tomava essa liberdade? Ele não tinha estudo nem formação (Jo 7.15), não vinha de família importante (Mc 6.1-8) nem pertencia a um dos partidos judaicos, não usava roupa de profeta como o Batista (1.6) nem fazia exercícios espirituais como jejum (2.18-20) ou batismo (1.8). A isto se juntou mais tarde sua amizade com os pecadores, seus adeptos suspeitos, seus sofrimentos e, por fim, que foi pendurado na cruz (15.32). Mesmo assim, e talvez fosse isto o que mais incomodava, ele se apresentava sem insegurança, plenamente certo do seu envio por Deus e cheio do Espírito e do reinado de Deus. E, o que devia deixar os judeus realmente perplexos: com todas as indagações que sua entrada em cena provocou, ele deixava marcas indeléveis na consciência: “Sabemos que és verdadeiro e, segundo a verdade, ensinas o caminho de Deus” (12.14).

- 23 Em profunda percepção das conexões espirituais, a narrativa continua com um **não tardou**. Esta proximidade de Deus deve ser insuportável ao espírito imundo. Simplesmente, é bem demais para o mal. Diante da boa notícia, não são só os sofrendores e doentes que se manifestam (v. 32-34), mas também os espíritos maus.

**Não tardou que aparecesse na sinagoga um homem possesso de espírito imundo, o qual bradou:** – os detalhes biográficos, em contraste com 5.1ss, aqui são completamente suprimidos pela descrição do confronto espiritual. Com a autoridade de Jesus, em um frequentador do culto até então quieto e comum, de repente as trevas se revelam. Mesmo assim, a diferença entre o possesso e seu possuidor fica preservada. Pelo conteúdo das frases fica bem claro que é um espírito estranho que usa as cordas vocais deste homem. Elas não espelham a consciência humana.

Com o ensino dos rabinos o espírito imundo não se sentira ameaçado, nem mesmo incomodado. De alguma forma ele podia digerir todos os aleluias da liturgia deles. Na presença de Jesus, porém, esta simbiose de profano com religioso se rompe. Gritos de guerra ecoam pela sinagoga.

Será que podemos relacionar sinagoga e espírito mau desta maneira? O pronome possessivo “na sinagoga *deles*” (BJ) parece estar fazendo esta correlação (cf. também v. 39, em outra referência a demônios): é típico para este lugar, e revelador, que um caos como este se manifesta. Com isto a sinagoga é questionada totalmente como lugar onde flui a vida.

- 24 **Que temos nós contigo?** soa o grito. Lc 4.34 o prefixou com um “Ah!”, que corresponde a um gesto brusco de defesa. Com esta exclamação o mal, horrorizado, repele o bem que se aproxima dele,

ameaçador. De antemão ele está na defensiva. Usando o plural ele não está se referindo ao homem possesso, mas a todo o reino dos demônios a que pertence. Ele está consciente do confronto generalizado. Sua natureza demoníaca captou muito bem a situação: **Jesus Nazareno, vieste para perder-nos?** Ele entendeu a missão de Jesus (cf. 1.38; 2.17; 1Jo 3.18), a inimizade fundamental de 1.9-13, entre o Filho e Satanás, vem à tona. **Bem sei quem és: o Santo de Deus!** Assim a voz do céu, de 1.11, recebe um eco horripilante das trevas.

Na verdade, Deus é o “Santo”, especialmente em Isaías (1.4; 29.19; 41.14,16 e mais de 60 outras passagens). O conceito de santidade hoje em dia é defensivo; o da Bíblia, contudo, é agressivo. Deus não é santo no sentido de se retirar do mundo, mas de atacá-lo e santificá-lo. Isto vale também para o seu enviado e, por fim, também para os discípulos deste santo (Jo 17.17s). Devemos lembrar também de 1.8: o portador do Espírito Santo está em campo e assume o contraste absoluto com o espíritos da impureza e da morte.

Por que Jesus é identificado com tanta clareza com seu nome, sua missão e sua natureza? É evidente que a defesa quer recuperar seu poder: Você foi reconhecido! Em uma tentativa desesperada de derrotar Jesus, o mistério da sua pessoa é revelado aos gritos.

- 25 Mas Jesus o repreendeu.** Só três vezes Marcos usa este verbo para pessoas que repreendem, sempre como um excesso que precisa ser corrigido (8.32; 10.13,48). Nem mesmo o arcanjo Miguel, em Jd 9, pode repreender, só requisitar: “O Senhor te repreenda!”, pois isto é uma prerrogativa de quem é senhor. O Senhor do mundo tem exclusividade de duas palavras: a palavra de criação, que gera vida, e a palavra de repreensão, que significa condenação (cf. Sl 9.6; 76.7; 80.17; 119.21; Is 17.13; 66.13). Seis vezes em Marcos esta palavra de repreensão sai da boca de Jesus (1.25; 3.12; 4.39; 8.30,33; 9.25), e em cada vez poderíamos dizer: quem ouve o Filho, ouve o Pai. Já vimos no v. 22 que o Filho tem autoridade: Palavra de vida e palavra de condenação do Pai estão à sua disposição. Aqui a palavra de repreensão de Jesus não deixa acontecer a guerra de palavras que o espírito imundo tinha iniciado. Como senhor, ele decide tudo, tira o poder e manda sair: **Cala-te e sai desse homem.** Ao ser amarrado (cf. 3.27), o demônio perde a condição de poder oferecer resistência. Ele é levado prisioneiro.

Preste atenção na brevidade assombrosa: Jesus não pergunta o nome, não faz uma oração-relâmpago, não fica fora de si em êxtase, não murmura fórmulas, não recorre a objetos como os exorcistas judeus, não usa raízes medicinais nem vapores anestésicos - nada além desta ordem nua. Jesus não só ensinava diferente dos professores da lei, mas também expulsava demônios diferentemente deles (Lc 11.19). Ele o fazia “pelo Espírito de Deus”, como Mt 12.28 explicita. Especialmente a partir do século II, os judeus se acomodaram cada vez mais à superstição do seu mundo e entravam em verdadeiro diálogo com os espíritos ao expulsá-los, a ponto de se deixarem instruir e aconselhar por eles (cf. Dam, p 27). Jamais este será um caminho que devemos seguir. Um “olhar breve e incisivo” para eles já é mais que suficiente (K. Barth, KD III/3, p 609). Foi assim que Paulo fez em At 16.18. Ele não quis saber de conversa. Ele só sente a dor de ver uma resistência tão descarada ao reinado de Deus, e sua criatura tão atormentada. “Paulo ficou indignado”, e depois deu a ordem.

- 26 Então, o espírito imundo, agitando-o violentamente...** Cair e contorcer-se também faz parte do quadro clínico da epilepsia (cf. 9.20,26). Poder-se-ia temer pelo homem, mas Lucas acrescenta expressamente que o demônio não podia mais fazer-lhe mal. Sua impotência diante de Jesus também lhe tira o poder sobre o possesso. Tudo já aconteceu sob o sinal da libertação: **bradando em alta voz, saiu dele.**
- 27** As pessoas em volta **se admiraram.** O espírito imundo saiu, Deus chegou! Esta admiração, porém, ainda não passa de espanto. Dele pode resultar fé ou descrença, louvor (cf. 2.12) ou blasfêmia (cf. 3.22). Esta posição dúbia se reflete também no fato **de perguntarem entre si.** Seis vezes Marcos usa esta expressão para descrever uma discussão acalorada mas ainda não decidida. Também a pergunta: **Que vem a ser isto?** fala mais de perplexidade do que de clareza. As duas exclamações seguintes se referem à palavra de ensino e à palavra de repreensão (v. 25): **Uma nova doutrina! Com autoridade ele ordena aos espíritos imundos, e eles lhe obedecem!** O milagre não ofuscou o ensino, pelo contrário, trouxe-o para o centro da discussão. A avaliação do ensino, antes em termos negativos (“não como os escribas”, v. 22), agora é afirmativa: ele é “novo” como o novo céu e a nova terra, como a nova Jerusalém e o novo cântico, como a nova criatura e a nova aliança. Ela não é uma alternância natural ao mundo, mas a interferência escatológica de Deus em nossa velha terra. A

palavra de Jesus é o cumprimento de Is 61.1 e passa para o milagre palpável. A passagem de um para outro sem interrupção é o que impressiona. A palavra de vida e a palavra de repreensão são como que da mesma fornada. No momento em que não é mais assim, em que os milagres “saem para passear” e se tornam interessantes por si, Jesus se retira (1.35; 6.31s; 8.11s; 14.36; 15.29-32).

**28** O versículo final tem novamente o caráter de “relato de resumo” (opr 1 a 1.14,15). **Então, correu célere a fama de Jesus em todas as direções, por toda a circunvizinhança da Galiléia.**

Expressões semelhantes se repetem nas descrições do sucesso de Jesus ao ensinar (“todos” com substantivo determinado: 2.13; 14.1; 6.33; 9.15; 11.18; “toda”: 1.28,33,39; 6.55). Ele não fez nada mais para se tornar conhecido (Mt 12.19), mas era tão especial, seu modo de agir tão “novo” que não era possível deixar de ver e ouvi-lo. Maravilhosas coisas novas e grandes aconteceram através dele em toda a Galiléia.

#### 4. A cura da sogra de Pedro, 1.29-31

(Mt 8.14,15; Lc 4.38,39)

**E, saindo eles da sinagoga, foram, com Tiago e João, diretamente para a casa de Simão<sup>a</sup> e André.**

**A sogra<sup>b</sup> de Simão achava-se acamada, com febre<sup>c</sup>; e logo lhe falaram a respeito dela.**

**Então, aproximando-se, tomou-a pela mão<sup>d</sup>; e a febre a deixou, passando ela a servi-los<sup>e</sup>.**

*Em relação à tradução*

<sup>a</sup> Já que a casa é identificada como residência de Pedro, apesar de ele ser de Betsaida, de acordo com Jo 1.44, pode-se concluir que Pedro mudou para a casa dos sogros, em Cafarnaum, depois de se casar. – Aqui fica claro que “deixar as redes” no v. 18 não significou o corte da relação com a família.

<sup>b</sup> De passagem ficamos sabendo que Pedro era casado. Entre os primeiros cristãos este fato era bem conhecido. 1Co 9.5 exclui a condição de viúvo.

<sup>c</sup> Na Palestina vários tipos de febre são comuns até hoje. Ela era classificada a grosso modo como febre “pequena” e febre “grande”. Com a região pantanosa ao redor de Cafarnaum, com seu clima subtropical, combina a febre “grande”, parecida com a malária. Jo 4.52 fala de febre mortal. Em At 28.8 Lucas traz “a descrição clara de uma disenteria com febre” (Weiss, ThWNT VI, 958).

<sup>d</sup> Muitos gostam de dar sentido simbólico a *egeirein*, “levantar”, em 16.6 é uma expressão pascal, o que certamente é apressado, assim como dar a *kratein*, “tomar pela mão”, o conteúdo de Is 41.13; 42.6; 45.1; Sl 73.23).

<sup>e</sup> O tempo imperfeito, no original, destaca bastante sua atividade: quase dá para ver como ela começa a trabalhar e como isto a realiza.

*Observação preliminar*

*Detalhes interessantes da tradição.* Temos diante de nós a história de cura mais curta e mais singela dos evangelhos. O acontecimento é descrito aparentemente sem ênfase, sem título ou nome para Jesus, sem uma palavra da sua boca. Além disso, parece ser uma milagre com o qual ninguém se admira. Mesmo assim nenhum dos sinóticos deixou de registrá-lo, apesar de Mateus ter deixado fora a expulsão do demônio de Mc 1.21-28. Por isso todos os comentários perguntam que interesse a tradição teria nestes três versículos.

Pesch (I, 128) entende que a intenção é de contrastar a ação pública na sinagoga com uma manifestação no círculo restrito do lar. A reclusão, porém, não é mencionada no relato, e até tornada secundária pela continuação. Só razões externas ainda retêm o interesse de toda a cidade.

Haenchen (p 89) suspeita que o interesse é biográfico. Esta cura permaneceu inesquecível porque Jesus, nesta ocasião, pela primeira vez constatou seus poderes para curar. Também seus discípulos ainda não tinham pensado nisto, já que nem lhe pediram pela cura. Esta interpretação, porém, também não encontra apoio em Marcos, que não diz que alguma coisa aconteceu pela primeira vez, nem em Mateus, que só a registra no cap. 8, depois de muitos outros feitos.

Bornhäuser (p 73) faz uma reflexão psicológica. O chamado dos dois pares de irmãos para o discipulado acabou gerando problemas. As redes abandonadas no v. 18 significaram mais trabalho para os que ficaram. O Pai da Igreja Clemente de Alexandria afirma que Pedro também tinha filhos que precisavam ser alimentados. Dificilmente a sogra estava impressionada com aqueles jovens que começavam a vagar pelo país. À irritação junta-se a febre, além de cinco hóspedes para o almoço depois do culto. Tudo deu errado. Como o almoço está atrasado, naturalmente a conversa gira em torno da doente no quarto ao lado. Neste sentido, a cura é uma prova de que o Senhor não esquece as famílias daqueles que colocam em primeiro lugar o reino de Deus (Mt 6.33). Eles verão milagres específicos. Jesus não se manifesta só em assuntos eclesiais, mas também como



amigo familiar. – Por mais bonito que soe tudo isto, temos de concordar que o texto transmitido não faz uso destes pontos de vista. Passemos, então, ansiosos, à exposição.

- 29 E, saindo eles da sinagoga, foram diretamente para a casa...** Devemos levar em conta a importância da “casa” na época dos primeiros cristãos, quando a vida ainda transcorria de modo muito “caseiro” (*kath oikias*: At 1.13s; 2.46; 5.42; Rm 16.5; 1Co 16.19; Cl 4.15; Fm 2; cf. 2Tm 4.19). Tendo em vista a história precedente na sinagoga, está à mão o contraste do judaísmo com a futura igreja como novo povo de Deus. A expressão **diretamente** confirma, como o v. 21, que ocorrerá um evento teleológico. De qualquer forma, a enumeração das testemunhas denuncia a importância do está por acontecer. Eles chegaram à casa **de Simão e André, com Tiago e João**.
- 30 A sogra de Simão achava-se acamada, com febre.** Como a mulher estava deitada sem forças no quarto ao lado, sem poder falar por si mesma nem estender a mão, a febre não deve ter sido das mais fracas. Com razão Lc 4.38 fala de “febre muito alta”. **Logo lhe falaram a respeito dela**, o que certamente inclui o pedido para que ele a curasse, como Lucas explicita (cf. Jo 2.3).
- 31 Então, aproximando-se, tomou-a pela mão.** Ele não a sentou simplesmente na cama: tomar pela mão e ajudar a levantar são maneiras comuns de descrever a restauração da saúde: colocar de pé (Bill. II, 2). **E a febre a deixou.** K. Weiss (ThWNT VI, 958) acha que o termo “deixou” prova que Marcos se referia a demônios por trás da doença, mas o termo tem tantos sentidos que, para tanto, seria necessária mais uma indicação. A comparação com v. 21-28 também mostra que a descrição não é de um exorcismo. Digno de nota é o contraste com as cura da época, cheias de práticas mágicas antigas. Quem já leu as prescrições do Talmud (em Bill., I, 479) imerge aqui em outro mundo. A continuação também é totalmente diferente:

**Passando ela a servi-los.** Das palavras gregas para “servir” aparece aqui aquela que denota preferencialmente o serviço da mesa. A mulher não deixa que lhe tragam comida (diferente de 5.43), nem prepara uma refeição especial para seu salvador, agradecida, mas recebe todo o grupo para a refeição principal do sábado, por volta do meio-dia. Para poder desfrutar melhor as alegrias do sábado à mesa, aconselhava-se comer pouco no dia anterior, para ter um bom apetite (Lohse, ThWNT VII, 16). Portanto, todas as circunstâncias indicam que estamos aqui diante de uma das ocasiões de comunhão de Jesus com seus discípulos à mesa, tantas vezes mencionadas nos evangelhos (em Marcos ainda 2.15,18,19; 3.20; 6.31,41; 7.2; 8.6; 14.3,18ss). De acordo com 3.14, elas são o centro do estar-com-ele, um antegosto da comunhão com Deus e com os outros filhos de Deus na sua mesa. Elas são sinal de alegria; só quem está de luto é que jejua (2.18s). Foi para esta família de Deus que a sogra recuperou a saúde e agora ocupa seu lugar feminino, preparando a mesa.

É claro que o procedimento foi revolucionário, como o reinado de Deus em geral. Jesus quebrou a tradição que dizia que era humilhante para um grupo de homens ser servido por uma mulher em vez de por um escravo. “Não se deve deixar uma mulher servir”, diz um documento mais recente (Bill., I, 480). Bem antes disto Josefo expressou a concepção oriental geral de que a mulher “em todos os sentidos tem menos valor” que o homem (em Jeremias, Theol., p 217). A oração diária era só para os homens, o estudo da Torá era só para os homens, o termo “discípulo” aplicava-se só a homens (Rengstorff, ThWNT IV, 436; Oepke I, p 781). Jesus aboliu esta estrutura de opressão e incluiu uma mulher na comunhão da mesa com seus discípulos, dando-lhe a posição de “discípula”. “Servir” é um termo que em geral se aplica a discípulos (9.35; 10.43), se bem que com uma predileção por mulheres que seguiam a Jesus (15.41; Jo 12.2; cf. Lc 8.3). Hoje em dia há outras formas de opressão da mulher que precisam ser identificadas e desfeitas, e é questionável se hoje em dia ainda é um gesto revolucionário deixar a mulher servir à mesa por ocasião das refeições conjuntas.

Portanto, o parágrafo teve um ponto de destaque. Ele não consistiu na cura em si, mas no serviço da que foi curada. “Com isto a história foi mais longe que a anterior”, conclui Schweizer (p 28), e com razão. No seu final há mais do que só admiração, que sempre pode optar por uma de duas linhas de ação, fé e descrença. Ela termina com o quadro positivo do discipulado e, significativamente, com a vida e a felicidade sob o reinado de Deus. De modo que as frases singelas ocultam uma paixão contida e são ditas com voz elevada e interesse eclesiológico. Com isto temos um paralelo genuíno a 1.21-28: o poder de Jesus destrói a obra satânica e cria o novo povo de Deus.

## 5. As ações poderosas de Jesus à noite, 1.32-34

(Mt 8.16,17; Lc 4.40,41)

**À tarde<sup>a</sup>, ao cair do sol<sup>b</sup>, trouxeram a Jesus todos os enfermos e endemoninhados. Toda a cidade estava reunida à porta. E ele curou muitos doentes de toda sorte de enfermidades; também expeliu muitos demônios<sup>c</sup>, não lhes permitindo que falassem, porque sabiam quem ele era.**

*Em relação à tradução*

<sup>a</sup> *opsia* (completar com *hora*, “hora tardia”) tem o sentido comum de “anoitecer”, antes e depois do pôr-do-sol.

<sup>b</sup> Esta indicação não tem nada a ver com emoções (contra Wohlenberg) nem tem valor simbólico (contra Schreiber, 95.102: “escuridão que se aproximava demoníaca”; cf. Schmithals), só serve para precisar o “anoitecer”. (De acordo com Jeremias, Abendmahl, p 11, Marcos tem dezesseis destas duplicatas cronológicas, das quais a próxima está no v. 35, em que sempre a segunda expressão reafirma a primeira.) O pôr-do-sol era determinante para o reinício do dia-a-dia quando, entre outras coisas, doentes podiam ser carregados. Como não existiam relógios, era necessário observar o céu, até que as três primeiras estrelas estivessem visíveis. Este era o momento que marcava o fim do sábado. Os detalhes da guarda do descanso sabático eram conhecidos em todas as cidades com um bom grupo de moradores judeus, inclusive em comunidades romanas. Em Mt 8.16 falta a referência ao sol, porque falta todo o contexto do sábado. Lucas, por sua vez, menciona tanto o sábado como a posição do sol (Lc 4.31,40).

<sup>c</sup> Cf 1.23n.

*Observação preliminar*

*Contexto.* A expulsão do espírito imundo em 1.21-28 e a cura da sogra de Pedro em 1.29-31 foram só exemplos da operação de milagres de Jesus. Isto mostra o “relato de resumo” a seguir (opr 1 a 1.14s). Diferente do primeiro relato de resumo, para a palavra de Jesus no v. 14, este dá uma visão geral das ações de Jesus, enquanto o terceiro encerra unindo pregação e curas. Marcos, portanto, está trabalhando por temas. Uma das conseqüências disto é que não se pode concluir de v. 32-34 que Jesus não pregou nesta noite, só atendeu doentes. Deste modo a apresentação, que segue os temas, estaria sendo mal entendida. Em termos gerais é traçado em quadro bem uniforme de Jesus, mas não se pode dizer tudo de uma vez, nem é necessário repetir o que já foi dito.

- 32 À tarde, ao cair do sol, trouxeram a Jesus todos os enfermos e endemoninhados.** Depois que o vencedor tinha-se mostrado na sinagoga pela manhã, a miséria em todas as suas cores se apresentou assim que a hora o permitiu e inundou a casa de Simão, que tinha-se tornado casa de Jesus.
- 33 Toda a cidade estava reunida à porta.** É evidente que esta frase não serve como estatística de todos os habitantes e doentes. No v. 32 “todos” os doentes tinham sido trazidos e curados (veja a seguir), porém na manhã seguinte ainda havia muitos carentes (v. 37), que lá ficaram depois que Jesus se fora (2.3). Portanto, a expressão é popular e geral, para destacar a onda de miséria que se avolumou e os cercou.

No texto grego aparece o termo “sinagoga” na expressão “reunida”, no v. 33, de modo que este merece ser tratado mais uma vez, só que desta vez sob uma luz totalmente diferente. Pela manhã Jesus tinha diante de si o judaísmo altamente religioso, à noite o judaísmo totalmente desorientado. Como os doentes via de regra não podiam participar do culto por causa da sua “impureza”, esta gente ainda não pudera ouvir Jesus direito, e por isso não devem ser considerados crentes, antes supersticiosos. Nas pessoas deles a outra Cafarnaum esparramou-se a seus pés, com todos os seus odores físicos e emocionais. Até hoje, no Oriente, os idosos, as crianças e os cegos vagueiam pelas ruas e caem sobre qualquer um de quem esperam um pouco de bondade.

Nós geralmente não ficamos mais aflitos e desorientados com as doenças. Tranquilos, vamos procurar um médico. Um dia, porém, poderá ser constatada uma infecção sanguínea, uma inflamação nos rins ou um tumor maligno. Nestas horas, a gente não se reconhece. Nestas circunstâncias também o homem moderno, aflito, acaba parando em qualquer lugar, no charlatão, na cartomante, no espírita ou no astrólogo, quem sabe até em Jesus, e o quadro dificilmente é mais bonito que o das pessoas de Cafarnaum. É evidente que Deus não se compraz com superstição, ilusão religiosa e emoções não resolvidas, mas ele ama os iludidos e confusos. Por isso Jesus abre a porta, passa pelas fileiras e impõe as mãos sobre todos (Lc 4.40), sem esquecer ninguém.

- 34 E ele curou.** Que Jesus curava os doentes e libertava os possuídos é um dos fatos históricos mais bem provados. Nem seus adversários da época negaram esta realidade (cf. 3.2), só tentaram interpretá-la diferentemente, relacionando-a com feitiçaria. Foi assim com os judeus durante a vida

terrena de Jesus (3.22s; Jo 9.16), depois com o Talmud (Bill. I, 39.631,1023) e Celso, o inimigo com a melhor formação filosófica da sua época, no fim do século II. Só em tempos recentes é que os milagres simplesmente foram negados: foi a paixão por milagres da Antigüidade, sem limites e sem senso crítico, que atribuiu os milagres a Jesus, como também a outras personalidades destacadas. Todavia, por que esta suposta tendência poupou João Batista (Jo 10.41), ainda mais que de um profeta se esperava-se milagres?

Portanto, Jesus curava. Veja como o texto desenvolve uma certa linha. Ele curou “todos”, “muitos”, “de toda sorte”. Com isto ele diferencia Jesus de outros operadores de milagres, inclusive os profetas do AT. Os profetas não podiam fazer todos os milagres que queriam ou que lhes eram pedidos. Desempenhavam tarefas limitadas, para as quais Deus os capacitava caso a caso. Lc 4.25-27 mostra isto muito bem: Entre muitas viúvas, “só *uma* viúva” recebeu ajuda, entre muitos leprosos, “só Naamã” foi purificado. Aqui há mais: Jesus manifesta autoridade plena, poder absoluto. **E ele curou muitos doentes de toda sorte de enfermidades; também expeliu muitos demônios.** Naturalmente, em nossa maneira de falar, “muitos” não são “todos”. No semitismo que transparece aqui, contudo, “muitos” pode significar “todos” (Jeremias, ThWNT VI, 536ss; Tabachowitz, p 38; cf. 10.45). Mateus, pelo menos, entendeu este semitismo como tal, escrevendo no texto paralelo: “ele curou todos” (8.16; cf. o sentido de Lc 4.40). Imediatamente Mateus fala do Servo sofredor de Is 53, que toma sobre si o fardo de muitos. Naquele contexto, “muitos” é a deixa (já em Is 52.14,15, de modo concentrado em 53.11s) que mostra como os primeiros cristãos classificaram este influxo de miseráveis e por que o registraram várias vezes. Os “muitos” em Is 53 guardam o lugar para os incontáveis excluídos, para os pagãos mais distantes, para toda a raça humana. Cumprindo o 4º cântico do Servo, Jesus trouxe a alegria divina não só aos judeus na sinagoga, mas também à noite, nas ruelas, aos que não podiam ir ao culto, aos que eram pagãos na prática.

É claro que a multidão reunida não entendeu isto assim. Sua percepção estava muito aquém da sua situação. Com os posses já era diferente: eles **sabiam quem ele era**, não só o Jesus de Nazaré, mas o Filho, como mostra a comparação com o v. 24. Jesus lhes proibiu que divulgassem isto: **Não lhes permitindo que falassem.** Quem quisesse podia falar de tudo o que ele fazia (v. 28); ele queria agir ainda nas outras cidades (v. 38s) e deixar que testemunhassem dos seus atos (v. 44). Tudo o que ele fazia era público, assim como o que ele dizia. De acordo com 2.10, ele fazia milagres exatamente para provocar reflexão. Porém para a essência do seu ser, a constatação de que ele era o Filho, ele baixou a lei do silêncio. Assim, ainda em 6.14s; 8.28 o povo o considerava um profeta milagroso, mas não o Messias.

Por que esta recusa da resposta, da conclusão de quem ele era, diante do senso tão forte de envio e a atuação tão ampla como salvador? Por que ele só pregava o reinado de Deus, mas não falava de si? Por que o brilho dos seus atos não podia cair sobre seu autor? Porque o lugar do autor ainda não era a luz, mas a cruz. Nas q1 7b tentamos traçar esta linha que determina todo o livro (cf. também 1.44s).

É de Tilman Riemenschneider a impressionante xilogravura “Jesus entre seus torturadores”, que representa seu suplício. Suas mãos, porém, estão bem soltas entre as cordas que o prendem; na verdade, a única coisa que o prende é o amor de Deus pelo mundo perdido. Milhares de vozes lhe sussurram: puxe as suas mãos para fora das cordas! Mas Jesus não lhes dá atenção, ele só ouve o Pai. Este “só o Pai” revela totalmente quem é o Filho. Esta linha, que culmina com a confissão do Filho de Deus em 15.39, perpassou sua vida desde o começo (cf. também 3.11s).

## 6. Jesus se retira de Cafarnaum e atua em toda a Galiléia, 1.35-39

(Mt 4.23; Lc 4.42-44)

**Tendo-se levantado alta madrugada, saiu, foi para um lugar deserto<sup>a</sup> e ali orava.**

**Procuravam-no diligentemente<sup>b</sup> Simão e os que com ele estavam.**

<sup>37</sup> **Tendo-o encontrado, lhe disseram: Todos te buscam.**

**Jesus, porém, lhes disse: Vamos a outros lugares, às povoações<sup>c</sup> vizinhas, a fim de que eu pregue também ali, pois para isso é que eu vim.**

<sup>39</sup> **Então, foi por toda a Galiléia, pregando nas sinagogas deles e expelindo os demônios.**

*Em relação à tradução*

<sup>a</sup> *eremos topos* (ainda em 1.45; 6.31,32,35) deve ser diferenciado do deserto em si (*eremos*, v. 3,4,12,13; *eremia* 8.4). Diferente da Judéia, a Galiléia fértil e habitada não tinha desertos, só alguns lugares retirados.

<sup>b</sup> *katadiokein* significa geralmente “perseguir com intenção hostil”, como **p ex** foi o caso de faraó perseguindo Israel, mas nem sempre: a **LXX p ex** diz no **Sl 38.20** que o justo “segue o que é bom”, ou seja, persegue-a com empenho. De acordo com o **Sl 23.6**, bondade e misericórdia certamente nos “seguirão”! Também ali o contexto exclui qualquer hostilidade.

<sup>c</sup> *kosmopolis* é uma povoação do tamanho de uma cidade, mas com estrutura administrativa de aldeia. As cidades da Galiléia geralmente tinham uma conotação pagã, e a população judaica morava principalmente no interior. Ali Jesus procura os centros maiores.

### *Observação preliminar*

*Contexto.* Com o v. 39 claramente se fecha um círculo. O relato retorna à pregação de Jesus no v. 14. Com isto, este último trecho serve principalmente para fazer uma avaliação equilibrada dos milagres de Jesus. Evidentemente o relato afirma os milagres efetuados por Jesus, mas fica atento para ênfase exagerada e automaticidade.

- 35 Tendo-se levantado alta madrugada, saiu** da casa e de Cafarnaum e **foi para um lugar deserto e ali orava**. Digna de menção é novamente a indicação dupla de tempo (cf. 1.32n). Ao marcar especificamente a hora antes do nascer do sol (cf. 13.35n), Marcos exclui que a oração de Jesus possa ser explicada pelo costume judaico da oração matinal. Os judeus piedosos oravam três vezes por dia: a primeira vez ao nascer do sol, a segunda lá pelas três da tarde, por ocasião do sacrifício vespertino no templo, e a terceira ao pôr-do-sol. Orar fora destes horários, e mesmo a qualquer hora, era encarado com ceticismo, às vezes até proibido, para não incomodar o Altíssimo (Bill. II, 237s, 1036). Jesus, por sua vez, orava durante horas, e em ocasiões não tradicionais (cf. 6.46; 14.32ss), em Lc 6.12 até uma noite inteira. De todo modo, sua oração chamava a atenção (Lc 11.1). Ele era incomparável na oração, era o Filho. Deste modo, em meio ao movimento das curas em Cafarnaum, Marcos segue a linha do testemunho do Filho e enquadra nela os milagres de Jesus (cf. 1.27). Que eles não devem ser vistos à parte fica claro no v. 39. A oração de Jesus, aqui, em 6.46 e claramente em 9.29, está em relação com a operação de milagres.
- 36 Procuravam-no diligentemente Simão e os que com ele estavam.** No contexto do versículo transparece que os discípulos tinham caído em uma corrente contrária ao envio de Jesus, deixando que fossem feitos porta-vozes da população ávida por milagres. Com isso eles se distanciam do seu papel de 3.14, de estar com ele. Esta é a primeira de uma série de passagens de mal-entendidos dos discípulos (4.13,40s; 6.50-52; 7.18; 8.16-21; 9.5s,19; 10.24,26; 14.37-41; sentido semelhante em 5.31; 6.37; 8.4,32s; 9.32). Talvez também haja um paralelo com 8.33: Pedro, bem-intencionado, sem querer se torna instrumento de Satanás, de modo que cai uma sombra de tentação de 1.12s sobre o presente episódio: o Filho e Satanás no deserto.
- 37 Tendo-o encontrado, lhe disseram: Todos te buscam.** Sua oração em voz alta, como era costume na Antigüidade, acaba conduzindo-os para onde ele estava. Seguros de si eles interferem na sua devoção. Já não tinham “dito” a ele no dia anterior que alguém precisava dele (v. 30b), para ver seu serviço de intermediação confirmada por sua ajuda? Não deveriam eles continuar e conduzir a ele sempre mais carentes, ou levá-lo aos sofredores? Não cabia a eles comunicar-lhe que hoje de novo “toda a cidade” (v. 33) estava de pé à procura dele?
- 38 Não soava tentador este “todos te buscam”,** somado ao seu envio a “todos” e aos “muitos” dos v. 32,34? Entretanto, a partir da sua comunhão completa com o Pai, ele repele a tentação: **Jesus, porém, lhes disse: Vamos a outros lugares, às povoações vizinhas, a fim de que eu pregue também ali, pois para isso é que eu vim.** Este “vim” não se refere à saída de Cafarnaum do v. 35, que fora com a finalidade de orar e não de pregar. Trata-se da vinda enviado pelo Pai, com uma tarefa especial. Esta última frase, portanto, tem profundidade cristológica, e pode ser comparada a 1.25; 2.17; 10.45. Jesus vem a campo ao encontro da sua missão, uma missão em termos em que Cafarnaum não queria. Cafarnaum tomou a decisão errada, como Mt 11.23 confirma. “Buscar” e “encontrar”, no caso, têm um sentido negativo, como em Jo 6.24s e 14s. Certamente Jesus foi enviado a “todos”, mas o que é que Pedro, que só pensa em “todos” em Cafarnaum, sabe sobre “todos”? Ele e os que estão com ele parecem oferecer a Jesus uma ampliação impressionante da sua atuação, mas na verdade o estão atraindo a um beco. O beco é até geográfico, e Jesus escapa dele dizendo: “Vamos a outros lugares”. Ele não pode se limitar a um lugar, como João Batista (cf. 1.4).

O beco também é objetivo, limitando-o a operar curas, quanto mais melhor, sem mudança de rei, sem restabelecimento da divindade de Deus e da sua imagem no ser humano. O importante é que o corpo esteja são – esta é realmente a atrofia mais lamentável da boa notícia de Deus do v. 15.

- 39 O v. 39 traz a concretização da palavra de Jesus: **Então, foi por toda a Galiléia, pregando nas sinagogas deles.** Podemos identificar um estágio do seu ministério em que ele ainda pode tomar a palavra nas casas de reuniões dos judeus: mais tarde ele tinha de falar às pessoas nas margens do lago ou em regiões desertas (cf. 2.13). “Pregando” está ligado, como em 3.14s; 6.12, com o outro elemento principal da atuação de Jesus, que é ao mesmo tempo uma indicação indireta do conteúdo da mensagem: **e expulsando os demônios.** Ao derrotar e expulsar as forças inimigas, ele está refletindo a proclamação do reinado iminente de Deus (opr 3 a 1.21-28). Com este mensageiro, Deus está chegando e Satanás tem de retroceder. Apesar de Jesus ter acabado de sublinhar que ele viera para pregar, não devemos estranhar que os demônios sejam mencionados. Palavra e ação, para Jesus, andam juntos (cf. 1.27).

## 7. A purificação do leproso, 1.40-45

(Mt 8.1-4, Lc 5.12-16)

**Aproximou-se dele um leproso rogando-lhe, de joelhos: Se quiseres, podes purificar-me. Jesus, profundamente compadecido, estendeu a mão, tocou-o e disse-lhe: Quero, fica limpo! No mesmo instante, lhe desapareceu a lepra, e ficou limpo. Fazendo-lhe, então, veemente advertência<sup>a</sup>, logo o despediu<sup>b</sup> e lhe disse: Olha, não digas nada a ninguém; mas vai, mostra-te ao sacerdote e oferece pela tua purificação o que Moisés determinou, para servir de testemunho ao povo<sup>c</sup>. Mas, tendo ele saído, entrou<sup>d</sup> a propalar muitas cousas<sup>e</sup> e a divulgar<sup>f</sup> a notícia<sup>g</sup>, a ponto de não mais poder Jesus entrar publicamente em qualquer cidade, mas permanecia fora, em lugares ermos; e de toda parte vinham ter com ele.**

### Em relação à tradução

<sup>a</sup> *embrimasthai*, de *brime*, o resfolegar dos cavalos de guerra em Jô 39.20, em Mc 14.5 dito dos discípulos confusos, em Lm 2.6 do descontentamento de Deus. Expressão muito forte.

<sup>b</sup> *ekballein* obviamente não deve ser traduzido por “expulsar”, como no v. 39, como se estivesse falando com os demônios. A cura já estava realizada.

<sup>c</sup> *eis martyrion autois* poderia ser testemunho da salvação. Em duas outras passagens de Marcos, porém, o testemunho é de comprovação (6.11; 13.9), razão pela qual esta possibilidade aqui não se cogita. Cf Dt 31.26; Js 24.26 no AT, Tg 5.3 no NT.

<sup>d</sup> Este *archesthai* com infinitivo, sem ênfase, aparentemente desnecessário, encontra-se 26 vezes em Marcos e Lucas, 12 em Mateus (ex claros: Lc 3.8; Mc 6.7; At 1.1). De acordo com Mc 8.31 e 10.32 Jesus “começou” duas vezes a ensinar. Tabachowitz (p 24ss), porém, provou que a expressão é típica do grego bíblico (LXX), p ex Gn 6.1; 9.20; 10.8; 18.27, às vezes em tom muito solene: Dt 1.5; 2Sm 7.29 e Mq 6.13. Este é o efeito do *archesthai* “pleonástico” sobre nós. Por isso deve ser traduzido.

<sup>e</sup> *polla* aqui não pode ter o sentido de que o curado anunciou “muitas coisas”, pois o objeto é identificado (*logos*). Como um termo típico de Marcos, ele deve ser entendido como advérbio: ele propalou de modo incansável e continuado; cf. 3.12; 5.10,23,43; 9.26; 15.3. Nos outros evangelhos o uso como advérbio falta completamente.

<sup>f</sup> *diaphemizein* não é usado no NT de modo depreciativo no sentido de fofoca, mas com o sentido mais amplo de “proclamar” (At 8.4s; 9.20; 10.42; 2Tm 4.2).

<sup>g</sup> *logos* aqui não é a palavra pregada como em 2.2; 8.32, mas só o acontecimento (contra Schreiber p 110, com Pesch e Gnllka).

### Observações preliminares

1. *Contexto.* Sem indicação de tempo e lugar, na verdade sem nenhuma nota pessoal concreta, esta história não procede do contexto anterior do “dia em Cafarnaum” (opr 1 a 1.21-28), mas lhe foi acrescentada. Ela, contudo, se encaixa bem no tema. A palavra-chave “puro”, que aparece quatro vezes, lembra as três menções a “impuro” na primeira história (v. 23,26,27). Novamente Jesus se revela como o “Santo de Deus” (v. 24). Mais uma vez se destaca o que Jesus “pode” (compare o v. 41 com v. 22,27), ele é mal-entendido (cp v. 45 com v. 36), ele se retira para um lugar deserto (cp 45 com v. 35), repete-se o afluxo das massas e a pregação (cp v. 45 com v. 33,37,39). Com este apêndice Marcos coloca um ponto final forte, na verdade um ponto alto, dando



voz à compaixão de Jesus (v. 41). Assim, ele interpreta a atuação de Jesus como cumprimento da mensagem de consolo de Israel: “O que deles se compadece” os “consolou”, e “dos seus aflitos se compadece”, “com grandes misericórdias”, com a “ternura” do seu coração (Is 49.10,13,15; 54.7s; 55.7; 63.15). A cura do leproso também tem relação com a salvação escatológica (cf. opr 3).

Por outro lado, novos tons se manifestam, que já preparam o bloco seguinte de narrativas, especialmente o traço anti-rabínico. Jesus não está eliminando a impureza demoníaca como no v. 23, mas a impureza cultural. Com isto ele está rasgando a rede dos preceitos dos rabinos. Este tema passa para o centro a partir de 2.1, de modo que nossa passagem funciona como ponte entre os dois blocos de narrativas.

2. *Lepra*. Um “leproso” na verdade é alguém “com a pele descascando” (*lepros*, de *lepein*, descascar). Por isso a “lepra” (v. 42), diferente do sentido de hoje, abrangia alergias da pele em geral, das quais os rabinos tinham relacionado 72 (veja a relação de Lv 13), tanto curáveis como incuráveis. A lepra de hoje provém de um bacilo que também produz tuberculose, e destrói os nervos periféricos; em seus primeiros estágios ela é curável. Atualmente calcula-se a número de leprosos em 20 milhões, dos quais uns 3 milhões estão em tratamento. Dependendo das circunstâncias, o doente, em um espaço de 20 a 30 anos, se transforma em uma carcaça repulsiva, e termina entretado. – No caso presente devemos pressupor uma doença grave e incurável. A voz pode ter saído rouca e esganiçada de um rosto branco de escamas (cf. Êx 4.6, Lv 13.13; Nm 12.10; 2Rs 5.27). Um hálito malcheiroso se espalhava. Talvez o homem tenha-se arrastado com muletas até onde Jesus estava, sem força muscular e com alguns membros apodrecidos.

Na realidade, em nossa história o aspecto físico-médico nos interessa pouco. Em vez de palavras como “doente”, “curar”, “são” lemos sobre “purificar”, “puro”, “purificação”. “Puro – impuro”, porém, na Bíblia se refere à relação com Deus e corresponde a “santo – profano”. A aparência do doente era tão repugnante que, nas circunstâncias daquela época não havia como não ver nela um castigo do céu. Uma pessoa assim devia ter cometido pecados tão graves que Deus o rejeitou. A palavra hebr para lepra expressa que a pessoa foi atingida por Deus, tanto que o judaísmo p ex entendia o homem “ferido de Deus” de Is 53.4 como leproso. Um sacerdote judeu dava ao leproso este conselho: “Vá, examine-se e converta-se. A lepra é consequência de blasfêmias, as escaras vêm por causa do orgulho”.

Assim se pode explicar as diretrizes tão duras para os leprosos. A intenção não era só evitar a contaminação dos bacilos, mas isolar alguém que foi marcado por Deus e proteger a comunidade dele. Ninguém deveria tornar-se culpado pelo contato com este miserável, e macular-se. Ao menor toque a “impureza” seria transmitida, diante de Deus. Por isso Lv 13.45s diz: “O leproso trará suas vestes rasgadas e seus cabelos desgrenhados (gestos de arrependimento!); cobrirá o bigode e clamará: ‘Impuro! Impuro!’...” Os escritos judaicos reforçam isto: “Quando um leproso entra numa casa, todos os objetos nela se tornam impuros, até a trave do teto”. Na verdade o país inteiro se torna impuro com estes doentes. As cidades eram consideradas mais puras que o restante do país, porque os leprosos eram expulsos para fora dos muros sob a ameaça de chicotadas, o que lá não era possível. Jerusalém era uma destas cidades. O culto no templo era proibido aos leprosos, enquanto que em sinagogas nas aldeias eles podiam participar, trancados em salas especiais. De um rabino se conta que ele se escondia quando vinha um leproso. Era obrigatório manter 4 côvados (1,3 m) de distância de um leproso em dias sem vento, no mais até 100 côvados. Um rabino jogou pedras num leproso: “Vá para o seu lugar e não manche as pessoas!” Outro não comia ovos postos por uma galinha da rua de um leproso. Um doente destes, então, tinha um destino terrível ao triplo: ferido por Deus, expulso pela comunidade, para si mesmo um nojo. Era considerado um morto-vivo: “Quatro são comparados ao morto: o pobre, o leproso, o cego e o que não tem filhos” (cf. Nm 12.12).

Nada mais lógico do que, em consequência, considerar a cura da lepra como uma ressurreição. Só podia ser esperada de Deus. Quando o rei de Israel, em 2Rs 5.7, leu a ordem de curar o leproso Naamã, e exclamou, horrorizado: “Acaso, sou Deus com poder de tirar a vida ou dá-la?” (cp para o tema geral Bill. IV, 745ss).

3. *Variantes textuais para v. 41*. Para a expressão “profundamente compadecido” no v. 41 há uma variante digna de nota. O *Códice de Cambridge* (D), tardio e com lacunas em vários sentidos, nos surpreende como o único manuscrito grego que nesta passagem traz “e irado”. Entretanto, como quase todos os intérpretes mais recentes dão preferência a esta variante, vendo no texto que conhecemos um arredondamento, o caso carece de uma explicação.

O código é bilingüe, com o texto grego na coluna da esquerda e um texto em latim na direita. Neste código, portanto, os dois lados falam da ira de Jesus. Ele, porém, provavelmente provém de uma região em que havia um certo interesse pelo texto grego, mas o latim era a língua corrente, razão pela qual o texto latino era necessário. Com isto o manuscrito faz parte da tradição latina, e temos três outros manuscritos, dos séculos IV, V e VII, que escrevem sobre a ira de Jesus. Como, porém, esta expressão pode ter entrado na tradição latina? No *Códice de Cambridge* foi identificada certa influência síria, com base em outros sinais, e, como a variante acima também se encontra no evangelho sírio de Taciano (escrito por volta de 180), a sua origem poderia estar com Taciano. Ele ou sua fonte podem ter aproximado o v. 41 do v. 43, onde Jesus também trata o homem com dureza. Ou simplesmente aconteceu um engano, pois a palavra aramaica subjacente pode ser facilmente confundida com uma outra (B. M. Metzger). – Em conclusão: uma tradição bastante forte, antiga e boa

testifica que Jesus estendeu ao leproso sua mão cheia de compaixão, não cheia de ira contra demônios ou professores da lei. Disto fala só um filete muito tênue da tradição.

Com frequência levanta-se contra a autenticidade do texto de Marcos, que “profundamente compadecido” falta em Mateus e Lucas. “Irado”, porém, também falta! Eles costumam deixar fora as “demonstrações de emoção” de Jesus. **Lc 9.10** não tem o “compadeceu-se” de **Mc 6.34**, **Mt 19.21** e **Lc 18.22**; **Mt 19.14** pulam o “fitando-o, o amou” de **Mc 10.21**, **Mt 19.14** e **Lc 18.16** também ignoram a irritação de Jesus em **Mc 10.14**, como **Mt 12.12** e **Lc 6.10** a ira de Jesus em **Mc 3.5**. Ninguém, porém, questiona a autenticidade do texto de Marcos.

- 40 Aproximou-se dele um leproso.** Com a omissão de todos os dados sobre origem, destino e composição, este homem se torna modelo para todos que sofrem por não serem aptos para Deus (opr 3), e da constatação: “eu não combino com ele, não sirvo para a convivência permanente com Deus. Isto me sobrecarrega, não consigo me livrar de uma consciência pesada crônica. Não sou espiritual, mas um mundano típico, só lambuzado um pouco com maquiagem cristã. Na devoção da igreja eu me sinto como um corpo estranho. Não sou autêntico.” “Seria, porventura, o mortal justo diante de Deus? Seria, acaso, o homem puro diante do seu Criador?” (Jó 4.17).

Do v. 45 entende-se que o miserável forçou a passagem até Jesus no meio de um povoado. Ele simplesmente rompeu a zona de proteção com que os sadios tinham-se cercado. Quando ele surge, para horror dos circundantes, num piscar de olhos os lugares ficam vazios. Só Jesus não foge. Jesus *deixa* que ele se aproxime. Até aqui se falou que Jesus “veio” (v. 7,9,14,21,24,29,35,38); agora alguém vem a ele (aqui e no v. 45), demonstrando que entendeu a vinda dele. O doente **roga-lhe, de joelhos**, como se pede a um Todo-Poderoso: **Se quiseres, podes purificar-me**. Com isto ele está dizendo: *Este pode!* Bem diferente do pai do jovem lunático de 9.22: “Se tu podes alguma coisa...”

A expressão: “Se quiseres”, que Jesus retoma em sua resposta: “Eu quero!”, é levada pouco em consideração pelos comentadores. O homem tem confiança que Jesus pode, mas, apesar da sua miséria indizível e de sua ânsia compreensível de ser curado, ele não assedia Jesus. Em sentido literal, o que ele diz nem é um pedido, mas uma constatação, uma homenagem. Em rendição extrema ele se prostra aos seus pés e diz duas vezes “tu”, e só mais uma vez “eu”. “Se quiseres” lembra o que diz alguém diante da última instância; é linguagem da oração. Diante do Altíssimo esta submissão ao “se” divino é absolutamente apropriada (At 18.21; 1Co 4.19; Tg 4.15). O próprio Jesus praticou isto (Lc 22.42; cf. Mc 14.36) e o ensinou aos seus discípulos (Mt 6.10). Ao aplicar esta forma de tratamento a Jesus, o pedinte está tateando pelo Filho. Ele lhe atribui uma dignidade que ultrapassa em muito a autoridade dos profetas. Eles também “podiam” fazer milagres, mas não todos que queriam ou que lhes eram solicitados. Eles mesmos estavam debaixo do “se Deus quiser”. Ao encontrar Jesus, no entanto, o leproso deu de encontro com o próprio Deus (cf. 1.3). De acordo com Mt 11.27, Jesus em pessoa é a vontade de Deus de salvar, estendida a nós: “Tudo me foi entregue por meu Pai. Ninguém conhece o Filho senão o Pai; e ninguém conhece o Pai senão o Filho e aquele a quem o Filho o quiser revelar.” E Jo 5.21 (cf. 17.24; 21.22): “Assim como o pai ressuscita e vivifica os mortos, assim também o Filho vivifica a quem quer”. Comparamos também com Mc 3.13: “Chamou os que *ele mesmo quis*”.

- 41** Quatro verbos esboçam a reação de Jesus ao pedido do homem a seus pés. O primeiro é **compadecendo-se**. Os sinóticos, em doze passagens, nenhuma vez usam este termo para a compaixão humana. Ele expressa a amplidão da misericórdia de Deus. Por isso também não se vê uma “expressão emocional” de Jesus aqui; sua divindade é testificada. O campeão, como o qual Jesus foi descrito nas histórias anteriores, levanta um pouco a viseira e mostra seu rosto: ele é a disposição poderosa de Deus para ajudar (cf. 6.34n).

No segundo verbo sua compaixão se torna ação: **estendeu a mão**. Em Jesus, Deus faz uma ponte entre ele e os excluídos (1.31; At 4.30).

Em terceiro lugar lemos: **tocou-o**. Este toque, sem ser qualificado por um objeto, fica ainda maior. Ele é guarnecido, por assim dizer, por três pontos de exclamação. Este toque quebra o sistema judaico em um lugar decisivo (opr 3), na verdade, o sistema do mundo. O céu desce até a terra, Deus volta para sua pobre gente. Esta quebra da desesperança e da sua cobertura de dogmatismo se repete sempre de novo em Marcos, mesmo que não com tanto destaque como aqui (3.10; 7.33; 8.22; 10.13; cf. 5.27,31; 6.56).

Por último, Jesus fala na autoridade perfeita de Deus: **Quero, fica limpo!** Os espectadores podem ter imaginado horrorizados que, neste toque, o puro ficou impuro. Entretanto, o puro purificou o

impuro (cf. 1.24) e o envolveu na imensa bondade de Deus. “Já nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus” (Rm 8.1).

- 42 **No mesmo instante** – esta palavrinha muitas vezes, em Marcos, chama a atenção para um milagre em andamento (1.12n) – **lhe desapareceu a lepra, e ficou limpo**. Foi o atendimento simples do pedido do v. 40, com diferenças marcantes das curas de lepra que o AT nos relata (Nm 12.14s; 2Rs 5.8-14).
- 43 **Fazendo-lhe, então, veemente advertência**, ouvimos com surpresa. O compassivo de repente se torna um lutador ofegante. Da sua própria compaixão brota a irritação, porque vê sua obra em perigo. Sua ira, porém, aqui não pode referir-se ao poder da doença, como em Jo 11.33,38, pois este já foi quebrado. Além disso, aqui se diz que Jesus se dirigiu de forma dura ao purificado, não a outra coisa. Exaltado, Jesus **logo o despediu**, mandando-o embora da cidade. Ele quer separá-lo da multidão e de certo tipo de divulgação, como o v. 44 mostrará. As conseqüências lamentáveis desta propaganda apressada e arbitrária aparecem no v. 45: a apresentação de Jesus nas sinagogas da província foi interrompida.
- 44 **E lhe disse: Olha, não digas nada a ninguém**. Se esta ordem de silêncio significasse que não deveria falar sobre sua purificação com ninguém, o contraste seria gritante com o trecho seguinte do versículo. Naturalmente o sacerdote e a sinagoga precisavam ficar sabendo oficialmente da sua cura. Afinal de contas, ele não fora purificado para continuar bancando o impuro, mas para pertencer novamente ao povo de Deus. Como o cego de Jo 9.11,15, ele haveria de dar testemunho da sua cura por Jesus.

Então, o que é que ele não deveria dizer? Pesch acha que ele não deveria revelar a fórmula de cura de Jesus. Schmithals vê aqui a dica de que um tempo sagrado de silêncio deveria ser guardado antes da manifestação no templo. O sentido da proibição, porém, deve ser depreendido do diálogo dos v. 40,41. Ele roçou o mistério da pessoa de Jesus: nele retornaram a intenção de Deus de criar e salvar. Ele não é só profeta, mas o cumprimento da profecia, o “Filho” de 1.11. Nenhuma palavra sobre isto! Para o motivo, veja 1.34; 3.11s. Só que este purificado quebrou o mandamento de silêncio. Este é um traço constante em Marcos. Mesmo onde lampeja certa compreensão de quem é Jesus, até entre os mais fiéis e com as melhores intenções, ao mesmo tempo se vê esta incompreensão. O “Filho” é solitário também entre seus mais próximos (14.27-31) – eles chegam a calcá-lo aos pés (Jo 13.18).

Este gesto de falar “por” Jesus, sincero mas tão dolorosamente enganado, coincide, em sua tendência, com o modo de ser de Satanás (1.25,34; 3.12; 8.33). Assim se explica a dureza marcante de Jesus neste lugar. Desde o batismo, Satanás quer atrair o Filho para longe do caminho da cruz, do caminho do Filho de Deus isaiano para o do filho de Deus helenista (opr 1 a 1.9-11). Para isto ele se esconde atrás do povo ávido por milagres, e até de discípulos dedicados.

Jesus continua: **mas vai, mostra-te ao sacerdote**. Este que fora trazido de volta à comunhão com Deus também deveria ser reintegrado em Israel, de toda forma reocupar seu lugar na sociedade. Ligação com Deus e contatos sociais estão relacionados. Assim, Jesus envia o homem às instâncias respectivas. A primeira parada não é logo Jerusalém. Os milhares de sacerdotes e levitas moravam espalhados pelo país, e também na Galiléia sua presença é atestada (Jeremias, Jerusalém, p 224, nota 9). Lv 14 qualificava todo sacerdote para fornecer um atestado de saúde e pronunciar a purificação (Bill. IV, 758). Mais tarde, depois de certo tempo de espera, um sacrifício no templo em Jerusalém era devido (Lv 14.10,21s). Por isso Jesus acrescenta: **e oferece pela tua purificação o que Moisés determinou**.

Contudo, o que significa a conclusão curta **para servir de testemunho ao povo**? “Testemunho” neste caso dificilmente pode ser limitado à confirmação verbal. Preste atenção no plural, que inclui tanto o sacerdote na Galiléia ao qual o purificado se apresentaria, como o sacerdote em Jerusalém que ajudaria a oferecer o sacrifício. Todo este processo passa a ser um testemunho: um homem se apresenta aos sacerdotes e, em resposta às perguntas, conta o que Jesus fez e refere às prescrições de Moisés, por ordem de Jesus. Desta forma, Jesus, Moisés e a própria convicção deles, de que só Deus pode curar a lepra, acusam sua incredulidade e os conclamam à fé. A história pode ser de uma época em que Jesus já vivia em tensão com “eles”.

- 45 Certamente o purificado trilhou o caminho pelas instâncias competentes, pois sem a declaração de pureza de um sacerdote não havia como ser reintegrado na sociedade, mesmo faltando-lhe a qualificação para a divulgação entre o povo, da qual se fala em seguida: **Mas, tendo ele saído, entrou a propalar muitas cousas e a divulgar a notícia**. Ele deveria ser testemunha, mas só na

esfera dos procedimentos jurídicos. Por conta própria ele se transformou em arauto que cruza a província, transgredindo seu encargo (diferente do que foi curado em 5.19s). Jesus sofreu as consequências: **a ponto de não mais poder Jesus entrar publicamente em qualquer cidade, mas permanecia fora, em lugares ermos.** Deste versículo já falamos acima, no v. 44.

Este ritmo de revelação e dissimulação passa como uma série de ondas por todo o livro. Em 7.36 diz expressamente: “Quanto mais recomendava, tanto mais eles o divulgavam”. E em 7.24: “Não pôde ocultar-se”. Ele proibiu severamente a divulgação, mas a compreensão errada frustrou seu intento. Só que ele suportou estas frustrações e não interrompeu seu ministério, pelo contrário, levou-o à frente com ímpeto cada vez mais forte, apesar das circunstâncias cada vez mais difíceis. Aqui o resultado da sua atuação prejudicada é um novo e grande êxodo, que lembra 1.4: e de toda parte vinham ter com ele.

## IV. DEBATES NA GALILÉIA

### 2.1–3.6

#### *Observações preliminares*

1. *Delimitação.* O novo bloco de narrativas destaca-se claramente do anterior. Presume-se uma situação totalmente diferente. Ao contrário de 1.45, Jesus não evita ficar em público, mas vai diretamente para a cidade e se apresenta aos seus opositores. Os conflitos se sucedem com regularidade. A delimitação com a seqüência também é evidente. A partir de 3.7 cessam de repente os confrontos diretos com os adversários e, em lugar deles, fala-se do povo e do discipulado (cf. *opr* a 3.7–6.29).

2. *Temática.* Nenhuma das cinco histórias tem seu momento definido; podem proceder de diversas épocas e estão unidas apenas do ponto de vista temático. Este temos de identificar. Inicialmente registramos que os temas anteriores ficam em segundo plano. Sobre a pregação de Jesus, lemos somente em 2.2 (antes em 1.14,21s,27,38s), sobre a sua autoridade somente em 2.10 (antes em 1.22,27; cf. 40), sobre seus milagres somente em 2.11; 3.5 (antes em 1.25,31,34,39,41). Estes elementos aqui só servem de ensejo para aquilo de que realmente se trata, os ditos “debates na Galiléia” (para diferenciá-los dos debates na Judéia em 11.27–12.32; outros debates há em 10.2ss; 7.1ss). Na verdade, o título “debate” só cabe nas três perícopes centrais. Em 2.12 a oposição dos professores da lei é muda. Em 2.13-17 ela se manifesta, pelo menos em conversa com os discípulos. Só em 2.18-22 a oposição se volta contra o próprio Jesus, mesmo assim em forma de pergunta. Em 2.23-27 ela sobe de tom como advertência, culminando em 3.1-6 em espreita maligna, silêncio gelado e decisão sinistra de matar. É como se alguém tivesse a ponta da sua veste presa em uma máquina e se vê sendo puxado para dentro dela.

Os adversários são professores da lei, de acordo com 2.6, do partido dos fariseus, em 2.16. Em 2.18,24 só se fala destes fariseus, em 3.2 são “eles” e em 3.6 lemos de novo dos fariseus, desta vez aliados aos herodianos. Os pomos de discórdia são quatro palavras-chave: “pecado” (2.1-12), “pecador” (2.13-17), “jejum” (2.18-22) e “sábado” (2.23-28; 3.1-6). O número quatro pode representar aqui o universo e a totalidade. Neste caso, a escolha de quatro exemplos não teria sido fortuita; Jesus também não teria tido conflitos com o judaísmo somente nestes quatro pontos, mas eles representariam o todo, a incompatibilidade entre Jesus e o sistema judaico em si.

Agora podemos sumariar nossa resposta à questão do tema do trecho. A oposição não é interessante em si, mas com relação à conclusão em 3.6: “tirar a vida!” As cinco histórias estão direcionadas para esta decisão de matar. Isto revela o interesse central: Como o povo messiânico pôde e tinha de rejeitar o Messias? Esta pergunta é premente em termos históricos e também teológicos. Que bases históricas e teológicas têm a palavra da cruz?

Ao levar este bloco de narrativas tanto para a frente, Marcos revela a sua cristologia. Cristo é, para ele, para começo e fim de conversa, o crucificado. Em nenhum outro lugar o evangelho brilha tanto, para ele, como à sombra da Sexta-feira da Paixão.

### 1. Perdão dos pecados e cura do paralítico, 2.1-12

(Mt 9.1-8; Lc 5.17-26)

**Dias depois, entrou Jesus de novo em Cafarnaum, e logo correu que ele estava em casa<sup>a</sup>. Muitos afluíram para ali, tantos que nem mesmo junto à porta eles achavam lugar; e anunciava-lhes a palavra.**

<sup>3</sup> **Alguns foram ter com ele, conduzindo um paralítico<sup>b</sup>, levado por quatro homens.**



- <sup>4</sup> E, não podendo aproximar-se dele, por causa da multidão, descobriram<sup>e</sup> o eirado no ponto correspondente ao em que ele estava e, fazendo uma abertura<sup>d</sup>, baixaram o leito<sup>e</sup> em que jazia o doente.  
Vendo-lhes a fé, Jesus disse ao paralítico: Filho, os teus pecados estão perdoados<sup>f</sup>.  
Mas alguns dos escribas estavam assentados<sup>g</sup> ali e arrazoavam em seu coração:  
Por que fala ele<sup>h</sup> deste modo? Isto é blasfêmia! Quem pode perdoar pecados, senão um, que é Deus?
- <sup>8</sup> E Jesus, percebendo logo por seu espírito que eles assim arrazoavam, disse-lhes: Por que arrazoais sobre estas cousas em vosso coração?  
Qual é mais fácil? Dizer ao paralítico: Estão perdoados os teus pecados, ou dizer: Levanta-te, toma o teu leito e anda?  
Ora, para que saibais que o Filho do homem tem sobre a terra autoridade para perdoar pecados –<sup>i</sup> disse ao paralítico:
- <sup>11</sup> Eu te mando: Levanta-te, toma o teu leito e vai para tua casa.  
Então, ele se levantou e, no mesmo instante, tomando o leito, retirou-se à vista de todos, a ponto de se admirarem todos e darem glória a Deus, dizendo: Jamais vimos coisa assim!

#### *Em relação à tradução*

<sup>a</sup> *en oiko* pode ter o sentido de “em uma casa” (em contraste com “a céu aberto”), mas às vezes deve ser traduzido por “em casa” (em contraste com “longe de casa”), *pe* em [1Co 11.34](#); [14.35](#). Aqui o contexto favorece a segunda opção. De acordo com o texto paralelo em [Mt 9.1](#), Jesus veio “para a sua própria cidade”. O direito pleno de cidadão era obtido depois de no mínimo doze meses de permanência (Bill. I, 493).

<sup>b</sup> *paralytikos* descreve na Antigüidade em geral a pessoa que sofre de deficiência de movimento; não se deve pensar em um diagnóstico moderno da paralisia progressiva.

<sup>c</sup> *apostegein*, lit “destelhar”, pode ser usado para qualquer tipo de telhado, independente da técnica usada.

<sup>d</sup> *exoryxein*, termo técnico para “escavar” telhados palestinos: colocavam-se galhos atravessados sobre troncos de árvore; sobre estes ramos, caniços e espinhos, cobertos com uma massa de argila e restolho, umedecida para ser alisada com um rolo de pedra, e consertada antes de cada estação de chuvas.

<sup>e</sup> A insegurança sobre a maneira de escrever *krabattos* (quatro variantes!) mostra que não se trata de um termo da literatura, mas da linguagem popular, para a cama das pessoas comuns, uma esteira primitiva, fácil de enrolar e levar embora (v. 12). Um evento significativo dos primeiros tempos da igreja: Em certo culto, Trifílio substituiu *krabattos* por uma palavra mais fina. Spírido pôs-se de pé irritado e repreendeu-o diante de todos: “Será que você é melhor do que aquele que disse *krabattos*, a ponto de se envergonhar de usar a palavra dele?”

<sup>f</sup> Aqui e no v. 9, aoristo presente (na maioria das variantes): Agora, neste instante, ainda “sobre a terra” (v. 10), você é perdoado!

<sup>g</sup> Um relatório precisa relacionar logo no início todos os presentes, mas uma narrativa popular pode inserir participantes mais tarde (cf. [5.11](#); [14.4](#); [15.7,40](#); [Lc 2.8](#); [At 2.5](#)).

<sup>h</sup> “ele”: referência depreciativa em lugar do nome próprio (cf. [14.71](#)).

<sup>i</sup> O travessão, de tradição geral, representa uma continuação mais ou menos nestes termos: “... eu curo agora diante dos vossos olhos este paralítico, dizendo-lhe: Levanta-te, toma o teu leito e anda”. Interrupções como esta no discurso, cuja continuação está subentendida na mente de todos, são encontradas também em escritores gregos. Elas favorecem uma narrativa fluente e dramática. Aqui, *pe*, teria destoadado se a frase: “Levanta-te, toma o teu leito e anda” fosse citada uma terceira vez, depois do v. 9 e antes do v. 11, além da notícia em tom semelhante do cumprimento no v. 12.

#### *Observações preliminares*

1. *Fontes?* Não podemos estudar aqui todas as teorias, só uma que se popularizou. Wrede já pensava em 1904 que o “debate” em si dos v. 5b-10 foi uma história independente inserida mais tarde na história da cura. Hoje em dia esta teoria geralmente é modificada no sentido de que esta inserção nunca existiu como história separada, mas foi acrescentada mais tarde à história da cura. O que mais surpreende é o argumento de que no v. 10 se possa reconhecer claramente uma costura. Depois do travessão ele retoma o “disse ao paralítico” do v. 5. Certamente o v. 10 chama a atenção, mas o simples fato de que exatamente este versículo foi assumido sem retoques por escritores tão sensíveis ao estilo como Mateus e Lucas, mostra que ele também pode ser compreendido de modo completamente diverso (cf. nota). Fiquemos, portanto, com o princípio sólido de que um texto deve ser considerado como uma unidade enquanto puder ser entendido como tal, e de que as propostas em contrário devem ser testadas quanto à sua construção com o mesmo critério como o texto



tradicional. Na interpretação trataremos, sem especificar, de outros argumentos da divisão de fontes, para demonstrar que, na formação desta história, o enredo histórico se impôs. Por este motivo, algumas coisas singulares e incomuns não devem ser niveladas, mas consideradas com maior cuidado.

2. *Perdão de pecados*. Nossa história está no degrau mais baixo de uma escala que atinge seu apogeu só em 3.6, como vimos no [opr 2](#) acima. De outra perspectiva, porém, ela representa um auge que não pode ser ultrapassado. Melhor do que os parágrafos seguintes, ela apresenta a missão de Jesus e, com isto, o contraste total entre Jesus e a escola dos rabinos: a realização do perdão dos pecados aqui e agora (“hoje”, no texto paralelo de Lc), e isto no sentido da cura do homem todo, como fonte da nova criação. Aqui temos um lampejo de coisas muito profundas.

O que João Batista anunciara em 1.4 agora é desenvolvido amplamente. Quatro vezes temos a expressão completa “perdão dos pecados” (v. 5,7,9,10; cf. 3.28). O perdão é descrito como ressurreição. No comentário seguiremos esta linha de pensamento. O momento de pecar foi para nós a hora da morte. Forças da morte vieram sobre nós. Mais uma vez, o perdão não só esvazia do mal, mas inunda de forças de vida: experimentamos o batismo do Espírito (1.8) e o reinado de Deus (1.14s), ligados a Jesus, o Filho do homem. O perdão dos pecados, no entanto, não está “preso” à morte expiatória de Jesus (Beyer, Exegese, p 247)? Não é isto que dizem textos decisivos como 10.45 e 14.24, e toda a pregação cristã antiga (1Co 15.3)? Nossa história, todavia, a partir do v. 6 também está imersa em teologia da paixão. Em todos os seus atos e sofrimentos Jesus é o mesmo como depois na cruz. No fundo, sua encarnação já foi sua paixão, assim como sua paixão completou sua encarnação. Ele nunca pode ser dividido, nada nele pode ser tomado à parte. Trata-se sempre de todo o Cristo.

3. *“Filho do homem” no v. 10*. Este título será estudado em detalhe em 8.31. Nossa passagem, porém, requer uma reflexão específica, porque em um sentido destoa das outras: Jesus fala *em público* do Filho do homem! Ele que sempre deu tanto valor à preservação do mistério da sua pessoa. O ensino sobre o Filho do homem estava restrito ao círculo dos discípulos, que era ensinado sempre fora da pregação pública (4.10s,34; 6.32; 8.27; 9.29,30s; 10.10,32). Em público Jesus falava do “reinado de Deus”, mas para os íntimos do “mistério do reino de Deus” (1.14s e 4.11). É só neste ensino íntimo dos discípulos que se fala do sofrimento do Filho do homem (8.31,38; 9.9,12,31; 10.33,45; 13.26; 14.21,41), até que o segredo seja desvendado em 14.62 ([qi 7b](#)). É em relação a isto que nossa passagem, onde Jesus se identifica como Filho do homem diante do povo e dos professores da lei, é uma exceção tão destacada que foi explicada como acréscimo posterior (para 2.28 cf. comentário). Eu sigo uma outra possibilidade.

“Filho do homem” na época de Jesus ainda não era automaticamente um título. Em Dn 7.13, em que Jesus pensava, como mostram suas ligações freqüentes de “Filho do homem” com expressões deste capítulo, de forma alguma temos um título. Ali se diz que, em contraste com uma série de comparações com animais (“como leão, urso, leopardo”, v. 4,5,6; cf. 7), apareceu no céu “um como o Filho do Homem”, isto é, do tipo de um homem, parecido com uma pessoa. Aqui, portanto, não temos o título da figura celestial, mas a descrição da sua aparência. O estudo deste personagem levou à formação do título no judaísmo, pela primeira vez no livro de Enoque, anterior a Cristo, e mais vezes em 4Esdras, posterior. Estes textos, porém, não eram literatura popular, mas textos secretos para grupos pequenos, os ditos apocalípticos. O judaísmo oficial era dominado por esperanças de salvação totalmente diversas. Enquanto Jesus se identificou como Filho do homem só uma vez em público e seus discípulos até hoje entendem esta descrição como um título, seus ouvintes judeus podiam, sem problemas, deixar este sentido passar despercebido. Para eles, ele não falava de outra coisa do que do “ser humano” em sentido cotidiano. Um exemplo é Jo 12.34, onde Jesus claramente apresentou um enigma com “Filho do homem”, a ponto de os judeus perguntarem: “Quem é esse Filho do homem?” Que em nosso caso os ouvintes não pensavam em um personagem específico, como talvez o salvador de Dn 7.13, fica evidente no texto paralelo de Mt 9.8. Ali os espectadores louvam a Deus que dera “aos homens”, na pessoa deste, tamanha autoridade. Eles não viram um título de soberania nesta expressão, e Jesus não lhes revelou o segredo da sua pessoa. Para isto seria necessário um ensino minucioso, como seus discípulos receberam mais tarde.

- 1 Jesus veio **de novo**, qualquer dia destes, não imediatamente depois de 1.45. Talvez Marcos tenha acrescentado especialmente: **dias depois**, ou seja, depois de algum tempo. Portanto, depois que **entrou Jesus... em Cafarnaum, logo correu que ele estava em casa**. Só de passagem ficamos sabendo que Jesus tinha uma casa. Marcos muitas vezes pressupõe informações.
- 2 **Muitos afluíram para ali**. O povo parece ter estado a postos e não demora a aparecer. Não é ele quem os procura, mas eles, como em 1.37. Assim, a torrente de 1.40,45 não diminui. Jesus é como um ímã irresistível. “...se arrojavam a ele...” como um enxame de abelhas, diz em 3.10, encobrindo-o de todos os lados com sofrimentos e fardos, **tantos que nem mesmo junto à porta eles achavam lugar**. A terminologia denuncia o testemunho ocular. Talvez a soleira seja a mesma de 1.33. Em outro aspecto há uma lacuna no relato: nada se diz de curas, como em 1.34. O que importa aqui é que

o povo se reúne para a pregação: **e anunciava-lhes a palavra**. Como em 1.21, Marcos pode ficar devendo o conteúdo da pregação de Jesus, já que tudo transcorre à luz de 1.14s.

- 3 Encaminhando-se para a história em si, Marcos passa ao tempo presente: **Alguns foram ter com ele, conduzindo um paralisado, levado por quatro homens**. Decisiva aqui não é a causa da paralisia, mas a condição de total incapacidade e imobilidade. O homem jaz como um morto. Quatro homens – outra recordação concreta – precisam carregá-lo.
- 4 A tentativa de avançar com o doente até a porta – Lc 5.18b,19 esclarece – fracassa. **E, não podendo aproximar-se dele, por causa da multidão**, eles subiram ao telhado da casa, por uma escada nos fundos, e **descobriram o eirado no ponto correspondente ao em que ele estava e, fazendo uma abertura, baixaram o leito em que jazia o doente**. Buracos como este no telhado, em caso de emergência, são mencionados também em outras ocasiões na Antigüidade (Bill. II, 4). Assim, o doente veio descendo como um morto numa maca. A esteira evidenciava também a sua pobreza. Na Antigüidade os doentes geralmente eram pobres. Como não podiam prover o seu sustento, eram forçados a se desfazer peça por peça dos seus bens, até passarem a viver de esmolas, ou seja, do que conseguiam despertando muita compaixão. Isto marca a aparência e a vida interior e atrofia a personalidade.
- 5 Jesus, vendo-lhes a fé. De acordo com Calvino e Bengel, a fé do paralisado está incluída. Mas quando se fala do olhar de Jesus para dentro de uma pessoa, geralmente se diz que Jesus via “por seu espírito” (cf. v. 8). Certamente pensa-se aqui em olhar físico. A observação dos carregadores que não se deixaram desanimar por nenhum obstáculo levou à constatação da sua fé. No paralisado nada havia a observar. Em todo caso, não é possível concluir do texto que o doente fosse o motivador da escalada do telhado. Por mais que acontecia ao seu redor, ele mesmo era totalmente passivo. Só no v. 12 é que entra movimento no homem. Aqui (v. 5) Jesus ainda fala com ele como com o jovem que falecera em Naim.

A fé é uma súplica, que pode ser sem palavras, mas jamais sem ação, firmada na confiança na disposição poderosa de Deus de ajudar. Em Marcos é sempre assim. Esta confiança brota sempre em Jesus e de Jesus (9.23,24). Aqui, há pouco se falou da sua palavra (v. 2). A fé, nisto, sempre já é o primeiro milagre (Mt 8.10), pois os poderes da dúvida e do desespero são grandes demais neste mundo. Jesus vê admirado como estes homens “lhe sobem à cabeça” em nome de Deus. Uma fé destas não é um salto no escuro; ao primeiro milagre há de seguir outro. A propósito, com base nesta história não se deveria falar de fé substituta, mas de fé intercessora. Que outra pessoa pudesse crer em Deus em nosso lugar, mesmo que por algum tempo, haveria de nos convir!

“Filho”, chama Jesus o homem. Disto não se pode tirar nenhuma conclusão sobre a idade do endereçado. Em 10.24 Jesus chama seus discípulos de “filhos”, em 5.34 uma mulher adulta de “filha”. Um rabino respondeu a um velho que lhe pediu conselho: “Filho...” (Bill. I, 499). Mesmo que esta maneira de falar seja atribuída expressamente a Jesus em certos casos, não parece se tratar de um floreio oficial de um conselheiro, mas de um termo cheio de conteúdo. Com este tratamento, Jesus elimina a separação e vem ocupar sua casa, a “família de Deus” (cf. 3.33s). O paralisado de repente também se vê envolto em proteção e comunhão.

O fato de Jesus mencionar em primeiro lugar os pecados não deve ter surpreendido os quatro carregadores nem os professores da lei do v. 6. Para os judeus, o sofrimento e a culpa estavam estreitamente ligados, e as doenças eram consideradas castigos para os pecados. Eles tinham até uma relação de castigos para os diversos pecados, com base na qual eles não só sabiam que desgraça segue a certo pecado, mas também que pecado causara a desgraça de certa pessoa (Bill. II, 193s). Em todos os casos, para eles os doentes eram pessoas com as quais Deus está especialmente irado. Um rabino constatou: “Nenhum doente será curado dos seus males enquanto todos os seus pecados não forem perdoados” (por volta do ano 270, em Bill. I, 495). Jesus rejeitou expressamente esta dedução automática da doença a partir do pecado (Jo 9.3; Lc 13.2s). Só neste único caso ele, antes da cura, levantou a questão da culpa, e em outro caso depois (Jo 5.14). Portanto, nesta questão deve prevalecer o maior cuidado no aconselhamento. Quanta crueldade apregoar os fracos e sofredores sempre como os maus – uma ideologia típica dosãos! Certamente o sofrimento está ligado à culpa por muitos fios, mas será que é sempre a culpa do próprio doente? Será que a doença é realmente algo particular, e não antes um convite a todos para que reflitam sobre atitudes e situações que fazem adoecer tantas pessoas no corpo e na alma? Obviamente não é o caso de calcular a parte de culpa de cada um.

Para a mentalidade de hoje, o procedimento de Jesus naturalmente é estranho. Este homem carecia de saúde e “só” recebeu perdão – que decepção! Haenchen opina sobre este trecho que Jesus não pode ter sido tão insensível e anti-social; isto foi forjado mais tarde pela igreja. Fica claro: nós queremos saúde, serenidade, melhora da situação e também um pouco de paz interior; Jesus, porém, passa ao largo desta maneira de pensar. Pode ser que ele seja o único que leva os nossos pecados a sério. Eles lhe dão “trabalho” (Is 43.24). Para ele o perdão continua sendo o substantivo que importa, e não há nada maior na terra.

**Os teus pecados**, é o que Jesus diz. Ele não fala de *sentimentos* de culpa dos quais é preciso se livrar, como os psiquiatras. Nossos sentimentos de culpa ou inocência de todo modo são questionáveis, pois nossos pecados muitas vezes são como pedras jogadas na água, que logo afundam e não voltam mais à tona. Muitas vezes temos uma consciência limpa porque temos memória fraca. Os irmãos de José insistiram em Gn 42.11: “Somos homens honestos”, quando eram criminosos. Jesus está interessado na culpa em si, e contra ela não ajuda distrair-se, esquecer, ser preso, ir ao psiquiatra ou ter um bom cônjuge, só Deus.

Jesus fala da ação de Deus com uma voz passiva misteriosa: **os teus pecados estão perdoados**. Fala-se do perdão dos pecados nos mesmos termos em outras passagens (3.28; 4.12). Trata-se do *passivum divinum*, tão típico de Jesus. “Ele se presta acima de tudo para descrever a ação escatológica misteriosa de Deus... Todos estes *passiva divina* anunciam que chegou o tempo da salvação” (Jeremias, *Theologie*, p 24). Aqui, portanto, está em questão bem mais do que um pouco de felicidade particular. Em Jesus o Deus perdoador entrou em cena e começou a cumprir suas últimas e maiores promessas. Nada menos está dito aqui. No pensamento judaico, o ato perdoador de Deus estava no futuro (Bill. III, 495, cf. 1.4). De modo sensacional, porém, Jesus o amplia para o presente. Por esta razão, também, no louvor a Deus dos espectadores, o “hoje” em Lc 5.26 tem um papel tão decisivo.

- 6 Com dignidade que impunha respeito, **alguns dos escribas estavam assentados ali** (opr 5 a 1.21-28). A classe profissional dos escribas granjeara uma posição superior desde a luta nacional contra a aculturação grega na guerra dos Macabeus. Para defender o tesouro da fé, estes homens erigiram uma “trincheira de fogo”, que foi a educação e monitoração do povo no sentido da lei divina. Em uma nação em que todas as instituições tinham relação com Deus, este poder era todo-abrangente. Educação, justiça, culto, teologia, economia e vida privada – eles se metiam em tudo. O povo os honrava, até porque na maioria dos casos eles eram um exemplo de rigor e fervor de conduta. Apresentavam uma vida judaica pura, impermeabilizada contra toda influência pagã. Diferentemente dos sacerdotes e anciãos, que se misturavam demais com os opressores pagãos, eles eram tidos como judeus-modelo, e estabeleciam os padrões (cf. At 5.34).

Haenchen acha que “a menção deles entre os ouvintes na pequena Cafarnaum é um mistério”. Realmente, nada sabemos de fariseus e escribas organizados fora de Jerusalém antes do ano 70. Sião e Torá estavam intimamente ligados (Hengel, *Geschichtsschreibung*, p 71). Todavia, passagens como 3.22 e 7.1 trazem uma solução boa (cf. 1.42 e opr 2 a 3.1-6). Estes homens provavelmente estavam ali em caráter oficial. O sinédrio em Jerusalém, a mais alta autoridade legal religiosa do povo, os encarregara. Passagens como At 9.2,14 mostram que até as comunidades judaicas no exterior acatavam suas decisões. Em que poderia ter consistido o encargo neste caso? Quando em qualquer lugar parecia surgir um movimento dissidente, o sinédrio enviava uma comissão de inquérito (At 21.21), que deveria formar uma idéia da situação no próprio local. Se a avaliação fosse negativa, a cidade poderia ser declarada “seduzida” – um tipo de disciplina eclesiástica. Havia instruções específicas para inquérito e levantamento de provas (Stauffer, *Rom*, p 116ss). A indicação em nosso texto de que os escribas estão sentados apóia esta explicação. “Sempre que alguém de Jerusalém chegava à província, ofereciam-lhe uma cadeira, para que pudessem ouvir a sua sabedoria” (Bill. I, 691). Os lugares para sentar são de honra, em contraste com a multidão, que se sentava no chão ou se acocorava “ao redor dele” (cf. 3.32).

Caso este grau tão oficial de inquérito ainda não tenha sido atingido aqui, é bem provável que os escribas da sinagoga local ficassem de olho neste profeta novo. Já no material transmitido pelo cap. 1 houvera uma série de provocações por parte de Jesus e uma inquietação no povo, que tinha de alvoroçar muito a classe magistral. Seria de estranhar se os professores não tivessem vindo!

Assim, eles estão ali sentados, ouvindo, vendo e ficando mudos. Com tanto maior intensidade trabalha a mente deles: **e arrazoavam em seu coração**. Jesus fala mais duas vezes do raciocínio deles (v. 8; cf. 9.33n) e uma vez do conhecimento (insuficiente) deles (v. 10).

- 7 Por que fala ele deste modo? Isto é blasfêmia!** Na época de Jesus, qualquer pessoa que de algum modo questionasse a majestade de Deus era um blasfemador digno de morte, mesmo que não aplicasse uma fórmula expressa de maldição ao nome de Deus (Bill. I, 1017s). Para eles, este era o caso aqui. Jesus não se colocara sob a Torá, mas ao lado de Deus (cf. Jo 10.33). **Quem pode perdoar pecados, senão um, que é Deus?** A expressão “um, que é Deus” é bastante freqüente em Marcos (ainda em 10.18 e 12.29) e vem do início da confissão de fé judaica, o chamado *Sch'ma Israel* de Dt 5.4-9, com acréscimos de Dt 11.13-21 e Nm 15.37-41. Todo homem judeu aprendia esta confissão logo que começava a falar e, a partir dos seus 13 anos, recitava-a pelo menos duas vezes por dia, no nascer e no pôr-do-sol. No culto ela também recebia destaque. Até hoje ela é a confissão mais solene dos judeus. Até na hora da morte ela deve ser dita. Na recitação, a palavra “único” é acentuada e estendida. Conta-se de um moribundo: “Ele se deteve ao dizer a palavra *echad* (um), até expirar a sua alma” (Bill. IV, 189ss).

Esta singularidade de Deus é que estava em questão para os judeus aqui, pois Jesus parecia ter profanado este precioso tesouro da fé. Ele se colocara como Segundo ao lado do Único, pois só Deus perdoa pecados: “Eu, eu mesmo, sou o que apago os teus pecados”, diz expressamente Is 43.25. E em 55.7: “Deus é rico em perdoar”. Em 48.11: “A minha glória, não a darei a outrem”. Miquéias pergunta em 7.18: “Quem, ó Deus, é semelhante a ti, que perdoas a iniquidade?” Aqui parece que alguém se atreve a levantar a voz: Eu também! É claro que Jesus não disse: *Eu* perdoo os teus pecados; ele falara no *passivum divinum* do perdão de Deus. Mas isto dá no mesmo (cf. v. 10). Se ele o dizia, é porque Deus o fazia. A questão é “dizê-lo” (v. 9). Nisto é que estava a blasfêmia. Nem do Messias ou do Filho do homem o judaísmo ensinava algo assim (Goppelt, *Theologie*, p 86).

Não havia em cada sacrifício de expiação no templo uma declaração de justificação pelo sacerdote, que devia soar parecido? No entanto, temos de estabelecer uma diferença. Expição por pecados anunciada por um sacerdote e perdão dos pecados por Deus não coincidem. Quando a boca do sacerdote pronunciava a purificação depois de trazido o sacrifício, da parte do pecador as coisas estavam em ordem só juridicamente. Ele recebera a confirmação de ter-se portado como exigia o sistema. Podia continuar a viver e recebia permissão para retornar aos cultos. No julgamento final, porém, Deus, que sonda os corações e reconhece o arrependimento verdadeiro, estava totalmente livre para conceder o perdão eterno dos pecados ou para retê-lo. Sim, ele pode até perdoar quem não é justo. O campo do perdão de pecados, portanto, é especial, de foro exclusivo de Deus. Jesus, porém, pronuncia esta palavra absoluta e eterna de perdão, à parte de sacerdócio, sistema de sacrifícios, templo e culto, direto do coração de Deus. “Quem, pois, te fazes ser?” perguntam-lhe os judeus indignados em uma situação comparável em Jo 8.53, 10.33, tomando pedras para apedrejá-lo. Contudo, Jesus não se *fazia* ser nada, só revelava quem ele *é*, o Filho. Exercia a autoridade que lhe competia como Filho do homem celestial (v. 10). O próprio Deus estava por trás dele, o tempo do fim começara. O julgamento final era aberto já “sobre a terra” (v. 10), e o Deus *único* perdoava pelo homem *único*, Jesus.

Esta hora se aproxima da noite do sofrimento e da morte na cruz no sentido em que os escribas, com as suas pressuposições, já poderiam irromper aqui no coro de 14.64: “Ele é réu de morte!” E assim como diante de Caifás, também aqui Jesus não se retrata da sua suposta blasfêmia, inseguro. Com sua atitude ele se entrega na mão deles e, invisível, o travessão da cruz desce sobre os seus ombros. Como Filho do homem humilhado, aqui como lá ele tem o poder de perdoar pecados.

Tudo isto não cabe no “arrazoado” dos escribas (v. 6,8). Em que sistema teológico ou filosófico do mundo há lugar para o evangelho do Jesus crucificado! Com a graça prevista sempre se sabe antes como e quem Deus perdoa. Só que o deus que resulta disto é sempre um ídolo. Jesus, porém, é a graça inimaginável para você e para mim. Nossa mente sempre terá de gritar em protesto diante dele, porque, em sua graça, ele blasfema contra os nossos ídolos e revela o Deus vivo.

- 8 Um “logo” indica o próximo sinal messiânico: E Jesus, percebendo por seu espírito que eles assim arrazoavam.** “Espírito” aqui não representa os pensamentos ou o “interior” no sentido antropológico; é o portador do Espírito de 1.8 quem está em ação. Pelo Espírito do Deus que sonda os corações (Sl 7.10; Pv 11.20; 17.20; 20.12) ele penetra nos corações hostis deles, surpreende os pensamentos deles e os traz à luz: **Por que arrazoais sobre estas cousas em vosso coração?** “Estas

cousas!” O olhar sobe pelo edifício dos pensamentos deles, que se eleva como uma fortaleza intelectual. É que o raciocínio deles os torna inimigos não só de Jesus mas também do paralítico, deitado em uma esteira a seus pés e a quem a palavra de libertação de Jesus fora dirigida. É um raciocínio, além de anti-cristão, também profundamente anti-humano!

- 9 **Qual é mais fácil? Dizer ao paralítico: Estão perdoados os teus pecados, ou dizer: Levanta-te, toma o teu leito e anda?** A dedução do mais fácil para o mais difícil era um dos métodos de ensino bem conhecidos dos rabinos daquela época (*a minori ad maius*, Bill. III 223ss). O interessante nisto está em apresentar um evento como muito difícil, quicá impossível. Para isto ele é contraposto a outra coisa reconhecidamente difícil, que então é descrita como ninharia. Comparações como esta, da perspectiva do mais fácil, encontramos mais duas vezes nos evangelhos. Em Lc 16.17 Jesus diz: “É mais fácil passar o céu e a terra do que cair um til sequer da lei”. Mc 10.25, porém, está mais próximo: “É mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha do que entrar um rico no reino de Deus”. A seqüência evidencia a intenção da frase: a segunda parte é humanamente impossível, imaginável só como milagre de Deus.

Em um sentido, porém, nossa passagem se diferencia claramente destes paralelos. Aqui não é Jesus quem decide o que é mais fácil e o que, em comparação, é humanamente impossível, mas ele deixa esta avaliação com os professores da lei. Eles é que devem dar-se a resposta. Seu raciocínio tão típico deve ser empurrado para um beco sem saída e, assim, para os braços de Deus. Eles não deviam falar, mas ver, compreender e, depois, talvez juntar-se ao louvor de Deus do v. 12. Por isso o v. 10 diz expressamente: “Ora, para que saibais...” Ao explanarmos a pergunta de Jesus, portanto, deve ficar claro como ele apanhou os judeus no raciocínio deles.

Que Jesus declarou o perdão de Deus com *eficácia* eles não creram nem por um segundo. Como eles tinham acabado de formular em seu coração, perdoar era para eles sempre humanamente impossível, só possível ao próprio Deus. Portanto, eles classificaram a palavra de perdão da boca de Jesus como falar à toa de um charlatão, que se aproveita do fato de que ninguém pode verificar a eficácia da sua palavra. Deste modo, a questão da verificação se torna o ponto chave. Senão, a palavra de perdão seria humanamente impossível, quando existiam tanto no AT como no judaísmo da época numerosos operadores de milagres. Se, porém, a questão é como a autoridade espiritual se torna visível e verificável, sem dúvida a palavra de cura toma a frente. É neste sentido que “os judeus pedem sinais” (1Co 1.22; cf. Mc 8.11). Em nosso caso eles tinham certeza absoluta que a cura não ocorreria, pois como Deus poderia estar aliado a alguém que acabara de blasfemar contra ele? Só levaria alguns segundos para eles confirmarem como aquele homem na esteira continuaria imóvel.

É aqui que Jesus entra: Muito bem, prestem atenção! e cura o paralítico diante dos olhos deles. Com isto os professores da lei estavam presos na armadilha, já que vinculavam tão estreitamente a cura ao perdão. Quando Jesus deu movimento a este corpo paralisado, ficou evidente que ele antes movera o coração de Deus, isto é, colocara a graça em movimento. Neste momento os escribas teriam de irromper no louvor escatológico, como o povo simples lhes mostrou. Pois, de acordo com Is 35.6, o fato de os paralíticos andarem significava mais que a restauração da capacidade de movimento de corpos; era a chegada dos dias messiânicos.

- 10 Na explanação nos antecipamos ao texto. Ainda estamos no v. 10: **Ora, para que saibais que o Filho do homem tem sobre a terra autoridade para perdoar pecados...** Todo leitor da Bíblia pode comparar como Jesus fala diferente do Filho do homem do que Dn 7.13. Lá aparece depois do julgamento do mundo, independente da questão do pecado, um personagem celestial que recebe autoridade para governar eternamente sobre todos os povos. Com “Filho do homem” Jesus obviamente pensa em si mesmo, portanto em alguém inserido na história da terra, e relaciona sua autoridade com a questão do pecado. Também nas outras afirmações de Jesus sobre o Filho do homem, este tem a ver diretamente com a questão do pecado. Ele é o resgate (10.45), e tomará seu lugar no trono do juiz (14.62). Assim, Dn 7 é citado, mas ao mesmo tempo explodido. O cumprimento sempre é maior que a promessa.

Sem que a majestade do Filho do homem de Daniel seja cortada, diminuída ou limitada em sua pureza, ela é enriquecida. Assim como um filho não deixa de ser filho, na verdade o expressa melhor ainda, quando se sacrifica pela vontade do pai, também o Filho do homem não perde a majestade quando ele desce, pela vontade de Deus, à humilhação maior. Nestas circunstâncias, na verdade, sua humilhação nada mais é que o reflexo da sua majestade. Nela sua autoridade adquire um brilho especial. Em nosso contexto, a humilhação de Jesus acontece quando ele é declarado blasfemador



notório no v. 6. Com isto ele é considerado malfeitor e imediatamente é candidato à morte. Ao mesmo tempo, ele não fez nenhum gesto no sentido de retratar-se ou explicar o equívoco. Já aqui ele toma sobre si a sua cruz. É exatamente desta sua existência como sacrifício é que provém a palavra de perdão do julgamento final, pressionada para a frente, para o nosso presente e nosso aquém, “sobre a terra”.

Para os ouvidos dos judeus esta teologia era terrível, pois para eles a aceitação por Deus tinha de ficar em aberto por princípio, até o ajuste de contas final diante do trono de Deus. Até sobre o espírito do judeu mais fiel a segurança de salvação pairava como um céu nublado que nunca se abria realmente. Disto temos um testemunho tocante mais ou menos do ano 80 (Bill. IV, 1934):

“Quando o rabino Jochanan ben Zakai adoeceu, seus discípulos foram visitá-lo. Quando os viu, ele começou a chorar. Seus discípulos lhe disseram: Lâmpada de Israel, coluna ereta, martelo poderoso, por que choras? Ele lhes respondeu: Se eu fosse levado diante de um rei de carne e sangue, que hoje está aqui e amanhã no túmulo, sua ira, caso estivesse irado comigo, não seria eterna, e suas cadeias, caso me acorrentasse, não seriam eternas e, caso me matasse, seu matar não seria eterno; além disso eu poderia conciliá-lo com palavras e corrompê-lo com dinheiro, e mesmo assim eu choraria. E agora me levam diante do Rei dos reis, do Santo, louvado seja! que vive e existe por todas as eternidades. Se ele estiver irado comigo, sua ira é eterna, e se ele me prender, suas correntes são eternas, e se ele me matar, seu matar é eterno. Também não posso conciliá-lo com palavras nem suborná-lo com dinheiro; e não só isso, diante de mim há dois caminhos: um vai para o paraíso celestial e o outro para o Gehinom (lugar da perdição), e eu não sei por qual serei conduzido – e não deveria chorar?”

Depois de toda uma vida de fidelidade à lei, este judeu dedicado não tinha nenhuma certeza quanto ao essencial. Será que Deus o aceitará, será que Deus não o aceitará? “Não sei por qual caminho serei conduzido.” Não dá para saber (uma tradução melhor: Não se *pode* saber). No quadro do sistema judaico era considerado blasfêmia atribuir este conhecimento a alguém. Seu arrazoado deixava as pessoas em condição crônica de medo, em insegurança por princípio e, assim, em escravidão, sujeitas sempre a mais extorsões. Só a autoridade do Filho do homem pode quebrar esta maldição. Paulo, o ex-escriva, exulta sob o poder divino do evangelho: “Temos recebido o Espírito de Deus para que *conheçamos* o que por Deus nos foi dado!” (1Co 2.12).

Portanto, nesta casa em Cafarnaum houve um lampejo de coisas profundíssimas, que ficou preservado pela tradição como algo incomum, de modo que os sinóticos aqui se achegam nestes versículos quase literalmente ao mesmo texto. Revelou-se aqui um evangelho que “nem olhos viram, nem ouvidos ouviram, nem jamais penetrou em coração humano o que Deus tem preparado para aqueles que o amam” (1Co 2.9).

– **disse ao parálítico:** Claramente objetivando os professores da lei, que duvidavam da sua palavra de perdão, Jesus se prepara para a palavra de cura. Ele a diz pensando nos ouvidos e olhos deles, pois contrapõe consciente ao “para que saibais” o “eu te mando”. Com isto a cura está classificada como sinal de legitimação (cf. Êx 4.1-9; Is 7.10-14; Rm 15.18s). Um mensageiro precisa poder apresentar suas credenciais, também um mensageiro de Deus. A mensagem de Deus é tão estranha em nosso mundo, tão pouco óbvia, que as dificuldades para crer são muito compreensíveis. Por isso Deus torna seus mensageiros confiáveis através de sinais especiais. Ele constrói pontes para o ouvinte, oferece bases sólidas para a fé, se bem que não provas, pois também os falsos profetas podem fazer milagres (13.22; cf. 3.22). Do outro lado, Deus torna a descrença algo arriscado. Ele lhe rouba sua tranquilidade e uma porção de argumentos.

- 11 Então Jesus diz: **Eu te mando: Levanta-te, toma o teu leito e vai para tua casa.** A repetição tríplice do termo da ressurreição, “levantar-se”, ressoa no ouvido e cria um ambiente pascal. Aquele que até há pouco fornecia um quadro da morte torna-se agora um quadro da ressurreição, e de uma ressurreição que não se detém no campo físico. Para isto a palavra de perdão e a palavra de cura estão ligadas no seu sentido. A cura libera as forças e tendências inerentes ao perdão: poder da ressurreição e vida completa. Importa, sob a palavra do perdão, não recolher-se ao “milagre interior”, deixando, talvez, o “milagre exterior” à mercê da crítica.
- 12 **Então**, sem toque ou tratamento, sem fórmula, gesto ou ritual por parte de Jesus, também sem jejum e oração, **ele se levantou** simplesmente porque Jesus dissera. Jesus é quem pode “dizer” algo: este termo passa por toda a narrativa (v. 5,7,9 duas vezes, 10,11), e este também é o sentido de “autoridade”: “o poder de alguém que pode dizer” (Foerster, ThWNT II, 560). Jesus fez uso deste poder, e Deus legitimou seu porta-voz fazendo o parálítico soltar-se da sua esteira, tomando o leito. A esteira também recebe ênfase (v. 4,9,11,12). Fora ela que até então o acorrentara a si, como símbolo da sua miséria. Agora ela é suspensa como se suspende a escravidão, e retirada em triunfo, como despojo levíssimo à vista de todos – sinal da sua libertação.

A ponto de se admirarem todos. “Todos” novamente não deve ser forçado (cf. 1.33s), como se os professores da lei também tivessem exultado. É especialmente o povo anônimo que, por um momento, percebe o sentido da hora. Eles ficaram “assustados” (1.27; 5.42; 6.51). Será que aconteceu algo assustador? Sim, mas algo assustadoramente bom: perdão de pecados escatológico e cura do homem todo! Em Jesus há coisas boas tão inesperadas que trememos como vara verde: como Deus pode ser tão maravilhosamente bondoso comigo e me amar tanto! E deram glória a Deus. Não é nem do que foi curado que se diz isto, mas dos espectadores. A bondade de Deus com este os torna todos confiantes, pois este gesto isolado equivale à andorinha que traz o verão ao país inteiro. Ao jubilarem: Jamais vimos coisa assim!, eles expressam que pressentem uma era de qualidade nova, o tempo final messiânico, do qual tratara a “palavra” do v. 2. O mensageiro das boas novas de 1.14s chegara com suas credenciais. A comunidade que lê, por sua vez, guarda com esta história: esta salvação brota da autoridade do crucificado.

## 2. O banquete dos cobradores de impostos, 2.13-17

(Mt 9.9-13; Lc 5.27-32)

<sup>13</sup> De novo, saiu Jesus para junto<sup>a</sup> do mar, e toda a multidão vinha ao seu encontro, e ele os ensinava.

<sup>14</sup> Quando ia passando, viu a Levi, filho de Alfeu<sup>b</sup>, sentado na coletoria, e disse-lhe: Segue-me! Ele se levantou e o seguiu.

Achando-se Jesus à mesa<sup>c</sup> na casa de Levi<sup>d</sup>, estavam juntamente com ele e com seus discípulos muitos publicanos<sup>e</sup> e pecadores<sup>f</sup>; porque estes eram em grande número e também o seguiam.

Os escribas dos fariseus, vendo-o comer em companhia dos pecadores e publicanos, perguntaram aos discípulos dele: Por que come [e bebe] ele com os publicanos e pecadores? Tendo Jesus ouvido isto, respondeu-lhes: Os sãos<sup>g</sup> não precisam de médico, e sim os doentes; não vim chamar justos, e sim pecadores.

*Em relação à tradução*

<sup>a</sup> para aqui não é “ao longo de” (com WB, p 1211), pois a idéia de que Jesus pregara andando, acompanhado da multidão, não só é inverossímil, mas também tem passagens claras como 3.9; 4.1 contra si.

<sup>b</sup> Como a lista dos apóstolos em 3.18 contém um “Tiago, filho de Alfeu”, alguns copistas pensaram ter de corrigir “Tiago” aqui. Schlatter aceita as variantes e acha que se trata de um irmão de Tiago. Nosso relato também não dá a entender que Levi se tornou membro do grupo dos doze, antes seu chamado é entendido como um chamado comum (v. 17). Mateus é quem, em sua lista de apóstolos em 10.3, chama o Mateus de “publicano” e tem o nome dele também neste chamado de cobradores de impostos, sem mencionar um pai chamado Alfeu.

<sup>c</sup> Lit “deitados”, o que mostra, como Lc 5.29 conclui, que Levi deu “um grande banquete”, pois normalmente comia-se sentado no chão, com as pernas cruzadas. Só em ocasiões festivas usavam-se almofadas com encosto (“móvel”, Mc 14.15), para servir-se de mesas baixas, acomodado com conforto (Bill. IV, 611).

<sup>d</sup> “sua” casa refere-se à de Levi e não de Jesus (como em Lc 5.29), conforme o sentido do texto.

<sup>e</sup> telones, de telos (alfândega) e onousthai (comprar), portanto, uma pessoa que compra do Estado direitos de cobrar impostos.

<sup>f</sup> Este “e” não diferencia dois grupos de convivas, antes, o segundo termo (“pecadores”) define o primeiro: publicanos, ou seja, pecadores. No versículo seguinte a ordem está invertida: pecadores, ou seja, publicanos; todos os convidados pertencem à classe dos cobradores de impostos.

<sup>g</sup> ischyein, lit ter força, derivado do termo aramaico para ter saúde (como em Lc 5.31).

*Observações preliminares*

1. *Construção.* Alguns comentadores tomam v. 13,14 como uma unidade separada e colocam outro título sobre v. 15-17. Nós seguimos o ponto de vista de que temos aqui uma descrição única, bem pensada mesmo que ocorrendo em três cenários (junto ao lago, na coletoria, na casa de Levi). Os v. 13s servem só de introdução. V 13b não está redigido no tempo verbal comum de narrativa (aoristo) e está totalmente aberto para a frente. O v. 14 só dá formalmente os dados essenciais de um chamado, e menciona a palavra-chave “coletoria”, que torna os v. 15-17 necessários. Sobre a escolha de um homem tão impossível tinha de ser dito

mais alguma coisa. Esta é introduzida com “aconteceu que” (v. 15, BJ). Começa o assunto mais importante que estava em vista.

2. *Temática*. Nosso trecho dá continuidade eclesiológica à narrativa cristológica anterior da autoridade de Jesus. Pela primeira vez aparece a expressão importante “Jesus e seus discípulos” (v. 15; cf. q̄i 8f). Quem Jesus chama para junto de si e quem não? No último versículo seu chamado do v. 14 é tornado geral: só pecadores! Do seu perdão de pecados nasce a comunidade de pecadores agraciados. Por isso a comunhão da mesa de Jesus com os “publicanos e pecadores” – a expressão é escrita três vezes por extenso! – ocupa toda a cena. Deste modo, o chamado de *um* cobrador de impostos não foi um caso isolado, mas um caso exemplar de alcance fundamental. “Só para pecadores” está escrito sobre a salvação de Jesus. Pela conclusão do v. 15 os publicanos compõem a massa de seus seguidores, mesmo que tenha havido entre eles quem não o fosse. Mas a coisa é levada ao extremo de modo provocador, para forçar uma brecha, para destruir o conceito farisaico de comunidade – um perigo atemporal, que avança pelos séculos!, e para fixar e impor a natureza da comunidade de Deus de modo inesquecível.

3. *Publicanos*. Uma fonte importante de recursos do pequeno reino da Galiléia eram os postos de alfândega, que cobravam impostos não só nas fronteiras, mas também na entrada e saída de povoados, na encruzilhadas e nas pontes. Para isto era usado o sistema de locação, muito generalizado na Antigüidade: um nativo arrematava um ou mais postos de cobrança leiloados, e se comprometia com o pagamento regular de uma quantia fixa. Para garantir a aquisição deste valor dentro do prazo, além de um lucro pessoal e um bom pagamento aos empregados nesta atividade altamente impopular, cobrava-se dos transeuntes sempre mais que o normalmente estipulado. Estes, então, com razão se sentiam logrados.

Os viajantes tinham de entregar todos os objetos que levavam consigo. Se o cobrador suspeitava que algo lhe fora oculto, ele tinha o direito de revistar as cargas e as pessoas. Nem cartas e outros objetos de cunho pessoal estavam a salvo. Produtos não declarados podiam ser confiscados e possivelmente ficavam para o cobrador. Um terceiro que dava indicações sobre objetos escondidos podia obter uma recompensa. Não é preciso ter muita fantasia para imaginar o estado de ânimo em uma coletoria: desconfiança, ódio, brigas, mentiras dos dois lados.

Em torno do grupo de coletores ergueu-se um muro geral de ódio e desprezo. Todos preferiam ver um coletor pelas costas. Nenhuma pessoa decente empregava-se com eles. O escritor pagão Júlio Pollux relacionou 35 termos injuriosos contra locatários de alfândega. Os cobradores eram considerados ladrões e assaltantes por definição. Era permitido enganá-los e perjurar perante eles. Doações de caridade da parte deles eram recusadas. Eles não podiam comparecer no tribunal como testemunhas, cargos importantes lhes eram vedados. Suas famílias, que participavam da riqueza roubada, também eram marginalizadas. Um fariseu que se tornasse coletor era expulso, e sua esposa podia divorciar-se dele.

O motivo do desprezo dos cobradores, pelo menos na Galiléia, não era a colaboração com as forças de ocupação, já que os romanos tinham concedido a Herodes Antipas a mesma isenção de impostos e autonomia financeira como a seu pai; sua base era unicamente moral, pois a motivação deste negócio sujo era a ganância desenfreada, o pré-requisito era uma insensibilidade repugnante que não se impressionava nem com problemas de consciência nem com os preceitos de Deus. Disto resultava o oposto exato do fariseu, o judeu rigoroso na Torá (cf. Lc 18.9-14). Levamos tudo isto em consideração quando lemos que Jesus arriscou-se a receber a alcunha de “amigo dos publicanos” e que a lista dos apóstolos inclui “Mateus, o publicano” (Mt 10.3). Ainda 150 anos depois o filósofo romano Celso derramou sua zombaria sobre os cristãos e seu Jesus: bandidos, cobradores de impostos e pescadores eram seus discípulos.

4. *Os fariseus*. Quando, no século III a.C., o helenismo experimentava um avanço triunfal em volta de todo o Mediterrâneo, a atração pela arte e literatura, língua, costumes e espiritualidade, por teatro e esporte dos gregos afetou também o povo judeu. Cada vez menos a massa popular, assim como a classe dominante, acreditava que ainda fosse possível viver de acordo com as antigas leis de Moisés na época moderna. Por volta do ano 200 a.C., porém, um grupo de cerne duro do povo judeu começou a resistir. Conscientes de oferecerem a única alternativa para a civilização predominante, a única com futuro, eles se firmaram ainda mais sobre a Torá e a herança dos antepassados. O resultado foi algo espantoso no helenismo, em que eles realmente conseguiram preservar em grande parte a singularidade do judaísmo.

Para isto eles se uniram em comunidades bem organizadas, como um partido político. Havia condições para admissão, tempo de carência, juramento, tratamento de irmão, reuniões regulares, medidas disciplinares e de exclusão. Seus mantenedores provinham de todas as camadas da população, mas principalmente da classe dos comerciantes e artesãos. Na época de Herodes o Grande o movimento abrangia não mais que uns 10.000 membros em uma população total de meio milhão, mas se tornava cada vez mais a força que liderava o povo, devido ao seu ímpeto extraordinário. Determinantes nele eram os teólogos formados e os escribas (opr 5 a 1.21-28).

Seus principais objetivos eram a separação completa de tudo o que não fosse judeu, e a observância rigorosa da tradição mosaica. Por isso eles se chamavam de “separados” (“fariseu”, do hebr *perushim* e do aram *perishajja*). Usando uma expressão moderna, poderíamos falar de uma religiosidade de Apartheid. Para prevenir qualquer transgressão da Torá, os professores fariseus a comparavam com um canteiro de flores muito bonito, que em nenhuma hipótese pode ser pisado e, por isso, recebe uma cerca em volta, a certa distância. A “cerca” (Bill. I, 693) em volta da Torá era formada por centenas de prescrições adicionais dos professores da lei, tornadas obrigatórias para quem quer que quisesse ser judeu a sério. Ali teria de deter o passo quem se importava com a Torá. No sábado, p ex, não era proibido apenas o uso de ferramentas, mas já tomá-las na mão. O dia de descanso não começava ao pôr-do-sol, mas um pouco antes. Desta maneira surgiram uma porção de sutilezas que marcavam a vida e o pensamento dos que eram fiéis à lei.

Um papel destacado tinham os mandamentos sobre comer e beber (Gn 43.32; Dn 1.8; 3Mac 3.4; cf. Mc 7.1-23; At 11.3,8). A coisa ficava bem crítica quando era o caso de aceitar um convite para um banquete. Em primeiro lugar, a cozinha alheia era difícil de controlar. Era muito fácil ingerir alimento impuro ou pelo qual não fora dado o dízimo, ou comer de tigelas não consagradas! Acima de tudo, porém, temos de considerar o efeito da solidariedade da comunhão à mesa, que é tão importante no Oriente. Corria-se o perigo de encontrar pessoas que não levavam a pureza ritual tão a sério. Era imperativo jamais tocá-las. Portanto, era necessário informar-se sobre os outros convidados, especialmente sobre os possíveis vizinhos à mesa. A melhor coisa que um homem religioso podia fazer era ficar longe deste tipo de promoção. Estas festas não combinavam com alguém que queria combinar com Deus. Se a participação era inevitável, havia regras de conduta minuciosas à mão (Bill. II, 510s).

- 13 De novo, saiu Jesus para junto do mar (cf. 1.16n), e toda a multidão vinha ao seu encontro, e ele os ensinava.** Nesta fase da vida de Jesus as sinagogas já não lhe abriam mais as portas, mas o povo ainda o seguia. Assim, ele se encontrava com as pessoas a céu aberto, sob o signo da hostilidade que se formava, não para retiros idílicos à beira-mar. As cidades não eram construídas diretamente na praia, com receio de eventuais tempestades com inundações. Pela mesma precaução, a faixa de terra livre também não era plantada. Com isso havia espaço para aglomerações populares. Além disso o orador podia subtrair-se rapidamente à ameaça de intervenção da polícia, evadindo-se pela água para regiões de outros países. Este é o contexto de várias histórias que transcorrem no lago da Galiléia, nos evangelhos (p ex 1.16; 4.1s,35; 5.1,21; 6.45; 8.13). Ao colocar esta informação sobre a prática de ensino de Jesus à frente da vocação de discípulos do v. 14 – como em 1.14-20! – Marcos está inserindo o discipulado basicamente na mensagem de Jesus. As pessoas não vêm a Jesus para satisfazer quaisquer anseios, mas em resposta ao que ele traz, ecoando sob e com a boa notícia de Deus. Os seguidores de Jesus sabem quem os chama e para quê ele os chama, e eles também se tornam membros de uma comunidade concreta, como aqui no v. 15 e os primeiros quatro discípulos em 1.29-31.
- 14 Em um momento qualquer, indo para a beira do lago ou voltando, aconteceu o encontro com Levi. Quando ia passando, viu a Levi, filho de Alfeu, sentado na coletoria.** Ele não era “chefe dos cobradores de impostos”, como Zaqueu em Lc 19.2, com empregados trabalhando para ele. Ele atendia o público, sentado atrás de uma mesa, exigia pagamentos e passava recibos. Podemos dar um outro sentido a este “sentado”: ele estava estabelecido e arraigado neste negócio, cobrador por dentro e por fora, que sabia que cada passante queria mandá-lo para o inferno. Mas agora passou este que era bem diferente, trazendo consigo o reinado de Deus. Este o “vê” e **disse-lhe: Segue-me! Ele se levantou e o seguiu.** A estrutura básica de todos os chamados inclui a menção de Jesus passando em frente e vendo, identificação por nome, origem e profissão, por fim também o rompimento, o dispor-se e a execução da ordem (cf. 1.16-20). Olhando para 10.17ss, porém, nos precaveremos contra o mal-entendido de que o chamado de Jesus é um poder mecânico que vem sobre nós. O jovem rico ficou “contrariado” e não o seguiu, mas “retirou-se”. E Levi não deu um salto sem mais nem menos, como um marionete, mas ouviu e obedeceu com toda a sua vontade.
- 15 No tempo presente, que aumenta a atenção, Marcos chega no ponto central da sua narrativa: Achando-se Jesus à mesa na casa de Levi, estavam juntamente com ele e com seus discípulos muitos publicanos e pecadores; porque estes eram um grande número e também o seguiam.** Assim como Levi levou o Senhor para a sua casa, Pedro tinha feito em 1.29, Zaqueu fez em Lc 19.5

e também Lídia, quando disse em At 16.15 aos mensageiros de Jesus: “Se julgais que eu sou fiel ao Senhor, entrai em minha casa e aí ficai” (cf. At 9.42,43; 10.48).

Em primeiro lugar trata-se de festejar a salvação, como no caso do filho perdido e reencontrado, em Lc 15.23. A salvação quer expandir-se além do cérebro e do coração e invadir também a esfera corporal: “Provai e vede que o Senhor é bom” (Sl 34.8) – não fiquem só falando! Em segundo lugar, no entanto, já temos a estratégia missionária: “Crê no Senhor Jesus, e serás salvo, tu e tua casa!” (At 16.31). O objetivo é a casa do salvo. A salvação deve ser trazida para seu espaço vital atual, ser plantado ali como sinal do reinado de Deus. O novo discípulo professa pertencer a Jesus e Jesus professa pertencer a ele.

Haenchen sente falta que Jesus aqui não se importa pelas pessoas, como diz sua tarefa no v. 17: “Uma festa assim não é pastoral” (p 110). A frase está certa, desde que se omita uma palavra: uma festa assim *é* pastoral! Ao sentar-se com estes pecadores notórios, ele lhes oferece, com força simbólica, comunhão de vida, paz e confiança.

Podemos meditar por que logo aqui se fala dos **discípulos** de Jesus. Pelo menos quatro deles eram pescadores e, como tais, não deveriam ter em conceito muito elevado os colegas da coletoria. Já no caminho da praia para a cidade, estes devem ter-lhes tirado muitas vezes uma parte do fruto do seu penoso trabalho noturno. Schlatter suspeita além disso que em Cafarnaum também se recolhessem taxas para a liberação dos direitos de pesca. Não devemos nos deixar levar, portanto, por nossa compaixão romântica pelos publicanos. Os pescadores estavam encontrando aqui os seus exploradores! Todavia, o perdão de Deus se expande também horizontalmente. Pessoa e pessoa têm um novo encontro (cf. Lc 19.8!).

Assim Jesus reuniu todos em volta da mesma mesa, se bem que não à mesa da sinagoga. Estas pessoas não foram encaminhadas ao judaísmo rabínico; as estruturas do reinado de Deus romperam as estruturas do mundo velho. Coisas maravilhosamente novas e grandes se anunciam.

- 16 Os escribas dos fariseus, vendo-o comer em companhia dos pecadores e publicanos.** De acordo com Bill. IV, 615, casas em que se realizava um banquete eram consideradas casas abertas, em que pessoas não convidadas também tentavam entrar para arrebatá alguma guloseima. Conta-se de banquetes judaicos com 85 hóspedes, numerosos atendentes e até 80 pratos. Com este alvoroço os curiosos não tinham dificuldades para entrar, mesmo que não participassem do banquete em si. Aqui são os **escribas dos fariseus** que fazem as suas observações. Havia, mesmo que em número menor, escribas que faziam parte do partido dos saduceus, um movimento que naquela época já perdia sua força e que desapareceu com a destruição do templo (cf. opr 1 a 12.18-27). Marcos só os menciona em 12.18, contra doze referências aos fariseus. Estes **perguntavam aos discípulos dele** – até parece um grito de horror: **Por que como [e bebe] ele com os publicanos e pecadores?**

A indignação pressupõe que na verdade eles consideravam Jesus como sendo um deles. Não podia ser ele encontrado regularmente nas sinagogas? Não era ele um homem da Escritura e de oração? Não levava ele uma vida consagrada a Deus? E agora eles o vêem lá com os outros. Na verdade Mt 11.19 dá a entender que Jesus atendia com frequência convites como este, portanto, seguia objetivamente uma linha pré-estabelecida. Talvez foi por isso que os professores da lei se voltaram para os discípulos dele, porque entendiam que somente estes ainda podiam ser influenciados, e queriam inserir uma cunha entre discípulos e mestre. Eles são convocados a fazer um julgamento e confessar lealdade.

Em todo caso, estes homens acostumados ao respeito vêem que Jesus é um homem que se atrevia a desprezar esta tese básica, passando por cima da separação entre eles e os cobradores de impostos. Parecia que ele renunciava às bem-aventuranças do Sl 1.1: ele estava assentado na roda dos escarnecedores! Naturalmente os cobradores de impostos não escarneciam na presença dele, antes começavam a segui-lo, como o v. 15 registra claramente. Mas será que isto não estava acontecendo muito facilmente? O fariseu também sabia da sua Bíblia que em Deus há muito perdão. Mas depois sua lógica farisaica se manifestava: perdão sim, mas só depois de mostrar que o arrependimento é sincero, consertando os erros e mudando toda a direção da vida. Perdão só no fim de uma caminhada longa de cumprimento duro da lei. Só então, só depois disto Deus se voltava ao seu pecador. Até lá era preciso manter-se separado do pecador – por amor ao pecador. Assim lhe mostravam que de Deus não se zomba.

- 17 Tendo Jesus ouvido isto, respondeu-lhes: Os sãos não precisam de médico, e sim os doentes.** De forma alguma Jesus, com sua comunhão à mesa com os cobradores de impostos, estava



sancionando os abusos das coletorias, de forma alguma ele bagatelizou o desprezo da Torá. Seus críticos deveriam reconhecer que a interpretação que faziam da atitude dele não é mandatória. Também existe solidariedade com base em disposição de ajudar. Em certa área isto é incontestável. Neste contexto Jesus utiliza a figura do médico, que naquele tempo era bem conhecida, sob várias formas. Só quem não conhece a missão do médico surpreende-se com quem ele se encontra. O médico rompe com o conceito tão antigo e desumano do “diz-me com quem andas e dir-te-ei quem és” e aparece como são entre doentes, obviamente não para tornar-se como eles, mas para transformá-los. Ao mesmo tempo esta resposta contém uma crítica à crítica. Em Mateus ela está mais detalhada. Jesus acusa os fariseus de falta de misericórdia (9.13): Vocês, tão abençoados pelo estudo da Escritura a vida inteira, deveriam ser médicos! Indiretamente Jesus está dizendo que ele é médico, apoiado também no fundo do AT desta figura. Médico é uma antiga profissão-símbolo para o salvador messiânico, semelhante a um pastor (cf. Ez 34.16; Êx 15.26; Jr 8.22; Lc 4.23). Jesus é o portador da disposição divina de ajudar. Por isso ele se ajusta tão bem a estes desajustados. Por isso ele também, mais tarde, morre debaixo da maldição entre dois malfetores. A comunhão na refeição com os malditos (Jo 7.49) já o anuncia.

Sem usar a figura, Jesus acrescenta: **não vim para chamar justos, e sim pecadores**. Esta continuação confirma que Jesus acabara de falar da sua missão fundamental, da sua vinda. Vir está vinculado a ser enviado. Jesus é o mensageiro de Deus.

Mas será que ele, de acordo com esta palavra, traz sua mensagem só para uma parte da humanidade? O melhor é ficarmos no contexto da palavra bíblica anterior: o médico entra em uma casa e procura seu paciente. O fato de, nisto, ele passar ao largo das casas dos santos não o torna contrário aos santos por princípio. Assim, da negação de Jesus, “não vim para chamar justos”, devemos tirar só o aspecto positivo, que ele está fazendo seu trabalho como um médico bom e consciencioso. De forma alguma seu amor pelos pecadores implica em falta de amor com os justos. Exatamente em nossa história ele discute com eles com muito respeito. Em 10.21 está dito expressamente que ele ama os que são fiéis à lei, e em 12.34 ele afirma a um professor da lei que ele está próximo do reino de Deus. Há uma preferência na sequência, mas não a exclusão de um lado. A lógica é exatamente esta: se Jesus encarna a vontade divina de ajudar até para estas pessoas totalmente condenáveis, então ele tem ajuda para todos. Seu apelo aos que estão longe contém um apelo indireto mas insistente aos que estão perto, de modo que todos são chamados. Esta verdade o Senhor atestou, de acordo com Mt 21.32: “Publicanos e meretrizes creram [...] para acreditardes nele”. A preferência por uns deveria ser um estímulo para os outros. Neste sentido Paulo também esperava que as conversões dos gentios “despertariam ciúmes” e “incitariam à emulação” o antigo Israel (Rm 10.19; 11.11,14).

Voltamos à opr 2 (temática). Existe um sentido atemporal permanente para as muitas histórias com fariseus nos evangelhos porque existe um farisaísmo intrínseco à igreja.

Assim Paulo, p ex, em suas cartas às igrejas tinha de lutar muito para que a igreja de Jesus continuasse sendo o lar dos fracos (Rm 14.1,10,13,15; 15.1,7; 1Co 8.9-13). Ela praticamente precisa dos fracos para poder apresentar-se como igreja de Jesus.

Não foi por acaso que Paulo jogou todas as fichas em uma mesma carta em Gl 2, quando da questão de os crentes comerem todos juntos. A comunhão à mesa sempre celebra a reconciliação. Senão o evangelho seria traído e a cruz esvaziada. Segundo 1Tm 1.15, *todos* devem reconhecer que Jesus Cristo veio “para salvar os pecadores”.

### **3. A questão do jejum e a natureza nova abrangente do reinado de Deus, 2.18-22**

(Mt 9.14-17; Lc 5.33-39)

**Ora, os discípulos de João e os fariseus estavam jejuando<sup>a</sup>. Vieram alguns<sup>b</sup> e lhes perguntaram: Por que motivo jejuam os discípulos de João e os dos fariseus<sup>c</sup>, mas os teus discípulos não jejuam?**

**Respondeu-lhes Jesus: Podem, porventura, jejuar os convidados<sup>d</sup> para o casamento, enquanto o noivo está com eles? Durante o tempo em que estiver presente o noivo, não podem jejuar.**

**Dias virão, contudo, em que lhes será tirado<sup>e</sup> o noivo; e, nesse tempo<sup>f</sup>, jejuarão.**

**Ninguém costura remendo de pano novo em veste velha; porque o remendo novo tira parte da veste velha, e fica maior a rotura.**

**22 Ninguém põe vinho novo em odres velhos; do contrário, o vinho romperá os odres; e tanto se perde o vinho como os odres. Mas põe-se vinho novo em odres novos.**

*Em relação à tradução*

<sup>a</sup> O tempo imperfeito descreve continuidade e dedicação. [Lc 5.33](#) esclarece: “Frequentemente jejuam”.

<sup>b</sup> Plural impessoal, que deixa em aberto a questão de quem perguntou. [Mt 9.14](#) diz que os discípulos de João Batista fizeram a pergunta.

<sup>c</sup> Em sentido estrito não havia “discípulos dos fariseus”, apenas aprendizes de escribas, que seguiam com os fariseus. A expressão pode ter entrado aqui como paralelo para os “discípulos de João”.

<sup>d</sup> Lit “filhos da sala do banquete”, um semitismo (Jeremias, ThWNT IV, 1096 n 40).

<sup>e</sup> *apairesthai* neste contexto não tem o sentido de um arrebatamento milagroso, que não seria motivo de tristeza, mas indica eliminação violenta. – Este “ser tirado” está aqui inserido entre dois tempos futuros (“dias virão” e “jejuarão”), por isso seu momento deve ser definido como *futurum exactum*: não jejuarão só no dia da morte, mas deste dia em diante (Roloff, p 231 n 98).

<sup>f</sup> “Dia”, na linguagem antiga, muitas vezes tem o sentido de um espaço de tempo maior. O singular (“naquele dia”) e o plural (“dias virão”) se equivalem. O singular é preferido [p ex](#) por [Is 1–40](#) (mais de 40 vezes) e por [Zc](#) (mais de 20). Em [Mc](#) o singular está em [4.35](#); [13.32](#); [14.25](#), e o plural em [1.9](#); [8.1](#); [13.17,19,20,24](#).

*Observações preliminares*

1. *Inserções?* Quase quatro e meio dos cinco versículos consistem de palavras diretas de Jesus. Será que Jesus as disse mesmo? A pergunta surpreende quem lê a Bíblia, mas não pode ser descartada sem mais nem menos, em vista das condições técnicas do trabalho de escritor na Antigüidade. Escrevia-se sem separar palavras e sem pontuação, como aspas para o discurso direto, só letra por letra. Quando Marcos quisesse oferecer pequenos auxílios para uma melhor compreensão, ele tinha de incluí-las na seqüência regular do texto. Os leitores da época estavam preparados para isto. Em nosso trecho eles poderiam explicar assim alguns elementos que interrompem a linha direta de pensamento. No v. 19 Jesus faz uma pergunta com efeito, cuja resposta era óbvia para qualquer judeu. Mesmo assim ela é detalhada na segunda metade do versículo, como se fosse um reforço para leitores alheios ao país. No fim do v. 20 foi pendurado “nesse tempo”. No v. 21, “o remendo novo da veste velha” soa como uma exclamação de destaque. O final do v. 22 parece acrescentar uma aplicação de utilidade: “Põe-se vinho novo em odres novos!” Em todo caso, há razões respeitáveis para a investigação de acréscimos posteriores por Marcos ou um dos seus predecessores. Entretanto, o que dizer de conclusões decisivas sobre isto? Os esclarecimentos não poderiam proceder do próprio Jesus? Naturalmente a discussão é sem limites. Cada intérprete pode pensar o que quiser. Outro terá uma idéia melhor.

Uma hipótese, porém, de que todo o v. 20, que fala da remoção do noivo e do jejum dos discípulos, seria de autoria da igreja, põe em dúvida questões essenciais. Se o retirarmos, resulta um quadro que de forma alguma combina com a pregação de Jesus sobre o reinado de Deus. É claro que Jesus anunciou a boa notícia do reino vindouro, de acordo com [1.14s](#), mas seus discípulos não são só um grupo que se diverte. Há sempre também o “mistério” do reino de Deus ([4.11](#)). O mensageiro de alegria, desde o seu batismo, cada vez mais é também o servo sofredor de Deus. Neste caso, separar as fontes destrói a fonte.

2. *Os primeiros cristãos jejuavam?* Na opinião de uma parte dos comentadores, nosso parágrafo tem sua origem em boa parte no interesse de alguns grupos dos primeiros tempos do cristianismo no jejum anual da Sexta-feira da Paixão ou até no jejum semanal (em dois dias da semana, veja abaixo), como marca do cristianismo, como regra da igreja. Esta regra se tornara motivo de discórdia nas igrejas na época de Marcos, e nosso texto representa a tentativa de resolvê-la com auxílio de uma história escrita por Marcos ou adaptada de uma de Jesus. Esta interpretação mantém-se como idéia fixa, apesar de colidir com várias dificuldades.

Não temos nenhuma notícia de que os primeiros cristãos tinham um jejum regular por norma. O primeiro indício está no [Didaquê 8.1](#), por volta da virada do século: “Os jejuns de vocês não devem coincidir com os dos ‘hipócritas’ (judeus). Eles jejuam no segundo e no quinto dias da semana, mas vocês devem jejuar no quarto dia (quinta-feira) e no dia dos preparativos (sexta-feira).” Portanto, os dias de jejum dos judeus tinham-se tornado costumeiros na igreja, que deveria transferi-los para outros dias da semana, para estabelecer uma distinção. Como obrigação geral, porém, marcando a quarta-feira como dia da prisão de Jesus e a sexta-feira como dia da sua morte, este jejum semanal dos cristãos aparece só depois do século III; o jejum anual na Sexta-feira da Paixão no século II (Behm, ThWNT IV, 934s). Mesmo admitindo que o jejum da Sexta-feira da Paixão já era fundamentado e defendido nas igrejas na metade do século I, como é desajeitado tomar para isto uma palavra de Jesus que mostra com tanto vigor que os discípulos não jejuavam! Por que começar depois da

Páscoa (!), só com uma mudança de data? E por que levar junto os exemplos dos v. 21s, que condenam os remendos nas coisas velhas?

Por último, quero chamar a atenção para a nota no v. 20, que mostra que não se deve jejuar no dia da morte de Jesus, mas em todo o tempo subsequente.

3. *O jejum dos religiosos no judaísmo.* Não está em questão o jejum judaico em geral, mas o daqueles religiosos que queriam ser judeus com seriedade especial (v. 18) e que esperavam com fervor a vinda do Messias. Típico para eles é o fariseu que ora em [Lc 18.12](#): “Jejuo duas vezes por semana”. É um jejum voluntário, extra, praticado semana após semana, em dias não muito próximos do sábado, em que a lei mandava festejar, nem uns dos outros, para que o corpo não ficasse enfraquecido. Assim, restavam a segunda e a quinta-feira (Bill. II, 241ss). A “fome” de jejum, porém, foi aumentando, a ponto de os exageros terem de ser proibidos. Havia rabinos que passavam fome em 300 dias do ano, sempre das 6 às 18 horas. Bill. IV, 95 conta de um rabino que durante 40 anos só chupava passas de figos, e emagreceu até ficar só esqueleto. O jejum fazia parte da vida ideal imaginada pelos judeus (Behm, ThWNT IV, 930).

Que convicção subjaz a este costume? A palavra aramaica para “jejuar” também tem o sentido de “estar de luto”. O jejum é originalmente o jejum do luto, como em casos de falecimento e outras perdas. Em seguida, os gestos de luto traem traços de auto-humilhação e diminuição: com vestes rasgadas ou vestida com um saco preto e com cinzas sobre a cabeça, a pessoa fica deitada no chão e recusa qualquer refrigério ([2Sm 12.16,21](#); [1Rs 21.27](#); [Is 58.5](#); [Sl 35.13](#)). O jejum torna-se um lamento diante de Deus pela condição de perdição pessoal, e um ritual proeminente de conversão. A intenção é conseguir algo com Deus: “Por que jejuamos nós, e tu não atentas para isso? ([Is 58.3](#)). Por último, o jejum envolvia mais que o próprio pecado. Com razão Bill. II, 241 suspeita de movimentos de conversão como os dos fariseus: “Os homens que se decidiam a isso sentiam em si o chamado para entrar na brecha que o pecado da massa de povo abria sempre de novo entre Deus e Israel, para acalmar a ira de Deus com a força expiatória do seu jejum...” Portanto, o jejum dos fariseus adquiria um caráter de arrependimento vicário. Aquele rabino que jejuou 40 anos, fizera-o “para que Jerusalém não fosse destruída”. Dali para o orgulho do jejum em [Lc 18.12](#) é um passo, acompanhado de uma olhadela lateral para o publicano que nunca economizava na mesa. Para o valor meritório do jejum voluntário há muitas provas judaicas. O jejum era considerado equivalente aos sacrifícios no templo e superior às esmolas dadas aos pobres. Contra este aspecto Jesus se volta em [Mt 6.16-18](#). Em nosso trecho o valor meritório do jejum não está em questão tanto como seu direcionamento para o tempo messiânico, talvez também para apressar sua chegada com sofrimento fiel.

**18 Ora, os discípulos de João e os fariseus estavam jejuando.** Como em 7.3,4, Marcos antecipa uma explicação de um costume tipicamente judaico para leitores estrangeiros (opr 3). Nesta questão o movimento de João Batista era contado com o judaísmo (1.6; [Mt 11.16-19](#)), apesar de sua posição especial. A mudança de tempo do verbo, na segunda metade do versículo, indica o início da história em si: **Vieram alguns e lhe perguntaram: Por que motivo jejuam os discípulos de João e os dos fariseus, mas os teus discípulos não jejuam?** Seis vezes, a ponto de quase irritar, aparece a palavra “jejuar” em três versículos, chamando nossa atenção para o destaque deste costume entre os religiosos de Israel. Em meio a este ambiente geral tendente ao jejum, a falta de jejum por parte de Jesus tinha de se destacar. Por um lado ele anunciava Deus como ninguém mais (1.21), por outro ele fica “comendo e bebendo” e se deita como “glutão e bebedor de vinho”, “amigo de publicanos e pecadores” em volta das mesas de banquete deles ([Lc 7.34](#), [Mt 11.19](#)). Daqui a ênfase de [Mc 2.13-17](#) também vem mais uma vez para o centro. Grande confusão e estranhamento é evidente nas perguntas aqui e lá. Pelo contexto, o problema não é o jejum em si, mas o jejum individual típico dos fariseus (opr 3).

**19** A resposta de Jesus consiste em outra pergunta, e é ao mesmo tempo clara como um dia de sol e escura como um enigma. **Respondeu-lhes Jesus: Podem, porventura, jejuar os convidados para o casamento, enquanto o noivo está com eles?** Qualquer judeu poderia responder a pergunta sem problemas. Quando ouvia a palavra-chave “casamento”, diante dos seus olhos formava-se um cenário de alegria desmedida, uma alegria que ofuscava tudo o mais. Professores da lei interrompiam seu estudo da Torá, inimigos se reconciliavam, mendigos e quem mais aparecesse podia comer de graça. Rufavam os tambores, nozes eram jogadas aos convivas, a procissão dançava diante da noiva e louvava sua beleza. “Quem diverte um noivo é admirado como se tivesse oferecido um sacrifício” (Bill. I, 504ss). Depois de uma semana a penumbra da lealdade sombria à lei voltava a descer sobre a vida da aldeia. O casamento era uma das poucas ocasiões de quebra da monotonia, ele “quebrava” até o jejum judaico, isto é, este era marcado de maneira a não coincidir com uma festa destas. **Durante o tempo em que estiver presente o noivo, não podem jejuar.**

Como em 1.14s, também aqui Jesus está proclamando um tempo de alegria. O jejum pelos pecados “já é findo” (Is 40.2), o consolo da salvação chegou. Na verdade ele estava respondendo uma pergunta específica sobre seu círculo de discípulos e, assim, sobre sua pessoa como Senhor deste círculo. Só seus discípulos ele pode congratular como “convidados para o casamento”, porque estão reunidos em torno dele, que é o noivo. Com razão Kümmel fala aqui de um “auto-predicado oculto” de Jesus (Verheissung, p 51, no 123). Nesta altura a resposta se torna enigmática também para os ouvintes da época. Na Bíblia deles *Deus*, não o Messias, era o noivo de Israel (Os 2.14-20). Não podemos pressupor que eles conhecessem passagens como 2Co 11.2; Jo 3.29; Mt 25.1-13; Ef 5.23-33; Ap 19.7; 21.2; 22.17. Para eles era muita pretensão ver, em qualquer sentido, neste bando de peregrinos já meio perseguidos por aldeias e cidades um cortejo de casamento, e neste mestre que causava tanta admiração com sua autoridade, mas que também trazia uma confusão tão intrigante, a existência de Deus como noivo. Mesmo assim eles deveriam suportar esta afirmação de Jesus. Ele proclamava o fim do jejum de arrependimento. Ele abalara o muro da culpa (2.10,16). O perdão chegara, o jejum era substituído pela alegria. Jesus é mais que um profeta, mais que um rabino. Seu chamado à conversão não empurra as pessoas para o lamento saudoso – ao contrário do judaísmo – mas para a grande alegria (1.15). Por isso seus discípulos também são religiosos de maneira diferente. Conservar as tradições judaicas do jejum significaria para eles manter as lâmpadas acesas depois que o sol nasceu.

- 20 Como esta alegria, porém, não está no nível da diversão, antes, Deus a leva a sério, algo mais precisa ser dito. **Dias virão.** Muitas vezes a Bíblia introduz as intervenções de Deus quando fala em “dias” ou naquele “dia” (cf. 1.9). Aqui o termo também tem carga teológica, pois o *passivum divinum* a seguir (cf. 2.5) anuncia solenemente uma ação de Deus: **lhes será tirado o noivo**, iniciada por um **contudo** cheio de significado (como em 4.29; 8.38; 9.9; 12.23,25; 14.25). Como em Is 53.8 (“Foi cortado da terra dos viventes”), a maneira do cumprimento terreno ainda está totalmente em aberto. Nada sobre o quando, como, onde, para que e por quanto tempo – só que a ação de Deus está por trás. De modo que, aqui, ainda não temos um ensino formal sobre a paixão como mais tarde no círculo dos discípulos (8.31; 9.12,31; 10.33s).

**Nesse tempo, jejuarão.** Não o farão no sentido de uma recaída resignada na vida antiga. A boa notícia de 1.14s não será anulada como alarme falso. A retirada do noivo não significa o cancelamento do casamento, mas uma ação positiva do próprio Deus, mesmo que inescrutável, que faz parte da notícia de alegria, na verdade é seu mistério. Alegria e paixão estão ligadas de maneira ainda a ser esclarecida, de modo que o v. 20 não diminui a força do anterior, talvez reinstituindo o jejum dos fariseus – só mudando os dias.

Entretanto, o que significa o “jejum” dos discípulos, em sentido positivo? No judaísmo o uso inadequado do termo era bem conhecido, o jejum como luto. Jo 16.20 serve de paralelo aqui: “Chorareis e vos lamentareis... ficareis tristes”. Os primeiros cristãos souberam manter lado a lado as afirmações dos v. 19 e 20. Por um lado ficaram firmes na certeza de que é tempo de salvação. Este continuou sendo a base do conceito que tinham de si mesmos. Por outro lado, rejeitaram a tentação rir em meio ao luto da separação do noivo. É verdade que em Corinto Paulo teve de enfrentar algumas tentativas nesta direção. Alguns grupos ali já se sentiam satisfeitos, ricos, no alvo, espertos, fortes e totalmente tranqüilos (1Co 4.8-10). Mas o apóstolo rasgou as ilusões da maneira mais dura possível. E aponta para a medida de renúncia, sofrimento e insignificância que marcou a sua vida. Carregava sempre em seu corpo o morrer do Senhor Jesus (2Co 4.10). Passava sua existência ainda “ausente do Senhor” (2Co 5.6), ainda não estava “com Cristo” (Fp 1.23). De acordo com Ap 22.12 e cap. 12, a igreja como um todo é comparada a uma noiva que espera, ou até a uma grávida em suas dores, de acordo com Lc 18.1-8 a uma viúva empenhada em suas súplicas, e de acordo com Jo 14.18 a uma turma de órfãos carentes de consolo. O que quer que experimentemos de liberdade e alegria, o que recebamos de palavras, milagres e presentes – tudo vem igualmente marcado com a cruz do nosso Senhor.

- 21 Quão pouco o v. 20 intenciona reintroduzir antigos costumes do jejum mostram os v. 21s que o seguem de perto. O assunto continua sem emendas, mesmo que generalizando, pois a partir de agora falta a palavra-chave “jejuar”.

**Ninguém costura remendo de pano novo em veste velha; porque o remendo novo tira parte da veste velha, e fica maior a rotura.** As roupas eram usadas por muito tempo, às vezes por gerações, e remendadas sempre de novo. O pano de remendo não deve ser tirado direto do tear, para

não encolher desproporcionalmente ao se molhar e aumentar o rasgo. Ele precisa ser de pano forte já usado, que combina com o material em volta.

**22 Ninguém põe vinho novo em odres velhos; do contrário, o vinho romperá os odres; e tanto se perde o vinho como os odres. Mas põe-se vinho novo em odres novos.** Até poucos anos atrás, garrafas de vidro e barris de madeira eram desconhecidos no Oriente. Para armazenar líquidos usavam-se sacos de couro de ovelhas e cabras. Os buracos do pescoço e das pernas eram costurados ou, na medida em que eram necessários como aberturas para encher ou servir, amarrados com uma tira de couro. Que estes sacos rasgavam ou estouravam é mencionado com frequência (Bill. I, 518).

Com as palavras do v. 21 uma mãe poderia instruir sua filha, com a frase seguinte um pai poderia ensinar o filho a guardar vinho. Pai e mãe, em seguida, também poderiam ter generalizado: coisas velhas e coisas novas não combinam! Querer unir as duas coisas não tem sentido e não vai dar certo. A primeira ilustração nos lembra, assim como a inclusão de “remendo da veste velha”, que coisas diferentes não ficam juntas. A segunda mostra, como o acréscimo “vinho novo em odres novos!” enfatiza, que coisas iguais devem ficar juntas. Assim, a mesma idéia é gravada uma vez do lado positivo e outra vez do negativo.

Não é recomendável destrinchar as ilustrações como um mecânico de precisão, para tentar descobrir diversas especialidades. A duplicação serve unicamente para sublinhar a mesma coisa. O vinho, p ex, não é símbolo do tempo messiânico, pois ainda não se trata de vinho em geral, mas de vinho novo (ao contrário de Jeremias, Theologie, p 109). Jesus também não está ensinando a “cuidar do que é velho” (ao contrário de Schlatter, Matthäus, p 313ss). Também não lemos como Lohmeyer o ensino de que devemos separar o velho do novo, mas sem nos decidirmos pelo novo. Schniewind diz corretamente que veste “velha” e odres “velhos” aqui têm um tom não neutro, mas de censura. E a questão central é que o novo, que é melhor, é incompatível com o velho, que é ruim.

O que, então, é este “novo” sem a ilustração? Para responder esta pergunta, devemos construir sobre a ligação estreita com a conversa sobre o jejum. Os dois casos tratam do novo grupo de discípulos que surge por meio de Jesus, o cerne da igreja posterior e, um dia, de toda a nova humanidade. Aprendemos um capítulo importante de eclesiologia bíblica. O que causava estranheza nos discípulos de Jesus era que eles eram religiosos de maneira diferente do que outros grupos de discípulos. A prova esperada de que a coisa era de Deus era a adaptação. Jesus, porém, apresentou uma lógica oposta. O reinado de Deus, se é mesmo reinado de Deus, liberta amplamente de outras dominações, sistemas e ordens. Nisto, é claro, ela separa o sinal da cruz de uma falta de compromisso orgulhosa. Pelo menos nenhuma mistura da comunidade de discípulos na comunidade da sinagoga! Não se pode e não se deve usar a plenitude como um enchimento, nem a planta nova do todo como uma peça de reposição do antigo. Aqui não funciona o enxerto, o transplante, a simbiose. O povo de Deus não existe para salvar a moral dos povos, perpetuar sua cultura ou melhorar o mundo. O evangelho não se presta a programas de aperfeiçoamento do mundo, porque é radical demais. Assim, o povo de Deus espera pelo mundo de Ap 21. Neste ele finalmente caberá. Até lá ele precisará existir de alguma forma “nu” ou “no estrangeiro”. Sem este “jejum”, não poderá ter a sua liberdade.

#### **4. Colheita de grãos no sábado, 2.23-28**

(Mt 12.1-8; Lc 6.1-5)

**Ora, aconteceu atravessar<sup>a</sup> Jesus, em dia de sábado<sup>b</sup>, as searas, e os discípulos, ao passarem<sup>c</sup>, colhiam<sup>d</sup> espigas.**

**Advertiram-no os fariseus: Vê! Por que fazem o que não é lícito aos sábados?**

**Mas ele lhes respondeu: Nunca lestes o que fez Davi, quando se viu em necessidade e teve fome, ele e os seus companheiros?**

<sup>26</sup> **Como entrou na Casa de Deus, no tempo do sumo sacerdote Abiatar<sup>e</sup>, e comeu os pães da proposição<sup>f</sup>, os quais não é lícito comer, senão aos sacerdotes, e deu também aos que estavam com ele?**

**E acrescentou: O sábado foi estabelecido por causa do homem, e não o homem por causa do sábado;**

**de sorte<sup>g</sup> que o Filho do Homem é senhor também do sábado.**

*Em relação à tradução*



<sup>a</sup> *paraporeuesthai* é uma palavra diferente do que em 1.16; 2.14. Em 9.30 denota uma verdadeira viagem.

<sup>b</sup> Para o plural “sábados” no texto grego, cf. 1.21n. No v. 27 está o singular, talvez dependendo de outra fonte.

<sup>c</sup> A expressão chamativa *hodon poiein* (“fazer um caminho”) é traduzida pela maioria por “a caminho”, mas para isto Marcos tem outro termo (8.3,27; 9.33s; 10.32,52). Provavelmente ela se explica a partir do aramaico (Jeremias, *Theologie*, p 161n) e significa “viajar”. Isto seria mais um indício de que os discípulos andavam mais que o permitido no sábado. O sentido de “abrir caminho” é enganoso. Isto não se consegue somente arrancando algumas espigas.

<sup>d</sup> *archesthai* com infinitivo, cf. 1.45n.

<sup>e</sup> Não foi Abiatar mas seu pai Abimeleque quem era sumo sacerdote na época, de acordo com 1Sm 21.2. Por isso Mateus e Lucas também não mantiveram o nome Abiatar. Como o nome entrou no texto de Marcos, não sabemos (Riesner, p 227, suspeita que “Abiatar” é o nome da perícope).

<sup>f</sup> Trata-se de doze pães que eram expostos como sacrifício a Deus na mesa de ouro do Tabernáculo e trocados a cada semana. Daí passavam aos sacerdotes, além dos quais ninguém podia comer deles (Lv 24.9).

<sup>g</sup> *hoste* pode introduzir uma dedução: por conseguinte (Bl-Debr, § 391).

### Observações preliminares

1. *A controvérsia do sábado no cristianismo.* O tratamento detalhado da questão do sábado no âmbito da coletânea de debates, nos dois parágrafos de 2.23–3.6, pode ter sido motivado por dificuldades dos primeiros cristãos. Diferente da questão do jejum, este problema é realmente controvertido. Apesar de faltar em At 15.20 o sábado como exigência aos cristãos gentios, sempre de novo recomendações como Rm 14.5-8; Gl 4.8-11; Cl 2.16,17 se tornavam necessárias. Grupos judaico-cristãos agitavam ainda no século II a favor da obrigação de guardar o sábado. “Se não fizerdes do sábado um sábado, não vereis o Pai!” (em Lohse, VII, 33s). Até hoje a questão do Sábado é levantada por certos grupos cristãos.

2. *A religiosidade judaica em relação ao sábado.* A importância do sábado para os judeus daquela época pode ser percebida pelo simples fato de que a palavra retorna quase 60 vezes nos evangelhos. No AT a obrigação de santificar o sábado é confirmada mais que qualquer outro mandamento. O tratamento deste tema no judaísmo ofuscava qualquer outro assunto. Junto com a circuncisão, o sábado é o sinal que une o povo de Deus disperso pelo mundo inteiro. De acordo com o livro dos Jubileus, do século II a.C., o sábado foi guardado primeiro no céu, pelo próprio Deus e os anjos das classes mais elevadas (2.18-21,30,31). Até no inferno os ímpios poderão descansar do seu sofrimento, no sábado. No entanto, Deus queria implantar o seu sinal também na terra, e para isso só precisava de um povo ao qual pudesse confiar esse pedaço do céu. Então ele criou Israel. Destarte, a santificação do Sábado é o motivo real da existência de Israel, e a guarda do sábado é, para Israel, não só um mandamento entre outros, porém nada menos que a preservação da própria eleição.

É claro que guardar este dia era especialmente meritório, pesando mais que a guarda de todos os outros mandamentos juntos. No dia em que Israel conseguisse guardar dois sábados que fossem seguindo todas as regras, irromperia a salvação do mundo. Entre os essênios, era necessário pagar durante sete anos por uma quebra involuntária do sábado. A quebra intencional colocava em perigo a ordem do mundo e ameaçava o trono de Deus, implicando a pena de morte. Por isso o abismo entre Jesus e os fariseus era tão grande neste ponto, que eles decidiram matá-lo (3.6). “Esse homem não é de Deus, porque não guarda o Sábado”, diz Jo 9.16 (cf. 5.16).

3. *A legislação judaica quanto ao sábado.* Originalmente o sábado em Israel deveria ser uma verdadeira festa. Em um mundo que quer sempre escravizar e que promove o trabalho sem parar, o povo de Deus cessa o trabalho ostensivamente e festeja seu Deus libertador (Dt 5.15). Ele respira fundo e se refrigera com Deus, sem medo de “perder um sétimo da sua vida”, como o escritor romano Tácito pensava dos judeus. No sábado as pessoas vestiam roupas boas em Israel e comiam e bebiam à vontade com seus hóspedes. Comendo pouco no dia anterior, o apetite estava garantido. Este sentido original deve ser subentendido em 2.27 e 3.4.

O caráter benéfico transformou-se no seu contrário na prática judaica. As obrigações mundanas foram substituídas por uma sobrecarga de obrigações religiosas, que pairavam sobre a vida do povo como um lençol sufocante. Um papel importante tinham os “mandamentos preventivos” (Bill. I, 694). P ex, para que ninguém caísse na tentação de subir numa árvore num sábado para colher uma fruta, o que, como “colheita”, feria o descanso do trabalho, no sábado não se podia nem mesmo comer frutas caídas da árvore. Um alfaiate já não podia sair com sua agulha um bom tempo antes do escurecer, que marcava o início do sábado, para não ser colhido inadvertidamente pelo sábado no trabalho. Devemos ter em mente, para conseguirmos imaginar a paralisia geral, que exemplos como estes havia às centenas e milhares. Descobria-se sempre mais possíveis ameaças ocultas ao sábado. O que tudo não podia ser entendido como trabalho e tinha de ser evitado! Não era permitido procurar insetos nas roupas no sábado, fazer nós, acender lâmpadas, escrever mais de uma letra,

colocar talas em um braço quebrado (só fazer compressas frias), comer um ovo posto no sábado. Alguns devotos não se atreviam a fazer suas necessidades no sábado. As opiniões nem sempre era unânimes. P ex, na sexta-feira ainda era permitido colocar pão no forno, desde que formasse uma casca antes do começo do sábado. Discutia-se se a casca devia ser no pão todo ou no mínimo na parte de baixo.

Determinações detalhistas naturalmente despertam “jeitinhos” detalhados. Quando alguém queria transportar mais vinho no sábado do que os sábios lhe permitiam, distribuía a quantidade desejada por várias pessoas e, assim, conseguia seu objetivo sem transgredir a lei. Foram-nos transmitidos muitos atalhos como este, que se parecem com malandragem mas não são. O pior efeito, porém, é que esta atitude encobria a vontade de Deus original, singela e benéfica, desta forma dificilmente dando base a uma relação clara com Deus. Como exigências “divinas” tão monstruosas poderiam despertar amor por Deus e pelo próximo? A estrutura humanística básica do sábado só transluzia tenuemente. O perigo de vida, **p ex**, “deslocava” o sábado, como no caso de alguém que caísse em um poço. Mas a discussão já começava quando era preciso decidir se o salvador podia usar escada, corda ou ferramentas. Os mais rigorosos ficavam firmes em sua convicção de que era melhor deixar seres humanos e animais se afogarem do que quebrar o sábado.

4. O “Filho do homem” no v. 28. Como esta palavra diante dos fariseus combina com o fato de que Jesus guardou com tanto cuidado o mistério sobre sua pessoa antes da Paixão, instruindo somente seus discípulos mais chegados sobre o assunto? Várias soluções são possíveis, das quais a primeira é a que sugerimos na **opr 3** a 2.1-12 para o caso semelhante em 2.10: “Filho do homem” não era entendido imediatamente como título pelas pessoas da época. Ou Marcos colocou aqui uma palavra que Jesus pronunciou em outra ocasião diante dos seus discípulos, por causa do conteúdo. Ou o próprio Marcos tirou a conclusão cristológica dos versículos 23-27 para os seus leitores. Para a possibilidade destes procedimentos pode-se comparar a **opr 1** a 2.18-22. Para isto serve aqui a introdução “de sorte” (cf. 10.8).

**23 Ora, aconteceu atravessar Jesus, em dia de sábado, as searas.** Será que estamos aqui diante de um passeio dominical idílico entre as plantações de grãos? O mestre deleitando-se ao ar livre, porque amava tanto a natureza? O “atravessar” equívale antes a uma viagem (cf. nota). Esta viagem ocorreu em um sábado, de modo que a “jornada de um sábado” permitida pela lei, de 880 m, com certeza foi ultrapassada (Bill. II, 590). **E os discípulos, ao passarem, colhiam espigas.** Do v. 25 pode-se deduzir que o faziam por estarem com fome (Mt 12.1). Esta circunstância também indica uma jornada mais longa, não o caminho de dez minutos que as pessoas fiéis à lei faziam no sábado, com a refeição especialmente rica do dia no estômago, pois em cada casa servia-se uma refeição suplementar no sábado. Além desta separava-se comida para os necessitados. Por que o grupo à volta de Jesus não desfrutou desta instituição beneficente? Viajava e passava fome no sábado. Será que precisavam evitar os povoados? Será que já era perigoso ajudá-los? As histórias sobre Jesus concentram-se em afirmações teológicas, mas com frequência seu fundo histórico é bem mais amplo do que à primeira vista parece.

**Colhiam/Colher espigas**, não teria sido levantado como acusação contra os discípulos em dias comuns. Deus, o verdadeiro possuidor da terra, em seu favor em relação ao ser humano ordenara que os campos não fossem colhidos até à margem, mas que um pouco fosse deixado para viajantes carentes (Lv 19.9). Como as hospedarias eram raras, quase todos os que estavam a caminho se viam levados a recorrer a este expediente. Em momentos de fome apanhavam algumas espigas (Dt 23.26), debulhavam-nas nas mãos e deixavam-nas cair de uma mão para a outra enquanto sopravam a palha, até que restavam só os grãos. Ou seja, aos olhos dos judeus os discípulos faziam logo quatro “trabalhos” proibidos no sábado: colhiam, aventavam, debulhavam e preparavam uma refeição.

**24 Advertiram-no os fariseus: Vê! Por que fazem o que não é lícito aos sábados?** Como os fariseus ficaram sabendo da atividade dos discípulos e em que ocasião enfrentaram Jesus, não precisamos saber. O “vê!”, pelo menos, não quer dizer que observaram a colheita dos grãos e obrigaram o mestre, que ia na frente, a olhar para trás. “Vê!” pode ser uma exigência insistente de tomar posição em relação a coisas que não se viu, mas se ouviu (15.4,35). Decisiva é aqui a intenção de colocar Jesus contra a parede: não feche seus olhos para a ação dos seus discípulos, não fuja! Agora, diante de testemunhas, ficará provado se os discípulos em sua ação tinham a autorização do seu professor, se esta violação do sábado foi intencional, programada, ou aconteceu por desleixo. Na primeira hipótese, Jesus estaria desmascarado como mestre falso digno de morte.

Podemos perceber como a situação se agrava. Os fariseus não estão só perplexos como em 2.16, nem pretendem apenas discutir um assunto como em 2.18, porém confrontam Jesus com a proibição direta. As palavras “não é lícito”, que Jesus retoma em 2.16 e 3.4, têm o som de uma fórmula. Trata-se de uma expressão judaica de advertência (Jeremias, Abba, p 211 n 463; 243-245). Muito

provavelmente ela é proferida aqui no transcurso de um procedimento jurídico. Antes que um processo de crime capital pudesse ser protocolado, precisava ser provado que o acusado fora advertido (Jeremias, *Theologie*, p 265; cf. 4.2). Desta perspectiva, a resposta de Jesus nos versículos seguintes faz parte das passagens nas quais ele entra conscientemente em sua paixão.

**25,26 Mas ele lhes respondeu: Nunca lestes o que fez Davi, quando se viu em necessidade e teve fome, ele e os seus companheiros?** A contra-pergunta reforça a impressão de que não são leigos os que confrontam Jesus, mas professores da lei e fariseus. **Como entrou na Casa de Deus, no tempo do sumo sacerdote Abiatar, e comeu os pães da proposição, os quais não é lícito comer, senão aos sacerdotes, e deu também aos que estavam com ele?** O relato da história de 1Sm 21.2-7 tem algumas diferenças com o texto hebr do AT, mas que se encaixam bem na maneira como o judaísmo de fala aramaica usava as Escrituras na época de Jesus. No culto na sinagoga, depois da leitura de cada três versículos, estes tinham de ser traduzidos para a língua aramaica popular. Conhecemos estas traduções (Targuns) de escritos posteriores. Trata-se mais de paráfrases que de traduções, que admitiam livremente contribuições narrativas.

Em nosso caso Jesus cita uma passagem que obviamente representava dificuldades para os rabinos (Bill. I, 618s). De várias maneiras eles se esforçavam por inocentar Davi de uma transgressão da lei, mas Jesus não se mostra constrangido. Davi fizera realmente – como o próprio Jesus – algo que, pela letra da lei, “não é lícito” fazer. Mas ele o fizera – como Jesus – altaneiramente, como o Ungido, especificamente em prol daqueles que lhe continuavam fiéis em sua perseguição, da cepa básica do seu reino futuro. O futuro revogava as disposições atuais para este grupo. Tudo aqui depende da relação Davi – Jesus. Em Jesus a linhagem de Davi se completa. É claro que este testemunho pessoal de Jesus não podia apaziguar os fariseus. Para eles, à quebra do sábado se juntara outra violação, a blasfêmia (cf. Jo 5.18).

Devemos ter em mente que Jesus baseia sua liberdade no sábado na alegação de autoridade messiânica especial, não simplesmente em um conceito humanitário. A questão humanitária encontrava todas as portas abertas em casos como este, de matar a fome no sábado. Especialmente no sábado judaico provia-se para todos os famintos. Era sua ligação com o Messias perseguido que colocava os discípulos em situação delicada, como no AT os homens ligados ao rei secreto. Mas os que buscam em primeiro lugar o reinado de Deus vivem com uma liberdade especial, e é o próprio Deus quem sempre de novo possibilita este discipulado (cf. Mt 6.25-34).

**27** Jesus já generalizara para além do tema do sábado, pois Davi não transgredira a lei do sábado, mas a determinação de Lv 24.5-9. No versículo seguinte, porém, Jesus retorna ao sábado a partir do entendimento obtido: **E acrescentou: O sábado foi estabelecido por causa do homem, e não o homem por causa do sábado.** O mesmo pensamento básico, que Jesus acabara de tirar dos “profetas” (os livros de Samuel contam, na Bíblia judaica, entre os “profetas anteriores”), agora vem da outra parte da Bíblia, os livros de Moisés, ou a “lei”. O tema é a criação, como o ser humano e como o sábado foram “estabelecidos” por Deus (*passivum divinum*, cf. 2.5). Ali a vontade original de Deus se torna clara: o sábado serviria para beneficiar o ser humano. Coerentemente, ele surge depois do ser humano, pois a seqüência temporal sinaliza a subordinação. De acordo com Bill. I, 623s; II, 5, o Talmude conhece expressões bastante semelhantes, como p ex: “O sábado foi dado a vocês, não vocês entregues a ele”. Esta frase, porém, entre os judeus não tinha força de preceito, só servia para justificar certas exceções, como um caso de perigo de vida agudo (opr 3). Em todos os casos de perigo de vida furtivos, como desamor, tédio, hipocrisia, tristeza no sábado, esta verdade era esquecida. Revelador já é um argumento rabínico adicional para o socorro a pessoas no sábado, que Bill. I, 623 relata. Em resumo, ele diz o seguinte: você pode quebrar *um* sábado para salvar a sua vida, até porque assim você se habilita a viver mais tempo e poder guardar muito mais sábados ainda! Deste modo, o sábado é novamente um fim em si mesmo, sem por que nem para quê. Serve-se a ele sem o olhar iluminado para quem o instituiu para o nosso bem, ou para o valor especial do seu presente. O sentido positivo do mandamento fora encoberto, alienado da vida em Deus, acorrentado, inerte. O sábado verdadeiro se tornara em ídolo.

Quando se tira este versículo do seu contexto, ele parece pregar um humanismo puro, talvez até com uma ligação tênue com a fé na criação. Todavia, como mostram os v. 25,26 e, agora, o v. 28, o versículo está engastado na cristologia. O sábado, criado bom por Deus mas depois acorrentado, é “restaurado” pelo Messias (cf. 3.5).

**28 De sorte que o Filho do homem é senhor também do sábado.** A ênfase está no fim do versículo, no “também”: assim como os espíritos imundos encontraram em Jesus o seu senhor em 1.27, assim como ele se tornou senhor de todas as doenças em 1.34 e de todos os pecados em 2.5, assim como o vento e o mar se lhe submetem em 4.41, agora o mesmo acontece com a instituição judaica do sábado, que escravizava os fiéis. Jesus representa, como o Filho do homem em Dn 7.13,14, a restauração de todas as coisas, o restabelecimento do ser humano à imagem de Deus. A palavra-chave “homem” aparece muitas vezes nestes dois parágrafos sobre o sábado (2.27,28; 3.1,3,5). “Por causa do homem” é a senha da vinda do Filho do homem de Deus. Ela torna-se a senha para tudo, também para o sábado, como o v. 27 já expressou. O ser humano em Cristo não tem mais uma relação a dois com o Sábado, em que este se torna grande demais para ele. Em seu lugar surge um triângulo: o ser humano, o sábado, o Senhor do sábado. Com Jesus o sábado é reintroduzido no reinado de Deus. Ele não é abolido, mas reorientado para o seu sentido antigo, original e eterno.

Jesus é senhor “também” do sábado, portanto, não só do sábado. Seu senhorio inclui evidentemente muito mais que a correção da instituição do sábado. Há outras instituições que podem ficar grandes demais para o ser humano. Pode chegar o dia em que o hospital não exista mais para o doente, alguma repartição não exista mais para o público, a economia não exista mais para a vida, o Estado não exista mais para o povo e a justiça não exista mais para os sofredores ou a liturgia não exista mais para a igreja, mas tudo está totalmente errado. O que fazer? Apostar totalmente no ser humano, ajudá-lo a tomar o poder contra as instituições e proclamar a irmandade pura? Isto só levou a condições que clamavam ainda mais por instituições. O que resta após a eliminação da ordem antiga não é o nosso bem. Ou então, manter o equilíbrio entre ser humano e instituição? Isto é um ponto de vista bastante abstrato. Na prática um dos lados terá mais força, e não se escapa da oscilação de um a outro extremo. Importa, como vimos, transformar a situação em um triângulo – com a entrada em cena de Cristo como Senhor. Sem relação viva com ele nosso mundo pequeno ou grande não acerta o prumo. Para isto é crucial, como a exposição do v. 25 mostrou, que este Jesus seja senhor do sábado sob o sinal da cruz. Sua morte quebrou os sistemas mais escravizantes e já agora conduz para a liberdade, em direção ao amor.

### **5. Cura da mão atrofiada no sábado e decisão de matar Jesus, 3.1-6**

(Mt 12.9-14; Lc 6.6-11)

**De novo, entrou Jesus na sinagoga e estava ali um homem que tinha ressequida<sup>a</sup> uma das mãos.**

**E estavam<sup>b</sup> observando a Jesus para ver se o curaria em dia de sábado, a fim de o acusarem.**

<sup>3</sup> **E disse Jesus ao homem da mão ressequida: Vem para o meio!**

**Então, lhes perguntou: É lícito nos sábados fazer o bem ou fazer o mal? Salvar a vida ou tirá-la? Mas eles ficaram em silêncio.**

**Olhando-os ao redor, indignado e condoído<sup>c</sup> com a dureza do seu coração, disse ao homem: Estende a mão. Estendeu-a, e a mão lhe foi restaurada.**

**Retirando-se os fariseus, conspiravam<sup>d</sup> logo com os herodianos, contra ele, em como lhe tirariam a vida.**

*Em relação à tradução*

<sup>a</sup> De *xeros*, seco, magro, pode indicar algo sem seiva e força. Em 9.18 o verbo tem o sentido de paralisação em convulsão. Aqui, uma infecção dos nervos pode prejudicar a circulação sanguínea e a capacidade de movimento, até resultar na perda da musculatura, de modo que se formara uma mão em forma de garra.

<sup>b</sup> Não era toda a multidão que observava Jesus, mas os fariseus mencionados no v. 6 e em 2.24 (cf. *opr* 2).

<sup>c</sup> *syllypeisthai* dificilmente significa aqui que Jesus tinha compaixão dos fariseus e mesclou sua ira com amor carinhoso, antes, o prefixo *syl-* reforça a expressão de sofrimento (WB, 1539).

<sup>d</sup> *symbolion didonai* não deve ser traduzido aqui literalmente por “dar um conselho”, mas por “tomar uma decisão”, de acordo com uma expressão aramaica (Klostermann).

*Observações preliminares*



1. *A decisão de matar Jesus como ponto de chegada.* O bloco de relatos 2.1–3.6 culmina em uma quinta história de conflito, e esta tendo como sua última palavra “lhe tirariam a vida”. Isto expõe o tema de todo o trecho: Jesus de Nazaré, que tinha proclamado a alegria de Deus em toda a Galiléia (1.14s), como alegado transgressor da lei é merecedor da morte. Ele certamente não tinha quebrado a lei por indiferença ou mundanismo superficial. Milhares de judeus daquela época faziam isto e nenhum era executado. No juízo dos judeus ele agia assim a partir de uma presunção terrível. Ele afirmava, contra toda a sabedoria dos teólogos, estar expondo o sentido original da lei, o único válido (p ex 2.25-27; 3.4; 10.6-9; 11.15-18; 12.1-12,24-27), ao mesmo tempo em que acusava os professores da lei publicamente de estarem anulando a Palavra de Deus em grande estilo (7.8,13). Este pensamento esses homens não podiam admitir nem por um instante, se não quisessem condenar toda a sua espiritualidade. Assim teve início o endurecimento do coração deles contra Jesus. Jesus, para eles, não podia ser o revelador verdadeiro, na verdade ele não podia ser, se eles não quisessem acabar sendo servos de Satanás. Para salvar seu sistema religioso-político, Jesus tinha de retroceder, como blasfemador. Nesta questão também a história posterior da paixão se concentra. Da violação do sábado e de transgressões menores em geral não se falará mais, a não ser da profanação do templo. Na verdade eles não discutirão mais, pelo contrário, assim como silenciam aqui no v. 4, também lá taparão as orelhas com as mãos e gritarão: Ele blasfemou e merece a morte!

2. *O processo religioso judaico.* Já em 2.6 a conclusão estava bastante próxima de que os professores da lei estavam presentes para examinar Jesus em caráter oficial. 3.22; 7.1 falam expressamente de enviados da autoridade religiosa máxima em Jerusalém. Em 2.24 houve uma advertência formal, dentro de um procedimento jurídico, por causa da questão do sábado. Stauffer reuniu as diretrizes judaicas com respeito a isto (Rom, p 113-122; cf. Jesus, p 69s). Quando o advertido quebrou o sábado mais uma vez, seu crime estava comprovado, e o processo podia ser iniciado. Para obter uma denúncia indiscutível, chegava-se ao ponto de recomendar “testemunhas emboscadas”, que seguiam o suspeito e o atraíam para uma armadilha, com traição e dissimulação (3.2; 12.13). Eles também assumiam a tarefa de dar voz de prisão ao ofensor apanhado e transportá-lo para Jerusalém, onde o acusavam formalmente. Tudo isto acontecia na convicção de se estar servindo a Deus (Jo 16.2). Ver em nosso texto simplesmente desconfiança pessoal de alguns fariseus fanáticos significaria tirar-lhe a sua força.

- 1 **De novo, entrou Jesus na sinagoga**, em qualquer lugar, em qualquer sábado. Somente o assunto é o que nos arrebatava aqui. Ainda ressoa em nossos ouvidos a grande palavra do “homem” de 2.27. Agora um exemplo toma forma diante dos nossos olhos: **e estava ali um homem que tinha ressequida uma das mãos**, e o sábado existia também para ele. Só que sua mão em forma de garra o marca: de acordo com 1Rs 13.4-6 e Zc 11.17, ela é um sinal de maldição. Deficiências físicas, entre outras coisas, tornam a pessoa inapta para a função sacerdotal. Para a era messiânica estavam prometidas a cura e a anulação da maldição (p ex Is 33.23; 35.6). Tudo isto podia estar mexendo com as emoções de judeus firmes na Bíblia.
- 2 **E estavam observando a Jesus para ver se o curaria em dia de sábado.** Será que os fariseus chegaram ao ponto de trazer o aleijado, assim como mais tarde arranjaram testemunhas falsas? Ou será que só o descobriram em meio ao povo reunido e agora especulam quanto à intervenção de Jesus? Ou será que provocam Jesus (cf. Mt 12.10)? Ou, por fim: será que o doente pediu que Jesus o curasse? Assim o enfeita o Evangelho Nazareno do século II, talvez em vista da informação de Lucas de que a mão em questão era a direita (6.6): “Eu era pedreiro e ganhava a vida com as minhas mãos. Eu te peço, Jesus, que me restituas a saúde, para que eu não tenha de passar vergonha mendigando a minha comida.” Marcos deixa tudo em aberto.

Esta passagem é uma das provas de que nem os adversários de Jesus duvidavam da sua capacidade para curar (cf. 1.34). Parece também que Jesus, quando se tratava de curar e ajudar, não se importava com o dia da semana. Também neste sábado eles podiam contar com sua prontidão para ajudar. Assim, a concretização do alvo deles já lhes sorri: **a fim de o acusarem**. Isto porque curar era um dos trabalhos médicos proibidos no sábado. Só perigo de vida teria servido como exceção (opr 2 a 2.23-28). Deste modo, os rabinos podiam dizer com Lc 13.14: “Seis dias há em que se deve trabalhar; vinde, pois, nesses dias para serdes curados e não no sábado”.

- 3 **E disse Jesus ao homem da mão ressequida...** Dos rostos à espreita o olhar volta para esta figura triste do homem com sua mão inútil recolhida no colo. Para Jesus, este é o argumento mais forte. Seu amor pelo ser humano deformado é maior que a preocupação com sua própria segurança. Como em resposta à intimidação pretendida, diante de todas as testemunhas ele estabelece sua relação com este aleijado. O que acontece agora tem o público em vista: **Vem para o meio!** O ser humano no meio das atenções! Que todos vejam seu sofrimento, mas também vejam o bem que Deus tem pronto para os seus seres humanos, especificamente levando o sábado em consideração.



4 **Então, lhes perguntou**, aqueles cujas intenções ele conhece: **É lícito nos sábados fazer o bem ou fazer o mal? Salvar a vida ou tirá-la?** Jesus não brinca com a questão do que Deus permite ou não permite (cf. 2.24). O que ele quer mesmo é obedecer. Sua vida poderia ser descrita como um levante da obediência em um mundo de desobediência. Ele não revogou a lei, mas a interpretou com autoridade (cf. Mt 5.17-20; Rm 3.31). Aqui, com uma pergunta, ele traz o sábado para a *sua* luz. A pergunta ele faz de uma maneira que ela já traz em si a resposta. É óbvio que o bem *sempre* deve ser feito e o mal proibido. O próprio fato de Jesus fazer esta pergunta aos judeus devotos já os acusa, no sentido de que evidentemente o mais claro de tudo não está mais claro neles. A tal ponto as suas consciências estão sufocadas pelo caos religioso.

Quem concentra, em si e nos outros, no sábado todas as energias em não fazer nada, até que, a não ser o culto, tudo pára, como uma máquina pára, tem de sentir-se chocado por Jesus. Para Jesus, o sábado é para *fazer* alguma coisa, naturalmente o bem. O sábado pretende ser uma festa de amor a Deus e aos outros. O conceito farisaico de descanso atrofiara em relação ao conceito bíblico. Deus descansou no sétimo dia, mas não por ter ficado esgotado com a criação, mas por ter “terminado no dia sétimo a sua obra” (Gn 2.2), tê-la levado ao seu ponto culminante. Por isso ele abençoou o sétimo dia, isto é, encheu-o de forças vitais. Santificou-o, isto é, separou-o e o transformou em uma preciosidade. Para o ser humano este sétimo dia foi o primeiro, ou seja, foi um presente em adiantado, do Criador para o ser humano. Ele não precisou começar trabalhando, para merecer o dia de descanso, mas primeiro festejou, às custas de Deus. Por isso o essencial do descanso objetivado por Deus não consiste em estar livre do fazer, mas em estar livre do fazer sob a pressão da produtividade. Essencial é ser presenteado e presentear, em vista da alegria, da liberdade e da paz.

Quem está preocupado só em não fazer nada no dia de descanso, é culpado de se parar de fazer o bem. Contudo, onde se pára de fazer o bem não surge um espaço sem ação, mas o mal entra desfilando (Tg 4.17). Este “mal” não é limitado à esfera moral, mas deve ser entendido como demoníaco. O mal fere os religiosos com tédio mortal, com melancolia e solidão.

A melhor maneira de entender o contraste “salvar a vida – tirar a vida” é fazê-lo de modo bem concreto. “Salvar”, na Bíblia, muitas vezes é sinônimo de “curar”. Assim, a intenção de Jesus de curar defronta a intenção dos fariseus de matar (v. 6!). Isto levanta a acusação mais grave possível contra eles. O sábado deles não tem mais poder para curar, só para matar. Jesus tenciona fazer dele de novo um dia de salvação, em que se pode experimentar Deus e ver seu bom reinado.

**Mas eles ficaram em silêncio.** Não há debate, mas há resposta. O tempo imperfeito do verbo desenha um movimento. Primeiro eles não conseguem abrir a boca, depois não querem e, por fim, eles a mantêm fechada com raiva. De acordo com o v. 5, trata-se de um processo de endurecimento. Eles se recusam a refletir sobre a palavra de Jesus, e se aferram com cada vez mais teimosia à sua não-ação. A propósito, o ideal rabínico era não refletir sobre certas coisas. “Não tens autorização para refletir sobre isto”, diz um ditado rabínico sobre a Torá (em Rang, *Handbuch für den biblischen Unterricht*, Berlim 1939, p 163). Naturalmente isto subentende em parte uma reverência incondicional diante do senhorio de Deus. Ele determinou, e isto basta. Ao mesmo tempo, porém, esta atitude subtrai ao senhorio de Deus o uso disposto e profundo da razão e a disposição de ouvir da consciência. A letra é declarada autoridade inquestionável, e isto serve de esconderijo quando atitudes anti-humanas e, assim, também anti-divinas se imiscuem na religiosidade. Recuar para a obediência pura à letra denuncia a carência de amor e de Deus. Esta consequência é palpável em nosso parágrafo. Os fariseus podem promover uma caçada ao salvador de vidas, no sábado, em honra a Deus. Religiosidade acima do bem e do mal!

5 **Olhando-os ao redor** – Jesus encara este endurecimento coletivo com sua unanimidade satânica (cf. Ap 17.14), **indignado**. Ele é tomado de comoção espiritual. Sua ira sempre indica a presença do satânico (1.43; 8.33). Sitiado de tal escuridão, Jesus fica **profundamente condoído**, como no Getsêmani (14.34; cf. o grito da paixão em 9.19). A expressão **com a dureza do seu coração**, que aparece ainda em 10.5, deve ser entendida como em Dt 29.18. Ela tem a apostasia de Israel em vista. Outros manuscritos têm a palavra *perosis* ou *nekrosis* em vez de *porosis*. Isto coloca lado a lado três condições terríveis: endurecimento, cegueira e morte.

Em meio a este mundo de morte ressoa uma palavra de vida. Ele **disse ao homem: Estende a mão. Estendeu-a** – o membro crispado relaxou-se. O que estava imóvel se moveu. Sangue e vida tinham fluído nele. Antepondo o verbo na frase seguinte, o resultado é um grito de júbilo: **e a mão lhe foi restaurada**. Este termo raro, para Marcos com certeza tem uma importância que excede o

sentido médico da cura (ainda em 8.25; 9.12). Seu sentido político é restaurar um reino, o cosmológico é renovar o mundo, o messiânico é que, depois do caos em que o adversário lançou a criação antiga, surge uma nova criação (cf. Mt 3.24; At 3.21). Desta forma, percebemos aqui além da benfeitoria física em um indivíduo um sopro da perfeição futura. Aquele sábado tornou-se o que um sábado deve ser, um antegozo do mundo curado.

- 6 Os acusadores, porém, só pensam em reunir material para sua acusação. **Retirando-se os fariseus, conspiravam logo com os herodianos, contra ele, em como lhe tirariam a vida.** “Logo” – novamente esta indicação de um evento que irrompe de fora. Esta era a maneira deles de “santificar” o sábado. Sua “dedicação” a Deus deixou-os totalmente “por fora”: “Retiraram-se”. Lá dentro ficaram Jesus e, à sua volta, os aspirantes ao novo povo de Deus (cf. 3.31).

Os fariseus de repente se entendem com os **herodianos** (cf. 12.13). Este termo não designa um partido judaico formal, mas adeptos em geral da dinastia real herodiana e, assim, uma linha política, cujo fundamento era a amizade judaico-romana. Desta forma, os herodianos eram tudo menos aliados naturais dos fariseus, que suplicavam diariamente pela destruição de Roma e juravam vingança. Todavia, assim como os judeus mais tarde precisaram de Pilatos para poder processar Jesus, precisaram aqui de Herodes e do seu pessoal para poder prender e neutralizar Jesus.

Pode-se ver o paralelo entre Jesus e seu precursor, João Batista. Ambos gozam a princípio de uma discrição benevolente de Herodes, que lhe permite uma atuação abrangente em seus domínios. Ao mesmo tempo há o paralelo entre Herodes e Pilatos. Este também já conhecia Jesus há algum tempo e chegou a defendê-lo até que a pressão o fez passar para o lado dos perseguidores. Em volta de Jesus, como antes de João Batista, surgira um movimento tal que os representantes da ordem política e religiosa viram nele um perigo que tinha de ser sufocado.

Com isto voltamos ao mistério da morte de Jesus. Por trazer liberdade e vida, ele tinha de morrer. Morrendo, ele realizou sua missão.

## V. SEPARAÇÃO ENTRE POVO E DISCÍPULOS 3.7–6.29

### *Observações preliminares*

1. *Delimitação.* O início da nova divisão principal é bem visível no v. 7 onde, depois de um longo intervalo, “Jesus” é novamente mencionado. Segue um relato de resumo e a história de um discípulo, à guisa de introdução; foi assim que Marcos começou também a divisão principal 1.14-45. Depois o quadro fica bastante colorido, e o tema que une as partes não pode ser determinado de modo tão automático como nas divisões principais anteriores. O término também é debatido. Decidimo-nos, com Pesch, pelo início da nova divisão principal em 6.30, pois este versículo começa outra vez mencionando Jesus e seus apóstolos.

2. *Temática.* Inicialmente, constatamos uma restrição do cenário, de toda a Galiléia para o “mar” da Galiléia (3.7; três vezes em 4.1; 4.39,41; 5.1,13 duas vezes, 21; antes só em 1.16; 2.13), com o que também combina a menção freqüente do “barco” (3.9, 4.36,37 duas vezes cada; 5.2,18,21). Com isto desaparece o termo “sinagoga” (só ainda em 6.2; antes 1.21,23,29,39; 3.1) e a oposição dos representantes judaicos, ou seja, dos professores da lei, dos fariseus, sacerdotes e herodianos (até aqui nove vezes). Só em 3.22 ainda lemos sobre eles, sem que precisem estar presentes. Por trás desta mudança de cenário, porém, sente-se uma situação de tensão (cf. 2.13). Jesus evita os representantes oficiais para ficar com o povo a céu aberto (*pletos* 3.7,8; *ochlos* 3.9,20,32; 4.1 duas vezes; 5.21,24,27,30,31; antes só 2.4,13). Também para a relação do povo com Jesus anunciam-se mudanças. Certamente as multidões ainda afluem, mas também em suas fileiras, não só entre os líderes como no trecho anterior, incompreensão, hostilidade e endurecimento se espalham (3.9,21,22,28s,30,31; 4.4-7,11s,15-19,25,34; 5.17,39; 6.3,6,14s). Do outro lado o quadro de fé e discipulado se aprofunda, de modo que se percebe quem está dentro e fora (3.34s; 4.8,11,27s,32,34b; 5.18,34,36; 6.12s). Assim a ruptura se prolonga para dentro do povo. Os líderes mostram que estão levando o povo para o mau caminho. Significativo é que Jesus, no transcurso destes eventos, é levado pela primeira vez para regiões pagãs (5.1-20). A rejeição de Jesus por parte dos judeus abre a porta para missões, da mesma forma como Lucas mostra no livro de Atos e Paulo na carta aos Romanos. Deste modo, em volta do Senhor terreno anuncia-se de longe o mistério da comunidade composta de judeus e pagãos. No fim do trecho somos informados sobre a morte do precursor (6.14-29), que também prenuncia o fim sombrio de Jesus. O tema “igreja de todos os povos” requer o tema “cruz de Cristo”, pois por sua morte sacrificial Jesus alcança de modo definitivo e poderoso os “muitos” (10.45; 14.24).

## 1. O recuo para o mar e o segredo perante a multidão, 3.7-12

(Mt 4.24,25; 12.15,16; Lc 6.17-19)

**Retirou-se Jesus com os seus discípulos para os lados do mar<sup>a</sup>. Seguia-o da Galiléia uma grande multidão. Também da Judéia,**  
<sup>8</sup> **de Jerusalém, da Iduméia, dalém do Jordão e dos arredores de Tiro e de Sidom uma grande multidão, sabendo quantas coisas Jesus fazia, veio ter com ele.**  
**Então, recomendou a seus discípulos que sempre lhe tivessem pronto um barquinho<sup>b</sup>, por causa da multidão, a fim de não o comprimirem.**  
**Pois curava a muitos, de modo que todos os que padeciam de qualquer enfermidade se arrojavam a ele para o tocar.**  
**Também os espíritos imundos, quando o viam, prostravam-se diante dele e exclamavam: Tu és o Filho de Deus!**  
**Mas Jesus lhes advertia severamente que o não expusessem à publicidade.**

*Em relação à tradução*

<sup>a</sup> “para os lados do mar” poderia ter o sentido de “para o leste”. Neste caso, Jesus teria-se desviado para o litoral do mar Mediterrâneo, como em 7.24 (assim WB 126; Jeremias, ABBA, p 245). Marcos, porém, a julgar pelo contexto imediato do cap. 4, certamente não pensou neste sentido, mas no lago de Genesaré, como já em 1.16; 2.13 (para “mar”, cf. 1.16n).

<sup>b</sup> Aqui temos o diminutivo de *ploion*, *ploiaron*, “barquinho”, “navio pequeno”. Contudo, nós também não pensamos necessariamente em uma criança quando dizemos “menina”; o diminutivo original desaparece do consciente. Este deve ser o caso aqui, pois em 4.1,36,37 e em outras passagens é sempre *ploion*. Marcos às vezes tende aos diminutivos (qi 4).

*Observação preliminar*

*O caráter do relato de resumo.* Quem recorda o conteúdo da nova divisão principal até o cap 6, encontra neste preâmbulo uma abundância de termos e características que lembram as histórias subsequentes. Apesar destes vínculos, porém, um olhar atento perceberá que curas e expulsão de demônios não são mencionados, somente detalhes relacionados. Por isso títulos como “curas e exorcismos à beira do lago” não condizem com os fatos. As frases paralelas “a fim de não” no fim do v. 9 (para as curas) e “que não” no fim do v. 12 (para os exorcismos) formam o ponto culminante do respectivo pensamento e refletem uma polêmica sobre a pessoa de Jesus. Jesus se distancia de conceitos aplicados à sua pessoa. Desta forma, este relato de resumo (para a expressão, cf. opr 1 a 1.14,15) se mostra interessado na cristologia, destarte servindo de chave para a divisão principal que inicia.

**7 Retirou-se Jesus com os seus discípulos para os lados do mar.** O rompimento com a sinagoga fora completo, a perseguição pelas autoridades estava em andamento. Mas isto não forçava Jesus a fugir logo do país, ele podia continuar sua atuação entre o povo em volta do lago. Por um lado havia ali espaço para aglomerações maiores, o que também o protegia de ser apanhado (cf. 2.13; mais tarde o povo serviu de escudo para Jesus em 11.18,32; 12.12; 14.2). Por outro lado, o lago permitia um traslado rápido e desimpedido para outros países. Na margem ocidental estava a Galiléia, na margem nordeste a região de Filipe e na margem sudeste a Decápolis (5.1,20). O fato de os discípulos aparecerem logo no primeiro bloco de narrativas é significativo. A partir de agora eles passam sempre para primeiro plano.

**Seguia-o da Galiléia uma grande multidão.** Como esta multidão é diferenciada dos seguidores de Jesus, dos discípulos, este “seguir” aqui não tem o sentido pleno (cf. 5.24). “Eis aí vai o mundo após ele”, dizem mais tarde os professores da lei, com o mesmo sentido (Jo 12.19), com a diferença de que aqui falta o toque de raiva e desprezo. Marcos conclui desta afluência de toda a Palestina a verdade e o poder de Jesus. É como se ele pintasse um quadro, emoldurando a relação das sete regiões de origem com a exclamação: “uma grande multidão!” (v. 7 e 8).

Os primeiros cristãos conheciam muito bem a condição de minoria, mas nunca gostaram dela nem se conformaram com ela. Impedia-os sua confissão de Jesus como o senhor de todos, para cuja glorificação conflui a história geral. Por isso registraram os grandes números que cercaram Jesus (p ex os 3.000 e 5.000 em At 2.41 e 4.4), que são normais, comparados com o que deve ser e um dia será. Não é uma pequena seita que está surgindo, mas uma criação restaurada.

**7,8** A lista de regiões começa com o centro da atuação de Jesus, a Galiléia. Só a partir dali era possível “seguir-lo”. Os outros “vinham ter com ele”, de ouvir falar dele. Primeiro menciona-se a Judéia com Jerusalém, a cidade messiânica. Depois faz-se um círculo em torno da região habitada por judeus, a começar do sul, passando para o leste para além do Jordão e terminando no noroeste, na costa do mar Mediterrâneo: **Também da Judéia, de Jerusalém, da Iduméia, além do Jordão e dos arredores de Tiro e de Sidom uma grande multidão.** Não deveríamos perguntar a razão de não se mencionar Samaria e a Decápolis. A intenção é o grande círculo, a impressão geral. Não passa de falta de sensibilidade dizer, com base em passagens como esta, que o autor não faz nenhuma idéia da geografia da Palestina (contra Wrede, p 129; Schreiber, p 160 Tc).

O que atraía os sofrendores em tão grande número era o eco das ações de Jesus em toda a Palestina: **sabendo quantas coisas Jesus fazia, veio ter com ele.** 1.5,45 já descrevera o novo êxodo, como estava prometido para o tempo do fim, mas os dados aqui são um ponto culminante em Marcos, por seu conteúdo e riqueza de detalhes. Não está dito se os que acorriam das regiões pagãs eram pagãos ou judeus lá residentes. Mas a simples menção dos nomes das regiões pagãs lembra de promessas como Is 49.6: “Pouco é o seres meu servo, para restaurares as tribos de Jacó e tornares a trazer os remanescentes de Israel; também te dei como luz para os gentios, para seres a minha salvação até à extremidade da terra”. A primeira manifestação de Jesus na terra dos pagãos, em 5.1-20, confirma esta perspectiva. Coisas grandiosas são iminentes. A afluência das multidões para este Jesus destinado à morte anuncia profeticamente a reunião de judeus e pagãos no povo de Deus, exatamente sob a palavra da cruz. Neste ponto inicia-se a próxima perícopa (“perícopa” significa “o que foi cortado em volta”), que trata da fundação do Israel renovado, através da instituição dos doze como os novos patriarcas.

**9 Então, recomendou a seus discípulos que sempre lhe tivessem pronto um barquinho, por causa da multidão, a fim de não o comprimirem.** É claro que ele não exige um barco para poder atravessar todo o lago. Em primeiro lugar isto não seria necessário para escapar ao aperto e, em segundo lugar, ele não o faz. Na verdade ele nem se distancia da multidão, só da opinião que ela tem do seu ministério.

**10** Com um “pois” Marcos traz novamente um esclarecimento posterior (como já em 1.16,22,38; 2.15): **Pois curava a muitos, de modo que todos os que padeciam de qualquer enfermidade se arrojavam a ele para o tocar.** Eles não só o apertavam de todos os lados, mas até de cima se arremessavam sobre ele, para tocá-lo de algum modo e experimentar seus poderes milagrosos. Como um enxame de abelhas eles o envolvem, de modo que ele mal conseguia espreitar sob o peso. Este anseio descontrolado por cura, principalmente ou exclusivamente por cura, Jesus corrige com sua atitude (cf. 1.37s; Jo 6.26). Ele não quer ser somente um curandeiro e, por isso, cria espaço para a proclamação do reinado de Deus que se aproximou (4.1s). Ele não é só um profeta que faz milagres (6.15; 8.28), mas o mensageiro das boas novas de que falou Isaías e é também – misteriosamente – a própria boa notícia (1.14s).

**11 Também os espíritos imundos, quando o viam, prostravam-se diante dele e exclamavam: Tu és o Filho de Deus!** Esta confissão coincidia palavra por palavra com a da voz do céu e dos discípulos (1.11; 8.29). Portanto, ela é condizente e sobrepuja a opinião popular. A natureza espiritual dos demônios é mais perspicaz que a razão humana. Ela capta a identidade verdadeira de Jesus (sobre prostrar-se, cf. 5.6s). Apesar disto, Jesus se distancia também neste caso:

**12 Mas Jesus lhes advertia severamente que o não expusessem à publicidade.** O sentido desta ordem tem sua melhor explicação na ordem explícita de silêncio dada aos discípulos em uma situação semelhante em 9.9: até a morte e a ressurreição, nenhuma palavra sobre Jesus como Filho! No âmbito da mensagem da cruz a confissão do Filho de Deus pode acontecer (15.39). Assim, faz parte do conhecimento pleno de Jesus a noção de todo o seu caminho e missão, até o fim. Percepções parciais sem o todo só levam a distorções. Por isso o Senhor força o silêncio dos demônios, para garantir a revelação completa e pura (sobre a ordem de silêncio cf. também 1.33,44; 8.30).

## **2. A instituição dos doze, 3.13-19**

(Mt 10.1-4; Lc 6.12-16; cf. At 1.13)

**Depois, subiu ao monte e chamou os que ele mesmo quis, e vieram para junto dele. Então, designou doze para estarem com ele e para os enviar a pregar**

**e a exercer a autoridade de expelir demônios.**

**Eis os doze que designou: Simão, a quem acrescentou o nome de Pedro;**

<sup>17</sup> **Tiago, filho de Zebedeu, e João, seu irmão, aos quais deu o nome de Boanerges, que quer dizer: filhos do trovão;**

<sup>18</sup> **André, Filipe, Bartolomeu, Mateus, Tomé, Tiago, filho de Alfeu, Tadeu, Simão, o Zelote, e Judas Iscariotes, que foi quem o traiu.**

### *Observações preliminares*

1. *Forma do texto.* Um raro espécime original! Como uma cadeia de montanhas escarpadas ele já se projetara no presente do evangelista que escrevia, um contraste completo com um texto suave, construído na escrivania. Uma tradução bem literal permite ao leitor de hoje ter a mesma impressão desajeitada que tiveram Mateus, Lucas e os copistas antigos. Estes tentaram arredondar todos os cantos. Um completa no v. 14 que Jesus nomeara doze “discípulos”, outros que ele os chamou de “apóstolos”, ainda outros que os enviados deveriam proclamar o “evangelho”. Para alguns copistas, faltava no v. 15 que os discípulos também curavam enfermos, e no começo do v. 16 a repetição “eis os doze que designou”. Em lugar disto, em alguns o versículo começa com “primeiro Pedro”. De fato, falta seu chamado. O “nome” dos filhos de Zebedeu torna-se “nomes”, já que são duas pessoas. Enigmas específicos são levantados pelas quatro listas dos doze no NT. É evidente que seguiam uma ordem básica comum. Pedro sempre é o primeiro e Judas o último, e entre os dois também há poucas mudanças. Mas nos detalhes nenhuma coincide com outra. Isto espelha o fato de que os nomes das primeiras testemunhas, antes de serem registrados pelos evangelistas, tinham sido levados para muitos países pelos missionários. Orelhas estrangeiras tiveram de assimilar estes sons judaicos em parte nada costumeiros, bocas estrangeiras tinham se repeti-los com esforço. Isto causou distorções (“Boanerges” foi anotado de quatro maneiras diferentes). Letras são suavizadas, trocas se inserem (Tadeu em muitos manuscritos é Lebeu). Melhorias queriam eliminar obscuridades e as pioraram. Nomes de pais são tidos por nomes próprios (“Bartolomeu” quer dizer “filho de Talmai”). Nas diferentes províncias firmaram-se várias formas da lista. Levando-se em conta estes “sinais de envelhecimento”, aumenta consideravelmente a reverência pelas listas dos doze.

2. *Contexto.* O bloco de narrativas de 2.1–3.6 mostrara como Jesus estava destinado à morte desde o início da sua missão. Marcos conhece tampouco como Paulo outro Jesus que o crucificado (1Co 2.2). Este mistério causa sempre de novo dificuldades para as pessoas que se aglomeram à volta de Jesus. Isto o preâmbulo do novo bloco de narrativas fixou em termos programáticos. As frases “a fim de não” e “que não” dos v. 9 e 12 expressaram esta idéia: por duas razões o Senhor teve de distanciar-se, de uma comunhão falsa e de um testemunho falso. Em comparação com isto, na história que se segue, duas frases positivas com “para” chamam a atenção. A primeira, em 14a, mostra a comunhão desejada e criada por Jesus, na qual sua identidade como crucificado pode ser experimentada. A segunda, em 14b, anuncia a pregação da sua pessoa autorizada por ele. Para as duas coisas ele escolhe os doze como cerne do verdadeiro povo messiânico.

3. *Linguagem subentendida.* Se cortarmos esta perícopes do seu contexto, ela esvai-se imediatamente. Por si só, limitada às suas palavras, ela não contém nada teológico. Falta o nome “Jesus”, bem como todo título de majestade, também “Deus” e “evangelho”. Falta também o conceito de apóstolo, para nós tão próximo. Na época da redação do evangelho ele já era bem habitual, como provam as 30 menções por Paulo e quase 40 em Lucas. Numerosos manuscritos o inseriram no v. 14: “os quais também chamou de apóstolos”. O grego erudito desta expressão trai o empréstimo literal de Lc 6.13. “Apóstolo” como designação de um cargo permanente só surgiu entre os primeiros cristãos. Mateus, Marcos e João nem adotam o termo para seus escritos anteriores à Páscoa, o que testifica da sua fidelidade às fontes (para o uso funcional cf. 6.30). Neles trata-se mais de 30 vezes simplesmente dos “doze”. Claramente esta é a designação antiga dos apóstolos; Paulo só a usa mais uma vez na confissão antiga de 1Co 15.3-5.

Apesar desta linguagem à primeira vista não teológica, nosso relato está carregado de teologia como nenhum outro, só que tudo em linguagem oculta. Aqui aparecem termos como “subir”, “o monte”, “chamar”, “querer”, “designar”, “estar com ele”, “dar o nome”, “doze”, “trair”. Eles podem trazer mais do que só informações históricas. Na explanação temos de indagar seu sentido espiritual.

**13 Depois, subiu ao monte.** Quem está seguindo o desenvolvimento histórico, pode muito bem traduzir: “para as montanhas, a região montanhosa”. É que um monte isolado não existe ali, porém as margens norte e leste do lago são cercadas por um planalto desértico (cf. 5.5; 6.46). Para lá Jesus se dirigiu com seu séquito considerável. Se ele tivesse ido sozinho para o deserto, certamente isto seria mencionado (cf. 4.10,34,36; 6.31s; 9.28,33). Marcos diferencia com exatidão nesta questão.

Ao mesmo tempo, temos razões de tomar a expressão “ao monte” por seu valor ideal. Também em 6.46 e 9.2,9 Marcos fala em termos abstratos do “monte” que Jesus sobe. Nestas ocasiões a geografia claramente desvanece e exemplos do AT aparecem. Ali, 19 vezes subir a montanha equívale a



aproximar-se de Deus e a Deus encontrar-se com seus servos (Stock, p 9). Nestas passagens a relação é com a revelação do Sinai e a formação do povo de Israel: Êx 19.3,12,13; 24.1s,12,18; 34.2,4; Dt 5.5; 9.9; 10.1,3. Não há muito como negar as ligações entre aqueles textos e o nosso (Schmauch, p 80ss), que ainda aumentarão.

**E chamou os que ele mesmo quis.** Em oito ocasiões entre nove, Jesus é quem chama (3.13,23; 6.7; 7.14; 8.1,34; 10.42; 12.43). Em cada vez ele é totalmente Senhor, e os que ele chama estão a seu serviço. Sua vontade soberana é sublinhada aqui ainda mais por “ele *mesmo* quis”. Lembramos de Jo 15.16: Não fostes vós que me esconhestes a mim; pelo contrário, eu vos escolhi a vós outros”. Já em relação a 1.16-20 ouvimos que os rabinos daquela época conseguiam alunos quando jovens tomavam a decisão de matricular-se com eles. Em 5.19 Jesus recusa uma solicitação como esta. Ele chama a si os que ele quer. Seu chamado vem da última instância, a divina (cf. 1.40s). Deus quer porque quer. Ele é bondoso com quem ele quer ser bondoso. Isto nos leva de novo à revelação de Deus na época de Moisés (Êx 33.19). Com isto não queremos perder de vista o mundo de amor que há nesta escolha soberana. Certamente se trata de um amor que toma posse, mas um amor tão autêntico que não reprograma o jovem rico em 10.21s à força, antes este pode recusar-se-lhe e ele o deixa ir embora.

**E vieram para junto dele.** Não mecanicamente, como marionetes, eles passaram para o lado dele, mas deram passos próprios na direção dele, preenchidos e iluminados por seu chamado. Todas as tensões soltaram-se. O sangue fluiu, a razão recobrou o juízo, a vontade pôde querer, e eles foram. Nunca tinham sido tão plenamente humanos, agora que Deus lhes gra plenamente Deus.

- 14 Então, designou doze.** Nós sabemos o que é ser nomeado ministro ou porteiro. Assim também na Bíblia alguém é “constituído” sacerdote (1Rs 12.31), carregador ou capataz (2Cr 2.18). Lucas usa palavras mais escolhidas em seu texto paralelo: chamar, escolher. Em nosso título falamos de “instituir”. A Bíblia fala em “fazer”, a mesma linguagem da criação, como em 1Sm 12.6; Mc 1.17; At 2.36; Hb 3.2; Ap 1.6; 3.12; 5.10 e expressamente Is 43.1; 44.2 com relação ao povo de Israel. Assim como Deus “fez” o céu e a terra no princípio, seu poder quer agir mais uma vez de modo criativo no fim dos tempos. Este é o contexto aqui.

Portanto, Jesus conta até **doze** e então basta. No exato momento em que um número tão grande de adeptos estava à sua disposição (v. 7s), ele limita. Como isto combina com o desejo universal de Deus de salvar? A Bíblia não começa com a criação do universo e não objetiva um novo céu e uma nova terra? Não temos um Deus que quer o todo e aposta tudo? Sim, mas quando há bloqueios como aqui (3.6), Deus anda caminhos estreitos de tirar o fôlego, na verdade caminhos novos para todos, desde Gn 12.1 até Mc 1.11. Por trás dos doze, nos quais ele quer se concentrar de maneira especial a partir de agora, estão os 120 de At 1.15, os 3.000 de At 2.41 e os 5.000 de At 4.4, a multidão, para nós incontável, dos 144.000 de Ap 7.4,9 e, por fim, os povos abençoados na nova terra de Ap 21.3,26. Os doze, portanto, são o cerne de um Israel restaurado e de uma raça humana renovada. Por isso, este estreitamento não significa exclusão, nem por um segundo.

A relação do grupo dos doze com Israel, o povo das doze tribos, era tão evidente e óbvia, que Marcos menciona os doze em seu livro dez vezes sem qualquer explicação. Mateus e Lucas têm uma palavra específica sobre isto (Mt 19.28; Lc 22.29s). É verdade que o Israel atual diminuía para duas tribos. Do paradeiro das demais dez tribos não se sabia nada (Bill. IV, 906). Quem falava de doze tribos, referia-se ou ao passado ou ao futuro. Palavras proféticas antigas como Is 11.11,16; 27.12s; 35.10; 49.22; 60.4,9; 66.20 alimentavam a esperança da restauração nos últimos dias, e nas sinagogas o povo não se cansava de implorar diariamente pelo cumprimento, por um Israel completo, sem lacunas, como milagre de Deus. Ao criar manifestamente os doze e levá-los consigo como os novos patriarcas para todo lugar, Jesus apresentou seu programa em uma lição objetiva profética: a resposta às orações raiou, todo o Israel será restaurado, e Jesus é o centro da restauração. Pois onde se lançam alicerces, pode-se contar com a construção. O “como” não é tratado aqui. Em outras passagens, o NT ensina o mistério de um Israel que vem de todos os povos, por meio do evangelho. Os pagãos, na medida em que crêem, são “circuncidados” (Rm 2.29; Cl 2.11) e “incorporados” em Israel (Ef 3.6) ou “enxertados” (Rm 11.17). “E, assim, todo o Israel será salvo” (Rm 11.26).

Sob a forma de duas frases com “para quê” segue a finalidade dupla da vocação dos doze. A opr 2 propôs que se vissem estes dois “para quê” contra o fundo das frases “a fim de não” e “que não” dos v. 9 e 12. A primeira finalidade é material importante exclusivo de Marcos: **para estarem com ele**. Enquanto Jesus estabelece uma distância entre ele e a aglomeração sedenta de milagres dos v. 9s, temos aqui os escolhidos cuja proximidade ele deseja. Este estar-com-ele ultrapassa o vínculo

espiritual com Jesus e significa participação concreta no grupo itinerante (cf. 5.18; 14.67) ou na grande família de Jesus (cf. 3.34). Eles serão seus discípulos não só pela instrução intelectual, mas também pela convivência.

Contudo, seria um equívoco falar de uma vida comunitária com Jesus. Os nomes dados nos v. 16s indicam isto. Mudar o nome, reprogramando o sentido da vida, não é um ato comunitário, mas o uso do direito paterno e divino (ThHWAT II, 962). Isto nos coloca nos trilhos. Jesus é “Deus conosco” (Mt 1.23) e a comunhão com ele é comunhão com Deus Pai. Realiza-se um pedaço do paraíso escatológico de Ap 21.3: “Eis o tabernáculo de Deus com os homens. Deus habitará com eles. Eles serão povos de Deus, e Deus mesmo estará com eles.” Esta inundação futura de reconciliação e afirmação já é saboreada e vista em volta de Jesus. Ele próprio goza de comunhão paradisíaca (1.13), razão pela qual pode transmiti-la.

Mas este estar-com-ele não está ligado somente à idéia do paraíso, mas também do testemunho. Quem quer ser testemunha, precisa ter estado lá. Por esta razão Jo 15.27 argumenta: “Vós também testemunhareis, porque estais comigo desde o princípio”. O acompanhamento contínuo de Jesus os faria conhecer a sua identidade, para poder testemunhá-la depois de modo válido. E agora importa tomar conhecimento do interesse teológico na paixão do nosso parágrafo (opr 2). Jesus está agindo como condenado à morte, tendo em vista que sua identidade deve ser revelada acima de tudo em seu sofrimento (15.39). Por isso os doze devem acompanhá-lo especialmente no sofrimento (14.33,37), por mais que fracassem no meio dele. Não é em vão que nosso trecho encerra visualizando a traição de Jesus (v. 19).

Assim, a vocação principal dos doze consistiu em expor-se como testemunhas originais autorizadas a Jesus e sua salvação, deixar Jesus ser Jesus. Paulo desenvolveu mais tarde este estar-com-ele em toda uma seqüência de verbos seguidos de “com”: sofrer com ele, ser crucificado com ele, morrer com ele, ser sepultado com ele, ressuscitar com ele, viver com ele, ser moldado com ele, reinar com ele, ser glorificado com ele.

Infelizmente mais tarde, e até hoje, no quadro dos apóstolos este elemento primeiro e básico retrocedeu, sobrando todo o peso sobre o seu envio, seu serviço de pregação. Este segundo elemento também tem seu lugar, mesmo que a princípio só como declaração de objetivo. O estar-com-ele não desemboca em um idílio particular. Forçosamente a função de acompanhar resulta na de testemunhar, o ser chamado no ser enviado: **para os enviar a pregar**. Em contraste com os espíritos de 3.12, que Jesus silenciou, estes homens são por ele ordenados (instituídos) para o ministério da proclamação. Como, porém, sua pregação pressupunha a experiência da identidade dele exatamente no sofrimento, seu ministério pleno só começou depois da Sexta-feira da Paixão e da Páscoa (sobre o envio limitado no tempo e no espaço, cf. 6.7). O conteúdo da sua pregação (*keryssein*) não precisa ser detalhado aqui, já que os doze são um elo da corrente de proclamação que vai de João Batista (1.4,7), passando por Jesus (1.14,38,39) e por eles até toda a igreja (13.10; 14.9). A boa nova é sempre a mesma: o reinado de Deus vem, convertam-se! (1.4,14s; 6.12).

- 15** Se o ministério deles é um prolongamento da atuação de Jesus, eles atrairão também a mesma luta sobre si. Para tanto precisam ser equipados: **e a exercer a autoridade de expelir demônios**. Neste contexto, Marcos não diz nada sobre curar. Aventamos sua intenção principal nas opr 3 e 4 a 1.21-28. Ele coloca no centro que a boa nova precisa ser ladeada pela palavra de luta, já que o reinado de Deus que se aproxima em nosso mundo também chama sempre as forças destrutivas à cena. De acordo com o parágrafo seguinte, a vinda de Deus equivale à ocupação de uma casa com a expulsão dos donos antigos, que não se conformam com isto. De modo que os discípulos estão envolvidos em luta renhida que, porém, podem enfrentar a partir da esfera de influência e poder de Jesus (cf. 6.7).
- 16** **Eis os doze que designou.** O artigo definido aponta de volta para o começo do v. 14. Marcos volta para lá, não para mostrar, como lá, *o que* os membros do grupo de doze são, mas *quem* eles são. Dados pessoais são importantes para testemunhas. Sobre os “sinais de envelhecimento” da lista, cf. opr 1.

**Simão, a quem acrescentou o nome de Pedro.** Trata-se aqui somente de um segundo nome, não de uma mudança de nome, e o Senhor continuou chamando este discípulo de Simão (p ex 14.37). Um segundo nome era comum no judaísmo, até indispensável devido à difusão ampla de nomes da moda. Em cada povoado havia vários meninos que atendiam a nomes como Simão, Tiago ou Judas – nomes de uma família famosa de combatentes pela liberdade do século II a.C. Só o NT já conhece dez pessoas diferentes com o nome Simão: o leproso, o zelote, o mago, de Cirene, filho de João etc.

Detalhes os mais diversos serviam à identificação. De fato, também aqueles dos doze que na lista têm um xará recebem um segundo nome.

Com esta explicação externa, porém, não chegamos à intenção da lista. Pedro já tinha um segundo nome, “filho de João”, que Jesus usa em Jo 21.15ss. Se Jesus mesmo assim lhe agregou o nome “Pedro” (em aramaico Cefas, p ex 1Co 15.5; em português “rocha”, Mt 16.18), estava abençoando-o com um programa de vida novo, divino (cf. v. 14). Não se trata de um apelido, que usa uma observação psicológica. Pela psiquê, Simão era antes um homem de areia que uma rocha. O Senhor, porém, declarou este que foi o primeiro discípulo a ser chamado como a primeira pedra de uma construção que Deus faria. Abraão também pôde ser chamado de “rocha” (Is 51.1).

Da mesma forma os dois filhos de Zebedeu são identificados por sua natureza ao receberem o segundo nome “filhos do trovão” (segundo o sentido semita de “filho”: “trovões”). Antes, deve-se pensar na tarefa pública para a qual foram escolhidos. Foi-lhes previsto um testemunho poderoso, eles seriam “vozes de Deus” (com Schlatter, Schweizer). Tempestades, em algumas ocasiões, servem de figura da voz de Deus (Êx 20.18; Jó 37.2ss; Jo 12.29; Ap 4.5).

**17-19 Tiago, filho de Zebedeu, e João, seu irmão, aos quais deu o nome de Boanerges, que quer dizer: filhos do trovão; André, Filipe, Bartolomeu, Mateus, Tomé, Tiago, filho de Alfeu, Tadeu, Simão, o Zelote, e Judas Iscariotes, que foi quem o traiu.** Como Jesus aproximou os que chamou a si também uns dos outros, podemos contemplar a formação do grupo. Este chamado reuniu homens muito diversos. Ao lado de portadores de nomes judaicos conservadores encontramos portadores de nomes gregos modernos. Na pessoa de Judas, um homem da Judéia é acrescentado aos galileus (cf. 1.14). Mateus, João e Tiago eram considerados abastados, mas os outros discípulos foram desprezados mais tarde por causa da sua condição social inferior. O contraste mais extremo, todavia, era entre os cobradores de impostos (Mateus!), que zombavam de todos os sentimentos de povo e moral, e os zelotes patriotas (Simão o cananeu, ou zelote; cf. opr 3 a 12.13-17). Criar um grupo como este era um risco incrível. Mas em Cristo não há nem galileu nem judeiano, nem conservador nem progressista, nem pescador nem cobrador nem zelote. Foi feito algo novo!

Por fim, Jesus chamou também aquele que lhe preparou o sofrimento mais profundo, **Judas Iscariotes, que foi quem o traiu.** Por menos prolixa que seja esta descrição, mais indelével ela é (cf. 1.14). De 22 menções deste homem, em 20 ele é indicado de modo mais ou menos direto como “aquele que o entregou”. O que uma cicatriz grande e vermelha faz com um rosto, este ato fez com Judas. Judas o traidor e o Filho do homem traído – este é o mistério da maldade e o mistério do amor neste grupo básico dos seguidores.

E. Hirsch atribuiu ao “que” um significado especial. A pequena frase apostá serviria para reafirmar o que o cognome “Iscariotes” já dizia. Iscariotes, com base no hebr, significaria “falso” ou “traidor”. Wellhausen viu no termo o latim *sicarius*, adaga. Como os zelotes, Judas fora um fanático, terrorista. A frase, porém, é uma sentença subordinada simples. A melhor explicação para Iscariotes ainda é Jo 6.71: “Judas, filho de Simão Iscariotes”. Ali, Judas provinha de Hazor em Judá, que nos tempos antigos se chamava Queriot (Js 15.25; Bill. I, 537). Iscariotes, então, teria o sentido hebr de “homem de Queriot”.

Uma visão geral do papel dos doze no livro como um todo encontramos em qí 8f. Para seu papel como modelos, 8g.

### 3. A rejeição de Jesus por seus parentes, 3.20,21

**Então, ele foi para casa<sup>a</sup>. Não obstante, a multidão afluía de novo, de tal modo que nem podiam<sup>b</sup> comer<sup>c</sup>.**

**E, quando os parentes<sup>d</sup> de Jesus ouviram isto, saíram para o prender; porque diziam<sup>e</sup>. Está fora de si<sup>f</sup>.**

*Em relação à tradução*

<sup>a</sup> Para esta tradução de *eis oikon* em vez de “para uma casa”, cf. WB 1109 e 2.1 nota a.

<sup>b</sup> Não é a multidão que se vê forçada a não comer mas, conforme 6.31, Jesus e os seus discípulos.

<sup>c</sup> Na linguagem semita, “comer pão” pode incluir alimentos de qualquer tipo (p ex Gn 3.19) e se refere simplesmente a uma refeição.

<sup>d</sup> Lit “os seus” (RC), referindo-se a enviados, séquito, empregados, moradores na mesma casa, mas também os familiares mais próximos. O v. 31 facilita pensar na mãe e nos irmãos de Jesus.

<sup>e</sup> A tradução, possível, “dizia-se”, faria parte das tentativas de tirar a responsabilidade de Maria e dos irmãos de Jesus. Alguns copistas não quiseram admitir tal descrença da parte deles e acrescentaram: “Os professores da lei saíram para prendê-lo. Eles diziam...” Ou evita-se o acréscimo dos escribas, mas os parentes só dizem: “Ele fugiu de nós” ou: “Somos aparentados com ele”.

<sup>f</sup> O sentido básico de *exhistamai* é uma mudança de local: alguém é tirado de si mesmo, da estrutura da sua personalidade, e posto para fora, ele sai de si, perde o controle. Quando isto é feito pelo Espírito de Deus, traduzimos que alguém caiu em êxtase ou foi arrebatado, mas isto não se aplica a Jesus. Ou se trata do resultado de um susto. Isto inclui o sentido mais leve: fulano ficou perplexo (cf. 2.12; 3.21; 5.42; 6.51), mas que aqui também não faz sentido. Os tradutores preferem a versão literal: “Ele está fora de si”. Mas, o que significa isto hoje em dia? Na interpretação definiremos melhor o termo (cf. também opr 3).

### *Observações preliminares*

1. *Encadeamento*. Colocamos os v. 20,21 debaixo de um subtítulo por razões práticas, apesar de ser evidente que servem de introdução aos v. 31-35. Aqui os parentes partem de Nazaré, lá chegam a ele em Cafarnaum. Aqui eles tomam o propósito de reintegrá-lo à família, lá querem integrá-lo. Mas por que Marcos insere os v. 22-30? Evidentemente este encadeamento é um recurso bem pensado por ele. Da mesma maneira ele insere na história da ressurreição da filha de Jairo a cura da mulher com hemorragia (5.21-43). Ele poderia tê-la contado à parte ou deixado de fora. O relato da morte de João Batista está igualmente no meio de um parágrafo sobre Jesus e seus apóstolos (6.6b-32). A história da figueira é interrompida pela purificação do templo (11.12-24), a cooptação de Judas como traidor pela unção em Betânia (14.1-11) e, por fim, a negação por Pedro pelo relato do interrogatório (14.53-72). Na maioria destes exemplos a comparação com os outros evangelhos prova que a narrativa podia ser feita diferente. Portanto, com esta disposição do material, Marcos tem um objetivo em vista, lançando uma luz especial com a inserção sobre a história interrompida. No caso presente, o fracasso dos parentes poderia passar como limitação pequeno-burguesa lamentável mas desculpável. Esta é a explicação psicológica de Dehn (p 83) para a “incapacidade do raciocínio pequeno-burguês” e de Joh. Weiss para a “limitação benevolente” das pessoas. Isto pode ser um achado, mas não está em vista aqui. Pois, ao colocar em paralelo o juízo dos parentes (v. 21: “Porque diziam: Está fora de si”) com o dos professores da lei (v. 30: “Porque diziam: Está possesso de um espírito imundo”), ele adverte ingênuos e bem-intencionados de resvalar para o pecado imperdoável (v. 29). Os parentes, na sua maneira de ver, não se colocavam contra Jesus, só queriam o melhor para ele. Mas ao se colocar contra a nova comunidade e pretender encerrar sua atividade, eles ficaram em um contexto assustador.

2. *Contexto*. A polêmica em torno da pergunta sobre quem é Jesus, que acompanhamos desde 3.7, prossegue nos juízos dos parentes e professores da lei. A rejeição dele forma novos círculos e se aprofunda. Surgem indicações da Paixão. O fato de que o tema do novo povo de Deus é antecipado tem um sentido profundo.

3. *Sobre o juízo dos parentes no v. 21*. Alguns intérpretes pensam que os parentes de Jesus o consideraram possesso, de modo que o v. 21b diz a mesma coisa que os v. 30 ou 22 (Baumbach, p 32s; Haenchen, p 140). Mas esta equiparação dificilmente procede. O que une a família aos professores da lei é a incredulidade, não a inimizade. Eles queriam salvá-lo, não matá-lo. Outros intérpretes entendem o v. 21 como um diagnóstico de doença mental ou loucura. No entendimento judaico, estas também podiam ser causadas por demônios – de acordo com Bill. IV, 523.25, os judeus conheciam um “espírito da loucura” – mas seria uma possessão de grau menor. Nesta interpretação, Jesus seria levado como um paciente e isolado. Mas isto não combina com o quadro testificado da manifestação de Jesus. Ele não se apresentava como um extático ou enlouquecido; cf. a descrição da loucura em 1Sm 21.14ss. Stauffer oferece uma variação desta interpretação (p 69). Na verdade a família não se importava com a saúde de Jesus, mas observava a tensão política entre ele e Jerusalém e viam com preocupação que ele não se impunha reservas nem neste estágio, antes cambaleava como um cego para os braços dos seus inimigos. “Aí sua mãe tem a idéia desesperada de declarar Jesus inimputável, para assim salvar a ele bem como todos os seus parentes e amigos.” Neste caso o v. 21 significa: eles começaram a circular esta versão. Mas isto nos parece ser bastante fantasioso. A interpretação tenta mostrar o que o próprio contexto nos indica.

- 20 **Então, ele foi para casa**, mas não para Nazaré, e sim para o novo lar (em Cafarnaum?) que encontrara com seus discípulos. **Não obstante, a multidão afluía de novo**, como p ex em 2.2. De acordo com o v. 34, ela ocupa todos os cantos, porém diferentemente de 2.2, desta vez não se destaca a falta de espaço, mas de tempo: **de tal modo que nem podiam comer**. Ele foi exigido totalmente, e ele os serviu sem poupar-se.
- 21 O grupo dos que “estão com ele” (v. 14) fica agora em contraste gritante com o grupo dos “seus” (cf. v. 21n), a família nova e a antiga. A família nova veio a ele em virtude do seu chamado, a antiga vem sem ser chamada, por iniciativa própria. **Saíram para o prender**. Assim reluz uma palavra-

chave da Paixão (12.12; 14.1,44,46,49,51). Sem querer e sem saber, eles são um instrumento das trevas. Um adendo típico de Marcos (cf. v. 10) explica sua intenção: **Porque diziam: Está fora de si.**

O verbo *exhistamai*, que aqui não pode ter simplesmente seu sentido comum (cf. nota sobre tradução), é difícil de definir nestas circunstâncias. Mateus e Lucas não ajudam, porque deixaram de fora este pequeno trecho da tradição. Esclarecedor, porém, é o paralelo detalhado em At 26.24. O rei Agripa fica sob o poder espiritual do discurso de Paulo a ponto de a fé germinar nele, e ele está na iminência de tornar-se cristão. O procurador Festo só consegue evitá-lo rasgando o ar com uma exclamação veemente. No grego ele só diz uma palavra, além do vocativo: “Deliras!” A palavra usada, *mainomai*, na literatura muitas vezes tem o mesmo sentido de *exhistamai*. O que ela significa no contexto? Será que Festo afirmava que Paulo estava em êxtase? Mas Paulo não espumava pela boca nem tinha o olhar distante dos fanáticos. Sem ser rebatido, ele pode responder que está consciente, dizendo “palavras de bom senso”. Será que Festo queria declará-lo débil mental? Isto também é duvidoso, pois na seqüência ele lhe atesta uma erudição impressionante. Acompanhando os tradutores, podemos descrever este “delirar” como “estás louco, maluco, doido varrido”, desde que estas expressões fiquem claramente limitadas ao campo da religião. O que Paulo dizia era, para o rei e seu ambiente depravado, espiritualmente tão diferente e, especialmente, tão *transformador* – mundos da fé avançavam sobre mundos do pecado – que a única maneira de a desobediência se manter era qualificando esta diferença angustiante negativamente como excesso religioso, como desvio. Em português temos para isto o termo técnico “fanatismo”. Os fanáticos têm, no campo religioso, alguns fusíveis queimados, de modo que palavra e vida começam a cambalear.

Voltemos ao texto de Marcos. A expressão questionada, pelo contexto, também se refere à atividade da pregação. De acordo com os v. 34s, Jesus ensinava naquela casa absolutamente a vontade do Deus próximo, independente de tradições rabínicas (1.21). Ele alegava ser um portador inigualado de revelação, e exigia obediência incondicional. Seus parentes, porém, permanecem conformes à Nazaré incrédula (6.6), ao Israel antigo e suas autoridades. “Pois nem mesmo os seus irmãos criam nele”, lemos em Jo 7.5. Eles podiam ter feito eco à família de José: “Reinarás, com efeito, sobre nós? Viremos a inclinar-nos perante ti em terra?” (Gn 37.8,10; cf. Zc 13.3-6; Sabedoria 5.1-5). A família antiga de Jesus não queria tornar-se família nova. Para isto fizeram uso do mesmo mecanismo que Festo no livro de Atos: “Fanático!” Ao mesmo tempo enceta um esforço conjunto de reconduzir o fugitivo a usos e costumes, tradição e ortodoxia. Imperiosa, ela levanta mais uma vez as antigas autoridades.

#### **4. A transformação em diabo pelos professores da lei e a advertência de Jesus, 3.22-30**

(Mt 12.22-32; 9.34; Lc 11.14-22; 12.10)

**Os escribas, que haviam descido de Jerusalém, diziam: Ele está possesso de Belzebu<sup>a</sup>. E: É pelo maioral dos demônios que expelle os demônios.**

**Então, convocando-os Jesus, lhes disse, por meio de parábolas: Como pode Satanás expelir a Satanás?**

<sup>24</sup> **Se um reino estiver dividido contra si mesmo, tal reino não pode subsistir;**

<sup>25</sup> **se uma casa estiver dividida contra si mesma, tal casa não poderá subsistir.**

<sup>26</sup> **Se, pois, Satanás se levantou contra si mesmo e está dividido, não pode subsistir, mas perece.**

**Ninguém pode entrar na casa do valente para roubar-lhe os bens, sem primeiro amarrá-lo; e só então lhe saqueará a casa.**

**Em verdade<sup>b</sup> vos digo que tudo será<sup>c</sup> perdoado aos filhos dos homens: os pecados e as blasfêmias que proferirem.**

**Mas aquele que blasfemar contra o Espírito Santo não tem perdão para sempre<sup>d</sup>, visto que é réu de pecado eterno<sup>e</sup>.**

<sup>30</sup> **Isto, porque diziam: Está possesso de um espírito imundo.**

*Em relação à tradução*



<sup>a</sup> Na superstição é fácil aparecerem e desaparecerem expressões especiais. “Belzebu” faltava nos escritos judaicos mais antigos, e é evidente que os copistas tentaram adivinhar o que é esta palavra pagã obscura, transmitindo-a sob três formas diferentes. O sentido mais provável é “dono da casa”, cf. v. 27. Em todo caso a primeira sílaba tem a ver com “Baal” – senhor, de modo que há uma diferença de grau com os demônios comuns. No NT Belzebu sempre aparece como nome próprio de Satanás (Mt 10.25; 12.24,27; Mc 3.22; Lc 11.15,18,19).

<sup>b</sup> O termo hebr “amém” tem, no AT e no culto judaico, claramente caráter de resposta e serve para confirmar e assimilar o que foi dito: “Está confirmado e válido!” A passagem de Dt 27.15-20, com seus doze améns, serve de ilustração eloquente. Exceto em duas passagens discutidas da literatura da época, porém, o amém inicial só se encontra na boca de Jesus, e logo 59 vezes (em Mc treze: 3.28; 8.12; 9.1,41; 10.15,29; 11.23; 12.43; 13.30; 14.9,18,25,30). Por isso a teoria de J. Jeremias é ponderável (por último: Theologie, p 43s), que aqui nos foi conservada uma marca típica da linguagem do próprio Jesus. Na verdade este amém inicial em Jesus também pode ser entendido como um tipo de resposta. O que ele acabara de receber colmo inspiração em seu interior, ele confirma com um amém em voz alta. Desta maneira ele reivindica dizer o que segue como recebedor da revelação (cf. Riesner, p 378).

<sup>c</sup> Este tempo futuro, “será perdoado”, deve ser traduzido, de acordo com Jeremias, Theologie, p 149, de modo virtual, acompanhando o aramaico, de modo que temos uma possibilidade, não um anúncio geral. Lembrando de 2.10, também poderíamos pensar no perdão “na terra” (Mt 12.32: “neste mundo”) e não só no juízo final.

<sup>d</sup> *aion* designa, não em todas, mas em muitas passagens o tempo sem fim. Aqui a seqüência favorece esta hipótese (o adjetivo adoniso tem no NT sempre o sentido de “eterno”). Em Sl 9.19; 103,9 na LXX a mesma expressão está em paralelo com “para sempre”.

<sup>e</sup> *hamartema* também pode ter o sentido de “castigo pelo pecado” (Stählin, ThWNT I, 296,5).

### Observações preliminares

1. *Contexto.* A frase final, no v. 30, reconduz claramente à frase inicial no v. 22, dando à inserção uma impressão fechada e bem temática. Ao lado da rejeição pelos parentes nos v. 20,21 é colocada de modo significativo a rejeição pelos professores da lei de Jerusalém (cf. opr 1 a 3.20,21). Trata-se de fato de uma inserção redacional, não de uma continuação simples da narrativa depois que os parentes saíram. É só olhar com atenção para enxergar isto. A difamação de Jesus pelos escribas, sua convocação por Jesus e a resposta dele não podem ter-se dado na mesma casa em que Jesus estava sentado com seus parentes. A informação do v. 22 também não se refere a um caso isolado, mas à agitação repetida e continuada do pessoal de Jerusalém entre o povo. Já antes da chegada da família de Jesus eles tinham envenenado a atmosfera. Por último, em Marcos nada indica que os professores da lei tivessem lançado sua calúnia no rosto do Senhor e que tivesse havido um debate direto. A peça de inserção redacional, porém, preencheu exatamente aqui uma tarefa importante.

2. *Fontes judaicas da acusação contra Jesus.* A suspeita de que Jesus era feiticeiro penetrou também na literatura extrabíblica. Stauffer escreve (Jesus, p 19): “Por volta do ano 95, o rabino Elieser ben Hyrkanos fala em Lida das artes mágicas de Jesus. [...] Na mesma época (95-110) encontramos a fórmula de maldição: ‘Jesus enfeitiçou, iludiu e desviou Israel’...” A pena para feitiçaria em Israel era de apedrejamento seguido de enforcamento do cadáver. É verdade que Stauffer observa (p 69): “Os homens de Jerusalém não podem prender e eliminar sem a ajuda dos senhores do país, mas seu parecer incluía a ameaça de maldição ou pena de morte. A situação é suficientemente perigosa para Jesus, seus parentes e discípulos, para todos que quisessem permanecer-lhe fiéis.” Os adeptos de um feiticeiro estavam sujeitos ao mesmo destino que ele (Mt 10.25). Bill. I, 631 ainda transcreve este trecho do Talmude: “Jesus foi enforcado no dia dos preparativos para a Páscoa, e um arauto andara à sua frente durante 40 dias (proclamando): Ele deve ser apedrejado porque exerceu a magia e seduziu e desviou Israel (cf. Jo 7.12). Quem tiver a dizer algo a seu favor, venha e o justifique! Mas não se achou justificativa para ele, de modo que foi enforcado no dia que antecede a Páscoa.” Stauffer suspeita que a acusação recorrente de feitiçaria e sedução proceda de uma fórmula oficial.

**22 Os escribas, que haviam descido de Jerusalém, diziam.** Acabamos de ouvir que os parentes de Jesus “diziam”, o que coincide com o que lemos sobre os professores da lei: “Diziam”. Certamente estes incrementam consideravelmente o juízo negativo dos parentes, mas mesmo assim origina-se um paralelo, naturalmente contra a vontade destes. Marcos o viu e aplicou a todos que não querem, por preocupação, medo ou reserva, expor-se a Jesus e seu movimento, dispor-se a ficar diferentes e novos. Eles não devem ser ingênuos, mas entender a reboque de quem eles ficaram.

É claro que este “havia descido” difere do “seguia-o de Jerusalém” dos v. 7,8. Estes homens não parecem ser necessitados e dispostos a ouvir. Estão ali a serviço, enviados pelo Conselho Superior (detalhes cf. 2.6). Sua missão consiste em impossibilitar a missão de Jesus. Por isso espalham um

boato devastador contra ele. O motivo que o desencadeou, segundo os relatos paralelos em Mt 12.23 e Lc 11.14, foi a admiração da multidão por Jesus.

De acordo com o v. 30, eles rotularam Jesus como possesso em termos gerais. Aqui esta afirmação é tornada específica de duas maneiras. Primeiro, dizem: **Ele está possesso de Belzebu**, de modo que, de acordo com Mt 10.25, ele podia ser xingado diretamente com este nome. Com isto ele é destacado abruptamente de outros casos de possessão. O possesso de 1.23 estava assentado na reunião da sinagoga sem ser incomodado. João Batista também foi considerado possesso, sem que os judeus tomassem providências contra ele (Mt 11.18). Jesus, porém, é difamado como dignitário satânico inigualado. **É pelo maioral dos demônios que expelle os demônios**. Assim distorcem tudo. A encarnação do Deus misericordioso, que visita e redime seu povo, torna-se a encarnação do maligno. Ele é identificado como um diabo que faz o bem, portanto, um diabo especialmente diabólico, de quem é preciso ter um cuidado especial! Jesus veio ao nosso mundo de uma maneira que tornou esta distorção terrível possível, até hoje. Nós seres humanos podemos fazer com ele o que queremos e, com bastante facilidade, mentir sobre ele e amaldiçoá-lo. Nietzsche declarou que a mensagem de Jesus é a infâmia em pessoa e o mal fundamental do Ocidente. E quem de nós, que já não lutou com espírito e mente com Jesus, não conhece pelo menos momentaneamente um assomo de má vontade contra este Santo de Deus! Jesus está entre nós como auxiliador e libertador – em forma de maldição (Gl 3.13; cf. 1Co 4.13).

- 23** Este “**convocando-os**” já anuncia a “voz de comando” de quem realmente manda (cf. 3.13). Marcos, porém, nem deve ter os integrantes da comissão de Jerusalém especificamente em vista, como opositores de Jesus. Segundo os paralelos em Lc 11.14s, bem como Jo 7.20; 8.48,52; 10.20, seu veneno já penetrara no povo. Jesus respondeu a esta cegueira e endurecimento que se espalhava, falando **por meio de parábolas**. Assim realizou-se uma parte do julgamento e da separação entre povo e discípulos (cf. 4.11; 12.1).

Com duas comparações breves (v. 24,25) Jesus constrangeu seus ouvintes a pensar até o fim a suspeição maligna. Primeiro, uma frase demonstra o contra-senso: **Como pode Satanás expelir a Satanás?** Ele não acabaria consigo mesmo. Haenchen (p 146) vê aqui uma “fraqueza na argumentação”, e Schweizer (p 47) diz que a lógica da resposta “não é totalmente convincente”. Realmente, para confundir, Satanás poderia expulsar demônios e curar doentes, como grande imitador de Deus que é (cf. Êx 7.11; 8.3; 2Ts 2.9; Ap 13.13). Só aparentemente ele reprime o mal ou se finge de fraco, para ter uma vitória ainda mais espetacular a longo prazo. Neste caso, um exorcismo de forma alguma significaria a chegada do reinado de Deus (cf. Mt 12.28; Lc 11.20).

Mesmo assim, o revide de Jesus atinge os professores da lei bem especificamente. Dos v. 28-30 podemos concluir que Jesus olhou bem no fundo da consciência destes caluniadores. Quando dizem em 12.14: “Mestre, sabemos que és verdadeiro e, segundo a verdade, ensinas o caminho de Deus”, certamente seu tom é irônico, sem deixar de conter um sentimento genuíno. As palavras e ações dele eram típicos de Deus. A sensação de liberdade que cercava Jesus não era oculta para ninguém. Havia uma oposição autêntica ao mal e uma ruptura com o reino de Satanás. Se esta era a situação interior do judaísmo, o falatório de que ele fazia tudo isto por Satanás não faz nenhum sentido, só evidencia maldade.

- 24-26** Com uma resposta de três partes, construída com arte, a incoerência do boato é iluminada. As duas primeiras partes usam como figura um reino e um lar como estrutura de domínio grande e pequena: **Se um reino estiver dividido contra si mesmo, tal reino não pode subsistir; se uma casa estiver dividida contra si mesma, tal casa não poderá subsistir**. O reino de Satanás, portanto, é um sistema fechado – senão ele não subsistiria. A aparência pluralista é ilusória. No fundo – apesar de oposição ferrenha – está tudo debaixo do mesmo pano. “Têm estes um só pensamento”, conclui João sobre esta unidade de inspiração satânica e disciplinada, em Ap 17.13. Contra Jesus ela se revelou: Pilatos e Herodes se tornaram amigos (Lc 23.12), Herodes e Pilatos “com gentios e gente de Israel” (At 4.27) se uniram unânimes contra o Servo Santo de Deus. Isto faz sentido. Assim, por fim, lemos sem uso de figuras: **Se, pois, Satanás se levantou contra si mesmo e está dividido, não pode subsistir, mas perece**.

- 27** Se, porém, o poder de Satanás mesmo assim está balançando e se desequilibrando visivelmente, então um estranho e mais forte deve ter vindo de fora, pois **ninguém pode entrar na casa do valente para roubar-lhe os bens, sem primeiro amarrá-lo; e só então lhe saqueará a casa**. Estamos diante de uma auto-revelação velada de Jesus. Chegou o “mais poderoso” de 1.7s, aquele

que traz o Espírito (Lc 11.12 tem a mesma expressão). Com a manifestação de Jesus em palavra e ação tem início o dismantelamento das forças ocultas. Satanás não tem mais sossego. Os exorcismos são sinais específicos da sua perda de poder (cf. opr 3 e 4 a 1.21-28), que servem de degustação do futuro, cf. Ap 21.1: “E o mar já não existe”. Existir sem abismo, sem ameaça, sem demônios! Também o livro da Consolação de Israel trata do Servo de Deus que saqueia o valente (Is 42.24,25; 53:12; 61.1-3).

- 28 Com esta auto-revelação de Jesus chegamos a um ponto culminante. Jesus está falando sob forte inspiração (cf. nota b). Com uma afirmação que começa com “amém”, pela terceira vez no livro toma-se posição em relação ao perdão dos pecados. Em 1.4 os batizando no Jordão chegaram ao seu alcance, em 2.1-12 ele se tornou realidade em uma casa, agora ele é proclamado globalmente. É este Jesus debaixo de maldição quem traz a revelação do Deus próximo: **Em verdade vos digo que tudo será perdoado aos filhos dos homens. Tudo** ocupa aqui a posição inicial de ênfase e torna a frase uma das palavras mais grandiosas da Bíblia. Ela, no entanto, perde o seu brilho se o v. 29, que na prática contém um “não tudo”, não é lido junto, ficando aguada em pobreza reveladora: Deus perdoa de qualquer jeito. Sendo amor eterno, ele nem pode diferente. É verdade que as religiões pagãs da Antigüidade e também a Idade Média cristã o retrataram como irado e vingativo, de modo que as pessoas da época lamentavam profundamente suas transgressões, se preocupavam e se flagelavam. Nos novos tempos, porém, os horizontes finalmente se aclararam e Deus foi reconhecido como Pai amoroso. A gente só precisa dizer-lhe as bobagens que fez, e ele, por sua vez, reconhece ter sido um pouco severo demais. Assim, todos vamos para o céu. Dizem que Jesus foi um ensinador muito à frente da sua época, apesar de se expressar em termos um pouco mitológicos. Para crianças e ingênuos hoje em dia este também é o nível apropriado, no mais pode-se dizer a mesma coisa também sem Jesus, de modo bem claro. Antes de respondermos, indaguemos pelo contexto. Lucas insere a palavra num discurso sobre confessar a Cristo sem medo (12.10). Em Mateus a continuação é diversa de Marcos. No evangelho de Tomé (44) ela está no meio de outras afirmações sem relação entre si. Outro uso ainda faz o Didaquê (11.7, veja abaixo). Marcos, por sua vez, parece preservar o contexto original. No v. 30 ele estabelece mais uma vez expressamente a relação com as insinuações sobre Jesus por parte dos professores da lei. Nisto pode estar a primeira proteção contra uma interpretação errada:

A palavra grandiosa de perdão pressupõe, em primeiro lugar, a presença do portador do Espírito (cf. v. 27). O Espírito Santo, que agia no Israel antigo e ainda nos últimos profetas, mas depois silenciara durante séculos (cf. 1.10), retornara na pessoa de Jesus de Nazaré. Se, porém, o tempo do Espírito chegou, então é tempo de graça. Deus risca a culpa de Israel, e também dos outros povos, e tudo pode ser perdoado. Nisto o perdão não é uma verdade atemporal, uma dedução possível de um conceito filosófico de Deus, mas a intervenção do próprio Deus em nossa história de pecado.

Em segundo lugar, nosso contexto pressupõe que “o valente foi amarrado” (v. 27). Sem que ele seja expulso e sua casa ocupada por Deus em Jesus Cristo, nem uma consciência sequer pode ser curada. O culpado pode elaborar quantos raciocínios limpos e justos quiser, tomar propósitos os mais radicais – neste próprio pensar e querer ele já não é livre. Só podemos *fingir* que somos livres. Livres de verdade só ficamos pelo libertador, o “mais forte”.

Nosso contexto pressupõe, em terceiro lugar, que Jesus assumiu de modo crescente a figura maldita do Servo Sofredor de Deus, fraco a ponto de ofender, indizivelmente mal-entendido, passivo de modo repugnante. Mais adiante ele não apóia o esforço desesperado dos seus discípulos nem um milímetro (14.47), pelo contrário, estende as suas mãos para ser algemado. Ele não desce da cruz para que creiam nele (15.32). Ele evita aparecer de modo convincente e não intimida ninguém. Ele morre por nossos pecados, conforme a Escritura. Para tudo isto, naturalmente, nosso texto só fornece sinais suaves. Mas um pianíssimo também pode ser poderoso.

Sob estes pressupostos, portanto, ouvimos que Deus agora quer perdoar tudo, **os pecados** que as pessoas cometem umas contra as outras, mas também **as blasfêmias que proferirem** contra a honra e o poder de Deus. Não devemos deixar nada de fora. O monte mais alto da maldade é sobrepujado pelo cume da graça (Rm 5.20b). Pelo sofrimento de Cristo, o mundo, sem colaborar e sem querer, teve empurrado para debaixo dos pés o chão firme da reconciliação (cf. 2Co 5.19). Todo aquele que, então e agora, recebe seu chamado, é candidato a maravilhosas novidades da parte de Deus.

- 29 Segue-se um “mas” que deve ser muito bem entendido: **Mas aquele que blasfemar contra o Espírito Santo não tem perdão para sempre.** No judaísmo fazia-se diferença entre três tipos de

pecados: aqueles que podiam ser perdoados neste mundo através de um sacrifício, outros que só eram purificados no mundo futuro pelo fogo do inferno ou um gesto especial da graça de Deus e, por fim, pecados imperdoáveis como assassinato, imoralidade e blasfêmia contra a lei de Deus (Bill. I, 636). O terceiro ponto mostra que os professores da lei tinham a posição mais dura possível quanto à blasfêmia. Por isso permeavam seus discursos preventivamente com o seu contrário, com doxologias. Assim acreditavam ter colocado uma distância suficiente entre si e o pecado imperdoável. Mesmo assim, estes homens são aqui advertidos contra o próprio. Como entender isto?

Espírito Santo – este é o próprio Deus que se voltou para nós, aproximou-se e perdoa, é o reinado de Deus em ação (compare 1.8 com 1.15). Abre-se para nós um campo de visão e de poder totalmente novo. O Espírito Santo carrega Deus e Cristo para o meio da nossa existência, penetra em nosso espírito, consciência e mente como um dedo pontiagudo (Lc 11.20), cria uma possibilidade real de querer e fazer a vontade de Deus (v. 35; cf. Fp 2.13). Depois de toda teoria e anseio, toda abstração do além e toda hipocrisia do aquém, o Espírito Santo está presente como aquele que torna tudo realidade. Exatamente esta situação pode tornar uma pessoa impura. Em um momento em que poderia crer, na verdade *só* crer, ela faz o impossível e não crê, antes torna-se um agitador anti-cristão. Estamos tratando expressamente de *palavras* blasfemas que “eles diziam” (v. 22,30). Neste ponto encontramos a advertência: **visto que é réu de pecado eterno**. Em 9.42 encontramos o mesmo contexto: “Quem fizer tropeçar a um destes pequeninos crentes, melhor lhe fora que se lhe pendurasse ao pescoço uma grande pedra de moinho, e fosse lançado no mar”.

Neste caso o perdão claramente não é desejado, mas combatido ativamente. O perdão, porém, precisa ser desejado. Graça que fosse lançada sobre nós como o reboco na parede não seria graça. Portanto, este versículo no fundo não restringe a exclamação antecedente, apenas a protege de ser esvaziada. O perdão seria vazio se fosse roubado do seu caráter gratuito e nos sobreviesse como com naturalidade tediosa, sem arrependimento, súplica, gratidão e vida na nova família de Deus. No Espírito Santo, portanto, a graça continua sendo graça. Por esta razão, este Espírito também é o hóspede mais importante que se pode imaginar. Ele não entra em nenhum aposento sem bater, e reage ao apelo mais imperceptível de anseio assim como ao endurecimento oculto do coração. Disto resultam as advertências do NT contra “entristecer” ou “apagar” (Ef 4.30; 1Ts 5.19) e, aqui, contra o caso extremo de “blasfemar” contra o Espírito. É surpreendente como a Bíblia anima à confiança no perdão dos pecados, sem incentivar que se peque. Nosso versículo está a serviço desta ressalva.

- 30 Uma frase final elucidativa arredonda o parágrafo, voltando ao v. 22: **Isto, porque diziam: Está possesso de um espírito imundo**. Esta acusação, portanto, acabou sendo um tributo involuntário dos rabinos ao poder de Jesus sobre os demônios. Jesus, por sua vez, não pagou mal com mal aos seus caluniadores. Ele não os chamou de demônios. É verdade que ele descobriu a condição deles e os advertiu mas, além da maldade sem sentido deles, acima de tudo ele trouxe à luz os fundamentos do povo de Deus renovado. Ele testemunhou o abalo decisivo do reino de Satanás pelo mais forte, a libertação dos presos, o perdão de todos os pecados e a era do Espírito Santo. Com isto, a proclamação da verdadeira família de Deus está preparada.

## 5. A proclamação da verdadeira família de Deus, 3.31-35

(Mt 12.46-50; Lc 8.19-21)

- 32 **Nisto, chegaram sua mãe e seus irmãos e, tendo ficado do lado de fora, mandaram chamá-lo.**  
**Muita gente<sup>a</sup> estava assentada ao redor dele e lhe disseram: Olha<sup>b</sup>, tua mãe, teus irmãos e irmãs estão lá fora à tua procura<sup>c</sup>.**  
**Então, ele lhes respondeu, dizendo: Quem é minha mãe e meus irmãos?**  
**E, correndo o olhar pelos que estavam assentados ao redor, disse: Eis minha mãe e meus irmãos.**  
**Portanto, qualquer que fizer a vontade de Deus, esse é meu irmão, irmã e mãe.**

*Em relação à tradução*

<sup>a</sup> *ochlos* denota “primeiro um grande número de pessoas que se movimentam desordenadamente ou estão paradas numa aglomeração densa” (Meyer, ThWB V, 582), o que não diz nada sobre sua quantidade. Aqui se pensa menos na multidão e mais nos discípulos. Em Mt 21.8,11 *ochlos* também se refere ao grupo de seguidores que acompanhou Jesus a partir da Galiléia, contraposto a “toda a cidade” do v. 10. Em At 1.15 o termo indica a comunidade anterior a Pentecostes.

<sup>b</sup> A tradução tenta mostrar os termos gregos diferentes aqui e no v. 34, o que Marcos evidentemente faz. No v. 32 está *idou*, que só pretende despertar a atenção, sem que se possa ver algo literalmente (ainda em 1.2; 4.3; 10.28,33). O *ide* que está no v. 34 tem mais força em Marcos. Ele contém praticamente uma ordem para olhar (ainda em 2.24; 3.34; 13.1,21; 15.4,35; 16.6).

<sup>c</sup> *zetein* significa, em termos gerais, procurar algo sem saber onde poderia estar. Aqui outra possibilidade é plausível: buscar ansiosamente encontrar algo de que se está separado, ou até: pedir algo, exigir.

### *Observação preliminar*

*Contexto e tema.* Depois que a ruptura entre Jesus e seus parentes ficou manifesta nos v. 20,21 e sua profundidade assustadora foi iluminada nos v. 22-30 (cf. *opr* 1 aos v. 20,21), do outro lado a nova família começa a tomar forma. Ao “do lado de fora” do v. 31, que é repetido com ênfase no v. 32, corresponde um “aqui dentro”. Dentro estão as pessoas “assentadas” na casa, repetido duas vezes. Além disto não se diz nenhuma outra coisa sobre o que eles fazem. *Lc 8.21* pelo menos menciona que eles “ouvem”, *Mt 12.49* que eles são discípulos. Em Marcos a descrição se concentra totalmente em que eles estão sentados. Eles estão posando, para a resposta da frase que Jesus provoca no v. 33: Quem forma sua família verdadeira? Schweizer, em Jesus (p 45), deixou de reconhecer esta descrição, simples como um desenho, ao concluir dogmaticamente: “Quem, afinal, pertence a esta nova comunidade? [...] Todos que acontecem estar sentados à volta dele. Ele nem mesmo pergunta se crêem ou não, se entraram por anseio sincero ou curiosidade, decididos ou por acaso. Todos são mãe e irmãos para ele.” Schweizer chega à sua interpretação também por deixar o v. 35 de fora. Ele o considera um acréscimo posterior da igreja. Todavia, será que assim ele não está quebrando a ponta da coisa toda?

Usamos aqui a palavra “família”, que vem do latim, apesar de faltar na concordância bíblica. Ainda no tempo de Lutero ela não era usual. A Bíblia e Lutero falavam da “casa”. Para o sentido deste termo “casa” *Mc 10.29* é esclarecedor, no qual é ampliado por uma descrição subsequente.

- 31 Nisto, chegaram sua mãe e seus irmãos.** Cinco vezes, em cada um dos versículos, aparece esta frase: “sua mãe e seus irmãos” (invertida no v. 35). Ela domina todo o trecho. Ainda em *At 1.14* Maria é notada com reverência, mas lá os parentes estavam “dentro”, aqui ainda “lá fora”. E lá, o fato de fazerem parte da igreja baseava-se em princípios espirituais. Para um califado, um reinado no oriente baseado em laços de sangue, não havia lugar entre os primeiros cristãos. Este tipo de prestígio é exatamente o que é condenado aqui. Pela segunda vez (veja v. 22) forma-se um paralelo entre os parentes físicos de Jesus e seus inimigos, que o empurraram para a morte, pois dos dois grupos diz-se que estavam “fora” enquanto Jesus estava na casa (cf. 3.6). Os fariseus deixaram sua proximidade e saíram, os parentes recusam aproximar-se e não entram. A separação física indica nas duas vezes uma separação espiritual (sobre “lá fora”, cf. 4.11).

**E, tendo ficado do lado de fora, mandaram chamá-lo.** Nada no texto dá a entender que o local estava lotado, como em 2.4, impedindo o acesso à família. Ela também nem queria aproximar-se para ficar com ele, mas para trazê-lo de volta a ela (cf. v. 20). O olhar se volta primeiro para o grupo de discípulos (cf. nota ao texto):

- 32 Muita gente estava assentada ao redor dele.** Diferentemente da posição de dignidade de 2.6, estes estavam agachados no chão, expressamente voltados para Jesus. Estar assentado “aos pés” é a posição de um discípulo, ansioso por aprender (*Bill. II*, 763s; cf. *Lc 2.46*; 8.35; 10.39; *At 22.3*).

**E lhe disseram: Olha, tua mãe, teus irmãos e irmãs estão lá fora à tua procura.** Os pensamentos deles são evidentes, não como os dele nos v. 34s. Para eles, como para todos os orientais, o clã é autoridade máxima. Pela boca deles, Jesus é convocado a reconhecer esta lealdade.

- 33 Este versículo é como uma plataforma giratória.** Continua-se falando da sua mãe e dos seus irmãos, mas daqui em diante de maneira totalmente diferente. Ser mãe e irmão é questionado radicalmente, para voltar a vigorar “nascido de novo”.

**Então, ele lhes respondeu, dizendo: Quem é minha mãe e meus irmãos?** O Senhor adota o ideal da família para preenchê-lo de forma insuspeita. Apesar de tantas decepções na família (p ex 13.12!), ela continua sendo o símbolo da solução ansiada para a convivência humana, em que sexos diferentes, gerações diferentes e capacidades e interesses diferentes se tornam em comunidade. Ninguém é revistado nela quanto ao seu valor utilitário, ninguém é despedido dela um belo dia, cada um tem ali o seu lar e é ajudador do outro. Na família o ser humano vive de modo humano. Todavia, onde e como surge esta família?

- 34 E, correndo o olhar pelos que estavam assentados ao redor...** Em resposta à sua própria pergunta provocadora, ele abarca os que estão assentados a seus pés com um olhar ostensivo em



círculo (segundo Mt 12.49, acompanha um gesto expressivo). No entanto, ele não o faz como em 3.5, “indignado”, mas como em 10.23, com amor convidativo e acolhedor (cf. 1.16): **Eis** – olhem em volta, olhem para vocês mesmos – **minha mãe e meus irmãos!** Apontando para uma lição objetiva, ele proporciona novamente um dos seus gestos simbólicos marcantes. Assim ele imprime palavras que, de outra forma, jamais teriam entrado no coração dos implicados. O pensamento deles o v. 32 indicou. Mas Jesus os surpreende com sua palavra de revelação e torna visíveis no meio deles as bases do futuro povo de Deus, válidas até hoje. Quais são elas? No fundo, numa coisa só: eles **estavam assentados ao redor**, à volta dele. Em um círculo, o ponto mais importante não está na sua linha, mas no centro, que determina cada ponto da linha, fazendo com que o círculo exista. Este ponto, no caso (v. 34), não é uma coisa, uma missão, um livro ou um ensino, mas o próprio Jesus Cristo. Especificamente, ele a caminho dos seus sofrimentos. Mesmo assim, é a ele que querem ouvir (cf. 9.7), aprender dele sentados a seus pés, deixar por ele sua casa com a família antiga (9.29). Por isso Jesus anuncia solenemente que eles são seus irmãos. Aliás, para nossas tendências neoromânticas vale uma observação de Schniewind (p 72): “Ele *nos* chama de irmãos. Mas o NT jamais se atreve de chamar a *ele* de ‘meu irmão, nosso irmão’” (cf. 3.14).

- 35 Deste modo, a observação sobre o fato de o grupo estar assentado deixou bem para trás o interesse na ordem em que estão sentados. O fato físico se torna expressão de algo em que já tentamos tatear. No v. 35 segue uma definição que ultrapassa a relação do grupo com Jesus: **Portanto, qualquer que fizer a vontade de Deus, esse é meu irmão, irmã e mãe.** A verdadeira família de Jesus, ou – usando o termo bíblico – sua “casa”, é a casa *do Pai*. Deus Pai pessoalmente é seu criador e governante. Sem esse Pai não há irmãos, sem que se faça sua vontade não há comunhão verdadeira. Por isso o Pai faz parte da definição de uma comunhão humana fraternal (cf. Ap 21.3). Entretanto, para ter este Pai entre nós, precisamos ter Jesus como centro. De acordo com 1.15 ele traz o reinado próximo de Deus ou, em 4.11, seu mistério. Neste sentido, a transição do v. 34 para o v. 35 expressa uma relação essencial que de forma alguma pode ser rompida.

**Fazer a vontade de Deus** tornou-se, no NT, definição de ser cristão (Rm 12.2; Hb 13.21; 1Pe 4.2; 1Jo 2.17 etc.). Acontece que os judeus religiosos também gostavam de falar da vontade de Deus (Bill. I, 219s, 653, 664). Eles tinham orgulho de sabê-la e mostrá-la aos outros (Rm 2.17, 18). Todavia, eles diferiam de Jesus quanto ao que seja a vontade de Deus. O que para Jesus significava fazer o bem para eles podia ser tão mau que queriam matar quem o fazia (p ex 3.4-6). Isto porque reconhecer a vontade de Deus é um absurdo para quem não quer Deus e não quer o Filho – por mais que conheça a Bíblia e seja fervoroso a favor dela.

Para terminar, recordemos a separação totalmente diferente dos familiares no povo da aliança antiga. Em Êx 32.27 lemos: “Cada um cinja a espada sobre o lado, passai e tornai a passar pelo arraial de porta em porta, e mate cada um a seu irmão, cada um a seu amigo, e cada um a seu vizinho”. Jesus, por sua vez, não tratou com desamor nem mesmo seus inimigos. Mais ainda ele respeitava o 4º Mandamento e não expulsou nem sua mãe nem seus irmãos. O sentimento maternal, porém, deve e pode renascer no reinado de Deus. Este dom precioso Jesus ofereceu também aos seus familiares. Mas para poder manter a oferta, ele teve de rejeitar as pretensões deles.

## 6. Introdução às comparações, 4.1,2

(Mt 13.1,2, Lc 8.4; cf. 5.3)

**Voltou Jesus a ensinar à beira-mar. E reuniu-se numerosa<sup>a</sup> multidão a ele, de modo que entrou num barco, onde se assentou, afastando-se da praia. E todo o povo estava à beira-mar<sup>b</sup>, na praia.**

- <sup>2</sup> Assim, lhes ensinava muitas coisas por parábolas<sup>c</sup>, no decorrer do seu doutrinação.

*Em relação à tradução*

<sup>a</sup> Lit. “maior multidão”, mas este superlativo geralmente tem no NT o sentido de ênfase (*elativo*).

<sup>b</sup> “Mar” para o lago de Genesaré, cf. 1.16n e 3.7n.

<sup>c</sup> *parabole*, “colocado ao lado (para comparar)”: coloca-se um objeto ao lado de outro para que se possa comparar um com o outro. A retórica grega definiu várias formas do discurso comparativo (figura, metáfora, comparação, parábola, paradigma e alegoria, cf. Peisker, ThBLNT, 584). Estas diferenças, porém, não devem ser pressupostas no NT, e por isso *parabole* também não deve ser traduzido por “parábola”. O termo

foi usado na LXX para traduzir o hebr mashal, que abrange todas estas formas e ainda outras (cf. 4.10). É neste sentido semita bem geral que usamos aqui o termo “comparação”.

### *Observações preliminares*

1. *Unidade do trecho das comparações 4.1-34.* Os dois versículos iniciais 1s e os finais 33s destacam claramente o intervalo como uma unidade. A palavra-chave “ouvir”, que aparece treze vezes (v. 3,9,12,15,16,18,19,20,23,24,32) transmite a idéia de interdependência. Por outro lado, os 34 versículos não formam uma unidade no sentido de que Jesus os tenha dito sem interrupção. Não se trata de uma palestra única, como os reinícios constantes: “e acrescentou” (v. 9), “ele lhes respondeu” (v. 11), “lhes perguntou” (v. 13), “lhes disse” (v. 21,24), “disse ainda” (v. 26), disse mais” (v. 30) já dão a entender. Uma leitura atenta confirma isto. As palavras dos v. 11s não podem ter seguido imediatamente à comparação anterior, pois pressupõem uma situação diferente, em que Jesus não está mais sentado no barco diante da multidão, mas sozinho com seus discípulos (v. 10). Jesus também não se deixou conduzir à praia depois dos 45 segundos que leva enunciar a primeira comparação, mas pronunciou ainda várias comparações. Portanto, o que Marcos nos traz é uma seleção, em boa parte diferente da de Mateus e Lucas. Tanto mais se justifica a pergunta pela idéia central que norteia a organização (cf. opr 3).

2. *Contexto.* A seleção de comparações está ligada diretamente ao que precede, só que tudo ganha em intensidade. Em 3.31s a contraposição de “dentro” e “fora” já chamou a atenção, agora ela passa a ocupar o centro, essencialmente e em formato grande (4.11). O processo de separação entre o povo e os discípulos atinge seu ponto culminante (cf. v. 1). Logo em 4.1 o distanciamento de Jesus de certo contato pelo povo é deixado bem claro. A partir destes sinais já se pode esperar que o capítulo das comparações continua a controvérsia sobre a identidade de Jesus, que desde 3.7 foi o ponto de referência de todos os parágrafos.

3. *Temática.* As comparações de Jesus giram em torno do mesmo assunto que sua pregação como um todo, ou seja, o reinado de Deus que se aproxima (opr 4 a 1.14s). Os versículos 11,26,30 confirmam isto diretamente. Contudo, será que elas não representam um interesse específico, além disso? O que dá o tom é a parábola monumental do semeador, que está em primeiro lugar nos três sinóticos e que, em Marcos, com todas as explicações abrange 20 versículos. Ela contém três elementos básicos: semeadura, crescimento e colheita (semelhante às outras comparações com sementes), dos quais o do meio chama a atenção. A fase de crescimento é ampliada, destacando-se os empecilhos: a radicalidade do reinado de Deus também tem por consequência a manifestação radical das forças hostis a Deus. Isto significa para a temática das comparações que elas tratam do processo de aproximação do reinado de Deus especificamente à luz da resistência. Elas não apresentam as boas novas de 1.14s em si, mas enredadas em uma luta e com sofrimentos inevitáveis, portanto, sendo mal-entendidas e rejeitadas por serem tão enigmáticas. As comparações lidam exatamente com a diferença entre a pregação do reino de Deus de Jesus e as expectativas judaico-humanas do reino de Deus, ou seja, do “mistério” do reinado de Deus (v. 11).

4. *As comparações como testemunho pessoal indireto de Jesus.* O “mistério do reinado de Deus” do v. 11 deve ser entendido inseparável do mistério da pessoa do próprio Jesus, dentro da polêmica contínua sobre sua identidade; pois este mensageiro não pode ser separado das suas boas novas. O destino delas é o seu destino, o caminho de luta e sofrimento delas é a sua Paixão. O resultado é que este 4º capítulo de Marcos, onde não aparece nenhuma vez o nome de Jesus, testifica de forma ampliada de Jesus. Seu contexto o forçou a esta maneira nova. Já nos capítulos anteriores, Jesus passava ao discurso figurado sempre que o caráter de luta e sofrimento da sua missão estava em jogo (2.17,19s,21s; 3.24-27). Especificamente depois da agressão tão maligna de 3.23 lemos que ele lhes falava “por meio de parábolas”. Em nosso capítulo, a resistência e a falta de entendimento se espalharam, de modo que “sem parábolas não lhes falava” (v. 34). Somos lembrados de Ezequiel, que também teve de falar com comparações veladas, depois que Israel se tornara “casa rebelde” notória (24.3; cf. também 17.2 com 12).

Ernst Käsemann exclamou no Dia da Igreja de Hanôver em 1967: “O homem de Nazaré foi compreensível para todos. Por que os cristãos de hoje não o são mais?” Os textos não confirmam este quadro. Se não quisermos ficar reduzidos a lugares-comuns moralistas com acabamento cristão e renunciar à condição de igreja de Jesus, temos de encarar o “mistério” de Jesus. Nem suas comparações são tão simples e tocantes como gostaríamos, antes, chocam a mente e a natureza humanas. Neste sentido, a interpretação terá de redescobrir o grito para despertar que perpassa todo o capítulo (opr 1 e 2 a 4.2b-9).

5. *A compreensão das comparações.* Por outro lado, parece contradizer a natureza de uma comparação que seu sentido seja velado em vez de esclarecido. Jesus também, de acordo com o v. 33, queria, com suas comparações, ir ao encontro da capacidade de compreensão dos seus ouvintes e estender-lhes a mão. Entretanto, só na tradição ocidental o discurso figurado limita-se a este aspecto. A comparação hebr (*mashal*, cf. 1.2n), consegue unir as duas coisas, a função de esclarecer e de ocultar. Isto cai na vista na comparação dos vinhateiros maus em 12.1-12. Por um lado eles “compreenderam”, ou seja, “que contra eles proferira esta parábola”. Por outro lado, “procuravam prendê-lo”, isto é, não entenderam nada, não captaram seu chamado gracioso à conversão nesta comparação. Eles ouviam e não ouviam. Num caso como este, uma comparação,

apesar de toda sua clareza, permanece obscura, torna-se palavra de condenação. Um efeito de irritação amplia a separação entre adversários e amigos de Jesus. Este primeiro aspecto é tratado por 4.10-12. Mas lá a interpretação mostrará que este efeito de condenação não é mecânico, forçoso. A marca da bondade continua evidente.

- 1 **Voltou Jesus a ensinar à beira-mar. E reuniu-se numerosa multidão a ele.** Marcos relata com frequência a aglomeração geral em torno de Jesus, mas em nenhum lugar com esta expressão e ênfase. Evidentemente Jesus está no auge da sua atuação. É verdade que ele não o goza sem reservas, entregando-se ao triunfalismo. A exposição de 3.9 mostrou que, na sequência, certo ceticismo já se faz presente: **de modo que entrou num barco, onde se assentou, afastando-se da praia. E todo o povo estava à beira-mar, na praia.**

A menção tríplice do “mar” animou Schreiber (p 169s,204,209s) a simbolizar, fazendo do “mar” uma grandeza mítica. “Jesus sobre o mar” torna-se igual a “Jesus na cruz”, ele está “assentado” secretamente no trono, como crucificado glorificado, seu ensino é um chamado para o seguirem na cruz. As pessoas “na praia” estão “endurecidas”. Por que, porém, este desvio pela alegoria, quando é tão mais fácil dizê-lo diretamente? E quem comprova estas idéias? Será que esta maior “profundidade”, linha por linha, se paga? Será que toda a história não acaba ficando mais enevoada? Esta tradição original não se torna uma construção dogmática tediosa? – Sobre o contexto histórico desta mudança acentuada da atividade de ensino para a margem do lago da Galiléia, cf. 2.13; 3.7. A indicação de que Jesus se sentou geralmente abre períodos mais longos de ensino (9.35; 13.3).

- 2 **Assim, lhes ensinava muitas coisas por parábolas, no decorrer do seu doutrinamento.** Sobre a ênfase do ensino por Jesus, cf. opr 2 a 1.21-28. De forma alguma devemos pensar em mero doutrinamento intelectual sem desafio pessoal à decisão; “ensinar” em Marcos sempre inclui o apelo da pregação (cf. 1.21). O fato de Jesus, neste ponto, passar ao discurso por meio de comparações tem a ver com a situação tensa que os professores da lei, segundo 3.22, tinham provocado com sua demagogia (opr 4). Do grande número de comparações e sua riqueza, Marcos passa a selecionar algumas que são típicas.

## 7. A comparação do semeador, 4.3-9

(Mt 13.3-9; Lc 8.4-8)

**Ouvi: Eis que saiu o<sup>a</sup> semeador a semear.**

<sup>4</sup> **E, ao semear, uma parte caiu à beira<sup>b</sup> do caminho, e vieram as aves e a comeram.**

<sup>5</sup> **Outra caiu em solo rochoso, onde a terra era pouca<sup>c</sup>, e logo nasceu, visto não ser profunda a terra.**

<sup>6</sup> **Saindo, porém, o sol, a queimou; e, porque não tinha raiz, secou-se.**

<sup>7</sup> **Outra parte caiu entre os espinhos; e os espinhos cresceram e a sufocaram, e não deu fruto. Outra, enfim, caiu em boa terra e deu<sup>d</sup> fruto, que vingou e cresceu, produzindo a trinta<sup>e</sup> a sessenta e a cem por um.**

**E acrescentou: Quem tem ouvidos para ouvir, ouça.**

*Em relação à tradução*

<sup>a</sup> O artigo definido aqui tem sentido geral, como acontece com frequência no discurso figurado no aramaico.

<sup>b</sup> *para*, “ao lado”, aqui com certeza tem o sentido de “no” caminho, como no aramaico (cf. WB, 1211).

<sup>c</sup> O tempo imperfeito do verbo grego descreve aqui os esforços da plantinha para penetrar na terra. Mas ela não encontra nada.

<sup>d</sup> Mais uma vez um tempo imperfeito descreve assombrado o transcorrer da história.

<sup>e</sup> Aqui e no v. 20 o numeral “um” é usado como *multiplicativum* (Bl-Debr, § 207.4).

*Observações preliminares*

1. *Título.* Qual é o centro desta comparação: os quatro tipos de terra, a semente ou o semeador seguro de si? As três respostas têm seus defensores e já serviram de título. A favor da primeira solução, poderia depor a explicação dos v. 13-20. No entanto, é recomendável observar a comparação como um todo na primeira vez; toda interpretação é subsequente e não dirigida ao povo. A favor da segunda possibilidade, o próprio texto da comparação poderia depor, já que não menciona outra palavra tantas vezes como semente e semeadura. Nós

optamos, com [Mt 13.18](#), pelo título “a comparação do semeador” e, com isto, pela interpretação messiânica. As [opr 204 a 4.1,2](#) já prepararam o caminho para isto.

2. *O chamado para “ouvir”, nos v. 3 e 9.* O fato de que este chamado sustenta todo o capítulo (para as passagens, cf. [opr 1 a 4.1,2](#)) confere-lhe um peso próprio. Em primeiro lugar, no Oriente ele tem um sentido bem concreto, pois ali a orelha encoberta por turbante ou véu é bem comum. Quando alguém queria transmitir algo vital a outra pessoa, para o que importava ouvir direito, “revelava-lhe” a orelha ([1Sm 9.15](#); [2Sm 7.27](#)) ou “despertava-a” ([Is 50.4](#)). Ou exortava-a a “abrir as orelhas” ([Ez 28.23](#)), isto é, fazer o favor de tirar o pano. Este seria o gesto da prontidão total para ouvir, que também podia ser recusada. Por isso, o chamado para ouvir muitas vezes pressupõe ouvintes reticentes. “Ouve o que eu te digo, não te insurjas!”, lemos em [Ez 2.8](#). É claro que a resistência tem seus motivos. O chamado de Deus não agrada porque prega julgamento e exige conversão. Muitos apelos para ouvir mostram este contexto ([Is 1.10](#); [Jr 5.21](#); [Am 4.1](#); [5.1](#); [7.16](#); [8.4](#)). Também nas cartas do Apocalipse o “ouçam!” é para os ouvintes que carecem de conversão e que não deveriam resistir ao Espírito Santo ([Ap 2.7,11,29](#); [3.6,13,22](#)). Com isto voltamos à situação em nosso texto. A multidão, envenenada pela propaganda dos professores da lei ([3.22](#)), estava em vias de fechar-se para este mensageiro irritante e sua “palavra” de boas novas. O auge exterior do movimento ([4.1](#)) não iludiu Jesus. Ele sentiu a surdez espiritual das pessoas e mais uma vez se torna bem intensivo, grita com este “ouvi!” um “efatá” para a multidão (cf. [7.34](#)): Abram-se à palavra e ao Espírito, deixem o ouvir acontecer plenamente, até obedecerem e seguirem! Trata-se de um ouvir adicional, intenso, sem reservas, que vai além de ouvir Fulano ou Beltrano para ser “ouvir e receber” ([4.20](#)), “ouvir e entender” ([7.14](#)).

O versículo 2 terminou falando de “doutrinação”. Naturalmente a “matéria de ensino” de Jesus está relacionada à mensagem de boas notícias de [1.14,15](#). Mas isto inclui, em termos bíblico-teológicos: o mensageiro chegou! Seu ensino está vinculado à sua pessoa, aponta para quem ensina. De modo indireto, sem alarde, Jesus introduz a si mesmo. Ele é o reinado de Deus que vem chegando, é ao mesmo tempo semeador e semente, entrega a si mesmo à lavoura deste mundo. O chamado para ouvir, no começo e fim da comparação, também sublinha que algo importante está em jogo em seu ensino:

- 3 **Ouvi!** É muito mais que um floreio retórico para acalmar uma grande aglomeração ([opr 2](#)), Depois, como dois pontos, um **Eis** dá início à comparação. **Saiu o semeador a semear.** Seu personagem só é mencionado na introdução. Depois do início em si, no versículo seguinte, a semeadura já é relatada sem ele, como grandeza própria. Depois é sempre a semente que causa a ação: ela cai, procura solo fértil, brota etc. Mas, por mais que o semeador fique à margem, tudo só é contado por causa dele. A semente e seu destino é o destino dele, seu sofrimento e, no fim, seu lucro. Neste estilo Jesus também fala de si em outras ocasiões. Ele se mantém em segundo plano, sem deixar de ser o centro. Este é o “mistério” do reinado de Deus anunciado por ele ([4.10](#)). Assim, por trás da frase do v. 14: “O semeador semeia a palavra”, está bem visível a todos esta outra: Jesus “lhes expunha a palavra”, de [2.2](#) e [4.33](#).

Sem esta interpretação cristológica, a parábola não contém uma sabedoria superior, somente uma descrição inócua de coisas óbvias para os ouvintes daquela época. Não se trata de um agricultor ingênuo que tem azar, menos ainda de um agricultor burro que é castigado e depois consolado. A comparação não descreve, ao contrário do que pensa Schniewind (p 74), uma “farsa”, mas confirma o conhecimento profissional dos camponeses galileus.

- 4 **E, ao semear, uma parte caiu à beira do caminho.** Na Galiléia não havia lavouras amplas. Como lençóis estreitos, elas volteavam pelas encostas e tinham de ser contornadas pelos transeuntes, que deixavam suas trilhas aqui e acolá. Estes o agricultor de forma alguma podia considerar ao lançar a semente, também não ao virá-la na terra em seguida (Jeremias, *Parábolas*, p 8; Linnemann, p 121; Bill. I, 655ss). Estas sementes eram pisadas quando os caminhos se formavam de novo ([Lc 8.5](#)), ou descobertas com mais facilidade pelas gralhas no curto intervalo entre a semeadura e a viração. **E vieram as aves e a comeram.**

- 5,6 **Outra caiu em solo rochoso, onde a terra era pouca.** Os numerosos lajeados de calcário da Galiléia muitas vezes eram cobertos somente por uma camada fina de solo arável. Este, realmente, estava umedecido pela manhã pelo orvalho forte e oferecia ao grão de semente, apesar da noite fresca, uma condição favorável à germinação, pois o subsolo pedregoso ainda refletia o calor do sol do dia anterior. **E logo nasceu, visto não ser profunda a terra. Saindo, porém, o sol, a queimou.** Os raios do sol têm, nesta região, uma intensidade devastadora. Agora faltavam a proteção contra o calor e as reservas de umidade que o solo mais profundo fornece, especialmente possibilidades de expansão: **e, porque não tinha raiz, secou-se.**



- 7 É perfeitamente natural que as lavouras locais unissem tipos diferentes de solo. **Outra parte caiu entre os espinhos**, termo que representa ervas daninhas espinhosas em geral. Não havia arado que conseguisse arrancar suas raízes de até 30 cm de profundidade. Assim, o agricultor só os queimava por cima no outono, de modo que em pouco tempo brotavam novamente, com vantagem diante da semeadura de cereal. Em alguns lugares eles formavam uma cerca viva fechada, no meio da qual alguns pés de cereal até conseguiam crescer, mas ficavam medíocres e não carregavam a espiga: **e os espinhos cresceram e a sufocaram, e não deu fruto.**
- 8 Apesar de a segunda e positiva parte da comparação ser mais breve, pela lei do peso de oito ela sustenta a parte principal do orvalho. Por isso o peso maior não é da parte trágica. Apesar do insucesso e do sucesso aparente, o trabalho do semeador é produtivo: **Outra, enfim, caiu em boa terra e deu fruto, que vingou e cresceu.** Aqui podemos contemplar o processo bonito de crescimento, impedido nos outros casos, até a sua colheita em abundância: **produzindo a trinta, a sessenta e a cem por um.** Os números de registro correspondem à maneira de falar oriental e só sublinham a produtividade. Não é razão para pensar em uma lavoura dividida em seis partes.
- 9 **E acrescentou: Quem tem ouvidos para ouvir, ouça.** Chamamos mais uma vez a atenção para a opr 2. A compreensão desta comparação não deve ser deduzida superficialmente. Só em sua profundidade messiânica é que ela adquire seu sentido especial, também em seu paralelo com textos judaicos (p ex Ed 8.41; 9.31). O melhor comentário continua sendo a atuação e sofrimento messiânico tão singular do próprio Jesus. É exatamente por este caminho que ele avança vitorioso até a colheita de Deus.

É verdade que a cristologia autêntica sempre inclui a eclesiologia. O “semeador” messiânico tem um povo messiânico que ele inclui em seu destino. Neste sentido, a parábola não esclarece somente o caminho do Senhor, mas também contém uma advertência para a igreja missionária. Jesus diz para ele, hoje como naquela época: Não deixem que as resistências os façam duvidar do reinado de Deus que se aproximou. Andem passo por passo, joguem mão após mão de sementes na lavoura do mundo, independentemente do sucesso ou insucesso imediato (1Co 13.7; 15.58; 2Co 6.4-10; 1Tm 4.2). A palavra não volta vazia (Is 49.4; 55.10,11; Jo 15.5). Participem do mistério do reinado de Deus, tomando sobre si a sua cruz!

## 8. A razão de ensinar por comparações, 4.10-12

(Mt 13.10-17; Lc 8.9,10; cf. Jo 9.39; 12.37-40)

**Quando Jesus ficou só<sup>a</sup>, os que estavam junto dele com os doze o interrogaram a respeito das parábolas.**

**Ele lhes respondeu: A vós outros vos é dado conhecer o mistério do reino de Deus; mas, aos de fora, tudo se ensina por meio de parábolas, para que, vendo, vejam e não percebam; e, ouvindo, ouçam e não entendam; para que não venham a converter-se, e haja perdão para eles.**

*Em relação à tradução*

<sup>a</sup> Expressão abreviada no grego: *kata monas* (acrescentar talvez: *choras*: “em regiões desertas”); no NT só ainda em Lc 9.18, acentua o isolamento.

*Observações preliminares*

1. *Independência do parágrafo.* A pergunta dos discípulos no v. 10 pressupõe em primeiro lugar que Jesus não está mais sentado no barco (cf. opr 1 a 4.1,2), mas se encontra em outro lugar, no círculo interno dos seus adeptos (até v. 25). Em segundo lugar, ela não está vinculada especificamente à comparação do semeador dos vv. 3-9, mas a toda uma série de comparações (cf. v. 2), na verdade à maneira em si da pregação de Jesus a partir de certo momento. Portanto Marcos, aqui como tantas vezes, não está seguindo a sequência histórica de eventos, mas razões práticas, ao colocar a peça de inserção redacional neste lugar. De fato, ela se encaixa muito bem aqui, pois nestes três versículos fala-se de ouvir a palavra de Jesus como no texto circundante (ver está ligado a isto, cf. v. 24) e, como na comparação do semeador, ocupa-nos também aqui a contraposição de insucesso e sucesso maravilhoso. Além disso, o fato de Marcos acrescentar estes versículos exatamente a esta parábola reforça a importância desta como comparação principal, básica e exemplar para o ensino de Jesus em geral.

2. *A dureza da mensagem e as declarações de inautenticidade.* Será que Jesus tinha mesmo a intenção de impossibilitar a compreensão e conversão do povo? Wrede já se deixou levar pelas emoções nesta passagem;



não deveríamos procurar aqui “algum farrapo de palavra autêntica de Jesus”. Tal “crueldade” jamais poderia ser-lhe creditada, pois seria um tapa na cara do sentido de todas as suas palavras autênticas (p 61). “Se alguém quiser mostrar que construções não históricas são possíveis em Marcos, este ponto sempre será um exemplo excelente” (p 65). Por esta razão, até hoje muitos comentadores responsabilizam a igreja posterior por estas frases. Esta estaria perplexa diante do fato de que o judaísmo rejeitou o Messias. Para explicá-lo, inventaram esta terrível “teoria do endurecimento”. Uma misteriosa vontade de Deus teria destinado uma parte da humanidade à perdição. Conzelmann, *Theologie* (p 158), nos acalma: “É evidente que esta teoria é secundária”. Com isto, o comentador se livrou de todas as dificuldades, transferindo-as para Marcos e a igreja que transmite a tradição. Esta fica sendo quem colocou palavras terríveis na boca de Jesus, sem o mínimo faro para sua mensagem verdadeira. Além disso, Marcos contradiz a si mesmo, já que ele acha no v. 33 que Jesus acabara de adaptar-se à capacidade de compreensão dos seus ouvintes. Ou Marcos não tinha entendimento, ou não contava com o dos seus leitores. O contrário deve ser verdade. Ele esperava dos seus leitores um esforço paciente adicional. Por isso nossa interpretação segue outro grupo de pesquisadores, não tão rápidos com declarações de inautenticidade, podendo até chamá-las de “levianas” neste caso (Schürmann, Lukas, p 461; além disso Michaelis; Jeremias, *Theologie*, p 122,124; Schmid; Goppelt, *Theologie*, I, p 225). Pelo seu formato literário, o texto não fornece nenhum motivo para dizer que não procede de Jesus (Jeremias, *Parábolas*, p 9-14; *Theologie*, p 21s,25,27,67). Peso especial tem a circunstância de que a citação de **Is 6.10** difere tanto do texto hebr como da **LXX**, usada pelos primeiros cristãos. Em vez de “curar” (**BJ**), **p ex**, Jesus fala em “perdoar”. Esta versão, porém, encontra-se em um Targum (cf. 2.26), portanto em uma paráfrase aramaica de **Is 6.10**, comum nas sinagogas da Palestina (Bill. I, 663; IV, 216; Jeremias, *Parábolas*, p 12; Schweizer, p 51). O texto, portanto, é tão antigo como só os que foram transmitidos nos evangelhos podem ser.

3. *Propostas para adotar outras versões.* Nossa tradução traduziu o *hina* do começo do v. 12 como introdução a uma frase de intenção: “para que [...] não percebam e não entendam” (Schmid, Gnllka etc.). Este *hina* de finalidade encontra-se em Marcos mais de trinta vezes e corresponde ao uso original e predominante no grego. No entanto, têm sido sugeridas cinco outras possibilidades, que atenuam a dureza da declaração em menor ou maior grau:

a. *Causal* (**p ex** Lohmeyer, Klostermann): Jesus fala aos de fora em sentido figurado porque eles não vêem, etc. O paralelo em **Mt 13.13** também tem “porque”. Não poder ver é o castigo. Esta possibilidade, porém, deve ser desconsiderada para Marcos, porque o *hina* causal apareceu só mais tarde e no **NT** não pode ser comprovado claramente em nenhum lugar (Lampe, *EWNT* II, 461).

b. *Relativo* (cf. Hauck, *ThWNT* V, 755 nota 101): Jesus fala aos de fora em sentido figurado *aos que* não vêem etc. Neste caso “não ver” precede “não entender” ou anda junto. É consequência penal, como em a. Aplica-se o mesmo argumento literário como em a.

c. *Consecutivo* (**p ex** Peisker, *TBLNT*, 588): Jesus fala aos de fora em sentido figurado, *de modo que* não vêem, etc. Esta idéia (“não ver” como efeito da linguagem figurada), porém, quase não tem diferença com a idéia final (“para quê”), pois a consequência seria intenção divina.

d. *Explicativo* (P. Lange; **BV**): Jesus fala aos de fora com o uso de comparações em razão de não verem, etc. A condição do povo que ele tem diante de si nos elementos figurados da comparação do semeador, é igual à do povo em Isaías. Em **Is 6.10** o texto é direto e é explicado aos discípulos. Mas não há uma consequência ou intenção adicional, só o resumo da parábola. Isto, porém, não responde à pergunta dos discípulos pelo sentido do ensino por comparações.

e. *Complementar* (Jeremias, *Parábolas*, p 13; **BJn**): Jesus fala aos de fora em sentido enigmático para que *seja cumprido* o que está em **Is 6.10**: Vendo, não vêem etc. Na prática chegamos a um resultado como em d, que não satisfaz no contexto. No v. 11 já é preciso enfrentar a afirmação que o v. 12 esmiúça: a ação de Deus nos ouvintes da sua palavra pode fracassar.

Para o fim do v. 12 também têm sido sugeridas traduções atenuantes, quase opostas e bastante apreciadas. Aí se diz, em vez de “para que não venham a converter-se”: “talvez se convertam...” (Pesch I, 236; cf. Bertram, *ThWNT* II, 726; Jeremias, *Parábolas*, p 13; *Bl-Debr.* § 370.5). O uso da passagem de Isaías ainda em **Jo 12.38-40**; **At 28.26,27** e **Rm 11.7,8** mostra que os primeiros cristãos não tiraram deste texto do **AT** seu peso pleno. Deus pode negar-se a certos ouvintes do evangelho, para dar-se a eles por meio de juízo. Esta é a posição de Paulo em **Rm 11**.

Estas tentativas de atenuação, por sua vez, lembram pelo menos de longe as tendências de rabinos judeus que se pronunciaram sobre **Is 6.9s**. Obviamente esta passagem era insuportável para eles. Assim eles se aventuraram na interpretação de que Isaías poderia não ter entendido Deus direito, mas virado as palavras de Deus no seu contrário. Para Israel não existe condenação ao endurecimento da parte de Deus. Por isso quebravam o tom de condenação com antecedência e reformulavam a parte final em uma palavra de esperança: “para que venha ele a ver com os olhos, a ouvir com os ouvidos e a entender com o coração, e se converta, e possa ser perdoado” (Bill. I, 663). Jesus não teve participação nesta distorção da palavra do **AT**. Ele

realmente via que seu povo incorrera em condenação. Só depois da Sexta-feira da Paixão e da Páscoa a conversão entra em consideração para Israel.

**10** A frase inicial, **quando Jesus ficou só**, evoca por um instante a impressão de que Jesus estava totalmente sozinho. A continuação, porém, mostra-o separado somente da multidão, não das pessoas em geral: **os que estavam junto dele o interrogaram**. Não se trata de presentes aleatórios mas, como em 3.32,34, de um círculo íntimo de seguidores (cf. 1.36). Dentre estes, Marcos identifica um grupo que o interessava especialmente. É a segunda vez que fala deles: **com os doze**. De modo crescente eles sobressaem no seu livro como a nova comunidade, o cerne do povo messiânico renovado (cf. 3.14). Ao mesmo tempo a separação de povo e discípulos corresponde a uma diferenciação clara entre pregação pública de Jesus e ensino imediato dos discípulos (aqui v. 10-25; depois 4.34; 6.31,32; 7.17-23; 9.2-13,28,29; 10.10-12; 13.3). Muitas vezes os discípulos, como aqui, tomam a iniciativa e fazem uma pergunta ao Senhor (7.17; 9.11,28; 10.10; 13.3).

**Interrogaram-no a respeito das parábolas.** Como nosso parágrafo remete, em termos literários, ao mundo aramaico em volta de Jesus (opr 2), “parábola” não deve ser entendido no seu sentido grego ou moderno, mas como tradução para *mashal* (cf. 4.2n). Neste processo de tradução aconteceu algo familiar a todo tradutor: a nova palavra só cobre parcialmente o termo traduzido. *Mashal* contém o significado que os gregos e os literários de hoje ligam ao termo “parábola” mas, além disso, abrange expressões como provérbios, poemas pedagógicos, frases profundas de sabedoria, alegorias, expressões figuradas, exemplos, oráculos, observações humorísticas, zombaria ou apelido, portanto, praticamente toda expressão cujo sentido não é evidente e exige alguma reflexão. Talvez os sábios judeus tivessem se arrepiado com nossa maneira direta, franca e abstrata de falar. Ele “gosta de falar usando comparações que não são compreensíveis imediatamente, para desafiar o raciocínio dos ouvintes” (Hauck, ThWNT V, 748). A pregação dos profetas também se encaixa aqui. Apesar de totalmente compreensível, de modo que todos podiam assentir com a cabeça, o sentido do seu discurso só se descortinava diante de uma disposição especial para ouvir. A reclamação referente à maneira obscura com que os profetas falavam encontramos p ex em Ez 21.5; cf. 17.12.

A opr 1 mostrou-nos que este trecho curto originalmente tinha um sentido bem geral, também independente da chamada pregação do lago. Ela trata do caráter enigmático, de tipo *mashal*, da proclamação do reinado por Jesus em termos gerais. O paralelo em Mt 13.11 esclarece a pergunta deles “por que os ensinas por parábolas”: só por parábolas, de acordo com Mc 4.34. Em Jo 7.4 seus irmãos de sangue reclamam da reserva dele, e em Jo 14.22 o outro Judas lhe pergunta diretamente: “Por que não te manifestas ao mundo?” Neste caso não basta apontar para a predisposição oriental por fábulas e discurso floreado. A opr 4 a 4.1,2 já mencionou outro motivo: o segredo é reação a certo bloqueio e endurecimento entre os leitores. Por parte dos líderes judeus esta oposição já existia desde a primeira aparição pública de Jesus. 1.21 já indicava um quadro de tensão profunda com os professores da lei, e 1.44 com os sacerdotes. É significativo que é em debates que Jesus se identifica indiretamente como Filho do homem (2.10,28), médico messiânico (2.17) ou noivo (2.19). À medida que a ruptura com o povo aumentava (opr 2 à divisão maior 3.7–6.29), Jesus não se fechou, não interrompeu a proclamação do reinado de Deus, mas apresentou-a de modo cifrado e exigiu uma disposição especial para ouvir (cf. opr 2 a 4.3-9). A forma cifrada abordava o ponto em que o reinado de Deus se torna concreto e vem para o meio das pessoas, isto é, a identidade de Jesus e seu papel escatológico (cf. Goppelt I, 223). Este estilo obscuro e indireto de comunicação nesta altura também se reflete na opinião difusa que o público tinha sobre Jesus (6.14-16; 8.27,28). Isto seria inexplicável se Jesus se tivesse confessado abertamente como Messias. Parece óbvio que neste ponto havia um branco em seu ensino. Seu agir e falar estava cheio de cristologia, mas esta era tão pouco clara, eficaz, à flor da superfície, que os discípulos ficaram angustiados e desafiados não só uma vez. Sua impaciência e até irritação se manifestou, ainda com mais força quando o círculo íntimo de discípulos se cristalizou e fortaleceu, enquanto maldade e endurecimento aumentavam entre o povo. É a este contexto que pertencem nossos versículos.

Agora eles são inseridos aqui. Apesar de não se referirem primariamente à explicação de elementos bíblicos isolados, eram aplicados agora *também* a estes, especialmente à comparação principal do semeador messiânico. O v. 10, entendido assim, torna-se chave para a resposta de Jesus.

**11a** Jesus respondeu com uma exclamação de júbilo (v. 11a) e uma ameaça (11b,12). Combinações semelhantes a Bíblia usa com frequência: os exemplos mais conhecidos encontramos nas cartas do

Apocalipse, bem como talvez em Ap 21.7,8 e 22.13,14, onde a ameaça é dirigida aos de fora, como aqui.

**A vós outros vos é dado conhecer o mistério do reino de Deus.** “Mistério”, que aparece oito vezes em Daniel, tinha-se tornado um termo técnico entre os judeus (Bornkamm, ThWNT IV, 820-823). Referia-se aos “desígnios secretos de Deus” (Sabedoria 2.22, BJn) que ele tem em mente para o nosso mundo. Como tendências eles já existem em nosso tempo, mas ocultos, muitas vezes sob a impressão contrária.

Entretanto, assim que alguém recebe uma “revelação”, torna-se realista de verdade e passa a olhar impassível para o jogo de cena do presente. Ele sabe melhor porque foi iniciado, enquanto os não iniciados continuam perseguindo ilusões. Ser iniciado equívale a ser eleito, enquanto não ser eleito equívale à condenação.

Na base, trata-se sem dúvida de pensamentos bíblicos, mas “mistérios” e “revelações” estavam tanto na moda naquela época, brotavam em todo lugar e eram tão baratos que é perceptível como Jesus e os primeiros cristãos evitavam este termo. Os evangelhos têm “mistério” só nesta passagem, e mesmo um livro como o Apocalipse de João somente o usa quatro vezes. Com mais freqüência a palavra ainda se encontra nas cartas de Paulo, mas ali o singular tem mais peso, no sentido da singularidade do mistério de Cristo. Cristo é o fim de todos os “mistérios”.

O mistério transmitido aos discípulos não foi o reinado de Deus em si este, Jesus proclamou publicamente mas uma parte dele, o ponto da sua concretização, que é a pessoa e ação do próprio Jesus. A partir de 8.31s sua Paixão e ressurreição tornam-se o conteúdo declarado das palestras reveladoras aos discípulos. Estas, a graça soberana de Deus lhes tinha dado a **conhecer**; a mesma coisa diz a exclamação de júbilo de Mt 13.16,17; Lc 10.23,24. Ninguém e nada pode tirar-lhes isto de novo. Este é o milagre da comunidade de discípulos que se forma em meio ao povo que se rebela. Trata-se de um presente que fica com eles (tempo perfeito!), apesar de incluir no v. 25 que eles precisam continuar recebendo. A entrega total está prevista, mas ainda não realizada. O quanto os discípulos são desajeitados, pode-se ver logo no v. 13 e em todos os capítulos (4.40; 6.52; 7.18; 8.14-21,33; 9.6,14-19,28; 10.32; 14.19,27-31, 37-40,47,50,66,72). Da mesma forma, porém, também chama a atenção a dedicação incansável de Jesus por eles.

**11b Mas, aos de fora, tudo se ensina por meio de parábolas.** Em 3.31s eles estavam do lado de fora literalmente, fora da casa. Mas mesmo se eles o apertassem lá dentro, em sentido figurado estariam “do lado de fora”. Esta expressão era comum na época. Da perspectiva da sinagoga judaica os pagãos e hereges estavam “do lado de fora”; do ponto de vista de qualquer povoado, todos os que não fossem dali; Paulo pôde descrever assim os que não eram cristãos (1Ts 4.12; 1Co 5.12s; Cl 4.5). Os que estão do lado de fora são como pessoas que contemplam os vitrais maravilhosos de uma igreja apenas da rua e, por isso mesmo, não os acham interessantes, porque não vêem a luz passando por eles. Assim é a incompreensão da multidão aqui. Ela acolheu os preconceitos dos seus líderes em vez de passar a seguir a Jesus. Agora era testemunha ocular e auricular de Jesus como os discípulos, mas só de fora e, por isso, cega e surda.

**12 Para que, vendo, vejam e não percebam; e, ouvindo, ouçam e não entendam; para que não venham a converter-se, e haja perdão para eles.** Esta palavra de Is 6.9,10 é o ápice da resposta de Jesus e requer toda a nossa concentração. Assim como o insucesso da pregação de Isaías não foi um acidente e o semeador não desistiu com seus insucessos, aconteceu com Jesus. Ele trilhou o caminho de Isaías. E, ao sofrer o destino causado pelas pessoas mas desejado por Deus, até o “crucifica-o!” de 15.13s, cumpriu-se a Escritura. Para isto ele também sabia, como Isaías em 6.13, da formação do novo povo de Deus como centro da nova raça humana. A certeza espiritual sobreviveu à rebelião da multidão, à traição e negação pelos discípulos, ao Getsêmani e à Sexta-feira da Paixão e encheu Jesus de júbilo, como se vê em 11a.

Naturalmente, a palavra de Isaías a princípio é dura. Mas de forma alguma ela ensina que uma parte dos ouvintes da pregação está condenada aleatoriamente, sem motivo. Isaías não está pregando a páginas em branco, mas a um povo obtuso como um boi ou um jumento (Is 1.3), que preferia ser destruído a voltar para Deus (1.5,6) e que tinha, com sua religiosidade oca, cansado Deus a mais não poder (1.14). O que mais o Senhor poderia fazer a seu povo, nestas circunstâncias (5.4)? Por isso enviou-lhe seu oficial de justiça. Para que um processo judicial seja justo, porém, o acusado precisa ser desmascarado. Por isso Deus fez, através de Isaías, que estas pessoas fossem o que eram, culpados. Ele tornou evidente como o “não” contra Deus fazia parte da sua natureza, como estavam

perdidos em si mesmos. Ele entregou os teimosos à sua teimosia e ainda lhes tirou o que tinham (Mc 4.25). Este processo não podia e não devia ser atalhado, digamos por uma conversão barata. Nesta fase, o próprio Deus bloqueou o retorno. É compreensível que Isaías tenha perguntado por quanto tempo teria esta tarefa terrível. A resposta: até seu pleno êxito, isto é, até o insucesso total da pregação, até que a árvore velha caísse, o toco ficasse descoberto dando lugar a um broto novo (v. 11-13). Assim a Palavra de Deus mata para revivificar. Um dia os surdos haveriam de ouvir e os cegos de ver (Is 42.20; 43.8).

Vista de perto, a pregação de condenação de Isaías, levada ao extremo, foi um último chamado ao arrependimento. O mesmo aconteceu com Jesus. Ele iluminou a profundidade do conflito que se abria, o discernimento de espíritos desejado por Deus e causado pelas pessoas, para mais uma vez construir a ponte (também cf. 4.33). Um paralelo em Ap 22.11 pode esclarecer esta atitude. Assombrados por lermos algo assim na Bíblia, encontramos ali a exortação de continuar fazendo injustiça e sendo imundo. Mas o sentido é: Se você está disposto a não se deixar advertir, então continue em frente! “O que pretendes fazer, faze-o depressa” (Jo 13.27). Torne-se totalmente o que você é e reconheça-se como quem você é e assuste-se consigo mesmo, para sua salvação! É assim que o amor suplica, apaixonado, preocupado, despertador. A favor deste sentido fala também o fato de que as ameaças sempre são acompanhadas de promessas ou testemunhos jubilosos da graça (aqui v. 11a e e Ap 22.14). Tanto menos cabe a nós atenuar as ameaças.

## **9. Explicação da comparação do semeador, 4.13-20**

(Mt 13.18-23; Lc 8.11-15)

**Então, lhes perguntou: Não entendeis esta parábola e como compreendereis todas as parábolas?**

**O semeador semeia a palavra.**

**São estes os da beira do caminho, onde a palavra é semeada; e, enquanto a ouvem, logo vem Satanás<sup>a</sup> e tira a palavra semeada neles.**

**Semelhantemente, são estes os semeados em solo rochoso, os quais, ouvindo a palavra, logo a recebem com alegria.**

<sup>17</sup> **Mas eles não têm raiz em si mesmos, sendo, antes, de pouca duração<sup>b</sup>; em lhes chegando a angústia ou a perseguição por causa da palavra, logo se escandalizam<sup>c</sup>.**

**Os outros, os semeados entre os espinhos, são os que ouvem a palavra,**

<sup>19</sup> **mas os cuidados do mundo, a fascinação da riqueza e as demais ambições, concorrendo, sufocam a palavra, ficando ela infrutífera.**

**Os que foram semeados em boa terra são aqueles que ouvem<sup>d</sup> a palavra e a recebem, frutificando a trinta, a sessenta e a cem por um<sup>e</sup>.**

*Em relação à tradução*

<sup>a</sup> Nome próprio hebr; o termo grego *diabolos* (diabo) falta em Marcos.

<sup>b</sup> *proskairos* originalmente é aquilo que se refere ao momento certo, portanto o que é apropriado, de bom costume, mas logo adquiriu um tom negativo (sempre no NT): aquilo que está preso ao momento, ao mundo passageiro dos sentidos.

<sup>c</sup> Cf 9.42n.

<sup>d</sup> Aqui tempo presente, diferente de v. 15,16,18: estão sempre ouvindo.

<sup>e</sup> Cf 4.8n.

*Observações preliminares*

1. *Interpretação da parábola.* Nos comentários popularizou-se a conclusão de que esta interpretação não remonta ao próprio Senhor, mas que provém da igreja primitiva. Em que esta opinião quase unânime se baseia? Em primeiro lugar, o fato de que se trata expressamente de uma interpretação que supostamente favorece uma formação posterior (na opinião de Haenchen, p 170, na segunda ou terceira geração). Jesus teria apresentado suas comparações sem explicação, e cada situação fornecia a explicação: o sentido saltava aos olhos instantaneamente. Só depois que a situação não era mais conhecida é que começaram as interpretações artificiais. Esta idéia, porém, precisa ser verificada. Frequentemente os ouvintes entendiam errado as comparações. Davi, em 2Sm 12.5,6, reagiu com condenação e não com arrependimento. Ele tinha entendido, mas na verdade não entendera nada. Além disso, as comparações, que mexiam com as emoções e tinham

mesmo esta intenção, dificilmente não provocariam uma conversa posterior com Jesus, ainda mais no grupo dos discípulos.

2. *Alegoria* (cf. também *opr 2 a 12.1-12*). Os traços alegóricos dos v. 14-20 são considerados sinais de formação posterior. Visualizemos a diferença entre uma parábola e uma alegoria: ela está na comparação. A parábola traz um único ponto ou um ponto principal em que figura e objeto se equivalem. Uma alegoria, por sua vez, consiste de uma série de pontos de comparação, de palavras enigmáticas que precisam ser desvendadas e relacionadas com verdades espirituais. Daí também vem o seu nome: “dizer algo de outra maneira” do que tenciona. É uma linguagem para iniciados. Há muitos exemplos no judaísmo, mas também no AT e no NT (p ex Ez 17.3-10; Jo 15.1-8).

É muito comum que peças originalmente não alegóricas (comparações, narrativas) depois tenham sido alegorizadas. A cada pessoa e coisa é atribuído um sentido profundo, no qual o próprio autor não tinha pensado. O pai da igreja Orígenes expôs p ex a parábola ou história exemplar do bom samaritano da seguinte maneira: o homem que foi apanhado pelos ladrões é Adão, Jerusalém é o céu, Jericó o mundo. Os ladrões são o diabo e seus ajudantes, o sacerdote é a lei, o levita representa os profetas, o samaritano é Cristo. O animal que carregou o moribundo é o corpo de Cristo, a estalagem a igreja, as duas moedas Pai e Filho. A promessa de retorno do bom samaritano aponta para a volta de Cristo, etc. Agostinho e Lutero adotaram em boa medida esta interpretação, e ela é emocionante até hoje; só que ela abandona o texto singelo. Será que os v. 14-20 também acabaram sendo uma alegorização posterior? Quanto a isto, nos comentários impôs-se a noção de que a comparação em si (v. 3-9) contém elementos que tendem à interpretação alegórica. “Semeadura, crescimento, colheita, pássaros, raízes, frutos” eram figuras comuns no AT e no judaísmo. Por esta razão surgem constantemente vínculos espirituais adicionais ao lado do ponto principal de comparação, que querem ser percebidos e podem ser discutidos um por um. Talvez “o estilo de conversa que fica entre a parábola e a alegoria seja especialmente adequado ao espírito oriental”, pensa Dibelius (p 256). Isto não quer dizer que uma interpretação é de geração tardia só porque explana traços alegóricos, pois ela pode muito bem pertencer à situação original. Se tivéssemos diante de nós uma alegorização eclesial posterior, seria surpreendente que o trabalho não tenha sido completo. Por que não se entendeu o semeador como oficial da igreja, os pássaros como poderes demoníacos e os frutos como ações na igreja, tal como o batismo (cf. Schulz, p 152)?

3. *Mudança de sentido?* Muitos também defendem que estes versículos não são autênticos porque supostamente alteram todo o sentido da parábola. A pregação sobre o raiar e vencer do reinado de Deus tornou-se uma exortação psicologizada à igreja. Não é mais o semeador que está no centro, mas os tipos de solo, não mais consolo, mas advertência. A advertência seria principalmente para quem tenciona transgredir. Estes deveriam avaliar se sua conversão é séria, e finalmente deixar-se batizar. O lado bom desta observação está na recomendação de olhar bem de perto. Por isto voltaremos a ela no fim da exposição. Mas uma dica já podemos dar aqui. O material figurativo dificilmente se presta para um discurso de advertência, já que o solo não pode alterar sua consistência. É claro que o leitor cristão lembrará de exortações neste contexto, mas o texto não as menciona. Em resposta aos problemas de incompreensão (v. 13) ele é instrução, mas exortação ele seria só em resposta a problemas de não querer. Temos de prestar atenção nisto se não quisermos bloquear a intenção da afirmação do texto. Esta intenção prolonga sem interrupção a da comparação de 3-9. “Figura e interpretação se correspondem totalmente”, conclui Schmithals (p 230), com razão. Ampliando: figura, interpretação e situação são da mesma fôrma.

4. *Forma literária.* O argumento mais forte para não atribuir estes versículos a Jesus parece resultar da pesquisa de texto. Vários vocábulos supostamente são estranhos à linguagem de Jesus, mas próprios da linguagem posterior da igreja. J. Jeremias, *Parábolas*, reconhece honestamente (p 75): “Defendi-me durante muito tempo contra a conclusão de que esta interpretação da parábola devesse ser atribuída à primeira igreja. Mas ela é inevitável, já por razões literárias.” O termo inadjetivado “palavra” para a Palavra de Deus, que aparece em todos os versículos (v. 14,15,16,17,18,19,20) e que, junto com “ouvir”, é o termo dominante, não consta de nenhuma outra frase do Senhor, mas 25 vezes na linguagem missionária dos primeiros cristãos refletida no NT (p ex 1Ts 1.6; 2.13,18; Gl 6.6; Fp 1.7; 2Co 11.3,4; Cl 4.3; 2Tm 1.8; 2.9; 4.2; Tg 1.21,23; At 4.4; 6.4; 8.4,8; 16.34). Todo leitor da Bíblia também tem na lembrança o “aceitar” e “receber” a palavra em Atos e nas cartas. É verdade que Jeremias também diz que alguns termos eram “comuns” entre os primeiros cristãos quando só aparecem uma ou duas vezes no NT (p ex semear, engano, dar fruto) ou têm outro sentido (raiz, de pouca duração). O substantivo “perseguição” do v. 17 supostamente chama a atenção na boca de Jesus, apesar de ele usar o verbo com frequência. Na minha opinião, também o uso absoluto “a palavra” é entendido com muita pressa como formação posterior dos primeiros cristãos, em vez de pensar no uso geral da “palavra” já no AT, especificamente no livro de Isaías. Dele partem sem dúvidas várias linhas para o pensamento, a fé e a pregação de Jesus. Com isto não questionamos que os discursos de Jesus, antes de serem anotados por Marcos, passaram por um processo de tradição cujas marcas trazem em si. Mas as pesquisas de vocábulos de J. Jeremias não provam o que afirmam.

Acima de tudo, porém, integra o quadro literário destes versículos também o outro lado, a série significativa de semitismos, que vinculam o texto à tradição galiléia mais antiga. Além dos comentários, o



próprio Jeremias honrou esta circunstância. Uma tradução literal ainda transmitirá a impressão de uma linguagem interiorana simples, até desajeitada. Evidentemente Mateus e Lucas sentiram que precisavam ajustá-la um pouco. Por esta razão, também, em Marcos a interpretação é atribuída ou não a Jesus juntamente com a parábola em si (com Gerhardsson em Eichholz, p 82; Drane, p 85; C. F. D. Moule, R. Brown e outros).

- 13 Então, lhes perguntou** dá início a uma pergunta dupla, típica do nosso livro: **Não entendeis esta parábola?** Parecido com 7.17, o pedido de um discípulo pode ter precedido a explicação, ou Jesus percebeu a insegurança deles, como em 3.4; 8.17; 9.35. A tradição não achou necessário preservar a cada vez o motivo para um pronunciamento de Jesus.

Marcos dá muito destaque ao tema da falta de compreensão dos discípulos. Em 1.36 estão as evidências em seu livro. Digno de nota aqui é que esta passagem segue diretamente a proclamação da entrega do segredo exatamente aos discípulos (v. 11). A falta de compreensão da parte deles obviamente não derruba sua escolha eminente, mas com certeza um conceito errôneo desta escolha. No v. 11 o comentário concluiu que seu privilégio consistiu em conhecer a pessoa e atuação de Jesus. Em meio a isto, todavia, eles continuaram pessoalmente representantes da humanidade obtusa, de fé pequena e lerda para entender as coisas de Deus. Sempre de novo eles se comportaram como espectadores. Eles realmente não eram de material especial, simplesmente material de trato especial, objeto de esforço extraordinário de Jesus, formando somente por esta razão um grupo de significado extraordinário. Este é o quadro consistente em Marcos.

**Como compreendereis todas as parábolas?** Aqui fica confirmado o papel chave da comparação do semeador. Ela tem bons motivos para estar em primeiro lugar e ocupar 25 versículos.

- 14 O semeador semeia a palavra.** Em poucas palavras Jesus antecipa o que não carecia de interpretação neste grupo. Acontece que desde os tempos antigos até hoje a idéia da semeadura figurada é acessível. Pode-se semear p ex gestos como justiça e virtude (cf. Gl 6.7s; 2Co 9.10s; Tg 3.18; Os 8.7; 10.12). Mas também a pregação é comparada a um processo de semeadura (Jo 4.37; 1Pe 1.23; 1Jo 3.9; cf. 4Ed 9.30: “Semeio hoje a minha lei em vocês”). Em nosso capítulo, “semente” e “grão” (v. 26,31) estão em contexto escatológico. De acordo com 1.14s, soara a hora de Deus semear mais uma vez a terra pela pregação messiânica de Jesus. De maneira mais ou menos clara, o grupo em volta de Jesus estava consciente disto.

A última frase da parábola, no v. 8, também é colocada de lado rapidamente na interpretação, quase que só repetido (v. 20). É que a interpretação é só parcial, em que Jesus somente trata com detalhes da parte do meio, do crescimento entre semeadura e colheita.

- 15 São estes os da beira do caminho.** Com isto a semente recebe um sentido adicional, que conserva até o fim. Ela não simboliza somente a palavra mas, ao mesmo tempo, seu efeito, isto é, o povo messiânico como criatura da palavra de salvação. Sentidos duplos como este não são problema para os semitas. Gnllka (p 175) relaciona paralelos para isto de 4Ed. A relação entre grãos e povo de Deus estava à mão naquela época (Mt 3.12; 12.30; também 4Ed 9.2; Didaquê 9.4; cf. 1Co 3.9; no livro dos Jubileus 24.15 a colheita cêntupla indica a grande difusão de Israel). Segundo Bill. I, 122, os judeus se chamavam orgulhosos de “trigo” e os povos pagãos de “palha”. Aqui, onde acabara de soar Is 6 (v. 13), devemos recordar sua frase final: “A santa semente é o seu toco”. Trata-se do povo de Deus ressuscitado.

Com referência à criação do povo messiânico, que está em vista desde 3.7 (cf. opr 2 à divisão principal), Jesus ensina uma fase final de perigo. A semeadura atrai imediatamente Satanás (opr 3 a 1.12,13): **onde a palavra é semeada, enquanto a ouvem, logo vem Satanás e tira a palavra semeada neles.** Ele não quer que o reinado de Deus lhe roube seus cativos (3.22-27). Por isso é preciso tirar a palavra, que significa libertação. É importante notar que Jesus não menciona obstáculos humanos, apesar de saber recriminar a dureza dos corações em outras oportunidades (10.5; 16.14), mas a luta de Satanás contra o semeador e sua obra. O poder imenso e violento do Maligno investe contra seus grãosinhos indefesos.

- 16,17 Semelhantemente, são estes os semeados em solo rochoso, os quais, ouvindo a palavra, logo a recebem com alegria. Mas eles não têm raiz em si mesmos, sendo, antes, de pouca duração; em lhes chegando a angústia ou a perseguição por causa da palavra, logo se escandalizam.** A expressão “semelhantemente” vincula o segundo caso estreitamente ao primeiro. Satanás serve o prato seguinte. Desta vez ele provoca a queda de pessoas que já tinham aceito a palavra **com alegria**. “Alegria” aqui não deve ser depreciada como entusiasmo barato de conversão, que acaba em si mesmo. No NT o termo nenhuma vez denota um entusiasmo puramente humano, mas a atuação do

Espírito (Mt 28.8; Lc 10.17; 24.52; At 8.8; 16.34; 1Ts 1.6). Trata-se da alegria que brota em volta do noivo verdadeiro (2.19). Contra ela é mobilizada a obra de destruição. Na parábola em si (v. 6) a morte dos grãos se deu expressamente por interferência de fora, o calor do sol do meio-dia. Também aqui a interpretação não se concentra na superficialidade humana como causa, mas ensina a contar com ações satânicas: **a angústia ou a perseguição por causa da palavra**. O “logo” significativo do v. 15 repete-se aqui duas vezes, trazendo à lembrança duas vezes a presença de realidades sobre-humanas (cf. 1.10n). As perseguições resultam da natureza do evangelho bem como da natureza do mundo (8.35; 10.29; 13.9). Não tem base creditar esta percepção somente à igreja posterior. O AT já a prepara. A Paixão precisa acontecer.

O v. 17a parece enveredar para uma interpretação psicológica. A tradução de Lutero, que fala de pessoas “volúveis”, que se viram conforme sopra o vento, reforça esta idéia. No entanto, o vocábulo deve ser comparado com 2Co 4.18 e Hb 11.25. Em seu contexto, a expressão não indica suscetibilidade a influências variáveis, mas limitação a certo tempo (BJ: “de momento”; RC: “temporãos”), ou seja, vida curta. O que faz a fé ter vida curta aqui não é a mentalidade dos que se desviam, mas a pressão vinda de fora. A palavra não está acusando, antes lamentando ou prevendo como 14.27-30.

**18,19 Os outros, os semeados entre os espinhos, são os que ouvem a palavra, mas os cuidados do mundo, a fascinação da riqueza e as demais ambições, concorrendo, sufocam a palavra, ficando ela infrutífera.** Novamente as pessoas aparecem como campo de batalha disputado. De um lado vem a palavra e faz crescer coisas novas. Do outro lado o espírito do mundo as inunda como numa enxurrada e sufoca as coisas novas. Uma multiplicidade de tensões atrapalha o caráter inequívoco da vida de Deus, com Deus e para Deus (cf. 1.20). Sugestiva é a explicação de Oepke para “fascinação” (*apate*; ThWNT I, 384). No helenismo faltava o tom maldoso do termo “engano”. Ele podia ser descrito por “ilusão agradável”, como acontece no teatro. É digno de nota que o grego Lucas fala aqui dos “deleites da vida” (8.14). Em todo caso, o cristianismo que surge aqui continua vivo, mas sem dar fruto. Ele se desvirtua numa coisa aparente, numa casca vazia, numa sombra pálida. “Tens nome de que vives e estás morto” (Ap 3.1). Esta carta adverte e exorta contra um cristianismo assim. Aqui, porém, outra coisa está em questão: a iluminação de realidades espirituais para pessoas que devem servir a Jesus. Depois que aquele jovem rico foi embora em 10.22, Jesus não se esparramou em exortações diante dos discípulos atônitos, mas lhes testificou a incapacidade humana e o poder milagroso de Deus (v. 27 e 28-31).

**20 Os que foram semeados em boa terra são aqueles que ouvem a palavra e a recebem, frutificando a trinta, a sessenta e a cem por um.** Destas pessoas só se diz que acolhem a palavra (diferente do “aceitam” do v. 16), sem qualificativos como “com alegria” ou outro. Do que consiste seu fruto, concretamente, não se diz nada. O versículo termina com a retomada da expressão figurada da própria parábola. A “colheita” com certeza refere-se à ressurreição, como em 1Co 15.42s.

Com isto ficou provado que a interpretação só se ocupa com parte da parábola. É a parte que tem a ver com Jesus, que em Marcos evidenciava a falta de compreensão dos discípulos mais que qualquer outra coisa, isto é, a passagem escura pela Paixão, entre semeadura e colheita, ou entre aurora e vitória final. Esta interpretação parcial não é dada na forma de exortações, denunciando como as pessoas são obtusas, superficiais e mundanas, mas revelando as iniciativas satânicas contrárias e, no fim, o caminho determinado por Deus, que perpassa os capítulos a partir de 8.31. A diferença de ênfase também lembra os ensinamentos sobre o sofrimento em 8.31; 9.31; 10.33s. Enquanto a ressurreição só aparece à margem, a abundância de sofrimento se mostra em relatos coloridos. Esta passagem atual do reinado de Deus sempre é difícil de entender para os discípulos, mas é tão importante que seja entendida. Eles precisam saber muito bem no que se meteram. Ao tempo da colheita precede o tempo de sofrimento. O semeador se reveste da figura do sofredor e entra em sua Paixão.

## **10. As figuras da lâmpada e da medida, 4.21-25**

(Mt 5.15; 7.2; 10.26; 13.12; Lc 8.16-18; cf. Mt 25.29;  
Lc 11.33; 12.2; 6.38; 19.26)

**Também lhes disse: Vem, porventura, a candeia<sup>a</sup> para ser posta debaixo do alqueire<sup>b</sup> ou da cama<sup>c</sup>? Não vem, antes, para ser colocada no velador?**

**Pois nada está oculto<sup>d</sup>, senão para ser manifesto; e nada se faz escondido, senão para ser revelado.**

**Se alguém tem ouvidos para ouvir, ouça.**

**Então, lhes disse: Atentai<sup>e</sup> no que ouvis. Com a medida<sup>f</sup> com que tiverdes medido vos medirão também, e ainda se vos acrescentará.**

**Pois ao que tem se lhe dará; e, ao que não tem, até o que tem lhe será tirado.**

### *Em relação à tradução*

<sup>a</sup> Para imitar a assonância entre os vocábulos gregos para lâmpada e suporte (*lychnos* e *lychnia*) e expressar sua afinidade, poderíamos traduzir “lustre” como portador da luz, o que, porém, nos faria pensar em nossos belos lustres de sala. O objeto em questão é a lâmpada simples de barro, que usava óleo como combustível e não podia faltar em nenhuma casa. Ela era colocada sobre um pedestal de metal ou madeira para fornecer um pouco de luz para toda a casa de um cômodo só (Mt 5.15!). O artigo antes de “candeia” e “velador” não identifica um objeto definido e conhecido, mas tem um sentido geral no contexto semita.

<sup>b</sup> *modion* (do latim) significa primeiro “medida”, depois o utensílio de medir, muitas vezes traduzido por “alqueire” (palavra antiga para “recipiente”). Nele cabiam uns 9 litros de cereal e ele era indispensável em uma casa judia até para medir o dízimo. Era costume colocá-lo por cima da luz para que as vigas do teto não pegassem fogo, apagar ou ocultar a luz de inveja dos outros moradores. O primeiro caso não se aplica aqui nem o segundo, já que a luz acabou de ser acesa. O terceiro se aplica. Muitas vezes várias famílias conviviam em uma casa destas.

<sup>c</sup> *kline* pode significar desde uma esteira primitiva até uma liteira feudal. Aqui devemos pensar em condições de vida simples: as camas dos moradores são esteiras, isto quando um manto não tinha de bastar. Colocar a lâmpada debaixo de “camas” como estas equivaleria a pôr fogo na casa. Talvez pensa-se em um sofá estofado de madeira para pessoas aquebradas (Gn 48.2) ou usados em banquetes (14.3,15,18).

<sup>d</sup> “oculto, manifesto, revelado” (cf. “mistério” no v. 11) são expressões da linguagem das sociedades secretas judaicas sobre as quais Jeremias, Abendmahl (p 119-125) nos informa. Por ocasião da admissão em uma destas sociedades era preciso comprometer-se com juramentos e maldições a jamais transmitir certos ensinamentos e práticas destas seitas a pessoas de fora. Durante as refeições nenhum não-iniciado podia entrar na sala. Além disso, naquela época existia literatura secreta abundante, que circulava em certos círculos e se expressava em código (“Apocalipses”, cf. opr 3 a 2.1-12). Por último, o prestígio dos professores da lei da época de Jesus (cf. 2.6) não por último residia em que eram portadores de segredos. Eles levavam em consideração, p ex, se entre os seus ouvintes havia pagãos. Alguns ensinamentos eles só passavam sussurrando e só para um ou dois de cada vez, que tinha de ser uma pessoa seleta e madura. Os motivos para o mistério eram de ordem política, pedagógica mas, acima de tudo, religiosa. Quanta mais santa uma coisa era, tanto menos pessoas podiam ter acesso a ela. Neste clima de mistério religioso olhava-se de cima para baixo para os srs. João-Ninguém, excluía-se os “muitos” (contraste com 10.45).

<sup>e</sup> Lit “vede”, o que é um contra-senso: não se pode ver uma expressão acústica. No entanto, “ver” tem aqui uma função espiritual: Esforcem-se para não ver de qualquer jeito! (cf. Lc 8.18).

<sup>f</sup> O povo era pobre, o dinheiro escasso, de maneira que muitos pagamentos eram feitos em espécie. Por isso no mercado havia um movimento inimaginável de barganhas por preços, tipos de dinheiro, mas também pelas medidas. Uma medida de comprimento, p ex, que está sempre à disposição, é o braço da pessoa. Todavia, há pessoas com braços longos e outras com braços curtos. Para medir uma mercadoria que seria vendida chamava-se alguém de braço curto, para que o lucro fosse maior, mas para medir a compra respectiva este estava ausente, de modo que outro de braço mais longo tinha de servir. Naturalmente a outra parte insistia no uso da mesma medida. A mesma coisa acontecia com medidas de volume. Cada família tinha o seu recipiente, mas todos eram diferentes. A desconfiança era grande, assim como a intenção de ludibriar. As diferenças também podiam ser obtidas sacudindo e apertando bem um recipiente, para colocar mais nele (Lc 6.38).

### *Observações preliminares*

1. *Unidade.* Como mostra a comparação entre os sinóticos (cf. as passagens sob o título), nossas quatro máximas aparecem isoladas e com pequenas mudanças em várias passagens de Mateus e Lucas, em diversos contextos e também com sentidos diferentes. Ao mesmo tempo pode-se provar que Jesus colocava a seu serviço ditos da sabedoria popular. Lâmpada e medida, que estavam diariamente diante dos olhos em todas as casas, naturalmente integravam a linguagem figurada geral, assim como o princípio comercial importante de “medidas iguais” (Bill. I, 231,236s,444ss,660ss). Jesus falava a língua do seu povo. Aqui, porém, as quatro máximas formam um só bloco. Ao fazer seguir duas vezes a uma figura (v. 21 e 24, com introdução semelhante) um comentário (v. 22 e 25, iniciados por “pois”) provido de um chamado à atenção (v. 23 no fim, v. 24a no começo), surge uma comparação paralela intencional. Ambos também são unidos pela palavra-chave

“medida” (v. 21 “alqueire” e v. 24). Esta formação do texto propõe também a unidade do conteúdo. Por isso a interpretação não se deveria deixar desviar pelos paralelos.

2. *Contexto.* A introdução “também lhes disse” (v. 21 e 24) une o trecho para trás com os v. 11 e 13, portanto, com o ensino ainda restrito aos discípulos desencadeado pela pergunta deles no v. 10. Por outro lado, o “disse ainda” mais geral (sem o “lhes” que se refere aos discípulos) dos v. 26 e 30 introduz novamente a pregação pública a partir do bote. Contudo, também há palavras-chave que vinculam nosso trecho à instrução dos discípulos “mistério” e “oculto” (v. 11 e 22) e “dado” e “dará” (v. 11 e 25). Não por último, o tema do “ouvir” é continuado (v. 9,15,16,18,20 e, aqui, v. 23,24). Deste modo, nosso trecho contribui com mais esclarecimentos para a comparação do semeador. Com isto a ênfase passa mais da Paixão para a ressurreição, isto é, para o v. 9 da parábola, repetido no v. 20 quase sem interpretação. É verdade que aparece uma mudança de estilo. A partir de agora Jesus deixa o tom de ensino de exposição objetiva. As perguntas do v. 21 já incluem os discípulos, a ordem dos v. 23,24 é um apelo, e o discurso direto do v. 24 é uma exortação séria.

**21 Também lhes disse: Vem, porventura, a candeia para ser posta debaixo do alqueire ou da cama?** Esta vinda misteriosa da lâmpada como se fosse uma pessoa, Mateus e Lucas e alguns copistas de Marcos evitaram. Mas ela tem seu sentido. “Vir” muitas vezes é um termo com nuances messiânicas: Deus vem, seu reinado vem, o Messias vem (cf. 1.7,24,38; 2.17; 9.1; 10.45; 11.10; 14.62). Este sentido é muito provável aqui já que se fala da vinda da **candeia**, difícil de separar do simbolismo da luz. O judaísmo festejava profetas e professores da lei como “lâmpadas”, assim como personagens como Abraão e Davi. Em Jo 5.35) João Batista é chamado assim, e em Ap 21.23 diz que, na última cidade, “o Cordeiro é a sua lâmpada”. O fundo para o uso messiânico pode ser encontrado em passagens do livro da Consolação de Israel. Ali é dito nas horas mais escuras: “Tornarei as trevas em luz”, “resplandece, porque vem a tua luz” (Is 42.16; 60.1). Ela vem na pessoa do Servo de Deus, que Deus tornou em “luz para os gentios” (Is 42.6, 49.6). Especialmente João anuncia o cumprimento em linguagem de luz. Segundo Jo 12.46 (cf. 3.19), Jesus une “luz” com “vir para o mundo”: “Eu vim como luz para o mundo”.

Importante na pergunta de Jesus é o destaque da intenção com **para**, repetido na segunda metade da pergunta dupla mais uma vez, na explicação subsequente. Se uma pessoa normal já não leva uma lâmpada para o escuro com a intenção de ocultar ali seu brilho e manter a escuridão, quanto menos Deus, que é luz e só luz! **Não vem, antes, para ser colocada no velador?** Com Deus as coisas acontecem corretamente; ele não tem predileção pelo contra-senso. Por isso: o lugar da lâmpada é no suporte!

É verdade que no caminho de Jesus os absurdos pareciam triunfar. Deus vem? Mas as trevas marcham acelerado! O cap 3 acabara de mostrar o povo sendo embebido com o veneno da calúnia e a retirada de Jesus (cf. 3.7) para um grupo pequeno de pessoas sem influência. Será que sua causa agora estava achando o seu lugar na série de sociedades secretas judaicas? (cf. v. 22n). Já não tinham soado termos característicos destas sociedades, como “mistério, dentro e fora” (4.11)? Com a figura da lâmpada, Jesus se distanciou de modo veemente e fundamental do esoterismo. O reinado de Deus proclamado por ele é realmente reinado de *Deus* e, por isso, alcançará toda a criação. Assim como a água cobre o fundo do mar sem deixar de fora um único trecho, a realidade de Deus preencherá o universo (Is 11.9; 1Co 15.28). Este é o propósito do começo até o fim, “por mais escuro que seja o teu caminho, ó Santo”.

**22** Este propósito final do versículo explicativo contrapõe-se com certeza absoluta aos disfarces e falácias: **Pois nada está oculto, senão para ser manifesto; e nada se faz escondido, senão para ser revelado.** O que parecia ser assunto interiorano torna-se questão universal. O que é sussurrado na orelha dos discípulos haverá de conquistar os telhados do mundo (Mt 10.27). O caminho através de insignificância e esquecimento ainda não recebe uma explicação, mas não muda nada na determinação de Deus (para!), pelo contrário, serve-lhe. O tempo no solo escuro é essencial ao grão, se quiser um dia balançar à luz do sol a espiga carregada.

**23,24** O primeiro grito de alerta: **Se alguém tem ouvidos para ouvir, ouça!** conclui a primeira máxima e a caracteriza como palavra de sentido profundo, que quer ser recebida por corações bem despertos (cf. v. 9 e opr 2 a 4.3-9). Isto, porém, também vale para a exortação resultante dela. **Então, lhes disse: Atentai no que ouvis. Com a medida com que tiverdes medido vos medirão também, e ainda se vos acrescentará.** O *passivum divinum* (cf. 2.15) indica que o próprio Deus é o “parceiro de negócio” dos discípulos, em relação ao qual eles usam certa medida (cf. nota b). É a medida da sua disposição para ouvir. Eles devem manuseá-la da maneira mais generosa possível e estar sem

reservas à disposição da revelação. Deus provará ser, isto ele promete, um parceiro verdadeiro, generosíssimo. Com ele dá para fazer bons “negócios”. Sem usar a figura: vale a pena levar Deus a sério. A medida com que ouvimos torna-se medida na nossa compreensão crescente e do nosso fruto.

- 25 A mesma coisa, no entanto, também vale no sentido inverso, de modo que chegamos a uma seriedade final: **Pois ao que tem se lhe dará; e, ao que não tem, até o que tem lhe será tirado.** O que o ser humano **tem** no sentido positivo é, à luz do v. 24, o ouvir paciente e continuado. Então ele também participará da Páscoa, poderá contar com a ressurreição para suas ações, orações e sofrimentos. Mas quem resiste ao amor de Deus como em 10.22 e vai embora mal-humorado, não reterá nada do seu encontro com Jesus além de uma lembrança que o incomoda. Verdades que entendemos uma vez podem tornar-se novamente obscuras, podemos perder sementes espirituais. No dia em que à nossa volta as carroças da colheita seguirem carregadas para os depósitos, em nossa lavoura só haverá mato para queimar. Assim se encerra o grande parágrafo da comparação do semeador.

### 11. A comparação da sementeira que cresce por si, 4.26-29

- 26 **Disse ainda: O reino de Deus é assim como se<sup>a</sup> um homem lançasse<sup>b</sup> a semente à terra; depois, dormisse e se levantasse, de noite e de dia<sup>c</sup>, e a semente germinasse e crescesse, não sabendo ele<sup>d</sup> como<sup>e</sup>.**
- 28 **A terra por si mesma<sup>f</sup> frutifica: primeiro a erva, depois, a espiga, e, por fim, o grão cheio na espiga.**  
**E, quando o fruto já está maduro, logo se lhe mete a foice, porque é chegada a ceifa.**

*Em relação à tradução*

<sup>a</sup> Este “se” é indispensável, apesar de faltar no texto (Bl-Debr, § 380.4; WB, 1774); dele dependem os cinco conjuntivos dos v. 26s. Manuscritos posteriores o (re)introduziram, depois que um copista antigo o deve ter deixado de fora sem querer. O equívoco é compreensível, pois a palavra grega para “se” (an) segue outra com o mesmo som inicial (*anthropos*). Era fácil para o olho do copista pular para a segunda sílaba igual (*haplografia*).

<sup>b</sup> A forma do aoristo aponta para um processo concluído. Todos os outros verbos estão no tempo presente e, assim, atraem a atenção sobre si.

<sup>c</sup> A noite não é mencionada primeiro porque, para o agricultor, dormir fosse prioritário, mas porque, para os judeus da época de Jesus, o dia começava com o anoitecer.

<sup>d</sup> “Ele” com certeza refere-se ao agricultor, não ao grão (diferente do que pensam Rienecker, Wohlenberg).

<sup>e</sup> *hos* deve ser traduzido aqui, com WB 1776, por “enquanto” ele não sabe como. Para a tradução em si atraente “não sabendo ele como” ou “sem que ele saiba como” (BJ) a posição das palavras no grego é muito incomum.

<sup>f</sup> O grego *automatos* atrai a tradução “automaticamente”, mas isto desperta facilmente a lembrança de autômatos robotizados. O sentido básico é simplesmente: sem auxílio estranho.

#### *Observações preliminares*

1. *Contexto.* Com “disse ainda”, no v. 26, começam novamente as parábolas ditas para a multidão à beira do lago (v. 1). Como comparações da sementeira, as duas parábolas que seguem agora constroem sobre a grande comparação do semeador, como se formassem pares com ele. Eles, entretanto, desviam-se totalmente dos momentos negativos entre sementeira e colheita e tratam somente do destino da semente que produz fruto, limitado ao período do seu crescimento. A colheita é ainda mencionada no v. 29, mas sem que se detalhe sua produtividade como no v. 9.

2. *Interpretações.* A parábola fala do semeador sem demonstrar qualquer interesse em sua identidade: “um homem” lançou as sementes na terra. Não é possível ser mais geral e descorado. Esta dica quer ser entendida e impedir que os intérpretes comecem exatamente perguntando quem poderia ser este personagem sem rosto. Será que é Deus, o próprio Jesus ou seus discípulos? Cada um dos três tem seus defensores na história dos comentários, mas acaba atolando em algum lugar do texto ou o força. No v. 27, **p ex**, o homem aparece bem humano, enquanto no v. 29 transparece o juiz do mundo, pronto para o julgamento final. É evidente que a parábola não tem seu cerne nesta pessoa.

3. *Ponto central.* Na parábola, a ação marca passo em *um ponto*” o v. 28 não avança mais, mas só explana o tema atingido no v. 27, que é o fruto que o grão deu. Este processo ele coloca sob o título “por si mesma”. Também em termos de estilo o v. 28 se destaca. Todas as outras afirmações, antes e depois, estão formuladas



com frases condicionais. Aqui uma afirmação direta chama a atenção para si. Esta observação serve de orientação para o comentário.

- 26,27 Disse ainda: O reino de Deus é assim...** Não só a primeira ação mencionada, mas todo o acontecimento seguinte está incluído na comparação, e dele deve concluir-se o ponto central. Jesus apresenta a ocorrência com uma longa frase condicional, que passa por cinco verbos de movimento: **como se um homem lançasse a semente à terra; depois, dormisse e se levantasse, de noite e de dia, e a semente germinasse e crescesse, não sabendo ele como.** A ação, que somente se contenta com a referência ao agricultor que não sabe, quer ser acompanhada com rapidez, sem deter-se em cada detalhe. O verbo “lançar” em lugar de “semear” não tem o sentido de jogar fora com desatenção. Tampouco como nos v. 3-9, Jesus não apresenta o camponês em tom negativo. Desta vez, porém, ele não o mostra à luz das vicissitudes que o cercam, mas descreve sua situação após a semeadura. Ele dorme: sua passividade é destacada mais que sua atividade, pelo menos com relação à semeadura. Naturalmente ele se levanta de noite e de dia e se ocupa de outros trabalhos. Mas no que tange à sementeira, ele está tranquilo, adormece bem à noite, repousa profundamente e com saúde até que amanhece e acorda descansado. Todavia, seria errado pensar que aqui estamos diante de um exemplo de “agricultor preguiçoso”, indiferente com a semeadura. Acontece exatamente o contrário: ele é indiferente para a semente. Aquilo de que ele precisa agora, que é o crescimento, é Deus quem dá. Só Deus pode dá-lo, e ele quer fazê-lo. Por isso o agricultor não se preocupa, não fica cavando atrás dos grãos, não toma providências idiotas para apressar o processo, mas tem um dia normal e uma noite tranquila. Assim, a semente germina e cresce, não sem Deus, mas sem o agricultor. Em seguida, este pensamento é levado ao extremo: o crescimento acontece não só sem sua ajuda, mas até sem seu conhecimento: não sabendo ele como. É claro que o homem experiente sabe teoricamente que a semente brota e cresce, pois espera ansiosamente pela colheita. Mas ele não o sabe no sentido de que isto não ocupa constantemente sua consciência. A semente cresce às suas costas, sem que ele o veja. O verbo “saber” também pode ser traduzido por “compreender”. A germinação, o alongamento da haste e a formação da espiga subtraem-se ao entendimento do agricultor. Centímetro por centímetro, o crescimento é para ele um milagre, distante da compreensão e da capacidade humanas.
- 28** Ao chegar neste ponto, Jesus sublinha a idéia com destaque: **A terra por si mesma frutifica: primeiro a erva, depois, a espiga, e, por fim, o grão cheio na espiga.** Esta “por si mesma”, que exclui a atividade e a responsabilidade humanas, não celebra a “mãe terra” fértil ou o poder germinativo indestrutível da semente. Isto seria um desvio do fundo do AT, que devemos pressupor para Jesus e seus ouvintes. De acordo com o AT, nenhuma parte da criação, nem mesmo uma semente, dispõe de vida própria. Pelo contrário, o crente vê nos processos da natureza a cada momento a intervenção direta de Deus. A semente só cresce “por si mesma” no tocante à independência do ser humano, mas acionada por Deus. Neste sentido, a expressão nos conscientiza do poder incrível de Deus. Seus impulsos permeantes efetuam o crescimento em todos os seus estágios, até o amadurecimento completo.
- 29** **E, quando o fruto já está maduro, logo se lhe mete a foice, porque é chegada a ceifa.** De repente o camponês volta à cena. O sinal para ele é o cereal maduro. Com isto é novamente *sua vez*. Tempo de colheita. As expressões trazem ecos do AT. Por um lado a colheita é uma figura do julgamento. “Ele mete a foice” alude ao capítulo final do livro de Joel (3.13). Ali o profeta descreve o juízo final dos opositores de Deus e a aurora do reino, recorrendo às cores douradas da colheita. Em meio a isto ressoa o grito: “Lançai a foice, porque está madura a seara!” (cf. Ap 14.15,18).
- É verdade que Jesus não relaciona expressamente seu anúncio com a passagem do AT. Há só uma lembrança, sem citação do conteúdo todo. Em Joel, o grito, p ex, é de vingança: Finalmente haverá o acerto de contas! (Jl 3.4,7). Com Jesus, porém, a exclamação não tem inimigos em vista. A parábola, diferente da comparação do semeador, desfaz as resistências ao reinado de Deus (opr 1). Igualmente, há uma diferença com a convocação para a colheita na parábola de Mt 13.30, que tem em vista a eliminação das ervas daninhas. O chamado da foice é aqui uma exclamação de júbilo em vista das espigas carregadas de grãos. É que no AT a colheita também pode significar alegria indizível (Is 9.2).
- Com isto chegamos à interpretação. Ela tem a ver com o v. 28, tão central em nosso panorama (opr 3). Ali está o centro da parábola e sua mensagem. A expressão antecipada “por si mesma” mostra o ponto em que o ouvinte deve aprender algo sobre o reinado de Deus. Ele é totalmente um evento a partir do segredo de Deus. Visível foi só a exclamação e, com isso, seu início na pregação e

nos atos de Jesus (1.39), tão minúsculo como grãos de sementes lançados no solo escuro. Sua consumação será agora ação maravilhosa de Deus, sem auxílio de mãos e esperteza humanas. Neste sentido Jesus encaminhava-se confiante para um “por si mesmo” grandioso e a colheita festiva que seguiria. A ação de Deus aconteceu na Sexta-feira da Paixão e na Páscoa; a partir de 8.31 Jesus ensinou isto com clareza crescente. A colheita festiva tem um cumprimento preliminar nas missões após a Páscoa (com a figura da colheita p ex Mt 9.37s; Lc 10.2; Jo 4.35) e seu cumprimento final na chegada do Filho do homem (Mc 13.27).

Esta é a interpretação cristológica da parábola (opr 4 a 4.1,2). Entretanto, da cristologia sempre se podem tirar conclusões eclesiológicas (cf. 4.9 fim). Cristo, com esta parábola, está colocando sua igreja, como a si mesmo, debaixo de Zc 4.6: “Não por força nem por poder, mas pelo meu Espírito, diz o Senhor dos Exércitos”. Esta interferência do Espírito os discípulos só podem pedir em oração, testemunhar, louvar e sofrer, jamais provocar e produzir. A predileção de falar do nosso “trabalho no reino de Deus” deve ser totalmente questionada. O que é decisivo acontece sem que participemos e vejamos.

O discípulo do tipo certo também não quer o que não pode. Ele não quer um paraíso fabricado por ele mesmo. Depois que andou por todos os caminhos próprios e retornou humilhado, ele tem fome e sede da vinda do próprio Deus. O conceito oposto seria, p ex, um tipo de zelotismo (cf. 1.5; opr 5 a 1.16-20 e opr a 12.13-17). Ao “por si mesmo” divino opõe-se diametralmente a conversa de “apressar o fim”. Jesus pode ter aludido a isto em Mt 11.12 (Bill. I, 599; Hengel, Nachfolge, p 64,66). Este pensamento passa por toda a história da igreja até hoje: há um fascínio pela palavra “força”. Do outro lado, o farisaísmo tenta apressar a vinda do reino não pela força, mas pela obediência (opr 4 a 2.13-17; opr 2 a 1.2-8). A luta pela programação é renhida: obediência à lei em todo Israel, até ao pontinho do “i”. Esta versão também acompanha a igreja como perigo atemporal. Tenciona-se manipular o Espírito Santo com dedicação religiosa fervorosa.

Seguindo a Cristo, a gente finalmente se torna normal. Como Deus não ficará devendo sua atuação, podemos afirmar nossa humanidade, nossa incapacidade e a do outro. Acontecem muito mais coisas do que fazemos e sabemos. Assim, podemos realizar tranquilos nossas pequenas ações, na confiança das grandes ações de Deus. Entre nossa semeadura e uma colheita transbordante estão os milagres de Deus. Assombrados, balbuciaremos naquele dia: “Grandes coisas o Senhor tem feito” (Sl 126.2).

## 12. A comparação do grão de mostarda, 4.30-32

(Mt 13.31,32; Lc 13.18,19)

<sup>30</sup> **Disse mais: A que assemelharemos o reino de Deus? Ou com que parábola o apresentaremos?**

<sup>31</sup> **É como um grão de mostarda<sup>a</sup>, que, quando semeado, é a menor de todas as sementes sobre a terra<sup>b</sup>;**

**mas, uma vez semeada, cresce e se torna maior do que todas as hortaliças e deita grandes ramos, a ponto de as aves do céu poderem aninhar-se à sua sombra<sup>c</sup>.**

*Em relação à tradução*

<sup>a</sup> Difícilmente se pode pensar na árvore de mostarda (*Salvadora persica*), uma planta de estepe pouco conhecida, por causa da relação com as “hortaliças” cultivadas (v. 32). A mostarda escura (*Sinapis nigra*) é mais provável. Ela era plantada no “campo” (Mt 13.31), tanto para uso dos seus grãos como tempero, remédio ou alimento para os pombos, como na “horta” (Lc 13.19) para uso dos seus brotos como legume (diferente de Bill. I, 660). A mostarda crescia do grão minúsculo de um milímetro até o tamanho de uma folhagem que atingia 3-4 m de altura nas margens do lago da Galiléia. Por isso podia-se falar figuradamente de uma “árvore” (Mt 13.32, Lc 13.19). Segundo Bill. I, 656, um rabino informa: “Havia no meu terreno um caule de mostarda no qual pude subir como se fosse a ponta de uma figueira”.

<sup>b</sup> Certamente será possível apresentar sementes menores, p ex de papoula, mas talvez se pense aqui nas verduras da horta. Estes o povo tinha sob os olhos, na busca de comparações e provérbios. Assim o grão de mostarda tornou-se figura para algo proverbialmente pequeno (Bill. I, 669). A isto podia-se vincular outras sensações. Em Lc 17.6 o grão de mostarda é contrastado com a amoreira, cujas raízes eram consideradas especialmente fortes. Assim, à pequenez juntam-se fraqueza, impotência, miséria; cf. também o contraste com o “monte”, o reino poderoso em Mt 17.20.

<sup>c</sup> Lohmeyer, Matthäus (p 216) argumenta que no pé de mostarda nunca foram encontrados ninhos de pássaros. Segundo Pesch I, 262, os pássaros não os faziam nos galhos da planta, mas no chão, à sua sombra.

### *Observação preliminar*

*Contexto.* Enquanto na primeira parábola da semente a ênfase estava no processo de semeadura e na segunda no crescimento da semente, na terceira ela passa para o seu resultado final. No que tange ao “semeador” do v. 3, que empalideceu para “um homem” no v. 26, aqui ele desapareceu completamente do texto, mesmo que se faça questão de preservar sua obra, a semeadura (v. 31 e 32). Também o crescimento, que nas duas primeiras parábolas é desenvolvido em todas as suas condições e estágios, o texto grego resume em uma palavra: “cresceu”. Leva-se em consideração somente o fato de semeadura e crescimento, depois o olhar se volta para o fim, pintado com todas as cores. A parábola vive deste contraste: do nada sai uma coisa tão grande! O que une as três parábolas é o fato de que provêm do contexto em que o ser humano não pode fazer nada, mas no qual pode confiar plenamente. Assim é a vinda do reinado de Deus.

### **30 Disse mais: A que assemelharemos o reino de Deus? Ou com que parábola o apresentaremos?**

Talvez com o auxílio de uma montanha elevada como Daniel ou de uma árvore gigantesca como Ezequiel? Nesta direção é que os pensamentos se voltavam automaticamente, naquela época (Foerster, ThWNT V, 479). Jesus a provoca com sua pergunta comunicativa dupla, para chocá-la em seguida. Vista deste lado, esta parábola é um ápice apesar de ser tão curta.

### **31 É como um grão de mostarda.** Este é considerado sem ilusões, na condição em que é semeado: **que, quando semeado, é a menor de todas as sementes sobre a terra.** O reinado de Deus é ponto culminante isolado, certamente, mas voltado para baixo. O maior de todos aparece como o menor.

### **32** Uma segunda vez, numa repetição misteriosa, a semente minúscula é exposta: **mas, uma vez semeada.** Então, sim, sua forma final lhe é contraposta: **cresce e se torna maior do que todas as hortaliças.** Com isto o contraste entre início e consumação é mostrado com grande efeito.

Esta parábola também desemboca em uma expressão do AT (cf. v. 29). Novamente não temos uma citação completa, somente uma insinuação de vários paralelos do AT, de modo que a parábola se torna translúcida para todo o amplo horizonte bíblico (Ez 17.22s; 31.6; Dn 4.9,18; Sl 104.12). **E deita grandes ramos, a ponto de as aves do céu poderem aninhar-se à sua sombra.**

Como resultado acabamos tendo a árvore do reino de Deus, exatamente no lugar onde estava o grão de mostarda, onde a razão humana jamais o teria imaginado. Com sua copa ampla e cheia de vida até as pontas, a árvore prefigura um grande reino, no qual todos convivem em paz. As **aves**, neste contexto, não são de Satanás como no v. 4 mas, como em Ez 31.6, “todos os grandes povos”. O conceito do reinado escatológico de Deus requer a inclusão dos povos pagãos. A **sombra**, no contexto, certamente não é a da morte, mas a proteção contra o sol abrasador (Sl 121.6), ao qual as criaturas de outra forma estariam expostas sem misericórdia. A vida se torna possível em todo lugar.

A *interpretação* resultará cristológica, em todos estes contextos. Deve-se falar da entrada em cena de Jesus como um grão de mostarda. Ele trazia dentro de si um segredo: a ação de Deus que abrange e inclui o mundo todo. Exatamente este perseguido, que pessoalmente não tinha onde reclinar a cabeça, este que foi expulso para a cruz, criou para todos um lar junto a Deus (Jo 14.2). Quem se deixou ensinar sobre o que é próprio do reino de Deus, através do que é próprio da semente de mostarda em Jesus, pára de querer torná-lo mais atraente. Ele também não achará que a igreja terá senhorio mundial, nem que a pregação transformará o mundo. Ele não equipará a ekklesia à basileia, ao reinado de Deus. A igreja é somente “primícia”, princípio como um grão de mostarda. Este princípio, porém, já contém em si o resultado. A semeadura já é vitória.

## **13. Retrospectiva do discurso de parábolas de Jesus, 4.33,34**

(Mt 13.34,35)

**E com muitas parábolas semelhantes lhes expunha a palavra, conforme o permitia a capacidade dos ouvintes<sup>a</sup>.**

**E sem parábolas não lhes falava; tudo, porém, explicava em particular<sup>b</sup> aos seus próprios discípulos.**

### *Em relação à tradução*

<sup>a</sup> “ouvir” tem aqui, como **p ex** também em **1Co 14.2; Gl 4.21; Mt 13.13**, além do processo acústico, também o sentido de compreender, sempre subentendido quando se ouve de verdade.

<sup>b</sup> *kath idian*, em particular, aparece com frequência no ensino restrito aos discípulos (ainda em 6.31,32; 7.33; 9.2,28; 13.3); cf. 4.10 objetivamente.

<sup>c</sup> *idion* talvez não seja aqui um substituto simples para o pronome pessoal (“seus discípulos”), mas um destaque no sentido de intimidade, em contraste com “os de fora” (v. 11).

### Observação preliminar

*Unidade.* O v. 33b pressupõe que as parábolas de Jesus eram compreensíveis, já que Jesus as adaptou especialmente ao entendimento dos seus ouvintes. O v. 34b, por sua vez, parte da noção de que elas são difíceis de compreender, quando não incompreensíveis, já que precisam ser primeiro explicadas aos discípulos. Disto resulta uma contradição, se tomarmos as palavras pelo seu sentido superficial. O último a expor esta situação com insistência, incrementado com outras opiniões, foi Schmithals (p 247s), falando de “textos inconciliáveis”. A pesquisa pressupõe geralmente vários manuseios do texto original, do qual são oferecidas várias hipóteses. Partindo do fato de que Marcos não viu nenhuma contradição e que sua posição é passível de interpretação, faremos uma tentativa para compreendê-lo. Nisto podemos nos referir às *opr* 4 e 5 a 4.1,2, bem como a todo o comentário a 4.10-12.

- 33 Depois que Marcos fez a seleção representativa das três comparações da semente, ele faz uma retrospectiva: **E com muitas parábolas semelhantes lhes expunha a palavra.** A expressão “a palavra” de forma alguma pode ser separada das suas oito menções nos v. 14-20. O próprio Jesus, portanto, é o semeador, e **a palavra** naturalmente é a sua mensagem em geral, a proclamação do reinado de Deus que amanhece em sua pessoa e obra. Isto, porém, ele só apresentou de forma cifrada, sem passar jamais da comunicação indireta. A forma clássica da comunicação indireta são **parábolas semelhantes**. “Parábolas”, no caso, não tem sentido estrito. Elas não excluem a maior diversidade das formas de pregação de Jesus, como o próprio evangelho de Marcos pode mostrar. Temos seu ensino (4.1), mas também o chamado profético, os debates, a instrução ética, a palavra ativa no milagre ou a ação simbólica. Mas em nenhum destes casos ele lhes diz “a palavra” sobre sua pessoa e destino “em público” como no círculo pequeno dos discípulos, conforme 8.32.

Contudo, por que Jesus não falava claramente diante do povo? A razão não estava em Jesus, mas no povo. Ele falava **conforme o permitia a capacidade dos ouvintes**. Uma palavra totalmente direta teria significado a obrigatoriedade de uma decisão imediata. Para isto o povo não estaria preparado. O resultado teria sido descrença coletiva. Também neste contexto pode-se tocar no caso de Jo 16.12: “Vós não o podeis suportar agora”. A comunicação indireta, portanto, contém sem dúvida uma decisão judicial para o povo; o v. 12 a expressou em termos gerais. Porém lá a interpretação já indicou o que nosso versículo coloca em primeiro plano: a comunicação indireta testifica esforços continuados do Senhor por este povo. O discurso figurado também é sempre adaptação, busca de comunhão. Jesus ainda chama (cf. v. 9!), mesmo que de longe. Ele se entrega a eles, mesmo que sob condições: **E sem parábolas não lhes falava** (34a).

- 34b **Tudo, porém, explicava em particular aos seus próprios discípulos.** Sem a dedicação especial de Jesus, os discípulos não perdiam para o povo em falta de maturidade e entendimento. Isto Marcos mostra suficientemente. A diferença é que eles não estavam entregues a si mesmo, mas “com ele” (3.14). Ele era o centro para eles. Por este motivo o grupo não ruiu em descrença. Sempre de novo os esforços dele venciam a incompreensão deles. Isto se vê também nos apelos insistentes para ouvir nos v. 23s. Nele, por graça, já lhes fora “dado conhecer o mistério do reino de Deus (v. 11). A revelação deste segredo abrangia a solução de todos os segredos de Deus (Cl 2.3). Isto valia no sentido de um caminho que Jesus estava disposto a andar com eles com paciência indizível e disposição de sofrimento. A dádiva do v. 11, portanto, não dispensava os acréscimos do v. 25 nem o aprendizado maior do nosso versículo.

## 14. Jesus acalma a tempestade, 4.35-41

(Mt 8.23-27; Lc 8.22-25)

<sup>35</sup> **Naquele dia, sendo já tarde<sup>a</sup>, disse-lhes Jesus: Passemos para a outra margem.**

<sup>36</sup> **E eles, despedindo a multidão<sup>b</sup>, o levaram assim como estava, no barco; e outros barcos o seguiam<sup>c</sup>.**

<sup>37</sup> **Ora, levantou-se grande temporal de vento<sup>d</sup>, e as ondas se arremessavam contra o barco, de modo que o mesmo já estava a encher-se de água.**

**E Jesus estava na popa, dormindo sobre o travesseiro<sup>e</sup>; eles o despertaram e lhe disseram: Mestre<sup>f</sup>, não te importa que pereçamos?**  
**E ele, despertando, repreendeu o vento e disse ao mar: Acalma-te, emudece<sup>g</sup>! O vento se aquietou, e fez-se grande bonança.**  
**Então, lhes disse: Por que sois assim tímidos?! Como é que não tendes fé<sup>h</sup>?**  
**E eles, possuídos de grande temor, diziam uns aos outros: Quem é este que até o vento e o mar lhe obedecem?**

#### *Em relação à tradução*

<sup>a</sup> Cf 1.32n.

<sup>b</sup> As pessoas não se espalhavam à vontade ao término da reunião, mas parecem ter sido despedidas expressamente por Jesus, aqui pelos discípulos em seu nome (cf. 6.36; 8.3).

<sup>c</sup> Este “seguir” em Marcos está sempre relacionado a Jesus (1.13; 2.19; 5.18; 3.14; 14.67) e, neste sentido, denota uma ligação estreita com ele, de modo que, neste barco, havia mais discípulos além dos doze (cf. 4.10).

<sup>d</sup> A superfície do lago está a 212 m abaixo do nível do mar e ele é cercado de montanhas por três lados, que têm até 300 m de altura. Neste caldeirão predomina um clima subtropical. Em maio e junho o termômetro escala 40 graus à sombra. A compensação das correntes de ar frias no planalto com estas temperaturas de calor sobre o lago pode provocar ventos descendentes de incrível violência, que “desabavam” especialmente pelas ravinas da costa íngreme oriental (Lc 8.23, BJ). Os pescadores os temiam muito por serem imprevisíveis e, para não serem surpreendidos, eles mantinham silêncio no barco e ficavam atentos para sons que viessem do leste. Ali a tempestade se fazia ouvir com antecendência, com um som sibilante. Então o vento levanta a água de repente em redemoinhos, e o lago “ferve” com ventos de 7 a 8 nós. O chuvisco resultante cobre a cidade costeira de Tiberíades como nuvens de nevoeiro.

<sup>e</sup> “travesseiro” é tradução literal, mas, de acordo com WB 1419, pode-se pensar também na almofada em que o timoneiro sentava (veja o artigo!), que Jesus usou como travesseiro.

<sup>f</sup> Cf 9.17n.

<sup>g</sup> Cf 1.25n

<sup>h</sup> Este é o texto melhor documentado. Todas as variantes parecem ser atenuações posteriores.

#### *Observações preliminares*

1. *Coletânea de milagres 4.35-5.43.* As quatro histórias de milagres a seguir apresentam uma série de características comuns, que as identificam como um bloco fechado de “maravilhas”, ações poderosas, como 6.2 as denomina em retrospectiva. Uma destas é seu comprimento (em média 12,13 versículos, contra 7 no cap. 2) e sua riqueza de detalhes interessantes (cf. *opgr* 5). Além disto elas têm a mesma localização, agrupadas em volta do lago e relacionadas ao barco (4.36,37; 5.2,18,21). Depois, elas sublinham expressamente uma seqüência de eventos (4.35; 5.1,21,24,35), ao passo que, nos capítulos anteriores, vimos geralmente ligações soltas. Por último, todas tratam expressamente das ações de Jesus, enquanto faltam indicações da sua atividade de ensino; os parágrafos não desembocam como no cap. 2 cada vez em uma afirmação importante do Senhor. Com isto chegamos ao propósito específico desta coletânea. Ele está na palavra-chave “fê, crer” (4.40; 5.34,36; o antônimo “incredulidade” está em 6.6). O trecho quer despertar a fê e o “prostrar-se” (5.6,22,23) perante o Senhor sobre as forças destrutivas da natureza (4.35-41), os demônios (5.1-20), as enfermidades (5.24-34) e a morte (5.21-23,35-43). Como tal, ele sobrepuja Jonas na primeira história, os exorcistas judeus na segunda, os médicos na terceira e Elias na quarta. Assim, estas comparações testificam sua grandeza superior. Da mesma maneira como se pode ouvir o barulho do mar em pequenas conchas, elas deixam entrever um Senhor inigualável e convocam o leitor à fé, até os nossos dias.

2. *Relação com o discurso das parábolas no cap. 4.* A própria circunstância de que o discurso precedente das parábolas girava em torno do lago e do barco (4.1) une os dois trechos. Além disso, o v. 35 inclui os milagres seguintes expressamente no contexto do discurso das parábolas. Deste modo, as ações ficam ao lado do ensino. Elas autenticam o ensino, como “sinais que acompanham e confirmam” (16.17,20). Palavras e ações convocam igualmente à fé no reinado misterioso de Deus. Isto vale especialmente para a primeira história (v. 35-41). Como 4.10-25, ela serve de exemplo do “estar com” de Jesus e seus íntimos, de acordo com v. 4 e 34b. Logo no começo, o v. 35 sublinha a separação da multidão, no v. 36 os discípulos agem como servos pessoais de Jesus, no v. 38b eles o chamam de “mestre”, no v. 40 ele os repreende por causa do fracasso como no v. 13, e o v. 41 desemboca no confronto dos discípulos com o segredo da sua pessoa. Assim, a história trata novamente dos esforços intensivos de Jesus em prol dos seus discípulos, à luz do reinado tão estranho de Deus.

3. *Comparações com a história da religião.* Já por volta do ano 160, o filósofo pagão Celso apontava, com relação aos milagres de Jesus, para as realizações de milagreiros antigos. Mesmo que Jesus tenha realmente



feito os milagres, eles não seriam nada especial. Em geral, porém, ele estava convicto de que muitas coisas “tinham adquirido caráter milagroso somente nas narrativas dos discípulos” (em Goppelt I, p 189). Esta crítica, que nivela as histórias de Jesus na história da religião, acompanha os evangelhos até hoje. No que tange especificamente à tempestade, tratar-se-ia de uma lenda itinerante que assombrou várias religiões até ser aplicada também a Jesus (é o que diz Bultmann, *Geschichte*, p 250, entre outros). Do deus curador grego Asclépio (Serápis dos egípcios) dizia-se que ele salvava os marinheiros quando estes oravam e “fazia calar o vento”. Em um discurso bajulador de Cícero, “os ventos e tempestades tinham sido submissos” ao general romano Pompeu. César reivindicou poder protetor em apertos marítimos: “Não tema nada! Você está levando César, e a sorte de César o acompanha!” Para empreender uma viagem por mar, as pessoas invadem o navio de Apolônio de Tiana, porque “acreditavam que este homem era mais poderoso que fogo e vento e as coisas mais perigosas” (em Pesch I, p 274). De acordo com textos judaicos, o rabino Gamaliel, no meio de uma tempestade no mar, recordou Deus de sua inocência: “Então o mar acalmou sua fúria”. Ou o menino judeu orou em sua angústia (“grande tempestade”) no meio de marinheiros pagãos desesperados que tinham clamado em vão a seus deuses. Então o Deus verdadeiro atendeu, “e o mar silenciou” (Bill. I, 489,452). Para avaliar a situação é importante lembrar que, desde que existe tráfego marítimo, também existe perigo de naufrágio, com seus sinais típicos: irrupção da tempestade, ondas altas, navios em vias de afundar, pessoas desesperadas, orações e, em caso positivo, abrandar do vento, calmaria do mar e um enorme alívio entre os salvos. É claro que estes elementos aparecem em todas as histórias de tempestades do mundo, na sequência correspondente (“tópica”) e com vocábulos típicos. Fazem parte certo estilo de emoção e de tom de voz. Geralmente não tem importância se se trata de saga, lenda, conto ou relato histórico. Paralelos não admitem afirmações de dependência, nem de historicidade. Temos de determinar os fatos. Os exemplos extra-bíblicos acima falam de respostas de oração, personalidades com carisma ou culto proposital à personalidade com seus exageros absurdos. A interpretação sem preconceitos da nossa história mostra que não há nenhuma relação essencial com eles. Na verdade, ela é incomparável.

4. *Contexto do AT*. Há muito que se detectou uma série de semelhanças entre **Mc 4** e **Jn 1**. Qualquer leitor da Bíblia pode relacioná-las (as referências de **Jn 1** são as seguintes: v. 4: “forte vento”, v. 5: “dormia”, v. 6: “pereçamos”, v. 12: “se aquietará”, v. 16: “temeram estes homens em extremo”. Por isso Pesch I, 276 acha que em **Mc 4.35-41** “temos uma reprodução livre de **Jn 1**, com auxílio de **Sl 107.23ss**”. Uma comparação exata, porém, leva à conclusão que, no essencial, o relato de **Mc 4** passa ao largo de **Jn 1**. Em **Jn 1.4** Deus manda a tempestade, mas aqui a tempestade é repreendida pelo Filho de Deus como contrária a Deus. Em **Jn 1.4** Jonas dormia por omissão rebelde, aqui Jesus dorme exausto pela obediência. Em **Jn 1.14** as pessoas clamam a Deus, mas aqui Jesus fala como o próprio Deus. Em **Jn 1.14** os homens pagãos crêem, aqui os discípulos não crêem. Em **Jn 1.15** o mar se acalma porque finalmente Jonas obedece e se submete ao julgamento de Deus, aqui quem obedece é o mar. Procedente é, por outro lado, que **Jn 1** integra o fundo do *AT* da nossa história, se bem que somente ligado a uma frente ampla de outras referências do *AT*, como o comentário mostrará.

5. *Processo de transmissão*. A abundância de alusões ao *AT* mostra o quanto o narrador moldou o evento espiritualmente um processo que progrediu ainda mais em Mateus. Em favor de interesses cristológicos e eclesiológicos, os detalhes passam a segundo plano de tal modo que algumas questões ficam em aberto. P ex, quem estava nos outros barcos do v. 36? Como estes passageiros se comportaram na tempestade? Eles estão incluídos no v. 41? Junto com isto, também impressiona o estilo dramático (uns dez “e” iniciam regularmente as frases a partir do v. 37) e a linguagem rítmica. Por outro lado, informações de testemunha ocular, como a que relata sobre os outros barcos ou a almofada na popa, sobreviveram a todas as transformações e servem de testemunhas da veracidade da história.

- 35 **Naquele dia**, o mesmo em que ele ensinara o povo, de acordo com os v. 1 e 33, **sendo já tarde**, uma segunda indicação de tempo (cf. 1.32n) que se refere mais ou menos ao pôr-do-sol, ainda não à noite, **disse-lhes Jesus: Passemos para a outra margem**. As travessias freqüentes do lago a partir de agora chamam a atenção e são relacionadas, em especial por Schreiber (p 206), incondicionalmente com a missão aos gentios. No entanto, elas combinam com a condição de alguém que não era bem-visto pelas autoridades (cf. 2.13; 3.7). Onde Jesus se deitou para dormir tem sua importância. Enquanto a multidão o cercava ele estava mais ou menos seguro, mas a noite oferecia oportunidades para ser preso. Por isso Jesus colocou o lago entre ele e seus denunciadores, de modo que o viram partir, mas não sabiam onde aportaria, ainda mais que a noite caía.
- 36 **E eles, despedindo a multidão, o levaram assim como estava, no barco**. Que o próprio Jesus não desceu do barco para despedir as pessoas (como em 6.36; 8.3) pode ter sido culpa da sua grande exaustão, confirmada pelo v. 38, ou da preocupação dos seus discípulos por sua segurança. Não devemos pensar que o barco, na popa do qual Jesus podia se deitar, fosse muito pequeno. Segundo

6.45, *um* barco foi suficiente para todo o grupo. A indicação de que **outros barcos o seguiam** (cf. v. 36 nota c) poderia ter o sentido de que houve numerosas testemunhas do que aconteceria em seguida.

**37 Ora, levantou-se grande temporal de vento, e as ondas se arremessavam contra o barco.** A descrição é realista: nesta altura faltam paralelos com o AT. **De modo que o mesmo já estava a encher-se de água.** Ele está na iminência de submergir. A partir de agora, só este barco está em vista, e dentro dele especialmente “ele”:

**38 E Jesus estava na popa, dormindo sobre o travesseiro.** Em todo caso não se deve pensar em um objeto trazido de casa, um travesseiro de penas ou uma almofada do sofá, mas em um detalhe do equipamento do barco, provavelmente a almofada de couro do banco do timoneiro. O olhar segue a figura deitada e busca o rosto do Senhor. Nisto o travesseiro também é avistado e retido pela tradição. Será que é o caso de romantizar este sono com passagens como “o teu sono será suave” (Pv 3.24), “deitar-te-ás, e ninguém te espantará” (Jó 11.19), “em paz me deito e logo pego no sono” (Sl 4.8)? É claro que ele confiava em Deus: “Se faço a minha cama no mais profundo abismo, lá estás também” (Sl 139.8). Pode-se imaginar muitas coisas com este sono, mas com certeza ele não aconteceu para demonstrar confiança em Deus. A interpretação objetiva constatará que, aqui, alguém que durante um dia inteiro se dedicara totalmente às pessoas estava totalmente exausto. Muitas vezes ele deve ter ficado sem dormir, assim como ficava sem comer (6.31). Este homem cansado agora tem de ouvir a queixa daqueles a quem dirigira principalmente sua dedicação. **Eles o despertaram e lhe disseram: Mestre, não te importa que pereçamos?** Para eles, ele era infiel. O fato de o chamarem de mestre recorda sua relação de alunos com seu professor, que fora destacada há pouco, nos v. 10-25,34b. Tudo isto é colocado em dúvida. Eles entendem que o sono dele está voltado contra eles: ele os negligenciava, eles que tinham deixado tudo por amor a ele (1.18,20). Com isto eles provaram ser uma parte do antigo Israel, pois também os crentes da aliança antiga tinham duvidado de Deus: “Desperta! Por que dormes, Senhor? Desperta! Não nos rejeites para sempre!” (Sl 44.23).

**39 Especialmente este versículo foi formado frase por frase à luz do AT. E ele, despertando, repreendeu o vento.** Jesus não se comporta como um rabino que intercede pelos que lhe foram confiados, mas fala como Deus, o próprio Senhor, o que provoca a pergunta exaltada do v. 41. Ao repreender, ele faz uso da sua condição de Criador e Senhor (cf. 1.43n), na mesma linha do Sl 106.9: “Repreendeu o mar Vermelho” (cf. Sl 18.16; 29.3; 77.17; 104.7; Na 1.4). Como a repreensão de Jesus em 1.25; 3.12; 9.25 atingiu demônios, alguns intérpretes concluem que também aqui Jesus pensou em demônios, talvez num demônio do vento, e juntam esta história às de exorcismo. Todavia, é muito mais fácil de explicá-la a partir dos paralelos citados do AT, em que encontramos uma repreensão que não faz parte de exorcismos, mas dos atos de criação. Enquadrar este milagre da natureza entre os exorcismos empobrece nossa fé na soberania de Jesus. No que toca o discurso direto ao vento, trata-se de uma personificação poética como nos salmos. Da mesma maneira Jesus pôde falar diretamente a uma figueira ou um monte, sem pressupor com isto um deus da árvore ou um espírito da montanha (11.14,23).

**E disse ao mar: Acalma-te, emudece!** Assim fala quem está tirando todo o poder de algo sem admitir contradição, só deixando margem à obediência (v. 41). A isto segue uma mudança imprevisível. **O vento se aquietou, e fez-se grande bonança.** Não temos mais Jesus adormecido no rugido da tempestade, mas a tempestade adormecida aos pés do Senhor que dera a ordem. Tão alto como antes estavam as ondas, agora está a paz. O Sl 107 canta: “Ele os livrou das suas tribulações. Fez cessar a tormenta, e as ondas se acalmaram. Então, se alegraram com a bonança” (v. 28-30; cf. Sl 65.8; 89.10). Se é que a ordem de Jesus e seu sono demonstram algo, então é a mesma coisa: seu amor pelos seus. Tão rápido como as ondas amainaram, tão absurda era a incredulidade dos discípulos. “O Senhor nas alturas é mais poderoso do que o bramido das grandes águas, do que os poderosos vagalhões do mar” (Sl 93.4).

**40 Depois que Jesus ordenara o silêncio, ele também se garante a honra.** Nos salmos o silêncio depois da tempestade também serve para dar lugar ao louvor de Deus. **Então, lhes disse: Por que sois assim tímidos?!** As censuras de Jesus para seus discípulos (4.13,40; 7.18; 8.17s,21,33; 9.19) todas apontam de alguma maneira a dúvida no seu senhorio e, neste contexto, no chamado próprio e na condição de ser discípulo. Não está em questão uma falta de confiança geral em Deus, antes, Jesus responde à desconfiança dos discípulos expressa no v. 38. A covardia corresponde aqui, como também em Ap 21.8 (a única referência a “covardes” além da história da tempestade, no NT), a pôr um fim no ser discípulo, no desejo de simplesmente sobreviver.

A segunda pergunta de Jesus confirma esta conclusão: **Como é que não tendes fé?** Eles não “estavam com ele” desde 3.14, não lhes tinha sido revelado o segredo do reinado de Deus em 4.11, ele não lhes dedicara seus esforços, de acordo com 4.34b? Não lhes fora fiel em todos os estágios, acordado e dormindo? O **como** aponta para o fato de que a sua fé já era devida há tempo. 8.17,21 expande esta idéia: os discípulos só experimentavam e não produziam o que o Senhor podia esperar. Nenhum levava os fardos do outro, só levava todo o fardo sozinho.

Wrede (p 101s) trabalha bastante esta falta de entendimento dos discípulos, sofrida e causadora de sofrimento, mas não consegue imaginá-la, de modo que a atribui à construção de Marcos. Discípulos assim “não refletem a realidade” (104). Wrede acha que as pessoas não são assim tão más e incorrigíveis. Todavia, certas experiências espirituais nos deixam cabisbaixos neste ponto.

- 41 Parece que Mateus não aplicou o “eles” do último versículo aos discípulos no barco, mas aos outros “homens”, talvez às testemunhas nos “outros barcos” no v. 36. Em Marcos, de tanta concentração no assunto em si, alguns detalhes ficaram em aberto. **E eles ficaram possuídos de grande temor.** Depois do “grande temporal de vento” (v. 37) e da “grande bonança” (v. 39), agora vem este “grande temor”. Não se trata mais da covardia censurada há pouco mas, positivamente, o reconhecimento do Santo, causado pela revelação e que preenche todo o ser. A relação literal com Jn 1.16 indica o caminho do significado. Ele inclui humildade e confiança. Depois que tudo em volta cedeu, também o vento e o mar, finalmente o coração humano também se prostra.

**E diziam uns aos outros: Quem é este que até o vento e o mar lhe obedecem?** A pergunta pela identidade de Jesus (cf. q1 8c) ainda não leva à confissão de Cristo como em 8.29. Mas pelo menos os discípulos foram novamente despertados para a majestade do seu mestre, por mais estranha que ainda lhes seja.

Uma ação levou ao ensino separado dos discípulos. Como tal, ela tem validade para a igreja em geral. A igreja é uma tripulação de navio como esta, como Jesus em seu meio. Rapidamente ela chega no ponto do naufrágio, fica com medo de morrer, com dúvida diante da suposta passividade dele. Ela pode “despertá-lo” pela oração e gritar por socorro. Só uma coisa: tudo isto é *normal* e não é motivo para deixar de confiar na fidelidade de Jesus. Acontecimentos como este, pelo contrário, são passagens para revelações novas da sua grandeza.

## 15. A cura do endemoninhado de Gerasa, 5.1-20

(Mt 8.28-34; Lc 8.26-39)

- <sup>1</sup> **Entrementes, chegaram à outra margem<sup>a</sup> do mar, à terra dos gerasenos<sup>b</sup>.**  
**Ao desembarcar, logo veio dos sepulcros, ao seu encontro<sup>c</sup>, um homem possesso de espírito imundo<sup>d</sup>,**  
<sup>3</sup> **o qual vivia<sup>e</sup> nos sepulcros<sup>f</sup>, e nem mesmo com cadeias<sup>e</sup> alguém podia prendê-lo<sup>e</sup>;**  
**porque, tendo sido muitas vezes preso com grilhões e cadeias, as cadeias foram quebradas por ele, e os grilhões, despedaçados. E ninguém podia<sup>e</sup> subjugar-lo.**  
<sup>5</sup> **Andava<sup>e</sup> sempre, de noite e de dia<sup>g</sup>, clamando por entre os sepulcros e pelos montes, ferindo-se com pedras.**  
**Quando, de longe, viu Jesus, correu e o adorou<sup>h</sup>,**  
**exclamando com alta voz: Que tenho eu contigo<sup>i</sup>, Jesus, Filho do Deus Altíssimo? Conjuro-te por Deus que não me atormentes!**  
**Porque Jesus lhe dissera<sup>e</sup>: Espírito imundo, sai desse homem!**  
**E perguntou-lhe: Qual é o teu nome? Respondeu ele: Legião<sup>j</sup> é o meu nome, porque somos muitos.**  
<sup>10</sup> **E rogou-lhe encarecidamente que os não mandasse para fora do país.**  
**Ora, pastava<sup>e</sup> ali pelo monte uma grande manada de porcos.**  
<sup>12</sup> **E os espíritos imundos rogaram<sup>l</sup> a Jesus, dizendo: Manda-nos para os porcos, para que entremos neles.**  
**Jesus o permitiu. Então, saindo os espíritos imundos, entraram nos porcos; e a manada, que era cerca de dois mil, precipitou-se<sup>m</sup> despenhadeiro abaixo, para dentro do mar, onde se afogaram.**  
**Os porquinhos fugiram e o anunciaram na cidade e pelos campos. Então, saiu o povo para ver o que sucedera.**

- <sup>15</sup> Indo ter com Jesus, viram o endemoninhado, o que tivera a legião, assentado, vestido, em perfeito juízo; e temeram.
- <sup>16</sup> Os que haviam presenciado os fatos contaram-lhes o que acontecera ao endemoninhado e acerca dos porcos.
- E entraram<sup>n</sup> a rogar-lhe que se retirasse da terra deles.
- Ao entrar Jesus no barco, suplicava-lhe o que fora<sup>o</sup> endemoninhado que o deixasse estar com ele.
- Jesus, porém, não lho permitiu, mas ordenou-lhe: Vai para tua casa, para os teus. Anuncia-lhes tudo o que o Senhor te fez e como teve compaixão de ti.
- Então, ele foi e começou a proclamar em Decápolis<sup>p</sup> tudo o que Jesus lhe fizera; e todos se admiravam.

#### Em relação à tradução

<sup>a</sup> Cf 4.35.

<sup>b</sup> Os manuscritos vinculam o homem, aqui como também nos textos paralelos, a três localidades distintas: Gerasa, Gadara e Gergesa. Em Marcos predomina Gerasa, em Mateus Gadara e em Lucas Gergesa, mesmo que não muito. Portanto, não é possível determinar o local original a partir dos manuscritos. Temos de recorrer a outras reflexões. O homem pode ter sido da Gerasa, que era famosa naquela época, mas que dificilmente é a cidade mencionada no v. 14. A distância até lá era muito grande (dois dias de viagem, 55 km). O pequeno povoado de Gergesa, porém, cujas ruínas até hoje podem ser visitadas à margem do lago, é considerado o local do evento desde o século III. Dois quilômetros ao sul há uma ladeira íngreme de 44 m de altura, distante 30 a 40 m do lago. Eusébio, porém, diz que Gergesa, diferente do v. 14, era uma “aldeia”. Por isso outros optam por Gadara, a 10 km dali e capital da Peréia na época, que dava o nome de “terra dos gadarenos” (Mt 8.28). De acordo com Josefo, a região desta cidade chegava até o lago, e algumas moedas da cidade que foram encontradas retratavam barcos.

<sup>c</sup> *hypantao* não deve ser traduzido por “opor-se” aqui. De acordo com o v. 6, não estamos diante de uma intenção agressiva.

<sup>d</sup> Cf 1.23n.

<sup>e</sup> A tradução que se recomenda para o imperfeito deste verbo é a do mais-que-perfeito (cf. BI-Debr, § 330), de forma que aqui, até o v. 5 inclusive, são recordados eventos que antecedem ao que é relatado no v. 2. Faz parte do estilo de narrativa de Marcos acrescentar acontecimentos anteriores, à guisa de explicação, só quando isto se torna necessário, muitas vezes com um “porque” (1.16c; 3.21; 5.28,42; 16.18,20; 15.10; em nossa história ainda nos v. 8 e 11). Os imperfeitos dos v. 8-10, por sua vez, estão todos em verbos de dizer e pedir, para expressar intensidade (BI-Debr, § 328).

<sup>f</sup> Enquanto no v. 2 Marcos acabou de usar *mnemeion* para “sepulcro”, que também é o termo que ele costuma usar (6.29; 16.2,3,5,8), aqui temos *mnema*, e mais uma vez no v. 5. Talvez aqui haja uma alusão a Is 65.4, onde a LXX também tem *mnema*. Ali morar entre os túmulos e comer carne de porco é estigmatizado como repugnantemente pagão.

<sup>g</sup> Quanto à seqüência, cf. 4.27n.

<sup>h</sup> Lit. “inclinar-se” até encostar a testa no chão, movimento do corpo que já em todo AT indica prestar homenagem (cf. Mc 15.19).

<sup>i</sup> Lit. “o que (há entre) mim e ti?”, fórmula de separação explicada em 1.24.

<sup>j</sup> Palavra emprestada do latim (*legio*, maior unidade do exército romano, com perto de 6.000 homens).

<sup>l</sup> A mudança de “rogou-lhe” no v. 10 para “rogaram-lhe” condiz com a condição de um endemoninhado; cf. 1.24.

<sup>m</sup> *hormao* descreve o movimento impetuoso, incontrollável pela razão humana; cf. At 7.57; 19.29.

<sup>n</sup> Cf 1.45n.

<sup>o</sup> Nos v. 15 e 16 o que fora curado podia continuar sendo chamado de “endemoninhado”, para abreviar. Aqui chama-se a atenção para o fato de que a antiga existência é coisa do passado, e algo novo começou.

<sup>p</sup> Decápolis (“As Dez Cidades”), uma associação de cidades dalém do Jordão, habitada principalmente por gregos e sírios e que constituía um cinturão de fortalezas contra os habitantes do deserto a leste, que sempre se rebelavam. A região não estava sujeita aos herodianos, mas aos governadores romanos na Síria, e gozava de alguns privilégios. Os judeus eram minoria nesta região e faziam parte da classe baixa.

#### Observações preliminares

1. *Contexto.* O leitor atento perguntará, no v. 1, pela hora do dia. Como eles partiram “sendo já tarde” (4.35), agora deveria ser noite, e tudo o que segue deve ter sucedido no escuro: o encontro com o

endemoninhado, a fuga dos pastores para a cidade e as aldeias, a multidão que se ajunta e a partida de Jesus. A solução que se propõe, que Jesus só tenha chegado na manhã seguinte, precisa ser descartada em vista da distância de só oito a dez km. Deve ser procedente que as histórias dos evangelhos empalideceram nas bordas (começo e fim) no transcurso da tradição, o que pode ser comprovado em vários exemplos. Ao serem colocadas juntas, na medida do possível foram criadas transições de tempo e lugar, mas essencial é sua composição temática. Aqui, a um testemunho do domínio de Jesus sobre a tempestade, segue um acontecimento que testifica que ele é senhor sobre os demônios (cf. opr 1 a 4.35-41).

2. *Atualidade.* A opr 3 a 1.21-28 já mostrou como Marcos destaca a expulsão de demônios como verdadeiro ato de cura de Jesus, para seus leitores cristãos gentios. Neste sentido, aqui estamos diante de um ponto alto. Em nenhuma outra passagem do NT temos uma descrição tão marcante do poder das trevas e da vinda vitoriosa de Jesus. Muitos leitores de Marcos em toda a sua vida não encontram nenhum caso de verdadeira possessão, pois se trata de casos extremos raros de destruição da personalidade, de demonstrações especialmente atrevidas do mal – sem máscaras e caprichos. Mesmo assim nosso texto tem um sentido adicional, excedente.

Em primeiro lugar, ele confere certeza: se Jesus é vitorioso sobre este ápice de poder satânico, então ele também está à altura de todos os graus e degraus abaixo deste ápice. Então também podemos ter esperança em meio à total confusão interior de um viciado, a famílias falidas ou a sobrecarga profissional e a outras crises da vida.

Em segundo lugar, sugere-se uma aplicação à condição humana geral de perdição no pecado. Paulo a descreve em Rm 7 com as categorias da possessão: “Não faço o que prefiro, e sim o que detesto. [...] Neste caso, quem faz isto já não sou eu, mas o pecado que habita em mim. [...] Mas, se eu faço o que não quero, já não sou eu quem o faz, e sim o pecado que habita em mim. [...] Desventurado homem que sou!” (Rm 7.15,17,20,24). É possível ser saudável de corpo e alma, instruído e comportado, respeitado e aceito, e mesmo assim ter experiências com uma “força de ocupação” invisível, que nos aliena e não nos deixa viver a vida para a qual existimos. Não conseguimos lidar conosco mesmos, com nosso coração e nossos impulsos. A consequência é um comportamento contraditório e autodegradação. Tornamo-nos insuportáveis para nós mesmos e para os outros. O número dos que nos suportam é pequeno e vai diminuindo. A decadência é evidente. É como se houvesse um propósito de destruir-nos. Para estes insuportáveis é que Jesus existe em tempo integral. Por isso podemos tranqüilamente ler esta história de exorcismo para nós mesmos.

Em terceiro lugar, esta história ultrapassa a atualidade individual. Enquanto o exorcismo de 1.21-28 se aplicava à condição geral do judaísmo das sinagogas, representando o mundo religioso e devoto de qualquer lugar, este endemoninhado evidentemente está em lugar de todo o paganismo. Para constatar isto, é só prestar atenção nas ênfases da descrição. Seu comprimento chama a atenção, e não é resultado de devaneios, pois poderia igualmente ser curta. Falta algo em termos de introdução, como talvez em 3.8; falta também a ordem de silêncio para os demônios. Além da informação de que estavam presentes (v. 1,16), não sabemos nada sobre os discípulos, e também não sobre a origem das roupas no v. 15. Por outro lado, o texto fala constantemente de um ambiente pagão, por meio de indicações geográficas (v. 1,20), menção ampla da criação de porcos (v. 11-14) e detalhes em 3s e 6s. Também a referência tríplice à impureza faz parte deste contexto (v. 2,8,13), bem como a insistência em que o caso era especialmente difícil (v. 3-5,9-13). Por último, chama a atenção a conclusão longa e sem analogias (quase um terço, a partir do v. 14). Deve haver uma intenção especial por trás disto. Este homem, que representava a humanidade sem Deus, perseguido, oprimido, torturado, enlouquecido e arruinado por uma horda de espíritos de todos os tipos, este mesmo homem aponta para a esperança da restauração da figura humana. Quando Jesus parte da região, este homem fica para trás como profecia de uma comunidade da salvação (v. 15) e de testemunhas (v. 20).

3. *Crítica do conteúdo?* Já no século III, o filósofo pagão Porfírio criticou nosso parágrafo com escárnio amargo e racionalismo escancarado (em seus escritos polêmicos contra o cristianismo em quinze volumes, fragmento 41). Na mão de intérpretes mais recentes, que não têm a intenção de combater o cristianismo, a história não tem destino melhor. Na opinião de Gunkel, ela se parece com “uma lenda mágica, composta com um tom de humor, que certamente nada tem em comum com o Jesus histórico”. De acordo com Bultmann, “não pode haver dúvidas que aqui um conto popular foi aplicado a Jesus” (Geschichte, p 225). Para Dibelius a história está “em contraste gritante com todo o caráter dos evangelhos”, pois aqui Jesus não se apresenta como ajudador, antes como “milagreiro sinistro”. Joh. Weiss já recomendava “eliminar totalmente a história” (em Schmithals, p 266). Claramente nossa época em certo sentido carece de senso de realidade. Não há como negar que a descrição, ponto por ponto, é confirmada por testemunhos confiáveis e repetidos de séculos posteriores: a resistência hostil à influência divina (v. 7), a força física impressionante (v. 3), outro que fala pelo endemoninhado (v. 7,9ss), o impulso insaciável à autodestruição (v. 5), conhecimento sobrenatural (v. 7), alteração da voz (v. 9,12), transferência espiritual (v. 12), convulsões e gritos (v. 13) e cura total repentina (v. 15). Até Sigmund Freud, em seus esforços de desmascarar analiticamente os sintomas da possessão, ficou cada vez mais pessimista e acabou dizendo que forças desconhecidas “vivem” em nós (em van Dam, p 206; cf.



p 210). Discursos apressados sobre doença mental e dos nervos não satisfazem aqui, porque não causa boa impressão declarar que algo não existe só porque não o compreendemos.

4. *Unidade.* Os estudiosos encontram ainda muitos outros empecilhos na narrativa: troca de vocábulos, acréscimos, duplicatas e tensões internas. Nosso comentário leva alguns pontos em consideração. Interessam-nos as conclusões que são tiradas desses empecilhos. Alega-se que elas traem várias revisões; até quatro camadas foram identificadas. Diz-se que estas são “fáceis de comprovar” (Pesch), todavia elas dependem de tantas suposições que só pessoas com muita fé as seguirão. E. Schweizer, *p ex*, relaciona perto de vinte suposições, em duas páginas impressas. Por isso as conclusões também divergem correspondentemente. Haenchen (p 191) nos tranquiliza: “Não devemos exagerar essas dificuldades”. “Em seu cerne a história está claramente intacta”, acha Bultmann, p 224, e, de acordo com Schmithals (p 266), tudo (exceto o v. 8) provém “da mesma fôrma”.

- 1,2 Entrementes, chegaram à outra margem do mar, à terra dos gerasenos.** Partindo da costa da Galiléia, a outra margem do lago naquela época era a região da Decápolis, uma terra de pagãos (cf. v. 1n e 20n). Nada indica que o endemoninhado que logo se apresenta pertencesse à minoria judaica local. Pelo contrário, no v. 20 os moradores pagãos da Decápolis são equiparados aos “seus” do v. 19. Portanto, eles são seus conterrâneos, e ele não é um estrangeiro judeu (Lohmeyer, 98). **Ao desembarcar:** logo no segundo versículo, para os olhos do narrador, desaparecem os que acompanham Jesus. Seu relato é cristocêntrico. **Logo veio dos sepulcros, ao seu encontro, um homem possesso de espírito imundo.** Este **logo** eleva o encontro acima do acaso e do comum (cf. 1.10n). Acontece uma revelação, primeiro **dos sepulcros**, ou seja, revelação de alto grau de impureza, no entendimento dos judeus. Quanto aos sepulcros, devemos pensar em grandes cavernas naturais ou em entradas cavadas em rochas calcárias. Nos nichos ficavam os ossos dos mortos. Somente os mais pobres, que não podiam mais ter escrúpulos com nada, abrigavam-se ali (Jó 30.6), ou os pagãos que invocavam os mortos (Is 65.4) e, é claro, os que eram possesores de espíritos imundos (Bill. I, 491). Neste caso a impureza era tríplice: os judeus consideravam a terra dos pagãos impura, em seguida o lugar dos túmulos e, por fim, a possessão. O efeito era uma separação de Deus sem esperança. (Sobre o conceito de impureza religiosa, cf. opr 2 a 1.40-45.) Este homem era a personificação ambulante do paganismo. O endemoninhado judeu de 1.23 ainda tomava parte da vida social e religiosa da sua cidade, mas deste se diz três vezes que sua morada estava entre os túmulos (v. 2,3,5).
- 3-5** Os v. 3-5 nos revelam esta existência destruída: **o qual vivia nos sepulcros.** Esta condição é repetida aqui para ser acompanhada de uma explicação. **E nem mesmo com cadeias alguém podia prendê-lo.** É evidente que sua convivência com outras pessoas se tornara impossível devido à sua agressividade (cf. Mt 8.28). O v. 4 narra as tentativas frustradas de dominá-lo: **porque, tendo sido muitas vezes preso com grilhões e cadeias, as cadeias foram quebradas por ele, e os grilhões, despedaçados. E ninguém podia subjugar-lo. Andava sempre, de noite e de dia, clamando por entre os sepulcros e pelos montes, ferindo-se com pedras.** A princípio podem ter-lhe dito bons conselhos: Seja sensato! Até que alguém disse: Esperem! Aqui é preciso ser firme! Dali em diante só falavam com ele aos gritos. Por fim, passaram às vias de fato. Uma porção de homens se arremessava contra ele, para domá-lo como um animal selvagem. Gemendo, amarrado nos pés e nas mãos, ele acordava do ataque. À sua volta, olhos que faiscavam de medo e ódio. Por último, o expulsaram, de modo que só lhe restaram as cavernas dos túmulos. Os mortos não lhe faziam nenhum mal, mas também não o protegiam de si mesmo. Ele agora estava nu entre demônios (cf. v. 15; Lc 8.26). Lamsa (p 111s) descreve como as pessoas angustiadas tratam com crueldade pessoas assim, hoje em dia, entre as tribos árabes do deserto. Para fazer os loucos raivosos voltar à razão, eles são queimados a ferro. Se os ataques não diminuem, os coitados são enterrados por algum tempo, deixando uma pequena abertura para a respiração. E nós, como lidamos com crianças doidas, mulheres histéricas ou homens viciados?
- 6** Só agora começa a ação. Para tanto o narrador retoma a posição do v. 2, anotando detalhes: **Quando, de longe, viu Jesus.** O advérbio **de longe** pode ter também um sentido figurado: “longe do reinado de Deus” (12.34). “Longe” caracteriza o mundo pagão (At 2.39; 22.21; Ef 2.13,17 cf. Is 57.19). **Correu e o adorou,** pondo-se de joelhos. É como se um ímã tremendo o puxasse de modo irresistível para os pés de Jesus. O impuro de 1.23 também foi tirado do seu esconderijo quando a pureza de Jesus chegou. Um é tirado do meio dos freqüentadores honrados do culto, o outro dos sepulcros,

quando o mais forte (1.8) chega, requerendo a adoração. Eles se apresentam “com as mãos para cima”.

Difícilmente o homem se ajoelhou para pedir ajuda. Os vv. 6-13 mostram unicamente um confronto entre Jesus e os demônios. Somente a partir do v. 15 Jesus fala com o próprio homem. Também não está ocorrendo um ataque furioso ao Senhor. Os demônios se submetem, na esperança de serem poupados. Os fatos são esclarecidos na seqüência.

- 7 **Exclamando com alta voz**, com o grito de um subjugado, como em 1.23: **Que tenho eu contigo?** (cf. 1.24). A expressão denota oposição e não boas-vindas. É o condenado que reconhece seu carrasco e faz um gesto automático de defesa. Para escapar ao mais forte que quer pegá-lo, ele tenta usar o nome como um amuleto: **Jesus, Filho do Deus Altíssimo**. A propósito, o título “Deus Altíssimo” é encontrado na Bíblia quase sempre na boca de pagãos (Gn 14.18ss; Nm 24.16; Is 14.14; Dn 3.26; 4.2; At 16.17), o que combina com o quadro aqui. O grito com o nome do Filho procede de uma inspiração de baixo (o grito inspirado de cima conhecemos de Rm 8.15; Gl 4.16). “Bem sei quem és”, gritou o espírito imundo em 1.24, “Conheço a Jesus” em At 19.15. Devido à natureza espiritual dos demônios eles “o conheciam”, 1.34 generaliza (cf. 3.11s). Este conhecimento é um poder com o qual tenta desesperadamente dominar Jesus: **Conjuro-te por Deus**. Conjurar o Filho de Deus em nome de Deus? Idéia absurda e inútil! **Que não me atormentes!**
- 8 Para definir melhor este “tormento”, segue uma afirmação adicional: **Porque Jesus lhe dissera** há instantes: **Espírito imundo, sai desse homem!** Portanto, não se pensa na destruição final como em 1Co 15.24; 2Ts 2.8; Ap 20.10, mas na “tortura do exorcismo” (Ambrósio). Cada exorcismo é um avanço do reinado de Deus (Mt 12.28; Lc 11.20) e, por isso, uma derrota dolorosa para os poderes das trevas, a perda de uma vítima e de um pouco de domínio.
- 9 O fato de o demônio estar derrotado não impede que ele tente se defender. Jesus, porém, não se impressiona com estas tentativas e o aperta mais: **E perguntou-lhe: Qual é o teu nome?** Ele não perguntou por não saber, mas para demonstrar que tudo tem de ser entregue a ele. É digno de nota que “conjurar”, o termo padrão nas histórias antigas de exorcismo, nunca é usado por Jesus no NT. Aqui também não acontece uma luta renhida de fórmulas mágicas. Jesus não precisa do nome para vencer, pois já chegou como vencedor, que só ajunta seu despojo. Tudo o que acontece só demonstra a grandeza do seu poder (Baumbach, p 46).
- Sem opor resistência, **respondeu ele: Legião é o meu nome**. Poder-se-ia objetar que, em lugar do nome exigido, só temos um número. Mas isto é um mal-entendido. “Legião” não evoca certo número, mas a impressão de um número muito grande e poderoso: **porque somos muitos**. Toda uma “força de ocupação” – um termo contextualizado na Palestina – ocupava o terreno, mas tinha de se render.
- 10 Confessando sua derrota, os espíritos se põem a mendigar. Em nossa história, a sucessão de “rogos” e “súplicas” (v. 10,12,17,18) e a respectiva “permissão” (v. 13,19) destaca Jesus como soberano reconhecido por todos. Temos aqui, portanto, o pedido por uma concessão, da parte de um bando suplicante de vencidos: **E rogou-lhe encarecidamente que os não mandasse para fora do país**. A questão não é mais se querem retroceder mas para onde irão desaparecer.
- 11,12 Mais uma informação é encaixada: **Ora, pastava ali pelo monte uma grande manada de porcos**. Leitores judeus são lembrados aqui mais uma vez do contexto de uma terra pagã. A criação de porcos lhes é insuportável. “Um porco é um aborto ambulante”, e: “Não é permitido criar porcos em nenhum lugar [judeu]” (Bill. I, 493; cf. Lv 11.7). **E os espíritos imundos rogaram a Jesus, dizendo: Manda-nos para os porcos, para que entremos neles**. Nas histórias judaicas de exorcismos, entrar em uma outra vítima tem a função de ser atraído para fora da vítima anterior (Pesch I, 290). Aqui o sentido será outro.
- 13 **Jesus o permitiu. Então, saindo os espíritos imundos, entraram nos porcos; e a manada, que era cerca de dois mil, precipitou-se despenhadeiro abaixo, para dentro do mar, onde se afogaram**. O tempo imperfeito retrata o afogamento de um animal após outro, sem exceção.

Este procedimento, único no NT, motivou várias tentativas de explicação. Por que Jesus permitiu que os espíritos passassem para os porcos? Calvino já considerou a idéia de Jesus ter sido enganado pelos demônios. Destruindo a vara, eles conseguiram que Jesus fosse expulso da região. Mais adeptos obtiveram a idéia oposta: foi Jesus quem enganou os demônios. No fim das contas eles ficaram sem hospedeiros, e tiveram de ir para o abismo. Acabar sem ter onde ficar é condenação (p ex Ap 20.11). Calvino viu aqui uma lição adicional para os discípulos: pessoas são mais importantes

do que os bens. Ainda outros viram na destruição da vara uma ação profética simbólica: o país é purificado do paganismo.

Quero trazer uma outra solução, que tenciona levar adiante esta linha de pensamento. Neste evento novamente se trata da grandeza de Jesus. Para tanto, estes versículos destacam primeiramente o poder dos demônios. Este é tão aterrorizante quanto a miséria do homem era chocante. Com estes espíritos, que na hora mataram 2.000 animais, ele tinha de viver dia e noite. Tanto maior é a libertação e salvação. Duas vezes, nos v. 19 e 20, lemos de “tudo” o que o Senhor lhe fez. Em termos objetivos, o acontecimento corresponde à sobriedade dos primeiros cristãos. É verdade que Satanás foi deposto pela vinda de Jesus, porém ainda não chegou ao abismo eterno, apenas à terra (Ap 12.9), onde continua tendo uma esfera de ação, mesmo que limitada no tempo. Para a comunidade dos salvos o perigo ainda é real.

Os v. 14-20 contém uma resposta negativa (v. 14-17) e outra positiva (v. 18-20) dos seres humanos a “tudo” o que o Senhor fez (v. 19).

- 14,15 Os porqueros fugiram e o anunciaram na cidade e pelos campos. Então, saiu o povo para ver o que sucedera. Indo ter com Jesus, viram o endemoninhado, o que tivera a legião, assentado, vestido, em perfeito juízo; e temeram.** A princípio é compreensível que os porqueros fugissem com medo, como as mulheres na manhã da Páscoa (16.8). Com aquilo **que sucedera**, o temor de Deus veio sobre eles. Seu temor transmitiu-se aos que acorreram, quando identificaram o homem como o endemoninhado afamado, **o que tivera a legião**. O que aconteceu? A salvação aconteceu, mas salvação acima de qualquer expectativa e idéia. Aquele homem dos túmulos lhes parece como alguém que ressuscitou dos mortos. Ele está sentado com dignidade humana, e não tem mais ataques e convulsões na imundície, aos brados. Passou sua revolta contra tudo e todos, passou a miséria delirante, a cólera descontrolada e a nudez rastejante. Um ser humano normal, que funciona! Não é preciso dizer mais nada sobre Jesus, o aspecto do homem diz tudo: este Jesus rejeitado é a fonte da verdadeira humanização. Ele é quem traz o novo mundo sem demônios, um mundo sobre o qual desce o céu (Ap 20.1-8).
- 16,17** Aos porqueros juntam-se **os que haviam presenciado os fatos**, ou seja, os discípulos. Estes **contaram** aos que chegavam **o que acontecera ao endemoninhado e acerca dos porcos**. Será que é por causa da perda da vara que eles não se deixam conquistar? **E entraram a rogar-lhe que se retirasse da terra deles**. Por maior que fosse o temor de Deus, ele não os torna automaticamente crentes. É certo que Deus dá razões claras para ficar para sempre com ele (v. 18), mas ele não impõe a fé ao ser humano. Nós podemos desejar que ele saia da nossa vida. Quando o reinado de Deus prejudica os nossos interesses, muitas vezes a decisão é para o não (At 16.19; 19.27). Querem que tudo fique como está.
- 18,19** A história, porém, termina com um quadro oposto, positivo (cf. a passagem de Jo 1.11 para o v. 12). O homem que foi curado pensa diferente. **Ao entrar Jesus no barco, suplicava-lhe o que fora endemoninhado que o deixasse estar com ele**. Para a expressão “estar com Jesus”, cf. 3.14. O homem quer tornar-se discípulo e abandonar o país com Jesus. **Jesus, porém, não lho permitiu**. O texto mostra que a recusa implica mais do que simplesmente rejeitar a companhia de viagem. O verbo tem um toque jurídico, como p ex em Mt 3.15, onde Jesus pede para ser admitido ao batismo por João: “Deixa!”

João admitiu Jesus. Em nossa história a petição é indeferida. A limitação momentânea de Jesus a Israel deve ser levada a sério historicamente. Marcos, que escreve para cristãos que não são de origem judaica, também não omite essa realidade (cf. 7.24-30). Só a paixão e morte de Jesus arrombou a porta que dá para os “muitos”, isto é, para todos os povos (10.45; 14.24; 16.5). Por isso o pedido do que foi curado tinha de ser negado. Mas com uma coisa ele fica. Ele fica como testemunha de uma misericórdia que nunca terá fim e traz esperança até aos mais distantes. Ele encarna a profecia da missão aos pagãos: **Vai para tua casa, para os teus. Anuncia-lhes tudo o que o Senhor te fez e como teve compaixão de ti**. O “Senhor” aqui é o próprio Deus. O próximo versículo, que fala de Jesus, não diz o contrário. Deus faz suas maravilhas através de Jesus.

Wrede (p 140s) pensa que o homem que foi curado andou por toda a Decápolis em desobediência ao desejo de Jesus de manter o segredo. Todavia, ele impõe uma teoria do segredo que ele mesmo criou. Aqui como em outras ocasiões, o próprio Jesus deu publicidade aos seus milagres. Só em certos casos e certos contextos ele quis manter o segredo. Aqui não havia perigo de iludir Israel com uma propaganda messiânica incompreendida. Por isso uma ordem de silêncio não faria sentido.

**20 Então, ele foi e começou a proclamar em Decápolis tudo o que Jesus lhe fizera; e todos se admiravam.** Ele não era nem discípulo nem apóstolo, por isso o que ele fez não foi trabalho missionário. Mas ele indicou o futuro: existe um Deus que quer tirar um mundo sarado do caos, que não envia sua criatura aos sepulcros e não a maltrata, mas que suporta os insuportáveis e os torna novamente suportáveis. É este poder absoluto de Deus que ancora, por meio de Jesus, na margem da nossa impotência.

## **16. O pedido de ajuda de Jairo, 5.21-24a**

(Mt 9.18,19; Lc 8.40-42)

- 21 Tendo Jesus voltado no barco, para o outro lado, afluíu para ele grande multidão; e ele estava junto do mar<sup>a</sup>.  
Eis que se chegou a ele um dos principais da sinagoga<sup>b</sup>, chamado Jairo<sup>c</sup>, e, vendo-o, prostrou-se a seus pés  
e insistentemente lhe suplicou: Minha filhinha<sup>d</sup> está à morte; vem<sup>e</sup>, impõe as mãos sobre ela, para que seja salva, e viverá.  
24a Jesus foi com ele.**

*Em relação à tradução*

<sup>a</sup> Para o lago da Galiléia, cf. 3.7n, 1.16n.

<sup>b</sup> Cada sinagoga tinha um presidente, mas Cafarnaum tinha várias sinagogas, de modo que devemos pensar aqui em um representante desta posição. Em At 13.15, porém, a identificação parece ter sido estendida a todos os membros da liderança da sinagoga. O presidente em exercício dirigia os cultos, distribuía as tarefas, solicitava a exposição da Escritura ou exortava (Lc 13.14). Também era responsável pela construção e manutenção do prédio. Ele precedia a comunidade nas ofertas financeiras. Na maioria das vezes tratava-se de um integrante leigo de uma família abastada, que fosse respeitado e fiel à lei. O cargo podia ser conservado por várias gerações na mesma família. A boa condição financeira é atestada aqui pela referência aos criados (v. 35) e à casa com pátio interno (v. 38), ao prédio (v. 39) com sala separada (v. 40); é evidente que não se trata da moradia comum de uma só peça.

<sup>c</sup> A esta forma grega do nome subjaz o antigo nome hebraico Jair (p ex Lv 23.41; Et 2.5): “Ele [Deus] ilumina” (cf. Bill. II, 9). Caso se aplique o sentido “Ele [Deus] avivará” (cf. Pesch I, 300), o nome pode ter sido preservado porque se cumpriu de modo tão maravilhoso. Mateus omitiu o nome. Uma época posterior podia perder o interesse em um nome de alguém que no geral era desconhecido.

<sup>d</sup> Ela é descrita com quatro termos: “filha” (*thygater*, v. 35; assim como a mulher no v. 34); “criança” (*paidion*, v. 39,40); “menina” (*korasion*, v. 41,42, tradução do aramaico *talitha*) e aqui “filhinha” (*thygatrion*). Pode-se pensar aqui em um termo carinhoso: quem não é íntimo diz “filha”. Bl-Debr, § 111.4, porém, acha que neste caso o diminutivo carinhoso não era mais percebido (cf. 3.9n), sendo o termo, antes, jurídico. No v. 42 também se acrescenta à “menina” a explicação de que “tinha doze anos”, isto é, era, no conceito judaico, uma virgem, uma *naárah* (para o período de seis meses, entre 12 e 12 ½ anos; Bill. II, 10).

<sup>e</sup> Lit.: “Para que, vindo, imponhas as mãos” – substitutivo popular para o imperativo.

*Observações preliminares*

1. *Sobre o trecho todo, até o v. 43.* Por motivos práticos, dividimos em três partes a unidade dos v. 21-43 e estudamos o primeiro trecho à parte. Ele vai até o v. 24a, e depois começa a história intercalada, com a segunda referência à grande multidão. Nada se opõe à unidade da sequência histórica. A suposição frequente de que se trata de duas histórias originalmente separadas, e que a história da mulher foi inserida para cobrir o tempo até a morte da menina, não tem fundamento. Neste caso, até certo momento teria sido possível contar a ressurreição da menina separadamente, e depois não. É mais plausível que a sequência dos dois acontecimentos não tenha sido contada de modo fortuito, mas foi entendida e transmitida como unidade significativa. Esta percepção também mostra por que as duas histórias *ficaram* juntas assim como se deram. A tradição dos evangelhos em outras ocasiões não teve problemas para conservar um evento sem perguntar por seu antes e depois. Aqui, porém, o contexto foi considerado valioso e esclarecedor. Em poucas palavras, os principais pontos comuns: nas histórias das duas mulheres estão as palavras “filha” (v. 34,35), “doze” (v. 25,42), ajoelhar-se (v. 22,33), “temer” (v. 33,36), fé (v. 34,36) e “salvar” (v. 23,34). As duas mulheres estão enfrentando a morte, uma espiritual, a outra fisicamente. Ambas são impuras em termos cerimoniais e experimentam o toque do Senhor da vida (v. 27,41).

2. *Composição em blocos, cf. opr I a 3.20,21.* No que consiste o contexto teológico? Obviamente a história encaixada tem um sentido que serve à história circundante. Ela não é contada até o fim. A reação dos

espectadores, como em 1.27; 2.12; 3.6; 5.14,42 falta, assim como a reinserção da mulher curada, como em 1.31,44; 2.11; 5.19,43, apesar de Lv 15.28-30 insistir na importância disso. Em vez disso, em dado momento ela é ligada à outra história. O tema é a fé. Enquanto Jesus ainda fala da fé da mulher (v. 34), o narrador passa para Jairo que, diante do pano de fundo desta mulher que crê, também deve crer (v. 36). A salvação dela da sua “morte” pela fé deve desafiá-lo a também crer na salvação da sua filha da morte. Ela, mulher impura, empobrecida e desprezada, torna-se modelo de fé para o judeu de destaque na sinagoga, da mesma forma como o comandante pagão de Mt 8.10 o é para Israel. – Para mais considerações sobre o entrelaçamento das duas histórias, veja opr 1 a v. 35-43.

**21 Tendo Jesus voltado no barco, para o outro lado, afluiu para ele grande multidão; e ele estava junto do mar.** Jesus está novamente entre seus conterrâneos, em seu ambiente costumeiro de atuação na região de Cafarnaum. Recomeçam as reuniões ao ar livre, com todo seu perigo de espiões e soldados (cf. 2.13; 3.7; 4.35). Por outro lado, o novo trecho respira outro clima do que a história precedente da cura em terra pagã. Aqui Jesus revela sua fidelidade a Israel. Mas as duas histórias são unidas pelo mesmo tema central: a autoridade de Jesus – em todas as margens.

**22 Eis que se chegou a ele um dos principais da sinagoga, chamado Jairo, e, vendo-o, prostrou-se a seus pés.** Um dos homens mais conceituados do lugar, representante da sinagoga, está prostrado no pó, aos pés de Jesus. Ele arrisca muita coisa ao descer até a praia, ir à “reunião subversiva” e agora ajoelhar-se diante do pregador itinerante perseguido.

**23 Por que o homem não tem cuidados nem escrúpulos, vê-se na continuação: e insistentemente lhe suplicou: Minha filhinha está à morte.** Muitas pessoas já fizeram pedidos a Jesus (1.40; 6.56; 7.32; 8.22); este **suplica com insistência**. Da profundidade do seu medo pela filha ele deixa para trás os preconceitos e o orgulho e decide-se por Jesus. Nada mais o vincula ao passado, tudo a este enviado de Deus.

Só entendemos completamente a aflição deste pai se a vemos no contexto do pensamento daquela época. No entendimento judaico rígido, a morte de um filho era, além da perda pessoal, um castigo para os pais. Agora isso tinha acontecido com ele, o presidente da sinagoga. Ele, que não estava acostumado a ser questionado, viu sua posição religiosa ruir e sentiu a ira de Deus. A posição era radical, já que, segundo Lc 8.42, a filha era única. Sua própria linhagem estava-se extinguindo. Para um judeu isto significava muito. Por isso: **vem, impõe as mãos sobre ela, para que seja salva, e viverá.** Para a cura física Marcos costuma usar outra palavra (*therapeuein*, seis vezes). “Salvar” e “viver” extrapolam a situação. O homem já está preocupado com salvação e perdição, tudo ou nada. A doença da filha empurrou-o para as questões últimas (cf. 6.56n no fim).

**24a Jesus foi com ele.** “Com ele” expressou em 3.14; 4.36; 5.18,32,40; 14.18,20; 16.10 a renúncia das pessoas ao que era seu para entrar totalmente no destino de Jesus. Aqui a expressão tem sentido inverso, a solidariedade incondicional de Jesus com este homem do campo inimigo. Jesus não guarda rancor, não está desconfiado, abandona qualquer movimento de proteção. Ele pertence sem reservas ao lado daquele que está marcado pelo sofrimento maior. Romperam-se barreiras em três direções: da parte de Jairo, da parte de Jesus, mas também dos primeiros cristãos, que transmitem a história. Ao contarem este episódio, eles estão rompendo o endurecimento que ameaça formar-se em relação à sinagoga e aos judeus ortodoxos. O bom reinado de Deus rompe o muro da separação.

## 17. A cura da mulher com hemorragia, 5.24b-34

(Mt 9.20-22; Lc 8.43-48)

**24b Jesus foi com ele. Grande multidão o seguia, comprimindo-o.**

**Aconteceu que certa mulher<sup>a</sup>, que, havia doze anos, vinha sofrendo de uma hemorragia e muito padecera à mão de vários médicos, tendo despendido tudo quanto possuía, sem, contudo, nada aproveitar, antes, pelo contrário, indo a pior, tendo ouvido a fama de Jesus, vindo por trás dele, por entre a multidão, tocou-lhe a veste. Porque, dizia: Se eu apenas lhe tocar as vestes, ficarei curada.**

**29 E logo se lhe estancou a hemorragia<sup>b</sup>, e sentiu no corpo estar curada do seu flagelo. Jesus, reconhecendo imediatamente que dele saíra poder, virando-se no meio da multidão, perguntou: Quem me tocou nas vestes?**

**31 Responderam-lhe seus discípulos: Vês que a multidão te aperta e dizes: Quem me tocou?**

**32 Ele, porém, olhava ao redor para ver quem fizera isto.**



**Então, a mulher, atemorizada e tremendo, cônica do que nela se operara, veio, prostrou-se diante dele e declarou-lhe toda a verdade.**

**E ele lhe disse: Filha, a tua fé te salvou; vai-te em paz e fica livre do teu mal.**

#### *Em relação à tradução*

<sup>a</sup> Diferente de Jairo, ela permanece anônima, aparece e desaparece na multidão. Só bem mais tarde houve quem afirmasse que ela se chamava Berenice ou Verônica e que vinha de Cesaréia de Filipe. Portanto, não há uma regra: a menção do nome não precisa, mas pode, dar origem a uma lenda. – De “certa mulher” até “tocou-lhe a veste” no v. 27 há uma série de sete participios, que se dilui na tradução. Com este recurso, a narrativa corre pelos fatos sem deter-se, só para preparar o encontro.

<sup>b</sup> “Hemorragia”, lit. “fonte do sangue”, é uma palavra técnica de Lv 12.7, nas prescrições de purificação para a mulher – um eufemismo pudico para o útero ou a menstruação (Michel, ThWNT VI, 116, nota 18).

#### *Observação preliminar*

*Hemorragia.* Pode ter-se tratado de uma menstruação anormalmente forte, ou de um sangramento crônico do útero. Faltam, porém, detalhes clínicos. Em lugar destes, ouvem-se ecos de termos técnicos de Lv 15.25-29, o que deixa bem claro que a mulher era judia: “[Ela está] imunda. [...] Toda cama sobre que se deitar durante os dias do seu fluxo [...] e toda coisa sobre que se assentar será imunda. [...] Quem tocar estas (portanto também seu marido, se não se afastar totalmente dela) será imundo.” No mesmo contexto fala-se da lepra, por isso, veja para impuro = profano opr 2 a 1.41-45. Nos v. 29,34 do nosso texto o fluxo é considerado um “mal”, um “flagelo”. A referência pode ser, também como no caso da lepra (Lv 13.2s,9,20,25,27), ao sentido original de castigo. Por esta razão, também, a mulher que tinha hemorragia e foi curada tinha de trazer uma “oferta pelo pecado” (Lv 15.30). Bill. I, 594 atesta também a opinião dos rabinos de que antigamente, quando Israel ainda obedecia a Iavé, não existia este mal. Nos tempos messiânicos esperava-se a restauração deste estado original. No Talmude as prescrições sobre o fluxo ocupam um artigo inteiro. Enumeram-se onze antídotos bizarros – o que espelha a perplexidade e o sofrimento.

**24b Grande multidão o seguia, comprimindo-o** (cf. 3.7,9).

**25 Aconteceu que certa mulher** – em meio à multidão em movimento, de repente esta pessoa isolada recebe destaque. Seu sofrimento é expresso com sete participios: **que, havia doze anos, vinha sofrendo de uma hemorragia.** Este longo tempo não só enfraquecera sua saúde visivelmente – pois com o sangue a vida se esvai da pessoa – mas também consumira sua força interior. Por doze anos ela não pudera abraçar nenhum familiar sem causar-lhe dano. Doze anos sem ir ao culto. Isto levanta a pergunta na consciência: O que Deus tem contra mim? Que pecado cometi que me fez merecer isto?

**26 E muito padecera à mão de vários médicos.** Sempre de novo ela tivera de se mostrar a estes homens e submeter-se a tratamentos duros e degradantes. **Tendo despendido tudo quanto possuía.** Só os ricos podiam dar-se ao luxo de procurar um médico, como pressupõe Eclesiástico 38.3: “A ciência do médico o faz trazer a fronte erguida, ele é admirado pelos grandes”. Esta mulher antes bem de vida fora reduzida pela doença impiedosamente à pobreza. Passar necessidade era mais uma fonte de acusações próprias, sob o peso de um provérbio judeu: “A porta que não se abrir para dar esmola se abrirá para o médico” (Bill. IV, 558). **Sem, contudo, nada aproveitar, antes, pelo contrário, indo a pior.** Ao passo que ela estava no limite dos seus bens e das alternativas, a doença florescia sensivelmente.

**27 Tendo ouvido a fama de Jesus,** depois de ter chegado à “Estação Desesperança”. De acordo com Rm 10.17, a fé vem pelo ouvir (cf. v. 34). **Vindo por trás dele, por entre a multidão:** ela gostaria muito de tê-lo feito abertamente, mas tinha de ocultar o fato de estar fora da lei (cf. opr). Neste ponto é que começa a ação em si: **tocou-lhe a veste.** Imediatamente ela se retirou, pois no v. 33 é preciso que ela se reaproxime.

**28 Neste momento Marcos insere novamente uma explicação retroativa típica: Porque, dizia: Se eu apenas lhe tocar as vestes, ficarei curada.** A idéia de pessoas carregadas de poder, quase que num conceito oposto ao de doenças contagiosas, é amplamente difundida (3.9s; 6.56; At 5.15; 19.12). Da maneira como a frase está formulada, ela gostaria de ter tocado o próprio Jesus diante de todos: seu alvo não era o tecido. Mas ela não se atreveu a pedir por isso, pois seria reconhecida como impura e repreendida pelo povo em volta. Ela superou este obstáculo à sua maneira. De alguma maneira ela não desistiu da sua confiança (cf. 2.4s; 5.36; 10.48), mas requisitou Jesus como ajudador divino. É neste gesto que Jesus viu sua fé, no v. 34.

- 29 E logo se lhe estancou a hemorragia.** No mesmo instante, num milagre imediato, a sensação de estar curada toma conta dela. A graça retirou o mal dela: **e sentiu no corpo estar curada do seu flagelo.** Com sua cura, ela novamente recebe forças para ser gente.
- 30 Jesus, reconhecendo imediatamente,** em seu espírito, como em 2.8, **que dele saíra poder, virando-se no meio da multidão, perguntou: Quem me tocou nas vestes?** Assim como em Jo 9.35-38 Jesus busca com insistência o diálogo, para completar a ligação da pessoa com ele. Quem foi curado, não deve retroceder sem ser reconhecido, tal como ela se aproximara desconhecida. “*Sabei que está próximo o reino de Deus*”, enfatiza Jesus em Lc 10.11 (cf. Mc 2.10).
- 31 Responderam-lhe seus discípulos: Vês que a multidão te aperta e dizes: Quem me tocou?** Mais uma vez os discípulos não estavam à altura do acontecimento (cf. 4.11). Enquanto ele falava do toque da fé e da vida, eles pensam no toque no tecido. Sem responder-lhes, Jesus passa o olhar inquiridor sobre a multidão, com a demora expressa pelo tempo imperfeito:
- 32 Ele, porém, olhava ao redor para ver quem fizera isto.** Neste ponto cessam as frases que começam com “e”, típicas de Marcos. A história chega ao seu alvo:
- 33 Então, a mulher, atemorizada e tremendo, cônica do que nela se operara...** Sua emoção não é resultante de sentir-se apanhada “roubando” a cura e ter a consciência pesada, pois receber faz parte da fé (Ap 22.17). Antes, como se explica expressamente, foi a experiência da ajuda do Deus vivo que lhe causou temor e tremor. Ela ficou abalada em face de tanta salvação. Todo o seu ser tremia. “Temor e tremor” é, na Bíblia, o que resta ao ser humano quando se vê colocado na presença de Deus (Gn 9.2; Êx 15.16; Dt 2.25; Sl 2.11; 1Co 2.3; 2Co 7.15; Fp 2.12; Ef 6.5). E sempre segue a confissão: “Sou pecador” (Lc 5.8). Como alguém que sai do esconderijo porque se rende, ela **veio, prostrou-se diante dele e declarou-lhe toda a verdade.** Isto é uma indicação de uma confissão em que nada é ocultado (cf. Js 7.19). Ela lhe confessou que transgredira as leis da pureza.
- 34** Como tantos antes dela, ela ouve uma palavra de ânimo: **E ele lhe disse: Filha!** Isto não foi uma expressão vazia de aconselhamento, mas aceitação poderosa na família de Deus (cf. 2.5; 3.34), inclusive contra a restrição de Moisés. O que lhe conquistou este lugar? **A tua fé te salvou.** Não foi a superstição dela, o toque no tecido, mas o toque da fé. Foi assim que creu o cego em 10.52, sem pôr a mão na veste de Jesus. A fé conta com Deus apesar de toda oposição: “Não te deixarei ir se me não abençoares!” (Gn 32.26). Nem que seja necessário deslocar montanhas inteiras que tentem se opor (11.22-24; 9.23s).

A tua fé te salvou! é tão verdadeiro como: Jesus te salvou!, pois a fé estende a mão para Jesus que salva, que, por sua vez, não deixa cair aquele que crê.

Não devemos pensar que a saída automática de poder de Jesus seja o sentido desta história. Neste caso, os discípulos em sua incompreensão teriam razão (v. 31). A questão não é o toque em si, pois centenas já tinham tocado Jesus mecanicamente, até em superstição, pelo visto sem obter a cura. Em 3.9 Jesus também se distanciou claramente desta maneira de entender sua atuação.

Esta mulher, todavia, enfrentaria resistências também *depois* de receber ajuda. Por isso Jesus lhe dá algo para a jornada: **Vai-te em paz!** Em princípio, esta é a despedida comum dos judeus. Os evangelhos, porém, não registram nenhum “Até logo!” comum. A mulher recebe algo que não mais será tirado dela: proteção para o seu ser integral, aonde quer que fosse. **E fica livre do teu mal.** Depois da cura já recebida no v. 29, isto significa: Esteja e *fique* curada! Deus não está sujeito a caprichos. A doença foi retirada definitivamente e substituída pela graça.

## 18. A ressurreição da filha de Jairo, 5.35-43

(Mt 9.23-26; Lc 8.49-56)

- <sup>35</sup> **Falava ele ainda, quando chegaram alguns da casa do chefe da sinagoga, a quem disseram: Tua filha já morreu; por que ainda incomodas o Mestre?**  
**Mas Jesus, sem acudir<sup>a</sup> a tais palavras, disse ao chefe da sinagoga: Não temas, crê somente. Contudo, não permitiu que alguém o acompanhasse, senão Pedro e os irmãos Tiago e João.**
- <sup>38</sup> **Chegando à casa<sup>b</sup> do chefe da sinagoga, viu Jesus o alvoroço, os que choravam e os que pranteavam muito.**  
**Ao entrar, lhes disse: Por que estais em alvoroço e chorais? A criança<sup>c</sup> não está morta, mas dorme.**

**E riam-se dele. Tendo ele, porém, mandado sair a todos, tomou o pai e a mãe da criança e os que vieram com ele e entrou onde ela estava.**

**Tomando-a pela mão, disse: Talitá cumi!<sup>d</sup>, que quer dizer: Menina, eu te mando, levanta-te! Imediatamente, a menina se levantou e pôs-se a andar; pois tinha doze anos. Então, ficaram todos sobremaneira admirados.**

**Mas Jesus ordenou-lhes expressamente que ninguém o soubesse; e mandou que dessem de comer à menina.**

### *Em relação à tradução*

<sup>a</sup> *parakouein* pode ter o sentido de “não prestar atenção, não ouvir”, mas que não cabe aqui, já que Jesus em seguida se refere ao que foi dito. A tradução como está, portanto, é a melhor.

<sup>b</sup> Para as referências às construções, cf. v. 22n no fim.

<sup>c</sup> Para os vários termos, cf. v. 23n.

<sup>d</sup> *Cumi* consta tradicionalmente das nossas traduções, mas nos principais manuscritos está *cum*.

### *Observações preliminares*

1. *Contexto.* Naturalmente os v. 21-24a fazem parte da nossa história. Mas também os v. 24b-34 estão entrelaçados com ela, como já foi explicado na [opr 1 a 5.21-24a](#). Quero acrescentar aqui mais um ponto de vista complementar: a menina parecia ter perspectivas de cura enquanto a mulher estava doente, e morreu quando a mulher foi curada. Quase poderíamos dizer: A menina teve de renunciar à ajuda, para que Jesus pudesse dedicar-se à mulher. Jesus poderia ter-se concentrado primeiro na menina, mas ficaria sem poder voltar-se para a mulher. Sugere-se, assim, um efeito contrário trágico no destino das duas mulheres, ao qual as opções de Jesus pareciam estar sujeitas. O que ele desse a uma teria de tirar da outra. Ajuda e plenitude de vida para todos só existem em discursos festivos. Mas será que Jesus se enquadra realmente nesta moldura deprimente? Será que ele só redistribui, sem alterar o quadro geral? Ou será que Deus, por meio dele, faz algo totalmente novo em nosso mundo? A resposta a esta pergunta transparece quando Jesus ultrapassa os dois fiadores da Antiga Aliança, Moisés na cura da mulher e Elias na cura da menina (cf. [1Rs 17.17ss](#); [2Rs 4.32ss](#)). Não estamos mais diante de Moisés e Elias, mas do Filho.

2. *O lamento pelos mortos em Israel.* O lamento pelos mortos em Israel fazia parte das obrigações mais sagradas, pois todo israelita devia ser extremamente honrado pelo menos duas vezes na vida, no dia do seu casamento (cf. [2.19](#)) e no do seu enterro. Parentes, vizinhos, amigos e até inimigos tinham a obrigação de trazer um grande lamento pelo morto – uma obra de mérito, muito recompensado no mundo por vir. Mesmo o homem mais pobre tinha de contratar, por ocasião da morte da esposa, pelo menos dois flautistas e uma mulher para chorar, nem que fosse necessário trazê-los da aldeia vizinha. Quanto mais bem situada fosse uma família, maior o número dos que choravam. Quando um falecimento era iminente, todos interrompiam seus trabalhos e se reuniam a tempo na casa em questão. No momento do último suspiro, às vezes ainda durante o estado de coma, o lamento começava. Tudo isto estava previsto em tradições firmes: o tom lamurioso das flautas, cânticos alternados com papéis atribuídos, torcer de mãos e bater de pés, palmas, pratos e paus sonoros. Em meio a tudo isto o falecido era beijado sempre de novo, seu nome chamado em tom de lamento e seu louvor declamado com voz elevada. Nos instantes antes que se cobrisse o corpo, o luto chegava ao auge. As mulheres batiam no peito. Todos arrancavam os cabelos e arranhavam o rosto. As vestes de cima eram rasgadas seguindo um ritual determinado, de cima para baixo, mas sem passar do umbigo. Quando a morte era de um dos pais, o rasgo devia ser do lado esquerdo na altura do coração, nos outros casos no lado direito. Era necessário andar com a roupa rasgada durante sete dias, depois alinhavá-la superficialmente, para remendá-la corretamente depois de trinta dias. Aos lamentos na casa de luto seguia o séquito até o cemitério, enquanto toda a população da aldeia abria alas. O féretro parava várias vezes para dar ocasião a novas expressões de lamento e louvor, até completar-se o sepultamento dentro de rituais litúrgicos grandiosos. Subtrair-se a estas festividades era quase impossível e podia atrair condenação. Todo esse movimento em torno de Sua Majestade a Morte, Jesus chama de “alvoroço”. O comentário tem de avaliar isso.

**35** Enquanto a mulher com hemorragia recebe graça, o pai da moribunda vive o inferno. Ele se metera com esse marginalizado, ajoelhara-se publicamente diante dele. Mas Jesus permite que o detenham, chega a tornar-se ritualmente impuro pelo toque dessa mulher. Será que Jairo ainda deve deixá-lo entrar em sua casa? Não estaria ainda em tempo de cair fora de todo esse negócio? Mas em casa o tique-taque da vida da sua filha está-se esgotando. Assim, o pai se agarra a uma minúscula faísca de esperança. Então até esta lhe é arrancada. **Falava ele (Jesus) ainda, quando chegaram alguns da casa do chefe da sinagoga, a quem disseram: Tua filha já morreu; por que ainda incomodas o Mestre?** Jairo, em vista destas palavras, de repente se vê numa solidão incomensurável, ridículo e

irritado como todos os solitários. O pior é a naturalidade com que eles esperam que ele passe a ver a coisa como eles, que ria de si mesmo e aja como se nada tivesse acontecido.

- 36 No mesmo instante em que ele perdeu sua filha e não ganhou a Deus, em que todas as suas luzes tinham-se apagado, em meio a essa escuridão e desonra uma voz o alcança: **Mas Jesus, sem acudir a tais palavras, disse ao chefe da sinagoga: Não temas, crê somente.** Esta palavra de ânimo refere-se expressamente à notícia recém-recebida e à expectativa em que a descrença se articulava e que fazia ecoar a caixa de ressonância espiritual de Jairo, fazendo-o estremecer. Jesus também ouvira a voz, mas não lhe obedeceu. Ele não reconhece a palavra de morte como palavra final, e contrapõe-lhe a palavra da fé.

“Não temas!”, na Bíblia, muitas vezes introduz revelações. Jesus, porém, coloca esta palavra de consolo também lado a lado com o desafio para crer. O sentido da palavra “crer”, na Bíblia de Jesus, isto é, na língua hebraica, é: adquirir perseverança, firmar-se, aquietar-se, em oposição direta a: tremer, preocupar-se, temer (cf. 1.15n e comentário do v. no fim). No evangelho de Marcos a fé sempre está ligada a milagres de Jesus; portanto, consiste em silenciar diante de Jesus, como a disposição poderosa de Deus de ajudar. Ao mesmo tempo, a fé sempre é combatida por forças da desesperança, que podem induzi-la a firmar-se numa perna e não na outra, a oscilar insegura entre esperança e desespero. Era esta a situação de Jairo. Ele já tinha fé, pois viera e se ajoelhou diante de Jesus. Mas ele também balançou, como o pai em 9.24. Por isso Jesus leva sua fé a ser completa, como há pouco a da mulher com hemorragia. Ele o leva a só crer, a ter só uma coisa: Deus! Mas não por necessidade, porém por ideal, pois só assim se tem Deus de verdade. Só se pode ter Deus em sua soberania absoluta. Jesus submete Jairo radicalmente ao 1º Mandamento, à pobreza e felicidade de “Deus somente”. Agora a fé podia se mostrar, com todas as escoras arrancadas. Agora a fé podia começar, com tudo terminado sem que o milagre desejado tivesse acontecido. No evangelho de Marcos a fé não resulta dos milagres, mas os milagres vêm da fé, sim, do milagre da fé. Isto é sempre a primeira coisa e vem do ouvir (v. 27) e de olhar para Jesus, de baixo para cima. Por meio de Jesus chega-se a “Deus somente”, contra tudo o mais. Só então seguem os milagres, mas então seguem mesmo. Assim, a fé de Jairo não tinha motivos para desistir da vida. Exatamente quando a fé se torna ridícula é que se torna séria.

- 37 Jesus falou cheio de espírito e certeza. Coisas grandes são iminentes. De modo significativo ele leva consigo testemunhas, certas testemunhas e não qualquer uma. **Contudo, não permitiu que alguém o acompanhasse, senão Pedro e os irmãos Tiago e João.** Era tarefa exclusiva dos doze compreender sua identidade para atestá-la mais tarde (cf. 3.14). Esta convocação de testemunhas diferencia a ressurreição iminente de outras ressurreições na Bíblia. Aqui trata-se de mais do que acrescentar alguns anos à vida de uma pessoa. Trata-se de revelar Jesus como a vida do mundo. O mesmo grupo entra em ação também em 9.2; 13.3 (com André) e 14.33. Em cada vez o sentido é especial e a resposta sobre quem é Jesus é mais profunda. Como aqui temos um vislumbre *antecipado* do seu segredo, o grupo todo dos doze ainda não está presente, diferente da Páscoa, onde sua totalidade era importante. Aqui é suficiente um grupo pequeno de representantes que podem testemunhar (Mt 18.16). Se o pai que os acompanha e a mãe são mencionados somente no v. 40, isto não é o retoque de um narrador esquecido. Sentimos muito bem o papel especial dos três discípulos.

- 38 **Chegando à casa do chefe da sinagoga, viu Jesus o alvoroço, os que choravam e os que pranteavam muito.** Ao que se refere o “alvoroço” aqui e no v. 39, na palavra de Jesus, é realmente, como esclarece o acréscimo explicativo, o “grande toque de recolher” da morte que está em andamento. Jesus não está ofendendo as pessoas, mas negando-se a prestar homenagem à morte. Ele não se deixa enquadrar na procissão dos submissos. É verdade que o esquife reina no centro e anuncia seu poder incontestado, que obriga todos a sujeitar-se. Jesus, porém, está totalmente livre para o reinado de Deus.

- 39 **Ao entrar, lhes disse: Por que estais em alvoroço e chorais? A criança não está morta, mas dorme.** Desta forma o culto à morte é declarado sem sentido e a morte é denunciada. – Que Jesus pensasse que a menina estivesse só aparentemente morta, não devemos considerar nem por um segundo. Nada em todo o trecho combina com isto. O grande desafio à fé no v. 36 e a convocação das testemunhas no v. 37 dariam em nada. Tirar alguém da cama que foi só considerada morta não compensa o esforço. Mas Jesus também não falou de dormir usando o eufemismo com que se costuma descrever a morte, para poupar os sentimentos dos entes queridos e a lembrança do falecido. A morte não é embelezada, mas relativizada, declarada com prazo. A correlação com Jo 11 é útil. No

v. 14 Jesus diz, sem iludir, que Lázaro morreu, enquanto diz no v. 11 que ele dorme, na previsão da derrota e do saque iminente da morte: “Vou para despertá-lo”. “Ela morreu” é uma palavra à qual Deus não se curva. “Deus não é Deus de mortos, e sim de vivos; porque para ele todos vivem” (Lc 20.38; Mc 12.27). Disto Jesus estava permeado. Para ele a menina só estava morta até ser chamada, e isto é “dormir”. Olhando da ressurreição para trás, a morte é sono. Por isso o culto da morte é uma algazarra inapropriada e vazia.

**40 E riam-se dele.** O tempo imperfeito retrata uma risada espontânea. Pode até ser que esta mudança brusca do choro para o riso traia a superficialidade incrível do luto. Mas não é isto o que está em questão aqui. Lc 8.53 diz que eles se riram “porque sabiam que ela estava morta”, uma realidade firme como uma rocha, não influenciável, triunfante. É que eles não sabiam o que Jesus sabe. Nada sabiam do Deus vivo e, assim, riram o riso da descrença (cf. Gn 18.12-15). **Tendo ele, porém, mandado sair a todos.** Acrescentando o “porém”, Marcos contrapõe à torrente de descrença a vida encarnada na pessoa de Jesus. Cheio de espírito, Jesus entra na risada e a expulsa. Purifica a casa, como mais tarde purificou o templo. A casa não pode continuar enlutada depois que ele entra. A expulsão é juízo, como em 4.11. Ele os expulsa porque não deixam entrar nada neles. Todavia, cinco pessoas ele toma expressamente consigo: os três dos doze, o pai, obviamente considerado crente depois do v. 36, e a mãe, que acompanha o marido no seu caminho. **Tomou o pai e a mãe da criança e os que vieram com ele e entrou onde ela estava.**

**41 Tomando-a pela mão, disse: Talitá cumi!, que quer dizer: Menina, eu te mando, levanta-te!** Os resquícios do idioma aramaico evidenciam que o narrador está consciente de estar diante de um fato histórico, e sua intenção de transmitir história. Na tradução ele encaixou o “eu te mando” autoritativo. Somente com sua palavra de autoridade, sem uma luta ofegante, sem meios nem métodos, Jesus se impõe à morte. No que tange ao “levanta-te”, em 2.11 já se pôde pensar em um duplo sentido. Além do sentido literal, vê-se o contorno da Páscoa.

**42 Um “logo” repetido (“imediatamente” e “então”),** como em 29s, chama a atenção (cf. 1.10n). **Imediatamente, a menina se levantou e pôs-se a andar.** “Andar” está no tempo imperfeito. Dá até para ver como ela sai da cama e começa a andar. Nos últimos versículos ela fora chamada três vezes de “criança” (*paidion*). “Paidion” é, p ex em 10.13, um bebê que é carregado nos braços. “Menina” nos v. 41 e 42 (diminutivo como “meu anjo”, “meu tesouro”) também pode dar uma impressão enganosa. Por isso segue imediatamente à informação de que ela andava por si, o esclarecimento de que se tratava de uma jovem, de uma virgem: **pois tinha doze anos** (cf. 5.23n).

Ou será que se trata realmente de uma indicação velada ao cumprimento de uma promessa de salvação? Jr 31.4,13,21 anuncia que Israel, como virgem que caiu, ressuscitará, andar e dançará. C. H. Bird sugeriu esta interpretação em 1953 (em Lane, p 401). Segundo ele, as frases com “pois”, típicas de Marcos, têm a função de fazer a ligação com um simbolismo veterotestamentário mais profundo (1.16; 5.42; 7.3,4; 11.13; 13.14). Neste sentido, as duas mulheres de 5.21-43 representariam Israel desonrado e prostrado, para o qual raiou o tempo da salvação.

**Então, ficaram todos sobremaneira admirados.** Não a gratidão e alegria dos pais estão no centro, mas Deus. A expressão é a mesma do forte temor de Deus em 4.41 (cf). Em Cristo experimenta-se o próprio Deus. Deste modo, a história do milagre tem sentido cristológico. Ela trata da sua identidade. Esta noção também esclarece o sentido do mandato de silêncio que segue.

**43 Mas Jesus ordenou-lhes expressamente que ninguém o soubesse.** Que Jesus tivesse ordenado ocultar o milagre que aconteceu com a menina, apesar de já se terem iniciado os lamentos, para interrompê-los de repente, sem que o esquife passasse pelos habitantes do povoado que já abriam alas até o cemitério e com o túmulo ficando vazio, seria a coisa mais sem sentido que se pode imaginar. Era evidente que esta menina fora devolvida à vida. Por esta razão é preciso fazer algum esforço para verificar o que Jesus proibiu. A mesma “ordem” majestosa de Jesus encontramos ainda em 7.36 e 9.9. Cada vez ela se refere a um evento anterior que revelou mais sobre a pessoa de Jesus. O mesmo ocorre aqui. Não é o fato de a menina estar viva que está em vista, mas Jesus como plenitude da vida de Deus. Neste sentido ele não deveria tornar-se objeto de proclamação prematura. Primeiro toda a sua obra tinha de estar à mostra. Primeiro ele queria identificar-se completa e decisivamente na cruz e na ressurreição. Depois faria sentido pregar sobre sua identidade. Primeiro é preciso que haja distorções e mal-entendidos. Os próprios discípulos foram exemplo disso (para a ordem de silêncio, cf. 1.34,44; 3.12; 7.36; para a terminologia cf. 7.36n).



Assim a ressurreição da menina foi uma antecipação da Páscoa. Isto ela foi realmente. Assim como Jesus, depois de ressuscitar, comeu na presença dos seus discípulos, esta menina ressuscitada também come diante dos seus pais. **E mandou que dessem de comer à menina.** Quem come não está morto, também não é um fantasma. Vive como criatura real de Deus.

### 19. A rejeição de Jesus em seu povoado natal, 6.1-6a

(Mt 13.53-58; Lc 4.16-30; cf. Jo 7.15; 6.42; 4.44; 10.39)

**Tendo Jesus partido dali, foi para a sua terra<sup>a</sup>, e os seus discípulos o acompanharam. Chegando o sábado, passou<sup>b</sup> a ensinar na sinagoga; e muitos<sup>c</sup>, ouvindo-o, se maravilhavam, dizendo: Donde vêm a este<sup>d</sup> estas coisas? Que sabedoria é esta que lhe foi dada? E como se fazem tais maravilhas por suas mãos?**

<sup>3</sup> **Não é este o carpinteiro<sup>e</sup>, filho de Maria, irmão de Tiago, José, Judas e Simão<sup>f</sup>? E não vivem aqui entre nós suas irmãs? E escandalizavam-se nele.**

**Jesus, porém, lhes disse: Não há profeta sem honra, senão na sua terra, entre os seus parentes e na sua casa.**

**Não pôde fazer ali nenhum milagre, senão curar uns poucos enfermos<sup>g</sup>, impondo-lhes as mãos.**

<sup>6a</sup> **Admirou-se da incredulidade deles.**

#### *Em relação à tradução*

<sup>a</sup> *patris* em Jo 4.44 é “pátria”, pensando na Galiléia, como aqui no v. 4. No v. 1, porém, pensa-se no povoado natal de Jesus, Nazaré (cf. 1.9n). Devemos ter em mente que o lugar era uma povoação insignificante de camponeses, miserável, sem qualquer tradição, sem menção nos textos antigos, porém contando com uma sinagoga, donde se pode concluir que os moradores eram de religiosidade judaica rígida. A cidade atual de Nazaré, com seus 25.000 habitantes, não reflete as condições daquela época.

<sup>b</sup> Cf 1.45n.

<sup>c</sup> O contexto pressupõe um acontecimento coletivo, e não se pensa que uma parte dos espectadores tenha ficado impassível. A Bíblia viva captou a idéia, ao parafrasear: “O povo estava admirado”. Certamente “muitos” deve ser entendido aqui contra o pano de fundo semita (Jeremias, ThWNT VI, 541) e significa “todos”, como Lucas 4.22 também registra.

<sup>d</sup> “Este”, três vezes nos v. 3 e 4, cria distância e passa para um tom de desprezo. Uma pessoa respeitada não é apontada como “aquele ali” (cf. 14.71).

<sup>e</sup> *tekton*, na verdade “fabricante”, portanto não uma identificação profissional clara como “carpinteiro” dá a entender. O termo abrange um grande espectro de profissionais modernos que se ocupam com madeira, pedra, metal ou até chifre. Is 44.13-17 mostra como o próprio “carpinteiro” planta e derruba árvores, fornece lenha e também molda, esculpe e forma. É sempre o contexto que decide. Jesus atuava em um ambiente totalmente rural. Ele fabricava carroças e consertava arados, entalhava bacias, colheres ou enxadas, construía baús, bancos, camas, levantava parreirais e galpões, cobria e consertava telhados. Tudo isto em um grupo de pessoas que se conheciam e em um degrau de civilização em que cada um faz sozinho tudo o que pode. Bem cedo os pagãos já zombavam da profissão comum de Jesus (Celso), e não tardaram as tentativas dos cristãos de fazer de Jesus alguém “mais elevado” (Ambrósio). Mas falar de uma “construtora” ou de Jesus como “arquiteto” é muito exagerado.

<sup>f</sup> Os quatro nomes têm um tom antigo, patriota e religioso. Com certeza não foram dados de maneira superficial.

<sup>g</sup> *arrostos* para doentes, só aqui, no v. 13 e em 16.18. Nas outras passagens Marcos usa termos como “os que estavam mal, sofriam” (1.32,34; 2.17) ou “estavam fracos” (6.56).

#### *Observação preliminar*

*Contexto.* Esta história tinha muita importância para Marcos. Isto vale em primeiro lugar para o contexto mais próximo. O tema da fé, dos v. 34,36, é levado adiante, como mostra o v. 6. Mas depois dos dois grandes testemunhos da fé e das suas experiências com o poder de Jesus, Marcos destaca de modo quase brutal o desafio que era crer em Jesus como carpinteiro de aldeia. Ele podia ter omitido e suprimido esta informação. Ela serviu com frequência aos inimigos da igreja antiga como material para gracejos. Contudo, a pequenez e a rejeição do Nazareno fazem parte do evangelho de Jesus Cristo. Nós realmente cremos em coisas incríveis. A fé está muito próxima da possibilidade de descrença e decepção (v. 5). Os ouvintes do evangelho precisam saber isto. Seu cristianismo não deve consistir em ambição de glória, sem digerir um pouco sequer o mistério da cruz de Jesus, ou pelo menos tomar conhecimento.

Em outro sentido, este trecho e o próximo colocam um ponto final para toda a subdivisão desde 3.7, que tratou da separação de povo e discípulos (cf. [opr](#) à subdivisão). A história de Nazaré mostra com destaque e em resumo o rompimento entre o Servo de Deus e a “pátria” (v. 1 e 4), “parentela” e “casa” (v. 4). É a mesma escalada de renúncia e sacrifício como com Abraão em [Gn 12.1](#). Ela está, porém, sob a mesma promessa de bênção incomensurável como Abraão. Deus faz sair algo novo para todo o mundo desta separação amarga. A menção dos discípulos que o seguem, no v. 1b, contém um indício disso. Jesus, ao ser rejeitado, já tem consigo o alicerce do novo. Acima de tudo cabe observar que Jesus faz um gesto profético exatamente no contexto da sua rejeição, que é o envio dos discípulos para terem uma antecipação das coisas futuras ([6.6b-13](#)).

**1,2** Continuando seu trabalho itinerante (1.38), que nesta fase também já era trabalho de um fugitivo procurado, **tendo Jesus partido dali, foi para a sua terra**. Intencionalmente Marcos não menciona o nome da localidade geográfica, Nazaré, mas desde o começo chama a atenção para a relação pessoal de Jesus com este povoado (v. 1 e 4). Aqui Jesus tinha suas raízes naturais, onde crescera e se formara e passara quase toda a vida. Aqui viviam seus parentes e era sua casa – sinônimos de aconchego. Jo 1.11 vale aqui duas e três vezes: “Veio para o que era seu”, para “os seus”. Só que ele não veio como se fora; **os seus discípulos o acompanharam**. Eles com ele – isto tinha significado não só para eles, mas também para ele. O fato de eles o seguiram era reflexo do reinado de Deus que se aproximava, em cuja proclamação consistia a sua vida. Este reinado de Deus reivindicava agora também sua aldeia natal. O Espírito Santo invadiu a mentalidade desta sociedade judaica de aldeia. A visita, portanto, não era familiar, também não era a busca de asilo de um fugitivo, mas a chegada de alguém que tem uma missão. **Chegando o sábado, passou a ensinar na sinagoga**. O programa costumeiro de um culto judaico permitia a qualquer israelita, com a permissão do presidente da sinagoga (cf. 5.22n), fazer uma exposição livre de um texto bíblico à sua escolha (Bill. IV, 153ss). Enquanto, porém, em Cafarnaum nenhuma sinagoga abria mais as portas para Jesus (cf. 3.7), aqui suas relações familiares podem ter mais uma vez aberto o caminho para ele. **E muitos, ouvindo-o, se maravilhavam**. A princípio ninguém conseguiu fugir da impressão da verdade e grandeza de Jesus (cf. a passagem semelhante em 1.22). Existem experiências coletivas como estas. Mas isto não significa que coletivamente se chega à fé. Pelo contrário, esta perplexidade ainda está em aberto para os dois lados, para a fé e a descrença. A enxurrada dos próximos cinco dias já mostra como o pêndulo se moveu para o lado negativo.

**Donde vêm a estas coisas?** Eles tomam distância duas vezes, primeiro “deste” (cf. nota da tradução), depois do que há de carismático nele, que eles resumem como “estas coisas”. “Estas coisas” lhes são estranhas. “Estas coisas” ele não tinha de Nazaré, do que eles puderam lhe dar. Nem escola rabínica ele freqüentara (Jo 7.15). A segunda pergunta diz respeito ao seu ensino: **Que sabedoria é esta que lhe foi dada?** A terceira pergunta se refere aos milagres: **E como se fazem tais maravilhas por suas mãos?** A “sabedoria” do ensino com autoridade e “obras de poder” salvador como há pouco em 5.34,41 são, na Bíblia, sinais de unção do Espírito (Is 11.1-4; cf. 1Co 1.24). A primeira eles recém tinham experimentado, das outras tinham ouvido (1.45; 3.7s; 6.14,53s), mas de modo inequívoco. De modo que estavam diante de todo o evangelho. Por outro lado, o judaísmo como um todo nunca duvidou da realidade dos milagres de Jesus, mas da sua origem divina. De modo sistemático alimentavam a suspeita de que ele estivesse possesso (3.22,30). Aqui os nazarenos ainda deixam a questão em aberto, estão apenas perguntando. Mas perguntas, especialmente sua seqüência insistente, pode estar expressando ceticismo, o que é o caso aqui, como mostra a continuação.

**3 Não é este o carpinteiro, filho de Maria, irmão de Tiago, José, Judas e Simão? E não vivem aqui entre nós suas irmãs?** Assim eles levantaram muros para se defender do Espírito Santo. Estas perguntas não eram mais autênticas, com abertura para o que fosse novo, mas intencionais e preconcebidas. Com elas os nazarenos já diziam para si mesmo: Com certeza ele não é o Messias! Pois a doutrina do Messias era: “Quando vier o Cristo, ninguém saberá donde ele é” (Jo 7.27). Distante do cotidiano das pessoas, ele se prepararia na solidão e se mostraria com a auréola de quem foi separado. Isto lhes faltava em Jesus. Ele era muito um dos seus, muito nazareno, muitas vezes irmão, humanamente muito próximo. No fundo se irritaram exatamente com aquilo que haveria de lhes resultar em bem: “O Verbo se fez carne e habitou entre nós” (Jo 1.14), “Assumindo a forma de servo, tornando-se em semelhança de homens” (Fp 2.7). Estes sinais graciosos de igualdade lhes serviram de armadilha.

Provavelmente, no entanto, havia mais em sua descrição da pessoa dele, isto é, um pouco de difamação. Da expressão **filho de Maria** geralmente não se deduz mais do que a suposição de que José, o marido de Maria, deve ter falecido cedo. Senão ele dificilmente poderia ter faltado em uma narrativa tão detalhada (cf. também 3.31). Mas já no próprio fato de um filho ser chamado por sua mãe e não por seu pai, vivo ou falecido, havia algo de ofensivo. Falava-se assim quando o pai não era conhecido. Quem era chamado por sua mãe era um “discreto” (um filho ilegítimo; Stauffer, Jesus, p 23; Jerusalém, p 117s). Nestes filhos também esperava-se uma tendência nefasta à rebeldia e blasfêmia. Assim, “filho de Maria” tem um tom suspeito em relação à religiosidade de Jesus; a possessão não parecia fora de questão. Xingar Jesus como filho de uma prostituta ou adúltera, pelo menos, teve um papel preponderante na literatura rabínica posterior, inclusive no Corão.

Que estas perguntas já continham a recusa à fé, o fim do versículo confirma: **E escandalizavam-se nele**. O tempo imperfeito retrata como o processo tomou volume e amadureceu, cobrindo a alma, a consciência e a vontade. O v. 6, por fim, fala da sua “incredulidade”.

- 4 Nesta altura uma palavra de Jesus levanta um pouco a cortina escura. **Jesus, porém, lhes disse: Não há profeta sem honra, senão na sua terra, entre os seus parentes e na sua casa.** Não se trata de uma citação bíblica. Jesus faz uso de um provérbio popular, que se encontra, com variações, em textos judaicos e gregos. Todavia, o uso de três termos para descrever os que o desprezam – “terra, parentes e casa (= família)” – chama a atenção e estabelece uma relação com a ordem de Deus para Abraão para que saísse da sua terra (cf. opr). Deste modo, Jesus fala aqui do seu sofrimento, ainda bem discreto, não “claramente”, como a partir de 8.32). No entanto, ele suporta esta experiência pela vontade de Deus e das profundezas da história da salvação.

- 5 **Não pôde fazer ali nenhum milagre.** Esta incapacidade é prova de alguma limitação? Será que apenas a atitude positiva do público lhe conferia a força necessária? O que significa este “Jesus não pôde”? Ele não podia *querer*, nestas circunstâncias. Mc 14.58 sugere esta conclusão, pois ali falta este “não pôde”. Ele também não *devia*. Isto é Lc 4.26 que mostra, no contexto. Neste caso faltou a Jesus, como a Elias, a comissão divina. Pois onde se rejeita o doador, a dádiva é sem sentido, talvez até prejudicial. Por isso o semáforo mudou para vermelho (cf. 8.12). Jesus não devia, e por isso também não queria. Neste sentido não podia.

A frase, porém, ainda não terminou: **senão curar uns poucos enfermos, impondo-lhes as mãos** (cf. 7.32). Naturalmente este fim de frase está em conflito com o que se disse antes. Quer dizer que em alguns casos ele pôde. Esta contradição, porém, tem uma lógica bíblica. Ela pode ser vista, p ex, também no texto paralelo, quanto ao assunto, de Jo 1.11,12. Ali conjugou-se da mesma maneira direta que os seus *não* o receberam, mas que depois *alguns* acabaram recebendo-o. À constatação geral negativa acaba seguindo uma constatação positiva jubilosa. Deus conquista terreno exatamente ali onde não há lugar para ele. Por esta razão a igreja sempre existe como algo que não existe – como milagre. Assim, Jesus não saiu desta Nazaré que o rejeitou sem antes dar início ao bom reinado de Deus.

- 6a **Admirou-se da incredulidade deles.** Seus patrícios admiraram-se da sua palavra de graça, ele com o coração duro e incrédulo deles. Não deveria a fé ser tão normal como abrir uma veneziana para a luz do sol, ou como aproveitar e comer quando o faminto é colocado diante de uma mesa posta? Esta despedida perplexa de Jesus da sua terra natal deixa mais uma indicação indireta da clareza e bondade da sua causa.

## 20. O envio dos doze, 6.6b-13

(Mt 9.35; 10.1,7-11,14; Lc 9.1-6; cf. 10.1-12)

- <sup>6b</sup> **Contudo, percorria as aldeias circunvizinhas, a ensinar.**

**Chamou Jesus os doze e passou<sup>a</sup> a enviá-los de dois a dois, dando-lhes autoridade sobre os espíritos imundos.**

**Ordenou-lhes que nada levassem para o caminho, exceto um bordão; nem pão, nem alforje<sup>b</sup>, nem dinheiro<sup>c,d</sup>;**

- <sup>9</sup> **que fossem calçados de sandálias e não usassem duas túnicas<sup>e</sup>.**

**E recomendou-lhes: Quando entrardes nalguma casa, permanecei aí até vos retirardes do lugar.**

**Se nalgum lugar não vos receberem nem vos ouvirem, ao sairdes dali, sacudi o pó dos pés<sup>f</sup>, em testemunho<sup>g</sup> contra eles.**

<sup>12</sup> **Então, saindo eles, pregavam ao povo que se arrependesse;**

<sup>13</sup> **expeliam muitos demônios e curavam numerosos enfermos, ungindo-os com óleo.**

### *Em relação à tradução*

<sup>a</sup> Para este “passou” a nota a 1.45 é importante. Não se faz diferença aqui entre o início e uma continuação posterior do envio. Jesus não envio os doze mais nem uma vez, antes da Páscoa. Trata-se de um processo único, mas que é introduzido solenemente: “Jesus se pôs a...”

<sup>b</sup> Com frequência do couro de uma cabra, inteiro, fazia-se uma bolsa bastante grande. Era carregada sobre o quadril esquerdo, por uma tira de couro que passava sobre o ombro direito. Os camponeses traziam galinhas e cordeirinhos dentro dela para a feira, pastores e viajantes a usavam para levar provisões.

<sup>c</sup> Lit. “cobre”. Moedas de valor, de ouro ou prata, nem entravam em cogitação. As moedas de cobre eram cunhadas principalmente por cidades e províncias, para uso local. Moedas de metais nobres, cunhadas por reis e pelo imperador, tinham circulação mais ampla. O envio dos discípulos por Jesus limitou-se, portanto, à região interiorana da Galiléia.

<sup>d</sup> O texto grego diz que o dinheiro era colocado “no cinto”. Para o uso variado do cinto, cf. 1.6. Aqui se pensa em uma tira de pano larga, dobrada várias vezes, que era enrolada no corpo e era o lugar mais seguro para guardar o dinheiro.

<sup>e</sup> O *chiton* era um tipo de camisolão, em sua forma mais simples como um saco com aberturas para os braços e a cabeça. Deve ser diferenciado da túnica que se vestia por cima, mencionada mais vezes (*himation*, cf. 10.50n).

<sup>f</sup> Quando um israelita, depois de uma viagem por terras pagãs, novamente chegava à fronteira da Terra Santa, purificava com cuidado o calçado e a roupa do pó que trazia. Na opinião dos rabinos esta poeira podia tornar os objetos ritualmente impuros, inadequados para o culto a Deus.

<sup>g</sup> Não testemunho de salvação, mas testemunho de acusação, “contra eles”, como Lc 9.5 também esclarece (cf. 1.44n).

### *Observações preliminares*

1. *Contexto.* Sem citar Jesus novamente pelo nome, Marcos continua a narrativa, e dá sentido à observação do v. 1, de que seus discípulos o seguiam, que estava meio no ar. No fim está a expulsão dos “muitos” demônios e a cura dos “numerosos” enfermos (v. 13; para os doentes, *arrostoi*, como no v. 5), em contraste intencional com a cura de “uns poucos” em Nazaré. De uma maneira típica para Marcos, as duas histórias estão relacionadas. Elas fornecem um novo exemplo de como do sofrimento brota a salvação. Pois com o envio, o rejeitado multiplica sua oferta de graça. Rejeitado por Israel, ele retorna duodecuplicado. Já o chamado dos doze em 3.13 queria ser visto contra o pano de fundo da decisão de matá-lo, em 3.6. Da Decápolis ele foi intimado a sair, mas deixou na pessoa do homem curado uma testemunha da misericórdia (5.19s). Sempre de novo a rejeição provoca novas investidas da graça. Deus não abandona seus filhos perdidos. Eles se afastam dele, mas ele não deles. É isto que dá à obra de Marcos um tom tão cheio de esperança alegre. Onde o pecado transborda, a graça transborda mais ainda. O ponto alto é Mc 14.22-25: no momento em que a noite estava mais escura, Judas o trai, Pedro o nega, todos o abandonam, Jesus proclama a nova aliança de Deus com todos.

2. *O propósito do envio dos doze.* O retorno dos que foram enviados, em 6.30, parece ser o fecho normal, esperado. Desde o princípio, portanto, o empreendimento está limitado no espaço (cf. Mt 10.5s) como também no tempo. Execução e término são descritos sem qualquer indício de desapontamento, apesar de não ocorrerem conversões em massa nem fundações de igrejas. Qual, então, era o propósito da ação? Acompanhamos Schürmann ao falar de uma ação simbólica profética de Jesus (Schürmann, *Das Geheimnis Jesus*, p 74ss). Jesus não falou somente em parábolas, mas também – como os profetas do AT – representou parábolas. Uma destas ações parabólicas já fora o chamado do grupo dos doze, e devemos pensar também nos banquetes com os cobradores de impostos, a multiplicação dos pães no deserto, a entrada em Jerusalém montado em um jumento e, acima de tudo, a última ceia na noite da Páscoa. Cada uma destas ações ultrapassou o sentido imediato e continha um sentido a mais, que apontava para a frente e só se cumpriu mais tarde, ou ainda está por se cumprir. No caso do envio, Jesus reivindicou a messianidade exatamente na rejeição. Os doze anunciaram esta reivindicação a Israel.

3. *Transmissão.* Não pode deixar de ser dito que os cristãos que transmitiram este relato não se ocuparam deste envio somente em termos históricos, já que não eram cronistas, mas missionários. Por isso esta história os tocou profundamente. Esta é a explicação mais simples para as divergências entre os textos paralelos. A identificação intensa deixou suas marcas. Muitos detalhes de interesse do historiador foram omitidos (indicações de ponto de partida, região visitada e conteúdo da mensagem da missão). O v. 7, **p ex**, em sentido

literal tem o sentido de que os discípulos foram enviados somente com a tarefa de expulsar demônios. Que também deviam pregar, temos de concluir do v. 12; 3.14 e outras passagens. Evidências de retoques encontramos no v. 11, onde se explica o sentido de sacudir o pó, para os desinformados; na segunda metade do v. 9, onde há um resto de discurso direto; ou o recomeço no v. 10. No entanto, não seguimos a idéia de vários expositores, de que toda a história do envio é uma montagem, e que orientações para o trabalho missionário posteriores à Páscoa tenham sido aplicadas ao tempo terreno de Jesus. Uma montagem pelos primeiros cristãos teria outra forma, linguagem mais fluente e conteúdo mais em sintonia com a prática dos primeiros cristãos. De acordo com as fontes que temos (as cartas de Paulo e o livros dos Atos), o trabalho missionário dos primeiros cristãos formava um quadro totalmente diferente. Eles não saem de dois em dois, de casa em casa, mas geralmente formam equipes maiores, que se apresentam em sinagogas e salões. Pedro e outros viajavam com suas esposas (1Co 9.4s). A unção com óleo não tinha o papel como no v. 13. A pregação era cristológica, a vinculação com a igreja era forte e freqüente. O batismo tinha um papel óbvio. Seja como for, a rejeição da historicidade deste trecho não pode ser explicada a partir do próprio texto.

- 6b** Jesus não se deixou dissuadir da sua atividade por seus insucessos. Ele continua sendo o bom semeador de 4.2-9. **Contudo, percorria as aldeias circunvizinhas, a ensinar.** O tempo presente, “a ensinar”, descreve a continuidade, como pano de fundo para o que segue. A atuação dos discípulos é sustentada e cercada pela atuação dele. É significativo que, no contexto deste envio, encontramos aqui em Marcos a única passagem que diz que, além de Jesus, mais alguém ensinou (6.30; cf. opr 2 a 1.21-28). Na verdade Jesus é o único mestre e, até hoje, quem ouve os discípulos ouve o próprio Jesus.
- 7 Chamou Jesus os doze,** num gesto soberano, como em 3.14. A mensagem deles flui do domínio dele e, naturalmente, está a serviço do reinado de Deus. Isto já se pode sentir aqui. Por isto, em vista da brevidade do relato, a ordem e o conteúdo da missão podem ser omitidos. Só no v. 12 se diz de passagem que eles também pregavam. Assim, simplesmente se diz em tom solene: **e passou a enviá-los.** Todavia, o envio em duplas também é indício de ministério da palavra: **de dois a dois.** Dificilmente este detalhe deve ser entendido com base em Ec 4.9-12, ou seja, tendo em vista a vantagem pessoal mútua. Em primeiro lugar está o significado jurídico de duas testemunhas em interrogatórios. Naquela época, uma testemunha valia tanto quanto nenhuma: “Uma só testemunha não se levantará contra alguém; [...] pelo depoimento de duas ou três testemunhas, se estabelecerá o fato” (Dt 19.15; cf. Mc 14.59). Passagens como Mt 18.19; Jo 8.17; Hb 6.18; 1Jo 5.7, porém, mostram que esta regra não valia só em processos criminais. Em termos gerais ela servia para determinar a veracidade de fatos a que não mais se tinha acesso direto. Também nestes casos o testemunho se tornaria legal e eficaz com a presença de duas pessoas. Dois mensageiros juntos conferem qualidade à sua mensagem.
- Mais uma vez Marcos destaca a expulsão dos demônios (opr 4 a 1.21-28): **dando-lhes autoridade sobre os espíritos imundos.** O reinado de Deus não estava penetrando em um vácuo de poder. Por isso, o outro lado das boas novas sempre é a luta (cf. 3.15). Todo missionário que quer “conquistar” pessoas para Deus precisa dominar o “espaço aéreo” sobre a “fortaleza” (Ef 6.12; Rm 15.19; 2Co 10.4-6). Por esta razão, em 1.39; 3.14s e aqui, “anunciar” está ligado a exorcismos.
- 8** Um contraste estranho com a capacitação espiritual parece formar o equipamento exterior escasso dos mensageiros. Mesmo assim, os v. 8 e 9 não mostram um ascetismo desumano. A comparação com 10.28-31 mostra que os discípulos não devem ter falta do necessário. Contudo, nada deve ser obstáculo à mensagem. Por isso a ênfase está em deixar fora.

**Ordenou-lhes que nada levassem para o caminho, exceto um bordão; nem pão, nem alforje, nem dinheiro.** De acordo com Lc 22.36; Mt 26.51, podia-se pensar em levar uma espada, pensando nos salteadores de estrada. O mínimo para levar, porém, era um cajado, inclusive para os mais pobres (Gn 32.11). Os mensageiros deveriam apresentar-se em simplicidade desarmada. Ninguém deveria temê-los, nem eles a ninguém (Mt 10.28). Eles não iriam morrer, mas viver e anunciar as obras do Senhor (Sl 118.17).

O fato de não levarem mantimentos (“pão”), além de não mendigarem como pregadores itinerantes cínicos, de modo a deixarem a bolsa de viagem em casa, não os condenava a passar fome, mas os fazia depender das possibilidades comuns no caminho. Para o consumo pessoal podiam colher grãos ou uvas (Dt 23.25s; Mc 2.23). Segundo Bill. II, 644, todo viajante judeu podia apresentar-se em qualquer povoado e receber alimento de fundos públicos. O que fosse necessário era recolhido diariamente das casas e distribuído aos que tinham direito para receber. Um fundo específico também provia roupas. Para o pernoite, o viajante não era obrigado a recorrer a



hospedarias, que na verdade somente existiam em regiões desabitadas, mas só precisava ficar de pé na praça central de um povoado até que um morador do lugar o recolhesse e levasse para a sua casa (Jz 19.15-20). A hospitalidade era uma das obras de caridade mais meritórias, e era tida em alta consideração. O hospedeiro contava com grandes bênçãos, até perdão de pecados e intercessão junto a Deus. A recusa da hospitalidade excluía a pessoa de Israel. Até inimigos eram recolhidos, a negativa representava uma ofensa grave. Da hospitalidade faziam parte a saudação, lavar os pés, oferecer comida, proteger e acompanhar na despedida. – Os mensageiros de Jesus deviam contar com estas disposições de boa consciência, como desejadas e preparadas por Deus (Mt 10.10b). Lc 22.35 mostra que eles agiram assim e deste modo tiveram seu sustento.

A ordem para não levarem dinheiro tinha a mesma intenção. Dificilmente o sentido era ideológico como entre os essênios e os filósofos gregos, que louvavam a falta de dinheiro como sinal característico dos tempos paradisíacos primitivos. A propósito, a melhor maneira de estar a salvo de assaltantes no Oriente é não levar dinheiro.

- 9 Mas **que fossem calçados de sandálias**. De pés descalços andavam no máximo pessoas de luto e em jejum, não mensageiros de boas notícias. Viagens mais longas, além disso, eram impensáveis sem proteção para os pés, e o que era normal, também o era para os discípulos. Não deviam chamar a atenção para si como faquires indianos, mas também não levar um par sobressalente.

**E não usassem duas túnicas**. No Oriente, em boa parte a riqueza e a posição social podiam ser vistas na vestimenta (At 20.33). Josefo testifica o hábito de pessoas abastadas de usar várias camisas uma sobre a outra (Antigüidades XVII 5.7; cf. Bill. I, 566). Lamsa escreve na p 126: “Um pobre tem somente *uma* camisa. Um rico usa ao mesmo tempo até uma dúzia de camisas e várias túnicas. Viajantes muitas vezes vestem várias camisas, para impressionar e ser bem recebidos nas cidades. [...] Em termos gerais, os salteadores só assaltam pessoas que possuem mais de uma camisa.” Da mesma forma como ninguém deveria temer os mensageiros de Jesus, ninguém também deveria invejá-los. Tudo o que é exterior deve ser modesto e despreocupado, sem distorcer a mensagem de um ou outro modo. Na Antigüidade, pregadores itinerantes eram comuns. Com frequência estavam mais interessados na pele das ovelhinhas do que na vida delas. Sabiam fazer da religiosidade uma fonte de renda. Paulo se esforçava ao máximo para distanciar-se desta praga e conservar a credibilidade do evangelho (1Co 9.12-15; 2Co 12.14s; 1Ts 2.1-10).

- 10 **E recomendou-lhes: Quando entrardes nalguma casa, permanecei aí até vos retirardes do lugar**. A digna obrigação da hospitalidade naturalmente era protegida no judaísmo por instruções específicas para o hóspede, no sentido de não transgredir contra os bons costumes. Uma destas advertências era não trocar o alojamento por outro melhor (Bill. IV, 569; I, 569). Os discípulos não deveriam ser diferentes, muito menos com justificativa “espiritual”. Por isso, expressamente: não só espirituais, mas também com boa educação!

- 11 **Se nalgum lugar não vos receberem**. Para o contexto da época, recusar a hospitalidade era inadmissível. Mas a idéia é explanada melhor: **nem vos ouvirem**, isto é, a sua mensagem e, com isso, aqueles que os enviara, Jesus. Como os nazarenos no v. 6, eles podiam recusar-se a crer em Jesus para seguir a propaganda rabínica de que ele era um tentador e instrumento do inferno. O israelita que pensasse assim estava até proibido de receber seus emissários. Escrúpulos humanos passavam a segundo plano. Os discípulos tinham de ser tratados como desertores, como não-israelitas. A mensagem deles, porém, não era tão inocente que aceitá-la ou rejeitá-la não faria diferença. Por isso eles não podiam receber a rejeição “com humildade” mas, **ao sairdes dali, sacudi o pó dos pés**. Com este gesto (cf. nota à tradução) eles declaravam o lugar como terra pagã. Com isso eles também deixavam bem claro em que consistia o seu ministério: **em testemunho contra eles**. “A palavra não volta vazia” (Is 55.11).

- 12 O v. 12 confirma que a pregação dos doze tratava de nada menos que salvação e perdição. **Então, saindo eles, pregavam ao povo que se arrependesse**.

- 13 O v. 13 testifica que os mensageiros também tiveram boas acolhidas. **Expeliam muitos demônios**. Claramente foi uma situação excepcional, vinculada à intenção de Jesus de fazer sinais em Israel, pois os mesmos discípulos não dão conta de uma tarefa semelhante em 9.18. **E curavam numerosos enfermos, ungindo-os com óleo**. Nem no próprio Jesus nem no livro dos Atos (cf. também Mc 16.18) vemos a unção regular para cura de doentes. Isto coloca mais uma vez o processo sob a luz da exceção e do destaque intencional.

## 21. O que o povo e seu rei dizem de Jesus, 6.14-16

(Mt 14.1,2; Lc 9.7-9; cf. Mt 16.13,14; Mc 8.27,28; Lc 9.18,19)

**Chegou isto aos ouvidos do rei Herodes<sup>a</sup>, porque o nome de Jesus já se tornara notório; e alguns diziam: João Batista<sup>b</sup> ressuscitou dentre os mortos, e, por isso, nele operam forças miraculosas.**

**Outros diziam: É Elias; ainda outros: É profeta como um dos profetas.**

**Herodes, porém, ouvindo isto, disse: É João, a quem eu mandei decapitar, que ressurgiu.**

*Em relação à tradução*

<sup>a</sup> Herodes Antipas assumiu, depois da morte do seu mal-afamado pai Herodes o Grande no ano 4 a.C., com dezesseis anos de idade, o reino parcial de Galiléia e Peréia. Assim, ele era o governante de Jesus e, nos primeiros tempos, residia a apenas 6 km de distância de Nazaré, em Séforis. Entretanto, somente pouco antes da execução de Jesus aconteceu o encontro pessoal dos dois (Lc 23.6ss). Neste entretanto, Herodes preparara a magnífica cidade de Tiberíades, às margens do lago da Galiléia, como nova sede de governo. Como esta cidade, além de ter influência pagã, ter sido construída no lugar de um antigo cemitério, judeus conservadores a consideravam impura e jamais entravam nela. Parece que Jesus também nunca foi até lá. Os romanos tinham conferido a Herodes apenas o título de “tetrarca” (“governador de uma quarta parte”, cf. Mt 14.1), denominação comum para governantes de pouca importância. Em vão Herodes tentou no ano 35 obter o título pleno de rei, e em 39 ele foi deposto e exilado. O povo não fazia diferença entre os títulos oficiais e falava do “rei” Herodes (cf. v. 22-23,25-27). No fundo não faz diferença que Herodes não fosse benquisto por seus súditos, ele representava a Galiléia mesmo assim.

<sup>b</sup> Cf 1.4n.

*Observações preliminares*

1. *Contexto.* O processo do estranhamento crescente do povo de Jesus e a continuação imperturbável e paciente da sua atuação em palavra e ação foi tratado o suficiente (cf. opr a 3.7–6.29). Agora é hora de fazer as contas. Quem era Jesus para seu povo e o rei deste? Este tema é levantado mais uma vez em 8.27, porém de modo abreviado e somente como pano de fundo contrastante para a declaração dos discípulos. A explanação mostrará que nosso parágrafo não olha só para trás, mas dá também um passo decisivo em direção ao tema do sofrimento, ampliando-o totalmente com a inserção do martírio de João Batista. Com frequência nossa pequena unidade é unida ao relato do fim de João. Com isto, porém, ela perde sua importância peculiar. Além disso, a circunstância de que os v. 14-16 têm uma história diferente de tradição do que os v. 17-29, recomenda um tratamento separado.

2. *Elias na religião judaica.* Os evangelhos falam tantas vezes do Elias do AT, que só deste fato já se pode pressupor uma grande familiaridade do judaísmo da época com este tema. Em Marcos as passagens são 6.15; 8.28; 9.4,5,11,12,13; 15.35s. Trechos com uma relação clara são 1.6; 5.21-43. É verdade que nenhum outro nome da Antiga Aliança, nem Abraão nem Moisés, deu tantas asas à imaginação dos judeus, excedendo em muito a única passagem com Elias no penúltimo versículo do AT (Mt 4.5). De acordo com isso, os discípulos não perguntam em 9.11: O que a Escritura diz sobre Elias? mas: “Por que dizem os escribas ser necessário que Elias venha primeiro?” Bill. IV, 764-798 traz páginas de testemunhos da especulação judaica sobre Elias. Pedra de toque inesgotável era 2Rs 2.11, que diz que Elias foi o único ser humano (além de Enoque) que não morreu, mas foi arrebatado. Portanto, ele ainda existe, e sua atuação continua. Ele intercede por seu povo diante de Deus, e na terra age como bom espírito e auxiliador de Israel. Acima de tudo ele voltará no fim dos tempos como precursor do Messias e restaurará irresistivelmente a aliança do Sinai em todos os seus detalhes e protegerá Israel da ira vindoura. Para isto recorria-se a Mt 3.1 e, é claro, 4.5. Segundo Lc 1.17 a passagem não se cumpre com o retorno literal de Elias, mas com João Batista que se apresenta “no espírito e poder de Elias”. Mc 9.11-13 mostra a reserva que Jesus tinha em relação às expectativas dos judeus e como as corrigiu com determinação.

- 14 **Chegou isto aos ouvidos do rei Herodes, porque o nome de Jesus já se tornara notório.** Este alto grau de conhecimento obrigava todas as partes a classificar Jesus. Por diferentes que sejam as respostas mencionadas, todas o chamam de profeta e nenhuma de Messias. Isto constitui um insucesso, a medir pela reivindicação que Jesus levantou capítulo após capítulo. A multidão já se decepcionara com várias expectativas maiores. Abaixo desta posição mediana havia ainda outras vozes: Ele é um lunático (3.21), um possesso (3.30; cf. 6.3). No extremo oposto estava uma pequena minoria que sentia em relação a Jesus um último pressentimento e confiança. Entre estes devem-se contar os discípulos, pessoas curadas como em 1.40-45; 5.18-20 ou as duas pessoas em 5.34,35, cuja

“fé” Jesus atestou expressamente; talvez também testemunhas dos seus atos como em 2.12. Voltamos agora para as opiniões majoritárias:

**E alguns diziam: João Batista ressuscitou dentre os mortos, e, por isso, nele operam forças miraculosas.** A pressuposição desta crença popular era em primeiro lugar a atuação de João Batista como verdadeiro profeta, que atingia as consciências (11.32). Seu assassinato a mando de Herodes era considerado um martírio santo, diante do qual Deus não ficaria calado. Em uma pré-ressurreição, Deus o trouxera para si. João, porém, podia sair da sua existência celestial e reaparecer, oculto em uma forma humana (Berger, Auferstehung, p 22). A idéia portanto não é que Jesus, por assim dizer, desde o nascimento era João; isto não seria possível, já que tinham a mesma idade. Decisiva é a seqüência na atuação pública dos dois homens. De acordo com 1.14 Jesus começou na Galiléia depois que João tinha saído de cena. Além disso, fortes fatores em comum favoreciam a equiparação. Ambos anunciavam a proximidade do reinado de Deus segundo Isaías, convocavam todo o Israel e o conduziam à conversão. Mas Jesus, indiscutivelmente, era João elevado a alguma potência. Isto indicavam seus atos especiais de poder. Como alguém que tinha derrotado a morte, “João” estava agora cheio do poder de Deus e levava uma vida rica em milagres. Mais detalhes sobre o sentido do seu retorno, veja no v. 16.

- 15 Outros diziam: É Elias.** Estes deixaram João Batista de fora, mas acreditavam de modo semelhante em uma encarnação em Jesus, desta vez de Elias (cf. opr 2). Disseram **ainda outros: É profeta como um dos profetas.** O grau em que estes o classificam também não é pequeno. Um profeta, naquela época em Israel, era tudo menos comum. Oficialmente o espírito profético estava apagado (Meyer, ThWNT VI, 817ss). A época de Moisés, Elias ou Jeremias era uma lembrança do passado, como um paraíso perdido. É verdade que sempre de novo algum carismático se apresentava, mas em Jesus via-se uma conduta diferente: **como um dos profetas**, dos antigos profetas da Escritura. Isto era um anúncio do tempo do fim. Deus voltava a dedicar-se a seu povo, que ele castigara com silêncio por tanto tempo.
- 16 Herodes, porém, ouvindo isto, disse: É João, a quem eu mandei decapitar, que ressurgiu.** É claro que o assassino de João está predisposto para esta explicação. No “eu” enfático a consciência maligna e inquieta se trai (Lc 9.7). A opinião pública sobre a maneira como lidara com João já o mantinha sob pressão. Em uma derrota pesada diante do rei dos nabateus muitos viram a vingança divina pela morte de João (Bill. I, 679). Agora ele se arrepiava ao ouvir estas interpretações. Nesta altura pode-se pensar no sentido específico da aparição de um mártir. Ela objetivava antes de tudo o assassino. Agora *ele* enfrentava o tribunal, diante do ultimato de reconhecer sua culpa e arrepender-se. Também podemos comparar a afirmação de Herodes com expressões típicas dos Atos (2.23s,36; 3.15; 4.10,27; 5.30; 7.35; 10.39s; 13.28-30). O estilo de acusação é o mais duro possível. Assim, Herodes está sob a acusação da sua consciência. Mas, apesar da “ressurreição” de João e dos atos de poder de Jesus, Herodes se endurece. E nada é mais perigoso que uma consciência pesada sem arrependimento. A situação de Jesus se torna ameaçadora. No momento em que Herodes não se arrepende, antes continua teimoso em seu caminho, assim como fez no caso de João, pende sobre Jesus o mesmo destino. Herodes temia um segundo movimento popular incontrollável como fora o de João, que traria consigo uma segunda intervenção dos romanos (cf. Jo 11.48). Ele decide reagir contra este Jesus da mesma forma como contra seu antecessor.

## 22. A morte de João Batista como presságio da paixão de Jesus, 6.17-29

(Mt 14.3-12; cf. Lc 3.19,20)

**Porque o mesmo Herodes, por causa de Herodias, mulher de seu irmão Filipe<sup>a</sup> (porquanto Herodes se casara com ela<sup>b</sup>), mandara prender a João e até-lo no cárcere.**

**Pois João lhe dizia: Não te é lícito<sup>c</sup> possuir a mulher de teu irmão.**

**E Herodias o odiava, querendo matá-lo, e não podia.**

**Porque Herodes temia a João, sabendo que era homem justo e santo, e o tinha em segurança<sup>d</sup>. E, quando o ouvia, ficava perplexo, escutando-o de boa mente.**

**E, chegando um dia favorável, em que Herodes no seu aniversário natalício<sup>e</sup> dera um banquete aos seus dignitários, aos oficiais militares e aos principais da Galiléia<sup>f</sup>,**

- <sup>22</sup> **entrou a filha<sup>g</sup> de Herodias e, dançando, agradou a Herodes e aos seus convivas. Então, disse o rei à jovem<sup>h</sup>: Pede-me o que quiseres, e eu to darei.**

- 23 E jurou-lhe<sup>i</sup>: Se pedires mesmo que seja a metade do meu reino<sup>j</sup>, eu ta darei.  
24 Saindo ela, perguntou a sua mãe: Que pedirei? Esta respondeu: A cabeça de João Batista.  
25 No mesmo instante, voltando apressadamente para junto do rei, disse: Quero que, sem demora<sup>l</sup>, me dê num prato a cabeça de João Batista.  
26 Entristeceu-se profundamente o rei; mas, por causa do juramento e dos que estavam com ele à mesa, não lha quis negar.  
27 E, enviando logo o executor, mandou que lhe trouxessem a cabeça de João. Ele foi, e o decapitou no cárcere,  
28 e, trazendo a cabeça num prato, a entregou à jovem, e esta, por sua vez, a sua mãe. Os discípulos de João, logo que souberam disto, vieram, levaram-lhe o corpo e o depositaram no túmulo.

### *Em relação à tradução*

- <sup>a</sup> Com certeza não se trata do tetrarca Filipe; este casou com a filha de Herodias (Salomé). Se fosse ele, seu título seria mencionado. Antes, devemos pensar em outro meio-irmão, que vivia em Roma por conta própria. Os assuntos familiares do pai eram difíceis de acompanhar, naquela época tanto quanto hoje. Herodes o Grande casou dez vezes e teve muitos filhos. Alguns nomes se repetem, e vários do clã tinham orgulho de denominar-se Herodes.
- <sup>b</sup> As circunstâncias eram especialmente condenáveis. Ele fez uma proposta de casamento a Herodias na casa do marido dela, expulsou sua esposa e casou-se com a nova que, por sua vez, se divorciara de Filipe.
- <sup>c</sup> Expressão de advertência dos judeus fiéis à lei: cf. 2.24 e 3.4.
- <sup>d</sup> Não está dito aqui que Herodes mudou de atitude e relaxou o regime duro de prisão do v. 17 para algo mais brando. Mas impediu os atentados à sua vida. De acordo com Mt 11.2, João Batista podia receber visitas dos seus discípulos.
- <sup>e</sup> A tradução que o autor usou contorna o plural *genesia* com o dativo temporal.
- <sup>f</sup> A relação contém as eminências civis e militares do estado e a aristocracia da região.
- <sup>g</sup> De acordo com Josefo, ela se chamava Salomé.
- <sup>h</sup> Aqui e no v. 28 *korasion*, como a filha de Jairo em 5.41.
- <sup>i</sup> De acordo com o v. 26, ele a cobriu de juramentos: não conhecia limites.
- <sup>j</sup> Para a tradução de *basileia* em termos de espaço físico neste caso, veja 1.15n.
- <sup>l</sup> A palavra é tradução de *ex autes tes horas*, na mesma hora.

### *Observações preliminares*

1. *Contexto e tema.* Formalmente, nossa história é uma informação complementar. Em 1.14 Marcos já aludira à morte de João Batista, em 6.14 se pressupõe que ela já tenha ocorrido há algum tempo. Agora está na hora de os leitores receberem maiores detalhes. Contudo, entenderíamos Marcos mal se víssemos atendido aqui somente nosso anseio por dados históricos. Também não se deve falar de material para preencher o tempo entre o envio e o retorno dos discípulos. Marcos deixa muitas lacunas e muitas vezes salta períodos históricos. Antes, a narrativa têm o mesmo interesse cristológico dos v. 14-16, apesar de parecer passar ao largo de Jesus e seus discípulos. Quem é Jesus? é a pergunta que está no ar, ainda mais depois das respostas erradas do povo. Para chegarmos à resposta certa, seu precursor nós é mostrado em tamanho ampliado, especificamente a sua morte. Esta é descrita com mais vagar que sua atuação em 1.4-8. Ele preparou o caminho para o Senhor não só por meio do seu ministério mas, de modo ainda mais decisivo, por meio do seu sofrimento. Tudo neste homem, também seu martírio, era uma mensagem sobre “aquele que é mais poderoso” (1.7) que viria depois dele. No seu Senhor o sofrimento também assumiria formas superdimensionadas (“sofresse muitas coisas”, 8.31), a ponto de a história dos seus sofrimentos praticamente engolir a história da sua vida (cf. q1 8e). Esta orientação pelo *sofrimento* de João Batista mostrava-se já no próprio Jesus (9.11-13).

2. *Exemplo.* A referência à morte de Jesus é sustentada por uma série de palavras-chave, que reaparecem nos capítulos da paixão: “Herodes, herodianos” (3.6; 12.13; Lc 23.6ss), “prender” (14.44,46,49), “atar” (15.1), “querer matar” (14.1; 15.9-13), “temer” o prisioneiro (Jo 19.8; cf. Mc 15.5,14), espreita do momento “apropriado” (14.11), “discípulos” corajosos (cf. 15.43), “corpo” (15.45) e “depositar no túmulo” (15.46). Da mesma maneira pode-se verificar propósitos em comum: o recurso a intrigas, a queda do poderoso e o sofrimento calado do inocente.

3. *Transmissão.* Em vista do conteúdo, não podemos contar aqui com as mesmas testemunhas a quem Marcos deve a tradição de Jesus. Podemos supor que este trecho tenha sido uma contribuição dos discípulos de João Batista. Eles mantiveram o contato com seu mestre até o fim (Mt 11.2ss; Lc 7.18ss). A fonte diferente também explica o estilo diferente. Às frases curtas que começam com “e” juntam-se agora frases longas e coordenadas. O tempo presente da narrativa, tão frequente em Marcos, falta, verbos no tempo imperfeito, bem

colocados, chamam a atenção, bem como várias ligações elegantes de participípios. Sem que o pano de fundo aramaico desapareça, formou-se uma narrativa magistral em grego de alto nível.

Na introdução, chama a atenção o “porque” repetido três vezes. Cada um remonta no tempo para antes do evento anterior: o v. 17 aconteceu antes do v. 16, o v. 18 antes do v. 17 e o v. 20 antes do v. 19. A descrição, portanto, se dá de trás para frente, até que o narrador chegue ao momento que lhe interessa. Deste modo ele nos informou sobre um contexto preliminar complicado. O trecho principal nos v. 21-26 destaca-se pelos pormenores, o discurso direto e a menção das paixões das pessoas. A partir do v. 27 tudo corre em frases lapidares para o fim (oito frases que começam com “e”, cada vez mais curtas). O trecho principal recebe agilidade pelos participípios “entrou” (v. 22), “saindo” (v. 24), “voltando” (v. 25) e “foi” (v. 27). O conteúdo central não é o sofrimento de João Batista, mas a luta vergonhosa das duas mulheres com o homem miserável, até que conseguem vencê-lo.

**17 Porque o mesmo Herodes, por causa de Herodias, mulher de seu irmão Filipe (porquanto Herodes se casara com ela), mandara prender a João e até-lo no cárcere.** De acordo com 1.4, João atuou “no deserto”, de acordo com Jo 3.22-26 no deserto da Judéia do outro lado do Jordão, portanto na Peréia, que pertencia aos domínios de Herodes Antipas. Ali este pôde prendê-lo e mandar encarcerar em Maquero, sua fortaleza nas montanhas a leste do mar Morto (Josefo, Antigüidades XVIII, 119). Não que sua esposa o tenha motivado para isso, mas tinha a ver com ela. O próximo versículo traz a explicação.

**18 Pois João lhe dizia: Não te é lícito possuir a mulher de teu irmão.** Os detalhes de como se deu este encontro não são importantes. O que João formulou era, a princípio, uma acusação de incesto nos termos de Lv 18.16; 20.21, mas que incluía naturalmente a de adultério (veja nota à tradução). O verdadeiro profeta não exclui ninguém do chamado ao arrependimento. O governante também precisa obedecer à Torá. Da mesma forma Natã já enfrentara Davi (2Sm 12). Só que Herodes não era Davi. Antes, ele se parecia mais com o rei Acabe, que respondeu à recriminação pelo profeta Elias com perseguição (instigado por sua esposa Jezabel, 1Rs 19.2s).

Atacar a desobediência atrevida de um soberano à lei torna-se logo um fato político. Desta maneira João acabou no papel de um agitador perigoso, pois o povo suportava o regime da força com a mesma indisposição. Mt 14.4 confirma esta conclusão, e Josefo conta que Herodes agiu por razões políticas.

**19 E Herodias o odiava,** João Batista que estava encarcerado, **querendo matá-lo, e não podia,** por mais que tentasse (tempo imperfeito!). A mulher com sede de vingança, no entanto, não sossegou. Seu ódio a impelia dia e noite. Não houve pensamento repugnante que não passasse por sua mente.

**20 Por que suas intenções assassinas malogravam? Porque Herodes temia a João, sabendo que era homem justo e santo, e o tinha em segurança. E, quando o ouvia, ficava perplexo** (cf. Lc 9.7: o mesmo termo), **escutando-o de boa mente.** “Temor” Marcos usa quase só para a reação humana a impressões sobre-humanas. Homens duros e insensíveis também podem ser tomados por ele (Jo 19.8; At 24.24,25). Sentimentos os mais santos e os mais depravados arrastam-nos de um lado para outro.

**21-23 E, chegando um dia favorável, em que Herodes no seu aniversário natalício dera um banquete aos seus dignitários, aos oficiais militares e aos principais da Galiléia, entrou a filha de Herodias e, dançando, agradou a Herodes e aos seus convivas.** Aqui, no êxtase dos homens, a construção da frase termina. Era previsível que Herodes não deixaria de realizar suas festas com os homens. No círculo dos seus protegidos, a música e abundância de comida e vinho relaxavam as inibições. Agora, que entre a Salomé! Ela entra (v. 22), sai (v. 24) e entra de novo (v. 25) – a mãe está manipulando perceptivelmente dos bastidores. Salomé age expressamente como *sua* filha. E o homem reage como ela calculara. **Então, disse o rei à jovem: Pede-me o que quiseres, e eu to darei. E jurou-lhe: Se pedires mesmo que seja a metade do meu reino, eu ta darei.** Bêbados gostam de repetir-se, e tudo o que é real lhes escapa. Em meio a isto é digno de nota que Herodes, a partir de agora que está bêbado e sua esposa comanda a ação, é chamado sempre de “rei” (v. 22,23,25,27). Talvez a história esteja com isto sendo aproximada deliberadamente de um modelo do AT, o do rei instável Acabe e sua esposa Jezabel, a assassina de profetas (1Rs 16–22).

**24 Saindo ela, perguntou a sua mãe: Que pedirei? Esta respondeu: A cabeça de João Batista.** Mesmo que se fale três vezes do desejo da filha (v. 22,23,25), acontece inapelavelmente o que quer a mãe.



**25** No mesmo instante, voltando apressadamente para junto do rei, disse: Quero que, sem demora, me dês num prato a cabeça de João Batista. Ela não hesita nem um segundo. Obedece tintim por tintim, sem deixar nada se intrometer.

**26,27** Entristeceu-se profundamente o rei; mas, por causa do juramento e dos que estavam com ele à mesa, não lha quis negar. A mudança de humor cai na vista. Por alguns segundos Herodes parece ter ficado sóbrio. Mas ele não se pode dar ao luxo de ficar sóbrio por muito tempo. Rapidamente ele se refugia de novo no papel de “rei”: manter a palavra, dar ordens, ir e executar, voltar e trazer voltam a ocupar a cena. **E, enviando logo o executor, mandou que lhe trouxessem a cabeça de João. Ele foi, e o decapitou no cárcere.** João aqui só faz o papel daquele que estica o seu pescoço. Esta é “a hora e o poder das trevas” (Lc 22.53). Eles “fizeram com ele tudo o que quiseram” (9.13).

**28** E, trazendo a cabeça num prato, a entregou à jovem, e esta, por sua vez, a sua mãe. Com isto a ação retorna ao lugar onde começou, onde tivera início no v. 19, a mãe.

**29** Este versículo é um ponto final bonito: João Batista é sepultado com dignidade. Os discípulos de João, logo que souberam disto, vieram, levaram-lhe o corpo e o depositaram no túmulo. Requerer o corpo do mestre sob tais circunstâncias é prova de grande coragem. A mesma coisa “arriscou” José de Arimatéia em 15.43.

## VI. O REBANHO MESSIÂNICO DE JUDEUS E GENTIOS 6.30–8.26

### *Observações preliminares*

1. *Delimitação.* O término da próxima divisão principal é aceito em termos gerais como sendo em 8.26, porém sobre o início em 6.30 há divergências. De fato, é bastante plausível não separar com um corte profundo o retorno dos doze do seu envio, na divisão anterior. A nova divisão, então, começaria apenas com a história da multiplicação dos pães no v. 34. O comentário a partir do v. 30, porém, mostrará que estes versículos formam uma unidade de sentido com a multiplicação subsequente. As duas histórias apontam decididamente para a frente. O v. 30 também se presta como novo início porque apresenta Jesus novamente pelo nome e pressupõe evidentemente uma mudança de local (não mais o interior do país como em 6.6, mas o ambiente à volta do lago).

2. *Tema.* Básico e marcante nesta nova divisão especial é o milagre da multiplicação dos pães. Ele tem um papel tão importante na transmissão dos evangelhos que chega a ser tratado seis vezes, inclusive em João, que só tem quatro trechos sinóticos. Lá ele aparece como fecho da atuação de Jesus na Galiléia. Marcos também lhe confere uma posição dominante. Aqui ele o coloca no começo, em 6.52 volta a ele e em 8.1-9 faz seguir uma segunda história de multiplicação, à qual retorna novamente em 8.19. No entremeio também aparecem palavras-chave como “pão”, “comer”, “ficar satisfeito” (7.2,3,4,5,27,28; 8.14, 16,17).

Para as pessoas dos tempos antigos, assim como para muitas pessoas do nosso tempo, o tema fome e comida tinha importância muito maior do que em nossos países fartos. Ele dominava as atenções constantemente, aprofundava-se e ampliava-se para a fome por justiça e segurança, por humanidade, por salvação abrangente, até chegar à fome por Deus e sua intervenção. Na Bíblia este tema encontra um eco correspondente. Tanto na história da criação como na visão do fim no NT, a comida tem lugar de destaque (Gn 1.29s; 2.16s; Ap 2.7; 7.16s; 22.2), assim como com os personagens principais do AT, Moisés e Elias. A idéia de alimento aliava-se também à figura do pastor (p ex Sl 23). Um pastor proporciona pasto e proteção ao seu rebanho. Estar sem pastor equivale a decair e morrer de fome. Nesta forma o tema aparece na profecia salvífica, p ex de Jeremias e Ezequiel. “O próprio Deus se manifestará como pastor dos seres humanos.

Dentro deste quadro, nosso trecho anuncia o cumprimento. O rebanho messiânico, no qual se contam além dos judeus também os gentios, começa a destacar-se – apesar da oposição dos judeus (7.1; 8.11,15) e da incompreensão dos discípulos (6.37,49,52; 7.17; 8.14). Diferentemente de períodos anteriores de permanência de Jesus em regiões pagãs, agora ele entra mais em contato com pessoas dali (7.24-30,31-37; 8.1-9).

### 1. O retorno dos doze e a alimentação dos cinco mil, 6.30-44

(Mt 14.13-21; Lc 9.10-17; Jo 6.1-15; cf. Mc 8.1-9; Mt 15.32-39)

**Voltaram os apóstolos<sup>a</sup> à presença de Jesus e lhe relataram tudo quanto haviam feito e ensinado.**

E ele lhes disse: Vinde<sup>b</sup> repousar<sup>c</sup> um pouco, à parte, num lugar deserto<sup>d</sup>; porque eles não tinham tempo<sup>e</sup> nem para comer, visto serem numerosos os que iam e vinham. Então, foram sós no barco<sup>f</sup> para um lugar solitário. Muitos, porém, os viram partir e, reconhecendo-os, correram para lá, a pé, de todas as cidades, e chegaram antes deles<sup>g</sup>.

34 Ao desembarcar, viu Jesus uma grande multidão e compadeceu-se<sup>h</sup> deles, porque eram como ovelhas que não têm pastor. E passou a ensinar-lhes muitas coisas<sup>i</sup>. Em declinando a tarde<sup>j</sup>, vieram os discípulos a Jesus e lhe disseram: É deserto este lugar, e já avançada a hora<sup>k</sup>;

36 despede-os para que, passando pelos campos ao redor e pelas aldeias, comprem para si o que comer.

37 Porém ele lhes respondeu: Dai-lhes vós mesmos de comer. Disseram-lhe: Iremos comprar duzentos denários<sup>l</sup> de pão para lhes dar de comer?

E ele lhes disse: Quantos pães tendes? Ide ver! E, sabendo-o eles, responderam: Cinco pães e dois peixes.

Então, Jesus lhes ordenou que todos se assentassem, em grupos<sup>m</sup>, sobre a relva verde<sup>n</sup>.

40 E o fizeram, repartindo-se em grupos<sup>o</sup> de cem em cem e de cinquenta em cinquenta. Tomando ele os cinco pães e os dois peixes, erguendo os olhos ao céu, os abençoou<sup>p</sup>; e, partindo os pães, deu-os aos discípulos para que os distribuíssem; e por todos repartiu também os dois peixes.

42 Todos comeram e se fartaram;

43 e ainda recolheram doze cestos<sup>q</sup> cheios de pedaços de pão e de peixe.

44 Os que comeram dos pães eram cinco mil homens<sup>r</sup>.

#### Em relação à tradução

<sup>a</sup> Só aqui Marcos usa *apostolos*, ainda não no sentido do título posterior, razão pela qual deve-se preferir o sentido literal “enviado”. O termo se refere à tarefa como mensageiros, limitada no tempo e no espaço no v. 7, que aqui foi executada e se extingue.

<sup>b</sup> A expressão (*deute*) geralmente serve de palavra de ânimo em todos os contextos possíveis. Como aqui não há outro verbo, é preciso voltar ao sentido básico: (venham) aqui. Veja por extenso em 1.17: Vinde após mim!

<sup>c</sup> *anapauesthai* denota, aqui como *p ex* em 14.41, o descanso físico com a interrupção da atividade. O comentário terá de avaliar se o contexto sugere um sentido adicional.

<sup>d</sup> Cf 1.35n. Que não se deve pensar em um deserto de areia, já mostra o v. 39. Há fazendas e aldeias em volta (v. 36), mas não cidades como no v. 33.

<sup>e</sup> O termo grego (*eukaireo*) dá uma impressão séria. No SI 104.27 fica claro que se trata de um tempo para comer do qual o ser humano tem necessidade e que, portanto, é da vontade de Deus, “tempo certo”, portanto.

<sup>f</sup> O barco que já conhecemos, mencionado em 3.9; 4.1,36; 5.2,18,21.

<sup>g</sup> Seria apressado acusar Marcos de incoerências geográficas (contra Joh. Schreiber). Quando houvesse uma calmaria ou ventos contrários, ou nem fosse o caso de uma travessia mas só de contornar uma península da costa setentrional (cf. Lc 9.10), realmente chegava-se mais rápido por terra. Marcos segue um relato antigo, que não dá a impressão de ser uma composição uniforme, mas resultado de testemunhas oculares.

<sup>h</sup> O termo original bastante grosseiro (“as entranhas se contorcem”) não deve induzir especulações psicológicas. No NT ele nunca descreve sentimentos humanos, mas sempre a atitude de Deus (em Marcos ainda em 1.41; 8.2; 9.22). A palavra substituiu no judaísmo o termo *oiktiro*, compadecer-se, costumeiro ainda na LXX (Köster, ThWNT VII, 552).

<sup>i</sup> Jesus não ensinou muitas coisas diferentes, mas “muito” no sentido de intensivo e detalhado; cf. 1.45n.

<sup>j</sup> A noite só chega no v. 47. Aqui devemos pensar no fim da tarde.

<sup>l</sup> O denário de prata romano (cf. 12.14n) correspondia, segundo Mt 20.2, ao salário diário de um camponês, suficiente para manter uma família por um dia. Jeremias calcula que seria possível alimentar a multidão com a quantia mencionada (Jerusalém, p 138).

<sup>m</sup> *symposion* no sentido de comunhão de refeição só se encontra aqui, na Bíblia.

<sup>n</sup> *chortos* é, *p ex* em Mt 6.30, a erva daninha em oposição à planta cultivada. Pouco depois da época das chuvas, portanto em abril, toda a terra na Palestina fica verde, até que o sol logo volta a queimar tudo.

<sup>o</sup> *prasia*, “canteiro”, usado às vezes no judaísmo como figura de grupo: “Quando os alunos estão sentados como canteiros e se ocupam da Torá, então desço até eles” (diz Deus) (Bill. II, 13).

<sup>p</sup> *eulogein* sem objeto tinha entre os judeus o sentido específico de “dar graças pela refeição”. A resposta coletiva era: “Louvado seja”.

<sup>q</sup> De onde saíram os cestos não deve nos confundir. O cesto fazia parte do equipamento normal de um judeu e era tão típico especialmente para os viajantes, que os romanos zombavam deles (Pesch 404).

<sup>r</sup> As mulheres em boa parte ficavam excluídas da vida pública e não eram contadas, o que não excluía a presença de um grupo de mulheres e crianças (cf. Mt 14.21). Além disso, “homens” podia ter o sentido geral de “pessoas” (p ex Mt 12.41; 14.35).

### Observações preliminares

1. *Peculiaridade*. O conteúdo dos seis relatos da multiplicação dos pães nos evangelhos facilmente se funde para o leitor da Bíblia, de modo a não aperceber-se mais das peculiaridades de cada história. Em nosso relato já no v. 30 se apresenta a palavra-chave “ensinar”, para retornar com grande peso no v. 34, como expressão do cuidado do pastor. Em prol da cristologia do trecho, é necessário ir atrás disto. Acima de tudo, do começo ao fim a história é eclesiológica. Ela faz parte da série de ensinamentos internos dos discípulos. Para isto já chama a atenção o “à parte” no v. 31, repetido como “sós” no v. 32 (cf. 4.34n). É verdade que uma grande multidão está presente, mas só como um pano de fundo, e Jesus não se relaciona diretamente com ela. Com tanto mais destaque ele chama os discípulos para preparar, executar e recolher os restos da multiplicação dos pães. Com certeza o papel destacado dos discípulos é uma das chaves para o sentido.

2. *O milagre*. Que o v. 41, decisivo, envolva em silêncio absoluto o milagre em si, instigou em muito a fantasia dos expositores. A descrição nem sempre é correspondida com descrição. Quero apresentar quatro interpretações:

a. Um milagre *social*! Lamsa (p 384s) investiga esta interpretação de modo interessante. Até hoje um oriental nunca se põe a caminho sem prover-se de pão e outros alimentos. Para que a reserva dure bastante, ele desaparece nas dobras das vestes e nos bolsos profundos, e com frequência é negado diante dos outros. Todos dizem que não têm nada consigo. Aqui, porém, quando as pessoas viram como um dentre eles, inspirado pelo ensino de Jesus, repartiu com generosidade seus cinco pães e dois peixes, os egoístas foram convertidos à doação altruísta. Um após outro buscou suas provisões e ofereceu-as aos famintos, que realmente nada tinham consigo. No fim, todos atribuem a satisfação a Deus. Esta explicação ainda pode adquirir um traço revolucionário: sob Jesus chega-se a uma distribuição justa dos bens desta terra. A multiplicação nem é necessária. – O v. 36, porém, pressupõe exatamente que as disposições normais de abastecimento fossem suficientes. Não se fala de um problema sem solução, com agitação social.

b. Um milagre *carismático*! Entre os mais novos, Grundmann adotou esta interpretação (Geschichte, p 276; Markus p 182). No estilo das pessoas com carisma, Jesus recorreu à aptidão de abençoar muitos com pouca comida, acalmando seus nervos gástricos. Suas palavras e sua oração, e talvez um bocadinho de pão que passou por suas mãos, fizeram esquecer toda a fome. Para apoiar isto cita-se um escrito fantasioso e romanesco de círculos gnósticos do século III, os Atos de João (em Hennecke II, 152). De acordo com estes, Jesus, quando era convidado com seus discípulos e cada um já tinha seu pão no prato, costumava chocar o hospedeiro com a seguinte brincadeira: tomava o seu pão, abençoava-o e o distribuía entre todos, “e daquele pouquinho todos nós ficávamos saciados”. Os pães que cada um tinha no prato podiam ser recolhidos novamente. Esta historinha sem graça deveria ficar fora de questão aqui. É óbvio que esta idéia descarta os vv. 42,43. Grundmann, porém, considera estes versículos uma ampliação posterior do processo original e do relato mais antigo. Tudo isto, todavia, é fantasioso. A saciedade por comida de verdade está ancorada firmemente em todos os seis relatos (Mc 6.42; 8.8; Mt 14.20; 15.37; Lc 9.17; Jo 6.12).

c. Um milagre *eucarístico*! Um grande número de expositores vê transparecer aqui um relato da celebração da ceia posterior à Páscoa, transposto para a vida terrena de Jesus. A literatura de sermões católica ensina que o v. 41 fala das pequenas hóstias brancas que os sacerdotes passam ao povo da igreja em missas incontáveis por todo o mundo. Dizem que os grupos do v. 39 representam as comunidades locais da igreja universal, os doze cestos do v. 43 a continuidade do milagre do pão em qualquer tempo e lugar em que a igreja esteja reunida à volta do altar. O armário de pão da santa eucaristia nunca fica vazio. – Com razão, outros expositores católicos como Schürmann, Pesch e Gnllka rejeitam esta interpretação. Por que Marcos, quando fala em “partir” no v. 41, não usa o termo exato dos textos litúrgicos (*klao* em vez de *kataklaio*)? Por que, por ocasião da distribuição no v. 41, não há nenhuma palavra de explicação, nenhuma indicação da sua morte, nenhuma ordem para repetição? Por que não há uma referência ao cálice e ao vinho festivo? A situação no deserto teria sido uma ocasião para mencionar também a bebida. Qual o sentido dos peixes, mencionados três vezes nos vv. 38,41, se o símbolo do peixe para Jesus só surgiu no século II? A terminologia do v. 41, que é decisivo, não serve para nada a não ser descrever uma refeição judaica comum (cf. At 27.35). As referências ao evento, em 6.52; 8.14-21, também não apresentam traços eucarísticos (para esta questão, cf. Roloff, p 244ss).

d. *Não houve milagre!* De acordo com um grupo considerável de expositores, nossa história se baseia somente em textos. Eles alegam que a idéia de uma distribuição miraculosa de comida, que existia no paganismo, no judaísmo e no AT, se infiltrou também no cristianismo e foi atribuída a Jesus. Para isto, porém, as semelhanças com textos pagãos e judeus são muito banais. E o que dizer dos textos do AT?

No que tange aos milagres de alimentação em 1Rs 17.8-16 (Elias) e 2Rs 4.1-7 (Eliseu), não há nenhuma ligação literária com nosso trecho, mas, isto sim, uma dificuldade de conteúdo. No testemunho dos primeiros cristãos, Elias não era Jesus (contra a opinião popular em 6.15; 8.28), mas João Batista. A alimentação por maná, na época de Moisés, é bastante explicada a partir de Jo 6.31, mas está totalmente ausente das histórias da multiplicação dos pães nos evangelhos. Somente chamam a atenção várias ligações literárias com 2Rs 4.42-44. Mesmo assim, não devemos nos deixar levar demais por estas semelhanças formais. O sentido e o contexto das histórias são muito divergentes. No fim só fica o que já se disse na opr 2 a 6.30–8.26: Nossa história faz parte do tema fome-comida-alimentação, que está em toda a Bíblia. A partir dali é possível ver várias expressões e idéias comparáveis. Mas não cabe explicar estas semelhanças no sentido de que a lenda de um milagre tenha sido atribuída aos vários profetas e, por fim, a Jesus.

É recomendável buscar a chave para a interpretação deste testemunho de Marcos não na história da religião, no AT, na história da igreja antiga ou em outros textos do NT, mas no livro do próprio Marcos. Paralelos aproximados com muita pressa facilmente encobrem a vida própria do trecho.

**30** Para a compreensão da multiplicação dos pães, a introdução abrangente dos vv. 30-34 é significativa. Ele quer nos ajudar a tornar-nos receptivos para o sentido cristológico e eclesiológico do que segue. **Voltaram os apóstolos à presença de Jesus e lhe relataram.** Faz parte da tarefa de um mensageiro que ele preste relatório depois da execução. Só depois a tarefa é considerada concluída. O relato precisa ser minucioso e abrangente: **tudo quanto haviam feito e ensinado.** O uso do termo “ensinar” para alguém diferente de Jesus é único em Marcos. Jesus substitui todo o negócio judaico de ensino, por ser equivocado (opr 2 a 1.21-28). O próprio Deus começou a ensinar seu povo – na pessoa de Jesus. Olhando com atenção, nossa passagem não é uma exceção disto, apenas faz valer a regra de que o emissário é como aquele que o enviou. “Quem vos der ouvidos ouve-me a mim” (Lc 10.16). Na pessoa dos doze, portanto, a terra da Galiléia encontrara o mestre messiânico.

**31 E ele lhes disse: Vinde, à parte, num lugar deserto.** Encerrada a missão, Jesus renova o chamado imperioso ao discipulado (1.17) e para estar com ele (3.14), como ele valia antes do envio de 6.7. Para este estar-com-ele Marcos desenvolveu um sentido especial (cf. opr 1). Sempre de novo os discípulos, separados do povo, receberam revelações especiais sobre o “mistério do reinado de Deus”, sobre a pessoa de Jesus (4.10,34). A mesma coisa se anuncia aqui. O campo cristológico se abre. O lugar deserto, como lugar pouco habitado, serve de quadro para isto.

A partir daqui a seqüência também ganha seu sentido decisivo: **Vinde repousar um pouco.** A convivência, como mostra o fim do versículo, também incluía refeições conjuntas. Comer com Jesus (1.31; 2.15), porém, era, muito distante de um banquete massificado, uma degustação da salvação (cf. 1.31). Com isto o “repousar” adquire um sentido pleno. Com certeza ele não objetiva simplesmente parar com alguma coisa, ficar sem movimento, também não afundar em si mesmo. Passagens como Mt 11.28; At 3.20; 7.49; 2Ts 1.7; Hb 3.7–4.13; Ap 14.13; Gn 2.2; Sl 95.11; Is 63.14; Jr 6.16; 31.2 retratam um descanso que demonstra a participação na salvação de Deus. “Entrar no descanso” está em paralelo com “entrar no reino de Deus”. Acima de tudo, o que mostra o caminho e “dá descanso” (Lutero: refrigera) é a revelação da vontade de Deus em sua Palavra. Evidentemente este é o contexto em Mt 11.28; 1Co 16.18; Fm 7; Hb 3.7. Portanto, devemos entender o descanso em nosso texto de modo tão pouco destacado como a comida. O objetivo é a restauração da pessoa toda em corpo, alma e espírito, com Jesus, o mestre divino. É verdade: Descansem *um pouco!* O que gozamos ainda é o “pequeno” descanso, um prelúdio antes do grande concerto final. Este “pouco” de Deus, todavia, sempre é algo grande para nós, ou seja, a ajuda decisiva.

A frase seguinte descreve a situação que motivou a ordem de Jesus: **porque eles não tinham tempo nem para comer, visto serem numerosos os que iam e vinham.** O movimento era fruto das curas que Jesus efetuava, como mostra o v. 56. Assim como em 1.38, surgiram pressões que entravam em conflito com a vontade de Deus. O Senhor, porém, retoma a iniciativa da ação.

**32 Então, foram sós no barco para um lugar solitário.** Portanto, eles embarcaram para, no isolamento, “descansar” e “comer”, ou seja, estamos diante de um trecho típico com os doze e a identidade de Jesus no centro, bem como a dos seus discípulos. O resultado de fato é este, apesar dos contratempos iniciais e das circunstâncias incomuns no fim. Uma multidão enorme é incluída desta vez no descanso (v. 39s) e na refeição (v. 42).

**33,34 Muitos, porém, os viram partir e, reconhecendo-os, correram para lá, a pé, de todas as cidades, e chegaram antes deles. Ao desembarcar, viu Jesus uma grande multidão e compadeceu-se deles, porque eram como ovelhas que não têm pastor.** Jesus já vira muitas vezes o afluir de grandes multidões. Desta vez, como estavam à margem antes da chegada dele, como se posicionadas por Deus, a cena provocou os sentimentos de Jesus. As testemunhas constatarem sua emoção carismática. Era como se o pastor reencontrasse seu rebanho há muito procurado e aflito. Como que caído do céu, aí está ele à sua frente. É claro que estas pessoas não tinham fugido dele, mas ele delas. Mas a ele não pareceu assim. Para ele a presença destas pessoas não representou um incômodo, mas fazia parte do isolamento ansiado, no qual elas foram incluídas por Jesus. Este rebanho provocou sua manifestação como pastor.

No Antigo Oriente gostava-se de chamar os reis de “pastores” e seu povo de “rebanho”. O pastor e rei de Israel era, com ênfase, o próprio Deus (Gn 48.15; Sl 23.1; 95.7; 100.3; Jr 13.17; Mq 7.14; Zc 10.3). Como pastores subordinados tinham sido instituídos os oficiais israelitas, especialmente os sacerdotes, que anunciavam a vontade de Deus. Neste contexto, o grandioso capítulo dos pastores, em Ez 34, é significativo. Ali se diz que os pastores subordinados tinham explorado o rebanho de Deus em vez de cuidar dele. Eles “apascentaram” a si mesmos. Por isso Deus diz: “Porei termo no seu pastoreio. [...] Eis que eu mesmo procurarei as minhas ovelhas e as buscarei. Como o pastor busca o seu rebanho, no dia em que encontra ovelhas dispersas, assim buscarei as minhas ovelhas; livrá-las-ei, [...] apascentá-las-ei, [...] suscitarei para elas um só pastor, e ele as apascentará e [...] lhes servirá de pastor. Eu, o Senhor, lhes serei por Deus.” (Ez 34.10-24; cf. Nm 27.17; Is 40.11; Jr 23.3s; 31.10). Jesus é este “próprio Deus” de Ez 34, este “*um só pastor*”, no qual a misericórdia escatológica de Deus está presente. Com isto está ligada uma indireta contra os líderes judeus, que às vezes eram chamados de “pastores” (Bill. II, 537).

A continuação mostrará que o fator motivador da compaixão não era a carência material da multidão reunida, mas exatamente sua carência de pastoreio. Neste contexto a pequena frase adicional merece atenção: **E passou a ensinar-lhes muitas coisas.** Ele conduziu o rebanho para o pastoreio do ensino, no sentido da mensagem de 1.14s. É claro que a ênfase não está neste processo que durou horas, mas na alimentação como ponto alto do dia. Para este relato, por sua vez, a introdução dos v. 35-40 e o epílogo dos v. 42-44 é chave. Esta moldura faz do milagre do v. 41 uma lição objetiva específica para os discípulos. Por isso este diálogo longo de Jesus com eles, no qual ele os guia de um degrau a outro, até lhes revelar sua glória (cf. Jo 2.11). O povo, com seus sentimentos e motivações (diferente de Jo 6.14s), fica de fora. Marcos relata da perspectiva de um ensino do círculo interno dos discípulos.

**35,36 Em declinando a tarde, vieram os discípulos a Jesus e lhe disseram: É deserto este lugar, e já avançada a hora; despede-os para que, passando pelos campos ao redor e pelas aldeias, comprem para si o que comer.** Este primeiro diálogo entre Jesus e os seus discípulos que Marcos relata é iniciado pelos discípulos. Não demora, porém, para ser Jesus quem age, sabe, ordena e recebe como anfitrião, enquanto eles são os ajudantes e testemunhas que ele requisita, corrige e conduz.

**37 Porém ele lhes respondeu: Dai-lhes vós mesmos de comer.** Ao “comprem para si” da proposta dos discípulos no v. 36 Jesus contrapõe um “dai-lhes vós mesmos”. Tudo parece recair sobre eles. Eles precisam alimentar as pessoas com suas provisões. A resposta deles não é nem atrevida (Klostermann) nem burra (Schreiber, p 205). **Disseram-lhe: Iremos comprar duzentos denários de pão para lhes dar de comer?** Não é que eles já estejam prontos para ir fazer compras. Não pode ser que eles, com quem o Senhor fizera questão de ficar sozinho (v. 31), devam ir embora, e não as pessoas (v. 36). Mas que outro sentido podia ter a ordem do Senhor? O que tinha ele em mente? No diálogo durante a aula, o aluno faz perguntas para levar o professor a dizer mais, se as palavras que disse até o momento ainda lhe são obscuras. Ele queria que eles dessem de comer à multidão, mas sem que fossem fazer compras. Mas então, como?

**38 A comparação com o milagre do vinho em Jo 2.1-11, proposta por Lohmeyer, é sugestiva: os companheiros de Jesus chamam sua atenção para o que falta. Ele não recusa a requisição dirigida a ele, deixando margem à esperança. Seus companheiros se sujeitam a ele. Como se esperasse por isso, ele lhes disse: Quantos pães tendes? Ide ver! E, sabendo-o eles, responderam: Cinco pães e dois peixes.** Como em Jo 2.6, segue o inventário das provisões. Pão de cevada e peixes grelhados ou salgados para acompanhar eram a refeição comum da população galiléia em volta do lago. Quando em viagem, os orientais sempre trazem alguma coisa consigo. Chamava a atenção quando isto não



acontecia (8.14). Nenhum detalhe, nem pão nem peixe nem seu número, tem aqui algum significado misterioso. Jesus parte expressamente da realidade presente.

Os v. 39,40 demonstram o interesse que há em gestos. Jesus proporciona uma das suas ações simbólicas proféticas. A dificuldade das pessoas, em vista das possibilidades normais de abastecimento, não era premente (como em 8.3). Em volta havia um círculo de povoações humanas (v. 36).

**39,40 Então, Jesus lhes ordenou que todos se assentassem, em grupos, sobre a relva verde. E o fizeram, repartindo-se em grupos de cem em cem e de cinquenta em cinquenta.** As pessoas comuns comiam de pé, sentadas ou de cócoras. Se aqui se insiste duas vezes na ordem de acomodar-se de modo organizado, é porque se trata de algo mais do que somente dar de comer a uma multidão. Como hospedeiro real (“pastor”), Jesus convida para a comunhão festiva à mesa, determina a ordem à mesa e fornece a título de “almofadas” a relva verde. Mesmo que fragmentária, sugere-se a ordem do acampamento do antigo Israel em Êx 18.21,25. Um amontoado solto de pessoas se organiza em comunidade do povo como um sinal, e Jesus se mostra como recriador de Israel.

**41** Finalmente, depois de um preparo minucioso, e garantido o significado, um único versículo narra de modo muito simples o que aconteceu. Mesmo este versículo, porém, não é uma descrição do milagre, mas uma descrição de Jesus como dono da casa. **Tomando ele os cinco pães e os dois peixes, erguendo os olhos ao céu, os abençoou; e, partindo os pães, deu-os aos discípulos para que os distribuíssem; e por todos repartiu também os dois peixes.** Todo dono de casa judeu dava início a uma refeição solene erguendo-se de sua posição reclinada, levantando o pão e dizendo as graças. Para isto prescrevia-se o olhar para baixo (Beyer, ThWNT II, 758,760). Olhar para o céu parece ter pertencido a uma prática mais antiga e, por isso, mais solene (Bill. I, 685; II, 246). Para Jesus, era típico olhar para cima (7.34; Jo 11.41; 17.1), de modo que os discípulos de Emaús podem tê-lo reconhecido por isso (Lc 24.30). Depois da oração, o dono da casa quebrava para cada conviva um pedaço do pão em forma de disco, com 20 cm de diâmetro e 1 cm de espessura. Em um grupo pequeno, o dono da casa podia entregar cada pedaço pessoalmente, nos outros casos ele os deixava passar de mão em mão. Aqui os discípulos são necessários como intermediários.

**42-44** Exatamente no momento que seria ideal para dizer algo sobre o milagre, o narrador se cala. Os ecos são indiretos. **Todos comeram e se fartaram;** Uma segunda evidência da multiplicação é a coleta obrigatória dos restos. Como o pão era escasso e nada podia ser perdido, as sobras sempre eram recolhidas com cuidado (Bill. I, 686). **E ainda recolheram doze cestos cheios de pedaços de pão e de peixe.** O número doze para os cestos provavelmente tem a ver com o fato de que, como em 8.19, foram os doze discípulos que recolheram as sobras. Por último, o número mencionado no último versículo também dá a dimensão do milagre: **Os que comeram dos pães eram cinco mil homens.** Números elevados sempre são estimativas. Mas cidades como Betsaida e Cafarnaum tinham, naquela época, entre dois e três mil habitantes.

Com este sinal, Jesus se revelou como mestre messiânico (v. 30,34), pastor (v. 34a), rei (v. 39s) e pai (v. 41). À sua volta o futuro se torna visível: um Israel renovado e, no fim das contas, um rebanho humano que abrange o mundo todo, organizado, apaziguado e festivo. Sua missão universal transparece na quantidade de “todos, grande, muitos” (v. 31,33,34,39,42). Entre o Único e os muitos, porém, estão “seus discípulos” (v. 35,41), expressão sempre importante em Marcos. Eles fruem da intimidade do pastor e rei e participam da sua ação até o fim. Isto não acontece, porém, sem que antes a ação deles tenha sido levada ao seu limite. O começo disto foi no v. 31. Depois do seu relatório, que nada mais continha além do que *Jesus* fizera por meio deles, a frase é significativa: Descansem um pouco! *Ele* precisa agir – neles e só depois por meio deles (v. 37). Da *sua* mão todos ficam satisfeitos, no fim das contas; é claro que pelas mãos deles e sob os seus olhos.

Deste modo obtemos as bases da eclesiologia. Os discípulos não ascendem lentamente à condição de senhores, mas continuam discípulos. Eles não precisam representar a Cristo, pois ele está presente pessoalmente. Na pessoa dele, o próprio Deus se dedica ao seu rebanho. Eles, por sua vez, lhe dão uma mão e testemunham sua ação milagrosa (para a avaliação desta história, cf. opr 1 a 6.45-52 e 6.52).

Quanto ao conteúdo do ensino, é importante aqui poder ser percebido no fato de que o trecho, diferente de p ex Jo 6.14,15, termina sem investigar a reação da multidão e dos discípulos (mas veja o v. 52).

## 2. A revelação de Jesus no lago, 6.45-52

(Mt 14.22,23; Jo 6.16-21)

**Logo a seguir, compeliu Jesus os seus discípulos a embarcar e passar adiante para o outro lado, a Betsaida<sup>a</sup>, enquanto ele despedia a multidão.**

**E, tendo-os despedido<sup>b</sup>, subiu ao monte<sup>c</sup> para orar.**

<sup>47</sup> **Ao cair da tarde<sup>d</sup>, estava o barco no meio do mar, e ele, sozinho em terra.**

**E, vendo-os em dificuldade a remar<sup>e</sup>, porque o vento lhes era contrário, por volta da quarta vigília da noite<sup>f</sup>, veio ter com eles, andando por sobre o mar; e queria tomar-lhes a dianteira.**

**Eles, porém, vendo-o andar sobre o mar, pensaram tratar-se de um fantasma<sup>g</sup> e gritaram. Pois todos ficaram aterrados à vista dele. Mas logo lhes falou e disse: Tende bom ânimo! Sou eu. Não temais!**

**E subiu para o barco para estar com eles, e o vento cessou. Ficaram entre si atônitos, porque não haviam compreendido o milagre dos pães; antes, o seu coração estava endurecido.**

### *Em relação à tradução*

<sup>a</sup> Betsaida (cf. 8.22) fica a leste da foz do Jordão no lago, na margem norte, portanto. Mesmo assim não é preciso concluir que o ponto de partida da travessia tenha sido a margem sul. Há exemplos de que “passar para o outro lado” pode ser usado até para uma viagem de uma cidade para outra na mesma margem (EWNT I, 516). Portanto, muitas possibilidades estão em aberto aqui. De acordo com o v. 53, eles não chegaram a desembarcar no local pretendido.

<sup>b</sup> Dentro do fluxo da narrativa, esta despedida (cf. 4.36n) só pode referir-se ao povo. Segundo o v. 45b ela ainda faltava, enquanto a separação dos discípulos, de acordo com o v. 45a, já tinha acontecido.

<sup>c</sup> Não é só o plural “montes” que pode ter o sentido de “cadeia de montanhas” (p ex 13.14), mas também o singular, como aqui (p ex também 5.11). Assim traduzem p ex BV e BJ. Para a perspectiva geográfica e teológica, cf. 3.13.

<sup>d</sup> A “tarde”, se já for o caso de pensar nas vigílias da noite aqui (cf. a “quarta vigília” no v. 48), o período entre 18 e 21 horas (13.35), em sentido mais geral o tempo do pôr-do-sol (cf. 1.32n).

<sup>e</sup> *basanizomenous* também pode ser entendido como voz passiva: “ser premido (pelo vento), à deriva”. Na prática, porém, a situação era que os homens queriam remar contra o vento e tinham de fazer muito esforço.

<sup>f</sup> Ela abrangia o período entre 3 e 6 horas, chamada de “manhã” em 13.35 (cf. 1.35; 11.20; 15.1; 16.2,9).

<sup>g</sup> *phantasma*, palavra grega para aparições de espíritos ou em sonhos. Na Bíblia, só no texto paralelo de Mt 14.26 e em uma variante de Lc 24.37. Ali também fica claro o sentido negativo: uma miragem do Senhor, não o próprio Senhor.

### *Observações preliminares*

1. *Contexto.* A nova história está ligada diretamente à multiplicação dos pães, sem mencionar Jesus novamente pelo nome, e a continuação também é de conteúdo. O tema “Jesus e seus discípulos” é levado adiante e desemboca no v. 52 numa referência expressa ao milagre da alimentação. O que ficou sem ser dito depois daquele milagre, é esclarecido agora: os discípulos (e ainda mais o povo) “não haviam compreendido” aquele sinal, razão pela qual também não estiveram à altura da nova situação. O nível elevado do milagre da multiplicação se confirma (cf. opr 2 a 6.30–8.26). Ele é crucial para entender ou não entender. Lá os discípulos não conseguiram captar o sentido, o que os levou a fracassar aqui. A observação complementar do v. 52 também fornece o ângulo de visão que a exposição deve manter a cada versículo. O sentido completo será visível no v. 52, em retrospectiva.

Outra circunstância une a alimentação no deserto e a aparição no lago. Nos dois casos Jesus revelou ser muito mais do que as pessoas à sua volta precisavam no momento. A multidão no deserto não necessitava de uma provisão milagrosa, pois não estava morrendo de fome, pelo contrário, dispunha das opções normais de abastecimento (v. 36). Os discípulos no lago não estavam se afogando, pois não estavam no meio de uma tempestade que ameaçasse a sua vida, também não nos textos paralelos. É claro que não falamos de uma “superfície lisa” do lago como Schmithals, mas o barco não estava a ponto de afundar, como em 4.37. Não havia um lago furioso que pudesse simbolizar o poder da morte, não houve um grito por socorro nem uma ordem de Jesus e, no fim, não se testificou do seu poder sobre as ondas. Não estamos diante de uma história de salvação física, mas de uma revelação da divindade de Jesus ao grupo dos discípulos, que tinham perdido a ligação com Jesus e esquecido a identidade dele.

Por fim, há também uma diferença com a história da multiplicação dos pães. Lá Jesus se revelou a partir de um contexto totalmente terreno. Comportou-se como um dono de casa humano. Aqui ele aparece de modo sobrenatural, do além, aterrorizante. É um vislumbre do outro Jesus, estranho, divino, como **p ex** em 9.2s.

2. *Interpretação alegórica.* É compreensível que, diante de um texto tão cheio de mistérios, a alegoria cedo tenha sido um refúgio. Isto não é diferente hoje em dia. Vemos a mesma coisa **p ex** em Grob, com insistência em Schreiber. Marcos, em todos os seus textos e também neste, não tinha a intenção de registrar fatos históricos, mas teria tratado dela só “em termos gerais”, “de modo alegórico-simbólico”. Não se pode interpretá-lo diferentemente (Pesch I, p 21; cf. p 95,98,204). As decifrações são mais ou menos as seguintes: a separação de Jesus e seus discípulos é o Getsêmani, o Gólgota ou a ascensão; o barco é a igreja, a noite é a do julgamento, Cristo no monte é exaltado à direita do Pai, sua oração ali é a intercessão por nós, o lago é o mar de povos, o vento a perseguição, o tormento dos discípulos é seu trabalho missionário que enfrenta resistência demoníaca, a quarta vigília da noite é a oração litúrgica matinal, a caminhada sobre a água é a realidade oculta do ressurreto, sua passagem adiante é sua precedência na missão ou sua presença no Espírito Santo e especialmente na eucaristia, o não reconhecimento pelos discípulos é a tentação da igreja de viver de uma ficção, a entrada de Jesus no barco é a humildade terrena do Filho e, por fim, o temor dos discípulos é a dúvida na ressurreição.

A alegoria, usada dentro de certos limites, pode ser um instrumento poderoso de aplicação para a época contemporânea. A partir do **AT** também podem-se discernir várias camadas profundas. Somente é questionável se o expositor pode adotar este método como princípio. Indícios de recordação autêntica impedem o refúgio completo no simbolismo. Com toda certeza o texto parte de um acontecimento único e irrepetível e o conhecimento de “Jesus, o Nazareno, varão aprovado por Deus diante de vós com milagres, prodígios e sinais” (**At 2.22**) não se pode perder. A palavra da cruz se torna sem propósito se não se diz mais que e como aquele que foi crucificado viveu de Deus, com Deus e para Deus.

- 45 Logo a seguir, compeliu Jesus os seus discípulos a embarcar e passar adiante para o outro lado, a Betsaida, enquanto ele despedia a multidão.** Em estilo resumido, sem qualquer explicação, uma situação dramática se descortina perante os nossos olhos. Por que Jesus separou os doze da multidão com tanta pressa e os mandou embora através do lago, para só depois dispersar sozinho a multidão? Para isto só temos suposições. Será que foi o preparo para uma nova revelação como em 9.2, na qual Jesus também isolou os escolhidos? Mas esta explicação dificilmente é suficiente para um texto tão intenso. É evidente que a permanência dos discípulos é prejudicial para eles e a causa de Jesus. Aqui é proveitoso olhar para o v. 52, onde Marcos observa que a multiplicação maravilhosa tinha deixado os discípulos sem entender. Sua separação forçada do povo deixa entrever ambições conflitantes no grupo. Alguma coisa neles não harmonizava mais com Jesus, só com o povo. A solução para este caso vem de Jo 6.14ss,66: o povo via em Jesus um líder carismático e queria elevá-lo a rei messiânico. Quando Jesus se negou, isto causou um grande estrago entre seus adeptos. Em vista destes acontecimentos, a insistência de Jesus faz sentido como uma luta pelos doze. Sua obra seria inimaginável se não pudesse reconquistá-los. Para que ficassem “com ele” (3.14), aqui ele tinha de separar-se deles.
- 46 É neste quadro que se insere a seqüência: E, tendo-os despedido, subiu ao monte para orar.** Diferente de Lucas, Marcos menciona só raramente a oração de Jesus. Mas cada vez são horas de oração, durante a noite. Como aqui, nas duas outras ocasiões Jesus também ora separado dos seus discípulos (1.35; 14.32-42). Em todas as vezes trata-se de combater tentações satânicas e reorientar sua missão.
- 47 O v. 47 demora-se nos resultados dos eventos: Ao cair da tarde, estava o barco no meio do mar, e ele, sozinho em terra.** Jesus sozinho, sem “estarem com ele” os que pertenciam a ele; do outro lado os doze, interior e exteriormente à deriva. **No meio do mar** significa que tinham-se afastado de Betsaida. O versículo seguinte explica, com uma observação posterior típica, que um vento forte os empurrara para o sul. Deste modo o quadro da separação se intensifica.
- 48 E, vendo-os em dificuldade a remar, porque o vento lhes era contrário – por causa da escuridão e da distância, não se cogita de visão física. A visão é da oração, como em 1.10 (cf. Lc 3.21). A participação na visão de Deus permite ver o que está oculto (Mt 6.4,6,8). Quem vê com Deus, porém, não pode ficar só olhando, mas se preocupa, se aproxima e fica junto (Gn 16.13; Sl 139.3). Por volta da quarta vigília da noite, veio ter com eles, andando por sobre o mar.** Ao contrário dos ídolos mortos, Deus “anda” em meio ao seu povo (*peripatein*: Gn 3.8,10; Lv 26.12; Dt 23.15; 2Sm 7.6; 1Cr 17.6; Ap 2.1) – expressão de comunhão viva.

Difícil de compreender é a pequena frase: **e queria tomar-lhes a dianteira**. Esta expressão talvez também possa ser explicada pela linguagem da revelação antiga. Sua intenção não é de negar-se, mas exatamente de estar presente com seu consolo, mesmo que preservando sua majestade. Quando Deus aceitou dar um sinal para Moisés de que continuaria seguindo com seu povo, ele disse: “Farei passar toda a minha bondade diante de ti”; e de modo semelhante a Elias: “Eis que passava o Senhor” (Êx 33.19,22; 1Rs 19.11).

Assim o quadro se fecha. O ponto de partida é a existência de Jesus na oração, no espírito e em Deus. Naturalmente esta existência também inclui os discípulos, por mais que estejam à deriva. Com força carismática Jesus vai até eles. Neste momento, água e terra não fazem diferença. De forma simbólica, Jesus afirma sua graça sustentadora a eles, que se esgotaram na multidão de descaminhos (Is 57.10).

**49,50 Eles, porém, vendo-o andar sobre o mar, pensaram tratar-se de um fantasma e gritaram.**

Mais uma vez eles não entendem nada. Eles pensaram em tudo, até em uma miragem satânica de semelhança enganosa como em 2Co 11.14, só não nele mesmo. Jesus está muito longe para eles, ficou para trás, está em outro lugar. Eles registraram erradamente os sinais da sua presença divina. Em vez de gritar para ele, eles gritam seu medo um na cara do outro. **Pois todos ficaram aterrados à vista dele.** A aparição que devia resgatar e fundamentar de novo sua condição de discípulos os abala totalmente.

A reação adversa inesperada dos discípulos fez Jesus mudar sua intenção de passar por eles. O “logo” indica um novo começo da ação: **Mas logo lhes falou e disse: Tende bom ânimo! Sou eu. Não temais!** Jesus deixa o simbolismo e se identifica pessoalmente: Sou eu mesmo! Não é uma miragem. A propósito, esta pequena frase intermediária é destacada, pelas palavras de consolo antes e depois, como é característico de revelações de Deus em toda a Bíblia, bem além de uma apresentação pessoal. É um ser pleno de que ele fala. Não diz somente *que* é ele mesmo, mas também *como* ele é mesmo: tudo o que ele tem, dá, pode, quer, promete e faz. Jesus reativa uma promessa de consolo de Deus no AT (Êx 3.14; Dt 32.39; Is 41.4,13; 43.10,13; 47.8,10). O sentido sempre foi: eu sou *para* você! Sua intenção não era esmagar a criatura, mas criar condições para um diálogo. Pode-se falar com Deus e ouvi-lo, o ser humano pode reviver na sua presença.

**51,52 E subiu para o barco para estar com eles, e o vento cessou. Ficaram entre si atônitos.**

Marcos escolhe, para a primeira reação dos discípulos, um termo que, para ele, expressa o horror de estar na presença de Deus (ainda em 2.12; 5.42), e depois se interrompe. Em seguida, porém, a título de esclarecimento, ele anuncia o sinal sob o qual ele preservou toda a história. Com uma franqueza quase brutal ele diz: **porque não haviam compreendido o milagre dos pães; antes, o seu coração estava endurecido.** Toda a história a partir do v. 45 teria sido desnecessária se não tivesse faltado aos discípulos a compreensão cristológica e, com isso, a dissociação definitiva da esperança messiânico-política dos judeus. Os judeus não tinham uma expectativa grande demais, mas pequena demais. Sua noção do inimigo era pequena demais, seu anseio por salvação era muito tímido, seus alvos muito pouco radicais. Tudo isto colidiu com a mensagem do reinado de Deus que se aproximou, proclamada por Jesus. Então, eles não deixavam Deus ser Deus, e sempre de novo se incomodavam com Jesus.

Fica a pergunta se os doze, pelo fato de lhes ser atribuída a mesma incompreensão dos “de fora” de 4.10s e o mesmo coração endurecido dos inimigos de Jesus em 3.5, estão totalmente integrados no Israel descrente. A pergunta terá de ser tratada mais uma vez em 8.14-21. Mas depois desta história já podemos dizer que ninguém pensará nisto a sério (cf. 4.13). O grupo dos doze continuou sendo especial, por causa das qualidades elevadas e vitoriosas do seu senhor. O mato no coração deles, porém, ainda era alto e fechado. Também a aparição grandiosa sobre a água tinha seus limites, como todos os milagres de Jesus. Estes só foram rompidos pela cruz de Jesus. O Gólgota foi o ponto culminante da sua revelação. Ali também soou finalmente a confissão completa da boca de um homem (15.39).

### **3. Curas em massa na região de Genesaré, 6.53-56**

(Mt 14.34-36)

<sup>53</sup> **Estando já no outro lado, chegaram a terra, em Genesaré<sup>a</sup>, onde aportaram.**

<sup>54</sup> **Saindo eles do barco, logo o povo reconheceu Jesus;**

e, percorrendo toda aquela região, traziam em leitos os enfermos, para onde ouviam que ele estava.

Onde quer que ele entrasse nas aldeias, cidades ou campos, punham os enfermos nas praças, rogando-lhe que os deixasse tocar ao menos na orla<sup>b</sup> da sua veste; e quantos a tocavam saíam curados<sup>c</sup>.

### *Em relação à tradução*

<sup>a</sup> Genesaré é a forma longa de Genesar, nome judaico de uma planície costeira entre Cafarnaum e Tiberíades, de 5 km de comprimento e com até 1,5 km de largura, que naquela época era muito fértil e densamente habitada. O nome pode ter relação com o Quinerete do AT (Js 19.35), um povoado que desde o século IX ou VIII a.C. estava deserto. Dali vem o nome da região e do lago (“lago de Genesaré” está no NT apenas em Lc 5.1).

<sup>b</sup> Os judeus rigorosos na obediência à lei traziam borlas nas quatro pontas da veste superior, franjas com quatro fios brancos e azuis de lã, geralmente amarrados com seis nós, deixando as pontas sair pelo último nó – quanto mais comprido, mais espiritual (Mt 23.5). Estes cordões de lã lembram o israelita constantemente dos mandamentos de Deus, de acordo com Nm 15.37ss.

<sup>c</sup> Marcos usa três termos diferentes para a cura de doentes, e falta-lhe um quarto, *hygiainein*. O termo próprio, clínico para “curar”, *iasthai*, ele usa somente em 5.29, com relação direta com a doença. Mais comum é *therapeuein*, que encontramos cinco vezes (1.34; 3.2,10; 6.5,13), sempre em resumos. Com maior frequência, inclusive aqui, ele usa *sozein*. Esta palavra tem o espectro mais amplo de significado. Nas seguintes passagens ela tem o sentido de salvação no julgamento final: 8.35; 10.26; 13.13,20; cf. 16.16. Mas também quando tem a vida física de doentes em vista, podemos traduzi-la por “salvar” e não só “curar”, pois nunca se restringe à perspectiva físico-clínica. Dignos de nota são o contraste salvar – matar (3.4; cf. 15.30s), o paralelo salvar – viver (5.23) e a relação salvar – crer (5.34; 10.52). Trata-se sempre, portanto, de ajuda para a vida em si, de uma experiência de toda a pessoa, de redenção para salvação. Esta nuance deveria ser visível também nas traduções.

### *Observações preliminares*

1. *Contexto.* A mudança de cenário é total: do lago passa-se para a terra, do barco para a estrada, do círculo íntimo dos discípulos para a exposição plena ao público. Uma coisa, porém, continua: a impressão deixada pelo poder de Jesus. Esta não é menos impressionante aqui nas cidades e aldeias do que fora no lago. Esta visão geral dos acontecimentos em Genesaré também deve promover a compreensão cristológica. Mais uma vez, não está em questão a glória de Jesus em si, como numa torre de marfim, mas a relação com as pessoas que vivem na sombra da morte. O Deus da Bíblia é o contrário de apático. Ele está arrebatado pela necessidade de ajuda das suas criaturas.

2. *Mal-entendidos.* Os expositores se admiram que aqui Jesus passa “mudo” (Dehn), “em silêncio” (Grundmann) pela multidão, “estranhamente sem se envolver”, “sem responder aos pedidos das pessoas com uma palavra sequer” (Gnilka), “deixando que tudo aconteça com ele” (Lohmeyer). Estes são alguns bons exemplos de exageros na interpretação. Não se levou em conta a singularidade da descrição. Relatos de resumo como este sempre se concentram em determinado tema. Se não, poderíamos concluir de 1.14,15 que na Galiléia Jesus só falou, de 1.32-34 que ele só se apresentou como milagreiro sem apontar para o reinado próximo de Deus, de 1.39 que só expulsou demônios além de pregar, e de 3.7-12 que parou de pregar.

Schweizer trai outro mal-entendido ao sobrescrever o parágrafo com: “A Corrida Atrás de Milagres”. Ele não encontra nenhuma declaração cristológica importante, só cegueira e ânsia por milagres. Talvez ele esteja formulando o que, na Era do Iluminismo, todo leitor sente diante destes versículos. Acontece que nós olhamos com certa arrogância para aquelas épocas escuras cheias de superstição, talvez sem perceber que nossa própria cultura há muito está com seus frutos sobre a balança e se tornou totalmente questionável para os despertos e sábios. Nós que somos tão impotentes diante dos problemas psicológicos, físicos e espirituais do nosso tempo, nós que estamos sendo criticados, gostamos de criticar. Marcos somente relata o que borbulha da emoção das pessoas à volta de Jesus, sem polemizar. Ele tem a fé dos primeiros cristãos, e transmite também a crítica de Jesus à ganância por milagres (1.35-38; 6.5,31; 8.11s; 13.22; 14.36; 15.29-32,35s). Mas ele não desfere seus golpes a cada momento, também pode deixar passar algo. Abre espaço para estes acontecimentos para testificar da disposição poderosa de Deus para ajudar na pessoa de Jesus.

**53** **Estando já no outro lado, chegaram a terra, em Genesaré, onde aportaram.** Só aqui termina a travessia do v. 45, e parece que não no alvo original, Betsaida. Desviados para longe da sua rota e totalmente exaustos (v. 47s), eles aportam no primeiro trapiche que encontram. Ao nascer do sol (v. 48b) eles se descobrem na costa populosa de Genesaré. Com isto também penetram nos domínios do perigoso Herodes Antipas; Betsaida ficava nas terras do bondoso Filipe. O ajuntamento descrito a



seguir certamente foi um evento político e deve ter apressado as medidas contra Jesus (3.6; 7.1). Mesmo assim Jesus se deteve muitas vezes para atender aos pedintes. Com cada cura ele abria mão de um pedaço de segurança pessoal.

**54,55 Saindo eles do barco, logo o povo reconheceu Jesus; e, percorrendo toda aquela região, traziam em leitos os enfermos, para onde ouviam que ele estava.** Como um fogo no campo a notícia se espalhou, transformando toda a região numa colmeia extremamente agitada. Em todos os lugares começa-se a carregar os que lit. “estavam mal” em sua direção e atrás dele. É só pensar no sentido imediato da palavra “mal”, e já chegamos ao tema ao qual nosso parágrafo responde com sua última palavra: curado, salvo! Jesus se apresenta aqui como salvador da morte e do inferno. Aí se abre diante dele toda a miséria que costuma mofar resignada em segredo.

**56 Onde quer que ele entrasse nas aldeias, cidades ou campos, punham os enfermos nas praças, rogando-lhe que os deixasse tocar ao menos na orla da sua veste; e quantos a tocavam saíam curados.** Constatamos uma diferença com as pessoas de At 5.15; 19.12, que não objetivavam mais um encontro pessoal. Aqui a cura não era agarrada, mas suplicada como em 1.40; 5.23; 6.56; 7.32. Talvez também o gesto de tocar as franjas significava a oração (Bill. I, 520). Além disso, ao toque correspondia sempre o ser tocado. Assim, temos aqui a fé e sua resposta.

Em tudo isto podemos ver um primitivismo tocante. Entretanto, quando estamos na maior dificuldade e deixamos uma vez transparecer de verdade o nosso sofrimento, todos nos tornamos primitivos. Nossa fé também não precisa ser superespiritual, tremenda ou perfeita, como se tivéssemos de crer na nossa fé. Decisivo é em quem nós cremos, e esta fé temos de pôr realmente em ação, tocar Jesus com a ponta dos dedos em oração. Para levar um choque elétrico não é preciso ter contato com uma superfície ampla, só encostar. Por isso para Marcos a última frase é um retrato forte do evangelho: “Quantos a tocavam ficaram curados”, eram salvos.

#### 4. Condenação da religiosidade humana dos professores da lei, 7.1-13

(Mt 15.1-9; cf. Lc 11.37-41)

**Ora, reuniram-se a Jesus os fariseus e alguns escribas, vindos de Jerusalém.**

**E, vendo que alguns dos discípulos dele comiam<sup>a</sup> pão<sup>b</sup> com as mãos impuras<sup>c</sup>, isto é, por lavar**

**(pois os fariseus e todos os judeus, observando a tradição dos anciãos<sup>d</sup>, não comem sem lavar cuidadosamente as mãos<sup>e</sup>;**

**4 quando voltam<sup>f</sup> da praça, não comem sem se aspergirem<sup>g</sup>; e há muitas outras coisas que receberam para observar, como a lavagem de copos, jarros e vasos de metal [e camas]),**

**5 interpelaram-no os fariseus e os escribas: Por que não andam os teus discípulos de conformidade com a tradição dos anciãos, mas comem com as mãos por lavar?**

**Respondeu-lhes: Bem profetizou Isaías a respeito de vós, hipócritas<sup>h</sup>, como está escrito: Este povo honra-me com os lábios, mas o seu coração está longe de mim.**

**7 E em vão me adoram, ensinando doutrinas que são preceitos de homens.**

**8 Negligenciando o mandamento de Deus, guardais a tradição dos homens.**

**9 E disse-lhes ainda: Jeitosamente rejeitais o preceito de Deus para guardardes<sup>i</sup> a vossa própria tradição.**

**Pois Moisés disse: Honra a teu pai e a tua mãe; e: Quem maldisser a seu pai ou a sua mãe seja punido<sup>j</sup> de morte.**

**11 Vós, porém, dizeis: Se um homem disser a seu pai ou a sua mãe: Aquilo que poderias aproveitar de mim é Corbã, isto é, oferta para o Senhor,**

**12 então, o dispensais de fazer qualquer coisa em favor de seu pai ou de sua mãe<sup>l</sup>, invalidando a palavra de Deus pela vossa própria tradição, que vós mesmos transmitistes; e fazeis muitas outras coisas semelhantes.**

*Em relação à tradução*

<sup>a</sup> Tempo presente, denotando um hábito mais que uma ocasião específica.

<sup>b</sup> “Comer os pães” ou simplesmente “comer pão” refere-se à refeição principal, o que inclui também outros alimentos (já em Gn 3.19), que eram enrolados no pão que tinha forma de panqueca, e levados à boca.

<sup>c</sup> Naturalmente não no sentido de sujeira, falta de higiene ou desinfecção; cf. 1.40 e opr 2 lá e aqui opr 3. – a frase interrompida é continuada no v. 5.

<sup>d</sup> *presbyteroi* não são aqui os membros leigos do Conselho Superior, mencionados em 8.31; 11.27; 14.43,53; 15.1, mas professores da lei de tempos antigos que tinham alcançado uma posição de dignidade especial. De certa forma eram os “pais da igreja” do judaísmo, representantes da tradição de ensino normativa. RC e BJ traduzem por “tradição dos antigos”.

<sup>e</sup> *pygme*, “punho”, causou dificuldades neste texto já aos copistas antigos, de modo que alguns recorreram a uma pequena alteração, escrevendo *pykna*, “cuidadosamente” (RA, BLH), “muitas vezes” (RC), ou simplesmente deixando fora a palavra. K. L. Schmidt (ThWNT VI, 915), retraduzindo a palavra para o aramaico, chega ao sentido “em uma bacia”; outros ao sentido “nunca”, do que fazem uma frase explicativa: “Nunca comem sem...” Outros expositores, querendo preservar a terminologia grega “com o punho”, imaginam que os judeus esfregavam o punho de uma mão na palma da outra enquanto se lavavam, indicando aqui só simbolicamente, sem água, o processo da ablução. As prescrições exatas, porém, não mencionam isso (Bill. II, 13s; cf. I, 695-721; IV, 611-639). Depois de muitas idas e vindas, a explicação de M. Hengel ainda é a que encontra mais receptividade (ZNW 60, 1969, p 182-198): trata-se aqui de um dos latinismos freqüentes em Marcos, que leitores de fundo latino entendiam sem problemas (Mateus o omite!). É que, em latim, “punho” também é uma medida: a medida de um punho (para nós: uma concha de mão cheia), que aqui se refere a quantidade de água. Isto está de acordo com a prescrição judaica de que era preciso usar pelo menos ¼ de *lug* (0,137 litros) (Bill. I, 698).

<sup>f</sup> Acrescentado por alguns manuscritos, para completar o sentido.

<sup>g</sup> *baptisontai* é traduzido com freqüência por “aspergir-se” (RA, BJ) ou “lavar-se” (RC, NVI, BV), mas com isto perde-se a diferença com a lavagem das mãos do v. 3 (*phipsontai*). *niptein* é usado para a lavagem parcial de pessoas vivas, *louein* ou *baptizein* para lavagem completa, *plynein* para a lavagem de objetos. Aqui a referência é ou a judeus muito rigorosos que, depois dos contatos inevitáveis no mercado, logo mergulham o corpo todo – no caso dos essênios está comprovado um banho completo antes de cada almoço (Goppelt, ThWNT VIII, 320), e os arqueólogos descobriram em Qumran tanques espaçosos. Ou pensa-se no mergulho completo pelo menos da mão inteira. Isto eliminava a possibilidade de a água só derramada por cima deixar alguns lugares impuros. Em todo caso deve-se pensar em algo além da lavagem de mãos comum (v. 3).

<sup>h</sup> *hypokrites*, tão comum em Mateus, em Marcos aparece só aqui. O termo tinha originalmente o sentido de alguém que fazia uso da palavra para dar uma informação. Um orador e expositor por excelência era, na Antigüidade, o ator de teatro. Só raras vezes o termo era usado para uma pessoa falsa, fingida. No AT, por sua vez, *hypocritai* são sempre pessoas do povo de Deus que não são honestos diante dele e arrisgam, atrevidos, transgredir seus mandamentos. Levam uma vida mentirosa, com um nome espiritual. Esta contradição existencial é que o NT tem em mente com este termo.

<sup>i</sup> Outros bons manuscritos têm, em lugar de *teresete* (“para guardardes”), *stesete* (“para estabelecerdes”, NVIn). A decisão é difícil. Provavelmente a expressão corriqueira “guardar os mandamentos de Deus” fluíu para a pena de alguns copistas (com Aland).

<sup>j</sup> “seja punido de morte” é mais enfático que o simples “morra”, na maneira de falar do AT.

<sup>l</sup> A posição de “de seu pai ou de sua mãe” no fim da frase indica o horror.

### Observações preliminares

1. *Contexto e tema.* 7.1-23 é o segundo discurso longo em Marcos. Como o primeiro em 4.1-34 (cf. opr 1 a 4.1,2), ele é composto de palavras que Jesus pode ter dito em ocasiões diferentes: duas afirmações em relação aos fariseus e professores da lei (v. 1-8 e 9-13), uma pregação para a multidão (v. 14s) e uma porção de ensino dos discípulos (v. 17-23). A ligação entre estes trechos, portanto, não é necessariamente de tempo ou lugar, mas de conteúdo. A palavra-chave “puro e impuro” em relação aos três grupos de ouvintes efetua a união (v. 2,5,15,18,19,20,23). Por que razão, porém, este tema recebe tanto destaque? Assim como o primeiro discurso em 4.1-34 apontou para as três histórias de milagres que seguiram (cf. opr 2 a 4.35-41), também temos a mesma coisa aqui. O rompimento da barreira das prescrições sobre alimentos prepara as três revelações seguintes de Jesus em terras pagãs (7.24-30,31-37; 8.1-9). Podemos lembrar que também nos Atos a passagem decisiva para a missão aos pagãos teve seu caminho preparado por uma instrução divina sobre puro e impuro. Em Jope, Pedro recebeu uma lição detalhada, com o ponto culminante: “Ao que Deus purificou não consideres comum” (10.15). O quanto este passo foi importante para a primeira igreja pode-se ver na repetição detalhada no cap. 11 e a lembrança ainda no cap. 15.9-14. O problema deve ter sido renitente, pois migrou para a missão aos pagãos. Na Ásia Menor, o debate sobre puro e impuro se repete (Gl 2.11-21), e a questão é controversa também na Itália (Rm 14.14-20). Em Cl 2.16-23 ela igualmente é conhecida (cf. 1Tm 4.3; Tt 1.15; Hb 13.9; também opr 2 a 7.24-30). Estas linhas são uma advertência para nós, para não acharmos que nosso parágrafo é de somenos importância. O assunto em debate é essencial. A missão de Deus tem o preço de uma condenação

da religiosidade humana, que aqui é debatida no exemplo dos escribas judaicos. Paulo refletiu a fundo sobre estas coisas em **Rm 9–11**: “Pela sua (dos judeus) transgressão, veio a salvação aos gentios” (**Rm 11.11**). A condenação dos professores da lei também se vê no fato de que eles não recebem instruções libertadoras, como o povo e os discípulos. Isto não quer dizer que para eles não houvesse nenhum caminho para a vida. A linguagem do julgamento, por mais dura que seja, ainda é um chamado ao arrependimento.

2. *Tradição dos antigos*. “Tradição” (*paradosis*, Lutero: “preceitos”) é, neste caso, um termo técnico importante dos judeus para as regulamentações orais da Torá escrita de Moisés, que os escribas tinham produzido com o passar dos séculos e transmitido com uma dedicação inigualada de geração a geração. Só no fim do século II começaram a ser redigidas, levando à formação do Talmude – uma rede imensa de decisões racionais (cf. **p ex opr 3 a 2.23-28** e **opr 3** abaixo). Que todo este empreendimento era necessário, devemos reconhecer. A época de Moisés estava muito atrás no tempo e as circunstâncias da vida tinham mudado tanto que uma aplicação direta da Escritura muitas vezes não era mais possível. Esta “tradição dos antigos”, porém, começou a ter um peso cada vez maior no judaísmo, até ter mais valor que a própria Escritura (Bill. I, 691s). Começou com a atribuição da sua origem ao próprio Moisés. A Torá escrita não era mais antiga que a “transmissão” oral, Moisés só a manteve oculta no começo. No fim chegou-se ao ponto de dizer que o próprio Deus estava ocupado no céu recitando com movimentos da cabeça as sabedorias rabínicas (Bill. IV, 777). A “tradição dos antigos” tinha-se tornado o alicerce inatacável do judaísmo, e o farisaísmo era seu guardião especial.

3. *As leis cerimoniais judaicas*. Com a perda da independência política e a dispersão crescente entre outros povos, a preocupação de Israel de manter-se puro do paganismo tinha de tornar-se central. No topo da sua escala de valores não estava justo-injusto, mas puro-impuro. O **AT** tinha só relativamente poucas prescrições de pureza, limitadas acima de tudo aos sacerdotes e freqüentadores do culto no templo, mas seus princípios agora foram ampliados e estendidos a todo verdadeiro israelita. A idéia grandiosa, mesmo que equivocada, da santificação da vida diária de todo o povo passou a dominar os ânimos: “Vós me sereis reino de sacerdotes e nação santa” (**Êx 19.6**). P ex, cada refeição foi transformada em um culto com liturgia de louvor e ação de graças, e estava sujeita às exigências da pureza levítica. A palavra traduzida por “impuro” nos v. **2,5,25,18,20** (*koinos*) na verdade significa “comum”. O culto precisa destacar-se do que é comum, **p ex** não se podia usar as mãos em sua condição comum. Por isso cada refeição tinha de ser precedida pelo ritual da lavagem das mãos (cf. **Êx 30.19**). Em casas religiosas havia jarros de pedra preparados para a água da purificação, muito grandes (**Jo 2.6**), para não serem usados para fins comuns. Para a execução da ablução havia prescrições nos mínimos detalhes. Para segui-las sozinho corria-se o risco de deslocar algum membro, segurando o jarro entre os joelhos, inclinando-se para o lado e deixando a água escorrer sobre as mãos. Neste momento era importante observar que a mão já pura não fosse contaminada novamente pela que ainda não estava. A mão também não podia conter nada que cobrisse uma parte da pele e impedisse sua purificação. O melhor era ter um criado à mão, que ajudava a todos em volta da mesa, começando com o mais importante. Um macaco amestrado também podia ser treinado para isso. Um após outro deixava a água escorrer da ponta dos dedos até o pulso, virando a mão para que a água pingasse novamente da ponta dos dedos. As explicações complicadas sobre o tipo do utensílio, a posição das mãos ao derramar a água e como esta tinha que escorrer e ser recolhida só nos cansam. Entretanto, quem entre os judeus desprezasse a lavagem das mãos, era excluído do convívio e rebaixado à altura das prostitutas. Segundo uma explicação do ano 300, isto dava motivo para o cônjuge divorciar-se (Bill. I, 702s). Um rabino que foi encarcerado pelos romanos, em vez de beber a água que lhe traziam, preferiu usá-la para as abluções rituais, o que fez com que quase morresse de sede (Bill. I, 702).

4. *A disposição do corbã*. O judaísmo conhecia o juramento de retenção “corbã” (do hebr. “aquilo que foi oferecido, sacrificado”) em vários contextos (Bill. I, 711-717; Rengstorf, ThWNT 860ss). Ele era pronunciado quando alguma coisa devia assumir o caráter de uma oferta de sacrifício. É preciso prestar atenção: o objeto só assumia o caráter de sacrifício, mas não precisava ser realmente entregue no templo e sacrificado. O efeito prático era que o uso previsto originalmente não estava mais em cogitação. A limitação negativa, porém, ficava sem compensação positiva. Para compreender o uso deste juramento em desavenças familiares, só precisamos lembrar da dignidade que o 4º Mandamento tinha no judaísmo. Honrar pai e mãe na velhice significava, entre outras coisas, realmente “dar-lhe comida e bebida, roupa e cobertor, levá-lo e trazê-lo e lavar-lhe rosto, mãos e pés”. Havia regras específicas sobre a parte que deviam receber de cereais, vinho e dos demais rendimentos. Em troca, o filho herdaria o paraíso (Bill. I, 706s). Apesar disso, um filho podia subtrair-se a essas obrigações, sem perder a fama de fiel seguidor da lei nem ir para o inferno, desde que dissesse o juramento. Segundo **Nm 30.4**, porém, juramento é juramento. Em tom de lamento ele podia explicar então ao seu pai: “Eu gostaria muito de sustentar vocês mas, o senhor sabe, Deus tem preferência!” Podemos muito bem imaginar que uma coisa dessas já exacerbava os ânimos naquela época. Diante dos rabinos apareciam pais desesperados ou também filhos arrependidos para apresentar seu caso (cf. comentário).

5. *“todos os judeus” no v. 3*. Contra a explicação inserida nos v. **2b-4** tem sido levantado que o costume da lavagem ritual das mãos (ainda) não era geral (Lohmeyer, p 245; Haenchen, p 263). Em primeiro lugar, a existência do costume no século I está comprovada (Bill. I, 696; Pesch I, 371). O que se pode dizer sobre o

grau de aceitação? Com certeza Marcos sabia de amplas camadas da população judaica que não adotavam as prescrições dos fariseus e viviam à margem da lei. Os saduceus também não aceitavam a “tradição dos antigos”. Por outro lado, Marcos aqui também não está fazendo uma constatação aplicada a todos os membros da raça judaica. Nem uma vez ele ou os outros sinóticos chamaram a multidão em volta de Jesus de “judeus”. A palavra deve ser entendida aqui em seu contexto: “os fariseus e todos os judeus”, ou seja, todos os judeus que podiam ser mencionados junto com os fariseus, sentindo-se comprometidos com os ideais deles e viviam fiéis à lei. De fato, devemos acrescentar que o ideal dos fariseus e professores da lei cada vez mais representava o judaísmo naquela época. Neste sentido Marcos nos informa nos v. 2b-4 com precisão sobre uma parte da prática da lei no judaísmo.

- 1,2 Ora, reuniram-se a Jesus os fariseus e alguns escribas, vindos de Jerusalém.** Esta vinda da capital certamente tem um caráter oficial. As investigações no âmbito de um processo de cassação dos direitos ao ensino estão em andamento (cf. 2.6). **E, vendo que alguns dos discípulos dele comiam pão com as mãos impuras, isto é, por lavar** – a frase continua no v. 5. “Alguns dos seus discípulos” não deve ser forçado no sentido de que fosse uma exceção. De acordo com o v. 5, os investigadores estavam questionando todos os discípulos, em Lc 11.38 Jesus colocou estes rituais de lado também no que tange à sua pessoa. Ao alimentar a multidão no deserto em 6.41s e 8.6, ao tocar em doentes e ao comer na casa de cobradores de impostos, ele mostrou sempre de novo que não se impressionava com as prescrições dos fariseus (para detalhes, veja as notas à tradução e as opr). – No v. 2b já se manifesta o escritor que pensa em leitores cristãos que não são de origem judaica, não viviam em contato com judeus fiéis à lei e, por isso, não entendem o que está acontecendo. Para estes inserem-se mais algumas frases:
- 3,4 (Pois os fariseus e todos os judeus, observando a tradição dos anciãos, não comem sem lavar cuidadosamente as mãos; quando voltam da praça, não comem sem se aspergirem; e há muitas outras coisas que receberam para observar, como a lavagem de copos, jarros e vasos de metal [e camas]).** Além da parte informativa, pode-se perceber alguns outros detalhes. Duas vezes ouve-se a expressão quase autodestrutiva “não comem” – sob nenhuma circunstância. Antes morrer de fome! E quando comem, sua refeição é bastante trabalhosa. Marcos está evidenciando o que há de negação, de anti-humano nesta religião. Ele indica uma quantidade opressiva de determinações. É só um ratinho passar por um prato ou um osso cair numa bacia e já há um parágrafo que precisa ser observado. Enquanto celebra, cumpre e obedece, a pessoa suspira. Com isto o ato de comer está em contraste gritante com o banquete de Jesus com os 5.000 no deserto, do qual se falou há pouco (6.30-44; cf. parte final da opr 4 a 2.13-17).
- 5** Muitas pessoas na Palestina não se importavam com a pureza dos fariseus, sem que o Conselho Superior tomasse qualquer medida contra elas. Este caso, porém, era totalmente diferente. Este Jesus alegava estar falando como enviado de Deus, reunia seguidores, convocava todo o Israel à conversão e se baseava na Escritura para tanto. Além disso Jesus era religioso, mas diferente da religiosidade dos professores da lei. Esta era a questão chave. Eles não estavam interferindo por motivos formais, já que tinham a responsabilidade de zelar pelo ensino correto, mas porque compreendiam: ele ou nós? Jesus estava abalando os alicerces do judaísmo, a “tradição dos antigos”. **Interpelaram-no os fariseus e os escribas: Por que não andam os teus discípulos de conformidade com a tradição dos anciãos, mas comem com as mãos por lavar?** Não nos deixemos iludir pela forma da pergunta. Eles não estão pedindo uma informação, nem propondo um debate da questão. Eles exigem em tom inquisitório que ele se submeta à “tradição dos antigos”. Esta é a questão central – cinco vezes ela é mencionada nestes versículos. A lavagem ritual das mãos só serve de ensejo.
- 6,7** A resposta está na mesma altura. O ensejo externo pode ficar de lado. Então: Quem se curva a quem? Do lado de quem realmente está a Escritura, fazendo com que a religiosidade do outro na verdade seja apostasia? No v. 10 Jesus toma para si uma palavra da Torá de Moisés, aqui outra dos profetas (Is 23.13), requisitando para si toda a Escritura, para sair a campo contra eles: **Respondeu-lhes: Bem profetizou Isaías a respeito de vós, hipócritas, como está escrito: Este povo honra-me com os lábios, mas o seu coração está longe de mim. E em vão me adoram, ensinando doutrinas que são preceitos de homens.** Nenhuma variação do texto hebr. Ou da LXX sugerem que Jesus tenha usado aqui uma versão aramaica que não conhecemos (cf. 2.26). O sentido do que Jesus está lançando no rosto dos judeus é: A vocês falta exatamente o principal de todos os mandamentos. Vocês adoram a Deus em alto e bom som, mas só de boca e com o coração distanciado, não “de todo o coração” (cf. 12.30). Isto, porém, faz com que toda a religiosidade de vocês esteja construída sobre



areia! Em seguida, Jesus, com a palavra de Isaías, reforça a expressão. Ele não os acusa de insuficiência e superficialidade somente, mas de flagrante religiosidade contrária. Ele detecta desobediência consciente e distorção de conteúdo: vontade humana em lugar do mandamento de Deus. A única coisa que permite suportar este estado de coisas terrível é o fato de que ele representa cumprimento da Escritura. Deus vem também através dos vales. Assim, Jesus não se desvia do problema, mas o formula com todas as letras:

- 8 **Negligenciando o mandamento de Deus, guardais a tradição dos homens.** Neste ponto também fica claro por que ele os chamou de “hipócritas” no v. 6 (cf. v. 6n). Os judeus viviam em contradição interna. Por um lado eram povo de Deus, e queriam sê-lo. Só Deus deve reinar sobre eles. Também acreditavam que isto se concretizava quando eles seguiam suas tradições; tanto nas suas tradições como na Torá manifestava-se o *único* Deus (12.32). Mas Jesus pronuncia a condenação deles: Nas tradições de vocês Deus foi abandonado e a autoridade dos homens passou a vigorar.
- 9 Para uma acusação tão grave, Jesus não fica devendo a prova. “Jeitosamente”, no início da comprovação, é a mesma palavra que “bem” no v. 6, mas desta vez não é um elogio, pelo contrário, está cheia de tristeza amarga (cf. 2Co 11.4). De início Jesus repete o que disse no fim do v. 8. Ele quer a acusação de infidelidade e até hostilidade contra os mandamentos de Deus ilustrar. Com frequência Jesus se faz de defensor dos mandamentos (10.5,19; 12.28,31). **E disse-lhes ainda: Jeitosamente rejeitais o preceito de Deus para guardardes a vossa própria tradição.**
- 10 Como prova, Jesus seleciona textos ligados ao 4º Mandamento, citando-o antes, de acordo com Êx 20.12; 21.17; Lv 10.9; Dt 5.16: **Pois Moisés disse: Honra a teu pai e a tua mãe; e: Quem maldisser a seu pai ou a sua mãe seja punido de morte.**
- 11,12 Ao lado disso, ele coloca agora a prática vergonhosa dos professores da lei: **Vós, porém, dizeis: Se um homem disser a seu pai ou a sua mãe: Aquilo que poderias aproveitar de mim é Corbã, isto é, oferta para o Senhor, então, o dispensais de fazer qualquer coisa em favor de seu pai ou de sua mãe.** A opr 4 descreveu a instituição judaica do *corbã*. Em nosso contexto, os professores da lei são questionados como mestres (v. 7), não necessariamente como praticantes. O v. 12 também fala do que eles **dispensam** outros **de fazer**, não o que eles mesmos estivessem praticando em relação aos seus pais. Podemos, portanto, partir da suposição de que um caso difícil destes lhes tinha sido proposto para solução. Os implicados estão pedindo aos especialistas da lei que os liberassem do *corbã* e não permitissem que os pais ficassem sem sustento. Os sábios de Israel, contudo, se lembram de Nm 30.4 e começam: É preciso obedecer mais a Deus do que às pessoas, inclusive os pais queridos... É claro que eles sabiam que muitos juramentos eram imorais, mas eles estavam emaranhados em sua tradição que, uma vez “estabelecida” (v. 9,13), agora tinha de ser “guardada” (v. 3,5,9). Como a imagem de um ídolo ela reinava sobre eles e, protegida por ela – não quebrada pela Palavra de Deus – reinava a maldade do coração de muitos filhos e filhas. Certamente os professores da lei amalhavam para o seu sistema este ou aquele versículo, mas quem interpreta e põe a Escritura a seu serviço, contra o amor de Deus, está anulando a Palavra de Deus. Se Deus não existe mais *para* as pessoas, ele deixa de ser divino, para tornar-se um ídolo.
- 13 Pela terceira e última vez (v. 8,9,13) Jesus pronuncia uma acusação fulminante contra aqueles que se consideravam guardiões da Torá e se tinham colocado como juízes dele: **invalidando a palavra de Deus pela vossa própria tradição, que vós mesmos transmitistes; e fazeis muitas outras coisas semelhantes.** Na passagem paralela de Mt 15.13s, Jesus nega diretamente que a motivação deles tenha qualquer origem divina. Por isso Deus haveria de exterminá-los. A seus discípulos ele ordena que se separem radicalmente deles. No fundo da cena pode-se ver a figura do tentador para a apostasia de Dn 7.15, cuja principal característica é a anulação dos mandamentos de Deus. Emoção semelhante, à beira da explosão, constatamos no missionário Paulo quando encontra tendências judaizantes nas igrejas (Gl 1.6-9; 2.5,14; 3.1; 4.16-20; Fp 3.2). Legalismo e missões combinam como fogo e água.

## 5. Revelação do que é puro e impuro, 7.14-23

(Mt 15.10-20)

**Convocando ele, de novo, a multidão, disse-lhes: Ouvi-me, todos, e entendei.**

**Nada há fora do homem que, entrando nele, o possa contaminar; mas o que sai do homem é o que o contamina.**



- <sup>16</sup> [Se alguém tem ouvidos para ouvir, ouça.]<sup>a</sup>  
Quando entrou em casa, deixando a multidão, os seus discípulos o interrogaram acerca da parábola<sup>b</sup>.
- <sup>18</sup> Então, lhes disse: Assim vós também não entendeis? Não compreendeis que tudo o que de fora entra no homem não o pode contaminar, porque não lhe entra no coração, mas no ventre, e sai para lugar escuso? E, assim, considerou ele puros todos os alimentos<sup>c</sup>.
- E dizia: O que sai do homem, isso é o que o contamina.
- <sup>21</sup> Porque de dentro, do coração dos homens, é que procedem os maus desígnios<sup>d</sup>, a prostituição, os furtos, os homicídios, os adultérios,
- <sup>22</sup> a avareza, as malícias, o dolo, a lascívia, a inveja<sup>e</sup>, a blasfêmia, a soberba, a loucura.
- <sup>23</sup> Ora, todos estes males vêm de dentro e contaminam o homem.

### *Em relação à tradução*

<sup>a</sup> Este versículo é omitido nas edições da Bíblia mais recentes como não constando do original (BLH; BJ, NVI e BV fazem referência à dúvida em nota de rodapé). De fato, ele falta em alguns dos manuscritos antigos importantes, por outro lado, ele consta de textos muito antigos, como na versão síria. Além disso ele combina muito bem com o caráter do parágrafo.

<sup>b</sup> “Parábola” tem aqui o sentido bem geral de palavra enigmática, que requer uma reflexão especial (cf. 4.2n).

<sup>c</sup> Alguns expositores entendem esta última frase como parte da fala direta de Jesus, de modo que ele está expressando com sarcasmo que o intestino resolve todas as questões de pureza à sua maneira. P ex, a versão alemã Elberfelder (1974) traduz assim: “(O ventre) purificando todos os alimentos”. A despeito do fato de que *katharizein* requer uma tradução ativa, o aparelho digestivo não “purifica todos os alimentos”, no máximo, a pessoa dos alimentos. Por isso é melhor entender a frase como um comentário de Marcos, que ele insere a título de esclarecimento. O termo *katharizein* significa “purificar”, mas também “declarar puro” (p ex At 10.15).

<sup>d</sup> Na tradução não está claro, mas da relação de doze itens que se segue, os primeiros seis estão no plural.

<sup>e</sup> Lit. “olho maligno”: sentimentos de inveja e “olho gordo”.

### *Observações preliminares*

1. *Jesus e a lei*. Na primeira parte do longo trecho sobre puro e impuro (v. 1-13) Jesus condenou com determinação a “tradição dos antigos”, já que produzira preceitos que justificavam a transgressão de mandamentos divinos claros. Ao revelar esta contradição excludente, ele contestou diretamente o ensino dos rabinos de que Torá e tradição fluíram igualmente da boca de Moisés (opr 2 a 7.1-13). Neste trecho seguinte, Jesus parece ir mais um passo à frente para se colocar acima também da Torá, neste caso dos mandamentos de pureza. Lv 11 (cf. Dn 1.8) ensina com todo rigor que certos animais são impuros e não admissíveis como alimento. Sobre Jesus, porém, lemos no v. 19b: “Ele considerou puros todos os alimentos”. Assim, somos atraídos à conclusão de que Jesus cancelou também a Torá e a lei em geral, deixando só o amor no trono. “Ame e faça o que quiser!”, dizia o pai da igreja Agostinho. Isto soa bonito e empolgante. Mesmo assim, não podemos aceitá-lo sem mais nem menos. Nossas experiências com amor sem mandamentos nos advertem. O amor pode estar enganado, pode ferir e causar grandes sofrimentos. Especialmente Jesus não viveu como alguém que rompeu com todos os mandamentos mosaicos. Da mesma forma, aos que lhe pediam conselhos, Jesus recomendou os mandamentos. Os primeiros cristãos e também Paulo não o entenderam diferente. De modo nenhum Jesus foi um anti-Moisés. Em Jo 5.46 ele mesmo pôde dizer: “Se, de fato, crêsseis em Moisés, também creríeis em mim”.

A coisa parece ser complicada. João escreve numa mesma frase que Jesus deu um *novo* mandamento e não deu *nenhum* mandamento novo, só repetiu o antigo (1Jo 2.7s). Se um fato precisa ser descrito em termos tão contraditórios, é aconselhável tomar distância mais uma vez e procurar uma outra perspectiva. Deus é Deus e jamais dará outro mandamento à sua raça humana, porém o dará de outra maneira, mais clara: na época da salvação ele lhe dá uma nova relação com o mandamento. Isto consistirá em que a Torá será “inscrita no coração” das pessoas (Jr 31.31ss, Ez 11.19). O novo ser humano, sarado até o coração e formado de novo, também pertence a Deus e à sua vontade. Malícia e falsidade estarão como que apagados. Este novo nascimento, portanto, não acaba com a relação com a lei, antes a renova. A nova obediência não consiste mais “na caducidade da letra”, mas na “novidade de espírito” (Rm 7.6; 2Co 3.6). Assim, ela cumpre o sentido original da lei, que é espiritual (Rm 7.14). O que foi cancelado, portanto, é o homem velho, enquanto a lei antiga é “estabelecida” corretamente (Rm 3.31).

Esta perspectiva profético-apostólica é como que um reflexo do Jesus terreno. Fiquemos em Marcos. Jesus ensinava a mesma Torá que os escribas, mas não à maneira dos escribas (1.22). Era como se a Torá estivesse esperando por ele como um servo pelo seu senhor (2.28), para que este a implante corretamente, de acordo com suas especificações e tarefas. Diante de Jesus, portanto, a Torá desabrocha, suas tendências originais, sua verdade profunda e sua espiritualidade total se manifestam. Na presença do mestre da alegria (2.19), a Torá se torna o vinho novo que estoura o odres velhos (2.22) e evoca uma espiritualidade completamente diferente (2.18,22). Ao lado do benfeitor, também o sábado se torna verdadeiro e volta a fazer bem para ser humano (2.27; 3.4s). No embalo desta interpretação messiânica da Torá, cai por terra, *p ex*, o sentido exterior dos mandamentos de pureza de Lv 11, mas sem que haja arbitrariedade. É Jesus quem está reinando e, nele, finalmente de novo Deus. Este é o ponto central: não mais uma Torá sem dono, da qual qualquer um pode se apossar com quaisquer princípios (dos rabínicos até os esclarecidos), mas uma que nós deixamos ponto por ponto e momento a momento expor pelo Senhor da Torá. Obediência aos mandamentos, totalmente a serviço de Jesus! Deve-se observar que estamos no âmbito do ensino interno dos discípulos.

2. *Jesus e o Iluminismo*. Uma exposição que fica conscientemente na superfície encontra aqui uma prova espantosa de Iluminismo no seio do judaísmo. É a religião interior e da consciência que abre caminho; mas só isso. Isto já se sabia no Iluminismo, antigo e recente: que comida e bebida não são assuntos religiosos, e que diante de Deus só têm valor a atitude e expressão do coração. É claro que isto já é alguma coisa, comparado com a superstição escura. Quem gostaria de voltar a sério para antes destas conquistas! Só que isto causa certo desprezo pela interpretação do parágrafo. “Como esta argumentação é primitiva/racionalista” (no v. 15), suspira Haenchen, p 265. Schweizer também tem dificuldades evidentes para perceber aqui ainda uma mensagem genuinamente cristã. “Assim, encontramos aqui a posição do judaísmo liberal (helenista)...” (p 81; cf. p 82). Isto porque a todo “helenista esclarecido” as prescrições dos escribas teriam “parecido superstição” (p 81). A falta de sentido *p ex* da instituição do *corbã* “deve ser óbvia para todos” (p 82). “É destes círculos que a igreja deve ter adotado este argumento” (p 81s), “de modo bem racionalista” (p 82). De acordo com esta interpretação, aqui não fala a boca de Jesus, mas o espírito da época, adiantado para a situação do momento.

Antes de mais nada, queremos confirmar que o evangelho também (e não só!) tem relação positiva com o objeto do Iluminismo. Ele proporciona uma reflexão livre e libertadora, gosta do bom senso que não se deixa impressionar pelas excrescências da religião e, em termos gerais, promove um ambiente objetivo e humano. No que tange à interpretação deste parágrafo, porém, a posição mencionada deixa de ver detalhes decisivos. Certos sinais cristológicos nos v. 14,16,17 ficam sem aplicação, e relações essenciais entre os v. 14-16 e 17-23 se perdem.

- 14 **Convocando ele, de novo, a multidão, disse-lhes.** Várias vezes lemos sobre uma convocação solene por Jesus (cf. 3.13). Nenhuma vez ela é dirigida a adversários, cada vez ela declara os convocados um grupo de escolhidos que poderá receber um anúncio importante do reinado de Deus. Desta vez são os escribas do v. 1 que são deixados de fora, e a multidão sem nome é chamada. Os últimos se tornam primeiros. Que Jesus quer dizer algo baseado em sua majestade messiânica, já se vê em sua abertura: **Ouvi-me, todos!** Isto não é um “ei, pessoal, ouçam aqui!” sem importância, mas um chamado à atenção espiritual em uma direção específica. Uma “parábola” irá seguir, como em 4.3 (cf. opr 2 lá e aqui v. 17), uma revelação de verdades profundas e messiânicas. Agora que o reinado humano dos escribas foi condenado e quebrado (v. 1-13), Jesus proclama o reinado de Deus nos termos de uma libertação do jugo farisaico. A saída da falta de liberdade, porém, não é um passeio, pois só é possível seguindo a Jesus. Não existe liberdade verdadeira sem o libertador! **E entendei!** Este termo aparece muitas vezes com relação ao mistério da pessoa de Jesus. Deste modo, profundidades e escuridades entram em cena que, na verdade, só ficam bem esclarecidas na Páscoa. Em todo caso, uma interpretação que só leva em consideração o sentido direto das palavras não é suficiente.
- 15 **Nada há fora do homem que, entrando nele, o possa contaminar.** A declaração de Jesus sobre liberdade e pureza aqui ainda é dirigida aos mandamentos relativos a alimentos, ao que entra no ser humano pela boca, e não por olho ou orelha. De forma alguma o ser humano é profanado, impossibilitado da comunhão com Deus, por alimentos que ingere. Neste sentido o reinado de Deus elimina escrúpulos e edifica, em troca, sobre o solo da gratidão (1Tm 4.3s; Rm 14.6). Esta gratidão viva, por sua vez, impede que esta liberdade seja praticada sem escrúpulos (Rm 14.14ss). O iluminismo desprezível, a eliminação brutal de todos os mandamentos sobre alimentos, estava longe da intenção de Jesus e também de Paulo. Acima de tudo, os filhos do reinado de Deus são reconhecidos pelo contexto das suas palavras: **mas o que sai do homem é o que o contamina.** Palavras que ferem, caluniam e condenam, bem como palavras não verdadeiras e enganosas, não combinam com o reino de Deus e nos tornam inadequados para o serviço santo.

- 16 Se alguém tem ouvidos para ouvir, ouça!** A palavra de Jesus é, como a parábola em 4.4-9, emoldurada por um chamado de alerta. Isto freia uma aplicação muito apressada. Ele se revela somente aos que compreendem a Cristo e o seguem.
- 17 Quando entrou em casa, deixando a multidão, os seus discípulos o interrogaram acerca da parábola.** Como no v. 14 a convocação da multidão, assim aqui a entrada em uma casa, junto com os discípulos e “deixando a multidão”, tem forte sentido simbólico. As palavras seguintes pressupõem lealdade e orelhas de discípulos. Elas fazem parte da série de ensinamentos particulares para convertidos, não só esclarecidos (cf. 4.10). Em seus ensinamentos exclusivos aos discípulos Jesus não anunciava somente a chegada do reinado de Deus, como em público, mas especificamente seu mistério maravilhoso em sua pessoa. As passagens que acontecem em casas, portanto, sempre têm um conteúdo cristológico, e a indicação de lugar, nestes casos, substitui uma indicação de tema. Neste contexto também se inserem a pergunta dos discípulos que não entenderam nada e a noção de “parábola”, já que se trata de coisas que não são acessíveis a todos, e carecem de uma revelação especial.
- 18a Então, lhes disse: Assim vós também não entendeis** – como “os de fora” depois de 4.10-13? Mesmo assim Jesus não os rebaixa da sua posição especial. Exatamente esta censura deixa claro que ele esperava deles maior entendimento. Acima de tudo, ele não os deixa entregues à sua falta de entendimento, mas lhes concede uma instrução especial (4.34b).
- 18b,19a Não compreendeis que tudo o que de fora entra no homem não o pode contaminar, porque não lhe entra no coração, mas no ventre, e sai para lugar escuso?** A frase não parece ser nada além de um esclarecimento grosseiro para pessoas de compreensão lenta. Salta aos olhos, porém, a palavra-chave “coração”. Na passagem de Isaías citada no v. 6 ela tem um papel importante, e no v. 18a houve uma relação indireta com essa passagem, pois “compreender” e “não compreender” são, no pensamento bíblico, funções do coração. O coração não é tanto a sede de sentimentos românticos quanto da razão, da reflexão responsável. É o centro da vontade. O fato de não compreender revela um coração que se mantém à distância de Deus porque não quer Deus. Este conceito, portanto, é inserido aqui, para passar para o centro a partir do v. 20ss.
- 19b Assim, considerou ele puros todos os alimentos.** Marcos nos torna cômicos de um ato extraordinário de soberania. Nenhum homem pode declarar puro o que Moisés declarou impuro. O rei esclarecido Antíoco Epifânio tinha tentado, ordenando aos judeus que comessem carne de porco. Mas sua ordem ficou letra morta. Muitos judeus preferiram morrer a fazer uma coisa dessas (1Macabeus 1.62s; cf. 2Macabeus 7). Só o próprio Deus pode emitir uma declaração de pureza como esta e libertar as consciências (cf. At 10.9,15; 11.9). Ele pode encerrar a época de Moisés e dar uma nova época de presente. Jesus age aqui como este Deus.
- Trata-se, na verdade, da formação de uma cabeça-de-ponte a partir da qual há cada vez mais território a conquistar. Paulo, p ex, baseia-se especificamente em Jesus quando declara em termos bem gerais, em Rm 14.14: “*Nenhuma coisa é de si mesma impura!*” Como exemplo ele tratara, em 14.5, além dos alimentos, também das festas religiosas, para resumir no v. 17: “O reino de Deus não é comida nem bebida (também não sábado ou domingo), mas justiça, e paz, e alegria no Espírito Santo”. As pessoas devem viver novamente livres e usar livremente o que Deus lhes deu. Não foram só os primeiros discípulos, mas também todos os primeiros cristãos depois da Páscoa precisaram de tempo para digerir tantas mudanças, tanta liberdade, tanta salvação (cf. opr 1 a 7.1-13). Até hoje os cristãos acham que é cristão usar as coisas da criação com uma consciência pesada crônica, e não em gratidão alegre diante de Deus. Um pedaço de falta de salvação!
- Paulo, porém, não fala somente no sentido do iluminismo. Este se vangloria, apesar de refutado há muito e de muitas maneiras, de ser livre pela razão, de modo que, quem sabe, é salvo. Paulo, pelo contrário, falou, como acabamos de ler, neste contexto da dádiva maravilhosa do Espírito Santo e, com isso, da nova criação. É aqui que retomamos os v. 20-23. Eles giram em torno do coração humano, que nas profecias de salvação do AT tem um papel tão preponderante (Jr 31.31ss; 32.39; Ez 11.19s; 36.26s; cf. Sl 51.12). Os grandes temas da salvação escatológica, da recriação do coração pelo Espírito e da obediência livre transparecem só indiretamente em nossos versículos. Mesmo assim: o grande purificador já está dirigindo a atenção para o coração humano como verdadeira fonte das impurezas.

Esta perspectiva falta ao iluminismo. Aqui ele foi atingido por um otimismo cego. Jesus nos mostra inapelavelmente nossa necessidade de salvação e, deste modo, torna atuais as promessas de salvação de Deus.

**20-23** Primeiro, volta-se ao v. 15: **E dizia: O que sai do homem, isso é o que o contamina.** O fato de a idéia retornar uma terceira vez no v. 23 mostra um interesse decidido da parte de Jesus em mostrar que, quando diz que os males vêm “de dentro” do homem, ele não está investindo contra malvados notórios, mas pensa em nós todos. Primeiro ele esclarece o que significa “de dentro do homem”: **Porque de dentro, do coração.** Trata-se do ser humano como tal. Já ali, no coração, o mal o ataca, não só depois, com alimentos e coisas. Já ali, na decisão fundamental, ele se alia ao mal e se torna parceiro de diversões de paixões e desvios egoístas. Nós não *agimos* com maldade depois de apertados, empurrados, atraídos de fora, antes, “sois maus”, diz o Senhor (Mt 12.34). “Maus” tem o sentido de dissonância gritante, de degeneração, comparada com a condição normal. Em nossa essência fomos criados para a dignidade, mas na verdade só produzimos todas as coisas feias imagináveis: **Procedem os maus desígnios**, que tomam posse dos olhos, das orelhas, das palavras, das mãos e dos pés, criando assim fatos da falta de liberdade e de pureza: **a prostituição, os furtos, os homicídios, os adultérios, a avareza, as malícias, o dolo, a lascívia, a inveja, a blasfêmia, a soberba, a loucura.** Aqui está o problema: enquanto nós revolucionamos, reformamos e disciplinamos furiosamente, nosso coração continua longe de Deus e do nosso próximo. O fato de passarmos tão ao largo do problema, apesar de ele se manifestar de modo tão imediato e irrefutável, pode ser um sintoma da nossa negação irada e do desespero secreto. Praticamente tudo podemos mudar, só não o coração errado e incapaz de alcançar-se a Deus. Não há quantidade de água que ajude, o muito lavar de mãos não fará o coração servir a Deus. Mas o fato de Jesus abordar este tema de modo tão franco é um sinal da sua autoridade transformadora: **Ora, todos estes males vêm de dentro e contaminam o homem.**

## 6. Jesus atende a mulher siro-fenícia, 7.24-30

(Mt 15.21-28)

**Levantando-se, partiu dali para as terras de Tiro [e Sidom]. Tendo entrado numa casa, queria que ninguém o soubesse; no entanto, não pôde ocultar-se, porque uma mulher, cuja filhinha estava possuída de espírito imundo, tendo ouvido a respeito dele, veio e prostrou-se-lhe aos pés.**

**Esta mulher era grega, de origem siro-fenícia<sup>a</sup>, e rogava-lhe que expelisse de sua filha o demônio<sup>b</sup>.**

**Mas Jesus lhe disse: Deixa primeiro que se fartem os filhos, porque não é bom<sup>c</sup> tomar o pão dos filhos e lançá-lo aos cachorrinhos.**

**Ela, porém, lhe respondeu<sup>d</sup>: Sim<sup>e</sup>, Senhor; mas os cachorrinhos, debaixo da mesa<sup>f</sup>, comem das migalhas das crianças<sup>g</sup>.**

**Então, lhe disse: Por causa desta palavra, podes ir; o demônio já saiu de tua filha.**

**Voltando ela para casa, achou a menina sobre<sup>h</sup> a cama, pois o demônio a deixara.**

### *Em relação à tradução*

<sup>a</sup> A antiga cidade fenícia de Tiro tinha fundado numerosas povoações em volta do Mediterrâneo, **p** ex a Libofenícia, ou seja, a região de Cartago, na Líbia (nome grego para a África). Marcos, porém, distingue especificamente a Sirofenícia (Tiro fazia parte da província romana da Síria) da Libofenícia, que era mais conhecida e mais próxima dos seus leitores. **Mt 15.22** usa para a mulher a identificação popular “cananéia”, do **AT**.

<sup>b</sup> No v. **25** o narrador judaico fala de “espírito imundo”, a mulher grega fala de “demônio” (cf. **29s** e **1.23n**).

<sup>c</sup> Como geralmente, também aqui *kalos* é mais do que um juízo estético, ou seja, aquilo que agrada a Deus (cf. especialmente **9.42**).

<sup>d</sup> “E disse”: a introdução dupla e especialmente o tempo presente, só aqui na história, destaca a importância da frase que segue.

<sup>e</sup> Os manuscritos mais antigos têm este “sim”. Mesmo assim ele parece ter sido importado de **Mt 15.27**, pois quando, em 1930, os famosos papiros *Chester-Beatty* foram publicados, que são pelo menos um século

mais antigos que os manuscritos mais antigos até então, apareceu um texto sem este acréscimo. A bem da verdade, o “sim” se encaixa bem no sentido.

<sup>f</sup> As mesas são comuns na Palestina: para as refeições comuns elas tinham pernas altas, porque as pessoas se sentavam à mesa, para os banquetes elas eram baixas, e as pessoas deitavam à sua volta.

<sup>g</sup> A mãe, diferente de Jesus no v. 27, usa uma forma diminutiva (*paidion*, no v. 30 retomada pelo narrador). Isto resulta em um certo paralelo entre criança e cachorrinho.

<sup>h</sup> Caso esteja em vista aqui o sentido básico de *ballesthai*, ser arremessado com violência, então o demônio sacudiu a criança mais uma vez ao sair (cf. 9.22,26), de modo que ela estava prostrada, mas liberta.

### Observações preliminares

1. *Contexto.* Assim como em At 10.15 uma declaração soberana de pureza abriu o caminho para a missão aos pagãos, também aqui segue ao v. 19b uma história destacadamente da missão entre os pagãos. A cidade de Tiro era sinônima de paganismo, mal-afamada desde os tempos do AT, já que desta região vinha a rainha Jezabel, que seduziu Israel para a idolatria. É digno de nota que novamente se fala de comida, e nem a palavra-chave “impuro” falta (v. 25). É evidente que a criança encarna o paganismo “impuro”. Ela como pessoa fica totalmente em segundo plano, diferente da filha em 5.23,41,42 e do menino em 9.17,18,21,22,25-27. A circunstância de uma cura à distância também deve ser levada em consideração (a outra cura à distância nos evangelhos também aconteceu com um pagão, Mt 8.13). Ela nos lembra um Deus distante, que é tão grande que não se pode vir a ele, crer e pedir por si. Jesus, contudo, alcança também os que estão perdidos nas trevas mais distantes. Para o significado programático do exorcismo, cf. opr 4 a 1.21-28.

2. *A “impureza” do paganismo.* A opr 1 a 7.1-13 já indicou a relação entre missão aos pagãos e o tema da pureza. Como as prescrições dos rabinos quanto à pureza penetravam até os detalhes mais comuns do dia-a-dia, o convívio de judeus piedosos com pagãos se tornava bastante insuportável, pois tinha de levar a ofensas constantes. A própria terra pagã era considerada impura (cf. 6.11), bem como as casas dos pagãos (Jo 18.28), as refeições pagãs ainda mais; convivas judeus só comiam o que tinham trazido consigo (Bill. IV, 374). A visita de um pagão, por sua vez, tornava impura a casa do judeu, pois os pagãos estavam à altura dos adúlteros. Uma simples conversa com um pagão era algo problemático, pois por um acaso a saliva do pagão podia atingir o judeu. Para os pagãos não havia salvação, com raras exceções; eles eram considerados o recheio do inferno (Bill. IV, 1180). Deste modo, entre judeus fiéis à lei e pagãos não só o convívio social se tornava quase impossível, mas também o amor ao próximo. O trabalho missionário, contudo, como Deus o deseja, é uma forma de amor ao próximo. Por isso o cancelamento de rituais de pureza que transgridem contra o amor é decisivo para a missão cristã.

3. *Os pagãos como “cães”.* Alguns leitores da Bíblia podem estranhar que Jesus tenha incluído este termo na conversa com a mulher que pede sua ajuda. Mas o termo já soa menos forte se levamos em consideração que, na Antigüidade, ele era usado em termos gerais para pessoas que pensavam diferente. É preciso prestar especial atenção à diferença entre “cachorrinho”, como a tradição traz corretamente (v. 27,28; Mt 15.26,27) e “cão”. “Cachorrinho” não é o cão vadio que ninguém alimentava e que vivia de animais mortos, como os chacais (1Rs 14.11; 16.4; 21.19,24; 22.38; Lc 16.21). Por isso ele também era tido por duplamente impuro. Este as pessoas desprezavam, ameaçavam, enxotavam e maltratavam. Seria impossível tolerá-lo na hora da refeição. O “cachorrinho” era diferente. Ele vivia como uma criança em casa. Com este as pessoas brincavam, tomavam-no no colo, permitiam-no por perto na hora da refeição. É claro que a relação com “cão” não pode ser negada, mas o tom terno deve ser percebido.

24 [Mas] **Levantando-se, partiu dali para as terras de Tiro [e Sidom].** Raramente Marcos começa um parágrafo com “mas”. Evidentemente ele quer destacar a mudança de local e o novo começo em si (cf. a frase semelhante em 10.1). Pela primeira vez, Jesus penetra (diferente de 5.1ss) profundamente em uma região que não é judaica. Ele pisa em terra pagã clássica. **Partiu** não tem sentido secundário, mas espelha um rompimento sério. Mt 15.21 confirma: Jesus “retirou-se” pela fronteira norte, forçosamente. Ele não está mais seguro em casa. A Galiléia o rejeitou. Mas a sequência mostrará que, ao deixar o território judeu, ele não deixa sua missão para com Israel. **Tendo entrado numa casa:** no exterior ele não procurou os estrangeiros, só um lugar para se esconder. Entre os pagãos, ele não passou para o paganismo. “Irá, porventura, para a Dispersão entre os gregos?”, perguntam os judeus em Jo 7.35. Sua pergunta dá a entender que esta possibilidade foi cogitada. Jesus, porém, não entrou na cidade, não tinha vindo como pregador e não procurou adeptos.

O propósito da narrativa é tão importante para Marcos que ele pode omitir todo o resto: o local exato da casa, o dono da casa, como se conheceram (cf. 3.8), a companhia dos discípulos. Nossa interpretação se confirma: **queria que ninguém o soubesse** (que ele estava ali). Ele não queria, assim como ninguém quer um perigo ou um ato de desobediência. Ele rebateu a tentação satânica de



fazer sucesso no exterior, em vez de ser fiel ao seu povo, apesar de expulso. A este desejo forte de não querer corresponde no v. 27 a recusa grosseira. **No entanto, não pôde ocultar-se.** Repete-se o mesmo processo estranho de 1.45; 3.7; 6.31; 7.36. O anonimato não se mantém por muito tempo. Quando ele concorda com sua profunda insignificância, no sentido de andar fielmente pela trilha da rejeição, lampeja a sua grandeza. Isto não pode ser diferente. Marcos, portanto, não diz que Jesus não se escondeu bem, mas quer chamar nossa atenção para detalhes espirituais.

- 25 Porque uma mulher, tendo ouvido a respeito dele,** é outra frase típica de Marcos (cf. 1.10n). O próprio Deus cria este elemento surpresa. **Cuja filhinha estava possessa de espírito imundo.** Ela não está em vista aqui como destino isolado, antes representa o paganismo (opr 1). Só a mãe é identificada no v. 26. **Ouvir** é uma palavra-chave na missão entre os pagãos (Rm 10.14-17). Ela cria todas as possibilidades: vir (3.8; 5.27), ajoelhar-se em entrega total (1.40; 3.11; 5.33; 10.17) e ser atendido. **Ela veio e prostrou-se-lhe aos pés.**
- 26** Marcos interrompe a narrativa para dar detalhes da pessoa. Raramente faltam dados pessoais de pessoas cujas declarações têm valor de testemunha. **Esta mulher era grega.** “Grego” no NT muitas vezes é o contrário de “judeu” e abrange todo o paganismo civilizado. Esta mulher, portanto, de acordo com sua língua, cultura e religião, faz parte da classe pagã superior na Fenícia. Depois se menciona seu povo, para deixar claro que ela não é uma judia de fala grega: **de origem siro-fenícia.** Agora o v. 25 pode continuar: **e rogava-lhe que expelisse de sua filha o demônio.**
- 27 Mas Jesus lhe disse: Deixa primeiro que se fartem os filhos, porque não é bom tomar o pão dos filhos e lançá-lo aos cachorrinhos.** Os cachorrinhos fazem parte da casa, mas a preferência no tempo – para isto deve-se chamar humildemente a atenção – é dos filhos. A resposta figurada é óbvia: o envio de Jesus, como doador do pão, é **primeiro** para os judeus, apesar da rejeição e até da morte por este povo. Só depois ele se ampliará para a chegada dos “muitos” de 10.45; 14.24 (cf. Lc 12.49s; Jo 12.24). Jesus não quer começar sua atuação entre os povos por conta própria (Mt 10.5,23). Apesar de não tratar a mãe de forma alguma “como uma cadela”, ele está dizendo um Não objetivo, sem iludir, sem manipulação psicológica para despertar sua fé. A rudeza (especialmente em Mt 15.23) se explica pela tentação deduzida do v. 24. Depois da desarmonia com seu povo, Jesus encara uma tentação real e se livra dela.
- 28** A resposta da mulher chama a atenção, já pela forma da sua introdução: **Ela, porém, lhe respondeu: Sim, Senhor.** É difícil de saber se “Senhor” na boca da mulher testifica do milagre da fé e tem profundidade cristológica. Em termos gerais, esta saudação, acompanhada da posição de joelhos, era possível diante de autoridades de alta posição. Mas o fato de se tratar da única saudação desse tipo em nosso livro e que estava dirigida a um fugitivo sem poder, deixa entrever que ela se curva à majestade espiritual de Jesus. Por isso a mulher também não vai embora, xingando contrariada. Apesar da recusa, o mistério da sua pessoa a cativou. Ela continua de joelhos, ainda mais agora. **Mas os cachorrinhos, debaixo da mesa, comem das migalhas das crianças.** Ela encontra outra saída para a comparação dele, com a qual ele não contava. Ela encontra, para os que comem à mesa do pai, além da seqüência – primeiro as criancinhas, depois os cachorrinhos – ainda um lugar ao lado. Os judeus, naquela época, comiam tudo com os dedos. De vez em quando quebravam um pedaço de pão para enxugar com ele os dedos melecados e grudentos. Estas “migalhas” eram jogadas debaixo da mesa, onde os cachorrinhos as apanhavam (Bill. IV, 625; J. Jeremias, Theologie, p 162). Completamente alimentados eles eram só mais tarde.
- É destas migalhas que a mãe lembra o Senhor – aceitando totalmente a lógica dele. Deste modo, ele fica com razão e ela é atendida. Podemos ficar maravilhados com sua imaginação, como ela aproveita a sua oportunidade como o cachorrinho apanha a migalha no ar; podemos louvar sua firmeza para receber e sua espontaneidade – seja como for, tudo aqui flui da percepção do seu senhorio. Esta mulher com certeza não entendeu tudo, mas sim o que é decisivo: Jesus veio como a prontidão poderosa de Deus para ajudar. Por isso importava segurá-lo, sob qualquer circunstância. Ele ajuda; portanto, eu oro. Segundo Mt 15.28, foi por isso que Jesus falou da sua “grande fé”. Esta fé sabe as duas coisas: eu não tenho direitos, mas há esperança para mim. Com isto a salvação já foi compreendida como “graça imerecida”, como fórmula mais tarde o apóstolo aos pagãos (Rm 3.24).
- 29 Então, lhe disse: Por causa desta palavra, podes ir.** Haenchen (p 274) pensa que a resposta rápida recarregou a força mágica de Jesus, que se esgotara. No entanto, não importava vencer seu cansaço, mas sua recusa objetiva. O que venceu sua recusa não foi a mulher em si, mas especificamente sua “palavra” como grandeza separada. A mulher serviu de profetiza contra a sua

vontade, como a outra em 14.8,9. A palavra dela se tornou inspiração para ele, um toque do próprio Deus. Agora ele podia ajudar dentro da sua missão, e não contra ela. Com a despedida solene, com a qual ele a abençoa para o novo cotidiano (2.11; 5.34; 10.52), ele lhe garante que ela foi atendida: **O demônio já saiu de tua filha.**

**30 Voltando ela para casa, achou a menina sobre a cama, pois o demônio a deixara.** “Achar” não tem aqui nem a idéia de acaso nem de esforço. É certificação e emoção jubilosa. A criança que se recupera, e não se contorce mais em ataques no chão, é como um presente do céu para ela. Ela encontra Deus (cf. 1Rs 17.24).

Ela serve de exemplo de como, “pela sua (dos judeus) transgressão, veio a salvação aos gentios” (Rm 11.11).

## 7. A cura do surdo-mudo na Decápolis, 7.31-37

(cf. Mt 15.29-31)

**31 De novo, se retirou das terras de Tiro e foi por Sidom até<sup>a</sup> ao mar da Galiléia<sup>b</sup>, através do território de Decápolis<sup>c</sup>.**

**Então, lhe trouxeram um surdo e gago<sup>d</sup> e lhe suplicaram que impusesse as mãos sobre ele. Jesus, tirando-o da multidão, à parte, pôs-lhe<sup>e</sup> os dedos nos ouvidos e lhe tocou a língua com saliva<sup>f</sup>;**

**depois, erguendo os olhos ao céu, suspirou e disse: Efatá!<sup>g</sup>, que quer dizer: Abre-te!<sup>h</sup>**

**35 Abriram-se-lhe os ouvidos<sup>i</sup>, e logo se lhe soltou o empecilho da língua, e falava desembaraçadamente.**

**Mas lhes ordenou<sup>j</sup> que a ninguém o dissessem; contudo, quanto mais recomendava, tanto mais eles o divulgavam.**

**Maravilhavam-se sobremaneira, dizendo: Tudo ele tem feito esplendidamente bem; não somente faz ouvir os surdos, como falar os mudos.**

### *Em relação à tradução*

<sup>a</sup> O texto dá idéia de direção; Jesus vem de longe em direção ao lago da Galiléia, sem aproximar-se da sua margem.

<sup>b</sup> “da Galiléia” mostra que Marcos estava ciente da possível confusão com o mar Mediterrâneo.

<sup>c</sup> cf. 5.20n.

<sup>d</sup> Esta palavra muito rara também pode ser traduzida por “mudo”. Aqui, porém, recomenda-se o sentido original: dificuldade para falar, mas não impossibilidade (cf. v. 35 e Is 35.5s).

<sup>e</sup> Para o verbo, cf. 7.30n: o movimento é enérgico. Ele enfiou seu dedo nas orelhas fechadas.

<sup>f</sup> Um manuscrito especifica que Jesus cuspiu em seus dedos, para então tocar a língua do gago com saliva.

<sup>g</sup> Provavelmente aramaico.

<sup>h</sup> Diferente do v. 35, aqui está a forma mais intensiva do verbo.

<sup>i</sup> A palavra aqui não é *ous*, orelha, concha exterior, como no v. 33, mas o plural de *akoe*, que destaca a função de ouvir, o sentido da audição.

<sup>j</sup> O termo *diastellesthai* é usado já na LXX quase só para Deus, e Marcos o reserva para Jesus (5.43; 7.36; 8.15; 9.6). Trata-se de uma instrução com autoridade divina e razão divina, que nem sempre são óbvias para as pessoas. A ordem de guardar silêncio também pode ser expressa com *epitiman* (3.12; 8.30,33; cf. 1.25), um termo que, porém, não é usado exclusivamente para Jesus (8.32; 10.13,48) e já tem a oposição em vista. Em outros contextos a ordem de Jesus está como *epitassese* (1.27; 6.39; 9.25: de Herodes 6.27) ou *parangellesthai* (6.8; 8.6).

### *Observações preliminares*

1. *Contexto e tema.* Com a introdução, Marcos une esta história com a anterior, a volta que Jesus deu fora da terra judaica, mostrando agora a outra ponta do grande arco de terras pagãs que cerca Israel (cf. v. 31), de modo que, com estas histórias, temos começo e fim diante de nós. Os dois milagres são exemplos marcantes da revelação preliminar de Jesus entre os pagãos. Estranha-nos como a narrativa é incompleta. De um lado só “ele” (Jesus), do outro só “eles” – difuso, podendo ser os que cuidavam do surdo, os espectadores ou os discípulos. Todo o acontecimento parece ser fragmentário. Este estilo tem sua razão: no meio está o pagão surdo-mudo, com a descrição acurada da sua condição e da sua mudança. Novamente, ele não nos ocupa como

indivíduo, pois faltam todos os dados pessoais e também o conteúdo do que ele diz. Antes, ele serve de modelo para o paganismo em sua desesperança e promessa. A perspectiva que vê no evento histórico a aplicação geral também pode ser detectada nas falas destacadas. Formuladas com termos exatos e quase rítmicos (com exceção dos v. 31,36), temos cinco frases divididas em três partes de tamanho quase igual. As frases 1 e 5 falam dos espectadores, a frase 2 narra o preparo em três partes, a frase 3 a ação tríplice de Jesus e a frase 4 a cura tríplice. Bem no meio está radiante o *efatá*. Uma experiência individual se torna em mensagem, e este homem anônimo se torna símbolo de que as pessoas mais fechadas também são candidatos ao mundo novo, em que Deus é louvado sem limites. Resulta disto a possibilidade de uma aplicação alegórica ampla.

2. *Comparação histórico-religiosa*. Nossa história apresenta numerosos pontos de contato com a medicina caseira e taumaturgia antiga: tocar o local enfermo, usar a saliva como remédio, olhar para o céu para receber poder, suspirar como sinal de que o recebeu e manter as fórmulas em segredo (Kertelge, p 158; Bill. II, 15ss). Realmente, a ação de Jesus combinou com sua época. Como verdadeiro homem ele era filho da sua época, “em semelhança de homens e reconhecido em figura humana” (Fp 2.7). Em todas as épocas foram traçados paralelos e Jesus foi confundido não poucas vezes, naquele tempo com um rabino, mágico, profeta ou zelote, hoje em dia com um psiquiatra, idealista ou socialista. Mesmo correndo este perigo, enaltecemos mal nosso Senhor se omitimos sua condição terrena em nossas pregações e nossa fé. A interpretação não pode dar-se a este luxo. Ela deve preservar estes testemunhos preciosos. Por outro lado, estes paralelos são atravessados e as comparações são destruídas por diferenças essenciais. Estas diferenças não são só de grau mas também de qualidade, justificadas somente por uma explicação cristológica.

- 31 De novo, se retirou das terras de Tiro e foi por Sidom até ao mar da Galiléia, através do território de Decápolis.** Jesus passou várias vezes perto do território de cidades pagãs, porém sem entrar nelas (5.1; 7.24; 8.27). Isto vale também para Sidom. O nome pode aplicar-se também à região. De modo que Jesus se dirige para o interior, a partir do norte, sem deter-se em nenhum lugar; contorna, ao que parece, a região governada pelo herodiano Filipe, para chegar ao lago da Galiléia, mas continuando em região pagã, na Decápolis. Assim, ele se aproxima do lago a partir do sudeste. A volta que ele dá é bastante lógica para alguém que precisa evitar terras judaicas ou governadas por judeus, onde é procurado (cf. v. 24).
- 32 Então, lhe trouxeram um surdo e gago e lhe suplicaram que impusesse as mãos sobre ele.** Na cultura popular, esperava-se a cura pela imposição de mãos (cf. 5.23). Ocasionalmente relata-se imposições de mãos ou toques também de Jesus (1.41; 6.5; 8.23,25; cf. 1.31; 5.41; 9.27). Aqui falta, na descrição detalhada do processo de cura, o gesto em si. Em numerosos outros casos, Jesus ajudou sem impor as mãos. Ele não dependia disto, pois para ele não havia a necessidade de contato para a transferência de poder, e o gesto podia ser substituído por outros (cf. 16.18).
- Em toda a Bíblia, só esta passagem e Is 35.6 (LXX) tratam de alguém que fala com dificuldade. Por este motivo, nosso versículo certamente está permeado desta promessa maravilhosa. No v. 37 a relação fica bem visível. Um deficiente da fala, que tenta em vão comunicar-se com sons guturais, chama mais a atenção para sua miséria do que alguém que é totalmente mudo. Esta revolta contra o isolamento, ao ponto do desespero, descreve aqui a humanidade que sofre, o paganismo especificamente (cf. opr 1). Poderes quaisquer bloquearam orelhas e boca. As portas para o próximo e também para o Todo-Poderoso, seu criador, estão totalmente trancadas. Esforços para conversar e para orar, em vez de aproximar só revelam muros à prova de som. O pior nestes muros é que, além de não se ser ouvido, ouve-se somente a si mesmo. Isto arrasa. Nós seres humanos acabamos conosco mesmos de tanto falar sem ouvir e sem sermos ouvidos. Uma ruína destas, em pequena escala, é empurrada agora para a frente de Jesus.
- 33 Jesus, tirando-o da multidão, à parte –** Jesus tira este homem energicamente do “palco”, ao contrário de curandeiros modernos que puxam os doentes para o palco para exhibir-se com supostos milagres, mas também contra seu próprio costume, pois muitas vezes tinha curado no meio da multidão, sem problemas. Com certeza é o caso especial que explica sua atitude aqui (e em 8.23). Não é possível organizar-se com algum esquema, com os evangelistas. Pelo menos aqui Jesus não tem utilidade para a inimaginável algazarra oriental. Cercado de pessoas que incentivam ou zombam, discutem ou comentam, ele poderia até pronunciar sua palavra de autoridade, mas não fazer o que aqui era necessário. **Pôs-lhe os dedos nos ouvidos e lhe tocou a língua com saliva.** Esta segunda e terceira medidas tinham o objetivo de estabelecer um contato pessoal com este homem excluído e fechado, talvez já embrutecido. Ele o tomou pelo braço, colocou-o sem mais delongas à sua frente, enfiou-lhe sensivelmente os dedos nas orelhas, efetuou o gesto visível de cuspir e despertou nele um

sentido claro na língua. Penetrou na sua consciência por todos os portões, estabeleceu contato com ele e lhe transmitiu: Eu vou curar você! Depois de abrir caminho para a alma, o acesso à pessoa toda viria em seguida.

- 34 Depois, erguendo os olhos ao céu, suspirou.** Seguido pelos olhos do surdo-mudo, Jesus orou e assim deu-se a conhecer como alguém que age de Deus, com Deus e para Deus. Para o gesto de oração (com Joh. Schneider, ThWNT VII, 603), compare os comentários sobre 6.41; também Jo 11.41s. Equiparar com os mágicos da sua época este que aqui ora é realmente motivo para suspirar. O suspiro também é evidência de alguém que sofre. O isolamento imenso deste homem afetou o próprio Jesus, e ele leva isto em oração para a onipotência de Deus. A cura em si aconteceu pela palavra criadora de Jesus – como se o próprio Deus falasse. **E disse: Efatá!, que quer dizer: Abre-te!** Quem faz deste som aramaico uma fórmula estranha e obscura, que Jesus, como os curandeiros da época, pronunciou contra um demônio e depois conservou em segredo, pelo menos não tem Marcos ao seu lado. Segundo o evangelista, a expressão era compreensível. O fato de ele traduzi-la demonstra interesse na compreensão. Além disso, o termo não foi dito a um demônio, mas a uma pessoa. Este fato depõe contra a idéia de que houve um exorcismo. Sobre a manutenção da palavra original, apesar da tradução, veja 5.41. Talvez a expressão aramaica também permaneceu devido às suas qualidades sonoras e pitorescas. Ela consiste de uma série de sons expirados, abrindo-se para o fim. Deste modo, ele pode representar o sopro do Espírito Santo, este ato expirado mas tão poderoso que abre tudo o que existe (Gn 1.2).

O leitor da Bíblia recorda o poder de Deus para abrir. Ele abre a boca do ser humano, os olhos, as orelhas, o ventre, a prisão, o coração, a fé, a Escritura, a porta missionária e a da oração. Ele abre o céu e os sepulcros.

- 35 Abriram-se-lhe os ouvidos, e logo se lhe soltou o empecilho da língua, e falava desembaraçadamente.** Certamente ele também falou coisas certas, mas aqui a ênfase está na fluência e clareza das suas palavras. A imagem de Deus foi restabelecida. Normal de novo – que benefício para ele e seus companheiros.
- 36** Quem são “eles”, na sequência? Certamente são as testemunhas da cura, em seu sentido messiânico, segundo Is 35.5s. A multidão não fazia parte, pois dela Jesus tinha se separado no v. 33. No evangelho de Marcos, porém, ele repartiu esta separação sempre de novo com seus seguidores. Estes estão em vista aqui.

**Mas lhes ordenou que a ninguém o dissessem.** Isto é realmente estranho. O que é novo é imediatamente fechado outra vez. Mas prestemos atenção: o novo que é messiânico nesta capacidade é o falar direito do que fora surdo-mudo! Não o falar em si, não a cura em si, não aquele que curou, mas o segredo da sua pessoa, de que ele é o ungido de Deus: isto é o que ainda devia ficar oculto. Quanto aos motivos, veja as explicações sobre 1.34,44; 3.11s; 5.43. Por mais difíceis de entender que sejam estas frases curtas, estas ordens de silêncio, tão comentadas, aplicam-se ao mistério da pessoa de Jesus, não às suas curas. Marcos não estava tão fora do mundo a ponto de achar que manter segredo sobre os milagres de Jesus fosse possível. Ele também não achou que seus leitores estivessem fora do mundo, para entender assim os seus relatos.

**Contudo, quanto mais recomendava, tanto mais eles o divulgavam.** Os transgressores da ordem de guardar segredo nunca são tachados de maus por Marcos, pois era parte essencial da glória oculta de Jesus que ela *tinha* de ficar manifesta. Esta glória era inacessível nenhum recipiente terreno poderia impedir seu brilho e impacto. As paredes do coração dos discípulos eram fracas demais para reter a maravilha e a bondade de Deus. Ela explodia neles:

- 37 Maravilhavam-se sobremaneira, dizendo: Tudo ele tem feito esplendidamente bem; não somente faz ouvir os surdos, como falar os mudos.** Nós não os elevamos a pessoas que já tivessem compreendido toda a cristologia. Mas eles entenderam coisas essenciais. Para eles, sobre este rejeitado já raia o louvor da criação de Gn 1.31. Seus sofrimentos evidentemente são instrumentos de Deus para consertar e aperfeiçoar a criação. “Eis o vosso Deus; [...] ele vem e vos salvará”, é a introdução da promessa de visão para os cegos e de fala para os mudos em Is 35.4-6. Assim, “através do território da Decápolis” (v. 31) irrompe o júbilo da salvação, enquanto Israel está encoberto. Os últimos serão os primeiros.

## 8. A alimentação dos quatro mil no deserto, 8.1-10

(Mt 15.32-39)

**Naqueles dias, quando outra vez se reuniu grande multidão, e não tendo eles o que comer, chamou Jesus os discípulos e lhes disse:**

**Tenho compaixão desta gente, porque há três dias que permanecem comigo e não têm o que comer.**

**Se eu os despedir para suas casas, em jejum, desfalecerão pelo caminho; e alguns deles vieram de longe.**

**Mas os seus discípulos lhe responderam: Donde poderá alguém fartá-los de pão neste<sup>a</sup> deserto?**

**E Jesus lhes perguntou: Quantos pães tendes? Responderam eles: Sete.**

**Ordenou ao povo que se assentasse no chão. E, tomando os sete pães, partiu-os, após ter dado graças<sup>b</sup>, e os deu a seus discípulos, para que estes os distribuíssem, repartindo entre o povo.**

**7 Tinham também alguns peixinhos; e, abençoando-os, mandou que estes igualmente fossem distribuídos.**

**Comeram e se fartaram; e dos pedaços restantes<sup>c</sup> recolheram<sup>d</sup> sete cestos<sup>e</sup>.**

**9 Eram cerca de quatro mil homens. Então, Jesus os despediu.**

**Logo a seguir, tendo embarcado juntamente com seus discípulos, partiu para as regiões de Dalmanuta<sup>f</sup>.**

### *Em relação à tradução*

<sup>a</sup> Traduzir a preposição *epi* por “em” pode ser muito generoso. Ela indica proximidade. Diferente de 6.36, eles estão em uma região desabitada, na transição do campo para o deserto arenoso.

<sup>b</sup> Diferente de 6.41 (e também 14.22), para “dar graças” aqui não está o termo típico judaico *eulogein*, mas *eucharistein*, usado pelos cristãos de origem pagã (como em 14.23 na Ceia e na oração comum à mesa em Rm 14.6; 1Co 10.30; 1Tm 4.3s). No versículo seguinte temos *eulogein*, mas ligado ao objeto direto “eles” (os peixes), de modo que também ali não tem o sentido judaico típico de “louvar (a Deus)” (cf. 6.41n). Este e outros sinais podem indicar que a história, nesta forma, era contada em círculos cristãos que não eram de origem judaica.

<sup>c</sup> *perisseuma*: menciona-se expressamente a idéia da sobra, diferente de 6.43.

<sup>d</sup> De acordo com 8.20, foram os discípulos que fizeram isso.

<sup>e</sup> A palavra é *spyris*, em lugar do termo judaico típico *kophinos* de 6.43. A diferença é preservada também em 8.19 e 20.

<sup>f</sup> Este nome de lugar não aparece em outros textos e já era motivo de dúvidas nos primeiros séculos, como mostram umas dez variantes nos manuscritos antigos. Mt 15.39 tem Magadan. Pela explicação mais plausível, o lugar é o mesmo de Magdala, 2 km ao norte de Tiberíades, na margem ocidental do lago (J. Jeremias, Abba, p 87ss).

### *Observações preliminares*

1. *Contexto.* Diferente da história da multiplicação em 6.30-44, este trecho é mais curto e mais concentrado no tema. A questão da comida é trazida para o centro com a primeira frase, repetida na segunda e resumida no v. 8. Outras quatro palavras-chaves aparecem três vezes: pão, discípulos, distribuir e sete. Esta apresentação abre caminho para uma interpretação simbólica, mas Schreiber (p 117,122s) exagera muito. No entanto, não são só coisas formais que diferenciam os dois relatos. O pai da igreja Agostinho já observou com um tom de humor que, depois de alimentadas as “criancinhas”, agora era a vez dos “cachorrinhos” (cf. 7.28). Com certeza é errado distribuir os dois relatos simplesmente entre judeus e pagãos. No segundo caso, Jesus de forma alguma estava cercado de uma multidão composta só de pagãos, entre os quais missionou durante três dias (cf. 7.24). Mesmo assim, Marcos colocou este relato intencionalmente no fim de uma viagem por terras pagãs, e pequenas observações dão apoio a uma idéia básica de trabalho missionário entre pagãos.

2. *Tradição duplicada?* “Esta história é tão semelhante à anterior em 6.30-44, que não se pode escapar à conclusão que a ambas subjaz uma forma original comum...” Assim U. Wilckens começa seu comentário a nosso parágrafo, em sua tradução do NT. A idéia é que uma história em algum momento se duplicou e se desenvolveu em duas direções diferentes, o que mais tarde não foi percebido mais. Marcos também se rendeu à noção de que Jesus multiplicou pão duas vezes de maneira maravilhosa (cf. 8.17-21). Esta idéia, levantada por Schleiermacher (1768-1834), difundiu-se de modo tão geral que pelo menos temos de tratar dela.

Sem dúvida, os dois relatos têm muitos pontos em comum. Mas também, quem pensa que eles confirmam a duplicação, deveria ser justo e avaliar as outras possibilidades: que pontos comuns podem ser esperados, se Jesus fez o milagre duas vezes? Uma condição seria uma reunião longa, em que a fome surge e é mencionada. Milagres com comida, quando todos estão de barriga cheia, não fazem sentido. Para uma concentração de



grandes multidões, a margem oriental do lago é mais apropriada, e não a região governada por Herodes Antipas. A questão da fome certamente chegará até Jesus, já que ele está no centro das atenções. Também não pode ficar de fora que se investiguem eventuais provisões. Pão e peixe são os alimentos básicos naquela região. Para a distribuição, a multidão precisa organizar-se e acomodar-se. A ajuda dos discípulos é indispensável, com tanta gente. Oração, distribuição, ingestão e a referência à satisfação de todos (fórmulas do AT), bem como recolher as sobras, fazem parte de uma refeição judaica. Também está de acordo com o estilo de Jesus o fato de ele afastar-se da multidão alvoroçada. Nada nos obriga a creditar estas coincidências a uma eventual duplicação da tradição, como faz Schweizer (p 88).

Um segundo elemento deve ser levado em consideração, quando se trata de tradição oral: relatos semelhantes se aproximam com o uso freqüente, adaptam-se mutuamente. O leitor da Bíblia deve prestar atenção, em casos como este, se sua memória consegue manter os traços gerais separados, ou se permite que se fundam em uma cena unificada.

Por último, temos de encarar as diferenças mais marcantes que os dois relatos apresentam (6.30-44 = relato I; 8.1-10 = relato II). I ocorre a proximidade de povoações, II à margem do deserto. I é a conclusão de uma reunião de um dia, em II a fome já dura três dias (!). I relaciona a compaixão de Jesus com a carência espiritual, II com a carência física. Em I os discípulos tomam a iniciativa, em II é o Senhor, enquanto os discípulos tentam tirar o corpo fora. Em I são cinco pães e dois “peixes” (mencionados quatro vezes), em II “alguns peixinhos” são acrescentados mais tarde, e também não mais mencionados quando as sobras são recolhidas. Na verdade, os dois relatos passam ao largo um do outro de ponta a ponta. Apesar de o mesmo milagre formar o centro, eles contém sinais suficientes de acontecimentos diferentes. (Para a interpretação do milagre da multiplicação em si, cf. opr 2 a 6.30-44.)

- 1 **Naqueles dias.** Por mais geral que seja esta indicação, ela enquadra o acontecimento que segue na viagem que começa em 7.24 e passa pelas regiões fronteiriças a Israel, proporcionando uma série de contatos com pagãos. Especificamente a partir de 7.31, Jesus passou pela Decápolis, vindo do oeste, com a disposição de voltar para o seu povo que o rejeitara e sofrer ali. Aqui temos a última parada antes deste retorno. Na forma de um milagre, temos uma previsão profética do fruto dos seus sofrimentos, a comunidade composta de judeus e gentios.

Na proximidade do lago, seu antigo local de atuação, as multidões de seguidores e simpatizantes o reencontram. Sua dedicação já conhecemos de 6.33. Devemos, portanto, pensar em judeus entre a multidão. A indicação é de uma revelação especial. **Quando outra vez se reuniu grande multidão, e não tendo eles o que comer, chamou Jesus os discípulos.** Sobre esta convocação especial, que, na opinião de Schweizer p 88 “não tem muito sentido”, veja 7.14 (cf. 3.13). Os discípulos devem estar a postos para a revelação divina iminente. Podemos adiantar: a futura comunidade do crucificado será a esfera do serviço deles. Para incluí-los na sua compaixão, **lhes disse:**

- 2 **Tenho compaixão desta gente, porque há três dias que permanecem comigo.** A palavra grega para “permanecer” tem um tom religioso, como a palavra “esperar”, nas versões em português (Hauck, ThWNT IV, 583): esperar em Deus com fé, ficar firme com fidelidade, apesar de provas e sofrimentos. Neste sentido, 4.000 professam reconhecer o envio divino deste Jesus emigrado, apesar do seu rompimento com a sinagoga e o rei, de as sombras se alongarem e sua fé os ter levado para o deserto. As provisões acabaram há tempo. Faltam as coisas mais básicas: eles **não têm o que comer**. Não se trata de problemas sociais em geral, mas de seguidores especiais que – talvez em meio a uma sociedade saciada – precisam temer: “Que comeremos?” (Mt 6.31). Por isso o Senhor se compadece deles (sobre o termo, cf. opr 1 a 1.40-45 no fim; 1.41; 6.34n). Como poderia ele agir de outro modo, se “alguém” que “não tem cuidado dos seus [...] é pior do que o descrente” (1Tm 5.8)?!
- 3 **Se eu os despedir para suas casas, em jejum, desfalecerão pelo caminho.** Esta possibilidade só é evocada para mostrar como ela é inadmissível para Jesus. A frase seguinte chama a atenção: **e alguns deles vieram de longe.** Só uma referência a uma pequena parte da multidão, mas significativa! Já no AT, “longe” podia significar mais do que distância física: a distância de Deus, separação da salvação (Peisker, ThWNT IV, 374). Também no judaísmo os “que estão longe” são os pagãos (Bill. III, 585s). Por fim, lembramo-nos de Ef 2.13,17; At 2.39; 3.21. É possível estar “longe do reino de Deus” (Mc 12.34). Este sentido também explica aqui a observação que é inserida. Precisamos imaginar uma reunião misturada com alguns pagãos da Decápolis em volta (cf. 5.20n).
- 4 Os discípulos acompanharam seu raciocínio e agora refletem uma total perplexidade em sua pergunta. **Mas os seus discípulos lhe responderam: Onde poderá alguém fartá-los de pão neste deserto?** O pão é a vida. A palavra hebraica para “deserto”, porém, significa “separado da vida” (THAT II, 971). Assim, “pão no deserto” é uma contradição de termos, uma impossibilidade ou –

uma possibilidade só para Deus. Por isso eles expressam sua aflição sob a forma de uma pergunta e “devolvem a bola” ao Senhor. Esperar, neste ponto, que eles lhe digam impassíveis que repita a “mágica” de 6.30-44 é falta de bom gosto. Pode-se pensar assim atrás de uma escrivadinha, mas não em meio à vida. Experiências anteriores com Deus não tiram do transcurso da vida a tensão de fé, que às vezes é imensa. Entre Deus e nós nunca há rotina. Tudo sempre é autêntico: a fome, o deserto, a perplexidade, a tentação e o tatear por Deus.

- 5 Por isso o Senhor toma as rédeas nas mãos, mas não sem incluir os discípulos no processo. **E Jesus lhes perguntou: Quantos pães tendes? Responderam eles: Sete.** A ajuda passa pela cessão obediente dos meios próprios (cf. 6.38). Até os doentes se tornam cooperadores de Deus quando da sua cura: Tenha o desejo de ser curado, venha até aqui, levante-se, estenda a mão! etc. Aqui a pequena provisão própria é considerada. As atividades de Deus tornam o homem novamente humano e, por isso, não passivo. Seus milagres estão em uma relação positiva com a criação e a natureza. Isto nos anima a ajudar com o que temos. Nunca se sabe o que pode ser conseguido com isso.
- 6 O conteúdo do versículo decisivo já foi explanado em 6.39. **Ordenou ao povo que se assentasse no chão. E, tomando os sete pães, partiu-os, após ter dado graças, e os deu a seus discípulos, para que estes os distribuíssem, repartindo entre o povo.** Temos aqui algo mais do que ingestão de alimento. Na família de Deus experimenta-se a condição de ser humano, em corpo, alma e espírito.
- 7 **Tinham também alguns peixinhos; e, abençoando-os, mandou que estes igualmente fossem distribuídos.** Este versículo exclui para o nosso trecho o simbolismo da Ceia, na qual os peixes não têm nenhum papel, antes, o vinho (mesmo o expositor católico Gnllka pensa assim em I, p 302,303,312). O versículo completa o quadro realista de uma refeição. Naquela região o peixe acompanha comumente o pão.
- 8 **Comeram e se fartaram; e dos pedaços restantes recolheram sete cestos.** A repetição dos números exatos em 8.19s sugere um valor simbólico. Porém as interpretações divergentes que nos são oferecidas e das quais nenhuma satisfaz, mostram que não sabemos nada com certeza. Só podemos dizer que os números doze e sete representam a plenitude e muitas vezes estão vinculados ao Messias (p ex no Apocalipse).
- 9 **Eram cerca de quatro mil homens. Então, Jesus os despediu.**
- 10 **Logo a seguir, tendo embarcado juntamente com seus discípulos, partiu para as regiões de Dalmanuta.** Tudo transcorre em santa ordem, espelhando o povo de Deus sarado e cheio do Espírito. O “logo” dá um impulso decidido à ação. Eles partem para passar para o lado dos inimigos; no próximo versículo estes também já estão a postos. Como Jesus levou o sentido futuro do sinal a sério, interrompeu-o e o transferiu para o movimento em direção à cruz. A passagem até a igreja futura pressupunha o seu sacrifício. Ele morreu pelos “muitos” (10.45; 14.24), o que inclui os gentios. O perdão dos pecados no seu sangue reúne todos à volta da mesma mesa. Acontece o que era inimaginável: judeus e gentios podem comer juntos (cf. opr 2 a 7.24-30).

### 9. A negativa ao pedido dos fariseus por um sinal, 8.11-13

(Mt 16.1-4; cf. 12.38,39; Lc 11.16; 12.54-56; 11.29; Jo 6.30)

**E, saindo os fariseus, puseram-se a discutir<sup>a</sup> com ele; e, tentando-o<sup>b</sup>, pediram-lhe<sup>c</sup> um sinal do céu.**

**Jesus, porém, arrancou do íntimo do seu espírito um gemido e disse: Por que pede esta geração um sinal? Em verdade vos digo que a esta geração não se lhe dará sinal algum.<sup>d</sup>**

**E, deixando-os, tornou a embarcar e foi para o outro lado<sup>e</sup>.**

*Em relação à tradução*

<sup>a</sup> *syzetein*, investigar, em Marcos sempre com a idéia de discussão hostil, desqualificada e inútil (1.27; 8.11; 9.10,14,16; 12.28).

<sup>b</sup> Deus pode fazer testes com os eleitos para firmá-los. Satanás tenta para levar ao pecado e à apostasia (1.13). Os fariseus o fazem para conseguir evidências que possam usar no processo judicial contra Jesus ou para lhe fabricar alguma outra armadilha (10.2,15).

<sup>c</sup> *zetein*, procurar, aqui no sentido de procurar alguém, praticamente desafiar.

<sup>d</sup> Jesus respondeu com uma frase fragmentária que, só assim, não dá sentido; lit.: “Se for dado algum sinal a esta geração”. Seus ouvintes sabiam o que tinham de acrescentar em pensamento, no começo. Trata-se de uma maldição condicional contra si mesmo, no contexto de uma fórmula de juramento: “Que Deus me

castigue, se...” (Bl-Debr, § 454.5), cf. **Hb 3.11**; **4.3,5**. A **LXX** também tem exemplos, como **Sl 95.11**. De jeito nenhum, jamais eles terão o seu sinal.

<sup>e</sup> A expressão não deve ser entendida em sentido restrito, como se Jesus, depois de dar um pulo na margem ocidental, logo voltasse para a margem oriental, para retomar sua atividade interrompida na Decápolis (cf. **6.45n**). De acordo com o texto, ele aportou na cidade judaica de Betsaida, na margem norte (v. **22**).

### *Observações preliminares*

1. *Contexto*. O banquete messiânico no deserto foi o ponto culminante e, ao mesmo tempo, o ponto final da permanência no exterior. O v. **10** deixa isto bem claro. O Messias secreto e tão manifesto retorna com seu séquito para o Israel incrédulo, para encetar seu caminho de sofrimento. Antes, porém, um acontecimento importante precisa ser recordado, que transcorreu na viagem no norte, na região fronteiriça de Cesaréia de Filipe. Ali o reconhecimento do Messias raiou entre os discípulos (**8.27-30**). Os versículos até lá preparam este tema. Eles falam de olhos que vêem mas não enxergam (cf. **4.12**), portanto, de descrença e endurecimento, tanto entre os fariseus (v. **11-13**) como entre os discípulos (v. **14-21**). Ao mesmo tempo que abandona os fariseus, porém, Jesus não deixa os discípulos neste estado. Passo por passo ele os leva a ver e crer. Isto demonstra simbolicamente a cura do cego (v. **22-26**). O que precisamos diante de Jesus não é um novo sinal, mas olhos novos.

2. *Mal-entendidos*. O parágrafo é curto e simples, como poderíamos imaginar. Nós, todavia, não somos simples, e, antes de uma interpretação, várias coisas precisam ser tiradas do caminho.

a. Como podem os fariseus, depois de tantos milagres de Jesus, exigir mais um? Haenchen (p 285) encontra esta saída: “Temos aqui a prova exata” de que “os outros grandes milagres [...] só entraram na tradição em um período posterior”. Há várias coisas distorcidas nisto. É verdade que uma parte dos milagres aconteceu só no grupo restrito de seguidores (p ex **4.35-41** e todos os atos dos cap. **6-8**). Em primeiro lugar, porém, os fariseus não exigiram o sinal porque duvidavam da capacidade de Jesus de fazê-lo, mas exatamente porque ela se tornara um fato (cf. **1.34**). Era importantíssimo determinar agora a origem da autoridade com que ele agia (cf. **3.22,30**).

b. Será que pedir por um sinal já é pecado? Não, Deus não espera que a fé resista sem confirmação e fortalecimento. Várias histórias do **AT** já mostram isto. Quem crê pode pedir: “Mostra-me um sinal do teu favor, para que o vejam e se envergonhem os que me aborrecem; pois tu, Senhor, me ajudas e me consolas” (**Sl 86.17**). A cura do paralítico aconteceu especificamente para certificar os céticos: “Para que saibais” (**2.10**). O comentário, portanto, terá de esclarecer o que significa: “A *vocês* não se dará nenhum sinal!”

- 11** Como alguém que aceita um desafio, eles vão ao encontro de Jesus assim que ele pisa na praia: **E, saindo os fariseus, puseram-se a discutir com ele**. Quem é fariseu não é necessariamente escriba (opr 4 a **2.13-17**), mas dificilmente erramos se neste caso imaginamos representantes bem preparados do movimento dos fariseus. A favor disto fala a sua intenção de travar um debate rabínico com Jesus. Além disso, sua noção de envio faz pensar em uma comissão de professores da lei, que fazem investigações no contexto de um processo disciplinar de doutrina e querem reunir material incriminatório (cf. **7.1**). Eles realizam a prova de um profeta: **tentando-o**. De acordo com **6.15**; **8.28** Jesus era classificado em termos gerais como profeta. Fazer milagres fazia parte disto. Milagreiros o **AT** e o judaísmo contemporâneo conheciam em grande número. Isto, contudo, não era tranquilizador, pois neste profeta transluzia sempre de novo a pretensão monstruosa de ter contato com Deus como nenhum outro: havia a independência no ensino que destoava totalmente do quadro (**1.22**), o perdão de pecados (**2.7**), a liberdade do jejum (**2.18**), do sábado (**2.24**) e das prescrições sobre lavar as mãos e comer (**7.5,19**; **2.16**); por fim, a liberdade para ter comunhão com cobradores de impostos e pecadores, até os primórdios do trabalho missionário entre os pagãos (**2.16**; **7.24-8.9**). Tudo isto era tão subversivo que provocava a pergunta: Será que ainda se trata de um movimento dentro do judaísmo, ou já de uma outra religião? Ou, caso ele estivesse mesmo falando em nome de Deus, será que eles mesmos ainda eram israelitas de verdade? Afinal de contas, quem estava agindo pelas mãos de Jesus?

Para influenciar o público, eles já tinham o lema preparado: Ele é o maioral dos demônios (**3.22,30**)! Para o julgamento, no entanto, era preciso mais. Os capítulos da paixão mostram como as autoridades judaicas eram formais nos seus procedimentos. Era necessário condenar Jesus sem sombra de dúvida como contrário a Deus, diante do povo que pendia para o lado dele em grande número. Por isto, **pediram-lhe um sinal do céu**.

Buscava-se “*um* sinal”, não um milagre como antes aqui e acolá, que podiam ser testemunhados em número suficiente; não, um sinal aqui e agora, diante dos olhos da comissão, por encomenda. De

modo semelhante, Herodes encomendou um sinal (Lc 23.8), mesmo que para sua diversão particular. Era preciso causar um evento que fosse tão estupendo e inegável que todos teriam de exclamar: O céu falou, Deus mesmo o “deu” (v. 12), autenticando a confiabilidade do seu profeta. Comparemos com Jo 6.30: “Que sinal fazes para que o vejamos e creiamos em ti?” Jesus se apresentara como profeta (6.4; Lc 13.33). Não sabemos o que eles imaginavam como sinal. Dificilmente o “céu” é o lugar onde se esperava que o milagre acontecesse (talvez como em Lc 21.35; Bill. I, 727), antes como sua origem e causa (cf. 11.30). Instrutivo é o texto paralelo em 15.32, onde eles fazem uma proposta concreta: “Desça agora da cruz o Cristo, o rei de Israel, para que vejamos e creiamos!”

Lá como aqui parece que havia uma proposta justa dos fariseus. Mas agora temos de considerar o que havia de maligno nesta “prova”. Montara-se uma armadilha. Se o milagre não acontecesse, Jesus estaria desmentido, assim como pareceu desmentido em 15.32s, quando ficou pendurado na cruz e morreu. Em caso positivo, com o que parece que dificilmente contavam a sério, ele também estaria refutado, e isto de acordo com Dt 13.2-6. Lá há dois fatos que desmascaram um falso profeta. Primeiro, naturalmente, seu apelo para abandonarem Iavé e sua lei; isto os fariseus, em seu endurecimento terrível, já consideravam como fato. O segundo indício, porém, era a realização de um sinal anunciado. Os milagres eram considerados um sintoma típico da heresia, uma prova da sua periculosidade. Não havia nada que pudesse ir contra o ensino dos escribas, nem céu nem terra (Rengstorf VII, p 234.2; Bill. I, 127,727; também em Mc 13.22 há falsos profetas ligados a milagres). Por estes motivos, a solicitação deles não era honesta e aberta a uma decisão divina, mas traiçoeira. Muito parecido com 15.32, eles fingiam obediência a Deus – com inegável intenção de matar. Não abriram uma brechinha sequer para o Espírito Santo.

- 12 Jesus, porém, arrancou do íntimo do seu espírito um gemido.** Como em 7.24 este suspiro é sinal de movimento espiritual, de inspiração. Expressões semelhantes há, p ex, em Ez 21.11,12 e em Is 21.2ss, na perspectiva de visões iminentes do juízo (LXX). Uma pergunta retórica precede: **Por que pede esta geração um sinal?** “Esta geração” é, no cântico de Moisés, duas vezes, Israel que quebrou a aliança (Dt 32.5,20), do qual Deus quer ocultar a sua face. O Sl 95.8-11 mostra como continua este discurso terrível de juízo. Israel tinha “provado” e “provocado” suficientemente o seu Deus. No v. 11 segue o juramento de condenação, como aqui. Dezesete vezes Jesus fala “desta geração” nos evangelhos, assim como Paulo em Fp 2.15 e Pedro em At 2.40. Os primeiros tempos retornam no tempo do fim. Jesus está contemplando o cumprimento. Para os olhos físicos, é verdade, só está diante dele o grupinho de fariseus, mas de repente ele discerne o endurecimento do povo todo e seu caminho (o que, é óbvio, não exclui algumas primícias da salvação). Então, ele pronuncia a sentença, no poder do Espírito Santo: **Em verdade vos digo que a esta geração não se lhe dará sinal algum. A vocês!** Isto é dito aqui a pessoas que têm atrás de si um caminho repleto de milagres, como a geração do deserto, que, portanto, podem dizer com Mc 12.14: “Sabemos que és verdadeiro” e que resistem conscientemente a este conhecimento e à ação do Espírito Santo. Jesus está falando a pessoas que vêem mas *não querem* enxergar, que invertem tudo por causa da sua maldade e que, em meio à sua escuridão, dizem: “Nós vemos!” (Jo 9.39-41).

- 13 À sentença divina segue a ação correspondente.** Jesus se retira, do mesmo jeito como ordenou a seus discípulos nestes casos (6.11): **E, deixando-os, tornou a embarcar e foi para o outro lado.** Ele se vai sem um sinal, mas não como derrotado, pelo contrário, como juiz. Em tudo isto, as palavras mais duras de condenação ainda são últimos apelos à conversão.

## 10. Os discípulos em perigo de incredulidade, 8.14-21

(Mt 16.5-12; Lc 12.1)

- <sup>14</sup> **Ora, aconteceu que eles se esqueceram de levar pães e, no barco, não tinham consigo senão um só.**

**Preveniui-os Jesus, dizendo: Vede, guardai-vos do fermento<sup>a</sup> dos fariseus e do fermento de Herodes.**

**E eles discorriam entre si: É que não temos pão.**

**Jesus, percebendo-o, lhes perguntou: Por que discorreis sobre o não terdes pão? Ainda não<sup>b</sup> considerastes, nem compreendestes? Tendes o coração endurecido?**

**Tendo olhos, não vedes? E, tendo ouvidos, não ouvis? Não vos lembrais**



- <sup>19</sup> **de quando parti os cinco pães para os cinco mil, quantos cestos<sup>c</sup> cheios de pedaços recolhestes? Responderam eles: Doze!**
- <sup>20</sup> **E de quando parti os sete pães para os quatro mil, quantos cestos cheios de pedaços recolhestes? Responderam: Sete!**

*Em relação à tradução*

<sup>a</sup> Como se fazia pão todos os dias em todas as casas, qualquer criança estava informada sobre fermento. Para que o pão ficasse solto e saboroso, a massa tinha de fermentar levemente. Para apressar este processo, a mulher misturava um pouco de massa já fermentada na farinha. Isto contagiava a massa toda e a azedava. O sentido figurado do fermento, portanto, é seu poder de penetração (Mt 13.13). Como, porém, na Palestina a fermentação passava rapidamente para decomposição, o fermento não podia ser usado **pe** para oferendas de alimentos (Lv 2.11; cf. Êx 12.15). Ele era considerado acima de tudo uma figura do que é profano e inimigo de Deus (1Co 5.6; Gl 5.9). Os escribas podiam comparar a depravação da natureza humana e o paganismo em termos gerais com o fermento (Bill. I, 728s).

<sup>b</sup> A posição no início da frase indica ênfase.

<sup>c</sup> Para “cestos” no v. 19 está de novo a palavra *kophinos* como em 6.42, no v. 20 *spyris* como em 8.8. Vários capítulos adiante, Marcos sabe exatamente o que escreveu antes.

*Observações preliminares*

1. *Contexto.* Este parágrafo está ligado tão estreitamente ao que aconteceu antes, que continua simplesmente com “eles”. Mesmo assim, está totalmente claro que os parceiros de conversa de Jesus agora são seus discípulos. Para eles a entrada em cena dos fariseus se tornara um perigo. Além disso, esta conversa serve de detalhamento de 6.52. Os fariseus não foram os primeiros a nutrir em seu coração um conceito de Messias diferente dos planos de Deus; as multiplicações messiânicas já tinham confundido os discípulos e feito com que suas expectativas se tornassem em obstáculos no caminho de Deus (cf. 8.32). Por isso temos aqui a repreensão mais detalhada e mais forte dos discípulos (cf. 1.36).

2. *O sentido figurado dos milagres dos pães.* Esta terceira passagem sobre o milagre dos pães (depois de 6.30-44; 8.1-10) destaca sua importância central, que ultrapassa seu objetivo imediato que era matar a fome do corpo. A intenção era que fossem uma revelação para os discípulos. Certamente a própria circunstância de que ambos aconteceram fora dos limites judaicos é significativa. Com isto eles se apresentaram como representações antecipadas do Israel renovado. A apostasia do Israel antigo do seu Messias haveria de se tornar “em riqueza para os gentios” (Rm 11.12). Também podemos lembrar de José que, repudiado por seus irmãos e levado cativo para o estrangeiro, acabou dando pão para muitos. Assim, o tema do pão adquire uma relação misteriosa com o sofrimento de Jesus: “E o pão que eu darei pela vida do mundo é a minha carne” (Jo 6.51). A propósito, este parágrafo também não dá nenhum passo na direção do simbolismo da Ceia.

- 14 Ora, aconteceu que eles se esqueceram de levar pães.** Era costume precaver-se com provisões para as viagens (cf. 6.38). O fato de isto não ter acontecido confirma que por trás do v. 10 se oculta uma interrupção e uma partida abrupta. O acréscimo: **e, no barco, não tinham consigo senão um só** não deve nos induzir a interpretações simbólicas desordenadas. Este pão não exerce mais nenhum papel na sequência. Trata-se de um registro histórico.
- 15 Preveniu-os Jesus, dizendo: Vede, guardai-vos do fermento dos fariseus e do fermento de Herodes.** A passagem dos pães que faltavam para o sentido figurado do fermento – o fermento podia representar o pão inteiro (Lane, p 281) – pode nos surpreender. Na cultura oriental, porém, passa-se, em vista de um objeto físico, rapidamente para o mundo espiritual. Nicodemos ouve no telhado da sua casa o uivo do vento noturno e é levado a pensar na atuação do Espírito Santo (Jo 3.8). A mulher samaritana que vem tirar água é lembrada da água da vida (Jo 4.7ss). Jesus observa na Festa dos Tabernáculos a oferenda solene de água e exclama: “Se alguém tem sede, venha a mim e beba!” (Jo 7.37). Ele vê a iluminação festiva do templo e confessa: “Eu sou a luz do mundo!” (Jo 8.12).

Em nosso texto, a dureza de coração e a malícia dos fariseus, dos v. 11-13, ainda está fresca diante dos olhos de Jesus. Ao mesmo tempo, saindo de Magdala, surgiu atrás deles no horizonte a cidade de Tiberíades, capital orgulhosa de Herodes. De acordo com 6.16, este governante começara a voltar os olhos para Jesus, com a intenção de enviá-lo pelo mesmo caminho do seu predecessor. Esta política aproximou-o dos propósitos dos professores da lei. É só comparar com 3.6! Lá também, no v. 5, lhes é atestado um coração desvirtuado. Esta natureza contrária a Deus, de não ver, não ouvir e não compreender, e a atitude que disto resulta, é o “fermento” aqui, como confirmará o v. 17ss. Um ouvinte de Jesus após outro adquiriu por meio deles a coragem para fechar-se para Jesus e sufocar a



voz do Espírito Santo (3.29). Jesus tinha os olhos bem abertos para esta situação (cf. 12.38). Seus discípulos também tinham sido bafejados por esta atmosfera envenenada.

- 16 E eles discorriam entre si: É que não temos pão.** O fato de Jesus expressamente não ser incluído na conversa deles já ilustra como eles estão desorientados. A palavrinha “entre si” indica, como em 4.41; 9.34; 15.31, o retraimento do grupo, e “discorrer” tem um tom negativo como em 2.6,8; 9.33; 11.31 (cf. 9.33n). Assim, a palavra de advertência de Jesus se dissipa, e eles ficam com o que têm. É que os discípulos eram pessoas como nós. Nós também já viramos as costas grosseiramente para a realidade claríssima de Deus, para nos enfiar na terra como um tatu. Nossa primazia realmente não se baseia em nossa qualidade, mas somente neste “estar com ele” de 3.14, em que Jesus é ativo em nosso meio. Nisto também consistiu aqui a diferença entre os discípulos obtusos e os fariseus obtusos: Jesus não deixou os discípulos a ver navios como em 8.13 os fariseus, mas continuou sendo seu ensinador incansável. A partir de agora, os trechos com instrução dos discípulos se intensificam.
- 17 Sem poupá-los, uma série de perguntas revela a condição deles e confere um tom de insistência à repreensão. Jesus, percebendo-o, lhes perguntou: Por que discorreis sobre o não terdes pão? É o mesmo conhecimento onipotente como em 2.8 diante da linha de combate dos escribas. Ainda não considerastes, nem compreendestes?** Este “ainda não” já tivemos de levar em conta em 4.40. O “compreender” fundamental pode referir-se objetivamente só ao segredo da pessoa de Jesus. Compreender Jesus e testemunhar dele era razão e objetivo do estar-com-ele (3.14). Porém no exato momento em que se trata do que há de mais profundo nele, o seu sofrimento, eles fracassam. Isto abre um abismo entre Jesus e eles, e eles estão em perigo de ficar do lado dos fariseus. **Tendes o coração endurecido?** (cf. 6.52). Com o “coração” se crê” (Rm 10.9). Está em questão toda a atitude em relação a Jesus.
- 18 Tendo olhos, não vedes? E, tendo ouvidos, não ouvís?** Lembramos de uma proximidade assustadora com a constatação sobre os “de fora” em 4.12. Aqui, porém, ficamos só na pergunta. **Não vos lembraís?** Com este encorajamento indireto para que recordem, Jesus dá início aos seus esforços para afastar os discípulos dos fariseus e colocá-los novamente nos eixos certos. Ele quer que eles voltem em pensamento até o ponto em que se desviaram, para prestar atenção aos números que não tinham considerado corretamente quanto ao seu significado messiânico simbólico.
- 19-21 Quando parti os cinco pães para os cinco mil, quantos cestos cheios de pedaços recolhestes? Responderam eles: Doze! E quando parti os sete pães para os quatro mil, quantos cestos cheios de pedaços recolhestes? Responderam: Sete! Ao que lhes disse Jesus: Não compreendeis ainda?** Com a repetição da pergunta do v. 17, o parágrafo é interrompido. Com certeza a idéia não foi de que a instrução ficou sem efeito. Isto é confirmado pelo v. 29, mas antes ainda pela história que vem em seguida.

O poder milagroso de Jesus era óbvio – as respostas dos discípulos foram imediatas – todavia eram obscurecidas de maneira crescente pelas circunstâncias. Os dois milagres dos pães aconteceram em regiões afastadas e desabitadas, além do território judeu. O agente miraculoso era um excluído, agora com as relações cortadas em todas as frentes e em toda profundidade com os representantes espirituais de Israel e com o poder político. Os discípulos, contudo, precisavam reter o lampejo da realidade messiânica de Jesus nos milagres e segui-lo em seu sofrimento.

## 11. A cura do cego de Betsaida, 8.22-26

- <sup>22</sup> **Então, chegaram a Betsaida<sup>a</sup>; e lhe trouxeram um cego, rogando-lhe que o tocasse. Jesus, tomando o cego pela mão, levou-o para fora da aldeia e, aplicando-lhe saliva aos olhos<sup>b</sup> e impondo-lhe as mãos, perguntou-lhe: Vês alguma coisa?**
- <sup>24</sup> **Este, recobrando a vista<sup>c</sup>, respondeu: Vejo os homens, porque como árvores os vejo, andando.<sup>d</sup>**
- Então, novamente lhe pôs as mãos nos olhos, e ele, passando a ver claramente, ficou restabelecido; e tudo distinguia de modo perfeito.**
- E mandou-o Jesus embora para casa, recomendando-lhe: Não entres na aldeia.**

*Em relação à tradução*

<sup>a</sup> Betsaida era uma aldeia de pescadores na margem norte do lago, mas a leste da foz do Jordão, portanto já na região do governador Filipe. Em Mt 11.21; Lc 9.10; Jo 1.44 o lugar é chamado de “cidade”. É que Filipe o tinha ampliado para ser capital da província, mudando seu nome para Julias. Mas isto não fazia

muito tempo, e a aldeia antiga ainda estava lá, o que explica este uso aqui. Em [Jo 12.21](#) pode-se falar em “Betsaida da Galiléia”, pois ela era habitada por judeus galileus. Pedro, André e Filipe eram de lá ([Jo 1.44](#)). Podemos nos perguntar se Jesus, como fugitivo, esperava encontrar ali um pouco de apoio.

<sup>b</sup> Aqui “olho” não é *ophthalmos* como no v. [25](#), mas o termo antigo *omma*.

<sup>c</sup> É evidente que *anablepein* aqui não tem o sentido de “olhar para cima (para o céu)” como gesto de oração, como em [7.34](#), antes indica a recuperação da capacidade de ver.

<sup>d</sup> A frase não está bem construída, o que indica a excitação.

### Observações preliminares

1. *Contexto.* Marcos não juntou suas histórias como se juntam folhas com um ancinho, antes seguiu linhas espirituais exatas. No último parágrafo, no v. [15](#), Jesus falara duas vezes de “ver”, e no v. [18](#) perguntara a seus discípulos: “Tendo olhos, não vedes?” Esta palavra-chave é retomada de modo imperceptível. Seis vezes aparecem palavras que estão relacionadas a “ver”. É como se o trecho anterior, que terminou abruptamente com uma pergunta, fosse respondido agora. Marcos viu nesta cura do cego um sentido espiritual que excedia em muito a ajuda física: vida de verdade por meio de Jesus! Este também é o único milagre nos evangelhos que aconteceu em etapas. A verdade de Deus, portanto, não se revela de uma só vez. De acordo com o v. [15](#), os discípulos não eram tão cegos como os fariseus, mas estavam em um degrau bem baixo. No v. [29](#), o reconhecimento do Messias por eles finalmente raia, todavia, como mostra logo a continuação no v. [32s](#), ainda com fraqueza considerável. Sempre de novo eles precisam ser ensinados por Jesus ([8.31](#); [9.31](#); [10.33](#)). Na Páscoa eles finalmente conseguem ver plenamente ([16.7](#)). – Assim, este milagre se presta muito bem como transição entre as duas metades do livro e, de certa forma, ilumina todo o relacionamento entre Jesus e os discípulos.

2. *Comparação com 7.31-37.* Desde o início semelhante em [7.32](#) e [8.22](#), passando para outros elementos como chamar para o lado, impor as mãos, tocar, usar saliva e não mencionar os discípulos, estas duas curas estão muito próximas. Ambas são também exclusivas de Marcos, e ainda dentro de Marcos se destacam pelo uso de termos raros, de modo que podem ter vindo da mesma fonte antiga. As duas histórias não glorificam Jesus por títulos, pois o chamam somente de “ele”, mas iluminam sua ação com passagens messiânicas do [AT](#). Aqui “restabelecer” chama a atenção (v. [25](#)), assim como em [7.27](#) lembramos de [Is 35.5s](#). Esta passagem também une os dois milagres: “Então, se abrirão os olhos dos cegos, e se desimpedirão os ouvidos dos surdos”.

3. *A cegueira na Bíblia.* O [AT](#) fala da cegueira mais de trinta vezes, o [NT](#) mais de cinquenta, oito vezes os evangelhos contam curas de cegos. Doenças dos olhos, causadas pelo calor, a luz muito forte, a poeira que cobria tudo e a falta de higiene, eram uma miséria popular na Palestina. Pessoas com olhos infeccionados cobertos de moscas eram encontradas com frequência. Talvez houvesse um cego em cada família, e todos já tivessem sido guias de cegos. A cegueira também causava a desgraça social: “Es infeliz, sim, miserável, pobre, cego e nu”, diz [Ap 3.17](#). Os cegos eram o retrato perfeito da humanidade diminuída e escurecida, e eram comparados aos mortos (Schrage, ThWNT VIII, 282). Sob estas circunstâncias, não podiam faltar as curas de cegos nas profecias messiânicas ([Is 29.18](#); [35.5s](#); [61.2](#); [Sl 146.8](#); cf. [Mt 11.5](#); [Lc 4.18](#); [7.21s](#)). Muito cedo “cego” serviu de figura para uma figura obcecada espiritualmente ([Dt 28.28s](#); [Is 6.10](#); [Jr 5.21](#)). Quando os cegos voltam a ver, é porque Deus começou a mostrar-se de novo à sua humanidade e a “restabelecer” a criação (v. [25](#)). (Para os paralelos da história da religião, cf. [opr 2 a 7.31-37](#).)

**22 Então, chegaram a Betsaida; e lhe trouxeram um cego,** provavelmente da vizinhança como em [6.55](#), pois, de acordo com o v. [26](#), ele não era da aldeia. **Rogando-lhe que o tocasse** (cf. [1.41](#)).

**23 Jesus, tomando o cego pela mão, levou-o para fora da aldeia,** empurrando-o pelo meio da multidão; conforme o v. [24](#), porém, as pessoas ficaram ao alcance da vista. Sobre o afastamento da multidão para a cura, veja [7.32s](#). **E, aplicando-lhe saliva aos olhos e impondo-lhe as mãos, perguntou-lhe: Vês alguma coisa?**

**24,25 Este, recobrando a vista, respondeu: Vejo os homens.** Na sequência ficamos sabendo que o homem não nascera cego, já que sabia como eram as árvores. Seus nervos óticos foram reanimados, mas ainda não funcionam direito. **Porque como árvores os vejo, andando. Então, novamente lhe pôs as mãos nos olhos, e ele, passando a ver claramente, ficou restabelecido; e tudo distinguia de modo perfeito.** “Tudo” abrange aqui o que está perto e o que está longe, as pessoas, o mundo e o próprio Jesus. “Restabelecido” é um termo específico das profecias da salvação (cf. [3.5](#); [9.12](#)).

Jesus, na ocasião, não acabou com a cegueira de modo geral. Sua capacidade para tanto, que existia evidentemente e se manifestou, retrocedeu novamente e limitou-se a um espaço oculto.

**26 E mandou-o Jesus embora para casa.** A casa está em oposição ao público. **Recomendando-lhe: Não entres na aldeia.** Com isto, qualquer encargo de proclamação é retirado. Não que o milagre

fosse mantido em segredo. De acordo com o v. 24, a multidão pudera acompanhá-lo à distância. Além disso, Betsaida já vira uma abundância de milagres de Jesus (Mt 11.21). Mas ao sinal messiânico não deveria seguir uma proclamação pública do Messias. O caminho não ia ainda em direção à nova realidade messiânica, mas à cruz (8.31). E a cura da cegueira foi ocultada e guardada para o futuro (sobre o segredo messiânico, cf. 1.44; 5.43; 7.36).

A opr 1 fundamentou o direito à interpretação simbólica da cura. Ela espelha figuradamente como os discípulos, em contraste com os fariseus ofuscados (v. 11-13) chegaram à compreensão do Cristo. O que os diferenciou daqueles não foi a experiência de mais e maiores milagres, também não uma reflexão mais profunda ou prestar melhor atenção. Seu segredo consistiu simplesmente em estar-com-ele da Galiléia até Jerusalém, e que eles continuaram sendo objeto da dedicação dele, passando pelos vales profundos do caminho dele e dos fracassos deles. Sua condição de discípulos não consistia – nisto está a ênfase – em um reconhecimento pronto, mas em um processo de reconhecimento mantido pelo próprio Jesus. Por isso Paulo também suplicou que Deus concedesse, aos que já tinham compreendido, “espírito de sabedoria e de revelação no pleno conhecimento dele”, “iluminados os olhos do vosso coração, para saberdes” (Ef 1.16-18).

## VII. A CAMINHO DE JERUSALÉM

### 8.27–10.52

#### *Observações preliminares*

1. *Passagem para a segunda metade do livro.* Em 8.27ss não só alcançamos com bastante exatidão a metade do livro, mas também o ponto de inflexão do seu conteúdo. O próprio Marcos dá claramente uma nova ênfase ao inserir em 8.32 que Jesus passou a partir dali a falar de modo diferente com seu grupo de discípulos. Ele não falou coisas diferentes, mas de maneira diferente, ou seja, “claramente”. Ao mesmo tempo esta maneira direta e não figurada apontava, quanto ao contexto, para seu sofrimento e ressurreição. Depois que os discípulos tinham conseguido chegar ao reconhecimento do Messias (v. 29), Jesus pôde dedicar-se a clarificar o conceito de Messias deles: Jesus é o Messias, porém *crucificado* (cf. 1Co 2.2)! Os discípulos que tinham começado a “ver”, com a ajuda de uma segunda operação agora iriam “distinguir tudo de modo perfeito” (cf. opr 1 a 8.22-26). Este empenho de Jesus passa para o primeiro plano na segunda metade do livro. Seus encontros com outras pessoas também desembocam em instrução dos discípulos (9.28s; 10.10s, 15, 23ss; 11.19ss; 12.43s).

Quero ampliar aqui o quadro que já foi traçado em q1 7b. Exatamente na trilha do sofrimento de Jesus, em que os títulos para Jesus relutam em sair da boca das pessoas, Marcos começa a se empolgar com títulos. As passagens sobre o Messias (Cristo) se atropelam (8.29; 9.41; 12.35; 13.21; 14.61; 15.32; na primeira metade do livro só 1.1), assim como a identificação como Filho do Homem (8.31, 38; 9.9; 12.31; 10.33, 45; 12.26; 14.21 duas vezes; 14.41, 62; antes só em 2.10, 28), bem como “Filho” (de Deus) (9.7; 13.32; 15.39; cf. 12.6; 14.61) ou “Filho de Davi” (10.47, 48; 12.35, 37). De modo cada vez mais concentrado, a identidade de Jesus está em questão. Os discípulos continuam sem entender, na verdade sua incompreensão aumenta a ponto de se encherem de temor (10.32; 9.6, 32), mas isto está relacionado, dentro da revelação do Messias, especificamente ao caminho de sofrimento do Messias. Jesus não deve sofrer, e eles não querem sofrer. Eles reconhecem o Messias, mas não totalmente, e, por isso, ainda de modo totalmente errado.

2. *“Caminho” como fio condutor.* Para as viagens de Jesus até aqui não se tinha ainda usado o termo “caminho”. Agora ele marca a próxima divisão principal, praticamente do primeiro ao último versículo (8.27; 9.33, 34; 10.17, 32, 46, 52). “Estavam de caminho, subindo para Jerusalém”, diz expressamente 10.32. Quando o Senhor dá os últimos passos em direção à cidade, “caminho” aparece pela última vez (11.8). Somos lembrados do “caminho” que o pregador preparou no deserto, porque Deus queria vir (1.2s). Portanto, com a entrega de Jesus à cruz, o reinado de Deus veio ao nosso mundo.

3. *O ensino sobre o sofrimento.* O que foi dito compõe o conteúdo central das três passagens com ensino sobre o sofrimento: 8.31 em Cesaréia de Filipe, 9.31 na Galiléia e 10.33s na Judéia (cf. 10.1). Estas passagens também são importantes porque o caminho do Senhor é igualmente o caminho dos seus discípulos. Ele se torna o padrão para quem quer segui-lo. Por isso, “seguir” a partir de agora não tem mais o sentido de correr atrás exteriormente, como várias vezes na primeira metade do livro (3.7; 5.24; 6.1), mas equívale a ser discípulo de verdade, seguindo a Cristo na cruz (8.34; 9.38; 10.21, 28, 32, 52). Ror este motivo as palavras de ensino sobre o sofrimento cada vez se ampliam como ensino sobre segui-lo (8.34-38; 9.33-50 e 10.35-45). Todavia, depois de cada ensino sobre o sofrimento, os discípulos fracassam, rebelam-se contra a cruz para ele e para eles. Em 8.32 Pedro é o porta-voz, em 9.38 João e em 10.35 João e Tiago. Porém o Senhor avança

impassível à frente deles. Não nivelaremos as diferenças entre o tempo anterior e posterior à Páscoa, mas para os discípulos de então e de hoje há uma situação básica comum. Aqui ela fica visível.

## 1. A confissão de Pedro, 8.27-30

(Mt 16.13-20; Lc 9.18-21; Jo 6.67-71)

<sup>27</sup> **Então, Jesus e os seus discípulos partiram para as aldeias<sup>a</sup> de Cesaréia de Filipe<sup>b</sup>; e, no caminho, perguntou-lhes: Quem dizem os homens que sou eu? E responderam: João Batista; outros: Elias; mas outros: Algum dos profetas<sup>c</sup>. Então, lhes perguntou: Mas vós, quem dizeis que eu sou? Respondendo, Pedro lhe disse: Tu és o Cristo<sup>d</sup>. Advertiu-os Jesus de que a ninguém dissessem tal coisa a seu respeito.**

*Em relação à tradução*

<sup>a</sup> Mt 16.13 especifica melhor: a região de Cesaréia de Filipe. A frase seguinte mostra que não devemos concluir que Jesus foi ao encontro dos moradores das aldeias.

<sup>b</sup> Cesaréia significa “(cidade) do imperador (de César)” e estava situada 40 km ao norte de Betsaida em uma das fontes do Jordão, ao sopé do monte Hermom. A qualificação “de Filipe” liga-a ao governador Herodes Filipe, que ampliara esta pequena localidade na fronteira norte do seu domínio para ser sua capital, mudando seu nome em homenagem ao imperador romano. Naquela época havia várias destas “cidades do imperador”, entre as quais “Cesaréia à beira do mar” (At 12.19ss). Era uma maneira de pequenos soberanos dependentes de Roma comunicarem sua submissão.

<sup>c</sup> Bornhäuser (p 129) destacou o numeral “algum” aqui: o único, o profeta especial, o profeta de Dt 18.15,18, que efetuará a salvação escatológica, como segundo Moisés (cf. J. Jeremias, ThWNT IV, 862-864). Jo 6.14s também denuncia a opinião popular de que este profeta seria idêntico ao Messias (cf. At 3.22; 7.37). Neste caso, uma parte das pessoas aqui estariam considerando Jesus como o Messias. Em termos lingüísticos, porém, o sentido de “algum (outro) dos profetas” está mais próximo. Os textos paralelos de Mt e Lc esclarecem isso, bem como Mc 6.15. Senão, Pedro teria simplesmente repetido uma opinião popular, no v. 29.

<sup>d</sup> Pedro falou em sua língua materna aramaica *machiha*, o que em hebr. soa *machiah*. Quando este termo era acolhido no grego como estrangeirismo, um “s” final era acrescentado: Messias. Assim está no NT em Jo 1.41 e 4.25, nas duas vezes logo traduzido por *christos* no grego. Latinizada, a palavra saiu como “Cristo” para missões mundiais. Em português o significado é “ungido”, portanto não se trata de um nome próprio como “Jesus”, mas de um título (real), como “Filho de Deus”. Com a ligação freqüente e firme com “Jesus” o termo acabou adquirindo a função de nome próprio na linguagem cristã. A função de título passou para o “Senhor” anteposto: Senhor Jesus Cristo.

*Observações preliminares*

1. *Contexto.* Quer se tenha seguido diretamente à cura do cego em Betsaida, quer tenha acontecido já antes na viagem pelo exterior, em todo caso, este evento marca o início do “caminho para Jerusalém” (opr 2 à divisão principal 8.27-10.52). “Cesaréia de Filipe” bem no norte representava para os judeus o começo do território habitado pelo povo de Deus, pois ficava na altura da antiga Dã, e “de Dã até Berseba” era a expressão comumente usada no AT para a extensão da Palestina (Jz 20.1; 1Sm 3.20). Jesus, portanto, não queria ficar no exterior, mas voltar para terras judaicas, disposto a sofrer (cf. 7.24). O caminho para Jerusalém, porém, não era perigoso só para Jesus, mas também para os seus (cf. 10.32). Por isso ele se viu motivado a pressioná-los para que se decidissem e se vinculassem firmemente a ele.

2. *O Messias no AT e no judaísmo.* A unção, em que se derramava óleo sobre a cabeça de alguém, aparece no AT trinta vezes como ato oficial em reis, sete vezes em sumos-sacerdotes e cinco vezes em profetas. Os ungidos podiam ser chamados de “filhos do óleo” (Zc 4.14), em atitude de admiração. Eles recebem glória, poder e força. O primeiro rei ungido foi Saul. Logo no seu caso a unção está ligada à tarefa de salvar Israel em lugar de Deus (1Sm 9.16). A palavra “salvar” depois aparece mais vezes na história de Saul. Ela se refere não só a ameaças exteriores, mas também a condições desfavoráveis na vida social do povo. Desde então o conceito de salvador acompanha o título de messias. A fé no messias Jesus também “salva” (5.34; 10.52; 16.16).

Depois que a monarquia de Israel foi destruída, o povo sofrido começou a ansiar com cada vez mais fervor por um messias salvador escatológico. As definições exatas de como ele seria, no entanto, eram muito divergentes. Uns diziam que o Messias seria descendente de Davi, outros achavam que não. Seria um rei guerreiro ou pacífico, ou um profeta, sacerdote ou mestre totalmente apolítico. Alguns esperavam por dois ungidos. Havia quem o considerasse personagem principal ou secundário, imortal ou mortal. A lista não é



exaustiva (cf. van der Woude, ThWNT IX, 518). Para alguns, ele poderia ter até os traços de uma figura extraterrestre. Nas primeiras décadas do século I, a expectativa política e militante aumentou. Os radicais, os zelotes (cf. 12.13ss), conquistaram a supremacia e acabaram arrastando todo o povo judaico para a catástrofe do ano 70. Nos dias de Jesus, portanto, anunciar-se como Messias implicava estar preparado para a revolução. Os romanos também agiam imediatamente.

3. “*Confissão*” de Pedro? Alguns expositores consideram o título tradicional totalmente errado. Segundo o v. 30, tratava-se de uma confissão errônea de Pedro, segundo o v. 33 até de um empreendimento satânico. O trecho poderia ser sobrescrito melhor assim: “A correção de Pedro” (este é o sentido **p ex** em Cullmann, p 287; Hahn, p 174, 228; Schreiber, p 195, 197, 238). Realmente, o trecho tem seu conteúdo tão importante em espaço muito curto e termos muito econômicos: quatro frases simples, começando com “e”, expressam as afirmações, sem a mínima ajuda à compreensão dos detalhes. Assim é tradição antiga e respeitada, usada com frequência, sem que floreios ou acréscimos se fixem. Mesmo assim, a interpretação ponderada pode comprovar que o título tradicional tem sua razão de ser.

**27,28 Então, Jesus e os seus discípulos partiram.** Desde 6.30 temos a primeira vez “Jesus”. Ao mesmo tempo a menção específica dos discípulos anuncia um trecho que trata deles, neste caso uma divisão principal inteira em que o ensino dos seguidores passa para o centro. Semelhante a 7.24,31, lemos que Jesus, ao que parece com o objetivo de ficar sozinho (cf. Lc 9.18), se afastou para regiões pouco habitadas: **para as aldeias de Cesaréia de Filipe.**

**E, no caminho, perguntou-lhes.** “No caminho” não quer destacar que Jesus falava enquanto andava, mas que nele o plano de ir para Jerusalém disposto a entregar-se (opr 2 a 8.27-10.52) já estava delineado. Sua pergunta está vinculada a esta intenção. Só ficamos sabendo de uma parte da conversa: **Quem dizem os homens que sou eu?** É o próprio Jesus quem faz agora a pergunta básica do evangelho (q1 8c), sobre o “mistério do reinado de Deus” (4.11). Para conduzi-los para a confissão própria, ele primeiro lhes pergunta a opinião dos que estão do lado “de fora” (4.11), sem terem sido iluminados. É neste sentido que Marcos sempre usa o termo “homens” (1.17; 7.7s; 9.31; 10.27; 11.30). Naturalmente não são os pagãos que estão em vista, mas os conterrâneos em casa, entre os quais ele atuara e pregara. **E responderam: João Batista; outros: Elias; mas outros: Algum dos profetas.** Em poucas palavras o conteúdo de 6.14,15 é recapitulado (veja lá). As respostas espelham a decepção que se espalhara entre o povo (cf. também Jo 6.66), Quase ninguém ainda o considerava o Messias. Ele podia ser alguém que prepara o caminho, mas um papel decisivo não lhe atribuíam mais. Ele provava ser muito fraco, pouco enérgico. Portanto, era necessário “esperar outro” (Mt 11.3).

**29 Então, lhes perguntou.** A primeira pergunta fora somente um prelúdio. Em contraste com os “homens”, ele agora quer saber: **Mas vós**, que estáveis “comigo” (3.14) desde a Galiléia (15.41), que fostes testemunhas oculares dos meus atos de poder e testemunhas auriculares da minha pregação, a quem expliquei tudo em ensinos à parte (4.34), **quem dizeis que eu sou?** Esta passagem mostra que a vocação principal destes escolhidos consistia em reconhecer sua identidade para poder confessá-la (cf. 3.14). Dormia neles o potencial especial para a confissão do Messias. Pela condução criativa e a pergunta do mestre, ela é atraída para fora. Em condições genuínas de confissão acontece mais que uma simples recitação de matéria doutrinária decorada. O Espírito Santo proporciona clareza e certeza (Mt 10.18-20; 16.17; 1Co 12.3). **Respondendo, Pedro lhe disse: Tu és o Cristo.** Pedro é, aqui como em 8.33; 9.5; 10.28; 11.21, o porta-voz de todos, pois todos tinham sido perguntados e Jesus fala novamente a todos no versículo seguinte. Mais ainda: Pedro fala – exatamente pelo poder do Espírito Santo – como a igreja depois da Páscoa, pois confessa Jesus como Messias bem à luz do seu sofrimento (cf. v. 21). Da perspectiva humana ele não poderia, como qualquer outro, reunir em seus pensamentos o Messias, a necessidade de sofrer e a realidade do sofrimento. Como ser humano ele era um daqueles a quem Jesus teve de perguntar nos v. 17,21: “Ainda não compreendestes?” Como Jesus avaliava seu pensamento humano, o v. 33 mostrará. Isto é o que marca esta confissão. Pedro excedeu a Pedro neste momento. Ao anunciar este candidato à cruz como Messias, ele estava confessando um tipo totalmente diferente de Messias do que aquele que ocupava as mentes do seu tempo.

**30 Advertiu-os Jesus de que a ninguém dissessem tal coisa a seu respeito.** Esta “advertência” naturalmente enquadra as resistências (cf. 1.25 e 7.36n). Apesar disso devemos registrar que as ordens de manter silêncio (cf. 1.44; 5.43; 7.36; 8.26) são uma confirmação indireta. É necessário



guardar silêncio do que é verdadeiro, e isto por certo tempo. Neste caso faltava à proclamação pública o estabelecimento público da sua condição de Messias pela cruz e ressurreição (cf. v. 31ss).

## 2. Começo do ensino sobre o sofrimento e correção de Pedro, 8.31-33

(Mt 16.21-23; Lc 9.22)

**Então, começou<sup>a</sup> ele a ensinar-lhes que<sup>b</sup> era necessário<sup>c</sup> que o Filho do Homem sofresse muitas coisas, fosse rejeitado pelos anciãos, pelos principais sacerdotes<sup>d</sup> e pelos escribas, fosse morto e que, depois de três dias<sup>e</sup>, ressuscitasse.**

**E isto ele expunha claramente<sup>f</sup>. Mas Pedro, chamando-o à parte, começou a reprová-lo.**  
<sup>33</sup> **Jesus, porém, voltou-se e, fitando os seus discípulos, repreendeu a Pedro e disse: Arreda<sup>g</sup>, Satanás!<sup>h</sup> Porque não cogitas<sup>i</sup> das coisas de Deus, e sim das dos homens.**

*Em relação à tradução*

<sup>a</sup> Cf 1.45n.

<sup>b</sup> Uma frase que começa com “que” também pode ser traduzida como discurso direto. Neste caso, porém, Marcos costuma enfatizar: “Ensinava e dizia:” (4.2; 9.31; 11.17; 12.35,38). Aqui pode tratar-se do registro do conteúdo do novo ensino.

<sup>c</sup> É digno de nota que este “é necessário” (*dei*) falta totalmente no AT – as línguas semitas não têm equivalente para ele. A LXX o insere em alguns pontos e o NT o usa 101 vezes. Com isto se cristianiza uma expressão do pensamento grego. Os gregos gostavam de falar de um “é necessário” premente, uma força cósmica impessoal e inescapável, ao qual até os deuses tinham de submeter-se. Tudo transcorre como que sob uma lei da natureza, tudo é natural. Àquele que pensa, só resta o fatalismo. Mudo, com um mínimo de emoção, ele suporta seu destino: “Precisa acontecer!” No NT este “é necessário” anuncia a fidelidade de Deus. Suas promessas se cumprem. Isto fica bem claro especialmente em Mc 9.11-13; Mt 26.54; Lc 24.25-27. O sentido poderia ser cada vez: “Como está escrito” (Jeremias, Abba, p 201, nota 405).

<sup>d</sup> Quando *archiereus* está no plural, geralmente não é traduzido por “sumo sacerdote”, um título reservado ao presidente do Conselho Superior (Sinédrio). Neste caso trata-se dos membros da aristocracia sacerdotal, que formavam um dos três grupos que lideravam o Sinédrio.

<sup>e</sup> “Depois de três dias” tem o mesmo sentido de “no terceiro dia” em Paulo, Lucas e Mateus e significa, como em Lc 13.32, “depois de amanhã” (Delling, ThWNT II, 259s). Além da indicação de tempo, há outros sentidos subentendidos. Em Israel os mortos ficavam em exposição ainda durante três dias, para confirmar a morte (Gnilka II, p 334). Desta maneira, o termo significativo “levantar” estaria definido como ressurreição. Pode-se também levar em conta que as línguas semitas, para “alguns, uns poucos”, diziam “três”, na falta de termo melhor. Neste sentido, “três dias” pode significar “logo depois” (J. Jeremias, Theologie, p 271). Disto também resulta um sentido teológico; veja o comentário.

<sup>f</sup> *parresia* poderia significar “em público”, como em Jo 18.20 (cf. E. Hirsch; Berger; Schmithals, p 387). Contra isto vai aqui, porém, a ordem de guardar silêncio do v. 30 e o próprio fato de que o ensino sobre o sofrimento diz respeito ao grupo dos discípulos. A palavra também pode denotar a coragem ousada e cheia de espírito como em At 2.29; 4.13; 9.27s (cf. Pesch II, p 53). Para nossa passagem, porém, é decisivo o sentido de “claramente” como em Jo 11.14; 16.25ss, e não mais com insinuações e figuras. A intenção é exatamente indicar a diferença com antes (cf. Mt 16.21).

<sup>g</sup> *opiso mou* está em 1.17; 8.34 como chamado para seguir Jesus. Será que Pedro deve inscrever-se novamente no quadro de seguidores (cf. Pesch II, p 54,56; Gnilka II, p 17)? Esta interpretação, porém, não considera a ordem “sai!” que precede a referência a Satanás, que lembra a expulsão de Satanás em Mt 4.10.

<sup>h</sup> O termo hebr. *satan* pode indicar no AT qualquer adversário humano (1Sm 29.4; 1Rs 5.18) e até um anjo que o enfrenta (Nm 22.22,32). No NT o termo é sempre nome próprio do poder oposto a Deus como tal, o diabo.

<sup>i</sup> *phronein* aparece em Marcos só aqui, mas compare com Rm 12.3; Cl 3.1s. Trata-se de algo mais do que meros processos de raciocínio; a referência é a uma atitude interior.

*Observações preliminares*

1. *Contexto.* Apesar do fato de que a introdução solene anuncia uma época totalmente nova, pode-se identificar conexões estreitas com o trecho anterior. A primeira é a repetição das palavras-chave “repreender” nos v. 30,32,33 e “homens” nos v. 27,33; naturalmente os endereçados “eles” são os discípulos dos v. 27,29. Uma concordância interna, porém, também pode ser percebida. Como em 1.13, por ocasião da conformação de Jesus pela voz do céu, também aqui, à confissão do discípulo, segue uma tentação de Satanás. Por fim, temos aqui a explicação para a ordem de guardar silêncio do v. 30 e também das outras passagens.

2. *Transmissão*. Wrede (p 88,91) viu aqui “a expressão nua e crua da perspectiva da igreja, e nada mais”. Ele é seguido hoje em dia principalmente pela escola de Bultmann (p ex Bultmann, p 163). Uma comparação literária acurada, porém, não confirma esta tese, e o conteúdo do v. 31 é por demais comedido. Falta qualquer indício do sentido salvífico da morte de Jesus, que era comum na igreja depois da Páscoa. A palavra procede realmente de Jesus, se bem que mesmo assim traz vestígios de uso em igrejas que não eram de origem judaica. Ao lado de um conjunto básico de elementos antigos (p ex “Filho do Homem, depois de três dias, ressuscitar, Satanás”) há vocábulos tipicamente gregos (“era necessário sofrer, cogitar”). Que a transmissão de antigas tradições de Jesus trabalhou nos textos pode-se ver na própria comparação da terminologia nos três sinóticos.

3. *Natureza dos ensinamentos sobre o sofrimento*. Para os seus contextos, veja opr 3 a 8.27-10.52. A denominação habitual “anúncios do sofrimento” é inexata. Uma vez que estas declarações não tratam somente do sofrimento, mas geralmente também da ressurreição (8.31; 9.31; 10.34). Simplesmente morte, com a qual tudo acaba, não existia para Jesus. Ele ensinou aos discípulos uma valoração totalmente diferente do seu sofrimento. Este não punha um fim ao seu caráter de Messias, que os discípulos tinham acabado de reconhecer. Pelo contrário, este era o caminho desejado por Deus para sua glorificação. Era isto que a ressurreição provaria. Se acrescentarmos este tom às declarações de Jesus sobre o sofrimento, poderemos continuar falando de “anúncios do *sofrimento*”. Agora temos de considerar ainda outra correção deste termo. Esta tem a ver com a segunda parte: de acordo com 8.31 e 9.31 não se trata de profecia, mas de ensino. O fato de Jesus “ensinar” quer dizer que ele expunha para si mesmo e para eles a vontade de Deus, com base na Escritura, para que fosse obedecida. A ênfase, portanto, não estava em que Jesus *iria* sofrer, mas que ele *precisa* e *quer* sofrer, e que eles devem imitá-lo. No terceiro caso (10.32-34), Jesus realmente passou por um momento para o discurso profético, só para voltar logo ao tom de ensino. A predição do futuro, portanto, não era uma questão de visão profética, mas de exegese. A categoria básica é o ensino.

4. *O Filho do Homem*. Na opr 3 a 2.1-12 já tratamos do conceito de Filho do Homem no que tange à sua difusão no judaísmo. Agora temos de esclarecer outros pontos.

a. *Frequência*. Ao mesmo tempo em que Jesus era muito comedido com o uso do título de Messias (cf. v. 31), enquanto os primeiros cristãos não usaram outro título com tanta frequência e unanimidade (umas 330 vezes no NT), com “Filho do Homem” acontece exatamente o contrário. Nos demais escritos do NT temos só quatro referências, enquanto nos evangelhos se contam 82 passagens, todas sem exceção da boca de Jesus, nenhuma vez usado pelos discípulos, e também nenhuma vez em contexto de conversa. É evidente que este título tem uma relação especial com o senso de envio de Jesus e não procede do pensamento teológico da comunidade posterior.

b. *Sentido do termo*. No AT não existe outro substantivo que seja usado mais vezes do que “filho” – um sinal da sua utilidade multiforme. Primeiro ele pode denotar descendência, também no sentido mais distante. Até filhas, netos e quaisquer descendentes podem ser chamados de “filhos”. Também os habitantes de uma cidade são seus “filhos”, e os alunos de um profeta são seus “filhos”. Ao uso genealógico junta-se o exclusivo. “Filho” serve para indicar um exemplar único de uma espécie (cf. também 2.19n). Se a espécie, p ex, é “gado”, então “filho do gado” é uma cabeça de gado. Se a espécie é “desgraça”, “filho da desgraça” é alguém que não escapará dela. Quando se trata da espécie “homem”, “filho do homem” simplesmente é um dos homens, uma pessoa isolada, comum, sem maior destaque. Neste sentido p ex o profeta Ezequiel em 2.10 é chamado de “filho do homem”, que pode ser traduzido: “Você, ser humano individual!” (BLH: “homem mortal”, com a idéia de “criatura!”). Surge um problema quando esta expressão precisa ser traduzida do hebr. ou do aramaico (Dn 7.13 foi transmitido em aramaico!) para idiomas que não conhecem o uso exclusivista de “filho”. Isto vale para o grego (*huios tou anthropou*) assim como para o nosso “filho do homem”. Muitos leitores da Bíblia compreendem erradamente este título como contrapartida a “Filho de Deus”, no sentido de dizer que Jesus não procede somente de Deus mas também do ser humano, de Maria. Ele é “filho de Deus e de Maria”, o que até cantamos pensando em sua majestade e humildade. Jesus, porém, pensava com este título exatamente em sua majestade e origem de Deus, como pressupõe o contexto de Dn 7.13. Por esta razão, os primeiros missionários também não levaram o título para as regiões de cultura grega. Eles não tinham nenhum interesse em mal-entendidos. Só para os evangelhos a fidelidade da transmissão exigiu a repetição do termo semita. Quando Paulo, porém, chegava em textos em que “filho do homem” estaria em hebr., ele escrevia corretamente “o homem”, ou seja, o novo e verdadeiro Adão criado por Deus (Rm 5.15; cf. 1Co 15.21; Cl 3.9s; Ef 4.24). Esta é a tradução de “filho do homem” entendida corretamente, contendo todo o seu sentido original.

c. *Relação com Daniel e Enoque*. De modo indireto, a passagem do Filho do Homem em 2.10, e bem claramente as declarações como 13.26 e 14.62, mostraram que Jesus derivava seu envio de Dn 7. Nenhuma vez suas declarações sobre o Filho do Homem contêm ecos de outras passagens do AT, como de Ezequiel e dos Salmos. Portanto, para Jesus o Filho do Homem, de acordo com Dn 7, é o representante do reino de Deus escatológico, especificamente em seu caráter humano, em contraste com os reinos anteriores, de caráter sanguíneo. Ele é o segundo Adão, criado por Deus, que lhe agrada e foi exaltado à sua presença (cf. opr 2 a 2.1-12). Agora, e não antes, todos os anseios das pessoas que sofrem serão atendidos. Alguns círculos judeus,

todavia, ocuparam-se adiante com este personagem de Daniel. Um exemplo disto é o livro de Enoque, que também era tido em alta conta pelos primeiros cristãos, como demonstram perto de 60 pontos de contato no NT (veja o apêndice da 26ª edição do NT grego de Nestle-Aland, de 1979). Por capítulos sem conta, o Filho do Homem ocupa o centro das atenções ali. Ao contrário de Daniel, porém, ele executa ativamente o juízo, e às vezes também é chamado de “Messias”. O Filho do Homem juiz também é encontrado várias vezes em Jesus (p ex em 8.38, especialmente em Mt 25.31ss). Assim, vemos que Jesus fazia uso da linguagem de esperança do seu tempo. Tenha, porém, usado Daniel ou Enoque, ele o fez de modo criativo e os ultrapassou com uma profundidade surpreendente. Isto o comentário do nosso trecho mostrará. O cumprimento sempre excede a profecia, e esta, medida por seu cumprimento, só é “parcial” (1Co 13.9).

Um detalhamento da questão por que Jesus falou do Filho do Homem sempre na terceira pessoa, como de alguém outro que não dele mesmo, não cabe em nosso escopo. Pelo contexto da maioria das passagens, porém, não pode haver dúvidas de que ele se identificava com este personagem.

**31 Então, começou ele a ensinar-lhes.** De acordo com o contexto, trata-se do ensino aos discípulos, não em público (cf. 4.10). O ensino particular era bem conhecido no judaísmo. Nem todos os assuntos eram apropriados para todos (Jeremias, Theologie, p 243ss). Neste caso, o objeto do ensino, bem diferentemente dos costumes judaicos, era o próprio Jesus como **o Filho do Homem**. Em onze das doze passagens na segunda metade do livro, este tema é levantado sempre no círculo íntimo. Só na duodécima e última passagem ele explode em público e acarreta as conseqüências mais pesadas possíveis (14.62).

Jesus coloca este título diretamente no lugar do “Messias” do v. 29. Ele não repete “Messias”, mas também não o suspende. É bem parecido com 14.62: uma confirmação brevíssima, para em seguida falar do Filho do Homem segundo Dn 7.13. Lá como aqui, Jesus não usurpa a majestade do Messias. Não acontece uma retirada para o recolhimento e a contemplação do além, nem uma renúncia do reinado sobre a terra e seus povos e reinos. Este reinado, porém, é detalhadamente descrito.

Em Israel ninguém teria a idéia de que poderia haver a instalação do reinado de Deus sem que se estabelecesse o direito, o que inclui julgamento. O livro da Consolação de Isaías também não pôde celebrar deixando de falar de culpa e pecado (Is 56.1; 42.1-4). Por esta razão, Jesus também anunciou um Filho do Homem que fosse juiz (opr 4c). O julgamento acontece, só que – parece brincadeira – na pessoa errada. Acontece algo que nenhum coração humano jamais imaginou, uma transferência estonteante de culpa: era preciso que o próprio Filho do Homem **sofresse muitas coisas**; o próprio juiz arca com a condenação. Desta perspectiva, não é estranho que Jesus fosse levado de Dn 7.13 para Is 53. No seu ponto de vista, o personagem celestial uniu-se ao personagem sofredor do obediente Servo de Deus. Este é o aprofundamento imenso de Dn 7: a chegada radiante do reinado de Deus aconteceu em um ato misterioso da graça.

Esta transferência da culpa para o inocente também se espelha no evangelho de Marcos no fato de que, nas passagens em que o povo ou seus líderes se endurecem, sempre brotam novas iniciativas de salvação. Não seguem ameaças de destruição ou descrições do inferno, mas um impulso novo e ainda mais intenso da graça. No momento em que se tomou a decisão de matá-lo, Jesus lançou as bases para um Israel renovado (3.6,13s). Quando o transformam em demônio, ele começa com parábolas do reino de Deus (3.22; 4.1ss). Quando Nazaré o rejeita, ele dá início ao envio dos discípulos (6.5ss). Numa situação em que as pessoas não querem mais levar seus pecados a sério, Deus é o único a fazê-lo, colocando-os sobre o Filho do Homem. Deste modo, este se conscientiza da sua função de juiz e faz o direito prevalecer sobre o mal. João Batista já tinha anunciado o juiz: o machado já está posto à raiz da árvore, o batismo com fogo é iminente (Lc 3.9). Na Sexta-feira da Paixão, contudo, ele, este juiz, apareceu como o supliciado. Este era o senso de envio de Jesus, esta necessidade de sofrer. Sua condição de Filho manifestou-se em sua obediência, e sua majestade culminou em sua humilhação (cf. 2.10).

Este **é necessário** não é uma questão de destino (cf. v. 31n), mas exatamente uma questão de quebrar o destino. Um Deus que só é fiel a si mesmo e à sua criação penetra nas supostas leis do nosso mundo e o busca de volta para casa. O momento por excelência de rompimento deste “é necessário” é a história de sofrimento do Filho do Homem Jesus.

Ele até tem de sofrer **muitas coisas**. Michaelis tentou estabelecer uma relação com Is 53.4,11 (*paschein* com o hebr. *sabal*), fazendo com que a plenitude do sofrimento fosse explicada pelo todo da culpa da humanidade, que o Servo de Deus teve de carregar. Dificilmente, porém, para Marcos o termo tem todo esse conteúdo, pois ele também o usa para a mulher com hemorragia, que

profanamente “muito padecera à mão de vários médicos” (5.26). A literatura judaica tem muitos exemplos do significado não-messiânico desta expressão. Portanto, o texto não tem base suficiente para uma ligação direta com Is 53.

A profundidade do seu sofrimento se completa com a necessidade de que o Filho do Homem **fosse rejeitado pelos anciãos, pelos principais sacerdotes e pelos escribas**. Entra em cena o novo e último grupo de adversários, a nata do judaísmo oficial, que até então só agira por intermediários (3.22; 7.1; 8.1). Ele é composto dos cabeças (anciãos) da aristocracia leiga, dos seis a dez sacerdotes mais importantes (veja a nota ao versículo), que formavam a comissão de governo, e pelos escribas, que eram os especialistas jurídico-teológicos. Estes três grupos são integrantes fixos do Sinédrio (Conselho Superior, cf. 15.1). A rejeição de Jesus, portanto, não será um desvio ocasional, mas um “não” totalmente oficial, bem pensado e de responsabilidade unânime de Jerusalém. Esta solidão notória no meio do povo messiânico faz parte da medida de sofrimento do Messias. Antes do seu aniquilamento físico, ele será “rejeitado”, ou seja, aniquilado moralmente. Várias vezes a Escritura destaca a vergonha como o cerne dos seus sofrimentos (2Tm 1.12,16; Hb 6.6; 11.26; 12.2; 13.13; 1Pe 4.12-14). Mais uma vez fica de fora uma relação direta com Is 53 (talvez no v. 3), porque o paralelo desta rejeição em 12.10 nos leva ao Sl 118.22. Os construtores, isto é, os especialistas que entendem do assunto, analisam a pedra e a jogam fora com desprezo.

Nada é poupado ao Filho do Homem: e que **fosse morto**. Com isto sua medida ultrapassa os sofrimentos do justo de Sl 18.22 e 118. Lá os vagalhões também ficam altos, muito altos, mas no último instante Deus interfere: “*Não morrerei*; antes, viverei e contarei as obras do Senhor” (Sl 118.17; cf. opr 4b a 15.20-41). Aqui, porém, chega-se ao extremo – conforme a vontade de Deus, por intermédio do seu próprio povo e às mãos dos pagãos.

Com isto, porém, o **é necessário** ainda não está esgotado: **e que, depois de três dias, ressuscitasse**. A palavra “ressuscitar”, lit. “levantar” (*anhistanai*), também está no Sl 20.9; 40.9-11 com o sentido de experimentar a ajuda de Deus. Isto, porém, é só um paralelo de palavras, não de conteúdo. Aqui não se trata de “levantar-se” depois de alguma derrota ou desânimo, mas de ressurreição. Mais uma vez o contexto não aponta diretamente para Is 53 (como o v. 10s para 52.13). O acréscimo **depois de três dias** conduz para Os 6.1s. Estes versículos serviam de passagens cardeais para os judeus do século I para a ressurreição. A referência ao prazo curto (veja a nota ao versículo) reflete a promessa de fidelidade de Deus. Ele não se esquecerá da intervenção salvadora, não dormirá, não adiará (cf. Lc 18.8). Ele estará à altura e ressuscitará o Filho do Homem fisicamente, confirma-lo-á moralmente e reabilita-lo-á juridicamente. Assim Dn 7.14 entra em vigor: “Foi-lhe dado domínio, e glória, e o reino. [...] O seu domínio é domínio eterno, que não passará, e o seu reino jamais será destruído.”

O v. 31 não diminuiu em nada o caráter messiânico depois do v. 29. A confissão de Pedro não foi nem corrigida nem limitada, antes sublinhada espantosamente por uma interpretação da teologia do sofrimento. Ao mesmo tempo, a ordem de guardar silêncio do v. 30 e todas as outras tiveram a sua explicação. Quem ainda não sabia nem entendeu que Deus rompe e elimina o sofrimento do mundo por meio do sofrimento do seu Filho que foi condenado em nosso lugar, quem ainda nos faz assombrar com outros modelos de salvação, especialmente os zelotes, não deve falar de Jesus Cristo. A confissão do Cristo teve seu vínculo definitivo somente com o papel sacrificial do Cristo. Então ele mesmo confirma: “Eu sou” (14.62).

- 32 Nesta altura Marcos encaixa um comentário importante: **E isto ele expunha claramente**. A mesma frase, mas sem o “claramente”, também está em 2.2; 4.33 (“anunciava-lhes a palavra”, “lhes expunha a palavra”), de modo que “a palavra”, aqui e lá, deve abranger toda a mensagem de Jesus (cf. o uso também em 4.14s), não somente certa declaração profética (assim também Pesch II, p 53). A novidade é que Jesus não anuncia o reinado de Deus no círculo mais próximo de modo impessoal, mas enuncia o segredo deles com todas as letras: sua cruz e ressurreição. Ele prega a si mesmo como o Filho do Homem que sofre. Esta revelação faltara até agora.

**Mas Pedro, chamando-o à parte, começou a reprová-lo**. Com a atitude com que alguém superior se aproxima de um fraco, ou o conhecedor do que está inseguro, Pedro se achega ao seu mestre. “Reprovar” é, tanto no AT como em Jesus, uma expressão de indignação santa (cf. v. 30). Assim, Pedro pensa estar agindo em nome de Deus. Ele retruca teologicamente, não por talvez “sonhar com uma vida sem sofrimento” (Haenchen, p 296) e “pensar em vida terrena e bem-estar” (Bertram, ThWNT IX, 228). Este homem, que abandonara tudo para seguir a Jesus, ficara ao lado



dele em todos os conflitos e o acompanhara em todas as fugas, não era um “desertor” (cf. 10.28; 14.31,54,66). Não; o que o fez intervir foi a convicção de que Jesus estava se posicionando contra Deus ao anunciar um *christos pathetos*, um “Cristo sofredor” (At 26.23). Quaisquer que sejam as tribulações destinadas ao Messias como a todos os justos neste mundo, derrotado ele jamais seria. A injustiça não triunfaria, pelo contrário, ele acabaria com ela. “Nós temos ouvido da lei que o Cristo permanece para sempre”, respondem os ouvintes em Jo 12.34 às insinuações sombrias de Jesus. Para eles, o Messias estava ligado à idéia de glória (Bill. II, 274,282s). Como seu povo, Pedro tropeçou no fundo em Is 53, este capítulo enigmático, “incrível” no AT, que anunciava coisas jamais contadas e jamais ouvidas (52.15). Esta mensagem só era aceitável para os estudiosos judeus depois de uma reinterpretação absurda para o seu contrário (Bill. II, 283). Por isso sua condição para Jesus pendurado na cruz em 15.32 foi: “Desça agora da cruz o Cristo, o rei de Israel, para que vejamos e creiamos”. Ele pode até passar por maus bocados, mas ao ponto extremo não pode chegar.

- 33 Jesus, porém, voltou-se e, fitando os seus discípulos, repreendeu a Pedro.** O movimento do corpo já foi uma resposta. Jesus se libertou de Pedro e insistiu em sua posição de liderança entre os discípulos. A isto se junta a reprovação contrária: **e disse: Arreda, Satanás!** Em 3.27 Jesus identificara Satanás como seu verdadeiro adversário. Agora ele está ali, no conselho de um amigo, até como teólogo. Entretanto, com determinação inescrupulosa, Jesus abre seu caminho para Jerusalém, se bem que a atitude dura vale mais para si mesmo do que para o discípulo. A frase final explicativa confirma que Pedro pensava ter falado em nome de Deus: **Porque não cogitas das coisas de Deus, e sim das dos homens.** No contexto da referência a Satanás, não devemos concluir que o pensamento humano seja sempre satânico. Todavia, o pensamento humano, por mais humano e espiritual queira ser, também não é automaticamente divino (Is 55.8ss), mas pode ser instrumento do adversário. Especialmente os pensamentos de Deus em relação ao caminho da salvação de que se trata aqui, nunca entraram em um coração humano sem uma revelação pela graça (1Co 2.9; Is 53.1).

### 3. Afirmações sobre seguir a Jesus, 8.34–9.1

(Mt 16.24-28; Lc 9.23-27; cf. Mc 8.38s; 10.33;  
Lc 12.9; 14.27; 17.33; Jo 12.25s)

**Então, convocando a multidão e juntamente os seus discípulos, disse-lhes: Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue<sup>a</sup>, tome a sua cruz e siga-me.**

**Quem quiser, pois, salvar<sup>b</sup> a sua vida<sup>c</sup> perdê-la-á<sup>d</sup>; e quem perder a vida por causa de mim e do evangelho salvá-la-á.**

**Que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro e perder<sup>e</sup> a sua alma?**

<sup>37</sup> **Que daria um homem em troca de sua alma?**

**Porque qualquer que, nesta geração adúltera e pecadora, se envergonhar de mim e das minhas palavras, também o Filho do Homem se envergonhará dele, quando vier na glória de seu Pai com os santos anjos.**

**Dizia-lhes ainda: Em verdade vos afirmo que, dos que aqui se encontram, alguns há que, de maneira nenhuma, passarão pela morte até que vejam ter chegado com poder o reino de Deus.**

*Em relação à tradução*

<sup>a</sup> “Negar”, que se popularizou como tradução para (*ap*)*arneisthai*, tem a mesma raiz que “mentir”. Com este sentido também usamos o termo no dia-a-dia. Negar a idade ou a procedência, a presença ou uma amizade, identifica uma atitude mentirosa: fingir, ocultar, representar algo sabendo que é outro. Este sentido, porém, não existe no termo grego. O sentido básico é “dizer não, rejeitar, recusar, abjurar, desfazer uma relação de fidelidade” (cf. 14.30s,66-72). O oposto é *homologeîn*, “confessar”.

<sup>b</sup> Para “salvar” em seus contextos veja 6.56n. Aqui a palavra tem significados diferentes nas duas metades do versículo.

<sup>c</sup> *psyche* precisa sempre ser entendido no contexto. Em 3.5 o termo praticamente tem o sentido de “pessoa”. Em 12.30; 14.34, porém, trata-se de um aspecto parcial, o complexo de emoções e sentimentos, o desejo de viver. Aqui nos v. 35,36,37 e 10.45 o termo denota toda a existência dada por Deus, tanto no tempo terreno como no julgamento escatológico.



<sup>d</sup> Subjaz a este verbo a conhecida expressão judaica *ibbed naphcho*, que abrange uma noção ativa. Pode-se “perder” a vida sem querer, contra a vontade, por iniciativa de inimigos; “pôr fora” (cf. [BV](#)) é uma atitude culposa pessoal.

<sup>e</sup> Para deixar claro que este “perder” significa perda total, Gnllka o traduz por “ficar no prejuízo” ([BJ](#): “arruinar”).

### *Observações preliminares*

1. *Contexto.* O gesto de obediência que brilhou em Jesus no v. 31 estende-se agora na direção dos seus discípulos, na forma de seis frases que falam de segui-lo. Esta fundamentação cristológica do discipulado era bem viva para os primeiros cristãos, como se vê no fato de a palavra do Senhor sobre carregar a cruz estar preservada cinco vezes ([Mt 16.24](#); [10.38](#); [Mc 8.34](#); [Lc 9.23](#); [14.27](#)), e a de dar a vida até seis vezes ([Mt 10.39](#); [16.25](#); [Mc 8.35](#); [Lc 9.24](#); [17.33](#); [Jo 12.25](#)). Assim como o Senhor teve de “padecer muitas coisas”, “através de muitas tribulações, nos importa entrar no reino de Deus, e Paulo haveria de experimentar “quanto lhe importa sofrer” ([At 14.22](#); [9.16](#)). Este “semelhante a Cristo” também é o padrão da vida cristã nas cartas ([Rm 15.2s,7](#); [Ef 4.32](#); [Fp 2.5](#); [1Pe 2.21](#)). A semelhança com Cristo pode ser tão convincente que um discípulo pode dizer para o outro: “Seja como eu!” ([Gl 4.12](#); [1Co 4.6,16](#); [Fp 3.17](#)). Seguindo a Jesus, que só seguia a Deus, cada vez mais pessoas são arrastadas para a revolução da obediência. – Por outro lado, Marcos é a última pessoa que se tornaria culpado de exagero e sobrecarga. Constantemente ele destaca a diferença imensa entre Jesus e os seus seguidores (a incompreensão dos discípulos), até o ponto em que seu discipulado desmorona. A única coisa que sustenta todos os que carregam a cruz é a cruz de Jesus.

2. *Transmissão.* As seis afirmações, unidas levemente por quatro “porquês”, estão vinculadas apenas pelo conteúdo, não pelo contexto. A última afirmação em [9.1](#) pressupõe [p ex](#) a presença de espectadores; logo na introdução Marcos os menciona no v. 34.

As outras afirmações, por outro lado, são dirigidas claramente a seguidores. Além disso, a comparação com os textos paralelos mostra que os evangelistas encaixam cada uma destas afirmações em contextos diferentes, assim como apresentam variações nos detalhes, sem descuidar da fidelidade ao conteúdo básico. Tudo isto chama a atenção do leitor da Bíblia para os processos da transmissão. Uma contribuição de Marcos (ou da sua fonte) pode ter consistido em que ele acrescentou “e do evangelho” no v. 35 e “e das minhas palavras no v. 38. O mesmo se pode dizer de “e por amor do evangelho” em [10.29](#). Em todos estes casos essas palavras faltam nos paralelos em Mateus e Lucas. Que se pode tratar de acréscimos também é sugerido pela impressão de que o trecho é marcado por uma relação entre pessoas, e não em relação a palavras. O processo é instrutivo. Os evangelistas certamente não se sentem autorizados a inventar coisas, mas, ao lado da obrigação de transmitir os fatos, sentem também a responsabilidade espiritual por seu círculo específico de leitores. Eles não eram “burocratas, mas missionários” (Moltmann; cf. também [opr 2 a 10.2-12](#)).

3. *“Tomar sobre si a sua cruz”.* É óbvio que Jesus não queria que os discípulos carregassem uma viga atrás dele. Trata-se de uma expressão figurada que deve ser interpretada com todo cuidado, ainda mais que não se encontrou nenhum outro registro dela na época de Jesus (Bill. I, 507). Os monges viram nela a exigência da flagelação e da renúncia ao casamento. Outros limitaram o sentido ao martírio literal de todos os discípulos autênticos; ainda outros o ampliaram para a imitação de Jesus em geral. Ou, a “cruz” é qualquer incômodo, da dor nas costas ao filho rebelde, que deve ser suportado com paciência. Alguns até lembram de uma expressão dos beduínos de hoje, para os quais “cruz” é a estaca da tenda: Derrubem as barracas, separem-se das coisas antigas! Sugestões não faltam, portanto, até o ponto de tatuar-se com o sinal da cruz ou deixar-se batizar. No comentário faremos uma tentativa de respeitar os contextos.

4. *Sobre a afirmação que começa com “em verdade” em 9.1.* Esta declaração solene já foi objeto de várias interpretações (veja a bibliografia na análise detalhada de Künni).

a. *A divisão em capítulos*, feita na Idade Média, espelha a idéia de que a palavra se cumpriu seis dias mais tarde, na transfiguração ([9.3](#)). “Alguns”, neste caso, refere-se a Pedro, Tiago e João, que contemplaram a glória celestial de Jesus no alto do monte. Esta interpretação predominou na Antiguidade e na Idade Média. Os intérpretes de hoje, porém, consideram este sentido no máximo como a opinião de Marcos. Dificilmente, porém, o evangelista pode ter equiparado este brilho momentâneo com a chegada do reinado de Deus em poder. E o intervalo de somente uma semana é muito curto aqui.

b. *Intérpretes* como Lohmeyer, Godet, Wohlenberg e Barclay pensam que o cumprimento se deu em Pentecostes e no sucesso espantoso da expansão missionária em todo o mundo daquela época ainda no tempo da primeira geração. Com isto, porém, não combina o número expressamente pequeno de testemunhas (“alguns”).

c. *Outros* atribuem a palavra à igreja depois da Páscoa. Numa reunião dos cristãos, certo dia um profeta se apresentou e, para encorajar e consolar os ouvintes, renovou a promessa do retorno de Jesus, marcando-lhe um tempo: alguns deles, os que vivessem mais tempo, haveriam de experimentá-lo. Naturalmente este profeta estava enganado. A história do mundo continuou tranquilamente, e toda aquela geração foi sepultada (Wellhausen, Drews, Bultmann, Conzelmann, Haenchen, Grässer, Bornkamm, Schweizer, Jüngel, Trilling,

Gnilka, Schmithals). Todavia, será que isto é consolo, se a maioria não o verá? E será que não há uma contradição com o ensino dos primeiros cristãos, que afirma: “*Todo olho o verá*” (Ap 1.7; cf. também a ênfase na publicidade em Mc 13.26)?

d. *Ainda outros* vêem aqui uma palavra autêntica de Jesus. Neste caso, porém, Jesus se enganou. “A honestidade e o compromisso com a verdade nos forçam a tomar essa posição”, escreve J. Jeremias, Theologie, p 139 (com pequenas diferenças também Cullmann, Schlatter, Blumhardt, Zahn, Michaelis, Dehn, Schniewind, Rengstorff, Rienecker, Grob, Künzi). Marcos supostamente transmitiu esta afirmação por respeito, mas a aplicou à transfiguração. Só que os expositores, depois que Jesus se enganou, precisam consolar os leitores de hoje, o que pode ser bastante complicado. Por outro lado, será que uma profecia do fim com data determinada não está em contradição fundamental com 13.32, que saiu da mesma boca?

Nossa interpretação se baseia em Lutero e Calvino, e em parte também foi motivada por Karl e Markus Barth (cf. também Schlink, Ökumenische Dogmatik, Munique 1983, p 302). Ela se prende às partes que compõem o texto transmitido. M. Künzi, na minha opinião, desfaz-se delas com muita facilidade (p 200s).

**34 Então, convocando a multidão e juntamente os seus discípulos, disse-lhes.** Para os vv. 34-38 devemos ter em mente que os ouvintes são os discípulos, ou seja, pessoas dispostas a segui-lo (opr 2). Eles se apresentam para anunciar solenemente o seu Senhor (cf. 3.13; 7.14). Os começos seguintes, “se alguém quer” ou “quem”, mostram o estilo de declarações legais. A vontade de Deus é definida para um caso específico, uma lei de vigência geral é proclamada. Não é uma espiritualidade especial que se tem em vista, mas o discipulado normal. Fora destas regras não há como ser discípulo digno do nome!

**Se alguém quer vir após mim.** Com Jesus, também é possível *não* querer, como mostrará 10.23. No entanto, se alguém tomou sua decisão, ele está submisso à regra básica: **a si mesmo se negue**. Também para quem seguia um rabino judeu era necessário submeter-se e dominar-se. Os anos de aprendizado nunca foram tempos de senhorio. Ao mesmo tempo, porém, o discípulo estava construindo sua carreira, até um dia ser promovido ele mesmo a rabino. É isto que Jesus não está prometendo. Com honestidade total ele diz aos seus discípulos que Deus não pode ser usado como desculpa para impor interesses próprios. Pelo contrário, Jesus reafirma o primeiro mandamento: nada de deuses paralelos, nada de intenções paralelas! Triunfam as três primeiras petições do Pai-nosso: o nome, o reino e a vontade de Deus. De outra forma não se pode seguir a Jesus. Mais uma vez também fica claro que esta renúncia à supremacia pessoal não equivale a aniquilação pessoal, como a ascese pagã a tem em vista. O discípulo não se deve fazer desaparecer, mas servir. Deus, por meio de Jesus, o trouxe para tão perto, que ficou longe de si mesmo e pode perder-se de vista de modo muito surpreendente (Mt 6.3).

Portanto, quem quer estar com Jesus, precisa deixar que só Deus decida sobre a sua vida. A sua relação com a sociedade, porém, também se esclarece: **tome a sua cruz**. Na época de Jesus esta expressão figurada era compreensível de imediato a qualquer pessoa, pois todos podiam contemplar livremente as peculiaridades da pena da crucificação. Diferente de outras formas de execução, a crucificação era aplicada quando se queria tirar de um criminoso não só a vida mas também a sua honra, quando se queria expô-lo ao desprezo absoluto e à aniquilação moral. Esta era a intenção também com o próprio Jesus: “Era necessário que [...] sofresse muitas coisas e fosse rejeitado” (v. 31). Tanto para os judeus como para os romanos a morte na cruz era uma morte vergonhosa, que equivalia à excomunhão. Deste modo, a carta aos Hebreus liga à crucificação de Jesus expressões como “expondo-o à ignomínia” (6.6), “o opróbrio de Cristo” (11.26), “não fazendo caso da ignomínia” (12.2), “sofreu fora da porta” (13.12) e “levando o seu vitupério” (13.13).

O escárnio, porém, não principiava somente na cruz (15.29,31), mas já desabava sobre a cabeça do condenado assim que colocava o pé na rua, com a viga transversal sobre os ombros, diante da população que uivava. Ele já podia ser considerado morto e, enquanto cambaleava sob o peso da viga pelo corredor polonês da multidão, qualquer pessoa podia castigá-lo com um golpe ou um pontapé, cuspir ou jogar sujeira nele ou amaldiçoá-lo (Jeremias, Theologie, p 232). Desde o instante do anúncio da pena no interior do prédio do tribunal ele era um fora-da-lei (14.65; 15.16-19). Por isso a “cruz” não é simplesmente uma desventura física, nem um sofrimento interior qualquer, já que há sofrimentos honrosos. “Tomar a cruz sobre si” é, acima de tudo, concordar com o sofrimento, que nos isola, faz as pessoas balançarem a cabeça quando nos vêem e, no fundo, faz com que ninguém, além de Jesus, nos entenda direito. Neste sentido não existe “cruz” em série, porém para cada discípulo há **a sua cruz**, que ninguém conhece igual. Por último, ela tem também a marca da

permanência. Jesus não está tratando aqui de uma experiência isolada, tal como o fim da vida com martírio, mas do discípulo que está a caminho, “dia a dia” tomando sobre si a sua cruz, como esclarece o texto paralelo em Lc 9.23. Paulo reafirmou este processo de “conformar-se com ele na sua morte” (Fp 3.10). Ele sabia que não se pode ter Jesus no coração sem carregar uma cruz nas costas.

O versículo termina com o efeito causado pela retomada do seu início: **Se alguém quer vir após mim [...] siga-me**. Deste modo aquilo que está no meio, que é a consagração a Deus e a aceitação do desprezo da sociedade, é abraçado pela proximidade de Jesus.

- 35 Se a primeira afirmação deixou claros os contornos do discipulado, a segunda toca no seu âmago. A repetição por seis vezes nos evangelhos mostra como ela deixou sulcos profundos na memória dos primeiros cristãos. **Quem quiser, pois, salvar a sua vida**. Todas as pessoas querem salvar sua vida, garanti-la, segurá-la, saboreá-la, e muitas vezes conseguem o contrário. Exagerando a busca da alegria, correndo absortos atrás da felicidade, eles a espantam. Até aqui, a sabedoria de vida geral, para a qual também existem paralelos judaicos (Bill. I, 588). Em nosso caso trata-se de um momento na vida de um seguidor de Jesus. Um discípulo é tomado por medo existencial. A razão para isto pode ser tirada da segunda metade do versículo: sua fidelidade a Jesus, que se torna concreta no trabalho de mensageiro depois da Páscoa, acarreta perigos para ele. Ele corre perigo de tomar de volta um pouco de discipulado e suspender o reinado de Deus sobre a sua vida. Todavia, o discípulo que tomar sua vida nas próprias mãos **perdê-la-á**. Naturalmente pode-se viver sem ser discípulo – ao que parece até de modo glorioso e alegre. Mas será que isto ainda é “vida” para um discípulo? Aqui Jesus introduz um segundo conceito de vida na reflexão do amedrontado. Ele é muito exigente: a vida que não é vivida de Deus, com Deus e para Deus (Rm 12.1; Fp 2.6ss), não vale o ar que consome. A existência separada de Jesus, do seu evangelho e sua igreja é tão árida que dá vontade de gritar. Aqui entra o Sl 73.25,26: “Quem mais tenho eu no céu? Não há outro em quem eu me compraza na terra. Ainda que a minha carne e o meu coração desfaleçam, Deus é a fortaleza do meu coração e a minha herança para sempre.” Ou o Sl 63.3: “A tua graça é melhor do que a vida”. Esta vida de verdade também é vida eterna. Ela ultrapassa os limites da existência terrena e subsiste também diante do juízo final.

**E quem perder a vida por causa de mim e do evangelho salvá-la-á**. Parece que aqui se inclui o martírio. A testemunha pode ter de dar o sangue. Neste caso os espectadores poderão medir, por sua disposição de morrer por Jesus, que Senhor grande e bondoso, este Jesus deve ser. Servir a ele, mesmo que sob renúncias e perdas indizíveis (2Co 6.9; 12.10) é honra, felicidade e vida em plenitude. O anseio por viver com Jesus, portanto, é mais forte que a pura vontade de sobreviver.

- 36 As duas próximas declarações advertem contra “a fascinação da riqueza” (4.19; cf. 10.24). **Que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma?** É óbvio que a apostasia de Jesus em nenhum lugar é recompensada com a posse do mundo inteiro. O salário muitas vezes será bem mirrado: talvez 30 moedas de prata e uma corda (cf. Mt 26.15; 27.5). Mas mesmo que o desertor ganhasse o mundo inteiro, o prejuízo valeria a pena? Jesus respondeu à pergunta claramente para si, quando “todos os reinos do mundo” lhe foram oferecidos como prêmio para ajoelhar-se perante o tentador (Lc 4.5-8).
- 37 Que esta troca é um engodo fica evidente o mais tardar quando se tenta sem sucesso invertê-la: **Que daria um homem em troca de sua alma?** No julgamento final a conta não fecha. Em face do propósito verdadeiro do ser humano, em face da sua vida com Deus, todo o resto são cacarecos. Além disso, a um morto não pertence mais nada mesmo; ele é que pertence à morte.
- 38 Uma ameaça e uma promessa encerram a série: **Porque qualquer que, nesta geração adúltera e pecadora, se envergonhar de mim e das minhas palavras**. Os textos paralelos em Mt 10.33; Lc 12.9 têm em lugar de “se envergonhar” o termo “negar” (*aparneomai*). Nos dois casos a idéia é que um discípulo se desliga legalmente de Jesus, talvez diante de um tribunal. Nesta circunstância, “envergonhar-se” destaca a causa interior que gera a rejeição, que é a falta de ânimo para o testemunho público. Mesmo que em geral envergonhar-se possa ser um bom sinal, porque isto nos diferencia dos desavergonhados, aqui está tudo de pernas para o ar. Um sentimento de vergonha totalmente errado nos separa do bom e sua boa mensagem, para nos solidarizar com uma **geração adúltera e pecadora** (figura do AT para o povo que quebrara a aliança: Is 1.21; Jr 3.1s,82; 9.1; Ez 16.32-34,38; Os 2.4-7). É verdade que a humilhação de Jesus é tão opressiva que quase não há como não ficar desanimado. E os discípulos, afinal de contas, são humanos. Passagens como Rm 1.15;

2Tm 1.8 mostram que até os grandes apóstolos eram atacados por esses sentimentos. Mas eles têm de ser suportados. Exatamente os sofrimentos de Jesus tão desprezados são o coração de todas as coisas. “A palavra da cruz” é o poder de Deus que renova o mundo (Rm 1.16; 1Co 1.18). Neste ponto não podemos nos separar. Jesus valoriza a si e sua palavra de uma maneira como nenhum profeta do AT teria arriscado para si. Ele reivindica toda a autoridade, com toda humilhação e exatamente com base em seus sofrimentos.

Disto resulta a continuação análoga: **também o Filho do Homem se envergonhará dele, quando vier na glória de seu Pai com os santos anjos**. O Filho do Homem aqui não é outro do que o Jesus da primeira parte do versículo, só que diferente, ou seja, revelado em sua majestade. Sua glória é manifesta: Deus é seu pai; e seu poder sobre todos os poderes: os anjos o servem (cf. Dn 7.10; Mc 1.13; 13.27). E ele preside o julgamento sobre todas as pessoas (cf. Mt 25.31). Neste momento acontece o reencontro com o discípulo apóstata e a sua condenação, pois ele ficou sem a intercessão do Senhor.

- 9.1** Este versículo coloca uma palavra de consolo ao lado da advertência, para fortalecer os discípulos enquanto seguem a Jesus. A impressão é que ele procede de outra ocasião, pois conta com uma nova introdução e também pressupõe que a multidão igualmente está ouvindo (cf. v. 34). **Dizia-lhes ainda: Em verdade vos afirmo:** o início com forma de juramento sublinha a autoridade de Jesus (cf. v. 38). **Dos que aqui se encontram, alguns há que, de maneira nenhuma, passarão pela morte até que vejam ter chegado com poder o reino de Deus.** Entre os ouvintes de Jesus, **alguns** haveriam de ser testemunhas oculares de algo especial. Acontece que muitos vêm no texto que se trata de uma expectativa de vida especialmente alta, que faria com que sobrevivessem a todos os seus contemporâneos e se tornassem testemunhas do “reinado de Deus em poder” com uma idade avançadíssima. Se fossem mais jovens, estaria em questão um momento depois de pelo menos meio século. Desta maneira, porém, dificulta-se a compreensão de uma afirmação simples. O que aqui exclui da visão a maioria dos espectadores não é seu sepultamento, e o que torna a minoria testemunhas não é sua saúde, antes, a diferença está em ser escolhido ou não. É claro que os eleitos precisam ser especialmente preservados para a sua tarefa. A morte não deve atingi-los antes da hora. Esta garantia não é despropositada, em vista do caminho para Jerusalém, já que os discípulos podiam seriamente contar com seu martírio (10.32; 14.31,47; Lc 22.38; Jo 11.16; 12.10; veja também as insinuações nos v. 34s).

O objetivo de eles serem preservados era para que **vissem a chegada, com poder, do reino de Deus**. Gostaríamos talvez de ligar esta afirmação diretamente a passagens como 13.26; 14.62 ou também 8.38b, ou seja, com a manifestação pública do Filho do Homem no fim dos tempos. Mas as palavras “*alguns* dos que aqui se encontram verão” resistem determinadas a esta tendência. Aqui está em vista exatamente uma vinda não pública do reino com poder. Por mais não-judaico que seja este pensamento, ele corresponde ao ensino de Jesus p ex nas grandes parábolas sobre o crescimento em Mc 4. Segundo estas, o reinado de Deus não vem com um ato instantâneo de poder, mas por um caminho paciente e misterioso. Através de uma semeadura discreta, de ameaças e limitações e de um crescimento oculto, ele frutifica abundantemente. No fim das contas estas parábolas espelham a vinda, atuação, sofrimento, morte, ressurreição e envio do próprio Jesus. Ele mesmo é o reinado de Deus que está chegando. Com isto Jesus está ensinando uma vinda gradual, que se estende no tempo, que tem vanguarda, bloco principal, expansão e consumação. Manifestações iniciais de “poder” (5.30; 6.2,14) são substituídas por sua vitória decisiva. Esta, dentro da consciência de envio de Jesus, sem sombra de dúvida consiste nos três dias entre a Sexta-feira da Paixão e a Páscoa. De modo cada vez mais consciente ele via o seu sofrimento como seu ato mais elevado. Na cruz Deus se tornou rei, triunfaram seu nome, seu reino e sua vontade. Isto ficou evidente na Páscoa, mas “não a todo o povo”, nem a todos os discípulos, mas só a estes “alguns” ou, conforme At 10.41, “às testemunhas que foram anteriormente escolhidas”. Estes que o viram ressuscitado, viram a ele e seu reino “vindo em poder” (cf. Mt 28.18), pois o poder de Deus é essencialmente poder de ressurreição (12.24; 1Co 15.43).

No testemunho dos primeiros cristãos também não é o retorno de Cristo, p ex, que recebe mais ênfase. Pelo contrário, a verdadeira prova do poder de Deus evidenciou-se na Páscoa. Jesus foi ressuscitado pelo poder de Deus (2Co 13.4), é agora Filho de Deus em poder (Rm 1.4) e é, ele mesmo, o poder de Deus (1Co 1.24). A *parusia* será somente o fim do fim, que já foi saudado muito tempo antes, naqueles três dias.

Assim, o nosso versículo retoma o fim do ensino sobre o sofrimento no v. 31, predizendo a ressurreição do Filho do Homem. Para os leitores do evangelho de Marcos, então e agora, este dia de fato já faz parte do passado. Eles são consolados desde então por esta promessa como lembrança: cruz, sofrimento, angústia e morte não têm mais a última palavra. Deus a conferiu ao Jesus ressurreto.

#### 4. A revelação de Jesus no monte, 9.2-10

(Mt 17.1-9; Lc 9.28-36)

- Seis dias depois, tomou Jesus consigo a Pedro, Tiago e João e levou-os sós, à parte, a um alto monte. Foi transfigurado<sup>a</sup> diante deles; as suas vestes tornaram-se resplandescentes e sobremodo brancas, como nenhum lavandeiro na terra as poderia alvejar. Apareceu-lhes Elias com Moisés, e estavam falando com Jesus. Então, Pedro, tomando a palavra<sup>b</sup>, disse: Mestre<sup>c</sup>, bom é estarmos aqui e que façamos três tendas<sup>d</sup>: uma será tua, outra, para Moisés, e outra, para Elias.**
- <sup>6</sup> **Pois não sabia o que dizer, por estarem eles aterrados. A seguir, veio uma nuvem que os envolveu<sup>e</sup>; e dela uma voz dizia: Este é o meu Filho amado; a ele ouvi.**
- <sup>8</sup> **E, de relance, olhando ao redor, a ninguém mais viram com eles, senão Jesus. Ao descerem do monte, ordenou-lhes Jesus que não divulgassem as coisas que tinham visto, até o dia em que o Filho do Homem ressuscitasse dentre os mortos.**
- <sup>10</sup> **Eles guardaram<sup>f</sup> a recomendação, perguntando uns aos outros que seria o ressuscitar dentre os mortos.**

##### *Em relação à tradução*

<sup>a</sup> A forma passiva indica uma ação de Deus. A RC ainda traduziu com o reflexivo, “se transfigurou”, mas a RA seguiu a voz passiva. “Transfigurar” tem a idéia de metamorfose: mudar de figura, de aparência (BLH; cf. aqui o v. seguinte). Fazer resplandecer tem o sentido de glorificar, tornar famoso. Nossa tradução usa o termo dezessete vezes para a revelação de glória exterior a este mundo (p ex Jo 12.16,23,28; 16.14; 17.1,4,10). Assim, há várias “glorificações” de Jesus, mas só aqui e no texto paralelo de Mateus uma “transformação”.

<sup>b</sup> Cf 11.22n.

<sup>c</sup> Lit. “rabi”, que pela primeira vez Marcos não traduz. Também nas outras vezes em que isto acontece, são discípulos que falam. A palavra parece expressar uma profunda relação espiritual, no mesmo nível do título posterior de “Senhor” e, neste sentido, se encaixa muito bem no contexto aqui (cf. 9.17n).

<sup>d</sup> *skene*, na verdade barraca. Mas esta tradução não é recomendável aqui, pois exigiria a presença dos componentes para barracas no monte. Tendões, por sua vez, podem ser feitos também de galhos.

<sup>e</sup> Parece que a nuvem só cobriu Jesus e a figura dos dois profetas. Os discípulos estavam a certa distância deste grupo e da voz “dela”, o que está mais claro em Mt 17.7 (Oepke, ThWNT IV, 910s; Gnllka).

<sup>f</sup> *kratein* é usado com frequência para “guardar, seguir” um mandamento (7.3,4,8; 2Ts 2.15; cf. Ap 2.13,25; 3.11).

##### *Observações preliminares*

1. *A tradição de Moisés como pano de fundo?* Para encontrar a chave da interpretação da história da transfiguração, foram investigados “paralelos” extrabíblicos, mas também correlações dentro da Bíblia (p ex as histórias da Páscoa, a história do Getsêmani, a história da tentação, a sequência de visões no Apocalipse, as passagens sobre o retorno). Realmente impressionantes são primeiro os elementos semelhantes em Êx 24.15 (“monte, nuvem, seis dias, voz”), Êx 24.1 (três acompanhantes identificados pelo nome, separação dos demais), Êx 40.32s (“à sombra”), Êx 33.7 (“tenda”), Êx 34.29s (“brilho, temor”) e Dt 18.15 (“a este ouvi”). Na verdade, cada termo pode ser encontrado nas histórias de Moisés. Será que nossa história, então, nada mais é que a aplicação teológica do tipo Moisés a Jesus como o novo Moisés, escatológico? Uma segunda leitura com mais atenção, porém, mostra o quanto os textos divergem ponto por ponto em todas as peculiaridades. Não se pode falar de dependência. Também deve ser dito que em nenhum lugar do evangelho de Marcos Jesus é entendido como o novo Moisés.

Encaixes falhos sobrecarregam a simples leitura de texto. Na próxima opr tentaremos entender a história em seu contexto em Marcos.



2. *Contexto*. Básica e inegável é a relação da história da transfiguração com o ensino sobre o Filho do Homem a partir de 8.31. No v. 10 a ressurreição ainda está no centro e no v. 12 a plenitude de sofrimento do Filho do Homem. Aqui, portanto, os discípulos continuam a ser ensinados. Que a transfiguração aconteceu não por causa de Jesus, mas deles, a apresentação mostra de ponta a ponta. Jesus os “toma”, “leva-os” ao alto do monte, transforma-se “diante deles”, assim como Elias e Moisés “lhes” apareceram. No v. 7 também é a eles que a voz se dirige (diferente de 1.11). O último destaque é o imperativo: “A ele ouvi!” Ouvir, no entanto, é o sinal mais distintivo do discípulo (Is 50.4). Assim o círculo se fecha. Os discípulos foram ensinados, mesmo que de modo fora do comum. Por isso estão enganadas todas as interpretações que fazem de Jesus aqui o recebedor da revelação, que foi informado da vontade de Deus ou teve confirmado o seu chamado. Esta também é a diferença essencial com a subida do monte por Moisés nos “paralelos” mencionados na opr 1.

3. *“Seis dias depois”*, v. 2. Esta introdução é muito intrigante. Geralmente Marcos começa com expressões bem comuns, e só na história da Paixão e da Páscoa ele faz uma contagem de dias exata (14.1,12,58; 15.29; 16.2; veja também os três dias em 8.31; 9.31 e 10.34) e, por fim, das horas (15.25,33,34). Em nosso caso, ainda, não é possível saber sem sombra de dúvida a partir de quando os seis dias foram contados, se a partir de 9.1 ou 8.34 ou 8.31 ou 8.27. A maioria dos intérpretes opta por um sentido simbólico. “Seis dias”, na linha dos escritos do AT e do judaísmo, pode significar o tempo de preparo até a revelação, que, daí, segue no sétimo dia (Êx 24.16; 4Esdras 5.19ss; Jubileus 44.3; José e Asenate 13.9). Este período era dedicado a jejum e oração. Disto, porém, não há nenhum indício aqui. Alguns também se ocupam com o sétimo dia como sábado e outros significados profundos, só que parece que Lucas não percebeu nada disto, já que ele arredonda a indicação de tempo: “Cerca de oito dias” (9.28). Baltensweiler segue um caminho bem diferente. Da menção da confecção de tendas no v. 5 ele conclui que a transfiguração aconteceu na festa dos Tabernáculos. Esta “maior e mais santa” das festas judaicas (Josefo) durava sete dias, de acordo com Dt 16.13, sendo que o sétimo era “o grande dia” (Jo 7.37). Para este dia é que Jesus se retirou para o monte com seus amigos, pois as ondas da esperança messiânica judaico-nacionalista (recorrendo a passagens como Os 12.10) começavam a atingi-lo. Jesus queria distanciar-se delas. Com isto ele superou a tentação do caminho sem sofrimentos e triunfante para o Messias. Para isto Deus o fortaleceu com uma experiência especial da sua proximidade. A construção das tendas no v. 5, todavia, nada tem a ver com a festa judaica dos Tabernáculos. Seres celestiais não precisam destas barracas, e elas não eram destinadas aos discípulos. Além disso esta interpretação não leva em conta que o verdadeiro grupo-alvo eram os discípulos.

Nós consideramos uma outra explicação. A história contém, distribuídos pelos versículos 2-8, onze termos que não aparecem em outro lugar em Marcos (*hapaxlegomena*, cf. Steichele, p 92). A isto se juntam outras expressões raras e a citação do nome de Jesus por quatro vezes. Estas características permitem a conclusão de que Marcos tirou este relato de uma fonte diferente, que contava os dias, como as histórias da Paixão. Deste quadro Marcos retirou uma parte, deixando o elo “seis dias depois”, sem que saibamos a que ela se referia originalmente.

- 2 **Seis dias depois.** Para testemunhar acontecimentos com especial valor de revelação, as indicações de tempo têm bastante importância. Isto mostram as histórias da Paixão e da Páscoa (opr 2), mas também já passagens como 4.35; 6.47. **Tomou Jesus consigo a Pedro, Tiago e João e levou-os sós, à parte.** Em várias ocasiões em que um grupo seletivo de testemunhas era requerido, o grupo é composto destes três (5.37; 14.33; cf. 13.3). Aqui estes três servem claramente de vanguarda. Aquilo que um dia haveria de preencher todas as terras, eles experimentam em hora antecipada e em alturas solitárias: **Levou-os a um alto monte.** A geografia não interessa, já que não se pensa em peregrinações. A fé no Senhor vivo que está presente em todos os lugares faz com que montes sagrados entrem em esquecimento.

**Foi transfigurado diante deles.** Diante dos olhos dos discípulos transformou-se a “aparência” de Jesus, como Lc 9.29 esclarece. A fidelidade interior de Jesus à sua missão trouxera uma ausência cada vez maior de brilho à sua vida. Muitas vezes ele estava empoeirado, faminto e exausto diante deles, além de perseguido, sem pátria e sem proteção. De repente passa uma labareda por esta casca de humilhação, indubitável, inesquecível (cf. 2Pe 1.16-18). Seu ser irrompe na esfera visual. Por alguns momentos, todo ele está permeado de luz.

- 3 **As suas vestes tornaram-se resplandecentes e sobremodo brancas, como nenhum lavandei-ro na terra as poderia alvejar.** Para o oriental, roupa e pessoa são uma coisa só. Assim, ele pode descrever vestimentas para caracterizar quem as usa (Ap 1.13; 4.4; 7.9; 10.1; 12.1; 17.4; 19.13). É neste sentido que aqui se fala das roupas de Jesus. Elas são brancas em superlativo, mais do que é possível na terra. “Branco” aqui já não é uma indicação de cor, mas denota uma ausência de qualquer cor, plenitude de luz sem nenhuma sombra. Este branco é sempre de novo o atestado de seres celestiais (Êx 34.29; Dn 7.9; 13.3; Mc 16.5; At 1.10; Ap 6.2; 14.14; 19.11,14; 20.11). No caso, não

temos uma antecipação da glória de luz do céu, que Jesus haveria de receber quando da ressurreição ou da segunda vinda, mas da luz que ele possuía agora, em meio ao seu caminho de sofrimento, de forma oculta. O céu está realmente a seu lado!

- 4 À roupa celestial junta-se a companhia celestial: **Apareceu-lhes Elias com Moisés, e estavam falando com Jesus.** O fato de os discípulos saberem imediatamente estarem diante de Elias e Moisés evidencia um componente visionário, uma iluminação interior. Elias está em primeiro plano, como em todo o contexto (8.28; 9.4,5,11,12,13; cf. 15.35,36). Este destaque combina com o ensino escatológico judaico (opr 2 a 6.14-16). Desconhecida era sua parceria com Moisés, já que Elias era colocado geralmente ao lado de Enoque (Jeremias, ThWNT II, 940s). O que os discípulos contemplam confirma sua confissão de 8.29: Jesus não é um precursor, mas o Messias. A atitude dos dois representantes da antiga Aliança de deixar-se ver com Jesus é uma maneira de honrá-lo e autenticá-lo. Não muito tempo depois, os discípulos haveriam de ver o Senhor suspenso entre dois malfeitores. Estes momentos na companhia de Elias e Moisés, os fiéis servos de Deus e igualmente grandes sofrendores em seu povo (Jeremias, ThWNT II, 941s; IV, 877; Bill. IV, 792s) legitimam o caminho indizível de Jesus.
- 5 Pedro interrompe a visão: **Então, Pedro, tomando a palavra, disse: Mestre, bom é estarmos aqui.** Eles podem ser úteis para alguma coisa: **façamos três tendas: uma será tua, outra, para Moisés, e outra, para Elias.** Em vista do versículo seguinte não precisamos nos torturar para dar um sentido satisfatório às palavras de Pedro. Elas fazem parte do tema da falta de compreensão dos discípulos, da reação contra o caminho de sofrimento de Jesus (cf. v. 32). Pedro não conseguia reunir a majestade que via com o “é necessário” do sofrimento. Ele queria parar o tempo, conferir duração ao momento.
- 6 **Pois não sabia o que dizer, por estarem eles aterrados.** O versículo soa como uma desculpa. Em meio ao terror de Deus, um ser humano fica como que desmantelado. Dos seus lábios só sai um gaguejar desorientado e sem sentido.
- 7 Depois desta interferência fora de propósito a visão continua. **A seguir, veio uma nuvem que os envolveu.** Não Pedro, mas o próprio Deus providencia uma barraca para Jesus, Elias e Moisés. Esta é a idéia da nuvem. A presença de Deus desce aconchegante sobre eles. A nuvem nada mais é que o céu que desce. Isto se deduz da comparação com 1.11. Assim como lá a voz foi ouvida “dos céus”, aqui ela vem “da nuvem”.  
Com isto a visão se torna uma audição, uma experiência que inclui ouvir: **Este é o meu Filho amado.** Este título foi explanado em detalhes em 1.11. Lá, quando Jesus começava oficialmente sua caminhada em direção à cruz, Deus confirmou sua unidade total com ele. Aqui, onde Jesus começou a ensinar seus discípulos sobre seu caminho para a cruz, Deus repete esta autenticação perante os ouvidos deles.  
**A ele ouvi!**, que vale em termos abrangentes para todos os discípulos (4.3,9,23), refere-se aqui especificamente aos ensinamentos de Jesus sobre o sofrimento, que são o assunto central desde o v. 31. A estes o discípulo nunca pode prestar atenção suficiente. O próprio Deus está falando por meio dele. Como antes ele falou por Moisés, Elias e muitos outros profetas, agora ele dá sua palavra final e de poder por meio deste Filho. Esta consiste em que o Pai perde este Filho e o Filho o seu Pai – por amor ao mundo.
- 8 **E, de relance, olhando ao redor, a ninguém mais viram com eles, senão Jesus.** “Senão Jesus” significa aqui sem Elias e Moisés. O fim da aparição deles também é o fim da transfiguração dele. Totalmente sem brilho ele está novamente entre eles.
- 9 **Ao descerem do monte, ordenou-lhes Jesus que não divulgassem as coisas que tinham visto, até o dia em que o Filho do Homem ressuscitasse dentre os mortos.** Se os discípulos não tivessem obedecido a esta instrução, o ministério de Jesus estaria encerrado antes da hora, como mostra 14.61-64. Para a ordem de guardar silêncio, veja 8.30,31 no fim.
- 10 **Eles guardaram a recomendação, perguntando uns aos outros que seria o ressuscitar dentre os mortos.** Naturalmente eles não estão discutindo sobre a ressurreição em geral, mas a do Filho do Homem, já que ela pressupõe a sua morte. Este é o bloqueio deles: Um Filho do Homem morto? Por isso eles também não compreendem o que ele disse sobre sua ressurreição.

## 5. O destino de sofrimento do Filho do Homem e de Elias, 9.11-13

(Mt 17.10-13)

**E interrogaram-no, dizendo: Por que dizem os escribas ser necessário que Elias venha primeiro?**

**Então, ele lhes disse: Elias, vindo primeiro, restaurará todas as coisas; como, pois, está escrito sobre o Filho do Homem que sofrerá muito e será aviltado?**

**Eu, porém, vos digo que Elias já veio, e fizeram com ele tudo o que quiseram, como a seu respeito está escrito.**

#### *Observação preliminar*

*Contexto.* Os evangelistas conseguem passar para um novo evento sem mencionar com uma só palavra a mudança de lugar e de ocasião. Este parece ser o caso aqui. Marcos insere um diálogo que Jesus teve não com os três confidentes mas com todos os discípulos (como está em **Mt 17.10**). Lucas reconheceu a inserção e a deixou fora. Por outro lado, este diálogo combina com o conteúdo do quadro, pois desde o v. 31 o mistério do sofrimento do Filho do Homem é o assunto central. Elias também acabara de ser citado no v. 5.

- 11 E interrogaram-no, dizendo: Por que dizem os escribas.** Apesar da voz do céu no v. 7, eles ainda não prestam atenção no que Jesus diz, neste caso em seu ensino sobre o sofrimento a partir do v. 31, antes, enredam-se nos argumentos dos professores da lei (cf. antes 2.16; 3.22,30). Aqui a lógica deles é a seguinte: Jesus não pode ser o personagem salvador decisivo, porque este devia ter seu precursor: **é necessário que Elias venha primeiro** (opr 2 a 6.14-16). Este “é necessário” enfatiza como no v. 31 um curso de ação baseado na Escritura. O próprio Deus está por trás, e Jesus estaria indo contra Deus pois, segundo a Escritura, não há Messias sem Elias. Acima de tudo concluía-se da expectativa judaica pela vinda de Elias que o Messias é meramente um personagem glorioso. Elias é quem “restauraria todas as coisas”, ou seja, traria uma melhora abrangente de todas as circunstâncias. Depois disto, o Messias não teria por que sofrer. Desta perspectiva não nos admira que os ensinamentos de Jesus eram difíceis de entender para os discípulos, já que Jesus falava cada vez mais que era necessário que ele sofresse.
- 12 Primeiro Jesus confirma a validade da palavra profética de **MI 3.23,24: Então, ele lhes disse: Elias, vindo primeiro, restaurará todas as coisas.**** Mas depois é o próprio Jesus quem apresenta a contradição que resulta disto: **como, pois, está escrito sobre o Filho do Homem que sofrerá muito e será aviltado?** (cf. v. 31). Os atos de Elias não tornam desnecessários os sofrimentos do Messias? Como harmonizar um texto bíblico com outro?
- 13 Eu, porém, vos digo.** Como intérprete autorizado (cf. 1.22), Jesus corta o nó e encaminha o problema para a solução: **Elias já veio.** Com isto Jesus tira o véu do que acontecera nos últimos tempos na Palestina. No movimento de batismos no Jordão, Israel já tivera seu “Elias”. Os discípulos entenderam, com base em **Mt 17.13**; cf. 11.14, que a referência era a João Batista. Esta definição de quem era João certamente era alarmante. Se o precursor já viera, então eles estavam em plena época messiânica.

Ao mesmo tempo Jesus enriquece a idéia que o judaísmo fazia de Elias, a partir da Escritura: **e fizeram com ele tudo o que quiseram, como a seu respeito está escrito.** Apesar de se ocuparem em grande escala com a profecia de Elias, coisas essenciais tinham escapado aos judeus. Segundo a Escritura, Elias nem era alguém que convertia as multidões, de modo irresistível e mágico. Também, qual a valia de tal conversão! Elias – e Deus por meio dele – deixava um amplo espaço para decisões. Este espaço foi mal usado, e Elias teve de sofrer as consequências deste “espaço”. Acabe e Jezabel perseguiram o profeta com todos os meios (1Rs 17–21). **Fizeram com ele tudo o que quiseram** é uma expressão básica em Daniel e lá pertence ao quadro da soberania anti-cristã e oposta a Deus – aparentemente sem limites, atuante em todos os lugares, sem concorrência e com sucesso assombroso (Dn 5.19; 8.4,7; 11.3,16,36).

João, então, viera “no espírito e poder de Elias” (Lc 1.17). Neste caso, quem eram “estes” que responderam como quiseram ao seu chamado à conversão? Certamente também Herodes e Herodias, pois em 6.14-29 pode-se reconhecer certa comparação deste casal real com Acabe e Jezabel. Principalmente, porém, devemos pensar na oposição dos professores da lei. Ao mesmo tempo que João Batista pôde restaurar o povo espiritualmente (Lc 3.10-21), os seus representantes lhe impuseram uma derrota (Mc 11.31; Lc 7.30; 11.52). O casal real só serviu de atendente de execução (3.6).

Este fracasso de João Batista, no entanto, não contradiz seu papel de Elias; pela Escritura, é isto que tinha de acontecer. Portanto, não há mais Elias para esperar. O tempo messiânico chegara. E o

Messias que ia em direção ao seu sofrimento, que estava ligado diretamente ao do seu precursor, estava bem no meio dos discípulos.

## **6. A cura do menino epiléptico e a lição de fé para os discípulos, 9.14-29**

(Mt 17.14-21; Lc 9.37-43a)

- <sup>14</sup> Quando eles se aproximaram dos discípulos, viram numerosa multidão ao redor e que os escribas discutiam com eles.
- <sup>15</sup> E logo toda a multidão, ao ver Jesus, tomada de surpresa<sup>a</sup>, correu para ele e o saudava<sup>b</sup>. Então, ele interpelou os escribas<sup>c</sup>: Que é que discutíeis com eles? E um, dentre a multidão, respondeu: Mestre<sup>d</sup>, trouxe-te o meu filho, possesso de um espírito mudo; e este, onde quer que o apanha, lança-o por terra, e ele espuma, rilha os dentes e vai definhando. Roguei a teus discípulos que o expelisses, e eles não puderam. Então, Jesus lhes disse: Ó geração incrédula, até quando estarei convosco? Até quando vos sofrerei? Trazei-mo. E trouxeram-lho; quando ele viu a Jesus, o espírito imediatamente o agitou com violência, e, caindo ele por terra, revolia-se espumando. Perguntou Jesus ao pai do menino: Há quanto tempo isto lhe sucede? Desde a infância<sup>e</sup>, respondeu;
- <sup>22</sup> e muitas vezes o tem lançado no fogo<sup>f</sup> e na água, para o matar; mas, se tu podes alguma coisa, tem compaixão de nós e ajuda-nos. Ao que lhe respondeu Jesus: Se podes! Tudo é possível ao que crê<sup>g</sup>. E imediatamente o pai do menino<sup>h</sup> exclamou [com lágrimas]: Eu creio! Ajuda-me na minha falta de fé! Vendo Jesus que a multidão concorria, repreendeu o espírito imundo, dizendo-lhe: Espírito mudo e surdo, eu te ordeno: Sai deste jovem e nunca mais tornes a ele.
- <sup>26</sup> E ele, clamando e agitando-o muito, saiu, deixando-o como se estivesse morto, a ponto de muitos dizerem: Morreu.
- <sup>27</sup> Mas Jesus, tomando-o pela mão, o ergueu, e ele se levantou. Quando entrou em casa, os seus discípulos lhe perguntaram em particular: Por que não pudemos nós expulsá-lo?
- <sup>29</sup> Respondeu-lhes: Esta casta não pode sair senão por meio de oração [e jejum]<sup>i</sup>.

*Em relação à tradução*

<sup>a</sup> Sobre esta expressão forte, que está ainda em 14.33 e 16.5s, cf. 1.27n. – Dificilmente temos aqui um paralelo com Êx 34.29s, no sentido de que tenha ficado no rosto de Jesus um pouco do brilho da transfiguração, já que a multidão não teve medo de se aproximar de Jesus, diferentemente de Israel no Sinai. Além disso estava terminantemente proibido falar da transfiguração, de acordo com o v. 9.

<sup>b</sup> A saudação era um ritual muito rico no Oriente, composto de palavras e gestos. Quem fosse inferior dava início à cerimônia. Jesus censurou os professores da lei em 12.38 porque exigiam esta deferência da parte do povo (cf. Lc 11.43).

<sup>c</sup> A pergunta não é dirigida aos escribas, como em RC e RA (as outras versões conservam “perguntou-lhes”, como no grego), no sentido de provocar o debate com eles, também não ao povo, para introduzir a pregação pública, mas aos discípulos. Isto é confirmado já pelo silêncio envergonhado deles (cf. v. 11 e 9.34), bem como o caráter de todo este trecho, orientado para o ensino dos discípulos (cf. opr 1).

<sup>d</sup> Apesar de “mestre” (didaskalos) ser literalmente uma tradução simples de “rabi”, em Marcos este parece encarnar todo o conceito de professor divino, razão pela qual consta somente na boca dos discípulos como vocativo (9.5; 11.21; 14.45; cf. 9.5n). “Mestre”, por sua vez, parece ter apenas o sentido de respeito em geral. Os discípulos o chamam assim (4.38; 9.38; 10.35; 13.1), bem como seguidores do povo (9.17; 10.17,20; cf. 5.35; 14.14) e até adversários (12.14,19).

<sup>e</sup> Portanto não desde o nascimento, como em Jo 9.2. Muitas vezes uma condição como esta tem suas origens no começo da infância.

<sup>f</sup> Nas casas orientais havia um ou vários lugares rebaixados no chão para fazer fogo para cozinhar, que nem sempre eram suficientemente cobertos.

<sup>g</sup> A interpretação de que Jesus está mostrando aqui a sua própria fé como operador de milagres dificilmente se encaixa na linha de pensamento. O pai da criança se sente desafiado bem pessoalmente a crer, mesmo que não seja ele que realiza a cura, nem se espera que o faça. Nesta passagem, como em 2.5; 5.34,36; 6.6, trata-se da fé recebedora da pessoa.

<sup>h</sup> *paidion* originalmente é a criança de até sete anos (Oepke, ThWNT V, 637), mais tarde o sentido é mais abrangente, incluindo **pe** uma menina de doze anos em 5.39-41.

<sup>i</sup> As palavras “e jejum” com que nos acostumamos nas traduções antigas, constam de muitos manuscritos. Mesmo assim, é quase unânime a posição de que elas não fazem parte do texto original, pois em numerosos manuscritos importantes elas estão ausentes. No Códice Sinaítico ( ) elas foram visivelmente acrescentadas mais tarde. Também em 1Co 7.5 foi acrescentado pela mesma mão: “ao jejum e à...” Com a crescente simpatia pelo costume de jejuar na igreja antiga, é inimaginável que um copista passasse por cima destas palavras se as encontrasse em seu texto-base.

### *Observação preliminar*

*Contexto.* Em seu último quadro, não concluído, Rafael (1483-1520) retratou a cura do menino junto com a transfiguração na mesma cena, contrastando assim monte e vale, acontecimentos divino-celestiais e humano-terrenos. A idéia é muito chamativa, e quase nenhum intérprete consegue escapar dela. Marcos, porém, dificilmente pensou nisto. A nova história não foi idealizada no reflexo da transfiguração. Em termos de conteúdo, na verdade, transfiguração e crucificação estão lado a lado, unidas pelo reconhecimento do Filho de Deus (9.7 e 15.39). Também não é a cura do menino que está no centro aqui, já que o relato dela é logo interrompido. O tema dos “atos de poder de Jesus” Marcos já terminou de tratar na primeira metade do livro. Agora os milagres só aparecem ainda em conexão com outros interesses. Também os escribas do v. 14 são personagens secundários aqui. Desde o começo, porém, os discípulos estão sob a lupa (v. 14,18,28), especificamente o fracasso deles e o ensino de Jesus sobre a fé. A família de termos “crer, incrédulo, fé, falta de fé” nos v. 19,23,24 é uma dica. A palavra-chave “fé” já conhecemos de 2.5; 5.34,36, mas aqui ela faz de todo o trecho uma peça de ensino sobre a fé (cf. também “mestre” no v. 17).

- 14 Quando eles se aproximaram dos (demais) discípulos.** O começo já revela que o narrador se concentra nos discípulos. **Viram numerosa multidão ao redor e que os escribas discutiam com eles.** (cf. 8.11n). O tema da discussão com os professores da lei pode ser deduzido dos versículos seguintes. Um pai viera aos discípulos e, com isso, a Jesus (v. 17: “Trouxe-te”) em busca de cura para o seu filho doente. É que os discípulos não o interessavam particularmente, mas como representantes do seu Senhor. Um princípio judaico dizia: “Alguém que foi enviado por uma pessoa é como se fosse a própria” (Rengstorff, ThWNT I, 415). Por isso o fracasso dos discípulos levou diretamente ao questionamento da confiabilidade de Jesus. Não havia dúvidas de que ele tinha poder para curar possessos (3.14s,22; 6.7,12s), mas agora ficava evidente que nem todos os tipos de espíritos obedeciam aos seus encarregados. Isto parecia provar que seu poder não podia vir de Deus, pois o poder de Deus é absoluto. Ninguém pode lhe resistir. A posição dos professores da lei era forte, e eles faziam uso dela. A causa de Jesus ameaça naufragar diante da multidão. Se pelo menos ele mesmo estivesse presente! A situação pode ser comparada a 4.38. Lá Jesus faltava porque estava dormindo, aqui porque estava ausente.
- 15** A tempo, como que vindo do céu, Jesus apareceu. **E logo toda a multidão,** que evidentemente simpatizava com ele, **ao ver Jesus, tomada de surpresa, correu para ele e o saudava.** Sua chegada no momento exato pareceu ser um sinal de Deus. Com entusiasmo respeitoso a multidão se aproximou e lhe prestou homenagem.
- 16-18 Então, ele interpelou os escribas** (veja a nota ao versículo): **Que é que discutíeis com eles?** A pergunta não é prova de desconhecimento, antes representa uma oferta para ajudar (cf. 9.33). Os discípulos, porém, ainda continuam em silêncio (mas veja o v. 28). Então alguém outro fala por eles. **E um, dentre a multidão, respondeu: Mestre, trouxe-te o meu filho, possesso de um espírito mudo.** Do versículo seguinte se deduz que a criança não estava sempre muda (conforme o v. 25 também surda), mas só por ocasião dos ataques. **Este, onde quer que o apanha, lança-o por terra, e ele espuma, rilha os dentes e vai definhando.** O pai passava impotente por cada uma destas experiências. Não sai da sua mente a figura do seu filho jogado no chão: as mandíbulas batendo, mordendo a língua a ponto de escorrer sangue pela boca, a boca espumando aos sons de gargarejos como de alguém que está sendo estrangulado e, por fim, um estado de exaustão que o deixava prostrado como morto. Complementado pelos dados dos v. 20,22,26, fica completo o quadro de epilepsia. Os ataques eram tão freqüentes e fortes que o menino não queria mais crescer, mas ia



definindo. A epilepsia também pode diminuir a inteligência e a personalidade. O menino ameaçava ficar abobalhado, reagindo cada vez menos a estímulos. Um verdadeiro atentado à imagem de Deus, e ainda por cima em uma criança inocente. Categorias satânicas se sugerem aqui. Um espírito “imundo”, ou seja, contrário a Deus, estrangulava a fala e a audição e a vida humana (sobre a realidade efetiva da possessão, veja opr 2 a 5.1-20). Se a era messiânica tinha chegado, então, no curso da “restauração” da criação, este mudo também precisava voltar a falar (cf. 7.37). Se o Messias “pode alguma coisa”, se ele traz realmente a compaixão de Deus (v. 22), ele tinha de mostrar sua capacidade agora. **Roguei a teus discípulos que o expelissem.** Estes também não souberam livrar-se do caso com um pouco de esperteza, não o enviaram simplesmente às instâncias competentes, antes arriscaram uma tentativa de cura. Sua tentativa, porém, ficou nos gestos impotentes e em repetições cada vez mais miseráveis de palavras ineficazes. **Eles não puderam.** Quatro vezes o texto fala da questão tão sensível do poder (v. 18b,22,23,28).

- 19 Então, Jesus lhes disse: Ó geração incrédula, até quando estarei convosco? Até quando vos sofrerei? Trazei-mo.** Jesus solta um suspiro profundo e doloroso, como alguém que é atingido por um murro. A expressão “geração incrédula” é ampliada nos textos paralelos de Mt 17.17 e Lc 9.41 por “e perversa”, fazendo que Dt 32 surja novamente como pano de fundo (cf. 8.12). Lá também vemos no v. 20 a perversidade junto com a incredulidade de Israel, em contraste gritante com a fidelidade de Deus à aliança: coração endurecido em meio ao acontecimento da salvação. Com Moisés a má vontade do povo também alcançou um nível insuportável (Nm 11.11-14). Esta queixa de Deus ou dos seus profetas pode ser encontrada várias vezes no AT (p ex Nm 14.27; Is 65.2s).

Um texto paralelo que sugere uma direção é João 11, no contexto da ressurreição de Lázaro. Nos v. 33s Jesus se enfurece com o lamento fúnebre incrédulo dos judeus. De maneira mais drástica o processo se repete a partir do v. 37. Ali alguns judeus constatarem em Jesus o que este pai disse dos discípulos aqui no v. 18: “Ele não pode”. Novamente Jesus tem lá esta emoção de ira e toma a iniciativa do milagre, como depois da primeira vez que ficou irado (v. 34). Isto nos lembra da ordem aqui no v. 19.

Nas duas histórias Jesus é atingido por um golpe pesado, que lhe causa dor e ira. Porém nos dois casos ele encara o desafio das forças da incredulidade e da morte. Em ambos ele insiste com os parentes para que creiam, em Jo 11.40 Maria e aqui no v. 23 o pai. Com isto o caminho para o milagre está aberto.

Contudo, será que em nossa história os judeus não tinham bons motivos para sua desconfiança, em vista do fracasso dos discípulos? É de estranhar que os professores da lei tiraram suas conclusões e questionaram o envio de Jesus (v. 14)? Jesus pensou diferente. Como com Moisés, entre os seus seguidores também não havia fé sem provas, sem “muito sofrimento” (8.31; 9.12). A história de Deus com seu povo nunca se pareceu com uma pista de rolamento lista, mas também conduz por vales escuros e trilhas acidentadas. Nem por isso o verdadeiro povo de Deus desiste da fé a cada dificuldade ou perturbação. Assim, nossa história também mostra que Jesus não responde com uma acusação ao fracasso dos seus discípulos, mas somente com mais ensino (v. 28s). Seu discipulado continuava com mais intensidade. Não foi interrompido ou até encerrado em nada. Quem tirou a conclusão de incredulidade foram os escribas, e o pai foi arrastado para ela.

- 20 E trouxeram-lho; quando ele viu a Jesus, o espírito imediatamente o agitou com violência, e, caindo ele por terra, revolia-se espumando.** O primeiro efeito da proximidade de Jesus é novamente convulsão e angústia da criatura aprisionada – primeiro sinal da liberdade que se aproxima (cf. 1.23; 5.6).
- 21 A compaixão de Jesus, que o pai ainda pensa no próximo versículo precisar implorar, já imerge na miséria: Perguntou Jesus ao pai do menino: Há quanto tempo isto lhe sucede? Desde a infância, respondeu.** Casos antigos são considerados especialmente sem esperança.
- 22 O v. 22 revela o verdadeiro objetivo da força maligna: destruir! E muitas vezes o tem lançado no fogo e na água, para o matar.** Segue-se o pedido condicional do desesperado, que une seu destino ao do filho (“nós”): **Mas, se tu podes alguma coisa, tem compaixão de nós e ajuda-nos.** Por mais tocante que seja o grito angustiado – fé isto não é (sobre “compaixão”, cf. 1.41).
- 23 Com muita estranheza Jesus repete a frase condicional: Se podes!** O que isto quer dizer, depois de tantos atos de Jesus, que devem ter sido bem conhecidos para o pai - caso contrário não teria trazido o filho! Ele já recebera sinais suficientes de que em Jesus ele se encontrava com o próprio Deus, o

criador e libertador. A partir disto a fé poderia ter-se alçado num pedido incondicional. Mas com seu “se”, o homem ofendera a Deus e a Jesus.

Jesus continua de modo positivo: **Tudo é possível ao que crê.** Com isto ele reverte os temores do pai. Este lhe tinha perguntado por sua capacidade, Jesus pergunta por sua confiança. Você está entregando a Deus todas as suas circunstâncias? Você sai com elas para fora, para o céu aberto da prontidão de Deus, deixando para trás todos os “se” e “mas”? A fé é este “afinal” de alívio: afinal, só Deus está acima de mim! Nisto residem suas possibilidades ilimitadas, pois para Deus todas as coisas são possíveis, ele pode tudo (*dynatos*, 10.27; 14.35s).

**24 E imediatamente o pai do menino exclamou [com lágrimas]: Eu creio!** Agora mesmo ele ainda duvidara e fora censurado por isso. De repente (sobre este “imediatamente”, cf. 1.10n) a fé está aí, o que se expressa no grito de origem espiritual (10.47,48; 11.9). A palavra do Senhor no v. 23 o despertou. Assim a fé é obra da palavra (cf. 1.15; 2.5). Se, porém, Jesus acendeu a fé, ele também pode mantê-la acesa. Isto se vê na continuação.

A palavra de Jesus não somente despertou fé, mas também revelou incredulidade. Por isso o pai, que se reconheceu como parte da “geração incrédula” (v. 19), com seu fundamento existencial natural na incredulidade, grita em seguida à sua declaração de fé: **Ajuda-me na minha falta de fé!** É a segunda vez que ele grita por ajuda (cf. v. 22), mas desta vez não para seu filho. Há muito tempo ele mesmo precisa de ajuda. Na vida é exatamente como nesta história. Esta é a experiência de todos os que se preocupam com um ente querido até se verem empurrados para a última instância. Neste ponto a compaixão de Deus se torna compaixão de verdade. Na própria fé eles precisam de ajuda. Eles clamam: Ajuda-me contra mim mesmo! Tudo depende somente de ti! Neste momento Deus se torna totalmente Deus para eles.

**25-27** Temos a impressão de que Jesus se afastou um pouco do grosso da multidão, junto com o pai e o menino (cf. 7.33; 3.23). Mas as pessoas voltaram a cercá-los, talvez atraídos pelo grito do pai. **Vendo Jesus que a multidão concorria, repreendeu o espírito imundo, dizendo-lhe: Espírito mudo e surdo, eu te ordeno: Sai deste jovem e nunca mais tornes a ele. E ele, clamando e agitando-o muito, saiu** (cf. 5.1-20), **deixando-o como se estivesse morto, a ponto de muitos dizerem: Morreu. Mas Jesus, tomando-o pela mão, o ergueu, e ele se levantou.**

**28,29 Quando entrou em casa** (cf. 7.17), **os seus discípulos lhe perguntaram em particular: Por que não pudemos nós expulsá-lo?** A pergunta é pertinente exatamente em vista da sua capacitação e também dos sucessos que já tinham tido (3.15; 6.7,13,30). **Respondeu-lhes: Esta casta não pode sair senão por meio de oração [e jejum].** Jesus não lhes disse simplesmente o mesmo que ao pai no v. 23. Em Marcos não se pode dizer que não há diferença entre os discípulos e o povo (cf. 4.13; 6.52).

No que reside o sentido positivo aqui? Primeiro, Jesus está destacando “esta casta”. Ela levava os discípulos a um ponto crítico do seu ministério. Não eram todos os casos que exigiam tanto deles. A tentação residia talvez em querer acrescentar algo ao desafio maior. Talvez a pergunta deles teve este sentido: Que técnica especial você pode nos revelar? Ao que parece, não tinham notado nada de especial, senão não teriam necessidade de perguntar.

A resposta nos foi transmitida muito curta. Jesus, porém, não menciona simplesmente a oração, mas *somente* a oração, a oração como a coisa decisiva e a única coisa decisiva. É preciso ouvir nesta resposta a exclusão de tantas outras coisas, as especialidades e demais habilidades. A oração aqui não é uma técnica ao lado de outras, mas simplesmente a fé levada ao extremo. A fé nunca é tanto fé, como quando ora e se reencontra completamente nos braços de Deus. Na hora da crise, não há nada a fazer a não ser deixar a fé ser fé e Deus ser Deus. Na angústia extrema não vale fé mais isto ou aquilo ou Deus mais outros ajudadores. Estes “mais” é que prenunciam nossos fracassos espirituais. – Esta relação entre fé, oração e poder de Deus também são o centro em 11.23s.

## 7. Ensino sobre o sofrimento na passagem pela Galiléia, 9.30-32

(Mt 17.22,23; Lc 9.43b-45)

<sup>30</sup> **E, tendo partido dali, passavam pela Galiléia, e não queria que ninguém o soubesse; porque ensinava os seus discípulos e lhes dizia: O Filho do Homem será entregue nas mãos dos homens<sup>a</sup>, e o matarão; mas, três dias depois da sua morte, ressuscitará<sup>b</sup>. Eles, contudo, não compreendiam<sup>c</sup> isto<sup>d</sup> e temiam interrogá-lo.**

## Em relação à tradução

<sup>a</sup> A oposição de Filho do Homem e mãos dos homens é um jogo de palavras intencional e bem convincente, que se destaca da continuação pela mudança de tempo e de sujeito. Jeremias, *Theologie*, p 267s e Popkes, p 259 atribuem isto à tradição aramaica. Efeitos posteriores podem ser vistos p ex em At 3.13-15.

<sup>b</sup> Quem aqui ainda recorda de “ele está morto” e “ele ressuscitou” dos v. 26s, encontra um sentido subsequente profundo para aquela história.

<sup>c</sup> *agnoein*, não saber, dificilmente deve ser traduzido literalmente aqui (em 9.6 o termo é outro). Aqui não se pensa em desinformação que os inocenta, mas em teimosia intencional em não entender. Podemos comparar com 1Co 14.38: “Se alguém o ignorar, será ignorado”, isto é, quem não quiser entender, ficará sem entender. Veja também a mesma palavra em Rm 2.4 (= desprezar), 10.3 (= estabelecer a coisa errada), 1Co 15.34 (= pecar) e Ef 4.18 (= dureza de coração).

<sup>d</sup> O sentido de *rhema* aqui é de “predição”, pelo contexto, assim como em 14.72.

## Observações preliminares

1. *Contexto*. Novamente se evoca o movimento em direção a Jerusalém (opr 2 a 8.27-10.52) e, com isto, o tema do sofrimento (opr 3 a 8.31-33). O comentário mostrará que este segundo exemplo do ensino de Jesus sobre o sofrimento não só abrevia o primeiro exemplo de 8.31, mas também o aprofunda.

2. *Relação com Is 53*? J. Jeremias, *Theologie*, p 281, gostaria de vincular a expressão “ser entregue” no v. 31 com Is 53.5,12. Mas neste caso os contextos são muito diferentes; lá falta a referência às “mãos dos homens”. Por isso a ponte lingüística prova ser bastante estreita e não convence a todos. É claro que nossa passagem se aproxima de Is 53 quanto ao conteúdo, se quisermos levar a sério a base do ensino de Jesus sobre o sofrimento no AT. Em 10.45 este capítulo principal do AT é claramente o pano de fundo.

30 Sem mencionar aqui ou pouco antes um local de partida, Marcos escreve à guisa de introdução comum, parecido com 6.1; 7.24; 10.1: **E, tendo partido dali, passavam pela Galiléia**, sem retomar sua atividade anterior ali. Com um objetivo claro, mesmo que não em linha reta, eles atravessam a região em direção a Jerusalém. Em 9.33 eles atingem totalmente em segredo Cafarnaum, em 10.1 eles atravessam em algum lugar o Jordão, para aparecer em 10.46 novamente deste lado, em Jericó. Dali não era mais muito longe até Jerusalém (11.1). A intenção de não serem descobertos e detidos pode explicar as voltas. **E não queria que ninguém o soubesse**, dedicando-se totalmente aos seus discípulos. Seu caminho e obra teriam sido em vão se ele não deixasse aqui algumas pessoas nas quais sua mensagem estivesse enraizada. De que valeria a reconciliação sem a palavra da reconciliação (cf. 2Co 5.19s)?

31 **Porque ensinava os seus discípulos e lhes dizia: O Filho do Homem será entregue nas mãos dos homens**. Com isto ele enunciou o enigma divino do modo mais contundente possível, pois na voz passiva “será entregue” oculta-se o próprio Deus que age (*passivum divinum*, cf. 2.5), e “entregar” é ação judicial (cf. 1.14). O próprio Deus entrega em sua ira o Filho do Homem santo e celestial (opr 4 a 8.31-33) à vontade dos homens. O texto paralelo em 14.41 deixa ainda mais claro: “nas mãos dos *pecadores*” (sobre o tom negativo de “homens” em Marcos, cf. 8.27). Davi pôde escolher se queria cair nas mãos de Deus ou das pessoas, e escolheu as mãos de Deus (2Sm 24.14). Jesus, porém, teve de beber o cálice.

No primeiro ensino da Paixão os judeus ainda estavam como agentes na frente no palco, mesmo que já sob o indício de um “é necessário” divino básico (8.31). Agora Jesus eleva a afirmação à potência inimaginável. O próprio Deus começa a agir. E por que Deus faz isso? Para isto ainda falta a resposta aqui, como ela está p ex em Rm 4.15; 8.32. Jesus só coloca o fato no meio da sala. Ao expressá-la no tempo presente, ele lhe confere o grau mais alto de certeza. Acontece, e não há como contornar.

Em comparação com 8.31, a participação dos homens é resumida a uma frase curta – no grego são só três palavras: **e o matarão; mas, três dias depois da sua morte** – e agora aparece novamente a ação misteriosa de Deus – **ressuscitará** (cf. 8.31).

32 **Eles, contudo, não compreendiam isto**, apesar de a declaração ser tão simples e clara. **E temiam interrogá-lo**. Portanto, eles não queriam compreender. Dentro deles levantou-se uma resistência contra esta idéia insuportável que tinham começado a ouvir, e contra coisas mais insuportáveis ainda. Eles queriam não ter ouvido nada. Por isso o diálogo cessa. Entre eles e esse Senhor começa a abrir-se um abismo – apesar de exteriormente o seguirem. No cap. 15 esta brecha fica escancarada: Jesus fica totalmente sozinho.

Nisto os doze também são modelo para nós. Nós seguimos Jesus, captamos e compreendemos uma parte da sua mensagem, porém nos recusamos a ouvir e compreender o restante.

## 8. A disputa dos discípulos por posição, 9.33-37

(Mt 18.1-5; Lc 9.46-48)

**Tendo eles partido para Cafarnaum, estando ele em casa<sup>a</sup>, interrogou os discípulos: De que é que discorriéis<sup>b</sup> pelo caminho?**

**Mas eles guardaram silêncio; porque, pelo caminho, haviam discutido<sup>c</sup> entre si sobre quem era o maior<sup>d</sup>.**

**E ele, assentando-se, chamou os doze e lhes disse: Se alguém quer ser o primeiro, será<sup>e</sup> o último e servo de todos.**

**Trazendo uma criança<sup>f</sup>, colocou-a no meio deles e, tomando-a nos braços, disse-lhes:**

**Qualquer que receber<sup>g</sup> uma criança, tal como esta, em meu nome, a mim me recebe; e qualquer que a mim me receber, não recebe a mim, mas ao que me enviou<sup>h</sup>.**

*Em relação à tradução*

<sup>a</sup> Aqui não é “na sua casa” como em 2.1, apesar de a casa poder ter sido a de Pedro; o contraste é simplesmente com lá fora, com estar a caminho, dando a idéia de aconchego (cf. 7.24).

<sup>b</sup> *dialogizesthai* na verdade tem o sentido de um processo de raciocínio, mas pode também referir-se à expressão dos pensamentos, à reflexão em conjunto, que se aplica aqui por causa do v. 34. Por sua vez, já na LXX o termo já tem um tom negativo, como muitas vezes em Marcos: 2.6,8; 8.16,17; 11.31.

<sup>c</sup> *dialegethai*, conversar, pode ter o sentido de uma briga de palavras. A distância da neutralidade se perde, e cada um pressiona o outro com suas palavras (Schrenk, ThWNT II, 94s).

<sup>d</sup> Pesch traduz lit.: “quem era maior”. No entanto, a posição absoluta do comparativo neste lugar sugere que ele está substituindo o superlativo, como acontece com frequência. A resposta de Jesus no v. 35 confirma este sentido: a disputa é pela liderança.

<sup>e</sup> “Será” é o sentido literal. Trata-se, porém, do futuro na terminologia jurídica. Segue não uma predição, mas uma exigência (BJ: “Seja”; BV, BLH: “Deve ser”).

<sup>f</sup> Lit.: “criancinha”. Contudo, cf. 9.24n!

<sup>g</sup> Receber aqui não significa “tomar nos braços” como em Lc 2.28, mas incluir no cuidado amoroso, acolher (cf. 6.11; Gl 4.14).

<sup>h</sup> Alguns manuscritos definem ainda melhor, cf. BLH: “Quem me recebe não recebe somente a mim, mas também aquele que me enviou”.

*Observações preliminares*

1. *Contexto.* Mais uma vez os discípulos reagem com incompreensão a um ensino sobre o sofrimento e recebem de Jesus mais ensino sobre o discipulado (cf. opr 3 a 8.27–10.52). Novamente o alvo é ser como ele (opr 3 a 8.34–9.1; compare o serviço dos discípulos no v. 35 com o serviço de Jesus em 10.45). Estar-com-ele os leva a ser-como-ele. Importante é que tudo isto acontece depois do v. 35 especificamente em um trecho que trata dos doze. Os doze são representantes, modelos para a igreja de Jesus Cristo de todas as épocas (qi 8g). Por isso não temos aqui uma mala direta a todos. As instruções não devem ser niveladas em um moralismo geral, mas devem ser interpretadas para a irmandade que vive de Jesus e no sopro do evangelho. Entretanto, se as regras aqui são para a comunidade, isto tem implicações para o sentido da lição objetiva de Jesus no v. 36. Ela não é uma proposta direta de trabalho caritativo com crianças. Jesus deixou aquela criança ir embora de novo, e também não levava consigo um bando de crianças. Para Marcos, o v. 37 é uma figura da convivência na igreja.

2. *O pano de fundo judaico da disputa por posição.* Os discípulos, quando lutavam por uma posição hierárquica, não estavam apresentando um senso primitivo de importância, mas estavam sendo espirituais no sentido judaico. Schlatter resume isto assim: “Em qualquer ocasião, seja na reunião de adoração, na administração do direito, na refeição conjunta, em qualquer relação se levantava sempre a pergunta de quem seria o maior, e a medição da honra que lhe caberia tornava-se um negócio trabalhado constantemente e considerado altamente importante” (em Grundmann, ThWNT IV, 538; cf. Mc 10.37; 12.39). Discutia-se também animadamente sobre sete graus de felicidade futura. Especialmente a seita de Qumran zelava em sua vida comunitária de forma pedante pela observância da ordem de importância, pois se imaginava como antecipação terrena das condições celestiais (p ex 1QS a 2.11-22; 1QS 2.20-23, entre os textos de Qumran). Foi esta atmosfera, portanto, que tomou conta dos discípulos de Jesus. Nós não devemos nos prestar muito facilmente à crítica, porque o anseio por valor, dignidade e honra também tem um aspecto bíblico legítimo.

Deus criou o ser humano para a glória. Paulo fala da glória que deveríamos ter diante de Deus (Rm 3.23; cf. Jo 12.43). A proteção da honra da pessoa está prevista até nos Dez Mandamentos. A boa fama é um patrimônio precioso demais para se perder. Toda a criação geme por glória (Rm 8.18ss). O comentário mostrará que Jesus também não rejeita simplesmente a pergunta por grandeza, mas até oferece grandeza (cf. Mt 5.19; 11.11).

3. *A criança no judaísmo.* No judaísmo, a criança, diferentemente do mundo greco-romano, era considerada um presente precioso e recebida como bênção de Deus (Sl 127.3-5). No AT a criança pode servir de comparação para a paz (Sl 131.2) e o louvor a Deus (Sl 8.3), e aparecer como salvador (Is 7.14; 9.5). Gn 22.2 e 1Rs 3.26 nos trazem histórias tocantes de amor paternal e maternal pelo filho. O judaísmo pós-bíblico, porém, no mínimo distanciou-se deste fundamento. As crianças fora da idade escolar e da possibilidade de educação eram tidas como sem importância. Até poderem estudar a Torá, eram desejadas como descendência, mas pouco prezadas em sua personalidade. É típico o resumo: “Surdos-mudos, débeis mentais e menores de idade”, ou seja, seres que não têm o controle completo sobre suas faculdades mentais (Jeremias, *Theologie*, p 218, nota 89). Muito raramente um professor da lei perdia seu tempo com crianças. Numa passagem, conversar e brincar com elas é citado como exemplo de falta de educação e perda de tempo. A pessoa espiritual também desprezava os pequenos. A infância era uma coisa que acima de tudo tinha de passar, até que raiasse a “idade dos mandamentos”. Com 12 anos as meninas e com 13 os meninos eram comprometidos plenamente com a Torá. Só a partir de então podiam conquistar a sua parte no futuro mundo de Deus (Cf Oepke, *ThWNT* V, 638ss).

- 33 **Tendo eles partido para Cafarnaum**, no transcurso da passagem rápida deles pela Galiléia (v. 30). Este fora o antigo centro da atuação de Jesus, mas mesmo ali ele se ocultou, concentrando-se no convívio interno com os doze. Isto é evidenciado pelo local de permanência: **estando ele em casa.** **Interrogou os discípulos:** O livro contém catorze perguntas de Jesus aos discípulos (Stock, p 114). Com exceção de 8.27,29, todas têm um tom de censura, apontando para a dolorosa falta de entendimento dos discípulos. Este também é o caso aqui. Ele os interrogou porque sofrera com a conversa deles, e porque queria fechar uma brecha que se formava entre eles e ele. **De que é que discorriéis pelo caminho?** Este caminho tinha para eles um significado totalmente diferente do que para ele, como mostrará o próximo versículo.
- 34 A consciência pesada deles manifestou-se imediatamente. **Mas eles guardaram silêncio.** Eles estavam envergonhados mas, com seu silêncio, aferravam-se à sua posição. Não podiam mostrar sua maneira de pensar a Jesus se quisessem mantê-la, pois ela teria evaporado como a névoa diante do sol. Neste aspecto o silêncio deles era semelhante ao dos adversários de Jesus em 3.4. O assunto deles é formulado nestes termos: **porque, pelo caminho, haviam discutido entre si sobre quem era o maior.** Isto os ocupava **pelo caminho**, como é destacado mais uma vez. Para eles, este caminho – em oposição aos ensinamentos sombrios dele desde 8.31 – não conduzia à impotência, mas ao poder. Lc 19.11 confirma que eles cavalgavam uma onda humano-messiânica, à medida que se aproximavam da cidade. Esperavam grandeza terrena para Jesus e, em consequência, também para si como seus companheiros de luta mais próximos (cf. 10.37). Que este assunto não legitimado por Deus também não obteve bênção divina, antes desandou em brigas bem comuns e trouxe à tona rivalidades mesquinhas e repulsivas, não deve nos estranhar. A desarmonia com Jesus necessariamente resultará, para uma comunidade que deve sua existência a Jesus, em sinais de decomposição.
- 35 **E ele, assentando-se, chamou os doze e lhes disse.** Com solenidade incomum Marcos descreve três movimentos de Jesus: sentar, chamar e dizer, quando geralmente são só dois (Stock, p 115). Sentar é próprio do professor (4.1; 13.3), chamar é próprio do rei soberano (cf. 3.13; 7.14). Além disso, em vez de simplesmente “os discípulos”, ele fala oficialmente dos “doze”. Tudo concorre para que o comunicado seja feito em estilo judicial (cf. 8.34). Os exegetas acham que a apresentação é artificial. Por que convocar os doze na casa, se ele já estava conversando com eles? O homem dos tempos antigos, porém, tinha uma percepção aguçada para a forma e atitude coerentes com o conteúdo.
- Se alguém quer ser o primeiro, será o último e servo de todos.** Transmitida sete vezes (ainda em 10.43,44; Mt 20.26,27; Lc 22.26), cercada da aura de um outro mundo e com rigor absoluto, esta declaração se destaca em meio a discípulos que querem sobrepujar um o outro. É verdade que Jesus preparou grandezas para eles, mas nem por isso ele atenderá todos os seus desejos.
- O último, segundo Lc 14.7ss, é aquele que senta na outra ponta da mesa e em quem ninguém repara; segundo Lc 13.22ss aquele que não tem nem lugar garantido, e segundo Mt 20.1ss aquele que menos pode ter pretensões. Nossa declaração sobre o último desemboca na palavra sobre o servo à



mesa. Este corre entre os convidados e lhes serve pratos e bebidas. Duas vezes sublinha-se “todos”. O discípulo não serve só alguns, para ressarcir-se de outros. Ele também não conquista, com seu serviço fiel, lenta mas seguramente, uma posição para si. Sua posição ele já tem, no âmbito do seu serviço, genuinamente atento para as necessidades dos outros. Isto não quer dizer que ele sempre os ajudará como eles desejam, mas certamente como eles precisam objetivamente. Ele se coloca de modo autêntico ao lado deles.

De que maneira, porém, isto é grandeza? No sentido de seguir e ser igual a Jesus, o servo. A expressão “servo de todos” corresponde a “servir por muitos” em 10.45. O discípulo, portanto, deve deixar-se arrastar para a missão do seu Senhor, passo a passo, ombro a ombro, fôlego por fôlego. Mais uma vez: Por que exatamente isto é grandeza? Porque esta maneira de agir tem toda a aprovação de Deus, como ele disse para Jesus em 9.7: “Este é o meu Filho amado!” Desta aprovação, esta aceitação e homenagem por Deus engloba agora também o discípulo. Este privilégio de estar junto e de ser usado sob o reinado de Deus realiza, no fim das contas, seu anseio mais profundo, de ter um pequeno papel em uma causa grandiosa.

**36 Trazendo uma criança, colocou-a no meio deles e, significativamente como em 3.3, tomando-a nos braços.** Já que o aramaico usa a mesma palavra para “servo” e “criança”, o v. 36 pode ser sido ligado ao v. 35 simplesmente por causa desta palavra-chave (cf. opr a 9.38-41), portanto, sem relação histórica com a conversa anterior. Porém mesmo neste caso pode-se contar com uma relação de conteúdo. O princípio do versículo anterior é sublinhado aqui com uma ação chamativa. Abraçar o pequeno (cf. 10.16) significa a sua aceitação, como o próprio Jesus explica, em paralelo de palavras com o v. 35:

**37 Qualquer que receber uma criança, tal como esta, em meu nome, a mim me recebe.** Esta palavra ilustra a ênfase que foi dada há pouco em ser “servo de *todos*”. A criança pequena representa os esquecidos, não notados ou excluídos que, por qualquer motivo, parece que não são levados em consideração por nós. Jesus coloca estas criaturas no centro da comunidade de discípulos e das suas atenções. Além disso, a expressão “em meu nome” não significa somente: segundo a minha vontade (cf. 10.29), mas também: na minha força (cf. 9.39). O nome e a força muitas vezes estão em paralelo na Bíblia (p ex At 4.7). Quem vai ao encontro do seu menor irmão na comunidade, totalmente a partir de Jesus, misteriosamente é presenteado com o próprio Jesus. Ele experimenta o reinado de Deus.

A segunda metade do versículo lança luz completa sobre isto que é quase inacreditável: **e qualquer que a mim me receber, não recebe a mim, mas ao que me enviou.** De acordo com um pensamento judaico, goza a presença de Deus aquele que recebeu um professor da lei muito honrado como hóspede (Bill. I, 590). Jesus inverte tudo isto: é exatamente no menos importante que o mais importante se encontra conosco. Já o AT testifica que Deus está perto dos fracos (p ex Dt 7.7,8). Entendida desta forma, a vida dedicada aos menores irmãos e irmãs de Jesus em sua igreja é grandiosa. Assim se experimenta o que era o centro da mensagem de Jesus, que Deus mora e reina entre as suas pessoas.

## 9. O exorcista desconhecido, 9.38-41

(Mt 10.42; Lc 9.49,50)

**Disse-lhe João: Mestre, vimos um homem que, em teu nome<sup>a</sup>, expelia demônios, o qual não nos segue; e nós lho proibimos<sup>b</sup>, porque não seguia<sup>b</sup> conosco.**

**Mas Jesus respondeu: Não lho proibais; porque ninguém há que faça milagre em meu nome<sup>a</sup> e, logo a seguir, possa falar mal de mim.**

**Pois quem não é contra nós é por nós.**

**Porquanto, aquele que vos der de beber um copo de água, em meu nome<sup>c</sup>, porque sois de Cristo<sup>d</sup>, em verdade vos digo que de modo algum perderá o seu galardão.**

*Em relação à tradução*

<sup>a</sup> Aqui “nome” está ligado à preposição *en* (dentro), no versículo seguinte a *epi* (sobre), no v. 41 novamente *en*, no texto paralelo de Mt 10.42 a *eis* (para dentro). Todas estas formas gregas remontam à mesma forma hebr. básica. Por isso uma tradução uniforme é recomendável, que corresponde melhor ao que estamos acostumados em português: “em nome” (em Marcos ainda em 9.37; 11.9; 13.6; cf. 16.17; 13.13, “por causa (*dia*) do meu nome”).

<sup>b</sup> Os dois verbos desta frase estão no imperfeito, o que dá o sentido: tentaram impedi-lo, mas sem sucesso, e ele insistiu em não tornar-se seguidor de Jesus, não se deixou conquistar.

<sup>c</sup> Lit. “em nome” (*en onomati*), sem que se pense num nome específico. Alguns manuscritos antigos entenderam que se tratava de Jesus e acrescentaram “em *meu* nome”. No contexto, porém, dificilmente está-se pensando numa ação com motivação cristã por parte de pessoas de fora, mesmo que numa ação em cristãos. Isto levanta a possibilidade de que no grego *onoma* teria um sentido mais fraco: “por serdes de Cristo” (BJ; cf. BV, BLH). Oferece-se um copo de água a discípulos sedentos tendo em vista o fato conhecido de que estão vinculados a Cristo. Um paralelo literário está *p ex* em Mt 10.41 (hospedar um profeta “no caráter (*onoma*) de profeta”, porque é conhecido como profeta). Veja a mesma expressão em 1Pe 4.14.

<sup>d</sup> Enquanto Marcos traz *christos* com o artigo definido em 8.29; 12.35; 13.21; 14.61; 15.36, usando o termo claramente como título (= o Messias, cf. 8.29n), em 1.1 e aqui ele o usa sem artigo e, portanto, como nome próprio (Bl-Debr, § 260), de modo que se recomenda a tradução por “Cristo”. Paulo usa *christos* quase 400 vezes como nome próprio, quase sempre sem artigo. Disto resulta que *christos* também em nosso versículo é maneira de falar posterior. Dificilmente Jesus terá falado de si mesmo na terceira pessoa como o Cristo. A identificação “ser do Cristo” certamente traz sinais do uso pelos primeiros cristãos (1Co 1.12; 3.23; 2Co 10.7; cf. Rm 8.9).

### Observações preliminares

1. *Contexto.* A linha de pensamento central ainda é a falta de entendimento dos discípulos. Eles sobem com Jesus para Jerusalém, ele pronto para sofrer, eles cheios de ilusões. Seu Senhor e o caminho dele não orientam a atitude deles. Desta vez isto se mostra na estreiteza deles, na sua pretensão de serem os únicos representantes de Jesus.

2. *Vínculo por palavras-chaves.* Não se afirma uma ligação estreita quanto ao tempo com o trecho anterior. Entretanto, a palavra-chave “nome” une os v. 37,38,39,41. Composições como estas serviam de ajuda para a memória. A palavra “servo” no fim do v. 35 pode ter sido a ponte para o v. 36, já que “servo” e “criança” são a mesma palavra em aramaico (Jeremias, Gleichnisse, p 225). Como já foi dito, “nome” no v. 37 atraiu os v. 38-41. O v. 41 mencionou a menor dádiva, o que sugeriu a palavra dos “pequeninos” no v. 42: ai de quem os fizer tropeçar! Agora podem seguir as declarações sobre fazer tropeçar, nos v. 43-48. No fim destas aparece a palavra “fogo”. Aí se encaixa a palavra sobre fogo e sal, à qual se acrescentam mais duas palavras sobre sal, no v. 50 (cf. Schniewind, p 127; Roloff, p 167). Estes vínculos por palavras-chaves e concordâncias exteriores deixam parecer como se faltasse alguma coisa, mas não de conteúdo e sentido. Mateus e Lucas aproveitam a série de declarações em parte em outros contextos.

3. *Textos paralelos?* A interpretação poderia indicar At 19.13-16, em que sete exorcistas judeus usam o nome de Jesus como magia e sofrem um revés desagradável. Aqui, porém, não estamos diante de superstição, além disso acontecem “milagres” incontestes (v. 39, como 6.2). Nm 11.24-29 também não serve de comparação: Moisés chama os 70 anciãos do acampamento, mas aparecem só 68. O Espírito, porém, não veio somente sobre eles, mas também sobre os que não tinham vindo. Josué, então, exige que Moisés proíba aqueles dois de profetizar. Em nossos versículos, porém, os discípulos quem impedir a ação de um carismático que expressamente não fazia parte do grupo dos seguidores chamados. Por isso nosso trecho não se presta para desfazer preconceitos entre denominações e igrejas, já que nos dois lados há seguidores de Jesus.

**38** Em vez de Pedro (8.29,32), desta vez João é o porta-voz dos doze (cf. 9.54), solicitando a autoridade de ensino de Jesus, em nome de “nós”. **Disse-lhe João: Mestre, vimos um homem que, em teu nome, expelia demônios.** Em um caso em que não tinham conseguido impor-se (veja as notas à tradução), eles pensavam que podiam esperar a ajuda de Jesus. **O qual não nos segue; e nós lho proibimos.** Faltava a este desconhecido o encargo para seu ministério, que os discípulos tinham, conforme 3.15, 6.7. Ele não pertencia a Jesus, isto é o que eles querem dizer com **não seguia conosco**. Eles se unem a Jesus – e com razão, como mostrará a resposta de Jesus no v. 40. Lá ele também os une a si. No v. 41 ele até invoca a sua solidariedade com eles (cf. também 9.17, e o “nós” na boca de Jesus: v. 40; 1.38; 4.35; 10.33; 14.15).

A crítica dos doze, portanto, não era sectária. Eles não sentiam falta da autorização do desconhecido por certo grupo, mas do seu vínculo pessoal com Jesus. Ele não era discípulo de Jesus e também não queria sê-lo. Certamente ele confiava em Jesus em certa área, como a libertação da possessão demoníaca, e efetuava coisas boas nesta confiança. Mas Jesus ainda não era o centro da sua existência.

Os evangelhos mostram que naquela época havia confiança em Jesus, às vezes com uma clareza que envergonhava os discípulos, sem que os envolvidos já fossem discípulos. É verdade que o grupo de discípulos era um sinal destacado do raiar do reinado de Deus, mas entre o povo havia outros

indícios, prenúncios, muitas vezes onde não eram esperados, como no comandante em Cafarnaum conforme Mt 8.10, nas crianças no templo conforme Mt 21.16, no dono da montaria conforme Mc 11.6 ou do salão de festas em 14.14,15 ou do túmulo em 15.42-46. Notável é o papel do sumo sacerdote conforme Jo 11.49-51. Os discípulos, como foi dito, não argumentavam em termos sectários, mas cristológicos, só que de uma cristologia estreita. O poder de Cristo ultrapassa seu círculo de discípulos. Ele não nasce nem se põe em sua igreja.

**39** Com as mesmas palavras da bênção das crianças em 10.14, **Jesus respondeu: Não lho proibais.** Podemos comparar este “proibir” com Lc 11.52; At 10.47; 11.17; 1Co 14.39; 1Ts 2.16; 1Tm 4.3; 3Jo 10. Em todos estes casos ele acontece como suposto serviço a Deus, quando não passa de um desmando. Não fora o desconhecido mas os discípulos que transgrediram sua competência. Explicando, Jesus continua: **porque ninguém há que faça milagre em meu nome e, logo a seguir, possa falar mal de mim.** Jesus está pensando em sua Paixão iminente, pois “falar mal” e outras palavras semelhantes o lembram dos seus sofrimentos (10.34; 14.65; 15.16-19,29-32; cf. Hb 10.33; 13.13). Mas ele pensa também no sofrimento dos seus seguidores, pois os liga imediatamente a si:

**40** **Pois quem não é contra nós é por nós.** Esta frase também foi encontrada em outros textos como provérbio (Bill. II, 19) e abriga uma verdade que não deve ser desprezada. Se irromper um pró-e-contra frontal e a opinião pública se voltar contra os discípulos, aqueles que alguma vez foram tocados por Jesus e por isso se sentem impedidos de acompanhar a hostilidade dominante, tornar-se-ão verdadeiros sinais de Deus. Enquanto em volta a escuridão avança, estes simpatizantes e os serviços que prestam ocasionalmente (v. 41) são pequenas luzes no meio da noite, sinais de consolo do céu. Os discípulos devem reconhecer e entender estes sinais de consolo, não esmagá-los com rigor irrefletido.

Com esta palavra, Jesus corrige o conceito que os discípulos tinham da forma do reinado de Deus neste mundo. De forma alguma, porém, ele com isto está alargando a porta estreita do discipulado. Não resulta aqui o ideal de uma igreja de todo mundo, que acolhe tudo que é tipo de coisa. Afinal de contas, nossa passagem tem um contrapeso em Mt 12.30: “Quem não é por mim é contra mim; e quem comigo não ajunta espalha”. Desta maneira ele chama à decisão os que estão próximos. Porém os que estão longe ele incentiva.

**41** Segue um exemplo de como simpatizantes secretos podem ser úteis em situações de perseguição: **Porquanto, aquele que vos der de beber um copo de água, em meu nome, porque sois de Cristo...** O copo de água era considerado o sinal mínimo de hospitalidade, que podia ser dado até a um inimigo (Pv 25.21). Uma pessoa que está de fora exerce-o num destes perseguidos e difamados. Este milagre é seguido por um segundo milagre. Com uma afirmação solene Jesus continua: **Em verdade vos digo que de modo algum perderá o seu galardão.** Sobre este “em verdade” (amém), cf. 3.28n. A recompensa de Deus jamais é um acerto de contas mesquinho. Ele não se vinga pelo copo de água fria dando outro copo de água fria ao doador que talvez está ardendo no inferno. A recompensa para Deus é algo transbordante, incalculável. Recompensa é graça, é, como Jesus afirma em Mt 25.34, ter parte no reino.

## **10. Declarações sobre motivos de tropeço e sobre a paz no grupo dos discípulos, 9.42-50**

(Mt 18.6-9; Lc 17.1,2; 14.34,35)

**E quem fizer tropeçar<sup>a</sup> a um destes pequeninos crentes, melhor lhe fora<sup>b</sup> que se lhe pendurasse ao pescoço uma grande pedra de moinho<sup>c</sup>, e fosse lançado no mar.**

**E, se tua mão te faz tropeçar, corta-a; pois é melhor entrares maneta na vida do que, tendo as duas mãos, ires para o inferno<sup>d</sup>, para o fogo inextinguível**

<sup>44</sup> **[onde não lhes morre o verme, nem o fogo se apaga].<sup>e</sup>**

**E, se teu pé te faz tropeçar, corta-o; é melhor entrares na vida aleijado do que, tendo os dois pés, seres lançado no inferno<sup>d</sup>**

<sup>46</sup> **[onde não lhes morre o verme, nem o fogo se apaga].<sup>e</sup>**

**E, se um dos teus olhos te faz tropeçar, arranca-o; é melhor entrares no reino de Deus com um só dos teus olhos fo que, tendo os dois seres lançado no inferno, onde não lhes morre o verme, nem o fogo se apaga.<sup>f</sup>**

**Porque cada um será salgado com fogo.**

**Bom é o sal; mas, se o sal vier a tornar-se insípido, como lhe restaurar o sabor? Tende sal em vós mesmos e paz uns com os outros.**

*Em relação à tradução*

<sup>a</sup> O substantivo *skandalon* denota a armadilha que é colocada para fazer alguém tropeçar. O sentido figurado faltava fora da Bíblia, razão pela qual os pais da igreja já tinham de explicá-lo a seus leitores que não eram de origem judaica. No AT o verbo ativo *skandalizein* significa: dar motivo para alguém apostatar de Deus e acabar causando isto (BLH: fazer abandonar; BV: fazer perder a fé).

<sup>b</sup> Lit.: “bom lhe será mais, quando...” É uma maneira de descrever o comparativo (parecido nos v. 43,45,47). Transparece uma fonte aramaica (BI-Debr, § 244).

<sup>c</sup> Diferente da pedra do moinho manual, que uma mulher podia manusear, a pedra aqui é a do moinho grande, que era girada por dois burros. Em seu centro havia um buraco onde se derramava o cereal, de tamanho suficiente para enfiá-la pela cabeça de uma pessoa e afundá-la sem que tivesse chance de escapar (Bill. I, 775). Há testemunhos de execuções assim (Barclay, p 205).

<sup>d</sup> O termo é *geena*, a forma grega da expressão hebr. “vale de Hinom” (nome de família). Este vale acompanhava a muralha meridional de Jerusalém e já era mal-afamado em tempos antigos, porque ali por um tempo se ofereceram sacrifícios de crianças a Moloque (2Rs 16.3; 21.6). Mais tarde o barranco serviu como depósito de lixo. O portão da cidade que dava para lá tinha o nome de “porta do esterco”. Ali havia sempre fogo para queimar o lixo, e o lugar era considerado o mais repugnante do mundo. Desde o século II a.C. o nome era usado para indicar o lugar de perdição escatológico. Marcos explica o termo aos seus leitores com o acréscimo “onde o fogo não se apaga”.

<sup>e</sup> A citação de Is 66.24 falta nos v. 44,46 em numerosos manuscritos importantes e antigos, por isso está aqui entre colchetes. Com certeza ela foi introduzida mais tarde nestes dois lugares, a partir do v. 48. Assim criou-se um ritmo tríplice, que é bem marcante.

<sup>f</sup> De acordo com a concepção judaica antiga, verme e fogo, isto é, decomposição e cremação, se detém diante do esqueleto de um cadáver, deixando um ponto de partida para a ressurreição. Neste caso, porém, a atividade deles não cessa, tudo apodrece e queima – não há mais ressurreição.

*Observações preliminares*

1. *Contexto.* Que desde o v. 35 nos encontramos em um trecho formado por palavras-chaves, já foi dito na opr 2 a 9.38-41. O contexto original não foi preservado, e os evangelistas se sentiram à vontade para encaixar estas declarações aqui ou acolá. É bem provável que Jesus também as usasse em ocasiões variadas. Mateus, p ex, tem os versículos sobre o julgamento próprio radical duas vezes (18.6-9 e 5.29,30), a segunda vez aplicado especificamente ao adultério. Mais tarde eles serviram de advertência contra divisões na igreja (1 Clemente 46.8) ou heresias (Inácio aos Efésios 16.2). Os pregadores de hoje também fazem versículos bíblicos frutificar com frequência fora do seu contexto original.

2. *Mutilação ascética?* A princípio há unanimidade no sentido de que os v. 43-48 estão em linguagem figurada, com ilustrações orientais em cores fortes. P ex, para impossibilitar o olhar cobiçoso com a amputação *literal*, os dois olhos teriam de ser arrancados. Contudo, qual é o sentido figurado exato? Será que se trata da mutilação ascético-religiosa conhecida na Antigüidade, se bem que condenada pelos judeus, que era realizada para aumentar a santidade? Neste caso, a exigência seria, sem figura: renuncie sem meio-termo àquilo que o leva à perdição! Você só conserva a vida se lutar com todas as forças contra si mesmo. A raposa que ficou presa com uma pata na armadilha prefere mordê-la fora do que esperar pelo caçador que a matará. Há certa verdade nesta interpretação, mas dificilmente ela é apropriada aqui. Jesus ensinou com muita ênfase em 7.22 que o mal vem de dentro do coração humano, portanto, não pode ser combatido pela amputação (em sentido figurado) de membros. Mesmo alguém que é totalmente cego pode ser dominado pela lascívia. Além disso não é provável que Jesus tenha acolhido em sua reserva positiva de ilustrações um costume típico da religiosidade pagã. De modo que procuramos um outro caminho, que não exclui o apelo à decisão radical, mas pega mais fundo e diferente.

3. *Ameaçar com o inferno?* Haenchen (p 330) decidiu que é impossível que o v. 48 tenha saído da boca de Jesus, já que o versículo está citando Is 66.24, “uma das passagens mais não-cristãs do AT”. Jesus nem teria trabalhado com ameaças de condenação, “pois a obediência que brota do medo do inferno é em boa parte egoísmo. [...] A obediência que Jesus quer nasce do amor.” Karl Martin Fischer recomenda em uma pregação que este versículo seja omitido já na leitura do texto: ele só distorce a boa nova. Pesch II, p 114s, diz corretamente: “Não há motivo para não atribuir a afirmação a Jesus. O anúncio impiedoso da condenação para quem rejeita a oferta de salvação de Deus, e até convence outros a abandoná-lo, não nega a boa nova, antes sublinha sua seriedade.” Sempre é fatal querer entender mais do Evangelho do que os nossos evangelhos. Eles continuarão existindo quando os “evangelhos” que nós fabricarmos tiverem sido varrido pelo vento.

4. *O sal na Bíblia.* As pessoas da era da geladeira dificilmente podem imaginar que houve um tempo em que o sal era necessário para a vida. Nos países com clima quente, com suas nuvens de insetos, o sal praticamente se tornava algo santo, divino. Cada pedaço de carne ou peixe era salgado imediatamente depois do abate. Naturalmente também se usava o sal como tempero, contra dor de dente, para aumentar a claridade de uma chama ou para purificar um recém-nascido. Acima de tudo, porém, ele era símbolo de durabilidade. Por esta razão comia-se sal em conjunto para selar um acordo. A Torá era considerada sal, porque conferia consistência à existência humana. Sobre uma cidade destruída aspergia-se sal, para perpetuar a maldição lançada contra ela. Em nosso texto o ato de salgar sacrifícios parece ter algum papel. Este exprimia a durabilidade da aliança.

**42 E quem fizer tropeçar a um destes pequeninos crentes.** Estes “pequeninos”, diferentemente de outras passagens, dificilmente são os discípulos em geral. Neste caso os que os fizessem tropeçar seriam pessoas de fora que perseguem a igreja, e as palavras de Jesus seriam de consolo para os perseguidos. No contexto trata-se novamente de uma palavra de exortação aos doze, no sentido de servirem com dedicação aos pequenos em seu meio (v. 36!), portanto os fracos e dependentes na fé. O tema continua sendo a convivência dentro da comunidade, e passagens como Rm 14.1-15,17; 1Co 10.23-33; 11.17-22; 12.23; Tg 2.1-9 ilustram a palavra a partir da prática dos primeiros cristãos. É uma possibilidade monstruosa servir, em vez de à fé, ao abandono da fé, e privar irmãos da salvação eterna. Assim como Deus responde ao menor gesto de amor pelo irmão (v. 41), ele também reage a tal injustiça: **melhor lhe fora que se lhe pendurasse ao pescoço uma grande pedra de moinho, e fosse lançado no mar.** O choque intencional com uma figura grosseira repete-se nos próximos versículos e ainda será estudado (cf. v. 48 e 3.29).

**43-47 E, se tua mão te faz tropeçar, corta-a; pois é melhor entrares maneta na vida do que, tendo as duas mãos, ires para o inferno, para o fogo inextinguível. E, se teu pé te faz tropeçar, corta-o; é melhor entrares na vida aleijado do que, tendo os dois pés, seres lançado no inferno. E, se um dos teus olhos te faz tropeçar, arranca-o; é melhor entrares no reino de Deus com um só dos teus olhos do que, tendo os dois seres lançado no inferno.** Com estes versículos, a apostasia em si passa para o centro da cena. As palavras se tornam especialmente penetrantes. Só nesta passagem no evangelho de Marcos usa-se a segunda pessoa.

Três vezes Jesus menciona membros do corpo que podem provocar nossa perdição. O fato de eles serem colocados à parte de nós, como grandezas independentes, não nos deve tranquilizar. Não poderemos nos desculpar: Isto foi só minha mão; sou uma pobre vítima! Pois o que fazemos nas bordas afeta também nosso centro. Somente no uso dos nossos membros é que se *mostra* sem sombra de dúvida quem somos e o que há em nosso coração (7.21-23). Nossas ações concretas é que nos condenam. Por isso a Bíblia menciona nossos membros quando se trata de descrever nossa verdadeira natureza humana (Horst, ThWNT IV, 566). Por meio da mão, do pé e do olho nós nos tornamos reais. Quanto ao olho, neste contexto não se pensa tanto no olhar adúltero quanto no olhar invejoso ou arrogante e de desprezo (Mt 20.15; Sl 131.1; Pv 21.4). A mão representa o esforço físico, em nosso caso as tramas negativas contra irmãos (Fp 1.17; 2Tm 4.14s; Mc 14.45). O pé indica aproximar-se, mas também ir embora (Mc 14.50; 2Tm 1.15).

O que querem dizer os imperativos radicais: corte-o, arranque-o, jogue-o fora? Temos de buscar a interpretação não no comportamento dos pagãos (opr 2), mas no sistema jurídico dos judeus. De acordo com Mt 5.38; Êx 21.23-25; Lv 24.20; Dt 19.21; 25.11s havia uma mutilação penal em Israel. O mesmo membro com que o crime fora cometido devia ser decepado como castigo. Nossos versículos apontam para procedimentos judiciais. No tribunal futuro, o discípulo estará entre o acesso à vida (10.15,23-25) e a expulsão para a geena. Julgando a si mesmo em seu tempo, ele deve antecipar-se à sua condenação. “Se nos julgássemos a nós mesmos, não seríamos julgados”, escreve Paulo. Pela continuação, este julgamento próprio significa deixar-se julgar agora pelo Senhor, para ser anistiado por ele (1Co 11.31s). Por isso não há mais julgamento: porque já houve graça. Esta administração da graça também está oculta entre o julgamento próprio e a entrada na vida.

Para ilustrar: uma criança é apanhada por sua mãe, roubando. Ela pode reagir de duas maneiras: pode jogar rapidamente a maçã roubada atrás de si, para salvar a pele no último instante. Mas também pode colocar a maçã na mão da mãe: Eu roubei! Este seria o ato de julgar a si mesmo: correr diretamente em direção ao julgamento. Deste modo, o discípulo não salvará por todos os meios esta sua vida inútil para Deus, mas exatamente não a levará mais adiante. Paulo diz: “Fazei morrer a



vossa natureza terrena” (“os vossos membros”, Cl 3.5; cf. Rm 8.13). Está incluída nisto a separação determinada do pecado.

No mais, este quadro não quer ser interpretado detalhe por detalhe, mas sentido em todo o seu impacto. P ex, não se pode tirar daqui o ensino de que na consumação haverá existências caolhas, pernetas e manetas.

- 48 Onde não lhes morre o verme, nem o fogo se apaga.** Uma palavra real de alerta do nosso Senhor! Sua intenção é que sejamos atingidos pela pergunta mais decisiva que existe: Será que estou perdendo o grande negócio de Deus? É neste sentido que ressoa Is 66.24, aliás, do livro da Consolação de Isaías. Segundo ele, no tempo da salvação os cadáveres dos israelitas apóstatas jazem na geena – como espetáculo para os freqüentadores devotos do templo. Diferente dos quadros divertidos e sensuais da literatura judaica (Bill. IV, 1075s), Jesus se limita à repreensão, cuja intenção precisa ser bem entendida. “Nós merecemos a ira de Deus”, costumava dizer Martin Kähler. Deus faz questão de nos ter em seu reino. É isto que devemos entender diante do horror dos quadros de juízo. “No momento em que Deus não se irar mais, terá deixado de amar, e se deixar de amar, terá deixado de viver, e se deixar de viver, o mundo terá desmoronado” (H. Bezzel). Neste sentido, “ameaçar” também pode servir vez por outra ao evangelho (2Tm 4.2).
- 49 Porque cada um será salgado com fogo.** Em Marcos o “porque” sempre tem sua função real. Ou ele fundamenta o que foi dito antes, ou – como no nosso caso – tira conclusões, reforça e sublinha (WB 302). “Cada um” aqui é cada discípulo. “Fogo” não é mais o futuro fogo destruidor, mas o que faz parte da vida atual do discípulo e que salga em vez de destruir, isto é, conserva útil.
- 50** Provavelmente os manuscritos antigos que, com o acréscimo “e cada sacrifício será salgado com sal” (RC, B<sub>Jn</sub>) apontaram para o ato de salgar os sacrifícios no AT a título de comparação, entenderam o sentido (Êx 30.35; Lv 2.13). Uma oferta sacrificial não era já boa em si mesma, mas só se tornava aceitável a Deus pelo tratamento cáustico e purificador com sal. Assim, todo discípulo que quer colocar sua vida à disposição de Deus (Rm 12.1) precisa passar por experiências ásperas. Isto é representado aqui pela figura bíblica do “fogo” (1Pe 1.17; 4.12). Nisto nenhum discípulo é especial. Todos são temperados e purificados até serem um sacrifício que agrada a Deus. Prestemos atenção no *passivum divinum* (cf. 2.5). O próprio Deus age como salvador nas experiências amargas do julgamento próprio, para arrancar-nos da perdição.

As próximas duas declarações não provêm do uso do sal na adoração, mas em casa. **Bom é o sal.** “O mundo não sobrevive sem sal”, confirma uma palavra rabínica (cf. opr 4). Os discípulos *são* o sal da terra (Mt 5.13). Mais uma vez, porém, levanta-se na seqüência a possibilidade terrível dos vv. 43-48. Os discípulos podem perder sua pureza e capacidade de sacrifício, e distanciar-se da sua finalidade mais íntima. **Mas, se o sal vier a tornar-se insípido, como lhe restaurar o sabor?** Do ponto de vista químico, o sal não pode deixar de ser sal. Por isso já no século I um rabino zombou da palavra de Jesus (Bill. I, 236). Provavelmente, porém, Jesus tinha em mente um produto misto, que era tirado do mar Morto naquela época. Este podia realmente adquirir um gosto inosso e salobre (Hauck, ThWNT I, p 229; Bertram IV, p 842).

Na última afirmação, o quadro é virado mais uma vez. Aqui os discípulos *não são* sal, mas *devem ter* sal consigo. **Tende sal em vós mesmos e paz uns com os outros.** Em Cl 4.6 a figura é aplicada especificamente ao discurso prático, poderoso e certo que sai da boca. A ênfase aqui está em “em vós mesmos”, em paralelo com “com os outros”. Discípulos que têm “sal” em si mesmos e se deixam “salgar” por Deus e para Deus, também vivem em paz entre si (Rm 12.18; 1Ts 5.13). Entretanto, quem foge da luta consigo mesmo está sempre brigado com os outros. Com isto o arco se fecha com a disputa por posição no v. 34.

## 11. Partida para a Judéia e atuação na Peréia, 10.1

(Mt 19.1,2; cf. Lc 9.51)

- <sup>1</sup> **Levantando-se Jesus, foi dali para o território da Judéia, além do Jordão. E outra vez as multidões se reuniram junto a ele, e, de novo, ele as ensinava, segundo o seu costume.**

### Observação preliminar

*Contexto.* O versículo, em sua segunda parte, torna-se um pequeno relato de resumo (opr 1 a 1.14,15) sobre Jesus e sua atividade de ensino na Peréia. Ao mesmo tempo ele introduz os próximos três exemplos de ensino.

Eles tratam, do centro em direção à periferia, dos temas mais importantes da vida familiar: casamento (10.2-12), crianças (v. 13-16) e bens (v. 17-27).

- 1 Levantando-se Jesus, foi dali para o território da Judéia, além do Jordão.** Presumivelmente eles seguem para o sul pelo vale do Jordão, em direção a Jerusalém. Só a partir do v. 32, porém, isto fica bem claro. Aqui Jesus se desvia mais uma vez para o outro lado do Jordão (cf. Jo 10.40-42). A “região do outro lado” (= Peréia) era um centro antigo de vida religiosa. Ali João Batista tinha atuado, dali o próprio Jesus, de acordo com 3.8, recebeu um afluxo considerável de pessoas. **E outra vez as multidões se reuniram junto a ele, e, de novo, ele as ensinava, segundo o seu costume.** “Outra vez”, repetido como “de novo”, e a referência ao costume anterior mostram que Jesus voltou mais uma vez à sua maneira antiga de trabalhar, que é a pregação pública simultânea ao ensino particular dos discípulos. Este, por sinal, na narrativa recebe mais atenção; assim Marcos fica fiel à sua intenção básica com a subdivisão principal 8.17-10.52 (opr 1 a 8.27-10.52).

## **12. Ensino sobre o casamento, 10.2-12**

(Mt 19.3-12; cf. Lc 16.18)

- E, aproximando-se alguns fariseus, o experimentaram, perguntando-lhe: É lícito ao marido repudiar sua mulher?**
- <sup>3</sup> **Ele lhes respondeu: Que vos ordenou<sup>a</sup> Moisés?**
- Tornaram eles: Moisés permitiu lavrar carta de divórcio e repudiar.**
- Mas Jesus lhes disse: Por causa da dureza do vosso coração, ele vos deixou escrito esse mandamento;**
- porém, desde o princípio da criação, Deus os fez homem e mulher<sup>b</sup>.**
- <sup>7</sup> **Por isso, deixará o homem a seu pai e mãe [e unir-se-á a sua mulher],**
- <sup>8</sup> **e, com sua mulher, serão os dois uma só carne. De modo que já não são dois, mas uma só carne.**
- Portanto, o que Deus ajuntou<sup>c</sup> não separe o homem<sup>d</sup>.**
- <sup>10</sup> **Em casa, voltaram os discípulos a interrogá-lo sobre este assunto.**
- E ele lhes disse: Quem repudiar sua mulher e casar com outra comete adultério contra aquela<sup>e</sup>.**
- E, se ela repudiar seu marido e casar com outro, comete adultério.**

*Em relação à tradução*

<sup>a</sup> Enquanto Jesus fala sempre em termos de “ordenar, mandamento”, os fariseus falam de “ser lícito, permitir”. A pergunta sobre se algo era permitido e tinha a aprovação de Deus tinha lugar cativo nos debates dos professores da lei (2.24; 12.14) e, em termos fundamentais, também não tem por que ser criticado. João Batista (6.18) e Jesus (2.26; 3.4) também usaram este estilo. Neste caso, porém, a diferença parece ser muito significativa.

<sup>b</sup> Diferente do v. 2, aqui não estão os termos usuais para homem e mulher, mas termos que apontam especificamente para a sexualidade.

<sup>c</sup> Lit.: “Colocou junto sob o mesmo jugo”, ou seja, conferiu uma tarefa de vida conjunta.

<sup>d</sup> “Separar” também em 1Co 7.10 equívale a “divorciar”.

<sup>e</sup> Esta última frase também pode ser traduzida por “comete adultério com ela”, ou seja, com a nova esposa. Este “com”, porém, no grego estaria expresso melhor por *meta* (com em Ap 2.22; aqui está *epi*). Além disso todo este parágrafo coloca a transgressão contra a primeira esposa no centro.

*Observações preliminares*

**1. Tema.** Para o contexto, veja opr a 10.1. – Várias vezes uma pergunta isolada induziu Jesus a fazer um esclarecimento fundamental. Aqui ele anuncia como válido para todos um novo conceito de casamento. Em meio à proclamação do reinado de Deus podem surgir mal-entendidos, como uma depreciação e negligência “espiritual” do casamento. Se a nova época já começou, de acordo com 12.25 talvez já agora eles devam “nem casar, nem se dar em casamento”, porém morar juntos “como os anjos”. Também poderia haver quem pensasse que, conforme Lc 14.26, devesse “odiar” sua esposa ou até “deixá-la” conforme Lc 18.29, para “ganhar muitas vezes mais” no trabalho missionário? Passagens como Mt 19.10; 1Co 7.2-5,9; 1Tm 4.3 e a história eclesial comprovam como a igreja carece de ensino espiritual sobre suas relações com o mundo e sobre o casamento.

2. *Antigüidade*. Este trecho é um exemplo instrutivo do fato de que um estilo literário posterior (p ex com citações do texto da LXX) não precisa significar formação posterior do conteúdo (só na primeira igreja). Neste caso temos em 1Co 7.10s uma possibilidade de prova. De acordo com este texto, a palavra de Mc 10.11 já era conhecida como palavra de Jesus décadas antes de Marcos. De qualquer modo, uma frase tão desajeitada não surgiria em época posterior. Com o v. 12 já é diferente. Esta aplicação à esposa não só falta no texto paralelo de Mt 19.8, como não teria função no contexto judaico (cf. opr 3). Em Roma já era bem diferente. Quando Cristo veio com o evangelho para esta cidade de “devassidão e libertinagem” (Rm 13.13, BJ), ele aplicou sua palavra da mesma forma ao mundo feminino do lugar, pois ali também a mulher podia separar-se do marido. No entanto, ele fez isto como Senhor exaltado, no Espírito Santo. Portanto, temos aqui uma ampliação carismática de palavras históricas de Jesus. Os evangelistas não trabalhavam simplesmente como cartorários, mas como missionários cheios do Espírito. Devotados e fiéis ao conteúdo básico da tradição de Jesus, eles seguiram o cortejo triunfal do evangelho sempre para novos destinatários (cf. também Rienecker, p 128).

3. *Prática judaica do divórcio*. Como “base bíblica” servia Dt 24.1, que menciona a carta de divórcio só de passagem, no meio de uma série de outras afirmações preliminares. A frase longa descreve um caso de recasamento pretendido. A decisão judicial começa somente no v. 4, e não trata nem de divórcio nem de carta de divórcio. Para os professores da lei, porém, esta passagem bastou para, em sua prática, sentirem-se abrigados na religiosidade da Torá. Em termos positivos pode ser dito sobre a instituição da carta de divórcio que ela punha um pouco de ordem nas consequências da rejeição de uma esposa. Se um homem pudesse mandar sua esposa embora sem ser obrigado a dar-lhe um documento como prova, ele poderia reverter ou negar seu ato à vontade. Apesar da sua necessidade de ajuda, ela não poderia colocar-se sob a proteção de outro homem, pois correria perigo de ser tachada de adúltera ou até apedrejada. Por mais cruel que fosse o significado do documento: Você foi rejeitada!, ele proporcionava certa humanização do processo.

Mesmo assim o egoísmo masculino encontrou um caminho. A justificativa mosaica para o divórcio: “Por ter ele achado coisa indecente nela”, foi espichada. Exegeses generosas começaram a incluir idéias como a negligência das obrigações da mulher na cozinha, a fofoca com os vizinhos, a impossibilidade de ter filhos e a atração do homem por uma outra. Seja como for, a carta de divórcio tornou-se um truque pelo qual o homem podia livrar-se sem problemas da sua esposa. Para tanto ele comprava um formulário ou tirava um do seu estoque, preenchia nome e data, levava-o à sinagoga para autenticação e o fazia entregar à sua esposa. O texto terminava com a frase: “Qualquer um pode ter você, e isto, da minha parte, serve de escrito de rejeição e documento de divórcio e carta de expulsão, de acordo com a lei de Moisés e de Israel” (Bill. I, 311). Era o homem, portanto, e não o juiz que decidia sobre o divórcio. Hauck (ThWNT IV, 740 nota 8) registra um exemplo grosseiro em que um rabino, em cada cidade em que chegava, oferecia às mulheres um casamento por um dia. Neste processo, tudo tinha sua “ordem”. A mulher judia, por sua vez, não podia mandar seu marido embora, assim como não fora ela que o desposara, antes fora ele que casara com ela. A comunidade da sinagoga, contudo, podia exercer uma pressão forte sobre o homem para que desse a ela o documento de divórcio, caso ele, p ex, sofresse de determinadas doenças, tivesse abraçado uma profissão repugnante ou não desse conta de sustentá-la. Para isto ela usava intermediários.

- 2 **E, aproximando-se alguns fariseus, o experimentaram, perguntando-lhe: É lícito ao marido repudiar sua mulher?** No texto paralelo de Mateus, os fariseus (cf. opr 4 a 2.13-17) nem perguntam sobre a permissão ao divórcio. Os debates internos dos judeus em termos gerais já tinham deixado essa questão para trás há tempo, e só se discutiam ainda os *motivos* para o divórcio – se este era justificado só por motivos graves ou “por qualquer motivo” (Mt 19.3). Mesmo assim, no judaísmo a pergunta básica, se o casamento podia mesmo ser anulado, não se calara de todo. Isto prova p ex a proibição total ao divórcio em Qumran (Pesch II, p 120). Por isso é bem possível que, no debate detalhado com Jesus, uma e a outra questão eram abordadas, e não uma sem a outra.

Além do conteúdo da pergunta, porém, é necessário pensar também em seu ambiente. O comentário precisa levantar o que sabemos sobre a miséria do divórcio na época (cf. opr 3). O homem judaico em termos gerais nem estava tão preocupado com a aprovação de Deus, como a formulação da pergunta pode dar a entender. Senão ele teria cuidado melhor da dádiva de Deus. A “mulher” aqui não parece mais ser um presente de Deus, companheira, complementação, enriquecimento, ajuda e alegria, mas somente um ser sexual oposto, perante o qual os interesses masculinos tinham de ser defendidos. Por isso eles perguntaram sobre que possibilidades a lei abria, para conseguir o máximo para si, dentro do permitido.

Nenhum homem precisa envergonhar-se das dificuldades no casamento – mas será que não está tudo de cabeça para baixo quando o divórcio se torna uma possibilidade desejada, quando a convivência serve somente ainda para a busca apressada de bases legais para uma separação, que são saudadas com prazer sádico e empilhadas com cuidado como munição? O sentimento de vergonha de

ter de levar o próprio casamento ao tribunal é pervertido pela espera ansiosa do momento. Com um último sofrimento, poderíamos nos perguntar: *Temos de nos divorciar?* As esperanças antigas têm de ser sepultadas, o juramento de fidelidade tem de ser devolvido, a vida emocional das crianças tem de ser abalada e a igreja de Deus tem de ser entristecida? Não existe mais cura, só divórcio?

Os que fizeram a pergunta em nossa história não tinham dúvidas sobre a posição de Jesus. É possível sentir o que combina com ele. De forma alguma ele era o servente deles. Por isso eles podiam contar com que ele negaria o divórcio e assim se colocaria em oposição a Moisés, como eles o entendiam. Como em 7.1; 12.13,15 eles estavam ocupados com as investigações para um processo religioso contra ele, e juntavam material. A perspectiva política também é possível. O lugar do interrogatório era a Peréia que, como a Galiléia, pertencia aos domínios de Herodes Antipas. Este já dera cabo de João Batista por causa da questão do divórcio (6.18). A idéia era que agora também Jesus se tornasse intolerável em termos políticos e religiosos. Por isso se diz”que o **experimentaram**. De todo modo sua pergunta era um subterfúgio. O que podiam fazer com suas mulheres, eles tinham combinado há muito entre si.

- 3 **Ele lhes respondeu: Que vos ordenou Moisés?** Jesus aplicou várias vezes este método de fazer outra pergunta para fazer falar primeiro quem perguntou, e assim descobrir seus motivos (2.9,19,25; 11.29s; 12.16). O recurso ao mandamento do AT também combina bem com Jesus (10.19; 12.29).
- 4 **Tornaram eles: Moisés permitiu lavrar carta de divórcio e repudiar.** Logo com a primeira frase eles deixam escapar triunfantes: Nós podemos! A carta de divórcio permite o divórcio. Isto é totalmente lógico. Como é típico este método para surrupiar uma aprovação da Escritura!
- 5 Segue uma investida em direção ao centro da pessoa deles. **Mas Jesus lhes disse: Por causa da dureza do vosso coração, ele vos deixou escrito esse mandamento.** A expressão “dureza do coração”, que não se encontra fora da Bíblia, tem profundidade teológica, significa mais do que falta de sensibilidade e teimosia diante do cônjuge. A LXX usa-a para traduzir a expressão do AT “coração incircunciso” (p ex Lv 26.41; Dt 10.16; Jr 9.25; Ez 44.7). Portanto, o endurecimento se volta contra os atos salvadores de Deus. Em Mc 16.14 a expressão é explicada como incredulidade. Essa rebeldia contra Deus faz também com que o casamento não progrida.

No que tange à prescrição de Dt 24.1ss, pode-se constatar claramente que Jesus não a abordou basicamente. Ele simplesmente a classificou diferentemente dos judeus, e isto recorrendo ao próprio Moisés. De acordo com isso, a carta de divórcio é tolerada por necessidade, para enfrentar determinada situação, mas não faz parte do plano básico de Deus. É verdade que o estatuto de uma associação sempre inclui um artigo que predispõe sobre a sua dissolução, mas Deus não instituiu o casamento e o divórcio como equivalentes.

- 6 Com isto Jesus passa ao ensino positivo sobre o casamento. Ele cita de modo abreviado e fora do contexto duas passagens, como se faz também hoje quando se tem um bom conhecimento bíblico. Como introdução serve Gn 1.27: **Porém, desde o princípio da criação, Deus os fez homem e mulher.** Jesus não desenvolveu seu conceito do casamento a partir da sua crise. Momentos sob o signo da dureza do coração não contêm nada que indique o caminho e sirva de padrão para o casamento. Respeitá-los demais tem de provocar uma visão pessimista, que diz que um casamento indissolúvel é impossível, apesar de fazer parte do paraíso exatamente como tal. Sua origem na mão de Deus, todavia, é fundamental e esclarecedora. Por isso ele também descansa no poder de Deus e subsiste nas possibilidades de Deus. Por ver isto no casamento, Jesus grita para dentro das nossas crises conjugais: Não se divorciem! Deixem-se fascinar pelo que Deus pode e que, por isso, pode ser o casamento de vocês. – Esta é a nova proclamação de Deus, que também leva à renovação do casamento.
- 7,8 Depois desta introdução, uma segunda citação de Gn 2.24 leva ao alvo. **Por isso, deixará o homem a seu pai e mãe.** O texto da Bíblia hebr. diz que “um *homem*” deixará pai e mãe. O termo da LXX, “um ser humano”, que é seguido por Marcos, permite a aplicação também à mulher. Homem e mulher, por amor ao seu casamento, são liberados dos seus laços de sangue mais íntimos. Nada e ninguém – nem o próprio filho – podem sugá-los. Isto cria espaço e liberdade para esta novidade maravilhosa: **e serão os dois uma só carne.** O processo zomba da aritmética (um mais um igual a um). Os dois são mais uma vez barro na mão do Criador e se tornam um utensílio da sua bênção. Isto não é operado pelo amor deles – este nem é mencionado aqui – mas pelo amor de Deus. Eles experimentam sua unidade como criação e presente dele. Por isso o casamento – como a igreja – não

pertence ao grupo das uniões meramente humanas. Jesus repete expressamente a declaração do objetivo, para depois tirar conclusões dela: **De modo que já não são dois, mas uma só carne.**

- 9 A criação de Deus engloba sempre também os mandamentos de Deus. Assim, finalmente Jesus se volta para o tema do divórcio. **Portanto, o que Deus ajuntou não separe o homem.** Se o casamento, por natureza, é uma instituição divina, e não um contrato particular, uma união de interesses, um costume ditado pela sociedade, se o próprio Deus faz parte da definição do casamento, então homem, mulher e sociedade perdem o direito de legislar sobre o casamento. Por este motivo, quem os separa se defronta com Deus. “O Senhor, Deus de Israel, diz que odeia o repúdio” (Mt 2.16), “Deus julgará os adúlteros” (Hb 13.4). Esta clareza é para nós uma ajuda de valor incalculável.

Temos de deixar isto penetrar em nosso coração. Nem alienação, nem dogmatismo ou sadismo têm vez aqui. Deus é tão contra a dissolução do casamento exatamente porque quer salvar. E ele quer salvar o que criou. Tudo aqui está permeado de evangelho. A mensagem do casamento indissolúvel é parte integrante do evangelho. Aquele que ama, compreende, sustenta e domina o nosso casamento como nenhum outro, entra em cena. *Portanto*, fora com a confiança nas muletas da lei! Creiam com base no evangelho (1.15), e prefiram crer até à morte a morrer na incredulidade!

- 10 **Em casa, voltaram os discípulos a interrogá-lo sobre este assunto.** Este “voltaram” lembra o costume dos discípulos de fazer perguntas ao seu Senhor no círculo íntimo (cf. 4.10). Desta conversa Marcos retém um ponto determinado:

- 11 **E ele lhes disse: Quem repudiar sua mulher e casar com outra comete adultério contra aquela.** Haenchen (p 338) afirma que esta afirmação é inferior à conclusão antecedente, pois agora não é o divórcio mas o novo casamento que é declarado adultério. Ele deixou de ver que no caso em questão (v. 2) o divórcio incluía obviamente a intenção de tomar legalmente outra esposa. Os fariseus, zelosos da lei, evitavam estritamente a poligamia simultânea, mas a praticavam em sucessão, por meio desta instituição da carta de divórcio. É este tipo de divórcio que tem a intenção de trocar de mulher que Jesus desmascara como adultério descarado. É a mesma coisa como um homem casado pular a cerca.

O outro caso, em que o divórcio só confirma o fato de que a união já foi destruída e se desfez (cf. a cláusula em Mt 5.32; 19.5) ou que um cônjuge descrente se recusa radicalmente a continuar a convivência (1Co 7.15) está fora do nosso espectro. Por isso o trecho também não se presta para negar que um cristão divorciado (e casado de novo) seja cristão. O que Jesus ataca de frente aqui é a fé na sorte e na vida verdadeira pela troca de parceiros, ainda mais com roupagem “cristã”. Este “evangelho” da separação, que um conta ao outro e com que todos brincam em pensamento, está vedado à igreja pelo evangelho de Cristo. Em lugar do divórcio há cura, nova proclamação e nova intervenção de Cristo, perdão e ressurreição dos mortos, paciência e santificação. Um casamento que adentra esse caminho e anda imperturbável por ele desencadeia uma avalanche de bênçãos até a milésima geração (Êx 20.5,6).

- 12 O parágrafo é dirigido principalmente ao homem, mas mesmo assim não dá motivos para ter compaixão sentimental das mulheres. **E, se ela repudiar seu marido e casar com outro, comete adultério.** A esposa tem a mesma responsabilidade do seu marido. (Sobre as disposições legais pressupostas, cf. opr 2.)

### 13. Instrução sobre as crianças, 10.13-16

(Mt 19. 13-15; cf. 18.3; Lc 18.15-17)

**Então, lhe trouxeram<sup>a</sup> algumas crianças<sup>b</sup> para que as tocasse, mas os discípulos os<sup>c</sup> repreendiam.**

**Jesus, porém, vendo isto, indignou-se<sup>d</sup> e disse-lhes: Deixai vir a mim os pequeninos, não os embaraceis<sup>d</sup>, porque dos tais é o reino de Deus.**

**Em verdade vos digo: Quem não receber<sup>e</sup> o reino de Deus como uma criança<sup>f</sup> de maneira nenhuma entrará nele.**

**Então, tomando-as nos braços e impondo-lhes as mãos, as abençoava.**

*Em relação à tradução*

<sup>a</sup> O tempo imperfeito, no texto original, descreve aqui a tentativa que não obteve sucesso, por ser impedida pelos discípulos.



<sup>b</sup> Sobre *paidion*, cf. 9.24n. Devemos pensar em crianças de idades variadas. Lucas usa *brephos* em 18.15, que a princípio significa bebê, depois também criança pequena, mas nos v. 16s também tem duas vezes *paidion*. A frase “vir a mim” no v. 14 dá a impressão de que os pequenos já andavam.

<sup>c</sup> Este “os” denota no grego gramaticalmente os pais, irmãos mais velhos ou até as próprias crianças. Mesmo assim (contra Loh; Weber, *Kinder*, p 34s) pode-se pensar também nas mães, já que o grego nestas relações não é muito coerente (cf. Bl-Debr. § 134.2). Evidentemente este grupo de pessoas aqui não é importante, porém aquilo que foi feito às crianças: “Não as impeçais!” (Aqui a referência às crianças é inquestionável.)

<sup>d</sup> A expressão forte *aganaktein* só é usada em outro lugar pelos discípulos (10.41 e 14.4).

<sup>e</sup> *dechesthai*, usado com frequência para o “acolhimento” carinhoso de uma pessoa (6.11; 9.37). Isto, porém, com vistas ao reinado de Deus formaria um quadro incomum. Resta, então, a comparação com a “aceitação” de uma palavra (p ex At 8.14; 1Ts 1.6; Tg 1.21), exortação (2Co 8.17) ou graça (2Co 6.1).

<sup>f</sup> Em termos gramaticais, a palavra grega “criança” também pode ser tomada como objeto direto: acolher o reinado de Deus como a gente acolhe uma criança. Mas veja a nota e.

### Observações preliminares

1. *Contexto*. No âmbito da catequese tríplice dos discípulos de Jesus (opr a 10.1), segue agora a parte sobre as crianças. Em meio a isto, porém, o v. 15 é um ponto alto, que ultrapassa a pergunta de primeiro plano sobre o valor das crianças e constata verdades fundamentais sobre o caminho da salvação e a natureza do reinado de Deus. Este estilo também pode ser encontrado em outras passagens do NT. Em 2Co 8.9, no contexto de perguntas sobre a coleta, de repente desponta uma confissão cristológica profunda. A mesma coisa em Ef 5.25-27 em meio a exortações aos maridos ou em 1Pe 2.21-25 em conexão com instruções para os escravos. Operações da crítica literária não cabem nestas passagens. Elas destroem contextos intencionais e resultantes da causa cristã.

2. *Bênção judaica das crianças*. A bênção de crianças, com imposição de mãos, era bem conhecida no judaísmo. As crianças não iam somente ao seu pai para serem abençoadas, mas também a rabinos famosos. No dia da Expição havia o costume de fazer jejuar crianças de várias idades para depois levá-las aos sacerdotes ou anciãos, “para que estes as abençoassem e orassem por elas”. Isto tudo era acompanhado de instruções de mais tarde esforçar-se na escola, de aprender e seguir corretamente os mandamentos. O ritual, portanto, estava a serviço da religião legalista (Bill. I, 805; Weber, *Kinder*, p 33).

- 13 **Então, lhe trouxeram algumas crianças.** O fato de as trazerem não quer dizer que não sabiam andar, mas demonstra sua dependência. Deste modo, em 7.32 foi trazido um surdo-mudo a Jesus, em 8.22 ou um cego e, em 11.27, um jumento. Aqui de pronto pode-se ver qual era a intenção: **para que as tocassem**. Mateus detalhou este “toque” a partir do fim do texto de Marcos (v. 16): “para que lhes impusesse as mãos e orasse” (Mt 19.13), como os judeus costumavam fazer quando abençoavam crianças. Sobre o valor reduzido das crianças mesmo no contexto deste gesto, compare opr 2 e opr 3 a 9.33-37. **Mas os discípulos os repreendiam.** Será que eles estavam zelando pelo descanso de que o mestre exausto necessitava? Isto seria muito superficial. A “repreensão” revela como talvez em 8.32 uma indignação teológica. Temos de levar em conta que toda a divisão 8.27-10.52 pressupõe o reconhecimento do Messias pelos discípulos em 8.29. Eles estavam muito ansiosos pelo começo do reinado de Deus, no qual Jesus era a pessoa chave. Por que molestá-lo com as obrigações de rotina de um rabino? (cf. opr 2)! Aqui está alguém que é maior que um rabino e maior que um profeta. É por esta razão que os discípulos bloqueiam o acesso à caravana de crianças que, em vez do toque esperado de Jesus, encontram esta agressão dos seus servos, supostamente no seu espírito e como servos da causa de Deus. Ao choque para os pais, no entanto, segue um choque para os discípulos:
- 14 **Jesus, porém, vendo isto, indignou-se.** Ele fica furioso – a única vez no NT. Abre-se um abismo entre ele e eles. O caso era uma falta grosseira de entendimento (cf. 1.36). É verdade que à sua volta começava o reinado de Deus, mas era errado como eles o imaginavam. Uma ordem dupla reverte as medidas deles: **Deixai vir a mim os pequeninos, não os embaraceis**. Com a expulsão delas seu objetivo tinha sido atingido no âmago. As crianças estavam necessariamente incluídas. **Porque dos tais é o reino de Deus** (sobre o termo, cf. opr 4 a 1.14,15). Ele não diz simplesmente “destas crianças”, que estão presentes ali, pelo contrário, ele generaliza: “dos tais”, isto é, de crianças como estas, na verdade de todas as crianças. A expressão, como mostrará o v. 15, ainda está aberta para mais coisas.

Primeiro: Não deixe as crianças esperar; não hesite em trazê-las para as mãos de Jesus, não conte com “mais tarde”: mais tarde, quando você for maior, quando entender mais da Bíblia, quando for

batizado, etc. As crianças podem ser trazidas com muita confiança no poder salvador de Jesus. O reinado de Deus rompe a barreira da idade assim como a barreira sexual (o evangelho para as mulheres), da profissão (para cobradores de impostos), do corpo (para doentes), da vontade pessoal (para endemoninhados) e da nacionalidade (para gentios). Portanto, também as crianças podem ser trazidas dos seus cantos para que Jesus as abençoe.

- 15** Agora Jesus se torna radical: Não *também* das crianças, mas *só* das “crianças” é o reinado de Deus. A salvação delas assume caráter de modelo do povo de Deus em geral: os últimos se tornam primeiros. **Em verdade vos digo: Quem não receber o reino de Deus como uma criança de maneira nenhuma entrará nele.** Sobre as nove declarações com “amém” (em verdade) em Marcos, cf. 3.28. Esta aqui está em tom de ameaça. O reinado de Deus mostra seu aspecto futuro, como salão amplo e adornado para a festa, no qual as pessoas entram (cf. v. 23-25). Entretanto, só entra quem aceita a forma presente do reinado de Deus, ou seja, como mensagem de Jesus, e isto **como uma criança**. A princípio devemos rejeitar a idéia de que as crianças são “queridinhas”, que penetrou no cristianismo desde o século II. Nos escritos cristãos antigos lemos sobre a “idade da inocência”, que “não conhece maldade”. No NT, porém, as crianças não são anjinhos. Elas são briguentas (1Co 3.1-3), imaturas (1Co 13.11; Hb 5.13), fáceis de seduzir (Mc 6.4), imprudentes (1Co 14.20), volúveis (Ef 4.14), dependentes (Gl 4.1,2). Elas também não são maravilhosamente receptivas como se gosta de dizer, mas com frequência tímidas, teimosas, medrosas e desconfiadas. Elas também não são modelo de humildade e simplicidade, mas muitas vezes são egoístas, vaidosas, caprichosas, astutas, atrevidas e cruéis. Quando olhamos para sua condição subjetiva, exclamamos como Paulo: “Não sejamos mais como meninos!” (Ef 4.14).

Sua situação objetiva é diferente. Elas estão absolutamente no começo, ainda não têm nada, não sabem fazer nada, ainda não valem nada. Portanto, a exclamação de Jesus significa: Deixem-se passar para trás de tudo que já conquistaram e se tornaram. Voltem para trás em sua sabedoria e comecem de novo diante de Deus, “como crianças recém-nascidas” (1Pe 2.2). Não é estocando o que se tem, mas nascendo de novo que se entra no reino de Deus (Jo 3.3). Esta é a “perfeição” espiritual da “criança”: ter necessidade de Deus em tudo, até o fundo. Ficar firme nisto e receber o “Abba” de presente – isto é o que importa!

- 16** O versículo final é valioso como testemunho do amor concreto de Jesus pelas crianças, em oposição ao que era considerado apropriado na época para os rabinos (opr 3 a 9.33-37). **Então, tomando-as nos braços**, a estas crianças que ainda estavam atordoadas com a atitude dos adultos. A expressão é encontrada mais uma vez em relação a uma criança em 9.36. Jesus praticamente as puxa para o centro do seu amor, passando ao largo de todas as condições, pois também elas são criaturas de Deus. Assim como um pai tem compaixão de crianças, Jesus se compadece delas – a figura do pai ideal em relação a tudo que é criança (Sl 103.13; Ef 3.15).

Este carinho vai bem além do que foi solicitado no v. 13a, e deve ter provocado admiração e até estranhamento. É somente neste contexto que segue a ação, seguindo o roteiro normal de qualquer bênção de crianças por judeus: **e impondo-lhes as mãos, as abençoava**. Agora fica claro que Jesus não abençoava como abençoavam os escribas.

#### 14. Ensino sobre os bens (o jovem rico), 10.17-31

(Mt 19.16-30; Lc 18.18-30)

E, pondo-se Jesus a caminho, correu um homem ao seu encontro e, ajoelhando-se, perguntou-lhe: Bom Mestre, que farei para herdar a vida eterna?

Respondeu-lhe Jesus: Por que me chamas bom? Ninguém é bom senão um, que é Deus. Sabes os mandamentos<sup>a</sup>: Não matarás, não adulterarás, não furtarás, não dirás falso testemunho, não defraudarás ninguém<sup>b</sup>, honra a teu pai e a tua mãe.

Então ele respondeu: Mestre, tudo isso tenho observado desde a minha juventude.

E Jesus, fitando-o, o amou<sup>c</sup> e disse: Só uma coisa te falta: Vai, vende tudo o que tens, dá-o aos pobres, e terás um tesouro no céu; então vem, e segue-me.

Ele, porém, contrariado<sup>d</sup> com esta palavra, retirou-se triste, porque era dono de muitas propriedades<sup>e</sup>.

Então, Jesus, olhando ao redor, disse aos seus discípulos: Quão dificilmente entrarão no reino de Deus os que têm riquezas<sup>f</sup>!

- <sup>24</sup> Os discípulos estranharam estas palavras; mas Jesus insistiu em dizer-lhes: Filhos, quão difícil é [para os que confiam nas riquezas] entrar no reino de Deus!
- <sup>25</sup> É mais fácil passar um camelo<sup>g</sup> pelo fundo de uma agulha do que entrar um rico no reino de Deus.
- Eles ficaram sobremodo maravilhados, dizem entre si: Então, quem pode ser salvo? Jesus, porém, fitando neles o olhar, disse: Para os homens é impossível; contudo, não para Deus, porque para Deus tudo é possível.
- Então, Pedro começou a dizer-lhe: Eis que nós tudo deixamos e te seguimos.
- Tornou Jesus: Em verdade vos digo que ninguém há que tenha deixado casa, ou irmãos, ou irmãs, ou mãe, ou pai, ou filhos, ou campos<sup>h</sup> por amor de mim e por amor do evangelho,
- <sup>30</sup> que não receba, já no presente, o cêntuplo de casas, irmãos, irmãs, mães, filhos e campos, com perseguições; e, no mundo por vir, a vida eterna.
- Porém, muitos primeiros serão os últimos; e os últimos, primeiros.

#### Em relação à tradução

- <sup>a</sup> A seqüência diferente da nossa maneira de contar não deve nos estranhar. Não se contava com muita exatidão. As listas no AT também já têm diferenças, cf. p ex Êx 20.12-16 e Dt 5.16-20, e Rm 13.9.
- <sup>b</sup> *aposterein* aparece no NT ainda em Tg 5.4. Tanto lá como na LXX tem o sentido de reter o salário de alguém (p ex Dt 24.14). Ou será que este termo engloba o nono e o décimo mandamentos? Muitos copistas, assim como Mateus e Lucas, deixaram esta parte fora.
- <sup>c</sup> “E o amou” naturalmente não é uma informação sobre o amor geral de Jesus pela humanidade, que incluía também este homem, antes identifica um gesto de amor que será feito em seguida (aoristo ingressivo). Alguns intérpretes entendem este processo como uma ação prática e traduzem que Jesus “o acariciou” (Wikenhauser), “abraçou” (Lohmeyer) ou “beijou” (Pesch e Gnllka). Com isto, porém, eles deixam de levar em conta a relação expressa com o olhar de Jesus, que repetidas vezes nas histórias de chamado sinaliza o processo de escolha (1.16,19; 2.14; cf. também “filho amado” em 1.11; 9.7; 12.5). Já no grego pré-bíblico, *agapan* é o amor que faz diferenças, escolhe seu objeto, o coloca em posição de preferência e o segura (Stauffer, ThWNT I, 36. Que as palavras “eu amei” podem descrever o processo divino de escolha pode-se ver também em Os 11.1; Is 43.4; Ml 1.2; Rm 9.13. A tradução (cf. Schneider, EWNT I, 22) deve expressar isto.
- <sup>d</sup> *stygnaizein* significa ficar escuro (como em Mt 16.3!). Schmithals sugere a tradução “seu rosto se anuviou”.
- <sup>e</sup> *ktemata* originalmente era tudo que foi obtido, mas nos tempos bíblicos se limitara a posses concretas de terras, p ex At 5.1, claramente equivalente a *chorion* no v. 3, ou seja, propriedade rural (como em Mc 14.32 para o Getsêmani).
- <sup>f</sup> Aqui está o termo mais geral *chramata*, que se refere a valores na forma de objetos e dinheiro, geralmente quantidades monetárias (At 4.37; 8.18,20; 24.26).
- <sup>g</sup> Alguns copistas transformaram *kamalos* (camelo) em *kamilos* (corda). No entanto, aqui se compara intencionalmente o maior animal que existia na Palestina com a menor abertura conhecida, para evocar a impressão do impossível. Esta intenção também ficaria inutilizada se “fundo da agulha” fosse entendido como o nome da portinhola ao lado do portão da cidade. A contraposição de fundo da agulha com camelo ou elefante também aparece em outros provérbios judaicos (Bill. I, p 28).
- <sup>h</sup> “Campos” parece indicar que se trata de agricultores, apesar de não ser esta a composição do grupo dos doze, nem dos demais discípulos. O plural também pode indicar terrenos ou até aldeias, ou seja, a terra natal.

#### Observações preliminares

1. *Contexto.* A terceira instrução (cf. opr a 10.1), sobre o assunto dos bens, deixa especialmente claro que as perguntas em relação à nossa vida terrena estão inseridas nas perguntas em relação à nossa vida eterna e ao reinado de Deus.
2. *“Jovem” rico?* Os três relatos sinóticos são uniformes em apresentar este homem como “rico justo” (Goppelt, Theologie, p 132.135). Só em Mt 19.20,22 ele é chamado de passagem de “jovem”, porém é preciso levar em consideração que os judeus podiam chamar os homens de menos de 40 anos de “jovens”. Contra a nossa idéia de juventude também se levanta o fato de que, segundo Lc 18.18, se trata de um “homem de posição” (*archon*). Pode ser que ele ocupava a posição de presidente de sinagoga (Lc 8.41; cf. 5.22n), de juiz (Lc 12.58) ou de membro do Conselho Superior. De antemão devemos excluir algumas interpretações:

a. *Interpretação psicológica do jovem.* Isto tiraria do diálogo a profundidade e a validade geral, se pintássemos aqui um jovem que pergunta a partir das suas tensões e do seu egoísmo (como em Dehn, p 119). Neste encontro o importante é a vida e Deus (v. 17,30).

b. *Oferta de um cristianismo adicional voluntário?* Esta é a interpretação de alguns autores católicos, p ex Guardini, p 338ss: via de regra é suficiente quando os cristãos guardam os mandamentos. Para quem, no entanto, tinha o desejo de “mais”, como este homem, Jesus continua falando no v. 21. Para estes, ele tem uma “exigência especial”. Esta não está mais no nível das obrigações comuns, mas do “conselho” para aqueles que querem ser perfeitos. Quem está no primeiro nível já tem a garantia da vida eterna, o nível superior é só para quem é especial. Desta interpretação do texto se alimenta desde tempos antigos a religiosidade dos monges, com os três “conselhos” em relação a pobreza, virgindade e obediência. *Lumen gentium*, a constituição dogmática do Vaticano II sobre a igreja, expressa isto assim: “Ele (aquele que pertence à ordem) morreu para o pecado pelo batismo e foi consagrado a Deus, mas para poder receber um fruto mais rico da graça do batismo, pelo compromisso com os três conselhos evangélicos na igreja ele é liberto dos obstáculos que o poderiam afastar do ardor do amor e da perfeição da adoração de Deus, sendo consagrado de modo mais intenso ao serviço divino”. Dignos de nota são os comparativos que indicam níveis de espiritualidade. Nossa passagem, porém, não trata de participação maior ou menor na vida eterna, de obediência inferior ou melhor ou de uma condição superior ou inferior de ser discípulo, mas de vida, obediência e discipulado em si.

c. *Religiosidade de pobre?* O v. 21 pode ser não só estreitado, mas também ampliado demais. Haenchen, p ex, torna este homem rico “um caso exemplar para todos os ricos” que querem tornar-se cristãos. Todos eles têm de livrar-se de todos os seus bens. Também na opinião de Schulz (p 118; Lohmeyer é parecido), mostra-se aqui o “rigorismo de Marcos”. Alguns intérpretes chegam ao ponto de afirmar que os “pobres” aos quais se deve dar o resultado da venda dos bens são os cristãos que vivem em comunidade. Todo novo convertido tinha de colocar seu patrimônio no caixa comum. Só quem fosse sem posses receberia a vida eterna. – Desta maneira, porém, um chamado concreto é dogmatizado além do permitido, e o quadro geral dos evangelhos é distorcido.

3. *Unidade do parágrafo.* O relato da segunda rodada do diálogo nos v. 28-31 dá a impressão, por causa do estilo e também de uma atitude bastante diferente por parte dos discípulos, de ter sido transferido para cá a partir de outra fonte. Seja como for, quanto ao conteúdo ele se encaixa muito bem aqui. Do v. 17 até o 30 fala-se da “vida eterna”, que é relacionada com os alicerces da vida natural como posses e família (imóveis nos v. 22, 29, 30 e pais nos v. 19,29,30). Com o chamado para ser discípulo, oferece-se uma solução para o problema.

- 17 **E, pondo-se Jesus a caminho.** Esta informação exterior é significativa. O “caminho” é a “subida” determinada de Jesus para Jerusalém (10.32), disposto a sofrer, morrer e ressuscitar (opr 2 ao 8.27-10.52). Que outra coisa poderia sair, se este Senhor sofredor é perguntado por conselhos para a vida, senão este discipulado “sob perseguições” (v. 30)! **Correu um homem ao seu encontro e, ajoelhando-se.** Com tanta súplica como a dos leprosos em 1.40 e tão exawsto emocionalmente como o presidente da sinagoga em 5.22, ele fez diante de Jesus o gesto da submissão mais completa e da maior seriedade exterior. Toda a sua biografia passa para segundo plano. Ele não era nada além de alguém que estava ajoelhado diante de Deus; e quando alguém se ajoelha diante de outra pessoa, está se submetendo ao seu senhorio. A saudação e a pergunta também indicam a disposição para se converter: **perguntou-lhe: Bom Mestre.** “Mestre” (rabi, professor) na época de Jesus podia ser uma simples expressão de gentileza, mas o adjetivo “*bom Mestre*” é uma qualificação. Estava aqui um professor “com autoridade” (1.22,27), “vindo da parte de Deus” (Jo 3.2), distanciado da caricatura comum dos professores (Mc 12.14; cf. opr 3 a 1.21-28). Típica em cenas de conversão é o pedido por instruções abrangentes: **Que farei** – a passagem faz parte de uma série com Lc 3.10,12,14; At 2.37; 9.6; 16.30 – **para herdar a vida eterna?** Este professor que tinha despertado perguntas cruciais nele, teria de respondê-las agora.

A expressão “herdar a vida eterna, entrar na vida” é tipicamente judaica (Bill. I, 464,808s,829). Ao mesmo tempo o AT protegia os judeus do menosprezo da vida terrena e natural. Não se trata de fugir do mundo. Todavia, com quanto mais pretensão alguém pensa sobre a vida, mais o incomoda nela a morte, em todas as suas formas antecipadas e dores posteriores. É que a vida tão ansiada só reina lá onde reina o Deus vivo. Por isso também pode-se falar de “herdar o reinado de Deus” (Mt 25.34), ou “entrar” nele (Mc 9.47; 10.15,23,24,25) ou “recebê-lo” (10.15). A vida eterna para nós depende da pergunta se Deus nos quer ter consigo. Jesus relançara esta pergunta com sua proclamação do reinado próximo de Deus, de modo que as respostas velhas dos velhos líderes não satisfaziam mais. Estes diziam: Guarde os mandamentos, estas “palavras de vida” (Bill. I, 464)! Colecione com empenho um estoque de obediências a mandamentos, para que, no juízo final, se sua

conta for alta o suficiente, você possa receber a vida eterna em troca (Bill. I, 429-431,822d). Apesar de seguir este caminho, contudo, este homem sentia em algum lugar uma carência preocupante. Por isso perguntou a este professor, que visivelmente vivia com Deus e de Deus, o que ainda faltava (v. 21).

- 18** Jesus replicou tipicamente com outra pergunta, que expõe o que realmente interessa (cf. 9.33; 10.3): **Por que me chamas bom?** Ficamos consideravelmente constrangidos. Será que o evangelho inteiro de Marcos não ficaria incompreensível se não é verdade que Jesus é o Filho santo que agrada a Deus, como testemunhou a voz do céu (1.11; 9.7)? Porém a palavra dura de Jesus se justifica se enfatizamos: Por que *você*, com estas suas tendências, me chama de bom? Aqui não era uma voz do céu mas uma boca terrena que queria ir além dos mandamentos de Deus. Na prática, ele queria que Jesus fosse bom além da boa revelação de Deus, dispondo ele mesmo sobre a ética. É isto que Jesus recusa. Ele diz não a ser bom sem ser Filho, não a ser bom que não coloca no pedestal a singularidade de Deus. Por isso: **Ninguém é bom senão um, que é Deus.**

A ênfase está no numeral insistente: *um* Deus, sem deuses paralelos, sem querer ser como Deus (cf. 12.29,32). Jesus restabeleceu o primeiro mandamento: “Eu sou o Senhor teu Deus; não terás outros deuses diante de mim” (Êx 20.2,3). O próprio Jesus não é bom no sentido em que Deus é bom, pois não é Pai, ou seja, Doador, Preservador e Senhor da vida, mas só o Filho obediente. Com este sentido do 1º mandamento, que englobava toda a missão de Jesus, podemos voltar ao v. 21.

- 19** **Sabes os mandamentos.** Não é possível obter a vida passando ao largo dos mandamentos, há muito conhecidos, do Deus que é o único bom. “Ele te declarou, ó homem, o que é bom”, diz Mq 6.8. “Eles têm Moisés e os profetas; ouçam-nos”, em Lc 16.29. Em Mc 10.3 Jesus também reportou seus parceiros friamente aos fundamentos da Escritura, que todos sabiam de cor. Em Lc 10.26 ele fez um professor da lei declamar o Decálogo como se fosse um rapaz fazendo sua profissão de fé. Depois lhe disse secamente: “Declamaste corretamente; faze isto, e viverás”. É preciso perceber a ponta de ironia contra o excesso de “preceitos de homens” (7.4,7-9,13). O reinado de Deus se aproximou, e a voz do Pai pode ser ouvida. É tudo tão simples.

Agora Jesus faz o resumo: **Não matarás, não adulterarás, não furtarás, não dirás falso testemunho, não defraudarás ninguém, honra a teu pai e a tua mãe.** A direção, portanto, não aponta para mais jejum, oração, frequência ao culto ou estudo da Torá, não uma religiosidade mais intensa ou contemplação mais profunda. Ame o seu próximo! O amor ao próximo é o reverso do amor a Deus. É que Deus, de modo até irritante, está sempre ao lado do próximo e insiste: Ame-o! Sem isto não há Deus e não há vida.

- 20** **Então ele respondeu: Mestre, tudo isso tenho observado desde a minha juventude.** Ele não está pensando em seu nascimento ou infância, mas no tempo desde os seus treze anos. Naquela ocasião ele se comprometera a guardar os mandamentos, como todos os meninos judeus. Com a melhor das consciências ele podia constatar que vivera sem roubar, matar, adulterar, assaltar ou mentir. No judaísmo havia exemplos radiantes de justos que, neste mundo caótico, tinham guardado (Bill. I, 814,816) os 365 mandamentos “faça isto” e os 248 “não faça isto” que eram tirados dos cinco livros de Moisés (Bill. III, 161). Jesus aceitou esta informação sem problemas como verdadeira. Em termos gerais ele respeitava as grandes diferenças de conduta entre as pessoas e podia falar sem ironia dos “justos” (2.17). Paulo fazia o mesmo juízo do seu tempo de fariseu: “Quanto à justiça que há na lei, irrepreensível” (Fp 3.6). No Oriente despótico, por outro lado, também eram conhecidos os ricos brutais, que eram odiados de acordo. Com suborno, chantagem ou o desprezo de todas as normas eles ampliavam continuamente suas posses (Lc 19.8). Quando recebiam uma visita importante, tomavam um animal do vizinho pobre para assar, para poder ser um hospedeiro galante, sem levar prejuízo (2Sm 12.1-4). A poucos passos da sua mesa podia fazer um moribundo em sua imundície (Lc 16.19ss). Para estes senhores Deus não significava nada. Eles esbanjavam arrogância. “Os olhos saltam-lhes da gordura; do coração brotam-lhes fantasias” (Sl 73.7). Contra todo ceticismo, porém, temos de concordar que aqui e acolá havia ricos honestos, que inclusive eram amados sinceramente pelas pessoas ao seu redor (Lc 7.4s). Um rico assim estava de joelhos aqui diante de Deus. Sua riqueza podia ser para os judeus um sinal visível do favor divino (cf. Jó 1.10; 42.10; Sl 37.25; 128.1,2).

- 21** Este versículo imprime nova direção à história. O diálogo de ensino (duas vezes “mestre”) torna-se literalmente uma história de chamado, mesmo que com resultado negativo. **E Jesus, fitando-o, o amou.** A eleição sem outro motivo se impõe aqui, certamente não como recompensa por suas



virtudes. **E disse: Só uma coisa te falta.** Com isto a continuação desemboca no chamado para segui-lo. Como, porém, devemos entender este discipulado? De forma alguma como a adição de um undécimo mandamento aos outros dez. Isto já ficou claro no v. 19. O que faltava era qualidade, não quantidade. Faltava-lhe a base, não um acréscimo. Para ser mais exato: esta uma coisa é *o Único* do v. 18, é o estabelecimento do 1º Mandamento na sua vida, e deste 1º Mandamento em todos os outros mandamentos. É isto que acontece na seqüência.

O próximo versículo trará isto à tona: o rico justo ainda vivia com reservas decisivas em relação a Deus. É verdade que ele respeitava a ordem de Deus e neste aspecto podia ter uma consciência tranqüila, mas no cumprimento de cada mandamento faltava o cumprimento do 1º mandamento, este de pertencer completamente a Deus. Em tudo ele continuava senhor de si mesmo. De alguma forma, nele o ser e o fazer estavam divorciados. Isto existe: muita submissão, em caminhos próprios! Deus, neste caso, se parece com um guarda de trânsito a cujos gestos obedecemos com solicitude, para que ele nos deixe passar. No mais, pouco nos importa o guarda de trânsito, e pertencemos a nós mesmos.

A esta indicação de que falta *uma* coisa seguem três imperativos (vai e vende, dá aos pobres, vem e segue-me), mas na verdade não se trata de três coisas, mas de uma só. Esta é o discipulado. Seguindo a Jesus, estamos com Deus, e ele estabelece em nós o 1º mandamento. Os imperativos precedentes nada mais são que a descrição inicial do que significa ser discípulo. Eles já brotam do discipulado, são discipulado em ação.

O primeiro imperativo é: **Vai, vende tudo o que tens.** A primeira explicação desta palavra encontramos na parábola em Mt 13.44. O homem que lá “vai e vende tudo o que tem”, o fez de tanta alegria com o que encontrou. Em vista do grande tesouro, as coisas dele praticamente lhe caíram das mãos. Aqui também o “ir” teria sido um andar no amor do v. 21a, não um sacrifício por ele e anterior a ele. Livre dos seus bens, este homem estaria livre para realmente viver sua liberdade. A perspectiva da liberdade sob o 1º Mandamento, sob a missão de Jesus e em favor desta missão, é o fio condutor aqui. A pobreza aqui não é uma obrigação imposta ou um ideal exaltado. A pobreza aqui não tem o valor em si mesma, mas está a serviço da liberdade para o serviço. Existe também a liberdade *para* a posse desta ou daquela maneira, quando permitido pela independência do serviço. O padrão é a orientação concreta. Pedro também deixou a sua casa, mas não a vendeu (1.29), assim como Levi (2.15). O testemunho bíblico de uma situação específica não pode ser transformado em exigência geral sem uma análise melhor, mas situações bíblicas podem repetir-se.

O segundo imperativo é: **Dá-o** (o resultado da venda) **aos pobres.** Jesus não pode ter considerado a posse de dinheiro como um mal em si mesmo, senão o homem não poderia ter confiado seu dinheiro aos pobres. Também fica claro que a entrega dos bens não representa um ganho em virtude, antes está a serviço do amor ao próximo. De tanto ser amado, ele devia dar amor adiante. **E terás um tesouro no céu.** É verdade que esta expressão procede da teologia judaica do mérito (Bill. I, 429ss,817s), mas ela adquire um novo sentido no contexto aqui. O favor de Deus o homem já recebera, de acordo com o v. 21, pela vida do presente, mas na época futura isto deveria vir à luz. Mal entendidos na época presente, encobertos por perseguições (v. 30), os amados de Deus um dia brilharão como o sol.

Finalmente as instruções sobre o discipulado chagam ao fim: **Então vem, e segue-me.** O propósito, portanto, não era que este homem se juntasse ao grupo de seguidores sedentários de Jesus (q1 8g), mas ao grupo menor que andava com ele, que deixara pátria, profissão e família. Para o tipo de ligação com Jesus, a vontade de Jesus sempre era determinante (3.13). Em 5.18, Jesus mandou um homem, que fora curado e se ofereceu para ser discípulo itinerante, de volta para a sua terra.

- 22 Ele, porém, contrariado com esta palavra, retirou-se triste.** É verdade que fora o homem quem procurara Jesus, disposto a converter-se e faminto de vida, mas agora descobriu que ele era bem diferente do que como o procurara. O “jugo suave” e o “fardo leve” de Jesus (Mt 11.30) ainda lhe eram pesados demais. Assim, ele voltou, para carregar seu próprio jugo, cem vezes mais pesado. No entanto, não se voltou indiferente, mas **triste**, pois já o tocara um sopro da bondade, glória e vida de Jesus. Dar as costas a isto só pode acontecer na maior tristeza do mundo. Por que será que ele ainda não estava livre para a liberdade? Confirma-se a interpretação de que ele ainda não amava a Deus acima de todas as coisas. Um informação adicional, típica de Marcos, explica: **porque era dono de muitas propriedades.** Esta circunstância emerge como se estivesse oculta até então. As exigências que sua riqueza lhe fazia o obrigaram a continuar levando a sua vida vazia. Este “engano das riquezas” (4.18) deve brilhar com força diante dos nossos olhos. Palavras como “bens, propriedades”

podem perder sua santidade para nós – como se ouro e prata pudessem nos salvar! (cf. 1Pe 1.18)! Até porque os bens não são algo que nos pertence de eternidade a eternidade, de modo intocável. Eles mudam de dono de uma noite para outra (Lc 12.20). Eles só nos pertencem para os administrarmos, e temos de poder sair a qualquer momento da nossa posição de administradores e prestar contas.

**23,24** Isto levanta o problema dos “bens” para os que permanecem. **Então, Jesus, olhando ao redor, sem deixar ninguém de fora, disse aos seus discípulos: Quão dificilmente entrarão no reino de Deus os que têm riquezas!** Certamente este “entrar” é um presente de Deus, mas isto não quer dizer que as pessoas entram sem mais nem menos. A incapacidade humana de compreender o que é divino é assustadora. Ninguém é uma sumidade diante de Deus, e até os discípulos ficam perplexos: **Os discípulos estranharam estas palavras**, de modo muito parecido com o rico justo que ficou triste com as palavras de Jesus. Eles não estão longe deste. Se um homem como este desiste, então, quem vai conseguir?! O evangelho é para todos nós uma sobrecarga crônica.

**Mas Jesus insistiu em dizer-lhes.** Com solenidade especial (cf. 11.22) e repetição ele deixou marcas profundas na memória dos primeiros cristãos. **Filhos, quão difícil é entrar no reino de Deus!** Se no v. 16 era: Só para crianças!, agora é: Só para pobres! Mas quem é pobre? Os discípulos fizeram bem em sentir que a história do homem rico tinha a ver com eles. Além do rico em bens há os ricos em inteligência, em virtudes, em caridade, em filhos e tantos outros. E quem não é rico, pelo menos quer ficar (1Tm 6.9) e, neste sentido, está preso no anzol das riquezas. **Filhos**, o Senhor diz com ternura. Mas ele não enfeita nada, pelo contrário, ele descreve a situação deles com cores berrantes:

**25,26** **É mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha do que entrar um rico no reino de Deus.** Intencionalmente ele traça um quadro totalmente absurdo: um camelo diante do buraco de uma agulha. É óbvio que ele se recusa a dar um passo sequer em direção a esse negócio. Mesmo assim, ele ainda está em posição melhor do que um rico diante da porta do céu. **Eles ficaram sobremodo maravilhados, dizendo entre si.** Apesar de terem Jesus à sua frente, eles se voltam resignados uns para os outros, como crianças abandonadas. Nos lugares correspondentes sempre se ouvem conversas muito humanas, distantes de Deus (1.27; 8.16; 11.31; 12.7; 16.3). Aqui eles dizem: **Então, quem pode ser salvo?**

**27** Agora a intenção básica cheia de amor transparece totalmente. **Jesus, porém, fitando neles o olhar, disse: Para os homens é impossível.** Até aqui vai a introdução; era necessário levar os discípulos até esse ponto. A afirmação principal é: **contudo, não para Deus, porque para Deus tudo é possível.** Quando, na história dos patriarcas, Sara riu sobre si mesma como o camelo diante do buraco da agulha, Deus disse este mesmo “contudo” (Gn 18.14). A fé de Abraão dependia deste “contudo” (Rm 3.18-21), assim com a fé de todos os discípulos de Jesus (9.23; 11.24). O poder absoluto de Deus os convida à confiança irrestrita, contra toda liberdade e preguiça deles mesmos. A salvação e a vida eterna são totalmente uma questão de desespero humano. Mas ele é limitado pelo próprio Deus. Seguir a Cristo significa estar pronto para ter sempre experiências de limites. O chamado é: Você não precisa saber fazer algo, mas você precisa vir!

**28** Foi-nos transmitida uma conversa adicional sobre a questão dos bens. **Então, Pedro começou a dizer-lhe: Eis que nós tudo deixamos e te seguimos.** Com este “eis!” ele está apontando para um milagre. Não estamos somente diante da incapacidade humana da qual o rico justo foi um exemplo no v. 22, mas também do discipulado operado pelo poder de Deus. Deus faz com certeza o que prometeu no v. 27. Ele confere poder para tornar-se filho de Deus (Jo 1.12). Marcos tinha claramente a intenção de acrescentar uma prova à grande palavra do v. 27. É preciso festejar também o que Deus fez.

De acordo com o texto paralelo em Mt 19.27, Pedro acrescentou: “Que será, pois, de nós?” – uma pergunta que os intérpretes gostam de denunciar como ganância mesquinha por recompensa. Karl Barth também a considera uma “queda que dificilmente dá para esconder”. Pedro estaria olhando arrependido para tudo de que abria mão, e não estaria longe do rico que amou seus bens mais que Deus (KD II/2, p 698,700). O Senhor, porém, acolheu a pergunta de Pedro com boa vontade, já que ele mesmo podia falar sem constrangimento da “recompensa do discipulado”, certamente não no sentido dos rabinos, mas também não no sentido condenatório da ética filosófica. Como já foi dito, aqui não segue uma repreensão, mas uma promessa.

**29** **Tornou Jesus: Em verdade vos digo que ninguém há que tenha deixado casa, ou irmãos, ou irmãs, ou mãe, ou pai, ou filhos, ou campos.** Já no v. 21 destacamos o que deve ser levado também

aqui: este “deixar” é sustentado por paz e alegria. É um evento festivo, com o conhecimento do segredo do reinado de Deus segundo Mt 13.44. Não se cogita de ascetismo auto-escolhido e auto-imposto, nem masoquismos ou sadismos adotados a bel-prazer, com o propósito de humilhar e quebrar a pessoa. As renúncias, pelo contrário, são resultado do chamado amoroso de Jesus: **por amor de mim**, e da necessidade prática da missão: **e por amor do evangelho**. Desta forma, o sinal positivo está garantido antes do parênteses. Isto, porém, não exclui sinais negativos dentro do parênteses: cansaço, solidão, dúvidas, seduções, fracassos. É só conscientizar-se sobriamente do despojamento de uma vida sem o aconchego de um lar, casamento e família, sem inserção na vida profissional. Como a pobreza se transforma rapidamente em miséria, também para o ânimo e a personalidade. Na árvore da vida destas pessoas, galhos grossos e serrados se destacam contra o horizonte. Jesus, porém, continua com a insistência de um juramento (cf. 3.28n):

- 30 Que não receba, já no presente, o cêntuplo de casas, irmãos, irmãs, mães, filhos e campos, com perseguições; e, no mundo por vir, a vida eterna.** A esperança de vida no sentido pleno “no mundo por vir”, quando Deus for rei sem oposições, não pode faltar aqui. Porém é evidente que a promessa vale principalmente para a igreja de agora. São-lhe prometidas já para hoje manifestações do reinado de Deus e, em conexão com isto, manifestações de uma nova vida social. Em 3.35 fala-se da família de Deus (cf. At 16.15; Rm 16.13; 2Co 6.10; Fp 2.22),”em 10.42-44 da sociedade fraternal contrastante, sem estruturas de opressão (cf. At 2.45; 4.32,34; 1Co 12.13; Gl 3.28; Cl 3.11). Exemplos desta nova solidariedade, inclusive em questões materiais, temos não só no século I. “Com perseguições” e com muita limitação de espaço, sempre de novo abriu-se para a igreja de Jesus uma plenitude de vida da qual os de fora nem conseguem sonhar, e que as condições da sociedade predominante não conseguem superar em autenticidade, naturalidade e sinceridade. Ela é uma antecipação do mundo novo que Deus quer nos conceder.

Este saboreio antecipado cancela os sacrifícios de quem segue a Jesus? A resposta pode ser dada pela produção “cêntupla” do grão em 4.8,20. Ali não se negam as perdas e decepções. Tantas, talvez muitas, coisas realmente foram perdidas e são do passado. Mesmo assim, os discípulos colocam seus sacrifícios incondicionalmente sobre o altar, pois o altar não é de um deus desconhecido e distante como as estrelas, mas que ama o ser humano. Ele reconhece todas as necessidades (Mt 6.33), ele é a fonte original da paternidade (Ef 3.15).

- 31 Porém, muitos primeiros serão os últimos; e os últimos, primeiros.** Este verso aparece nos sinóticos em contextos variados (em Mt 20.16 e Lc 13.20), recebendo a cada vez uma outra ênfase. Aqui o tom é de consolo. Quando todas as coisas forem subvertidas um dia, os mortos serão ressuscitados, os pobres consolados, os famintos saciados, os tristes alegrados, os pequenos engrandecidos, os doentes curados, os presos libertados, em resumo, os últimos serão os primeiros (cf. 9.35). Naturalmente isto pressupõe o inverso, que os primeiros serão derrubados da sua posição elevada. Aqui, porém, a declaração se concentra na reabilitação dos últimos, totalmente no sentido do v. 30b. Então ninguém mais terá motivos para ter pena de quem agora é desgraçado e prejudicado, e estes já agora não precisam mais ter pena de si mesmos.

## **15. Ensino sobre o sofrimento no caminho para Jerusalém, 10.32-34**

(Mt 20.17-19; Lc 18.31-34)

**Estavam de caminho, subindo para Jerusalém, e Jesus ia adiante dos seus discípulos. Estes se admiravam e o seguiam tomados de apreensões<sup>a</sup>. E Jesus, tornando a levar à parte os doze, passou a revelar-lhes as coisas que lhe deviam sobrevir, dizendo:**

**Eis<sup>b</sup> que subimos para Jerusalém, e o Filho do Homem será entregue aos principais sacerdotes<sup>c</sup> e aos escribas; condená-lo-ão à morte e o entregarão aos gentios<sup>d</sup>; hão de escarnecê-lo, cuspir nele, açoitá-lo e matá-lo; mas, depois de três dias, ressuscitará.**

*Em relação à tradução*

<sup>a</sup> De acordo com os melhores intérpretes, as duas frases desta sentença devem ser aplicadas a dois grupos diferentes (como fazem a **NVI** e a **BLH**): aos doze e aos demais peregrinos que acompanhavam Jesus, a caminho da festa. Estes também são mencionados em 8.34; 10.1,46; 11.9. A eles o “seguir” aplica-se em sentido mais amplo (3.7; 5.24; 10.52; 11.9). No meio deles estavam também as mulheres relacionadas em 15.40s. Os dois grupos são identificados separadamente ainda em 10.46.

<sup>b</sup> Cf 3.34n.

<sup>c</sup> Sobre o plural, cf. 8.31n.

<sup>d</sup> Lit. “povos”, que denota no NT no mais das vezes, e também aqui, não povos inteiros mas indivíduos que não são judeus, de modo que a tradução “gentios” ou “pagãos” é apropriada. Este conceito de valor dos “povos” remonta ao estilo do AT.

### Observações preliminares

1. *Contexto.* O v. 32 começa com “estavam de caminho” e o v. 52 termina com “estrada fora”, mostrando que também este ensino sobre o sofrimento forma um bloco junto com os trechos adjacentes (cf. opr 3 a 8.31-33). Com a expressão “tornando a levar”, no v. 32, Marcos demonstra estar muito bem ciente das duas ocasiões de ensino anteriores (8.31; 9.31). Com a repetição, Jesus e também Marcos queriam dar uma ênfase especial. Por outro lado, há aqui também uma intensificação. Elementos novos são a menção da cidade de Jerusalém, a decisão de matá-lo, a entrega aos romanos, que zombarão dele, cuspirão nele e o açoitarão. Seis verbos descrevem a Paixão aqui.

2. *Profecia da morte.* O terceiro ensino sobre o sofrimento, usando os verbos no futuro, toma a forma de profecia (cf. opr 3 a 8.31-33). A profecia vem de Deus (2Pe 1.21), o que, todavia, não exclui uma perspectiva sóbria do processo histórico. No caso de Jesus também não se trata de “anúncio de tempestades com céu azul”, mas com o céu encoberto de nuvens escuras (contra A. Schweizer, p 400). Já em 2.7 se formou o juízo “blasfêmia”, para a qual a pena era o apedrejamento. A mesma pena valia para a transgressão do sábado (2.23ss; 3.1ss). Jesus arriscou sua vida muitas vezes. Sua relação com os rabinos e o Conselho Superior tornava-se cada vez mais tensa (1.22; 3.6). O judaísmo tinha de eliminá-lo se quisesse continuar como estava. Por esta razão as investigações de um processo por heresia já estavam em andamento há tempo (2.24; 3.2,22; 7.1; 8.11); além disso, o destino de muitos profetas, culminando com o de João Batista, apontava em uma direção bem clara. Vendo que ele se encaminhava diretamente para Jerusalém, os peregrinos todos também entenderam que seu fim violento se aproximava (v. 32). Jesus estava na situação de um homem cujo paletó ficou preso nas engrenagens de uma máquina que agora o puxava inexoravelmente (cf. Blinzler, p 423; Jeremias, ThWNT V, 710s; Theologie, p 269; Stauffer, Gestalt, p 127; Colpe, ThWNT VIII, 446s; Tödt, p 155,178 e outros).

**32 Estavam de caminho, subindo para Jerusalém.** Depois do desvio para a região além do Jordão (10.1), começa agora a última etapa – sem apelação, para a cidade do templo, no alto das montanhas. As menções anteriores do nome da cidade em 3.22; 7.1 não anunciaram nada de bom. Jesus foi para o centro do perigo, ou da sua tarefa divina. Ele subiu como que para o seu altar, para santificar a si mesmo como sacrifício.

**E Jesus ia adiante dos seus discípulos. Estes se admiravam e o seguiam tomados de apreensões.** Que um rabino fosse na frente era óbvio. Tanto mais significativo é a referência ao fato aqui (cf. a direção contrária em 14.28; 16.7). Ela indica que Jesus, exatamente aqui, era totalmente senhor das suas decisões. Ele sabia do sofrimento e o queria. Ele também era senhor *deles*, com o propósito de cuidar deles do modo indizível, como pastor e rei. Seu séquito, porém, hesitou. Foi ficando cada vez mais angustiado (tempo imperfeito!), à beira do desespero (cf. Jo 11.16). Em vez de “admirados” (Schlatter), o uso do mesmo termo em 1.27; 10.24 favorece a tradução “assustados” (BJ). O aspecto de resistência predomina. Horrorizados, eles contemplam sua marcha determinada em direção à escuridão (cf. Jo 11.7s). Um Messias que sucumbe – impensável (Jo 12.33s)! Vendo sua figura que avança, seu coração fica paralisado (mas cf. v. 37). Eles tremem diante de um Deus que age assim a partir do esconderijo. Por isso ele convoca seus discípulos pela segunda vez, para instruí-los. **E Jesus, tornando a levar à parte os doze, passou a revelar-lhes as coisas que lhe deviam sobrevir.** O fato de ele separar novamente os doze deve ter relação com o chamado deles em 3.14. Ele quer que estejam “com ele” especialmente no seu sofrimento, para poder testemunhar dele como abandonado por Deus.

**33 O “eis” incrementa a atenção: subimos para Jerusalém.** Esta vinculação de Jesus com os discípulos é rara. A partir de agora nem ele nem eles poderiam desviar-se da rota. E Deus fará algo que é expresso no *passivum divinum*: **E o Filho do Homem será entregue.** Como em 8.31, Jesus menciona **os principais sacerdotes e os escribas.** Em seguida seis verbos desenrolam o processo. Na frente estão a singular depravação e infidelidade dos judeus: **Condená-lo-ão à morte e o entregarão aos gentios** (cf. At 2.23; 3.13; 7.52; 21.11).

**34 Em consequência disso, o Santo sucumbe (três vezes “ele”) num mar de vergonha, repulsa, dores e escuridão. Hão de escarnecê-lo, cuspir nele, açoitá-lo e matá-lo.** Depois, num misterioso tom seco como em 8.31; 9.31 (cf): **Mas, depois de três dias, ressuscitará.**

A profecia autêntica alimenta-se da profundeza da Escritura, aqui talvez do Sl 94.21: “Condenam o sangue inocente”, ou do Sl 22.6,7: “Opróbrio dos homens e desprezado do povo, todos os que me vêem zombam de mim”, ou de Is 50.6: “Não escondi o rosto aos que me afrontavam e me cuspiam”. Por outro lado, faltam detalhes históricos importantes dos capítulos da Paixão, como p ex o papel de Judas e a cruz.

Jesus não queria ser somente um espantalho de horrores, um pesadelo de heroísmo para seus discípulos transtornados. Por isso ele lançou luz de Deus e da Escritura sobre os eventos, sem, é claro, disfarçar a amargura inexprimível. Em Jerusalém morre-se de verdade, mas isto não faz com que a missão desmorone tragicamente. Ela se adensa na certeza final.

## 16. O pedido dos filhos de Zebedeu, 10.35-40

(Mt 20.20-23; Lc 12.50)

**Então, se aproximaram dele Tiago e João, filhos de Zebedeu, dizendo-lhe: Mestre, queremos que nos concedas o que te vamos pedir.**

<sup>36</sup> **E ele lhes perguntou: Que quereis que vos faça?**

**Responderam-lhe: Permite-nos que, na tua glória, nos assentemos um à tua direita e o outro à tua esquerda.**

**Mas Jesus lhes disse: Não sabeis o que pedis. Podeis vós beber o cálice que eu bebo ou receber o batismo com que eu sou batizado?**

**Disseram-lhe: Podemos. Tornou-lhes Jesus: Bebereis o cálice que eu bebo e recebereis o batismo com que eu sou batizado;**

**quanto, porém, ao assentar-se à minha direita ou à minha esquerda, não me compete concedê-lo; porque é para aqueles a quem está preparado.**

### *Observações preliminares*

1. *Contexto.* Esta “aproximação” dos discípulos no começo não dá a impressão de continuação imediata do v. 34, pois o Senhor acabara de reunir os doze ao seu redor no v. 33. Portanto, Marcos deve ter criado o contexto por motivos de conteúdo. Ele quer destacar que o caminho de Jesus também determina o caminho dos doze e, com isto, da igreja. Por isso, nas três ocasiões em que ocorre ensino sobre o sofrimento, segue ensino dos discípulos, sempre provocado pela falta de entendimento de algum discípulo (8.32; 9.32; cf. opr 3 à divisão principal 8.27-10.52).

2. *Unidade.* Apesar de alguns traços surpreendentes e da discussão correspondente com apartes agitados, é recomendável buscar o sentido positivo e unitário do trecho.

3. *Cálice e batismo como figuras.* Já J. A. Bengel, no século XVIII, relacionou as duas idéias com Ceia e batismo de água. Neste caso, porém, qual o sentido da pergunta de Jesus sobre a capacidade dos discípulos, e a resposta deles: “Podemos”? Está na hora de deixar esta interpretação sacramental de lado. Ela distorce tudo. Estamos diante de um genuíno par de figuras, em que uma parte sublinha o sentido da outra, devendo, portanto, ser entendidas como um paralelo. Se a menção do “batismo” tivesse aqui um sentido adicional, Mateus dificilmente a teria deixado fora. Duplicações como esta são típicas do antigo estilo hebraico. O paralelismo perpassa todo o trecho: são dois que perguntam, dois lugares de honra, duas perguntas e duas respostas em forma de pergunta.

a. O cálice é ligado no AT a remédio, lágrimas, destino, sofrimento, sabedoria, morte, imortalidade, punição ou salvação. A interpretação, porém, não deve ser muito livre. É importante observar que o conceito do cálice como martírio só aparece em escritos cristãos antigos (Goppelt, ThWNT VI, 153). Outra razão de ele não encaixar aqui é que a morte no martírio é apresentada como dignificação altamente estimada, como ponto culminante da comunhão com Deus (p ex Policarpo, 14.2). Jesus, porém, morreu com o grito do abandono nos lábios. Além disso, nestes versículos a idéia de julgamento paira sobre tudo.

b. O mesmo sentido tem a figura do batismo. Jesus é tanto preenchido pelo julgamento de Deus (beber) como imerso nele (ser batizado). “Ser batizado” podia ter o sentido de aflição extraordinária na Antigüidade (Delling, Baptisma, p 242s). Há poucos exemplos literais disto no AT, mas há paralelos marcantes quanto ao conteúdo. Em 2Sm 22.5, p ex, lemos de “ondas de morte” e “torrentes de impiedade” que caem sobre quem pertence a Deus (cf. Sl 18.5; 32.1-6; 69.2s; 124.4s; Is 43.2). O Sl 42.8 destaca três vezes que as ondas que passam sobre o justo vêm do Senhor. A desgraça, portanto, e não tanto a morte física, é a idéia aqui.

**35 Então, se aproximaram dele Tiago e João, filhos de Zebedeu, dizendo-lhe: Mestre, queremos que nos concedas o que te vamos pedir.** Este pedido nos causa uma má impressão. Ele nos lembra de modo constrangedor de 6.22, em que uma dançarina pediu “o que queria”, mas especialmente o v.



43 a seguir: “Quem quiser tornar-se grande entre vós...” O próprio Jesus orou: “Não seja o que eu quero, e sim o que tu queres” (14.36), e o leproso: “Se [tu] quiseres, podes purificar-me” (1.40), e o cego de Jericó foi perguntado: “Que queres que eu te faça?” (10.51). Em todo caso, Jesus retoma este “pedido” questionável dos discípulos em sua resposta em forma de pergunta. Por outro lado, eles não parecem estar totalmente sem constrangimento. Senão, por que o desvio! Eles querem que, antes que formulem sua idéia, ele já concorde em não se opor. Desta maneira eles tentam pegá-lo, pois não têm certeza de ser atendidos.

- 36 As respostas de Jesus em forma de pergunta têm o propósito de mostrar que na pergunta em si algo não está em ordem (cf. 9.33). **Que quereis que vos faça?** Ele precisa recusar-se a assinar uma folha em branco.
- 37 **Responderam-lhe: Permite-nos que, na tua glória, nos assentemos um à tua direita e o outro à tua esquerda.** A solicitação comprova que os discípulos não estavam o tempo todo com medo enquanto subiam para a cidade, como no v. 32. Via-se também a manifestação de coragem diante da morte e a expectativa entusiasta da “glória” que viria logo (cf. Lc 19.11 e a entrada em Jerusalém). É claro que Jesus não podia aceitar este sentimento de exaltação melhor do que o medo de antes. Sua solidão no meio deles tornava-se cada vez maior.

As duas outras passagens que mencionam a “glória”, em 8.38; 13.26, mostram que o termo faz parte da expectativa da vinda do Filho do Homem. Do Filho do Homem tratam todos os trechos de ensino sobre o sofrimento (8.31; 9.31; 12.31; 10.33). De acordo com Dn 7.14, porém, o Filho do Homem haveria de ser manifestado sem luta, para receber de Deus “domínio, e glória, e o reino” sobre todos os reinos da terra. Dentro deste cenário moviam-se os pensamentos dos discípulos. Não devemos pensar que eles tinham expectativas bitoladas, nacionalistas e zelotes. Eles conheciam o seu Senhor o suficiente para saber que ele nada tinha a ver com espadas desembainhadas e campos de batalha sangrentos. Por isso eles dificilmente aspiravam por posições de ministro aqui, mas por lugares auxiliares no tribunal do juízo final (cf. Mt 19.28; 25.31). O segundo mais importante ficaria à direita e o terceiro à esquerda dele (Bill. I, 835; cf. 2Rs 2.19; 22.19; 2Sm 16.6). Os dois queriam garantir para si, no contexto da promessa geral de Mt 19.28; Lc 22.29s, a preferência em relação aos outros discípulos (opr 2 a 9.33-37). Estes entenderam exatamente isto.

- 38 Para a seqüência, os paralelos nos textos judaicos e cristãos são dignos de nota, pois eles esperavam que estes lugares estivessem reservados para mártires (p ex Apocalipse de Elias 3.49s; cf. Berger, Auferstehung, p 123). Os filhos de Zebedeu parecem fazer parte desta tradição heróica. Com destemor eles querem morrer por Jesus, para depois partilhar a sua glória. Uma segunda pergunta de Jesus, porém, adia a resposta até o v. 40. **Mas Jesus lhes disse: Não sabeis o que pedis.** Ele ainda não podia responder-lhes porque eles ainda não tinham uma idéia clara da glória dele e do papel deles. Uma pergunta em que se destaca duas vezes um “eu” muito enfático (“eu, eu mesmo”) deve arrancá-los da sua ilusão. **Podeis vós beber o cálice que eu bebo ou receber o batismo com que eu sou batizado?**

Jesus vê um cálice tremendo vindo em sua direção, que requer uma capacidade especial para ser tragado e que Jesus “tem de beber” com temor e tremor, pela vontade de Deus. Ele não tem este desejo, mas o beberá, porque Deus é quem o estende (14.36).

A referência ao “cálice de Iavé” tem uma base ampla no AT (segundo Goppelt, ThWNT VI, 149, talvez catorze passagens). Todas elas vão além do caráter de mero sofrimento. Este cálice – imposto como um cálice de veneno ao condenado (Jr 25.28; 49.12) – contém julgamento. De que forma ele se materializa não está em primeiro plano. Fundamentalmente trata-se de ser entregue à desgraça, de ser separado de Iavé. Isto também explica o pavor de Jesus. O medo é maior do que aquele que naturalmente se tem de morte e dor. É o desespero daquele que vive de Deus e se afunda na escuridão. É o horror daquele que recebeu de Deus o testemunho de ser amado (1.11; 9.7) e que agora recebe de Deus o cálice do julgamento.

A referência ao “batismo” também não é simplesmente um anúncio eufemístico da morte, mas aponta para o mesmo âmago da Paixão que o último ensino sobre o sofrimento tinha destacado. De acordo com Mt 3.11, aquele que haveria de vir batizaria todos os pecadores com fogo, que é o julgamento de Deus. E agora esta troca incrível de lugar. Ele mesmo é atingido no lugar deles (cf. 1.11; “batismo” em geral opr 3b). É este caminho para dentro de trevas jamais vistas que Jesus apresenta aos que lhe perguntam. Ele não o faz para dar adeus à sua glória, mas para mostrar em que

ela se baseia. Não se trata da glória em que eles estavam pensando. Por isso ele não pode ser cúmplice deles. Eles podem partilhar seu sofrimento de condenação?

- 39 Podemos!** é a resposta – de uma ingenuidade gritante. Pedro diz algo semelhante mais tarde: Senhor, por que não? “Por ti darei a própria vida” (Jo 13.37; cf. 11.16; Mc 14.29,31). Lá Jesus respondeu: “Darás a vida por mim?” Vozes como esta também estão misturadas aqui, sem que fossem pronunciadas. De forma alguma Jesus leva a resposta dos discípulos a sério. Eles não o compreenderam, pois não prestaram atenção no alarmante “eu, eu mesmo” no v. 38 e insistem em sua disposição heróica e alegre para o martírio, que os fazia olhar de cima para baixo para os outros discípulos.

Ao mesmo tempo Jesus revela aqui sua mansidão e fidelidade. Apesar de tudo ele lhes garantiu um futuro, *depois* do seu sofrimento de condenação e o esfacelamento deles. Devemos prestar atenção nas diferenças de tempo: **Tornou-lhes Jesus: Bebereis o cálice que eu bebo** (agora, abandonado por vocês!) **e recebereis o batismo com que eu sou batizado** (agora!). A palavra não deve ser entendida como o martírio dos dois. Tão pouco como Pedro em 8.29,33 eles nos interessam como indivíduos, antes são eles representantes dos doze e do novo povo de Deus em geral, tanto na falta de entendimento como na correção. A todos os seus discípulos, portanto, Jesus promete uma igualdade com ele, mesmo que não formal, pelo menos essencial. Seu ato de beber e de ser batizado adquire validade abrangente, que marca toda a existência deles. Ele toma o julgamento sobre si, para que também eles, sustentados por ele, possam tomar sobre si o mesmo julgamento. Como cumprimento de 3.14, eles estarão “com ele” no sentido mais profundo, participando dos seus sofrimentos e do seu poder – a despeito do destino exterior de cada um. Haverá quem o siga no sentido de 8.34-38.

- 40** Só então Jesus se refere ao pedido do v. 37. **Quanto, porém, ao assentar-se à minha direita ou à minha esquerda, não me compete concedê-lo; porque é para aqueles a quem está preparado.** Posições privilegiadas no círculo dos discípulos há e sempre haverá, mas elas escapam às aspirações humanas. O próprio Deus reservou a si a decisão sobre isto. Jesus nem pensa em intrometer-se na soberania graciosa de Deus. O Filho veio para santificar o nome do Pai. Esta é a sua causa, e ele se atém à sua causa. – Muito parecido com At 1.6-8, a pergunta por glória é colocada em segundo plano, atrás de um discipulado com poder.

## **17. Ensino dos discípulos sobre governar e servir, 10.41-45**

(Mt 20.24-28; cf. Lc 22.24-27)

**Ouvindo isto, indignaram-se os dez contra Tiago e João.**

**Mas Jesus, chamando-os para junto de si, disse-lhes: Sabeis que os que são considerados<sup>a</sup> governadores dos povos têm-nos sob seu domínio, e sobre eles os seus maiores exercem autoridade<sup>b</sup>.**

**Mas entre vós não é assim; pelo contrário, quem quiser tornar-se grande entre vós, será esse o que vos sirva;**

**e quem quiser ser o primeiro entre vós será servo de todos.**

**Pois o próprio Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos.**

*Em relação à tradução*

<sup>a</sup> O termo grego *dokein*, “parecer”, tem um sentido duplo, tornando possíveis duas interpretações. Por um lado os governadores são reconhecidos como governantes no sentido de que o são mesmo, merecendo o devido respeito. Eles confirmam as expectativas que se tem em termos gerais em relação a quem é governo, e são aceitos nesta qualidade. Os importantes são assim! Todavia, isto é dito aqui claramente de um ponto de vista de fora desta sociedade em que isto vale. Como mostra a continuação no v. 43, Jesus se distancia totalmente destas estruturas de domínio comuns e geralmente aceitas, a partir da sua visão de uma convivência totalmente diferente. Disto resulta um tom irônico, que Gnllka deixa emergir em sua tradução: “que parecem dominar os povos” (BLH: “os que se dizem governadores”). Todos os consideram “senhores”, inclusive eles mesmos, sem terem a mínima noção de domínio de verdade.

<sup>b</sup> *katakryrieuein* e *kataxousiazerein* vêm das formas simples *kyrieuein*, ser senhor e dominador, e *exousiazerein*, ter autoridade oficial. Nos dois verbos, porém, é acrescentada a preposição *kata*, contra, para baixo (em sentido hostil e violento), o que certamente não é desprovido de sentido aqui, no quadro do

paralelismo. A declaração sobre o exercício do poder contém um prenúncio negativo. Ele é usado em benefício próprio e abusado às custas dos que são dominados. A autoridade se torna autoritária, o poder descamba para a violência, a posição dá ensejo para a usurpação. O primeiro verbo encontra-se ainda em [At 19.16](#); [1Pe 5.3](#), enquanto o segundo não aparece mais no [NT](#) e também quase nunca na literatura geral. A BJ faz uma boa correlação entre os dois, traduzindo por “dominam e tiranizam”.

### *Observações preliminares*

1. *Contexto.* O v. 41 vincula o trecho diretamente com o pedido dos filhos de Zebedeu. O assunto continua sendo a ambição dos primeiros lugares (“querer”, depois dos v. 35s, aparece agora nos v. 43s). Por outro lado, não se cogita mais das circunstâncias da “glória”, mas a atenção foi trazida totalmente de volta para a condição da igreja. Novamente o caminho de sofrimento de Jesus é a medida de todas as coisas (cf. v. 45 com v. 38).

2. *Autenticidade do v. 45.* A certeza de que aqui quem fala é Jesus é sustentada por várias constatações:

a. A terminologia aponta para a formação desta declaração na Palestina de fala aramaica. A forma da frase como era usada pelos primeiros cristãos de fala grega está em [1Tm 2.6](#): *antilytron* em vez de *lytron*, *hyper* em vez de *peri* e “por todos” em vez de “por muitos”.

b. A declaração poderia ter surgido entre os primeiros cristãos da Palestina? Alguns aspectos do conteúdo falam contra isso. A cristandade em seu começo não incluiu o título de Filho do Homem em suas confissões de fé, porém falava de “Cristo por nós”. Ela também nunca usou “servir” com o sentido de dar a vida. Esta palavra de salvação, portanto, por causa do seu estilo e conteúdo, não é típica para a igreja posterior à Páscoa.

c. A afirmação está imersa profundamente nos pensamentos do livro da Consolação de Isaías: de pessoas como resgate fala [Is 43.3s](#), de uma conversão de ser servido para servir [Is 43.22-25](#), da expiação “por muitos” [Is 53.10-12](#). De acordo com tudo o que os evangelhos deixam transparecer, Jesus vivia em uma relação especial com esta parte do [AT](#) (cf. [p ex 1.2s](#)).

d. Esta declaração tem seu último paralelo em [14.24](#): “Derramado por muitos”. É nestes termos, portanto, que Jesus falava da sua missão em momentos de definição. Aqui ele coroa com ela o seu ensino sobre o sofrimento, fazendo convergir para o seu sentido mais profundo tudo o que foi dito até então.

- 41 **Ouvindo isto os dez.** É só neste lugar que Marcos separa os doze em dois e dez, indicando a divisão que o pedido dos filhos de Zebedeu causara. **Indignaram-se contra Tiago e João.** A exigência destes no v. 37 faz despertar também neles a ambição pelos primeiros lugares (veja a resposta de Jesus e 9.34). Deste modo os dois, retrospectivamente, mostram que são representantes dos doze.
- 42 **Mas Jesus, chamando-os para junto de si.** Esta expressão por si só já anuncia a importância fundamental do que segue (cf. 7.14). Diferente de 9.36, desta vez Jesus trabalha com um exemplo negativo. **Disse-lhes: Sabeis que os que são considerados governadores dos povos têm-nos sob seu domínio, e sobre eles os seus maiores exercem autoridade.** Os discípulos sabem o que no fundo todo mundo sabe. Os detentores de poder sabem, os dependentes sabem, e cada lado sabe que o outro sabe. Todos já tiveram suas ilusões quanto a isto desvanecidas. Em todos os lugares as pessoas já se conformaram de que o mundo é assim, era assim, ficará assim e parece não funcionar de outro jeito. A primeira preocupação dos que governam não é o bem do povo, mas continuar no poder – o que, aliás, gostam de colocar como condição para o bem-estar do seu povo. “Os que exercem autoridade são chamados benfeitores” (ou “se chamam de benfeitores”; [Lc 22.25](#)) Esta descrição é dura demais? É claro que há e já houve detentores de poder conscienciosos. Jesus não igualou todas as pessoas, mas falava de bons e maus, justos e injustos. Ele também não alimentava preconceitos baratos contra “aqueles lá em cima”. Aqui, porém, ele não está avaliando indivíduos, mas estruturas de domínio com sua tendência aos efeitos colaterais semelhantes em todas, como culto à personalidade, burocracia, etc. O mundo não pode mudar-se como mundo.
- 43 A isto aquele cujo reino não é deste mundo ([Jo 18.36](#)) contrapõe de forma singela e monumental: **Mas entre vós não é assim.**
- Trata-se da simples constatação de um fato, ou antes do estabelecimento de uma norma? Ou de ambos? Voltaremos a esta pergunta na palavra de conclusão, no v. 45. Em todo caso, Jesus diz três vezes “entre vós” (v. 43s). Ele os declara sociedade de contraste em seu contexto.
- “Entre vós” quer dizer: **Quem quiser tornar-se grande entre vós, será esse o que vos sirva.** Mais uma vez Jesus concorda com o anseio por grandeza (cf. [opr 2 a 9.33-37](#)), e ele mesmo chega a oferecer grandeza. Mas este “ele mesmo” é imprescindível. Sem ele, usadas de forma neutra em qualquer sociedade, as frases seguintes produzem absurdos, promovendo um bando de lacaios. Estas

palavras, porém, são dirigidas a um grupo de pessoas que está experimentando o senhorio de Jesus. Neste senhorio Deus se torna Senhor e, em nome de Deus, os necessitados são ajudados, sob renúncia ao desejo de impor-se. Este Senhor é alguém que se ajoelha diante do seu pessoal e lava os pés deles, com a toalha em volta da cintura (Jo 13), que anda para cá e para lá entre eles como um garçom (Lc 22.27). Ser grande sob este serviço de Jesus deve produzir necessariamente uma grandeza de outro tipo. Do estar-com-ele brota um ser-como-ele e, por isso mesmo, uma grandeza de feitio especial. Estar junto com Jesus, oculto na vontade de Deus e a serviço dos irmãos, é a maneira mais elevada de ser humano e senhor. “Se alguém me servir, o Pai o honrará” (Jo 12.26).

**44** Uma afirmação paralela aprofunda a declaração. **E quem quiser ser o primeiro entre vós será servo de todos.** A tradução correta é “escravo”, um termo mais forte e inconfundível do que “servo” como no v. 43. Além disso, a ênfase pode ser intencional: “escravo *de todos*”, não só “vos sirva” como no versículo anterior. Neste caso, temos aqui a abertura para o amor a todas as pessoas. O amor não pode limitar-se às próprias fileiras. O amor só pelo companheiro de fé seria questionável e, geralmente, logo apresenta sinais de deterioração.

**45** **Pois o próprio Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos.** A princípio sentimos estranheza e escuridão, em contraste com as frases claras antecedentes: o misterioso “Filho do Homem”, o “servir” profundo, que excede em muito o serviço à mesa mencionado pouco antes, depois o “resgate” sem mencionar alguém que receba o pagamento, e os “muitos”, quando se acabou de falar de “todos”. Gnika está muito certo ao escrever (p 104): “A frase não pode ser compreendida sem o pano de fundo de Is 53.10-12”. Poderíamos acrescentar: Is 53 também não pode ser compreendido. Is 52.15 o anuncia como “aquilo que não foi anunciado” e “aquilo que não foi ouvido”. Então, porém, este capítulo estranho e perdido do AT recebeu seu par, na vida, no sofrimento e na ressurreição de Jesus. Ficou evidente que o que há de específico no envio de Jesus é exatamente o que há de específico em Is 53, isto é, a substituição universal para a salvação do mundo. Desta forma, a Palavra escrita e a que se tornou carne se atraíram, se explicaram mutuamente e se tornaram compreensíveis. Jesus estava oculto no quarto cântico do Servo, e isto se torna manifesto em Jesus.

Primeiro, porém, Jesus começa fora de Is 53: **O Filho do Homem veio.** Este título tem seus antecedentes inesquecíveis em Dn 7.13,14 (cf. opr 4 a 8.31-33): “E eis que vinha com as nuvens do céu um como o Filho do Homem, [...] e o fizeram chegar até ele (Deus). Foi-lhe dado domínio, e glória, e o reino, para que os povos, nações e homens de todas as línguas o servissem(!). “Foi esta visão profética, “eis que vinha”, que se cumpriu. O cumprimento, porém, ao mesmo tempo inverteu surpreendentemente os papéis descritos pela profecia. O Filho do Homem veio, **não para ser servido, mas para servir.** Este Filho do Homem, que era realmente “grande” (v. 42,43) e “primeiro” (v. 44), não sucumbe à lei comum do egoísmo, como os grandes deste mundo. Ele não está pensando no couro das suas ovelhas, mas na vida delas, à custa da vida dele. Assim Dn 7.13s é aprofundado por Is 53. A Escritura explica a Escritura de modo criativo.

Com isto chegamos ao fim e alvo do versículo, que transpira Is 53. “Vindo para servir” desemboca claramente em **dar a sua vida** (cf. Is 53.10,12). Por “servir” entende-se aqui menos a atuação terrena de Jesus e mais a entrega da sua vida, e esta como o verdadeiro sentido da sua vida. A morte não era o limite do serviço e da existência para Jesus, mas plenitude e ponto culminante. A morte na cruz tornou perfeita a sua vinda, a transformação em cordeiro a sua encarnação. Este é o entrelaçamento inexplicável de Dn 7 e Is 53. Não é possível dizer algo mais profundo sobre a sua missão.

Sua vida é dada **em resgate.** Is 53.10 usa a expressão semelhante “oferta pelo pecado”, e Is 43.3s em “resgate”, como aqui. Na Antigüidade a liberdade de prisioneiros de guerra, escravos ou endividados podia ser comprada. O conhecimento geral desta instituição tornava o termo apropriado como figura de libertação na proclamação da salvação. No livro da Consolação de Isaías trata-se em primeiro plano de libertação e partida do cativeiro babilônico, no âmago, porém – e isto Is 53 expressa sem reservas – do êxodo do imenso endividamento para com Deus. É exatamente para isto que o Deus que ama apaixonadamente interfere, “entregando” substitutivamente seu Servo à vergonha e à condenação (cf. 1.14). Esta “entrega” era o “núcleo estável” de todos os ensinamentos sobre o sofrimento.

O judaísmo, contudo, baseando-se no Sl 49.8s, ensinava que não havia resgate para os pagãos (Bill. III, 644). Esta limitação é rompida por Is 53, com sua ênfase nos “muitos” (52.14,15; 53.11,12

= cinco vezes). Com sua frase final, este capítulo resume seu conteúdo e sentido no milagre: “Levou sobre si o pecado de muitos”. Esta expressão é retomada por Jesus: resgate **por muitos** (cf. 14.23). Jeremias, ThWNT VI, 537ss, apresentou a possibilidade de que estes “muitos” devam ser entendidos como a forma semita para “todos”, e os primeiros cristãos foram unânimes nisto; Jo 11.52; 3.16; Rm 5.18; 8.3; 2Co 5.14s; Hb 2.9; 1Jo 2.2. Com “resgate por muitos”, portanto, surge uma mensagem de libertação para a grande, incontável multidão, para o público em geral e, com isto, uma comunidade formada a partir dos povos subjugados, que Jesus tinha apresentado no v. 42. Ali ele os mencionou, não para distanciar-se deles, antes para retornar para todos com a palavra de salvação (cf. 12.17).

O fim do versículo tem jeito de Páscoa. Isto fica evidente quando reconhecemos a referência ao fim de Is 53: Ele “verá a sua posteridade e prolongará os seus dias; e a vontade do Senhor prosperará nas suas mãos. Ele verá o fruto do penoso trabalho de sua alma e ficará satisfeito; [...] com o seu conhecimento, justificará a muitos. [...] Por isso, eu lhe darei muitos como a sua parte, e com os poderosos repartirá ele o despojo...” (v. 10-12).

Em retrospectiva, ainda nos interessa o vínculo do versículo com o que antecede: **Pois...** É evidente que a idéia é que um modelo atue sobre a consciência e a vontade dos discípulos. Um mandamento é promulgado. Mas seria cruel constatar com o v. 42 as estruturas injustas inescapáveis neste mundo, para depois exigir dos discípulos que eles sejam totalmente diferentes em meio a elas. Mais ou menos assim: “Sejam bons em ambiente mau! Neste “pois” há ao mesmo tempo uma fundamentação. A morte servil de Jesus criou uma nova base para ser diferente. Submetidas a ele, nossas sinistras ambições por domínio tornam-se absurdas e o amor fraternal passa para o primeiro plano. Deste modo, o mandamento está lado a lado com uma oferta a nós. Esta é uma advertência dos primeiros cristãos: Jamais mostrar Jesus como exemplo sem mostrá-lo também como substituto e salvador (p ex 1Pe 2.21-24; Fp 2.5-11; 1Jo 3.16).

## **18. A fé do cego Bartimeu, 10.46-52**

(Mt 20.29-34; Lc 18.35-43; cf. Mt 9.27-31)

<sup>46</sup> **E foram para Jericó. Quando ele saía de Jericó, juntamente com os discípulos e numerosa multidão, Bartimeu<sup>a</sup>, cego mendigo, filho de Timeu, estava assentado à beira do caminho e, ouvindo que era Jesus, o Nazareno<sup>b</sup>, pôs-se a clamar: Jesus, Filho de Davi, tem compaixão de mim!**

**E muitos o repreendiam, para que se calasse; mas ele cada vez gritava mais: Filho de Davi, tem misericórdia de mim!**

**Parou Jesus e disse: Chamai-o. Chamaram, então, o cego, dizendo-lhe: Tem bom ânimo; levanta-te, ele te chama.**

<sup>50</sup> **Lançando de si a capa<sup>c</sup>, levantou-se de um salto e foi ter com Jesus.**

<sup>51</sup> **Perguntou-lhe Jesus: Que queres que eu te faça? Respondeu o cego: Mestre<sup>d</sup>, que eu torne a ver<sup>e</sup>.**

**Então, Jesus lhe disse: Vai<sup>f</sup>, a tua fé te salvou. E imediatamente tornou a ver e seguia a Jesus estrada fora.**

### *Em relação à tradução*

<sup>a</sup> No grego, o nome vem depois do nome do pai, o que é incomum (cf. 3.17). Isto se explica pelo fato de que “filho de Timeu” nada mais é que a tradução de “Bartimeu”. Deste cego, portanto, conhecia-se somente o nome do pai, que foi explicado para os desinformados. É provável que isto já tenha sido feito antes de Marcos, pois ele geralmente coloca “que quer dizer” antes de uma tradução (3.17; 7.11,34; 12.42; 15.16,42).

<sup>b</sup> Para diferenciá-lo de muitos outros que naquele tempo se chamavam Jesus, acrescentava-se ao nome o lugar de origem (Schaefer, ThWNT IV, 879ss; em Marcos ainda em 1.24; 14.67; 16.6).

<sup>c</sup> A capa ou túnica (*himation* no singular, ainda em 2.21; 5.27; 6.56; 13.16; também 11.7,8) não era uma peça para vestir, mas para colocar por cima da roupa. Consistia simplesmente de um pano mais ou menos quadrado, que era usado como cobertura para dormir, cavalgar ou viajar. O mendigo estava sentado sobre ela, com uma parte aberta à sua frente para recolher as esmolas e a outra extremidade cobrindo os seus ombros.

<sup>d</sup> “Rabôni”, forma secundária mais enfática de rabi, com um tom e sentido de mais respeito, que Lc 18.41 traduz por “(meu) Senhor”. O termo só aparece ainda em Jo 20.16, onde é traduzido por “Mestre”, como Marcos costuma fazer (cf. 4.38n).



<sup>e</sup> *anablepein* precisa com frequência ser traduzido como “levantar os olhos” (p ex Lc 19.5; Mc 6.41). Aqui, porém, isto não faria sentido. O cego recupera a visão, o que dá a entender que ele não era cego de nascença.

<sup>f</sup> *hypagein* não precisa significar “vá embora”, de modo que o ex-cego teria seguido Jesus contra a vontade deste. O imperativo também podia ter o sentido popular de “avante”. Em Marcos ele indica que um pedido foi atendido (7.29) e de um modo geral cria expectativa pelo que segue (1.44; 6.38; 10.21; 16.7; Delling, ThWNT VIII, 507s).

### *Observações preliminares*

1. Contexto. Será que é justificado o título que omite a cura do cego em favor da sua fé? De fato, o relato nos surpreende com a parcimônia com que menciona detalhes comuns em uma cura (idade do doente, duração e gravidade do seu mal, processo de cura, admiração dos espectadores). Dos sete versículos, seis são precedentes à cura, chamando a atenção passo por passo para a atitude de fé do cego. Depois de três palavras sobre o sucesso da cura, a atenção é voltada logo de novo para o fato de ele seguir a Cristo. Com isto o trecho se encaixa muito bem no tema do discipulado da divisão principal 8.27-10.52. Ao mesmo tempo ele serve de fecho marcante. Enquanto Jesus, em seu caminho para a cruz, sofria constantemente a incompreensão dos seus discípulos (medo, ambição, mal-entendidos), ele aqui recebe um sinal positivo. A fé de Bartimeu funciona como uma promessa. Jesus não morrerá em vão. Ele terá uma comunidade, mas ela será composta dos insignificantes, dos esquecidos e desprezados. Os cegos vêem mais que os que têm olhos. Por fim, a história também tem “caráter de prelúdio” (Kuby). No chamado pelo filho de Davi nos v. 47s todos lembramos de 11.9s. A capa do v. 50 prenuncia as muitas capas colocadas à disposição de Jesus em 11.8.

2. Fontes. Uma comparação atenta com a cura do cego em 8.22-26 desvenda um estilo de narrativa bem diferente em nosso trecho. Lá Jesus sempre é só “ele”, aqui ele é seis vezes “Jesus”. De qualquer forma, a menção de nomes destaca este trecho: Jesus, Jericó, Nazareno, filho de Davi, Timeu, Bartimeu; cf. Rabôni. O trecho deve ser entendido, preservado e interpretado como um todo.

**46** Para todos os grupos de peregrinos que se dirigiam do norte para a festa em Jerusalém, Jericó era um importante ponto de passagem. **E foram para Jericó.** A cidade, além de ser um posto de fronteira e alfândega (Lc 19.2), também era a última oportunidade de abastecimento de provisões e local de reunião, em que grupos pequenos se organizavam para a viagem em conjunto. Desta forma protegidos contra os salteadores de estrada (Lc 10.30), os peregrinos partiam deste último oásis no vale do Jordão para o último trecho de uns 25 km, uma subida íngreme de perto de 1.000 m, através do deserto acidentado da Judéia até a cidade do templo. **Quando ele saía de Jericó, juntamente com os discípulos e numerosa multidão.** Pesch II, p 170,323 sugere que a menção específica de chegada e partida pode indicar um dia completo de descanso. Os peregrinos tinham de guardar o sábado.

**Bartimeu, cego mendigo, filho de Timeu, estava assentado à beira do caminho.** Os judeus religiosos tinham a obrigação de dar esmolas, especialmente na festa da Páscoa (14.5,7). Os mendigos podiam contar com isso. Desta maneira a festa se tornava um ponto alto também para eles que, como deficientes, não podiam entrar no santuário. Eles se posicionavam na saída da cidade, onde a caravana partia com disposição religiosa para a última etapa. Sobre a cegueira, cf. opr 3 a 8.22-26.

**47 E, ouvindo que era Jesus, o Nazareno.** Nesta encruzilhada de estradas Jesus era assunto de conversa há muito tempo. Sua descendência de Davi, suas intervenções desafiadoras em palavra e ação e sua caminhada em direção a Jerusalém estavam na boca do povo. Os cegos captam mais do mundo à sua volta do que este imagina. O ouvir leva ao crer neste homem (cf. 5.27; 7.25; Rm 10.17s). **Pôs-se a clamar: Jesus, Filho de Davi, tem compaixão de mim!** “Filho de Davi” é repetido no v. 48 sem o acréscimo do nome de Jesus. Nisto está a ênfase. A expectativa judaica de que o Messias poderia traçar sua ascendência até Davi remonta a 2Sm 7.12-16. Todo judeu, desde sua infância, clamava por misericórdia três vezes ao dia e pelo restabelecimento do “reinado da casa de Davi” (14ª declaração de louvor da oração de dezoito petições). Mais tarde foi acrescentado: “Deixa brotar logo o renovo de Davi e aumenta seu chifre com tua ajuda” (van der Woude, ThWNT IX, 512s). Se levamos em conta ainda a interpretação judaica do Sl 146.8: “Quando ele vier curar o mundo, começará com os cegos” (Schrage, ThWNT VIII, 284), estão dadas todas as condições para a atitude deste cego como de um judeu com orientação messiânica no seu tempo. De modo que ele se lança sobre a sua fé, ou a fé cai em seu coração, e ele grita com todas as forças o antigo kyrie eleison da Bíblia (p ex Sl 123.3; em Marcos ainda 5.19).

- 48 E muitos o repreendiam, para que se calasse.** De acordo com o v. 49, eles estavam a serviço de Jesus, portanto devem ter sido discípulos. Será que eles se incomodaram com o volume dos seus gritos, ou acharam que a confissão aberta do Messias era perigosa (v. 52), ou estão pensando em ordens anteriores de guardar silêncio (8.30)? O cego pouco se importou com os motivos deles. **Ele cada vez gritava mais: Filho de Davi, tem misericórdia de mim!**
- 49** O v. 49 é exclusivo de Marcos, marcado pelo uso triplice da palavra “chamar”: **Parou Jesus e disse: Chamai-o.** Totalmente contrário à sua maneira de agir em 8.23-25 e parecido com 3.3, ele quer que todos testemunhem a cura, que equívale ao sinal do Messias. Novamente ele requisita para isto os seus discípulos, apesar da falta de entendimento que tinham acabado de apresentar, da mesma forma como por ocasião das multiplicações dos pães (6.35-41; 8.4s) ou da bênção das crianças (10.13s). O fracasso deles jamais anula a sua escolha. **Chamaram, então, o cego, dizendo-lhe: Tem bom ânimo; levanta-te, ele te chama.**
- 50 Lançando de si a capa, levantou-se de um salto e foi ter com Jesus.** Sem ajuntar e guardar as esmolas que já recebera, ele corre imediatamente na direção da voz que chama e se aproxima com as mãos estendidas de Jesus – totalmente confiança e esperança.
- 51 Perguntou-lhe Jesus: Que queres que eu te faça?** Lit. “respondeu”, mas sem o sentido costumeiro (cf. 11.22n), somente dando a entender que Jesus tomou a palavra com determinação. Ele perguntou como um rei na audiência. O cego se agarra pela fé à oportunidade que lhe foi concedida. Com isto ele se torna o oposto exato de Tiago e João no v. 37. Eles também “querem” algo, mas a impressão que ficou foi de constrangimento. Eles queriam enquadrar Jesus no caminho deles; Bartimeu deixou-se enquadrar por Jesus, como mostrará o v. 52. **Respondeu o cego: Mestre, que eu torne a ver.**
- 52 Então, Jesus lhe disse: Vai, a tua fé te salvou.** Em retrospectiva a conduta do cego recebeu o nome de “fé”. Como sempre, é fé em Deus na presença de Jesus (cf. 1.15; 2.5; 5.34,36; 9.24; 10.27). Ela vem de ouvir (v. 47), não retrocede diante de obstáculos (v. 48), segue o chamado deixando tudo para trás (v. 50) e se agarra ao poder de Deus (v. 51).
- E imediatamente tornou a ver e seguiu a Jesus estrada fora.** “Seguir a Jesus” foi um conceito central na divisão principal que se encerra aqui (8.34; 9.38; 10.21,28,32), sempre em seu sentido pleno, nunca como um simples movimento de correr atrás. O imperfeito descreve seu impulso e sua perseverança “estrada fora”, isto é, pelo caminho até a cruz em Jerusalém (cf. opr 2 à divisão principal a partir de 8.27). Jesus acolhe Bartimeu em seu séquito, o que ele nunca fazia com quem tinha sido curado (no máximo em Lc 8.2). Com isto ele aceita a confissão messiânica deste homem e se aproxima como rei, pronto para ser coroado em Jerusalém.

## VIII. A ATIVIDADE MESSIÂNICA NO SANTUÁRIO 11.1–12.44

### *Observações preliminares*

1. *Jerusalém como local do templo.* Marcos costuma usar para Jerusalém a forma grega posterior *hierosolyma*. A primeira metade da palavra recordava quem falasse grego de *hieron*, o “santuário”. Em Marcos esta é a maneira de referir-se ao templo (com todo seu conjunto de prédios). Portanto, o nome da cidade já contém uma indicação de qual seja o seu coração e, assim, do objetivo de Jesus em seu “caminho para Jerusalém” (10.32s). Segundo 11.11, a chamada entrada em Jerusalém foi uma entrada determinada no santuário. O termo aparece aqui pela primeira vez, e é usado mais cinco vezes nesta divisão principal (11.5,16,27; 12.35). Todas as dez perícopes transcorrem no santuário. Olhando para trás, Jesus diz em 14.49: “Todos os dias eu estava convosco no templo”. Todos os demais detalhes da cidade permanecem em segundo plano, mas o templo é o tema central, também no grande discurso do cap. 13 (v. 1,3), no aprisionamento (14.49), no interrogatório (14.58), na cruz (15.29) e novamente logo depois da morte (15.38). (Nas três últimas referências a palavra é *naos*, o prédio do templo.) Neste contexto também se insere a preeminência dos principais sacerdotes de Jerusalém, que são os donos do templo, entre os adversários de Jesus. Até aqui este destaque tinha sido dos professores da lei. Tão logo Jerusalém se torna a meta, Jesus, o verdadeiro sumo sacerdote, faz menção também deles (8.31; 10.33) e, a partir de agora, lemos dezoito vezes sobre eles.

2. *O filho de Davi no templo.* No momento em que Jesus inicia a subida para o santuário, pronto para sacrificar-se, um cego vidente o confessa como filho de Davi, um título usado comumente no judaísmo para o Messias (opr 2 a 8.27-30). Na entrada triunfal toda a multidão de peregrinos retoma o título (11.9s; cf. Mt

21.9), sem que Jesus os mande silenciar (cf. [Lc 19.40](#)). No santuário ele se torna objeto do ensino do próprio Jesus ([12.35-37](#)). No texto básico sobre o filho de Davi em [2Sm 7.12-14](#) este já é anunciado como construtor do templo (cf. [Zc 6.12s](#)). Tudo isto agora se aplica a Jesus, condenado à morte. Esta vinculação do construtor messiânico do templo com sua morte é muito surpreendente e um contra-senso aos olhos dos judeus, pois o Messias não morre ([Jo 12.34](#)), pelo contrário, mata os outros.

3. *Os doze no templo.* No contexto da entrada no templo ouvimos pela primeira vez a expressão completa “com os doze” ([11.11](#); depois mais uma vez na história da Ceia em [14.17](#)). Esta está relacionada literalmente com o chamado deles em [3.14](#): Eles haveriam de “estar com ele”. É evidente que sua vocação agora entra em seu estágio decisivo. Até aqui eles tinham sido ajudantes do seu Senhor em seus atos, e emissários ou receptores do seu ensino. Tudo isto passa para segundo plano na nova divisão principal, para dar lugar à função mais importante deles, que é simplesmente estar junto e testemunhar os sofrimentos dele em lugar de toda a humanidade. Eles são qualificados como órgãos transmissores para depois da Páscoa. Por isso Marcos anota com cuidado a presença deles do começo até o fim ([11.11,12,15,19,20,27](#)).

## 1. A entrada em Jerusalém, 11.1-11

(Mt 21.1-9; Lc 19.28-40; Jo 12.12-19)

**Quando se aproximavam de Jerusalém, de<sup>a</sup> Betfagé e Betânia, junto<sup>b</sup> ao monte das Oliveiras, enviou Jesus dois dos seus discípulos e disse-lhes: Ide à aldeia que aí está diante de vós e, logo ao entrar, achareis preso um jumentinho<sup>c</sup>, o qual ainda ninguém montou; desprendeí-o e trazei-o<sup>d</sup>. Se alguém vos perguntar: Por que fazeis isso? Respondei: O Senhor precisa dele<sup>e</sup> e logo o mandará de volta para aqui<sup>f</sup>.**

<sup>4</sup> **Então, foram e acharam o jumentinho preso, junto ao portão, do lado de fora, na rua, e o desprenderam.**

<sup>5</sup> **Alguns dos que ali estavam reclamaram: Que fazeis, soltando o jumentinho?**

<sup>6</sup> **Eles, porém, responderam conforme as instruções de Jesus; então, os deixaram ir. Levaram o jumentinho, sobre o qual puseram as suas vestes, e Jesus o montou. E muitos estendiam as suas vestes no caminho, e outros, ramos<sup>g</sup> que haviam cortado dos campos.**

**Tanto os que iam adiante dele como os que vinham depois clamavam: Hosana<sup>h</sup>! Bendito o que vem em nome do Senhor!**

<sup>10</sup> **Bendito o reino que vem, o reino de Davi, nosso pai! Hosana, nas maiores alturas! E, quando entrou em Jerusalém, no templo, tendo observado tudo, como fosse já tarde, saiu para Betânia com os doze.**

### *Em relação à tradução*

<sup>a</sup> *eis*, diferente do v. [11](#), [p ex](#), aqui não significa “para dentro”, mas tem o sentido de *epi* ou *pros* com acusativo, indicando proximidade (Bl. Debr, § 208.3; EWNT I, 966).

<sup>b</sup> De acordo com Bl-Debr, § 239.3, *pros* aqui significa “diante de”

<sup>c</sup> *polos* na verdade é um filhote, do elefante ao gafanhoto, e é usado até para moças e rapazes. Quando não há maiores explicações, nas línguas orientais o sentido é de jumentinho (cf. na [LXX](#); Michel, ThWNT VI, 960), diferente de *Schmithals*.

<sup>d</sup> As alterações no tempo dos verbos são interessantes aqui: *lysate* (“soltar”, aoristo) é um movimento único, mas *pherete* (“trazer”, presente) é um movimento contínuo.

<sup>e</sup> Também é possível traduzir “seu senhor precisa (dele)”, como fazem Pesch e Lane, [p ex](#). O contexto, porém, deixa entrever que Jesus só quer emprestar o animal, portanto, não se apresenta como dono.

<sup>f</sup> A antiga tradução de Lutero tem aqui (como em [Mt 21.3](#)): “e ele (o dono do animal) logo o enviará”. Entretanto, o “de volta” precisa ser traduzido. A frase ainda faz parte do recado que Jesus manda os discípulos transmitir.

<sup>g</sup> *stibas*, um leito de coisas de todo tipo: palha, caniços, sapé, folhas, capim (WB 15.22).

<sup>h</sup> forma grega do hebr. *hoxiah na*: “Oh, Senhor, ajuda!” Encontramos o pedido de ajuda original em vários salmos ([p ex 12.2; 20.10; 28.9; 60.7; 108.7](#)). Um papel especial ele tem no [Sl 118.25](#). Os salmos do *Hallel* ([113–118](#)) eram cantados durante a celebração das grandes festas da Páscoa e dos Tabernáculos. Entretanto, já nos tempos pré-cristãos a Festa dos Tabernáculos teve uma transição de festa de pedidos para festa de alegria, de modo que o grito de socorro também se transformou em um grito de júbilo. O processo levou à interpretação messiânica do [Sl 118](#) (Lohse, ThWNT IX, 682).

## Observações preliminares

1. *Contexto.* A longa série de histórias que acontecem no caminho, que vem desde 8.27, finalmente se encerra nos arredores de Jerusalém com uma demonstração messiânica em meio ao cortejo de peregrinos. Este acontecimento é central na tradição dos evangelhos. Todas as testemunhas o transmitem de modo detalhado e unânime quanto a conteúdo e tendência. Nem o batismo nem a Ceia recebem a mesma atenção uniformemente forte. Montar no jumentinho foi um sinal que brilhou por sobre todo o tempo em Jerusalém, até a morte de Jesus. O relato funcionou como introdução teológica para a história da Paixão.

2. *Efeitos.* É digno de nota em Marcos que ele se concentra neste acontecimento antes da entrada de fato na cidade. Ao todo são sete versículos que contam como se conseguiu o animal. Depois da descrição do júbilo de aclamação dos peregrinos, em contraste com os relatos paralelos ele não diz nada sobre a recepção da população da cidade ou os desentendimentos com as autoridades. A entrada em si é apenas mencionada no último versículo, enquanto a ida ao templo volta a ser destacada. Não devemos concluir deste silêncio de Marcos sobre a reação de Jerusalém que a cidade tenha ficado indiferente. As histórias seguintes mostram que o povo ficou assustado e os líderes tremeram (11.18; 12.12; 14.2). Delegações hostis e traiçoeiras se apresentaram diante de Jesus (11.27; 12.13,18). A reivindicação monárquica de Jesus, de ser filho de Davi, pairava no ar (12.35-37). O batalhão grande e bem armado que o prendeu de noite (14.43) dificilmente pode ser explicado de modo diferente do que Jesus o fez, ou seja, de que o tratavam como um Messias zelótico (isto é, como um “salteador”, 14.48). As perguntas de Caifás e Pilatos também pressupõem o tema messiânico (14.61; 15.2), assim como a cena com Barrabás (15.9,12), o escárnio (15.17-19) e a placa sobre a cruz (15.26), junto com a zombaria debaixo da cruz (15.32). O sinal diante da cidade sem dúvida intensificou a indagação sobre o Messias, e esta era a intenção.

3. *Menção de lugares geográficos.* A importância que a tradição deu ao acontecimento também pode ser vista nos repentinos esforços em localizá-lo. O primeiro versículo relaciona quatro localidades. O cortejo de peregrinos se aproximava de Jerusalém pela estrada de Jericó, onde do lado leste da cidade se estendia o monte das Oliveiras. Este monte longo, com três pontos altos, era o divisor de águas para os peregrinos, depois de vinte e cinco quilômetros e mil metros de subida. Dali podia-se ver com um olhar toda a cidade, 65 m abaixo, e especialmente o templo, separado somente pelo vale do Cedrom e meia hora de caminhada. Josefo o descreve, como testemunha do século I: “O aspecto externo do templo oferecia tudo o que podia alegrar os olhos e o coração. Coberto por todos os lados com placas pesadas e douradas, ao nascer do sol ele brilhava como que em chamas, cegando os olhos como os raios do próprio sol” (Guerras judaicas V, 5.6). É verdade que no v. 1 Jesus ainda não chegou ao cume, mas ainda está “em Betfagé e Betânia”. A melhor maneira de entender estes nomes é como designação comum de lugar. Os povoados, vistos de Jerusalém, estão nesta seqüência: Betfagé no alto do monte, a mais ou menos um quilômetro, três quilômetros adiante Betânia, já na descida do outro lado e na margem da região desértica. Jesus, portanto, tinha chegado aos arredores habitados da cidade. Mais detalhes sobre a posição e direção do caminho Marcos não menciona.

4. *Sentido espiritual do monte das Oliveiras?* Nesta altura os intérpretes gostam de recordar Zc 14.4. Lá o contexto fala da conquista de Jerusalém cheia de pecado. “Naquele dia” Deus descerá sobre o monte das Oliveiras, que se dividirá ao meio, retrocedendo uma parte para o norte e a outra para o sul, preenchendo os vales. Assim, Deus poderá entrar na cidade como rei, por um caminho plano. Certamente é artificial querer ver este texto aqui. Em 13.2 Jesus não anuncia a salvação, mas a destruição da cidade. Mais importante, porém, é que Zc 14.4 não fala do Messias, e o judaísmo dificilmente vinculava a vinda do Messias com o monte das Oliveiras (Foerster, ThWNT V, 483, nota 102, contra Lohmeyer e outros). O monte das Oliveiras está aqui claramente em um contexto geográfico, e não é recomendável sobrecarregá-lo teologicamente. Com sua posição marcante, não nos deve admirar que ele seja mencionado. Os caminhos dos peregrinos encontravam-se aqui de várias direções, daqui finalmente podia-se avistar o destino da viagem e começava-se a descer para a cidade santa, cantando o *Hallel*, depois dos banhos de purificação prescritos (Bornhäuser, Geschichte, p 167).

- 1 **Quando se aproximavam de Jerusalém.** Desde o reconhecimento do Messias em Cesaréia de Filipe, esta cidade estivera presente em espírito como local de acontecimentos os mais obscuros, mas também de entronização misteriosa: “Eis que subimos para Jerusalém, e o Filho do Homem será entregue; [...] mas, depois de três dias, ressuscitará” (10.33,34). Agora Jerusalém estava tangível diante deles. Neste momento o próprio Jesus começa a revogar a ordem de silêncio quanto à sua messianidade (8.30). A primeira iniciativa era iminente, característica do seu tipo de realeza. Como os antigos profetas, Jesus escolheu para isto uma ação simbólica. **De Betfagé e Betânia, junto ao monte das Oliveiras, enviou Jesus dois dos seus discípulos.** Como em 6.7 e 14.13, duas testemunhas são escolhidas. A coisa não deve transcorrer sem forma, simplesmente de um ponto de vista prático, mas como demonstração para os discípulos e, depois, junto com eles diante de todos. Por esta razão também cada passo é descrito de modo solene e sem pressa e abreviação.



- 2 Jesus decide com soberania: **Ide à aldeia que aí está diante de vós.** Originalmente esta aldeia devia ser conhecida com exatidão. **E, logo ao entrar, achareis preso um jumentinho.** Este “logo” aqui e no v. 3 nos deixa empolgados (cf. 1.10n). Uma mão poderosa está agindo. “Achar”, aqui e no v. 4, não é resultado de uma busca diligente, mas da direção divina. A escolha do animal também já foi significativa, com ênfase. O que estava subentendido, Mt 21.5 verbalizou: a referência à passagem messiânica em Zc 9.9 (Bill. I, 842ss). “Quem vê um jumento em sonho, está esperando o reino messiânico”, comenta o Talmude sobre esta palavra bíblica (Michel, ThWNT V, 284) – tão característico o animal era considerado. Igualmente o texto de Gn 49.11 vinha à mente, do ensino judaico sobre o Messias. Ali, quatro versículos são dedicados ao jumento que é amarrado. É verdade que aqui falta a videira, e o animal é solto em vez de amarrado. Mesmo assim a circunstância da corda é o elo que une profecia e evento. Além disso, a entrada processional montado em um jumento real para a entronização na cidade real tinha seu antecedente bíblico em 1Rs 1.33,38).

**O qual ainda ninguém montou; desprendeí-o e trazei-o.** Isto explica o sentido de a montaria ter de ser jovem. Ele ainda não fora profanado, mas preservado para o serviço santo (cf. Nm 19.2; Dt 21.3; 1Sm 6.7; Lc 23.53).

É significativo que Jesus tenha escolhido uma base bíblica que polemiza contra cavalos, armas e carros de guerra, pois “Ele anunciará paz às nações” (Zc 9.10). A justiça será a sua arma e, acima de tudo, a dependência humilde de Deus. O jumento como montaria representava, neste contexto, a vida paradisíaca, ainda não contaminada. Em contraste com isto, montar a cavalo, este costume introduzido mais tarde, era considerado coisa de opressores incrédulos.

- 3 Para evitar a impressão de que era um ladrão de gado, os mensageiros do rei tinham de agir bem às claras e responder às perguntas. **Se alguém vos perguntar: Por que fazeis isso? Respondei: O Senhor precisa dele.** Assim podiam falar os servos de um rei que requisitavam alguma coisa para seu uso. Eles estavam agindo na autoridade do “direito do rei”, que era de conhecimento geral na Antigüidade (1Sm 8.11ss, especialmente o v. 16; Nm 16.15; Mt 5.41; Mc 15.21). Um abuso extremamente grave está em 1Rs 21.2. Disto este rei está bem distante, pois ele é “justo e salvador”, de acordo com Zc 9.9. A continuação expressa isto: **E logo**, assim que terminar de usá-lo, **o mandará de volta para aqui.** Seus súditos não são prejudicados.
- 4-6 Jesus instruíra seus mensageiros como alguém que era obediente e humilde diante de Deus. Este espírito de obediência passou para os dois e o dono da montaria. É este sentido que se quer transmitir com a repetição quase palavra por palavra nos v. 4-6. Mostrar esta expansão do poder de Deus, como um sinal, é o propósito da narrativa. A presciência milagrosa de Jesus é nada mais que um milagre marginal. **Então, foram e acharam o jumentinho preso, junto ao portão, do lado de fora, na rua, e o desprenderam. Alguns dos que ali estavam reclamaram: Que fazeis, soltando o jumentinho? Eles, porém, responderam conforme as instruções de Jesus; então, os deixaram ir.** O acréscimo **do lado de fora, na rua**, mostra como as circunstâncias vieram ao encontro deles. Eles não precisaram revirar o povoado primeiro. Já estava tudo preparado. Não há nada de mágico nisso. Auxílios milagrosos até nos menores detalhes os servos de Jesus experimentam não poucas vezes.
- 7 **Levaram o jumentinho, sobre o qual puseram as suas vestes.** Pelo contexto eles compreenderam o sentido e o propósito. Mais palavras eram desnecessárias. Eles logo prepararam o animal. Todos agem de comum acordo. Sobre as capas, cf. 10.50n. **E Jesus o montou** e assim desceu o monte das Oliveiras. É importante notar que tudo o que aconteceu teve origem em Jesus: o plano, a tarefa dos mensageiros, sua ida obediente, a entrega do animal, as vestes à guisa de sela para que ele pudesse montar, assim como a aclamação. E ele foi andando, sem armas, em silêncio e até chorando (Lc 19.41), porém de forma alguma como um lunático que deixa o controle para os seus discípulos. A ação é *dele*. Agora que ele chega ao seu local de sofrimento, eles só podem gritar seu reconhecimento do Messias de 8.29; cf. Lc 19.40. Agora ficou inequívoco, ainda sublinhado pela referência a Zc 9.9: sua realza culmina na morte obediente.

Inequívoco, mesmo? Pensamos que sim, mas Jo 12.16, concordando com o quadro que também Marcos pinta da falta de entendimento dos discípulos (cf. 4.11), diz: “Seus discípulos a princípio não compreenderam isto”. Mesmo sendo errado dizer que o júbilo deles não era messiânico, também é errado pensar que o conceito que eles faziam do Messias já era o dele.

- 8 Como tantos anúncios de Jesus, este também teve um eco de louvor nas testemunhas. **E muitos estendiam as suas vestes no caminho, e outros, ramos que haviam cortado dos campos.** De acordo com 10.52, entre eles estava também Bartimeu. Ele gritara “filho de Davi!” já em Jericó.



Jesus o deixara gritar e ainda lhe concedera um sinal próprio. Com isto toda a procissão de peregrinos se entusiasmou. Estender as capas aos pés de uma pessoa de honra era um gesto comum de homenagem (Bill. I, 844; na entronização de reis em 2Rs 9.12s; 1Mac 13.51). Junto com isto podiam-se espalhar ervas aromáticas ou flores (Schreiber, p 193; Pesch II, p 182).

- 9 Por fim, o júbilo real: (cf. 2Rs 11.12s; 9.13): **Tanto os que iam adiante dele como os que vinham depois clamavam: Hosana! Bendito o que vem em nome do Senhor!** O processo se deu claramente no âmbito do cortejo de peregrinos, que descia em meio aos jardins e campos do monte das Oliveiras. Eles declamavam uma parte do Sl 118, o famoso salmo dos peregrinos, que sempre de novo era entoado em canto e contracanto pelas procissões festivas à vista da cidade (Jeremias, Abendmahl, p 249; Pesch II, p 183). A um grito de viva! seguia a saudação. Contudo, quem é que era saudado? No salmo são os peregrinos que chegam. Os sacerdotes do interior do santuário os chamam e estendem suas mãos sobre os fiéis em nome de Deus. “O que vem”, portanto, na verdade inclui um plural: Bendito todo aquele que vem para participar do culto festivo! Durante séculos o salmo fora entendido e usado assim. Aqui, porém, exatamente no contexto da ação de Jesus, um outro sentido apareceu. O singular gramatical transformou-se num singular de fato. Agora a referência era a um peregrino especial, Jesus de Nazaré, que vinha para o seu templo a mando de Iavé. O uso messiânico do salmo estava difundido no judaísmo (Bill. I, 849; Lohse, ThWNT IX, 683; Pesch II, p 184; o texto paralelo de Mt 21.9 acrescentou para esclarecer: “Hosana ao Filho de Davi!”). A interpretação de que os peregrinos tinham simplesmente entoado a liturgia costumeira de entrada no templo, portanto, só é correta para o exterior do processo. Uma segunda frase confirma isto.

- 10 Ao Messias pertence o reino: **Bendito o reino que vem, o reino de Davi, nosso pai!** Esta frase não é mais do Sl 118, e alguns intérpretes a consideram “não-judaica”, uma inserção secundária (Lohmeyer, Hahn, Schweizer, Kümmel). Outros puderam fazer o contrário ser provável (Bill. I, 918; II, 26; Pesch II, p 185; Lane, p 398). **Hosana, nas maiores alturas!** (cf. Lc 2.14).

- 11 Muitas linhas de dados são interrompidas aqui. Não se fala mais de montar, nem da devolução do jumentinho ou dos peregrinos jubilosos. Sobre o estilo disciplinado de narrar de Marcos, veja a opr 2. O que lhe importa agora é a relação do filho de Davi com o templo (opr 2 à divisão principal 11.1–12.44). **E, quando entrou em Jerusalém, no templo.** Desafiador ele se mostra em sua propriedade, que seus adversários tinham ocupado e transformado em sua fortaleza. Como quem toma posse, ele inspeciona tudo: **Tendo observado tudo.** O empreendimento judaico do templo conhecera o seu juiz. O julgamento é pronunciado nos v. 15-17.

Por volta das 18 horas, os portões do templo eram fechados para os visitantes da festa (Jeremias, Jerusalém, p 236s; cf. 13.35n). **Como fosse já tarde, saiu para Betânia.** Esta localidade, distante menos de uma hora da cidade, era onde o grupo costumava passar a noite (11.12,15,19; 14.3; Mt 21.17). De acordo com lápides antigas, entre os seus moradores também devia haver galileus (Pesch II, p 178), de modo que talvez houvesse laços especiais com este lugar (cf. também Lc 10.38; Jo 11.1). Jerusalém também estava tão superlotada por causa da festa, que a hospedagem para multidões tão grandes era considerado um dos dez milagres de Deus no santuário. Temos notícias de acampamentos de barracas diante dos muros da cidade. Outros encontravam abrigo nos povoados vizinhos (Jeremias, Jerusalém, p 69; Abendmahl, p 49s).

Não deve ser esquecido o adendo colocado no fim do relato da entrada em Jerusalém: **com os doze.** Esta menção é explicada na opr 3 à divisão principal 11.1–12.44.

## 2. A condenação da figueira e do templo, 11.12-21

(Mt 21.12-19; Lc 19.45-48; cf. Jo 2.13-17)

**No dia seguinte, quando saíram de Betânia, teve fome.**

**E, vindo de longe uma figueira com folhas, foi ver se nela, porventura, acharia alguma coisa. Aproximando-se dela, nada achou, senão folhas; porque não era tempo de figos. Então, lhe disse<sup>a</sup> Jesus: Nunca jamais<sup>b</sup> coma alguém fruto de ti! E seus discípulos ouviram isto.**

**E foram para Jerusalém. Entrando ele no templo, passou a expulsar os que ali vendiam e compravam; derribou as mesas dos cambistas e as cadeiras dos que vendiam pombas.**

<sup>16</sup> Não permitia que alguém conduzisse qualquer utensílio pelo templo;

também os ensinava e dizia: Não está escrito: A minha casa será chamada casa de oração para todas as nações? Vós, porém, a tendes transformado em covil de salteadores. E os principais sacerdotes<sup>c</sup> e escribas ouviam estas coisas e procuravam um modo de lhe tirar a vida; pois o temiam, porque toda a multidão se maravilhava<sup>d</sup> de sua doutrina. <sup>19</sup> Em<sup>e</sup> vindo a tarde, saíram da cidade. <sup>20</sup> E, passando eles pela manhã, viram que a figueira secara desde a raiz. Então, Pedro, lembrando-se, falou: Mestre, eis<sup>f</sup> que a figueira que amaldiçoaste secou.

### *Em relação à tradução*

<sup>a</sup> Lit.: “respondeu e disse”, mais um exemplo bem claro de que “responder” nem sempre pressupõe uma pergunta, cf. 9.5n.

<sup>b</sup> *aion*, na verdade “tempo muito distante”, com a preposição é usado com frequência para “duração eterna”.

<sup>c</sup> Veja 8.31n.

<sup>d</sup> Veja 1.22n.

<sup>e</sup> *hotan* expressa aqui a repetição indeterminada (interativo, BI-Debr, § 367.4; 382.4). Lc 19.37 menciona expressamente o costume de Jesus de pernoitar fora da cidade.

<sup>f</sup> *ide*, cf. 3.34n.

### *Observações preliminares*

1. *Contexto.* Aqui a inspeção que Jesus fez do movimento do templo, de acordo com o v. 11, recebe o seu sentido: ela termina com o pronunciamento da condenação. Duas ações de Jesus expressam isto aqui, uma simbólica diante dos discípulos (os v. 14 e 21 aplicam-se diretamente a eles) e a entrada em cena no pátio do templo. O entrelaçamento dos dois acontecimentos é uma indicação da relação de conteúdo entre eles. Um interpreta o outro (opr 1 a 3.20,21).

2. *Os adversários de Jesus.* O v. 18 lembra de 3.6, onde se fala de “tirar-lhe a vida”. Assim, as duas histórias fornecem a justificativa histórica para a execução de Jesus. Lá os adversários são os professores da lei, fariseus, representantes da sinagoga; aqui são os principais sacerdotes, representantes do templo. Em Jerusalém havia muitas sinagogas, porém Marcos está novamente seguindo um tema. Os pontos em que Jesus colide com os rabinos são de natureza diferente do que os dos principais sacerdotes. O pecado dos rabinos não era tanto sua ganância por lucro, já que eles geralmente procediam do povo comum e levavam uma vida simples e disciplinada. Entretanto, eles ambicionavam lugares de honra (12.38-40) e poder sobre as almas. As ricas famílias sacerdotais, por sua vez, tinham sucumbido à adoração de Mamom e saqueavam os visitantes do templo. Jesus abalou os dois sistemas de poder, o religioso e o econômico. Por este motivo os interesses deles acabaram se unindo, proporcionando uma aliança ímpia.

3. *Interpretações.* Este parágrafo já foi soterrado sob questionamentos. As idéias e sugestões são as mais diversas. Nosso comentário só poderá tratar delas em parte e sem mencioná-las individualmente. Ele se atém à tarefa de interpretar o que tem à sua frente, sem ajeitá-lo primeiro. Aqui escolhemos apenas algumas interpretações da purificação do templo:

a. Jesus não pretendia fazer uma revolução, ocupando o templo (Eisler), mas uma demonstração da condenação da hierarquia (com Grundmann, Pesch). Por esta razão também os romanos não viram motivo para interferir. Com certeza, porém, Jesus transformou os sacerdotes em adversários determinados.

b. Jesus não impediu o culto no templo como tal. Ele não entrou nos pátios interiores nem no prédio do templo em si. Os sacrifícios não foram interrompidos. Ele simplesmente proporcionou no pátio exterior um sinal que causou sensação, para explicá-lo em seguida. Ele criou para si uma oportunidade para chamar a atenção do público, para poder “ensiná-lo” (v. 17,18). Ao entardecer ele saiu do lugar, como fazia todos os dias (v. 19). Tudo continuou com seu andamento normal (com Schrenk, ThWNT III, 243; Pesch II, p 199).

c. A ação pública de Jesus também não foi simplesmente profética. Não foi por nada que lhe fizeram a pergunta em 14.61, depois de discutir suas declarações no templo: “És tu o Cristo?” É que ele se apresentara como juiz messiânico (cf. Zc 14.21). A ação não pode ser separada da história da entrada na cidade (cf. também opr 2 à divisão principal 11.1–12.44).

d. O ponto central, por fim, também não é a promessa de um novo “templo”, como em Jo 2.19, mas somente o julgamento, como na maldição da figueira. O cap. 13 retomará este tema.

4. *A figueira na Palestina e em linguagem figurada.* Para que se entenda o v. 13, trazemos aqui os detalhes técnicos, de acordo com Bill. I, 856ss; Hunzinger, ThWNT VII, 751ss; LzB, p 394; Reichmann, p 640ss. Diferente da figueira brava (*sykomorea*, p ex Lc 19.4), a figueira aqui (*syke*) é um arbusto grande que atinge no máximo 5-6 m. Não é preciso subir nele para alcançar os frutos. Ele não é uma planta de folhas perenes, mas perde as folhas em novembro. Depois suas varas compridas e grossas, com poucas bifurcações, ficam

espetadas no ar. Quando a folhagem brota novamente em março, isto é um sinal bem conhecido de que o tempo quente está próximo (13.2). Esta figueira tem duas florações e três safras por ano. Os primeiros figos do ano ainda são frutos do outono anterior (novembro), que não tinham chegado a amadurecer, e não caíram com as tempestades do inverno (Ap 6.13). Eles amadurecem com a seiva que sobe na primavera e faz as novas folhas brotar no fim de março, e chegam a ficar maduros no fim de maio/começo de junho, presos ainda nos galhos antigos. Estes primeiros figos do ano eram um petisco especial (Is 28.4; Jr 24.2; Os 9.10; Mq 7.1). A safra principal é a dos figos tardios, que se formaram nos brotos novos e são colhidos do fim de agosto até outubro.

A figueira é uma das plantas características da Palestina, junto com a videira e a oliveira. Sua presença na vida diária proporcionou aplicações variadas, proverbiais e simbólicas, com frequência junto com a videira. Uma relação especial com Israel, deste uso figurado, não se encontra nem no AT nem na literatura judaica (Bill. I, 857s). O figo muitas vezes também representa a árvore inteira. O sentido é determinado por cada contexto.

Pesch (II, p 195,201), corrigindo sua posição de 1968 (Naherwartung, p 71s), não vê nenhum simbolismo em nossa história. Segundo ele, a continuação nos v. 22-26 prova que Jesus deu simplesmente uma demonstração “arbitrária” da sua fé (197; cf. Loh, Haenchen e Schmid). O acontecimento, porém, está ligado perto demais com a cena no templo, para que o possamos isentar de qualquer indicação mais profunda. Além disso, o v. 13 contém elementos bem conhecidos da linguagem profética simbólica, que não podem ser desprezados. A própria relação entre o fruto da árvore e a qualidade humana é um dos seus fatores básicos, razão de Jesus olhar e procurar por frutos (Is 28.4; Mq 7.1; cf. Lc 13.6; Jo 15.2), e de fazer a árvore secar como experiência de julgamento (Is 56.3; Ez 31.15; Os 9.16; Jó 18.16). Dificilmente podemos manter estes transfundos à distância.

- 12 No dia seguinte, quando saíram de Betânia, teve fome.** Os judeus costumavam tomar duas refeições por dia: uma no meio da manhã, geralmente lá pelas 10 horas, a outra no fim da tarde (Bill. II, 204). Jesus deve ter saído de Betânia (como no v. 20, cf. 13.35n) bem antes da primeira refeição. Pensando em 1.35; 6.46; Lc 4.2, devemos contar com tempos especiais de oração e jejum da sua parte, mas nunca com hospedeiros descorteses que o tivessem deixado sem comida.
- 13 Em Israel, todo viajante podia servir-se à beira do caminho, para seu consumo pessoal (cf. 2.23). E, vendo de longe uma figueira com folhas, foi ver se nela, porventura, acharia alguma coisa. Aproximando-se dela, nada achou, senão folhas.** A folhagem bonita é destacada duas vezes. Ela parece garantir que a árvore é frutífera e fez Jesus se aproximar – para não encontrar nada, apesar das folhas. Todavia, será que a árvore já não poderia ter sido colhida? Para deixar clara a avaliação de que a árvore era infrutífera, Marcos acrescenta intencionalmente: **Porque não era tempo de figos.** As épocas regulares de colheita obviamente eram maio/junho e agosto até outubro. Jesus, porém, procurava na época da Páscoa os figos do inverno que se podia esperar em uma figueira com muitas folhas (opr 4).
- 14 A madeira da figueira, diferente da amoreira, é sem valor. Sem frutos ela não tem sentido. Então, lhe disse Jesus: Nunca jamais coma alguém fruto de ti!, e Jesus o disse expressamente de uma maneira que os discípulos o ouvissem (cf. v. 21): E seus discípulos ouviram isto.** É verdade que eles entenderam sua intenção somente no v. 21. Mas já aqui lhes está claro que Jesus não está talvez falando com um espírito da árvore, como no v. 23 não se trata de um espírito da montanha. Como eles não viam alma na árvore ou na montanha, eles também não ficaram cheios de compaixão. Nós que hoje em dia cortamos as árvores sem pensar muito, para obter lenha, tábuas ou papel, podemos igualmente poupar nossos lamentos. O caminho nos é mostrado, como naquela ocasião aos discípulos, pelas numerosas ações judiciais proféticas e simbólicas no AT. Lá ouvimos de um cinto que foi enterrado (Jr 13.11), de um vaso que foi amassado de novo (Jr 18.4), de um jarro que foi despedaçado (Jr 19.10), de uma canga que foi quebrada (Jr 28.10), de um caldeirão que foi esquentado (Ez 24.5), de uma capa que foi rasgada (1Rs 11.30) ou de uma flecha que é atirada contra o chão (2Rs 13.18).

O julgamento de quem será que foi descoberto diante dos discípulos pela palavra ativa de Jesus? Podemos antecipá-lo. Em toda a divisão principal que começa em 11.1 e especialmente aqui, a partir do v. 11, o movimento do templo com seus responsáveis está no centro das atenções (opr 1 a 11.1–12.44). Havia por um lado a “folhagem”, ou seja, sua grandiosidade arquitetônica (13.1,2) e sua organização econômica (11.15,16). Infelizmente, porém, quem olhava de perto não encontrava “frutos”, antes endurecimento (11.33), planos secretos de assassinato (12.12), fingimento e falsidade

(12.13,15), cegueira instruída (12.24,27) e infâmia sob o manto da dignidade (12.38-40). O v. 15 é ainda mais concreto.

- 15** À primeira ação juntou-se na mesma linha a segunda, esta agora em público e, por isso, usando outros meios. **E foram para Jerusalém.** Mais uma vez a cidade é apenas mencionada à margem, para passar logo ao assunto. **Entrando ele no templo.** Este consistia em uma superfície elevada, plana e espaçosa, em forma de trapézio. Os muros externos mediam 280 m no sul, 315 m no norte, 470 m no leste e 485 no oeste. No meio desta área ficava a área restrita do templo, sobre uma plataforma mais alta, com os pátios internos e o prédio do templo (*naos* em Marcos), acessíveis somente aos israelitas. O comércio era feito no pátio exterior, no “pátio dos gentios”. Assim que Jesus chegou, ele **passou a expulsar os que ali vendiam e compravam.** A decisão para esta ação ele, ao que tudo indica, já tinha tomado após a inspeção do dia anterior. No momento em que ele entra em cena, os “picaretas” tinham de sair imediatamente. “De repente, virá ao seu templo o Senhor; [...] mas quem poderá subsistir quando ele aparecer?” (Mt 3.1,2).

Os mercados que abasteciam regularmente os peregrinos de animais para os sacrifícios estavam localizados logo no monte das Oliveiras, onde convergiam vários caminhos; vendia-se pombas, cordeiros, ovelhas, azeite e farinha. Mas não demorou para a administração do templo, que estava nas mãos das famílias sacerdotais responsáveis, também entrar no negócio. Zc 14.21 já repreende os comerciantes que montavam suas barracas no pátio do templo. Temos registros de pavilhões de comércio do tempo de Herodes, ali (Bill. I, 839,852; Jeremias, Jerusalém, p 54s). Josefo diz que o sumo sacerdote Ananias (47-55) era “um homem de negócios muito atilado”. Este comércio animado no recinto do templo e a “plutocracia” ligada a ele recebia críticas da opinião pública. O Talmude preservou a queixa: “Eles são sumos sacerdotes, seus filhos são tesoureiros, seus cunhados são oficiais do templo! E seus empregados nos tratam com cacetes”. O rabino Aqiba disse aos seus alunos: “Antes de eu mesmo me tornar professor da lei, eu pensava: ‘O dia que eu conseguir pegar um, eu o mordo como um jumento!’ Um dos alunos observou: ‘Como um cão não teria sido suficiente?’ O sábio retrucou: ‘Não, como um jumento! Porque um jumento morde melhor, ele tritura os ossos!’” (em Daniel-Rops, p 157). Os relatos da Paixão também deixam entrever que a situação social não estava tranqüila.

Jesus encontrou mais um lugar onde atacar: **Derribou as mesas dos cambistas e as cadeiras dos que vendiam pombas.** Nas três semanas anteriores à Páscoa, todo israelita com mais de vinte anos tinha de pagar o imposto anual do templo. Pagar na própria cidade de Jerusalém era considerado meritório. No começo era necessário recorrer às antigas moedas hebraicas de um siclo para isto, mais tarde aceitava-se também as dracmas duplas de Tiro, que não tinham nenhuma efígie, nem os símbolos do imperador divino como as moedas romanas e gregas. Portanto, trocava-se muito dinheiro por ocasião da Páscoa, num total estimado entre um e dois milhões de denários, naturalmente sempre com uma margem de lucro para os cambistas. O sumo sacerdote tinha de administrar esta soma. Pela concessão, os cambistas tinham de pagar uma taxa aos sacerdotes. Jesus, portanto, atacou aqui os clãs mais poderosos do país e seus interesses econômicos (Kroll, p 201,203s; Jeremias, Theologie, p 145; Bill. I, 764ss; Schrenk, ThWNT III, 235).

- 16** Agora ele encara uma terceira situação errada, desta vez em relação ao povo. **Não permitia que alguém conduzisse qualquer utensílio pelo templo.** Para muitos moradores de Jerusalém, atravessar o pátio externo era a ligação mais curta entre dois pontos, especialmente quando tinham algo para carregar. Assim, acostumaram-se a usar o recinto sagrado como lugar de travessia. É claro que houve queixas (Bill. II, 27), mas as pessoas se habituam a tudo. Quem não tinha muita pressa parava para conversar com outros sobre os negócios, abria sua carteira para fazer pagamentos, ou talvez cuspiam no calçamento.

Como será que Jesus pôde se impor sozinho nesta enorme feira anual? A idéia de Jeremias (Theologie, p 219), de que ele mandou seus seguidores ocupar os oito portões, não é muito plausível. Seja como for, as forças da ordem se veriam obrigadas a intervir. Passagens como Jo 7.30-32,44-46 mostram que isto foi muito provável. Em todo caso, as palavras incorruptíveis de Jesus contra a ganância e a ambição dos líderes dificilmente ficaram sem apoio espontâneo do povo. Sua autoridade excepcional cativava a muitos (cf. v. 18). Eles o cercavam como uma guarda pessoal poderosa, e os oficiais se resignaram por um tempo (Jo 12.42). Por isso é totalmente possível que a atitude enérgica de Jesus tenha espantado as assombrações mundanas por algum tempo.

**17 Também os ensinava e dizia.** A ação criou um espaço para o ensino e lhe garantiu os ouvintes. De alguma forma ele se referia a todos, assim como no v. 18 todos ficaram perplexos, mas os líderes se endureceram. O ponto central da sua mensagem foi preservado na forma de uma citação conjugada (cf. 1.2s,11). **Não está escrito?** Jesus pergunta inicialmente, resgatando coisas esquecidas e reprimidas, mas ainda válidas, especialmente agora. A primeira afirmação é uma promessa para a condição do templo como Deus o queria, a segunda uma denúncia da condição em que Israel o deixara.

**A minha casa será chamada casa de oração para todas as nações** (Is 56.7). “Oração” abrange aqui, como muitas vezes no AT, toda a adoração a Deus, incluindo p ex também os sacrifícios no templo. A ênfase está em “para todas as nações”. Tudo o que Israel faz no templo está inserido no propósito básico de Deus, que vale para todo o Israel: “Em ti serão benditas todas as famílias da terra” (Gn 12.3). Existir, não às custas dos outros, mas em seu benefício! Israel, porém, tinha distorcido este propósito. Exatamente no “pátio dos gentios”, onde tudo isto aconteceu, Israel “era uma bênção” para si mesmo, fazia seus negócios e lucrava em detrimento daqueles que vinham de longe.

Com a segunda citação, o destino de Jesus se aproxima muito do de Jeremias, o único profeta que também se levantou no templo. Nas duas situações a audiência é o povo (Jr 7.2; 26.2,7 e Mc 11.15), segue uma reação ameaçadora das autoridades (Jr 26.7s e Mc 11.18), a série de esforços de Deus lhes é apresentada (Jr 7.25; 26.5 e Mc 12.2,4,5) e condenam-se os sacrifícios meramente exteriores (Jr 7.22 e Mc 12.33). O ponto alto da acusação é a palavra do esconderijo de ladrões em Jr 7.11: **Vós, porém, a tendes transformado em covil de salteadores**, ou seja, vocês usam o templo como esconderijo, como os ladrões a caverna em que se sentem seguros. Na verdade Israel tinham a promessa de que o próprio Deus queria estar presente no templo (Dt 12.11; 1Rs 8.29), mas fizera disto uma segurança descarada, errônea, praticamente entrincheirando-se neste templo contra as pretensões do próprio Deus. Dali eles saíam para suas “expedições de saque”, assaltando com suas negociatas no pátio os peregrinos indefesos que vinham do interior para a festa, empilhando o “resultado do saque” nos depósitos sagrados. Tudo isto protegidos por um suposto caráter indestrutível deste templo. Como Jeremias em 7.13s, no próximo capítulo Jesus prometerá a sua destruição.

**18 A mensagem de Jesus alcança também os mais altos dignitários. E os principais sacerdotes e escribas ouviam estas coisas.** Eles, porém, não se emendaram, antes se endureceram. Sua posição de respeito não tolerava que fossem tachados de pecadores desta maneira pública, em sua própria sede. A segurança interior, o bem do povo não o suportavam. Portanto, ele teria de morrer. Eles só discutiam ainda o como. **E procuravam um modo de lhe tirar a vida.** O povo o circundava como uma muralha de proteção e, sendo realistas, eles tinham respeito por uma multidão considerável, profundamente impressionada (cf. 11.32; 12.12,37; 14.2). **Pois o temiam, porque toda a multidão se maravilhava de sua doutrina.**

**19-21 Em vindo a tarde, saíram da cidade. E, passando eles pela manhã, viram que a figueira secara desde a raiz. Então, Pedro, lembrando-se, falou: Mestre, eis que a figueira que amaldiçoaste secou.** Será que Pedro ficou tão impressionado porque não crera na eficácia das palavras de Jesus? Isto não é confirmado em nenhum outro lugar nos evangelhos. A lembrança, na verdade, engloba como em 14.72 uma compreensão melhor. Com os olhos arregalados (“eis!”), Pedro se depara com o *sentido* do sinal do dia anterior. Ele vê a relação com a atitude de juiz de Jesus lá no templo, e chega à conclusão: o judaísmo do templo está condenado, tão certamente como esta figueira ressecada está aqui à beira do caminho.

### 3. Afirmações sobre crer e pedir, 11.22-25

(Mt 6.14,15; 21.21,22; cf. Mt 5.23,24; 17.20; Lc 17.6; Jo 14.13; 15.7; 16.23)

**Ao que Jesus lhes disse<sup>a</sup>: Tende fé em Deus<sup>b</sup>;**

**porque em verdade vos afirmo que, se alguém disser a este<sup>c</sup> monte: Ergue-te e lança-te no mar, e não duvidar no seu coração, mas crer que se fará o que diz, assim será com ele.**

**Por isso, vos digo que tudo quanto em oração pedirdes<sup>d</sup>, crede que recebestes<sup>e</sup>, e será assim convosco.**



**E, quando estiverdes orando<sup>f</sup>, se tendes alguma coisa contra alguém, perdoai, para que vosso Pai celestial<sup>g</sup> vos perdoe as vossas ofensas.<sup>h</sup>**

### *Em relação à tradução*

<sup>a</sup> Lit. “respondeu e disse” mas, como na LXX, “responder” em Marcos nem sempre pressupõe que uma afirmação ou pergunta precede, porém indica simplesmente o começo de um discurso: alguém levanta a voz, p ex 9.5; 10.51; 14.14; 12.35; 14.48 (Büchsel, ThWNT III, 946s; WB, 188).

<sup>b</sup> Lit. “Tende a fé de Deus!”, só aqui no NT.

<sup>c</sup> Alguns intérpretes identificam “este monte” com o monte das Oliveiras, onde Jesus falava, e o “mar” com o mar Morto, que pode ser visto dali. A frase, no entanto, também pode ter sido dita na Galiléia (Mt 17.20) e passada para o plural (1Co 13.2). Já antes de Jesus falava-se em “deslocar montes” em termos proverbiais, a ponto de se dizer que algumas pessoas “deslocavam montes”, especificamente os rabinos de quem se podia esperar que eliminassem problemas de interpretação aparentemente insolúveis (Bill. I, 759). O pronome demonstrativo “este” (*touto*) deve servir aqui apenas como artigo, ao estilo semita.

<sup>d</sup> Este segundo verbo especifica o verbo “orar”: a oração aqui é de petição.

<sup>e</sup> O aoristo pode assumir o sentido de futuro, quando usado no estilo do hebraico, como traduz a RC (“Crede, e o recebereis”) e a BV (“Se crerem, vocês receberão”) (cf. Bl-Debr, § 333.2).

<sup>f</sup> Lit. “Orando de pé, posição normal dos judeus na oração (Bill. I, 401; II, 48; cf. Mt 6.5; Lc 18.11,13).

<sup>g</sup> De 274 lugares em que aparece “céu” no NT, 91 estão no plural, o que não existe no grego extra-bíblico. É possível que se trate de um hebraísmo, e com frequência indica estilo de hino.

<sup>h</sup> O v. 26, “[Mas, se não perdoardes, também vosso Pai celestial não vos perdoará as vossas ofensas]”, só consta de manuscritos a partir do século V, com certeza assimilado de Mt 6.15 por um copista.

### *Observações preliminares*

1. *O contexto diferente em Marcos e Mateus.* Geralmente este trecho é delimitado nos v. 22 e 26 e recebe o título “diálogo sobre a figueira que secou” (p ex Aland, Synopse). Pensa-se que Jesus explicou nesta conversa seu milagre na figueira, e isto a pedido de Pedro. Dentro desta idéia, este exclamara: “Como consegues fazer maravilhas como esta! Nós também gostaríamos de fazer coisas assim!” Isto de fato combina com a apresentação de Mateus (lá Pedro realmente faz uma pergunta), mas não com Marcos. A divergência talvez se explique assim: os evangelistas dispunham de uma coletânea de afirmações que Jesus tinha feito em vários contextos de ensino, e que eles encaixaram em suas obras como achavam melhor, usando frases de transição. Isto justifica por que as mesmas afirmações aparecem em lugares diferentes nos evangelhos ou, nos casos em que estão em textos paralelos, têm sentidos diferentes. Este é o caso aqui.

2. *O contexto em Marcos.* K. Stock (Gliederung, p 513) e Gnllka (II, p 134) não estão entre os intérpretes que simplesmente sobrepõem Mateus a Marcos. Eles encontram em Marcos implicações como esta: Quando Jesus estava novamente sozinho com seus discípulos, ele lhes inculcou contra o pano de fundo da condenação de Israel a necessidade indispensável de dar fruto. Nisto ele também mencionou a causa para a condição de Israel, que é a recusa a crer. Ele os convocou para a fé absoluta em Deus. No comentário seguiremos a idéia de que a comunidade de discípulos forma um grupo de contraste, mas partimos de outro ponto e seremos mais abrangentes.

3. *Montanhas.* Sempre foi uma idéia atraente usar as montanhas em sentido figurado de majestade inabalável. O AT e também o Apocalipse trazem numerosos exemplos de “montes” como potência de salvação ou destruição. Nos últimos tempos será necessário “remover montanhas”: Deus as transforma em planícies, derrete-as no fogo ou as despedaça e esmaga (Is 40.4; 63.19s; 41.15). Elas têm de abrir caminho para o povo de Deus (Is 40.4; 45.2). “Lançar no mar”, neste contexto, é execução do castigo (Sl 46.3; Mc 9.42; Ap 8.8).

**22 Ao que Jesus lhes disse.** “Em todo lugar onde se diz (no AT): Ele respondeu e disse isso e aquilo, o pessoa está falando no Espírito Santo”. Este ditado judaico (em Büchsel, ThWNT III, 947) no mínimo nos torna cientes de como uma introdução dupla como esta é solene (em Marcos p ex 10.24; 11.14; 12.35; 14.48). Em nosso trecho ainda segue “em verdade vos afirmo” (cf. 3.28n) no versículo seguinte e “vos digo” no seguinte. A esta forma ponderada corresponde um conteúdo importante.

Para entendermos a conexão, devemos recordar a grande perplexidade que acometeu os ouvintes judeus no v. 18 quando ouviram a sentença de Jesus como juiz com toda a autoridade, em relação ao templo e à cidade do templo. Os discípulos também eram judeus. Pedro expressa no v. 21 como eles estão atônitos, e longe de satisfeitos com a desgraça dos adversários. O próprio Jesus chorou por causa da destruição iminente da cidade, segundo Lc 19.41-44. A catástrofe era nacional e, acima de tudo, espiritual. Se o templo caísse, isto significaria que Deus tinha abandonado o seu povo. E mais: no pensamento judaico, o templo era o centro do mundo. Sua destruição implicaria o abalo do

sistema do mundo (veja a relação no cap. 13). Balança tudo o que antes servia de apoio, a mudança das épocas chegou, as pessoas esperam atemorizadas o que pode vir. Em meio a esta insegurança Jesus declara: **Tende fé em Deus!** Em Jo 14.1 temos um tom semelhante: “Não se turbe o vosso coração; credes em Deus, crede também em mim!” Em seguida ele lhes promete segurança “na casa de meu pai”, que ele providenciará. O templo em ruínas é substituído por um templo novo (cf. Jo 2.19). Nisto também consiste o passo à frente na reflexão do nosso trecho em comparação com os vv. 12-21. Depois do julgamento avista-se um novo templo, uma nova aliança e um novo povo. A graça concede a existência em meio ao naufrágio.

- 23 Em verdade vos afirmo que, se alguém disser a este monte: Ergue-te e lança-te no mar, e não duvidar no seu coração, mas crer que se fará o que diz, assim será com ele.** Quem crê participará nas ações fantásticas de Deus nos tempos do fim (opr 3). Duas vezes, neste versículo, menciona-se que o discípulo “diz”. A referência é à sentença promulgada com autoridade pelo juiz segundo os vv. 24s, aliada à oração respondida. Além disso, nosso versículo tem relação estreita com 9.23: ali também se tratou da destruição das fortalezas demoníacas que se opõem ao reinado de Deus (cf. 6.7).

Esta participação nos eventos divinos requer fé divina. Primeiro Jesus menciona a dúvida, depois a insegurança entre “dois casos” (cf. “ânimo dobre” em Tg 1.6): o coração não se deixa inspirar única e exclusivamente por Deus (cf. 9.23). O discípulo deve abrir a porta para Deus com suas palavras de tal maneira que o próprio Deus fale por meio dele. Sobre o Altíssimo, porém, sabemos pelo Sl 33.9: “Como ele fala, acontece”. Isto é concedido aqui por Deus a *ele*, ao discípulo (*passivum divinum*, cf. 2.5n). A maneira de falar já revela que quem está dando ordens aos montes é uma pessoa de oração.

- 24 Por isso, vos digo que tudo quanto em oração pedirdes.** O plural retrata uma igreja que ora. No seu meio forma-se uma petição conjunta. Como uma criança muito doente se afunda em silêncio e desinteresse diante dos seus pais, assim acontece com a fé. A fé pede sem levantar muitas objeções. O amor por Deus e pelos irmãos (v. 25) haverá de consumir os pedidos impertinentes. O v. 25 dá um exemplo. Aqui Jesus repete as condições para a fé: **Crede que recebestes, e será assim convosco.** Coloquem a angústia de vocês dentro da bondade paternal de Deus: esta vale em todas as alturas e profundidades.

- 25** Este versículo confirma que a comunidade dos discípulos está em vista. A reconciliação é a lei fundamental da sua vida, do seu falar e da sua oração. **E, quando estiverdes orando, se tendes alguma coisa contra alguém, perdoai, para que vosso Pai celestial vos perdoe as vossas ofensas.** O judaísmo era prolixo em relacionar características da oração atendida (Bill. I, 450s), mas Jesus cita só uma, porém teimosamente sempre de novo (Mt 5.23s; 6.14s; 18.35). Por que essa insistência em vincular a graça recebida com a graça demonstrada, até em cada Pai-nosso? Porque é exatamente isto que garante que oramos realmente ao Deus da Bíblia e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, e não a um ídolo qualquer. A inveja, a ira e a amargura matam a oração cristã pela raiz e deixam somente um papaguear pagão. “Não é possível viver *de* reconciliação sem viver *na* reconciliação” (Schmithals, p 503). A fé sem o amor não é nada, e por isso remover montanhas sem amor também não é nada (1Co 13.2). Em contraste com isso, no evangelho de Tomé, 48 encontramos a bela frase: “Se dois fazem as pazes entre si em uma casa, eles dirão ao monte: Caia! E ele cairá.”

Descobrimos, assim, o sentido da composição de Marcos: enquanto do outro lado o santuário, que deveria ser uma casa de oração para todos os povos e não era, é condenado espiritualmente, aqui no monte das Oliveiras os discípulos recebem a declaração de inauguração da nova casa de oração “em espírito e em verdade” (cf. Jo 4.21-24). Eles mesmos são a base de um povo de Deus composto de todos os povos. Jesus será a pedra angular inabalável (12.10).

#### 4. A pergunta dos líderes judeus quanto à autoridade, 11.27-33

(Mt 21.23-27; Lc 20.1-8; cf. Jo 2.18-22)

**Então, regressaram para Jerusalém. E, andando ele pelo templo, vieram ao seu encontro os principais sacerdotes, os escribas e os anciãos e lhe perguntaram: Com que autoridade fazes estas coisas? Ou quem te deu tal autoridade para as fazeres?**

- <sup>29</sup> **Jesus lhes respondeu: Eu vos farei uma pergunta; respondei-me<sup>a</sup>, e eu vos direi com que autoridade faço estas coisas.**

**O batismo de João era do céu<sup>b</sup> ou dos homens? Respondei!**

**E eles discorriam entre si<sup>c</sup>: Se dissermos: Do céu, dirá: Então, por que não acreditastes nele? Se, porém, dissermos: dos homens, é de temer o povo. Porque todos consideravam a João como profeta.**

**Então, responderam a Jesus: Não sabemos. E Jesus, por sua vez, lhes disse: Nem eu tampouco vos digo com que autoridade faço estas coisas.**

*Em relação à tradução*

<sup>a</sup> Lit. “e me respondereis”; o futuro está aqui no lugar de uma frase condicional, como nas línguas semitas.

<sup>b</sup> Maneira respeitosa de evitar o nome de Deus; “de Deus”, portanto, como [At 5.39](#) (Bill. I, 862ss).

<sup>c</sup> Cf [9.33n](#).

*Observações preliminares*

1. *Debates judaicos.* Aos cinco debates na Galiléia ([opr 2](#) à divisão principal [2.1–3.6](#)) juntam-se cinco peças semelhantes de Jerusalém: [11.27–33](#) (unido a [12.1–12](#)); [12.13–17](#); [12.18–27](#); [12.28–34](#) e [12.35–37](#). No último caso fica especialmente claro que se trata somente de excertos de debates deste tipo. Aqui, como nos outros casos, a iniciativa com certeza foi dos que debatiam com Jesus. Eles reagiam ao seu ensino público no templo.

2. *Contexto.* A questão da autoridade girava em Marcos em torno “destas coisas” (quatro vezes: v. [28,29,33](#)), que são a sentença que Jesus pronunciou com reivindicação messiânica sobre o templo logo no segundo dia (v. [15–17](#)). De acordo com [Mt 21.23](#) e [Lc 20.1](#), ela se referia à atividade de Jesus ensinando. Este, porém, parece mais ser um conceito abrangente, pois segundo [Mc 11.18](#) a ação de Jesus junto com sua palavra estava sob o título geral “ensino”. Ele ensinava por meio do sinal, e o sinal continuava presente durante o seu ensino. Sobre o interrogatório do Messias, cf. Bill. I, 1017; III, 9s; IV, 797s e [1Co 1.22](#): “Os judeus pedem sinais”.

**27 Então, regressaram para Jerusalém. E, andando ele pelo templo.** Grundmann (p 317) acha que Jesus palestrava como um filósofo grego, andando de um lado para outro entre os pavilhões de colunas. Isto, porém, pressupõe um grupo pequeno de discípulos, não a grande massa do povo. É provável que a delegação o tenha cercado entre um e outro discurso ao povo, estando ele a caminho entre as dependências do templo, sem a proteção de um grande número de ouvintes (cf. [Jo 10.23s](#)). Eles não interromperam sua pregação, mas se manifestaram depois. **Vieram ao seu encontro os principais sacerdotes, os escribas e os anciãos.** Vieram aqueles de quem se diz em [8.31](#) que iriam matá-lo. A menção completa dos grupos do Conselho Superior retrata uma cena pomposa. Como representação da autoridade máxima eles queriam interrogá-lo, no contexto de um processo religioso regular (cf. [2.6](#) e [opr 2](#) a [3.1–6](#)). A questão é, parecido com [14.61](#), a reivindicação messiânica de Jesus, de modo que [At 4.7](#) não é um paralelo exato aqui. Crer nele eles não iriam de qualquer forma, assim como não creram depois de [14.61](#), mas eles teriam conseguido que seu movimento fosse apanhado pela correnteza político-revolucionária. Depois seria possível acionar os romanos, o que acabaram conseguindo. A propósito, esta passagem comprova a reserva de Jesus quanto ao uso do *título* de Messias em público, apesar de ele chegar cada vez mais perto da *coisa* em si.

**28 E lhe perguntaram: Com que autoridade fazes estas coisas? Ou quem te deu tal autoridade para as fazeres?** O peso recai sobre a segunda pergunta. O tipo de autoridade resulta da sua origem. O doador é característico para sua dádiva. Dificilmente eles contavam com que Jesus desse o nome de algum rabino líder de uma escola ou de algum profeta, que o tivesse ordenado com imposição de mãos, conferindo-lhe autoridade. Eles só estavam levando em consideração a autoridade dada por Deus, ou a autoridade usurpada contra o templo de Deus, que só podia vir de Satanás (parecido com [3.22,30](#)). A pergunta em si estava correta. Quem se apresentasse no templo da maneira como Jesus o fazia tinha de provar que Deus estava mesmo com ele. Contudo, será que homens que só pensavam em eliminar Jesus e preservar seu próprio poder tinham o direito de questioná-lo? Será que não estavam lidando apenas profissionalmente com coisas para as quais já tinham perdido a competência?

**29 Jesus lhes respondeu: Eu vos farei uma pergunta; respondi-me, e eu vos direi com que autoridade faço estas coisas.** Respostas em forma de pergunta são em Jesus mais do que características do estilo judaico de discutir (Bill. I, 801s). Elas mostram que ele não aceita o papel de acusado que é obrigado a responder.

- 30** Agora ele se torna juiz: **O batismo de João era do céu ou dos homens? Respondei!** Com isto Jesus não estava desviando a atenção e mudando de assunto. João Batista também tinha colocado o santuário central em Jerusalém de lado, ao atrair a população para o Jordão (1.5). Lá também apareceu uma delegação de Jerusalém e lhe fez perguntas parecidas, suspeitando reivindicações messiânicas: “Quem és tu?” (Jo 1.19). João Batista igualmente proclamou a mudança divina das épocas e convocou todo Israel à conversão (1.3s). Também com ele povo e liderança se dividiram, quando esta não se converteu e se deixou batizar (Lc 7.30), mas disse que João estava possesso (Mt 11.18). João Batista também acabou seguindo o caminho de ser entregue (1.14). Assim, Jesus se ligou de perto a João (cf. 9.11-13). A autoridade deste e a sua estavam intimamente entrelaçadas. O julgamento de uma testemunha haveria de incluir também a outra. Agora eles terão de tomar uma decisão fundamental diante de Deus.
- 31,32 E eles discorriam entre si: Se dissermos: Do céu, dirá: Então, por que não acreditastes nele?** Eles se retiraram para confabular e calcular. Eles tinham entendido muito bem o juízo que Jesus fizera deles: Não creram! A fé refere-se na Bíblia sempre ao Deus vivo, mas para eles Deus estava fora de cena. A eles interessava antes e depois de tudo como poderiam equilibrar as circunstâncias do momento. Deste modo, a desobediência deles na época de João reduzira visivelmente seu espaço de manobra, gerando cada vez mais desobediência. **Se, porém, dissermos: dos homens?** O raciocínio deles parou aí. Fazer esta pergunta implicava negá-la, pois equivaleria a transgredir contra o propósito da sua vida, que era conservar o poder. Acusando João Batista de herege, eles não poderiam manter-se, pois **temiam o povo. Porque todos consideravam a João como profeta.**
- 33 Então, responderam a Jesus: Não sabemos.** Abster-se de votar era sábio dentro da política pragmática e, por isso, dificilmente vergonhoso aos olhos deles. Este era o mundo onde eles estavam em casa. Em 12.14 eles podem mandar dizer o contrário: “Sabemos que és...” O que aconteceu aqui? Os “mestres em Israel”, “guias dos cegos, instrutores de ignorantes, mestres de crianças” (Jo 3.10, Rm 2.19s) tinham desqualificado a si mesmos. A habilidade superior de Jesus em conduzir a conversa os levava a isso. Sua dignidade como dignitários religiosos é oca. Eles mesmos assinaram embaixo da sentença pronunciada contra eles no v. 17. Deste modo, Jesus não precisou mais responder à pergunta que lhe fora feita. **E Jesus, por sua vez, lhes disse: Nem eu tampouco vos digo com que autoridade faço estas coisas.**

## 5. A parábola do julgamento dos vinhateiros maus, 12.1-12

(Mt 21.33-46; Lc 20.9-19)

- Depois, entrou Jesus a falar-lhes por parábola<sup>a</sup>: Um homem plantou uma vinha, cercou-a de uma sebe, construiu um lagar<sup>b</sup>, edificou uma torre, arrendou-a a uns lavradores<sup>c</sup> e ausentou-se do país<sup>d</sup>.**
- No tempo da colheita, enviou um servo aos lavradores para que recebesse deles dos frutos da vinha;**
- eles, porém, o agarraram, espancaram e o despacharam vazio.**
- <sup>4</sup> **De novo, lhes enviou outro servo, e eles o esbordoaram na cabeça<sup>e</sup> e o insultaram.**
- <sup>5</sup> **Ainda outro lhes mandou, e a este mataram. Muitos outros lhes enviou, dos quais espancaram uns e mataram outros.**
- Restava-lhe ainda um, seu filho amado; a este lhes enviou, por fim, dizendo: Respeitarão a meu filho.**
- Mas os tais lavradores disseram entre si: Este é o herdeiro; ora, vamos, matemo-lo, e a herança será nossa.**
- E, agarrando-o, mataram-no e o atiraram para fora da vinha.**
- <sup>9</sup> **Que fará, pois, o dono da vinha? Virá, exterminará aqueles lavradores e passará a vinha a outros.**
- Ainda não lestes esta Escritura: A pedra que os construtores rejeitaram, essa veio a ser a principal pedra, angular<sup>f</sup>;**
- <sup>11</sup> **isto<sup>g</sup> procede do Senhor, e é maravilhoso aos nossos olhos?**
- E procuravam prendê-lo, mas temiam o povo; porque compreenderam que contra eles proferira esta parábola. Então, desistindo, retiraram-se.**

## Em relação à tradução

<sup>a</sup> O termo está no plural mas, de acordo com o v. 12, trata-se somente de *uma* parábola. Será que Marcos quer dar a entender que escolheu uma de várias parábolas que Jesus contou em Jerusalém? Talvez o plural também só tenha significado proverbial: ele lhes falava por figuras.

<sup>b</sup> *hypolenion* é o tanque que recolhia o sumo das uvas pisadas.

<sup>c</sup> *georgos* significa “aquele que trabalha na terra”, e pode aplicar-se a qualquer tipo de agricultor.

<sup>d</sup> *apodemein* na verdade implica sair da terra natal (*demos*), mas não era usado rigorosamente para viagens ao exterior; todavia, refere-se sempre a grandes distâncias. Lc destaca em 10.9 a duração considerável da viagem.

<sup>e</sup> A palavra rara *kephalioun* também pode ter o sentido de “cortar a cabeça”; aqui, porém, ela forma um dos passos da intensificação do v. 3 para o v. 5 e dificilmente significa matar, mais provavelmente infligir um ferimento com perigo de vida.

<sup>f</sup> *kephale gonias* segue a forma do hebr. *rox pinna* e significa “o extremo do canto”. O termo identifica, portanto, “a pedra fundamental no canto exterior, com a qual se inicia uma construção, fixa sua posição e determina sua direção; como pedra lavrada ela é de qualidade especial e, diferente da maneira moderna de construir, pouco enterrada, visível”. Por isso também era possível tropeçar nela, como mostra Lc 20.18. Portanto, a idéia de que seja a “última pedra” na parte superior de um pórtico fica excluída (contra Jeremias, ThWNT I, 792; com Krämer, EWNT I, 647).

<sup>g</sup> *haute*, feminino, um semitismo (BI-Debr, § 4.3; 138.2) que neste lugar corresponde a *thaumaste*.

## Observações preliminares

1. *Contexto.* As pessoas a quem a comparação é dirigida são os líderes judeus, na continuação de 11.27. Ainda no último versículo fala-se “deles”, claramente para distingui-los da multidão, e no v. 10 os conhecedores e professores vocacionados da lei são especificamente confrontados. Da mesma forma o motivo da desavença entre Jesus e eles ainda é o mesmo, ou seja, o templo. Depois de entrar no templo (11.11), purificar o templo (11.15) e discutir a questão da autoridade no templo (11.27), a parábola da vinha também gira em torno dele pois, de acordo com escritores antigos, havia por sobre o pórtico do santuário herodiano uma grande videira dourada (Josefo e Tácito, passagens em Sandvik, p 55). O Talmude também aplicava o ramo da videira ao templo em Jerusalém (p ex no cântico da vinha em Is 5, que é subentendido aqui; Bill. I, 867). O comentário mostrará que também a citação do SI 118 nos v. 10s segue a mesma linha. Portanto, os endereçados são os representantes do templo. O propósito é que eles reconheçam o sentido terrível do seu “não” contra o último mensageiro de Deus e a pedra fundamental do novo templo. Este “não” deles acabará causando a destruição deles mesmos, se não derem meia-volta na última oportunidade. Mais uma vez a história da Paixão mostra que a liderança judaica da época e o povo não podiam ser separados totalmente. Disto resulta uma ampliação da palavra a todo Israel. De todo modo, esta parábola de Jesus, como todas as outras, pretende ser redirecionada. Ela acaba se dirigindo aos oficiais do povo de Deus de todos os tempos, sim, a cada membro da igreja: Será que estamos dando o fruto que Deus procura em nós, com os recursos que nos foram confiados? Especialmente o texto paralelo em Mateus deixa entrever estes sentidos em 21.43.

2. *Alegoria?* Sobre o termo alegoria, cf. opr 2 a 4.13-20. Assim como os rabinos interpretaram o cântico da vinha em Is 5 item por item em termos alegóricos (torre = altar dos sacrifícios no templo, lagar = depósito em que se guardava o vinho oferecido em libação, cf. Bill. I, 867), J. A. Bengel também fez com nossa parábola da vinha: a vinha é o povo judeu, a cerca sua diferença com os povos pagãos, o lagar o sacerdócio judaico, a torre a monarquia judaica, etc. Deste jeito, porém, não se chega a lugar nenhum. O corpo de Jesus, p ex, não foi desonrado como aqui no v. 8, ficando insepulto. Os assassinos também não foram castigados com destruição, como a parábola pressupõe, e a idéia da ressurreição do filho morto falta totalmente na parábola. Jesus, portanto, contou uma parábola genuína com *uma* idéia central, se bem que – e isto é tipicamente judeu – misturada com traços alegóricos. Isto acontece especialmente quando detalhes da narrativa tocam trechos do AT, o que por si já faz com que tenham sentido figurado. Como em todo o Oriente, p ex como a videira com seus detalhes é uma figura importante no AT (Is 5.1ss; 27.2-6; Jr 2.21; 12.10; Ez 15.6; 19.10; Os 10.1; SI 80.9-14; cf. Jo 15.1). Podemos comparar também o envio incansável de mensageiros em 2Cr 24.19; 36.15s; Jr 7.25s; 25.4 e a afronta inimaginável que Israel lhes infligiu em 1Rs 18.4; 2Cr 36.16; Ne 9.26,30; Jr 26.20-23 (cf. Lc 11.47-51; 13.34; At 7.52; 1Ts 2.14-16), assim como a decisão do v. 7 com Gn 37.18-20 ou o filho amado mas não poupado do v. 6 com Gn 22.2,12 (cf. Rm 8.32). Estes contatos com o AT produzem sons paralelos constantes para orelhas judaicas, e seria difícil provar que Jesus não tivesse esta intenção.

3. *A citação do SI 118.* Será que a parábola procede mesmo da boca de Jesus, ou é formação posterior da igreja? Esta questão é muito debatida. Não podemos investigar aqui todos os prós e contras, mas queremos analisar neste contexto pelo menos a citação do salmo nos v. 10s. Como SI 118.22s tinha um lugar firme entre os primeiros cristãos (p ex At 4.11; 1Pe 2.4,7), muitos pesquisadores consideram pelo menos esta citação um acréscimo posterior. Todavia, pode ter acontecido exatamente o contrário: foi a igreja que recebeu esta



palavra-chave do seu Senhor. Uma série de elementos mostra como ela está ancorada nas circunstâncias históricas em volta de Jesus:

a. Em primeiro lugar, era um costume bem judaico aprofundar o sentido de uma parábola com uma passagem da Escritura (Schniewind, 154);

b. Os contemporâneos de Jesus tinham um interesse vivo no [Sl 118](#), já que ele fazia parte dos cânticos que os peregrinos entoavam quando subiam ao templo ([11.9s](#)), e com ele se encerrava o grande *Hallel* na Noite da Páscoa. Ele tinha nuances messiânicas e tinha relação específica com a localidade de Jerusalém;

c. É improvável que Jesus tenha deixado o sentido do seu caminho – do jeito que está indicado até o v. 8 – sem um sinal positivo. Depois de tudo o que sabemos dele, ele não via seu destino em um campo juncado de cadáveres – os empregados mortos, o filho morto e, por fim, os arrendatários também mortos. Por mais clara que fosse nele a certeza da sua morte, com a mesma firmeza ele era sustentado pela percepção de um sentido divino. Para ele, com esta morte não estava tudo acabado, mas tudo consumado ([Jo 19.30](#)). Por isso ele mesclou seus ensinamentos sobre o sofrimento coerentemente com declarações sobre sua ressurreição ([8.31](#); [9.9-13,31](#); [10.33,34](#));

d. Os próprios escribas gostavam de chamar-se de “construtores” (Bill. I, 876). Esta referência ao [Sl 118](#) não surgiu na cabeça de cristãos posteriores em algum lugar do mundo.

- 1 Depois, entrou Jesus a falar-lhes por parábola.** Com seu endurecimento incrível em 10.33, os líderes judeus tinham perdido a chance de uma resposta direta de Jesus. Em lugar disto eles recebem agora um comunicado velado, que certamente os atinge (cf. v. 12), mas apenas ainda de longe, abafado por uma viseira abaixada. Jesus respeita também nossas decisões nefastas, no fim até o ponto de nos deixar quase sozinhos com elas. Sobre esta função das parábolas, veja opr 5 a 4.1,2 e opr 2 a 4.3-9. Entretanto, será que não é sem sentido que Jesus conte uma parábola que ele já podia prever que endureceria ainda mais os seus adversários? De forma alguma, pois faz parte de uma decisão judicial completa não só que ela seja pronunciada e executada com força física, mas também que seja convincente. Isto também serve de ponto de partida para a conversão de pelo menos uma parte dos seus ouvintes (cf. v. 9). A pregação condenatória também pode gerar salvação, às vezes só ela.

**Um homem plantou uma vinha.** Os detalhes mencionados a seguir contêm recordações específicas do discurso condenatório de Is 5.1-7. **Cercou-a de uma sebe, construiu um lagar, edificou uma torre, arrendou-a a uns lavradores.** Aliás, compare também a pergunta lá no v. 4 com o v. 9 aqui. Mesmo assim, não temos aqui mais que reminiscências leves. Jesus descreve um caso bem diferente que Isaías, pois não fala de uma vinha infrutífera que é devastada, mas de uma vinha bem frutífera mas cujos arrendatários rebeldes são castigados e que é entregue em outras mãos. Em Isaías não lemos nada sobre um proprietário e seus mensageiros e sobre a morte do seu filho. Tanto Isaías como Jesus, porém, sabiam que uma vinha como esta é um empreendimento de valor. Nenhum deles diz somente que uma vinha foi plantada. Ela demandou trabalho duro até ser arrancada de uma ribanceira. Pedras e cascalho tinham de ser carregados para fora e empilhados à guisa de muro em volta do terreno, melhorados com estacas e espinhos até formar uma **sebe**, alta e fechada o suficiente para manter animais grandes e pequenos fora. Era necessário construir terraços, escavar degraus, na rocha tinha de ser esculpida uma instalação de tanques: uma cuba superior, em que as uvas eram amassadas com os pés, e mais em baixo o **lagar**, para onde escorria o sumo. A **torre** mencionada certamente era uma construção firme, não uma cabana qualquer (cf. figura em LzB, Sp 1441). Isto combina com uma instalação grande, que era utilizada por vários viticultores. A torre abrigava salas administrativas e locais de pernoite para a época da colheita. Ela também servia de mirante para ficar à espreita de ladrões.

O que a videira representa? Em Isaías, onde Deus se dirige ao povo todo, ficamos sabendo que “a vinha é a casa de Israel” (5.7). Naturalmente devemos manter a aplicação a Israel, em concordância com o AT e o judaísmo, mas aqui temos de olhar mais de perto. Para Jesus, a vinha é algo que tinha sido confiado prioritariamente à liderança de Israel. Jesus tinha os “lavradores” em mira, os professores da lei, principais sacerdotes e anciãos do Conselho Superior de Jerusalém. Recorde-se aqui o que foi dito na opr 1, onde também se pode ver o tema de todo o contexto: em questão estava o templo em Jerusalém. Este estava confiado especialmente ao Conselho Superior. Paulo diz em Rm 3.2: “Aos judeus foram confiados os oráculos de Deus”, e em 9.4s: “Pertence-lhes a adoção e também a glória, as alianças, a legislação, o culto e as promessas; deles são os patriarcas, e também deles descende o Cristo”. Tudo isto também pode ser resumido como Mateus o faz em seu relato

paralelo (21.43): Israel tinha o privilégio de experimentar o “reinado de Deus”. Para isto o templo se tornara o centro visível.

**Arrendou-a a uns lavradores e ausentou-se do país.** É evidente que questões prementes o levaram ao exterior, obrigando-o a deixar em mãos de outros esta vinha preciosa que custara tanto trabalho penoso. Isto ia muito além de fazer negócios. Só pessoas de confiança entravam em cogitação. Portanto, aqui é um amigo que se despede de amigos.

- 2 **No tempo da colheita, enviou um servo aos lavradores para que recebesse deles dos frutos da vinha.** Cinco anos depois de plantar uma vinha nova é que o proprietário podia fazer a primeira colheita (Lv 19.23-25) ou – no caso presente – mandar outros colher por ele. É óbvio que ele não exigiu todo o produto, mas só a parte estabelecida com antecedência, que devia ser paga em espécie. Os arrendatários tinham o direito de ser recompensados por seu empenho. O proprietário, portanto, ateu-se ao contrato. Ele ainda era o mesmo como quando da sua assinatura. No outro lado, porém, deve ter acontecido uma transformação sinistra:
- 3 **Eles, porém, o agarraram.** Eles viraram tudo do avesso. O mensageiro viera para “tomar” (v. 2) parte dos frutos da vinha como fora acordado, mas eles o “tomaram”, **espancaram e o despacharam vazio.** Zombeteiros eles invertem a missão do enviado. Aqui ainda não temos uma explicação para esta rebelião, que não só quebrou um contrato, mas penetrou fundo nos corações. A princípio o leitor deve sentir apenas o inacreditável: Traição! Não havia desculpas. Não transparece nada na história de que os vicultores se sentissem explorados pelo latifundiário estrangeiro. Na sequência as ações se intensificam dramaticamente dos dois lados. Por um lado temos as tentativas tocantes do proprietário de restabelecer a relação de confiança, do outro lado as agressões desvairadas dos arrendatários, com que comprovam o rompimento total das relações. Podemos até dizer que os dois lados “endureceram”, o proprietário no bem, os arrendatários no mal.
- 4,5 **De novo, lhes enviou outro servo, e eles o esbordoaram na cabeça e o insultaram. Ainda outro lhes mandou, e a este mataram. Muitos outros lhes enviou, dos quais espancaram uns e mataram outros.** Bater – ferir – matar! Assim eles incrementam suas respostas às mensagens do amigo distante. Este não podia nem queria entendê-los, e enviava sempre de novo pessoas desarmadas do seu círculo mais próximo. Queria resolver tudo por bem. O que o motivava não era em primeiro lugar o interesse material. A perda de colaboradores preciosos certamente ultrapassara há muito o valor da renda. Ele não queria o dinheiro, mas reconquistar a confiança. Ap 2.4 desponta aqui: “Tenho contra ti que abandonaste o teu primeiro amor”.
- E. Hirsch chegou a escrever (em Haenchen, p 399): “O proprietário da vinha agiu como um louco”. Certamente, foi o que pareceu da perspectiva dos arrendatários. Para eles, ele parecia burro ou pelo menos covarde, por não acionar nem a justiça nem a polícia; esta possibilidade ele tinha, de acordo com o v. 9. Outra lógica eles não viam mais na atitude dele. Mundos os separavam dele. Amor e maldade pensam e agem totalmente separados um do outro. Um não entende mais o outro.
- Nesta altura temos de encerrar a simples narrativa da história. O mais tardar aqui os ouvintes judeus perceberam que duas outras histórias estavam escondidas nas entrelinhas: a história secular de Deus com seu povo, e a história de Jesus com o Conselho Superior. Era como se um filme fosse projetado de duas ou três perspectivas diferentes. Jesus está desenhando o contraste entre uma paciência incompreensível e uma deslealdade e teimosia igualmente incompreensível. Mas a história ainda não está no fim. Os dois próximos versículos trazem um último ponto culminante. Maldade e amor se intensificam mais uma vez. A partir de agora o envio do filho e seu destino são a questão-chave. A frase anterior, que diz que o proprietário da vinha enviou empregados até que não tinha mais nenhum, prepara o significado extraordinário do envio do filho. Depois acabou!
- 6 **Restava-lhe ainda um, seu filho amado.** O judaísmo se ocupou intensamente com a tipologia de Isaque. Por isso os ouvintes de Jesus não perdiam uma sílaba. Isaque era “teu único filho, a quem (Abraão) amas”, e a quem o pai “toma” para sacrificá-lo (Gn 22.2). No entanto, também a tipologia de José se cumpre. José também era o “filho” que o pai “amava mais” que todos os outros. Também ele foi “enviado” à procura dos seus irmãos. Quando, porém, o viram chegando de longe, decidiram “de comum acordo” matá-lo. “Tomaram-no” e “lançaram-no” na cova (Gn 37.3,13,16,18s,24). A suposta morte de José acabou sendo a salvação do clã. Portanto, na parábola nos deparamos com elementos teológicos que são apelos indiscutíveis em seu vínculo com o AT. Lembramos ainda que “Abba, querido pai” era o coração evidente da relação de Jesus com Deus, bem como das assertivas

de 1.11 e 9.7. Diante disto deve ser inegável que Jesus sabia ser este “filho amado” e o declarava aos seus ouvintes.

**A este lhes enviou, por fim, dizendo: Respeitarão a meu filho.** Por ser o último que Deus ainda tem, por Deus ter-se dado totalmente nele, derramando tudo o que tem em termos de amor e paciência, eles têm de ouvi-lo (cf. 9.7; Hb 1.1-3; 2.1-3). Como filho, ele é “a cara do pai” e encarna sua lealdade pura. Em sua pessoa, a bondade do Pai se mostra no meio da sala, em contraste com pressão, violência, justiça e polícia. Deste modo Jesus é a mão de Deus, desarmada e que, portanto, desarma, que Deus nos estende. Ele possibilita a conversão genuína, a obediência espontânea e o amor verdadeiro, de todo o coração, de toda a alma, de todas as forças de todo o entendimento.

Desta maneira Jesus respondeu à pergunta de 11.28 sobre a sua autoridade. A esperança de Deus: “Meu filho respeitarão”, é apropriada e a única admissível. Ela é sensata em todos os sentidos. Quem não haveria de voltar-se para este Jesus e amar, louvar e servir a Deus! Tudo o mais só é imaginável como possibilidade impossível. Todavia, é exatamente esta outra alternativa que acontece.

- 7 Os vinhateiros são capazes de contrapor à lógica clara do seu patrão um raciocínio profundamente escuro. Um dos diálogos consigo mesmo mais sinistros da Bíblia (Gn 37.19; Mc 2.7; Lc 12.17-19,45; 16.3,4; 18.4,5; Ap 3.17) lança luz sobre os pensamentos deles: **Mas os tais lavradores disseram entre si: Este é o herdeiro.** O assassinato, portanto, não é cometido porque não o conhecem, mas porque o identificaram. Como isto é possível: reconhecê-lo e matá-lo!? **Ora, vamos, matemo-lo, e a herança será nossa!** Em termos históricos, o plano se enquadra nas condições legais da Palestina (cf. Hengel; Jeremias, Gleichnisse, p 72s; Jerusalem, p 313; Haenchen, p 398). Mas olhemos logo para a história de Israel. Ali encontraremos a fonte do sacrilégio. Israel tinha desvinculado do doador a propriedade que lhe fora confiada, a “vinha”, e queria ser dono, queria ser como Deus. Isto produziu a deterioração do seu ser, até se tornar irreconhecível. Aqui cabe a lembrança da sentença de Jesus contra a hierarquia judaica em 11.17. Da posição que Deus lhes conferira, eles tinham feito literalmente um negócio, do serviço santo a extorsão, do templo de Deus um esconderijo de assassinos, da casa de oração uma sede de partido. Com isto se cumpriu também o cântico da vinha em Is 5.7: “O Senhor desejou que exercessem juízo, e eis aí quebrantamento da lei; justiça, e eis aí clamor”. A acusação sempre é a mesma contra os sacerdotes de Israel: Jr 2.8; 6.13; Mq 3.11; Sf 3.4; Ml 1.6–2.9. Especialmente Os 4.4-19 denuncia a negligência do ensino verdadeiro, ganância, politicagem e libertinagem. “Que ninguém abra um processo e que ninguém julgue! Pois, na realidade, o meu processo é contra ti, ó sacerdote! [...] Porque tu rejeitaste o conhecimento, eu te rejeitarei do meu sacerdócio” (Os 4.4-6).
- 8 **E, agarrando-o, mataram-no e o atiraram para fora da vinha.** Como possesores, sem dar tempo para pensar duas vezes, eles agem. Nisto a destruição física não lhes basta (cf. 8.31). A compulsão de ofender é insaciável neles: eles ainda profanam o cadáver, recusando-lhe o enterro (Is 14.19; Jr 7.33; 16.4; 1Sm 17.44,46).
- 9 Nesta altura a parábola é interrompida. Como Is 5.1-7, ela é uma parábola de questionamento, que a certa altura desafia os ouvintes a terminar a história: **Que fará, pois, o dono da vinha?** O fato de não se ouvir resposta pode indicar mais uma vez o endurecimento dos ouvintes. Este silêncio obstinado já conhecemos de 3.4 e 11.33. Os endereçados não atendem ao apelo de conversão que, conforme o v. 12, entenderam muito bem, mas insistem em marchar em frente em seu caminho. Tolice cega, que tem esperança no sucesso de um plano que zomba de todas as normas válidas! Então Jesus responde por eles (cf. de novo Is 5.5): **Virá, exterminará aqueles lavradores e passará a vinha a outros.** Pela norma de que o peso deve estar atrás no barco, o mais importante vem no fim: Jesus renova sua sentença contra a liderança judaica. Desta vez, porém, ele também anuncia a condenação para desviá-la. Para homens como José de Arimatéia (15.43), uma palavra como esta pode ter servido de bênção.
- 10,11 Com uma segunda pergunta, Jesus contesta a qualificação dos seus ouvintes professores da lei (cf. 2.25; 12.24,27; Jo 3.9): **Ainda não lestes esta Escritura?** É claro que conheciam bem a passagem seguinte do Sl 118.22s (cf. opr 3b), e praticamente não existia quem superasse sua leitura sistemática da Bíblia (At 13.27). Mas para este trecho eles tinham um ponto preto na retina: **A pedra que os construtores rejeitaram, essa veio a ser a principal pedra, angular; isto procede do Senhor, e é maravilhoso aos nossos olhos.** Esta palavra se enquadra no sentido da regra de José em Gn 50.20 (cf. 45.5-8). Deus conserta o que as pessoas estragaram. No contexto de At 4.11 a citação tem o mesmo sentido. O filho rejeitado é honrado por Deus, e o que é feito em um, resulta em importância salvífica para todos. O filho assassinado se torna pedra angular, fundamental de vida

para o novo templo e para um povo sacerdotal santo de todas as nações (14.58; 15.29,38; 1Pe 2.4-10).

- 12 E procuravam prendê-lo.** A decisão de matá-lo encontramos já em 3.6. A partir de 11.18 a questão só era o como. Esta preocupação preencheu os dias em Jerusalém (14.1). O problema para os judeus era sempre o mesmo: **Mas temiam o povo** (11.18,32; 14.2). Quanto ao mais, a parábola cuidara para que houvesse clareza total. **Porque compreenderam que contra eles proferira esta parábola.** Eles mesmos o tinham ouvido, como 4.12 pressupunha. Treinados na interpretação de parábolas, eles sabiam que tinham sido apanhados como os maus vinhateiros. Mas, exatamente como naquela palavra, este grito de alerta só tinha tornado sua resistência definitiva. A partir de agora eles se ocupam ainda mais com planos de assassinato. Num movimento brusco, eles vão embora. **Então, desistindo, retiraram-se.** Foi o último grande confronto com ele – antes do interrogatório.

## 6. A pergunta sobre o imposto do imperador, 12.13-17

(Mt 22.15-22; Lc 20.20-26)

**E enviaram-lhe alguns dos fariseus e dos herodianos, para que o apanhassem em alguma palavra.**

**Chegando, disseram-lhe: Mestre, sabemos que és verdadeiro e não te importas com quem quer que seja, porque não olhas a aparência dos homens<sup>a</sup>; antes, segundo a verdade, ensinas o caminho de Deus; é lícito pagar tributo<sup>b</sup> a César ou não? Devemos ou não devemos pagar?**

**Mas Jesus, percebendo-lhes a hipocrisia, respondeu: Por que me experimentais? Trazei-me um denário<sup>c</sup> para que eu o veja.**

**E eles lho trouxeram. Perguntou-lhes: De quem é esta efígie e inscrição? Responderam: De César.**

**Disse-lhes, então, Jesus: Dai<sup>d</sup> a César o que é de César e<sup>e</sup> a Deus o que é de Deus. E muito se admiraram<sup>f</sup> dele.**

### *Em relação à tradução*

<sup>a</sup> Lit. “o rosto”; a expressão se explica pela saudação reverente dos orientais, em que a pessoa curva o rosto humildemente ou até se ajoelha, à espera de que o outro levante o seu rosto e olhe em seus olhos, em sinal de boa vontade (p ex Gn 32.21). No caso de um juiz, porém, este olhar poderia causar favorecimentos e turvar a jurisprudência incorruptível. Neste sentido Deus não olha os rostos, isto é, não faz acepção de pessoas (p ex Gl 2.6; Rm 2.11; Lohse, ThWNT VI, 780).

<sup>b</sup> Diferente de *phoros* em Lc 20.22, palavra que abrange vários tipos de imposto, aqui está o estrangeirismo do latim para imposto, *kensos*, que identificava o imposto pessoal pago específica e diretamente ao imperador. Manuscritos posteriores substituíram a palavra sem problemas por “imposto por cabeça” (*epikephalaion*). Este era recolhido anualmente com o mesmo valor para cada pessoa e com uma moeda específica, a “moeda do censo” (Mt 22.19), o denário (cf. nota d).

<sup>c</sup> O denário de prata que o imperador Tibério (14-37) mandou cunhar estava difundido até na Índia e tem sido encontrado em grandes quantidades. Seu diâmetro é de 18 mm, seu poder de compra correspondia a um dia de trabalho (Mt 20.2-13). A frente traz o imperador representado como um deus, com a inscrição: “Imperador Tibério, filho do divino Augusto, digno de adoração”. O verso continua a lista de títulos: “Supremo sacerdote”, e a rainha-mãe está sentada em um trono divino, como encarnação da paz celestial.

<sup>d</sup> Provavelmente tem algum sentido no fato de que Jesus não fala em dar, *didonai*, o imposto pessoal, como no v. 14, mas em *apodidonai*, devolver. O termo pode, apesar do prefixo, ter o mesmo sentido da forma simples, mas também pode ter o sentido ampliado de cumprir o dever ou uma obrigação, ou receber um direito: vingar, restituir, devolver; veja as passagens claras como Lc 7.42; 9.42; 19.8; Mt 5.26; 1Co 7.3. Paulo também captou este sentido ao retransmitir a instrução de Jesus: “Pagai a todos o que lhes é devido: a quem tributo, tributo... [...] A ninguém fiquéis devendo coisa alguma” (Rm 13.7s; com Stauffer, Lohmeyer, Grundmann, Pesch; contra Bornkamm, p 112).

<sup>e</sup> *kai* tem aqui um sentido adversativo: “Mas também e especialmente a Deus o que é de Deus!” A ênfase se desloca para a segunda metade (com Hengel, em Pesch II, p 227), de modo que não se forma um equilíbrio exato, uma distribuição igual para duas áreas de deveres.

<sup>f</sup> *ekthaumazein*, aumentativo de *thaumazein* em 5.20; 6.6; 15.5,44, só aqui no NT.

### *Observações preliminares*

1. *Contexto*. “Eles o compreenderam e se retiraram” (v. 12) continua em seguida: “E enviaram-lhe...” Portanto, eles não tinham ido embora para desistir dele. Suas percepção não causara a conversão, apenas fortalecera sua única preocupação: eliminar Jesus! Com este objetivo, uns após outros os fariseus (v. 13-17), os saduceus (v. 18-27) e os professores da lei (cf. v. 38-40) se apresentam diante de Jesus para o debate. (O escriba dos v. 28-34 pertencia claramente a outro contexto.)

2. *A introdução do imposto pessoal na Judéia*. Greves contra o pagamento de impostos sempre havia, mas no v. 14 a pergunta, feita em uma região específica e com determinados antecedentes, tinha seu peso próprio. Em consequência da sua política servil a Roma, Herodes o Grande tinha obtido para a terra judaica a posição de reino “amigo”. Diferente de províncias conquistadas, ali não havia forças de ocupação, o sistema judicial era próprio, a administração dos impostos autônoma e seus moradores não eram obrigados a pagar o imposto pessoal, o tributo dos súditos. Depois da morte de Herodes no ano 4 a.C. as regiões que ficaram sob o governo dos seus filhos tinham privilégios semelhantes. Somente Arquelau, em seus domínios constituídos de Judéia, Samaria e Iduméia, governou de maneira tão terrorista que Roma o depôs depois de 10 anos (ano 6), e a região inquieta passou a sentir o gosto da forma mais severa de dependência de Roma. Ela foi submetida a um procurador romano (BJ: governador) e perdeu os privilégios citados. Isto incluiu a instituição do imposto por pessoa, que tinha de ser pago com a mesma moeda de prata do restante do império (cf. v. 15n). Exatamente este item, porém, cresceu até se tornar um problema imprevisto na Judéia. Primeiro temos de lembrar do valor simbólico do dinheiro na Antigüidade. A área de validade de uma moeda refletia o poder do rei que a cunhara. Na frase: “Sua moeda saiu para todo o mundo”, “moeda” substitui o conceito de “domínio” (Bill. I, 884). Esta idéia tinha de ser especialmente dolorosa na questão do imposto pessoal. Ela conscientizava drasticamente cada judeu que ele pessoalmente era súdito do imperador pagão, o que ele conseguia ignorar mais ou menos quando pagava impostos indiretos. Pagar era um gesto de submissão. Além disso, o denário do imperador concorria diretamente com o imposto do templo, também pessoal (cf. Mt 17.24-27). Por meio dele, cada judeu no mundo todo declarava sua ligação com o templo de Jerusalém e com Iavé. Por isso o antigo conflito de Israel – governo de Deus/governo estrangeiro – que não se acalmara desde a servidão sob o faraó, vinha novamente à tona. Um obstáculo adicional era causado pela proibição de fazer imagens de Êx 20.4s,23). Como o ser humano fora criado à imagem de Deus, para os judeus religiosos toda representação humana era blasfêmia. Além de tudo isso, a efígie no denário de prata tinha forma e inscrição de objeto de culto, portanto, era idolatria descarada. Por isso se disse de um religioso que “durante toda a sua vida ele nunca olhou uma moeda” (em Kleinknecht, ThWNT II, 385). Estes fatores conjugados provocaram no ano 6 uma revolta de consequências graves.

3. *Os zelotes*. Os judeus fiéis à lei não conseguiram chegar a uma posição unânime em relação ao imposto pessoal. De um lado diziam todos os fariseus: “Paguem, com toda a humilhação que isto causa! Violência contra Roma equivaleria a violência contra o próprio Deus, pois ele nos impôs este governo estrangeiro como castigo, pois nós falhamos em nossa fidelidade à lei. Só o que podemos fazer é nos arrepender, ser obedientes à lei e orar contra Roma.” Do outro lado, homens decididos se separaram dos fariseus e passaram a chamar-se, seguindo exemplos do AT e do judaísmo, de “zelosos por Iavé” (*zelotai*). Para eles, pagar o imposto pessoal era alta traição do Deus da aliança. Quem pertencia a Iavé tinha de se negar a pagá-lo, tomar a espada e levantar-se contra os sem lei. Importava forçar a vinda do Messias por meio de atos de fé e de martírios, pois Deus não poderia deixar de enviá-lo. Deste modo, os zelotes incendiaram um messianismo religioso-revolucionário (cf. 13.22,23).

Os romanos afogaram esta revolta em sangue (At 5.37) e impuseram o imposto pessoal na Judéia. Os zelotes, porém, se tornaram clandestinos. Com emboscadas e atentados eles mantinham os romanos ocupados. Abasteciam-se pelo roubo. No meio do povo eles conquistavam cada vez mais adeptos e simpatizantes. Quem se unia a eles, “tomava a sua cruz sobre si” (cf. 8.34), ou seja, esta forma de execução esperava por ele em caso de prisão, e ele tinha de contar com isso. Esta era a situação quando Jesus entrou em cena. Uma geração mais tarde eles conseguiram arrastar todo o povo para uma revolta, até os fariseus. A Guerra Judaica durou de 66-70, até que a máquina de guerra romana arrasou tudo e destruiu Jerusalém e o templo. Os últimos zelotes se suicidaram três anos mais tarde na fortaleza de Massada. A partir dali o judaísmo religioso seguiu novamente a direção antiga e relativamente apolítica dos fariseus. Veja At 5.35ss: O próprio Deus vai agir!

4. *Jesus e os zelotes*. Este tema requer uma visão geral dos evangelhos. Procuremos somente provas diretas. Na verdade são só três passagens. Entre os discípulos é contado um antigo zelote: Lc 6.15; At 1.13; Mc 3.18 (aqui a forma aramaica “cananeu”). Na verdade aqueles que se mantinham à distância dos zelotes costumavam usar outro termos para estes guerrilheiros subversivos. Josefo, o partidário de Roma, sempre os chamou de “ladrões” (*lestes*, Lutero: “assassinos”), mas também alguns rabinos falam deles assim, e o termo injurioso chegou ao grau de identificação própria orgulhosa (Rengstorf, ThWNT IV, 263ss; Hengel, p 30,265,347; Stauffer, Jesus, p 123ss,169ss). Sob estas circunstâncias o material direto se multiplica. “Ladrões”, para os evangelistas, nem sempre são salteadores comuns de estrada, como quando Jesus foi preso “como um ladrão” (14.48), colocado ao lado de um “ladrão” (Jo 18.40) e crucificado entre dois “ladrões” (15.27). A multidão com tendências zelóticas sempre de novo tentara empurrar Jesus para este papel por bem, a liderança judaica



por mal, da mesma forma como Jesus provou sua lealdade defendendo-se deste conceito errôneo. No fim o capuz lhe foi enfiado pela cabeça contra a sua vontade. Na inscrição sobre a cruz, Pilatos registrou este mal-entendido: um messias zelótico executado! (15.26).

- 13 E enviaram-lhe alguns dos fariseus e dos herodianos.** Os herodianos desempenhavam na Galiléia um papel semelhante aos saduceus em Jerusalém, ou seja, abriam alas para os romanos (cf. 3.6). Eles estão na cidade como acompanhantes do seu senhor, que viera para a festa (Lc 23.7). O fato de Jesus ser cidadão da Galiléia explica sua competência aqui. Estranha é somente sua harmonia com os fariseus, que não tinham nenhuma simpatia pelos romanos (opr 3). Contudo, a hostilidade contra Jesus uniu muita gente (Lc 23.12). **Para que o apanhassem em alguma palavra.** Eles sabiam uma pergunta que não tinha saída. Qualquer resposta seria um laço. Com isto eles evidentemente adotam outra tática. Não perguntam mais diretamente por sua autoridade para ensinar (v. 28; 11.28), mas o reconhecem como “mestre” (v. 14,19,32), para comprometê-lo com o que ele disser.
- 14 Chegando, disseram-lhe: Mestre, sabemos que és verdadeiro.** Na consciência dos inimigos mortais a verdade também brilha. Eles, porém – diferentemente de Nicodemos em Jo 3.2 – não se sentiam comprometidos com este conhecimento. Há pouco, em 11.33, eles tinham dito de cara limpa: “Não sabemos”. **Não te importas com quem quer que seja, porque não olhas a aparência dos homens; antes, segundo a verdade, ensinas o caminho de Deus.** Assim Jesus ouviu os “hipócritas” (v. 15) louvar seu amor incondicional pela verdade e encorajá-lo a não deixar que seja turvado. A hora é realmente sombria quando pessoas que só esperam o momento propício para colocar as algemas incentivam a vítima: Sinta-se à vontade, aqui você pode falar livremente!
- É lícito** iniciava entre os judeus um debate sobre a vontade de Deus em determinada questão: Deus permite? (cf. 3.4). Deus poderia proibir o que a lei do estado ordena. **Pagar tributo a César ou não?** A opr 2 esclareceu que os judeus apresentaram aqui o ferro mais quente da política do momento. Jesus parecia estar perdido numa armadilha sem saída. Se ele se pronunciasse contra o imposto pessoal, ele estaria praticamente convocando para a revolta política e os romanos teriam agido imediatamente. Este com certeza era o resultado objetivado pelos inquiridores. Ainda em Lc 23.2 se vê que eles sempre de novo tentaram empurrá-lo nesta direção, para livrar-se dele pelas mãos de Pilatos. Se, porém, Jesus fosse a favor do pagamento, as multidões, favoráveis aos zelotes, teriam retirado sua proteção e o abandonado. Então, seria fácil agarrá-lo e fazê-lo desaparecer. A pergunta, portanto, fora muito bem elaborada. **Devemos ou não devemos pagar?** Sem misericórdia eles apertam mais fundo.
- 15 Mas Jesus, percebendo-lhes a hipocrisia.** Esta era mais que fingimento subjetivo, mas alienação objetiva: membros do povo de Deus atuam como servos do Tentador (7.6n). **Por que me experimentais?** Na tentação deles (ainda em 8.11; 10.2) ele sentia o bafo do Tentador que o perseguia como uma sombra e queria atraí-lo do caminho do Filho do Homem sofredor para a estrada do Messias zelótico (1.13; 6.45; 8.32; 14.38; 15.29-32; cf. Jo 6.15). Assim armado espiritualmente, Jesus encara a questão: **Trazei-me um denário para que eu o veja.** Concluir disso que Jesus era pobre e não tinham nem um denário (Grundmann, p 327) ultrapassa os limites do texto. No caixa comunitário pelo menos uma vez parece ter havido 200 denários (6.37). Nesta altura, porém, é importante que os próprios que fazem a pergunta tenham um consigo. Da mesma forma Jesus não está dizendo que gostaria de conhecer a tal moeda. Ele a conhecia muito bem, mas sua intenção era que *eles* aprendessem algo, aprendessem a conhecer a si mesmos.
- 16 E eles lho trouxeram.** De modo natural ele estava presente, sempre à mão. Há muito tempo o denário ocupava seu lugar no comércio e na economia da Palestina. Os trabalhadores o recebiam como salário diário (Mt 20.1-10), hóspedes pagavam suas contas com ele (Lc 10.35), fregueses seu pão no mercado (6.39), e os cambistas os aceitavam no pátio do templo (11.15). Quando se tratava de negócios, as pessoas viviam com a moeda e com o imperador. Milhares de vezes, portanto, ele já tinha sido reconhecido como soberano. De repente, porém, na hora de pagar o imposto pessoal, eles se lembraram que pertenciam a Deus, e ficaram com problemas de consciência. Na continuação, a questão também não era se Jesus sabia ler, mas que *eles* o pronunciassem com os lábios, que seus próprios olhos os condenassem. Em Jesus havia algo do estilo demonstrativo e didático dos profetas do AT. **Perguntou-lhes: De quem é esta efígie e inscrição?** Cabisbaixos, quase mudos, ou fervendo de raiva, eles pronunciaram uma só palavra (em grego): **De César.** Com isto seus pés tinham sido trazidos de volta para o chão. Eles não precisavam mais acreditar em seu próprio discurso de “não

podemos mais nos calar” diante do imposto do imperador e “temos de protestar”. Eles sabiam muito bem calar, participar e lucrar. Depois de desta maneira limpar a mesa, Jesus começa:

- 17 Disse-lhes, então, Jesus: Dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus.** Jesus continua diretamente da resposta deles, “de César”, começando uma frase lapidar: “O que é de César...” Ao mesmo tempo, porém, está claro como ele generaliza: *tudo* o que é de César. Ele não se limitou à moeda do imposto, mas falou de um reconhecimento fundamental do imperador como governante do país. Acima de tudo, porém, a ênfase dentro da afirmação famosa recai sobre a segunda parte. É verdade que este toca em um assunto sobre o qual Jesus não foi perguntado, mas que revela seu verdadeiro interesse. A partir deste acréscimo Jesus abriu o problema que lhe fora colocado. Ali também começamos com o comentário.

**A Deus o que é de Deus!** Só sete palavras, das quais duas são “Deus”. Os fariseus também falavam muito de Deus. Mas quando eles diziam “Deus” e quando Jesus dizia “Deus”, eles não se referiam ao mesmo sentido. “Jesus não ensinava como os escribas” (1.22). Para eles Deus era uma grandeza distante. Anjos e demônios, pessoas e natureza lhes estavam mais próximos. Deus estava muito lá em cima e lá na frente. E no presente, não havia nada palpável de Deus e seu domínio? Havia, uma só coisa: a lei. Fora este “você deve/você não deve”, nada havia a experimentar e ter de Deus. A relação com Deus se esgotava no cumprimento da lei. É claro que o judaísmo sabia algo sobre a graça, mas isto ficava para mais tarde, na hora de fazer as contas com as obras da lei. No momento importava ter mais de 600 mandamentos e proibições na ponta da língua e também na ponta dos dedos. Não havia como escapar disso.

Ser religioso, portanto, significava esforçar-se sem ter tempo para tomar fôlego. A pessoa religiosa estava sempre sobrecarregada. Como ninguém lhe dava nada, ele também não dava nada a ninguém. Todo erro dos outros era anotado e retribuído. O pecador não podia se safar! Nestas circunstâncias, o amor ao próximo tinha muita dificuldade para se desenvolver. De tão carregados, ninguém podia assumir mais nada. No fundo todos na sociedade tinham uma atitude hostil, sempre prontos para a luta, poucas vezes prontos para fazer as pazes, sempre se protegendo dos outros.

Jesus ensinou Deus totalmente diferente: “O reinado de Deus chegou”, pelo menos o batalhão de vanguarda. Ele estendera sua mão desarmada bem à frente. Quem encontra a Jesus, toca nos dedos de Deus e, com isso, a libertação, a reconciliação, a recriação e o envio. Esta mão de Deus pode ser desprezada, empurrada para o lado ou até ferida – e como foi ferida! – mas ela nunca se fecha para esmurrar, continua sempre estendida no mundo humano: Reconciliem-se com Deus!

É nesta proclamação que devemos inserir a exclamação de Jesus: “A Deus o que é de Deus!” O que pertence a um Deus como este? Acima de tudo, isto: não se fechar à sua luz, crer em seu amor, seguir seu Filho. E todo o nosso mal deve ir para as suas mãos. Devolvam a Deus sua condição de Deus em suas vidas!

Sobre esta base também tem validade a frase anterior: **Dai a César o que é de César.** Isto agora é dito a pessoas que se tornaram totalmente em novas criaturas. Por terem aceito o amor, agora também aceitam a sensatez, passam a entender e perceber a condição deste mundo. Tensões religiosas, ideológicas ou nacionalistas se soltam, sentimentos e críticas saram. Elas se tornam capazes de respeitar o direito do Estado. As autoridades nem sempre agem direito, mas elas *têm* seu direito. Elas são de necessidade elementar para o bem coletivo. Sem elas valeria a lei do mais forte e a sociedade começaria a se devorar.

Em questão está agora bem mais do que o pagamento de impostos em si, que no mínimo era feito também pelos fariseus. Importava, p ex, fazê-lo sem ranger os dentes, sem dor na consciência, sem ser calculista, e conscientemente. Importava pagar a quantia certa, não por estratégia ou medo, mas “por dever de consciência”, como Paulo escreve em Rm 13.5. Ele não escreveu isto na inocência, pois tinha sofrido muita maldade na mão das autoridades. Estas experiências, porém, não anuviaram seu raciocínio claro. Não havia nenhum tom de amargura e raiva nas suas palavras. Como ele era um homem cheio do Espírito Santo e tinha aprendido de Jesus, ele era bem objetivo: Não fiquem devendo nada a ninguém! Nem ao Estado! Os discípulos de Jesus estão inseridos em situações não ideais e tensões e conflitos desgastantes, como testemunhas do bom reinado de Deus.

Jesus rejeitou a tendência de ver o diabo no Estado tanto como a de divinizá-lo. Demonizar pessoas ou instituições humanas sempre é injusto, pois não há criatura ou grupo do qual Deus se tenha retirado totalmente. Se uma pessoa fosse essencialmente má, o apelo à conversão para ela não faria sentido. E então o evangelho também não existiria mais para todos.

Assim, Jesus falou realmente de modo franco e aberto sobre a questão (v. 14), mas experimentando ajuda de cima (cf. Mt 10.18-20). Por isso o plano certo dos adversários fracassou. Eles também perceberam que ali havia mais que mera habilidade humana para debater. Sentiram o sopro da verdade, que os atingiu no âmago. **E muito se admiraram dele.**

## **7. A pergunta sobre a ressurreição, 12.18-27**

(Mt 22.23-33; Lc 20.27-40)

**Então, os saduceus, que dizem não haver ressurreição, aproximaram-se dele e lhe perguntaram, dizendo:**

**Mestre, Moisés nos deixou escrito que, se morrer o irmão de alguém e deixar mulher sem filhos, seu irmão a tome como esposa e suscite<sup>a</sup> descendência a seu irmão.**

<sup>20</sup> **Ora, havia sete irmãos; o primeiro casou e morreu sem deixar descendência;**

<sup>21</sup> **o segundo desposou a viúva e morreu, também sem deixar descendência; e o terceiro, da mesma forma.**

<sup>22</sup> **E, assim, os sete não deixaram descendência. Por fim, depois de todos, morreu também a mulher.**

<sup>23</sup> **Na ressurreição, quando<sup>b</sup> eles ressuscitarem, de qual deles será ela a esposa? Porque os sete a desposaram.**

<sup>24</sup> **Respondeu-lhes Jesus: Não provém o vosso erro de não conhecerdes as Escrituras, nem o poder de Deus?**

**Pois, quando ressuscitarem de entre os mortos, nem casarão, nem se darão em casamento<sup>c</sup>; porém, são como os anjos nos céus<sup>d</sup>.**

**Quanto à ressurreição dos mortos, não tendes lido no Livro de Moisés, no trecho referente à sarça, como Deus lhe falou: Eu sou o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó?**

<sup>27</sup> **Ora, ele não é Deus de mortos, e sim de vivos. Laborais em grande erro.**

*Em relação à tradução*

<sup>a</sup> A palavra grega também está ligada a “ressuscitar”. Os saduceus poderiam expressar assim que a única ressurreição em que acreditavam era a continuação da vida na pessoa dos descendentes.

<sup>b</sup> Com esta frase condicional (omitida por alguns manuscritos e versões), os saduceus dão a entender que, para eles, a ressurreição é um caso irreal, que eles só admitem para efeitos da discussão.

<sup>c</sup> As expressões fazem uma diferença clara entre homem e mulher. Na maneira judaica de pensar, uma mulher não pode casar ativamente, só ser desposada.

<sup>d</sup> Cf 11.25n.

*Observações preliminares*

1. *Os saduceus.* Apesar de Marcos mencionar este nome somente aqui, enquanto o grupo rival dos fariseus é citado nominalmente doze vezes, os saduceus têm importância decisiva para a história da Paixão. Os dois partidos se dividem na pergunta: Como Israel pode sobreviver em meio às influências pagãs? A isto os fariseus respondiam: Vedando todas as entradas e não cedendo nem um milímetro das suas tradições de fé! Os saduceus, por sua vez: Com cuidado, habilidade e propósito, fazer contato com os estrangeiros! É preciso tirar o melhor da situação para o bem do seu povo. No que tange à tradição, importa ater-se ao essencial, isto é, os cinco livros de Moisés (sem o que eles consideravam acréscimos neles). Naquilo em que Moisés silenciava, cabia atender às exigências da época. Os demais escritos do AT eles não consideravam obrigatórios, em especial os desdobramentos do ensino dos rabinos (“preceitos”, cf. opr 2 a 7.1-13). Do conjunto de crenças estavam excluídos os anjos, demônios, Satanás, esperanças escatológicas, ressurreição, juízo final. Esta lealdade muito limitada e aleatória à Escritura fazia os saduceus parecer liberais ou racionalistas. Sua colaboração diplomática com os dominadores e culturas estrangeiras do momento, que requeria os respectivos conhecimentos culturais e lingüísticos, fez deles um partido de elite. A classe superior aderira a eles, especialmente a aristocracia sacerdotal em Jerusalém. O templo se tornara sua base de apoio. Seu nome eles derivavam orgulhosos da linhagem sacerdotal dos zadoquitas no AT. Com seu interesse político no agora, não legaram escritos à posteridade. Sua ideologia do Estado centrado no templo sucumbiu com este no ano 70.

2. *Contexto.* Como segundo grupo mais representado no Conselho Superior, agora os porta-vozes dos saduceus se apresentam a Jesus. Apesar de nada ser dito sobre uma intenção traiçoeira, a história que eles usam como exemplo fala por si. Ela deve servir para ridicularizar Jesus, diminuindo, assim, sua popularidade. – Depois de passagens como 8.31; 9.9s; 10.34; 12.10s, temos aqui o grande parágrafo sobre a ressurreição. Os

saduceus talvez nem tenham se preocupado muito com a questão da ressurreição, mas Jesus sim, dado o seu caminho claro em direção à morte. O Deus de Abraão, Isaque e Jacó do v. 27, que ressuscita os que morrem, era o *seu* Deus. Por isso este trecho, com a história zombeteira absurda, despertou muita atenção na igreja quando ela relatava a morte do seu Senhor.

3. *O casamento no levirato*. Esta disposição (de *levir*, cunhado) é descrita detalhadamente em Dt 25.5-10. Moisés ainda pressupunha a convivência em clãs (“Se irmãos morarem juntos”, v. 5). Desta circunstância o mandamento, que também foi atestado em outros povos, recebe sua justificativa. Importava não só conservar a linhagem do irmão pela geração de um herdeiro em seu lugar, mas também de preservar as posses coletivas do clã. Estas estavam em perigo se alguém de outra tribo casasse com a viúva. Entrementes o estilo de vida tinha mudado. As filhas também tinham obtido o direito à herança (por isso eles falam em “filhos = criança” no v. 19, em vez de “filhos = masculino” como em Dt 25.5). A aplicação se tornara tão complicada que um capítulo inteiro do Talmude fora necessário para tornar a instrução praticável (*Jebamot*). Mas os saduceus estão discutindo apenas a nível acadêmico.

**18,19 Então, os saduceus, que dizem não haver ressurreição, aproximaram-se dele.** Desde o tempo dos macabeus a esperança da ressurreição era uma das convicções mais importantes dos judeus rígidos na fé, confessada com frequência, defendida com fervor, mesmo que ridicularizada pelos saduceus. Apesar disto eles se apresentam aqui lado a lado com os fariseus. Contra Jesus os adversários antes tão ferrenhos se unem. Como eles vêem que toda a estrutura social deles está sendo questionada, todos os meios lhes são válidos. Que estes senhores lhes ajudem agora à sua maneira. **E lhe perguntaram, dizendo: Mestre, Moisés nos deixou escrito que, se morrer o irmão de alguém e deixar mulher sem filhos, seu irmão a tome como esposa e suscite descendência a seu irmão.** Tipicamente judaico, à citação da Escritura segue uma história bem elaborada, para provocar uma briga teológica.

**20-22 Ora, havia sete irmãos; o primeiro casou e morreu sem deixar descendência; o segundo desposou a viúva e morreu, também sem deixar descendência; e o terceiro, da mesma forma.** Assim continuou até o sétimo (v. 23b). **E, assim, os sete não deixaram descendência. Por fim, depois de todos, morreu também a mulher.**

**23** A pressuposição da pergunta seguinte também é tipicamente judaica (Bill. I, 888). Eles pensavam que os ressurretos naturalmente retomariam a vida conjugal, e ainda com fertilidade fantástica. As mulheres dariam à luz todos os dias, assim como uma galinha põe todo dia um ovo. Ao justo são prometidos 600.000 filhos. **Na ressurreição, quando eles ressuscitarem, de qual deles será ela a esposa? Porque os sete a desposaram.** A lógica parece induzir a poliandria, caso haja ressurreição. Para a sensibilidade judaica, porém, isto seria um absurdo. Saboreando sua zombaria, os saduceus acham que o empurraram para um beco sem saída. Conclusão: a fé na ressurreição não pode ter lugar na confissão judaica.

**24** Realmente, eles trouxeram uma prova irrefutável, mas para algo totalmente diferente. **Respondeu-lhes Jesus:** Vocês estão enganados. “Errar”, na Bíblia, geralmente tem um sentido mais sério do que uma falha desculpável de percepção. A idéia é de um desvio da fé, de apostasia de Deus. Jesus continua: **Não provém o vosso erro de não conhecerdes as Escrituras, nem o poder de Deus?** Quanto mais fluentemente eles papagueiam versículos bíblicos, mais as realidades bíblicas lhes são distantes e estranhas. O que eles falam soa contrário à Bíblia e longe de Deus.

**25** Jesus passa para o assunto. Primeiro ele se distancia das especulações dos judeus quanto à ressurreição. **Pois, quando ressuscitarem de entre os mortos, nem casarão, nem se darão em casamento; porém, são como os anjos nos céus.** A ressurreição não é uma reconstituição material do corpo terreno. No livro sírio de Baruque (50.2; escrito depois do ano 70) lemos: “Assim como a terra os recebe (os mortos), também os devolve, sendo que nada se altera em sua aparência”. Depois da interrupção pela morte, a vida continua. Falar de “vida após a morte”, porém, soa meio desajeitado e provém mais da filosofia grega que da Bíblia. A continuação da vida pressupõe que a morte não seja uma interrupção de verdade, antes uma transição para uma forma de vida superior. De acordo com a Bíblia, a morte é o último inimigo, um atentado de verdade contra a vida e o Deus da vida (Sl 30.9s; 115.17; Is 38.18). Se existe ressurreição, trata-se de um milagre do poder de Deus, mesclando a identidade pessoal com as maiores surpresas: quanto poder, glória, incorruptibilidade, quanta perfeição! (1Co 15.35-57).

Jesus ilustra um pouco esta novidade total: **como os anjos**. De acordo com Gn 1.27 não é possível ser humano sem ser homem ou mulher, nós não seríamos nós mesmos. Mas assim como na perfeição

não há mais morte, também não haverá mais nascimento, casamento e geração. A figura só tem este sentido (com K. Barth III/2, p 357; contra Oepke, ThWNT I, 785).

- 26 Depois do “como” da ressurreição, Jesus esclarece sua realidade. **Quanto à ressurreição dos mortos, não tendes lido no Livro de Moisés, no trecho referente à sarça, como Deus lhe falou: Eu sou o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó?** Em contraste com as citações secundárias e sutis dos fariseus (Bill. I, 893s), Jesus escolhe um documento fundamental de Israel, o próprio cerne da revelação divina no Sinai, sua auto-apresentação. Do coração da fé da aliança de Israel brota aqui a fé na ressurreição. Rienecker opina sobre isto (Matthäus, p 299): “Hoje em dia não podemos imitar a argumentação de Jesus”. Mas por que não?

Na sarça ardente Deus tinha feito um juramento quanto a quem ele queria ser por toda a eternidade: o Pai dos patriarcas e dos seus descendentes. Ele queria existir para eles; este é o significado do seu nome Iavé. Por isso não existe um deus em geral, só assim. Separado de Abraão ou até contra ele não se pode ter Deus. É mais possível que não exista um Deus, do que existir um povo da aliança abandonado por Deus. Esta promessa tem duração de vida eterna, indo além da morte dos patriarcas. Deus continua sendo a ajuda destes mortos. Mas como ele poderia sê-lo se eles *continuassem* mortos? Portanto, eles não ficarão mortos, assim como Deus quer continuar sendo Deus. Os patriarcas podem morrer, Jesus pode morrer, os discípulos podem morrer, mas Deus jamais é um Deus dos mortos no sentido de que fica por isso. Só sob seus protestos eles ainda estão mortos. Esta revolta da divindade de Deus resulta na ressurreição dos seus seres humanos.

- 27 Assim, na sarça Deus se definiu como aquele que ressuscita as pessoas: **Ora, ele não é Deus de mortos, e sim de vivos** (Rm 4.17; Hb 11.19). A divindade de Deus é a base da nossa esperança de ressurreição, não uma eventual substância indestrutível, “imortal”, dentro de nós. A oposição ativa de Deus espelhou-se também em 5.39, onde Jesus, em face do poder da morte, negou o poder da morte e pôde dizer que a menina só dormia. Lá Jesus testemunhou como o Deus que ressuscita é real, sob as risadas dos circundantes, aqui sob a zombaria dos saduceus. Como eles não faziam a mínima idéia de Deus, ele encerrou o assunto: **Laborais em grande erro!** Eles eram professores da lei impossíveis, por serem falsos.

## 8. A pergunta sobre o maior mandamento, 12.28-34

(Mt 22.34-40; Lc 10.25-28)

- 28 **Chegando um dos escribas, tendo ouvido a discussão entre eles, vendo<sup>a</sup> como Jesus lhes houvera respondido bem, perguntou-lhe: Qual é o principal de todos os mandamentos? Respondeu Jesus: O principal é: Ouve, ó Israel, o Senhor, nosso Deus, é o único Senhor! Amarás, pois, o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma<sup>b</sup>, de todo o teu entendimento e de toda a tua força<sup>c</sup>.**  
**O segundo é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Não há outro mandamento maior do que estes.**
- 32 **Disse-lhe o escriba: Muito bem, Mestre, e com verdade disseste que ele é o único, e não há outro senão ele, e que amar a Deus de todo o coração e de todo o entendimento e de toda a força, e amar ao próximo como a si mesmo excede a todos os holocaustos<sup>d</sup> e sacrifícios<sup>e</sup>.**  
**Vendo Jesus que ele havia respondido sabiamente, declarou-lhe: Não estás longe do reino de Deus. E já ninguém mais ousava interrogá-lo.**

*Em relação à tradução*

<sup>a</sup> Aqui e no v. 34, o escriba e Jesus “vêem” o que só é audível (como em 4.24). “Ver”, portanto, pode ter um sentido mais abrangente: perceber, vivenciar.

<sup>b</sup> Cf 8.35n.

<sup>c</sup> A maioria dos judeus conhecia de cor o *xma* (cf. 2.7), que começa com esta passagem bíblica, e o citava diariamente, pronunciando com exatidão cada palavra e letra. Jesus e o escriba (v. 32b) com certeza o recitaram em hebraico. Diante disto chama a atenção que as palavras, aqui e nos textos paralelos de Mt 22.37; Lc 10.27, não coincidem totalmente nem com o texto bíblico hebr. nem com o da LXX nem entre si (p ex na questão dos quatro componentes). Não há concordância nem com o v. 32. Isto significa que a transmissão desta história fora cultivada em círculos onde o *xma* não era texto litúrgico, ou seja, não era



orado diariamente. Eles transmitiram o versículo livremente, assim como outros textos bíblicos, como nós também fazemos às vezes. Deles foi que Marcos tomou o trecho.

<sup>d</sup> *holokautoma*, “oferta totalmente queimada”. Há uma correspondência com a primeira parte do versículo, onde a palavra “todo” (*holos*) é tão destacada.

<sup>e</sup> *thysia*, “oferta de animais”, se refere a vários tipos de sacrifícios diferentes do holocausto, porque partes dos animais eram comidas na refeição que seguia ao sacrifício.

### *Observações preliminares*

1. *Contexto.* Um professor da lei honesto, ansioso por aprender, vem falar com Jesus sem ser pau mandado. No fim de uma conversa didática séria nos deparamos com admiração mútua. Mesmo assim esta história não destoa, antes forma exatamente o ponto culminante das desavenças de Jesus com o Conselho Superior. Marcos esclarece com sua observação final no v. 34b: os adversários estão totalmente refutados. Este companheiro deles é a prova viva de que o verdadeiro judeu só pode concordar com Jesus. Se ele segue simplesmente a Escritura e realmente pensa no que ora todos os dias, ele é o candidato ideal para seguir a Jesus. Quando o contrário é o caso, isto é, que seu desejo é eliminar Jesus, ele condena a si mesmo. Ele está sendo infiel à sua própria natureza, rompendo com Deus, a Escritura, o maior mandamento e a principal declaração de fé dos judeus, com sua identificação com Israel.

2. *O maior mandamento e o judaísmo.* Muitos intérpretes pensam que Jesus, ao formular o mandamento duplo, realizou um ato “totalmente original” (Schürmann, *Worte Jesu*, p 227), de “ousadia revoltante” (Lohmeyer, p 261). Será que esta avaliação tem consistência? É verdade que as duas passagens da Escritura que Jesus justapôs estão bem distantes uma da outra no AT e não contêm nenhum indício de que deveriam estar juntas, e também é verdade que nenhum rabino antes dele os ligou desta maneira e que, além dos evangelhos, nenhum escrito dos primeiros cristãos repete esta formulação. Além disso é verdade que os professores da lei tinham reservas em resumir a Torá em uma fórmula breve. Eles temiam que a busca de *um* mandamento fosse uma desculpa para subtrair-se aos tantos outros. Mesmo assim, a circunstância de que Jesus e o professor da lei se confirmam mutuamente sem reservas neste ponto deve nos fazer tomar cuidado para não separarmos Jesus do judaísmo exatamente neste ponto. A necessidade de tornar a revelação da vontade de Deus mais elementar, isto é, de perguntar por um mandamento maior, mais importante, mais profundo ou abrangente, é inevitável e já ocupou as mentes no AT (p ex Is 33.15; 56.1; Mq 6.8). O judaísmo tinha ainda mais razões para ser empurrado nesta direção. Contou-se 613 mandamentos nos livros de Moisés (365 ordens e 248 proibições) e, com o passar das gerações, a estes foram acrescentados milhares de “preceitos dos anciãos” (7.3), decisões individuais e instruções preventivas. Quem começasse a estudar este caos imenso, tomava sobre si “o jugo da Torá”, como se dizia tão apropriadamente. Jesus descreve: “Atam fardos pesados e os põem sobre os ombros dos homens” (Mt 23.4). Isto realmente produz “cansados e sobrecarregados” (Mt 11.28ss). A religiosidade pode virar loucura, sem vantagens nem para Deus nem para as pessoas. Isto obriga à reflexão, à pergunta pelo que é essencial em tanta variedade, para encontrar o caminho pelo meio da variedade a partir do que é essencial.

Temos comprovação de que o judaísmo não se fechou para esta demanda (Bill. I, 357,460,907; III, 36s). Unir para tanto o mandamento do amor a Deus e o do amor ao próximo talvez já fosse sugerido pelas duas tábuas da lei. Isto de fato aconteceu, mesmo que – pelas fontes que temos – somente fora dos círculos rabínicos. O exemplo mais antigo é o “Testamento dos Doze Patriarcas” (escrito talvez por volta do ano 100 a.C. entre os essênios): “Amem o Senhor em toda a sua vida e uns aos outros com corações sinceros!” O filósofo judeu Filo (até o ano 50) mencionou “duas doutrinas básicas”: “em relação a Deus o mandamento da adoração e santidade, em relação às pessoas o do amor ao próximo e da justiça” (em Goppelt, *Theologie*, p 153; umas dez provas em Pesch II, p 246). O fato de faltar uma prova de que esta associação tivesse ocorrido entre dois textos bíblicos como com Jesus, pode parecer um simples caso, tendo em vista estas expectativas. Do ponto de vista do conteúdo, a diferença entre Jesus e o judaísmo nesta questão não é tão absoluta. Ela se refere somente ao grau de clareza e ênfase. O que importa é como Jesus relaciona esta questão com o reinado de Deus.

**28 Chegando um dos escribas, tendo ouvido a discussão entre eles, vendo como Jesus lhes houvera respondido bem, perguntou-lhe: Qual é o principal de todos os mandamentos?** Este professor da lei, marginalizado por seu grupo por pensar diferente, não só caíra sob a impressão da autoridade de Jesus, mas também deixou-se levar por esta impressão e com honestidade lhe fez a pergunta da sua vida. Ele perguntou: O que está na frente e tem validade absoluta? Com o que também eu tenho de começar, para achar o caminho no meio das muitas coisas do meu dia-a-dia? Ele estava à procura daquele único mandamento, não para esquecer os demais, mas exatamente para cumprir em todos os mandamentos “o maior” (v. 31). Ele queria realmente ter Deus em sua vida, não simplesmente comportar-se com religiosidade.

**29,30** Como se Jesus já se tivesse preparado há muito para este homem, ele lhe lança a resposta em sua vida: **O principal é: Ouve, ó Israel, o Senhor, nosso Deus, é o único Senhor! Amarás, pois, o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todo o teu entendimento e de toda a tua força.** A resposta, porém, não consiste em um pensamento novo, próprio de Jesus, mas na recordação daquilo que todo homem judeu tomava na boca a cada manhã e a cada noite, o *xma*, que começa com Dt 6.4s (cf. 2.7). Esta é a grande palavra de unidade, que consegue satisfazer a sede por unidade da existência humana que está desmoronando e se desfazendo: *um* só Deus, que proporciona a cura para *um* mundo e *uma* humanidade em obediência universal.

Ao dizer o *xma* para este homem, Jesus o remete de volta à sua existência como Israel. Isto é de suma importância ao lidar com os mandamentos. É que eles pressupõem uma base: a vida de Deus e com Deus e para Deus. Em nenhum lugar a Bíblia diz que os mandamentos criam vida por si mesmos. Eles pressupõem a vida presenteada na aliança e na eleição, para preservá-la, preenchê-la e multiplicá-la (Dt 4.1; 6.24; 5.32s; 8.1; 16.20; 30.6,15-19). Primeiro, portanto, Jesus revela a base: Você é Israel. Você continua sendo Israel, simplesmente por parar para ouvir: **Ouve, ó Israel!** A partir disso você vive em uma relação especial com Deus: **o Senhor, nosso Deus.** Este “nosso Deus” é o **único** soberano, que mantém tudo unido no âmago e repele a ruína do mundo. A partir dele também você recebe a instrução sobre o que fazer. Por outro lado, as formas abstratas que você imaginou só acabam com você e com os outros.

No mesmo impulso, a confissão continua: **Amarás, pois, o Senhor, teu Deus.** Também amar aquele que nos ama – isto estaria no centro da vida que se busca aqui. Mas será que o amor pode ser ordenado? Neste caso sim, pois neste caso o outro amou primeiro. Quem é amado pode amar. Mais ainda: Depois que você é o Israel amado, você *amará*, como deixa claro aqui o tempo do verbo no grego (seguindo o modelo hebr.). Você não tem mais nenhuma possibilidade de direito, você está desarmado. Mas já que você pode e vai, você também *deve*. Isto é lógica bíblica. Tudo o mais seria agora a vida sem sentido, em desarmonia e decadência.

Quatro instruções descrevem este amor que corresponde, em todas as extensões imagináveis. Ele espelha a largura e comprimento e altura e profundidade do amor de Deus (Ef 3.18). O **coração**, o centro do ser humano, está totalmente ocupado por ele. A **alma**, todo o seu anseio de vida, se expressa a favor dele. O **entendimento**, ou seja, a força da sua razão, mas também qualquer outra **força**, seja física ou financeira, são mobilizados por ele. Desta maneira Israel deve ser um espelho brilhante da bondade de Deus: inteireza responde a inteireza (quatro vezes (“todo”).

**31** A ordem não muda: “Amado, você deve amar!” Mas este amor se volta agora necessariamente para um outro. **O segundo é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo** (Lv 19.18). Será que o amor indiviso por Deus agora se divide? Alterna? O contrário é o certo: o amor de Deus não se divide, porém só se completa no amor ao próximo. Ele descobre em Deus, o mais próximo, o próximo, e isto é um processo que o próprio Deus imprime, dirige e acompanha, que fazia parte do seu propósito com a eleição de Israel, desde o começo.

Há quem goste de formular que podemos amar a Deus *somente* no próximo. Mas com isto não se presta um serviço ao próximo. Ele não é Deus; ele também não se torna Deus se nos apoiarmos nele como sobre um deus. O mandamento do amor, portanto, é *duplo*. Não é em vão que o amor a Deus e às pessoas é descrito de maneiras diferentes. Em oposição à sonora quadruplicidade no v. 30, agora só lemos: **como a ti mesmo**. É preciso que seja um amor a si mesmo que não carece de explicação, que ninguém precisa exigir e para o qual ninguém precisa decidir-se. O pai da igreja Agostinho e seus seguidores de hoje, que fazem do mandamento duplo um triplo, vendo aqui ainda a exigência do “amor próprio” (= aceitação de si mesmo), em termos de exegese não podem ser seguidos (se bem que sua colocação deve ser ouvida). Mais útil parece ser a comparação de Ef 5.29,33. No primeiro destes versículos Paulo lembra dos cuidados com o próprio corpo, dos quais nenhuma pessoa sadia se exime: “Porque ninguém jamais odiou a própria carne; antes, a alimenta e dela cuida”. Ninguém precisa nos ensinar acerca de instintos sadios de sobrevivência. Um bebê já mama, sinaliza dor, estremece diante da chama ou fecha os olhos quando uma mosca o incomoda. Este cuidado natural, às vezes inconsciente, pelo próprio corpo Paulo resume no v. 33 na expressão “como a si mesmo”. As necessidades do próximo não devem estar mais longe de nós do que o bem-estar próprio. Com a mesma naturalidade e simplicidade devemos existir para o outro. Isto não exclui sentimento e intimidade, mas estes não são o ponto de partida.

**32,33 Disse-lhe o escriba: Muito bem, Mestre.** Uma concordância honesta de razão e emoção se manifesta (a expressão está ainda em 7.6,9,37; 12.28). Em seguida o aluno repete a instrução do professor com as próprias palavras. Ao fazê-lo, ele evita usar o nome de Deus, como é típico dos judeus, enquanto Jesus o usara nos v. 29s,34 e no trecho anterior seis vezes sem constrangimento, como no AT. **Com verdade disseste que ele é o único, e não há outro senão ele, e que amar a Deus de todo o coração e de todo o entendimento e de toda a força, e amar ao próximo como a si mesmo.** O acréscimo com críticas para o templo também é tirado da Escritura: **excede a todos os holocaustos e sacrifícios** (cf. 1Sm 15.22; Sl 39.7; 50.21; Pv 21.3s; Is 1.11; Os 6.6). Mesmo assim, este agravamento nesta situação soa como submissão à sentença de Jesus contra o sistema do templo segundo os v. 15ss, que serviu de base a todos os debates. Desde que Jesus entrou no templo em 11.11 cumpriu-se Mt 3.1ss: “De repente, virá ao seu templo o Senhor. [...] Ele é como o fogo do ourives. [...] Purificará os filhos de Levi.” Agora ele se impôs. Um israelita em que não há dolo (Jo 1.47) o reconheceu e aceitou.

**34b E já ninguém mais ousava interrogá-lo.** Os debates com as autoridades judaicas estão encerrados (cf. 15.3-5). Ele fechou a boca dos pseudoprofessores (v. 24,27) e comprovou seu magistério messiânico (cf. opr 3 a 1.21-28).

**34a Vendo Jesus que ele havia respondido sabiamente, declarou-lhe: Não estás longe do reino de Deus.** Este versículo precisa ser bem analisado. Ele mostra algumas ligações. Ele expressa o que estava nas entrelinhas de todo este trecho, na verdade de cada história no evangelho de Marcos: o reinado de Deus chegou. Na pessoa do Filho do Homem pronto para sofrer, ele se aproximou e agora está em Jerusalém. Por isso este escriba, por ter concordado com o ensino de Jesus, pode ser certificado da proximidade do reinado de Deus. Os “que estavam longe” na opinião dos judeus eram os pagãos (Bill. III, 585s; cf. Ef 2.13,17, At 2.39). Assim, este judeu religioso não é pagão, mas também ainda não é cidadão do reinado de Deus. Por mais fiel e entendido que ele recite o *xma*, isto não é suficiente. O *xma* é verdadeiro, mas não tem mais validade, porque a aliança em que ele se baseava foi quebrada. Ele tinha primeiro de ser revalidado pela morte de Jesus na cruz.

Assim, os que estão perto ficam do lado de fora junto com os que estão longe, até reconhecerem o “mistério do reinado de Deus” (4.11), até que Jesus lhes seja manifesto como Messias rejeitado. – Com razão Gnika (II, p 166) pensa sobre o nosso trecho: “Poderíamos esperar um apelo para seguir a Jesus” (cf. 10.21). Como este parágrafo, porém, não se interessa pela biografia deste homem, mas tem em vista o resultado dos debates, esta linha não é seguida.

## 9. O ensino de Jesus sobre o Messias, 12.35-37a

(Mt 22.41-46; Lc 20.41-44)

**Jesus, ensinando no templo, perguntou: Como dizem os escribas que o Cristo é filho de Davi?**

**O próprio Davi falou, pelo Espírito Santo: Disse o Senhor<sup>a</sup> ao meu Senhor: Assenta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos debaixo<sup>b</sup> dos teus pés.**

**O mesmo Davi chama-lhe Senhor; como, pois, é ele seu filho?**

*Em relação à tradução*

<sup>a</sup> O texto hebr. do Sl 110.1 que Jesus cita diz assim: “*Iavé* disse ao meu senhor”. Também a LXX fala do “Senhor” nesta passagem. Mesmo assim, a versão aqui não procede necessariamente da LXX, mas pode estar baseada em uma forma aramaica do salmo, como comprovam as descobertas em Qumran. “Isto elimina por si mesmo os argumentos lingüísticos contra a procedência do ensino do próprio Jesus” (Pesch II, 254).

<sup>b</sup> O Sl 110.1 continua assim: “Até que eu ponha teus inimigos como escabelo de teus pés” (BJ), enquanto no Sl 8.6 há uma expressão como aqui (“pôr sob os pés”), se bem que não dirigido ao filho de Davi, mas como observação sobre o “filho do homem” (v. 4). Mesclando os dois salmos, portanto, obtém-se uma relação oculta entre o filho de Davi e o filho do homem. A expressão aberta disto acontece diante do Conselho Superior em 14.62. Desta maneira Jesus amplia o conceito de Messias e o retira da estreiteza nacionalista.

*Observações preliminares*

1. *Contexto.* Depois da observação do v. 34b não há mais confrontos pessoais; Jesus conquistou o campo de batalha e passa a ensinar o povo (v. 37b). De uma destas pregações no templo temos um fragmento aqui. Ele é curto, sem relação com alguma pessoa, recortado de todos os contextos e sem conclusão que o

arredonda. Mesmo assim, olhando de perto, fica claro que ele está bem ancorado na situação daqueles dias. Cinco linhas precisam ser destacadas:

a. *A temática messiânica.* Que Jesus era o salvador real e se manifestaria como tal ocupava a mente dos discípulos desde 8.27, e o público desde a entrada na cidade e no santuário. Todos os quatro debates precedentes referiam-se de alguma forma a este tema. Ele também perpassa os interrogatórios e ainda é atual no Gólgota. Se, pois, nosso trecho aborda diretamente a doutrina do Messias, considerando o antes e o depois, não se pode dizer que se trata de três versículos perdidos, que apresentam sutilezas dogmáticas secundárias. Pelo contrário, eles colocam um ponto final bem forte no fim da descrição da atividade de Jesus no templo.

b. *O título de filho de Davi.* No âmbito da temática messiânica em Jerusalém, a principal questão era como Jesus se portaria em relação aos títulos comumente dados ao Messias. A expectativa pelo “filho de Davi” era especialmente popular. Sem protestar, Jesus deixou que uma voz isolada dentro da procissão de peregrinos o chamasse assim (10.46-52), depois todos os seus simpatizantes defronte de Jerusalém (11.1-11; este é o sentido). Agora ele mesmo esclarece o título. Também desta perspectiva nossos versículos formam o ponto final de um desenvolvimento.

c. *A linha do templo.* Já de acordo com 2Sm 7.13, o filho de Davi tem a tarefa de construir uma “casa” para Deus, um santuário. Por esta razão, a entrada do filho de Davi diretamente no templo em 11.11, seu protesto em 11.15-17, sua luta com os senhores desleais do templo e seu ensino diário dos visitantes do templo, também são ações messiânicas. Ao localizar nosso trecho expressamente “no templo”, Marcos está indicando uma atmosfera altamente messiânica.

d. *Polêmica com os sacerdotes.* A reivindicação messiânica sobre o templo incluía a afirmação da dignidade sacerdotal. O filho de Davi real haveria de acumular em sua pessoa também a função de sumo sacerdote. Aliás, isto também mostra o SI 110 citado, no v. 4. Portanto, temos aqui a continuação do litígio com os principais sacerdotes de 11.27; 12.1,12, da qual encontramos ecos ainda em 15.29,38. A citação do SI 110 certamente também serviu de base para a pergunta decisiva do sumo sacerdote em 14.61 e para a sentença de morte.

e. *Polêmica com os escribas.* Bem parecido com 9.11 Jesus pega carona aqui em afirmações dos professores da lei, enreda suas tradições em contradições e mostra a incapacidade dos supostos professores de Israel (por último em 12.24,27).

2. *A origem davídica de Jesus.* Principalmente os comentários mais antigos concluem da pergunta em aberto do v. 37a que Jesus estava colocando em dúvida sua descendência de Davi. Em vista da situação, porém, isto é impossível. As árvores genealógicas em Mateus e Lucas já mostram que os evangelistas não o entenderam desta forma. Toda a cristandade dos começos concordou com eles (At 2.25-31; Rm 1.3; 2Tm 2.8; Hb 7.14; Ap 5.5; 22.16; cf. Jeremias, Jerusalem, p 324s). Até mesmo os polemistas em Jerusalém não se atreveram a lançar dúvidas sobre a origem davídica, ao que dificilmente teriam renunciado se tivessem esperança de sucesso. Cristãos e judeus, portanto, pressupunham um fato aqui, de modo que falta àquela idéia a base histórica.

- 35 Jesus, ensinando no templo, perguntou: Como dizem os escribas que o Cristo é filho de Davi?** Em pleno lugar público Jesus aborda a questão da esperança messiânica. Que o salvador viria da linhagem de Davi está bem comprovado no AT desde 2Sm 7.12-16. Na época de Jesus a esperança estava bem viva. Que quadro os professores da lei pintavam deste personagem? Ser filho incluía para eles também o papel do pai. Como seu antepassado, o Messias se envolveria na política como o “homem forte”, para constituir o grande reino de Davi e conduzir Israel a uma nova era de glórias. A passagem judaica mais antiga com o título messiânico “filho de Davi” acrescenta: “Aquele que despedaça os pecadores como potes de barro” (Salmos de Salomão 17.21-28), o que naquela época era aplicado aos romanos. Pelas circunstâncias do momento, portanto, o filho de Davi seria um anti-César. É em relação a esta messialogia que Jesus toma posição. Ele não coloca em debate a questão da descendência, mas a interpretação do papel do filho. Ele a considera errônea e sem sentido.
- 36 O próprio Davi falou, pelo Espírito Santo.** Como Ezequiel em Ez 11.24; 37.1, ou João em Ap 1.10; 4.2; 17.3; 21.10, Davi também teve uma revelação durante uma espécie de êxtase. Ele contemplou a majestade do Messias, enquanto ouvia uma palavra solene de entronização por Deus: **Disse o Senhor**, isto é, Iavé, **ao meu Senhor**, ou seja, seu descendente messiânico. O simples fato de Iavé dirigir-se ao filho de Davi passando por cima deste já atesta a relação especial que este tinha com Deus. Por isso mesmo ele o chama reverente de “senhor”. Em uma família da Antigüidade era impensável que o filho fosse considerado senhor do pai. Aqui, porém, num piscar de olhos se abre uma dimensão totalmente diferente do Messias, superior à descendência biológica de Davi. Aqui está alguém maior que Davi!

A proximidade extraordinária do Messias de Deus também tem efeitos sobre o tipo da sua entronização: **Assenta-te à minha direita**, lemos, sem que se mencione uma guerra messiânica. Ele não chega ao poder por meio de uma guerra, pois o próprio Deus intervirá e exaltará o Messias manso e sofredor. Aqui devemos pensar nos anúncios da ressurreição a partir de 8.31. E o Messias não é colocado sobre um trono palestinese, mas à direita de Deus (cf. 10.37), isto é, com honras iguais às de Deus e sobre o trono do mundo.

Por fim: **Até que eu ponha os teus inimigos debaixo dos teus pés**. Mesmo depois de exaltado, ele ainda está cercado de inimigos, porém continua sendo príncipe da paz, esperando por uma intervenção própria de Deus. Isto faz com que a ascensão ao trono e o domínio sobre todos estejam separados no tempo (cf. 1Co 15.23-28). Quem, porém, são os inimigos? Do ponto de vista cristão, todos nós, judeus e gentios, somos inimigos de Deus por natureza (Rm 5.10). Nossa sujeição acontece no curso do processo missionário ou no fim, quando da volta de Cristo. Fica claro: o reino messiânico não será simplesmente uma cópia repetida do reinado de Davi, mas sua plenitude. A interpretação original da Escritura, nascida da proximidade de Deus, lança luz sobre a conduta tantas vezes incompreensível de Jesus naqueles dias. À luz da Escritura ele anda pelo caminho da humildade e da exaltação.

**37a** Jesus sabia que estava em harmonia com a Escritura e com o Espírito Santo. **O mesmo Davi chama-lhe Senhor**. O próprio Davi já apontara para a função de Jesus superior à história. **Como, pois, é ele seu filho?** A interpretação mostrou: a linhagem terrena do parentesco sanguíneo é o começo, não o alvo. É certo que Deus escolhe famílias, assim como a linhagem de Davi; mas não para limitar-se a elas e tornar-se um deus familiar. Isto já foi ensinado em 3.31-35. Aqui também o destaque fica para a ampliação da família de Davi para alcançar a família humana.

## 10. Anúncio do julgamento dos professores da lei, 12.37b-40

(Mt 23.1-36; Lc 20.45-47)

**37b** E a grande multidão<sup>a</sup> o ouvia com prazer.

E, ao ensinar, dizia ele: Guardai-vos<sup>b</sup> dos escribas, que gostam de andar com vestes talares<sup>c</sup> e das saudações<sup>d</sup> nas praças;  
E das primeiras cadeiras<sup>e</sup> nas sinagogas<sup>f</sup> e dos primeiros lugares nos banquetes<sup>g</sup>;  
os quais devoram as casas<sup>h</sup> das viúvas e, para o justificar, fazem longas orações; estes sofrerão juízo muito mais severo.

*Em relação à tradução*

<sup>a</sup> Nas ocasiões em que Marcos fala de uma grande multidão, ele diz *ochlos polys* (5.21,24; 6.34; 8.1; 9.14); somente aqui ele usa o artigo definido e inverte: *ho polys ochlos*.

<sup>b</sup> *blepete* como chamado de alerta já apareceu em 4.24; 8.15; como palavra de instrução em 13.5,9,23,33.

<sup>c</sup> *stole* pode, como *himation* (cf. 10.50n), denotar a túnica usada por todos, porém muitas vezes, como aqui, inclui uma indicação de que a roupa é especial, como a do rei ou do sacerdote; cf. também Lc 15.22. De acordo com Bill. II, 31s, os professores da lei usavam uma toga de eruditos que ia até os pés, que alguns gostavam de inclusive arrastar no chão.

<sup>d</sup> Veja 9.15n. “A pessoa tem de cumprimentar primeiro aqueles que têm um conhecimento melhor da Torá do que ela” (Bill. I, 384). Do cerimonial fazia parte o respeitoso “Rabi!” ou “Pai!” (Mt 23.7ss).

<sup>e</sup> Via de regra os professores da lei não se sentavam entre os frequentadores comuns durante as reuniões, mas em uma plataforma mais alta diante do armário da Torá, voltados para o povo, ou em bancos que acompanhavam as paredes laterais (Bill. I, 915s).

<sup>f</sup> Também em Jerusalém havia uma sinagoga, se não várias (At 6.9; sobre isto, veja Jeremias, Jerusalem, p 175).

<sup>g</sup> As refeições principais (*deipnon*) eram tomadas sentados. Os “lugares de honra” aqui são para deitar, o que indica uma refeição festiva com motivação religiosa ou particular.

<sup>h</sup> *oikia* tem aqui o sentido prático de “propriedade”.

*Observações preliminares*

1. *Contexto*. Os debates com os professores da lei (por último nos v. 28,35) se encerram com um anúncio de julgamento. Nos próximos capítulos, o grupo só aparece em relações. Quanto às palavras contra os



professores da lei, Marcos dá a entender no v. 38a que está fazendo uso de uma seleção (compare com o detalhamento de Mateus!). Talvez tenha algum sentido o fato de ele escolher exatamente seis acusações. Seis é o número do que é mau e contra Deus. (Ap 16.16; 22.15 relaciona seis grupos de pessoas condenáveis.) Intencionalmente Marcos coloca no começo o grupo dos seguidores de Jesus dispostos a serem ensinados, em oposição aos professores da lei. Prestar atenção na função e forma do parágrafo nos protege contra uma interpretação moralista.

2. *Anti-judaísmo?* Será que nestes versículos contra os rabinos judaicos fala um espírito hostil, que só consegue embrutecer e generalizar? Os próprios professores judeus não advertiam contra essas erupções de vaidade pessoal (em Grundmann, p 344)? Será que elas não existem em todos os grupos profissionais? Não temos conhecimento de professores humildes (em Schmithals, p 551)? Num primeiro momento podem surgir perguntas como estas, mas elas são precipitadas e sobrecarregam em muito estes quatro versículos. Tomando um pouco de distância, logo veremos nos versículos precedentes um exemplo de que Jesus também conhece e honra professores da lei sinceros (v. 28-34). Além disso, todo o trecho está colocado sob a ordem “guardai-vos” para os ouvintes de Jesus, o que inclui a igreja depois da Páscoa. Eles não devem tomar cuidado com certas pessoas, mas com um sistema religioso, e com algo que lhes está muito próximo: Abram bem os olhos! Vocês estão em perigo!

**37b E a grande multidão o ouvia com prazer.** A nota à tradução mostrou que Marcos falou desta multidão de modo diferente do que costumava. Ele não a considera um ajuntamento neutro de pessoas. Prestando atenção de modo qualificado, eles se qualificaram. Seus integrantes podem ter sido predominantemente peregrinos que tinham vindo para a festa (com Pesch II, 255), aos quais outros simpatizantes das palavras de Jesus tinham-se agregado em Jerusalém. Eles não eram atraídos por simples curiosidade, nem por satisfação pelo sermão passado nos integrantes do sistema. A palavra do reinado de Deus que estava próximo os cristalizou e os tornou em imagem do antigo Israel. Eles guardavam o lugar do novo povo do templo que o Messias queria criar para si.

**38,39 E, ao ensinar, dizia ele: Guardai-vos!** Parte importante do ensino de Jesus não era somente a revelação de Deus no filho de Davi (v. 35), mas também a revelação do antigo Israel em sua depravação. Não existe um Israel renovado sem julgamento próprio cuidadoso e sem se desfazer do “pecado que tenazmente nos assedia (Hb 12.1). Está em questão aqui concretamente o fermento dos **escribas** (8.15). Devido à sua posição em Israel (opr 5 a 1.21-28) eles eram representativos como nenhum outro grupo, razão pela qual são os mais citados por Marcos (dezenove vezes, de 1.22 até 15.31).

A acusação é sêxtupla. **Gostam de andar com vestes talaes.** Jesus não está condenando as roupas luxuosas, mas o destaque e exibição da posição deles. Eles pairavam no meio das massas populares como figuras vestidas de branco, ostentando sua atitude de oração e sua concentração na Torá. No mesmo nível estava a recepção generosa das **saudações nas praças**, a exigência das **primeiras cadeiras nas sinagogas**, onde sentavam na parede frontal da sala, o rosto voltado para a congregação que sentava no meio; por último, a ocupação automática dos **primeiros lugares nos banquetes**. Com isto Jesus não os estava acusando de irem atrás das panelas melhores e mais abundantes. Contudo, eles sabiam da sua importância, dirigiam a conversa nesta direção e desempenhavam seu papel determinante na vida social (sobre a reação irada dos rabinos quando sua honra era ferida: Bill. I, 515; II, 555; III, 296). Nada disto combinava com aquilo que sua boca expressava diariamente com cadência no *xma*: Nosso Deus é “o único, e não há outro senão ele” (v. 32). Como era possível edificar ao lado dele um sistema de domínio como este, ainda mais expressamente em nome de Deus? Para os porta-vozes de Deus não restavam somente os últimos lugares? Podemos comparar aqui o mundo totalmente diferente do ensino dos discípulos p ex em 9.33-35; 10.42-45.

**40** Ao fracasso em amar a Deus corresponde o fracasso em amar as pessoas. **Os quais devoram as casas das viúvas.** Como as viúvas, por serem mulheres, não eram emancipadas perante a lei, precisavam do auxílio de um homem para administrar legalmente o inventário do marido falecido. Nestas circunstâncias, naturalmente os professores da lei, versados no direito, estavam na posição de cumprir a exigência profética de garantir os direitos das viúvas (p ex Is 1.17). Na prática, porém, as coisas muitas vezes eram feias (Bill. II, 33). Muitas viúvas e órfãos se viam obrigados a mendigar porque os assessores não podiam resistir às tentações materiais. Assim como as propriedades dos doentes podem desaparecer nos bolsos dos médicos (5.26), o das viúvas parava nos bolsos dos teólogos ou de seus seguidores.

A sexta acusação provavelmente tem relação com esta exploração das viúvas. **E, para o justificar, fazem longas orações.** No judaísmo orações longas eram muito louvadas, como indício de religiosidade (Bill. I, 403). Assim, um professor da lei podia, com orações longas – visível a todos por estar envolto na roupa do cargo (Bill. II, 33) – recomendar-se às mulheres necessitadas como conselheiro jurídico. “Ambição profana com conduta santa”, resume Lohmeyer (p 264).

**Estes sofrerão juízo muito mais severo.** “Os mestres haverão de receber maior juízo” (Tg 3.1), e “Um servo que conheceu a vontade de seu senhor e não se aprontou, nem fez segundo a sua vontade será punido com muitos açoites” (Lc 12.47). Que desespero será quando o Deus de toda paciência rejeitar alguém! Para onde fugir quando o Cordeiro está irado (Ap 6.16s)!? – O intérprete não tem por tarefa proporcionar distração e desculpas ao coração humano. Ele tem de deixar bem clara a advertência: “Guardai-vos!” (v. 38).

## 11. Louvor para a viúva no templo, 12.41-44

(Lc 21.1-4)

**Assentado<sup>a</sup> diante do gazofilácio<sup>b</sup>, observava Jesus como o povo lançava ali o dinheiro<sup>c</sup>. Ora, muitos ricos depositavam grandes quantias.**

**Vindo, porém, uma viúva<sup>d</sup> pobre, depositou duas pequenas moedas<sup>e</sup> correspondentes a um quadrante<sup>e</sup>.**

**E, chamando os seus discípulos, disse-lhes: Em verdade vos digo que esta viúva pobre depositou no gazofilácio mais do que o fizeram todos os ofertantes.**

**Porque todos eles ofertaram do que lhes sobrava; ela, porém, da sua pobreza deu tudo quanto possuía, todo o seu sustento.**

*Em relação à tradução*

<sup>a</sup> Somente mais tarde foi proibido ficar sentado nesta parte do templo (Bill. II, 33).

<sup>b</sup> Esta palavra é composta de *gaza*, tesouro, e *phylakeion*, sala para guardar objetos de valor. Assim era chamado o pavilhão em que as doações eram armazenadas (Jo 8.20), mas provavelmente também os treze cofres colocados ali, em que os contribuintes “lançavam” sua oferta (este termo é usado sete vezes aqui; ele não combina com o depósito de doações). Os judeus chamavam as caixas de dinheiro também de “chifres”, por causa da sua forma que se estreitava para cima, para impossibilitar as investidas dos ladrões. Doze destes “chifres” tinham sua destinação escrita em cima. O décimo terceiro era destinado a ofertas voluntárias, especialmente para a aquisição de animais para os holocaustos, que eram ofertados integralmente a Deus (Gnilka II, 176; cf. Bill. II, 37-41).

<sup>c</sup> *chalkos* a princípio eram moedas de cobre, mas aqui pode-se pensar em dinheiro em geral.

<sup>d</sup> As viúvas judaicas podiam ser reconhecidas por suas roupas, que tinham de usar não somente por algum tempo, mas por toda a vida (Gn 38.14,19). Estas eram feitas de pelos de cabra escuros e usadas diretamente sobre a pele (Stählin, ThWNT VII, 57ss).

<sup>e</sup> O nome grego para a pequena moeda judaica *perutah* era *lepton* (Bill. I, 293; II, 45). Com estes dois *lepta* a mulher poderia preparar para si três refeições (Sizoo, p 73s) ou comprar dois pardais (Mt 10.29).

*Observações preliminares*

1. *A viúva como modelo.* “A tradição faz com que Jesus ensine aqui o que na educação de costumes dos gregos, romanos e judeus era um tema preferido: a pequena oferta dos pobres tem mais valor do que a doação substancial dos ricos.” Com esta frase Wilken, *Das Neue Testament, übersetzt und kommentiert*, p 180, comenta nossa história, representando uma série de comentários (p ex claramente Gnilka, p 178). Estaríamos aqui diante de um testemunho de “humanitarismo judaico” (Lohmeyer, p 267), que devia ser implantado também na igreja. Neste caso, porém, o que levou Marcos a inserir este ensino no meio de trechos altamente cristológicos deve ter sido uma certa distração: no v. 40 acabara de soar a palavra-chave “viúva”; aí ele lembrou de mais uma história com “viúva”. Esta saída, porém, não pode nos satisfazer. Concordamos que, depois dos v. 28-34, temos aqui um segundo exemplo de religiosidade genuína no templo judaico, motivo do segundo elogio de Jesus no “esconderijo de ladrões” (v. 17). Com isto, porém, a intenção do presente texto não foi identificada ainda e muito menos esgotada. A interpretação precisa levar em consideração que no v. 43 foi anunciada expressamente uma instrução dos discípulos, que é introduzida de maneira especial e iniciada com “em verdade”. Estas marcas de forma já não fazem esperar uma aplicação humanitária, mas uma palavra de revelação com relação eclesiológica. O conteúdo, porém, também não traz uma advertência, talvez sobre a atitude certa ao ofertar ou sobre a atitude social correta em relação às viúvas. Antes, como Jesus colocou em 9.36 uma criança no meio deles como figura espiritual, o mesmo ocorre com esta viúva religiosa sem nome. A

mulher desamparada, abandonada pelo marido, já fazia parte do estoque de figuras do AT. Israel no exílio era semelhante a ela (Is 49.21; Jr 51.5). Iavé, todavia, tem uma relação especial com estes mais pobres, é “socorro das viúvas” (Sl 68.5; 146.9; Dt 12.18). Por esta razão ele também trouxe Israel para uma nova aliança conjugal (Is 54.4-6; Os 2.21s). Este sentido eclesiológico da figura da viúva Jesus usou em conexão com sua parábola da viúva suplicante (Lc 18.2-8). Também em Ap 12.1-6 o povo de Deus escatológico se assemelha a uma mulher perseguida. Seu contraste é a prostituta ricamente adornada, cortejada e entronizada como rainha em Ap 17. Por fim, o contexto aqui favorece a viúva como parábola.

2. *Contexto.* No cap. 11 Jesus pronunciou a sentença contra o judaísmo do templo, no cap. 12 ele a reforçou diante de um grupo após outro, no cap. 13 ele sai do santuário apóstata com seus discípulos e anuncia a execução, a partir do monte das Oliveiras. Isto, porém, não significa o fim da linha do templo. Sempre mais o novo templo entra em cena, erigido pelo Messias. Como parábola ele já aparecera em 12.10, um pequeno indício em 11.27. Mas agora Jesus não sai do templo sem indicar aos seus discípulos a natureza do novo. A comparação para tal não é construída por ele, antes ele a encontra no pátrio interno, junto ao cofre das ofertas. Ali ele toma uma viúva judaica, que não era discípula, como contraste com os rabinos e como profecia encarnada.

**41 Assentado diante do gazofilácio, observava Jesus como o povo lançava ali o dinheiro. Ora, muitos ricos depositavam grandes quantias.** Dá até para imaginar a longa fila de fiéis apressando-se para ofertar. Pelo visto, a vida comunitária florescia. O tesouro crescente do templo, porém, não compensaria pela pobreza espiritual nem protegeria do juízo. Lembremos de Ap 3.1.

Jesus não teve de tornar-se indiscreto para saber o montante e destino das ofertas. Diante de cada recipiente havia um sacerdote de plantão. A ele dizia-se o valor, de modo que ele pudesse verificar se tudo estava nos conformes. Quem ficasse nas proximidades podia acompanhar o processo (Bill. II, 43). Em Mt 6.2 lemos que as ofertas eram “anunciadas” em voz alta. Pode até ser que um som de trombeta chamasse a atenção para esta boa ação, mas faltam provas claras para tal prática (Lichtenberger, EWNT III, p 538).

**42,43 Vindo, porém, uma viúva pobre, depositou duas pequenas moedas correspondentes a um quadrante.** Jesus captou esta cena e lhe conferiu profundidade e brilho. **E, chamando os seus discípulos, disse-lhes.** Uma introdução em dois tempos sempre tem um tom solene, oficial em Marcos (cf. 3.13). Assim, Jesus começa: **Em verdade vos digo** o que não pode ser percebido à primeira vista (cf. 3.28n): **Esta viúva pobre depositou no gazofilácio mais do que o fizeram todos os ofertantes.** A mais pobre das pobres estranhamente tornou o templo rico, enquanto as grandes contribuições dos ricos o faziam empobrecer. Este paradoxo precisa ser explicado.

**44 Porque todos eles ofertaram do que lhes sobrava.** Mesmo que com isto mantivessem o templo funcionando, de que valem “todos os holocaustos e sacrifícios” (v. 33) se faltam “todo o coração e de todo o entendimento e de toda a força” em relação a Deus? O “muito” tirado da abundância deles não salvaria o templo do juízo que transborda no v. 40b (mesma raiz da palavra). **Ela, porém, da sua pobreza deu tudo quanto possuía, todo o seu sustento.** Ela deu o que tinha, como a mulher em 14.8 fez o que pôde e o homem em 10.21 não conseguiu. Ela testemunhou validamente o domínio absoluto de Deus, que os homens apenas recitavam no *xma* (cf. v. 28-34). É preciso observar que aqui “todo” é repetido quatro vezes, exatamente como no v. 30.

Assim, esta viúva representa por um momento o novo povo do templo, para o qual Jesus morrerá e ressuscitará e fornecerá a pedra fundamental (12.10). Este novo povo com certeza não será constituído de pessoas que podem financiar o reinado de Deus. Suas contribuições não cobrem nem mesmo as despesas de manutenção. Mas debaixo do amor de Deus no crucificado, que os desarma, eles o deixam ser Deus sem reservas, entregam-lhe sua pobreza. Quando assim dão a Deus o que é deles, eles o entregam realmente, sem continuar lutando pelo que é seu com outros meios (cf. v. 38-40).

## IX. O DISCURSO DE DESPEDIDA DE JESUS

### 13.1-37

#### *Observações preliminares*

1. *O capítulo no contexto do livro.* Com a esperança do retorno de Cristo, poderíamos pensar que cada momento presente muda para nós. A volta de Jesus dá nova forma ao nosso “agora”. O estranho é que em termos gerais nada muda, mesmo para aqueles que o defendem com rigor dogmático. Uma das razões pode

residir no fato de que os trechos proféticos do NT não poucas vezes são recortados do contexto em que aconteceram e transformados em doutrina independente. Eles passam a ter vida própria separados de cruz e ressurreição, ou seja, com seu poder misterioso são deslocados do centro e da norma de tudo o que é cristão. Eles se deterioram, são afetados por interpretações estranhas e até ridículas, tornam-se cavalo de batalha, que sabidamente exige e recebe bem mais forração do que os cavalos normais de tração. Forma-se um cristianismo aguerrido, sempre pronto para o combate, mas não mais disposto a aprender. Esta atitude pode causar repulsa e insegurança em mentes cristãs sadias. Desanimados com tanta agitação, os demais colocam a palavra profética entre parênteses, perdendo com isso algumas pedras essenciais da fundação da fé cristã. A esperança não pode faltar, tampouco como a fé ou o amor.

Se o evangelho de Marcos inteiro não passa de uma “introdução detalhada” aos cap. 14 e 15 (cf. qj 8e), isto vale ainda mais para o cap. 13, que precede diretamente a história da Paixão. Qual é a sua contribuição para a percepção e compreensão da morte de Jesus? Ele espelha a aplicação universal dela. Esta morte não foi um evento particular nem aconteceu somente em prol do grupo de discípulos e da igreja, nem para os judeus. Não precisa ser remetida nem para o misticismo nem para a ideologia. Ela representou a grande intervenção de Deus na história e arremessou o universo em um novo processo. Por essa razão, na hora da morte de Jesus o céu e a terra se moveram com sinais. Este movimento, que sai da cruz de Cristo, chega ao seu alvo somente quando céu e terra tiverem sido renovados e Deus for tudo em todos.

Já o fato de que Jesus ligou seu sofrimento diretamente ao “Filho do Homem” de Dn 7 também preparou seus ouvintes para dimensões cósmicas. Ele entendeu seu sacrifício como vitória do reinado universal de Deus, como reconciliação do mundo e centro de todas as coisas (8.31; 9.31; 10.32s,45). Agora estas implicações para a história do mundo são detalhadas. O comentário se empenha em mostrar que o cap. 13, com seus pensamentos principais e secundários, está ancorado no livro todo. Ele não é um corpo estranho, um “bizarro apocalipse judaico” (Dibelius, em Schreiber, p 126). Talvez nossa perplexidade diante deste capítulo denuncie nossa própria estranheza diante do evangelho segundo a Escritura (cf. também opr 2 a 13.5-8, e quanto à estrutura opr 1 a 13.14-20).

2. *Mensagem básica.* Qual o significado da cruz para a história da humanidade, conforme o cap. 13? Por um lado, julgamento. Outra coisa não resta para o nosso mundo em que alguém como Jesus esteve pendurado numa cruz. Ele foi exposto, acusado e condenado. Desde a Sexta-feira da Paixão ele está debaixo da decisão “Acabou!”, como um lutador de boxe que foi atingido e só cambaleia ainda pelo ringue. Por esta razão Jesus descreve o panorama de um mundo em crise, que desmorona e pega fogo. Por outro lado, ele pode chamar estas manifestações de “dores de parto” no v. 8. Desta angústia do mundo nasce algo novo. Em meio à ruína, Jesus antevê a proclamação mundial da boa nova e, por fim, o cumprimento de todas as promessas de Deus. Neste lado é que está a ênfase. Os julgamentos da nossa época ainda não são execuções. O executado foi o Filho, para que se possa continuar vivendo, em volta da sua cruz. Esta é a resposta incrível de Deus à obstinação de Israel e à cegueira dos pagãos. A graça é mais abrangente e mais profunda.

3. *Relação com os apocalipses do judaísmo posterior.* Como Cristo não veio ao mundo para inventar novos termos, ele faz uso em todas as áreas de conceitos comuns e idéias populares em seu tempo. Em nosso caso, ele fala e pensa dentro da linguagem de esperança daquela época, que é a apocalíptica. Este movimento, que estava no seu auge naquele tempo, se ocupava de modo abrangente com Deus e a história: como e quando Deus finalmente será de novo senhor da sua criação? O que Jesus disse sobre isto tem relação com outros textos apocalípticos. Entretanto, sua orientação totalmente diferente e a inserção no evangelho nos colocam com ele como que em um outro mundo, criando um efeito praticamente antiapocalíptico. Com Jesus faltam, p ex, conteúdos apocalípticos prediletos: a guerra messiânica, a destruição de Roma, a reunião da dispersão judaica, a renovação de Jerusalém, o brilho do novo templo, o domínio sobre os pagãos, a vida em abundância fantástica e a descrição imaginosa da tortura dos condenados. Falta também a visão geral teórica da história, o plano fixo cujos tempos, dias e horas estão determinados inapelavelmente. Faltam os sinais que permitem a previsão e todo o simbolismo dos números. Em Jesus chamam a atenção 21 imperativos (Gnilka II, 179). Esta característica por si já pode nos conscientizar que, em contraste com os apocalipses, não recebemos uma informação teórica sobre a terra do futuro. É que a verdadeira profecia não é fotografia, antes um raio X: a estrutura óssea do corpo do mundo se torna visível, focos ocultos de doenças se mostram. Isto é o que importa para a perseverança da igreja.

4. *O “panfleto apocalíptico”.* Em 1864 o francês T. Colani levantou a hipótese de que o evangelho de Marcos originalmente tivesse sido redigido sem o décimo terceiro capítulo. O trecho seria em seu âmago um apocalipse judaico que os cristãos retrabalharam e acrescentaram à obra de Marcos como suposto discurso de Jesus. Esta idéia foi aceita em termos gerais pela pesquisa crítica. A suposta fonte, que seria visível em uns quinze versículos, logo recebeu o nome de “panfleto”. Um profeta judeu o teria difundido em uma época de sofrimento, para o que, porém, não existem paralelos contemporâneos (Gnilka II, 211). Instrutivo nesta questão é o caminho de um pesquisador como Rudolf Pesch. Em 1967 ele conseguiu preencher umas quinze páginas sobre este panfleto (Naherwartung, p 207-223). Dez anos depois, em seu grande comentário de Marcos de 1977, a palavra “panfleto” falta totalmente. Ele comunica que tivera de modificar sensivelmente



sua hipótese e que fora levado a uma nova interpretação (II, 266). Maiores detalhes não podemos trazer aqui. Mas a informação não deveria faltar, porque o “panfleto” ainda voeja por aí.

5. *Barreiras da cosmovisão.* A exposição da Escritura nunca é fácil, e com certeza não no caso de **Mc 13**. As dificuldades, porém, podem residir também nas posições da nossa cosmovisão.

a. Se não temos acesso à realidade da previsão do futuro, não nos resta outra coisa do que tomar **p ex** a profecia da destruição de Jerusalém como *vaticinium ex eventu*: da recordação da catástrofe do ano 70 foi feita mais tarde uma suposta profecia.

b. Quem “ficou convencido como qualquer pessoa em perfeito juízo” (Bultmann, *Das Neue Testament und Mythos*, Hamburgo 1948, p 19; cf. Schulz, p 114) de que a história do mundo corre adiante sem fim, que pelo menos não acontecerá por uma intervenção de Deus, encontrará poucas coisas importantes para o cristianismo neste capítulo. Neste caso a fé cristã no futuro se limita a “poder viver com sentido” no presente. Sobre o futuro “ele (o cristão) no fundo não sabe nada” (Neues Glaubensbuch, 11ª ed., p 543s).

c. Quem confunde a boa nova de Jesus e a alegria espiritual dos primeiros cristãos com seu próprio otimismo cego, a ponto de não ter mais olhos para os horrores da história e os julgamentos de Deus, só pode ler **Mc 13** como um escurecimento lamentável do evangelho. “Vemos aqui como aquilo que Jesus viveu e fez aqui na terra retrocede por algum tempo diante das assombrações de uma tradição antiga, como se fosse apagado” (Haenchen, p 434). Neste caso ficamos com a impressão de que a Bíblia está alheada da realidade, porque não fala das coisas que nos causam problemas na prática. Na verdade ela abrange um raio de experiência da realidade muito mais amplo. Por isso seria uma perda se retiramos os textos estranhos para nós ou passamos por cima deles, pois o encontro do evangelho com aquilo que consideramos evangelho mais uma vez não acontece. Ficamos presos em nossa gaiola.

## 1. O anúncio da execução da sentença na saída do templo, 13.1,2

(Mt 24.1,2; Lc 21.5,6; cf. 19.41-44)

**Ao sair Jesus do templo, disse-lhe um de seus discípulos: Mestre!<sup>a</sup> Que pedras, que construções!<sup>b</sup>**

**Mas Jesus lhe disse: Vês estas grandes construções? Não<sup>c</sup> ficará pedra sobre pedra, que não seja derribada.**

*Em relação à tradução*

<sup>a</sup> O grego tem aqui ainda a interjeição Olha! (*ide*), que em Marcos é mais forte que *idou* (cf. 3.34n).

<sup>b</sup> O grego tem aqui um adjetivo (cf. **NVI**: “Que pedras enormes! Que construções magníficas!”), *potapos* (para a tradução, cf. WB 1373). Ele é mais forte que **p ex poios**, e tem um toque de estranho, inexplicável e que gera reverência; cf. o uso **p ex** em **Mt 8.27**; **Lc 1.29**; **1Jo 3.1**.

<sup>c</sup> *ou me*, em Marcos muitas vezes ligado à introdução com “em verdade”; a ênfase é quase de juramento.

*Observação preliminar*

*Contexto.* A forma do verbo neste lugar, indicando duração, “saindo ele do santuário”, se destaca de **11.11,19**, onde a saída só é mencionada de passagem, como parte do ir e vir diário entre o templo e o alojamento noturno. Estas idas e vindas agora acabam. Jesus sai para não voltar mais. O local muda e a situação muda totalmente. Assim, estes dois versículos formam a passagem entre o templo e o monte das Oliveiras. Também faz parte do caráter de passagem em que o diálogo se dá entre Jesus e um dos seus discípulos, mas ainda não se restringe ao grupo dos discípulos, como a partir de **3ss**. O público ainda pode ouvir.

- 1 Ao sair Jesus do templo, disse-lhe um de seus discípulos.** Ainda enquanto eles estão saindo, no meio da multidão que se aglomera, ouve-se esta exclamação de um dos seus seguidores. Nestas circunstâncias, não temos aqui um diálogo formal de ensino, apenas esta declaração, que é abatida por outra declaração de Jesus. O singular **ao sair ele** tem seu sentido aqui, mesmo que se pressuponha que os discípulos andem com ele. Para Jesus trata-se de uma ação cheia de significado. Ele está abandonando o navio que afunda, retira-se deste santuário questionável, assim como o povo de Deus recebeu ordens de se retirar de Babilônia (Is 48.20; 52.11; Ap 18.4). Neste momento aquela exclamação quer impedir seu êxodo, quer retê-lo e fazê-lo olhar para trás (cf. Gn 19.17,26). É outro exemplo de falta de entendimento dos discípulos (cf. 1.36). **Mestre! Que pedras, que construções!** O templo herodiano era uma das maravilhas do mundo antigo (Grundmann, p 380). Aqui, porém, temos mais do que admiração arquitetônica. Não parecia que estas edificações se elevavam como uma fortaleza das eternidades? O discípulo anônimo expressa seu assombro religioso, sua fé na



indestrutibilidade deste templo. “Não está o Senhor no meio de nós? Nenhum mal nos sobrevirá” (Mq 3.11; cf. 11.22). Este templo pode, sim, precisa ser reformado. Mas destruído? Sobre estes fundamentos religiosos profundos baseou-se a louca guerra judaica. Durante o seu transcorrer, o templo passou a ocupar cada vez mais o centro. Ele era considerado o fiador da causa de Deus. Quando mesmo assim ele sucumbiu às chamas, os combatentes judeus desistiram.

- 2 Jesus também captou o momento, mas com efeito contrário: quanto maior a construção, maior a queda. **Mas Jesus lhe disse: Vês estas grandes construções? Não ficará pedra sobre pedra, que não seja derribada.** O próprio Deus eliminará este santuário apóstata (*passivum divinum* duplo, cf. 2.5). Uma segunda frase arremata: Vocês não ouviram mal. Este templo já deu o que tinha de dar. A verdadeira adoração não mais acontecerá neste lugar (Jo 4.21), nunca mais (Ap 21.22).

Esta palavra pública de Jesus granjeou-lhe a morte, como mostram os ecos em 14.58; 15.29,38, mas também o novo “templo”. O judaísmo centrado no templo encontrou o seu fim no ano 70. O palco giratório do mundo se moveu, e uma nova época apareceu.

## 2. A pergunta particular do discípulos sobre o fim, 13.3,4

(Mt 24.3,4; Lc 21.7)

**No monte das Oliveiras<sup>a</sup>, defronte do templo, achava-se Jesus assentado, quando Pedro, Tiago, João e André lhe perguntaram<sup>b</sup> em particular: Dize-nos quando sucederão estas coisas<sup>c</sup>, e que sinal haverá quando todas elas estiverem para cumprir-se.**

*Em relação à tradução*

<sup>a</sup> Sobre a localidade, cf. [opr 3 a 11.1-11](#). O monte das Oliveiras estava ancorado com tanta segurança nos acontecimentos históricos (entrada, caminho diário do e para o alojamento, prisão), que as interpretações simbólicas aparecem bem mais tarde, sem base nos doze textos em que o monte é mencionado, totalmente sem controle.

<sup>b</sup> Chama a atenção o singular no texto grego. Como em [8.29,32](#); [9.38](#); [10.28,35](#), um discípulo deve ter falado pelo grupo, só que aqui se perdeu o seu nome.

<sup>c</sup> Traduzir por “isso” induz a aplicação da pergunta dos discípulos à destruição de Jerusalém. Aqui, porém, a forma plural deve ser destacada, como mostra também a segunda parte da pergunta: “todas elas” (como em [7.23](#); [10.20](#); [13.30](#)).

*Observação preliminar*

*Contexto.* Para sintonizar o conteúdo do discurso que segue, o local e a audiência foram importantes para Marcos. Como destino ficou registrado o monte das Oliveiras, separado do monte do templo pelo vale do Cedrom que, naquele tempo, era bastante profundo. Esta posição é recordada com “defronte ao templo”. “Em particular” sublinha que os ouvintes tinham-se separado da multidão. A menção por nomes os identifica especificamente. Trata-se de uma seleção dos doze selecionados, de modo que o ponto de partida da escolha é mostrado claramente. Jesus fala de maneira mais direta àqueles que são representados por estes quatro discípulos, ou seja, ao novo povo do templo. Ele falou para o futuro e para a amplidão, dando à igreja o seu legado.

- 3,4 No monte das Oliveiras, defronte do templo, achava-se Jesus assentado, quando Pedro, Tiago, João e André lhe perguntaram em particular:** Conforme o costume judaico, o professor ficava sentado (cf. 4.1; 9.35; 12.41) e os alunos começam com uma pergunta (cf. 4.10; 7.17; 9.11,28; 10.10). Somente os quatro que foram chamados primeiro estão presentes. Os três primeiros discípulos também são privilegiados em 5.37; 9.2; 14.33. **Dize-nos quando sucederão estas coisas, e que sinal haverá quando todas elas estiverem para cumprir-se.**

Todo leitor da Bíblia conhece a predileção judaica pelo paralelismo. A segunda frase enriquece a primeira e a explica (perguntas duplas também se encontram p ex em 6.2s; 9.18; 12.14). Portanto, o desejo aqui é que Jesus responda a pergunta sobre o quando de “todas estas coisas”, dando algum sinal, não o número de determinado ano. Quais “todas elas” estão em vista? Trata-se, como nos v. 29,30; Mt 5.18; 24.2,8,32,34; Lc 21.22,32,36, da soma dos acontecimentos do tempo do fim, usando uma expressão que já aparece em Daniel (12.7; ecos de Daniel aqui também nos v. 7,14,19,26 e outros).

Com isto os discípulos compreenderam que Jesus não anunciou no v. 2 um julgamento do templo no transcorrer da história, mas sua eliminação pelo próprio Deus. E isto também não para interromper a linha do templo, mas para dar-lhe outra direção e uma nova qualidade, escatológica. O sentido da pergunta deles é parecido com a dos fariseus em Lc 17.20: “Quando vem o reino de Deus?” Bill. I, 949 relaciona uma série de perguntas como estas do contexto judaico. Jesus corrigiu perante os fariseus as idéias judaicas sobre o quando, e faz o mesmo nos próximos versículos com os discípulos, para rejeitá-las radicalmente no v. 32, ao terminar.

### 3. Contra o conceito de salvação relacionado à expectativa de guerra, 13.5-8

(Mt 24.4-8; Lc 21.8-11)

**Então, Jesus passou a dizer-lhes: Vede que ninguém vos engane.**

**Muitos virão em meu nome<sup>a</sup>, dizendo: Sou eu; e enganarão a muitos.**

**Quando, porém, ouvirdes falar de guerras e rumores de guerras, não vos assusteis; é necessário assim acontecer, mas ainda não é o fim.**

**Porque se levantará nação contra nação, e reino, contra reino. Haverá terremotos em vários lugares e também fomes. Estas coisas são o princípio das dores.**

*Em relação à tradução*

<sup>a</sup> *epi to onomati* não pode ser traduzido por “em meu nome” como **p ex** em 9.39. Isto porque se eles invocam positivamente o Messias, eles não podem afirmar ao mesmo tempo serem eles mesmo o Messias (“Sou eu!”). Por isso só podemos considerar aqui o sentido: usurpando a messianidade que na verdade cabe a Jesus (nome = majestade) (cf. **BV**: “Muitos virão dizendo que são o Messias”). São, portanto, messias falsos como nos v. 21s (com Bietenhard, ThWNT V, 276 nota 224; Stauffer II, p 351; diferente de Hartmann, EWNT II, p 1275).

*Observações preliminares*

1. *Contexto.* Perguntado sobre o “cumprimento” dos acontecimentos do fim (v. 4), Jesus responde falando do “fim” (v. 7). Entretanto, logo a abertura: “Vede que ninguém vos engane!” mostra que ele tem algo a corrigir. Ele vê que seus discípulos são assediados por idéias em relação ao fim que representam um perigo para eles. O alerta vale até o v. 33.

2. *Contexto do livro.* De acordo com o v. 7 (e 10), os acontecimentos estão sob o mesmo “é necessário” divino como os sofrimentos de Jesus conforme 8.31. Isto nos coloca a tarefa de relacionar esta profecia do fim com a profecia do sofrimento, que marca tanto o livro a partir de 8.31. Esta relação consiste, segundo o testemunho geral do evangelho, em que a morte de Deus representa a vitória decisiva do reinado de Deus e, com isto, o fim e a mudança do mundo. A cruz inaugura os acontecimentos do fim. Esta inauguração significa: o fim não acontece com uma explosão, mas expande-se em um *tempo* do fim, entre ressurreição e retorno. Isto já foi indicado em 2.20 onde, depois da morte violenta do noivo, abre-se para os convidados ao casamento um tempo de separação. (Um tempo intermediário também é pressuposto por passagens como 8.34s; 9.35; 10.29s,39,43). Esta experiência de abandono torna os discípulos suscetíveis a depressão e sedução. Cabe a eles testificar um reinado de Deus que se revela no crucificado, um Senhor que fracassou oficialmente e desapareceu. Esta dissimulação do poder de Jesus no seu oposto, esta invisibilidade em amplos setores, ameaça acabar com eles e torná-los dóceis a outros salvadores e mensagens de salvação. A isto se dirige o discurso de despedida. Ela não se presta à curiosidade de espectadores, mas em todos os seus conteúdos está preocupada acima de tudo com os afetados, seu caminho e serviço no tempo do fim, seu perigo e sua salvação.

**5,6 Então, Jesus passou a dizer-lhes: Vede que ninguém vos engane!** Para diferenciar entre essência e aparência, temos de usar com empenho a capacidade de discernimento que temos, como cristãos, por meio da Escritura e do Espírito (cf. 12.38n). Muitas seduções perderiam seu encanto se olhássemos uma segunda vez. **Muitos virão em meu nome, dizendo: Sou eu!** Supostos profetas, apóstolos e até messias eram testados em Israel e perguntados, p ex: “És tu o Messias?” (14.61; Jo 1.19ss; cf. opr 2 a 11.27-33 no fim). Depois da ascensão de Cristo haverá muitos que se oferecerão com promessas grandiosas de revelações: “Sou eu” quem vocês estão esperando! Haverá um entrar e sair de messias. O mundo que envelhece mostra sua pobreza, perplexidade e também fraqueza para promessas de cura cada vez mais baratas. Por mais curta que seja a sobrevida delas, nunca faltam novas promessas e grandes alto-falantes. **Enganarão a muitos**, também das fileiras dos cristãos (v. 22). Apesar destes falsos messias bem-sucedidos, os discípulos podem ficar com o evangelho de

Jesus. No tempo do fim importa evangelizar com fidelidade, em vista da apostasia (At 20.29-31; 2Ts 2.3-11; 1Tm 4.1).

No trecho paralelo de Lc 21.8 lemos: “Não os sigais!” A expressão também pode ser usada para alistar-se em um exército. De fato, messias zelóticos convocaram para a última “guerra santa” contra Roma. Eles imaginavam que assim forçariam Deus a intervir e a transformar tudo em salvação – uma ideologia que tem a marca do desespero.

- 7 Jesus não se deixou levar por ela. **Quando, porém, ouvirdes falar de guerras e rumores de guerras, não vos assusteis.** Primeiro temos de observar que Jesus não está falando de certas guerras em certos países, talvez na Judéia. De um modo tão geral como o v. 8 fala de terremotos – não é preciso ser atingido por eles – também aqui se trata simplesmente de guerras, das quais ouvimos falar. Notícias como estas, porém, podem ajudar a provocar uma febre escatológica. A igreja estranha a ideologia da guerra que gera salvação. Como pode ela, mesmo que só secretamente, ter esperanças no derramamento de sangue! O seu Senhor, cuja messianidade reside exatamente no fato de ter derramado seu próprio sangue, jamais virá por meio da guerra. Por isso é totalmente indigno da sua igreja perder o controle por causa de notícias de guerras e dar lugar a especulações desvairadas sem avaliá-las com inteligência.

Em lugar do nervosismo entra a sobriedade. **É necessário assim acontecer.** Naturalmente as guerras não são causadas por leis da natureza, não são “normais”, mas elas são o resultado de má política, e de pessoas que não querem saber dos mandamentos de Deus e do Cordeiro de Deus. Tanta maldade um dia não dá mais certo. Deus não deixa que zombem dele por muito tempo, por mais paciente e longânimo que seja. Porém, a salvação uma guerra não pode gerar. **Ainda não é o fim.** Marcos escreveu quando a guerra judaica estava agitando os ânimos, atizando quiçá também na igreja um clima de catástrofe, levando as esperanças de libertação ao ponto de fervura. Este clima era compreensível, mas não de proveito para o serviço cristão. Por isso Marcos transmite estas palavras que abafam claramente as convicções apocalípticas. “Lutem para se aquietarem!” podemos dizer também aqui.

- 8 Mais uma vez o olhar se volta para os sinais de decomposição de um mundo que envelhece. Eles abarcam política, economia e ecologia: **Porque se levantará nação contra nação, e reino, contra reino. Haverá terremotos em vários lugares e também fomes.** Mais uma vez Jesus fala em termos gerais e globais. Ele está usando expressões antigas (Is 19.2; 2Cr 15.6; 4Esdras 9.3; 13.30s). A combinação guerra-fome também acontece com frequência no AT (especialmente em Jeremias) e no judaísmo (Bill. I, 949). **Estas coisas são o princípio das dores.** Elas ainda são um posto avançado solitário, sem nenhuma relação imediata com o novo que deverá “nascer”. O uso figurado das dores de parto é comum no judaísmo e já no AT (Is 13.8; 26.17; 66.7s; Jr 6.24; 13.21; 22.23; Os 13.13; Mq 4.9s). Esta frase final destaca mais uma vez a preocupação básica destes versículos.

#### 4. Exortação para o testemunho firme também sob perseguições, 13.9-13

(Mt 24.9-14; Lc 21.12-19; cf. Mt 10.17-21,34-36; Lc 12.11,12,51-53;  
Jo 16.2; 15.21; 14.26)

**Estai vós de sobreaviso, porque vos entregarão aos tribunais e<sup>a</sup> às sinagogas; sereis açoitados<sup>b</sup>, e vos farão comparecer à presença de governadores e reis, por minha causa, para lhes servir de testemunho.**

**Mas é necessário que primeiro o evangelho seja pregado a todas as nações.**

**Quando, pois, vos levarem e vos entregarem, não vos preocupeis com o que haveis de dizer, mas o que vos for concedido naquela hora, isso falai; porque não sois vós os que falais, mas o Espírito Santo.**

**Um irmão entregará à morte outro irmão, e o pai, ao filho; filhos haverá que se levantarão contra os progenitores e os matarão.**

**Sereis odiados de todos por causa do meu nome; aquele, porém, que perseverar<sup>c</sup> até ao fim, esse será salvo.**

*Em relação à tradução*

<sup>a</sup> Este “e” esclarece: tribunais e sinagogas não são duas coisas diferentes, já que os tribunais locais dos judeus eram exatamente os das sinagogas. Isto valia também para judeus no exterior. Assim que em uma

cidade morassem mais de 120 homens judeus, a comunidade da sinagoga local organizava um tribunal que regularizava as questões próprias deles – tolerado pelos romanos (Lohse VII, p 864).

<sup>b</sup> Não devemos pensar em espancamentos, mas na pena de quarenta açoites no âmbito do procedimento judicial da sinagoga. Estas eram administradas no fim de um cerimonial muito exato. Primeiro o estado físico do condenado era avaliado, para ver se suportaria o número completo de açoites. Apesar disto havia quem morresse enquanto sofria o castigo, que era de um terço dos açoites no peito e dois terços nas costas. Mulheres também eram chicotadas. Durante a execução da pena pelo empregado da sinagoga, um juiz recitava versículos bíblicos, um outro contava os açoites, um terceiro dava a ordem para cada chicotada (Schneider IV, p 522; Bill. III, 527).

<sup>c</sup> *hypomonein* contém um elemento ativo, diferente do nosso termo “agüentar”: resistir, ficar firme, segurar (Hauck, ThWNT IV, 585ss).

### Observação preliminar

*Contexto.* O período antes do retorno continua sendo o objeto do ensino, mas agora tendo em vista o serviço dos discípulos. Este é principalmente o tempo *deles*, em direção ao qual viveram desde a sua escolha em 3.14. Como é importante para eles que não fracassem especialmente ali! Neste sentido temos nos v. 9-11 o trecho central de todo o discurso. Isto explica por que este parágrafo tem tantas referências a Cristo. Menções diretas, pessoais, estão logo no começo e novamente no fim (v. 9,13: “por minha causa”; v. 13: “por causa do meu nome”) e, entre estas, termos relacionados com Cristo (v. 9: “testemunho”; v. 10: “evangelho”; v. 11: “Espírito Santo”). Por fim, o “ser entregue” triplice nos v. 9,11,12 inclui totalmente o destino dos discípulos no caminho de Cristo, pois este verbo (cf. 1.14) descreve em Marcos catorze vezes a experiência de Jesus, concentradamente nos dois capítulos seguintes (14.10,11,18,21,41,42,44; 15.1,10,12).

- 9 **Estai vós de sobreaviso!** Esta segunda exortação para estar alerta (cf. v. 5) dirige a atenção deles para eles mesmos. Deve estar bem claro em sua mente quem eles são e para que estão aí. Eles não podem tornar-se produtos do ambiente, mas devem enquadrar-se totalmente no discipulado e no testemunho! Eles nunca pertencem ao lado do caos, da violência e do medo (v. 7s). É melhor deixar-se surrar (v. 9) do que surrar outros, ser morto (v. 12) do que matar outros. Em todas as circunstâncias, não perder Jesus e seu evangelho de vista! **...(porque) vos entregarão aos tribunais e às sinagogas; sereis açoitados, e vos farão comparecer à presença de governadores e reis, por minha causa, para lhes servir de testemunho.** Sua perseverança ao lado de Jesus e sua incorruptibilidade em face das promessas falsas de felicidade (v. 6) os isola e levanta o mundo à sua volta contra eles. A frase engloba tanto as primeiras investidas missionárias ainda dentro da sinagoga como o trabalho posterior, onde tiveram de enfrentar os poderosos do mundo. A resistência é unânime. É claro que há momentos para descanso, conversas descontraídas, acordos, elogios e táticas, mas assim que os dois lados deixam entrever o que são, ficará evidente: os senhores de até então não querem o futuro senhor. O mundo quer se manter e, por isso, tem de dar um jeito nestas testemunhas. Mas exatamente neste momento, o lugar do seu sofrimento, a delegacia de polícia ou a sala do tribunal, torna-se lugar do seu testemunho. Faz parte da natureza da coisa que o interrogador tenha orelhas atentas para o acusado. Sua tarefa é fazer perguntas e mais perguntas. Basta isto para que ele seja um homem perdido? Ele experimenta a mensagem de Cristo e está entregue ao poder absoluto de Deus. Isto pressupõe que a testemunha não esparrame queixas indignadas no tribunal nem dê vazão a medo e vingança. Ela só precisa olhar para si mesma, quem ela é e para que está ali.
- 10 **Mas é necessário que primeiro o evangelho seja pregado a todas as nações.** Esta frase não poderia faltar aqui. Ela esclarece o que acabou de ser dito, trazendo à mente a situação geral. É tempo do fim, e isto significa “primeiro” tempo de proclamação. E isto é universal: “a todas as nações”. Os confins da Terra fazem parte dos fins dos tempos. Deus quer alcançar mais uma vez com sua graça este mundo, cujo tempo está acabando, em sua totalidade. Esta é a única razão para estender o tempo (2Pe 3.9). É neste sentido que os discípulos devem classificar e subordinar tudo (“é necessário”). Até as perseguições, então, serão entendidas como momentos favoráveis, pois por meio delas os cristãos chegam até lugares e pessoas que de outra forma não seriam alcançados. Podemos ver alguns poucos exemplos em At 3.1ss; 5.17ss,41; 6.8ss; 8.1; Fp 1.12ss; 2Tm 2.9. A voz passiva “seja pregado” em vez de “você devem pregar” nos conscientiza de quem é o verdadeiro ator (*passivum divinum*, cf. 2.5). O próprio Deus é o evangelista. É claro que ele tem colaboradores, mas no centro está a verdade de que missões é seu objetivo e atividade primordial no tempo do fim.
- 11 Depois de Deus ter sido reconhecido como o verdadeiro missionário (v. 10), seu Espírito é apresentado como aquele que na verdade é quem fala. **Quando, pois, vos levarem e vos**

**entregarem.** Como o missionário se sente estranho e desamparado em uma delegacia estrangeira, no tribunal com seus procedimentos, no palácio do rei e, em termos gerais, entre o outro povo com sua língua! Nada seria mais natural do que sua cabeça ser agitada por pensamentos assustados e seus instintos de preservação o paralisarem. Talvez sua resistência física também já tenha sido quebrada por torturas. Agora ele entra na sala acabado também psicologicamente. Certamente o trabalho missionário nos encontra incapazes por natureza (2Co 2.16), mas isto seria o auge da impotência. Trata-se dele aqui para lançar luz também sobre situações normais. **Não vos preocupeis com o que haveis de dizer, mas o que vos for concedido naquela hora, isso falai; porque não sois vós os que falais, mas o Espírito Santo.** Deus não envia suas testemunhas para retirar-se para trás delas. Pelo contrário, ele dá o seu Espírito para ajudar, no caso aqui no tribunal. Ele dá força (At 1.8) e palavra. Todo o livro dos Atos dos Apóstolos e Jesus em 12.27 são prova disso. O caso exemplar, porém, continua sendo o próprio Senhor quando ele foi “entregue” e suportou os interrogatórios noturnos. Os primeiros cristãos não deixaram escapar este exemplo (Rm 15.2; 1Tm 6.13; 1Pe 2.21-23).

**12,13 Um irmão entregará à morte outro irmão, e o pai, ao filho; filhos haverá que se levantarão contra os progenitores e os matarão.** O “caso exemplar” de Jesus não se refere somente à sua manifestação pública. Jesus também sofreu no seu círculo mais íntimo Aquele que sentava com ele à mesa virou-lhe as costas (Jo 13.18), Judas o “entregou” (3.19; 14.10,11,18,21,42,44). Com destino semelhante, as testemunhas de Jesus podem chegar bem perto do seu Senhor. Jesus inclui palavras antigas de profetas neste contexto (Is 66.5; Mq 7.6; Zc 13.3; paralelos judaicos em Pesch II, 286), porém não se refere à decadência social geral, mas à separação causada pelo evangelho (cf. 3.31ss; 10.28ss). A frase final o expressa diretamente: **Sereis odiados de todos por causa do meu nome.** A vida do discípulo parece tornar-se impossível. Por isso, uma frase para os vencedores, como nas cartas do Apocalipse: **Aquele, porém, que perseverar até ao fim, esse será salvo.** Mais uma vez – oculto no *passivum divinum* “será salvo” – o próprio Deus intervém. Ele em pessoa garante vida e salvação. Ele a garante a quem permanece no serviço até o fim. De Jesus sabemos que ele “amou os seus até ao fim” (Jo 13.1). A expressão inclui, em caso extremo, o sacrifício da própria vida (cf. Ap 2.10). Que pessoas estão dispostas a isto? Aquelas que tiveram a idéia de contar com a ressurreição. Paulo dispôs da sua vida nos seguintes termos: “Minha morte deve estar ligada ao meu destino, para que eu alcance a ressurreição”. Ele não se desviou para o misticismo com estas palavras, mas pensava concretamente na “comunhão dos seus sofrimentos” (Fp 3.10).

## 5. Chamado para o êxodo do judaísmo, 13.14-20

(Mt 24.15-22; Lc 21.20-24; cf. 17.31)

**Quando, pois, virdes o abominável<sup>a</sup> da desolação<sup>b</sup> situado<sup>c</sup> onde não deve estar (quem lê entenda), então, os que estiverem na Judéia fujam para os montes<sup>d</sup>;**  
**15 quem estiver em cima, no eirado<sup>e</sup>, não desça nem<sup>f</sup> entre para tirar da sua casa alguma coisa;**  
**e o que estiver no campo não volte atrás para buscar a sua capa.**  
**Ai das que estiverem grávidas e das que amamentarem naqueles dias!**  
**18 Oraí para que isso não suceda no inverno<sup>g</sup>.**  
**19 Porque aqueles dias serão de tamanha tribulação como nunca houve desde o princípio do mundo, que Deus criou, até agora e nunca jamais haverá.**  
**Não tivesse o Senhor abreviado<sup>h</sup> aqueles dias, e ninguém se salvaria; mas, por causa dos eleitos que ele escolheu, abreviou tais dias.**

*Em relação à tradução*

<sup>a</sup> *bdelygma*, originalmente aquilo que causa náuseas, sendo que no **AT** o termo se refere àquilo que é repulsivo e ofensivo *a Deus*: imagens dos ídolos pagãos e o estilo de vida pagão em geral. Por isso os fiéis ficam longe disto. O substantivo aparece no **NT** fora dos evangelhos mais três vezes referindo-se às nojeiras dos pagãos (Ap 17.4,5; 21.8) e, significativamente, em **Lc 16.15** também para a religiosidade farisaica. Em nossa passagem e no texto paralelo de Mateus o termo está ligado diretamente ao qualitativo que o segue, e tem um sentido específico (cf. **opr 2**).

<sup>b</sup> A tradução tradicional, literal, fala em devastar, mas no presente contexto não se trata de transformar algo em “deserto”, destruir militarmente como em **Lc 21.20** (cf. **opr 2**). A função do “grande terror” (**BLH**)



consiste na profanação do templo (“no lugar santo”, especifica [Mt 24.15](#)), de modo que os crentes verdadeiros deixam de vir e o santuário fica deserto (Schrenk, ThWNT III, 245; Kittel, ThWNT II, 657). Pesch tem este resultado final em vista ao traduzir: “abandono nojento”.

<sup>c</sup> A forma do verbo pressupõe aqui uma pessoa masculina. A pergunta que se levanta é se podemos forçar esta posição no grego do século I. É significativo que [Mt 24.15](#) coloca uma forma neutra nesta posição. Dificilmente este verbo pode ser ponto de partida para a interpretação.

<sup>d</sup> A tradução literal é “para os montes”. A Judéia era uma região montanhosa, mas deve ficar claro que a intenção é que os implicados deviam abandonar sua pátria e ir para a antiga região dos fugitivos, além do Jordão (cf. WB 1155). A Transjordânia era um planalto bem mais alto que a região montanhosa da Judéia.

<sup>e</sup> Sobre a cobertura plana das casas transcorria boa parte da vida diária.

<sup>f</sup> É recomendável entender este “nem” como esclarecimento. É claro que quem fosse fugir teria de descer de cima da casa, mas não deveria entrar na casa. Pressupõe-se uma escada externa.

<sup>g</sup> O “inverno” é, na Palestina, a época da chuva e do frio, de outubro até março, o mais tardar. A chuva cai durante poucos dias torrencialmente e com tanta violência que pode arrancar terra, casas e pontes. Especialmente as trilhas nas montanhas tornam-se intransitáveis.

<sup>h</sup> Aoristo profético: algo futuro já está como que perfeito, absolutamente garantido (Jeremias, Theologie, p 140).

### *Observações preliminares*

1. *Estruturação do discurso dos v. 5-23.* Não poucos intérpretes viram entre os v. 13 e 14 uma mudança decisiva de momento. O “começo das dores” (v. 8) já teria passado e o fim chegado. A salvação mencionada no v. 20 se referiria à volta de Cristo. É que os primeiros cristãos esperavam que o fim do mundo viesse junto com a destruição do templo, no que se enganaram. Em vista disto, o trecho é intitulado: “O Fim” (Lohmeyer, Wohlenberg parecido). Esta interpretação, porém, não consegue explicar satisfatoriamente uma porção de detalhes do texto. Ela começa a patinar. De acordo com o NT as coisas adquirem dimensões globais exatamente à medida que se aproxima o fim. Isto já vale para o “começo das dores”. Segundo os v. 8s, tudo passa a ter alcance global: as agitações, as proclamações do evangelho, assim como as perseguições. Isto vale ainda mais para o fim em si (v. 24ss). Nosso trecho, porém, destoa deste quadro. Tudo está vinculado localmente: ao templo em Jerusalém, à Judéia e à Transjordânia. As demais regiões do mundo são como espectadores. Também a cristandade em Roma só observa, meramente dedica-se à leitura, pois Marcos insere no v. 14: “Quem lê entenda!”

Como, então, nosso parágrafo 14-20 se enquadra? Com toda certeza ele faz parte do primeiro grande bloco do discurso, que vai do v. 5 ao 23. A unidade deste pode ser vista no fato de que ele começa e termina com a advertência para estarem alerta e não se deixarem enganar. Numa diferença clara contra o que segue, ele é um discurso de advertência. Mas seu assunto também é evidente. Ele é de natureza cristológica, pois Jesus adverte contra falsos cristos. Com isto ele abre o v. 6 e a isto ele retorna nos v. 21s. Os discípulos não se devem deixar atrair, no grande intervalo entre a Páscoa e o retorno de Jesus, do Cristo ressuscitado para cristos falsos e guerreiros. De acordo com isto, todo o bloco se refere à mesma situação. Esta expressamente “ainda não é o fim” (v. 7), apesar de já ser permeada por presságios, do “princípio das dores” (v. 8). O trecho intermediário 9-13 se presta, em meio a estas advertências, à exortação positiva à fidelidade no serviço do evangelho.

Com isto chegamos à pergunta de como a primeira parte (v. 5-8) e a terceira (v. 13-20) estão relacionadas. Ambas respondem à pergunta dos discípulos no v. 4 sobre o quando: “Quando ouvirdes” (v. 7) e “quando virdes” (v. 14). Nos dois casos seguem frases sobre agitações políticas (mesmo que mais no pano de fundo, nos v. 14ss). A diferença é somente que na primeira parte se fala delas em termos gerais, enquanto que na segunda Jesus dá detalhes concretos de lugar e tempo. Não estão mais em vista as estruturas gerais do tempo do fim, mas um exemplo específico, ou seja, a Guerra Judaica nos anos 66-70. É claro que esta guerra era um exemplo de classe muito especial. Nele o judaísmo do templo viveu seu julgamento anunciado, e os primeiros cristãos separaram-se dele definitivamente. Diante deste caso agudo, Jesus repete nos v. 21s sua advertência, com insistência redobrada: este acontecimento que se forma como nuvens escuras no horizonte ainda não está ligado à intervenção salvadora de Deus, portanto, ainda não é “o fim”. Pelo contrário, ele deve liberar a igreja definitivamente para o serviço entre os povos.

2. *O “abominável da desolação”.* Um incidente determinado no templo deveria fazer com que os discípulos fugissem da Judéia às pressas. Jesus o identifica com uma expressão conhecida desde Daniel, que acompanha o povo de Deus e várias vezes se tornou real. Na história existe a lei da repetição e, por isso, também cumprimentos (vide item 3, abaixo) repetidos. De acordo com [Dn 9.27](#); [11.31](#); [12.11](#), a expressão se refere à substituição dos sacrifícios diários no templo de Jerusalém por uma contrapartida sacrílega. Com isto o santuário estaria profanado, perdendo seu caráter de templo. “Abominável da desolação” não dá nomes aos bois, simplesmente penetra na natureza do processo. Este enfoque no sentido espiritual é a marca da profecia autêntica. O profeta fala da história em termos diferentes do historiador. Se ele fosse mais direto em termos

históricos, entrando em mais detalhes, ele se tornaria menos crível. Por isso os ouvintes também deveriam renunciar a querer tirar mais dele. Cabe a eles detectar a tendência básica, esperar e vigiar.

3. *Cumprimentos*. O primeiro e clássico cumprimento da expressão “abominável da desolação” teve lugar, segundo [1Mac 1.54; 6.7](#), por obra do rei sírio Antíoco IV Epifânio, que erigiu no ano 168 a.C. a “abominação da desolação” ([BJ](#)) no pátio do templo de Jerusalém. Para horror inesquecível dos fiéis, ele fez oferecer carne de porco sobre o altar dos sacrifícios, transformou as salas circundantes em bordéis e consagrou uma imagem ao deus grego Zeus. Sob ameaça de pena de morte ele ordenou a adoração desta imagem. – Para o que, porém, apontava a renovação da profecia por Jesus? Várias interpretações já foram apresentadas:

a. Apontou-se para [2Ts 2.4](#) (Cf [Ap 13.6](#)), onde Paulo, baseado em [Dn 11.36](#), escreve sobre uma profanação do templo pelo Anticristo. Neste caso o próprio Anticristo seria esta “abominação da desolação” personificada (falta ali, porém, a expressão literal) (assim pensam Klostermann, Grundmann, Schmid, Wikenhauser, Lohmeyer, Gnllka, Foerster, ThWNT I, 600 e outros). Contudo, não seria sem sentido fugir do Anticristo de algum lugar para outro? Ele não alcança o mundo inteiro? E se devemos esperar precursores do Anticristo segundo o v. 21, ele não estaria chegando muito cedo no v. 14? Além disso, o templo neste caso já não estaria destruído há tempo?

b. Outros indicam que o imperador Calígula, dez anos depois da morte de Jesus, fez uma nova tentativa de erigir uma estátua sua no templo judaico. Ela já estava confeccionada, mas sua instalação foi frustrada por seu assassinato no dia 24 de janeiro do ano 41. Um dos que remetem a isto é Schlatter (Matthäus, p 706; cf. Schrenk, ThWNT, 245). No outono precedente um profeta cristão poderia ter convocado a igreja para a fuga, semelhantemente a Ágabo em [At 21.10](#). Trinta anos mais tarde Marcos ou um precursor teriam temido que uma tentativa como esta poderia repetir-se. Utilizou, então, aquela profecia do desconhecido e a pôs nos lábios de Jesus. É claro que isto implica uma porção de arranjos. Acima de tudo Marcos não escreveu num estilo que lhe permitisse colocar nos lábios de Jesus profecias conforme a sua opinião.

c. Tem sido pensado que o “abominável da desolação”, “situado onde não deve estar”, teria sido o general romano com suas tropas, quando apareceu pela primeira vez em uma elevação em frente à cidade, no dia 17 de novembro do ano 66 (portanto, ainda não no templo!). Muitos judeus teriam abandonado a cidade já naquela ocasião. Ou os intérpretes aplicam a profecia à destruição do templo em si e sua profanação no 70 (Dehn, Schmithals, Barclay, Pesch e outros). Mas será que então já não era muito tarde para uma fuga?

d. Haenchen, p 447, separa a interpretação totalmente do templo e da Judéia e pensa na introdução iminente da adoração do imperador em todo o Império Romano, perto do fim do século. Como texto paralelo ele indica [Ap 13.11-18](#). Segundo este pensamento, os cristãos deveriam ocultar-se em vários locais por todo o Império, para subtrair-se à obrigação da adoração do imperador. Aqui o intérprete passa por cima do texto que temos, com sua vinculação clara ao templo e sua adequação às condições judaicas.

**14** Jesus retoma a pergunta dos discípulos sobre o momento do fim: **Quando, pois, virdes o abominável da desolação situado onde não deve estar**. Ou os discípulos serão pessoalmente testemunhas disso em Jerusalém, ou “ver” tem aqui um sentido mais atenuado: experimentar, perceber. Também em passagens como Mt 2.16; 21.32; Tg 5.11, “ver” não implica percepção ocular pessoal, mas ouvir falar. Quando virdes”, então, teria o sentido de *o pessoal viu*, e vocês ouviram falar. O que será visto está duplamente oculto, de modo tipicamente profético, em termos de o que e onde. O local a ser profanado, todavia, somente pode ser um “lugar santo”, como Mt 24.15 expressa, neste contexto claramente o templo de Jerusalém. De que maneira, porém, acontece a profanação, Jesus deixa em aberto.

Marcos, porém, entrementes pode ajudar o entendimento dos seus leitores.

**Quem lê entenda!** (cf. [Ap 13.18; 17.9](#)). Pela forma, não se trata de uma continuação do discurso de Jesus, mas de uma interrupção. Marcos, ao escrever, está emocionado porque a profecia está-se cumprindo diante dos seus olhos, e chama a atenção dos seus leitores para isso. Nestas circunstâncias, podemos perguntar com cuidado que acontecimento antes da destruição no ano 70 – pois não se fala de uma ação militar – poderia estar em vista.

O que segue acompanha Grob, p 213; Lane, p 469; Sowers, em Pesch II, 292: De acordo com Josefo, Guerra Judaica IV, 3 e 5, ainda antes do início do cerco romano, um bando de zelotes desvirtuados sob a liderança de João de Giscala estabeleceu um governo de terror na cidade. Eles saqueavam, farreavam e assassinavam. No próprio santuário eles esfolaram 8.500 judeus, esfaquearam o próprio sumo sacerdote e jogaram seu cadáver por sobre os muros para o desfiladeiro. Por fim, tiveram de entrincheirar-se na área do templo, contra o povo revoltado. No inverno de 67-68 seu sacrilégio chegou ao auge ali. Eles empossaram um homem muito primitivo, de nome Fani, como sumo sacerdote. Este mal entendeu o que lhe acontecia quando “o enfeitaram com uma máscara estranha no palco” e o vestiram com a veste sagrada. “Este *sacrilégio imenso* para eles não passou de diversão e zombaria.” Naquela ocasião, o ancião Ananos lamentou: “Eu preferia ter morrido a ter de ver a casa de Deus tão cheia de *abominações (bdelygma)*, e o lugar nunca antes pisado (o santíssimo lugar) manchado pelos pés dos assassinos”. Ele também foi eliminado pouco depois. – Entre os judeus em Roma e os de Jerusalém havia comprovadamente uma comunicação freqüente. Portanto, os leitores de Marcos estavam informados sobre o horror.

Portanto, pode ser que Marcos tivesse entendido que a “abominação da desolação” se cumprira neste episódio, e que chamou a atenção para isso. Fani estava “situado onde não deve estar”. O templo se transformara agora totalmente em “esconderijo de ladrões” (11.17). É significativo que os agentes eram zelotes, ou seja, os representantes mais radicais do judaísmo messiânico centrado no templo. Este condenara a si mesmo.

Depois desta autocondenação, a execução era somente uma questão de tempo. Convencidos interiormente por esta profanação, os cristãos deveriam tirar suas conclusões e romper totalmente com o judaísmo. **Então, os que estiverem na Judéia fujam para os montes.** A expressão inclui os cristãos de Jerusalém, mas abrange o país inteiro. Especialmente para os moradores das redondezas, a aproximação dos inimigos sugeria o abrigo na capital fortificada (como p ex em Is 16.1-4; Jr 5-6). Neste caso, porém, a palavra profética os orientava a abandonar Jerusalém ao seu castigo iminente. A cidade se tornara como Sodoma (cf. v. 16). O que, porém, valia para os discípulos era: “Não morrerei; antes, viverei e contarei as obras do Senhor” (Sl 118.17).

De fato, temos informações que confirmam esta interpretação. Quando os romanos tomaram a cidade no ano 70 e venderam os sobreviventes como escravos, não havia cristãos entre eles. Enquanto no fim todos os grupos judeus tinham-se deixado arrastar para o desvario messiânico da guerra, os cristãos se conservaram ao longe, apesar de isto lhes custar perseguição e martírio (Goppelt, Zeitalter, p 41). Para começar, em 66 eles deixaram a cidade e o país em direção ao Oriente. Em Pela, na Decápolis, eles encontraram um novo local para morar (Eusébio, História Eclesiástica III 5.2s; 196.14). Muitos também saíram para os campos missionários. Desta maneira a palavra profética do seu Senhor os preservou.

**15,16** Os dois próximos versículos ordenam a fuga sem qualquer hesitação. **Quem estiver em cima, no eirado, não desça nem entre para tirar da sua casa alguma coisa.** Como alguém que acorda com a casa em chamas, eles devem sair correndo e salvar a pele. **E o que estiver no campo não volte atrás para buscar a sua capa.** O acréscimo “atrás” se encontra literalmente em Gn 19.26. Isto, segundo Lc 17.32, significa: “Lembra-vos da mulher de Ló!” Com isto Jerusalém se tornou igual a Sodoma. Ao povo de Deus cabe aceitar os julgamentos de Deus.

**17,18** Os outros versículos dignificam a angústia que esta separação da Judéia causará. **Ai das que estiverem grávidas e das que amamentarem naqueles dias!** Mulheres grávidas enfrentarão as agruras da fuga com dificuldades, muitos bebês terão de ser sepultados à beira do caminho. Em 1Co 7.27,28 Paulo deixa entrever que situações como esta não eram incomuns. **Orai para que isso não suceda no inverno,** quando os rios transbordam e não podem ser atravessados e os caminhos enlameados se tornam um suplício. Nas montanhas os refugiados são recebidos por um frio cruel.

**19** **Porque aqueles dias.** “Aqueles dias” (já no v. 17) são, muitas vezes mas não automaticamente, na Bíblia, os últimos dias do mundo. Pode tratar-se também de uma indicação geral (p ex 1.9; 2.20; 4.35; 8.1). Portanto, os dias da fuga **serão de tamanha tribulação como nunca houve desde o princípio do mundo, que Deus criou, até agora e nunca jamais haverá.** Nem o enfoque no que nunca houve deve nos induzir a ver nesta tribulação a *última*, pois esta será abrangente e não limitada a certo grupo de refugiados. Trata-se aqui de uma expressão exagerada para medidas máximas. Estas, contudo, podem ocorrer várias vezes (Êx 9.18,24; 10.6,14; 11.6; Dt 4.32; Is 2.2; Jr 30.7; Dn 12.1; Ap 16.18; na literatura judaica 1Mac 9.27 e Bill. I, 953 e Grundmann, p 360). Aqui já temos a indicação de que o tempo continuará correndo. Haverá tribulações sempre de novo, até a volta do Filho do Homem.

**20** **Não tivesse o Senhor abreviado aqueles dias, e ninguém se salvaria.** A salvação refere-se aqui às aflições físicas dos fugitivos. Eles deveriam viver e anunciar o evangelho a todas as nações (v. 10). **Por causa dos eleitos que ele escolheu, abreviou tais dias.** Nas semanas e meses do morticínio horrível de judeus, Deus pensa especialmente nos que escolheu, que devem sobreviver. Para eles, ele detém catástrofes.

Só aqui e ainda nos v. 22,27, encontramos no livro o adjetivo **eleitos**, porém bem sublinhado e obviamente com propósito. De fato, o termo se sugere exatamente aqui por causa do assunto. Como mostram numerosos exemplos do NT, o termo é usado em declarações sobre o tempo do fim. Os eleitos são o novo começo de Deus em um mundo que está passando. Ao mesmo tempo uma linha os une com templo e sacerdócio, como mostra p ex também 1Pe 2.4-10. Eles são as primícias do culto perfeito a Deus. Por isso estes fugitivos, atrás dos quais o templo logo arderá em chamas, são chamados de “eleitos”. Afinal de contas, na passagem importante em Lc 18.7 eles são descritos como

aqueles que, em sua angústia, clamam a Deus “dia e noite”. Isto pode estar pressuposto aqui. **Por causa dos eleitos**, então, tem o sentido: por causa das suas orações. A influência das orações nos julgamentos encontramos também em Ap 6.10; 8.3-5; 22.17. Aqui estas orações causam a abreviação daqueles dias. Tal suspensão própria da vontade de Deus em resposta à oração era estranha ao pensamento judaico. Eles criam em um Deus que “não transtorna” os propósitos uma vez tomados e não os deixa transtornar (4Esdras 4.37). Com o Pai do nosso Senhor Jesus Cristo, porém, há adiamentos com misericórdia (Lc 13.6-9) assim como abreviações misericordiosas (Lc 18.7s). Para tanto as orações dos eleitos desempenham um papel vivo.

## 6. Última advertência contra o falso messianismo, 13.21-23

(Mt 24.23-25; Lc 17.23; cf. Mt 24.11)

**Então, se alguém vos disser: Eis aqui o Cristo! Ou: Ei-lo ali! Não acrediteis; pois surgirão falsos cristos e falsos profetas, operando sinais<sup>a</sup> e prodígios, para enganar, se possível, os próprios eleitos. Estai vós de sobreaviso; tudo vos tenho predito.**

*Em relação à tradução*

<sup>a</sup> Aqui Marcos mostra sua terminologia peculiar. “Sinais”, para ele, sempre está em contextos negativos (8.11,12; 13.4,22; parecido com Paulo em 2Ts 2.9). É significativo que as duas únicas passagens positivas estão no suplemento (16.17,20). Marcos evita a palavras “sinais” inclusive no v. 24, apesar de se sugerir por Jl 3.3 e os textos paralelos em Mt 24.30 e Lc 21.25 a terem usado. O termo, portanto, parece ter tido uma conotação negativa.

*Observação preliminar*

*Contexto.* “Então” é raro em Marcos, seu sentido ainda não foi atenuado e cria um peso próprio para os próximos três versículos. O parágrafo olha de volta para todo o bloco do discurso, em que Jesus disse “tudo” (v. 23). Isto cria uma moldura. Pois da mesma forma como o v. 5 já advertiu contra os falsos messias, este trecho final o faz mais uma vez. Uma moldura assim é uma maneira de colocar o que está no meio debaixo do mesmo tema.

**21 Então, se alguém vos disser: Eis aqui o Cristo! Ou: Ei-lo ali!** Exatamente a Guerra Judaica, que Jesus viu formando-se aqui, fora inspirada messianicamente pelos zelotes. Estes às vezes eram chamados pelos judeus de “homens de ação”. Eles ensinavam que era preciso fazer alguma coisa para que viesse o reinado de Deus. Depois, Deus também faria algo. Se todo o Israel se levantar contra Roma pela fé, Deus não poderia fazer outra coisa a não ser abreviar o tempo e enviar o Messias no momento de maior angústia. Assim, a vinda do reino não é uma ação divina soberana, como para Jesus no v. 32, mas o Messias se deixa “empurrar” por uma ação de fé audaciosa (Hengel, Zeloten, p 128s,254,273; talvez a passagem difícil de interpretar de Lc 16.16 caiba neste contexto). A isto se juntava que muitos do povo acreditavam que o Messias se ocultaria em um esconderijo por um bom tempo antes de entrar em cena (Bill. I, 955; cf. Jo 4.29; 7.26s). Especialmente o deserto era imaginado como ponto de partida (Mt 24.26).

Opiniões como esta obviamente criavam distúrbios sérios em tempos de angústia. Quem tem um indício? Quem o descobre? Com simples impressões logo havia grandes ajuntamentos. Pesch enumera (p 298s) uma série destes chamados zelóticos de alerta antes do ano 70. Os Atos dos Apóstolos também trazem exemplos (5.36; 21.28). Todavia, a cristandade judaica foi preservada pela advertência clara de Jesus: **Não acrediteis!** A cristandade gentia em termos gerais também não deu espaço ao messianismo guerreiro (Jeremias, Theologie, p 76s,219-221) e foi fiel ao evangelho do Messias crucificado.

**22 Pois surgirão falsos cristos e falsos profetas, operando sinais e prodígios, para enganar, se possível, os próprios eleitos.** A menção dos profetas neste lugar cabe perfeitamente no quadro, pois do Messias esperavam-se também habilidades proféticas (14.65; Jo 6.14s), de modo que Messias e profeta nestes contextos são termos intercambiáveis. O que importa notar aqui é que “sinais e prodígios” faz lembrar de Dt 13.2, onde também se adverte contra os milagres de profetas falsos, com que pretendem seduzir pessoas para outros deuses. A estes Jesus está comparando os messias tão populares, por mais que o público os admirasse.



- 23 Agora Jesus identifica os eleitos do v. 20 com os discípulos à sua frente: **Estai vós de sobreaviso; tudo vos tenho predito.** A tentação de ficar no país era grande para os discípulos. Na Antigüidade, quem deixasse seu povo e sua pátria estava abandonado. A viúva desprotegida que grita em Lc 18.7 é seu retrato. Mas com a palavra profética clara do seu Senhor eles estavam orientados e conheciam o caminho divino.

## 7. A vinda do Filho do Homem em poder e glória, 13.24-27

(Mt 24.29-31; Lc 21.25-28)

**Mas, naqueles dias, após a referida tribulação, o sol escurecerá, a lua não dará a sua claridade,**

**as estrelas cairão do firmamento, e os poderes dos céus<sup>a</sup> serão abalados.**

**Então, verá o Filho do homem vir nas nuvens<sup>b</sup>, com grande poder e glória.**

**E ele enviará os anjos e reunirá os seus escolhidos dos quatro ventos<sup>c</sup>, da extremidade<sup>d</sup> da terra até à extremidade do céu.**

### *Em relação à tradução*

<sup>a</sup> Enquanto no começo do versículo e no v. 27 “céu” está no singular, aqui temos o plural. Certamente se trata do plural poético, que dá impressão de plenitude (von Rad, ThWNT V, 501: “plural da expansão em termos de espaço”). A favor disto fala a proximidade do AT. A idéia de vários céus só apareceu no judaísmo tardio.

<sup>b</sup> Enquanto as preposições podem variar (Mt 24.30 tem “sobre”, Mc 14.62 “com”), na visão das nuvens plural ou singular parecem fazer diferença. Quando as nuvens são várias, elas enfeitam o juiz (segundo Ap 1.7), uma só nuvem testifica a presença de Deus (9.7; At 1.9; Ap 10.1; 11.12; 14.14; 15.16). Lc 21.27, porém, parece destoar desta regra.

<sup>c</sup> Isto é, da direção dos ventos, dos pontos cardeais.

<sup>d</sup> *akron* significa ponta, mas também borda, fim. O AT tem numerosas passagens semelhantes (p ex Dt 4.32; 13.8; 28.64; 30.4; Is 5.26; Zc 2.10), mas Jesus não segue nenhuma especificamente, antes dá uma impressão própria.

### *Observações preliminares*

1. *Contexto.* O v. 23 deu a impressão de ser o fim do discurso. Entretanto, seguem adendos de caráter próprio. Aqui, não é só a indicação dupla de tempo no v. 24 que mostra claramente que estamos diante de uma situação totalmente diferente, mas também a estrutura do parágrafo. Dos mais de 20 imperativos do capítulo, nestes versículos não há nem um. Portanto, o trecho não é de advertência, de ativação dos discípulos, mas somente ensino profético sobre a ação concludente de Deus. Desapareceu também a referência à Judéia. Tudo se abre para o universal. A apresentação, porém, ainda é determinada pela lembrança dos eleitos no v. 27. Até aqui se leu sobre os terríveis sofrimentos e perigos deles (v. 20,22), agora predomina um tom mais consolador.

2. *Caráter vetero-testamentário.* Estes versículos contêm mais referências escriturísticas do que talvez o restante do capítulo. Linha após linha se apoia em expressões dos antigos profetas e poderia ser comparado também com uma porção de paralelos dos escritos judaicos, apesar de não haver nenhuma citação expressa. Como as parábolas e declarações de Jesus já mostraram, ele viveu no âmbito da Escritura. Sem conhecimento do AT ele não poderia ser compreendido. Entretanto, ele se movia nesse espaço com total liberdade. Por isso não recebemos dele um prato requentado de comida de ontem. É verdade que ele utilizou elementos do AT e da apocalíptica judaica em sua construção, mas a construção em si, a direção e a concentração no que é essencial são, nele, sem paralelo – apesar de todos os paralelos.

- 24a **Mas, naqueles dias.** Esta indicação de tempo não está ligada, quanto ao estilo de narrativa, ao que foi dito diretamente antes. Para isto o corte entre os parágrafos é muito profundo. Isto é garantido especialmente pela segunda indicação de tempo (como acontece com frequência com indicações duplas de tempo em Marcos: 1.32,35; 4.35; 10.30; 14.30,43; 15.42; 16.2; cf. Jeremias, Abendmahl, p 11): **após a referida tribulação.** Aqueles dias, portanto, estão expressamente além destes acontecimentos históricos. Eles são separados “daqueles dias” nos v. 17,19 por um “mas” ponderado no início do nosso versículo, e possuem qualidade própria. Eles interrompem a história, por Deus. De todos os eventos anteriores ao v. 24 foi dito energicamente: Ainda não é o fim, só o começo (v. 7s). Este “ainda não” agora é suspenso e finalmente substituído por um “então” vigoroso nos v. 26,27.



**24,25** Segue em três linhas a retirada do poder dos astros e, em uma quarta, um resumo. **O sol escurecerá, a lua não dará a sua claridade, as estrelas cairão do firmamento.** De acordo com Gn 1.14-17, os astros são regentes sobre “tempos, dias e anos” estabelecidos por Deus. Eles constituem a história. Por trás da voz passiva “escurecerá” está uma medida de Deus. Ele encerra as funções deles e, com isso, dá início ao julgamento do mundo. O tempo da ação humana na história passou. É hora do balanço. Isto é anunciado sempre de novo pelos profetas, mas não se pensa numa passagem específica aqui. **E os poderes dos céus serão abalados.** O “firmamento” do céu (Gn 1.7), com os astros fixos nele, que parecia ser confiável eternamente, natural e protetor, estremece, balança, perde a segurança e não funciona mais. É claro que isto tem de atingir e causar pânico em pessoas que tinham nos elementos da criação o seu deus (Lc 21.25s; Ap 6.12-17). A palavra profética, porém, não nos permite especular sobre o como (tampouco como sobre o quando): se por meio de catástrofes físicas como ondas de frio ou de calor, ou por uma guerra atômica. Aqui também não predomina o interesse em catastrofismo ou anseio por destruição, nem fatalismo ou ativismo selvagem-heróico. Tudo está orientado absolutamente em termos teológicos: Deus vem julgar. O abalo do mundo traz o juiz.

**26** O primeiro “então” refere-se ao aspecto judicial da sua vinda. Depois que o telhado do mundo tiver sido abalado e retirado, as pessoas olham fixamente como que para um buraco negro. **Então, verão o Filho do homem vir nas nuvens.** Aqui as nuvens não ocultam como a nuvem em 9.7, antes revelam **grande poder e glória.** Assim, esta vinda se destaca essencialmente da sua vinda p ex em 2.17 e 10.45. Característico também é que ele pode ser visto no mundo inteiro: **Verão**, ou seja, todos. Ninguém precisa primeiro apresentá-lo, falar e fazê-lo conhecido. Isto o diferencia dos messias falsos dos v. 6,21s. Por outro lado, esta necessidade de vê-lo, significa, como em Ap 1.7, juízo sobre um mundo que não quis ouvi-lo (v. 10). Parecido também é o sentido em 14.62.

**27** A manifestação do Filho do homem não traz só condenação, mas também recompensa. Um segundo “e (então)” se refere ao “ser salvo” dos eleitos anunciado no v. 13. **E ele enviará os anjos e reunirá os seus escolhidos.** Como em Mt 13.20,40,41s,50; cf. Mc 8.38, os anjos são como trabalhadores na colheita, que vasculham a terra por bons frutos, para o que têm de separar os frutos ruins. Agora os eleitos finalmente saboreiam sua eleição. Até aqui tiveram de sentir muitas vezes o gosto do contrário. Viviam em fuga, em perseguição, em dispersão – uma figura bíblica antiga para castigo. Todavia, com a manifestação do seu Senhor, eles também se tornam manifestos como amados por ele e reunidos para um novo templo (1Jo 4.1s; Ap 3.9). Sua reunião se dá **dos quatro ventos.** Isto não é uma maneira de representar um mundo quadrado, mas de descrever a superfície da terra de modo abrangente. Uma segunda expressão garante que nenhum lugar possível aonde alguém possa ter sido disperso ou arrastado seja esquecido, **da extremidade da terra até à extremidade do céu.**

“E então?” pergunta Schlatter, Matthäus, Erläuterungen, p 301 – um terceiro “e então” – para responder: “Aqui termina a profecia”. Não se faz nenhuma descrição do que é totalmente diferente e novo. No fim está a simples promessa de que os caminhos de Deus, depois que o céu e a terra passarem, “reúnem” para o culto perfeito. O que não falta são exortações aos discípulos em seu estado atual. Isto mostram os próximos parágrafos. A profecia não foi dada para ninar.

### **8. Exortação para prestar atenção nos presságios, e indicação da decisão imprevisível de Deus, 13.28-32**

(Mt 24.32-36; Lc 21.29-33; cf. Mt 5.18; Lc 16.17)

**Aprendei, pois, a parábola da figueira: quando já os seus ramos se renovam, e as folhas brotam, sabeis que está próximo o verão.**

**29** Assim, também vós: quando virdes acontecer estas coisas, sabeis que está<sup>a</sup> próximo, às portas.

**Em verdade vos digo que não passará esta geração<sup>b</sup> sem que tudo isto aconteça.**

**Passará o céu e a terra, porém as minhas palavras não passarão.**

**Mas a respeito daquele dia ou da hora ninguém sabe; nem os anjos no céu, nem o Filho, senão o Pai.**

*Em relação à tradução*

<sup>a</sup> O sujeito de “está” pode ser tanto “isto” como “ele”, ou seja, o Filho do homem do v. 26. O contexto imediato, porém, sugere coisas: verão, colheita, portanto, “o fim”, que consiste de condenação e salvação pelo Filho do homem.

<sup>b</sup> *genea* pode ter o sentido de “raça, povo”. Assim interpretam aqui Schniewind, p 176; Rienecker, p 229; Schreiber, p 141. Mas as circunstâncias favorecem aqui decisivamente o sentido de “geração” (como também em 8.12,38; 9.19), pois Jesus disse isto em sua língua materna, o aramaico (hebr. *dor*), que não conhece o sentido secundário mencionado acima, antes está sempre direcionado para o tempo: os contemporâneos de Jesus (Gerlemann, THAT I, 444; com Jeremias, Theologie, p 136).

### Observações preliminares

1. *Contexto.* A conclusão da última interpretação já mostrou por que o discurso de Jesus não podia terminar com o fim: a continuação trouxe mais seis exortações vivas e crescentes. Elas agora fazem referência específica à pergunta sobre o quando do v. 4. Em termos de conteúdo ela fora respondida pelo “então” duplo dos v. 26 e 27, mas esta resposta tinha significado pessoal para o presente dos discípulos.

2. *Sobre a interpretação da parábola da figueira.* Quanto ao conteúdo, veja opr 4 a 11.12-21. Isto descarta duas interpretações:

a. A figueira não representa o povo de Israel. Esta interpretação é encontrada pela primeira vez no fantástico Apocalipse de Pedro (cap. 2), que deve ter surgido no Egito no século II, e cujas idéias tiveram ampla divulgação. Porém já a expressão “geração” no v. 30, mas também o AT, não apontam nesta direção. Também não se deve recorrer aqui a 11.13,14, pois não se fala dos frutos da árvore.

b. Jeremias, Theologie, p 108; Gleichnisse, p 25,119s, interpretou a figueira verdejante como sendo o próprio Jesus. Ele teria sido um sinal da bênção vindoura em meio ao Israel morto, segundo Jl 2.22. Esta opinião foi seguida ao que parece por Schürmann, Worte, p 19s; Hunzinger, ThWNT VII, 757; Goppelt, Theologie, p 106. Todavia, ela pressupõe que esta parábola originalmente tenha sido contada no meio do período de atuação de Jesus. No entanto, nós temos de respeitá-la no contexto em que nos foi testemunhada e dentro da sua moldura bem específica.

**28,29 Aprendeí, pois, a parábola da figueira: quando já os seus ramos se renovam, e as folhas brotam, sabeis que está próximo o verão.** A opr 4 a 11.12-21 explicou por que a figueira é um indicador ideal das estações. Em contraste com as árvores que não perdem as folhas, a renovação primaveril pode ser vista claramente em seus galhos nus. Como a primavera é muito curta na Palestina, o calor forte do sol não tarda a chegar. Esta conclusão familiar tirada da árvore que brota para a mudança da estação, Jesus aplica. **Assim, também vós: quando virdes acontecer estas coisas, sabeis que está próximo, às portas.** A expressão “estas coisas” encontramos várias vezes. No v. 4 os discípulos perguntaram por “estas coisas, todas elas”. No v. 8 Jesus entendeu por “estas coisas” o princípio das dores, no v. 23 por “tudo” o conteúdo do seu discurso (v. 5-23).

Em termos mais específicos, a expressão aqui aplica-se ao julgamento do templo, descrito com detalhes no fim. No v. 14 lemos bem parecido: “Quando, pois, virdes...” Esta catástrofe específica será um sinal para eles. É verdade que a isto se junta uma generalização que engloba todas as catástrofes políticas, econômicas e sociais, segundo os v. 7s. Estes indícios de decadência do velho sistema mundial sinalizam a “mudança de estação” para discípulos ensináveis. Para eles, eles revelam o passos de Deus como juiz que se aproxima do outro lado da porta. Quando esta se abrirá ninguém sabe (v. 32), mas a partir de agora isto pode acontecer a qualquer momento. Neste sentido, e não como indicação de tempo, está **próximo**. Provavelmente cada geração de cristãos, desde que conserve a esperança viva da vinda do seu Senhor, coloca esta automaticamente no âmbito da sua própria expectativa de vida. Como poderíamos ter dentro de nós intensamente a esperança da sua vinda em p ex apenas 300 anos? Já que a aplicação ao próprio horizonte é humanamente inevitável e porque somos sempre humanos, necessitamos constantemente da palavra clara do v. 32 para podar nossos pensamentos humanos.

Voltemos mais uma vez ao **Aprendeí!** no v. 28. Como enfrentamos a questão das aflições no mundo? Não enfrentamos, de modo a continuar vivendo sem nos impressionar? Todo esse sofrimento à nossa volta é em vão, e nós somos incapazes de aprender?

**30 Em verdade vos digo que não passará esta geração sem que tudo isto aconteça.** Para compreender esta declaração com “em verdade” (cf. 3.28), imaginemos seus ouvintes. Para os discípulos daquela época, “tudo isto” naturalmente se referia primordialmente às coisas tratadas nos v. 14-23. Parece uma continuação do v. 23: “Já lhes disse tudo antes”. Ali não se tinha falado ainda da volta de Cristo, nem aqui. Jesus está lhes prometendo com toda a solenidade que a geração

contemporânea de judeus na Judéia, madura para o juízo, não escapará. Apesar de ela o destruir, experimentará a eficácia da sua palavra. Ainda antes de ela sair de cena, Jerusalém estará em ruínas, com seu templo, sua riqueza e sua fortaleza ardendo entre cinzas.

- 31 Uma frase generaliza tudo isto: **Passará o céu e a terra, porém as minhas palavras não passarão.** A Bíblia gosta de medir o que realmente é eterno com aquilo que é quase eterno (p ex Is 51.6; 54.10; Sl 102.25ss; 103.15ss). Esta demonstração impressionante Jesus aplica aqui às suas próprias palavras, certamente às palavras de condenação, mas também ao seu chamado à salvação. É verdade que as palavras são de uma boca fraca e desprezada, mas apesar disso elas sustentam e sobrevivem tudo. Declarações como 4.3a,9; 7.14b; 8.35,38; 10.29 já tinham colocado as palavras de Jesus como novas grandezas em nosso mundo que está deteriorando. Exatamente nestes instantes finais, em que esta boca em breve será fechada à força, Jesus intensifica sua reivindicação ao máximo.
- 32 No versículo final, o discurso de despedida retorna mais uma vez à pergunta inicial dos discípulos sobre o quando. **Mas a respeito daquele dia ou da hora ninguém sabe; nem os anjos no céu, nem o Filho, senão o Pai.** Em meio às certezas que Jesus anunciou, fica esta grande incógnita: a data temporal da volta de Cristo, ou seja, do “Dia do Senhor, do Filho do homem, da colheita, da recompensa, da salvação” ou algo parecido – sugerido na Bíblia muitas vezes com “aquele dia”. “Dia e hora” são expressões do debate dos judeus sobre a data da vinda do Messias (Bill. I, 986ss; Schweizer, ThWNT VIII, 373, nota 270; cf. 13.35; Lc 21.34; Jo 5.25-28; At 1.7; Ap 18.10). Jesus tirou aqui todas as bases de apoio: “A vinda do Reino de Deus não é observável” (Lc 17.20, BJ; ou: “O reinado de Deus não vem de um modo que possa ser calculado”, tradução cf. K. L. Schmidt, ThWNT I, 587; cf. opr 1 ao próximo parágrafo). Nesta questão Deus não precisa orientar-se por nada. Ele não é um Deus obrigado a fazer qualquer coisa. Especialmente o Filho respeita esta prerrogativa do Pai de ser o único a saber e o único a reinar. O sentido da vida e da morte de Jesus foi exatamente o estabelecimento do primeiro mandamento.

## 9. A parábola do porteiro e o chamado final à vigilância, 13.33-37

(cf. Mt 24.42-51; 25.13-15; Lc 12.40,38; 19.12,13; 21.36)

**Estai de sobreaviso, vigiai<sup>a</sup> [e orai]; porque não sabeis quando será o tempo<sup>b</sup>.**

**É como um homem que, ausentando-se do país<sup>c</sup>, deixa a sua casa, dá autoridade aos seus servos, a cada um a sua obrigação<sup>d</sup>, e ao porteiro<sup>e</sup> ordena que vigie.**

**Vigiai, pois, porque não sabeis quando virá o dono da casa: se à tarde, se à meia-noite, se ao cantar do galo, se pela manhã<sup>f</sup>;**

- 36 **Para que, vindo ele inesperadamente, não vos ache dormindo.  
O que, porém, vos digo, digo a todos: vigiai!**

*Em relação à tradução*

<sup>a</sup> Diferente de *gregorein* nos v. 34,35,37, encontramos aqui o termo mais antigo para “vigiar”, *agrypnein*, que no NT só aparece ainda em Lc 21.36; Ef 6.18; Hb 13.17. A palavra parece estar em proximidade especial com a oração. O substantivo derivado encontra-se em 2Co 6.5; 11.27, e lá não se pode descartar que Paulo está falando de noites de oração. Para este hábito ele podia referir-se ao próprio Senhor (1.35; 6.46; Lc 6.12). Em Lc 18.7 Jesus diz expressamente que os eleitos clamam a Deus à noite.

<sup>b</sup> *kairos*, uma data que depende somente de Deus (cf. 1.15).

<sup>c</sup> Adjetivo de *apodemein* em 12.1, veja a nota lá!

<sup>d</sup> Aqui terminam no texto grego as frases com participio, que na verdade servem para preparar a ação em si. Assim o caso especial do porteiro passa para o centro da cena.

<sup>e</sup> *thyroros*, de acordo com Jo 10.3 um empregado fixo para um curral murado onde cabem vários rebanhos. Em Jo 18.16,17 este serviço é feito no palácio por uma escrava (cf. At 12.13ss).

<sup>f</sup> Estes são os nomes populares dos quatro turnos de guarda dos soldados romanos, que iam das 6-9, 9-12, 0-3 e 3-6 horas; cf. 6.48; At 12.4 e 14.30n. Os judeus dividiam a noite em três partes, p ex em Lc 12.28 (Bill. I, 689).

*Observações preliminares*

1. *Contexto.* Jesus aplica agora seu “ninguém sabe” absoluto do v. 32 expressamente à sua comunidade de discípulos: “Não sabeis” (v. 33,35). Certamente a partir de agora os sinais de decadência do mundo (v. 28s)

adquirem significado, porém eles não servem para deduzir-se deles a data do fim, e o mesmo vale para a evangelização no mundo como sintoma de edificação do mundo novo (v. 10). Deus sempre pode retardar ou acelerar a decadência, fixar ou riscar prazos (2Pe 3.9). A data do retorno de Cristo no fim das contas não depende de nada a não ser do próprio Deus. Sua posição como único que reina sobre a história precisa ser levada a sério. Esta situação, de fato, resulta em um peso constante sobre a alma e o espírito da igreja, à altura do qual ela nem sempre está. Ela paira entre a esperança da nova ordem e da continuidade das suas obrigações no mundo velho. Com muita facilidade desmorona o equilíbrio entre o já e o ainda não. Quando, **p ex**, a esperança da vida nova perde sua vivacidade, segue logo a reabilitação do mundo velho. A decadência não é mais vista como tal, o êxodo se detém e volta-se a ser sedentário. Ou, então, os cristãos não reconhecem mais a graça de Deus que continua sustentando o mundo velho e lhe voltam as costas sem se incomodar, ficando em dívida com suas tarefas nele. A tensão, portanto, deve ser estabelecida e mantida, e isto no contado vivo com o Senhor, pela oração. Por isso os chamados de alerta, que se intensificam mais uma vez aqui e atravessam todo o **NT** (além dos numerosos exemplos nas parábolas, veja **p ex** 1Ts 5.6; 1Pe 5.8; Ap 3.3; 16.15).

2. *Parábolas sobre a vigilância.* A exclamação: “Estejam alerta!” dá ensejo aqui a uma parábola (v. 34), que leva novamente ao chamado: “Vigiai! Vigiai!” (v. 35,37). Ela faz parte da série de nove parábolas sobre estar alerta, das quais nenhuma está em paralelo exato com outra: Mt 24.42-44,45-51; 25.1-13,14-30; Lc 12.35-40,42-48; 19.12-27. A parábola do porteiro em Marcos é tão singela que acabou na sombra das outras mais conhecidas. Mas no quadro do **NT** ela é tão independente que precisa ser compreendida a partir dela mesma, sem ser misturada precipitadamente com outros materiais.

33 Pela última vez aparece a palavra que serviu de lema para todo o discurso: **Estai de sobreaviso!** Todavia, enquanto a vigilância dos discípulos de acordo com o v. 5 deveria ser com os sedutores e do v. 9 com seu chamado, aqui ela está relacionada com o Senhor que vem, pois Jesus acrescenta: **Vigiai.** Este chamado vai aumentando em direção ao fim e fica como última palavra do capítulo. **Porque não sabeis quando será o tempo.** Por não saberem qual é o dia, em consequência eles precisam estar alerta todos os dias. Senão, era só colocar o despertador e ir dormir.

34 Dentro do estilo de Marcos, como em 4.26, começa uma parábola sobre a vigilância. **É como um homem que, ausentando-se do país.** Diferente de Lc 12.36, Jesus omite o motivo da viagem. Importante aqui é somente a situação na administração da casa que ele deixou para trás. Faltam instruções e supervisão. Em uma propriedade como **p ex** em Mt 24.15, um escravo mais destacado foi colocado como chefe no lugar do patrão. Aqui uma outra solução foi considerada. A palavra do Senhor assumiu a função de liderança. **Deixa a sua casa, dá autoridade aos seus servos, a cada um a sua obrigação,** de modo que cada um, responsável em relação às ordens, fazia suas tarefas. Somente agora segue como objetivo principal o caso específico do porteiro. Tudo o que foi dito até aqui são detalhes, sem interesse para a comparação. **E ao porteiro ordena que vigie.** Antes de tudo este tinha de levantar as pontas da sua túnica e enfiá-las no cinto, “cingindo-se” (Lc 12.35; 1Pe 1.13). Isto porque ele tinha de estar a postos quando o senhor chegasse e poder saltar os degraus sem impedimentos. Além disso ele precisava manter a lâmpada acesa, pois acendê-la de novo exigia algum esforço naquela época. O senhor teria de esperar impaciente do lado de fora se o servo comesse com isso só quando ele batesse na porta. Por último, ele recebia também a chave de madeira. Com ela ele empurrava para cima, dentro da fechadura da porta, a tranca da trave horizontal, empurrava-a para o lado e abria a porta. À luz da lâmpada erguida o senhor podia entrar sem perigo de bater a cabeça na porta baixa, tropeçar no pátio interno ou cair na valeta. E é claro que o servo estava a postos para o auxílio que lhe fosse solicitado (Lc 12.37).

Este servo, portanto, não tinha autoridade sobre os conservos como em Mt 24.45, de modo que também não simboliza a posição de apóstolo ou líder na igreja (contra Schreiber, p 92; Schlatter, Markus, p 114). Jesus também não menciona como sendo tarefa do porteiro advertir os conservos em caso de perigo, diferente talvez dos “cães mudos” de Is 56.10, ou para se cuidarem dos ladrões como em Lc 12.39. Aqui só uma coisa está em vista, a relação entre servo e senhor. Por isso, o porteiro não representa certo grupo de pessoas dentro da igreja, mas o ser discípulo em si. Ele exerce a função de porteiro neste mundo. Seu lugar é na entrada, quando o senhor vier. Como mostrou o v. 34, a parábola converge para este personagem, e a continuação conserva esta perspectiva.

35,36 **Vigiai, pois, porque não sabeis quando virá o dono da casa.** Como não fora marcada uma hora para a volta, importa estar sempre acordado. O próximo versículo prevê em todo caso um efeito-surpresa para a volta do senhor (cf. Mt 24.50; 1Ts 5.3). Aqui a relação das possibilidades ilustra a incerteza: **Se à tarde, se à meia-noite, se ao cantar do galo, se pela manhã; para que, vindo ele inesperadamente, não vos ache dormindo.**



**37 O que, porém, vos digo, digo a todos: vigiai!** Este apelo nos lembra dos apelos para prestar atenção nas cartas às igrejas: “Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas” (Ap 2.7,11,17,29; 3.6,13,22). O que o Senhor deixa a uma igreja específica como mensagem, estas frases tornam expressamente válido para toda a cristandade. Deste modo, condensa-se aqui, na ilustração do porteiro, a constituição da igreja posterior à Páscoa como tal. O Apocalipse tem a mesma coisa em vista quando fala da igreja como “noiva” (p ex 22.17).

A vigília aqui não tem o sentido de ficar esperando meio adormecido na sala de espera, pois no v. 34 Jesus a deixou como “obrigação”, “trabalho” (BLH), caracterizando-a como função muito ativa e cheia de responsabilidade.

## **X. ENTREGA, REJEIÇÃO, MORTE E RESSURREIÇÃO DO FILHO DO HOMEM**

### **14.1–16.8**

#### *Observações preliminares*

1. *Cumprimento do livro.* Esta última e maior divisão principal traz clareza para toda a obra, especialmente para os títulos mais importantes de Jesus. O reconhecimento do “Cristo” já acontecera no grupo dos discípulos em 8.29, mas somente na Paixão fica claro em que sentido ele o é: Jesus é – e para isto nem judeus nem pagãos estavam preparados – um rei salvador crucificado. Na medida em que isto foi-se evidenciando, Jesus confirmou o título (14.62; 15.2). Por isso ele também fica cada vez mais claro, enquanto a Paixão se torna crítica (15.9,12,17s,26,29,32; cf. 14.65; 15.35,38). Também o título de Filho de Deus, de 1.11, retorna agora (14.61), para finalmente pegar formalmente no crucificado (15.39). Acima de tudo, cumprem-se os três ensinamentos sobre o sofrimento, de 8.31; 9.31; 10.33; cf. 9.12 com seu título de Filho do homem (14.21,41,62), mas também com “entregar” como seu termo chave. Ele é usado só dez vezes. Jesus é entregue ao tribunal por Judas (14.10,11,18,21,41,42,44), pelo Conselho Superior (15.1,10) e por Pilatos (15.15). Ser entregue era a verdadeira missão de Jesus. É para isto que se afunila o testemunho de Marcos. Jesus é o Filho do homem que sofre intencionalmente “por muitos” (14.24; cf. 10.45).

2. *Antigüidade.* De acordo com 1Co 11.26, os crentes em Corinto recordavam por ocasião de cada Ceia a Paixão de Jesus, ao “anunciarem a morte do Senhor”. Dificilmente a expressão quer dizer que eles tivessem ingerido pão e vinho silenciosa mas significativamente, “anunciando” desta maneira sem palavras. O termo *katangellein* caracteriza sempre uma palavra dita em voz alta (Schniewind, ThWNT I, 70), de modo que devemos pensar na declaração solene de palavras. De acordo com o contexto, trata-se das palavras de instituição dos v. 23-25, começando com: “Na noite em que foi traído...”, mas não terminando necessariamente com a frase citada por Paulo no v. 25. Podemos imaginar que Paulo fez menção do começo de uma peça mais longa de tradição. Este estava sob o título “entregue”, continuava talvez parecido com Marcos (dez vezes “entregue”!) e desembocava, como Marcos, no testemunho da ressurreição, pois a expressão “a morte do Senhor” e a indicação “até que ele venha” pressupõe a Páscoa.

Sabemos muito pouco sobre as reuniões dos primeiros cristãos para poder fazer aqui afirmações exatas, mas que a expansão missionária da primeira década divulgou, além da celebração da Ceia, também um relato da Paixão, é muito provável com base em 1Co 11.23-26. A favor disto também falam características dos capítulos da Paixão nos evangelhos. Em nenhum trecho maior todos os quatro se aproximam tanto como aqui. Indicações de tempo, lugar e nomes também aumentam. A tradição, portanto, está bastante firme. Por meio do uso comum e freqüente nas igrejas, os evangelistas neste caso não dispunham mais da mesma margem de manobra como p ex na descrição e composição das histórias de curas.

3. *Natureza.* Apesar de ser narrada uma seqüência de eventos históricos, centenas de detalhes ficam de fora, em favor do interesse teológico. As referências escriturísticas aumentam (cf. opr 4), para efeito de aprofundamento. Acima de tudo, em nenhum lugar se vê um clima sentimental ou teatral. Sobre isto diz Blinzler, p 66s: “Uma pesquisa da literatura judaica sobre mártires mostra de modo bem ilustrativo a aparência que uma história de sofrimento deveria ter se a prosa religiosa tivesse trabalhado nela. O mártir judaico nestes escritos é um herói de desprezo incrível da morte e insensibilidade incomparável em relação a torturas e dores. Ele convoca os carrascos a finalmente começarem com seu trabalho, ele praticamente os empurra para que o torturem e matem, às vezes ele mesmo provoca sua morte para não ser tocado por mãos impuras, ele xinga seus inimigos, ridiculariza-os, escarnece e provoca até se descontrolarem de raiva, ele os amaldiçoa e lhes anuncia castigos terríveis, e às vezes os próprios perseguidores sofrem a morte que tinham preparado para os fiéis. Amplo espaço ocupa também a relação dos instrumentos de tortura e a descrição dos métodos de tortura. É significativo que todos estes sinais característicos da literatura judaica de martírios são procurados em vão na história do sofrimento de Jesus. De modo geral os relatos da Paixão nos evangelhos são pobres em traços inspirativos, que falem ao coração e aos sentimentos do leitor. Eles renunciam à possibilidade de despertar a



compaixão pelo acusado e condenado, descrevendo seus sofrimentos emocionais e físicos. Especialmente o relato de Marcos é uma palestra breve, sóbria, feita em estilo lapidar...”

4. *Referências escriturísticas.* Com a palavra da cruz, os primeiros cristãos deram de frente com a zombaria não só do judaísmo, mas também do mundo pagão. Isto é ilustrado pelo famoso crucifixo de zombaria, um rabisco de parede do século III que foi desencavado em uma antiga escola romana. Ele mostra um jovem ajoelhado diante de um crucificado com cabeça de burro. Ao lado se vê com letras grandes a frase, ao que parece referindo-se a um colega cristão: “Alexamenos adora a Deus”. As pessoas cultas consideravam o evangelho uma burrice incômoda, nojenta, sem graça e sem respeito. Talvez seja esta a razão da brevidade incomum da história da Páscoa em Marcos: bem mais importante era digerir a palavra tão ofensiva da cruz. Esta repulsa já fora o tema de [Is 52.14–53.3](#). Ela mexeu com o próprio Jesus (“desprezado, rejeitado”; [8.31](#); [10.34](#); [12.10](#)), indignou os judeus ([15.29-32](#)) e Paulo se deparou com ela em seu trabalho missionário (“ofensa, loucura”, [1Co 1.23](#)). O relato da Paixão dos primeiros cristãos respondia a isto ao mesmo tempo impotente e superior: Esta era a vontade de Deus! Ponto por ponto surgem provas da Escritura. Sempre presente está em primeiro lugar [Is 53](#), quando lemos sobre ser entregue, sobre o sofrimento obediente, o escárnio, o silêncio de Jesus perante seus acusadores, o perdão dos inimigos, a intercessão pelos muitos, o sepultamento com os ricos, a perplexidade das pessoas e o triunfo de Deus. Além disso [Sl 22](#); [38](#); [41](#); [42](#); [69](#); [Dn 7](#); [Os 10](#) e [Zc 13](#) são importantes. Portanto, esta história não foi um lapso, mas a coisa com mais sentido que jamais aconteceu. O próprio Deus agiu provando sua sabedoria e poder.

5. *Sobre a cronologia.* Pesch II, 323ss; Schmithals I, p 59 e outros vêem em Marcos um esquema fechado de uma semana. De acordo com isto, em [10.46](#) (veja lá) há indícios de que a partida de Jericó aconteceu num domingo pela manhã. Ainda no mesmo dia Jesus entra triunfalmente em Jerusalém e, de acordo com [11.11](#), volta à noite para seu alojamento em Betânia. Segundo [11.12](#), ele opera o sinal na figueira na segunda-feira pela manhã a caminho de Jerusalém, e anuncia a condenação no templo. Em [11.19](#) temos novamente um claro fim de dia. O próximo versículo acontece na terça-feira de manhã: Jesus ensina até [12.44](#) no templo, em seguida seus discípulos até [13.37](#) no monte das Oliveiras. Em [14.1](#) estamos na quarta-feira, em [14.12](#) (veja lá) na quinta-feira. De acordo com [14.17](#), neste dia Jesus chega à cidade só ao entardecer, para comer ali o cordeiro da Páscoa. Depois ele parte para o Getsêmani. Segue-se a prisão, o interrogatório e a negação de Pedro. [15.1](#) anuncia a sexta-feira, cujos quatro quartos Marcos menciona com exatidão: no v. [25](#) são 9 horas, no v. [33](#) meio-dia, no v. [34](#) três da tarde e no v. [42](#) seis. Sobre o fim do sábado somos informados em [16.1](#). No versículo seguinte raia a manhã de domingo. Assim, parece que entre [10.46](#) e [16.8](#) tudo transcorreu exatamente em oito dias, assim como o celebramos no ano eclesiástico.

Apesar de tudo isto, o texto não fornece este esquema de uma semana. Mesmo que a interpretação de [10.46](#) esteja certa, de que a partida de Jericó se tenha dado em um domingo, não pode ser provado que era o domingo anterior à Páscoa, e também não que Jesus chegou no mesmo dia em Jerusalém. Ele pode ter ficado vários dias em Betânia. Nem mesmo temos certeza se Jesus entrou na cidade somente no último domingo antes da Sexta-feira da Paixão, pois, de acordo com [14.49](#), antes de ser preso ele ensinara “diariamente” no templo. Isto dá a impressão de um período maior do que só os dois dias, segunda e terça-feira, como no esquema de uma semana. Também pode ser questionado se o material amplo entre [11.20](#) e [13.37](#) aconteceu todo no mesmo dia, a terça-feira. Devemos observar que Marcos somente começa a fornecer dados cronológicos a partir de [14.1](#) (quarta-feira) e que a Páscoa talvez seja a única data que realmente lhe interessa. Antes disso menciona-se noite e manhã, sem vínculos específicos entre si. Gnllka escreve acertadamente sobre [11.20](#): “Aqui morre a contagem” (p 220, nota 8; cf. Lane, p 405,489).

Neste contexto surge a questão da data da última Ceia. De acordo com João ela não coincidiu com a festa da Páscoa judaica, pois, segundo [Jo 18.28](#), os judeus não quiseram entrar na casa de Pilatos, “para não se contaminarem, mas poderem comer a Páscoa (à noite!)”, ou seja, depois da execução de Jesus. Em [Marcos 14.12-14](#) está diferente: Jesus envia seus discípulos com o propósito de prepararem a ceia da Páscoa, para celebrá-la mais uma vez com eles. Nenhuma tentativa de resolver esta contradição é satisfatória. O que devemos reter em todo caso é a relação direta da morte de Jesus com a Páscoa. Mas o fato de ter surgido este problema de fontes mostra que o interesse principal das primeiras testemunhas passava ao largo de um quadro temporal fechado. Por isso o calendário eclesiástico festivo posterior se viu em dificuldades, assim como o movimento posterior das peregrinações em relação aos locais. Certamente percebe-se passo a passo que as fontes pisam em chão histórico. Elas respiram a atmosfera de certas situações e localidades históricas, mas isto nunca está em destaque nas narrativas. Os primeiros cristãos com certeza teriam ficado admirados com brigas renhidas sobre coisas como estas, como [p ex](#) a querela no século II sobre a data da festa da Páscoa com os quartodecimanos.

## 1. O embaraço dos líderes judeus com sua intenção de matar Jesus, [14.1,2](#)

(Mt 26.1-5; Lc 22.1,2; cf. Jo 11.47-53)

**Dali a dois dias<sup>a</sup>, era a Páscoa<sup>b</sup> e a Festa dos Pães Asmos<sup>c</sup>; e os principais sacerdotes e os escribas procuravam como o prenderiam, à traição, e o matariam.**

**Pois diziam: Não durante a festa<sup>d</sup>, para que não haja tumulto entre o povo.**

### *Em relação à tradução*

<sup>a</sup> Uma fração de um dia era contada como um dia inteiro (Bill. I, 649; Delling, ThWNT II, 952), de modo que não devemos pensar aqui no espaço completo de 48 horas, mas no dia seguinte, ou seja, estamos na quarta-feira (Gnilka, p 219,232; Dormeyer, p 44; cf. também a nota sobre “depois de três dias” em 8.31).

<sup>b</sup> No NT a “Páscoa”, quando não se refere ao cordeiro da Páscoa (14.12,14), geralmente é toda a semana de festas, composta da noite da Páscoa e da festa de sete dias dos pães sem fermento (Mazot, cf. nota seguinte). Quando a palavra está isolada, ela se refere como aqui (e no AT) à festa da noite da Páscoa em si, na primeira noite de lua cheia depois do solstício da primavera (a data em que o dia e a noite têm a mesma duração). Na tarde daquele dia (14 do mês Nisã) os cordeiros da Páscoa eram carneados no templo, para serem comidos em grupos nas casas depois do pôr-do-sol, quando começa o dia 15 de Nisã.

<sup>c</sup> O nome completo, “Festa dos Pães sem Fermento”, de Êx 23.15, era resumido em *ta azyma*, “os asmos” (“plural festivo”, Bl-Debr, § 141.7).

<sup>d</sup> Jeremias, Abendmahl, p 67, sugere fazer uso neste lugar da possibilidade de entender *en te heorte* como identificação de lugar: no meio da aglomeração festiva (é seguido por Pesch; Haenchen). Mas a expressão “em uma boa ocasião” (*eukairos*) no v. 11 faz pensar numa indicação de tempo.

### *Observações preliminares*

1. *Contexto.* Nossos versículos têm nos v. 10,11 sua continuação direta. A busca lá (v. 11) continua a procura aqui (v. 1), só que em uma direção que promete êxito, a ponto de os embaraçados experimentarem uma grande alegria. Por que, porém, esta relação tão direta foi interrompida pela história da unção, ainda mais que esta aconteceu em um lugar tão diferente (Betânia em vez de Jerusalém) e também em um momento anterior à conjuração nos v. 1,2 (“seis dias antes da Páscoa”, Jo 12.1)? Marcos age assim com frequência (sobre a técnica do encadeamento, cf. *opr* 1 a 3.20,21). Em nosso caso o resultado é uma série de contrastes eficazes. De um lado as autoridades inquietas e confusas, do outro a imagem de Jesus que está tranquilo deitado no divã para a refeição. A “boa ação” do v. 6 tem brilho redobrado neste quadro sinistro do complô assassino. A mulher, que não faz parte do grupo dos doze (!), “veio” (v. 3) até Jesus em meio ao seu sofrimento, enquanto o homem que é do grupo “foi” (v. 10) dele para seus inimigos. A mulher sacrifica dinheiro por Jesus, muito dinheiro, enquanto Judas embolsa dinheiro em troca da traição. Dedicção comovente e infidelidade assombrosa iluminam-se mutuamente. Talvez a história inserida também responda à pergunta pelos motivos de Judas. Ela mostra em que ponto ele rompeu com seu Senhor. Foi no momento em que Jesus, bem diante dos portões de Jerusalém, torna irrevogável seu anúncio de sofrimento diante de um grupo maior de seguidores (v. 8). Ali a falta de entendimento dos discípulos, que acompanhou Jesus desde 8.32, na pessoa de Judas se tornou incurável e radical. (Sobre a ganância de Judas, cf. v. 11.)

Por outro lado, estes pensamentos precisam ser comidos. Marcos, neste contraste, não teve o mesmo interesse que João, que chega a mencionar os nomes de Maria e Judas. Aqui é uma mulher sem nome que unge Jesus, como em 12.42. De acordo com o v. 9, é o que ela fez que será divulgado, não o seu nome. As pessoas que levantam objeções também são sem nome; nem mesmo sua condição de discípulos é enfocada, e o nome de Judas é omitido. O evento não é narrado da perspectiva do discipulado falso e verdadeiro, portanto eclesiológica, mas cristológica. O Cristo que, conforme o v. 1, deve ser eliminado em segredo – é o que querem os poderosos –, apesar disso se torna o salvador crucificado em público e anunciado a todo o mundo. A sabedoria de Deus é maior que a astúcia das pessoas (cf. 1Co 1.25). Portanto, a história da unção em Marcos precisa ser interpretada e classificada totalmente a partir da declaração que começa com “em verdade” no v. 9.

2. *A Páscoa como festa da libertação messiânica.* Na noite da Páscoa os judeus cantavam em todas as casas da cidade superlotada durante horas sobre a salvação da servidão no Egito. Da liturgia faziam parte os Sl 113–118, o chamado *Hallel* cheio de confiança ardente. O texto básico da festa era a visão que Ezequiel teve da vivificação dos ossos (cap. 37). Todo o simbolismo da festa pode ser explicada neste contexto: o pão sem fermento, o sacrifício do cordeiro, as verduras amargas e os quatro cálices de vinho tinto. E a festa não se limitava a recordações. O pedaço de passado que era celebrado ao mesmo tempo servia como tipo da libertação escatológica de Roma. Os ânimos estavam “encharcados de sede de libertação e expectativa iminente de salvação” (Lapide, p 35). De acordo com uma esperança, o Messias se manifestaria exatamente nesta noite no templo (Bill. IV, p 55,785). “Nesta noite fomos salvos; nesta noite seremos salvos” (em Lapide, p 39). Com uma atmosfera tão carregada, um sinal pode facilmente desencadear a revolta. “O povo judeu está predisposto para revoltas durante a festa”, afirma Josefo em relação a seus patrícios (Guerra Judaica I, 4.3). Por esta razão os romanos reforçavam suas tropas em Jerusalém nesta data crítica, e o governador, que residia em Cesaréia, aparecia pessoalmente no local. O levante desesperado no gueto de Varsóvia em 18/4/1943 também começou exatamente no dia em que começou a Páscoa.

É sob esta luz que devemos ver o movimento de Jesus em direção à festa a partir de 10.47. Várias passagens mostram uma multidão que voltava suas esperanças messiânicas para Jesus. “Parecia-lhes que o reinado de Deus havia de manifestar-se imediatamente”, resume Lc 19.11. De acordo com Jo 11.56, as pessoas estavam ansiosas no templo: “Diziam uns aos outros: Que vos parece? Não virá ele à festa?” Neste sentido a liderança judaica, em vista da festa que se aproximava, não estava somente preocupada com o grande ajuntamento de pessoas, mas exatamente com a *época* da festa. Esta tinha de ser um pesadelo para eles.

- 1 **Dali a dois dias, era a Páscoa e a Festa dos Pães Asmos; e os principais sacerdotes, a quem a polícia do templo respondia e que eram responsáveis pelas prisões, e os escribas procuravam como o prenderiam, à traição, e o matariam.** A decisão de matá-lo já é pressuposta aqui (cf. 3.6; 11.18; 12.12; Jo 11.53). Só o como ainda estava sem solução e se tornava cada vez mais difícil. A perplexidade deles na procura aumenta visivelmente desde 11.18 (como matá-lo?), passando por 12.12 (como prendê-lo?) até este versículo: Como prender e matá-lo? O tempo imperfeito do verbo “procurar” tem o sentido: Ainda estavam procurando! Porém, será que é tão difícil para autoridades prender um súdito? Por causa da sua aceitação ampla pelo povo (cf. 11.18), este Jesus apolítico se tornara uma questão política de primeira grandeza, e a festa próxima criava uma situação altamente política adicional. Assim, eles tinham de submeter-se a duas condições: tinham de apossar-se dele em segredo, em lugar afastado e na presença do menor número de pessoas e, acima de tudo, tinham de manter a festa desvinculada desta ação.
- 2 **Pois diziam: Não durante a festa.** Por que não? A profanação da noite santa provavelmente não seria um escrúpulo para estes homens. Eles poderiam até apelar a uma instrução expressa. Um herege e sedutor perigoso do povo devia “ser trazido até o Sinédrio em Jerusalém, onde ficaria preso até a próxima festa para ser morto, porque está escrito (Dt 17.13): ‘Para que todo o povo o ouça e tema’” (Jeremias, ThWNT V, p 899; Abendmahl, p 73). É evidente, p ex, que Herodes quis agir assim em At 12.3. Para desencorajar outros candidatos a revoltosos, as festas de peregrinos eram especialmente apropriadas para execuções, porque nestas ocasiões “todo o povo” estava reunido. Os principais sacerdotes optaram pelo contrário da instrução: “Que seja morto na festa”, exclamando: Neste caso não durante a festa! Este seria o momento menos propício. Sua motivação era: **Para que não haja tumulto entre o povo.** A relação deste temor com a festa é explanada na opr 2. Os responsáveis anteviam um banho de sangue imenso, em consequência de um levante popular que os romanos esmagariam. Sob esta perspectiva já tinham emitido um “mandato de captura” em Jo 11.48,57 para a prisão de Jesus. Para eles, Jesus não devia viver até a data temida, simplesmente não podia mais aparecer no templo no dia 15 de Nisã (cf. Jo 11.56). O adiamento do seu caso para *depois* da Páscoa seria para eles a segunda pior solução. A melhor seria apanhá-lo antes que a data da Páscoa tivesse excitado as multidões ao máximo e antes que, por causa da festa nas casas à meia-noite, o pátio do templo ficasse cheio de multidões agitadas (Bill. I, 993), para talvez vivenciar ali a manifestação do Messias (opr 2).

Jesus também não queria nem revolta nem banho de sangue, antes, “dar a sua vida em resgate por muitos” (10.45). E, apesar de a prisão acabar ocorrendo mesmo na noite perigosa da Páscoa, a revolta não aconteceu. O povo, em vez de levantar-se contra Roma, levantou-se contra Jesus e, segundo Jo 18.15, até ouviu seu sumo sacerdote fazendo um juramento de lealdade ao imperador romano. O que Jesus queria era morrer no dia da Páscoa, depois de cear com seus discípulos. De outro modo não se pode entender o trecho detalhado de 14.12-16, e Lc 22.15 diz neste sentido: “Tenho desejado ansiosamente comer convosco esta Páscoa, antes do meu sofrimento”. A relação da morte de Jesus com a Páscoa faz parte evidente dos pensamentos de Deus e, assim, das suas disposições. Por isso Paulo pôde escrever mais tarde: “Pois Cristo, nosso Cordeiro pascal, foi imolado” (1Co 5.7). Portanto, a partir de agora o cronograma dos judeus compete com as intenções de Deus. Os judeus não gostariam mais de saber-se incomodados por Jesus quando, na noite da Páscoa, recordassem com gratidão e adoração da salvação do Egito. Sem ser perturbado, o silêncio devia estender-se sobre Sião. Ao mesmo tempo, porém, sua “traição” (v. 1) caracteriza sua apostasia do verdadeiro Israel, “em quem não há dolo” (Jo 1.47). Do outro lado está a abertura incondicional de Jesus para a decisão de Deus. Poderíamos colocar o Sl 31.14,15 em seus lábios. Lá o homem de Deus ora em face ao complô dos perseguidores: “Tu és o meu Deus. Nas tuas mãos, estão os meus dias”. Desta entrega nasce sua atitude soberana no trecho de 14.1-52. Ele não se apresenta como brinquete impotente nas mãos dos seus inimigos, mas tudo acontece acentuadamente sob sua direção e conforme seus

anúncios (14.8,13,18,20,21,22-25,27,30,41). Ele não só *é* entregue, mas ele também entrega a si mesmo.

## 2. A unção de Jesus em Betânia, 14.3-9

(Mt 26.6-13; Jo 12.1-8; cf. Lc 7.36-50)

**Estando ele em Betânia<sup>a</sup>, reclinado à mesa<sup>b</sup>, em casa de Simão, o leproso<sup>c</sup>, veio uma mulher trazendo um vaso de alabastro<sup>d</sup> com preciosíssimo perfume de nardo puro<sup>e</sup>; e, quebrando o alabastro, derramou<sup>f</sup> o bálsamo sobre a cabeça<sup>g</sup> de Jesus.**

**Indignaram-se alguns entre si e diziam: Para que este desperdício de bálsamo?**

**Porque este perfume poderia ser vendido por mais de trezentos denários<sup>h</sup> e dar-se aos pobres. E murmuravam contra ela.**

**<sup>6</sup> Mas Jesus disse: Deixai-a; por que a molestais? Ela praticou boa ação<sup>i</sup> para comigo.**

**Porque os pobres, sempre os tendes convosco e, quando quiserdes, podeis fazer-lhes bem, mas a mim nem sempre me tendes.**

**Ela fez o que pôde<sup>j</sup>: antecipou-se a ungir-me<sup>j</sup> para a sepultura.**

**Em verdade vos digo: onde for pregado em<sup>m</sup> todo o mundo o evangelho, será também contado o que ela fez, para memória<sup>n</sup> sua.**

*Em relação à tradução*

<sup>a</sup> Cf [opr 3 a 11.1-11](#).

<sup>b</sup> Nas refeições comuns os judeus ficavam sentados ou de cócoras. Ficar deitado em volta da mesa era um sinal de que a refeição é festiva ([2.15](#); [6.26,39](#); [8.6](#); [12.39](#); [14.3,18](#)). As pessoas ficavam deitadas sobre o lado esquerdo, de modo que a mão direita ficava livre para levar comida à boca. Para isto não se usavam talheres, mas os dedos ou um pedaço de pão para comida picada (Bill. IV, 617; Jeremias, Abendmahl, p 42s; Goppelt, ThWNT VIII, 210).

<sup>c</sup> Simão era um nome da moda entre os judeus. Somente no NT há uma dúzia de “Simãos”, diz-se que em vários povoados um terço dos homens tinha esse nome. Por isso é arbitrário querer identificar o dono da casa em nosso texto com o Simão de [Lc 7.43](#) na Galiléia. Para fazer a diferença costumava-se usar um segundo nome, com recurso à origem geográfica, o nome do pai, particularidades do caráter, características físicas ou, como aqui, uma antiga doença. Se ele ainda fosse leproso, não poderia participar da refeição. Talvez ele também já tivesse falecido e só sua casa ainda mantinha seu nome. Se Jesus o curou está fora do nosso interesse.

<sup>d</sup> *alabastron*, recipiente de uma pedra finíssima de gesso, levemente cinza e transparente. O termo se tornou comum também para recipientes feitos de outros materiais (Blinzler, p 408).

<sup>e</sup> Esta descrição do conteúdo com quatro palavras sem ligação entre si chama a atenção. 1) *myron* (ainda nos v. [5,6](#); cf. v. [8](#)), “perfume”, “bálsamo” (v. [4](#)), pomada feita de plantas para cuidar da beleza, geralmente importada (cf. [Ap 18.13](#). Óleos nativos eram chamados de *elaia*, [p ex](#) em [6.13](#); 2) *nardos*, planta aromática da Índia de cujas raízes novas extraía-se o óleo; 3) *pistikos*, “puro”, genuíno; havia substitutos de menor valor. Aqui o termo deve derivar de *pistos*, confiável, não da planta indiana pistácia, como sugerem Pesch e Lane, já que como planta originária já foi mencionado o nardo; 4) *polyteles* está enfático no fim, no original: preciosíssimo!

<sup>f</sup> Só com este “derramar” a ação do versículo se completa: pode-se ver a mulher derramando (imperfeito!)

<sup>g</sup> Temos exemplos de unção dos pés de um hóspede por uma escrava da casa, mas também da cabeça, por mulheres de posição (Bill. I, 427).

<sup>h</sup> Uma gota correspondia praticamente ao salário diário de um trabalhador rural, a soma total mais ou menos ao ganho de um ano. De acordo com [Jo 6.7](#), com 200 denários daria para alimentar milhares de pessoas.

<sup>i</sup> Lit.: “ação bonita”. Contudo, na linguagem do NT *kalos* praticamente equivale a *agathos* quanto ao sentido. Especialmente aqui não se pensa em uma ação bonita em termos estéticos, mas éticos, como [p ex](#) também em [Hb 10.24](#) e como expressão comum no judaísmo. Eram conhecidas três categorias de “boas obras” da vontade de Deus. Em primeiro lugar, o cumprimento das 613 prescrições de deveres da Torá (cf. [opr 2 a 12.28-34](#)). Em segundo e terceiro lugar havia obrigações que excediam os deveres, e que estão uma diante da outra aqui nos v. [5-8](#). Por um lado tratava-se das dádivas de dinheiro para os pobres (“justiça” em [Mt 6.1](#), ou “ajuda” em [Mt 6.2,3,4 NVI, BLH](#); RA “esmola”), por outro lado de “ações de misericórdia”. Destas contavam-se doze, baseando-se de preferência em [Is 58.6,7](#). Entre estas constava em grau bastante elevado o



sepultamento digno dos mortos que não tinham parentes, pois era uma ação que nunca mais poderia ser repetida. Jeremias trata deste assunto detalhadamente (Abba, p 100-114; ThWNT V, 712; cf. Grundmann, ThWNT III, 547; Bill. IV, 559-610) e resume: De acordo com Jesus, na história da unção a ajuda aos pobres não se opõe ao desperdício, mas às ações de misericórdia.

<sup>j</sup> Lit.: “o que tinha”, mas *echein* pode, com sua amplitude de significados, assumir o sentido de “poder” (WB 659), o que certamente se encaixa melhor aqui.

<sup>l</sup> Lit. *soma*, com seu sentido original de “corpo, cadáver” (sobre o corpo de Jesus, veja também 15.43,45).

<sup>m</sup> A preposição grega *eis*, “para”, espelha aqui o hebr. *le* e indica, ligado a “pregar”, o ouvinte da mensagem, no caso, todo o mundo das pessoas (BI-Debr, § 207, nota 2; Sasse, ThWNT III, 890; Jeremias, Abba, p 116). As versões brasileiras tomam *eis* em seu sentido geográfico: anunciar para dentro do mundo inteiro. Mt 26.13 mudou a formulação: “Anunciar em todo o mundo.”

<sup>n</sup> Jeremias, Abba, p 120, entende o texto em sentido estritamente escatológico: “...o que ela fez será dito (por um anjo, diante de Deus, no juízo final, a favor dela), para que ele lembre (dela) com misericórdia”. Pesch, Schenk, p 176, Berger, p 24,51ss o seguem. Esta posição, porém, pressupõe operações questionáveis de crítica textual. Jesus não está falando de um procedimento único no juízo final, mas de um acontecimento interativo no transcurso do trabalho missionário: “Sempre que for pregado...”

### Observações preliminares

1. *Posição cronológica.* Marcos informa sobre o local da ação, mas não sobre a data. O hábito dos judeus de marcar as festas para um sábado (p ex 1.31; Lc 14.1) fala contra a colocação desta unção na quarta-feira à noite (talvez depois de 14.1). Segundo Jo 12.1 ela aconteceu “seis dias antes da Páscoa”, portanto num sábado, que começa sexta-feira à noite. A propósito, de acordo com João, o jantar não parece ter sido realizado na casa de Lázaro, pois neste caso sua presença dificilmente teria sido destacada.

2. *Ponto central.* A história nos tenta para espiritualizações. “Unção” pode ser o dom do Espírito e representar o entendimento autêntico (1Jo 2.20,27; 2Co 1.21), e o perfume o poder penetrante da palavra divina (2Co 2.14s). No entanto, a interpretação não pode enredar-se aqui no processo da unção. Este só é descrito com um versículo, como introdução. Seguem seis versículos de afirmações de várias pessoas, e o conteúdo fica mais importante nos últimos quatro versículos. O ponto culminante é o v. 9.

- 3 **Estando ele em Betânia, reclinado à mesa, em casa de Simão, o leproso.** Na localidade em que Jesus se hospedava com frequência (11.11) e tinha um número considerável de seguidores (Jo 11.45), acontece uma festa, com certeza com atmosfera messiânica (cf. 10.46-52; 11.8-10; Lc 19.11). Aí **veio uma mulher** para ungir Jesus. Estranho não é que ela queria fazê-lo como mulher (veja nota à tradução), mas o dispêndio luxuoso: **trazendo um vaso de alabastro com preciosíssimo perfume de nardo puro; e, quebrando o alabastro, derramou o bálsamo sobre a cabeça de Jesus.** Aqui um hóspede foi honrado sem medida. Um hospedeiro já fazia um gesto generoso quando honrava personalidades de destaque aspergindo algumas gotas do óleo aromático sobre a cabeça delas, guardando o restante do estoque para uso futuro (Lc 7.46). Aqui, porém, o recipiente se quebra, por gosto ou devido à emoção, e, conforme Jo 13.3, um litro inteiro se derrama sobre o corpo de Jesus. Será que ela *pretendia* fazer uma unção simbólica de um defunto? Seu gesto foi uma ação profética como as dos profetas do AT ou a de Ágabo em At 11.28, para indicar a Jesus que ele morreria em Jerusalém? Para isto falta qualquer indício no texto. Pelo contrário, não é ela que lhe profetiza, mas ele para ela (v. 9). A aplicação à sua morte no v. 8 sai da boca *dele* e vem em socorro da mulher só depois do ato.
- 4 **Indignaram-se alguns entre si.** Manifestam-se objeções de discípulos, originadas como em 10.41 de razões supostamente espirituais. Estes guardiães da teologia formulam a causa do seu protesto: **Para que este desperdício de bálsamo?**
- 5 **Porque este perfume poderia ser vendido por mais de trezentos denários e dar-se aos pobres.** Eles pensavam nos pobres. Isto era um costume sagrado especialmente por ocasião da festa (Bammel, ThWNT VI, 900). No grupo em volta de Jesus este propósito recebera incentivo adicional (10.21,28; 12.43). “O Espírito do Senhor está sobre mim [...] para evangelizar os pobres” (Lc 4.18 citando Is 61.1; cf. Lc 14–19). Assim, os indignados creram em sua própria ira santa e caíram em cima da mulher “ímpia” com força, com a boa consciência que é fruto da unanimidade. Ela transgredira contra o evangelho dos pobres! **E murmuravam contra ela**, “reprendiam-na” (BJ), “severamente” (NVI), na certeza de serem apoiados por Jesus.



6 **Mas Jesus disse: Deixai-a** (em paz); **por que a molestais?** Primeiro ele ordena soberanamente que parem de atormentar a pessoa da mulher consternada. Na sequência ele defende como em 12.40s o gesto dela, surpreendendo com isso não só aqueles homens, mas a própria mulher e o leitor até hoje: **Ela praticou boa ação para comigo.** Ela não transgredira, pelo contrário, fizera uma “boa ação”, que é um termo técnico judaico (veja nota à tradução). No que neste caso consistiu a boa ação para Jesus, ainda é um mistério. Somente no v. 8 ele o diz.

7 Em todo caso trata-se de uma oportunidade única, momentânea, de fazer o bem, enquanto o cuidado dos pobres podia ser sempre repetido (Dt 15.11). **Porque os pobres, sempre os tendes convosco e, quando quiserdes, podeis fazer-lhes bem.** Este “vós” pode ter um sentido oculto. Eles se comportavam como guardiães e incentivadores de outros. Mas será que eles teriam mesmo dado este dinheiro aos pobres, se o tivessem à sua disposição? Judas, pelo menos, não. No v. 11 ele não gastou, mas embolsou.

**Mas a mim nem sempre me tendes.** É importante observar o tempo: sempre – nem sempre. Para fazer o bem não é preciso só ter dinheiro, mas também o tempo e a oportunidade certa. O bem não se pode fazer seguindo um princípio rígido, mas submetendo-se ao plano de tempo de Deus.

8 Sem este versículo, a afirmação do v. 6, de que a mulher fizera uma boa ação, teria ficado no ar. Só por isso ele já não pode ser um acréscimo estranho, como entendem Bultmann p 283 e outros.

Primeiro a avaliação de Jesus: **Ela fez o que pôde,** coloca esta mulher ao lado da viúva sem nome em 12.44: “Ela [...] deu tudo quanto possuía”. Como lá, Jesus usa novamente parâmetros diferentes. É verdade que o pouco que é colocado aqui à disposição de Deus não consiste em uma soma pequena de dinheiro, mas em uma ação de efeito muito breve. O aroma, por mais intenso que tenha sido na casa naquele momento, rápido demais terá desvanecido, o dinheiro gasto inutilmente. Mas o gesto fora feito em Deus, e Deus toma a pequena bola de neve humana e a transforma em uma avalanche.

Agora a ação da mulher é identificada como Deus a vê e recebe: Ela **antecipou-se a ungir-me para a sepultura.** A unção podia fazer parte da “boa ação” do sepultamento de um morto, como última homenagem (veja nota à tradução). De acordo com 16.1, na manhã da Páscoa algumas mulheres tinham planejado fazê-lo com o corpo de Jesus. Só que chegaram tarde. Esta mulher se antecipara a elas. Naturalmente ela não poderia ter agido pensando em fazer uma unção antecipada, pois isto não existia no judaísmo, mas Jesus conferiu este sentido ao sacrifício dela. Ele o salvou da falta de sentido. Ele a aceitou com honras, ela que queria honrá-lo e se viu agredida e ameaçava duvidar de si mesma, para levá-la consigo no cortejo triunfante do avanço missionário.

Este versículo também se insere na sequência de prenúncios da morte de Jesus. Novamente ele segue como resposta a alguém que confessa segui-lo (cf. 8.31). Mais uma vez ele choca o grupo dos discípulos. Somente uma mulher indefesa está à altura do momento. Como em 12.41-44; 15.40,41,47, uma mulher representa a futura igreja.

9 Também desta vez a referência à sua morte não está isolada, mas é ligada ao futuro (cf. v. 25,28, neste capítulo). Isto é típico de Jesus. Ele não via sua vida terminar em um beco escuro. Sempre pode-se ver o fio prateado da Páscoa. Aqui ele anuncia a pregação do evangelho em todo o mundo, com uma declaração iniciada por “em verdade” (cf. 3.28n). **Em verdade vos digo: onde for pregado em todo o mundo o evangelho, será também contado o que ela fez, para memória sua.** Seu sepultamento não sepulta o evangelho, antes, sua morte o faz entrar em vigor, inesperadamente. Em contradição gritante com o desejo dos principais sacerdotes nos v. 1,2, que queriam empurrar Jesus para um canto escuro para esmagá-lo sem espectadores, ele conquista o público mundial. A intenção de fazê-lo desaparecer, enterrar e esquecer não dá em nada.

Quando e onde a morte salvadora de Jesus for contada, para sempre fará parte da narrativa o que esta mulher fez. Não é o seu nome que faz parte; este não é nem pronunciado nem invocado. Sua ação também não é evangelho em si, mas é contada junto com o evangelho. A “memória” de Jesus, que é lembrada a cada Ceia do Senhor, une-se à “sua memória”. Este versículo apoia a suposição expressa na opr 2 à divisão principal 14.1–16.8 de que, na celebração da Ceia pelos primeiros cristãos, não se recitavam somente as palavras da instituição, mas um relato detalhado da Paixão, que em essência correspondia ao de Marcos. Desta maneira os leitores do evangelho de Marcos experimentavam regularmente o cumprimento da declaração solene de Jesus.

### 3. A passagem de Judas para o lado dos inimigos de Jesus, 14.10,11

(Mt 26.14-16; Lc 22.3-6)

**E Judas Iscariotes, um dos doze, foi ter com os principais sacerdotes, para lhes entregar Jesus.**

**Eles, ouvindo-o, alegraram-se e lhe prometeram dinheiro; nesse meio tempo, buscava ele uma boa ocasião para o entregar.**

#### *Observações preliminares*

1. *Título.* Se entendemos “traição” como entrega de informações sigilosas, podemos constatar que Judas não entrega nada nestes versículos. Podemos falar da “traição de Judas” aqui só no sentido geral de que ele foi infiel e abandonou seu Senhor. No NT somente Lc 6.16 o chama diretamente de “traidor” (*prodotes*). No mais, em inúmeras passagens ele aparece sempre como aquele “que o entregou” (*paradidonai*), que abrange muito mais do que dar com a língua nos dentes com um segredo.

2. *Contexto.* A conclusão da opr 1 aos v. 1,2 mostrou o interesse cristológico dos primeiros onze versículos deste capítulo. Ele os domina com tanta força que os discípulos nem mesmo são mencionados, e se expressa no interesse da data da Páscoa. A Páscoa, pela vontade de Deus e contra a vontade original das pessoas, deverá ser a data da morte de Jesus – como explicação da sua morte. É nisto que Judas desempenha seu papel. Quando ele “entrega” o Senhor (este termo-chave aparece duas vezes nestes dois versículos), o próprio Deus o está entregando, para que ele se torne o cordeiro pascal para o povo.

- 10 E Judas Iscariotes, um dos doze.** Só aqui esta expressão conhecida é acompanhada de artigo. Por isso ela soa como uma lembrança intencional de 3.19: aquele que desde então não foi mais mencionado, mas precisava ser contado e estava presente em tudo, agora sai das sombras para entregar o Filho do homem. Ou seja, ele pôs o processo em movimento. Este, depois, continuou andando sem ele. Todos participaram: o Conselho Superior representando o povo (15.1,10), Pilatos, os pagãos (15.15). Mas exatamente no começo da seqüência estava “um dos doze”, como Judas é apelidado insistentemente nos evangelhos. Do meio deles saiu aquele que deu a partida na monstrosidade. Jesus morreu por aqueles *por meio* dos quais ele morreu!

Judas **foi ter com os principais sacerdotes**. Somente ainda em 3.13 aparece no livro este movimento de ir embora. Lá Judas fora da multidão para Jesus. Esta entrada na comunidade com Jesus ele reverte agora, ao ir embora para os sacerdotes. Este processo básico também não é alterado pelo fato de ele voltar em seguida a aparecer no grupo dos discípulos. Dali em diante ele estava entre eles somente como estranho, como espião inimigo. **Para lhes entregar Jesus.** Sobre o significado e a função deste termo, veja 1.14 e opr 1 à divisão 14.1–16.8. Ele é uma palavra chave para a missão de Jesus. Segundo esta teologia, Judas serviu como instrumento de um acontecimento inimaginável da parte de Deus. O próprio Deus queria sacrificar Jesus por amor ao mundo. O desamparo ilimitado do Filho do homem na Paixão era a ajuda poderosa de Deus para nós todos.

- 11 Eles, ouvindo-o.** O que Judas lhes deu para ouvir? Pelo contexto com o v. 1, foi a oferta de ajudá-los a prender Jesus sem chamar a atenção. Ele investigaria para eles onde e quando Jesus poderia ser surpreendido com poucas pessoas em volta. Isto incluía ajudar na detenção em si. Ele serviu de “guia” ao batalhão (At 1.16; cf. Lc 22.41) e para identificar Jesus com segurança no jardim escuro (cf. v. 43s).

**Alegraram-se** como os três sábios do Oriente quando viram a estrela (Mt 2.10). Este homem era para eles um verdadeiro achado da sorte (cf. v. 43 e especialmente opr 5 a 15.6-15).

**E lhe prometeram dinheiro.** Marcos não diz nada sobre os motivos ocultos de Judas, mas talvez ele os tenha sugerido com a história da unção que inseriu (cf. opr 1 a 14.1,2): Judas rejeitou este Filho do homem disposto ao sofrimento. Quando Pedro fez isto, Jesus o chamou de “Satanás” (8.33). No contexto das ações de Judas também se fala repetidas vezes de “Satanás” (Jo 6.70; 13.27; Lc 22.3). No que tange à ganância, para Judas ela certamente não estava presente no começo, mas foi aumentando com a decadência crescente da sua personalidade. A recompensa pela traição (Mt 26.15) também representou somente um décimo do valor do óleo da unção (v. 5). Ela teve a função de fazer com que o desertor ficasse totalmente sujeito aos sacerdotes. Dali em diante, as preocupações deles passaram a ser as dele (“procurar” no v. 1): **Nesse meio tempo, buscava ele uma boa ocasião para o entregar.** Ele ainda não podia fornecer indicações concretas. Ele fez somente um acordo, para depois voltar para Jesus e espioná-lo. Os judeus costumavam festejar a Páscoa dentro dos muros da cidade (Jeremias, Abendmahl, p 37s). Portanto, na última noite, Jesus deveria mudar sua norma de sair para Betânia. Onde ele iria festejar, e onde passar o resto da noite? Assim que Judas “soube o lugar” (Jo 18.2), ele desapareceu na escuridão (Jo 13.30), para passar a informação e ganhar o seu dinheiro.

#### 4. Os preparativos para a Ceia da Páscoa, 14.12-16

(Mt 26.17-19; Lc 22.7-19)

**E, no primeiro dia da Festa dos Pães Asmos<sup>a</sup>, quando se fazia<sup>b</sup> o sacrifício do cordeiro pascal, disseram-lhe seus discípulos: Onde queres que vamos fazer os preparativos para comeres a Páscoa?**

**Então, enviou dois dos seus discípulos, dizendo-lhes: Ide à cidade, e vos sairá ao encontro um homem trazendo um cântaro de água;**

**segui-o e dizei ao dono da casa onde ele entrar que o Mestre pergunta: Onde é o meu aposento<sup>c</sup> no qual hei de comer a Páscoa com os meus discípulos?**

**E ele vos mostrará um espaçoso cenáculo mobilado e pronto; ali fazei os preparativos.**

<sup>16</sup> **Saíram, pois, os discípulos, foram à cidade e, achando tudo como Jesus lhes tinha dito, prepararam a Páscoa.**

*Em relação à tradução*

<sup>a</sup> Em 14.1 a festa dos pães sem fermento seguia à Páscoa em si; aqui ela já começa no dia anterior à noite da Páscoa. Esta divergência de nomes, porém, é encontrada também em outras ocasiões no judaísmo (Bill. I, 987s; II, 813s; Jeremias, Abendmahl, p 11; Windisch, ThWNT II, 905; Pesch, p 342; Blinzler, p 123; contra Bultmann, Tradition, p 284: “totalmente impossível na linguagem judaica”). A expressão não está fora do lugar aqui também porque todo fermento era tirado das casas já na manhã do dia 14 de Nisã, pois na Ceia da Páscoa também se comia somente pão sem fermento.

<sup>b</sup> A referência não é aos discípulos, mas aos judeus em geral. Eles costumavam (“fazia” aqui está no imperfeito!) carnear os cordeiros no começo da tarde, no pátio do templo.

<sup>c</sup> A palavra é derivada do termo usado para desatrelar os animais de tração, portanto originalmente significava uma estalagem de repouso ou pernoite (p ex Lc 2.7), mas mais tarde incluía o quarto de hóspedes. “Com frequência a cobertura plana da casa servia para isto” (Hengel, ThWNT IX, 55, nota 46).

*Observação preliminar*

*Contexto.* Este trecho chama a atenção já pelo seu caráter fechado. Com muitas palavras, no fim ele circunda somente um único assunto, a preparação da sala para a noite. Sempre de novo repetem-se os mesmos termos: quatro vezes “Páscoa”, “discípulos” e “onde”, três vezes “preparar”. Por fim, no v. 16, uma conclusão formal com quatro frases curtas que começam com “e”. Em segundo lugar a gente se surpreende de ver que esta solenidade litúrgica só se refere a coisas organizacionais. Qual é o propósito deste trecho que nenhum dos sinóticos omite?

Numerosos intérpretes respondem: Ele quer nos ensinar a admiração. Jesus dá uma prova do seu conhecimento prévio, até o ponto de detalhes e aspectos secundários. Esta informação é muito formal e nos satisfaz tão pouco como a representação de Jesus como milagreiro na história da Paixão que não tem milagres soa como um corpo estranho. O relato singelo de Mateus também fala contra isso. Todavia, se deixamos o contexto falar, descobrimos a função verdadeira destes versículos. Há pouco lemos que, daqui em diante, Jesus tinha um espião ao seu lado, que tinha a meta de ajudar os principais sacerdotes a fazer desaparecer o Senhor às escondidas ainda antes da festa (v. 2). Jesus, porém, deveria e queria viver este dia ainda com seus discípulos, para cumprir e renovar a festa de libertação de Israel à sua maneira. Este interesse na data é indicado logo no começo do v. 12: já era quinta-feira de manhã. Judas estava nervoso. Ainda antes da meia-noite ele tinha de dar um jeito de apanhar Jesus, antes que os portões do templo fossem abertos no meio da noite (Jeremias, Abendmahl, p 40, nota 6). Portanto, se pressupomos que Jesus ocultou suas intenções diante de Judas, o texto se explica ponto por ponto, sem forçar. Depois de ter feito arranjos antecipados com o dono da casa (cf. Riesner, p 254), Jesus envia em segredo dois dos seus discípulos, e Judas só fica sabendo do local da reunião quando se encontram lá. Só depois que a renovação da festa da Páscoa foi efetuada Jesus o libera, para que corra avisar os que o contrataram (Jo 13.27).

Como tantos outros detalhes históricos e atalhos na narrativa da Paixão, este encontro também não é descrito com nitidez. O acerto prévio só pode ser deduzido do contexto. Em primeiro plano está a vontade claramente direcionada de Jesus: “Onde queres...?” (v. 12) (com Zahn, Rienecker, Dehn, Lane, Pesch; contra Haenchen, Grundmann, Gnllka). A suposição de que o próprio Marcos era o moço que carregava o jarro de água e que a casa era a de seus pais (Rienecker, p 241) não influencia em nada a exegese.

**12 E, no primeiro dia da Festa dos Pães Asmos, quando se fazia o sacrifício do cordeiro pascal.** Era a manhã de quinta-feira, fora da cidade. À tarde seriam carneados os cordeiros para a festa, no pátio do templo (Descrição em Jeremias, Jerusalem, p 89ss). Os discípulos sabiam que Jesus também

queria participar da festa. Fora para isto que ele viera à cidade. Todavia, ainda nem mesmo tinham uma sala. **Disseram-lhe seus discípulos: Onde queres que vamos fazer os preparativos para comeres a Páscoa?** A maneira de falar – onde queres, para comeres – espelha o respeito que tinham por ele. Em termos práticos, não era fácil encontrar no próprio dia uma sala adequada “no lugar que o Senhor escolher” (Dt 16.7), com toda aquela multidão de peregrinos na cidade. Boa parte dos visitantes era obrigada a tomar a Ceia nos pátios ou nos telhados planos das casas, apesar da época fria (Jeremias, Abendmahl, p 37s). No caso de Jesus o problema ainda era maior porque ele tinha de tomar cuidado com a presença de Judas.

- 13** A continuação é igual à frase de 11.1: **Então, enviou dois dos seus discípulos.** Agora Jesus toma a iniciativa e dá início a uma demonstração carregada de simbolismo, enquanto os discípulos estão ansiosos e ele resolve um problema prático. Ele encarrega dois mensageiros: **Ide à cidade, e vos sairá ao encontro um homem trazendo um cântaro de água.** Em 11.3 o resultado é indeterminado: “Se alguém vos perguntar...”, e no v. 5 são vários os que perguntam. Aqui um homem bem específico irá encontrá-los. É verdade que, naquela manhã, seriam muitos os carregadores de água nas vielas da cidade da cidade carente de abastecimento, para que nada faltasse nas casas até à noite. Estes homens, porém, geralmente usavam um grande odre de couro para transportar a água (Pesch, p 343), e não um jarro sobre a cabeça, como as mulheres. Os mensageiros, portanto, tinham de ir até a fonte de Siloé (Bornhäuser, p 55) e prestar atenção neste detalhe diferente. Uma vez encontrado o homem, eles não deviam falar com ele em público, mas “seguir-lo”. Este, ao perceber que os homens estavam em seus calcanhares, sem dizer nada se poria a caminho do seu senhor. Só ali, no interior da casa, os mensageiros podiam falar.
- 14 Segui-o e dizei ao dono da casa onde ele entrar que o Mestre pergunta: Onde é o meu aposento no qual hei de comer a Páscoa com os meus discípulos?** Nesta noite os cidadãos de Jerusalém tinham a obrigação de colocar aposentos à disposição dos peregrinos, de graça. Em troca eles recebiam somente a pele do cordeiro (Bill. I, 988s). A singularidade aqui está em que Jesus não recebeu uma sala qualquer, mas um privilégio impressionante:
- 15 E ele vos mostrará um espaçoso cenáculo.** Sem fazer perguntas nem mostrar-se surpreso, ele os levaria para cima. “Mostrar” aqui significa igualmente “indicar, entregar” (Schlier, ThWNT II, 26). A sala é grande como um salão, já **mobilado** com divãs e almofadas **e pronto** para a Ceia da Páscoa, com mesas, jarros e talheres. Tudo está somente à espera de Jesus e seus discípulos, reservado como seu “aposento” (v. 14).
- 16** Tudo funciona às mil maravilhas: **Saíram, pois, os discípulos, foram à cidade e, achando tudo como Jesus lhes tinha dito, prepararam a Páscoa.** Assim, não faltaram sinais de grandeza no caminho em que Jesus se tornou o mais desprezado de todos. A obediência de todos os participantes, a coragem do dono da casa que ficou firme como seguidor apesar da situação arriscada, e a sala convidativa – tudo isto eram sinais do alto: Deus governa!

Várias coisas faziam parte dos preparativos: até o meio-dia a casa tinha de ser vasculhada à procura de pães com fermento, e o que fosse achado tinha de ser queimado. A partir das duas da tarde um representante do grupo que cearia junto tinha de carrear o cordeiro no pátio do templo. Também se traziam verduras, ervas amargas e compota de frutas para o antepasto, assim como pães sem fermento. Finalmente, à noite, o cordeiro era assado.

## 5. Predição da entrega de Jesus por um dos seus doze discípulos, 14.17-21

(Mt 26.21-25; Lc 22.21-23; Jo 13.21-30)

**Ao cair da tarde<sup>a</sup>, foi com os doze.**

**Quando estavam à mesa e comiam, disse Jesus: Em verdade vos digo que um dentre vós, o que come comigo, me trairá.**

<sup>19</sup> **E eles começaram a entristecer-se<sup>b</sup> e a dizer-lhe, um após outro: Porventura, sou eu?<sup>c</sup>**

**Respondeu-lhes: É um dos doze, o que mete comigo a mão<sup>d</sup> no prato<sup>e</sup>.**

**Pois o Filho do Homem vai<sup>f</sup>, como está escrito a seu respeito; mas ai daquele por intermédio de quem o Filho do Homem está sendo traído! Melhor<sup>g</sup> lhe fora não haver nascido!**

*Em relação à tradução*

- <sup>a</sup> Cf 1.32n. A celebração da Páscoa começava em uma “hora” prescrita (Lc 22.14), que era às seis da tarde, e se estendia até a meia-noite.
- <sup>b</sup> *lypein* expressa a dor do luto, mas também pode ter o sentido de insatisfação e ira (Bultmann, ThWNT IV, 319).
- <sup>c</sup> *meti*: a resposta que a pergunta espera é “não”.
- <sup>d</sup> Acrescentado de acordo com Mt 26.23.
- <sup>e</sup> No grego falta o predicado, de modo que a frase tem a forma de uma exclamação.
- <sup>f</sup> Só aqui “ir” (*hypagein*) significa “morrer”, no sentido de ir para o julgamento. Em Jo 7.33; 16.5; 13.3; 16.10,17 o termo também significa o fim da vida, mas no sentido de ir para o pai.
- <sup>g</sup> Na verdade “bonito, bom”, mas cf. 9.42n.

### Observações preliminares

1. *Título.* Pode-se sobrescrever este trecho junto com os versículos seguintes 22-26 com “A Última Ceia de Jesus” ou algo parecido, desde que se entenda que só nos são apresentados aqui dois momentos da festa que durava muitas horas: a predição da entrega e o novo significado de pão e cálice. – O título “Indicação do Traidor” para os vv. 17-21 também não é exata. Marcos não menciona Judas pelo nome, neste contexto. A perspectiva é mais ampla. Já no v. 14 ouvimos, com vistas à Ceia: “Eu com os meus discípulos”. Assim também começa o v. 17: “Ele com os doze”, e mais uma vez lemos no v. 20, em contexto direto com a traição: “É um dos doze”. veja também o v. 18: “Um dentre vós”. Portanto, temos um trecho concentrado especialmente nos doze. O sentido do chamado deste grupo fora que estivessem com ele exatamente nesta noite e na sua morte. O “comigo” dos vv. 18,20 soa como um eco do “estar-com-ele” de 3.14. Era nesta noite que eles exerceriam sua função, de ser testemunhas e beneficiários da nova Páscoa: Jesus anunciou sua morte como o nascimento deles como novo povo de Deus (v. 22-24). Assim como o Israel antigo se viu poupado da ira de Deus pelo sangue do cordeiro, o mesmo aconteceria agora com eles pela morte expiatória de Jesus. Por isso é tão necessário que os doze façam parte desta Páscoa, mais do que a sala, as almofadas, os jarros e os alimentos. Por isso, porém, também eles tinham de ser definidos como carentes de salvação. Exatamente isto foi feito pela indicação indelével de que a rejeição do Filho do homem procedeu dentre deles. O traidor, cuja individualidade e nome aqui não importam, só serviu de representante de qualquer um deles (v. 19). (Veja também a [opn 3](#) à divisão principal 11.1–12.44.)

2. *Posição do evento no desenrolar da Páscoa judaica.* O parágrafo dos vv. 12-16 não deixou dúvidas de que esta ceia foi uma Páscoa judaica. Para os leitores daquela época, especialmente os cristãos de origem judaica, com isto automaticamente uma série determinada de procedimentos vinha à mente. Pequenos indícios no texto nos informam da posição em que este momento deve ser encaixado. Para os leitores de hoje falta este fundo. Podemos nos informar em Bill. IV, 41-76; Jeremias, Abendmahl. P 79s; Stauffer, p 88s; Pesch II, 348s:

a. *O antepasto.* Depois de os convivas se deitarem nos divãs e almofadas em volta da mesa baixa, o dono da casa dá início à refeição tomando seu cálice e dizendo a frase de louvor. Os demais em volta da mesa o confirmam com “amém”. Em seguida cada um bebe até o fim seu primeiro cálice (vinho, misturado com bastante água). Então se come o antepasto: um pouco de verduras e um pouco de ervas amargas (símbolo da servidão), ambos mergulhados primeiro na bacia comum com compota de frutas (símbolo do trabalho forçado). Depois o prato principal é trazido e o segundo cálice é enchido.

b. *A meditação da Páscoa.* Antes que se toque no prato principal, declaram-se com frases prontas de pergunta e resposta as ações de Deus na noite da Páscoa no Egito e, com palavras explicativas, o sentido dos elementos da festa. Em seguida canta-se a primeira parte do *Hallel* (Sl 113–114) e bebe-se o segundo cálice.

c. *O prato principal.* Neste ponto o dono da casa se senta, toma um pão sem fermento (*mazzen*, símbolo da pobreza), ergue-o um pouco e diz a frase de louvor. Todos dizem amém. Em seguida ele quebra pequenos pedaços e os estende aos demais. Assim que o último recebeu seu pedaço, todos o levam à boca. Com isto a refeição em si está começada. Come-se o cordeiro assado (símbolo do fato de terem sido poupados), os *mazzen*, as ervas amargas e a compota de frutas. Tudo é acompanhado de vinho e várias frases de louvor. Depois da oração final, o terceiro cálice (o “cálice da bênção”) é bebido.

d. *O encerramento.* Canta-se a segunda parte do *Hallel* (Sl 115–118). O cântico é seguido por mais uma frase de louvor e pelo quarto cálice.

Os dois trechos dos vv. 17-26 podem facilmente ser encaixados nesta sequência. “Quando estavam à mesa”, no v. 18, refere-se ao antepasto. O pão submergido na tigela com a palavra sobre o traidor, no v. 20, faz parte do aperitivo das ervas nesta primeira parte. O segundo “enquanto comiam”, no v. 22, e o ato de tomar, agradecer e partir o pão, com as palavras explicativas, faz parte da refeição principal. A palavra do cálice no v. 23 refere-se ao terceiro cálice (“depois de ceiar” em Lv 22.20; 1Co 11.25; “cálice da bênção” em 1Co 10.16). Por fim, o v. 26 menciona a segunda parte do *Hallel*.



- 17 Ao cair da tarde, foi com os doze.** Sobre o interesse especial nos doze, veja a opr 1. Os dois mensageiros do v. 13 pelo visto estavam novamente com eles; faz parte da execução da tarefa do mensageiro relatar o cumprimento. No mais não se pode provar que Jesus e os doze estivessem sozinhos nesta noite. A Páscoa judaica não era uma festa só de homens. Podemos imaginar que as mulheres que os tinham acompanhado desde a Galiléia, mencionadas em 15.40s, e talvez também o dono da casa com seus agregados, estivessem presentes. “Um *dos* doze” no v. 20, em vez de “um de vocês doze”, pode indicar que havia outras pessoas presentes. Mas estas perguntas estão totalmente fora de questão aqui.
- 18 Quando estavam à mesa e comiam.** Estavam deitados em divãs e almofadas em volta de uma mesa baixa, cf. 14.3n. O que era comum em banquetes, no jantar da Páscoa era regra rígida, divergindo da noite da Páscoa no Egito, em que comeram de pé (Êx 12.11). Até para os mais pobres, inclusive os escravos judeus, que tinham de ficar de pé durante as refeições, nesta noite era preciso arranjar acomodações para deitar. “No jantar da Páscoa é necessário comer deitado, para mostrar que se passou da servidão para a liberdade” (em Jeremias, Abendmahl, p 43, nota 3). Quem costumava comer deitado eram os homens livres e importantes, e a Páscoa era a festa judaica da libertação. Portanto, se os evangelhos registram oito vezes em relação à última Ceia de Jesus que ele se deitou para comer com seus discípulos, a idéia de liberdade certamente também deveria ter destaque na Ceia da aliança do NT. Os primeiros cristãos partiam o pão em meio ao júbilo pela libertação, salvos do medo (At 2.47; Rm 8.15).
- Disse Jesus: Em verdade vos digo que um dentre vós, o que come comigo, me trairá.** Sobre “em verdade”, cf. 3.28. Com insistência Jesus afirma aqui e no v. 20 que esta ação monstruosa se origina na própria comunhão à mesa. “Toda comunhão à mesa é, para o oriental, concessão de paz, fraternidade, confiança; comunhão à mesa é comunhão de vida, escreve Jeremias, Abendmahl, p 196, para continuar: “A comunhão à mesa com Jesus é ainda mais”, ou seja, salvação e comunhão com o próprio Deus. Portanto, deste grupo que vivia palpavelmente o estar-com-ele de 3.14, sim, que se encontrava nos braços do próprio Deus, um “levanta contra ele o calcanhar”, como está em Jo 13.18, citando o Sl 41.9. Um do grupo dos doze passa uma rasteira traiçoeira e desprezível no Senhor. Isto é o que significa “entregar”.
- 19** Esta palavra caiu como um raio no meio do grupo dos discípulos. Sem a passagem costumeira com “e”, uma frase descreve a perplexidade: **Eles começaram a entristecer-se.** Chocados e indignados eles exclamam, **um após outro: Porventura, sou eu?** De fato, para onze deles a idéia de ser desleal não passava pela cabeça. Jesus parecia estar sendo injusto com eles. Mas a parágrafo dos v. 27-31 retomará e iluminará melhor a questão. Eles ainda estavam muito fortes para poder suportar o discipulado. Sua indignação somente evidenciava sua falta de entendimento (cf. 1.36).
- 20** Por isso Jesus fez que não ouviu a solicitação para que lhes conferisse atestados de fidelidade. Sem se impressionar, ele repete seu diagnóstico: **É um dos doze, o que mete comigo a mão no prato.** Enfiar a mão juntos na tigela nos recorda mais uma vez a comunhão concedida. Lança-se luz sobre um abismo de amor. Jesus alimenta o seu inimigo (cf. Rm 12.20)! E ele o faz ainda no momento em que morre a esperança de alcançar e ganhar o traidor. Segundo Jo 13.27, exatamente esta demonstração de amor fez empedrar o coração de Judas. Mesmo assim, os onze não tinham motivo para falar sobre esta infidelidade como se estivesse fora deles. Eles não deveriam sentir-se superiores, mas desmascarados.
- 21 Pois o Filho do Homem vai, como está escrito a seu respeito.** Como em 9.12s; 14.49, dificilmente Jesus tinha em mente uma passagem específica, mas a teologia do sofrimento no AT como um todo. É claro que se tratava de um cumprimento da Escritura como nenhum escritor humano o poderia ter imaginado. O destino de Jesus, portanto, brotou decididamente do plano de salvação de Deus. A especulação de que tudo teria sido diferente se não tivesse havido um Judas, nem passou pela mente de Jesus. Todavia, o caráter bíblico dos seus sofrimentos, e a autorização dada por Jesus ao sacrílego segundo Jo 13.27, não isentam Judas de culpa. **Mas aí daquele por intermédio de quem o Filho do Homem está sendo traído!** Ele não “tinha” de fazê-lo. O amor de Jesus se aplicava a ele, e Judas sabia disso. Agora o lamento do luto israelita é pronunciado sobre ele. **Melhor lhe fora não haver nascido!** Aqui não se está falando da sua morte eterna mas da sua vida desgraçada, separada de Deus e desperdiçada. O judaísmo aplicava esta expressão com frequência aos pecadores (Bill. I, 989), de modo que Judas não é declarado aqui um pecador especial.

## 6. A proclamação da sua morte por Jesus na Ceia da Páscoa, 14.22-26

(Mt 26.26-29; Lc 22.15-20; 1Co 11.23-26; cf. 10.16,17)

**E, enquanto comiam, tomou Jesus um pão<sup>a</sup> e, abençoando-o<sup>b</sup>, o partiu e lhes deu, dizendo: Tomai, isto<sup>c</sup> é o meu corpo.**

**A seguir, tomou Jesus um cálice e, tendo dado graças, o deu aos seus discípulos; e todos beberam dele.**

**Então, lhes disse: Isto é o meu sangue, o sangue da [nova] aliança, derramado em favor de muitos.**

**Em verdade vos digo que jamais beberei do fruto da videira<sup>d</sup>, até àquele dia em que o hei de beber, novo, no reino de Deus.**

<sup>26</sup> **Tendo cantado um hino<sup>e</sup>, saíram para o monte das Oliveiras.**

### *Em relação à tradução*

<sup>a</sup> *artos* (pão) pode ser usado sem problemas também para pão sem fermento (*azyma*) (Jeremias, Abendmahl, p 56ss).

<sup>b</sup> *eulogein*, no grego, comumente significa elogiar, falar bem de alguém; aqui, porém, está no lugar de um verbo semítico intransitivo que tem o sentido de “dar graças à mesa”. No versículo seguinte há outro verbo equivalente (*eucharistein*). Sobre os dois termos, cf. 6.41n e 8.6.

<sup>c</sup> “isto” (*touto*) em grego é neutro, “pão”, porém, é masculino. Será que Jesus, com “meu corpo”, nem estava pensando no pão e muito menos em algum objeto, mas – como muitos gostam de interpretar – em todo o *processo*? Será que, então, o ato de Jesus de tomar, agradecer, partir, distribuir, falar e comer significou seu “corpo”? Sem mencionar o fato de que isto não faz muito sentido, estas atividades teriam de ser indicadas com um plural (*tauta*, como 11.28,29,33; 13.4,29,30). “Isto ali” (tradução com WB 1122) está aqui no contexto de uma lição objetiva, e Jesus tem o pão erguido em vista, como figura ou sinal. “Sinal”, em grego, é neutro.

<sup>d</sup> Nas fórmulas litúrgicas, é uma maneira indireta de falar do vinho (Jeremias, Abendmahl, p 176). Isto assegura o uso de vinho na Ceia.

<sup>e</sup> *hymnein*, cantar, pode se referir também ao *Hallel* (Bill. IV, 76).

### *Observações preliminares*

1. *Contexto.* Depois que Jesus tinha predito e, com isso, liberado sua entrega nos v. 17-21 (cf. Jo 13.27), a noite da Páscoa praticamente se tornou a “noite da entrega” (1Co 11.23). Deus tinha atingido seu objetivo, contra a vontade dos principais sacerdotes, que tinham dito: “Não durante a festa!” (14.2). Jesus não queria desaparecer de cena antes da hora, sem mais nem menos, mas ser sacrificado significativamente durante a festa, como o verdadeiro cordeiro pascal, para que a criação fosse poupada. Ele não deveria morrer sem que o povo o percebesse, mas de uma maneira que judeus, romanos e o mundo inteiro ficassem sabendo. Depois que esta data, preparada por Marcos em muitos versículos com muitos detalhes, finalmente foi atingida, segue como meta e ponto culminante a “dedicação sacrificial de Jesus” (Gese, p 125). Jesus anuncia a sua morte (e ressurreição) como mudança das épocas e chegada do reinado de Deus, da qual eles haveriam de participar. *Ele o faz.* O anúncio poderoso e objetivo da sua morte remonta aos seus lábios. “Eu o recebi do Senhor”, testifica Paulo em 1Co 11.23. O Senhor não somente suportou a cruz, mas fez com que ela pudesse falar, ser falada, crida e experimentada. Neste ponto não estamos entregues à nossa própria sabedoria ou estupidez. Ele mesmo nos esclareceu o sentido da sua morte nesta noite, de modo que agora se pode dizer (1Co 11.26): “Todas as vezes que comerdes este pão e beberdes o cálice, anunciais a morte do Senhor”, e isto cheios de júbilo, adoração, espírito e esperança.

2. *Relação com a Páscoa.* A data da Páscoa parece ser de extrema importância para os sofrimentos de Jesus, de acordo com Marcos. O termo como que está reservado para este propósito. Em nenhuma outra ocasião ele menciona a “Páscoa”, apesar de vários eventos terem relação com esta festa (Jeremias, ThWNT V, 897); em conexão com a última Ceia de Jesus, porém, ele usa o termo quatro vezes (14.12,14,16). De acordo com Mt 26.18 (cf. v. 2), Jesus identificou a Páscoa como “o meu tempo (de morrer)”. Na igreja antiga, “Páscoa” foi ligado ao termo para “sofrimento”, de som semelhante (*pasxa – pasxein*; Jeremias, ThWNT V, 902). Os pesquisadores, por sua vez, perceberam que o trecho dos v. 17-26 “não contém nenhuma referência a uma ceia pascal” (Kümmel, Theologie, p 82). Não somente falta o termo “Páscoa”, mas também os elementos indispensáveis à festa, como pão sem fermento, cordeiro, e ervas amargas. Será que a última refeição histórica de Jesus não tinha nada a ver com a Páscoa, antes foi inserida mais tarde neste contexto, depois de reflexão profunda? (Grundmann, Wikenhauser, Schweizer, Bultmann e outros). Esta dedução com certeza é precipitada. Os v. 22-26 também não falam dos “doze” ou dos “discípulos”, mas só de “lhes, aos, vos”.

Mesmo assim ninguém conclui disto que os participantes fossem outros que os discípulos antes mencionados. Respeita-se o contexto. Acima de tudo pesa aqui uma série considerável de detalhes secundários relatados como que ao acaso que, no conjunto, reforçam a impressão de que Jesus estava realmente festejando a Páscoa. O que segue está baseado em Jeremias, Abendmahl, p 35-82; cf. Behm, ThWNT III, 733; Klappert, TBLNT 672ss; Patsch, EWNT IV, 341. De acordo com o v. 17, a Ceia começou “ao cair da tarde” e se estendeu até o meio da noite, segundo o v. 30. Somente a Páscoa é uma refeição noturna. Outros banquetes aconteciam no começo da tarde, como a refeição principal dos judeus. Em segundo lugar, conforme o v. 18, os convivas estavam deitados em volta da mesa, o que era obrigatório no caso do jantar de Páscoa. Em terceiro lugar, o pão foi partido no v. 22 somente depois de servida a refeição com o molho no v. 20. A Páscoa era a única refeição judaica que não começava com o partir do pão. Em quarto lugar, o cálice levantado nos v. 23s lembra um dos quatro cálices prescritos para a festa da Páscoa. Nisto, a referência a sangue pressupõe o vinho tinto, raramente mencionado, mas que era exigido para a Páscoa. Em quinto lugar, o fato de haver uma explanação nos v. 22,24 combina com o costume da Páscoa conforme Êx 12.36s; 13.8. Em sexto lugar, o v. 26 fala do cântico de encerramento, pressupondo-se que o conteúdo era conhecido. Isto se aplica exatamente ao *Hallel* da Páscoa (cf. opr 2d aos v. 17-21). Em sétimo lugar, nesta noite Jesus pernoitou diferente do seu costume com seus discípulos no monte das Oliveiras, que fazia parte da área urbana. Isto correspondeu à prescrição para a noite da Páscoa. Jeremias resume na p 73 o exame de todas as objeções: “Podemos ver que o relato da Paixão não menciona um procedimento que não possa ter transcorrido no dia 15 de Nisã (a Páscoa)” (da mesma forma Pesch II, p 362).

3. *Retrocesso da relação com a Páscoa.* Por outro lado, não se pode negar que a relação com a Páscoa, especialmente nas frases centrais dos v. 22-26; é extremamente rala. Paralela a uma conexão com a Páscoa, pode-se reconhecer também uma separação da festa judaica. O interesse volta-se para um outro “cordeiro”, uma nova aliança, uma outra esperança. Por isso Jesus também não seguiu rigidamente a ordem da festa. Ele já a interrompeu com sua declaração que começou com “em verdade” no v. 18, e colocou suas explicações nos v. 22,24 em lugares incomuns. P ex, ele fez todos beber do mesmo cálice (14.23; Lc 22.17). Uma das mudanças também está no hábito, como se pode ver logo depois da Páscoa: a desvinculação da época do ano e a celebração diária ou dominical, em seu lugar (At 2.46; 20.7). Assim, pode-se aplicar 2.27 a este caso: Jesus é senhor também da Páscoa. Ele não estava sujeito à Páscoa, antes, a festa existia para ele. Por isso não devemos entender errado a diminuição dos traços judaicos, como se Jesus. p ex, não tivesse comido o cordeiro da Páscoa (Bornhäuser, p 62; Stauffer, Jesus, p 89). O relato é marcado pela novidade, pelo centro em Cristo e seu uso no culto dos primeiros cristãos.

4. *Lição objetiva.* Desde o começo Jesus celebrava refeições junto com seus discípulos, como expressão da comunhão de vida e salvação (cf. 1.31). Depois da declaração de Pedro em 8.29, estas foram adquirindo cada vez mais sentido messiânico. Da última refeição na quinta-feira a tradição relata quase exclusivamente as duas declarações explicativas como sendo especiais, uma ligada à oração costumeira para início da refeição principal, a outra ligada à oração final (especialmente visível em 1Co 11.25; Lc 22.20). A refeição entre as duas não é mencionada, porém mesmo assim iluminada por esta moldura. Pois se pão e vinho são interpretados como os elementos sólidos e líquidos de uma refeição, toda ela está incluída, no nosso caso o jantar da Páscoa. Deste modo, o procedimento pode ser enquadrado na série de “lições objetivas proféticas” (Popkes, Abendmahl, p 51; cf. opr 2 a 6.6b-13). Essencial em um evento assim é sempre a explanação. Ilustrações causam um impacto bem maior sobre os espectadores do que meras palavras, porém têm a desvantagem de se prestarem a várias interpretações, a critério de cada um. A explanação assegura a compreensão correta. (Sobre o transcurso da Páscoa judaica, cf. opr 2 a 14.17-21.)

5. *Termos divergentes.* Não havia uma autoridade central que zelava por regras uniformes de transmissão e impedisse que versões diferentes circulassem. A tradição de Jesus desde o começo andou em várias direções (Lc 1.1-4). Ao mesmo tempo detalhes comuns importantes mostram que não predominava uma criatividade sem limites.

6. *Conflitos por causa da Ceia.* A divisão dos cristãos especialmente por causa da Ceia incomoda e abala a muitos. Mesmo assim não se pode pôr o conflito de lado sem mais nem menos, sem considerar que há razões para ele. É só conscientizar-se de como aquilo “que recebemos do Senhor” tem sido soterrado por termos como: sacramento, administração ou distribuição do sacramento do altar, meios da graça, comunhão, missa, eucaristia, consagração, transsubstanciação, consubstanciação, presença real, ubiquidade, *verbum visibile*, *ex opere operato*, elementos, sinais, sinais eficazes, sacrifício sem sangue, manjar do sacrifício, hóstia. Tudo isto tem mesmo de ser? Em todo caso, desta perspectiva nosso texto parece um mundo diferente.

22 **E, enquanto comiam,** portanto, festejavam animadamente. Comer era sinal de alegria; quem estava de luto jejuava. **Tomou Jesus,** no início da refeição, **um pão e, abençoando-o, o partiu e lhes deu.** Rapidamente a descrição passa por estes processos bem conhecidos. No partir do pão ainda não se deve ver uma indicação da morte de Jesus. Trata-se somente do ato da distribuição. Só depois segue

algo diferente. Jesus rompe o silêncio de praxe durante a distribuição (Pesch, p 373), **dizendo: Tomai, isto é o meu corpo.**

Na parte devocional prescrita para a festa, os judeus aplicavam o pão sem fermento à miséria de Israel no Egito. O que Jesus fez dele?

Em sua língua materna a pequena frase não tem verbo. Era simplesmente: “Isto – meu corpo”. Podemos completar com “significa”, sem problemas. O “é”, neste contexto, também não deve ser mal entendido. De forma alguma ele funciona como sinal de igual na matemática. Jesus não se tinha transformado neste pão nem o pão nele, já que ele continuava pessoalmente presente entre seus discípulos. Os orientais compreendem lições objetivas e linguagem figurada. Quando Jesus abraçou uma criança e disse: “Qualquer que receber uma criança, tal como esta, em meu nome, a mim me recebe” (9.37), naturalmente a criança não se transformara em Jesus. “Isto é” tem seu lugar próprio na interpretação das parábolas (p ex 4.15,16,18,20; Ez 5.5).

O que Jesus disse, sem figuras? Conforme uma opinião (p ex Behm, ThWNT III, 735), com “meu corpo” Jesus não estava falando do seu corpo físico mas, no estilo semita, da sua pessoa, de si mesmo. É como se dissesse: Isto sou eu mesmo. Eu posso ser comparado com o pão, a vida de vocês. Por meio desta Ceia eu me volto para vocês como pessoa e lhes concedo comunhão. – Contudo, devemos ter em mente os pensamentos que uniam as pessoas daquela época em *cada* refeição conjunta. Uma vez que o dono da casa tivesse um daqueles pães em forma de panqueca e agradecido por ele diante de todos, que os convivas se tivessem unido à frase de louvor com “amém”, e cada um tivesse recebido um pedaço e ingerido, a comunhão estaria colocada sob a bênção de Deus. Isto os discípulos conheciam desde a sua infância (Jeremias, Abendmahl, p 224). Para isto o dono da casa não precisava afirmar que o pão era seu corpo.

Portanto, a explanação deve conter um sentido que ultrapassa a concessão geral de comunhão. Ele se revela se deixamos a última Ceia de Jesus no quadro em que todos os três relatos o colocam, o quadro da refeição de sacrifício. Tanto “corpo” em nosso versículo como “sangue” no v. 24 procedem da linguagem sacrificial. Hb 13.11 deve ser considerado prova desta maneira de falar, apesar das objeções (p ex Lohse, Märtyrer, p 125): “Pois aqueles animais cujo sangue é trazido para dentro do Santo dos Santos, pelo sumo sacerdote, como oblação pelo pecado, têm o corpo queimado fora do acampamento”. Jeremias, na 3ª edição do seu livro de 1959 sobre a Ceia (Abendmahl, p 213, nota 8), acrescentou exemplos extrabíblicos. Em certos tipos de sacrifício, p ex na oferta de gratidão que era tão importante (hebr. *toda*, “confissão de louvor”), só partes do corpo do animal eram queimados. Outras partes eram comidas pelos convivas na refeição que era o ponto culminante do sacrifício (Lv 7). No banquete da *toda*, a pessoa festejava o reinício da sua existência, na comunhão de pessoas convidadas do seu grupo de convivência. Depois de escapar de um perigo mortal ou também depois de desvencilhar-se do pecado, celebrava o fato de a aliança misericordiosa de Deus ter-se tornado visível (cf. Gese, p 117-226). Portanto, quando Jesus distribuiu o pão aqui como seu “corpo”, ele pressupunha a eliminação da sua vida terrena, física, e isto claramente no sentido de sacrifício pelos que festejavam. Hb 10.10 também fala da “oferta do corpo de Jesus Cristo” em sacrifício. Da mesma forma, “corpo” em Lc 22.19 está no contexto de sacrifício: “meu corpo, oferecido por vós” (cf. 1Co 11.24; Ef 2.16). Nestas últimas passagens também se aproximam declarações sobre o pão e o cálice, em termos de comparação. Com ambas o Senhor proclama sua morte como cordeiro sacrificial. A pergunta sobre a diferença ainda teremos de fazer. Em todos os casos, este testemunho de si mesmo desencadeou na história um impacto amplo entre os primeiros cristãos (1Co 5.7; Jo 19.36; 1Pe 1.19; Hb e Ap).

Vários intérpretes se interessaram em saber se Jesus comeu e bebeu esta última refeição com os demais. Nenhum texto fala sobre isto, mas é possível deduzi-lo. Jesus disse aos seus discípulos: Peguem, comam, bebam! Portanto – conclui-se – ele mesmo se absteve. “E todos beberam dele”, então, quer dizer: todos, menos ele. Lc 22.15 é interpretado como se Jesus gostaria de comer com eles, mas se absteve, contra a expectativa evidente dos discípulos, também segundo 14.12. “Jamais beberei” e “beber de novo” no v. 25 ele teria dito *antes* da refeição. O exegeta católico Wikenhauser (p 260) menciona uma razão dogmática para o interesse nesta posição: Jesus não ingeriu pão e vinho, “pois os transformara em seu corpo e seu sangue”. Outros pesquisadores (Jeremias, Grob, Goppelt, Pesch, Gnllka) não deixam entrever nenhum motivo, o que não exclui este. Seja como for, os textos não dizem que Jesus jejuou. Eles não relatam que Jesus se separou da comunhão com seus discípulos no último banquete, deixando de comer; isto teria destruído o sentido da sua ação simbólica. Ele não

queria lhes dar pão transformado, mas um pão com outro significado, representando profeticamente sua morte expiatória e sua ressurreição.

- 23 Lc 22.20 e 1Co 11.25 situaram o que segue “depois de haver ceado”. Trata-se do terceiro e mais solene dos cálices da Páscoa judaica, que encerrava a refeição principal junto com a oração final. **A seguir, tomou Jesus um cálice e, tendo dado graças, o deu aos seus discípulos; e todos beberam dele.** O tempo imperfeito, “bebiam”, retrata como o cálice deu a volta de mão em mão. Ninguém é omitido. O “todos” continua inexorável nos v. 27,29,31,50. Aqui eles são incluídos como pessoas que serão assim.
- 24 Enquanto o cálice circulava ouviu-se mais uma palavra de explanação: **Então, lhes disse: Isto é o meu sangue, o sangue da [nova] aliança, derramado em favor de muitos.** Este “é” não quer dizer que o vinho tinto seja agora o sangue de Cristo, misteriosa mas essencialmente (cf. v. 22). Se assim fosse, os discípulos teriam rejeitado o cálice, horrorizados. Beber sangue era indizivelmente horripilante para os judeus.

A vinculação do cálice que circulava com o sangue de Jesus anunciava o mesmo sacrifício como o pão que fora distribuído vinculado ao corpo de Jesus. Desta vez, porém, Jesus não se limitou à afirmação simples, mas acrescenta uma frase cujo centro é a palavra “aliança”. Uma **aliança** de Deus com pessoas sempre é baseada em sua misericórdia, pois nós seres humanos só temos comunhão com Deus quando ele o deseja. Ele a quer, às suas custas e expensas. Deixar Deus fazer sua vontade, aquietar-se totalmente diante da promessa de Deus – isto a Bíblia chama de “crer”. Assim Abraão creu em Deus e agradou a Deus (Gn 15.6; Rm 4.3; Gl 3.6; Tg 2.23). Israel muitas vezes não creu em Deus, e de forma alguma na presença do seu Messias. Queriam ser e ficar, ter e poder algo em si mesmos (Rm 10.3). Cancelaram esta aliança. A isto Deus não respondeu com seu cancelamento, mas com a promessa da “nova aliança” em Jr 31.33,34. O adjetivo “novo” aqui não quer dizer que o antigo haveria de começar novamente, mas que Deus se decidira por uma iniciativa criativa incomparavelmente diferente, que causaria uma transformação de Israel até os recônditos do seu coração. Na promessa de Jeremias, um Deus ansioso quase se atropela: Eu quero, eu quero, eu quero! Esta passagem solitária no AT sobre a “nova aliança” foi retomada por Jesus em vista da sua morte iminente e ampliada à potência milionésima, difundindo-se por todas as línguas do mundo nas palavras da instituição da Ceia. A expressão completa “nova aliança” está em 1Co 11.25. Esta interferência totalmente própria e ansiosa de Deus em favor do seu povo perdido é a morte sacrificial e a ressurreição de Jesus. Ela se torna, como será dito em seguida, o centro da salvação também do mundo dos povos e da criação transtornada (Ap 21.1–22.5).

O **sangue derramado**, aqui, não é uma referência a um assassinato sem qualquer significado de sacrifício sagrado. O eco literal de Êx 24.8, quando Moisés colocou a aliança do Sinai em vigor no contexto do culto por meio de uma cerimônia de sangue, mostra claramente o sentido. A morte de Jesus servirá para pagar os pecados e terá alcance universal, ampliando misteriosamente o número dos beneficiados: em favor de muitos. A expressão de Is 53 – e sem este capítulo grandioso as palavras da Ceia não podem ser explicadas – foi estudada detalhadamente em 10.45. A aplicação universal dos cânticos do Servo (Is 42.1,4,6; 45.6,22s; 49.6s,26; 51.4,5; 52.10) reforça o pensamento em favor dos últimos, mais distantes, esquecidos e até agora não mencionados (diferente de Pesch II, p 360). “Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo” (2Co 5.19). A Sexta-feira da Paixão abriu a todos a porta para o banquete de Deus. De modo análogo, Is 53 também está cheio da admiração dos salvos. Eles sabem que estão dentro do alcance de um milagre extremo.

Em retrospectiva, podemos comparar as duas palavras de explanação. Será que elas somente estão duplicando o mesmo pensamento? Temos uma ação simbólica dupla diante de nós, ou as ênfases são diferentes? P ex, chama a atenção que o vinho, diferente de pão, não é mencionado diretamente, pois sempre se fala do cálice. Mas isto talvez só espelhe que o pão era passado sem recipiente, o que não é possível com o vinho. Portanto, não se pode concluir nada do fato de beber-se do cálice em vez do vinho (cf. também 10.38s). Outra coisa, porém, merece ser destacada. Com o cálice erguido, diante das pessoas reunidas, atentas, a boca se abre para o discurso solene. Um exemplo temos exatamente no Sl 116.13,14, com referência à *toda*: “Tomarei o cálice da salvação e invocarei o nome do Senhor [...] na presença de todo o seu povo”. É significativo que a palavra de Jesus sobre o cálice também é rica em conteúdo de proclamação. Por isto ela não é menos importante que a palavra sobre o pão, e esta não é aplicada menos ao sacrifício de Jesus do que a palavra do cálice, antes, a segunda palavra serve de explanação durante a refeição. O palavra do pão fornece a interpretação básica, a palavra do



cálice edifica sobre ela e está direcionada para o evento da proclamação. A palavra do pão proporciona profundidade, a palavra do cálice amplitude.

- 25 Como quase sempre, Jesus vincula o anúncio da morte à profecia da ressurreição. Uma declaração que começa com “em verdade” (cf. 3.28n) enfatiza a segurança dada por Deus: **Em verdade vos digo que jamais berei do fruto da videira.** Ele está lembrando da série de banquetes que tivera com seus discípulos desde os tempos na Galiléia. Agora terá de haver uma interrupção. Com firmeza ele prediz sua morte. Esta participação de falecimento, porém, não tem margens pretas de luto, antes, está entrelaçada com uma palavra de triunfo: **até àquele dia em que o hei de beber, novo, no reino de Deus** (Mt completa: “convosco”). Por um período intermediário eles terão de festejar sua presença invisível, mas serão preservados para a salvação. A ênfase está na reunião festiva com ele, não na duração ou dificuldade do tempo de espera. O crucificado será, vivo, o centro do banquete que Deus vai oferecer (Is 25.6; 65.13; Ap 2.7), e o sem-número de Ceias desembocará na “ceia das bodas do Cordeiro” (Ap 19.9).
- 26 **Tendo cantado um hino, saíram para o monte das Oliveiras.** Com canto e contracanto, entoaram os Sl 115–118. O *Hallel* completo consistia nas orações de gratidão dos Sl 113–118, sendo que os judeus respondiam com um “aleluia” a cada meio verso, num total de 123 vezes. Isto não é ambiente de enterro, ainda mais que Jesus acabara de falar do início do reinado de Deus. O poder da vitória pairava sobre o grupo que partia; mas será que estava também em seus corações? De acordo com as regras, eles não podiam deixar o perímetro urbano durante a noite da Páscoa. A encosta ocidental do monte das Oliveiras, porém, estava incluída nele (Bill. II, 833s). Para lá eles seguiram.

## 7. Anúncio da desagregação e renovação do grupo dos doze, 14.27-31

(Mt 26.30-35; Lc 22.31-34; Jo 13.36-38; cf. 16.32)

**Então, lhes disse Jesus: Todos vós vos escandalizareis<sup>a</sup>, porque está escrito: Ferirei<sup>b</sup> o pastor, e as ovelhas ficarão dispersas.**

**Mas, depois da minha ressurreição<sup>c</sup>, irei adiante<sup>d</sup> de vós para a Galiléia.**

**Disse-lhe Pedro: Ainda que todos se escandalizem, eu, jamais!**

**Respondeu-lhe Jesus: Em verdade te digo que hoje, nesta noite, antes que duas vezes cante o galo<sup>e</sup>, tu me negarás três vezes<sup>f</sup>.**

**Mas ele insistia com mais veemência: Ainda que me seja necessário morrer contigo, de nenhum modo te negarei. Assim disseram todos.**

*Em relação à tradução*

<sup>a</sup> Sobre a forma ativa, cf. 9.42n. A voz passiva pode indicar que a pessoa ficou chocada por algum tempo, ou tropeçou ocasionalmente, mas no presente contexto significa mais.

<sup>b</sup> Jeremias, ThWNT VI, 492, traduz por “matar” (cf. BLH, BV). Quando se refere à espada (como em Zc 13.7), *patassein* indica o ferimento mortal.

<sup>c</sup> Kremer, EWNT I, 906, exige que se entenda a voz passiva de *egeirein* como voz média (portanto, não “depois da minha ressurreição”, como está aqui). Segundo ele, o termo indica “não (pelo menos não em primeira linha) a ação causada ao crucificado, mas a nova manifestação de vida do crucificado possibilitada (!) por ela”. No entanto, de forma alguma pode-se pensar em uma ressurreição própria por Jesus. A ressurreição de Jesus em nosso livro é descrita como *egeirein* ainda em 16.6,14, em contraste com o *anastenein* mais antigo de 8.31; 9.10,30; 10.34 (cf. Jeremias, Theologie, p 264).

<sup>d</sup> A BJ traduz por “preceder”, que transmite a idéia de tempo melhor do que “irei na frente”. Para a diferença, compare 6.45 (tempo) com 10.32; 11.9 (espaço). Jesus não queria estar visivelmente à frente do cortejo de Jerusalém para a Galiléia, mas estar lá antes deles, para aparecer-lhes só ali (16.7). Para a liderança literal de um pastor há um outro termo em Jo 10.4.

<sup>e</sup> Há comprovação da criação de galinhas na Jerusalém daquela época (Bill. I, 922s; Jeremias, Jerusalem, p 53s; cf. Mt 23.37). O cantar do galo era usado já na Antigüidade para marcar o tempo, também porque as aves muitas vezes dormiam no mesmo cômodo com as pessoas. De acordo com Lane, p 543, observações de vários anos em Jerusalém mostraram que os galos cantam ali com bastante regularidade. A primeira vez meia hora após a meia-noite, a segunda vez uma hora mais tarde e novamente uma hora depois, sempre por três a cinco minutos, após o que há silêncio. Por esta razão também todo o quarto da noite das 0 às 3 horas tinha o nome de “cantar do galo” (13.35) (como em Grundmann, p 396; Pesch II, p 445; Betz, ThWNT IX, 296). Outros transferem o cantar do galo para mais ou menos 3 horas (Bill. I, 993; Blinzler, p 416; Inmitzer, p 113). Isto, porém, deixa sem explicação a contagem exata das vezes que o galo canta.

### Observação preliminar

*Contexto.* Este parágrafo, conhecido como “anúncio da negação de Pedro”, abrange da primeira à última frase a totalidade do grupo dos doze. É verdade que “doze” aparece somente nos v. 17,20, mas desde o v. 12 o assunto não deixa de ser a relação de Jesus com este grupo. Pedro só aparece às vezes como porta-voz. A falta de entendimento dos discípulos alcança seu ponto culminante nesta última desavença expressa com Jesus. Depois disto só pode vir o fracasso prático dos discípulos e a solidão rápida de Jesus. O leitor recebe uma aula ilustrada sobre a nova aliança do v. 24. É uma aliança baseada unicamente na graça.

- 27 **Então, lhes disse Jesus: Todos vós vos escandalizareis.** Jesus prevê mais do que fuga exterior, mais do que falta de coragem. Eles perderão a fé nele. Ainda há pouco, durante o grande *Hallel* (v. 26), o grupo cantava alegre: “A destra do Senhor se eleva, a destra do Senhor faz proezas. *Não morrerei; antes, viverei...* (Sl 118.16s). Mas a conclusão que tiraram disto para o Messias Jesus, o “pensamento humano” deles (8.38), receberia um golpe mortal. Segundo o entendimento que Jesus tinha da Escritura, eles precisavam quebrar.
- Segue a única citação expressa de Marcos na história da Paixão, que só por isso já merece receber atenção, até porque Zc 13.7 nunca foi usado neste sentido no judaísmo ou entre os primeiros cristãos (Berger, *Auferstehung*, p 364): **Porque está escrito: Ferirei o pastor, e as ovelhas ficarão dispersas.** Junto com médico (2.17), construtor (14.58) e dono da casa (3.34), pastor é uma das profissões que simbolizam o Messias (cf. 6.34). Todavia, o próprio Deus entregará este pastor à morte. Com isto as ovelhas perdem o ponto central que as une como rebanho. Elas se dispersam em todas as direções. A passagem chega perto do que é incompreensível em Is 53.6. Lá, aliás, fica claro que isto acontece para o bem das ovelhas. Aqui o aspecto da culpa delas é omitido. Os discípulos parecem brinquedos à mercê de acontecimentos terríveis, poderosos demais. Suas tentativas de permanecer-com-ele têm de fracassar miseravelmente.
- 28 Mesmo assim, a passagem de Zacarias também abrigava a idéia da salvação. O próprio Deus é quem age na morte do pastor. No fim das contas, também nisto o bem acontece. “Aquele que espalhou a Israel o congregará e o guardará, como o pastor, ao seu rebanho” (Jr 31.10; cf. Zc 13.9). Jesus o diz assim: **Mas, depois da minha ressurreição, irei adiante de vós para a Galiléia.** O lugar do começo deles (3.14) haveria de ser também o lugar do novo começo deles (16.7). Deste modo eles sofrem na desintegração da sua relação antiga com Jesus uma dor que aponta para ressurreição e vida.
- 29 Poderia surpreender-nos que Pedro não reagiu à palavra sobre a ressurreição que acabara de ouvir. Mas isto só repete processos como em 8.32; 9.33; 10.35. O bloqueio se formava nos discípulos no início da profecia, na parte do julgamento, de modo que a parte da promessa sempre ficava sem sentido para eles. **Disse-lhe Pedro: Ainda que todos se escandalizem, eu, jamais!** Pelo menos no que tange a sua própria pessoa ele levanta uma profecia contrária. Sob todas as circunstâncias, como último e único, ele ficará com Jesus. Com isto, porém, ele não só se separa das palavras do seu Senhor, mas também já dos seus irmãos. A derrocada do grupo dos doze se anuncia: “Cada um se desviava pelo caminho” (Is 53.6; Jo 16.32).
- 30 Esta atitude de Pedro tende inexoravelmente para o abandono. Nesta altura Jesus o apanha: **Em verdade te digo**, na posição em que te colocas. Em seguida ele se torna cada vez mais concreto: **Hoje**, que pode abranger um dia ainda longo, **nesta noite**, cuja metade já tinha passado, **antes que duas vezes cante o galo**, o que deixava somente duas a três horas de margem. **Tu me negarás três vezes**, ou seja, de maneira completa e indiscutível.
- 31 Pelo simples fato de que o discípulo ficou com a última palavra, o Senhor ficou com a razão. Separado do seu Senhor, Pedro foi levado pelas palavras. **Mas ele insistia com mais veemência: Ainda que me seja necessário morrer contigo, de nenhum modo te negarei.** É claro que seu “ainda que” era muito teórico: Pedro considerava o anúncio da morte de Jesus um absurdo (8.32; contra Jeremias, ThWNT V, 711, nota 472). Era mais possível que algo fracassasse com seu Senhor do que com ele. E não é que estamos diante de um fanfarrão que se gaba em altos brados, pois segue uma generalização expressa: **Assim disseram todos.** Cada um deles se retirou para a própria fidelidade e entrou sozinho na Paixão, à qual não resistiram.
- Naturalmente há dedicação, lealdade e obediência na igreja de Jesus. Mas se quisermos realmente perseverar em seguir a Cristo, necessitamos acima de tudo a percepção do que não é possível fazer

seguindo a Cristo, daquilo que ele notoriamente faz *por nós*, sem que possamos imitá-lo ou acompanhá-lo. Não devemos dissimular de alguma forma o anúncio da sua morte sacrificial, que foi feito nos vv. 22-24 e novamente aqui no v. 27. Ele é o coração vivo da igreja de Jesus.

## 8. A tentação de Jesus no Getsêmani, 14.32-42

(Mt 26.36-46; Lc 22.39-46; cf. Jo 12.27; 14.31; 18.1)

**Então, foram a um lugar chamado Getsêmani<sup>a</sup>; ali chegados, disse Jesus a seus discípulos: Assentai-vos aqui, enquanto eu vou orar.**

**E, levando consigo a Pedro, Tiago e João, começou a sentir-se tomado de pavor<sup>b</sup> e de angústia<sup>c</sup>.**

**E lhes disse: A minha alma está profundamente triste<sup>d</sup> até à morte; ficai aqui e vigiai.**

**E, adiantando-se um pouco, prostrou-se em terra; e orava para que, se possível, lhe fosse poupada aquela hora.**

**E dizia: Aba<sup>e</sup>, Pai, tudo te é possível; passa de mim este cálice; contudo, não seja o que eu quero, e sim o que tu queres.**

<sup>37</sup> **Voltando, achou-os dormindo; e disse a Pedro: Simão<sup>f</sup>, tu dormes? Não pudeste vigiar nem uma hora<sup>g</sup>?**

**Vigiai e orai, para que não entreis em tentação; o espírito, na verdade, está pronto<sup>h</sup>, mas a carne é fraca.**

<sup>39</sup> **Retirando-se de novo, orou repetindo as mesmas palavras.**

<sup>40</sup> **Voltando, achou-os outra vez dormindo, porque os seus olhos estavam pesados; e não sabiam o que lhe responder.**

**E veio pela terceira vez e disse-lhes: Ainda dormis e repousais<sup>i</sup>! Basta<sup>j</sup>! Chegou a hora; o Filho do homem está sendo entregue nas mãos dos pecadores.**

**Levantai-vos, vamos! Eis que o traidor se aproxima.**

### *Em relação à tradução*

<sup>a</sup> O “jardim”, de acordo com Jo 18.1, ficava no pé da vertente ocidental do monte das Oliveiras (opr 3 a 11.1-11), que ainda fazia parte da área da cidade, de modo que quem ali pernoitasse não transgredia a regra de que a noite da Páscoa tinha de ser passada em Jerusalém. O nome significa “prensa de azeite”, por isso pode-se pressupor instalações para transformação de azeitonas. De acordo com o v. 51, poderia haver gente morando no terreno.

<sup>b</sup> *ekthambeisthai* reforça *thambesthai* de 1.27; 10.24,32. Esta forma forte está no NT só em Marcos (ainda em 9.15; 16.5,6).

<sup>c</sup> *ademonein* é interpretado e derivado de várias maneiras. O sentido básico provavelmente é: não se sentir em casa, tranqüilo, seguro, por isso, estar inquieto, assustado. Fora da história do Getsêmani, somente ainda em Fp 2.26.

<sup>d</sup> A expressão *perilypos psyche* aparece na LXX no conhecido estribilho do Sl 42.5,11; 43.5.

<sup>e</sup> Termo infantil para “papai”, análogo a *imma* para “mamãe”. Assim era costume falar no círculo íntimo da família, desde a tenra infância até a idade adulta.

<sup>f</sup> Não há nada de especial em “Simão” em vez de “Pedro” pois, segundo os evangelhos, Jesus sempre chamou este discípulo por este nome (exceção Lc 22.34)..

<sup>g</sup> Esta ênfase em “uma hora” dificilmente se refere a uma hora exata, mas a um tempo curto em termos gerais (cf. Ap 17.12; 18.10,17,19).

<sup>h</sup> *protymos* transmite a idéia do ânimo alegre. A palavra não é comum no NT (fora desta história só ainda em Rm 1.15), e pode haver uma relação com o Sl 51.14.

<sup>i</sup> Que Jesus lhes deseje que continuem tendo um bom sono não convence (Schmithals, p 640). Mais próxima está a comparação com o v. 37. Jesus faz uma pergunta com censura, mas se interrompe.

<sup>j</sup> Esta palavrinha, que no grego também é um termo só e falta nos textos paralelos, causa muitas dificuldades. Um sem-número de sugestões têm sido apresentadas. A maioria dos tradutores abandona o texto grego e segue o latim *sufficit* da Vulgata: “Basta” (dito com ironia aos que estavam dormindo). Isto não tem nada a ver com o sentido da palavra *apechein*: a) ter, receber, dar recibo; b) deter, impedir; c) estar longe. Dentro destas possibilidades, o interesse maior se volta para a alternativa a. Contudo, quem recebeu algo aqui? Judas seu pagamento ou o Senhor para ser entregue? Deus as orações de Jesus? Tudo isto soa desajeitado, de modo que se recomenda o sentido impessoal (neutro em vez de masculino). Então, o seguinte

ficou claro: Jesus, motivado pela aproximação do grupo de soldados que vinha com Judas para prendê-lo, constata com uma palavra breve a mudança de situação (veja o comentário; com Gnllka e Schmithals).

### *Observações preliminares*

1. *Formação do testemunho.* Um acontecimento quase incrível foi mesmo assim colocado em uma forma bem elaborada. O número três orienta sua montagem. Em uma introdução em três partes Jesus se solta progressivamente do seu ambiente, até ficar totalmente sozinho. Três vezes ele ora, e o conteúdo da sua oração tem três partes, conforme o v. 36. Três vezes ele também procura seus discípulos e os exorta três vezes para estarem vigilantes. A história termina com duas seqüências de três partes (v. 41s). Esta construção mostra com que intensidade os primeiros cristãos refletiram sobre o Getsêmani. Passagens como Hb 4.15; 5.7s confirmam isto. Todavia, não devemos confundir a formação de um testemunho com invenção (Pesch II, p 395).

Contudo, será que é possível termos aqui um testemunho ocular e auricular, já que os discípulos estavam dormindo, conforme os v. 37,40,41? A idéia de que os três adormeceram ao mesmo tempo (!), instantânea (!) e profundamente (!), sobrecarrega o texto. Além disso Jesus gritou sempre a mesma coisa na noite escura (v. 39), de acordo com Hb 5.7 “com forte clamor”. Isto também pode gravar-se em testemunhas que participaram do processo a certa distância e meio atordoados.

2. *Singularidade.* Não raramente o tema próprio de um parágrafo se destaca na comparação com os textos paralelos. Também em 5.37,40 Pedro, Tiago e João formam um grupo especial para a revelação do Cristo. Além disso os pais estão presentes. 13.3 também não é um paralelo perfeito. André está presente como quarta pessoa, e lá são os discípulos que tomam a iniciativa. Por outro lado, no início da transfiguração em 9.2 temos a mesma separação intencional dos três por Jesus como aqui no v. 33 (cf. lá opr 2). Lá como aqui Jesus se transforma de modo estranho diante dos olhos deles, logo que está só com eles. Nos dois casos os discípulos não sabem o que dizer e, apesar de não terem compreendido, mais tarde são as testemunhas. Em ambas as vezes a visão é interrompida de repente. O paralelismo não pode ser provado. E ele é ainda mais profundo. Nos dois casos se vê o que há de mais íntimo em Jesus, que é sua relação de filho com o pai, mesmo que em sentido contrário. No monte vem uma voz de cima: “Meu filho amado!”, no Getsêmani ouve-se de baixo: “Aba, pai amado!” As duas histórias giram em torno do envio deste filho para o sofrimento. E tudo isto aponta para a revelação. Com este propósito é que a vanguarda dos três escolhidos foi trazida. Ela deverá intermediar para a igreja futura o que recebeu. – Esta comparação deverá orientar a interpretação.

**32 Então, foram a um lugar chamado Getsêmani.** Depois da indicação aproximada no v. 26, agora ficamos sabendo do alvo exato. Lá onde o fundo do vale do Cedrom se alarga e oferece espaço para a plantação, havia um pomar de oliveiras ao pé do monte (há vestígios ainda hoje), no qual Jesus se detinha com frequência (Jo 18.1s). **Ali chegados, disse Jesus a seus discípulos: Assentai-vos aqui, enquanto eu vou orar.** Orar estava para Jesus debaixo da regra de Mt 6.6. Também em 1.35 ele orou em um “lugar deserto”, e em 6.46 ele despediu as pessoas antes de orar.

**33,34** Aqui, porém, segue algo diferente. **E, levando consigo a Pedro, Tiago e João.** Um pequeno grupo seletivo precisava estar junto como testemunhas, pois esta oração era ao mesmo tempo revelação, sem a qual não seria possível compreender corretamente mais tarde quem era o crucificado e o que ele fazia.

Logo ele se transformou diante dos olhos deles, como nunca antes o tinham visto. **Começou a sentir-se tomado de pavor e de angústia.** Na comparação com 9.2, desta vez os sinais estão trocados. Lá ele estava diante deles envolto pelo brilho celeste, aqui ele está totalmente sem brilho. É um desabamento, em comparação com a determinação e iniciativa anteriores (p ex 10.32). **E lhes disse,** usando as palavras do estribilho dos Sl 42 e 43: **A minha alma está profundamente triste.** Constantes apartes zombeteiros atingiam o salmista como facadas no coração. Abatido ele grita para o Deus ausente: “Por que te esqueceste de mim?” Jesus ainda reforçou a expressão de tristeza: **até à morte.** Ele chegou ao limite do suportável, o coração quer partir-se em seu peito. Tal foi o sofrimento da sua dúvida em seu Deus. Fraco como um moribundo ele acrescentou: **Ficai aqui e vigiai.** Sua intenção não era que lhe fizessem companhia, intercedessem com ele em comunhão de oração, como o próximo versículo dá a entender. Ele não queria que o consolassem, fortalecessem ou mantivessem acordado. A cada versículo é Jesus quem vigia, quem ora e, também por isso, quem é preservado. Por causa da sua condição de testemunhas é que eles deveriam ficar com ele; de acordo com o v. 38, no máximo orar por si mesmos.

**35 E, adiantando-se um pouco.** Jesus se isola, sem suspender a comunhão com estes três. Eles ouvem sua oração em voz alta e, assim como ele vai três vezes até Deus, ele volta três vezes para eles. **Prostrou-se em terra.** Joelhos e testa encostados no chão é uma das posições de oração dos judeus, expressão de submissão completa. **E orava para que, se possível, lhe fosse poupada aquela hora.**

Marcos resume de antemão o conteúdo da oração, apesar de este seguir em discurso direto. O v. 36, porém, mostrará que não temos aqui um ponto morto, mas que o caminho já está sendo aplainado para a compreensão. Jesus não estava lutando contra a desobediência. Desaparecer pelo outro lado do monte das Oliveiras para dentro da noite, salvar-se para o deserto da Judéia, onde desde o tempo de Davi sempre de novo fugitivos se escondiam em ravinas e cavernas, ainda era uma possibilidade prática para ele, mas não espiritual. Movia-o uma possibilidade do próprio Deus. Deus poderia fazer passar uma tempestade que se forma no horizonte, sem que ela desabasse.

- 36 E dizia: Aba, Pai.** Nenhum judeu, nem antes nem depois de Jesus, se dirigiu a Deus com tanta intimidade. Como acontece no AT, às vezes os judeus podiam comparar Deus com um pai do seu povo, mesmo que somente com o conceito oficial de “pai” (*ab*; Jeremias, *Abba*, p 16-19, relaciona dezesseis passagens no AT). Quando, porém, se tratava de *dirigir-se* assim a Deus em oração, e até com *Abba*, as pessoas se intimidavam. Jesus, no entanto, orou sempre só assim, em todas as dezenove orações dele que foram preservadas (Jeremias, *ThWNT* V, 985, nota 251; a única exceção é 15.34, na cruz, onde Jesus faz uso de um salmo). Esta maneira de falar com Deus, em linguagem familiar não litúrgica, evidencia o cerne da sua comunhão com Deus: estar em casa com ele sem perturbação, confiança básica, certeza de ser filho. Foi para trazer isto ao nosso mundo e transferi-lo aos seus discípulos que ele viera. A maneira exterior do seu falar gravou-se de modo tão indelével na memória dos discípulos, que eles passaram a difundi-la em sua forma aramaica original para o mundo dos povos (Gl 4.6; Rm 8.15).

Não há o menor indício de falta de respeito em tudo isto. A oração começou com submissão à divindade de Deus: **Tudo te é possível** (cf. 9.23; 10.27; 11.24). Esta o encoraja a fazer o pedido mais audacioso: **Passa de mim este cálice**. Do v. 35 sabemos em que cálice Jesus está pensando. É “esta hora”, que no v. 41 “chegou”, isto é, a entrega do Filho do homem nas mãos dos pecadores, à mercê da ação deles (cf. 9.31). Aqui vemos a provação de Jesus. A ação do Pai no Filho seria encoberta totalmente pela ação dos maus, a ponto de desaparecer nela. Aquele que estava ligado a Deus como nenhum outro haveria de tornar-se alguém abandonado por Deus como nenhum outro.

O pedido é prova de uma liberdade sem limites, Jesus *podia* pedir assim. Ele sabia que, p ex, não era obrigado a sofrer. Também o “é necessário sofrer” do v. 31 não tinha este sentido. Como mostra a continuação, ele sabia diferenciar sua vontade da vontade de Deus, sem, porém, separar-se dele. No fim das contas, seu ancoradouro era a vontade de Deus. Sua própria vontade lutou com a vontade de Deus, mas com o propósito de que a vontade de Deus fosse vencedora: **Contudo, não seja o que eu quero, e sim o que tu queres**. Assim, ele não simplesmente teve de sofrer, mas no fim também quis sofrer. Sua cruz foi a cada momento, apesar das lutas imensas, sua própria ação e seu caminho trilhado conscientemente (Jo 10.18; 17.19). Ele foi entregue, mas também entregou a si mesmo (Gl 1.4; 2.20).

Marti escreve (p 319s) sobre a oração de Jesus: “Porém Deus ficou firme”. Se o Pai não poupou o Filho de fazer corresponder sua própria entrega ao fato de ser entregue, devemos mesmo chamar isto de “rigidez metálica”, ou será que isto é ser pai de modo superior? Jesus continuou sendo filho para Deus até o extremo, podendo querer algo e devendo estar presente com sua vontade. Em nenhum momento ele o transformou em um escravo que arrastasse atrás de si, amarrado e atordoado. E se Deus foi mesmo firme, foi contra si mesmo, sacrificando um filho como este.

- 37** Jesus continua orando, mas a partir deste versículo o fracasso dos discípulos passa para primeiro plano. As duas coisas andam lado a lado: o fracasso daqueles por quem Jesus se santifica, e a santificação de Jesus pelos que fracassam. **Voltando, achou-os dormindo; e disse**, em vista do v. 31, especialmente **a Pedro: Simão, tu dormes? Não pudeste vigiar nem uma hora?** Aquele que acabara de se apresentar para o martírio não possui nem mesmo a força de manter os olhos abertos. Assim somos nós. Começou a queda do v. 27. Ela teve vários degraus: a justiça própria no v. 30, o sono no v. 37, a fuga no v. 50 e a negação no v. 71.
- 38** Ficar acordado externamente pode ter motivação espiritual. **Vigiai e orai, para que não entreis em tentação**. Ficar acordado aqui se concentra em uma só coisa, a oração, diferente de 13.33-37. Quem dorme forma um quadro impressionante para uma pessoa que não ouve nem vê nem sabe do perigo. Imerso em seus sonhos, ele acaba se deixando amarrar, levar embora e matar. “Paz e segurança, não há nenhum perigo!” prega sua respiração tranqüila em meio à perdição (cf. 1Ts 5.3). Jesus aqui objetiva a solidão do eu dos v. 29,31: eu sou, eu quero, eu posso, eu irei. Por esta razão falta a oração. Orar significaria reconhecer a própria incapacidade e abrigar-se na comunhão com Deus.



Esta seria a vigilância que preserva. A oração é a força dos fracos. Estes três, com seu sono, atestam sua separação da comunhão com Deus. O que farão exteriormente no v. 50, já fazem aqui no sono: dormindo, estão se mandando.

Não entrar em tentação não significa viver em um ambiente sem tentação, mas não cair sob o poder de apostasia, traição e mentira. Quem ora pode ficar sob o reinado de Deus.

**O espírito, na verdade, está pronto, mas a carne é fraca.** A versão alemã da BLH, *Die Gute Nachricht*, parafraseia aqui: “Boa vontade vocês têm, mas vocês são fracos”. Por mais que isto seja verdadeiro, esta sabedoria psicológica parece ser superficial aqui. A proximidade com Sl 51.14 aconselha pensar na tensão do ser humano entre a carne como o “espírito de baixo” e o Espírito de Deus do alto. Este Espírito entra em cena com Jesus como a força que pressiona, empurra e ilumina, mas só para quem ora.

- 39,40 Retirando-se de novo, orou repetindo as mesmas palavras. Voltando, achou-os outra vez dormindo, porque os seus olhos estavam pesados; e não sabiam o que lhe responder.** Eles estavam naquele estado em que a pessoa ouve sem conseguir reagir direito. Em 9.5s a expressão não exclui toda reação, mas sim a resposta com entendimento. Nisto pode estar a ênfase aqui.
- 41 E veio pela terceira vez e disse-lhes: Ainda dormis e repousais! Basta!** Acabou o tempo de preparativos, também de orar ou dormir, assim como da provação e fraqueza para Jesus. A oração tríplice, insistente, trouxe paz depois da grande tempestade (cf. 2Co 12.8). “Um anjo do céu lhe apareceu, que o confortava” (Lc 22.43). **Chegou a hora; o Filho do homem está sendo entregue nas mãos dos pecadores.** Sobre a hora da “entrega”, veja 9.31 e opr 1 à divisão principal 14.1–16.8. As mãos de Deus se retiram, os pecadores põem as mãos nele (v. 46; Lc 22.53). Como o único que nesta noite não foi vencido pela escuridão, ele é entregue à escuridão.
- 42 Levantai-vos, vamos! Eis que o traidor se aproxima.** Um segundo “eis” reforça o fato de que nada surpreendeu Jesus. A referência a Judas fornece a informação que ele não está presente. De acordo com Jo 13.30 ele deixara o grupo ainda durante a festividade na cidade, logo que ficou sabendo onde Jesus se instalaria para passar a noite (Jo 18.2). Agora ele aparece com os soldados que irão prender Jesus. Surpreendentemente, Jesus já vem ao seu encontro (cf. Jo 18.4).

## 9. A entrega de Jesus por Judas e a fuga dos discípulos, 14.43-52

(Mt 26.47-56; Lc 22.47-53; Jo 18.2-12)

- E logo, falava ele ainda, quando chegou<sup>a</sup> Judas, um dos doze, e com ele, vinda da parte dos principais sacerdotes, escribas e anciãos<sup>b</sup>, uma turba<sup>c</sup> com espadas e porretes<sup>d</sup>.**
- 44 Ora, o traidor tinha-lhes dado esta senha<sup>e</sup>: Aquele a quem eu beijar, é esse; predeí-o<sup>f</sup> e levai-o com segurança.**
- E, logo que chegou, aproximando-se, disse-lhe: Mestre! E o beijou<sup>g</sup>.**
- 46 Então, lhe deitaram as mãos e o prenderam.**
- Nisto, um dos circunstantes<sup>h</sup>, sacando da espada, feriu o servo<sup>i</sup> do sumo sacerdote<sup>j</sup> e cortou-lhe a orelha<sup>l</sup>.**
- 48 Disse-lhes Jesus: Saístes com espadas e porretes para prender-me, como as um salteador<sup>m</sup>?**
- 49 Todos os dias eu estava convosco no templo, ensinando, e não me prendestes; contudo, é para que se cumpram as Escrituras<sup>n</sup>.**
- Então, deixando-o, todos<sup>o</sup> fugiram.**
- Seguia-o<sup>p</sup> um jovem, coberto unicamente com um lençol<sup>q</sup>, e lançaram-lhe a mão<sup>r</sup>.**
- 52 Mas ele, largando o lençol, fugiu desnudo.**

*Em relação à tradução*

<sup>a</sup> *paragínesthai* aparece só aqui em Marcos, e também pode ter o sentido de “entrar em cena” para encarar a missão da sua vida (p ex Mt 3.1).

<sup>b</sup> Trata-se de uma medida do Conselho Superior, cujas três frações são relacionadas aqui. Como era o caso do tribunal de qualquer cidade (Mt 5.25; 10.17; Lc 21.12), mais ainda o supremo tribunal judaico tinha forças da ordem à sua disposição (“serventuários”, funcionários do tribunal, cf. 14.54n). Que a polícia do templo, composta de levitas, acompanhava o batalhão é pressuposto por 14.49 (cf. Lc 22.52). A administração do direito civil, e às vezes também a do criminal, nas províncias romanas, geralmente era deixada a cargo das autoridades locais (Blinzler, p 99s; Gnllka, p 272). O livro de Atos traz muitos exemplos disto.

<sup>c</sup> *ochlos* pode denotar qualquer agrupamento de pessoas, desde uma aglomeração espontânea até uma tropa organizada (Meyer, ThWNT V, 583). Aqui o comissionamento pelo Conselho Superior e o encargo de uma prisão de verdade favorecem a segunda possibilidade.

<sup>d</sup> Deve ficar claro que não está chegando um bando de brigões que se guarneceram de paus. Há provas de que a palavra *xylon* descreve uma arma comum das tropas judaicas ou romanas (Blinzler, p 88,93).

<sup>e</sup> *syssemon* é, diferente de *semon*, um sinal combinado entre duas partes.

<sup>f</sup> *kratein* significa aqui, como nos v. 46,49 (cf. v. 51) a prisão oficial. Em seu lugar, o v. 48 tem *syllambanein*. Também *apagein*, da linguagem policial, que vem a seguir, combina.

<sup>g</sup> Que aqui, em lugar de *philein* do v. 44, foi escolhida a forma intensiva *kataphilein*, dificilmente deve ter sido uma questão de estilo (Stählin, ThWNT IX, 138, nota 240). Judas leva a cerimônia até o fim, pois fazia parte do combinado.

<sup>h</sup> De acordo com Pesch II, 400, um dos captores, na confusão, acertou por acaso a pessoa errada, pois os “circunstantes” ou “presentes” (BJ) na história da Paixão geralmente são estranhos (14.69,70; 15.5,39). Veja, porém, o comentário.

<sup>i</sup> *doulos*, aqui como em várias outras ocasiões na Bíblia, não deve ser pejorativo, mas indica um funcionário importante do sumo sacerdote, talvez o líder do empreendimento (Lc 22.52: “capitão do templo”). Por isso também se sabia o nome.

<sup>j</sup> Para a tradução nesta passagem, cf. 8.31n.

<sup>l</sup> *lotarion*, na verdade “orelha”, que pode significar a ponta da orelha, ou pode ser atribuído à predileção de Marcos por diminutivos. Lohmeyer (p 322) lembra que na Antigüidade as orelhas eram cortadas em sinal de desonra, e também não pensa aqui em legítima defesa, mas na intenção de infligir ao representante do Conselho Superior um sinal vergonhoso. A frase, porém, sugere, que o golpe fora desferido com a intenção de acertar em cheio.

<sup>m</sup> *lestes* podia indicar tanto um criminoso como um zelote combatente pela liberdade (assim pensa Stauffer, Jesus, p 90; cf. opr 4 a 12.13-17).

<sup>n</sup> “Escrituras” no plural significa todo o AT (Schrenk, ThWNT I, 751), de modo que não é necessário procurar uma palavra bíblica específica aqui (como Is 53.12).

<sup>o</sup> No grego, “todos” está no fim da frase, para dar ênfase.

<sup>p</sup> Tempo imperfeito de *conatu*: ele *queria* seguir, preparava-se para acompanhar o grupo.

<sup>q</sup> *sindon*, um estrangeirismo, denotando um pano de linho, que na Palestina geralmente era importado. Aqui a palavra significa uma peça de roupa, se túnica ou capa (cf. 10.50n) deve ser concluído das circunstâncias. Como é dito que ele usava esta peça de roupa diretamente sobre a pele, somos levados a crer que se tratava da capa, pois para a túnica isto seria óbvio. Além disso o moço não poderia ter-se desvencilhado de uma túnica na fuga; ela teria sido rasgada de todo. A conclusão simples, portanto, é que o moço dormia no terreno, sem roupa como é costume no Oriente, acordou assustado e se envolveu às pressas no lençol com que se cobria para dormir, que é sua capa. Sua boa condição financeira só é mencionada pela referência marginal ao material (mais claramente em 15.46).

<sup>r</sup> *kratein*, cf. v. 44, mas não uma prisão de fato, somente uma tentativa.

### Observações preliminares

1. *Contexto*. Todos os quatro evangelhos dedicam a máxima atenção a este acontecimento, já que se trata da “entrega do Filho do Homem” anunciada há tanto tempo (por último nos v. 41,42), a transição da ação de Jesus para a sua Paixão, ou sua passagem das mãos de Deus para as dos homens (anunciado no v. 41, executado no v. 46). Para o relato de Marcos é peculiar que, das muitas pessoas que agem, ele só menciona duas pelo nome. Os “discípulos” não são mencionados, também não o nome de quem usa a espada, nem o do sumo sacerdote ou do seu funcionário, nem o do jovem, apenas “Jesus” e “Judas”. Na verdade os dois representam os doze, Jesus como o “rabi” deles (v. 45) e Judas como “um dos doze” (v. 43), mais exatamente como o diabo deles, como diz Jo 6.70.

2. *Unidade*. O problema com uma “abundância de dificuldades” (Haenchen, p 498) no texto é devido a questionamentos estranhos ao texto. Supõe-se que até três fragmentos de tradição estejam misturados aqui. “Ninguém se atreve a dizer que o presente relato é uma narrativa procedente da mesma fonte”, escreve Schmithals, p 645. Ele não conta Pesch (II, p 391), que falou de um “texto narrado uniformemente”. Vale a pena tentar entregar-se totalmente ao relato de Marcos.

3. *O jovem dos v. 51s*. O fato de não se mencionar seu nome despertou o interesse ainda mais. Supõe-se que ele seja Pedro, Tiago, João ou, acima de tudo, o próprio Marcos, ou o mesmo jovem de 16.5. Ou que ele é uma criação baseada em Am 2.16. Ele também é considerado símbolo da hesitação dos cristãos oriundos do paganismo em tomarem a cruz sobre si, ao lado da fuga dos discípulos no v. 50 que seria símbolo da indisposição para o sofrimento por parte dos cristãos de origem judaica. Diz-se que o ato de tirarem sua roupa

e sua nudez representam a morte vergonhosa de Jesus, e sua escapatória a ressurreição. Para a dogmática dos gnósticos da Antigüidade este texto era indispensável: o verdadeiro Cristo não morreu, mas separou-se a tempo do corpo de Jesus, aqui no jardim. – Nossa interpretação parte da idéia de que estes dois versículos não recebem seu sentido apenas quando se tenta adivinhar algo que supostamente falta, mas que eles devem ser encarados assim como estão. Todos os discípulos e seguidores de Jesus que tinham vindo com ele da cidade ficam assim automaticamente excluídos da identificação. Eles com certeza estavam totalmente vestidos.

- 43 As circunstâncias do aprisionamento pressupõem que os outros oito discípulos tinham vindo até onde estavam os quatro, ou vice-versa. **E logo** é uma expressão que chama a atenção com excitação para o andamento da história de Deus (cf. 1.10n). **Falava ele ainda, quando chegou Judas.** Já na primeira menção da sua pessoa em 3.19 ele foi marcado como aquele que entregaria Jesus. Na segunda referência a ele o encontramos de tocaia, aguardando sua oportunidade (14.10s). Nesta terceira e última vez ele tem a sua chance. O momento da sua vida! Fica evidente o que havia dentro dele. Depois ele sai de cena, pois nos interrogatórios já não precisavam mais dele. Assim, ele é totalmente “aquele que entregou”. Nem uma vez os sinóticos o mencionam sem referir-se a este fato, assim como João (a única exceção é Jo 13.26,27,29). At 1.16 define a função-chave de Judas: “foi o guia daqueles que prenderam Jesus”. Seu conhecimento do lugar, da agenda e das pessoas o predestinou para o serviço de condutor nesta noite.
- O acréscimo **um dos doze** na verdade não é uma informação sobre sua pessoa, “como se ele ainda fosse desconhecido aos leitores” (Jeremias, Abendmahl, p 89). Ele mantém desperta a noção de que neste homem solitário mesmo assim os doze estavam presentes. Judas revela, mesmo que em extremo, o que há em todos os doze, na verdade em todas as pessoas, que é o protesto natural contra este Cristo de Deus. Ele mostra quão pouco os discípulos de Jesus, quando entregues a si mesmos, hoje como naquela época, têm condições para serem discípulos e o quanto eles pertencem ao lado contrário. Com Jesus todo o grupo dos doze desmorona. Depois dele ninguém mais os segurou, como mostrará o v. 50. Em lugar de “estar-com-ele” (3.14), em redor de Judas formou-se outro “com”: **e com ele, vinda da parte dos principais sacerdotes, escribas e anciãos, uma turba com espadas e porretes.**
- 44 O versículo insere uma informação posterior importante. **Ora, o traidor tinha-lhes dado esta senha: Aquele a quem eu beijar, é esse.** O plano evidentemente era de evitar uma revista geral da encosta do monte das Oliveiras, cheia de peregrinos que pernoitavam. Nada de prisões em massa! Ainda estava em vigor o propósito do v. 1: Não chamar a atenção! O objetivo era tirar Jesus com segurança dentre os seus seguidores, sem o risco de confundir-lo. Para tanto Judas tinha de andar na frente e bancar o discípulo inocente, como acabou fazendo. As cavernas que se pode ver lá hoje em dia e os pomares de oliveiras cheios de sombras dão a entender que a tarefa não seria fácil (contra Schmithals, p 645). O próprio Jesus lhes facilitou o trabalho, indo ao encontro deles.
- Prendei-o e levai-o com segurança.** Pode ser que “com segurança” indique que o amarraram. Será que o Senhor foi agarrado pelos braços, imobilizado e amarrado com firmeza? Será que passaram em volta da sua cintura o cinto largo revestido de pontas e provido de quatro cordas, com que quatro soldados puxavam com violência até a cidade o prisioneiro que cambaleava entre eles? Será que Jesus se contorcia para não ser ferido pelas pontas? Será que saltitou, tropeçou e caiu pelo caminho pedregoso, puxado e ridicularizado pelos soldados? O relato não descreve nada disto. Ele só diz: “entregue nas mãos dos pecadores” e “lhe deitaram as mãos” (v. 41,46).
- 45 **E, logo que chegou, aproximando-se, disse-lhe: Mestre! E o beijou.** O beijo era um gesto normal no Oriente, no contexto de uma saudação, e também era devido a um aluno em relação ao seu rabino (Bill. I, 995; Stählin, ThWNT IX, 140). Os orientais faziam saudações longas (cf. 15.18 e 12.28n). Neste tempo os soldados podiam cercar o grupo. Mais importante, porém, que as circunstâncias exteriores é aqui o fato inacreditável de que Judas entregou o Senhor totalmente com uma atitude *de discípulo*. Em Judas todos nós nos tornamos manifestos como discípulos. Existe uma relação específica da Paixão com a igreja. Aquele que morreu por nós, também morreu por nosso intermédio. Nossas cantatas de Sexta-feira da Paixão também sabem disso. Só depois que compreendemos isso é que estamos em condições de pregar o evangelho a outros.
- 46 **Então, lhe deitaram as mãos.** Nesta altura passaram para o uso da força. **E o prenderam.** Até então não tinham conseguido “apanhá-lo” nem com palavras (12.13); agora o próprio Deus o entrega.
- 47 Os próximos versículos recordam sem relação imediata alguns detalhes que indicam a derrocada do grupo dos doze. **Nisto, um dos circunstantes, sacando da espada, feriu o servo do sumo**

**sacerdote e cortou-lhe a orelha.** Sobre a espada nas mãos dos discípulos, veja Lc 22.38. O fato de que aqui alguém avança contra este homem (veja nota à tradução) mostra que se trata de um seguidor de Jesus. No sentido do relato, porém, isto é somente um fato geral. Na verdade este agressor se opõe diametralmente à Escritura, à elevada ação de Deus e à missão de Jesus. Ele só deixa ver o quanto já se distanciou do seu mestre. Ele e os outros discípulos não vivem mais o “estar-com-ele” de 3.14, mas são somente “circunstantes”. E, como depois do beijo de Judas, nada lemos sobre a reação de Jesus. O relato silencia e deixa os fatos gritar por si.

**48-50** Outro estilhaço significativo. O que segue pressupõe que Jesus reconheceu oficiais entre os soldados que ele não enfrentava pela primeira vez. **Disse-lhes Jesus: Saístes com espadas e porretes para prender-me, como a um salteador? Todos os dias eu estava convosco no templo, ensinando, e não me prendestes.** Jesus percebeu totalmente a atitude baixa, covarde e maligna dos seus captores. Mais incompreensível ainda a frase seguinte deve ter sido para os discípulos: **Contudo, é para que se cumpram as Escrituras.** Em vez de exterminar o mal com poder divino, Jesus aceita o papel de criminoso como vontade de Deus. Que Deus é este? Aqui, na fé em Deus, tem início a desagregação dos doze. Eles não entendem mais nada. **Então, deixando-o.** Por causa dele tinham deixado redes, família e tudo mais para trás (1.18,20; 10.28s), por causa dele voltaram para isto. **Todos fugiram.** Não são simples covardes que estão passando sebo nas canelas aqui. Estes já teriam fugido bem antes. Não, as juras de fidelidade deles dos v. 31s estavam em vigor. Porém Jesus se comportava diante deles como alguém que considera sua própria causa perdida. O colapso deles foi completo. Por isso deixaram que eles fugissem, e também depois da morte de Jesus não os incomodaram.

**51,52** **Seguia-o um jovem, coberto unicamente com um lençol, e lançaram-lhe a mão. Mas ele, largando o lençol, fugiu desnudo.** O que motivou este desconhecido, se curiosidade ou adesão séria, não sabemos e não deve nos preocupar. O que o une aos discípulos é algo meramente exterior. Ele também queria seguir animado o séquito de Jesus, mas desistiu em vista das conseqüências e fugiu; e assim como os discípulos abandonaram o Senhor nas mãos dos perseguidores, ele fez com suas roupas. Nos dois casos o fim dá um retrato lamentável. Portanto, são as palavras “seguir, lançar a mão, largar, fugir” que tornam este personagem que no mais é insignificante um paralelo dos discípulos. A vida forneceu uma ilustração adicional, que deixa o leitor pensativo e o faz deter-se mais uma vez no tema da fuga dos discípulos. O ensino do parágrafo é, assim, aprofundado em termos fundamentais e impiedosos.

Assim que Deus entrega seu Filho para ser julgado para salvar o mundo, os discípulos não conseguem nem podem mais acompanhar. Eles gostariam, fazem um último esforço, mas até os mais corajosos e capazes, assim como os mais silenciosos e simples, acabam sucumbindo. A salvação do mundo é obra só de Deus, não também em parte dos discípulos, dos cristãos ou das igrejas. Isto não é exagerado, conforme o relato da Paixão em Marcos, mas uma verdade central. A Sexta-feira da Paixão coloca os cristãos entre os judeus e os pagãos. Só podemos festejar a Sexta-feira da Paixão contra nós mesmos, como festa da soberania de Deus.

## **10. A confissão messiânica de Jesus diante do Conselho Superior, 14.53-65**

(Mt 26.57-68; Lc 22.54-71; cf. Jo 2.19; 18.13-24; At 6.14)

- <sup>53</sup> **E levaram Jesus ao sumo sacerdote, e reuniram-se todos os principais sacerdotes<sup>a</sup>, os anciãos e os escribas.**
- <sup>54</sup> **Pedro seguira-o de longe até ao interior do pátio do sumo sacerdote e estava assentado entre os serventuários<sup>b</sup>, aquecendo-se ao fogo.**
- <sup>55</sup> **E os principais sacerdotes e todo o Sinédrio procuravam algum testemunho contra Jesus para o condenar à morte e não achavam.**  
**Pois muitos testemunhavam falsamente contra Jesus, mas os depoimentos não eram coerentes.**
- <sup>57</sup> **E, levantando-se alguns, testificavam falsamente, dizendo:**  
**Nós o ouvimos declarar: Eu destruirei este santuário<sup>c</sup> edificado por mãos humanas e, em três dias, construirei outro, não por mãos humanas.**  
**Nem assim o testemunho deles era coerente.**

<sup>60</sup> **Levantando-se o sumo sacerdote, no meio, perguntou a Jesus: Nada respondes ao que estes depõem contra ti?**  
**Ele, porém, guardou silêncio e nada respondeu. Tornou a interrogá-lo o sumo sacerdote e lhe disse: És tu o Cristo, o Filho do Deus Bendito?**  
**Jesus respondeu: Eu sou, e vereis o Filho do Homem assentado à direita do Todo-Poderoso e vindo com as nuvens do céu.**  
**Então, o sumo sacerdote rasgou as suas vestes e disse: Que mais necessidade temos de testemunhas?**  
**Ouvistes a blasfêmia; que vos parece? E todos o julgaram réu de morte.**  
**Puseram-se alguns a cuspir nele, a cobrir-lhe o rosto, a dar-lhe murros e a dizer-lhe: Profetiza! E os guardas o tomaram<sup>d</sup> a bofetadas<sup>e</sup>.**

#### *Em relação à tradução*

<sup>a</sup> Sobre a tradução de *archiereus* às vezes por “principais sacerdotes” (aqui ainda no v. 55), outras por “sumo sacerdote” (aqui nos v. 54,60,61,63), cf. 8.31n.

<sup>b</sup> Estes *hyperetai* não são seguranças ou escravos particulares quaisquer (como a empregada no v. 66). Sua ligação com o tribunal é confirmada em v. 65; Jo 7.32,45; 18.3,12,18,22; 19.6.

<sup>c</sup> *naos*, em Marcos somente ainda em 15.29,38, enfoca principalmente o *prédio* do templo, enquanto o termo comum *hieron* abrange todo o complexo do templo.

<sup>d</sup> A expressão também pode significar simplesmente “lhe davam bofetadas” (WB 919). Seja como for, os soldados a serviço do tribunal não devem ter-se imiscuído na ação direta dos membros do Conselho, porém tido a sua oportunidade em seguida, e de maneira mais violenta.

<sup>e</sup> Outra tradução possível é “porretadas”, das quais já se falou no v. 43; parece mais apropriado esperar uma nova informação com este termo diferente, em comparação com a primeira metade do versículo (com WB 1456).

#### *Observações preliminares*

1. *Contexto.* Por motivos práticos tratamos a negação de Pedro nos v. 66-72 como um parágrafo à parte, apesar de, como sua introdução já mostrou no v. 54, ela estar encaixada intencionalmente no interrogatório do Senhor (sobre a técnica de encaixe de Marcos, cf. *opr* 1 a 3.20,21). Deste ponto de vista, o contraste dos v. 53-72 não é entre Jesus e Caifás, mas entre Jesus e Pedro. Aqui nem ficamos sabendo do nome do sumo sacerdote (somente em Mt 26.3,57), por mais destacada que tenha sido a arte de negociação deste homem e por mais digno de nota ele tenha sido em sua época. Ao passo que *p ex* seus 28 antecessores só conseguiam ficar em média 4 anos no cargo, Caifás se manteve por 19 anos (18-37; Blinzler, p 139). Marcos, porém, não está interessado neste homem; ele menciona oito vezes simplesmente o cargo (incluindo 15.1). Em contraste, os nomes “Jesus” e “Pedro” aparecem quatro vezes cada um. Eles são os personagens principais da narrativa, e isto sob o tema “testemunho” (seis vezes). Este é o contraste: enquanto Jesus, lá em cima no salão, dá um “belo testemunho”, como “testemunha fiel e verdadeira” (1Tm 6.13 BLH; Ap 3.14), Pedro nega lá embaixo no pátio. Com o encaixe, os dois procedimentos estão intencionalmente relacionados. Pedro mente contra o verdadeiro, e a fidelidade do Senhor está em referência, não por último, com o discípulo infiel.

2. *Local.* Será que o interrogatório aconteceu no salão das reuniões regulares (como pensa Strobel), portanto dentro ou na proximidade da área do templo (cf. as notícias antigas em Bill. I, 997ss)? Contudo, a indicação “casa do sumo sacerdote” em Lc 22.54, que conta com o apoio de todos os evangelhos, aponta antes para a residência pomposa do riquíssimo Caifás (Pesch II, p 416). A tradição procura o imóvel bem perto da sala da Ceia, de modo que Jesus voltou amarrado quase pelo mesmo caminho pelo qual tinha vindo. Detalhes isolados se encaixam bem neste quadro. Ali havia um salão superior espaçoso e onde havia “embaixo” (v. 66), cercado por um “portão” (Mt 26.71 NVI) e um alpendre (v. 68), um pátio evidentemente grande, em cujo “meio” (Lc 22.55) os empregados da casa mantinham um fogo.

3. *Confirmação.* Apesar de se orientar por certa perspectiva espiritual, o relato revela uma visão exata (cf. *opr* 2). Ele é singelo e confiável, sem traços lendários. Alguns discípulos podem ser sido testemunhas parciais: Pedro, que pôde estabelecer contato visual com Jesus de acordo com Lc 22.61, e o “outro discípulo” de Jo 18.15. Além disso, para confirmar a história, pode-se contar com simpatizantes da classe dominante, talvez Nicodemos (Jo 3.1; 7.50; 19.3) ou José de Arimatéia (15.43), mas também sacerdotes e fariseus não mencionados pelo nome que, conforme At 6.7; 15.5, pouco tempo depois passaram a crer. Por fim, a referência de 15.29 mostra que o público estava informado sobre detalhes importantes do interrogatório.

4. *Prescrições legais judaicas.* Na literatura encontramos até 27 transgressões supostas ou reais do procedimento judicial judaico nos relatos dos evangelhos (em Blinzler, p 197ss). Os itens mais mencionados são: Processos importantes só podiam ser tratados de dia. No dia antes de um sábado ou de uma festa todas as sessões estavam proibidas. O anúncio de uma pena de morte só podia ser feito um dia depois do processo.



Blasfêmia tinha de incluir a menção expressa do nome de Deus. Para investigar os questionamentos a fundo falta-nos o espaço, mas em princípio pode-se levantar o seguinte:

a. Tudo o que sabemos sobre estas prescrições provém de registros posteriores a mais ou menos o ano 200. É verdade que eles certamente contêm tradições bem antigas, que retrocedem bastante no tempo, mas um ponto ou outro ninguém pode garantir.

b. Todas as prescrições reproduzem posições dos fariseus, que de modo geral favorecem um sistema judicial mais humano. Na época de Jesus, porém, os saduceus ainda detinham o poder, e eles agiam com mais dureza e menos escrúpulos. Somente o desaparecimento deles com a destruição de Jerusalém no ano 70 patrocinou aos fariseus a influência suficiente. Estes formaram um Conselho Superior fora de Jerusalém (em Jâmnia), sem saduceus, templo ou sacerdotes. É difícil imaginar que a profunda reformulação do judaísmo depois da sua catástrofe em 70 não tenha tido efeitos sobre o sistema judicial. No Conselho Superior dos fariseus posterior a 70 não estamos diante do Sinédrio dos saduceus do ano 30 em Jerusalém (Blinzler, p 181,207s,216-229).

c. A existência de prescrições não exclui sua transgressão. Especialmente no caso de Jesus reuniu-se um tribunal atordoado, que já tomara de antemão a decisão de condená-lo (3.6; 11.18; 12.12; 14.1,55) e, portanto, conduziu um processo simulado. Com isto combina que eles não se permitiram facilmente quebrar as próprias regras, antes lutaram pelo resultado com grande formalismo até o amanhecer. De modo nenhum, porém, faltou-lhes a coragem para passar por cima de alguma barreira legal, a caminho do alvo que se tinham proposto. Josefo (Antigüidades XX, 197-203) traz um exemplo de uma sessão irregular do Conselho Superior no ano 62, contra Tiago. Em relação a Jesus, esta disposição para a ilegalidade já se mostra em Jo 7.50s.

d. A própria lei judaica previa exceções em casos excepcionais (Bill. II, 821s; Blinzler, p 204; Pesch II, p 416). P ex, para o bem da comunidade, penas de morte podiam ser decididas também em dia de feriado (cf. 14.2). Em relação a Jesus, as autoridades contavam com agitações, de modo que estava em jogo a existência de todo o seu sistema social. Jo 11.46-53 reflete esta situação. O caso excepcional fora indicado (cf. Pesch, p 416). A própria escolha do local da reunião se alinha com isto (opr 2).

e. Por fim, nosso relato não segue o processo sem deixar lacunas. Quantas acusações mais podem ocultar-se atrás do v. 56! Como a menção das testemunhas de acusação diz pouco sobre a ausência de testemunhas de defesa! Nada sabemos de exato sobre a natureza da sessão, se era um interrogatório preliminar ou principal. A narrativa selecionou momentos do processo que servem ao testemunho do Cristo, mas não necessariamente ao historiador.

Depois de considerar todas as circunstâncias hesitamos diante da posição dura de Schmithals, p 659, de que o relato “de modo nenhum pode proceder de um autor familiarizado com a situação judaica”. Certamente as testemunhas antigas sabiam mais e nós sabemos menos. Pesch (p 442) decide, depois de uma pesquisa do processo de Jesus: “O valor histórico da tradição antiga [...] merece mais confiança do que recebe há muito tempo na avaliação geral”, e O. Betz (p 41): “Por isso, do ponto de vista histórico, em princípio não há nada a objetar à descrição do processo de Jesus nos evangelhos”.

5. *O pano de fundo do AT*. O. Betz propôs nas p 40-43 de modo convincente que se interprete o interrogatório de Jesus contra o fundo de 2Sm 7.12-15. As descobertas em Qumran (especialmente 4QFlor 1.1-13, diferente da literatura rabínica, Bill. III, 677) confirmaram que a profecia de Natã integrava a base em que radicava a esperança israelita do Messias como filho de Davi (cf. 10.47s; 11.10; 12.35ss; Lc 1.32). Isto também confere lógica e unidade ao nosso parágrafo. A reivindicação de ser o Messias, edificar o templo e ser filho de Deus estão essencialmente relacionados, de acordo com 2Sm 7. Outras passagens do AT ampliam esta base, que lança luz sobre todo o relato.

**53 E levaram Jesus ao sumo sacerdote.** O cortejo moveu-se diretamente para a casa do presidente do tribunal, de onde a ação evidentemente também se originara. Ali tudo estava preparado há dias (v. 1 e 10), de modo que a reunião noturna e a convocação das testemunhas funcionou. Quando a população acordasse pela manhã, já deveria deparar-se com fatos consumados. Em vez de apresentar-se no templo como Messias, Jesus deveria encontrar-se desmascarado e desarmado nas mãos do governador. **E reuniram-se todos os principais sacerdotes, os anciãos e os escribas.** A palavra “todos” não deve ser forçada demais. Talvez Marcos com isto esteja destacando significativamente a responsabilidade coletiva da liderança judaica (cf. 8.31). Pesch II, p 410, supõe aqui uma indicação do número mínimo para tomar decisões, que era de 23 membros do colégio de 71. A seqüência também fornece algumas indicações de que as prescrições estavam sendo obedecidas (opr 4c). Uma caricatura anti-semita do Conselho Superior teria outra aparência.

**54 Pedro seguira-o de longe até ao interior do pátio do sumo sacerdote,** como se o incomodassem suas palavras grandiosas do v. 29, de que ele certamente se comportaria diferente dos seus companheiros. No momento da prisão ele já se arriscara perigosamente (v. 47). Ele ainda não queria admitir sua derrota. Só que seguir a Cristo “de longe”, para não ser descoberto, não é algo autêntico.

A sequência torna isto evidente. **E estava assentado entre os serventuários, aquecendo-se ao fogo.** Este “entre”, que com frequência servia para identificar as pessoas (cf. 3.14), desta vez ligou Pedro aos perseguidores do seu Senhor.

**55,56** Marcos retoma a narrativa do v. 53. **E os principais sacerdotes e todo o Sinédrio procuravam algum testemunho contra Jesus para o condenar à morte e não achavam. Pois muitos testemunhavam falsamente contra Jesus, mas os depoimentos não eram coerentes.** A “procura” de 12.12; 14.1,11 ainda não chegara totalmente ao seu objetivo. Como conseguir a execução, se lhes faltava a jurisdição sobre a pena capital (opr 4 a 15.1-5)? A compilação das provas logo os deixou em apuros. Por um lado era fácil conseguir razões para acusá-lo, que isoladas ou em conjunto mereciam a morte pela lei judaica: quebra do sábado (2.23-28; 3.1-6), alegação de perdoar pecados (2.7), quebra do jejum e das prescrições sobre alimentos (2.18; 7.19), feitiçaria (3.22), ataques às leis sobre o casamento (10.9) etc. Tudo isto, porém, nunca obteria a atenção do governador, que eles precisavam conseguir. Para ele estas coisas não passariam de querelas internas dos judeus (Jo 18.31; cf. At 25.19). Era preciso arranjar algo que pudesse ser explorado politicamente. As coisas que iam aparecendo não resistiam à investigação regulamentar quanto a ano, mês, semana, dia, hora e local. Como Caifás dirigia o processo com correção (segundo Dt 19.15) e obviamente não trabalhava com testemunhas preparadas – elas teriam funcionado melhor! – o processo ficou emperrado.

**57,58** Entre as acusações fracassadas, Marcos escolhe a que foi o ponto culminante e também estava relacionada com a condenação à morte que seguiu. **E, levantando-se alguns, testificavam falsamente, dizendo: Nós o ouvimos declarar: Eu destruirei este santuário edificado por mãos humanas e, em três dias, construirei outro, não por mãos humanas.** Assim, a grande investida de Jesus contra o empreendimento do templo em 11.15–12.12 tornou-se o motivo histórico decisivo para o fim de Jesus, e até a hora da sua morte foi lembrado como tal (15.29–32,38). Naturalmente uma grande distorção se instalou. O Jesus pacifista (v. 49) supostamente teria planejado uma conspiração, um atentado militar contra o santuário de Jerusalém: “Eu destruirei!”

Esta acusação era explosiva por um motivo duplo. Em primeiro lugar, na Antigüidade a profanação de templos era em termos gerais um dos delitos mais monstruosos. Jr 26.8s deixa entrever um pouco disto. A primeira referência à pena da crucificação na Palestina data de 519 a.C. e está vinculada significativamente à resistência contra a construção do templo (Ed 6.6-12). Estes critérios também eram reconhecidos pelos romanos, interessados na paz e na ordem. Edifícios de culto estavam sob a proteção do estado. Além disso, na palavra de Jesus sobre o templo também havia uma reivindicação messiânica. Aquele que “constrói uma casa ao Senhor” é, de acordo com 2Sm 7.13, o filho de Davi prometido. Documentos judaicos (em Pesch II, p 435) também expressam a esperança de que o rei escatológico erigiria um templo eterno em Jerusalém, sendo que, aliás, se pressupõe que são inimigos os que derrubam o templo antigo (cf. também Ez 40–44).

O santuário herodiano levou décadas para ficar pronto (Jo 2.20; a inauguração final aconteceu somente no ano 63, sete anos, portanto, antes de ser destruído! (cf. Borse, EWNT II, 1125). Jesus, porém, queria edificar o novo templo no tempo milagroso de “três dias”. Aqui transparece a confissão da igreja do tempo do fim em Os 6.2 e, especialmente, a mensagem de Jesus quanto à ressurreição em 8.31; 9.31; 10.34. Nela, o próprio Jesus era a pedra de construção rejeitada e despedaçada (12.10), que no terceiro dia se torna, pela poderosa mão de Deus, a pedra angular de uma nova moradia divina e a serviço de um novo culto a Deus (cf. Mt 16.17s). Os primeiros cristãos compreenderam esta palavra e a desenvolveram eclesiologicamente (1Pe 2.4-10; Ef 2.19-22; 1Co 3.16; 6.19; 2Co 6.16). Os judeus, naturalmente, entenderam tudo errado e também desenvolveram errado.

Em todo caso, eles compreenderam a reivindicação espantosa de Jesus de ser o rei messiânico. A pergunta de Caifás no v. 61 comprova isto. Aqui ele sentiu que tinha material palpável em mãos para entregar o caso a Pilatos. Também foi por esta razão que ele se concentrou adiante neste ponto, pois “todo aquele que se faz rei é contra César” (Jo 19.12).

**59** **Nem assim o testemunho deles era coerente.** Lucas deixou fora este infrutífero interrogatório de testemunhas, mesmo sabendo que ele aconteceu (22.71), pois, de acordo com todos os evangelhos, Jesus morreu por causa do seu próprio testemunho. Se ele tivesse negado as acusações, teria de ser libertado. Apesar disso, a coleta de provas que não deu em nada provou a inocência de Jesus. Contra ele simplesmente não se “achou” nada (v. 55). Os juízes tinham diante de si este rosto inabalado, silente e, ao mesmo tempo, tão eloquente: “Quem dentre vós me convence de pecado?” (Jo 8.46).

**60 Levantando-se o sumo sacerdote, no meio, perguntou a Jesus: Nada respondes ao que estes depõem contra ti?** Caifás estava sentado emoldurado pelo semicírculo dos membros do Conselho Superior. Na frente do grupo sentado, no meio, o acusado ficava de pé. Ali também se apresentavam as testemunhas (Bill. I, 1005). No momento em que o sumo sacerdote se levantou e foi até o meio onde Jesus estava, de acordo com o cerimonial todos os membros do Conselho se puseram de pé ao mesmo tempo. Assim começava a “intimidação” prevista no processo judicial (Stauffer, Jesus, p 93), a tentativa de impressionar o acusado com encenações.

**61** Jesus, porém, deixou o dignitário parado com dignidade vazia: **Ele, porém, guardou silêncio e nada respondeu.** Será que Jesus ficou em silêncio, aqui e em 15.5, para não dar nenhum pretexto? Todavia, de acordo com o v. 62 e 15.2, ele não tinha nenhuma intenção de salvar a sua pele. Ele estava disposto a “sofrer segundo a vontade de Deus” (1Pe 4.19). Certamente os comentários lembram com razão de Is 53.7: “Ele não abriu a boca, como cordeiro levado ao matadouro; e, como ovelha muda perante os seus tosquiadores, ele não abriu a boca” (cf. Sl 39.10; 38.14-16). A perspectiva que orienta seu silêncio evidentemente é seu “sim” para o sofrimento, assim como de repente orienta o que ele diz. Quando a pergunta certa é feita, esta boca se abre prontamente (diferente de Rienecker, Matthäus, p 350).

**Tornou a interrogá-lo o sumo sacerdote e lhe disse: És tu o Cristo, o Filho do Deus Bendito?** A pergunta nos mostra o que estava em jogo na palavra sobre a destruição e reconstrução do templo: a reivindicação messiânica, baseada em 2Sm 7.14, ligada à alegação de uma proximidade singular com Deus. “Bendito” era uma maneira que os judeus freqüentemente usavam para se referir a Deus. “Filho de Deus” era um dos nomes do Messias (Bill. III, 19ss; Hengel, Sohn Gottes, p 71; Steichele, p 296ss).

**62** Neste momento, Jesus, em meio às testemunhas falsas, se revela como “a testemunha fiel e verdadeira”: **Jesus respondeu: Eu (o) sou.** Por esta identificação própria, de certa forma, o livro todo esperava (cf. q1 8c). Por que Jesus se recusou a dar a resposta aos homens do Conselho Superior p ex em 11.27-33, e só a deu agora, quando ela provocaria a sua morte? Esta é a solução do mistério: exatamente porque agora ela resultaria inapelável e inquestionavelmente na sua morte. Para Jesus havia neste mundo um lugar bem específico para o título de “rei messiânico” (= Cristo), que é pregado na cruz (15.26). Ali ele podia ostentar-se de longe, e todos podiam tomar conhecimento dele. Deste modo, nada seria mal-entendido. Esta morte na cruz, com seu conteúdo profundo, definiu com exatidão o Messias de Deus.

Os primeiros cristãos entenderam esta lição, e rejeitaram uma euforia geral por Jesus e anunciaram-no como Messias, “e este crucificado” (1Co 2.2). Neste sentido é que “Cristo” se tornou o título de majestade mais comum do nosso Senhor, praticamente seu nome próprio. Igualmente o título de Filho do v. 61 recebeu seu conteúdo pleno exatamente quando Jesus estava pendurado no madeiro: “Verdadeiramente, este homem era o Filho de Deus!” (15.39).

A cruz, porém, não fica sozinha. Com inspiração profética (cf. 13.11) Jesus continua: **E vereis!** Este começo em si já lembra os leitores da Bíblia de Ap 1.7: “Eis que vem com as nuvens, e todo olho o verá, até quantos o traspassaram. E todas as tribos da terra se lamentarão sobre ele.” Assim seus inimigos são apanhados. Quem não quer ouvir, precisa ver (cf. Ap 11.11).

O que eles verão? **O Filho do Homem.** Com isso junta-se a Messias e Filho de Deus o terceiro título central do nosso livro. Os três se unem nesta passagem decisiva e se esclarecem uns aos outros. Jesus estava falando adiante de si como Messias, pois a referência ao Filho do Homem lembra de Dn 7.13, a passagem sobre o Messias mais forte do AT (cf. opr 4 a 8.31-33). Preste atenção nos tempos dos verbos: ele *é* o Messias marcado pelo sofrimento e *aparecerá* como o Filho do Homem majestoso. Importante é que a majestade se refere ao humilhado. É que a majestade aqui não é pompa e futilidade da corte. Antes, ela é devida àquele que se deixou arrastar totalmente pela paixão de Deus para a humanidade perdida, que o levou à cruz.

Este Filho do Homem eles verão **assentado à direita do Todo-Poderoso**, lit. do poder (Bill. I, 1006s). A referência aqui não é ao Sl 110.1, como mostra uma leitura mais atenta, pois lá ainda se trata do convite para tomar assento. No judaísmo era freqüente falar da direita de Deus, com o sentido de reabilitar o mártir (Berger, p 122ss; cf. Mc 10.37-40). Com isso os pensamentos de Jesus ainda estão na sua morte iminente. Poder-se-ia parafrasear assim as suas palavras: Vocês, que me vêem neste momento como o candidato à morte abandonado por Deus e condenado, experimentarão

minha justificação por Deus: **e vindo com as nuvens do céu.** As nuvens são aqui a vestimenta divina. Elas indicam a comunhão com o Altíssimo (cf. 13.26n).

Esta declaração anunciou aos juízes terrenos sua própria acusação e condenação. Assim Jesus, em Espírito, predisse uma troca incrível de lugares: o condenado é juiz, os juízes são culpados.

**63** Neste instante o sumo sacerdote, que estava de pé na frente de Jesus, agarrou a gola da sua veste e rasgou o tecido com força, no comprimento de uma mão (Blinzler, p 161, nota 71), deixando uma parte do peito exposta. **Então, o sumo sacerdote rasgou as suas vestes e disse: Que mais necessidade temos de testemunhas?** Desta maneira ele demonstrou sua lealdade à lei, pois um homem religioso não podia ouvir uma blasfêmia sem este gesto de horror (Bill. I, 1007; 2Rs 18.37–19.1). Ou ele fez o gesto representando a todos, ou os demais senhores seguiram o seu exemplo. Unânimes eles declaram o posicionamento de Jesus como blasfêmia. Com isto eles interromperam a busca por mais testemunhas. O acusado incriminara a si mesmo diante de todos.

**64 Ouvistes a blasfêmia.** Sobre o conceito de blasfêmia, cf. 2.7. Este não incluía a pretensão messiânica como tal. No século I houve vários destes casos (cf. 15.2), sem que houvesse uma reação como com Jesus. Se Jesus tivesse somente dito “sim” à pergunta do v. 61, como fez a princípio, ele poderia temer o imperador, mas não a condenação religiosa. Mas como ele continuou e ao mesmo tempo reivindicou a majestade celestial do Filho do Homem e juiz do universo, ele horrorizou seus ouvintes: O que este homem sem poder estava tentando fazer? Frivolamente, “sendo tu homem, te fazes Deus a ti mesmo” (Jo 8.53; 10.33)

Sob esta impressão forte, Caifás pediu os votos de todos: **Que vos parece?** A sentença é pronunciada ordenadamente: **E todos o julgaram réu de morte.** Assim, o processo não produzira somente o motivo para uma crucificação pelos romanos, mas também para um apedrejamento pelos judeus (Lv 24.10ss).

**65 Puseram-se alguns a cuspir nele.** Os intérpretes têm dito que esta manifestação dos membros do Conselho, que preservaram a dignidade da Casa durante todo o processo, não é um dado histórico (Marti, p 328). Será que esta noção não é muito moderna? Talvez eles fizeram um gesto de desprezo, que estava plenamente no âmbito legal (cf. Dt 25.9). Da pena de morte também fazia parte a aniquilação moral (cf. 8.31). Igualmente era preciso demonstrar que a sentença era legítima. De acordo com Is 11.2-4, esperava-se que o Messias tivesse o dom da profecia (Blinzler, p 188). **A cobrir-lhe o rosto, a dar-lhe murros e a dizer-lhe: Profetiza!** Jesus, porém, passou no teste à sua maneira e cumpriu Is 53.6.

Então ele foi empurrado para fora, para que a reunião fosse encerrada sem a sua presença (15.1). **E os guardas o tomaram a bofetadas.** Como condenado, Jesus não tinha mais direitos. Quem quisesse podia descarregar nele suas raivas, e todos quiseram. As cenas de escárnio durante a Paixão foram importantes para a ética dos primeiros cristãos (Rm 12.14; 15.3; 2Co 10.1; 1Ts 1.6; 1Pe 1.19-24; 4.1).

## 11. A negação de Pedro, 14.66-72

(Mt 26.69-75; Lc 22.56-62; Jo 18.25-27)

<sup>66</sup> **Estando Pedro embaixo no pátio<sup>a</sup>, veio uma das criadas<sup>b</sup> do sumo sacerdote**

<sup>67</sup> **e, vendo a Pedro, que se aqueitava, fixou-o e disse: Tu também estavas com Jesus, o Nazareno.**

<sup>68</sup> **Mas ele o negou<sup>c</sup>, dizendo: Não o conheço, nem compreendo o que dizes. E saiu para o alpendre. [E o galo cantou.]<sup>d</sup>**

<sup>69</sup> **E a criada, vendo-o, tornou a dizer aos circunstantes: Este é um deles.**

**Mas ele outra vez o negou. E, pouco depois, os que ali estavam disseram a Pedro:**

**Verdadeiramente, és um deles, porque também tu és galileu<sup>e</sup>.**

**Ele, porém, começou a praguejar<sup>f</sup> e a jurar: Não conheço esse homem de quem falais!**

**E logo cantou o galo pela segunda vez. Então, Pedro se lembrou da palavra que Jesus lhe dissera: Antes que duas vezes cante o galo, tu me negarás<sup>g</sup> três vezes. E, caindo em si<sup>h</sup>, desatou a chorar<sup>i</sup>.**

*Em relação à tradução*

<sup>a</sup> *aule* aqui não se refere a todo o palácio como no v. 54, mas somente ao pátio interno deste, que é diferente do pátio externo do v. 68.

<sup>b</sup> *paidiska*, na verdade “menina”, mas usado na Bíblia sempre para mulheres da classe servil, muitas vezes para escravas.

<sup>c</sup> Cf Schenk, EWNT I, 373; 8.34n.

<sup>d</sup> Com os manuscritos que temos é difícil determinar se esta pequena frase é original ou um acréscimo posterior. Em termos de conteúdo, ela sublinha como Pedro estava surdo. Somente o galo cantando pela segunda vez o acorda. Isto não favorece a idéia do acréscimo, pois, em uma época em que Pedro era muito respeitado como apóstolo de destaque, não se deve esperar que houvesse interesse em incriminá-lo ainda mais. Detalhes da época sobre o cantar do galo, cf. 14.30n.

<sup>e</sup> De acordo com Mt 26.73, foi seu dialeto que o traiu. Também segundo o Talmude os galileus falavam um aramaico que chamava a atenção (com influência assíria e não babilônia como os moradores da Judéia). Bill. I, 156s traz exemplos humorísticos de confusões causadas pelos sons guturais dos galileus.

<sup>f</sup> *anathematizein*, amaldiçoar, aqui está sendo objeto, o que levanta a pergunta se Pedro está amaldiçoando a si mesmo ou a Jesus. A maioria opta pela primeira alternativa (novamente também Pesch II, p 450). Todavia, como a LXX nunca usa a palavra no sentido de amaldiçoar a si mesmo (Behm, ThWNT I, 357,34) e “não conheço este homem” foi comprovado como maldição em uso entre os judeus (Bill. I, 469; Mt 7.23; 25.12), Pedro deve ter amaldiçoado o seu Senhor, para provar sua correção. O contraste com 8.29 é total.

<sup>g</sup> Enquanto nos v. 68,70 está *arneisthai*, encontramos aqui a forma intensiva *abarneisthai*, além da aplicação a Jesus.

<sup>h</sup> Lit. “e, lançando-se em cima (*epiballein*), chorou”. Já os antigos copistas, tradutores e intérpretes tinham dificuldades com esta expressão estranha. O significado mais provável é “começou (a chorar)”, ou com sentido semita (Loh, p 332), ou latino (Pesch II, p 451). Outras interpretações, que partem do sentido transitivo “lançar algo sobre”, precisam completar com algum objeto: Pedro cobriu o rosto com as mãos, cobriu-se com seu manto, ou voltou seus pensamentos para a predição de Jesus (cf. Balz, EWNT II, 58). Mateus e Lucas deixaram a expressão fora. Veja também a nota seguinte.

<sup>i</sup> O tempo imperfeito descreve a duração ou, pelo menos, o início e a intensidade do choro: bem de repente uma convulsão de choro tomou conta dele, de modo que Mateus e Lucas dizem que ele chorou “amargamente”.

### Observações preliminares

1. *Contexto*. O entrelaçamento estreito da tragédia de Pedro com a Paixão de Jesus, que começou já em 8.32 e se agravou em 14.27ss,37,47,54, chega aqui ao seu ponto culminante (cf. opr 1 a 14.53-65). Ele está a serviço de uma interpretação especialmente profunda do sofrimento de Jesus. Jesus morreu pelo grupo dos doze representado por Pedro, ou seja, pela igreja. Paulo também pode dizer: “Cristo morreu por nós (!) ímpios” (Rm 5.6), por aqueles que negaram com mais insistência serem ímpios. Pedro tentou com todos os meios distanciar-se da comunidade dos ímpios (cf. v. 29), até que seus esforços fracassam aqui. No cap. 15 Jesus, então, morre totalmente só – Pedro não morreu com ele – por todos. O estar-com-ele dos discípulos não vale neste capítulo singular. Durante 54 versículos os discípulos não são mencionados (de 14.72 até 16.7). O que daí triunfa é o estar-por-nós de Jesus.

2. *O Getsêmani como paralelo*. A forte ênfase no número três nesta história recorda a forma da história do Getsêmani (opr 1 a 14.32-42). Agora é Pedro que passa por seu Getsêmani, só que não é aprovado nele porque “dorme”, isto é, não ora, mas é forte em si mesmo. Por isso a sua história também tem outro desfecho. O Getsêmani de Jesus começou com pavor e fraqueza e terminou na paz forte de Deus. Pedro começa audacioso correndo riscos em sua auto-afirmação, e termina na miséria lamentável.

**66-68 Estando Pedro embaixo no pátio.** Marcos retoma o v. 54, que preparou este momento. Lá Pedro se arriscara até o pátio interior, de onde evidentemente podia acompanhar a situação. Segundo Mt 26.58 ele queria “ver o fim”, ou seja, o resultado do processo. Ele ainda não perdera as esperanças. Será que este, que derrotara professores da lei e saduceus em todos os debates, não subsistiria também a este embate? Realmente, o interrogatório de testemunhas fracassou, a libertação parecia em vista. Pedro estava extremamente agitado. Aí a sentença de morte veio assim mesmo, e Jesus foi trazido para fora, muito maltratado. Conforme Lc 24.20s, foi neste ponto que a fé dos discípulos desmoronou, e a de Pedro também. Apesar de Jesus ter acabado de liberar a confissão do Messias no v. 62 com sua declaração pública (diferente de 8.30), este que fora o primeiro a reconhecê-lo não conseguiu mantê-la nestas circunstâncias. Na verdade, ele negou expressamente, quando foi solicitado pela empregada ingênua.



Pedro se misturara com os empregados em volta da fogueira, por causa da noite fria de primavera – o que não deixava de ser perigoso. A luz do fogo, mencionada expressamente no v. 54, permitiu que seus traços fossem reconhecidos. **Veio uma das criadas do sumo sacerdote e, vendo a Pedro, que se aquecia, fixou-o e disse: Tu também estavas com Jesus, o Nazareno.** Reconhecendo-o, de repente ela lembra de ter visto este homem como um dos seguidores de Jesus. Mas aquilo que para ela talvez só fosse interessante, para Pedro pareceu perigoso. **Mas ele o negou, dizendo: Não o conheço, nem compreendo o que dizes.** Pedro fez uso do recurso de subtrair-se a uma pergunta indesejada declarando-se ignorante demais para ter de responder. Entretanto, por que não ficou sentado, já que ela nem o tocou? **E saiu,** para longe do alcance da luz da fogueira, para fora, **para o alpendre,** talvez para o pátio escuro, que separava o pátio interno da rua. **[E o galo cantou.]** Esta meia retirada já foi uma traição inteira. A empregada e o leitor e até a criatura irracional parecia sabê-lo; só Pedro ainda não.

**69,70 E a criada, vendo-o, tornou a dizer aos circunstantes: Este é um deles.** As mulheres não gostam de serem feitas de bobas. Ela olhou zangada atrás dele. Não o deixaria escapar tão facilmente. Mas era vez dos homens tomarem conta da situação. Ela conseguiu envolvê-los. **Mas ele outra vez o negou.** Com isto, seu dialeto chamou a atenção. **E, pouco depois, os que ali estavam disseram a Pedro: Verdadeiramente, és um deles, porque também tu és galileu.** O movimento de Jesus estava em casa na Galiléia e tinha muitos adeptos entre os peregrinos galileus que tinham vindo à festa (10.46; 11.9). Os galileus eram suspeitos de simpatizarem com Jesus e – de serem predispostos para se rebelarem (cf. 1.14). Agora Pedro realmente corria perigo.

**71 Ele, porém, começou a praguejar e a jurar.** Quando, nos anos 111-113, os cristãos foram arrastados para a frente dos altares do imperador e obrigados a adorá-lo, seus perseguidores esperavam deles ao mesmo tempo a negação em relação a Jesus: “Maldito seja Jesus!” Esta era uma das coisas “que não se consegue obrigar os cristãos verdadeiros a fazer”, escreveu o governador Plínio na época ao imperador Trajano (cf. 1Co 12.3). Também Bar Cochba, o líder da última revolta judaica em 132-136, ameaçou os cristãos de morte “se não negassem e blasfemassem Jesus Cristo” (em Hengel, Zeloten, p 306). Estes paralelos mostram que Pedro fez direitinho tudo o que o identificasse como alguém que não é discípulo. Para tanto ele pronunciou a fórmula de negação (veja nota à tradução): **Não conheço esse homem de quem falais!** Ele evita visivelmente pronunciar qualquer nome ou título de Jesus, e fala só de leve ou até com desprezo “desse homem”. Isso esclarece sua situação, e eles o deixam ir embora.

**72 E logo cantou o galo pela segunda vez. Então, Pedro se lembrou da palavra que Jesus lhe dissera: Antes que duas vezes cante o galo, tu me negarás três vezes. E, caindo em si, desatou a chorar.** O homem se arrepende na mesma hora. Seu arrependimento também inclui o amor por Jesus (Jo 21.15-17), pois é este que faz a culpa ser tão insuportável. Como mostram as histórias da Páscoa, este que negou continua reunido aos discípulos e é novamente levantado parte por parte pelo ressuscitado. É verdade que aqui ainda predomina o sentimento de condenação. Pela recordação da predição de Jesus no v. 30 ele se via como que atingido pela guilhotina. Aquilo que ele rejeitara tão enfaticamente acontecera. Ele buscara o reinado de Deus, mas não do modo como ela agora o encontrara. Deus é santo, Pedro era carne. Carne e sangue *não podem* herdar o reinado de Deus (1Co 15.50). Mas isto precisa ser aprendido na prática. Temos de beber este cálice até o fundo, precisamos “compreender e ver como é mau e amargo abandonar a Deus” (Jr 2.19, BJ). Pode demorar até entendermos que não somos capazes de estar com Deus. Mas sem esta percepção não há salvação. Quando nós chegamos ao fim têm início os começos de Deus, dos quais carecemos.

Para testemunhar esta história de negação, só o próprio Pedro pode ser considerado. Como Paulo (1Tm 1.13; Fp 3.6), Pedro também confessou na igreja, e não foi só uma vez: eu blasfemei contra Jesus, mas o Senhor é assim e assim! Este testemunho também faz parte do empenho em fazer Jesus ser grande na igreja.

## **12. A entrega de Jesus a Pilatos e sua confissão diante do governador, 15.1-5**

(Mt 27.1,2,11-14; Lc 23.1-5; Jo 18.28-38; cf. Lc 23.9,10,13,14; Jo 19.8-15)

**Logo pela manhã<sup>a</sup>, entraram em conselho<sup>b</sup> os principais sacerdotes com os anciãos, os escribas e todo o Sinédrio; e, amarrando a Jesus, levaram-no e o entregaram a Pilatos. Pilatos o interrogou: És tu o rei dos judeus? Respondeu Jesus: Tu o dizes<sup>c</sup>.**

**Então, os principais sacerdotes o acusavam de muitas cousas<sup>d</sup>.  
Tornou Pilatos a interrogá-lo: Nada respondes? Vê<sup>e</sup> quantas<sup>f</sup> acusações te fazem!  
Jesus, porém, não respondeu palavra, a ponto de Pilatos muito se admirar.**

*Em relação à tradução*

<sup>a</sup> *proi*, uma indicação de tempo que em 1.35 tem o sentido de “alta madrugada”, portanto antes do nascer do sol, mas em 16.2 a hora do nascer do sol em si (cf. 16.9; 11.20). De acordo com 13.35 ela abrange o quarto turno da guarda, das 3 às 6 horas.

<sup>b</sup> As variantes levam a traduções diferentes. A versão do NT grego preparada por Metzger traz *symbolion poiesantes* como texto predominante e com provas mais antigas. A expressão pode referir-se ao órgão decisório ou ao resultado da sessão. No primeiro caso (“reuniram-se para discutir”, BV), teríamos aqui uma nova sessão do Conselho Superior, pela manhã. Os membros do Conselho teriam se espalhado depois da sessão noturna de 14.53ss e voltado de manhã bem cedo. Olhando com atenção, porém, constatamos que não se fala disso (contra Schniewind e outros). De acordo com 14.65, eles deixaram Jesus por conta dos seguranças do pátio interno e ficaram sozinhos. Disto resulta o sentido “chegaram a uma decisão” (NVI). Este sentido foi esclarecido ainda mais por copistas antigos, que escreveram *symbolion hetoimasantes*: “depois de terem preparado uma resolução”, para Pilatos, no caso. Esta variante é considerada original por p ex Gnllka e Pesch.

<sup>c</sup> Pesch entende a resposta de Jesus como uma pergunta (cf. Jo 18.34): “O que dizes?” O resultado seria que não teríamos nenhuma confissão de Jesus, apesar de também Pesch (p 459) falar de uma confissão exemplar de Jesus. Portanto, Jo 18.37 provavelmente serve de paralelo aqui.

<sup>d</sup> *polla* pode ser traduzido como adjetivo, como aqui, mas Marcos gosta de usar este termo como advérbio (cf. 1.45n): “acusavam-no com veemência”.

<sup>e</sup> Cf 3.34n; *ide* é mais forte em Marcos do que *idou*.

<sup>f</sup> *posos* pode indicar a quantidade de acusações, mas provavelmente aqui quer destacar o peso dos itens (cf. v. 3).

*Observações preliminares*

1. *Contexto*. Este trecho recorda a história do interrogatório em 14.53-65. Assim como lá se menciona oito vezes o sumo sacerdote, aqui oito vezes é Pilatos. Os dois juízes estavam preconcebidos, mesmo que com sinal trocado: Caifás considerava Jesus culpado de antemão e somente buscou um pretexto; Pilatos considerou Jesus inocente e buscou uma saída. Nos dois casos Jesus foi “entregue”, silenciou diante das acusações, confirmou como “testemunha fiel”, recebeu a sentença de morte e foi cuspidos e escarnecidos (aqui no v. 19). Este paralelo faz com que seja improvável a interpretação de Schweizer (p194), que acha que o trecho até o v. 15 “na verdade só está interessado no silêncio indefeso de Jesus”. O silêncio somente sublinhou sua confissão do v. 2. O peso deste versículo é que “rei dos judeus” dali em diante é a expressão dominante (15.9,12,18,26,32).

2. *Não é duplicação*. Speidel (p 81) conclui do paralelo com o interrogatório por Caifás que originalmente houve um único interrogatório, diante de Pilatos, que foi duplicado após reflexão dos devotos. Os dois relatos, porém, têm cada um a sua realidade, da qual dependem os respectivos fatos. Passagens importantes do NT, p ex Rm 9–11, de outra forma não teriam sentido. Primeiro Israel separou-se do seu Messias, na pessoa dos seus líderes e também da multidão (15.11-14). Isto não foi inventado, mas era um fato que deu o que pensar aos primeiros cristãos. Israel entregou Jesus com todas as letras nas mãos dos pagãos (9.31). De acordo com Hb 13.12, Jesus sofreu “fora da porta”. Isto é mais que uma indicação de lugar, pois indica a expulsão para o mundo pagão. Os que estavam lá fora, contudo, também o rejeitaram. Caifás entregou Jesus à morte com base em sua confissão, Pilatos o entregou à morte na cruz. Desta maneira Deus colocou juntos judeus e gentios e os pôs a todos atrás das grades, para compadecer-se de todos por meio do evangelho (Rm 11.32).

3. *Anti-semitismo?* Alega-se que já neste relato mais antigo da Paixão predomina uma tendência apologética. Toda a culpa estaria sendo colocada nos judeus, e Pilatos inocentado. Ele é apresentado quase simpático, bondoso, mesmo que inseguro. Dormeyer (p 65) é capaz de escrever sobre o v. 5: “O adversário tornou-se um ajudador”. Com esta apresentação, os primeiros cristãos pretenderiam causar boa impressão às suas autoridades romanas. Em consequência, Pilatos foi, p ex, elevado a santo na igreja etíope (Schmithals, p 670; Grundmann, p 419). Na verdade, porém, Pilatos é responsabilizado duplamente. Apesar de reconhecer a inocência de Jesus e perceber o jogo dos judeus, ele deixou que Jesus fosse torturado e, no fim, também crucificado: “Sofreu sob Pôncio Pilatos!” Só quem fez uma leitura superficial pode dizer que este homem queria defender Jesus. Ele defendeu, isto sim, a sua posição que começara a balançar, até acabar por perdê-la. O imperador o convocara para este posto difícil na Judéia inquieta porque era um anti-semita inveterado. Logo depois de assumir o posto, ele mostrou os punhos e, durante os dez anos do seu governo (26-36), alinhou uma série de chicanas e provocações. Mas ele esticou o arco demais. Como lhe faltavam capacidade de avaliação e

flexibilidade, e sua vontade de destruir e rebaixar o dominou, a ira dos judeus foi aumentando. Queixas sobre o insuportável em Roma levaram à sua demissão. É no meio desta tensão crescente entre o Conselho Superior e Pilatos que o processo contra o Senhor precisa ser encaixado. O empenho de Pilatos pela libertação de Jesus não deve ser creditado à sua simpatia ou humanidade, mas derivou da sua necessidade de corrigir os judeus e dobrar seu orgulho messiânico. “Ele não tinha a mínima disposição de fazer algo que agradasse a seus súditos judeus”, escreve Josefo (em Blinzler, p 269). Neste caso ele estava duplamente irritado, porque percebeu que queriam usá-lo como instrumento para eliminar uma pessoa que não lhes agradava (v. 15; cf. Jo 18.29-31).

4. *Condenação à morte.* Será que os judeus não podiam executar ninguém, como diz Jo 18.31, ou será que podiam, conforme Jo 8.1-11 e exemplos do livro dos Atos? A administração inteligente dos romanos deixava que as províncias subjugadas, entre as quais estava a Judéia da época de Jesus, tivessem suas próprias leis e sistema judicial. Todavia, é claro que não se podia falar em liberdade total. Em casos de penas de morte, via de regra a força de ocupação tinha de ser acionada. Os judeus tinham o privilégio de matar como sacrílego todo pagão que ultrapassasse a mureta do templo, mas em casos de tentativas de linchamentos os romanos interferiam (At 22.24; 23.10,23s), sem, contudo, conseguir impedir todos os casos (At 7.54-59). Quando o Conselho Superior queria obter uma execução, ele primeiro tinha de conduzir um processo dentro das suas próprias leis, até para respeitar seu conceito próprio, mas também tinha de considerar como o governador haveria de ser convencido da necessidade da execução. O acusado precisava ser encaminhado com as provas correspondentes. Também no caso de Jesus os judeus estavam obrigados à cooperação, e isto resultou na sucessão de dois interrogatórios diante de instâncias diferentes (Blinzler, p 229-244; Lohse, ThWNT VII, 866s; Jeremias, Abba, p 139-144; Bill. I, 1026s; II, 571s).

- 1 **Logo pela manhã.** Era preciso ter pressa. Os romanos costumavam iniciar as discussões judiciais logo após o nascer do sol. Nesta hora os membros do Conselho já queriam estar a postos com o prisioneiro. Uma vez que Jesus estivesse nas mãos do poder secular, não seria mais fácil libertá-lo. Ao mesmo tempo, tratava-se de um “logo” de Deus (cf. 1.10n). O céu interveio. Sua vontade cumpriu-se de modo irresistível. Deus se retirou mais um passo do seu Filho: “O entregarão aos gentios” (Mc 10.33).

A obrigação de ter de entregar Jesus aos romanos para ser executado (opr 4) talvez não lhes tenha sido tão inconveniente desta vez, pois assim a destruição foi total: o “Filho de Deus” no madeiro da maldição – excluído da comunidade de Deus! Isto tinha de impressionar os simpatizantes entre o povo.

Entretanto, para Pilatos o caso tinha de ser enfeitado politicamente. Uma acusação por blasfêmia conforme 14.64 não tinha peso com ele, já que os romanos cediam o maior terreno possível em questões religiosas (Jo 18.31; At 18.15; 23.29; 25.18-20). Por isso Jesus tinha de ser apresentado como rebelde político (cf. opr 3 a 12.13-17). É claro que uma acusação como esta contra o Senhor era oca sob qualquer perspectiva (11.1-10; 12.13-17; 14.47-50). Jesus era diferenciado dos zelotes já pelos inimigos diferentes. Ele não viveu e morreu contra Roma, mas contra o pecado em judeus e pagãos, e realmente as afirmações judaicas imediatamente despertaram o ceticismo do governador (v. 2,10). Mas ele não podia desprezá-las. Primeiro importava investigá-las. Em seguida, os judeus tinham outros meios à sua disposição. Tudo isto, até a formulação bem pensada de um texto de acusação, os membros do conselho tinham de decidir: **entraram em conselho** (veja nota à tradução).

A liderança inteira era responsável por esta entrega aos pagãos. Marcos relaciona especialmente nesta altura: **os principais sacerdotes com os anciãos, os escribas**, para dizer mais uma vez expressamente: **e todo o Sinédrio**. Eles se posicionaram coletivamente para fazer a acusação (cf. 8.31). Além disso, todas as informações confirmam que os judeus gostavam de aparecer diante das autoridades romanas no maior número possível (Stauffer, Jesus, p 97). **E, amarrando a Jesus, levaram-no e o entregaram a Pilatos.** Sobre a pessoa de Pilatos, cf. opr 3, sobre o significado da sua presença em Jerusalém, cf. opr 2 a 14.1,2. O nome de Pilatos ficou ligado ao cristianismo, como mostram 1Tm 6.13 e o credo Apostólico. Ele garante que, no evangelho, Deus não nos serviu uma ideologia para nos deixar sozinhos com ela, mas se vinculou com a história.

- 2 Diferente do direito judaico, o juiz romano não trabalhava somente com declarações de testemunhas, mas principalmente com o interrogatório do acusado (Kognitionsverfahren, Pesch II, p 42d; cf. At 25.16). Neste ponto Marcos retoma a história, e só então ficamos sabendo da acusação. **Pilatos o interrogou.** Bornhäuser entende, junto com Schlatter, que Pilatos podia falar grego com Jesus, pois a Palestina era bilingüe (Leidensgeschichte, p 100). Portanto, o NT grego traz aqui sons originais, não uma tradução do aramaico, como normalmente. **És tu o rei dos judeus?** Assim se expressavam os pagãos (v. 9,12,18,26). Os judeus falavam em “rei de Israel” (v. 32). Nos dois casos “rei” equivale a

“Messias” (cf. Lc 23.2). Quanto ao sentido, Pilatos, portanto, perguntou a mesma coisa que Caifás em 14.61 (com Schweizer, p 194). É claro que a força de ocupação ouve de modo diferente. Ela não está interessada em blasfêmia, mas na questão da revolta e traição contra Roma. Caso houvesse um rei judaico, ele teria de ser empossado pelos romanos e ficar dependente deles, como p ex Herodes o Grande. Senão ele seria um rei contra o imperador, um anti-César.

Hengel (Zeloten, p 297-307) conta naquelas décadas o surgimento de seis ou sete messias zelóticos. Há comprovação de que alguns se auto-intitulavam “rei dos judeus” (Dormeyer, p 66). Como reis e destacando sua origem davídica, estes pretendentes ao trono subiam para Jerusalém à frente de um exército rebelde, vestidos com trajes reais e seguidos por uma guarda pessoal que lhes obedecia incondicionalmente. Cabia a Pilatos agora acrescentar o novo caso a este série de rebeliões que Roma esmagara cada vez brutalmente. Porém o fato de Jesus, desde que fora preso, não dispunha de nenhum seguidor, tornava esta acusação absurda. Os judeus ofereceram com atrevimento uma versão a Pilatos que eles mesmos não levavam a sério. Nem por um instante ele acreditou neles, e estava disposto a estragar o plano deles imediatamente. Irônico, ele se voltou para Jesus? “Você? Você?”

Para sua surpresa, ele não recebeu em resposta uma torrente oriental de palavras de defesa e juramento. **Respondeu Jesus: Tu o dizes.** Do mesmo modo como diante de Caifás, Jesus não negou diante de Pilatos. Tem sido dito que Jesus não se confessou “rei dos Judeus” com um “sim” direto (Cullmann, Christologie, p 119,121s; Zahn, Matthäus, p 694). A confirmação parece ainda mais distante que eo 14.64. Jesus sentiu-se mais empurrado em direção a esta expressão do que se ele a tivesse escolhido. Mesmo assim, ele deixou que o título fosse aplicado a ele com certa razão, já que era o próprio Deus, como senhor da situação, que o desafiava para a confissão, através de Pilatos. Uma confissão não é uma ladainha de verdades à toa, pelas quais ninguém perguntou. É uma resposta correta a uma pergunta judicial diante do tribunal público, que não está tão interessado em formulações ideais. Não é sua formulação que tira todas as dúvidas, mas sua situação e a seriedade das conseqüências. A morte subsequente era previsível. Isto esclarecia tudo. Seja o que for que “rei dos judeus” tenha significado para Jesus, pelo menos não era derramar o sangue de outros, mas o seu próprio pelos outros (10.45; 14.24).

Devemos observar que o Senhor não espiritualizou seu reino apressadamente ou o transferiu para o além. Ele trouxe o reinado de Deus verdadeiramente para a terra. Ele também não o interiorizou nos corações, não limitou a mudança do mundo à mudança de atitude. Tudo isto não seria confissão, mas negação de Deus, a quem pertencem céu e terra e que não renuncia a nenhum palmo da sua criação. Uma única limitação este rei reconhece: ele não governa como os reis deste mundo, subjugando e explorando (10.42), mas servindo. Seu trono é a cruz, seu cetro as marcas dos pregos, seu poder o perdão (2.10).

Portanto, em que consistiu para Pilatos o resultado do interrogatório do acusado? Que este homem não era um zelote, ele já sabia antes. A impressão a mais consistiu no enigmático, que ainda nos v. 4s ele não entendera: este acusado não se defendia, mas, com sua atitude, corria diretamente para a morte. Parecia que ele queria se tornar um “rei dos judeus” crucificado (v. 26).

Os judeus, porém, não desistiam. Eles queriam que Pilatos fizesse o jogo deles. Informações adicionais tinham de auxiliá-lo a ajudar-os a eliminar esta pessoa. **Então, os principais sacerdotes o acusavam de muitas cousas.** Eles o entulharam de acusações de que ele colocava a ordem e a segurança em perigo. Ele liderara a partir do norte galileu uma onda de revolta contra Jerusalém (cf. Lc 23.2,5,14). Que súditos “fiéis” e “preocupados” com o reino!

**4,5 Tornou Pilatos a interrogá-lo: Nada respondes? Vê quantas acusações te fazem! Jesus, porém, não respondeu palavra,** “nem uma palavra”, reforça Mt 27.14. Sem dificuldades ele poderia ter entrado em detalhes e arrancado a máscara do rosto deles. Debates anteriores trazem exemplos da sua superioridade. Como, porém, ele não se deixou convencer a dar nenhuma outra declaração, sua confissão do v. 2 ficou no ar com mais força ainda. Ele é o Servo de Deus de Is 42.1-4, que sofre em silêncio e aceita o sofrimento pelo mundo (cf. Mt 12.18-21; Sl 38.21; 109.4; Is 53.7 e o que foi dito sobre o silêncio em 14.61). Ele é o sal da terra, que não faz alarde, a luz do mundo, que ilumina sem palavras mas com poder. Quem quer morrer deste jeito não ameaça a vida de ninguém.

O que Pilatos entendeu de tudo isso? Em todo caso, só agora ele começou a se interessar pelo prisioneiro. Desfazer-se deste silêncio dando de ombros, como sendo burrice e fraqueza, isto ele não podia. Era óbvio que aqui havia uma desistência positiva da defesa própria. Um sopro de algo

totalmente diferente alcançou o romano e o fez estremecer de superstição (Bertram, ThWNT III, 38), **a ponto de Pilatos muito se admirar.**

### 13. A entrega de Jesus para ser crucificado em lugar de Barrabás, 15.6-15

(Mt 27.15-23; Lc 23.17-23; Jo 18.39,40; cf. Lc 23.4,15; Jo 18.38)

- Ora, por ocasião<sup>a</sup> da festa, era costume soltar ao povo um dos presos, qualquer que eles<sup>b</sup> pedissem.
- 7 Havia um, chamado<sup>c</sup> Barrabás, preso<sup>d</sup> com amotinadores<sup>e</sup>, os quais em um tumulto haviam cometido homicídio.
- Vindo<sup>f</sup> a multidão, começou a pedir que lhes fizesse como de costume.
- E Pilatos lhes respondeu, dizendo: Quereis que eu vos solte o rei dos judeus?
- Pois ele bem percebia que por inveja os principais sacerdotes lho haviam entregado.
- Mas estes incitaram a multidão no sentido de que lhes soltasse, de preferência, Barrabás.
- 12 Mas Pilatos lhes perguntou: Que farei, então, deste a quem chamais o rei dos judeus?
- Eles, porém, clamavam: Crucifica-o!
- Mas Pilatos lhes disse: Que mal fez ele? E eles gritavam cada vez mais: Crucifica-o!
- Então, Pilatos, querendo contentar<sup>g</sup> a multidão, soltou-lhes Barrabás; e, após mandar açoitar<sup>h</sup> Jesus, entregou-o para ser crucificado.

#### Em relação à tradução

<sup>a</sup> *kata* também poderia aqui ser traduzido por “durante”, mas os interativos “soltar” e “pedissem” recomendam a tradução distributiva: o costume deve ser preservado (cf. v. 8).

<sup>b</sup> “Eles”, conforme o v. 8, não são mais os principais sacerdotes, mas os espectadores que se aglomeraram.

<sup>c</sup> *legomenos* não tem aqui simplesmente o sentido de “com o nome de”, pois neste caso teria de vir depois do nome, e provavelmente também não “chamado”, pois este nome era bastante comum (Bill. I, 1031). É bem possível que temos aqui a indicação de Barrabás como candidato à anistia (com Pesch II, p 463; Schenk, EWNT I, 471).

<sup>d</sup> Isto é, “apanhado” (Büchsel, ThWNT II, 59).

<sup>e</sup> No grego o artigo é definido e pressupõe um caso conhecido.

<sup>f</sup> Lit. “subindo”, pois o lugar do julgamento, seja o palácio de Herodes ou a fortaleza Antônio (cf. v. 16) ficava em lugar elevado. A multidão veio a partir da cidade baixa. Os julgamentos romanos eram públicos (com Dormeyer, p 72).

<sup>g</sup> *hikanon poiein*, lit. “fazer o suficiente”, só aqui na Bíblia! A expressão é derivada do latim (*satisfacere*).

<sup>h</sup> Com *phragelloun* Marcos escolhe novamente uma palavra emprestada do latim (de *flagellum* ou *fragelium*, chicote; em grego chicote é *mastix*, chicotear *mastigoun*, como na palavra antiga em 10.34). Os leitores antigos sabiam o que significava ser açoitado, mas nós precisamos de maior explanação: “A flagelação romana era executada de maneira bárbara. O delinqüente era desnudado e amarrado a uma estaca ou coluna, às vezes também simplesmente jogado no chão e chicoteado por vários carrascos até que estes estavam cansados e pedaços de carne ensangüentada ficavam pendurados. [...] Com escravos costumava-se usar açoites ou chicotes cujas tiras de couro estavam providos de uma ponta de metal ou de vários pedaços de osso ou de chumbo afixados em série. [...] Diferente do direito judaico, o direito romano não tinha limite máximo de chicotadas. Não é surpreendente ouvir que havia delinqüentes que [...] caíam mortos durante o procedimento” (Blinzler, p 321). “Portanto, a flagelação estava tão próxima da morte, que alguém que sobrevivesse às suas conseqüências era encarado como retornado da morte” (Innitzer, p 217). O incidente de 15.21 pode ser um indício dos efeitos da flagelação de Jesus.

#### Observações preliminares

1. *Contexto.* Como no interrogatório por Caifás Pedro era o personagem de comparação, pelo qual Jesus haveria de sofrer (opr 1 a 14.66-72), no interrogatório por Pilatos é esse Barrabás. Nos dois parágrafos bastante longos Jesus parece ter uma “pausa”, na qual ele não age nem entra em cena para falar, e mesmo assim ele e o sentido da sua morte são o centro do acontecimento. Aqui, em relação a Barrabás, aparece quatro vezes a palavra-chave “soltar” (*apolyein*) que, notavelmente, também pode ser usada para a salvação cristã (*apolytrosis*). Assim, Jesus aparece aqui como o resgate (*lytron*, cf. 10.45).



2. *Maneira de narrar.* O relato apresenta lacunas sob vários aspectos. Por ex, não reconhecemos o lugar exato, apesar de haver um indício no v. 8. Nada lemos sobre a primeira resposta do povo, talvez depois do v. 9, e nada sobre a apresentação dos candidatos à anistia. Mesmo assim o texto tem sua ordem, que são três passos definidos com exatidão. A multidão pede (v. 6,8), clama (v. 13) e grita (v. 14). Pilatos primeiro se digna graciosamente atender o pedido deles (v. 6,8), depois pergunta pela vontade deles (v. 9), para finalmente atender impotente às orientações deles (v. 14s). Desta maneira, ao lado da liderança judaica e do governador pagão, o povo judeu se posiciona como terceira instância com sua sentença de morte. Por isso os apóstolos podiam responsabilizar o povo mais tarde: Vocês crucificaram Jesus (At 2.36; 3.15).

3. *A anistia da Páscoa.* “Não há evidências deste costume [...] nem no direito judaico nem no romano”, escreve Bultmann, *Geschichte*, p 293. Segundo Schweizer (p 194), ele é “altamente improvável” e “é um tapa na cara da prática judicial romana”. Blinzler reuniu fatos irrefutáveis (301ss, 317ss; cf. Pesch II, p 462): a) Na Antigüidade como em nossa época havia anistias em determinadas festas, coroações etc.; b) Havia a libertação de presos cujo processo era anulado antes da conclusão; c) Havia indultos a pedido do povo. No ano 85, o governador do Egito disse a um preso: “Você mereceu a flagelação, [...] mas eu dou você de presente ao povo”; d) As forças de ocupação às vezes se davam ao luxo de fazer concessões aos subjugados, para acalmar a situação e consolidar seu poder. Os historiadores conhecem tais favorecimentos, especialmente em relação aos judeus e por ocasião de festas religiosas; e) Certos textos legais judaicos pressupõem a soltura de prisioneiros na festa da Páscoa, e isto já antes do tempo dos romanos. – Blinzler suspeita que os romanos continuaram este costume bem enraizado, até porque esperavam um efeito favorável deste gesto generoso em especial na Páscoa, em que o povo tendia a agitações (opr 2 a 14.1,2). Portanto, a descrição aqui se insere em contextos históricos possíveis.

4. *Barrabás.* Barrabás pode ter sido preso junto com outros, injustamente, pensa Pesch II, p 462, e Schenk logo coloca esta idéia em EWNT I, 471. A informação no v. 7 sobre este candidato à anistia, porém, certamente pressupõe que ele está comprometido, em contraste com Jesus, de quem ninguém conhece algum crime, conforme o v. 14. O fato de Pilatos colocar exatamente a ele como candidato ao gesto de clemência pressupõe que sua culpa fosse conhecida. Ele pode até ter sido líder de revoltosos (Mt 27.16: “um preso muito conhecido”), responsável por matar, a ponto de At 3.14 falar dele em termos gerais como assassino (cf. Lc 23.19). João o chama de “ladrão” em 18.40 – um apelido comum dos zelotes, naquela época (opr 3 a 12.13-17). Neste caso esta “revolta” não era alguma agitação interna dos judeus, mas uma ação hostil aos romanos (com Blinzler, p 308; Hengel, *Zeloten*, p 33,43ss,64,389s; Pesch II, p 463). Desta maneira este líder de zelotes passa para o lado do porta-voz do grupo dos doze, Pedro. Os dois homens estavam cheios de expectativa pelo reinado de Deus, mas vinculada à confiança na capacidade própria.

5. *A “multidão”.* A RAB muitas vezes traduz o termo *ochlos* por “povo”, cf. v. 6). Em Marcos, com certeza nem sempre se refere ao mesmo grupo de pessoas, mas em termos gerais é uma grandeza uniforme. A multidão afluíu (3.4,13; 3.9,20,32; 4.1; 5.21,24,31; 6.33s; 7.14; 8.1s,34; 9.15,25; 10.1,46), gostava de ouvi-lo e se maravilhava de sua doutrina (11.18; 12.37), a ponto de os líderes judeus não se atreverem a pôr a mão em Jesus (11.18; 12.12). O temor de um levante em favor de Jesus teve um papel decisivo nas ações dos principais sacerdotes (14.2; ali, na verdade, povo é *laos*). Dificilmente Marcos, nos v. 8,11,15, pensa com *ochlos* em um grupo totalmente diferente, como uma turba de gente paga, antes, em todo o público de Jerusalém. Como, então, se explica esta mudança de atitude repentina? No cap. 12 a multidão ainda protege Jesus. Agora, depois do intervalo de dois capítulos (desconsiderando o uso militar de *ochlos* em 14.43) ela se mostra acessível e até suscetível à manipulação dos sacerdotes. O que aconteceu no intervalo?

Primeiro temos de avaliar o efeito da mudança de lado de Judas. Ele não era qualquer um, mas membro do grupo de doze que Jesus levava ostensivamente consigo como base do povo messiânico. Quando se espalhou a notícia de que neste grupo central havia rachaduras, e isto os principais sacerdotes devem ter providenciado, o povo ficou atento. Esta é a razão da “grande alegria” em 14.11. A fascinação por Jesus apagou-se, o ceticismo das autoridades parecia confirmar-se. Assim, depois de Judas, todos mudam de lado: os discípulos, Pedro e o povo. Ninguém mais toma partido por Jesus, de modo que até Pilatos pareceu surpreso. Outra razão para a mudança de atitude estava nas circunstâncias do aprisionamento e dos interrogatórios. A impotência indizível deste Messias, em palavra e ação, não podia ser digerida. A esperança transformou-se em decepção e, finalmente, em paixão louca e irracional para eliminar a decepção. Deste modo a multidão foi empurrada para uma coligação cada vez mais estreita com o Conselho Superior.

- 6 A paixão dos judeus preveniu Pilatos para que não fizesse o que era lógico, soltando Jesus. A coisa parecia transformar-se em uma questão política, o que, como ele conhecia os judeus, poderia abalar sua própria posição (Jo 19.10). Deveria ceder? Disto o impedia seu orgulho e seu ódio pelos judeus (opr 3 a 15.1-5). Nesta situação, ele enveredou por um caminho em que ele dava a volta na oposição direta aos membros do Conselho e pensava mesmo assim conseguir a libertação de Jesus. Ele passou o comando ao povo, do qual podia esperar que admirasse Jesus, e cujas críticas à classe dominante

ele gostava de ouvir (cf. as citações judaicas em 11.15). De acordo com o v. 10, ele percebeu que os líderes nada mais queriam que eliminar um rival (cf. Jo 12.19).

A ação só continua no v. 8. Primeiro Marcos precisa dar informações sobre a anistia da Páscoa (cf. opr 3). **Ora, por ocasião da festa, era costume soltar ao povo um dos presos, qualquer que eles pedissem.** É claro que Pilatos tratou o Senhor, querendo soltá-lo por meio deste costume, a princípio como culpado, pois só quem é culpado pode ser sugerido para a anistia. Neste sentido Pilatos desviou-se aqui da trilha do direito. Ele colocou, mesmo que com “boas” intenções, o justo ao lado do criminoso.

7 Agora só falta apresentar o outro candidato aos leitores (cf. opr 4): **Havia um, chamado Barrabás, preso com amotinadores, os quais em um tumulto haviam cometido homicídio.**

8-10 Enquanto isso, o lugar externo (Jo 18.33), diante do palácio (cf. v. 16n) se enchera de gente. Seu papel na anistia da Páscoa era um ponto alto para eles. **Vindo a multidão, começou a pedir que lhes fizesse como de costume. E Pilatos lhes respondeu, dizendo: Quereis que eu vos solte o rei dos judeus?** Do modo mais desajeitado possível ele tentou influenciar a formação de opinião deles, para fazer dos desejos dele os deles. Jamais, porém, a escolha deles poderia coincidir com a do governador odiado, por mais que ele rotulasse seu candidato como judeu patriota e importante, campeão da liberdade deles. Em tudo isso ele mesmo nem por um instante levou a sério este “rei dos judeus”. Do ponto de vista romano, Barrabás é que era perigoso. Pilatos era guiado somente pela intenção de separar povo e liderança. **Pois ele bem percebia que por inveja os principais sacerdotes lho haviam entregado.**

11 Os últimos acontecimentos, porém, tinham trabalhado a favor do Conselho Superior (opr 5). **Mas estes incitaram a multidão no sentido de que lhes soltasse, de preferência, Barrabás.** De fato, a multidão, há pouco ainda afeiçoada a Jesus, voltara a seu primeiro amor. O zelotismo gozava naqueles anos e décadas de simpatia crescente (Hengel, *Zeloten*, p 347ss). Sofrendo sob a violência de Roma, o povo esperava sua libertação por meio de homens violentos (Lc 19.42-47). Por esta razão, o que este Barrabás queria era compreensível a todos, mas o que Jesus queria ninguém mais entendia. Alguém que não faz nada, que não parece fazer nada, perde facilmente a simpatia do povo.

12 Assim, Pilatos, para seu horror, ficou como o único que ainda se empenhava por Jesus. Isto, por sua vez, contribuiu para a desgraça de Jesus. O Messias haveria de ser protegido por Roma? Isto era demais. Sob estas condições, Pilatos lutava como derrotado de antemão. A frase seguinte já deixa entrever que será Barrabás o beneficiado pela anistia. **Mas Pilatos lhes perguntou: Que farei, então, deste a quem chamais o rei dos judeus?** É claro que para Jesus só restava a morte. Só Pilatos ainda não queria entendê-lo.

13,14 **Eles, porém, clamavam: Crucifica-o!** São os judeus que soletram para o romano como os romanos costumam agir com reis rivais. O romano ainda faz uma tentativa débil de conduzir o processo para vias jurídicas. **Mas Pilatos lhes disse: Que mal fez ele?** Será que eles não vêem que é a inveja descarada que dita as ações dos principais sacerdotes? Porém eles não querem mais saber de conversa. Conscientemente eles declaram culpado um inocente. “Declaram”, na verdade, é um elogio. **E eles gritavam cada vez mais: Crucifica-o!**

15 Finalmente Pilatos muda seu curso para o caminho da injustiça. **Então, Pilatos, querendo contentar a multidão, soltou-lhes Barrabás; e, após mandar açoitar Jesus, entregou-o para ser crucificado.** No mesmo momento em que a inocência de Jesus fora reconhecida por todas as partes, todos o destinam à morte. Cinco vezes a tradição preserva este resultado (Lc 23.4,15; Jo 18.38; Mt 27.19-24 e aqui). Para esta declaração involuntária da inocência de Jesus os primeiros cristãos tinham ouvidos atentos. Neste ponto também a “entrega” do Filho do Homem chega ao fim. A opr 1 à divisão principal 14.1–16.8 trata de origem, caminho e meta desta série de entregas, que passou o Senhor de uma mão a outra, até que ele chegou à cruz.

“Após mandar açoitá-lo” é *uma só* palavra, no grego. A flagelação era a pena que acompanhava normalmente a crucificação (Bill. I, 1033s; C. Schneider, *ThWNT* IV, 523; Pesch, p 466; diferente de Blinzler, p 22s. Para a aplicação, cf. nota à tradução). Flagelação e crucificação eram o procedimento jurídico completo que Jesus sofreu. Ele suportou o tratamento dispensado a um criminoso – por Barrabás e “por muitos” (10.45; 14.24), “por nós” (Is 53.12).

#### 14. O escárnio de Jesus como rei dos judeus, 15.16-20a

(Mt 27.27-31a; Jo 19.2,3)

- <sup>16</sup> **Então, os soldados<sup>a</sup> o levaram para dentro do palácio<sup>b</sup>, que é o pretório<sup>c</sup>, e reuniram todo o destacamento<sup>d</sup>.**
- Vestiram-no de púrpura<sup>e</sup> e, tecendo uma coroa de espinhos<sup>f</sup>, lhe puseram na cabeça.**
- <sup>18</sup> **E o saudavam, dizendo: Salve, rei dos judeus!**
- Davam-lhe na cabeça com um caniço, cuspiam nele e, pondo-se de joelhos, o adoravam.**
- <sup>20a</sup> **Depois de o terem escarnecido, despiram-lhe a púrpura e o vestiram com as suas próprias vestes.**

#### *Em relação à tradução*

- <sup>a</sup> A partir do v. 15 Jesus estava entregue a soldados romanos, no que, porém, não se deve pensar em italianos. Na Palestina serviam “tropas auxiliares” recrutadas entre a população local que não era de origem judaica, como samaritanos e sírios, cujo ódio pelos judeus era notório (Blinzler, p 370).
- <sup>b</sup> *aule*, aqui não o “pátio” como no v. 66, mas “pátio interno do palácio”, por causa da continuação.
- <sup>c</sup> A observação tem uma linguagem complicada, provavelmente inserção de Marcos para leitores familiarizados com as instituições romanas. O *praetorium* originalmente era o abrigo do pretor (comandante do exército) no acampamento, ou seja, a barraca do comandante. Quando o título passou para os governadores das províncias, passou-se a chamar assim a sua residência. Geralmente o procurador ocupava o palácio do antigo governante local. Onde residia Pilatos quando estava em Jerusalém? De acordo com a maioria dos intérpretes não era na fortaleza Antônia, ao lado da área do templo, mas no antigo palácio do rei Herodes, na colina ocidental, a maior elevação da cidade. Este era de longe mais suntuoso e também mais espaçoso que a fortaleza. Acima de tudo, temos para esta fortificação o nome de “palácio do governador” (Filo). Também sabemos que Pilatos, ao assumir o posto, afixou suas insígnias não na fortaleza, mas diante do palácio de Herodes, e que também seu sucessor (Floro) presidia os julgamentos ali (Blinzler, p 253-259).
- <sup>d</sup> *speira*, usado para uma coorte (divisão do exército romano correspondente à décima parte de uma legião, uns 600 homens) ou uma manípulo (uns 200 homens) ou, quando não era usado como termo técnico romano, como na LXX: tropa de número não determinado.
- <sup>e</sup> Conforme Mt 27.28, trata-se de uma capa de soldado, de cor vermelho-escarlate. Neste “teatro” ela serviu de púrpura real. A coroa de louros também fora substituída por uma imitação de espinhos.
- <sup>f</sup> Os espinhos cresciam em toda a Palestina (cf. 4.7,18). Eram usados como combustível, *p ex* para a fogueira do acampamento em 14.54,67.

#### *Observação preliminar*

*Contexto.* Nosso parágrafo dá a si mesmo o título de “escárnio”, no v. 20. Disto faz parte, como em 10.34; 14.65, cuspir como gesto de desprezo. Por parte dos judeus em 14.65 ele foi dirigido contra o suposto profeta messiânico, por parte dos romanos aqui contra o suposto rei. Por que a tradição deu mais destaque ao escárnio que à flagelação? A destruição moral era o ponto culminante do sofrimento (cf. 8.31), prelúdio do abandono de Deus em 15.34. Ao mesmo tempo havia um sentido mais profundo, espiritual, que se prendia a este acontecimento.

- 16,17 Então, os soldados o levaram para dentro do palácio, que é o pretório, e reuniram todo o destacamento.** A flagelação via de regra era feita em público. Em seguida, enquanto os soldados se preparavam para marchar, eles prenderam o Senhor dentro do palácio. Como na Antigüidade os vencedores tinham o direito de saquear as cidades, violentar as mulheres, etc., o grupo de guardas podia tirar uma lasquinha neste condenado. Ensanguentado, nu e tremendo, ele estava parado no meio dos homens que urravam, enquanto cada vez mais se juntavam a eles de todos os lados. Pensando no julgamento público, eles tinham tido a idéia de uma boa “diversão”. **Vestiram-no de púrpura e, tecendo uma coroa de espinhos, lhe puseram na cabeça.** Com os meios que um soldado tem à disposição, eles o ajeitaram como rei. O trançado de espinhos eles tinham de enfiar sempre de novo na cabeça dele, pois ele tendia a desfazer-se e cair. A narrativa, porém, não registra as dores, pois para o crente este homem de dores praticamente brilha em sua vestimenta real.
- 18,19 O estilo solene (“começaram a saudá-lo”, BJ, cf. 1.45n) mostra que se chegou ao meio da cena: E o saudavam, dizendo: Salve, rei dos judeus!** Eles irromperam em aclamações impetuosas como as que conheciam do culto ao imperador, gritavam entusiasmados bênçãos para Sua Majestade e não paravam de dar-lhe vivas. O brado de “salve” era um elemento importante dos hinos aos deuses (*chaire*; Conzelmann, ThWNT IX, 351). É claro que tudo isto era feito entre risos, debaixo das gargalhadas de toda a turba, e mesmo assim Jesus deu aqui o primeiro passo para subir ao trono de Davi e, com isto, do mundo. A profundeza da sua humilhação era seu maior momento de triunfo.

Com toda razão Roma renunciou ao governo do mundo na pessoa destes representantes, aplaudindo freneticamente o Senhor de todos os senhores. **Davam-lhe na cabeça com um caniço, cuspiam nele.** Era um misto selvagem de maus tratos que se repetiam e submissão fingida. Mas, será que no gesto de cuspir não havia uma alusão ao beijo de reverência? **E, pondo-se de joelhos, o adoravam.** Vejam, seus rostos estavam colados no chão em devoção. Que importa que o gesto foi feito zombeteiramente?! Era profecia de tirar o fôlego.

**20a Depois de o terem escarnecido, despiram-lhe a púrpura e o vestiram com as suas próprias vestes.** Chega de bagunça! A troca das roupas no v. 16 e aqui emoldura o todo como uma unidade, que desperta uma profunda reflexão.

Geralmente os condenados eram levados nus até o lugar da execução, para que no caminho pudessem ser chicoteados com eficácia, enquanto cambaleavam sob o peso da viga (Blinzler, p 345). Jesus, no entanto, usou suas roupas no seu caminho, o que o v. 24 confirma. Talvez seus torturadores vissem que ele não resistiria a mais chicotadas, depois da tortura que sofrera, pondo em perigo a crucificação. Esta, entretanto, era muito importante para todas as partes interessadas: para Pilatos porque precisava proteger-se especificamente contra uma eventual reclamação ao imperador (Jo 19.12), para os judeus porque Jesus, ao ser pendurado na cruz, estaria para sempre excomungado e amaldiçoado (Dt 21.23).

## **15. A execução de Jesus, 15.20b-41**

(Mt 27.31b-56; Lc 23.26-49; Jo 19.16b-37)

### *a. Crucificação*

**Então, conduziram Jesus para fora, com o fim de o crucificarem.**

**E obrigaram<sup>a</sup> a Simão Cireneu<sup>b</sup>, que passava, vindo do campo<sup>c</sup>, pai de Alexandre e de Rufo, a carregar-lhe a cruz<sup>d</sup>.**

**22 E levaram Jesus para o Gólgota, que quer dizer Lugar da Caveira.**

**Deram<sup>e</sup>-lhe a beber vinho com mirra<sup>f</sup>; ele, porém, não tomou.**

**Então, o crucificaram e repartiram entre si as vestes<sup>g</sup> dele, lançando-lhes sorte, para ver o que levaria cada um.**

### *b. Escárnio*

**25 Era a hora terceira quando<sup>h</sup> o crucificaram.**

**E, por cima, estava, em epígrafe<sup>i</sup>, a sua acusação: O REI DOS JUDEUS.**

**Com ele crucificaram dois ladrões, um à sua direita, e outro à sua esquerda<sup>j</sup>.**

**Os que iam passando, blasfemavam dele, meneando a cabeça e dizendo: Ah! Tu que destróis o santuário e, em três dias, o reedificas!**

**30 Salva-te a ti mesmo, descendo da cruz!**

**31 De igual modo, os principais sacerdotes com os escribas, escarnecendo, entre si diziam:**

**Salvou os outros, a si mesmo não pode salvar-se;**

**32 Desça agora da cruz o Cristo, o rei de Israel, para que vejamos e creiamos. Também os que com ele foram crucificados o insultavam.**

### *c. Morte*

**33 Chegada a hora sexta, houve trevas sobre toda a terra até a hora nona.**

**À hora nona, clamou Jesus em alta voz: Eloí, Eloí<sup>l</sup>, lámá sabactâni? Que quer dizer: Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?**

**Alguns dos que ali estavam, ouvindo isto, diziam: Vede, chama por Elias!**

**E um deles correu a embeber uma esponja em vinagre<sup>m</sup> e, pondo-a na ponta de um caniço, deu<sup>n</sup>-lhe de beber, dizendo: Deixai, vejamos se Elias vem tirá-lo!**

**Mas Jesus, dando um grande brado, expirou.**

**E o véu do santuário rasgou-se em duas partes, de alto a baixo.**

**O centurião<sup>o</sup> que estava em frente dele, vendo que assim expirara, disse: Verdadeiramente, este homem era o Filho de Deus.**

### *d. Testemunhas*

**Estavam também ali algumas mulheres, observando de longe; entre elas, Maria Madalena<sup>p</sup>,  
Maria, mãe de Tiago, o menor, e de José, e Salomé<sup>a</sup>;  
41 as quais, quando Jesus estava na Galiléia, o acompanhavam e serviam; e, além destas,  
muitas outras que haviam subido com ele para Jerusalém.**

### *Em relação à tradução*

<sup>a</sup> *aggareuein*, obrigar a prestar serviços, a que os soldados romanos tinham direito, como força de ocupação (ainda em [Mt 5.41](#)). A tradução simples “obrigaram” dá a idéia de resistência e uso de força física. Não é isto o que a palavra quer dizer.

<sup>b</sup> O antigo nome judaico Simão era tão comum que quase sempre era acrescido de um apelido, no presente caso a indicação do lugar de onde o homem se mudara. Numerosos antigos judeus cireneus tinham se fixado em Jerusalém ([At 2.10](#); [6.9](#); [11.20](#); cf. [13.1](#)), dos quais não poucos se tornaram cristãos.

<sup>c</sup> *agros* pode indicar simplesmente a diferença com a cidade. A informação não pretende registrar o que este transeunte acabara de fazer (trabalho agrícola) ou onde ele morava (fazenda), mas a direção da qual ele vinha, que é contrária ao cortejo que saía.

<sup>d</sup> *stauros* é, originalmente, uma estaca simples, vertical, que podia ser usada para qualquer finalidade possível. Quando se tratava do instrumento de execução, a viga transversal em que os braços estendidos eram amarrados já podia ser chamada assim. Em [Jo 21.18](#) temos os três procedimentos: abrir os braços, ser amarrado, ser conduzido (ao local de execução).

<sup>e</sup> Aqui no contexto o tempo imperfeito significa: eles tentaram e lhe estenderam a bebida até os lábios, de modo que ele o experimentou, mas recusou (cf. [Mt 27.34](#)).

<sup>f</sup> Mirra é o sumo desidratado da casca de uma árvore balsâmica árabe, e geralmente era usada como incenso. Ela deixava a bebida amarga e tinha um efeito calmante e anestésico.

<sup>g</sup> A vestimenta judaica consistia de capa ([10.50n](#)), túnica, cinto e sandálias ([1.6s](#); [6.8s](#)) e cobertura para a cabeça. A opinião de Michaelis, ThWNT IV, 253, de que devia tratar-se da roupa comum do povo, já que os próprios soldados queriam usá-la, é infundada. O fruto do saque também podia ser transformado em dinheiro.

<sup>h</sup> Quando “e” (aqui lit.) insere o fato que determina certa hora, ele assume o sentido de “quando” (Bl-Debr, § 442.10; WB 775; com Pesch e Gnllka). Por isso também não temos aqui uma duplicação do v. 24a, mas uma retomada deste versículo. As circunstâncias que acompanharam a crucificação são informadas.

<sup>i</sup> A informação da culpa destacava-se em letras pretas ou vermelhas sobre uma tábua pintada de gesso (*titulus*; cf. [Jo 19.19](#)). Esta era carregada à frente do delinqüente ou pendurada em seu pescoço. Segundo Mateus e João, ela foi afixada depois acima da cabeça de Jesus (Kroll, p 388ss; Blinzler, p 367; Bill. I, 1038).

<sup>j</sup> Somente em manuscritos posteriores à Idade Média consta o versículo contado como 28: “E cumpriu-se a Escritura que diz ([Is 53.12](#)): Com malfetores foi contado”. Ao que parece ele foi adotado de [Lc 22.37](#), onde aliás goza de boas bases nos textos.

<sup>l</sup> Jeremias exige que se escreva “elohi” com h (Abba, p 937, nota 62). Ressoa aqui a metade de [Sl 22.2](#) em aramaico, a língua materna de Jesus - não em hebraico como no [AT](#) (como em [Mt 27.46](#)), que na época de Jesus só era ainda a língua litúrgica dos judeus.

<sup>m</sup> *oxos* também em [Nm 6.3](#); [Rt 2.14](#): vinagre de vinho diluído com água, uma bebida refrescante comum na região para trabalhadores do campo e soldados. Com a bebida anestesiante do v. 23 ele nada tem a ver.

<sup>n</sup> Novamente como no v. 23, parece tratar-se apenas de uma tentativa (imperfeito *de conatu*), cf. a continuação adversativa: “Mas Jesus...” Ele recusou a bebida, ou tomou no máximo um gole inicial ([Jo 19.28-30](#)).

<sup>o</sup> *kentyrion*, mais uma palavra emprestada do latim, com o sentido de “comandante de um grupo de cem soldados”; é o grau mais baixo de oficial, como o de sargento.

<sup>p</sup> Magdala era uma aldeia de pescadores na margem ocidental do lago da Galiléia. Portadoras do nome comum Maria (no [NT](#) sete mulheres) recebiam um apelido.

<sup>q</sup> É possível (com Pesch II, p 505s) que dois pares de mulheres sejam as testemunhas. Destas, as três primeiras tinham o nome de Maria: a de Magdala, a mãe de Tiago e a mãe de José; para a terceira deduz-se o nome do v. 47. Pelo paralelo de [Mt 27.56](#), Salomé pode ter sido a mãe dos filhos de Zebedeu.

### *Observações preliminares*

1. *Contexto.* Neste grande trecho, que martela dez vezes a palavra “cruz, crucificar”, finalmente se cumpre o anúncio do reinado de Deus de [1.15](#). A palavra da cruz é a dinamite de Deus (cf. [1Co 1.18](#)), que tira o velho sistema do mundo dos eixos e traz coisas novas. Já [3.6](#) preparara o leitor do evangelho de Marcos para a morte de Jesus, como meta do livro. Quando mais os acontecimentos se aproximam da cruz, mais espessa se torna a



rede de indicações da hora. Podemos lembrar das indicações de tempo no rádio que preparam para a hora completa e, por fim, anunciam cada segundo. Do mesmo modo Marcos aumenta a expectativa. Para nos conscientizar que os eventos são cumprimento, ele passa de indicações de dias para indicações de horas. Mais ou menos às três horas da manhã cantou o galo (14.68). “Bem cedo”, portanto lá pelas 6, Jesus foi transferido a Pilatos (15.1). Agora eles o pregam à cruz às 9 horas (15.25), às 12 começa a escuridão (15.33) e às 15 horas Jesus ora na profundidade mais profunda (15.34). “Ao cair da tarde”, lá pelas 18 horas, encaminha-se o sepultamento (15.42). Naturalmente não havia ninguém na Sexta-feira da Paixão marcando o tempo; os pontos de referência são aproximados. Mas a estrutura de tempo com seus intervalos de três horas nos conscientiza o governo supremo de Deus. Sobre a questão da cronologia, também as diferenças com João, cf. [opr 5](#) à divisão principal 14.1–16.8.

2. *Gólgota*. “Caveira” no v. 22 está no singular, de modo que não se deve pensar em caveiras espalhadas pelo chão remanescentes de execuções anteriores, ou em um cemitério (contra Schlatter; Schenk). Os judeus gostavam de comparar formas da paisagem com partes do corpo humano (cf. encosta da montanha, cotovelo do rio; os árabes até hoje chamam uma colina de “cabeça”). Assim, devemos pensar aqui em uma elevação semelhante a uma caveira. Onde ela ficava? Conforme o direito romano e judaico, as execuções eram feitas fora dos muros (cf. [Mt 27.32](#); [Jo 19.17](#); [Hb 13.12](#)). Escavações a partir da década de 60 abaixo do muro noroeste daquela época levaram a indícios dignos de nota. Ali se estendia antigamente uma pedreira enorme de dezesseis metros de profundidade. O buraco resultante servia de valo de proteção ideal no flanco ocidental de Jerusalém, que era relativamente desprotegido, mas também de lixão de entulho, como grandes quantidades de objetos quebrados sugerem. No meio deste semicírculo profundo, os pedreiros tinham deixado uma parte arredondada de rocha de menor valor, constituindo um monte artificial parecido com uma “caveira” (Speidel traz um desenho na p 129). Este lugar ficava “perto da cidade” ([Jo 19.20](#)). O que acontecia ali podia ser acompanhado dos muros como de um anfiteatro. Além disso, passava ali uma estrada de saída ([Mc 15.29](#)). Portanto, podemos ver que este era um lugar favorável para uma execução, com o maior impacto possível sobre o público.

3. *A pena da crucificação na Antigüidade*. O direito penal judaico não conhecia esta pena, apenas o enforcamento do cadáver do executado em um poste – como castigo adicional. À desonra diante das pessoas somava-se a rejeição por Deus e a eliminação do povo de Deus, pois “o que for pendurado no madeiro é maldito de Deus” ([Dt 21.23](#)). Por isso também o Conselho Superior fez questão de insistir na crucificação, no caso de Jesus ([Jo 18.31s](#)). Os judeus aplicavam o texto citado também aos que eram crucificados ao estilo romano. Neste sentido eles usavam freqüentemente o termo “madeiro” para a cruz ([At 5.30](#); [10.29](#); [Gl 3.13](#); [1Pe 2.24](#)).

O peso que se dava à pena da crucificação entre os romanos é ilustrado com frases do famoso orador Cícero, em um discurso no tribunal no século I: “Já é um delito algemar um cidadão romano, um crime chicoteá-lo, praticamente alta traição matá-lo. O que, então, direi da crucificação? Não há palavra que possa nomear um ato tão sacrílego.” Em outro discurso: “A própria palavra ‘cruz’ deve ficar longe, não só do corpo dos cidadãos romanos, mas também dos seus pensamentos, olhos e ouvidos!” (em Blinzler, p 257ss). Só para escravos rebelados e populações estrangeiras revoltosas a crucificação entrava em consideração. Executada de modo bem visível, levando demoradamente à morte durante dias, muito desonrosa por expor a pessoa nua e muito cruel por causa dos sofrimentos terríveis, este é o clássico castigo de intimidação. Era considerado indispensável para a manutenção da ordem política. A revolta liderada por Spartacus em 73-71 a.C. terminou em 7.000 cruzes. Esta coisa horrorosa, no entanto, também era usada para escravos fugitivos individuais. Por isso a visão de um homem nu que era chicoteado pelas ruas, com uma viga sobre os ombros, fazia parte do cotidiano de uma cidade antiga. Um papel especial teve a pena da crucificação durante décadas na inquieta Judéia e contra o movimento de libertação zelótico (“ladrões”, cf. [opr 3](#) e 4 a [12.13-17](#)). Durante o cerco de Jerusalém no ano 70, diariamente (!) quinhentos ou mais judeus aprisionados eram pregados voltados para a cidade, a ponto de faltar madeira e lugar para as cruzes.

Com razão chama-se a atenção para o fato de que [Mt 15.24](#) resume uma série de ações impressionantes e três palavras gregas: “Então, o crucificaram”. Uma grande sensibilidade fez os evangelistas ser breves, sem dar lugar para descrições horripilantes. Eles não mencionaram os sofrimentos físicos de Jesus com nenhuma palavra. Devemos, porém, levar em conta que seus primeiros leitores tinham estas descrições vivas diante dos olhos. Hoje elas nos faltam. Nós conhecemos a cruz em nosso contexto somente como efeito decorativo. Por isso para nós resultaria uma “palavra da cruz” totalmente abstrata, irreal, uma idéia de cruz, se o comentário não contribuísse com certa medida de conhecimento de causa. Se atendemos a seguir a esta obrigação, convém ainda levar em conta que este tipo de execução não tinha normas rígidas. O sadismo pessoal de juízes e carrascos influenciava o processo conforme o humor de cada um. P ex, os romanos no ano 70 fizeram suas vítimas morrer diante dos muros de Jerusalém em posições nada naturais. Por isso, no caso de Jesus também não se pode fazer afirmações categóricas para cada detalhe.

Speidel informa p 131ss da descoberta, em 1969, de um crucificado que fora sepultado em um cemitério a noroeste de Jerusalém, e que talvez tenha sido contemporâneo de Jesus. Os pregos (cf. [Lc 24.39](#); [Jo 20.20,25](#)),

no caso dele, não tinham sido pregados através da palma da mão ou do pulso, mas entre cúbito e rádio. Um único grande prego prendia os dois tornozelos sobrepostos à madeira. As pernas tinham sido quebradas intencionalmente (cf. Jo 19.31s). Havia crucificados que ficavam pendurados uma semana inteira, até enlouquecerem. O sol queimava hora após hora sobre o corpo nu. A dor dos ferimentos feitos pelos pregos não diminuía. A distensão dos membros causava câimbras, começando nos braços e vindo para o meio do corpo. O torturado podia firmar-se nos pés para minorar a tensão nos braços por algum tempo, mas isto demandava muito esforço. Logo o corpo cedia novamente. Mais tarde ele tentava subir de novo, e assim ia para cima e para baixo. Finalmente, as pernas fraquejavam. As câimbras atingiam os músculos da respiração. O agonizante ficava sem ar. Caía a pressão sangüínea, diminuía o nível de oxigênio no sangue e aumentava o de gás carbônico. A sede se tornava um suplício, o coração batia mais forte. O suor escorria pelo corpo. Insetos pousavam sobre as feridas abertas. A temperatura do corpo subia. A irrigação de sangue da cabeça e do coração ficava cada vez mais fraca, até que o coração falhava e a cabeça se inclinava para a frente, sobre o peito (cf. Speidel, p 138; Blinzler, p 185s). Os romanos geralmente deixavam os cadáveres pendurados até que as aves de rapina os tivessem devorado.

4. *Interpretação da morte de Jesus*. Em nenhum lugar da Antigüidade associou-se uma crucificação, e de um Filho de Deus nem pensar, com uma idéia com sentido religioso. A [opr 5](#) à divisão principal [14.1–16.8](#) trata desta dificuldade e de como Jesus e as primeiras testemunhas receberam ajuda da Escritura. A narrativa da morte em si em Marcos é iluminada por referências bíblicas. Nisto, porém, chama a atenção que faltam indicações da morte de Jesus como sacrifício pelos pecados do mundo, [p ex Is 53](#) ou menções ao cordeiro pascal ou referências ao sistema de sacrifícios. Em vez disto, o acontecimento é acompanhado, além de [Sl 69.22](#) (vinagre, v. 36), principalmente pelo [Sl 22](#): v. 1 (“Deus meu...” no v. 34), v. 7 (menear a cabeça no v. 29), v. 18 (distribuição das roupas no v. 24), talvez ainda o v. 8 (confiança em Deus nos v. 29-32) e o v. 15 (sede no v. 36). Só que falta a este salmo qualquer pensamento na expiação. Será que, portanto, ele também não se aplica a este que é o relato mais antigo da Paixão? Será que esta aplicação central tradicional é acréscimo posterior, quiçá estranho? Será que Jesus morreu somente como um sofredor conforme o [Sl 22](#), um modelo de confiança irrestrita em Deus até em situações extremas? “Na cruz, o 1º Mandamento é restabelecido e cumprido. Além disso, nada aconteceu ali!”, exclamou Ernst Käsemann no Dia da Igreja de 1967, em Hanôver. O sentido de sacrifício, expiação ou resgate ele rejeitou com a determinação que lhe era peculiar. Duas coisas devemos constatar em relação a isso:

a. Em Marcos não é demais esperar que, ao ler o cap. 15, ainda se tenha em mente o cap. 14. Ali, porém, pela última vez ainda em [14.22-24](#), Jesus interpretou o segredo da sua morte como entrega “por muitos”, segundo [Is 53](#) (cf. também [10.45](#)). Além disso, parágrafo por parágrafo interpreta a morte de Jesus: ele morreu como o verdadeiro cordeiro pascal ([14.1-16](#)), o bom pastor ([14.27-31](#)), o verdadeiro Filho do Pai ([14.32-52](#)), a verdadeira testemunha ([14.53-65](#); [15.1-5](#)), ele morreu por Pedro ([14.66-72](#)) e por Barrabás ([15.6-15](#)). Ele é o rei salvador crucificado por seu povo ([15.16-19](#)). Conforme estes testemunhos, Jesus é mais que um modelo de fé; é mediador e fonte da salvação. Separar o relato da crucificação destes testemunhos é um método questionável.

b. O [Sl 22](#) não pode valer em sentido exato como interpretação da morte em si, já que se trata exatamente de um cântico de gratidão de alguém que fora preservado da morte e do sepulcro. Parecera que Deus o abandonara, mas ele acabara experimentando o contrário. Deus estivera lá e atendera suas orações. No último instante, antes que acontecesse o pior, ele o arrancou dali de maneira maravilhosa (cf. também [8.31](#)). O [Sl 22](#), como todos os salmos, só podia acompanhar Jesus enquanto ele estava vivo. Ele iluminou o tempo anterior à sua morte. Sua morte em si é interpretada de modo correto basicamente pelos sinais que Jesus deu aos seus discípulos na última noite, bem como o sinal que Deus fez seguir logo no v. 38.

5. *O grito de abandono no v. 34*. Este grito de Jesus, nos termos de [Sl 22.1](#), tem sido entendido de muitas maneiras diferentes. Na maioria das vezes ele incomodou e foi atenuado. Já os zombadores do v. 35 o desviaram de Deus para Elias. O evangelho de Pedro, do século II, derivou: “Minha força, minha força, por que me abandonaste!” Houve copistas que alteraram como se Jesus reafirmasse sua inocência: “Meu Deus, meu Deus, por que me acusaste!” Os Pais da Igreja e todos os teólogos da Idade Média relacionaram os sofrimentos de Jesus somente ao seu corpo. Seu espírito estivera constantemente ocupado com a contemplação abençoadora de Deus (*visio beatifica*). O Corão (Surata 4), seguido hoje em dia por milhões de muçulmanos, está convicto que este abandonado de Deus nem era Jesus. Os judeus teriam sucumbido a uma confusão e crucificado o homem errado. Jesus fora arrebatado antes para o céu. No começo do século XIX, Schleiermacher afirmou que era impossível que a palavra do abandono de Deus fosse autêntica. Com toda a capacidade de raciocínio cativante que ele tinha, ele a interpretou diferentemente. Jesus teria “pensado e sentido sua morte com clareza e ânimo”. No século XX recorda-se o costume judeu de citar somente as primeiras palavras de um versículo longo, mas pensando no todo. Neste caso Jesus teria orado todo o [Sl 22](#), que é um cântico de triunfo (Stauffer, Jesus, p 103,106; Bornhäuser, Leidensgeschichte, p 126,190ss). Lamsa (p 205ss) recorre à circunstância que os originais antigos não tinham ainda sinais de pontuação, dizendo que não havia aqui o ponto de interrogação. Na verdade tratava-se de uma exclamação surpresa, após o término da

obra: “Com que objetivo fui preservado (*sabachtani* = deixar sobrar!)” – Contra todas estas tentativas, importa encarar o sentido simples das palavras.

6. *A cortina no v. 38.* No templo herodiano havia duas cortinas. A primeira estava pendurada, visível a todos, entre o vestíbulo e o “santo lugar”. Ela substituiu ali a porta que ficava aberta durante o dia. A segunda separava, no interior do edifício, o “santo lugar” do “Santo dos santos”. As duas cortinas podiam ser chamadas de *katapetasma*, como aqui, o que levanta o problema. A Igreja Antiga, mas também Zahn, Matthäus, p 715; Kroll, p 391; Lohmeyer, p 347, identificaram o sinal em termos gerais com a primeira cortina, porque só esta era visível ao povo. Só que “a cortina” dificilmente terá sido esta que, para o culto, era insignificante, antes a interior, importantíssima nos atos de culto e aspergida com o sangue da expiação. A continuação da narrativa, em que ao oficial romano se abre ao mistério de Jesus, também favorece esta conclusão. [Hb 6.19; 9.3; 10.20](#) confirmam que os primeiros cristãos pensaram consistentemente na cortina interior neste sentido (com Bill. I, 1043ss; C. Schneider, ThWNT III, 631; Popkes, p 231; Pesch II, p 498 e outros).

#### *a. Crucificação*

- 20b Então, conduziram Jesus para fora, com o fim de o crucificarem.** Do palácio de Herodes até o Gólgota eram somente alguns passos. Todavia, eles não escolheram o caminho mais curto, antes passaram pelas ruas mais movimentadas. Roma demonstra o seu poderio. – “Fora com ele!” é agora o título de tudo o que segue. Na concepção dos judeus, uma execução “fora do acampamento” significa eliminação completa de Israel (Lv 24.14; cf. Nm 15.35s). Por outro lado, “guiar para fora” ou “sair” também é uma expressão bíblica de salvação, como mostram as histórias de Abraão e Moisés (Gn 12.1; Êx 3.17). O tema da saída neste sentido positivo perpassa toda a Escritura, até Ap 18.4. Ele tem a ver com a salvação e vocação do verdadeiro povo de Deus (cf. p ex At 2.40). Por este motivo podia haver entre os primeiros cristãos a convocação: “Portanto, saiamos até ele, fora do acampamento, suportando a desonra que ele suportou” (Hb 13.12s). Não se pensa em um processo místico no coração, mas em um rompimento concreto dos vínculos sociais e culturais com o ambiente e na participação determinada na vida, serviço e luta da igreja.
- 21** Do trajeto foi preservado um incidente que pode servir de sinal para os olhos da fé. **E obrigaram um homem que passava,** que não tinha nada a ver com a história e não seguia a Jesus, nem como inimigo triunfante nem como adepto compadecido (cf. Lc 23.27). Deve ter sido já perto do portão da cidade, pois dentro dela não seria possível dizer de onde ele vinha. Portanto, o desfalecido carregou sua cruz até o portão e até cair. Quando os soldados acharam que a coisa estava indo devagar demais, seus olhos caíram sobre este homem, que vinha pela rua com neutralidade provocante. Assim, ele teve de fazer uma das experiências ruins de um país conquistado e ser requisitado para prestar serviços: **a carregar-lhe a cruz.** Marcos sabe dizer o nome dele: certo **Simão Cireneu, vindo do campo, pai de Alexandre e de Rufo.** Esta referência aos filhos só tem sentido se os dois eram conhecidos dos primeiros leitores. Rufo e sua mãe aparecem em Rm 16.13 como membros da igreja em Roma. O caso raro de um homem que é identificado por seus filhos (segundo BI-Debr, § 162.3 “impossível”) pode ser explicado pelo fato de que em Roma talvez só os filhos fossem conhecidos. Em todos os casos – e esta é a conclusão provável – Simão não pôde mais deixar de Jesus, nem sua família. Em nossa passagem, porém, trata-se simplesmente de uma cena externa de eventos espirituais futuros: estranhos e distantes chegam perto, seguem o crucificado e são agregados à igreja do êxodo.
- 22 E levaram Jesus para o Gólgota, que quer dizer Lugar da Caveira.** Eles o “levam”. No último trecho ele estava tão debilitado como os enfermos e os cegos que antes eram “levados” a ele (1.32; 2.4; 7.3; 8.22; 9.17; 10.13). “Certamente, ele tomou sobre si as nossas enfermidades e as nossas dores levou sobre si” (Is 53.4).
- 23 Deram-lhe a beber vinho com mirra; ele, porém, não tomou.** “Dai bebida forte aos que perecem”, diz em Pv 31.6. De acordo com Bill. I, 1037, este gesto de compaixão cabia às mulheres judias. Os soldados romanos o toleravam, até para ter seu trabalho facilitado pela meia anestesia da sua vítima (cf. Grundmann, p 431s). Jesus, porém, não lhes opunha resistência mesmo, e não queria entregar-se a Deus inebriado. Em certo sentido mais profundo ele na verdade era aqui o único que estava sóbrio e livre. Simão agiu sob pressão, os soldados obedeciam a ordens, e até lançaram os dados dominados pela ganância.
- 24 Então, o crucificaram.** Arrancaram-lhe as roupas do corpo, jogaram-no no chão, puxaram-no com os braços estendidos para cima do travessão, desceram os martelos. Depois a viga transversal, com o corpo pendurado nela, foi içada pelo poste que já estava de pé, bem preso no chão. Para impedir uma

morte rápida, afixava-se no poste um apoio sobre o qual o crucificado pudesse sentar. Geralmente ele estava somente um pouco acima do solo. Para uma exposição melhor, porém, também havia cruzeiros altas. A favor disto fala aqui o v. 36, onde diz que o soldado não podia estender a esponja até a boca de Jesus sem fazer uso da sua lança (Blinzler, p 360).

Quase lit. repetem-se as palavras do Sl 22.18: **E repartiram entre si as vestes dele, lançando-lhes sorte.** Um adendo mostra a ganância deles: **Para ver o que levaria cada um.** Sim, eles tinham sido mais fortes do que ele, e ao vencedor competem os despojos. E Jesus? Até a sua túnica agora pertencia a um outro. Nem mesmo na morte ele tinha seu corpo para si. A narrativa usa palavras da Palavra de Deus para dizer esta realidade indizível. Só assim ela é suportável. A frase anterior ao versículo citado diz que os inimigos olham zombeteiros o corpo magro do inocente. Assim Blinzler (p 366) resolve a questão se Jesus estava pendurado totalmente nu na cruz, conforme o costume romano. No conceito judaico não era apropriado executar alguém sem pelo menos um pano em volta da cintura. Blinzler conclui: “É possível que os soldados romanos, assim como toleraram a bebida anestesiante, também neste caso tenham cedido aos escrúpulos judaicos”.

#### *b. Escárnio*

- 25 Era a hora terceira quando o crucificaram.** A crucificação agora passa para a frase secundária, e a ênfase passa para a indicação da hora (cf. opr 1). O objeto do relato é realmente um acontecimento no tempo, não filosofia disfarçada, a “Sexta-feira da Paixão especulativa” de F. Hegel.
- 26** A inscrição da cruz lembra mais uma vez o que os v. 2,9,12,18 já mostraram: Jesus foi executado pela Roma oficial como rei rebelde, mesmo sabendo-se que ele não o era. **E, por cima, estava, em epígrafe, a sua acusação: O REI DOS JUDEUS.** Do *titulus* completo (veja nota à tradução) faziam parte ainda nome e origem, além do motivo da condenação, mas Marcos, diferente dos textos paralelos, traz somente esta forma curta. Não que ele tivesse se indignado especialmente com esta acusação hipócrita. “Vocês sabem”, Jesus tinha dito em 10.42 aos seus discípulos, com vistas ao caráter injusto deste mundo. Por que ainda criar caso, uma vez que isto está entendido? Os primeiros cristãos sofreram a violência conscientes, mas sem reagir. Falavam, isto sim, do bom reinado de Deus. É disto que se trata também aqui. Jesus na cruz é o verdadeiro rei. Ele não fundou seu reino com o sangue dos seus súditos, mas com o seu próprio. Naturalmente um Senhor tão diferente incomoda os senhores deste mundo, mas ele também conquista sempre de novo servos que o amam mais que a própria vida (Ap 12.11).
- 27** Mais uma informação complementar: **Com ele crucificaram dois ladrões, um à sua direita, e outro à sua esquerda.** A posição é significativa. “Com ele” está colocado no começo e é sublinhado mais uma vez no v. 32b. Jesus é rei sobre os desprezados e bem miseráveis. São estes que ocupam os lugares à sua direita e esquerda, como sendo seus ministros (cf. 10.37). Como nota histórica, aliás, este versículo significa que os soldados, depois da sua primeira brincadeira nos v. 16-19, aqui se permitiram mais uma. Jesus está classificado ostensivamente como líder rebelde, pois “ladrões” aqui não são criminosos comuns, mas zelotes (cf. opr 4 a 12.13-17; diferente de Blinzler, p 308).
- 29** Então os judeus também começaram a zombar. O primeiro grupo “blasfema” dele (v. 29,30), o segundo “escarnece” dele (v. 31,32a), o terceiro o “insulta” (v. 32b). Isto foi para Jesus o mais amargo de tudo. Havia muita gente indo e vindo em volta da cruz. Muitos que tinham convivido com ele antes queriam lançar um último olhar sobre ele. **Os que iam passando, blasfemavam dele.** No conceito deles, é claro que quem blasfemava não eram eles, mas ele (14.64). Mas aqui temos o parecer cristão: Eles pecaram contra o seu Messias. **Meneando a cabeça,** fazem o gesto de repulsa do Sl 22.7: ele os repugna. **E dizendo: Ah!** Isto é ironia, pois se trata da exclamação de maravilha jubilosa na posse de um rei (Bill. II, 52). **Tu que destróis o santuário e, em três dias, o reedificas!** As palavras e ações de Jesus no templo tinham com razão despertado expectativas messiânicas, que também estiveram no centro do interrogatório (14.58). Este tema agora está encerrado para estas pessoas. O “Messias” está pendurado no poste, no depósito de lixo. Contudo, estava oculto a eles que a derrubada do templo e do culto e a construção do novo estava acontecendo naquele momento no corpo de Jesus.
- 30** Os dois próximos versículos trazem três vezes a palavra-chave “salvar” do Sl 22.5,8,19-21. Contudo, enquanto no salmo se pensa na salvação do crente por Deus, aqui propõe-se cada vez a salvação própria: **Salva-te a ti mesmo, descendo da cruz!** Onde estavam agora os seus milagres? Eles não entendiam que este operador de milagres, ao recusar ajudar a si mesmo, se tornou o maior milagre do mundo.

31 Diferentemente do povo, os principais sacerdotes e professores da lei tomaram posição junto à cruz em caráter oficial. Uma execução carece de testemunhas (cf. At 7.57). Um deles também pode ter recebido o encargo de encorajar o moribundo a humilhar-se e confessar os pecados (Bill. I, 114,1037). Jesus, porém, na cruz como no interrogatório, ficou firme em sua reivindicação messiânica. Isto pode ter desatado a zombaria. **De igual modo, os principais sacerdotes com os escribas, escarnecendo, entre si diziam,** dando-lhes as costas com desprezo: **Salvou os outros, a si mesmo não pode salvar-se.** Deste modo eles expressam em sua zombaria o amor imenso de Jesus, dando-lhe sem querer o mais belo testemunho. Somente que eles não têm ou não querem achar acesso a este belo e divino entre eles. Eles reverenciam conceitos bem diferentes, que até podem dar boa impressão. O médico deve estar atento à sua própria saúde, se quiser cuidar de doentes (Lc 4.23). O Messias precisa ficar vivo para poder agir como tal. O rei deve preservar-se para seu povo. Que o contrário era o caso, que o Messias com sua morte serve aos “muitos” e edifica sua igreja (10.45; 14.24,27s), isto lhes estava oculto.

32 É impressionante o que eles dizem uns aos outros em seguida. Eles querem dar-lhe mais uma grande chance, entregar tudo mais uma vez em suas mãos. Ele só precisa autenticar seu reinado messiânico por meio de um milagre de auto-ajuda: **Desça agora da cruz o Cristo, o rei de Israel, para que vejamos e creiamos.** (De acordo com Blinzler, p 362, aconteceu que um crucificado foi retirado da cruz depois de várias horas e sobreviveu.) Eles seriam os primeiros a pôr-se de joelhos diante dele para adorá-lo, depois de tê-lo condenado como messias falso. Seu suplício teria sido, então, apenas um último teste da sua fidelidade, que resultou em uma confirmação tão espetacular. – Mas chega de “contos de fada”! Como mostra a sequência, as falas deles estão no contexto do escárnio. Uma terrível falta de seriedade predomina. Na verdade eles não têm um centímetro de disposição para converter-se. A maneira como eles lidam com as provas da autoridade de Jesus, acabaram de confessar: Ele salvou outros, mas o que isto nos importa?! (cf. 8.11-13).

Na cruz nada se mexe. Jesus se entrega totalmente à sua imobilidade impotente. Ele responde a estas palavras, que devem tê-lo atingido como lanças, suportando-as. Ele manteve sua graça também para estes homens. Assim ele resistiu até o fim à tentação que tentara seduzi-lo logo no começo (1.13) e depois no meio (8.33) do seu caminho.

Os dois crucificados ao lado de Jesus estavam excluídos da zombaria da multidão. Com certeza estes combatentes pela liberdade secretamente eram admirados. Tanto mais eles mesmos entenderam como piada sem graça a circunstância de serem colocados no momento da morte junto a este apóstolo da paz incorrigível, e se distanciaram dele com veemência. **Também os que com ele foram crucificados o insultavam.** Com isto Israel com todos os seus grupos tinha se separado dele: a multidão, os administradores do templo e da Escritura, e o movimento de resistência. Judeus e gentios o tinham abandonado. Então Deus também o abandona.

### *c. Morte*

33 **Chegada a hora sexta, houve trevas sobre toda a terra até a hora nona.** Lc 23.44 diz: “Escureceu-se o sol”, com o que não se afirma um milagre astronômico, pelo qual – na época da lua cheia! – a lua tivesse bloqueado a luz do sol (contra Strobel, p 140; Conzelmann, ThWNT VII, 439). O sol pode perder seu brilho para as pessoas por várias circunstâncias: uma nuvem de poeira (tempestade de siroco; Innitzer, p 287; Pesch II, p 493), nuvens escuras ou bandos de gafanhotos.

Desde os tempos antigos até hoje, a escuridão, assim como a claridade, é carregada de simbolismo. Ela provoca impressões de perigo e terror. Também no AT ela denota todo o espectro do que é assustador. Quem está preso na noite, está sob julgamento. Deus se voltou dele, ele está separado de Deus e, talvez, também contra Deus (Jó 15.22-25; 18.6; 20.26; Is 13.9s; Jl 2.2; 3.4; 4.15; Sf 1.15; Am 5.18-20; 8.9s). A escuridão aqui se estende sobre toda a região (com Sasse, ThWNT I, 676; Pesch II, p 493), não sobre o mundo inteiro, como querem muitos intérpretes. Mas será que esta escuridão não simboliza pelo menos um processo de alcance mundial? Talvez o julgamento do mundo (como pensa a maioria, com reticências Pesch II, p 494)? Ou o luto mundial da natureza (como em Conzelmann, ThWNT VII, 440; Schenk, p 43; Schmithals, p 694)? Só que Jesus morre quando tudo está claro, segundo o v. 37. Marcos relaciona a escuridão, ao repetir a indicação da hora no v. 34, ao grito de abandono de Jesus. Este grito segue ao sinal como uma palavra de interpretação. De acordo com ele, a escuridão não significa a condenação do mundo, mas a condenação *de Jesus*.

34 **À hora nona.** A narrativa praticamente silenciou sobre o período entre 12 e 15 horas. Talvez os sacerdotes e, com eles, os judeus devotos, tenham-se retirado, pois tinham trabalho a fazer no templo.



A partir de 13.30 começava lá a liturgia diária da tarde, em que se louvava e bendizia a Deus (Stauffer, Jesus, p 104; Kroll, p 389). A hora nona, em seguida, era a hora da oração da tarde (Bill. II, 698). Sozinho em meio aos pagãos e excluídos e com a escuridão **clamou Jesus em alta voz**. Ele, que está fisicamente esgotado, de repente se torna totalmente oração. “Em grande voz” também gritaram os mártires em Ap 6.10; “clamar” é a palavra-chave na oração do mártir no Sl 22, no qual Jesus se refugia agora (v. 1,5,24).

**Eloí, Eloí, lamá sabactâni? Que quer dizer: Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?** O fato de escrever em duas línguas deixa entrever que Marcos escrevia para leitores fora da Palestina, pois lá a tradução de uma frase em aramaico teria sido desnecessária. Novamente a transcrição das palavras aramaicas era necessária para explicar a distorção no v. 35.

O intervalo de tempo entre o grito da oração e o desafio zombeteiro do v. 32 é grande demais para que relacionem os dois (contra Pesch II, p 495). O exegeta, porém, faz bem em prestar atenção à sequência imediata. As testemunhas auriculares do v. 35 ouviram um grito de socorro. Esta deve ter sido a entonação básica, e não triunfo ou felicidade. Portanto, o grito deve ser entendido em seu sentido direto.

Primeiro, o início: **Deus meu, Deus meu**, seja qual for a continuação, define o grito de Jesus como um clamor em oração. Isto tira o tapete debaixo dos pés de todas as interpretações ateístas ou niilistas. Strobel (p 156,160) chega perto de idéias assim em sua análise, que, no mais, vale a pena ler (“experiência niilista da morte”). Para Jesus, no entanto, sua morte nunca esteve sob o sinal da falta de sentido, mas da missão, se bem que uma missão de peso terrível. Ele não se horrorizou diante da inexistência de Deus, mas de tal existência de Deus, que estava presente em tal ocultamento. O que permite, sim, torna necessária esta linguagem paradoxal, é a circunstância de que este Jesus abandonado por Deus mesmo assim invoca este Deus, e isto com afeto ainda mais profundo. Consideremos o duplo **meu** na boca de Jesus. Quem, de todos os que jamais trouxeram a Deus seus por quês torturantes, incluindo o salmista do Sl 22, podia chamar Deus de tão seu como Jesus! Jesus vivia de Deus, com Deus e para Deus, fez uso singular do tratamento Abba e encarnava a proximidade de Deus. Deus se identificara com ele (1.13 e 9.7) e sempre de novo o autenticara com sinais e milagres. Jesus não podia ser sem Deus nem Deus sem ele. Como isto é inconcebível: Deus o abandonou! Este grito rasgou o mundo.

**Abandonar** contém aqui bem mais do que a idéia do distanciamento espacial. Podemos observar o termo já em relações interpessoais em 2Tm 4.10,16, mas também em promessas divinas de fidelidade como Gn 28.15; Js 1.5; Dt 31.6,8; 1Cr 28.20; Hb 13.5. Abandonar é entregar à própria sorte, deixar perecer, deixar à mercê dos poderes da perdição. A conjunção nada rara “abandonar – retirar a mão” aproxima de “entregar” (*paradidonai*; cf. 1.14). Os dois termos encaixam. Com “abandonar” a ênfase está em que Deus solta e retira sua mão, com “entregar” em passar para mãos estranhas. Portanto, assim como Jesus não se queixou da inexistência de Deus, também não o fez da sua inação. Ao abandoná-lo, Deus *fez* algo. Ele o entregou ativamente ao julgamento, e Jesus se apavorou com um Deus irado, não com um mundo vazio de Deus.

Esta interpretação não discute a possibilidade de reconhecer no Gólgota também a imersão de Jesus na desagregação física, no pavor da morte de todos os seres vivos e na dor básica da solidão humana. Os evangelhos posteriores e as interpretações cristãs esgotam estas possibilidades. O testemunho de Marcos aponta, é verdade, para um acontecimento dentro da Trindade: Meu Deus, por que abandonaste a mim, teu Filho? Devemos pesar esta exclamação contra o fundo de confissões como Jo 8.29; 10.30: “O Pai não me deixa só” e “Eu e o Pai somos um”. Só assim temos uma idéia do sofrimento indizível do Filho, mas também do Pai. Pois o Pai, ao não poupar o Filho (Rm 8.32), não poupou a si mesmo, ele mesmo foi atingido. De certo modo ele também sentiu a dor do rompimento, não em sua substância, mas em sua atuação. A auto-revelação de Deus se dividiu e entrou em tensão consigo mesma. De maneira incrível Deus estava contra Deus, Deus lutou com Deus, Deus venceu a si mesmo.

Deus resolve o problema do pecado do mundo nele mesmo. Lembramos das palavras de Os 11.8 onde, pelo contexto, só resta uma sentença de destruição para Israel: “Meu coração está comovido dentro de mim (BJ: se contorce; cf. nota), as minhas compaixões, à uma, se acendem” (ou: o remorso me queima por dentro). A Sexta-feira da Paixão é uma destas comoções, uma revolução no coração de Deus. O remorso queima a ira, deixa brotar o amor no lugar da condenação e salva os pecadores que não estão interessados em converter-se nem têm condições de fazê-lo. Sem o auxílio de pessoas,

de modo totalmente unilateral, Deus se reconcilia com um mundo inteiro e faz de cada pessoa mais uma vez um candidato para coisas maravilhosas, novas e grandes. Neste chão de Sexta-feira da Paixão ressoa pelo evangelho o desafio: Assumam sua candidatura, reconciliem-se com Deus! (2Co 5.19-21).

- 35,36** Os espectadores em sentido geral já foram mencionados no v. 29. O grupo **dos que ali estavam** aqui deve ser, na terminologia militar, os soldados que estão de serviço, não curiosos à toa (Bertram, ThWNT V, 836s; cf. 14.17,69s; 15.39; Jo 18.22; At 23.2). De acordo com o v. 36, há instrumentos militares à mão. Estes soldados são da Palestina (15.16n). O aramaico em que Jesus gritou também era a língua materna deles, e eles entenderam especialmente o destacado, longo *Elohi, Elohi!* **Ouvindo isto, diziam: Vede, chama por Elias! E um deles correu a embeber uma esponja em vinagre e, pondo-a na ponta de um caníço, deu-lhe de beber, dizendo: Deixai, vejamos se Elias vem tirá-lo!** Alguns intérpretes suspeitam que eles entenderam Elohi erroneamente como Elias. Cativados pela especulação sobre a vinda de Elias (opr 2 a 6.14-16) eles agora queriam conservar Jesus com vida por meio de uma bebida fresca o maior tempo possível, para dar uma oportunidade ao milagre, isto é, à intervenção de Elias para socorrer. Contudo, “como Elias não veio, sucumbiu a reivindicação messiânica, da perspectiva dos judeus” (Schlatter, Matthäus, Bornhäuser, Leiden, p 128; Grundmann, Geschichte, p 347; Dehn, Grob).

Pesch II, p 495, é mais convincente aqui, ao dizer que os v. 35s fazem parte das cenas de escárnio. Os turnos de guardas tinham acompanhado a zombaria do messias pelos judeus. Junto com o Messias, na crença popular geral, tinha de vir Elias. Brincadeiras com palavras são uma maneira de entreter soldados entediados. Assim, distorceram Elohi para Elias e troçaram do moribundo com isto, querendo forçá-lo a beber. Cumpru-se Sl 69.21,22 (cf. Mt 27.34).

- 37 Mas Jesus, dando um grande brado, expirou.** Morreu como se quisesse dar uma resposta àquele desafio. Recusou prolongar sua vida e esperar por Elias. Morreu consciente e disposto, envolto em zombaria e escárnio e sem que acontecesse qualquer milagre.

Este versículo já deu muito trabalho. Como os crucificados morriam em total esgotamento, os Pais da Igreja viram neste forte grito um milagre. Todavia, não há nada que prove que um crucificado não possa dar um grito como esse (Blinzler, p 373). Segundo opiniões recentes, era um grito de desespero inarticulado ou um grito de vitória salvador que rasgou a escuridão, um anúncio da morte para todo o universo ou até a “arma de Iavé” para julgar o mundo. Quem chega mais perto é Grundmann, ThWNT III, 901 (sobre Mt 27.50): “Com todo o contexto e o sentido do termo existente no AT e no NT, trata-se com este grito [...] de uma última súplica feita para Deus, como está em Lucas” (Lc 23.46). As fontes são unânimes: Jesus orou na cruz. Entretanto, esta oração não fez entrar uma onda de calor, a morte não se tornou uma festa de libertação como a morte de Sócrates ou o “começo da vida” como a execução de Bonhoeffer ou um triunfo da serenidade como em muitos estóicos ou, por fim, um milagre da proximidade de Deus como com tantos mártires. Nada sugere uma tal mudança depois do v. 34. Mesmo assim Jesus continua orando. Ele continua em “reverente submissão”, mesmo suplicando “em alta voz e com lágrimas” (Hb 5.7, NVI). E é importante não tirar dos sofrendores deste mundo o Cristo sofredor, atenuando este versículo.

- 38 E o véu do santuário rasgou-se em duas partes, de alto a baixo,** do modo mais completo possível. Com certeza pôde-se remendá-lo, mas depois que o Gólgota se tornou o lugar de expiação do pecado do mundo, o Santo dos Santos não mais passava de uma câmara profana qualquer. Deus não estava mais entronizado ali. Estava lá fora da cidade, levantando a cruz contra pecado e culpa. A morte de Jesus deu base à nova comunhão de Deus com os seres humanos, o novo culto. No próximo versículo este culto começa simbolicamente: um pagão que ainda há pouco participara do assassinato do justo pronuncia sua confissão genuína neste lugar liturgicamente impuro. Desde então, na fé de Jesus, todas as pessoas podem chegar-se a Deus, qualquer lugar é bom para orar, o mundo inteiro é o Santo dos Santos e Jesus é o novo templo.

Assim, ao versículo da morte de Jesus seguiu de imediato a interpretação. A linhagem do templo (cf. opr 1 à divisão principal 11.1–12.44 e opr 1c a 12.35-37a) teve seu cumprimento, “porque o seu santuário é o Senhor, o Deus Todo-Poderoso, e o Cordeiro” (Ap 21.22). Um segundo sinal para a interpretação da morte de Jesus segue diretamente ao primeiro, por meio de um participio:

- 39 O centurião que estava em frente dele,** ou seja, estava de serviço (cf. v. 35), ainda não se confessara a favor de Jesus enquanto este vivia. Só depois, **vendo que assim expirara,** ele se pronuncia: **Verdadeiramente, este homem era o Filho de Deus.** O que ele viu, para fazer sua

confissão? Com certeza não a cortina rasgada (diferente de Schenk, p 22,48; Schmithals, p 695). Os textos paralelos de Mt 27.54 e Lc 22.47 usam “ver” no sentido geral de participar de acontecimentos, que são o céu escurecendo, o tremor de terra, etc. De acordo com uma variante do nosso texto, o comandante ficou impressionado com o grito forte de Jesus. Marcos, porém, usa “ver” no sentido literal. O guarda podia observar muito bem de onde estava, **em frente dele**, esta morte abandonada, escarnecida, mas com oração. Foi esta atitude diante da morte sob uma medida grande demais de humilhação suportada docilmente, esta disposição de morrer que o tocou, causou nele a mudança para compreender a grandeza extraordinária. Foi a lógica de 1Pe 2.22s e Hb 12.2s.

A declaração de início incluiu uma afirmação solene da inocência de Jesus. É nisto que Lc 22.67 dá ênfase. Além disso confirmou a reivindicação de Jesus diante do Conselho Superior, quando foi perguntado se era o “Filho de Deus”, ou seja, o Messias (cf. 14.61; Mt 26.63). Nas negociações diante de Pilatos a questão também sempre era este reino messiânico (15.9,12,18,26,32).

Naturalmente esta confissão é surpreendente. O comandante viu este fracasso gritante, viu a mesma coisa que os zombadores em volta, como eles não teve um milagre feito por Jesus ou em Jesus para ver, mas aquilo que provocou zombaria nos outros, a ele convenceu profundamente. Este paralelo misterioso de incredulidade e fé (cf. Jo 1.11,12) nos anima. Num piscar de olhos a incredulidade pode se tornar em fé. Por isso ninguém deve firmar-se em sua incredulidade, talvez estabelecendo condições como os líderes de Israel no v. 32, quanto ao que quer ver em um Messias. Pelo contrário, preste atenção no que Deus lhe mostra e deixe-se conduzir e convencer pelo Espírito de Deus. **O verdadeiramente** inicial, assim como “em verdade” (cf. 3.28n) pode ter um tom escatológico. Um impulso santo o faz proclamar um título tão radioso sobre um Jesus tão sem brilho.

Também falta à confissão o conteúdo pleno de depois da Páscoa. Para isto chama a atenção já a formulação, de que Jesus *era* o Filho de Deus. Mesmo assim, o comandante sem nome, semelhante à cortina rasgada do v. 38, encarna uma profecia em relação a pessoas de todos os povos confessando a Cristo. Ele é um adiantamento do cumprimento do Sl 22.27,28. Outras promessas também se cumprem aqui. Em 1.11 a condição de Jesus como Filho de Deus foi confirmada diante dele mesmo, em 9.7 dos seus íntimos, e aqui diante do mundo inteiro. Da mesma forma a confissão de Pedro de 8.29 tem seu eco aqui. Já ali Jesus a tinha vinculado ao seu sofrimento (v. 31). Aqui ela ressoou em face dos seus sofrimentos consumados. A veracidade deste Messias não pode ser reconhecida separada da vergonha que sofreu por nós.

#### *d. Testemunhas*

- 40 Um último grupo, que é mencionado com destaque e aparece mais uma vez, com pequenas mudanças no v. 47 e em 16.1, surge diante do leitor: **Estavam também ali algumas mulheres**. Bem no estilo da história de Natal ou de Pentecostes, Marcos apresenta as testemunhas (cf. Lc 2.8; At 2.5). Sempre há este acréscimo às ações de Deus: ele também convoca as testemunhas.

Quem é testemunha tem de dizer o nome: **Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago, o menor, e (a mãe) de José, e Salomé**. Estes dois pares de testemunhas (cf. 6.7) podiam garantir três dos quatro itens de fé básicos dos primeiros cristãos, em 1Co 15.3-5: Jesus Cristo morreu (v. 40), foi sepultado (v. 47) e ressuscitou (16.1), ficando o testemunho das aparições do ressuscitado novamente por conta do grupo dos doze (16.7). As mulheres tiveram de entrar como substitutas, porque as testemunhas que tinham sido convocadas para a Paixão (cf. 3.14) não compareceram. Esta solução é digna de nota e traz o carimbo da direção divina. Pessoas teriam tido uma outra idéia, já que as mulheres na Antigüidade não eram consideradas qualificadas para testemunhar (Blinzler, p 403). Por causa deste testemunho feminino, a igreja antiga teve de sentir o escárnio de Celso no século II (Blinzler, p 411).

A tarefa das mulheres limitou-se a ficar **observando** (cf. ainda v. 47 e 16.4), o que as diferenciou dos curiosos comuns, na linguagem dos evangelhos (*theorein*, ainda em Mt 28.1; Lc 24.37,39; Jo 20.6,12,14). O fato de elas observarem **de longe** não tem aqui o tom negativo de 14.54, mas corresponde à descrição feminina, já que os crucificados estavam pendurados nus ou seminus na viga. A aproximação dos familiares em Jo 19.25-27 foi um caso especial.

- 41 Para estas mulheres que serviam como testemunhas podem-se relacionar qualificações semelhantes àquelas estabelecidas mais tarde para os candidatos à eleição apostolar em At 1.21s. **As quais, quando Jesus estava na Galiléia, o acompanhavam e serviam; e, além destas, muitas outras que haviam subido com ele para Jerusalém**. Pelo fato de o terem seguido sem intervalos, elas podem testificar validamente quanto à identidade dele (Jo 15.27). Só posteriormente somos aqui informados que Jesus também tinha mulheres que o seguiam em sua atuação itinerante (Lc 8.1-3), o que aliás era

“uma atitude extremamente ofensiva, que deve ter dado motivos para mudar a posição da mulher na sociedade e na religião, na igreja e além dela” (Schürmann, Lukas, p 446; cf. Gl 3.28; At 1.14). Sobre “servir”, cf. 1.31.

O comandante e as mulheres se destacam positivamente dos outros grupos no Gólgota. Como as que confessam pertencer ao Messias crucificado, elas formam um grupo e são um tipo da composição da igreja. As mulheres representam os que serviam há tempo, que já tinham seguido o Senhor nas curvas do seu longo caminho e se entrelaçado com ele em incontáveis passos. O comandante, por sua vez, representa os crentes novos que, sem herança espiritual, de repente são separados da multidão de zombadores e agora são uma cabeça-de-ponte do evangelho neste mundo. Desta forma o crucificado atrai a si os seus de todas as direções (Jo 12.32).

## 16. O sepultamento de Jesus, 15.42-47

(Mt 27.57-61; Lc 23.50-56; Jo 19.38-42)

- Ao cair da tarde<sup>a</sup>, por<sup>b</sup> ser o dia da preparação<sup>c</sup>, isto é, a véspera do sábado, vindo José de<sup>d</sup> Arimatéia, ilustre<sup>e</sup> membro do Sinédrio<sup>f</sup>, que também esperava o reino de Deus, dirigiu-se resolutamente a Pilatos e pediu o corpo de Jesus.**
- 44 Mas Pilatos admirou-se de que ele já tivesse morrido. E, tendo chamado o centurião, perguntou-lhe se havia muito que morrera.**
- 45 Após certificar-se, pela informação do comandante, cedeu o corpo<sup>g</sup> a José. Este, baixando<sup>h</sup> o corpo da cruz, envolveu-o<sup>i</sup> em um lençol que comprara e o depositou em um túmulo que tinha sido aberto numa rocha; e rolou uma pedra para a entrada do túmulo.**
- 47 Ora, Maria Madalena e Maria, mãe de José, observaram<sup>j</sup> onde ele foi posto.**

*Em relação à tradução*

<sup>a</sup> *opsia* (cf. 1.32n) indica aqui, devido à indicação mais exata que segue, um momento ainda anterior ao pôr-do-sol.

<sup>b</sup> *epei*, originalmente uma conjunção temporal (“quando”), porém no NT sempre dando um motivo. A indicação da hora explica por que José tinha de agir logo, se não quisesse que o corpo de Jesus fosse carregado para a vala comum pública. Às 18 horas começava o sábado, e os judeus não corriam o risco de deixar um crucificado pendurado no sábado (*opr* 3), preferindo matar e enterrá-lo antes.

<sup>c</sup> Aqui somos informados no evangelho de Marcos sobre o dia da semana da morte de Jesus. Na sexta-feira à tarde, às três horas, toques de trombeta chamavam a atenção para os preparativos para o sábado.

<sup>d</sup> José não viera há pouco de Arimatéia (provavelmente Ramataim de 1Sm 1.1, situada no norte da Judéia na encosta da cadeia de montanhas, com vistas para o mar), antes, o local de origem servia de segundo nome porque o primeiro era muito comum.

<sup>e</sup> *euschemon* na verdade refere-se ao bom comportamento, de modo que Lc 23.50 explica: “bom e justo”. O termo, no entanto, também já foi encontrado como qualificação permanente de latifundiários abastados (Jeremias, Jerusalem, p 111,254), tanto que Mt 27.57 pode chamá-lo de “rico”. A tradução acima une os dois aspectos.

<sup>f</sup> Lit. “conselheiro”, mas Lc 23.51 parece pressupor que José não era membro de um conselho qualquer, mas do Conselho Superior, no qual fazia oposição. Então é muito provável (cf. 14.53) que o Conselho Superior não estivesse completo na reunião noturna, ou 14.64 (“E todos o julgaram réu de morte”) deve ser entendido como uma expressão arredondada.

<sup>g</sup> Aqui não está *soma* como no v. 43, mas o termo mais específico *ptoma* (ainda em 6.29), para cadáver. Isto pode ser um resquício de terminologia oficial. “Ceder” também (comprovado em escrituras de doações).

<sup>h</sup> Segundo Mt 27.58s, Pilatos mandou “entregar” ou devolver a José o corpo de Jesus, e este o “tomou” ou recebeu. Talvez os mortos já tivessem sido tirados das cruzes pelos soldados responsáveis para serem levados embora, ou os judeus tinham providenciado isso (At 13.29). José conseguiu liberar o corpo de Jesus no último momento. Nosso versículo, porém, não exclui que o próprio José *mandou* tirar o corpo de Jesus da cruz. Do mesmo modo geral também se pode dizer que foram os judeus que crucificaram Jesus (At 2.36 e outros lugares), quando o serviço foi feito pelos romanos.

<sup>i</sup> *eneilein*, na verdade “enfiar”. As mãos e os pés eram enfaixados, o corpo envolto em linho e o rosto amarrado com um sudário (Jo 11.44; 19.40; 20.5-7).

<sup>j</sup> Tempo imperfeito: Elas marcaram bem o lugar.

## *Observações preliminares*

1. *Contexto.* Este trecho tem claramente seu peso próprio. A favor disso falam a nova indicação de tempo, os nomes das testemunhas repetidos e o detalhamento. Ele gira em torno do segundo dos quatro itens básicos de fé em **1Co 15.3-5**: Jesus foi sepultado! Paulo acrescenta ali, no v. 11: “Assim pregamos”. Trata-se de um ensino comum a todos os cristãos. Os quatro evangelhos traçam o mesmo quadro, o que deveria nos prevenir contra colocarmos o retrato de José, fiel, corajoso e disposto a fazer sacrifícios, no centro da interpretação. Por que, porém, os primeiros cristãos estavam tão interessados no testemunho do enterro de Jesus, fazendo um relato tão amplo, em vez de passarem logo para a mensagem radiante da Páscoa? Por que dar tanta ênfase em um ponto evidentemente fraco? Preservando o fato de que Jesus foi sepultado e que, portanto, estava realmente morto, a igreja garantiu que a Páscoa fosse realmente uma suspensão da morte. O cadáver de Jesus de certa forma serviu de arma para Deus para atingir o mundo da morte no coração, ou como alavanca, que Deus colocou bem em baixo para tirar o último inimigo dos eixos. Visto deste ângulo, o anúncio do sepultamento combina com um evangelho que não facilita o seu trabalho aplaudindo vitórias baratas na superfície e deixando a humanidade sozinha nas profundezas.

2. *Sepultamento dos executados.* Os romanos deixavam pendurados na cruz os que tivessem morrido ali, para apodrecerem e serem esfaqueados por animais de rapina até ficarem só os ossos. Somente pela via da graça um corpo podia ser entregue para ser sepultado. Em termos de princípio, fazia parte da execução também a perda da honra na morte. No conceito judeu também o fim da vida ainda não era o fim do castigo. A condenação tinha efeitos para além da morte. Para os judeus, porém, a recusa do caixão ou do lençol e do túmulo era algo tão horrível que não faziam isso nem mesmo com o pior dos criminosos. “Consideramos nossa obrigação enterrar até os inimigos”, declarou o escritor judeu Josefo; “ninguém deve ficar sem ser sepultado além do tempo determinado, depois de sofrida a pena”. O “tempo determinado” se referia à prática de pendurar o corpo, depois da execução, pelas mãos no poste da vergonha, para intimidação pública – mas isto não podia passar do pôr-do-sol (**Dt 21.22,23**). Depois ele era sepultado, mas ainda não no túmulo da família, para não desonrar os antepassados crentes com a presença do indigno. Em vez disso, ele recebia um lugar no cemitério público. Só depois da decomposição a culpa era considerada expiada. Assim, os ossos eram transferidos um ano depois para o jazigo da família.

3. *Proibição de sepultamento no sábado.* Normalmente, portanto, o corpo de Jesus teria acabado no cemitério dos criminosos, e isto no mesmo dia, antes do início do sábado às 18 horas. Aos demais crucificados que ainda viviam eram quebrados os ossos das pernas com uma barra de ferro, causando a sua morte ainda na sexta, pois não conseguiam mais sustentar o corpo (**Jo 19.31-33**). Geralmente havia um conflito quando alguém morria muito perto do início do sábado, pois então o sepultamento estava proibido (**Bill. II, 53; IV, 593; Jo 19.31,42**). A seguinte história mostra como este preceito era levado a sério (em Haenchen, p 540): “Um homem que estava à beira da morte na sexta-feira disse aos seus familiares: ‘Eu sei muito bem por que vocês me fecham os olhos e tapam o nariz. Vocês não querem transgredir o sábado. Eu, por mim, também não quero, por isso podem continuar.’” – Com a pressão do tempo diante do sábado que logo iria começar, começa o nosso parágrafo.

**42,43 Ao cair da tarde, por ser o dia da preparação, isto é, a véspera do sábado, vindo José de Arimatéia.** Já era a sexta-feira à tarde depois das 3 horas, e às 6 começava o sábado. Com seu intento de antecipar-se ao transporte dos corpos para o cemitério dos criminosos, José tinha de apressar-se (opr 3).

Pode-se imaginar que este homem notável tinha mudado há pouco tempo para a cidade, pois ainda não possuía jazigo de família que já estivesse cheio dos ossos dos seus antepassados. Por isso ele tinha mandado esculpir na rocha em seu jardim um túmulo novo (**Mt 27.60; Lc 23.53; Jo 19.41; 20.15**). Uma instalação como essa indica riqueza, pois os pobres enterravam seus mortos na terra ou em cavernas naturais. Ele era um **ilustre membro do Sinédrio**, um aristocrata leigo. **Que também esperava o reino de Deus**, como os idosos Simeão e Ana em **Lc 2.25,38. Mt 27.57 e Jo 19.38** até o chamam de “discípulo”. Chama a atenção que em volta do Senhor ainda vivo só se viam discípulos fracassados, enquanto o Jesus morto suscita quem o confesse (v. 39), testemunhe (v. 40), e este seguidor que corre todos os riscos. Sepultar com honra o mestre falecido é realmente tarefa de discípulos (**6.29; At 8.2**). Ele assumiu a tarefa em nome dos doze e das mulheres, que não estavam em condições. **Dirigiu-se resolutamente a Pilatos e pediu o corpo de Jesus.** Com isto ele arriscou-se muito e se identificou claramente com Jesus.

Devemos ainda levar em conta que tocar um morto no sétimo dia tornava a pessoa impura (**Nm 19.11,12**), o que a excluía da celebração do sábado em seguida. Simbolicamente José abandonou seu povo antigo para integrar-se ao novo povo de Deus, que celebra a morte de Jesus como sua vida. Não que estivesse ciente deste sentido, mas sua ação sobrepujou sua noção.



- 44 Mas Pilatos admirou-se de que ele já tivesse morrido. E, tendo chamado o centurião, perguntou-lhe se havia muito,** ou seja, antes que as pernas fossem quebradas conforme Jo 19.31-33, **que morrerá.** Com isto a morte de Jesus foi constatada oficialmente pela autoridade mais elevada. Aos interesses dos primeiros cristãos isto se prestou muito bem (opr 1).
- 45 Após certificar-se, pela informação do comandante, cedeu o corpo a José.** O evangelho de Pedro, do século II, imagina que Pilatos agiu aqui como admirador de Jesus e amigo pessoal de José (2.3). Sua disposição, porém, explica-se pelo seu anti-semitismo notório (cf. opr 3 a 15.1-5). Agora ele podia vingar-se pela sentença de morte que fora obrigado a dar, pois a liberação do corpo de Jesus para um enterro digno ia diretamente contra os planos do Conselho Superior. Pilatos só precisou atender com gentileza fingida um pedido das próprias fileiras deles.
- 46 Este, baixando o corpo da cruz, envolveu-o em um lençol que comprara.** A menção repetida do material valioso recém-comprado, portanto ainda não usado (cf. 14.51n) mostra a reverência em relação a Jesus. O destaque dado ao túmulo caro e importante está na mesma linha. **E o depositou em um túmulo que tinha sido aberto numa rocha.** De acordo com os textos paralelos tratava-se de um lugar ainda puro, não profanado. Tudo proclama que o Deus que abandonara seu Filho na cruz, apesar de tudo se confessa em favor deste morto. Do madeiro maldito ele foi direto para o túmulo honroso – um ponto de exclamação que prenuncia a Páscoa. **E rolou uma pedra para a entrada do túmulo.** O momento em que a roda de pedra encaixou na sua posição (cf. 16.3) foi o ponto final da morte de Jesus. As honras extraordinárias tinham sido para Jesus *morto*.
- 47 Para este ponto final voltam-se os olharem atentos das testemunhas oculares** (cf. v. 40). Para poder prestar seu serviço de amor depois que passar o sábado (cf. 16.1), elas precisam saber em que lugar da instalação fúnebre ampla (cf. 16.5) o corpo de Jesus era colocado. **Ora, Maria Madalena e Maria, mãe de José, observaram onde ele foi posto.** Elas não imaginam que serão testemunhas do túmulo vazio, que com este ponto mais baixo do caminho de Jesus elas contemplam ao mesmo tempo o ponto de apoio a partir do qual Deus irá derrubar todo o sistema do mundo e exaltar Jesus. Elas ainda não suspeitam da ressurreição na Páscoa.

## 17. A mensagem de ressurreição do anjo na câmara mortuária vazia, 16.1-8

(Mt 28.1-8; Lc 23.56–24.12; Jo 20.1-13)

- Passado o sábado, Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago, e Salomé, compraram aromas<sup>a</sup> para irem embalsamá-lo.
- <sup>2</sup> **E, muito cedo, no primeiro dia<sup>b</sup> da semana<sup>c</sup>, ao despontar do sol, foram ao túmulo.**
- <sup>3</sup> **Diziam umas às outras: Quem nos removerá a pedra da entrada do túmulo?**
- E, olhando, viram que a pedra já estava removida; pois era muito grande.**
- Entrando no túmulo, viram um jovem assentado ao lado direito, vestido de branco<sup>d</sup>, e ficaram surpreendidas e atemorizadas.**
- Ele, porém, lhes disse: Não vos atemorizeis; buscais<sup>e</sup> a Jesus, o Nazareno, que foi crucificado; ele ressuscitou<sup>f</sup>, não está mais aqui; vede<sup>g</sup> o lugar onde o tinham posto.**
- Mas ide, dizei a seus discípulos e a Pedro que ele vai adiante de vós para a Galiléia; lá o vereis, como ele vos disse.**
- E, saindo elas, fugiram do sepulcro, porque estavam possuídas de temor e de assombro; e, de medo, nada disseram a ninguém.**

*Em relação à tradução*

<sup>a</sup> *aromata*, que significa não só perfumes ou temperos, mas também óleos cheirosos e resinosos. De acordo com Jo 19.29s, uma mistura de mirra e aloés. Eles eram colocados entre as faixas, mas também possivelmente espalhados pela câmara mortuária ou queimados (2Cr 16.14; 21.10; Jr 34.5). A unção dos mortos entre os judeus (Bill. II, 53) não tinha nada a ver com o costume egípcio de mumificação. Ela não era feita para evitar a decomposição, mas como homenagem especial (cf. a unção no banquete em 14.3-9). Uma unção como esta foi aplicada p ex ao rei Asa depois da sua morte (2Cr 16.14). Jacó e José, por outro lado, como morreram ainda no Egito, foram mumificados segundo o costume local (Gn 50.2,26).

<sup>b</sup> Esta indicação de tempo podia recordar já os primeiros leitores do dia de reunião dos cristãos (At 20.7; 1Co 16.2). Era o dia em que o Senhor tinha ressuscitado, o “Dia do Senhor” (Ap 1.10).

<sup>c</sup> Lit. “sábados”, mas pode ter o sentido de semana, assim como o singular (Lohse, ThWNT VII, 20).

<sup>d</sup> Lit. “vestido com uma túnica branca” (BJ); *stole* (túnica) é mais solene que *himation* e chama a atenção para a posição especial dos que a usam (cf. 12.38n). Aqui ainda pesa o branco da veste, em que não se pensa em uma cor uniforme, mas no caráter luminoso, como indicação de natureza celestial (cf. 9.3). A diferença deste ser com o jovem de 14.51 é palpável.

<sup>e</sup> “Buscar” aqui não é a investigação desinformada, pois as mulheres conheciam bem o lugar, mas o anseio em sentido mais geral (Greeven, ThWNT II, 895).

<sup>f</sup> Sobre *egeiresthai* e *anastenai* e sua tradução com o mesmo sentido, cf. 14.28n.

<sup>g</sup> O singular neste contexto levou a alterações em manuscritos posteriores. Mas isto indica a falta de compreensão da linguagem de Marcos (3.34n).

### Observações preliminares

1. *Contexto*. Não demos o título “O Túmulo Vazio” a este trecho (como Schniewind, parecido com Grundmann), assim como também não o resumiamos como “A Grande Pedra”, apesar de esta também receber grande destaque. O ponto culminante e central são os versículos 6 e 7, a mensagem divina da ressurreição. A narrativa é dominada pela distância maior que o céu entre as suposições humanas (v. 1-4) e a glória divina (v. 5-8). A mesma coisa pôde ser vista em relação aos sofrimentos de Cristo (8.33). Assim como a compreensão da cruz, a fé no ressurreto também é revelação pura.

2. *Destinatários*. Os que são ricos em termos religiosos sempre olharão com um pouco de estranheza quando se diz que, sem a Páscoa, seríamos os mais miseráveis de todos os seres humanos (1Co 15.14-19). Também os pequenos pecadores, que um bom cônjuge já pode mudar, ou às vezes a prisão consegue emendar, acham a afirmação um pouco exagerada. Mas aquele que sabe que seu futuro já era, talvez abra os olhos para a Páscoa. É que na Páscoa não é só Jesus que recebe vida nova, mas também Deus recebe um novo nome. Agora ele se chama “Aquele que ressuscita”. Todos os mortos e tudo o que está morto está desde então de modo especial ao seu alcance. Uma realidade mais elevada está presente e quer ser percebida e aceita. Mas será que não há em nós uma vontade muda que nos ordena que não entendamos nada? Não se coloca nossa afirmação própria miserável contra o poder absoluto e a graça de Deus? Neste parágrafo da Páscoa é preciso prestar bem atenção, tanto para aquilo que Deus quer ser para nós hoje em Cristo, como também para coisas ocultas dentro de nós, que nos fecham.

3. *Hipoteca oriental*. O ceticismo humano diante da Páscoa de Deus é compreensível e generalizado. Para nenhuma das primeiras testemunhas o ressuscitado veio como que por encomenda. Todos se fizeram de difíceis, cada um à sua maneira, tanto os antigos discípulos como os antigos inimigos (Tiago, Paulo). A espiritualidade oriental está sobrecarregada de dogmas específicos, que está tão distante do cientificismo com que gosta de envolver-se como o nascente está do poente. Segundo eles, um texto só pode edificar quando for destilada dele, pela evaporação de tudo o que é concreto, uma idéia pura, um princípio atemporal, uma fórmula universal. A ressurreição literal de Jesus, física e do túmulo é, neste caso, um pensamento muito rudimentar. O que é verdadeiramente divino deve estar livre do que é físico. Jesus só vive como realidade espiritual. Sua causa imperecível avança, sendo indiferente o que aconteceu com o seu corpo. Isto tudo soa patético, mas no fundo se conformou com a realidade brutal da morte, fez as pazes com as circunstâncias da morte. – A ressurreição meramente espiritual de Jesus é um monstro antigo, contra o qual 1Jo 1.1-3 já foi escrito. De acordo com Lc 24.37 o ressuscitado não era um “espírito”, ou um “demônio sem corpo”, segundo Inácio (a Esmirna 3.2). Os primeiros cristãos não se curvaram àquelas imposições do pensamento humano, mas conservaram-se abertos para a lógica divina. “Segundo as Escrituras” (1Co 15.4) “era necessário” (Mc 8.31) que Jesus ressuscitasse, e isto de modo tão físico como teve de sofrer e morrer fisicamente. Era “impossível” que sua carne experimentasse a decomposição (At 2.24-31). Por isso, tão logo os testemunhos dos primeiros cristãos se tornam mais detalhados, eles falam do túmulo vazio. Este também é o caso do nosso relato antigo. Ele conta com toda a sobriedade, com a impressão de fatos muito bem comprovados. Com que se parece a fantasia que passa dos limites, podemos ler p ex no evangelho apócrifo de Pedro (28-33,35-44).

4. *A Páscoa e a palavra da cruz*. Não vamos parar com o evangelho na cruz nem, por outro lado, esquecer a cruz de tanta Páscoa. Nossos oito versículos não têm a intenção de soterrar o testemunho extraordinário dos capítulos da Paixão, antes, torná-los inesquecíveis. Na Páscoa a manifestação de Deus no crucificado se tornou visível e foi eternizada. Deus ratificou a palavra da cruz, fazendo-a entrar em vigor. Um sinal disto também pode ser o tempo perfeito, com que se fala do crucificado no v. 6 (como também com Paulo em 1Co 2.2). Este tempo do verbo os gregos geralmente não usam para falar de coisas do passado, mas para expressar o efeito duradouro e a condição presente de um fato acontecido no passado (cf. Joh. Schneider, ThWNT VII, 582).

5. *O parágrafo como fim do livro*. Com bastante unanimidade a pesquisa recente retorna a uma posição muito antiga, de que nosso livro originalmente terminava em 16.8. Os argumentos a favor disto serão apresentados na opr a 16.9-20. Naturalmente é surpreendente que um evangelho termine com “e, de medo, nada disseram a ninguém”. Não se fala em aparições do ressuscitado, nos discípulos que vêm a crer? É muito compreensível que nos manuscritos os acréscimos se tornaram comuns. Por isso não prescindiremos do

adendo tão rico em conteúdo de 16.9-20 em nosso texto canônico, mas o comentaremos sem fazer distinção. Nem por isso, porém, abdicaremos do término original de Marcos em 16.8. Este teve várias interpretações:

a. Bornhäuser, em *Leidensgeschichte* (p 150ss), entendeu Marcos no sentido de que o medo das mulheres não excluiu sua alegria e louvor a Deus. A favor disto ele pode apontar para [Mc 2.12](#); [5.42](#); [Lc 5.26](#); [Fp 2.17](#). Por esta razão também ele insere no último versículo de Marcos o sentido dos textos paralelos de [Mt 28.8](#) e [Lc 24.9](#). Deve, porém, ser observado que Marcos não menciona a alegria delas; portanto, não volta a atenção do leitor para ela.

b. Pesch II, p 541 (cf. Gnllka II, p 345; Marti, p 252s) pensa sobre 16.8: “O ouvinte é convidado a deixar-se fascinar pela fé”. Conforme esta opinião, Marcos teria deixado seu relato intencionalmente sem encerramento, para empurrar o leitor na direção da presença de Jesus em sua própria vida. Disto os relatos de aparições no passado não devem distraí-lo. Mas isto são construções muito modernas.

Muitas vezes se diz que a fuga das mulheres combina com a longa série dos fracassos dos discípulos em todo o livro. Desta maneira o ser humano fica manifesto com toda sua fraqueza e culpa. Grande se torna somente Jesus Cristo. Só ele supera a incredulidade. Isto também estaria subentendido aqui no fim (Roloff, p 93; Hengel, em Pesch II, p 536; Mann, p 71). Mas assim fica sem resposta a pergunta por que Marcos não expressou isto com ajuda de uma história de aparição.

c. De acordo com Berger, em *Auferstehung* (p 135), faz parte do estilo das histórias de revelação que a testemunha menor (aqui as mulheres) não tem coragem de contar a revelação adiante, aos destinatários de posição mais elevada (aqui os discípulos) (p ex [1Sm 3.16](#)). Em sua humildade, portanto, elas teriam guardado silêncio sobre a mensagem do anjo. Bürgener, em *Auferstehung* (p 45), pensa que Marcos neste ponto capitulou diante da grandeza da tarefa e preferiu contar com o testemunho oral de Pedro, muito melhor. Outros ainda pressupõem que o túmulo vazio só tenha sido uma afirmação de um tempo posterior. Para explicar aos seus leitores por que somente agora estavam sendo informados disso, Marcos os remeteu ao silêncio das mulheres. Os intérpretes podem se desviar longe do sentido certo, mas esta verdade deprimente não nos dispensa uma tomada de posição pessoal.

6. *Relatos paralelos.* As narrativas sobre a Páscoa nos quatro evangelhos se distanciam umas das outras em não poucos pontos, e também não podem ser harmonizados sem mais nem menos. O que, porém, num primeiro momento fala contra a sua confiabilidade, na verdade se torna o seu sustentáculo. É evidente que não deparamos com a propaganda organizada de uma sede central, mas com uma tradição não enfeitada e bastante independente. Sentimos com muita clareza como todos ainda estão abalados, e ouvimos da boca de várias testemunhas a mensagem que em seu âmago é inequívoca: Jesus ressuscitou em pessoa! O mais tardar quando os quatro evangelhos foram reunidos (no começo do século II), redatores poderiam ter tornado tudo uniforme, sem contradições e pontos fracos. No entanto, conservou-se o respeito pelas testemunhas de primeira hora e manteve-se uma boa consciência na questão. Assim nos foi preservada uma tradição em cuja timidez hesitante temos o sabor do que é verídico.

- 1 Pela terceira vez as mulheres substituem os doze como testemunhas (cf. 15.40). Desta vez, por sinal, elas não são mencionadas só de passagem, mas logo no primeiro versículo, pois aqui elas não são somente espectadoras, mas pessoas que agem, com quem se fala e que recebem uma tarefa. “Pelo depoimento de duas ou três testemunhas, se estabelecerá o fato” (Dt 19.15), por isso também se relacionam três nomes aqui. **Passado o sábado, Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago, e Salomé, compraram aromas.** O dia de descanso terminava no sábado às 18 horas. Desde o sepultamento tinham passado pouco mais que 24 horas. O “terceiro dia” (cf. 8.31n) tinha começado, e elas poderiam ter pensado na predição de Jesus quanto à sua ressurreição. Mas as mulheres passaram ao largo disso. Enquanto elas, neste “grande sábado” (Jo 19.31), “descansaram, segundo o mandamento” (Lc 23.56), não pensavam em outra coisa do que no seu intento de prestar a última homenagem a Jesus morto. Assim que, com o pôr-do-sol, começava o movimento do dia-a-dia, elas fizeram todas as compras, **para**, logo na manhã seguinte, **irem embalsamá-lo**. De acordo com 15.42, José conseguira comprar o linho ainda *antes* do começo do sábado e, de acordo com Jo 19.39,40, espalhou mirra e aloés entre as bandagens. As mulheres queriam fazer algo como se nós ainda fôssemos colocar posteriormente uma coroa de flores sobre um túmulo (cf. v. 1n). É claro que sua homenagem ao morto expressaria ao mesmo tempo a morte da sua fé. Não há como falar de prontidão para a ressurreição do Senhor, que poderia ter criado expectativas para possíveis aparições.
- 2 Uma mudança no tempo do verbo aumenta a expectativa. **E, muito cedo, no primeiro dia da semana**, que, para elas, apesar da predição de 8.33, não passava de um domingo de finados, **foram ao túmulo**, cuja localização elas sabiam bem, segundo 15.47. Uma segunda indicação de tempo específica: **ao despontar do sol**. Em todo caso devemos pensar em uma hora anterior às 6. O leitor sabe que o Senhor já vivia de novo. As mulheres, porém, estavam dominadas por pensamentos

totalmente ultrapassados e inúteis. Com toda a luz do sol, elas se movimentam no reino das sombras da morte. Suas ofertas e sua organização, seu planejamento e suas conversas, sua pressa e sua corrida ainda estão a serviço do sistema da morte.

- 3 **Diziam umas às outras: Quem nos removerá a pedra da entrada do túmulo?** Para impedir a entrada de ladrões ou hienas, os jazigos eram fechados com rochas circulares do tamanho de uma roda de carroça, que eram roladas do lado para tapar a entrada. Elas corriam por uma vala inclinada contra uma parede de rocha. Nosso versículo deixa transparecer a situação interior das mulheres. Sua boa intenção estava em conflito com a percepção de que ela não tinha sentido. Com as palavras “rolar para a entrada” (15.46) e “remover” (v. 3,4), esta rocha cresce para elas como uma avalanche que parece vir diretamente na direção delas. Ela entope exatamente a pequena abertura que elas tinham para ver o sol. A escuridão sepulcral que, no pensamento delas, domina sobre Jesus atrás da pedra, ameaça devorar também a elas. Em outro sentido a pergunta delas é boa; elas não perguntam: Como *nós* removeremos, mas: Quem o fará por nós? O Todo-Poderoso respondeu com sua ajuda, e elas só precisaram olhar (a partir do v. 4, quatro verbos traduzidos por “ver”).
- 4 **E, olhando, viram.** Esta expressão pode indicar de modo realista como as mulheres, que vinham olhando tristes para o chão, de repente levantam as cabeças. O estilo, porém, também lembra a expressão solene “erguer os olhos” na antiga linguagem bíblica, como introdução para experiências sobrenaturais (Gn 18.2; 22.4,13; Êx 14.10; Js 5.13; Jz 19.17; Dn 8.3). Elas viram **que a pedra já estava removida**. O olhar passa mais uma vez sobre o “inimigo” derrotado: **pois era muito grande**.
- 5 **Entrando no túmulo.** As escavações fornecem uma descrição completa de instalações como esta (Kroll, p 391ss). Na encosta rochosa fora esculpido um corredor aberto com degraus descendentes. Em baixo uma abertura pequena (Lc 24.12) levava a uma ante-sala cúbica com bancos nos lados. A esta sala seguia a câmara mortuária em si, em nível mais baixo. A partir dela haviam sido cavadas em várias direções oito ou nove galerias em que os corpos podiam ser enfiados (“túmulos de gaveta”). À direita e à esquerda da entrada havia mais bancos debaixo de abóbadas, em que também se podiam sepultar mortos (“túmulo de banco”). Pelas indicações dos evangelhos o corpo de Jesus parece ter sido colocado sobre um destes bancos à direita (especialmente segundo Jo 20.5-7,12). As mulheres, portanto, tinham passado pela segunda abertura e **viram um jovem assentado ao lado direito, vestido de branco**. O simples fato de que havia alguém ali teria dado um susto nas mulheres. Aqui, porém, o que lhes deu medo foi um ser de luz, que irradiava brilho celeste e proximidade de Deus à primeira vista. **E ficaram surpreendidas e atemorizadas**. É sempre um sinal de autenticidade quando uma pessoa perde todo o apoio no encontro com Deus. A posição sentada do anjo sublinha sua autoridade.
- 6 **Ele, porém, lhes disse: Não vos atemorizeis!** É verdade que existe um temor desejado por Deus; aos atrevidos se diz: Temei a Deus! Porém Deus não quer o temor que vem de corações que são pequenos demais para o grande bem que Deus pode e quer fazer. Por isso há em numerosas revelações de Deus a exortação inicial: Não temais! Em seguida o anjo deixa claro que sua mensagem trata da mesma pessoa com que elas estão preocupadas: **Buscais a Jesus**. E ele esclarece: **o Nazareno**. E, como que para dirimir uma última dúvida: **que foi crucificado!** Não se desvia da realidade da morte terrível, no abandono de Deus. Um equívoco está fora de cogitação. As mulheres estavam na câmara mortuária correta, em questão estava realmente Jesus, cujo corpo elas esperavam encontrar.

O que segue forma uma só palavra em grego: **Ele ressuscitou! Não está mais aqui**. A série de informações com que toda biografia humana termina: morreu, foi sepultado, apodreceu e, talvez, ainda tenha recebido romarias em seu túmulo, no caso de Jesus é interrompida radicalmente. É verdade que o túmulo ainda foi uma realidade para ele, mas não a decomposição. Seu corpo desceu para baixo da terra, nas não se transformou em terra. As romarias que já principiavam caíram fora. Carpideiras retornam como mensageiras da alegria (cf. v. 10).

Se perguntarmos pelo sentido espiritual, a Páscoa é em primeiro lugar a impugnação da impugnação de Jesus. No Gólgota, é bem verdade, o escárnio e o triunfo do mal se esbaldaram. Jesus orou e gritou. O céu silenciou, nenhum Elias ou anjo apareceu. Jesus parecia refutado. E Deus não podia interferir, tinha de sofrer junto, pois se identificava com o sacrifício do seu Filho. Mas depois que este sacrifício fora feito, de forma alguma a identificação de Deus com este sepultado podia faltar. Com a ressurreição de Jesus, Deus validou seu amor. Isto não deve ser entendido em sentido muito limitado. Com a ressurreição de Jesus, ressuscitaram também todas as suas palavras, vocações

e poderes milagrosos, sua missão e autoridade. Por causa desta ressurreição, toda a vida terrena de Jesus vale a pena ser contada. Por isso cada linha dos evangelhos transpira a Páscoa. Tudo isto vive e está presente, hoje em dia como naquela época.

Mais uma vez, Jesus não leva simplesmente sua vida adiante, como talvez Lázaro depois de ser ressuscitado. A vivificação de Jesus foi ao mesmo tempo uma exaltação para uma nova maneira de ser e de atuar. Esta existência em uma ordem superior é definida melhor pelos próximos versículos.

Em seguida lemos, de certa forma como em Lc 2.12: E isto vos servirá de sinal! Em nosso caso: **Vede o lugar onde o tinham posto!** Somente agora os olhos se voltam para o túmulo vazio.

Conforme Jo 20.4-8, ele não estava totalmente vazio – isto só teria indicado um roubo do corpo – mas estavam ali em ordem peculiar as bandagens curvas, endurecidas pelo óleo resinoso, com o sudário ao lado. É isto que se queria que as mulheres contemplassem (sobre o “vede” enfático, cf. 3.34n). Disto elas eram testemunhas oculares: O túmulo não fora saqueado, mas o corpo também não estava ali. Para além disso, porém, nenhum olhar humano passou. O processo de como o corpo se tornou no Senhor vivo, deixando para trás as faixas e a câmara mortuária, ficou sem testemunhas. Ficou oculto no *passivum divinum* (cf. 2.5) da mensagem do anjo: “Ele foi ressuscitado!” Por isso a ressurreição de Jesus jamais pode ser explicada, mas continua sendo algo “maravilhoso aos nossos olhos” (Sl 118.23).

Observemos a ordem divina. No centro não está o túmulo vazio, acompanhado de um anjo intérprete para explicá-lo. É o contrário. O mais importante é a palavra divina de revelação, que desperta a fé. Nos mesmos termos argumenta também Paulo em 1Co 15.4: “Ressuscitou *segundo as Escrituras*”. Jesus contesta todos os que negam a ressurreição: “Não provém o vosso erro de não conhecerdes as Escrituras, nem o poder de Deus?” (12.24). Portanto, a fé surge da palavra de Deus. Deus, porém, sempre faz sua mensagem ser acompanhada de sinais auxiliares. O sinal do túmulo vazio nos impede de esquartejar a ressurreição de Jesus na subjetividade humana, ou seja, entendê-la como realidade somente da experiência interior. A Páscoa não é real somente primeiro em nossa fé, mas já antes, em vista de todas as dúvidas e para todo o mundo incrédulo. O túmulo vazio supre a moldura objetiva da ressurreição de Jesus, acessível a todos, tão acessível como a realidade da crucificação (cf. K. Barth, III/2, p 553).

- 7 **Mas ide.** Que as mulheres tinham de abandonar o túmulo para informar os discípulos era óbvio. Como tiveram de ser incentivadas a fazê-lo, trata-se de uma fórmula de liberação como 1.44; 5.34; 6.38; 7.29; 10.21,52. **Dizei a seus discípulos e a Pedro.** A expressão “seus discípulos”, que antes aparecera em todos os capítulos, foi usada pela última vez em 14.32. Desde 14.72, depois de uma vala larga de 53 versículos, é a primeira vez que se fala deles. Assim, com a Páscoa reaviva-se um dos temas principais do livro. Os discípulos nenhuma vez estiveram depostos, mas tinham sido substituídos temporariamente pelas mulheres (cf. 15.40). Agora, para testemunhar as aparições, as mulheres deveriam passar o bastão de volta para os doze. Jesus queria retomar a relação com eles. Pedro era, como sempre, o representante especial deles.

Pelo visto, pensa-se aqui em 14.27,28. **Ele vai adiante de vós para a Galiléia** (cf. 14.27s). O tempo sem pastor passou. O Senhor que foi morto, mas que com sua morte e ressurreição foi confirmado como pastor verdadeiro, voltará a reunir o seu rebanho. Depois que o prenúncio do fracasso deles se cumpriu, a promessa de fidelidade dele também deverá ser concretizada. A palavra-chave “Galiléia” conserva a relação da comunidade renovada com a anterior. A nova recoloca em vigor a antiga com todos os seus conteúdos. Todo o ensino dos discípulos conserva sua validade (cf. Mt 28.20). Senão ele não teria sido transmitido com tantas minúcias. Em outro sentido, porém, agora existe uma maneira bem diferente de seguir Jesus. Exteriormente ela corre em direção contrária à anterior. A direção anterior da Galiléia para Jerusalém é invertida. Básico agora é o “para fora” de 16.15; Mt 28.19, ou seja, a opção pelos pagãos. Além disso, Jesus não andarás mais visivelmente à frente deles. Só a ordem do ressuscitado vai à frente deles.

Uma outra frase conduz para o centro do novo. Antes da Páscoa, Jesus não podia levar os discípulos para além de um certo ponto. No limiar dos seus sofrimentos ele tinha de deixá-los sozinhos com o anúncio do fracasso inapelável deles. Agora ele tem autoridade para levá-los adiante: **Lá o vereis, como ele vos disse.** “Ver o Senhor” equivale à vocação pela graça (cf. Is 6.1). Jesus não está se mostrando a eles como um objeto neutro a ser admirado, mas como o Senhor deles sobre pecado, morte e diabo. Por isso as histórias das aparições, em seu sentido básico, são histórias de conversão e envio. Ver o Senhor depois de infidelidade, desespero, incredulidade e dureza de



coração, significa ficar indizivelmente alegre. “Ele vive!” sempre significa também: nós também podemos viver e podemos apascentar novamente os cordeirinhos de Jesus (Jo 21.15). Assim, a ressurreição de Jesus continha a ressurreição e preservação do grupo dos discípulos.

- 8 **E, saindo elas, fugiram do sepulcro.** Em primeiro lugar deve ser dito que esta fuga nada tem em comum com a fuga dos discípulos em 14.50. Lá os discípulos queriam se esconder, mas estas mulheres atenderam à sua missão. O fato de saírem correndo da câmara mortuária se explica pela condição em que se encontravam: **Porque estavam possuídas de temor e de assombro.** Nossa surpresa diante disto pode estar relacionada com nosso embotamento quanto à mensagem da Páscoa. Nós festejamos a Páscoa todos os anos. Imperturbáveis tiramos da gaveta a liturgia que já estava pronta para isso. Estas mulheres, porém, não tinham experiência na área. A Páscoa simplesmente as derrubou. Encontraram no túmulo algo totalmente diferente do que tinham ido “buscar” (v. 6).

O próprio retorno à vida de um morto era algo de dar pavor, naquele tempo como hoje em dia (Lc 7.16). Em grau incomparavelmente maior isto valia para este crucificado, que mantivera até o último suspiro sua reivindicação messiânica – era um evento realmente “revolucionário” (v. 4). O próprio anúncio disto em 9.32; 10.32 foi respondido com temor. No caso de Jesus, Deus não estava adiando a morte por mais alguns aninhos, mas interferiu na *lei* da morte, tirando dela a última palavra. Nisto se enganaram Pilatos, Caifás e todos nós que organizamos nossos alvos com cuidado, levando a morte em conta. Jesus não ficou morto, nosso próximo um dia não ficará morto, nós mesmos não ficaremos mortos. Tudo perdeu sua segurança e Deus ficou como algo terrivelmente certo (sobre o temor de Deus cf. 4.41; 5.33-42).

Naturalmente as mulheres não tinham a cabeça cheia de teologia, mas pelo menos o que importava, o que revolucionava tudo, elas tinham entendido. As cinco referências ao medo a partir do v. 5 mostram isto. De forma alguma quis Marcos retratar a desobediência delas aqui, mas sua obediência de fé. **E nada disseram a ninguém.** “Não dizer nada a ninguém” aparece literalmente também em 1.44. Jesus não queria que o homem que fora curado desandasse a falar ou missionar, mas fosse ao sacerdote como lhe fora dito e desse ali o seu relatório. “Ninguém”, portanto, deve ser entendido em seu contexto e não em termos absolutos (p ex 5.43; 7.36; 8.30; 9.9). Também em nossa passagem seguimos o fio de meada da narrativa. As mulheres obedeceram direitinho. Nada lhes fora ordenado além de notificar os doze, e elas não se deixam desviar para o anúncio generalizado pelas ruas e praças, no templo ou em casa.

A pregação a todos será tarefa dos doze. Deste modo, as mulheres formam um contraste com as muitas transgressões da ordem de guardar silêncio no evangelho de Marcos. Elas eram um espelho limpo da sua tarefa.

O que as enquadrrou nesta disciplina santa é logo explicado: foi **de medo**. É uma crítica sem sentido criticar o livro por terminar com um profundo temor de Deus, na comoção do acontecimento inaudito: Deus, em sua graça inexplicável, transformou em pedra angular aquele cuja causa parecera estar tão perdida e que judeus, pagãos e discípulos tinham rejeitado de modo tão unânime (12.10). Isto é um milagre diante dos nossos olhos, “o evangelho de Jesus Cristo” (1.1).

Em retrospectiva damos lugar à surpresa por Marcos levar seu “evangelho” somente até a manhã da Páscoa, portanto, abrangendo somente “morto, sepultado e ressuscitado”. Segundo Paulo, não fazem parte dele p ex também as aparições (1Co 15.3-5)? Sim e não. Os dois pontos de vista têm seus motivos e, portanto, também seus defensores.

A base programática deste evangelho mais antigo são as predições de Jesus em 8.31; 9.31; 10.34. Ali as aparições ficam fora. Elas pertencem, como explicamos no v. 7b, mais à eclesiologia que à cristologia, ou seja, mais aos efeitos do evangelho para os discípulos que à atuação de Deus em seu Filho. Em contraste, Paulo, Mateus, Lucas e João levam em conta que as aparições não foram duradouras e por isso não podem ser incluídas entre a história e o ensino “normal” da igreja. Eles ainda estão lidando com as bases da igreja, não com sua continuidade. Por isso essas testemunhas fazem a divisão diferente e alinham as histórias das aparições ainda com a literatura das bases, que são os evangelhos.

Esta posição impôs-se nas décadas seguintes à solução antiga de Marcos e obteve a supremacia. No sentido deste desenvolvimento, este evangelho mais antigo acabou recebendo no século II um adendo baseado em fontes antigas, que incluiu as aparições (16.9-20). Não se deve ver nisto uma correção de Marcos. Sua obra foi preservada intacta e era para ser respeitada em sua apresentação

original. Mas um adendo como este tornava-a ao mesmo tempo útil para a instrução que se tornara costume nas igrejas.

### Adendo: A formação e difusão da fé pelo Senhor exaltado, 16.9-20

(Os textos paralelos estão relacionados na opr 4)

- <sup>9</sup> Havendo ele ressuscitado de manhã cedo no primeiro<sup>a</sup> dia da semana, apareceu<sup>b</sup> primeiro a Maria Madalena, da<sup>c</sup> qual expelira sete demônios.  
E, partindo ela<sup>d</sup>, foi<sup>e</sup> anunciá-lo<sup>f</sup> àqueles que, tendo sido companheiros de Jesus, se achavam tristes e choravam.  
<sup>11</sup> Estes, ouvindo que ele vivia<sup>g</sup> e que fora visto por ela, não acreditaram<sup>h</sup>.  
<sup>12</sup> Depois<sup>i</sup> disto, manifestou-se em outra forma a dois deles que estavam de caminho<sup>j</sup> para o campo<sup>l</sup>.  
<sup>13</sup> E, indo, eles o anunciaram aos demais, mas também a estes dois eles não deram crédito.  
<sup>14</sup> Finalmente<sup>m</sup>, apareceu Jesus aos onze, quando estavam à mesa, e censurou-lhes a incredulidade e dureza de coração, porque não deram crédito aos que o tinham visto já ressuscitado.  
E disse-lhes: Ide por todo o mundo<sup>n</sup> e pregai o evangelho a toda criatura<sup>o</sup>.  
Quem crer e for batizado<sup>p</sup> será salvo; quem, porém, não crer será condenado.  
Estes sinais hão de acompanhar<sup>q</sup> aqueles que crêem: em meu nome, expelirão demônios; falarão novas línguas;  
pegarão<sup>r</sup> em serpentes; e, se alguma coisa mortífera beberem, não lhes fará mal; se impuserem as mãos sobre enfermos, eles ficarão curados.  
De fato, o Senhor Jesus<sup>s</sup>, depois de lhes ter falado, foi recebido<sup>t</sup> no céu e assentou-se à destra de Deus.  
E eles, tendo partido, pregaram em toda parte, cooperando com eles o Senhor e confirmando<sup>u</sup> a palavra por meio de sinais, que se seguiam<sup>v</sup>.

#### Em relação à tradução

- <sup>a</sup> A terminologia aqui é grega (numeral ordinal), diferente da semita em 16.2 (cardinal).  
<sup>b</sup> *phainesthai* para aparição da Páscoa só aqui no NT.  
<sup>c</sup> *para* (a partir de), em vez de *ek* (de dentro de), como em casos semelhantes em Mc: 1.25; 5.8; 7.29; 9.25.  
<sup>d</sup> O pronome demonstrativo *ekeine*, atenuado como pronome pessoal, lembra o uso no evangelho de João, e aqui logo quatro vezes.  
<sup>e</sup> O simples *poreuesthai* (sem prefixo) falta em Marcos, fora deste lugar. Ele prefere usar o mais popular *hypagein* (há pouco no v. 7; ao todo 15 vezes). O *poreuesthai* aqui e ainda nos v. 12 e 15 é palavra preferencial do culto - Lucas (89 vezes)!  
<sup>f</sup> *apangellein* com o sentido pleno de proclamar descreve o testemunho da Páscoa também em Mt 28.8,10; Lc 24.9; Jo 20.18. Marcos só o tem em 5.14 com o sentido atenuado de “anunciar”.  
<sup>g</sup> Nos evangelhos só ainda em Lc 24.5,23.  
<sup>h</sup> *apistein* (ainda no v. 16) só mais em Lc 24.11,41. É mais pesado que “não dar crédito” (v. 13s) porque pressupõe a rejeição de uma mensagem, enquanto “não dar crédito” também pode ser justificado porque alguém ainda não foi alcançado pela mensagem.  
<sup>i</sup> *meta tauta* não é usado em outro lugar do evangelho de Marcos, mas é comum nos escritos de Lucas e de João.  
<sup>j</sup> *peripatein* neste sentido também em Lc 24.17.  
<sup>l</sup> Sobre *agros* neste sentido cf. 15.21n.  
<sup>m</sup> O comparativo *hysteron* substitui aqui o superlativo (Bl-Debr, § 62.2).  
<sup>n</sup> *eis ton kosmon hapanta*; Marcos escreve em 14.9 no mesmo contexto *eis holon ton kosmon*.  
<sup>o</sup> Aqui, pelo contexto, “criatura” refere-se ao destinatário da proclamação, portanto, da criatura humana (cf. Cl 1.23). A expressão é freqüente no judaísmo e na LXX, mas incomum para os gregos.  
<sup>p</sup> Voz passiva média: acontece algo com a pessoa, mas para o que esta tomou a iniciativa.  
<sup>q</sup> *parakolouthēin* tem aqui seu sentido original: andar ao lado de algo, seguir.  
<sup>r</sup> *hairein* tem um sentido duplo: levantar, mas também levar embora, eliminar matando (cf. Jo 1.29).

- <sup>s</sup> “Senhor Jesus” (cf. ainda no v. 20 “o Senhor”), só aqui nos evangelhos, mas freqüente em Paulo.
- <sup>t</sup> *analambanesthai* tem relação estreita com a literatura lucana: Lc 9.51; At 1.2,11,22.
- <sup>u</sup> *bebaioun*, da terminologia judicial: fazer valer algo que tem validade (cf. 1Co 1.6; Rm 15.8; Hb 2.3,4).
- <sup>v</sup> *epakolouthein*: o prefixo reforça a idéia de ligação estreita. Alguém pisa nas pegadas de outro; cf. 1Pe 2.21; 1Tm 5.10,24.

### Observações preliminares

1. *Existência nos manuscritos.* Para este trecho existe uma tradição segundo a qual Aristion, um companheiro do apóstolo João, o redigiu depois do ano 100. Mais tarde os doze versículos foram anexados ao evangelho de Marcos. Hoje em dia a maioria das edições da Bíblia e dos exegetas se aliam a este ponto de vista, mas já a Bíblia de Elberfeld, de 1891, pôs o trecho entre colchetes. Também Fritz Rienecker, o primeiro que comentou o evangelho de Marcos nesta série (1955), deu atenção às “dificuldades” nos manuscritos. Quando ele, por causa de várias suposições, achou com hesitação que poderia aceitar a redação também dos versículos 9-20 por Marcos – é claro que em data posterior – ele não o fez sem conceder expressamente: “[...] Para a nossa vida de fé – seja qual for a resposta – os versículos 9-20 são palavra de Deus como todos os outros versículos da Escritura, pois estão em nosso NT. Que isto seja dito bem claramente neste ponto” (p 27).

Para a tomada de uma posição, além do vocabulário (opr 2) e da linha de pensamento (opr 3) pesam principalmente os manuscritos descobertos. K. Aland os revisou mais uma vez em 1974 de modo abrangente, em seu artigo “A Conclusão do Evangelho de Marcos” (cf. também Pesch I, 41-44). Nós temos o livro, em partes ou completo, em mais ou menos 1.800 manuscritos gregos. Elas parecem formar um quadro unânime, pois 99% deles contém os v. 9-20. Olhando com atenção, porém, esta unanimidade desmorona. Depois de 16.8 reina uma confusão total, pois surgem seis continuções diferentes. Três adendos diferentes se destacam, que foram acrescentados isolados ou em combinações depois do v. 8. Dois destes não entraram em nosso cânon, que são o chamado “fim mais curto de Marcos” e o *logion* de Freer. O terceiro trecho, porém, chamado de “fim longo de Marcos”, que forma os v. 9-20, era tão valioso e adquiriu tal reconhecimento que acabou se impondo de modo generalizado, entrou na grande maioria dos manuscritos medievais e até hoje representa a forma normal aceita pela igreja. Temos quatro razões principais, porém, para dizer que o evangelho de Marcos a princípio se espalhou sem qualquer um destes três adendos:

a. Exatamente nossos dois manuscritos completos mais antigos (*Códice do Vaticano* (B) e *Códice Sinaítico* ( ), do século IV) terminam depois de 16.8 especificamente com um sinal final. Como se trata de Bíblias oficiais de igrejas, eles não podem ser colocados de lado como versões paralelas. Já se pensou que os dois copistas tivessem omitido os doze versículos intencionalmente, por se incomodarem com a indicação dos sinais que acompanham, nos v. 17,18 e 20. Mas então, por que cortar já a partir do v. 9? E, neste caso, não deveriam ter cortado muito mais no NT?

b. Eusébio, Pai da Igreja que escreveu no início do século IV, confirma: “Este trecho não se encontra nos manuscritos antigos do evangelho de Marcos; os manuscritos exatos encerram este evangelho [...]; neste lugar do texto está em quase todos os manuscritos do evangelho de Marcos a observação: Fim. O que é escrito depois disto, encontra-se só raras vezes em alguns, mas não em todos.” Cem anos depois, o Pai da Igreja Jerônimo, que Agostinho na época disse que era de longe o melhor conhecedor dos manuscritos, escreve sobre os v. 9-20: “Este trecho se encontra em algumas poucas cópias, e quase todos os manuscritos gregos não têm esta conclusão” (citações em Rienecker, p 26s). Os dois Pais da Igreja, portanto, conhecem bem os v. 9-20, mas ainda estão diante de porcentagens inversas às nossas. Somente a partir do século V os v. 9-20 começam a se impor. Mesmo então, muitos manuscritos ainda registram os versículos expressamente como adendo, separado do v. 8 por um asterisco ou sinal, muitas vezes também por uma observação que lembra que outros manuscritos dão o livro por encerrado neste lugar.

c. Numerosas traduções antigas (antiga latina, siríaca, armênia, geórgia e copta) encerram o evangelho igualmente em 16.8 – uma confirmação de que o *Códice Sinaítico* ( ) e o *Códice do Vaticano* (B) representam a situação dominante no princípio.

d. Por último, também até um apoio para o fim em 16.8 do século I, que são Mateus e Lucas. Ambos utilizaram o evangelho de Marcos até 16.8, e até ali andam juntos em sua estrutura. A partir dali seus relatos se separam, um indício de que o evangelho de Marcos que *eles* tinham terminava em 16.8.

Sob estas circunstâncias, não precisamos participar das especulações variadas sobre uma “interrupção” depois de 16.8 (por morte, doença, perseguição, disciplina eclesiástica, perda da última página, corte intencional de uma continuação considerada problemática).

2. *Vocabulário.* As pesquisas de Morgenthaler (p 58s) confirmam de modo impressionante o que se descobriu com os manuscritos. Das 92 palavras usadas nos v. 9-20, nem uma faz parte das palavras preferidas de Marcos, sendo que 16 nem são usadas por ele. As notas à tradução trazem alguns exemplos. Os doze versículos não têm nenhuma frase começando com “e”, que são tão típicas de Marcos, e logo seis que começam com “mas”, raras vezes usadas por Marcos.

3. *Novo início.* Se o v. 8 era convincente como encerramento satisfatório, uma continuação no sentido estrito também não se fazia necessária. Realmente, os v. 9-20 não se apresentam como tais. Sem retomar o fio da meada do v. 8, o v. 9 começa de novo com um momento mais atrás no tempo (v. 2). Maria é apresentada como se fosse um personagem novo. O v. 11 pressupõe que ela tenha visto Jesus, o que o trecho de 1-8 não relatou. Apesar de várias mulheres terem sido encarregadas do testemunho da Páscoa no v. 7, somente a comunicação de Maria está em vista aqui. Por outro lado, o que o leitor esperaria depois do v. 8, uma aparição na Galiléia, não vem. Assim, falta a ligação direta dos doze versículos com 1-8. Eles subsistiam independentes, mas foram acrescentados aqui porque os interessados estavam certos de que eles eram úteis (cf. v. 8 no fim).

4. *Independência.* Há muito se descobriu que nosso trecho tem pontos de contato com as narrativas da Páscoa dos outros evangelhos:

v. 9-11: Lc 24.9-11; Jo 20.1,11-20

v. 12,13: Lc 24.13-35

v. 14: Lc 24.36-43; At 1.4

v. 15,16: Lc 24.47; Mt 28.18,19

v. 19: Lc 9.51; 24.51; At 1.2,9-11,22

Aliás, a comparação mostra que o redator não costurou o material dos outros evangelhos, assim como mais tarde se confeccionaram harmonias dos evangelhos (contra Schniewind e Schweizer, com Pesch II, p 544s). Senão, poderíamos cortar os versículos como repetição pobre. A ordem missionária nos v. 15s, porém, mostra detalhes bem próprios, em comparação com Mt 28.19. Em Mateus a pregação do evangelho em si está em segundo plano, atrás do seu objetivo, que é ganhar pessoas de todos os povos e integrá-las no povo de Deus. Em Marcos o peso está no encargo de pregar e na resposta do ouvinte, junto com suas consequências eternas. As instruções sobre o batismo e sua administração ao crente são pressupostos e não mencionados expressamente.

Evidentemente o autor de Mc 16.9-20 dispunha de acessos independentes à tradição apostólica de Jesus. Assim como Paulo tinha acesso a trechos no estilo dos evangelhos (p ex 1Co 11.23-25; 15.3-7), independente dos evangelhos, que ainda não tinham sido escritos, é evidente que isto também era possível depois que eles foram escritos. Até no século II a tradição antiga de Jesus existiu paralela às grandes coletâneas, e tinha exclusividades a oferecer. Uma tal contribuição com seu próprio valor é que temos aqui. Infelizmente este valor próprio nem sempre foi reconhecido. P. Wendland pôde falar aqui de um “extrato que deixa a desejar” dos outros evangelhos (Urchristliche Literaturformen, p 216). M. Barth achou que nosso trecho “de forma alguma pode [...] ser considerado em pé de igualdade com outros relatos do NT sobre as aparições de Jesus Cristo” (Augenzeuge, p 165). Também Schlatter pensou: “Não está mais bem à altura do que nos contam Mateus e Marcos” (Erläuterungen, p 128). O comentário precisa mostrar se estas opiniões estão certas.

5. *Propósito.* Já a palavra-chave “fê”, em suas várias formas (sete vezes nos v. 11,13,14,16,17) dá uma impressão uniforme e indica uma linha de pensamento. A estrutura também aponta para um objetivo. Primeiro são relacionadas de maneira condensada três aparições (v. 9-14). Nestas, o interesse está na reação dos discípulos: “primeiro” no v. 9, “depois disto” no v. 12, “finalmente” no v. 14. A incredulidade deles aumenta a ponto de desesperarem, quer primeiro *uma* pessoa pode ver o Senhor e depois duas e depois eles todos, quer apareça ele em uma ou outra aparência. De fato, a idéia é que eles creiam em algo que é inacreditável. Não se conta algo aqui para nos fazer menear a cabeça, mas para deixar claro que a fé remonta à ação do próprio Senhor. Em discurso detalhado e como ponto culminante, então, o encargo missionário é dado aos discípulos emendados (v. 15-19). Um olhar de relance sobre o trabalho missionário subsequente até a época do redator encerra o trecho (v. 20). Não há nada aqui fora do contexto (contra Schmid, p 311).

O objetivo central é mais ou menos o mesmo daquilo que Lucas expôs em grande estilo em seu livro dos Atos dos Apóstolos. Ele é duplo. Primeiro, a origem da expansão missionária cristã deve ser localizada no período entre a ressurreição e a ascensão, portanto, no próprio ressuscitado. Missões é Páscoa levada a sério. Por outro lado, a execução da tarefa missionária constitui a continuação da atuação do ressuscitado, por meio dos seus discípulos, no mundo inteiro até hoje. Quem leu todo o evangelho de Marcos deve compreender agora definitivamente que não teve uma visão geral da história distante, mas que foi convidado a experimentar esta história pessoalmente.

- 9 **Havendo ele ressuscitado de manhã cedo no primeiro dia da semana, apareceu primeiro a Maria Madalena.** Diferentemente do v. 1, menciona-se uma característica dela: **da qual expelira sete demônios.** Sete demônios – isto era o máximo de escravidão (cf. Mt 12.45). Com certeza a lembrança da libertação dela aqui tem sua razão de ser. Ela, que fora libertada dos demônios, podia ser encontrada ainda em seu túmulo. Como uma pessoa que jamais poderia deixar de lhe ser grata, ela se tornou a primeira testemunha do rompimento de todas as cadeias. É claro que ela era “somente” uma mulher, cuja declaração naquela época foi rapidamente colocada de lado como

“delírio” (Lc 24.11). Mesmo assim ela conservou, como mostra a tradição da Páscoa, um lugar importante no seio da igreja. No campo missionário era diferente. Ali era necessário apresentar testemunhas masculinas. Uma lista em que Pedro serve de primeira testemunha temos em 1Co 15.5-8.

- 10 E, partindo ela, foi anunciá-lo àqueles que, tendo sido companheiros de Jesus.** Os destinatários também são identificados com uma lembrança anterior. O fato de “estarem-com-ele” lembra seu destino comum com Jesus (cf. 3.14). Que isto reaparece exatamente aqui e vale para homens que, da parte deles, tinham cancelado sua relação com ele (14.50,67ss), é um sinal de promessa. Jesus não pode revogar seus dons e chamados (Rm 11.29), na verdade, com sua ressurreição estes também ressuscitaram. Só que os discípulos ainda nem suspeitam disso. Eles ainda lamentam pelo que estava vivo como se estivesse morto, **se achavam** na Páscoa como que em uma casa de luto, **tristes e choravam**.
- 11 Estes, ouvindo que ele vivia e que fora visto por ela, não acreditaram.** Mais tarde eles devem ter constatado em outros como as pessoas podem permanecer insensíveis à palavra de Deus. Esta decepção, então, não deve tê-los separado imediatamente dos seus ouvintes, já que a mesma experiência não separara Jesus deles. Ela só desencadeou um segundo e um terceiro impulso:
- 12,13 Depois disto, manifestou-se em outra forma a dois deles que estavam de caminho para o campo.** Desta vez Jesus não aparece como jardineiro, mas como viajante, e não diante de uma mulher, mas de dois homens. A história, considerada conhecida, só é iluminada de determinada perspectiva. Ela também só levou ao mesmo estribilho de ceticismo. **E, indo, eles o anunciaram aos demais, mas também a estes dois eles não deram crédito.** As pessoas de antigamente, pelo visto, não eram tão crédulas como se gosta de pintá-las hoje em dia. Os discípulos foram bem modernos.
- 14 Finalmente, apareceu Jesus aos onze.** Este “por último” sugere uma refeição de despedida. O v. 15 leva sem interrupção ao legado de Jesus aos seus discípulos. Esta refeição ao mesmo tempo era de reconciliação, pois a referência à sua revelação pressupõe que ele primeiro encontrou os corações deles endurecidos. A incredulidade deles sobreviveu a tudo: ao testemunho da mulher e ao dos dois homens e, a princípio, também à aparição do próprio Senhor (cf. Mt 28.16; Jo 20.27). Isto porque as aparições em si não são um meio infalível de despertar fé. A fé não é convicção de fatos, mas um encontro pessoal com o Senhor gracioso. Neste sentido é que o Senhor chama Maria pelo nome (Jo 20.16), estende o pão aos discípulos de Emaús (Lc 24.30) e se dirige aos onze (Mt 28.18). Ninguém – por mais que esteja cercado de uma nuvem de testemunhas e milagres – crê no ressurreto sem tornar-se também um ressuscitado. Na Páscoa, no fundo, só se crê por meio de uma Páscoa experimentada pessoalmente.
- Aqui isto acontece por meio da repreensão do Senhor que os corrige (*oneidizein*, enquanto Marcos para isto usa *epitiman*; cf. 1.25). **Quando estavam à mesa, e censurou-lhes a incredulidade e dureza de coração, porque não deram crédito aos que o tinham visto já ressuscitado.** A crítica humana geralmente é um sinal de fraqueza. A censura de Jesus é parte da sua autoridade divina. Através dele a realidade de Deus abre caminho. Ela desmascara as trincheiras da incredulidade e da dureza de coração (cf. 10.5), submete-as ao julgamento de Deus e assim lhes tira o poder. O resultado é liberdade para o Espírito Santo.
- 15 A narrativa se torna mais detalhada e passa para o discurso direto. E disse-lhes: Ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda criatura.** Jesus descreve nossa palavra “missões”, para a qual ainda falta ao NT o termo correspondente, com “ir e pregar”. Esta proclamação também poderia estar circulando incansável entre os crentes mais antigos. Mas este círculo foi rompido definitivamente pela Sexta-feira da Paixão e pela Páscoa. O crucificado estabeleceu uma relação de Deus com os “muitos”, e o ressuscitado com “todo o mundo”. Ele agora recebeu uma autoridade que excede à do Jesus terreno (Mt 28.18; At 2.36; Fp 2.9ss). Ela faz os discípulos se mexer e falar diante de pessoas estranhas.
- Falta em tudo isto qualquer indício de vingança. “Evangelho” é boa notícia, não mensagem de ameaça (cf. 1.1). O Jesus terreno já era a mão de paz de Deus estendida. Ela foi ferida e recusada. Porém o ressuscitado agora é a mão de reconciliação, cheia de cicatrizes, que Deus novamente estende para a sua criação desviada. Ele não a recolhe nunca e em nenhum lugar, “até à consumação do século” (Mt 28.20). De acordo com Rm 10.21, ele a estende “todo o dia”, ou seja, durante todo o tempo da salvação. O mundo cativado por Satanás ficará sabendo que recebeu um Senhor incrivelmente bondoso, e é capacitado as submeter-se a ele, invocando o seu nome (At 2.21).



**16** Diante da boa nova, a existência humana e as suas motivações se tornam assustadoramente importantes. O ouvinte está imediatamente entre morte e vida. Jesus não hesita encarar também decisões negativas. **Quem crer e for batizado será salvo; quem, porém, não crer será condenado.** O NT sabe aplicar a salvação ao presente (Lc 19.9; 2Co 6.2), mas em nossa passagem o tempo futuro e a contraposição com a condenação sugere o pensamento na salvação “da ira vindoura” (1Ts 1.10).

Para quem ouve a boa nova, a entrada no reinado perfeito de Deus depende da fé. O que é fé e incredulidade, o contexto explanou muito bem aqui. Incrédula é a pessoa que depois da Páscoa ainda se comporta como se fosse antes (v. 10); que se fecha ao testemunho vivo e se desvia para o campo das palavras (v. 11,13); que, enquanto a boa nova o cerca como o mar, conserva a sua dureza de coração (v. 14). Crer, por sua vez, quer dizer dar ouvidos à boa nova e – como se pressupõe aqui com frequência – comprometer-se publicamente com esta mensagem **e se deixar batizar**. Todo aquele que chega à fé também chega ao batismo, assim como aquele que se recusa a crer também não chega a ser batizado. Por isso a menção ao batismo pode ser omitida na segunda parte do versículo.

Em vista da relativa falta de ênfase no batismo, esta passagem realmente não serve de base para a opinião de Lohmeyer (p 363) de que o batismo é um “salvador” da parte de Deus. O vínculo direto entre os termos não é “batismo e salvação”, mas “fé e salvação”, ou “incredulidade e condenação”. O batismo está vinculado à fé. Ele é, sem sombra de dúvida, um batismo de fé. A fé poderia continuar a ser um segredo do coração, ou afundar na vida particular do cidadão. Contudo, em obediência a Deus e com a ajuda do Espírito Santo, ela irrompe para fora no batismo, torna-se pública, comprometida e social (Mt 28.19). Quem fala em batismo, pensa em comunidade. A continuação mostrará como este pensamento tem pouco a ver aqui.

**17** Começa a descrição da comunidade dos “crentes”. De forma alguma o Senhor tinha em vista apenas a primeira geração, antes, conforme o v. 16, todos os batizados. **Estes sinais hão de acompanhar aqueles que crêm.** Eles não estão vinculados a cargos, mas em primeiro lugar à fé que deixa Deus ser Deus (cf. 5.36; 9.23; 11.22s). Em segundo lugar eles fazem parte do contexto missionário, pois o fato de eles “acompanharem” pressupõe que os discípulos estão a caminho para difundir o evangelho. Conforme o v. 20 os sinais reforçam a palavra missionária, de modo que esta não chega às palavras como teoria desnuda, como afirmação rígida. Paulo não podia renunciar à confirmação das suas palavras “por força de sinais e prodígios, pelo poder do Espírito Santo” (Rm 15.19). Aos coríntios, que colocaram em dúvida sua condição de apóstolo, ele lembrou que seu ministério entre eles contara com “as credenciais do apostolado” (2Co 12.12; cf. Hb 2.4). Não se pensa em provas convincentes; sinais sempre podem ser mal-interpretados (3.22). Aquele que foi elevado, porém, legitima a entrada em cena dos seus mensageiros com sinais de atenção.

Os cinco exemplos relacionados a seguir são confirmados especialmente pelos Atos dos Apóstolos. Exorcismos encontramos ali em 5.16; 8.7; 16.16ss; novas línguas em 2.1-11; 10.46; 19.6; milagres com serpentes em 28.3-6 e curas em 3.1-10; 4.30; 5.12,15; 9.12,17,33s,29ss; 14.8ss; 19.11; 28.8s. Só para a preservação em caso de veneno falta um exemplo.

Como primeiro está um sinal que também tem muito peso no evangelho de Marcos (1.34,39; 3.11,15; 6.7,13; 9.38): **Em meu nome, expelirão demônios.** A mudança de governo pascal que os crentes proclamam não agrada aos senhores anteriores. A má vontade deles também pode manifestar-se com resistência em altos brados. Mas o nome de Jesus os faz calar.

Em segundo lugar, **falarão novas línguas.** O NT geralmente é mais curto: “falar em línguas”. Só duas vezes a expressão é mais longa: “falar em outras línguas” (At 2.4), e: “falar em línguas estrangeiras” (1Co 14.21. BV). Aqui a intenção é esclarecer: “falar novas línguas”. Será que se pensa realmente na mudança para uma das línguas do mundo antigo, que só são subjetivamente novas para a pessoa em questão porque não as conhecia até então? Provavelmente a expressão “novas línguas” deve ser colocada ao lado de expressões como “nova aliança, nova criação, novo céu, nova terra, nova Jerusalém, novo cântico e novo nome”. Como parte da nova criação, elas se distanciam da confusão de línguas babilônica, são “língua dos anjos” com Deus (1Co 13.1). É claro que se pode contar com manifestações diferentes, já que há “variedade de línguas”, conforme 1Co 12.10. No contexto missionário elas podem ser um sinal de condenação ou de advertência (1Co 14.22).

**18 Pegarão em serpentes.** Cumprimentos literais temos em At 28.3-6 e na história recente de missões (p ex E. Seiler, Wunderbar sind seine Wege, Hänssler V., 1970, p 7ss). Além disso, “pisar em serpentes e escorpiões” ilustra já no AT a submissão dos poderes malignos. Lc 10.19 também está

próximo deste sentido. O ser humano governa novamente sobre os animais (Gn 1.26,28; Is 11.8). Anuncia-se a restauração da criação e do ser humano.

**E, se alguma coisa mortífera beberem, não lhes fará mal.** O acréscimo conduz a Ap 11.4-7, onde se promete proteção à comunidade de testemunhas, igualmente vinculada ao tempo do seu testemunho. Ninguém poderá encurtar o serviço delas, nem por um dia. Também em Mt 6.25-34 Jesus garante a existência terrena dos seus mensageiros até nos detalhes. Segundo Jo 17.15, ele pede por milagres de proteção para eles, sempre tendo em vista que eles buscam em primeiro lugar o reino de Deus e executam sua missão.

**Se impuserem as mãos sobre enfermos, eles ficarão curados.** Como com seu Senhor, a imposição de mãos também para eles não é um meio de transmitir poder (cf. 7.32), mas é um gesto de bênção e intercessão.

Os sinais não são demonstrações a bel-prazer, mas fazem parte do objetivo. Por isso a relação pode ser ampliada, mas não reinterpretada, talvez em sentido moralista: em nossas obras de amor, paz e justiça temos uma confirmação muito melhor da Palavra (p ex Marti). Ou espiritualizando, trazendo a campo os milagres interiores muito maiores: qualquer pessoa pode crer em todo o amor de Deus. Recebe certeza do perdão e pode perdoar ao seu próximo. Experimenta paz e alegria na dor. Albert Schweitzer acrescentou um ponto de vista da filosofia da história (em: Allerlei Festfreuden II, em H.-H. Jenssen, Evangelische Predigtmeditationen 1976/77, p 204): A atuação do Espírito é muito parecida com um rio. Na proximidade da sua fonte, ele corre animado e ruidoso, espirra e espuma, mas ainda tem pouca força. Mais abaixo, ele corre calmo e até parecendo preguiçoso, mas carrega grandes cargas, abriga uma abundância de peixes e gira turbinas elétricas. Assim, os milagres instigantes do primeiro tempo do cristianismo diminuíram, tudo passou para dentro das margens organizadas da vida eclesial, mas em vez disto a torrente de amor derramada por Jesus – e o amor é maior que tudo! – aumentou tanto em largura e força no transcorrer da história da igreja, que não há mais motivo para ter saudade dos começos. – Tão cor-de-rosa não podemos mais ver o desenvolvimento no fim do século XX.

Mais cinco pontos de vista para classificar o texto:

1. Os sinais não são a coisa em si mas, de acordo com os v. 17 e 20, a acompanham, mais ou menos como na visita de uma alta autoridade o carro oficial é escoltado por batedores. Mas, pela causa, a ausência de sinais precisa ser considerada uma deficiência (cf. 1Co 14.24; Lc 7.18-23).

2. No território fora do cristianismo há manifestações iguais ou semelhantes (9.38s), de modo que estes sinais não podem servir, sem verificação, como prova de identificação com Cristo e de sua autoridade.

3. Conforme 6.5; 8.10-13 e 15.31,32, de vez em quando os sinais devem ser recusados legitimamente.

4. As listas de carismas no NT não são idênticas, mas têm diferenças de comprimento, conteúdo e terminologia (Rm 12.7,8; 1Co 12.8-10,28-30; Ef 4.11; Hb 2.4; 1Pe 4.11 e Mc 16.17,18). O quadro é necessariamente variado, porque as situações mudam. Por isso não se deve ceder à tentação de pinçar dons à vontade. Não concordamos com brincadeiras carismáticas em que a seqüência de carismas é praticada para alegria própria e mútua. Também não aceitamos a imposição de uma obrigatoriedade de sinais, independente de necessidades concretas.

5. A passagem sobre os sinais apostolares em 2Co 12.12 é acompanhada de uma observação chamativa: Paulo os fazia “com toda a paciência” (BLH). Isto não parece combinar. Quem tem autoridade não precisa mais de paciência! No entanto, a impaciência é exatamente o sinal dos profetas falsos, é a maneira dos senhores mundanos. A paciência, por outro lado, é o estilo do nosso Senhor. Jesus suportou a cruz renunciando às orações atendidas e à alegria, e concordando com a vergonha e o mal-entendido (Hb 12.12; cf. 1Pe 2.20s). Também para Paulo a autoridade se combinou com as insígnias da insignificância de Jesus. Sua autoridade não serviu ao seu próprio bem-estar, à sua auto-estima, à sua reputação e à sua aparência. Repetiu-se com ele Mc 15.31: “Salvou os outros, a si mesmo não pode salvar-se” (cf. 2Co 4.12). Todo aquele que, em vista dos sinais apostólicos, é incendiado pelo desejo: “Também a mim!” (At 8.19), pense nestes contextos.

**19 De fato, o Senhor Jesus, depois de lhes ter falado, foi recebido no céu e assentou-se à destra de Deus.** “Os rabinos viam uma diferença considerável entre estar sentado ou de pé no céu. No céu só Deus está sentado, como sinal do seu governo e divindade. Todos os demais ficam de pé. [...] Quando se aceita que, ao lado de Deus, mais alguém fica sentado, tem-se o perigo do dualismo e,

assim, da heresia” (Bietenhard, p 71). Em contraste com isto, o NT fala mais de vinte vezes que Jesus está sentado à direita de Deus (segundo Sl 110.1). Ele está exaltado muito acima dos anjos. Como mão direita de Deus, ele é seu executivo com plenos poderes para levar a cabo suas metas. Portanto, pelo fato de estar sentado, Jesus nem de longe se acomodou. Como destaca o próximo versículo, sua atuação está começando em grande escala.

A “ascensão ao céu” levanta problemas de cosmovisão. Mas qual cosmovisão, afinal de contas, se presta para abranger o criador dos mundos? As testemunhas da Bíblia, como pessoas de Deus, sempre demonstraram ter a noção de que Deus deixa muito para trás o quadro das suas cosmovisões. Neste sentido a mudança de cosmovisão com o passar do tempo tem pouca importância para a fé em Deus e também não deveria ser enfatizada.

- 20 E eles, tendo partido, pregaram em toda parte, cooperando com eles o Senhor e confirmando a palavra por meio de sinais, que se seguiam.** Sobre os detalhes desta frase, cf. v. 17s. Somos lembrados da estrutura dos Atos dos Apóstolos (opr 5 no fim). A continuação da história de missões é, de certa forma, a história prolongada, ininterrupta de Jesus. O Senhor exaltado vai à frente da comunidade de crentes, está por trás dela e atua em seu meio. Ele tem toda autoridade no céu e na terra. Ele também terá, em todas as coisas, a palavra final.

#### LITERATURA

Neste comentário mencionamos somente as obras com o nome do autor e a página da referida obra. Em outros casos são mencionados títulos abreviados. Referências de léxicos têm normalmente o nome do seu autor. Se por acaso, abreviações não se encontrarem decifradas, procure pelo nome do autor. Abreviações para coleções nas quais os livros ou revistas tenham sido publicados seguem conforme S. Schwerdtner, Internationales Abkürzungsverzeichnis für Theologie und Grenzgebiete, Berlin-New York 1974.

- Aland, K.*, Der Schluss des Markusevangeliums, in: Neutestamentliche Entwürfe, TB 63, München 1979.
- Arnold, G.*, Mk 1,1 und Eröffnungswendungen in griechischen und lateinischen Schriften, in: ZNW 68 (1977), 123-127.
- Auer, E.G.*, Der dritte Tag, Die Ereignisse nach den Auferstehungsakten der Evangelien, Metzingen 1970.
- Barclay, W.*, Markusevangelium, Auslegung des Neuen Testaments, Wuppertal <sup>6</sup>1980.
- Barth, H.-M., u.a.*, Der emanzipierte Teufel, Literarisches, Psychologisches, Theologisches zur Deutung des Bösen, München 1974.
- Barth, K.*, Die Kirchliche Dogmatik, Zürich 1932ff.
- Barth, M.*, Der Augenzeuge, Zürich 1946
- Baumbach, G.*, Das Verständnis des Bösen in den synoptischen Evangelien, ThA XIX, Berlin 1963.
- Beasley-Murray, G.*, Evangelium als Predigt, Kassel 1966.
- Bengel, J. A.*, Gnomon, Auslegung des Neuen Testaments in fortlaufenden Anmerkungen, Deutsch von C.F. Werner, Berlin <sup>6</sup>1952.
- Berger, K.*, Die Amen-Worte Jesu, Berlin 1970.
- Berger, K.*, Die Auferstehung des Propheten und die Erhöhung des Menschensohnes, Traditionsgeschichtliche Untersuchungen zur Deutung des Geschickes Jesu in frühchristlichen Texten, StUNT 13, Göttingen 1976.
- Berger, K.*, Exegese des Neuen Testaments, UTB 658, Heidelberg 1977.
- Berghof, H.*, Der Mensch unterwegs, Die christliche Sicht des Menschen, Neukirchen 1967.
- Betz, O.*, Wie verstehen wir das Neue Testament?, Wuppertal 1981.
- Beyer, K.*, Semitische Syntax, Band I: Satzlehre, Teil 1, StUNT 1, Göttingen 1962.
- Bietenhard, H.*, Die himmlische Welt im Urchristentum und im Spätjudentum. WUNT 2, Tübingen 1951.
- Blinzler, J.*, Der Prozess Jesu, Regensburg <sup>6</sup>1969.
- Bohren, R.*, Wiedergeburt des Wunders, Bibliothek der Lesepredigten 3, Neukirchen 1972.
- Bomen, Th.*, Die Jesus-Überlieferung im Lichte der neueren Volkskunde, Göttingen 1967.
- Boor, de W.*, Das ist Jesus, Wuppertal <sup>2</sup>1968.
- Bornhäuser, K.*, Das Wirken des Christus durch Taten und Worte, BFChTh II/2, Gütersloh 1921.
- Bornhäuser, K.*, Die Leidens- und Auferstehungsgeschichte Jesu, Gütersloh 1947.
- Bornkamm, G.*, Jesus von Nazareth, UB 19, Stuttgart <sup>2</sup>1956.
- Bosch, D.*, Die Heidenmission in der Zukunftsschau Jesu, Eine Untersuchung zur Eschatologie der synoptischen Evangelien, AthANT 36, Zürich 1959.

- Bultmann, R.*, Die Geschichte der synoptischen Tradition, FRLANT N.F. 12, Göttingen <sup>5</sup>1961.
- Büchsel, Fr.*, Jesus, Verkündigung und Geschichte, Gütersloh 1947.
- Bürgeener, K.*, Die Auferstehung Jesu Christi von den Toten, Der Versuch einer Osterharmonie, Berlin <sup>2</sup>1971.
- Conzelmann, H.*, Grundriss der Theologie des Neuen Testaments, EETH 2, München 1967.
- Conzelmann, H.*, Theologie als Schriftauslegung, Aufsätze zum Neuen Testament, BevTH 65, München 1974.
- Cullmann, O.*, Die Christologie des Neuen Testaments, Tübingen <sup>2</sup>1958.
- Cullmann, O.*, Heil als Geschichte, Heilsgeschichtliche Existenz im Neuen Testament, Tübingen 1965.
- Dam, van W. C.*, Dämonen und Besessene, Aschaffenburg 1970.
- Daniel-Rops, H.*, Er kam in sein Eigentum, Die Umwelt Jesu, Stuttgart <sup>3</sup>1964.
- Dautzenberg, G.*, Die Zeit des Evangeliums, Mk 1,1/15 und die Konzeption des Markusevangeliums, in: BZ 21 (1977) 2, S. 219-234, und 22 (1978) 1, 76-91.
- Dautzenberg, G.*, Sein Leben bewahren, Psyche in den Herrenworten der Evangelien, StANT, München 1966.
- Delling, G.*, Baptisma baptizthänai, in: Studien zum Neuen Testament und zum hellenistischen Judentum, Berlin 1970.
- Delling, G.*, Der Kreuzestod Jesu in der urchristlichen Verkündigung, Berlin 1971.
- Delling, G.*, Jesus nach den ersten drei Evangelien, Berlin 1964.
- Delling, G.*, Das Logion Mark. X 11 und seine Abwandlungen im Neuen Testament, in: NTI (1956), 263-274.
- Dehn, G.*, Der Gottessohn, Eine Einführung in das Evangelium des Markus, UCB 2, Hamburg <sup>6</sup>1953.
- Demke, Chr.*, Die Einzigartigkeit Jesu, Berlin 1976.
- Dibelius, M.*, Die Formgeschichte des Evangeliums, Tübingen <sup>3</sup>1959.
- Dormeyer, D.*, Der Sinn des Leidens Jesu, SBS 96, Stuttgart 1979.
- Egger, W.*, Frohbotschaft und Lehre, Die Sammelberichte des Wirkens Jesu im Markusevangelium, FTS 19, Frankfurt a.M. 1976.
- Eichholz, G.*, Gleichnisse der Evangelien, Form, Überlieferung, Auslegung, Neukirchen 1971.
- Feneberg, W.*, Der Markusprolog, Studien zur Formgeschichte der Evangelien, StANT XXXVI, München 1974.
- Fouquet-Plümacher, D.*, Artikel "Buch/Buchwesen", in TRE 7, S. 275.282.
- Gloege, G.*, Aller Tage Tag, Unsere Zeit im Neuen Testament, Stuttgart 1960.
- Goppelt, L.*, Theologie des Neuen Testaments, hrsg. von J. Roloff, Teil I 1975, Teil II 1976, Göttingen.
- Grob, R.*, Einführung in das Markus-Evangelium, Zürich-Stuttgart 1965.
- Grundmann, W.*, Das Evangelium nach Markus, ThHK2, Berlin <sup>7</sup>1977.
- Grundmann, W.*, Die Entscheidung Jesu, Zur geschichtlichen Bedeutung der Gestalt Jesu von Nazareth, Berlin 1972.
- Grundmann, W.*, Die Geschichte Jesu Christi, Berlin 1956.
- Guardini, R.*, Der Herr, Betrachtungen über die Person und über das Leben Jesu Christi, Leipzig 1959.
- Gnilka, J.*, Das Evangelium nach Markus, EKK II/1, Band I und II, Köln-Neukirchen 1979.
- Haag, H.*, Das christliche Pascha, in: Das Buch des Bundes, Aufsätze zur Bibel und zu ihrer Welt, S. 201ff, Düsseldorf 1980.
- Haenchen, E.*, Der Weg Jesu, Eine Erklärung des Markus-Evangeliums und der kanonischen Parallelen, Stö II,6, Berlin 1966.
- Hahn, F.*, Christologische Hoheitstitel, Göttingen <sup>2</sup>1964.
- Hahn, F.*, Das Verständnis der Mission im Neuen Testament, WMANT 13, Neukirchen 1963.
- Hahn, F.*, Die Nachfolge Jesu in vorösterlicher Zeit, in: Anfänge der Kirche im Neuen Testament, Redaktion: P. Rieger, Göttingen 1967.
- Hennecke-Schneemelcher*, Neutestamentliche Apokryphen II, Apostolisches, Apokalypsen und Verwandtes, Tübingen <sup>3</sup>1964.
- Herbst, W.*, Das Markus-Evangelium, BhG, Leipzig und Hamburg 1938.
- Hengel, M.*, Der Sohn Gottes, Die Entstehung der Christologie und die jüdisch-hellenistische Religionsgeschichte, Tübingen 1975.
- Hengel, M.*, Die Zeloten, Unterschuhung der jüdischen Freiheitsbewegung in der Zeit von Herodes I. Bis 70 nach Christus, AGSU I, Leiden-Köln <sup>2</sup>1976.

- Hengel, M.*, Nachfolge und Charisma, Eine exegetisch-religionsgeschichtliche Studie zu Mt 8,21f und Jesu Ruf in die Nachfolge, BZNW 34, Berlin 1968.
- Hengel, M.*, Zur urchristlichen Geschichtsschreibung, Calwer Paperback, Stuttgart 1979.
- Holtzmann, H. J.*, Die Synoptiker - Die Apostelgeschichte, HC, Freiburg i.B. <sup>2</sup>1892.
- Hoskyns, E., und Davey, N.*, Das Rätsel des Neuen Testaments, TB 7, München 1957.
- Innitzer, Th.*, Kommentar zur Leidens- und Verklärungsgeschichte Jesu Christi, Kurzgefasster Kommentar zu den vier heiligen Evangelien V., Wien <sup>4</sup>1948.
- Jeremias, J.*, Abba, Studien zur neutestamentlichen Theologie und Zeitgeschichte, Göttingen 1966.
- Jeremias, J.*, Die Abendmahlsworte Jesu, Nachdruck der 3.A. von 1959, Berlin 1963.
- Jeremias, J.*, Die Gleichnisse Jesu, Berlin <sup>7</sup>1966.
- Jeremias, J.*, Jerusalem zur Zeit Jesu, Berlin <sup>3</sup>1963.
- Jeremias, J.*, Neutestamentliche Theologie, 1. Teil: Die Verkündigung Jesu, Gütersloh 1971.
- Jeremias, Joh.*, Das Evangelium nach Markus, Chemnitz <sup>3</sup>1928.
- Jüngel, E.*, Paulus und Jesus, Eine Untersuchung zur Präzisierung der Frage nach dem Ursprung der Christologie, HUTH, Tübingen <sup>2</sup>1964.
- Kertelge, K.*, Die Wunder Jesu im Markusevangelium, Eine redaktionsgeschichtliche Untersuchung, StANT XXIII, München 1970.
- Koep, L.*, Artikel "Buch" in: RAC II, 664ff, Stuttgart 1954.
- Klappert, B.*, Diskussion um Kreuz und Auferstehung, Wuppertal 1967.
- Klostermann, E.*, Das Markusevangelium, HNT 3,5. A. Von 1950, Tübingen 1971.
- Koch, W.*, Herausgeber, Zum Prozess Jesu, Arbeiten der Melancthon-Akademie Köln 3, Weiden 1967.
- Kroll, G.*, Auf den Spuren Jesu, Leipzig <sup>4</sup>1970.
- Kähler, M.*, Kommt und seht! Der Prophet in Galiläa nach Markus, zu Markus 1,1-6,44, Stuttgart <sup>3</sup>1929.
- Kümmel, W.G.*, Die Theologie des Neuen Testaments nach seinen Hauptzeugen Jesus, Paulus, Johannes, GNT, Berlin 1969.
- Kümmel, W.G.*, Einleitung in das Neue Testament, Berlin <sup>13</sup>1965.
- Kümmel, W.G.*, Verheissung und Erfüllung, Untersuchung zur eschatologischen Verkündigung Jesu, AthANT, Zürich <sup>3</sup>1967.
- Künzi, M.*, Das Naherwartungslogion Markus 9,1 par, Geschichte seiner Auslegung BGBE 21, Tübingen 1977.
- Kürzing, J.*, Die Aussagen des Papias von Hierapolis zur literarischen Form des Markusevangeliums, in BZ 21 (1977), Heft 2., S. 245ff.
- Ladd, G. E.*, Die Auferstehung Jesu Christi, Neuhausen 1979.
- Lampe, P.*, Die markinische Deutung von Säemann Mk 4,10-12, in: ZNW 1974, Heft 1/2, S. 140ff.
- Lamsa, G. M.*, Die Evangelien in aramäischer Sicht, Grossen-St. Gallen 1963.
- Lane, L.L.*, The Gospel of Mark, NLC, London 1974.
- Lapide, P.*, Auferstehung, Ein jüdisches Glaubenserlebnis, Stuttgart 1977.
- Linnemann, E.*, Gleichnisse Jesu, Einführung und Auslegung, Göttingen <sup>6</sup>1975.
- Lisowskz, G.*, Kultur- und Geistesgeschichte des jüdischen Volkes, Stuttgart-Berlin-Köln-Mainz 1968.
- Lohmann, Th.*, Die Einsamkeit Jesu, AVTRW 14, Berlin 1960.
- Lohmeyer, E.*, Das Evangelium des Markus KEK I,2, München <sup>14</sup>1957.
- Lohse, E.*, Märtyrer und Gottesknecht, Untersuchung zur urchristlichen Verkündigung vom Sühnetod Jesu Christi FRLANT N.F.46, Göttingen 1955.
- Mann, D.*, Mein Gott, mein Gott, warum hast du mich verlassen? Eine Auslegung der Passionsgeschichte nach Markus, Neukirchen 1980.
- Manek, J.*, ... und brachten Frucht. Die Gleichnisse Jesu, Berlin 1977.
- Marti, K.*, Das Evangelium des Markus, Basel 1967.
- Marxsen, W.*, Der Evangelist Markus, Studien zur Redaktionsgeschichte des Evangeliums, FRLANT 67, Göttingen <sup>2</sup>1959.
- Metzger, B.*, A textual commentary on the Greek New Testament, London-New York 1971.
- Michaelis, W.*, Einleitung in das Neue Testament, Bern 1961.
- Mussner, Fr.*, Die Wunder Jesu, Leipzig 1969.
- Molitor, J.*, Grundbegriffe der Jesusüberlieferung im Licht der orientalischen Sprachgeschichte, KBANT, Düsseldorf 1968.



- Moltmann, Der gekreuzigte Gott, Das Kreuz Christi als Grund und Kritik christlicher Theologie, München 1973.
- Morgenthaler, R., Kommendes Reich, Zürich 1952.
- Morgenthaler, R., Statistik des neutestamentlichen Wortschatzes, Zürich-Frankfurt a.M. 1959.
- März, C.-P., "Siehe, dein König kommt zu dir...", Eine traditionsgehistorische Untersuchung der Einzugsperikope, EThS, Leipzig 1981.
- Neill, St. C., Wer ist Jesus Christus?, Kassel 1963.
- Neugebauer, Fr., Jesus der Menschensohn, Ein Beitrag zur Klärung der Wege historischer Wahrheitsfindung im Bereich der Evangelien AVTRW, Berlin 1971.
- Niederwimmer, K., Johannes, Markus und die Frage nach dem Verfasser des zweiten Evangeliums, in: ZNW 1967, S. 172ff.
- Pesch, R., Das Markusevangelium, HthK. Band I: 1976, Band II: 1977, Freiburg-Basel-Wien
- Pesch, R., Naherwartung, Tradition und Redaktion in Mk 13, KBANT, Düsseldorf 1968.
- Pokorny, P., Anfang des Evangeliums, Zum Problem des Anfangs und des Schlusses des Markusevangeliums, in: Kirche des Anfangs, EThSt 38, Leipzig 1977.
- Popkes, W., Abendmahl und Gemeinde, Das Abendmahl in biblisch-theologischer Sicht und in evangelisch-freikirchlicher Praxis, Wuppertal und Kassel 1981.
- Popkes, W., Christus Traditus, Eine Untersuchung zum Begriff der Dahingabe im Neuen Testament, AThANT 49, Zürich 1967.
- Pöhlmann, H. G., Wer war Jesus von Nazareth?, Gütersloher Taschenbücher 109, Gütersloh 1976.
- Reichmann, Artikel "Feige", in: RAC VII 640ff.
- Reicke, B., Neutestamentliche Zeitgeschichte, Stö, Berlin 1965.
- Rienecker, Fr., Das Evangelium des Markus, Wuppertaler Studienbibel, Wuppertal 1955.
- Riesner, R., Formen gemeinsamen Lebens im Neuen Testament, Theologie und Dienst 11, Giessen 1977.
- Riesner, R., Jesus als Lehrer, Eine Untersuchung zum Ursprung der Evangelien-Überlieferung, WUNT 2,7, Tübingen 1981.
- Roloff, J., Der Kerygma und der irdische Jesus, Historische Motive in den Jesus-Erzählungen der Evangelien, Berlin 1973 (1970).
- Sandvik, B., Das Kommen des Herrn beim Abendmahl im Neuen Testament, AThANT 58, Zürich 1970.
- Schenk, W., Der Passionsbericht nach Markus, Untersuchung zur Überlieferungsgeschichte der Passionstraditionen, Berlin 1974.
- Schille, G., Offen für alle Menschen, Redaktionsgeschichtliche Betrachtungen zur Theologie des Markus-Evangeliums, AVTRW, Berlin 1973.
- Schlatter, A., Das Evangelium nach Markus und Lukas, Erläuterungen zum Neuen Testament 2, 1910, Berlin 1952.
- Schlatter, A., Kennen wir Jesus, Ein Gang durch ein Jahr im Gespräch mit Ihm, Stuttgart <sup>2</sup>1938.
- Schlatter, A., Markus, Der Evangelist für die Griechen, Stuttgart 1935.
- Schmauch, W., Orte der Offenbarung und der Offenbarungsort im Neuen Testament, Berlin 1956.
- Schmid, J., Das Evangelium nach Markus, RNT 2, Regensburg <sup>4</sup>1958.
- Schmithals, W., Das Evangelium nach Markus, Ökumensicher Taschenbuchkommentar zum Neuen Testament 2/1, Gütersloh-Würzburg 1979.
- Schnackenburg, R., Das Evangelium nach Markus, Geistliche Schriftlesung, Teil I: 1966, Teil II: 1970, Leipzig.
- Schnackenburg, R., Gottes Herrschaft und Reich, Freiburg-Basel-Wien <sup>3</sup>1963.
- Schniewind, J., Das Evangelium nach Markus, NTD 1, Göttingen <sup>4</sup>1949.
- Schreiber, Joh., Theologie des Vertrauens, Eine redaktionsgeschichtliche Untersuchung des Markusevangeliums, Hamburg 1967.
- Schulz, S., Die Stunde der Botschaft, Einführung in die Theologie der vier Evangelien, (1966), Berlin 1967.
- Schweitzer, A., Geschichte der Leben-Jesu-Forschung, Siebenstern, Hamburg <sup>2</sup>1972.
- Schweizer, E., Das Evangelium nach Markus, NTD, 2. A. der Neubearbeitung, Göttingen 1968.
- Schweizer, E., Das Herrenmahl, in: Neotestamentica, Aufsätze von 1951-1963, Zürich-Stuttgart 1963.
- Schweizer, E., Erniedrigung und Erhöhung bei Jesus und seinen Nachfolgern, AThANT 28, Zürich <sup>2</sup>1962.
- Schweizer, E., Jesus Christus im vielfältigen Zeugnis des Neuen Testamentes, Siebenstern, 126, Hamburg <sup>4</sup>1968.
- Schürmann, H., Das Geheimnis Jesu, Versuche zur Jesusfrage, Die Botschaft Gottes II, 28, Leipzig 1972.

- Schürmann, H., Das Lukasevangelium, Teil I, Leipzig 1970.
- Schürmann, H., Worte des Herrn, Jesu Botschaft vom Königtum Gottes, Leipzig 1966.
- Slomp, J., Are the Words "Son of God" in Mark 1,1 Original? in: The Bible translator 28,143-150.
- Speidel, K. A., Das Urteil des Pilatus, Stuttgart 1976.
- Stauffer, E., Jerusalem und Rom im Zeitalter Christi, DTb 331, Bern 1957.
- Stauffer, E., Jesus, Gestalt und Geschichte, DTb32, Bern 1957.
- Steichele, H.-J., Der leidende Sohn Gottes, Eine Untersuchung einiger alttestamentlicher Motive in der Christologie des Markusevangeliums, BU 14, Regensburg 1980.
- Stock, K., Boten aus dem Mit-Ihm-Sein, AnBib 70, Rom 1975.
- Stock, K., Gliederung und Zusammenhang in Mk 11-12, in Bib 59 (1978)4, S. 481-515.
- Stoldt, H.-H., Geschichte und Kritik der Markushypothese, Göttingen 1977.
- Strobel, A., Die Stunde der Wahrheit, Untersuchungen zum Strafverfahren gegen Jesus, WUNT21, 1980.
- Strobel, A., Kerygma und Apokalyptik, Ein religionsgeschichtlicher und theologischer Beitrag zur Christusfrage, Göttingen 1967.
- Suhl, A., Die Funktion der alttestamentlichen Zitate und Anspielungen im Markusevangelium, Gütersloh 1965.
- Tabachowitz, D., Die Septuaginta und das Neue Testament, Lund 1956.
- Trilling, W., Christusgeheimnis - Glaubensgeheimnis, Eine Einführung in das Markusevangelium, Die Botschaft Gottes II, 5, Leipzig 1959.
- Trilling, W., Christusverkündigung in den synoptischen Evangelien, Leipzig 1968.
- Trilling, W., Fragen zur Geschichtlichkeit Jesu, Leipzig <sup>2</sup>1967.
- Trilling, W., Was haltet ihr von Jesus? Beiträge zum Gespräch über Jesus von Nazareth, Leipzig 1975.
- Tödt, H.E., Der Menschensohn in der synoptischen Überlieferung, Gütersloh 1959.
- Via, D.O., Die Gleichnisse Jesu, Ihre literarische und existentielle Dimension, BEvTh 57, München 1970.
- Wagner, The Cleansing of the Temple, Bapt. Theolog. Seminary in Rüschlikon, 1967.
- Weber, H.R., Jesus und die Kinder, Hamburg 1980.
- Weber, H.R., Kreuz, Überlieferung und Deutung der Kreuzigung Jesu im neutestamentlichen Kulturraum, ThTh, Stuttgart-Berlin 1975.
- Weder, H., Die Gleichnisse Jesu als Metaphern, Traditions- und redaktionsgeschichtliche Analysen und Interpretationen, FRLANT 120, Göttingen 1978.
- Weiss, Joh., Das älteste Evangelium, Ein Beitrag zum Verständnis des Markus-Evangeliums und der ältesten evangelischen Überlieferung, Göttingen 1903.
- Weiss, Joh., Die drei älteren Evangelien, Die Apostelgeschichte, SNT 1, Göttingen <sup>2</sup>1907.
- Weiss, B., und Weiss, Joh., Die Evangelien des Markus und Lukas, KEK, Göttingen <sup>8</sup>1982.
- Weihnacht, H., Die Menschwerdung des Sohnes Gottes im Markusevangelium, Studien zur Christologie des Markusevangeliums, HUT 13, Tübingen 1972.
- Wikenhauser, A., Einleitung in das Neue Testament, Basel-Freiburg-Wien <sup>4</sup>1961.
- Wilkens, U., Auferstehung, Das biblische Auferstehungszeugnis historisch untersucht und erklärt, ThTh 4, Berlin 1970.
- Wohlenberg, G., Das Evangelium des Markus, KNT, Leipzig <sup>2</sup>1910.
- Wolff, H.W., Jesaja 53 im Urchristentum, Berlin <sup>2</sup>1949.
- Wrede, W., Das Messiasgeheimnis in den Evangelien (1901), Göttingen <sup>4</sup>1969 (1901).
- Wrege, H.-Th., Die Gestalt des Evangeliums, Aufbau und Struktur der Synoptiker sowie der Apostelgeschichte, BET 11, Frankfurt a.M.-Bern-Las Vegas 1978.
- Zimmermann, H., Jesus Christus, Geschichte und Verkündigung, Stuttgart 1973.
- Zimmermann, H., Neutestamentliche Methodenlehre, Darstellung der historisch-kritischen Methode, Leipzig 1967.

---

<sup>1</sup>Pohl, A. (1998; 2008). *Comentário Esperança, Evangelho de Marcos; Comentário Esperança, Marcos* (4). Editora Evangélica Esperança; Curitiba.